1

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

JOANA DE FÁTIMA RODRIGUES

NAS PÁGINAS DO JORNAL
Ángel Rama e Antonio Candido: críticos literários na imprensa

De Acordo 09/05/2012

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

NAS PÁGINAS DO JORNAL
Ángel Rama e Antonio Candido: críticos literários na imprensa

Joana de Fátima Rodrigues

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar

São Paulo

2011

Folha de Aprovação

Joana de Fátima Rodrigues

Nas páginas do jornal. Ángel Rama e Antonio Candido: críticos literários na imprensa

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Literatura Brasileira, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: ______ / ______ / ______

Banca Examinadora

____

____

____

____

____

Dedicatória

Em memória da mãe, Aparecida; do pai, João e do tio, Vicente.

Para o Nelson.

Agradecimentos

Ao professor Flávio Wolf de Aguiar, por me orientar, pela oportunidade de me aproximar da obra desses dois críticos tão fundamentais para a história da literatura latino-americana e por me confiar este trabalho.

Ao professor Pablo Hugo Rocca Pesce, da Universidad de la República (UDELAR), Montevidéu, pela especial dedicação junto ao desenvolvimento deste trabalho e por ter-me permitido compartilhar de sua profunda sabedoria sobre o tema.

Aos professores Ana Cecília Arias Olmos, Giselle Agazzi Larizatti, Joaquim Alves Aguiar e Jorge de Almeida, por suas orientações precisas e consistentes durante o processo de pesquisa.

À Amparo Rama, Juan Fló, Lilia Rama, Carlos Maggi, Thomas de Mattos, Carina Blixen pela dedicada atenção e disponibilidade para as entrevistas em Montevidéu.

À equipe da Biblioteca da Facultad de Humanidades, Ciencias de la Educación, Seción de Archivo de Documentación del Instituto de Letras, ambos da Universidad de la República, em especial às funcionárias Analaura Collazo, Josefina Repetto e Susana Martínez, assim como à Valentina Lorenzelli.

Aos amigos Inês Figueiró, Janaína Correa, Maria Cristina Felicissimo, Maria Cristina Lagreca de Olio, Marta Pérez Rodríguez, Raphael Messias, Rebeca Errázuriz, Ruy Sardinha Lopes e Sofia Lauriente, que muito contribuíram com suas participações.

À Priscilla Benatti e Demian Rentero, pelo apoio nas pesquisas e orientação técnica na formatação do trabalho.

À Dayane dos Santos, das secretarias dos Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas e da Pós-Graduação da FFLHC, por tantas ajudas e colaborações

Ao Nelson Rodrigues Rentero, o companheiro de sempre, que, por seu apoio incomensurável, permite à vida um brilho único.

Meditando sobre tudo isso, chegou à conclusão de que Narciso, e somente ele, fizera com que o Convento e o monacato, gramática e lógica, saber e Espírito tivessem se tornado importantes e agradáveis para ele. Seu exemplo o havia seduzido e seu ideal havia sido o de tornar-se semelhante a ele. O Abade, este ainda permanecia aqui; Goldmund o respeitara, amara e vira nele um exemplo a ser seguido.

Herman Hesse, *Narciso e Goldmund.*

RESUMO

RODRIGUES, Joana de Fátima. *Nas páginas do jornal. Ángel Rama e Antonio Candido: críticos literários na imprensa*. 2011. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A proposta desta tese é cotejar as produções de Ángel Rama, em *Marcha*, no ano de 1960, e de Antonio Candido na *Folha da Manhã*, de 1943 a 1945. O resultado traz à luz dois críticos militantes ligados por um interesse comum: a literatura. Interessa mostrar como cada um atuou na imprensa ao tratar de temas do universo literário. E apreender de que forma este exercício semanal trouxe contribuições para a produção ensaística de ambos.

Palavras-chave: Ángel Rama; Antonio Candido; “*Literarias*” (*Marcha*); “Notas de Crítica Literária” (*Folha da Manhã*); crítica literária; imprensa; ensaio.

ABSTRACT

This thesis is aimed at comparing the work done by Ángel Rama, in *Marcha*, in 1960, and Antonio Candido, in *Folha da Manhã*, from 1943 to 1945. The results bring to light two militant critics connected by a common interest: Literature. We want to show how each approached the literary universe themes in their press columns and also get to understand how this weekly exercise in the press contributed to the development of their essayist work.

Keywords: Ángel Rama; Antonio Candido; “*Literarias*” (*Marcha*); “Notas de Crítica Literária” (*Folha da Manhã*); literary criticism; press; essay.

Sumário

INTRODUÇÃO

Um caso de congenialidade intelectual

Os críticos Ángel Rama e Antonio Candido mantiveram um circuito de retroalimentação intelectual intensivo desde que começaram a travar um diálogo ao se conhecerem no verão de 1960, na cidade de Montevidéu. Esta afirmação do professor e crítico uruguaio Pablo Rocca, um dos estudiosos da obra de Rama, aponta para um processo profícuo e de grande envergadura cultural. Um processo que se manteve entre os dois críticos, justamente a partir de um encontro inicial, ocorrido na ocasião da ida de Candido à capital uruguaia para ministrar um curso sobre literatura brasileira na Universidad de la República.

A partir dessa aproximação, Candido recebeu de pronto, por parte de Rama, a declaração de que estava disposto a dar prosseguimento ao que, segundo ele, consistiria na tarefa principal dos intelectuais latino-americanos daquele tempo: a de "se conhecerem e trocarem experiências." [1]

Em seguida, Candido concede uma rápida entrevista a Ángel Rama, que era então o crítico de literatura do semanário *Marcha*. O assunto da conversa entre os dois resultou em uma pequena reportagem publicada dias após a visita de Candido, em fevereiro daquele ano, e, como o título anunciava, "La nueva critica brasileña", oferecia aos leitores uma novidade ancorada na figura central do entrevistado, o crítico brasileiro Antonio Candido de Mello e Souza. A boa-nova se referia aos rumos que a crítica literária brasileira estava assumindo na medida em que críticos contemporâneos divergiam de correntes de antigos representantes, tais como Sílvio Romero, José Veríssimo, Afrânio Coutinho e Álvaro Lins; vertentes, estas, voltadas ao impressionismo e à história literária entre outros aspectos. Tais caminhos desta nova vertente da crítica brasileira vinham anunciados e analisados na recém-publicada *Formação da Literatura Brasileira*, obra fundadora de Candido.

A partir de então, Ángel Rama e Antonio Candido iniciaram um processo de intercâmbios que abarcou uma variada gama de questões teóricas. Assim que toma

---

[1] CANDIDO, Antonio. Conhecer, Conviver, Integrar: Anotações muito pessoais. Revista **de Crítica Literária Latinoamericana**, Lima-Hanover, ano 25, n. 50, p. 263-265, 1999.

conhecimento da proposta de Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, o crítico uruguaio adere a determinadas questões propostas pelo brasileiro; as ideias do crítico brasileiro ganhariam eco nas reflexões e estudos formulados nos ensaios de Rama que surgiriam dali em diante. Uma destas questões centrais foi o conceito de "sistema literário" cunhado por Candido, o qual Rama irá, de imediato, absorver e incorporar como discussão em seus ensaios. Mais: a parceria intelectual entre os dois prosseguiu permeada por uma frequência elevada, como assinalou Gonzalo Aguiar, e veio resultar em um conjunto de ações que ultrapassaram o âmbito dos textos. É dessa forma que Rocca os reconhece:

> Un circuito donde uno y otro toman en préstamo las ideas que se amplían, se proyectan, van y viene, retroalimentan cada una de las obras críticas, se expanden en busca de un proyecto que no admite un anclaje en lo propiamente cultural, sino que es indisociable de lo político como macro texto, en el que se encastra, finalmente, lo educativo y lo institucional.[2]

Desse circuito, para citar alguns de seus resultados de grande êxito, consta a participação de Rama nos eventos culturais promovidos pela Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ambos organizados por Candido nas décadas de 70 e 80, assim como as tarefas conjuntas, tanto de criação como de elaboração frente à ousada empreitada cultural que foi a coleção *Biblioteca Ayacucho*, na Venezuela. Entre um elenco bastante expressivo de realizações, o circuito Candido-Rama esteve muito centrado na prioridade de imprimir novas visões para os estudos literários no tocante à literatura latino-americana. Está justamente na atuação de Rama como crítico literário um dos pontos positivos para os novos rumos que a literatura brasileira passou a alcançar, a partir da década de 60, no cenário latino-americano. Quando, ao conhecê-la mais de perto, o uruguaio tratou de divulgá-la e analisá-la.

Durante os 23 anos que este circuito se manteve vivo, usando um termo tão caro a Antonio Candido, foi perpassado por laços estreitos e fraternos de uma amizade singular, e de absoluto reconhecimento intelectual, cuja interrupção veio apenas com a morte de Ángel Rama, em novembro de 1983. Basta conferir a produção epistolar de ambos (ainda inédita) e a dedicatória de Rama – "A Antonio Candido, en Brasil y a José Luis Martínez, en México" – da obra *La novela en América Latina* – para um robusto volume de 520 páginas, publicado em 1982, e cuja temática da obra era inteiramente dedicada ao que de

[2] ROCCA, Pablo. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil**: dos caras de un proyecto latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006, p. 250.

novo a América Latina nos dava em seus romances. Ali, no prólogo da publicação, Candido vem citado:

> Además, Sanín Cano y Sílvio Romero y Alfonso Reyes y Henríquez Ureña, cabales maestros de la crítica, son parte indispensable de ese esfuerzo en que todavía estamos: la edificación de la literatura, tal como ha entendido lúcidamente Antonio Candido en sus ensayos, como un sistema que religa plurales fuentes culturales.[3]

Esta profícua relação entre Ángel Rama e Antonio Candido deixou outra marca comum entre os dois: a crítica de jornal. Em épocas distintas, em países e idiomas diferentes, ambos se dedicaram, em espaços fixos de um jornal, à crítica de literatura. Antonio Candido depois de passar pelas páginas da revista *Clima* assumiu na condição de crítico titular, a coluna de pé de página batizada de “Notas de Crítica Literária”, na *Folha da Manhã*, e, posteriormente, no *Diário de S. Paulo*, em um período que, salvo alguns intervalos, prosseguiu de 1941 a 1947. Ángel Rama, da mesma forma, passou por revistas culturais, estreou, em 1945, no jornal *Acción*, ao assumir uma coluna sobre lançamentos de livros e principalmente crítica de teatro e seguiu até o fechamento de *Marcha*, em 1974, pela ditadura militar chefiada por Juan María Bordaberry. Rama, porém, prosseguiu colaborando como crítico em outros periódicos fora do Uruguai, onde passou a viver como exilado devido às ações da ditadura uruguaia.

No exercício contínuo de produzir um texto semanal para um periódico, Candido e Rama tiveram no jornalismo um espaço privilegiado e legítimo para se formarem e se exercitarem como sujeitos críticos. Pois foi na imprensa o lugar em que eles, como aponta Perrone-Moisés, nortearam sua própria escrita na condição de escritores-críticos que, assim, representam. Partidários desta mesma plataforma, os dois críticos, na tarefa de mediação que coube a cada um junto aos seus respectivos leitores, mantiveram-se comprometidos com a informação, e, portanto, puderam levar o que de novo a literatura traz, faz, e irradia. Além de promover questionamentos e discussões sobre as suas experiências estéticas, os dois críticos, igualmente, promoveram o enriquecimento do debate de ideias, na medida em que ambos reconheceram na literatura uma expressão artística articulada à sociedade e a um tempo histórico. Também como críticos de jornal, portanto, como formadores de opinião, puderam avaliar cuidadosamente as obras literárias

[3] RAMA, Ángel. **La novela en América Latina Panorama 1920-1960**. Colômbia: Instituto Colombiano de Cultura; Procultura S.A, 1982, p. 16.

de um tempo presente e, da mesma forma, de um tempo passado e com isso orientar a formação do leitor.

Perpassando a atuação destes dois críticos de convicções socialistas e arraigados nos princípios do marxismo, esteve a presença constante da militância. Intelectuais comprometidos com seu tempo e com sua função junto à sociedade, Candido e Rama se mostraram empenhados com a literatura e as causas políticas e ideológicas que teceram muitas das trajetórias de escritores estreantes e consagrados.

Uma leitura transversal da vasta produção jornalística de ambos os críticos sugere um universo extremamente rico e aberto a possibilidades inúmeras de estudos temáticos, sob ângulos que permitem tanto aos estudos literários, como à Sociologia, à Antropologia, à História Social, ao Jornalismo ou aos Estudos Culturais, uma profusão de temas e sugestões. Diante de tamanha diversidade e consequente dificuldade de abordagem, optamos por recorrer a um *corpus* limitado: as colunas de *Notas de Crítica Literária*, de Antonio Candido, para o jornal *Folha da Manhã*, no período de 1943 a 1945, e, no caso de Ángel Rama, a escolha recaiu no ano de 1960, quando o crítico uruguaio retorna ao semanário *Marcha* após uma temporada nos anos 40 e inicia outro período como crítico de literatura e também diretor das páginas de *Literarias*.

Para tanto, contamos com o *corpus* da *Folha da Manhã*, atualmente disponível no espaço da web por conta das comemorações da empresa *Folha de S. Paulo*, mas que, na época das pesquisas estava restrito aos arquivos do jornal paulistano. Já para o semanário *Marcha*, foram necessárias muitas consultas *in loco* nas dependências da Universidad de la República, na cidade de Montevidéu, onde estavam arquivadas de forma bastante precária as edições do jornal. Tais consultas resultaram de uma temporada na capital uruguaia, no ano de 2008. Lá, sob a orientação local do professor Pablo Rocca, pude pesquisar, entrevistar e consultar as publicações do periódico, cujas cópias tiveram de ser fotografadas devido à ausência de cópias digitais.

Também compõem os apêndices deste trabalho uma entrevista realizada com o professor Antonio Candido, assim como a transcrição de uma fala de Candido, resultado de um pronunciamento, durante um encontro com os alunos de pós-graduação, em curso ministrado pelo professor Joaquim Alves de Aguiar, nas dependências da FFLCH. Na ocasião, o tema escolhido por Candido foi a sua formação crítica. Várias entrevistas foram realizadas no Uruguai junto a pessoas que fizeram parte da trajetória intelectual de Ángel Rama: Hugo Achugar, Tomás De Mattos, Juan Fló, Carina Blixen, entre outros. No

entanto, a opção ficou em deixar no apêndice apenas a entrevista com Pablo Rocca. Por isso, as conversas com Lilia Rama, irmã caçula do crítico uruguaio, e com escritor e jornalista Carlos Maggi, um dos amigos da juventude de Rama, além de um depoimento, enviado por correio eletrônico, do escritor Mario Benedetti, de quem Rama foi companheiro em *Marcha*, não constam dos Anexos.

Processadas as leituras e releituras, nos deparamos com um conjunto de textos marcadamente distintos. Produzidos em diferentes contextos, tais textos, de imediato, recebem do olhar do leitor uma clara advertência em se tratando de estilo, advertência do professor Antonio Candido: “Eu fui mais analítico; Rama mais ensaísta”.

O crítico uruguaio, mais preso à tradição europeia, usa e abusa das incursões ensaísticas, contando com a adesão do semanário que lhe cede todo o espaço que requer um ensaio de nove a dez páginas. Candido não conta com o mesmo privilégio de um espaço dado à flexibilidade de tamanho e se mantém nas “cinco a seis laudas datilografadas a 32 linhas e 70 toques”, com um texto que manterá sua marca primeira, a clareza de ideias e de linguagem. Privilegiados, ambos atuaram em épocas de fartura de talentos. Rama, com a chegada dos escritores do *boom*, entre eles, o novato Gabriel García Márquez; Candido com as “novidades” da época: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge Amado, José Lins do Rego, Clarice Lispector, Lêdo Ivo, Graciliano Ramos.

Afora as diferenças e pontos de contato que veremos com maior detalhamento, há nos textos jornalísticos destes dois críticos um elemento comum fortemente evidenciado: a militância literária. Igualmente empenhados com a ética, a verdade, ambos mantêm, entre outros traços relevantes, um compromisso com aquele que foi um projeto maior para os dois, a Literatura. Figuras formadoras na história crítica da literatura latino-americana, Ángel Rama e Antonio Candido se constituíram em críticos de fundamental importância para as literaturas do Brasil e da América Latina; os dois confirmaram no jornalismo uma consanguinidade intelectual. E, ao que veremos nas próximas páginas, cumpriram à risca o compromisso de “se conhecerem e trocarem experiências”.

Delimitações

Para se chegar a um delineio de retrato de Ángel Rama e Antonio Candido como críticos de jornal, frente à dificuldade e diversidade presentes no *corpus* de ambos, recorremos a alguns eixos temáticos. Significa dizer que está longe destas intervenções darem conta da diversidade que se mostra nos textos. Ficou, igualmente, fora de nosso propósito, neste trabalho, questões relativas à obra não jornalística, portanto, teórica ensaística, fosse de Antonio Candido ou de Ángel Rama.

Coube-nos, por isso, um olhar imbricado entre o jornalismo e a literatura para tecer considerações sobre esta faceta ainda pouco visitada por estudos acadêmicos, e que, de certa forma, se apresenta de forma inédita neste trabalho.

Assim a tese está estruturada em quatro partes, traz à baila no primeiro capítulo um percurso dos críticos. Esta arqueologia, que contempla as atuações na imprensa de ambos, justifica a apresentação de maneira mais alentada e nutrida.

Já para iniciar o segundo capítulo, destinado a Antonio Candido, a respeito de sua atuação como crítico titular da *Folha da Manhã*, optamos em discutir, primeiramente, e de forma concisa, as relações entre jornalismo e literatura, crítica literária e jornalismo. Afinal, é da imprensa o lugar que estes dois críticos constituem suas plataformas e efetivam o discurso crítico. Na sequência serão analisadas algumas das colunas semanais de Candido mediante outro recorte mais incisivo e respeitando os eixos temáticos que tratam da metacrítica de Candido, da recepção aos escritores estreantes brasileiros e dos já consagrados, dos autores estrangeiros, assim como a atuação do crítico como um intelectual de seu tempo, segundo palavras de Edward Said.

No terceiro capítulo, couberam as leituras e reflexões para o Ángel Rama crítico de literatura do semanário uruguaio *Marcha*, periódico que trouxe um avanço para o fazer jornalístico e para a imprensa uruguaia, constituindo-se em um marco jornalístico de difusão cultural. De traços muito particulares, o semanário foi o escolhido como o segundo recorte de *corpus* deste trabalho. E mediante o ano de 1960, uma data emblemática para a cultura latino-americana, em particular, pois traz os ecos imediatos do acontecimento histórico da maior importância para o mundo e em particular para a América Latina, a

Revolução cubana. Da mesma forma, foram escolhidos textos mais significativos de Rama sob o recorte de eixos temáticos similares aos usados para o *corpus* sobre Candido.

Como quarta etapa, e não necessariamente como um capítulo, seguem as conclusões desta proposta. Diante do circuito de que fala Rocca, em que onde um termina o outro prossegue, referência ao cruzamento das trajetórias de Candido e Rama, não causará surpresas ao constatarmos muitos pontos de comum acordo desses dois críticos de jornal, especialmente no tocante à conduta delineada por suas posições política e ideológica e na maneira de entender a Literatura como uma expressão artística, estética e articulada às questões sociais e à História.

CAPÍTULO 1 – ANTONIO CANDIDO: PRÁTICAS DE VIDA, ANOTAÇÕES E TRAJETÓRIAS NA IMPRENSA

1.1 Leituras e anotações

1.1.1 Antonio Candido de Mello e Souza (24 ago. 1918)

A história de Antonio Candido constitui-se em um tecer de fios que, em contínuo diálogo, personalizou um homem ímpar em sua multiplicidade. É nesse tecido em que se entremeiam o crítico militante, o professor, o pensador, o político, o cidadão e o intelectual que a Literatura sempre se faz presente. No entanto, coube à prática de leitura a responsabilidade para que Antonio Candido se achegasse ao mundo das Letras: “Fui um devorador indiscriminado de livros desde os nove anos até depois dos sessenta, e creio que com isso acumulei muita informação, inclusive porque sempre fui leitor de compêndios, dicionários e enciclopédias.” [4]

Ainda muito garoto, entre as primeiras leituras − “[...] aquelas que causam um deslumbramento de iniciação que nunca mais acontece” − estavam livros de histórias, aqueles exemplares, “[Os] da Biblioteca Infantil, por exemplo, dirigida por Arnaldo Barreto. Ou algum de Monteiro Lobato ainda não alterado pela mania didática que o acometeu mais tarde e, por vezes, tirou muito da poesia encantadora das versões iniciais de *Narizinho arrebitado* ou *O saci*”.

Somados a algumas obras de Lobato, outros títulos da condessa de Ségur também faziam parte da atividade leitora, como acentuou o próprio Antonio Candido. [Lia também] “o medíocre, mas utilíssimo *Tesouro da juventude*, que manuseei anos a fio a partir dos nove anos. Mas também romances históricos brasileiros, que estavam em moda nos anos

---

[4] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 40, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: 7 maio 2009.

vinte, como os de Paulo Setúbal; ou as narrativas patrioteiras de Gustavo Barroso. Coroando tudo, *Os três mosqueteiros* e seguintes, que li aos 10 anos sem entender muita coisa." [5]

O fato de ter nascido no clã Mello e Souza deu a Antonio Candido uma formação no mínimo singular, garantindo-lhe uma vigorosa biblioteca em duplicidade antes mesmo de nascer. Prova da saudável situação cultural e econômica das famílias paterna e materna, as bibliotecas tinham, naquela região da Mogiana, uma função pouco comum nas cidades brasileiras, a de rivais dos bailes, como observou Souza Andrade, ao comentar que manter uma significativa coleção de livros em casa era "uma espécie de sociabilidade da província sofisticada." [6]

Embora tenha nascido no Rio de Janeiro, foi durante a infância mineira, primeiro na cidade de Cássia e depois em Poços de Caldas, que o mais velho dos três filhos do casal Tolentino Mello e Souza teve convivência intensiva com a leitura. Muito dessa convivência deveu-se ao pai, Aristides de Mello e Souza, médico, que, além da literatura específica sobre sua profissão, tinha especial interesse em temas de filosofia, história e literatura. "E de uma mãe que teve apenas a instrução sumária dos colégios de freiras daquele tempo, mas era muito inteligente e culta."[7].

Leituras e livros foram presenças constantes na tradicional família de Candido, que teve figuras como o Conselheiro Tolentino, o bisavô materno, protagonista de *Um funcionário da Monarquia: um ensaio sobre o segundo escalão*, um de seus mais recentes livros, publicado em 2002.

As condições financeiras favoráveis, no entanto, não desviaram as intenções de sua mãe, Clarisse Tolentino, "absorvente e *super protetora*", que, seguindo o costume da época, preferiu encarregar-se da iniciação letrada de Antonio Candido, ao assumir a alfabetização, as noções de matemática, geografia, história e francês em casa durante os dez primeiros anos de vida do filho. À matriarca que havia estudado em um internato no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, igualmente cabia as seções de leituras, porém com uma condição definida, ela escolhera ler as histórias de fadas para os filhos.

---

[5] CANDIDO, Antonio. O livro que fez a cabeça de Antonio Candido. **Teoria & Debate**, n. 32, jul./set. 1996. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2010.

[6] ANDRADE, Fábio de Souza. Antonio Candido: o "sentimento de dialética". **Caderno de Leitura**, São Paulo (SP), n. 3, p. 73, mar./abr. 2006.

[7] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 40, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: 13 ab. 2009.

Já a participação do pai vinha sob a forma de um convite para colorir ou recortar algumas figuras históricas que povoavam as extensas coleções de *Larousse universal* e do *Tesouro da juventude*. Atividade que se alternava com as leituras em voz alta de obras como *D. João VI no Brasil*, de Oliveira Lima, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e a *História da guerra do Paraguai*, de Emilio Carlos Jourdan. "Quer dizer, meu pai cuidava da inteligência, da reflexão, minha mãe da imaginação."[8]

No entanto, a frequência regular da escola, com exceção de um curto período de quase três meses, só ocorreu quando da volta da família da França. Lá os Mello e Souza ficaram por um ano – do fim de 1928 até o fim de 1929 – quando então se mudaram para Poços de Caldas e Antonio Candido ingressou no quinto ano do curso primário.

Cumprida essa etapa do ensino fundamental do garoto, veio a passagem para o ginasial. No curso preparatório, o chamado curso de admissão, coube a então professora de Candido a responsabilidade de encaminhá-lo para leituras clássicas. Entre tais leituras constava a Bíblia e as obras de Shakespeare, Dickens e Thackeray, estas últimas lidas no original. Também no original era a leitura de *Aiglon*, de Edmond Rostand, obra que ele teve oportunidade de ver representada em Paris por Sarah Bernhardt. O mesmo se deu com os primeiros poemas de Baudelaire, lidos originalmente na língua-mãe do autor francês.

A aprendizagem do idioma francês, que ainda se esboçava de forma caseira sob os acordes do método Berlitz na infância em Minas, tinha evoluído e muito. Pois afinal o aprendizado havia sido aprimorado *in loco*, agora sob os auspícios de *mademoiselle* Marie Rohlfs de Sussex, professora particular de Antonio Candido que o acompanhou em aulas e também nos circuitos culturais durante os doze meses que a família residiu em Paris em função dos alentados estudos em Medicina do pai.

Foi no período de 1932 a 1935 que Antonio Candido dedicou-se ao curso secundário no Ginásio Municipal de Poços de Caldas. Mas com o fechamento da escola, ele acabou por transferir-se para a cidade vizinha de São João da Boa Vista. Tal mudança, no entanto, trouxe como novidade a convivência com um professor bastante interessado em Humanidades. Fator que acabou gerando uma contribuição positiva nos rumos dos estudos do futuro professor, que em suas palavras nos traz o relato:

> Terminei o secundário em condições precárias no Ginásio Estadual de lá [São João da Boa Vista]. Ia uma semana, falhava outra, fazia exame, voltava, ia de novo. Mas tive nele um professor notável de história

[8] Antonio Candido em entrevista concedida à autora no mês de julho de 2009.

> natural, um médico, dr. Joaquim José de Oliveira Neto, de quem fiquei amigo para sempre. Ele tinha uma bela biblioteca, sobretudo de autores franceses.[9]

Ao mestre Oliveira Neto recaiu a oportunidade de apresentar a Antonio Candido revistas literárias americanas e francesas, como a *Bibliothèque de la Pléiade*, então desconhecidas para o jovem estudante. Também por essa ocasião Antonio Candido tornou-se leitor assíduo do *Boletim de Ariel*, publicação que tinha como editores Agripino Grieco e Gastão Cruls. Sobre sua inclinação para a crítica literária, matéria-prima da publicação, o professor justificou a escolha ao comentar, muitos anos depois junto a um grupo de alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP: “Todo mundo no Brasil lia o Agripino mas não era um grande crítico [...] era um grande colunista literário, muito divertido. A gente lia porque ele metia o pau em todo mundo. Moço gosta de brutalidade. Ele tinha umas crônicas geniais.”[10]

Dessa época acrescentam-se mais duas obras às quais Candido referencia, e não sem razão, no prefácio de *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*, ambas lidas “entre os dez e os quinze anos”. O livro, de lombada vermelha, edição da Garnier, *História da literatura brasileira* (1902), de Sílvio Romero, segundo Candido “Foi bem cedo uma das minhas fascinações na estante do meu pai, tendo sido dos livros que mais consultei à busca de excertos, dados biográficos e saborosos julgamentos do autor. Nele estão, provavelmente, as raízes do meu interesse pelas nossas letras”. O outro livro, *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, foi igualmente muito utilizado pelo estudante, a ponto de ser “reproduzido abundantemente em provas e exames do ginásio.”[11]

Nessa fase de juventude de Antonio Candido que beirava os 15 anos, “época das leituras apaixonadas que formam a base da vida intelectual”, houve espaço para autores portugueses. Entre eles, Eça de Queiroz ganhara dedicação de horas a fio, como nos reproduz neste depoimento o *leitor* Antonio Candido.

---

[9] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 40, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: 17 jan. 2010.

[10] Antonio Candido em depoimento de outubro de 2009, durante aula do professor Joaquim Aguiar, no prédio das Letras da FFLCH, na USP.

[11] CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Momentos Decisivos 1750-1880. 10. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 13.

> Eça era objeto de verdadeira mania por parte não apenas de quem tinha certa formação intelectual, mas de leitores mentalmente modestos, nas capitais, nas pequenas cidades, nas fazendas. E a sua voga era ainda mais acentuada nas cidades do interior, onde as bibliotecas eram desatualizadas e as modas recentes custavam a chegar. As pessoas sabiam de cor trechos de seus livros, os seus personagens eram comentados como se fosse gente de carne e osso.[12]

Foi no período da adolescência, em 1934, quando a ficção não tomava a atenção integral de Antonio Candido, que uma obra em particular provocou o estudante para um tema novidadeiro na época, o socialismo. A *História do socialismo e das lutas sociais*, de Max Beer, "talvez tenha decidido a minha inclinação para o lado do socialismo e funcionou como faísca que ateia o fogo."[13]

Do alto de seus 16 anos, Antonio Candido, seguira como um leitor inquieto e sensível às questões sociológicas e teve uma experiência inusitada e curiosa em relação à *Casa Grande & Senzala,* quando os amigos Antonio Carlos e José Bonifácio de Andrada e Silva, de Poços de Caldas, lhe contaram o teor do livro. "A primeira reação que lembro foi do Antonio Carlos, que começou a se olhar no espelho, a puxar os lábios para engrossá-los, dizendo: 'Acho que sou mulato! '" [14]

Nesse mesmo ano, se acercava à *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Jr., outro livro que teve relevância em suas escolhas ideológicas, políticas e históricas. A importância desta obra, como afirma Antonio Candido, está no fato de ter sido o "primeiro ensaio de interpretação marxista da história do Brasil". [15]

A esse conjunto de títulos que não eram obras de ficção juntaram-se outros autores, os quais ele passou a conhecer a partir de 1936, quando da convivência com Teresina Carini Rocchi, cuja biografia está em *Teresina etc.* (1992). "Era uma velha militante socialista italiana, que foi parar em Poços em 1910 e lá ficou [...] Ela me iniciou no mundo da cultura italiana além de contribuir para o meu interesse pelo socialismo, me fez ler muitos autores italianos cujos livros me dava."

---

[12] CANDIDO, Antonio. Encontro em S. Paulo com António Cândido [Entrevistador: Guilherme d'Oliveira Martin]. **Jornal de Letras**, 10 dez. 2003. Disponível em: <www.ps.parlamento.pt.>. Acesso em: 12 mar. 2010.

[13] CANDIDO, Antonio. O livro que fez a cabeça de Antonio Candido. **Teoria & Debate**, n. 32, jul./set. 1996. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2010.

[14] CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido [Entrevistadora: Heloísa Pontes]. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, São Paulo (SP), v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 16 abr. 2009.

[15] Idem. **(RBCS)**, São Paulo (SP), v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 16 abr. 2009.

Entre conversas animadas com dona Teresina, surgiram outras obras que tratavam do socialismo: o resumo de *O Capital*, de autoria de Gabriel Deville, as traduções para o português de *Anti-Dühring,* de Engels. E, por intermédio de outro colega dessa época do curso ginasial, cujo pai havia sido anarco-sindicalista, Antonio Candido passou a conhecer obras de autores anarquistas como Everardo Dias, Jean Grave, Severine, Kropotkin, Sébastien Faure.

No entanto, tal fartura de autores estrangeiros passou a ser acompanhada da leitura de obras nacionais, com uma condição imprescindível, a importância da orientação sociológica, fator assim destacado por Candido:

> Aqueles anos do decênio de 1930 viram um grande surto da narrativa brasileira, inclusive a revelação dos *romancistas do Nordeste*, alguns dos quais marcados por forte tônica social e, todos, apresentando uma visão inconformada da realidade. Orientado mentalmente pela impregnação de Max Beer, passei a ler de maneira por assim dizer socialista romances como *O quinze,* de Rachel de Queiroz; *Os Corumbas*, de Amando Fontes; *São Bernardo,* de Graciliano Ramos; *Banguê* e *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego. O resultado foi que a literatura se tornou estímulo para ver o mundo à luz da opressão de classe, da injustiça social, da legitimidade da revolução.[16]

1.1.2 Em São Paulo, uma nova leitura do mundo

O ano de 1936 registra a vinda de Antonio Candido para São Paulo com o objetivo primeiro de seguir os preparatórios para os estudos universitários. Assim, após dois anos de Curso Complementar no Colégio Universitário, ele ingressava na faculdade. Apesar da profissão de médico, a qual pertencia o avô paterno e o pai, tinha a preferência explícita familiar, levando-o ao exame de ingresso. Mas ao ser reprovado, optou pela segunda opção, a de cursar Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia:

> [Meu pai] concordou sem dificuldade, mas me pediu para cursar também Direito, porque não lhe parecia que aquela pudesse assegurar um meio razoável de vida. Isso mostra como naquele tempo a Faculdade de Filosofia ainda era novidade que causava dúvidas e podia perturbar a mentalidade tradicional.[17]

---

[16] Ibidem.
[17] CANDIDO, Antonio. Reminiscências sobre as origens da USP. Disponível em: <www.iea.usp.br/observatorios/educacao>. Acesso em jan. 2010.

Até o ingresso na dupla jornada universitária, três anos depois, em 1939, o estudante Candido procurou desfrutar ao máximo da metrópole. **“**O que eu queria era ir a concertos, percorrer livrarias olhando os livros franceses, me informar sobre o vasto mundo”. Esse certo deslumbramento fez com que Candido imergisse no mundo cultural da Pauliceia, sem, contudo, desviar da convicção em seguir cursando as duas escolas. Tal decisão contribuiu de forma muito positiva para a sua atuação como crítico de literatura, primeiro na revista *Clima* e depois nas páginas dos jornais *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*. O fato de ter escolhido o curso de Ciências Sociais, porém, respondia a um momento sociopolítico e cultural do país que ajustava suas lentes para o social. Buscar respostas na Sociologia para mudanças no comportamento do Brasil e dos brasileiros era um motivo que levava os jovens a se interessarem por questões de ordem sociológica e política. Era um tempo em que o comportamento intelectual se pautava em uma ideologia, o que consequentemente fomentava o espírito crítico de uma classe média que se exprimia, no dizer de Antonio Candido, “como categoria autônoma movida por um modo de pensar” que ele chama de pensamento radical. [18]

Outra contribuição significativa para a formação do crítico veio do ambiente “uspiano”. A convivência entre alunos e professores na Faculdade de Filosofia trouxe para Antonio Candido uma novíssima e alentada perspectiva, tanto para sua trajetória pessoal como profissional. Ao analisarmos tais trajetórias, muito pouco veio de fora desse ambiente universitário. A começar pelo contato com o corpo docente estrangeiro, de maioria francesa, que tinha mestres como Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Fernand Braudel, Jean Maugüé, Roger Bastide, Pierre Hourcade. Ter aulas e manter com eles uma convivência cultural efervescente foi um dos privilégios reservados à geração de Antonio Candido. Esses professores, na maioria franceses, se juntavam os italianos Francesco Piccolo (latinista) e Giuseppe Ungaretti (poeta) e os portugueses Francisco Rabelo Gonçalves (Literatura Portuguesa) e Fidelino de Figueiredo (Literatura Luso-Brasileira) da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que ficava à Rua Maria Antônia, na área central de São Paulo, para formar as primeiras turmas de docentes da recém-criada Universidade de São Paulo.

A justificativa para esse elenco de professores estava no modelo francês de ensino adotado pela Universidade de São Paulo, que objetivava a inovação do ensino universitário

---

[18] BEZERRA, Paulo. Antonio Candido, os 80 anos de um crítico radical. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo (SP), 17 jul. 1998. Caderno de Sábado, p. 1.

com a implantação de um programa voltado sobretudo para o pensamento crítico, apoiado na Filosofia, como nos situa Paulo Arantes:

> O caráter assumido naquele tempo (digamos 1934 a 1945) pela Filosofia. Como ela era praticamente inexistente no Brasil em quadro universitário, em nossa Faculdade teve a princípio menos uma função específica, de formar especialistas em Filosofia, do que a função genérica de criar uma atmosfera favorável ao espírito crítico.[19]

Em uma conversa entre Décio de Almeida Prado e Antonio Candido, o estilo peculiar de ministrar aulas do mestre francês foi citado como ponto de referência:

> [Maugüé] não era um filósofo no sentido técnico. Ao lançar mão da filosofia para pensar "a respeito de tudo", o professor, no depoimento de Candido, tinha um espírito especial. [...] acho que isso foi fundamental para todos nós, que acabamos não sendo filósofos e nem sociólogos, mas sempre nos utilizamos da filosofia e da sociologia para pensar a vida cotidiana. [...] Em outras palavras, filosofia era entender a vida. Nós fomos marcados por isto.[20]

A presença marcante da figura de Maugüé foi além da teoria, a ponto de endossar a militância política do aluno. Fato relembrado pelo jornalista Gonçalves Filho:

> Por causa do curso de Maugüé, Candido viria a se tornar militante do Partido Socialista Brasileiro e participante do Grupo Radical de Ação Popular, que, em 1942, espalhou panfletos contra a ditadura do Estado Novo, condenando-a por manter um posicionamento neutro com os países do Eixo até Vargas ser obrigado a romper relações diplomáticas com o nazi-fascismo.[21]

Outra figura de relevo que integrava o grupo de professores estrangeiros da universidade era Giuseppe Ungaretti, poeta e tradutor, responsável pela cátedra de Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo onde permaneceu de 1937 a 1942. O italiano a quem Candido dedicou o ensaio "Ungaretti em São Paulo" (*O observador*

---

[19] ARANTES, Paulo Eduardo. **Um departamento francês de ultramar:** estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 80.

[20] ABRANTES, Paulo Roberto; MARTINS, Marília (Org.). **3 Antonios e 1 Jobim.** Histórias de uma geração. O encontro de Antonio Callado, Antonio Candido, Antônio Houaiss e Antonio Carlos Jobim [Entrevistas de Zuenir Ventura]. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 99.

[21] GONÇALVES FILHO, Antonio. Antonio Candido, 90 anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo (SP), 20 jul. 2008. Caderno de Cultura. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaode hoje/20080720/not_imp208814,0.php>. Acesso em: 17 jan. 2010.

literário) também estreitou sua convivência com o aluno, a ponto de se tornar um *freqüentador* da intimidade do lar dos Mello e Souza.

Para o aluno Antonio Candido, Ungaretti deixou lições preciosas e precisas, além de admiradores, amigos e discípulos. “Nas aulas, Ungaretti revelou o que significa o diálogo do pensamento e da sensibilidade com o texto. Mostrou como, ao toque do leitor capaz, surgem mundos que parecem brotar das entrelinhas, minar do vão das letras, deslizar das maiúsculas para as minúsculas como se uma fermentação incessante e contida esperasse o leitor escolhido.”[22]

Afora os professores e demais intelectuais de orientação claramente marxista no curso de Ciências Sociais, foi contribuição de peso na formação de Antonio Candido o seu grupo de amigos − “alguns colegas de turmas, outros já licenciados” −, que, por afinidades culturais, sociológicas e uma dose expressiva de afetividade, realizaram feitos marcantes na trajetória pessoal e intelectual de todos eles. Entre esses estudantes que constituíram o Grupo de *Clima* e vieram a criar a revista homônima, estavam Gilda de Moraes Rocha, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Cícero Cristiano de Souza, entre outros. A amizade do grupo se estendeu da juventude ao longo da vida, consolidando laços mais que estreitos entre eles, resultando em inúmeras realizações culturais conjuntas**.** Uma dessas realizações foi a criação, em 1940, do Clube de Cinema de São Paulo[23], que deu origem à Cinemateca Brasileira. Esta foi uma iniciativa de Paulo Emilio Salles Gomes que obteve apoio imediato de Décio de Almeida Prado e Antonio Candido.

O bom relacionamento entre o grupo levava-os a um congraçamento cultural que se alargava em espaços de fora da universidade. Em depoimento a Heloisa Pontes, Antonio Candido detalhou passagens dessas incursões por outros espaços da cidade de São Paulo. E, ao que se notava, havia um ambiente animadíssimo, prova que os rapazes de *Clima* mantinham-se em um astral bem diferente daquele assinalado por Oswald Andrade, a ponto de este chamá-los de “chato boys”:

---

[22] CANDIDO, Antonio. **O Observador Literário.** 3. ed. rev. e ampl. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 109.

[23] O Clube foi fechado pela polícia do Estado Novo depois de várias tentativas de se organizarem cineclubes. Posteriormente, foi reinaugurado, em 1946, como o segundo Clube de Cinema de São Paulo. Seu acervo de filmes constituiu a Filmoteca do Museu de Arte Moderna (MAM), que viria a se tornar uma das primeiras instituições de arquivos de filmes a se filiar à Fédération Internationale des Archives du Film (FIAF), em 1948. A Cinemateca foi fundada em 1954 e, trinta anos depois, em 1984, foi incorporada ao governo federal como um órgão da Fundação Nacional Pró-Memória do então Ministério da Educação e Cultura (MEC).

> [...] A gente andava de bonde ou ônibus, ia ao cinema, comprava alguns livros, se reunia na Confeitaria Vienense para tomar chá e refrescos, frequentava concertos e teatro. [...] Vinham trupes de balé, como o de Monte Carlo, o Original Ballet Russe, restos da grande empresa de Diaghilev. Coisas assim. Paulo Emílio costumava localizar filmes importantes em cinemas pequenos ou afastados, e então íamos incorporados vê-los. [...] Os rapazes costumavam freqüentar os bares de tipo alemão, com chope e alguns com orquestra: o Pinguim, na esquina da ladeira de São João com a Praça do Correio, o Franciscano e o Brahma, na Rua Líbero Badaró, o Hungária, depois Harmonia, na Xavier de Toledo, o Rütli, no Barão de Itapetininga.[24]

Acompanhando as movimentações políticas e culturais do país e suas reações, que abarcavam "o incremento dos estudos brasileiros, a opção direita-esquerda, o impacto da obra de Gilberto Freyre e logo a seguir das de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Artur Ramos, além das grandes coleções que abriam horizontes, como a Brasiliana, fundada por Fernando de Azevedo na Companhia Editora Nacional e a Biblioteca de Divulgação Científica, da Civilização Brasileira",[25] foi também desse período a aproximação ideológica de Antonio Candido a alguns desses intelectuais.

Sérgio Buarque de Holanda foi um deles. A oposição à ditadura de Getúlio Vargas os uniu em uma iniciativa que resultou na criação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE)[26] em 1942, transformando-a em uma das instituições que de forma pioneira reivindicou por liberdades democráticas. Sérgio Buarque foi presidente nacional da Associação. Juntos, ele e Candido, em períodos distintos, chegaram a ocupar a presidência da ABDE em sua seção paulista.

---

[24] CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido [Entrevistadora: Heloísa Pontes]. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, São Paulo (SP), v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 16 abr. 2009.

[25]CANDIDO, Antonio. Reminiscências sobre as origens da USP. Disponível em: <www.iea.usp.br/observatorios/educacao>. Acesso em: jan. 2010.

[26] A ABDE,tinha, nas palavras de Candido "a finalidade ostensiva de reunir os escritores na defesa dos direitos autorais que, naquele tempo, eram massacrados no Brasil. Mas essa associação tinha, em segundo plano, a finalidade de combater o Estado Novo. Ela se estendeu imediatamente a São Paulo e eu participei da primeira reunião preparatória, na qual estavam presentes Mário de Andrade, Oswald Andrade, Sérgio Milliet, Mário da Silva Brito, Abguar Bastos, creio que Lourival Gomes Machado." CANDIDO, Antonio."Um militante incansável". Disponível em : http://www.fpabramo.org.br/

1.1.3 Ofício: “Visceralmente professor”

Transcorridos quatro anos de efervescência cultural e pessoal no ambiente universitário, Antonio Candido recebeu, no começo de 1942, os graus de bacharel e de licenciado em Ciências Sociais. E, nesse mesmo ano, iniciou sua carreira de docente, ministrando aulas no curso de graduação de Ciências Sociais como assistente de Fernando de Azevedo. A identificação com o ofício de ensinar, e de aprender, veio logo que terminou a graduação em Ciências Sociais e foi corroborada ao ser convidado para paraninfo na turma de formandos de 1947, afinal era um assistente, e perpetuou. Escolha muito significativa para a carreira do jovem professor, que deixou o seguinte registro em entrevista:

> Se me perguntassem o que sou essencialmente, eu diria, grifando, que sou “professor”. Ensinei sociologia, ensinei literatura, mas antes de ser professor disso ou daquilo, [...] sou visceralmente “professor”, grifado. Tenho gosto e vocação para transmitir aos outros o que sei. Esta foi a tarefa que sempre me atribuí. Tenho grande prazer em dar aulas [...] Repito: o que gosto mesmo é de dar aula. Se possível, sem ser interrompido...[27]

Até 1958, Antonio Candido permaneceu dando aulas na área da Sociologia, quando, nesse mesmo ano, por conta de concurso[28], ingressou no mundo das Letras, sendo responsável pela criação e organização do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia de Assis, que até então era um instituto isolado. Percurso que se estendeu até 1980, quando se aposentou da FFLCH, então como professor titular (Teoria literária e Literatura comparada) e reuniu passagens pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), pela Universidade Estadual de Campinas, onde criou o Instituto de Estudos da Linguagem, e por instituições estrangeiras (Sorbonne, Yale e Universidad de la República).

Dono de um estilo pessoal particular de ministrar conferências, palestras e seminários e, sobretudo, aulas o que segundo um de seus alunos e discípulo, o crítico e professor Roberto Schwarz, “são legendárias pela clareza e elegância”, Antonio Candido

---

[27] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 38, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: Acesso em: 7 maio 2009.

[28] Em um dos seus ensaios reunidos em **Recortes** (1993), “Mário e o concurso”, Candido relata as peripécias deste concurso, que disputou aos 27 anos e que rendeu protestos, como os de Lucia Miguel Pereira, no Rio, e Décio de Almeida Prado, em São Paulo. Os protestos vieram por conta da forma, no mínimo curiosa, de o júri desempatar a escolha que reincidiu na escolha de Souza Lima.

carrega dentre suas marcas expressivas a facilidade da oralidade e a clareza da escrita. Fatores que, sem dúvida, colaboraram de forma positiva para a democratização e acessibilidade de seus ensinamentos e produções.

Entre os seguidores livres ou orientandos do professor Candido, soma-se a Schwarz um grupo representativo de intelectuais em extensa lista de reconhecidos professores, pesquisadores, pensadores e escritores latino-americanos. Em meio a tantos, foi a professora emérita da Universidade de São Paulo e ensaísta, Walnice Nogueira Galvão, quem em recente artigo sobre os 50 anos de publicação da importante e fundadora obra de Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos 1750-1880* (1959) revelou detalhes da atuação em sala de aula do professor, a quem ela atribuiu ser "um modelo incomparável":

> Suas aulas eram, sobretudo analíticas, tendo como ponto de partida a análise de obras literárias concretas, fossem poemas, contos ou romances. Dedicavam-se a destrinçar e desmontar, para descobrir seu funcionamento interno. Ao mesmo tempo, iam mostrando, através da comparação, como se inseriam na constelação das obras de sua época e no panorama da literatura universal. Seu método nada paroquial era o "integrativo", por meio do qual diferentes disciplinas e perspectivas se aglutinavam e se fecundavam mutuamente, todas colaborando para compreender e interpretar a obra. Um grande professor, modelo incomparável para quem teve privilégio de assistir às suas aulas.[29]

A referência da ex-aluna Walnice Galvão remete à década de 60 quando o professor retornava à FFLCH, em 1961, como convidado a assumir uma disciplina nova, recém-criada, a Teoria Literária e Literatura Comparada, cadeira paralela à de Literatura, depois de ter passado dois anos e meio lecionando literatura brasileira na Faculdade de Letras e Filosofia de Assis.

A transferência para Assis acontece no segundo semestre do ano de 1958; antes, Antonio Candido compartilhara com José Aderaldo Castello uma experiência única junto à instituição de ensino privado. Assim consagrou-se como o primeiro professor de Literatura Brasileira do curso de Pós-Graduação da recém-criada Faculdade de Filosofia, Letras e Educação (1946) da Universidade Mackenzie. No curso de Letras Neolatinas, Antonio Candido integrou o corpo docente ao lado de professores como Isaac Nicolau Salum,

---

[29] GALVÃO, Walnice Nogueira. Ensino, a vocação mais profunda. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo (SP), 8 jan. 2011. Caderno Sabático, p. 5.

Massaud Moisés, Antônio Augusto Soares Amora, Sérgio Milliet, Giulio Davide Leoni e Idel Becker.

Sobre a curta permanência de Antonio Candido em aulas "mackenzistas", Aderaldo Castello detalhou: "[...] ele ficou pouco tempo, só um semestre. O segundo fui eu, convidado a substituí-lo. Logo depois ele vai para Assis lecionar. [...] Ele já estava então numa fase de separação da sociologia."[30]

Dez anos após apresentar a defesa da tese *O método crítico de Sílvio Romero*, Antonio Candido, que seguia como docente de Sociologia optou em apresentar outra tese, *Os Parceiros do Rio Bonito*, em 1954, com o objetivo de obter o título de doutor na área de Ciências Sociais. Necessidade técnica da tese, nem da defesa, não tinha, uma vez que a congregação da Universidade de São Paulo o havia dispensado em fazê-lo. Quando trocou a Sociologia por Letras, o comunicado ao professor Fernando de Azevedo, mediante "o pagamento do tributo à sociologia", veio acompanhado da seguinte resposta de Azevedo: "Antonio Candido, não faça isso". Você está casado com a sociologia e tem uma bela amante, que é a literatura. Mas se fizer o contrário, e se casar com a literatura, você vai querer ser amante da sociologia!".[31]

Uma vez decidido pelo mundo das Letras e instalado no interior de São Paulo, o jovem professor livre-docente, aos 30 anos de idade, havia publicado *O método crítico de Sílvio Romero* (1945), *Brigada Ligeira* (1945), *Os parceiros do Rio Bonito* (1954), *Ficção e Confissão* (1956), *Observador Literário* (1959) e se preparava para finalizar *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos 1750-1880*, sua obra maior e fundamental para os estudos literários brasileiros e latino-americanos. Feitos que endossam uma de suas declarações sobre esse período: "A Faculdade de Assis representou para mim uma espécie de renascimento intelectual."[32]

Tão frutífera foi a permanência na cidade interiorana, que resultou, entre outras realizações, na organização do II Congresso de Crítica e História Literária, em junho de 1961. Um encontro passível de reunir figuras de porte da crítica como Sérgio Buarque de

---

[30] CASTELLO, José Aderaldo. **Parceria crítica:** presença da literatura brasileira**.** São Paulo: Bertrand do Brasil, 1997, p. 261.

[31] CANDIDO, Antonio. In: ABRANTES, Paulo Roberto; MARTINS, Marília (Org.). **3 Antonios e 1 Jobim.** Histórias de uma geração. O encontro de Antonio Callado, Antonio Candido, Antônio Houaiss e Antonio Carlos Jobim [Entrevistas de Zuenir Ventura]. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 112.

[32] CANDIDO, Antonio apud RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)**. 2006. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Holanda, Anatol Rosenfeld, Paulo Emilio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Wilson Martins, João Alexandre Barbosa, Décio Pignatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Benedito Nunes, entre muitos outros, e de selar em definitivo seu compromisso com a crítica literária. Durante esse intervalo, entre 1960 e 1965, Candido lança quatro outras obras: *Vários Escritos* (1960), *A Personagem de Ficção* (1963), *Tese e Antítese* (1964) e *Literatura e Sociedade* (1965).

> No período entre novembro de 1961 a janeiro de 1962, participa de um ciclo de palestras em várias universidades francesas, a convite do governo João Goulart. Três anos depois, entre 1964 e 1965, vai para a França, como convidado da Universidade de Paris VIII (Sorbonne), para ministrar aulas de Literatura Brasileira. Ao regressar, em 1966, o professor passa a se dedicar a tarefas acadêmicas, no sentido de expandir as atividades do curso de Letras, e consegue uma inovação, o início do curso de pós-graduação.

Outra experiência estrangeira, a de levar programas calcados nas Literaturas Brasileira e Comparada, transferiu Antonio Candido para a Universidade de Yale nos Estados Unidos, em 1968, como professor visitante. Retoma as aulas na FFLCH, onde volta a ter participação decisiva na formação de grande parte da intelectualidade nacional, direta ou indiretamente.

São referentes a esse período os comentários de um de seus ex-alunos, o professor e crítico literário David Arrigucci Jr.: “O primeiro impacto, muito grande, é que o Candido trazia para dentro da universidade o estudo da literatura moderna, que antes ali não existia [...] De repente trazia Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Drummond.”[33]

Como nos aponta Ramassote, “essa escolha parece estratégica já que Candido, em virtude de suas relações pessoais e intelectuais com os principais autores do movimento modernista, tornou-se, de certa forma, herdeiro dessa tradição intelectual, contribuindo para sua sedimentação no interior da academia.”[34]

Oito anos depois, em 1976, Antonio Candido assume a coordenação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde fica até 1978. Embora o ano de 1978 marque o encerramento da docência no curso de graduação, o professor continuou lecionando e orientando discentes, educadores e

---

[33] ARRIGUCCI, Jr. Davi. **Outros Achados e Perdidos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 344.

[34] RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)**. 2006. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 67.

pesquisadores na pós-graduação da Universidade de São Paulo até 1992, quando se retira das aulas em definitivo**.**

É durante a década de 70 que Antonio Candido estreita a convivência intelectual com o crítico uruguaio Ángel Rama, ao promover sua vinda para participação de eventos acadêmicos na Universidade de São Paulo, durante um curso de pós-graduação ministrado por Candido em 1974. Nove anos depois, em setembro de 1983, Rama retorna para um ciclo de conferências na Unicamp.

1.1.4 Pendor crítico

Edward Said, ao se questionar o que é ter consciência crítica, responde que se trata de duas formidáveis forças que se inter-relacionam: “Uma é a cultura, a que os críticos estão ligados por filiação (nascimento, nacionalidade, profissão); a outra é um método ou sistema adquirido por via da afiliação (por convicção social ou política, por circunstâncias econômicas e históricas ou por esforço voluntário ou reflexão deliberada)” [35] Em se tratando de Antonio Candido, parece que esse encontro se consumou na juventude.

> Desde cedo gostei de ler os críticos brasileiros e franceses, nos jornais, nas revistas, nos livros de meus pais. Digo isso para sublinhar a minha identificação profunda com a atividade que sempre exerci a partir dos vinte e três anos, mesmo quando profissionalmente fazia outra coisa na Universidade. Considero-me, portanto, um crítico nato, mas isso não me impede de considerar a crítica um gênero lateral e dependente.[36]

Por isso, empreendemos esta pequena incursão biográfica. Foi na época de descobertas literárias adolescentes, ainda em Poços de Caldas, que Candido passou a munir-se de uma prática que veio a se constituir em uma das contribuições fundamentais para sua trajetória de crítico e também de docente, os cadernos de anotações. Em atendimento à sugestão materna, o jovem leitor passou a acrescentar às suas seleções ou pequenas antologias – que já era prática constante desde os 12 anos – comentários pessoais acerca do que havia sido lido. Assim, ler, anotar e comentar transformou-se em uma trilogia de ações constante, em que é possível identificar a gênese do que o próprio Antonio Candido chamou de pendor crítico. Essa prática resultou na produção de uma série

[35] SAID, Edward. **El mundo, el texto y el crítico.** Buenos Aires: Debate, 2004, p. 41. (tradução minha)

[36] PINTO. Manuel da Costa. A vocação crítica de Antonio Candido. **Revista Cult**, mar. 2010.

de exemplares. E, como Candido relembrou, os apontamentos serviram de matéria-prima, inspiração e referência para uma parcela expressiva de suas múltiplas atividades. Movido por uma paixão orgânica pelos livros que compunham as bibliotecas caseiras, ele se revezava entre as tarefas escolares, as leituras e o hábito cotidiano, um exercício prazeroso sobre o qual Candido nos relata:

> [...] percebo que desde logo tive o pendor crítico, não apenas porque sempre gostei de ler os críticos, mas porque assumi instintivamente a atitude crítica. Dos doze aos quatorze anos eu fazia antologias próprias, em cadernos escolares: copiava trechos e depois compilava dados biográficos e apreciações sobre os autores. A partir dos quinze comecei a fazer as minhas próprias observações de leitura, enchendo cadernos, que já eram uns onze ou doze quando comecei a publicar, aos 23 anos. Creio que com isso é que pude dar conta da tarefa que me atribuíram em Clima: sem perceber eu estava mais ou menos preparado.[37]

Essa afinidade com o comentário pós-leitura parece ter ganhado evidência quando o jovem leitor começou a acompanhar a revista *Boletim de Ariel*, que circulou em 89 edições no período entre 1931 e 1939. A publicação, a qual ele conheceu nessa mesma época, aos 12 anos, e se declarou leitor incondicional, “tinha um artigo de fundo, tinha notícias literárias, tinha transcrição, mas o básico eram as resenhas. Portanto a leitura era “de cabo a rabo”. [Assim], sem querer, estava adquirindo o que me parece o essencial do crítico: atitude analítica, formação automática do juízo, capacidade de estabelecer correlações. ”[38]

À leitura de críticos que “povoavam as estantes de sua casa”, como Sílvio Romero, José Veríssimo e Ronald de Carvalho, juntavam-se outros críticos, colaboradores de jornais, a quem Candido acompanhava pelos rodapés: Agripino Grieco, Augusto Meyer, Tristão de Athayde, Lucia Miguel Pereira, Plínio Barreto, Álvaro Lins, Afrânio Coutinho, Sergio Milliet, Mário de Andrade. Naquele fim dos anos 30, época em que a vida universitária centralizava as atenções e ações de Antonio Candido, contribuindo assim para uma aproximação maior e mais profunda à cultura francesa, críticos como Albert Thibaudet − autor de “talvez o mais belo livro de história da literatura que eu li [referência à] *História da Literatura Francesa*”− também integravam o seu conjunto de leituras.

---

[37] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 38, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: Acesso em: 7 maio 2009.

[38] Antonio Candido em depoimento de outubro de 2009, durante aula do professor Joaquim Aguiar, no prédio das Letras da FFLCH, na USP.

Da mesma forma, a crítica de linha inglesa se agregava a tantos e tantos autores que passariam a ser parte do estofo de filiação, como chamou Said. "Nos anos quarenta entrei para valer na literatura de língua inglesa, sofrendo em crítica o impacto de autores como T. S. Eliot, Cleanth Brooks, E. O. Mathiessen e assinando várias revistas: *Kenyon*, *Sewanee, Partisan*, *Scrutiny*, *Horizon*."[39]

No entanto, à questão da formação do crítico, o comentário de Vinicius Dantas, ao afirmar que "o fato de [Antonio Candido] ter se impregnado de Eliot e *new criticism* não o faz um eliotiano ou um *new criticism*",[40] nos leva entender da originalidade desse aprendizado e dessa formação, que já se consolidou em um modelo muito particular e que reúne um conjunto de fatores, premissas assim relevadas em depoimento do próprio crítico:

> A gente só sabe como é que se formou depois que fica velho. Porque a gente sistematiza o passado. Enquanto a gente está vivendo, a gente não compreende.
> (...) Eu, a partir de certa altura, cheguei à conclusão que a minha formação de crítico não dependeu de nenhuma influência importante, nenhuma leitura fundamental. Dependeu de certas práticas, de certos hábitos adquiridos na infância. Eu acho que na base de minha atividade crítica, três coisas foram favoráveis: primeiro o espírito de antologia; o espírito de resenha e o espírito de história (da Literatura). Esse amor pelo livro tem que ajudar, porque a pessoa que não gosta de livro não gosta de literatura. Quem não gosta de literatura não faz resenha, nem lê antologia, nem lê história, essa coisa pega. (...) O que é importante, porque muita gente se forma em Letras sem gostar de literatura. De modo que essa é minha formação. Não tem nada de bonito, não tem nenhum autor importante. Não desceu nenhum espírito na minha cabeça, nada disso. São essas coisinhas de todo dia, de menino de ginásio, isso que me formou. Ligado, evidentemente, a uma coisa que é a paixão pelo livro.[41]

É no ambiente universitário, em uma atuação "pautada essencialmente pela inquietude e pela curiosidade: desestabilizando estereótipos profissionais e intelectuais, rompendo limites disciplinadores, polemizando sobre a função ideológica de valores culturais e científicos" [42], como assinalou Célia Pedrosa, que Antonio Candido incrementa

---

[39] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 38, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: Acesso em: 7 maio 2009.

[40] PINTO. Manuel da Costa. A vocação crítica de Antonio Candido. **Revista Cult**, mar. 2010.

[41] Antonio Candido em depoimento de outubro de 2009, durante aula do professor Joaquim Aguiar, no prédio das Letras da FFLCH, na USP.

[42] PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp. Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 27.

o seu pendor crítico. Sob a fervilhante troca cultural que passa a se instaurar entre os jovens “uspianos”, seus professores e a imprensa (revista *Clima*), estabelece-se uma maneira de enxergar o mundo e a Literatura, a maneira “crítica”. Como destacou Gilda de Mello e Souza, “se a nossa geração não produziu nenhum filósofo, nenhuma cabeça teórica, foi sem dúvida uma geração de críticos que inaugurou entre nós a crítica moderna”. Tanto era assim, que para a *Plataforma* Crítica, de Mario Neme, Antonio Candido era um dos “críticos, críticos e mais críticos” de sua geração.

1.1.5 A trajetória na imprensa

A primeira incursão de Antonio Candido nas publicações foi em um jornal escolar. Ele e onze coleguinhas do Ginásio Municipal de Poços de Caldas que integravam a Academia Ginasiana de Letras criaram *Ariel*. A ideia do periódico foi do amigo José Bonifácio, que, como Candido, deveria estar na idade dos 16 anos. Já a escolha do nome, segundo explica o texto maior da primeira página, uma espécie de editorial, veio em função do deus homônimo, que, “symbolizador da juventude, tem por escôpo, proporcionar meios, pelos quaes a mocidade possa se expandir colaborando conôsco”. Ali as palavras-chave reforçam a ideia de que “é a reação forte dos inconformados com o ambiente em que atuam” uma das prioridades do grupo.

O texto intitulado “Um pouco de história” foi publicado na edição inaugural do jornalzinho, em 1º de novembro de 1934, e ocupou o lado inferior direito da primeira página. O tema, o início da derrocada do Império Alemão, teve uma abordagem crítica por parte do autor, que logo no primeiro trecho soltou um “a meu ver” e o seguinte questionamento: “Por que separar-se do império dos Tzares, cuja tradicional amizade tanto valera à monarchia Prussiana?”

A respeito da curtíssima duração do grupo e do jornal, Antonio Candido fez o seguinte comentário:

> Aí se deu o choque, por causa do artigo de um amigo nosso, filho de anarco-sindicalista, ter publicado um artigo sobre Rousseau, em que dizia que a iniquidade começou com a propriedade... elogiando Rousseau. Um

> colega integralista protestou, a coisa se alastrou e nosso grupo saiu da academia e do jornal [...]. E assim acabou a tolerância.[43]

Sete anos após este episódio emblemático-juvenil, Antonio Candido passou a atuar nas páginas da revista *Clima*, que começou a circular em maio de 1941. Marco que está cronologicamente muito próximo à publicação de seu primeiro texto de teor opinativo, "Notinha sobre Mário de Andrade" na revista estudantil *O Onze de Agosto,* em seu número inaugural, datado de 1º de junho de 1941 (ano XXXVIII). A revista, vinculada à Faculdade de Direito, contava com a participação de Péricles Eugênio da Silva Ramos na Comissão de Redação, que também foi colaborador de *Clima*. Jovem poeta, autor de *Propiciação*, foi saudado no primeiro texto de Antonio Candido para a revista: "É com fé que termino esta crônica inicial saudando em Péricles Eugênio – rapaz de vinte e um anos pelo que leio na nota biográfica que acompanha o poema – um *explêndido* poeta que se revela."[44]

O texto tratou de forma analítica o poema "Louvação da tarde", de Mário de Andrade, datado de 1925 e publicado cinco anos depois em *Remate de Males*. As impressões de Antonio Candido afirmavam que a poesia era "um dos cimos de sua obra", complementando que o poeta "numa singeleza de atitude e numa singeleza de língua" mostrou que não precisava "revolucionar céus e terras para criar grande poesia".

Muitos anos depois, Antonio Candido, crítico maduro, abordou o mesmo tema, em abrangente análise no ensaio "O poeta itinerante", publicado em *O discurso e a cidade*, e pôde, por assim dizer, dar continuidade à sua "intuição crítica" de crítico iniciante. "Caso interessante de poema moderno feito de maneira aparentemente antiga, ele é um momento-chave não apenas na obra de Mário de Andrade, mas na relação entre modernidade e tradição, marcando uma etapa importante no caminho do Modernismo".[45]

---

[43] CANDIDO, A. Memória: Antonio Candido – a militância por consciência [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988.

[44] CANDIDO, Antonio. *Clima*, São Paulo (SP), n. 1, p. 117, maio 1941. [Mantivemos a grafia original].

[45] CANDIDO, Antonio. O poeta itinerante. In: ______. **O discurso e a cidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro Sobre Azul, 2004, p. 226.

1.1.6 Revista *Clima*

Em maio desse mesmo ano de 1941, Antonio Candido assinava, com o nome completo, um artigo sem título na seção *Livros*, na página 107 da revista *Clima.* Nesta publicação, criada por Lourival Gomes Machado em parceria com Candido, os outros integrantes do grupo Clima, sob a orientação temporária do dramaturgo e escritor Alfredo Mesquita, dividiam suas funções críticas em seções. Assim, Gomes Machado se encarregara das artes plásticas; Paulo Emilio sobre cinema; Décio de Almeida Prado sobre teatro; Antonio Branco Lefèvre respondia pela seção de música; Roberto Pinto Souza por economia e direito; Marcelo Damy de Souza por ciência; e Gilda de Mello e Souza, como colaboradora eventual.

No período de 1941 a 1943 em que circularam as 16 edições, não foram poucos os ajustes pelos quais passou a publicação. A tomada de um novo caminho ideológico do grupo talvez tenha sido o mais impactante deles, a ponto de Antonio Candido admitir ter havido "duas revistas": "[...] Uma revista que começou apolítica, preocupada com o trabalho puramente intelectual e foi se politizando lentamente, ficando cada vez mais radical, até uma atitude francamente empenhada."[46]

Desta maneira, o jovem professor de Sociologia dava início à sua carreira de crítico literário na imprensa. No texto de estreia, o autor deve ter provocado imediatos questionamentos dos leitores ao lançar uma afirmação taxativa na frase de abertura: "A crítica em revista de gente moça é sempre um problema". Sinais claros da proposta de sua linha de força: uma crítica nova, feita por gente nova, para leitores novos.

A insistência em se apresentar como autor de uma crítica para gente nova que estivesse despontando entre os autores brasileiros perpassa todo o artigo. E se mostra também como um dos propósitos da publicação, criada conjuntamente por um grupo de universitários que, a exemplo de Candido, vivia sob uma espécie de nova ordem cultural brasileira, com traços marcadamente paulistanos. Na condição de estudantes "uspianos", passaram a conviver e compartilhar o projeto da missão francesa da recém-criada universidade, em que o mandamento mais forte era ler, entender e questionar a cultura e as artes sob os auspícios da formação marxista e da conduta dos mestres estrangeiros.

---

[46] CANDIDO, Antonio. Clima. In: ______. **Teresina etc.** São Paulo: Paz e Terra, 1980, pp. 143-144.

Nesses trechos iniciais, que funcionam como uma espécie de prólogo, Candido ressalta a proposta central da revista: a de se fazer crítica cultural para artes plásticas, teatro, música − e a sua em particular, a de fazer crítica sobre livros – em um mau momento para o mundo, que vivia a Segunda Guerra Mundial e a ditadura do Estado Novo. Esses fatores não deveriam desviar o leitor de responder ao questionamento proposto por Candido: "Qual o valor da obra literária, e qual a atitude a se tomar em relação a ela?"[47]

No desenvolvimento do artigo que segue por oito páginas, Candido tratará de literatura brasileira, especificamente de obras em prosa e em poesia publicadas no ano de 1940. Isso não acontece sem antes um comentário incisivo sobre um fenômeno que vinha assolando o país no campo editorial, uma espécie de *boom* da tradução. "É a mania do momento e o sucesso do mercado."[48] A referência é para o número expressivo de *best-sellers* vertidos ao português, obras cujos lançamentos vinham geralmente acompanhados de produções cinematográficas, de qualidade duvidosa, realizadas a partir de tais romances.

Sobre esta questão, a publicação expressiva de obras traduzidas, principalmente do inglês, assunto para o qual Candido lançará algumas abordagens em seus textos de *Notas de Crítica Literária* (*NCL*, daqui em diante), Sérgio Miceli nos aponta dados surpreendentes para a época, em que o número das publicações de obras traduzidas ultrapassou o de obras nacionais.

> Os livros de aventuras, romances policiais, histórias de amor, biografias romanceadas, etc. — chamados de gêneros "menores" — faziam um grande sucesso entre o público leitor na década de 1940 e se tornaram um investimento rentável para os editores no Brasil. (...) A preferência por esses gêneros tem explicação no fato de que a população pertencente às classes mais baixas passou a ter maior acesso à leitura, devido a resultados de políticas empreendidas na era Vargas, entre as quais merecem menção a diminuição da jornada de trabalho para 40 horas semanais e a queda da taxa de analfabetismo. O fato de esse tipo de literatura ser proveniente majoritariamente da cultura estadunidense propiciou a entrada de diversos livros daquele país no Brasil. Simultaneamente a isso, a eclosão da Segunda Guerra Mundial impôs sérias restrições às importações vindas do continente europeu. Somando-se a esses fatores, após a crise de 1929 e as consequências que vinham surgindo da guerra, os Estados Unidos passaram a ocupar uma posição dominante no contexto do sistema capitalista global, o que foi determinante para a substituição da predominância da língua de cultura francesa para a inglesa.[49]

[47] CANDIDO, Antonio. *Clima,* São Paulo (SP), n. 1, p. 109, maio 1941.

[48] Idem, p. 109.

[49] MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 147.

Entre os romancistas escolhidos por Candido estão os jovens Oswaldo Alves (*Um homem dentro do mundo*) e Erico Verissimo (*Saga*). Para o primeiro, o crítico de *Clima* lança mão de outro comentário, este de autoria de Álvaro Lins: “num rodapé magistral do *Correio da Manhã*” para destacar “como um dado momento social influi no sentido de acentuar ou atenuar certas constantes psíquicas”.[50]

Igualmente na abordagem de *Saga*, Candido faz referência ao que Olívio Montenegro já havia comentado o problema da incontinência verbal. “Embora superior a *Olhai os Lírios do Campo*, *Saga* chega ao máximo desta posição insustentável de onde, se não a abandonar, Erico Verissimo corre o perigo de cair de uma vez no gênero “Miseráveis”.”[51]

A segunda parte do artigo é dedicada a quatro “grandes poetas” [52]: Manuel Bandeira (*Lira dos Cinquet’anos*), Adalgisa Nery (*Mulher Ausente*), Augusto Frederico Schmidt (*Revelação da Lua*), e Carlos Drummond de Andrade (*Sentimento do Mundo*). Para o quarteto, Candido reservou apenas comentários elogiosos. Esse texto vale como um prenúncio do que viriam a ser os estudos aprofundados de Candido no campo da poesia em sua trajetória acadêmica de crítico literário. Bandeira, segundo Candido, naquele momento “apresentava tendência para dar uma forma por assim dizer clássica à sua poesia.”[53]

Em vista da coletânea – “oportunidade para lançar vista sobre toda a produção de Manuel Bandeira”, e aqui Candido já nos sinaliza a importância da antologia, o crítico de pronto se arrisca firmemente, como o fará em seguida nos artigos de *Notas de Crítica Literária*, à deferência: “Há no livro poemas que ficarão entre os melhores da nossa língua: *Maçã*, *Água Forte*, os sonetos ingleses, *Canção de Muitas Marias* e *Mozart no céu”*. Este último poema aparece transcrito na íntegra, para a alegria dos leitores.

Adalgisa Nery, poetisa “doente de essência”, ganhou comentários sobre sua intensidade em versos e ritmo. “A necessidade de sair de si, de se perder na essência de tudo para se achar de novo.”[54] Ao destacar a capacidade feminina a um tipo de identificação, neste caso, “fazendo o seu tempo interior seguir a cadência do tempo

---

[50] CANDIDO, Antonio. *Clima*, São Paulo (SP), n. 1, p. 112, maio 1941.

[51] Ibidem, p. 110.

[52] Ibidem, p. 112.

[53] Ibidem, p. 113.

[54] Ibidem, p. 114.

cósmico para a identificação com as coisas", Candido expõe a inaptidão de Nery para a prosa, fato confirmado na crítica que Gilda Moraes fará do livro de contos *Og*, de Nery, no número 12 da revista, edição de abril de 1943.

A questão da tradição, outro dos pontos que viriam alicerçar os estudos literários dos ensaios futuros de Candido, ganha destaque ao falar de Augusto Frederico Schmidt, poeta ali apontado como "certamente o maior lírico brasileiro vivo", que se apresenta dentro da atualidade, no sentido de seu verso se constituir "de uma largueza que tem o poder miraculoso de levar o poema a uma categoria de eternidade."[55]

Já para *Sentimento do Mundo*, Candido registra sua reverência "por esta grande obra e pelo seu autor". Há, no entanto, uma ausência de comentários, fator justificado, por Candido, em razão da impossibilidade de o crítico ter o livro em mãos. Ao estilo rés ao chão candidiano, ele lamenta a tiragem limitada da obra, o que o levou à rápida passada de olhos em um exemplar emprestado.

Muitos anos depois, Candido retomou o tema de *Sentimento do Mundo* em *Recortes*, por meio do texto "Drummond Prosador", e trouxe mais luz à situação:

> Eu era aluno do segundo ano da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde apareceu certo dia um colega arvorando a preciosidade (o livro de Drummond). O exemplar pertencia a Rubem Braga, com dedicatória e tudo, mas andava rodando de mão em mão e, por confiança do colega, parou nas minhas uns dois ou três dias.[56]

A partir daí, o texto segue por mais duas páginas discorrendo sobre a questão da necessidade de uma crítica "que pretende sentir as suas ligações profundas com o tempo, com o grupo social em função do qual trabalha e cria."[57] O que evidencia a proposta de Antonio Candido em não seguir os caminhos da crítica impressionista, em voga na época, e, sim, partir para uma crítica que põe em relevo as conexões da obra literária com a sociedade e a história.

Segundo Décio de Almeida Prado, este artigo não continha declarações de princípios, a não ser em relação à crítica. "Ele fez uma declaração copiada do mosqueteiro D'Artagnan, um de seus heróis de infância: *Dizer a verdade é uma coisa muito boa, tanto*

---

[55] CANDIDO, Antonio. *Clima*, São Paulo (SP), n. 1, p. 116, maio 1941.

[56] CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 24.

[57] CANDIDO, Antonio. *Clima*, São Paulo (SP), n. 1, p. 108, maio 1941.

por causa do prazer que nos dá ao desafogar o coração, como por causa da raridade do fato.”[58]

A este texto inicial seguiram-se outras críticas, notas e crônicas até o fechamento da revista em novembro de 1944. No período de 1941 a 1943 em que circularam as 16 edições, Antonio Candido publicou em *Clima* textos de estilo mais próximos ao ensaio. Um deles, o “Manifesto grouchista”,[59] é marcado por tons de irreverência, ironia e bom humor, elementos ausentes no “clima” da revista até então, e motivo de reclamação por parte de Mário de Andrade. Tal reclamação ficou registrada em carta de Mário a Paulo Duarte (26 jun. 1941), quando assinalara que por serem os rapazes de *Clima* “até representantes de uma certa falta de agilidade e graça, própria de São Paulo.”[60] Da mesma forma, o padrinho Mário de Andrade, já havia sinalizado que tal teor de seriedade ou sisudez, como nos explica Ana Bernsterin em *Crítica Cúmplice*, referia-se “ao fato de que os membros de *Clima* privilegiavam, como dissera Mário, mais o ato de pesquisar do que o de concluir, mais a análise do que a síntese”. [61]

Mais que bom humor, o discurso manifesto trouxe à tona a questão da contemporaneidade, de que maneira essa gente nova, com olhar novo e uma boa pitada de irreverência, como era o crítico estreante, “encara determinados modelos dogmáticos de análise – como o marxismo em sua versão stanilista. E, reciprocamente, confirma também a seriedade por ele atribuída às formas irreverentemente inovadoras da crítica no pensamento institucionalizado”. Nas palavras de Célia Pedrosa, Candido viu na irreverência e na criatividade de Groucho Marx, compreendidas como ideologia revolucionária, uma forma de relativizar.[62] Reproduzimos um trecho de “Grouchismo”, o manifesto brincalhão:

> O nosso tempo está cheio de credos novos. Entre os seus inumeráveis, pregadores, entretanto poucos têm a profundidade e a inspiração de Groucho Marx. (...) É que ele compreendeu, melhor do que ninguém, que a crítica ao preconceito, assim como o estabelecimento de uma nova base para a conduta, não podem estar presos à justificação doutrinária —retórica, maçante e ineficiente.[63]

---

[58] LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário. Que falta ele faz! Do artístico ao jornalístico:** vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 25.
[59] CANDIDO, Antonio. Manifesto grouchista. *Clima*, São Paulo (SP), n. 3, abr. 1941.
[60] DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Edart, 1971, p. 198; p. 200.
[61] BERNSTEIN, Ana. **A crítica cúmplice.** Decio de Almeida Prado e a formação do teatro brasileiro. São Paulo: IMS, 2006, p.71.
[62] PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p.57.
[63] CANDIDO, Antonio. Manifesto grouchista. *Clima*, São Paulo (SP), n. 3, abr. 1941, p.

Em outro artigo, texto também aparentado ao gênero ensaio, cujo título é "Verbetes para um vocabulário político" [64], Candido aborda a situação da Rússia, "com palpites sobre Maiakovski"[65], "a pedido dos redatores de *Clima*". Este, igualmente, tem o tema central um pouco à margem das questões da crítica literária e mais próximo das questões ideológicas, como podemos conferir neste trecho:

> Assim, limito-me a uma crônica em que me utilizo das notícias e comentários estampados em periódicos americanos como "Times", "Life" (...) Por um artifício de exposição, centralizei os comentários em torno de alguns vocábulos da língua russa. Os azares da guerra emprestaram um significado novo e muito esclarecedor a certas palavras comuns do idioma. Examinêmo-las.[66]

"Verbetes" traz um elemento de curiosidade, o pseudônimo Fabrício Antunes, um dos que Antonio Candido lançara mão e que aparecerá citado como personagem em um dos rodapés literários da *Folha da Manhã*. A Antunes juntaram-se posteriormente outros fictícios usados por Candido, como Inácio Borges de Melo e Joaquim Carneiro.

Marcadamente uma revista cultural e multidisciplinar, *Clima* expressava muito daquilo que seu corpo editorial e seus criadores eram: jovens, intelectuais formados sob o questionar-se baixo às linhas mestras da Filosofia, da Sociologia, diante de um olhar crítico. Providos de um estofo cultural que somava a convivência universitária dos mestres estrangeiros – sobretudo os franceses –, os rapazes do grupo de Clima tinham em sua formação familiar muito a acrescentar nessa forma crítica de ser. Filhos de famílias de classe média, todos traziam da infância e adolescência contribuições culturais fundamentais para o despertar do pendor crítico. Cargas de leituras, vivências culturais de museus, exposições e viagens nacionais e internacionais povoavam o universo desses moços que, como ressaltou Candido, tinham no comportamento a marca do respeito ao passado cultural, referenciando-se aos modernistas. Moços que contavam com o apadrinhamento de Mário de Andrade e também do professor Jean Gagé. Motivos que levaram a professora Leda Tenório da Motta,[67] a creditá-los como críticos explicitamente

---

[64] CANDIDO, Antonio. Verbetes para um vocabulário político. *Clima*, São Paulo (SP), n. 15, out. 1944.

[65] CANDIDO, Antonio. **Teresina etc.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980, p.154.

[66] CANDIDO, Antonio. Verbetes para um vocabulário político. *Clima*, São Paulo (SP), n. 15, out. 1944. pp. 70-71

[67] MOTTA, Leda Tenório da. Clima e Noigandres. A crítica literária entre dois fogos. **Colóquio Letras**, n. 147/148, jan. 1998.

scholars, com laços muito estreitos à linha francesa de se seguir nas Letras, e, ao mesmo tempo, restritos aos autores nacionais, que em boa parte eram seus colaboradores, Octávio de Faria, Werneck de Castro, entre outros.

À sua maneira, a revista *Clima* deu visibilidade aos jovens críticos, viabilizando o início de suas carreiras como críticos profissionais, uma vez que, a partir da publicação, "quase todo mundo recebeu propostas para escrever em outros órgãos da impressa", como afirmou Ruy Coelho em *Destinos mistos*.

> Por meio desse experimento cultural, [os rapazes de Clima] conseguiram mais dois feitos: fixaram os contornos da plataforma intelectual e a política da geração e, em particular, do grupo de que faziam parte; lançaram as bases para a construção de uma dicção autoral própria.[68]

1.1.7 *Folha da Manhã*

Um pouco antes de completar dois anos na função de crítico na revista *Clima* e vivenciar a experiência iniciante e iniciadora de crítico de Literatura, Antonio Candido recebeu um convite duplamente desafiador: assumir uma nova seção da *Folha da Manhã*, um rodapé literário, em um dos maiores jornais do país. "O meu nome foi aceito e eu, verde principiante, assumi o compromisso de fornecer semanalmente um artigo de cinco a seis laudas tamanho ofício a dois espaços sobre os livros da hora."[69]

Ao aceitar, passava a crítico titular do jornal, incumbência que lhe valeu, além da responsabilidade de representar junto ao público a opinião do jornal sobre autores, obras e a crítica, a possibilidade de outra prática de escrita, distinta daquela que ocupava páginas e páginas de sua produção junto à universidade. Essa forma diferenciada de redação, atendendo às necessidades do veículo de comunicação jornal e alcançando, portanto, um público maior, nas palavras de Leyla Perrone-Moisés, implicara em uma atitude democrática e sedutora. Atitude para a qual convergiam dois fatores predominantemente

---

[68] PONTES, Heloísa. **Destinos mistos.** Os críticos do Grupo *Clima* em São Paulo 1940-1968. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 112.

[69] Antonio Candido, em discurso durante a entrega do Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE). O evento foi realizado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 20 de agosto de 2008. Publicado com o título de "Preservo convicções socialistas". Disponível em http://terramagazine.terra.com.br/interna.

presentes em Candido naquele momento: a escrita sem os jargões acadêmicos e a militância.

A preocupação com uma redação marcada pela clareza das ideias já existia no professor de Sociologia e se manteve naquele momento de chegada à página de um jornal de grande circulação, como endossou o próprio Antonio Candido.

> Acho que o jornal me ajudou sob este aspecto. Por causa talvez da minha formação em grande parte francesa, sempre quis ser claro e acessível, segundo a tradição dos franceses que se perdeu nos nossos dias. [...] Quando alguém tem grande profundidade ou coisas muito originais para dizer, isto fica mais difícil, e então é que a clareza se torna mérito, não no meu caso. [...] Nós, que não somos Kant, devemos pensar no leitor e ter a inteligibilidade como alvo.[70]

Assim, em sete de janeiro de 1943, quando publicou, sob o título de "Ouverture", o primeiro de uma série de 96 textos de *Notas de Crítica Literária*, Antonio Candido iniciava sua consolidada trajetória de crítico profissional. O convite para integrar a equipe de colaboradores "críticos" veio para atender à nova mentalidade do jornal. Passagem que ele relembrou quando do recebimento do troféu Juca Pato, por ter sido eleito intelectual do ano de 2007:

> Para mim tudo começou quando, em 1942, o proprietário, Otaviano Alves de Lima, resolveu modernizar o jornal. Foi então contratado como superintendente Jorge Martins Rodrigues, que orientou a reforma. O secretário de Redação era Hermínio Sacchetta e ambos foram os iniciadores da nova fase. Jorge era amigo de Lourival Gomes Machado e o chamou para a crítica de arte; e como resolveram estabelecer a figura do "crítico titular", que devia semanalmente comentar os livros novos em artigo situado no rodapé, Lourival me indicou, pois fazíamos parte do grupo de jovens reunidos em torno da revista "Clima", fundada em 1941. Sacchetta, que eu não conhecia, me entrevistou longamente e deu sinal verde. Assim, me tornei aos 24 anos crítico de um jornal importante e me lancei na vida intelectual em larga escala. [71]

A contratação de críticos novatos, especialmente jovens vindos da Universidade de São Paulo, constituiu-se em uma das prioridades da nova direção do jornal *Folha da*

---

[70] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 40, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: maio 2010.

[71] CANDIDO, Antonio. Carta publicada na edição do suplemento "Mais" do jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 17/2/2002. In: "O jornalismo paulistano dos anos 40, segundo Antonio Candido". Disponível em : http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar15.htm#7. Acessado em 3 jun. 2011.

Manhã, que concentrara esforços para constituir uma equipe de colaboradores mantenedora dos novos caminhos editoriais da publicação. Um desses caminhos era proporcionar mais informação e mais cultura a um público com um perfil ainda incerto, que, mediante os impactos da Guerra, contava com uma necessidade real: certa avidez em informar-se melhor.

A iniciativa da *Folha da Manhã* em trazer para o leitor mudanças de conteúdo atendia em parte às mudanças culturais pelas quais o país passava. O que vinha traduzido em uma nova maneira de comportamento de uma elite burguesa que buscava seguir as modificações e inovações culturais do país, disposta a se manter informada inclusive sobre artes e literatura. As alterações nesse comportamento cultural ganhavam marcas especialmente em São Paulo, como nos assinala Gadini:

> Nos idos de 40, a pauliceia já contava com uma vida cultural agitada na qual atuaram diferentes correntes de artistas e literatos ávidos pelo reconhecimento de suas ideias e pela divulgação de seus trabalhos. Entre as áreas culturais que se expandiram nesta época, o campo literário teve um grande realce no processo de desenvolvimento da cultura contemporânea da cidade. O crescimento da imprensa, a crítica literária, o nascimento de um novo tipo de intelectual, a criação de novos estilos literários formou um círculo que passou a tecer novas redes de relações no cenário paulista.[72]

A inclusão de tais espaços destinados à literatura na imprensa já vinha se efetivando desde a década de 30 e perdurou até os anos 50, com destaque na imprensa paulistana. Tal presença, segundo Antonio Candido, imprimiu relevância a este espaço fixo nos jornais: “O rodapé chegou a ter no Brasil grande importância na orientação do gosto e no movimento da vida literária.”[73]

Dentro desse propósito, o jornal havia de contratar, em curto espaço de tempo, Guilherme de Almeida para assinar uma crônica diária, que por sua vez sugeriu o nome de Mário de Andrade para outra inovação do periódico, um rodapé de crítica de rádio, o hebdomadário “Mundo Musical”, publicado às quintas-feiras. Talvez uma das seções mais importantes na imprensa brasileira, que, segundo Candido, foi “coisa inédita no Brasil”.[74]

---

[72] GADINI, Sérgio Luiz. Tematização da cultura no jornalismo brasileiro: notas sobre a emergência das bases sociais do jornalismo cultural entre 1808 e os anos 1950. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2, 2004, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: FENAJ-UFSC, 2004.

[73] CANDIDO, Antonio. “A literatura brasileira em 1972”. **Arte em revista**, São Paulo (SP), n. 1, jan./mar., 1979.

[74] CANDIDO, Antonio. “A aprendizagem do crítico”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo (SP), 17 fev. 2002. Caderno Mais! [carta endereçada a Octavio Frias de Oliveira].

A intenção da *Folha da Manhã* nesse sentido de reunir intelectuais em seu corpo de colaboradores conseguiu manter-se, tanto assim que fizeram parte de seu quadro de articulistas e colunistas, por algumas décadas depois, Oswald de Andrade, responsável pela coluna "3 Linhas e 4 Verdades", de 1949 a 1950; Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Emiliano Di Cavalcanti, Florestan Fernandes, Manuel Bandeira, Otto Maria Carpeaux, entre outros. Prática que veio se estendendo até nossos dias, em que escritores-jornalistas como Carlos Heitor Cony e Ruy Castro continuam na ativa entre os colaboradores do periódico paulistano.

No entanto, há que se destacar que esta não foi uma iniciativa isolada da *Folha da Manhã*. Nessa época, outros jornais contavam com a colaboração de intelectuais dedicando-se à crítica, em particular, a literária. Gilberto Freyre e Sérgio Milliet assinavam colunas em *O Estado de S. Paulo.* Tristão de Athayde, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Wilson Martins, Nelson Werneck Sodré, Olívio Montenegro, Agripino Grieco eram críticos contemporâneos de Candido e se espalhavam em outros jornais. Dentre eles, Álvaro Lins, que recebeu de Carlos Drummond o título de “imperador da crítica brasileira”, projetara-se de forma mais significativa na imprensa, sendo considerado o principal crítico literário da década de 40, a quem Candido irá citar em muitos de seus rodapés críticos como figura referencial.

A presença desses intelectuais na imprensa brasileira denotava o prestígio que o jornal conseguira, mantendo com o público letrado um diálogo frutífero, como destacou Silviano Santiago. Além disso, o jornal era a porta de entrada para a popularidade do escritor. Ou seja, se o escritor almejasse fazer-se conhecido, eram obrigatórias a passagem e a presença dele pelas páginas do jornal. O que acabou por provocar uma movimentação relevante no que diz respeito à crítica de rodapé, mais especificamente sobre o perfil do crítico de “pé de página”, que semanalmente respondia por um texto sobre literatura, como nos relata Flora Süssekind:

> Os anos 1940 e 1950 estão marcados no Brasil pelo triunfo da “crítica de rodapé”. O que significa dizer: por uma crítica ligada fundamentalmente à *não-especialização* da maior parte dos que se dedicam a ela, na sua totalidade “bacharéis”; ao meio em que é exercida, isto é, o jornal – o que lhe traz, quando nada, três características formais bem nítidas: a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloquência, já que se tratava de convencer rápidos leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências (entretenimento, redundância e leitura fácil) e ao ritmo industrial da imprensa; a uma *publicidade*,

> uma difusão bastante grande (...); e por fim, a um diálogo estreito com *o mercado*, com o movimento editorial seu contemporâneo.[75]

Tal cenário se constituía em disputa acirrada, num contexto igualmente difícil, com uma guerra fora e uma ditadura dentro. Neste complexo cenário da Segunda Guerra Mundial e das implicações dos anos ditatoriais do Estado Novo, viviam os nossos críticos literários brasileiros também em estado de pugna. De um lado, os críticos à moda antiga, nas palavras de Süssekind, “que se creem a consciência de todos, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da *review* como exibição de estilo, aventura de personalidade, do leitor-que-sabe-tudo”. Do outro, uma geração de críticos formados pelas faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas, respectivamente, em 1938 e em 1934, e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica.[76]

Entre os críticos moldados na formação universitária estava Candido e os colegas de *Clima*, que em seus primórdios de atuação, ou seja nas edições primeiras das 16 da revista, recebiam comentários críticos negativos. Um desses comentadores era Mário de Andrade padrinho da revista, que demonstrara um certo grau de temor no sentido que os jovens de *Clima* viessem a se tornar críticos mais aos moldes dos acadêmicos universitários.

Por outra parte, a empresa Folha, que reunia outros dois periódicos do grupo, *Folha da Noite* e *Folha da Tarde*, durante a administração de Alves Lima, já havia emitido sinais de que o jornal se voltava “ao estímulo da formação de uma corrente de opinião liberal e distanciada do republicanismo de 1891 a 1930 e do estado-novíssimo”.[77] Posicionamento que acompanhava as mudanças socioeconômicas pelas quais passava o Brasil, com o incentivo à industrialização e à urbanização, fatores que contribuíram essencialmente para o desenvolvimento da mídia dessa década de 40 em diante.

O jornal, ao acompanhar os bons ventos da industrialização, introduzira inovações na área editorial, e em seu parque gráfico, isso sem falar nos equipamentos avançados para época de comunicação, e no aumento do número de colaboradores e colunistas. Fatores que o caracterizavam como um periódico pertencente à chamada grande imprensa,

---

[75] SÜSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 17.

[76] Ibidem, p.17.

[77] MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. **História da *Folha de S. Paulo* 1921-1981**. São Paulo: Impres, 1981, p. 63.

classificação na qual se enquadravam, a exemplo de a *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo,* o *Diário de S. Paulo*, o *Correio da Manhã* (RJ), *o Jornal do Brasil* (RJ) e *O Globo* (RJ). Mesmo assim, a *Folha da Manhã,* que se encontrava entre os cinco maiores jornais do Brasil, ainda não conseguira ultrapassar a tiragem dos 200 mil exemplares, registro só conseguido em 1945. Embora o periódico abrigasse em suas páginas textos de vários intelectuais brasileiros, a exemplo do jovem crítico titular Antonio Candido, e tivesse a redação instalada no centro de São Paulo, o “maior centro industrial da América Latina”, que contava na época com quatro mil fábricas, 1.400.000 habitantes, 12 bibliotecas, 10 estações de rádio, 70 salas de cinemas e teatros, 102 pontos de vendas de livros. Números que se distanciavam muito de metrópoles europeias ou latino-americanas como Montevidéu e Buenos Aires e que mostrava um país onde o analfabetismo seguia no espantoso índice de 57% da população.

Afora esse sopro industrial de crescimento econômico, que assegurava a circulação da informação na imprensa, estava outro aspecto, o da retirada da literatura de seu isolamento em espaços ditos ideiais ou apropriados para discussão ou reflexão “a que era relegada por uma reflexão ou puramente esteticista ou psiocolizante”, segundo nos aponta Célia Pedrosa. [78]

1.1.8 Convivências múltiplas

Longe de ser um jovem abonado, Antonio Candido tinha então necessidades iminentes a atender naquele momento. Prestes a se casar com Gilda Moraes Rocha, enfrentava uma mudança de ordem financeira com a morte recente do pai, em 1942.[79] O salário como assistente na cadeira de Ciências Sociais demandava colaborações extras que eram muito bem-vindas. Para o seu artigo semanal, de cinco a seis laudas tamanho ofício, com 30 linhas de 70 toques, a remuneração era de 100 mil réis por artigo; depois, 150 mil réis até 1941, pois, a partir de 1942, o Brasil passa a lançar a nova moeda. O que significava o pagamento de 150 cruzeiros para cada texto. Essa produção contava, no entanto, com um toque pessoal, uma vez que a datilografia tinha a ajuda de Gilda. “Boa

---

[78] PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, pp. 26-27.

[79] Clarisse Tolentino Mello e Sousa, mãe de Antonio Candido, faleceu em 1960, aos 67 anos.

remuneração para um novato", admitiu Antonio Candido ao comparar que os autores mais famosos e consagrados, como Mário de Andrade, recebiam 400 mil réis por texto.

Manter-se na imprensa como crítico literário demandava, entre outros quesitos, a estabilidade de uma rede de informações sempre fomentada, atualizada. Telefonemas, encontros, cartas, eventos, noticiário eram itens que não poderiam se ausentar da agenda. Agenda que àquela altura – entre 1943 e 1945 – exigia muito do fôlego intelectual e da disposição física do jovem Candido, que já vinha estudando ou rascunhando a tese sobre Sílvio Romero, entre outros afazeres literários. Para os quais ele mesmo, em palestra na Faculdade de Letras, nos relatou em outubro de 2009.

> Eu ensinava Português em ginásio, e era assistente na faculdade em tempo parcial, de Sociologia. [Mas o que] eu queria saber [era] de literatura. [Então] durante dois anos [escrevi um artigo por semana]. São 96 artigos. Agora, eu não vivia só para isso. [Para] sustentar minha família, dava aula na faculdade. [E ainda] militava politicamente, [porque] eu também estava lutando contra a ditadura do Estado Novo [e] fazia jornalzinho clandestino. Só a mocidade. Quando eu penso hoje no que eu fiz nesses anos eu não acredito, sinceramente, não acredito. [80]

A convivência de Antonio Candido com o mundo das letras e dos letrados vinha bem solidificada. Artistas, escritores, intelectuais que compunham os *staffs* de amizade de *Clima* e da Faculdade da Universidade de São Paulo colaboravam positivamente para a manutenção dessa rede de relacionamentos entre autores do Brasil e do exterior. As leituras de publicações estrangeiras, as revistas especializadas em crítica literária e as de noticiário em geral igualmente preenchiam a rotina de um crítico de rodapé. "Lia *Kenyon, Sewanee, Partisan, Scrutiny, Honzon*."[81]

O engajamento cultural de Candido em vivenciar a movimentação da intelectualidade em São Paulo dava espaço para a convivência, por exemplo, nas livrarias. Vale ressaltar que nos anos 40 houve um sensível aumento no hábito de leitura do brasileiro, e, como consequência, fervilhavam editoras e livrarias, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1942, surgiu a Jaraguá em São Paulo; um ano depois, a Brasiliense, também no centro da cidade. Ambas as livrarias, como era usual, se

---

[80] Antonio Candido em depoimento de outubro de 2009, durante aula do professor Joaquim Aguiar, no prédio da Letras da FFLCH, na USP.

[81] CANDIDO, Antonio. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, p. 40, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: 7 maio 2009.

consagraram como pontos de vendas das editoras e também como ponto de encontro de um grupo de maioria intelectual. Foi o que ocorreu com a Jaraguá, fundada em março de 1942 pela família Mesquita. Incrustada no centro da cidade, transformou-se em importante ponto de encontro não somente dos homens de letras, mas de todos ligados às manifestações artísticas da música, das artes plásticas, do cinema e do teatro, espaço onde convivia a fina flor da intelectualidade: paulistana, brasileira e estrangeira. Dos "plásticos", como os chamaria Alfredo Mesquita − Volpi, Zanini, Pancetti, Aldemir Martins, Di Cavalcanti −, passando pelos "mestres", como Mário de Andrade, Sérgio Milliet, chegando aos "jovens", Hilda Hilst, Lygia Fagundes e os visitantes como o escritor Albert Camus, a lista era extensa. E segundo relato de Mesquita, "não havia tarde em que não se reunisse na Jaraguá a chamada turma de *Clima*."[82]

Fora do espaço público, a convivência com a "intelectualidade literária" também se pronunciava. Em uma das passagens que registra essa proximidade intelectual − que no caso de Candido se estendeu ao âmbito das amizades − o crítico relembra um dos primórdios do poeta Vinicius de Moraes, que justamente nessa época atuava, havia dois anos, como crítico de cinema no *Suplemento Literário de A Manhã* e era também eventual colaborador da revista *Clima*:

> Este texto faz parte do livro *Poemas, sonetos e baladas*, publicado em São Paulo pela Editora Gaveta, do pintor Clovis Graciano, em tiragem limitada, no ano de 1946, mas estava pronto fazia tempo. Em 1943 Vinicius de Moraes veio a São Paulo entregá-lo ao editor e nessa ocasião fez dele uma leitura completa na casa de Lauro Escorel, na rua Manuel da Nóbrega [na cidade de São Paulo], presentes apenas os donos da casa e eu. Lembro o impacto causado em nós três por este e outros poemas do livro, que marcou o amadurecimento do poeta. a "Balada do Mangue", um dos poemas mais belos da literatura brasileira, feito num tipo de discurso que vale como reinterpretação atual de velhos poemas expositivos.[83]

Ainda diante da atuação como um intelectual de seu tempo, nas palavras de Edward Said, o crítico acumulava suas atenções para outra frente, a da militância política.

O fato de Antonio Candido manter nessa época um vínculo intrínseco com o âmbito político permitia que o crítico projetasse na sociedade sua posição política sem

---

[82] LAFER, Celso (Org.). No tempo da Jaraguá. In: ______. **Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 46.

[83] CANDIDO, Antonio. Um poema de Vinicius de Moraes, 31/12/2001. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 49, out./dez. 2001. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br>. Acesso em jan. 2010.

abandonar o âmbito da cultura. Esta relação entre a atividade intelectual e a prática é apresentada por Said ao reforçar a ideia de que da política nenhum cidadão pode desvincular-se.

> La política es omnipresente; no hay huida posible a los reinos del arte y del pensamiento puros o, si se nos permite decirlo, al reino de la objetividad desinteresada o de la teoría trascendental. Los intelectuales son de su tiempo, caminan vigilados por la política de masas de representaciones encarnadas por la industria de la información o los medios, y únicamente están en condiciones de ofrecer resistencia a dichas representaciones poniendo en tela de juicio las imágenes, los discursos oficiales y las justificaciones del poder vehiculadas por unos medios cada vez más poderosos.[84]

Mais uma vez ligado à imprensa, nesse ano de 1943, Candido colabora com a publicação *Resistência* − "um jornal clandestino que tirou quatro números" −, ligado à Frente de Resistência e ao Grupo Radical de Ação Popular (GRAP)[85], dois grupos de orientação política criados entre os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Sobre a participação nessa empreitada, Candido contou em entrevista aos jornalistas Eder Sader e Eugenio Bucci, que ele e a namorada (Gilda) se encarregavam de datilografar os textos, de luva, porque o Hermínio Sacchetta [secretário da *Folha da Manhã*, também militante] havia aconselhado, pois dessa forma evitariam pistas como impressões digitais... "De noite íamos distribuir [o jornal], pondo embaixo das portas".[86]

A militância política ainda acompanhava Candido, em meados de 1945, quando passou a participar da União Democrática Socialista (UDS) e, juntamente com Eric Czaskes, ajudou a redigir outra publicação clandestina chamada *Política Operária*, cujo foco era "*agitar"* o Sindicato dos Gráficos. "Os companheiros eram todos operários, salvo eu e um assistente de estatística da faculdade, Eduardo Alcântara. (...) Foi a única vez que

---

[84] SAID, Edward. **El mundo, el texto y el crítico.** Buenos Aires: Debate, 2004, p. 38.

[85] No fim de 1942, Candido e alguns amigos que, assim como ele, eram alunos da Faculdade de Direito, Antônio Costa Correia e Germinal Feijó, se juntaram ao jornalista Paulo Zingg, o litógrafo Eric Czaskes e a Paulo Emilio Salles Gomes. "O grupinho, que nós denominamos de brincadeira Grupo Radical de Ação Popular (GRAP). Na verdade, eram seis rapazes que se encontravam aos domingos no meu escritório, em casa de um tio onde eu morava. Conversávamos sobre política do momento, comentávamos leituras, discutíamos ideias socialistas, preparávamos documentos de oposição ao Estado Novo". CANDIDO, A. Memória: Antônio Cândido – a militância por consciência [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988. Disponível em:< http://www2.fpa.org.br>. Acesso em 09 de jan. 2010.

[86]CANDIDO, A. Memória: Antônio Cândido – a militância por consciência [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988. Disponível em:< http://www2.fpa.org.br>. Acesso em 09 de jan. 2010.

trabalhei em ação direta com um grupo exclusivamente operário", relatou Antonio Candido nessa mesma entrevista.

Foi em outra publicação, *Folha Socialista*, que Antonio Candido permaneceu envolvido com a militância política. De 1947 até 1952, ao assumir junto a um grupo a direção do Partido Socialista Brasileiro, passou a colaborar com a redação e edição do periódico, que funcionava como um centro de debates. A partir de 1950, o jornal passou a mesclar temas voltados para o debate político com o dia a dia do noticiário.

Como apontou Vinicius Dantas na análise de tais textos, o crítico, ao assumir uma faceta de analista improvisado, imprime aos textos novos ares, o que resultou em um estilo de "doutrinação racionada", tirando de cena alguns vincos sectários e promovendo a reflexão. [87]

1.1.9 Depois da *Folha da Manhã*

Antonio Candido deixa o jornal *Folha da Manhã* no dia 14 de janeiro de 1945 ao publicar o rodapé intitulado "T. S. Eliot IV".[88] Questões de ordem ideológica levam-no a tal decisão em solidariedade a um grupo de jornalistas que se decidiu pela demissão em protesto à venda da empresa "a porteiras fechadas", ou seja, com os jornalistas como parte do mobiliário, segundo detalhou José Hamilton Ribeiro[89]. A esta passagem, Candido fez menção em carta enviada ao jornal por ocasião dos 80 anos: "A revolta foi grande e muita gente se demitiu, inclusive Sacchetta, Guilherme de Almeida, Lourival e eu. (Mário de Andrade morreu dali a menos de um mês).(...) Por isso, não cheguei a publicar o último artigo [o quinto] de uma série sobre T.S. Eliot".

Como o ambiente político desse período no país não inspirava nenhuma tranquilidade, muito ao contrário, a saída de Candido e de 52 outros jornalistas da *Folha da Manhã* recebia ecos de outros tantos intelectuais, em particular escritores, que, fartos com a situação da censura aos meios de comunicação, mais a falta de perspectiva com a

---

[87] DANTAS, Vinicius. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 331.

[88] A série completa sobre Eliot, incluindo o quinto texto, inédito, foi publicada na edição de número 9, de novembro 2000, na revista *Inimigo Rumor* (7 Letras).

[89] RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937 a 1997**: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998, p. 58.

condição profissional, aguardavam a realização do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, que aconteceria dali a uma semana, para se expressarem publicamente.[90]

Assim, em 22 de janeiro de 1945, teve início este feito de importância político-cultural na trajetória militante de Antonio Candido, que ocupava naquele momento o cargo de primeiro-secretário da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), a instituição responsável pela realização do Congresso realizado no Teatro Municipal de São Paulo. No total, 282 pessoas participaram do encontro que durou cinco dias. Dentre dezenas de escritores vindos de todo o Brasil, estavam Sérgio Milliet, então presidente da seção paulista da ABDE, Murilo Rubião, Mário de Andrade, Jorge Amado, Aníbal Machado. A exemplo do colega Florestan Fernandes recém-admitido como colaborador da *Folha da Manhã* na função de repórter, Antonio Candido também participou do Congresso, para o qual, muito tempo depois, fez o seguinte comentário. "O Congresso foi um verdadeiro acontecimento, reunindo intelectuais de várias tendências, animados pelo espírito de oposição à ditadura do Estado Novo. No fim, reivindicou a volta das liberdades democráticas num manifesto que não pôde ser divulgado nos jornais e correu em volantes."[91]

Somadas as circunstâncias e as discordâncias, Candido deixou a *Folha* e, após um intervalo de nove meses, retomou a função de crítico titular, desta vez no *Diário de S. Paulo*, com um rodapé homônimo ao da *Folha da Manhã.* De setembro de 1945 a fevereiro de 1947, o crítico seguia semanalmente, agora às quintas-feiras, na tarefa de comentar obras literárias e culturais, assuntos literários e as relações entre a literatura e a sociedade. No total foram 63 artigos publicados nesse período.

O jornal que pertencia à empresa Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, foi fundado em janeiro de 1929 e já contava com uma tradição em rodapés. A fartura dessas seções fixas teve idas e vindas a partir de 1939, quando Tristão de Athayde assinava aos domingos o rodapé crítico *Vidas Literárias*. Também nesse mesmo ano Mário de Andrade se encarregava de outro rodapé às quartas-feiras. Quando Antonio Candido veio para o jornal, além de *Notas de Crítica Literária*, somente dois rodapés se

[90] Para um detalhamento do Congresso, um estudo muito abrangente sobre o evento, ver dissertação de Mestrado de: LIMA, Felipe Victor. **O primeiro Congresso de Escritores**: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

[91] CANDIDO, Antonio. A aprendizagem do crítico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo (SP), 17 fev. 2002. Caderno Mais! [carta endereçada a Octavio Frias de Oliveira].

mantiveram, um das quartas-feiras, a cargo de diversos autores, e outro aos domingos, assinado por Agripino Grieco.

Como já citamos anteriormente, o início de Candido neste periódico, da mesma forma que aconteceu na *Folha*, trouxe em texto de estreia uma espécie de carta de intenções. No texto inaugural “Começando”, em que apresenta ao leitor seu programa de atuação, o fato novidadeiro, no entanto, era sua condição de substituto de Plínio Barreto. Barreto tinha até então sob sua responsabilidade dois rodapés, *Bilhetes Avulsos*, às quintas-feiras, dia em que Candido passara a assumir o espaço com a coluna *Notas de Crítica Literária*, e outro, aos sábados, *Vida Forense*. As palavras iniciais da coluna foram dirigidas para o autor de *Páginas Avulsas*, título do livro que Candido assinaria o prefácio em 1958:

> Plínio Barreto, mais que Tristão de Athayde, é o crítico pertinaz por excelência. Não me consta que tenha sido atraído por qualquer outro setor da literatura. Em crítica vem exercendo há mais de trinta anos uma ação persistente e fecunda. (...) Leitor infatigável (sobre cuja capacidade de trabalho circulam lendas), está sempre *ao par*, porque há muito que alcançou aquela maturidade serena ante a qual, em literatura, não se coloca o problema da moda e o culto da novidade. E ao lado destas qualidades literárias, uma perfeita dignidade intelectual, uma rigorosa ética do ofício em que terá poucos rivais na nossa história literária.[92]

Porém, o que chama atenção neste primeiro texto do *Diário* é a disposição de Antonio Candido em situar-se perante o leitor e o cenário da crítica nacional. Dentro do que foi reiterado por Vinicius Dantas, Candido segue em seu constante exercício de se autocriticar, ou de rever o ato crítico. Tanto assim que se diz distante de críticos funcionais como “o colega Manuel Cerqueira Leite”, adepto de uma crítica que “busca as motivações subjetivas da expressão literária a partir da adequação sintética entre a expressão e forma, em geral limitando-se a investigar a relação da obra com a biografia do autor”, segundo nos aclara em nota Vinicius Dantas. Em direção contrária ao funcionalismo de que Cerqueira Leite era adepto, nesta nova apresentação ao público, Candido ao se afirmar desapegado aos chamados *valores eternos*, defende que sua crítica está mais impregnada de um caráter transitório, justamente por conjugar com uma questão fundamental ao crítico de jornal, “a palpitação da hora”. E como parte desta apresentação aos novos leitores, agora do *Diário de S. Paulo*, o crítico alega quais são suas intenções:

---

[92] DANTAS, Vinicius. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 38.

> Como partidário do socialismo, sempre me pareceu que a transformação do concreto prima à absorção pelo chamado eterno, e que mudando-se a vida mudar-se-á o homem, pelo menos na medida em que estão afetadas as suas relações dentro do grupo. Esta a razão do carinho que sempre me ative ao malfadado cotidiano e à análise da situação das obras no momento.

Frente a esse ponto, o de ser um crítico atento à atualidade, Candido se mostrou contrário ao fato que “soluções políticas estão sendo utilizadas para o pensamento e para a conduta”. O que nos leva a entender que a consequência dessa forma equivocada de posicionar-se frente à Literatura acabara desembocando em um radicalismo perigoso. O que, segundo Candido, foi o caminho adotado por críticos que mediante uma forma de escolha política resultou em equivocadas rotulações. “Beltrano é bom escritor porque é comunista; Fulano é mau escritor porque é fascista – e vice-versa. Este sectarismo perdura, ameaçando criar um impasse doloroso para a arte”. [93]

Ao entender que tais argumentos desviam o caráter essencial da crítica literária, e podem mesmo comprometer a liberdade de expressão, ele reitera sua fidelidade ao objetivo maior de seu fazer crítico, segundo nos aclara o trecho que aqui transcrevemos.

> O que mais me preocupa não é *integrar* a obra no momento, como até aqui procurei fazer, mas, abordando o problema crítico por um ângulo oposto e de certo modo complementar, *diferenciá-la* do mesmo, acentuando a magnífica especificidade graças à qual toda obra de valor é literária antes de ser sociológica ou política ou interessada ou desinteressada. Este caráter literário que pretendo imprimir ao meu trabalho não se opõe ao anterior; é tão legítimo quanto ele e sucede-lhe naturalmente, como segunda etapa de um mesmo processo. Inspira-se, sobretudo, no mesmo desejo de servir aos leitores e à cultura do meu país. [94]

Neste texto de chegada ao *Diário*, Candido insiste que, em relação às ideologias, o crítico deve “proceder como agnóstico”, ou seja, em princípio, nem favorável, nem contrário. Se não quiser tomar posição, sem problemas, o que, sim, se constituirá em questão problemática é levar a crítica da obra literária para uma discussão ideológica. Por isso mesmo, o autor de *Formação* trata logo de enfatizar qual será a direção que vai tomar o seu fazer crítico nestes primórdios de *NCL*.

---

[93] DANTAS, Vinicius. Apresentação. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p.40.
[94] Idem, p. 41

> Pretendo tratar a literatura cada vez mais literariamente, reivindicando a sua autonomia e sua independência, acima das paixões nem sempre límpidas do momento. Por outro lado, pretendo na crítica das ideias afirmar as que me parecem justas e combater as que me parecerem incertas ou perigosas. Devo esclarecer que entendo por perigosas, sobretudo as reacionárias, e tanto mais, quanto mais à direita se situarem.[95]

A contundência de seu anúncio pode ser entendida como uma resposta ou reação aos críticos de rodapé que estavam promovendo um desequilíbrio entre a Sociologia e a Literatura. Tanto é que assume e faz referência à má escolha dos mestres Athayde, Barreto e Lins, ao optarem pelo debate político no lugar da abordagem literária. Neste momento, a exceção é para um de seus mestres, Milliet. "Apenas Sérgio Milliet, sereno e persistente, não abandonou o tom literário."[96]

Mas dentre aqueles críticos que aumentavam a dose ideológica, sociológica ou filosófica e diminuíam a dose literária de suas colunas se incluía o próprio Candido. Afinal o jovem crítico "ainda verde", admitira que havia atuado de forma sectária por alguns períodos, especialmente no início de sua trajetória na imprensa, na *Folha da Manhã*. Imprimir à crítica um tom mais politizado pode ser um reflexo ou uma reação, se focarmos o cenário político da época. Sob os efeitos de uma guerra mundial e uma ditadura nacional, a um jovem intelectual empenhado e militante, com a formação cultural que trazia Candido e com convicções políticas alinhadas à esquerda, não causaria estranhamento o tom mais politizado. Isso somado a outro fator fundamental: era Candido um jovem sociólogo que exercia as Ciências Sociais como professor, portanto de pensamento calcado também nessa disciplina. O que o leva a um engajamento tamanho a ponto de promover polêmicas sobre a função ideológica de valores culturais e científicos", como nos aponta palavras de Célia Pedrosa. [97]

---

[95] CANDIDO, Antonio. Começando. In: DANTAS, Vinicius. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 43.

[96] Ibidem, p. 43.

[97]PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 27.

Porém, o caminho da crítica literária que ele mesmo estava buscando, “a crítica moderna”, a que se referiu Gilda de Mello e Souza[98] anos mais tarde, não poderia deixar de protagonizar a obra. Levando-se em conta que quando assume a coluna de rodapé do *Diário*, Candido, agora em seu quarto ano de crítico de jornal, já tinha outra visão daquela crítica literária que se equivocava nas doses, pois, acima de tudo, a partir de *Clima*, pôde exercitar seu ato crítico fazendo e refazendo, colocando-o sob a apreciação e avaliação do público, retomando sua base na literatura.

Frente ao exercício contínuo de rever e questionar sua atuação, Candido submeteu-se a uma revisão a mais como nos mostra o rodapé de estreia no *Diário de S. Paulo*. A disposição em separar literatura de ideologia em seus rodapés críticos tinha seus apoiadores. Entre estes, deve-se destacar a colega Patrícia Galvão, a Pagu, que se solidarizou com tal atitude de Candido, relatando seu apoio no artigo “Pequeno prefácio a um manifesto”, publicado no semanário *Vanguarda Socialista*[99]. No texto, Pagu reproduz trecho de Antonio Candido, em que o crítico chama à luz da reflexão os jovens, no sentido que estes não trocassem a distribuição de boletins [informativos sobre questões políticas] por estudos sobre uma obra de arte. “Não nos furtemos ao dever de participar da campanha, mas não esqueçamos os nossos deveres para com a arte e a literatura.”[100]

Essa série de colaborações para a página 4 do *Diário de S. Paulo*, que recebia do lado esquerdo textos opinativos, como os editoriais, e à direita textos de colaboradores, sobre temas variados de economia e política, termina com o rodapé “Anotações” o último de um conjunto de 67. Neste texto, o tema central é a poesia. Raimundo Correia, os árcades, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade, entre outros poetas, ganham a atenção central da coluna, cuja discussão segue trilhada entre o Arcadismo e o Modernismo. Com este rodapé crítico, Antonio Candido não retomará a colaboração

---

[98] Gilda de Mello e Souza faz esta afirmação em seu ensaio “Exercício de Leitura”, do ano de 1980, ao tratar da figura de Paulo Emilio Salles Gomes. Cf. LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário. Que falta ele faz! Do artístico ao jornalístico:** vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 26.

[99] O semanário *Vanguarda Socialista* representava uma nova alternativa da esquerda. Circulou de agosto de 1945 a abril de 1948, teve Geraldo Ferraz como editor e Patrícia Galvão responsável por duas seções - *Crítica Literária* e *Crônica Literária*. Dentre os 25 artigos que Pagu escreveu para o jornal − que era vendido nas bancas, chegando às vendas de 20 mil exemplares −, o tema basicamente tratava da defesa da autonomia do escritor, “questionando a literatura politizada promovida pelos comunistas”. Tais informações se encontram no substancioso estudo de: GOMES, Juliana Neves Simões. **Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão**: a experiência do Suplemento Literário do Diário de S. Paulo, nos anos 40. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005. Disponível em: <http://books.google.com.br/books>. Acesso em: maio 2011.

[100] Ibidem, p. 58.

sistematizada na imprensa. No entanto, de 1947 para frente, o crítico nunca deixará de escrever para imprensa e, como reiterou a professora e ex-aluna Walnice Nogueira Galvão, sua colaboração em periódicos de todo tipo se manteria pela vida afora.[101]

Há que se ressaltar ser a faceta publicista de Candido a responsável por levá-lo a outros projetos que não se limitaram à redação de um texto semanal. O que se traduziu nove anos depois de sua saída do *Diário*, quando assinou a criação do caderno cultural de *O Estado de S. Paulo*, um dos mais importantes da imprensa brasileira, o *Suplement*o *Literário (SL)*, um projeto jornalística e culturalmente ousado, que marcava a vanguarda do jornalismo cultural brasileiro, segundo Lorenzotti.[102]

Em julho de 1956, Antonio Candido, a convite de Julio de Mesquita e Ruy Mesquita, assina o projeto de criação do *SL*, para o qual nomeou o amigo Décio de Almeida Prado como diretor. O suplemento, que no entender de Candido, era "uma pequena revista de cultura", reunia um time de colaboradores de primeira linha, ao contar com figuras de peso como Modesto Carone, Sérgio Buarque de Holanda, Anatol Rosenfeld, Péricles da Silva Ramos, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, Luis Martins, Jorge de Sena, Osmar Pimentel, entre os críticos. Entre os escritores que ocupavam as páginas do *SL* estavam: Lygia Fagundes Telles, João Antonio, Lêdo Ivo, Bráulio Pedroso, Augusto de Campos, Zulmira Ribeiro Tavares, Paulo Mendes Campos, entre tantos outros. Sendo que muitos destes textos – teóricos ou criações literárias – vinham acompanhados de ilustrações preciosas assinadas por artistas plásticos do naipe de Aldemir Martins, Mira Schendel, Lívio Abramo, Wesley Duke Lee, Arnaldo Pedroso D´Horta, Renina Katz, Portinari, Di Cavalcanti, Maria Bononi, Giselda Leirner.

Textos de um teor teórico nunca dantes encontrados em uma publicação que fora do âmbito universitário. Isso sem contar com o caráter profissional do caderno, que, como havia proposto Candido, passava a tratar colaboradores e jornalistas envolvidos em sua feitura, como profissionais da imprensa. Entre outros fatores de reconhecimento, estes profissionais eram remunerados condignamente pelo trabalho intelectual, "obedecendo a um planejamento racional", como detalhou Candido nas 26 páginas do projeto original do

[101] GALVÃO, Walnice Nogueira. Ensino, a vocação mais profunda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo (SP), 8 jan. 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>. Acesso em 3 mar. 2011.

[102] LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário. Que falta ele faz! Do artístico ao jornalístico:** vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 153.

caderno.[103] Empreendimento que nas palavras de seu criador, apresentava uma “fórmula compreensiva”, mantendo uma posição de equilíbrio entre a tradição e a inovação. [104]

Assim, para a seção “Rodapé”, o indicado foi o crítico Wilson Martins; para resenhas literárias, os Josés, o Aderaldo Castelo e o Paulo Paes; para literatura de outros estados, o escritor Osman Lins se encarregaria das novidades de Recife, enquanto Dalton Trevisan ficaria com as de Curitiba. Para o setor artístico, as presenças garantidas eram Paulo Emilio Salles Gomes (cinema) e Lourival Gomes Machado (artes plásticas). Juntava-se a esses dois últimos Décio de Almeida Prado, que, além de responder pela direção do suplemento, escrevia sobre teatro. Havia ainda Rui Coelho, indicado para a seção de resenhas e livros de Sociologia, fechando, assim, as antigas parcerias que retomavam um pouco o ambiente dos tempos de *Clima*.

Embora tenha reconhecido que o *SL foi* “um movimento muito configurado da cultura paulista, ao Estado e à USP em particular”,[105] referência direta a essa equipe de redação, Candido, que também colaborou com textos para o suplemento, confirmara a proposta do caderno, a de levar cultura e debate de ideias. Assim, pôde assegurar “que o *SL* deu espaço para a literatura e não para a vida literária”, segundo palavras de Décio de Almeida Prado no texto de apresentação do caderno.[106] Com Almeida Prado, corroborava Fernando Lemos, ao declarar ter sido o suplemento, “uma valentia cultural”. Nada mais plausível para uma publicação que figurava no cenário brasileiro como vanguardista, e que “preencheu o lugar das revistas culturais, que, aliás, não existiam na época, como completara Lemos”.[107]

Durante os 18 anos de circulação, o *SL*, que funcionou de 1956 a 1974, totalizou 1.934 edições, e teve praticamente duas etapas distintas: uma, sob a direção de Décio de Almeida Prado, de 1956 até 1966, e outra com o jornalista Nilo Scalzo, no período de dezembro de 1966 a dezembro de 1974. Embora não tenha participado como colaborador

---

[103] Cabe a lembrança que o projeto do *SL* está reproduzido na íntegra no livro de Elizabeth Lorenzotti (2007), devido ao empenho de Antonio Candido, que é o responsável pelo prefácio da obra.

[104] Cf. LORENZOTTI, op. cit., p. 153.

[105] LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário. Que falta ele faz! Do artístico ao jornalístico:** vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 81. Vale acrescentar aqui o depoimento de Fernando Lemos: “Havia um ufanismo de ter uma publicação como aquela em São Paulo. Eu me lembro de que, em Belo Horizonte, formavam-se filas para comprar o jornal” (Cf. Ibidem, p. 148). Lemos, ao lado de Candido e Paulo Emilio, integravam uma espécie de conselho de redação do *SL*.

[106] Cf. Ibidem, p. 47.

[107] Cf. citação de Fenando Lemos (apud Ibidem, p. 148).

do *Suplemento* até o final, foi exatamente no ano do seu fechamento que Candido estava envolvido em outro projeto na imprensa. Ao lado de intelectuais como Barbosa Lima Sobrinho, que respondia pela diretoria da revista, Anatol Rosenfeld, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Luciano Martins e Paulo Emilio Salles Gomes, Antonio Candido integrou o conselho editorial de *Argumento*, publicação que circulou de outubro de 1973 a fevereiro de 1974. A disposição em manter-se um publicista militante levou-o à dupla tarefa: tornou-se integrante do conselho editorial e, ao mesmo tempo, um colaborador dessa revista de cultura. Assim, no primeiro número de *Argumento*, o crítico publicou o clássico ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”. Outros dois ensaios publicados na revista, “Estética e ideologia: o Modernismo em 1930” (n. 2), de João Luiz Lafetá, e “Criando o romance brasileiro” (n. 4) de Roberto Schwarz, tornaram-se referências nos estudos literários.

A revista, que circulou por apenas quatro edições, fechada por conta da ação opressora da ditadura militar da época, trouxe em sua terceira edição uma novidade em se tratando de estudos literários latino-americanos. Tratava-se da publicação do texto de Ángel Rama, “Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana”, desta vez em língua portuguesa. Tal feito confirmava dois aspectos: um, a respeito das relações entre Antonio Candido e Ángel Rama, que àquela altura seguiam afinadas e o outro, do momento histórico político-social que tentava sufocar discussões a respeito do posicionamento e da historiografia das literaturas latino-americana e brasileira, a exemplo do que o ensaio de Rama trazia.

Marcadamente de oposição ao sistema governamental brasileiro daquela década de 70, *Argumento* reunia textos, reportagens, artigos e ensaios que tratavam de outros temas que não propriamente os literários. Para tanto, contava com grande número de colaboradores, entre eles, alguns dos ex-alunos de Candido, os professores Flávio Aguiar, Davi Arrigucci Junior, Lígia Chiappini. Temas políticos aparecem nos textos “Os cidadãos da marginal” (*Argumento* n. 1) ou “Trinta milhões de mudos” (*Argumento* n. 2), e ambos denunciam a falta de interesse do governo diante dos problemas urbanos e rurais. Temas polêmicos, igualmente, tinham espaço na publicação de layout muito diferenciado para a época, em seu formato quadrado de revista-livro (nas dimensões de 17 por 20 cm). Veja-se o exemplo da entrevista intitulada “Gianfrancesco Guarnieri, Um grito parado no ar”,

publicada na edição de número 1, em que o ator e diretor discute sobre a censura no país.[108]

Publicações com esse perfil se transformaram no alvo de perseguições políticas, principalmente na década de 70, uma vez que, como destacou Flora Süssekind, foram anos marcados por formas variadas de repressão – torturas, intervenções, censuras de o governo militar – à intelectualidade brasileira, de forma mais autoritária e cruel. Segundo Süssekind, “uma espécie de Fleury [torturador] das letras acompanha de perto a produção literária dos anos 70”, que passou a perseguir os que faziam literatura, uma vez que os meios de comunicação de massa já se encarregavam de fazer sua própria censura, desviando a atenção das autoridades policiais, o que se somou à efervescência do mercado editorial.

---

[108] COTA, Débora. Contra fato, há *Argumento*. **Boletim de Pesquisa – NELIC**, v. 1, n. 1, 1997, pp. 36-37.

CAPÍTULO 2 – ÁNGEL RAMA: PRÁTICAS DE VIDA, ANOTAÇÕES E TRAJETÓRIAS NA IMPRENSA

2.2 Leituras e anotações

2.2.1 Ángel Antonio Rama Facal (30 abr. 1926 – 27 nov. 1983)

A identidade com o universo cultural, particularmente o literário levou o uruguaio Ángel Rama logo cedo a embrenhar-se por caminhos permeados de leituras. Caminhada essa que teve início na infância em um bairro popular de Montevidéu - *Reducto* -, junto a uns poucos livros da casa, entre eles a Bíblia, obra de estimação de sua mãe Carolina Facal.

Coube à figura materna a insistência em relação à temática bíblica. Imigrante espanhola e católica fervorosa persistira no desejo trazido da Galícia, de que um dos filhos viesse a se tornar padre. No caso de Ángel, o segundo de quatro filhos, a carreira religiosa foi logo malograda; declinou do posto de coroinha em menos de um ano. Pois, tão logo ele começou a inteirar-se das ideias políticas que vinham da Europa, desistiu da igreja, trocando as leituras bíblicas pelos poetas que evocavam a Espanha, e autores como Kropotkin, Bakunin, Reclus e Tandaner. Autores, de certa forma, comuns ao universo de leitura do irmão mais velho Carlos, que viria a ser uma figura de destaque na sua educação.

Do alto de seus dez anos, o garoto Ángel sempre estava atento a Carlos, que acompanhava a Guerra Civil Espanhola por meio do que os noticiários do ano de 1936 repercutiam em jornais, revistas e emissoras de rádio, por quintais da vizinhança. Segundo Ángel, o irmão viveu a Guerra com "emoção militante", como afirmou em depoimento registrado no livro de Carina Blixen.[109]

Como aluno dos estudos secundários de escola pública (o curso primário foi na Escola Pública *Alemania*), Ángel já frequentava, aos 12 anos, a Biblioteca Nacional de Montevidéu com assiduidade, a ponto de permanecer horas a fio, "como uma jornada de trabalho", lendo os autores preferidos da adolescência, sobretudo, os de literatura

[109] RAMA, Ángel. "Carlos, mi hermano mayor", *Cuadernos de Marcha*, n◦ 15. in: BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 10.

espanhola. Algumas obras de literatura francesa e inglesa passaram com o tempo também a ocupar sua dedicação leitora. O que se somou à paixão maior, a literatura hispano-americana. Para Rama, a precocidade de leitor voraz, apoiava-se em um motivo central: o prazer. “Desde mi infancia, leer ha sido para mí una especie de felicidad privada para la que apenas han existido algunos sustitutos.”[110] Esse interesse pela leitura levou-o a se efetivar em um entusiasta do semanário *Marcha* já aos 13 anos. O periódico que chegava às sextas-feiras aos quiosques de Montevidéu, a algumas outras cidades do Uruguai e também a Buenos Aires, ganhou a atenção de Rama desde o primeiro número, em junho de 1939. Mais que um leitor, Rama tornou-se um colaborador do jornal, sendo que sua participação se deu em dois períodos distintos: de outubro de 1949 a junho de 1950, quando respondia pela seção de literatura do periódico, *Literarias,* juntamente com Manuel Flores Mora, e posteriormente, por dez anos consecutivos (1958-1968), como crítico literário e diretor da mesma seção. Como colaborador Rama permaneceu no quadro do jornal até 1974, quando do fechamento do periódico em consequência das agruras da ditadura uruguaia.

A leitura não somente do semanário, mas de muitos livros de temas variados, corria em paralelo aos estudos do crítico uruguaio, que teve no ano de 1942 um marco especial, uma vez que concluíra os estudos secundários em uma escola pública, o liceu Dámaso Antonio Larrañaga. Fato que mereceu de Rama referência anos mais tarde: “Nací en un barrio popular, de padres españoles inmigrantes, que en él y en la escuela pública cercana me eduqué, dentro de una sociedad abierta y aluvional que había cifrado en la democracía sus esperanzas, su felicidad y su realización.”[111] Foi nesse mesmo ano que ocorreu a perda do pai, o galego Manuel Rama Rodríguez, com seus 18 anos havia se aventurado para América, ao fugir do serviço militar espanhol que o levaria para a África. Manuel foi um dos tantos imigrantes que, semianalfabeto, deixou o campo e conseguiu prosperar em uma capital latino-americana com um trabalho de mão de obra especializada, no caso dele, como motorista de táxi.[112] Essa corrente imigratória que chega à América Latina em meados dos anos 40, deixou também marcas na família dos Rama, devido à situação do

---

[110] BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 11.

[111] RAMA, Ángel. **La novela en América Latina Panoramas 1920-1980**. Santiago do Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008, p. 21.

[112] Quando Ángel Rama está em viagem para a Europa, recebe a notícia do falecimento da mãe, Carolina Facal, em 1955.

Uruguai na época, situação para a qual Rocca fez a seguinte observação: “Eso habla bien, se si quiere, del Uruguay de aquellos años, de los años 30-40, que permitieron un elevador social muy rápido.”[113]

Com a perda do patriarca, será Carlos, quatro anos mais velho que Ángel, a exercer destacado papel na sua formação, em particular na orientação de suas leituras. Orientação que irá colaborar para que Ángel anos depois se aproxime e se identifique com os princípios da Revolução cubana e com as lições do marxismo. Tal identificação já se fazia evidente quando Ángel repetia a frase que o irmão mantinha colada na porta de seu quarto por esses tempos de juventude: “El que tolera la infamia y la codea en paz, es un infame: abstenerse no basta, se ha de luchar contra ella”, de autoria do pensador cubano José Martí.

As dificuldades se apresentaram precocemente para a família Rama Facal, que sem parentes no Uruguai, contou com o engenho e o empenho da mulher galega ao assumir as responsabilidades da casa. O que significara para Carolina Facal, uma dedicada faxineira, jornadas diárias de até 16 horas de trabalho. Épocas difíceis para a sra. Facal, que sob a nova condição de viúva não hesitou em se posicionar. “De acá en adelante, yo soy padre, madre y espíritu santo”, segundo relembrou Lilia Rama.[114]

Diante de tal configuração familiar Rama e os irmãos começaram a dividir o tempo dos estudos com um emprego. No caso dele, os encargos foram em dose dupla, porque paralelamente às atividades de tradução do francês para o espanhol que passou a desenvolver na agência France Press, em Montevidéu, no ano de 1945, Rama se encarregara esporadicamente de uma seção sobre novidades literárias no jornal *El País*.

A exemplo de outros uruguaios de sua geração, Rama contou com a escola pública como um dos pilares para a formação intelectual. Por isso, o fato de cursar o ensino secundário no Instituto Alfredo Vásquez Acevedo, instituição de excelência na época, tenha deixado marcas tão positivas em sua trajetória intelectual, segundo nos confirma as declarações do crítico e professor Pablo Rocca:

> La educación media o secundaria, en Uruguay fue muy prestigiosa. De algún modo era un poco la temperatura de este país. Es un país básicamente de clase media que apostó mucho en la educación secundaria y que además tenía como estamentos o categorías diferenciales. Es decir, ser profesor del Instituto Alfredo Vásquez Acevedo no era lo mismo que

---

[113] Depoimento de Pablo Rocca à autora, em maio de 2008, na cidade de Montevidéu. (Apêndice C)

[114] Em entrevista à autora, realizada no dia 13 de junho de 2008, em sua residência, Calle Motivos de Proteo, Montevidéu.

> ser profesor de otro instituto de enseñanza secundaria, ahí estaban los mejores calificados, los mejores, entre otros estaba en ese momento Ángel Rama y era, además, una educación media relativamente selecta, no tan difundida, no tan extendida, masificada, como pasó a serlo más tarde.[115]

Assim, em 1947, Ángel Rama passou a frequentar alguns dos cursos livres na Universidad de la República, o que resultou em três anos de aulas e estudos sobre literaturas hispano-americana e europeias e, em particular a espanhola. Para tal disciplina, Rama contou com a presença do professor visitante, José Bergamín, com quem teve uma convivência bastante estreita, dentro de uma proximidade intelectual e afetiva, no que diz respeito às letras hispânicas, e também ao entusiasmo do pensamento político do qual Bergamín sustentava. "O fervor revolucionário, o compromisso ético, assumidos perante à Guerra Civil Espanhola". Nos anos seguintes, Rama passa a ter aulas na Sección Agregaturas del Consejo de Enseñanza Secundaria (1948-1949).

O universo de tais leituras desde a juventude até sua morte reuniu entre tantos autores, àqueles voltados ao pensamento político e histórico, que incluiu nomes como Domingo Sarmiento, Manuel González Prada, alguns marxistas mais próximos como Antonio Gramsci, Lukács, Galvano Della Volpe e entre os mais recentes, Walter Benjamin. Já, na década de 50, ao acompanhá-lo em seu percurso de incursões literárias, nos deparamos com Gide, Juan Goytisolo, Steinbeck, Heinrich Mann, Ibsen, como nos assinala Lozano e nos últimos anos.[116]

Sua capacidade de excelente leitor foi igualmente ressaltada por Lozano ao reiterar: [Ángel] "fue capaz a lo largo de su vida de leer un libro de quinientas páginas en un día."[117] A marca de um leitor onívoro levou-o à amplitude de leituras e, consequentemente, a trabalhar com base em grandes instituições surgidas a partir destas leituras. Motivo que justifica uma das reivindicações de Françoise Perus, quando nos alerta:

> En algún momento, habrá que reconstruir con detenimiento la gran variedad de lecturas, confesadas o no, que informan las búsquedas y los resultados, siempre provisionales, de los análisis de Rama. Esta reconstitución (caso) permitirá entender mejor los múltiples

---

[115] Depoimento de Pablo Rocca à autora, em maio de 2008, na cidade de Montevidéu. (Apêndice C)

[116] LOZANO, Carlos. **Ángel Rama: critica literaria y utopía en América latina**. Selección y prólogo de Carlos Sánchez Lozano. Colombia: Editorial Universidad de Antioquia. Medellín, 2005, p. xix-xxiii.

[117] LOZANO, Carlos. **Ángel Rama: critica literaria y utopía en América latina**. Selección y prólogo de Carlos Sánchez Lozano. Colombia: Editorial Universidad de Antioquia. Medellín, 2005, p. xv.

> desplazamientos de su atención y sus enfoques, y acaso también el valor desigual de sus investigaciones.[118]

Seguramente nesta gama de leituras de Rama incluíram-se aquelas que serviram de primeiros contatos com a literatura brasileira. É o que nos afirma Pablo Rocca, em *Ángel Rama y Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*:

> Con la lectura de este modesto tomo de 144 páginas, impreso en papel obra de segunda – con viñetas de Adolfo Pastor –, Rama pudo estar al tanto de una amplísima selección de la poesía brasileña del período en la que no falta ninguna figura clave, y sobre todo ellos se incluye una nota didáctica.[119]

A referência de Rocca é para *Poesía brasileña contemporánea* (1920-46). *Crítica y antología*, de autoria do poeta e ensaísta uruguaio Gastón Figueira, editada pelo ICUB (Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño), no ano de 1947. Tal obra reuniu versos de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Ronald de Carvalho, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Tasso da Silveira, Raul Bopp, Gilka Machado, João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo.

O conhecimento prévio da poesia brasileira deve ter motivado o crítico uruguaio a um olhar mais dedicado a um de nossos poetas: Carlos Drummond de Andrade. Foi com o intuito de conhecê-lo que se justificou uma de suas primeiras viagens ao Brasil, como nos confirma a professora Sandra Vasconcelos: “De passagem pelo país, no final de 1950, o crítico uruguaio fez uma visita a Carlos Drummond de Andrade, de cuja importância já tinha noção muito clara.”[120]

Embora Rama tenha tido preocupações permanentes em relação a uma visão panorâmica, segundo nos relata sua irmã mais nova, o contato com a cultura brasileira pode ter sido anterior à leitura dos versos de Drummond. É bibliotecária aposentada nascida 1928, Lilia Beatriz Rama, que ao remexer os registros da memória, nos conta que na infância, graças à locação de um pequeno apartamento (anexo a casa onde moravam) para uma família brasileira, o pai pôde manter o lar dos Rama. E os filhos, puderam travar

---

[118] PERUS, Françoise. ¿Qué nos dice hoy *La Ciudad Letrada* de Ángel Rama?. **Signos Literarios**, México, n. 1, p. 55-66, jan./jun. 2005.

[119] ROCCA, Pablo. **Ángel Rama y Rodríguez Monegal y el Brasil**: dos caras de un proyecto latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006, p. 112-113.

[120] VASCONCELOS, Sandra Gardini T. Ángel Rama no Brasil. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (Orgs.). **Ángel Rama Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo: Edusp, p. 33.

um contato com a cultura do país vizinho. "Papá lo alquiló a un brasileño, cuando la hambruna del año 34", confirmou Lilia.[121]

2.2.2 Teatro: fortes laços

Na adolescência, o interesse de Rama por artes se manifestou rapidamente, mas foi com o teatro sua maior identificação. Identificação que havia dado sinais na infância, quando intimava os irmãos – e, incluía-se nesse elenco o caçula Germán, ainda um bebê – e mais algum vizinho para interpretações na noite de Natal. Curioso é notar no cenário de tais representações, que, sob colchas e toalhas de mesa, restava sempre a acolhida de um cão amigo para representar o burro da cena bíblica. Ao assumir a direção e o texto dos espetáculos caseiros, o uruguaio escalava Germán para o papel de menino Jesus, devidamente acolhido nos braços de Lília Beatriz, dois anos mais nova que Rama, a quem, sem escolha, cabia o papel de Virgem Maria. Já, Carlos, o irmão mais velho, se contentava com o papel de um dos protagonistas do enredo, São José.

Essa proximidade com o teatro, mais que a leitura de um repertório recheado de clássicos e autores como Sófocles, Eurípides e Pirandello, levou o jovem Rama a frequentar por dois anos (1942-43) a Escola de Arte Dramática do SODRE (Serviço Oficial de Difusão, Radiodifusão e Espetáculos), de Montevidéu. Foi o tempo em que passou a conviver com atores consagrados, chegando a atuar em várias montagens de obras clássicas como *Antígona*, de Sófocles, e na versão de Rafael Alberti para *Numancia*, dirigida por Margarita Xirgu, outro nome consagrado do teatro uruguaio da época.

O seu envolvimento com o mundo das artes cênicas, no entanto, não parou nas salas de aula, ganhou os palcos, quando aos 16 anos, "já se reconhecia em Rama um fervoroso ator amador", segundo comentários de José Pedro Díaz, um dos companheiros do crítico uruguaio em *Marcha*. É dele ainda as seguintes palavras: "Todavía recuerdo las voces del diálogo de Creonte y de Hermón (Pérez Soto y Ángel Rama) en el escenario que ofrecía en el prado del Museo Blanes", referência aos jardins onde Rama e um grupo de jovens ensaiavam e encenavam espetáculos em Montevidéu para as chamadas *Jornadas Arqueológicas de Teatro,* evento voltado para a montagem de obras clássicas.

[121] Em entrevista à autora realizada no dia 13 de junho de 2008, em sua residência, Calle Motivos de Proteo, Montevidéu.

Não permaneceriam no mesmo estágio as relações de Rama com o universo das artes cênicas, uma vez que, depois de participar de forma incisiva na fundação do grupo teatral independente *El Retablo*, em 1953, ele solicitou ajuda à Faculdade de Humanidades no sentido de aprofundar seus estudos sobre o tema. O projeto intitulado “Origen y desarrollo del teatro nacional”, tinha como eixo o estudo das relações entre o teatro, a literatura e a sociedade. Talvez nesse momento já fosse possível detectar algum indício dos primórdios do método crítico de Rama, levando-se em conta suas justificativas para tal empreendimento:

> Decidí encarar el estudio de un tema que en apariencia sólo merecía un tratamiento exclusivamente literario, en sus relaciones con la sociedad en que surgió, tratando de descubrir y precisar el modo como una “forma literaria” es al mismo tiempo “forma vital” y representa el estadio social de la cultura a que ha llegado un pueblo.[122]

Da mesma forma, talvez tenha nascido dessa convivência tão estreita com o tema o estímulo para que Rama passasse a dedicar-se à crítica teatral. O que se efetivou em maio de 1954 no jornal *Match*, periódico que se alinhava às ideias do governo do presidente Luis Battle Berres, integrante do Partido Colorado. A partir do texto de estreia, “Tendremos otro teatro”, a participação de Rama, como crítico de teatro no jornal, seguiria até agosto do mesmo ano.

Sobre teatro, Rama continuará escrevendo tanto para o diário *El País* como para o diario *Acción* a partir do ano de 1957. Sendo que, em *Acción*, as colaborações de Rama ocorriam em dose dupla, pois além da crítica de teatro, ele respondia pela seção dominical “Libros y autores”. Nesse período, a direção do jornal estava a cargo de Juan Carlos Onetti, que permaneceria na função até 1958. Rama, no entanto, se manteve como colaborador do periódico até 1964. É a partir dessa proximidade que eles estreitam uma convivência de amizade e porque não de dizer de parcerias literárias, uma vez que Rama será o autor do prólogo de *El Pozo*, obra fundadora de Onetti, publicada em 1939, e republicada pela editora Arca, de propriedade de Rama nos idos de 60.

Antes de se dedicar às críticas publicadas na imprensa, Rama mantinha o alvo firme voltado para a carreira de ator, como nos mostram estas linhas de um de seus textos: “En ese entonces escribía cuentos, desdeñaba la crítica y ni por asomo se me ocurría la posibilidad de escribir teatro. El teatro para mí era un quehacer físico, como actor, y

---

[122] BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 19.

carecía de toda incitación intelectual".[123] Porém, não tardou muito para que o crítico contrariasse o seu depoimento, e passasse a enveredar pela criação de obras de teatro, abraçando assim a ficção. Gênero para o qual Rama já havia produzido textos, e publicado na metade dos anos 50, na revista *Deslinde*. Para Mario Benedetti, escrever peças, seria uma das atividades literárias que Rama não alcançaria o mesmo êxito projetado por seus ensaios. Assim escreve Benedetti: "Ángel escribió teatro (*La inundación*, *Lucrecia* y *Queridos Amigos*), aunque que éste fue probablemente su campo más vulnerable; ejerció además, con toda solvencia la crítica teatral."[124]

As três peças de autoria de Rama foram encenadas entre 1958 e 1961 no Uruguai, sendo que *La Inundación* não obteve boa recepção da crítica, *Queridos Amigos* teve encenação a cargo da Comédia Nacional e *Lucrecia*, ao ser premiada no concurso de autores nacionais, também contou com a montagem a cargo da Comédia Nacional.

A ligação de Rama com o teatro o acompanharia também na carreira de docente, tanto que em 1961 ministrou aulas de História do Teatro, na Escola Municipal de Arte Dramática, e depois assumiu cursos na Escola de Arte Dramática da Comédia Nacional. O domínio de alguns recursos cênicos foi importante para as aulas de literatura, na medida em que se transformavam em instrumentos de sedução junto à plateia de estudantes do ensino secundário, principalmente no momento da escolha destes alunos para o futuro curso de Letras. Fator, este, igualmente confirmado por parte da filha do crítico, Amparo Rama: "Tenho encontrado muitos deles [estudantes] ao longo da minha vida em Montevidéu, e seus comentários unânimes me confirmam tais afirmações."[125]

É, no entanto, a partir da montagem da peça *Queridos Amigos*, entre 1960 e 1961, que o crítico uruguaio declarou pública sua necessidade de afastamento do teatro para dedicação exclusiva à crítica literária. Decisão que consta do programa do espetáculo premiado com menção honrosa em 1958. "Con esta pieza teatral se repite el mismo fenómeno que se produjo en nuestro medio ante el estreno de las obras anteriores: primero gran expectativa, tanto por parte del público ordinario como por parte de la crítica

---

[123] RAMA, Ángel. El teatro y yo, *Acción*, 24 de octubre de 1958, apud, BLIXEN p. 14.

[124] BENEDETTI, Mario. "Ángel Rama y la arriesgada navegación". *El País*, Madrid, 12 dez. 1983. p. 11.

[125] Depoimento de Amparo Rama, durante participação do evento *Ángel Rama, transculturador do futuro*, realizado no Memorial da América Latina (SP), em novembro de 2009.

especializada, y luego, el regusto de algo que no satisface plenamente". [126]Daí em diante, Rama se aplicará exclusivamente às questões literárias.

2.2.3 Um professor "solar"

> *Para Rama, enseñar y aprender formaban parte de una misma ceremonia dialéctica, y nunca conocí a otra persona que se internara con tanta pasión en las dos aguas a la vez.*
>
> Tomás Eloy Martínez[127]

Afora sua trajetória na imprensa, a atuação multidisciplinar de Ángel Rama seguiu no entrecruzamento de atividades pessoais e profissionais, fator que lhe deu um grau peculiar de brilhantismo, transformando-o, segundo palavras de Antonio Candido, em uma "figura solar". Assim, dentro de uma pluralidade intelectual, a exemplo de Antonio Candido, Rama também foi um docente exemplar.

Talvez estivesse em sua determinação de "sacerdócio intelectual", o fato que Rama teve em sua carreira de docente um desempenho também notável e notado, dentro e fora de seu país. Na observação de Ana Inés Larre Borges, sua forma de atuar como pedagogo consagrou-se em algo especial: "Una tarea en la que puede haber mucho de narcisismo pero también, inevitablemente, de generosidad y, sobre todo, de ejercicio de democracia."[128]

A carreira de Rama como professor se inicia ao passo que ingressara em 1948 no recém-criado Instituto de Professores "Artigas" (IPA) com o objetivo de especializar-se na dinâmica e didática das aulas. Três anos mais tarde, ao ser nomeado professor pesquisador e diretor técnico da biblioteca deste instituto, onde permaneceria até 1958, encarregou-se

[126] BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 26.

[127] MARTINEZ, Tomás Eloy. Pequeño diario de un gran hombre. *El Espectador* [28 jun.2008]. Disponível em: <www.elespectador.com/opinion>. Acesso em: 8 out. 2011.

[128] LARRE BORGES, Ana Inés. La necesaria reconstrucción de un mapa crítico. *Brecha*, Jueves, p. 6, 8 jul. 2010. Disponível em: <http://www.brecha.com.uy/cultura>. Acesso em: 7 jul. 2011.

de coordenar e publicar a coleção *Clássicos Uruguaios*, que em um período de sete anos editou 28 volumes.

Em 1952, o uruguaio abraçou a carreira de docente no ensino secundário, atribuição que o conduziu desse ano até o início dos anos 60 a uma carregada carga horária distribuída por diferentes estabelecimentos.

Impulsionado por uma disposição quase nata para as salas de aula, foi ministrando aulas para a educação secundária que Rama conseguiu encontrar uma alternativa de complementar seus ganhos. Tratava-se de uma opção bastante comum a muitos jovens contemporâneos de Rama naqueles primeiros anos da década de 50.

Embora muito dedicado, Rama, tinha, entre suas características marcantes, certo magnetismo na atuação e no desempenho como professor, habilidade que pode ser creditada ao seu envolvimento com o teatro. Tal atuação do mestre foi acompanhada por um desses alunos ouvintes, o editor Daniel Divinsky, que veio a ser, anos depois, um de seus colaboradores nas questões editoriais:

> Al terminar mi horario laboral, iba a las aulas a escuchar las clases. Nunca oí un discurso tan seductor, tan sin muletillas y coherente como el de Rama. Su rotundidad expresiva la he escuchado pocas veces a lo largo de mi vida: un discurso en el que las ideas se van abriendo como en un cielo en el que las nubes se corren y uno ve el pensamiento del disertante con absoluta nitidez.[129]

Com Divinsky, concordou Rosario Peyrou. A escritora e jornalista uruguaia, autora do prólogo de *Diário: 1974-1983 Ángel Rama*, teve Rama como mestre nos finais da década de 60, em um dos últimos cursos de Literatura Latino-Americana, em época que, de forma bastante inovadora, o uruguaio dedicava suas aulas aos estudos sobre a obra do cubano Alejo Carpentier. Autor que, segundo o próprio Rama, até meados de 1962 era um desconhecido em boa parte do território latino-americano. Sobre a importância de Rama na formação de seus alunos, Peyrou complementou:

> Fue un maestro cálido y deslumbrante: nos puso en contacto con los nuevos escritores enmarcándolos en sus coordenadas históricas y de

[129] Depoimento de Daniel Divisnky quando participou do simpósio "Ángel Rama, un ciudadano letrado de América Latina", realizado em junho de 2008 no Centro Cultural Paco Urondo da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

> tradición literaria, y sobre todo, nos contagió un entusiasmo y una pasión por la literatura que ayudó a consolidar no pocas vocaciones.[130]

Empatia e sintonia junto a uma plateia estudantil foram aspectos marcantes aos olhos de quem acompanhou Rama em ação fora de seu país também. Como o fez o professor Antonio Candido, ao relembrar uma passagem do colega uruguaio por um dos espaços da FFLCH na Universidade de São Paulo nos idos de 80.

> Eu o convidei uma vez para vir dar um curso aqui em São Paulo. Era um anfiteatro enorme que tinha lá nas colmeias [referência a um dos espaços onde ficavam algumas salas de aulas da FFLCH nos anos 70]. Ali eu não sei quantas pessoas deveria caber. (...) 200 pessoas ou 250. (...) A impressão que eu tinha que ele eletrizava o público, porque não havia um suspiro, não havia uma respiração. E ele, com toda naturalidade, [com] aquela flama que ele tinha. Eu nunca vi uma comunicação de um intelectual com o público como eu vi com o Rama. Eu vi o Monegal que era brilhantíssimo também, mas era histriônico. (...) Enquanto que o Ángel não. O Ángel não caía do pedestal de intelectual. Ele era uma capacidade de comunicação realmente extraordinária. A capacidade que ele tinha de dar corpo às ideias, através da palavra, era uma coisa milagrosa.[131]

Nos anos de 1961 e 1962, Rama somou duas experiências distintas no tocante à docência. Uma, ao voltar-se para as aulas sobre a história do teatro na Escola Municipal de Arte Dramática em Montevidéu. E, outra, no ano seguinte, ao assumir pela primeira vez aulas fora do Uruguai, e encarregar-se de cursos na Argentina e no Chile, respectivamente, na Universidade de Buenos Aires e na Escola de Verão de Santa María de Valparaíso. A partir de então, o crítico desencadeou uma profusão de aulas e cursos em instituições latino-americanas. Dessas experiências, como professor convidado, constam as aulas no México: nas universidades Nacional Autónoma de México (Unam), de Xalapa; na Colômbia: Nacional de Bogotá e Universidade del Atlântico de Barranquilla; na Guatemala: Universidade de San Carlos de Guatemala, entre outras.

Após ter ingressado por meio de concurso público na Facultad de Humanidades y Ciencias (Udelar- Universidad de La República), no período entre 1966 e 1969 Rama passou à chefia interina da cátedra de Literatura Hispano-Americana e, posteriormente,

---

[130] PEYROU, Rosario. Prólogo. In: RAMA, Ángel. **Diario 1974-1983 Ángel Rama**. Prólogo, edição e notas de Rosário Peyrou. Caracas: Ediciones Trilce. La Nave Va, 2001, p. 13.

[131] Depoimento do professor Antonio Candido à autora, durante entrevista realizada no mês de julho de 2009, em sua residência, na cidade de São Paulo. (Apêndice A)

assumiu a direção desse Departamento na Faculdade de Humanidades da Universidade da República. Responsabilidade que em nada alterou o ritmo de sua agenda como professor. Ao contrário, o uruguaio se empenhava em imprimir às aulas desse período um caráter coerente com sua dedicação ao projeto maior, o de mapear a história de uma literatura latino-americana. Um tema bastante novidadeiro para a época, pois tratava da nova narrativa latino-americana. Ou seja, dos escritores que a partir do *boom* ganharam relevo no cenário dos estudos literários da América Latina e do mundo. O que justificava a inclusão de autores como Alejo Carpentier ou García Márquez nos programas universitários. Autores recém-chegados, por assim dizer, ao cânon, que já ganhavam as reflexões do professor Rama.

Tal postura nos evidencia essa capacidade multifacetária de Rama, que, na condição de professor universitário e crítico de jornal, conseguia manter-se muito bem informado e acima de tudo sintonizado com o seu tempo, com os autores e as obras do momento. Atitude que Rama mantivera também junto às universidades estrangeiras, como se registrou em seus cursos na Universidade de Porto Rico, Río Pedras, e na Escola de Letras da Universidade Central da Venezuela, entre outros. A respeito dessa prática de Rama, Pablo Rocca teceu os seguintes comentários:

> Eso le daba un dinamismo. Y, de algún modo, cuando él, en su breve pasaje por la universidad de aquí [Montevideo] como profesor de literatura iberoamericana, como se le llamaba en la época, lo que trató de hacer fue también renovar la agenda, es decir, en lugar de trabajar con los más distantes, trabajar con las cosas más en caliente. Por ejemplo, dictó un curso, un seminario sobre *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez en el año 69, o sea, un año y tres meses de la publicación de la primera edición. Me parece una cosa bastante sorprendente.Y eso, sin el periodismo, es imposible. [132]

Nem mesmo a nomeação como diretor do Departamento de Literatura da Universidade da República, proporcionou a Ángel Rama estabilidade financeira para manter-se na capital uruguaia. O que resultou em um acúmulo de cargos nesse ano de 1969: professor de Literatura Ibero-americana e Rio-platense no Instituto de Profesores "Artigas" e mais um ciclo de aulas e palestras na universidade porto-riquenha de Río Piedras. No ano seguinte, em 1970, Rama irá se transferir para esta última universidade, ainda que não totalmente recuperado de uma endocardite.

---

[132] Depoimento de Pablo Rocca à autora, em maio de 2008, na cidade de Montevidéu. (Apêndice C)

Ministar aulas fora do Uruguai foi uma das soluções de Rama para manter-se financeiramente, “para ganarse la vida”, embora tivesse – o que o marcou por toda vida – outras tantas atividades profissionais complementares. A manutenção do cargo de professor convidado por dois anos, em Porto Rico, foi a alternativa encontrada por Rama frente à ausência de condições favoráveis em seu país para a docência universitária. A exemplo de muitos intelectuais de sua geração *crítica*, Rama não contava com a titulação de mestre nem de doutor, títulos que não eram oferecidos pelo sistema educacional do Uruguai na época. Afora isso, o país dispunha de um número reduzido de instituições universitárias capazes de recebê-lo como docente. O intervalo desta sua ausência do Uruguai terminou no ano seguinte, em 1970, quando Rama retornou ao magistério na Faculdade de Humanidades e Ciências em Montevidéu, agora em cursos trimestrais voltados para a pós-graduação.

No período que se segue, Rama continua com sua atividade de docência em diversas instituições de ensino universitário de Porto Rico, tendo em pauta autores como Felisberto Hernández, Onetti, Lezama Lima e temas voltados para a imagem da América Latina na literatura. Período que vai até 1971, quando tem negada a renovação de seu visto de permanência em Porto Rico.

A capacidade de sua atuação multidisciplinar, movida às inquietudes intelectuais, levaram-no a fundar, em 1972, o Centro de Estudos Latino-americanos, este criado com o objetivo de promover a pesquisa e a difusão da cultura latino-americana.

Devido ao golpe militar de 1973, Rama enfrentou problemas de ordem política para retornar a seu país, pois havia recém deixado Porto Rico e se transferido para a Venezuela quando o presidente Juan María Bordaberry instaurou o regime ditatorial no Uruguai. Foi então que o crítico se estabeleceu em Caracas, cidade que residiu até 1978. Em território venezuelano, Rama passou a lecionar na Faculdade de Letras da Universidade Central da Venezuela como professor regular no Instituto Pedagógico de Caracas. Comprometido com a questão da divulgação dos novos autores, especialmente os que participavam do *boom* latino-americano e, por conseguinte, dos temas que tomavam a contemporaneidade dos estudos literários na América Latina, Rama, enquanto professor do Pedagógico de Caracas, dedicou boa parte de seus cursos a temas como “Estruturas poéticas contemporâneas”, “A poesia do surrealismo na América Latina”, “O real e o fantástico na narrativa latino-americana”.

Foi durante sua estada venezuelana que no final do ano de 1973 Rama veio para São Paulo a convite de Antonio Candido. Ocasião em que participou de dois seminários para alunos de pós-graduação na Universidade de São Paulo sobre as correntes literárias contemporâneas. "Transculturação narrativa latino-americana" foi o tema de que tratou um desses seminários, assunto que Rama começava a estudar, uma vez que desde o final dos anos 60 vinha dedicando-se à leitura de textos literários sobre o tema. Posteriormente, tais estudos dariam origem a um de seus livros fundamentais, de título muito similar: *Transculturação narrativa na América Latina*, publicado em 1984, com a relevância da dedicatória: "A Darcy Ribeiro e John V. Murra, antropólogos de nuestra América".

A instabilidade profissional com a qual Rama se deparou por toda essa década, que coincide com o tempo de exílio, e foi também resultado da ausência de títulos acadêmicos somado às exigências mercadológicas das instituições de ensino, trouxeram dissabores ao crítico uruguaio. Dissabores os quais ele não se furtou de registro em algumas das passagens de seu *Diário* Foi uma época em que, nas palavras de Rocca, Rama amargou doses a mais de sofrimento:

> Esta etapa en lo que tiene que ver con su profesión, verá los tremendos sufrimientos que padeció; porque entre otras cosas, los títulos que empezaron imponerse en todo el mundo, en buena medida a causa del modelo universitario norteamericano, [y que] aquí no existían ni existen aún. [Doctorado en el área aún aquí no existe.] Entonces Rama lo único que tenía era secundaria completa. Así que, defenderse con ese *no título* en el mundo no era tan simple, a pesar de su inmensa acumulación de trabajo y su infinito saber. [133]

No ano de 1977, Rama foi nomeado professor *honoris causa* da universidade venezuelana de Zulia, fato que trouxe reconhecimento de sua atuação como docente e, além disso, causou-lhe certo alívio na superação de problemas dessa ordem. Nesse mesmo ano, Rama passou a trabalhar como professor universitário em território norte-americano, precisamente na Universidade de Stanford.

Dois anos após a estreia na vida universitária norte-americana, Rama foi contratado em 1979, como professor visitante do Departamento de Espanhol da Universidade de Maryland e também do Midlebury College. No ano seguinte, o convite veio de Princeton, quando passou a ministrar aulas na condição de professor visitante.

---

[133] Depoimento de Pablo Rocca à autora, em maio de 2008, na cidade de Montevidéu. (Apêndice C)

A volta ao Brasil ocorreu em 1980. Desta vez para a participação das *Jornadas de Literatura Latino-Americanas de São Paulo* e de um colóquio na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), organizados por Antonio Candido. Nesse evento, com o intuito de debater a literatura latino-americana, participaram, entre outras figuras da crítica, o peruano Antonio Cornejo Polar e a argentina Beatriz Sarlo.

Uma das razões para a vinda de Rama a São Paulo ajustava-se ao projeto do qual Candido também fazia parte e que consistia na criação de um Centro Latino-Americano, afora a realização de publicações reunindo os temas afins. O que veio, em parte, a se consolidar mais para frente, em 1993, quando da publicação de três volumes de *América Latina Palavra, Literatura e Cultura*. Tal obra foi organizada pela professora chilena Ana Pizarro e contou com a colaboração de cerca de cem estudiosos distribuídos pela Europa, Estados Unidos e América Latina. Deve-se ressaltar que nesse grupo de colaboradores estavam Candido e Rama, dupla à qual pertencia a ideia original do projeto, que, entre outras coisas, ambicionava a realização de uma obra maior sobre a história da literatura da América Latina.

Fora de seu país, para onde não mais retornou, o crítico uruguaio somente efetivou-se como professor titular em 1981, o que se deu no Departamento de Literatura Latino-Americana da Universidade de Maryland, instituição incapaz de assegurar a sua estada em território norte-americano. Incapaz, pois Rama teve o seu pedido de visto americano de residência negado pelo governo sem que a instituição nada fizesse. E mediante uma falsa acusação de "subversivo comunista", baseada na lei McCarran-Walter (sancionada na época do maccarthismo), e em informações confidenciais vindas do governo ditatorial do Uruguai, o crítico latino-americano foi obrigado a deixar os Estados Unidos em julho de 1982.[134] O fato teve repercussão mundial e levantou entre intelectuais e personalidades uma manifestação fervorosa que contou com assinaturas de amigos próximos como García Márquez, dos presidentes Carlos Andrés Perez, da Venezuela, e Belisario Betancur, da Colômbia, e, dentre outros escritores, Arthur Miller[135] e Julio Cortázar

---

[134] PEYROU, Rosario. **Ángel Rama, explorador de la cultura** [Exposição- Folheto de exposição]. Montevidéu: Centro Cultural da Espanha 2010, p.50.

[135] Arthur Miller foi o autor do texto que apareceu primeiramente nas conferências sobre *Escritores proibidos* organizadas pelo PEN Club e Fund For Free Expression, em Nova York. Posteriormente apareceu na *PEN Summer Newsletter*, na *Harper´s* (jul. 1984) e, nesse mesmo ano, a revista *Texto Crítico*, que teve edição temática em homenagem a Rama, publicou o texto traduzido para o espanhol. Também em espanhol o texto foi publicado na edição do jornal *El País* de número 217, p. 11, em 31 de dezembro de 1993, com o título "El interrogatório".

Rumou à capital francesa, cidade que Rama tinha decidido se estabelecer em definitivo, agora na condição de pesquisador, por conta de uma bolsa de estudos da fundação Guggenheim. Ali, em companhia de sua segunda esposa, a artista plástica e crítica Marta Traba, o uruguaio se centraria no estudo de culturas populares na América Latina, resultado de seu futuro projeto acadêmico na École Pratique de Hautes Études. Nesta instituição ministraria, entre 1983 e 1984, um curso sobre a modernização cultural da América Latina no final do século XIX. Ainda nesse mesmo ano de 1983, a Universidade de San Marcos, em Lima, concedeu-lhe o título de *honoris causa* como resultado de uma votação unânime entre os colegas professores da instituição.

Em 1983, Rama veio novamente a São Paulo, para realização de um ciclo de conferências sobre a América Latina na Unicamp, que aconteceu entre 3 e 6 de outubro. Novamente Candido, ao lado de Ana Pizarro, uma das coordenadoras do projeto, trataram de dar prosseguimento ao que seria uma obra voltada para a História da Literatura Latino-Americana.[136]

Devido à amizade entre Candido e Rama, o crítico uruguaio para essa ocasião hospedou-se na casa do professor em São Paulo. Momento que deixou registros, dos quais Candido nos relembra:

> Ele tinha estado aqui em Campinas, por causa daquela obra que a Ana Pizarro coordenou. Eu e ele fomos encarregados de fazer a síntese dos debates e fazer um rascunho do plano. Ele veio para a nossa casa, onde passou cinco dias conosco. A Gilda, ele e eu passeávamos, íamos para cá e para lá, mas na hora de trabalhar, demos duro. Montamos tudo, ele disse: “Bom, não está terminado, agora precisamos dar o demão final. Você agora vai a Paris. Você e a Gilda vão ficar no nosso apartamento lá em Paris. E, em março, nós terminamos.[137]

Em 27 de novembro desse ano um acidente aéreo com o avião que saiu de Mejorada del Campo, nas proximidades de Madri, com destino à Bogotá, onde Rama, iria

---

[136] “Algunas sugerencias de trabajo para una aventura intelectual de integración” foi o título do texto que Ángel Rama apresentou neste encontro, e teve sua publicação posterior em *La literatura latinoamericana como proceso* (1985), organizado por Ana Pizarro. Juntamente com Rama, Candido e Ana Pizarro, estiveram também no encontro Domingo Milani, José Luiz Martinez, Beatriz Sarlo, Roberto Schwarz, Jacques Leenhardt, Carlos Vogt, Fernando Novais, Jorge Schwartz, entre outros. Vale acrescentar que destes encontros resultou a publicação de três volumes da obra *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São eles: *A situação colonial* (v.1); *Emancipação do discurso* (v.2); *Vanguarda e Modernismo* (v.3).

[137] Depoimento do professor Antonio Candido à autora, durante entrevista realizada no mês de julho de 2009, em sua residência, na cidade de São Paulo. (Apêndice A)

participar do *Primeiro Encontro da Cultura Hispano-Americana*, atendendo a um convite especial do então presidente colombiano Belisario Betancur, matou todos os passageiros. Entre eles estavam Marta Traba, e os escritores Manuel Scorza e Jorge Ibargüenguoitia.

Exatamente nesse dia realizava-se em Montevidéu o primeiro ato público massivo contra a ditadura uruguaia, e reunia cerca de 500 mil pessoas em frente a um dos monumentos mais centrais da cidade, o obelisco dos Constituintes. O ato, que ficou conhecido como “Rio de Liberdade”, marcou o início de uma nova era política no Uruguai. O nome do ato se imortalizou em um registro fotográfico de José Plá, que justamente chamava a atenção para o mar de gente que se concentrara ao redor do parque Batlle, o mesmo que Rama em sua juventude usava como cenário para ensaios e jornadas teatrais. Nem todos os milhares de uruguaios presentes na manifestação tão emblemática conseguiram ouvir quando os alto-falantes anunciaram a morte do filho ilustre.

2.2.4 Investida editorial

Nessa pluralidade intelectual de Ángel Rama, a vocação para editor também falou alto, e, em 1950, o crítico juntamente com o amigo, escritor, advogado e jornalista Carlos Maggi, fundou Fábula, a editora que no período de um ano publicou seis títulos de autores uruguaios, incluindo os dois primeiros livros de Rama, o romance *¡Oh, sombra puritana!* (1951), e o conjunto de ensaios *La aventura intelectual de Figari* (1951), além do livro de estreia de Carlos Maggi, *Polvo enamorado* (1951), que acabou se consagrando como um *best-seller* uruguaio.

Como forma de compreender a gênese de tal empreendimento cultural, poderia se pensar no trabalho feito por Rama junto à Biblioteca Nacional de Montevidéu. Com permanência na instituição por 16 anos, o crítico uruguaio participou de árduas empreitadas: conseguiu, de modo considerável, reunir bibliografia, com obras e autores uruguaios em particular, participou da organização da Sala de Autores Uruguaios e ainda foi chefe de dois departamentos, o de Bibliografia e o de Aquisições. Somava-se a estas empreitadas, outro fator, a ideia de que “publicar livros tornaria as pessoas melhores”. Ideia, esta, de princípio sociológico, da qual Rama era partidário e praticante, como assinalou Rocca.

Para desenvolver a atividade editorial, que despertava encanto e uma determinação quase obstinada, o crítico teve a colaboração de parceiros. Carlos Maggi foi um deles. Um dos mais longevos amigos de Rama, associou-se às incursões pessoais[138] e editoriais do crítico uruguaio desde a juventude dos 17 anos. Atualmente, Maggi, dono de uma lucidez extraordinária para os 90 anos, ao se remeter ao passado, nos recorda passagens importantes dos tempos de Rama editor:

> Ángel fue un editor muy importante, [y] sus ediciones de Arca también. Cuando nosotros llegamos no había en el Uruguay ninguna editorial. Había habido editoriales en el novecientos, y después habían desaparecido y los libreros no aceptaban nuestros libros ni en consignación. Así que ni aun en consignación logramos dejar libros en una o dos librerías, no podíamos vender libros, inventamos las editoriales, una de ellas fue Alfa. La primera, por eso se llama Alfa, fue la primera que era de un español, Benito Milla, que fue el que se atrevió a tener un editorial como empresa. Pero Arca salió muy poco después de eso, y después empezaron a producirse una cantidad de ellas.Pero es un dato muy importante porque marca un hiato, como un vacío que hubo entre la generación del novecientos y nosotros. Somos de tres quincenas de años posteriores. [139]

Depois de Fábula, Rama atuou na editora Alfa, que era de propriedade do espanhol Benito Milla. Nessa empresa, o crítico uruguaio, assumiu a direção da coleção *Letras de Hoy*, no período de 1960 a 1962. Tal coleção publicou pela primeira vez títulos como *Juntacadáveres* de Juan Carlos Onetti e *Gracias por el fuego*, de Mario Benedetti. Também pelo selo Alfa saíram outras das obras de ficção de Rama, *Cacería Noturna* (1960) e *Tierra sin Mapa*, (1961).[140] Paralelamente aos trabalhos de Alfa, Rama dedicou-se, nesse intervalo de dois anos, à direção técnica da *Coleção Clássicos Uruguaios* da Biblioteca Artigas e participou de uma cooperativa de escritores da revista *Asir*.

Dentro do propósito de seguir publicando novos autores latino-americanos e uruguaios, em particular, Rama, que a esta altura já havia se constituído em um editor

---

[138] Rama, ao se casar em 1950 com a poetisa Ida Vitale, e Maggi, também recém casado com a escritora Maria Inês Silva Vila, optaram por morar conjuntamente e dividiram uma casa em Montevidéu.

[139] Depoimento de Carlos Maggi à autora, em maio de 2008, em sua residência em Las Toscas, próxima a Montevidéu.

[140] *Tierra sin Mapa*, a obra que havia sido ganhadora do prêmio Ramon del Valle I*ncl*án, pelo júri do Centro Gallego de Buenos Aires, em 1959, teve duas edições distintas. Uma delas pela organização do Prêmio, neste mesmo ano da premiação, e outra pela editora Asir. A primeira tradução para o português é de autoria de Roseli Barros Cunha (**Terra sem mapa**. São Paulo: Grua, 2008), bem como as notas e o posfácio da obra. Trata-se de uma tradutora que também possui dois trabalhos sobre o autor, respectivamente, sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado, ambas na defendidas na FFLCH/USP.

experiente, fundou no ano de 1962, ao lado de seu irmão Germán e de José Pedro Díaz, a editora Arca, que, nas palavras de Guillermo Schavelzon, consagrou-se em uma editora de vanguarda:

> Arca, dirigida por Ángel Rama, fue la primer editorial de lengua castellana que publicó a Gabriel García Márquez. En esa época apareció una edición de *La Hojarasca*, en cuya presentación Rama anunciaba a un joven que sería un gran escritor. Hubo también una serie de Bolsilibros Arca, que reunió en pequeños y muy económicos libros a lo mejor de la literatura uruguaya y latinoamericana. Se vendían en los quioscos, en las escuelas, en los autobuses.[141]

Com a colaboração fundamental de Alberto Oreggioni – quem se encarregaria da editora quando da ausência de Rama do Uruguai, conseguindo que a empresa sobrevivesse no período da ditadura –, Arca publicou antes de 1972 mais de 350 títulos a preços populares, com tiragens nunca inferiores a três mil exemplares. Tratava-se da coleção *Narradores Latino-Americanos* (Bolsilibros) que reuniu autores clássicos e contemporâneos da cultura nacional. Entre os volumes constaram a obra completa de Felisberto Hernández, cuja edição teve as leituras de Julio Cortázar e Roger Caillois, vários títulos de Onetti, Benedetti, Francisco Espínola, Idea Vilariño, Armonía Somers, Mario Arregui, além dos escritores mais jovens, como era o caso de Cristina Peri Rossi, Hiber Conteris e Eduardo Galeano. Também o escritor uruguaio Horácio Quiroga, recebeu de Arca atenção especial, uma vez que a editora lançou em oito volumes, as *Obras inéditas y desconocidas de Horacio Quiroga*, em uma apurada realização do então jovem crítico Jorge Rufinelli em conjunto com Ángel Rama.

Na editora Arca, Rama dedicou-se ainda a quatro obras temáticas, fazendo-se responsável pela seleção, prólogos e notas de: *Cien años de raros* (reunião de autores uruguaios considerados "raros e malditos"); *La mitad del amor* (sobre a literatura a cargo de mulheres no Uruguai), *Soledad de la sangre* (a respeito da chilena Marta Brunet) e *Montevideo, gentes y lugares*.

A dedicação de Rama junto a essa atividade cultural ganhou espaços fora do Uruguai, quando, em 1967, ele assume o cargo de assessor literário por dois anos, e se junta a Guillermo Schavelzon para criar em Buenos Aires a editora Galerna. A nova editora estava voltada para a publicação de textos, que de acordo com Schavelzon,

[141] SCHAVELZON, Guillermo. Ángel Rama, visión de editor. **Texto Crítico**, México, n. 31-32, p. 127, jan./ ago. 1985. Disponível em:<http://cdigital.uv.mx/handle/123456789/7101>. Acesso em: 8 out. 2011.

“estavam inquietando a intelectualidade europeia”. Tratava-se de ensaios de Lévi-Strauss, Roland Barthes, Theodor Adorno, Darcy Ribeiro entre outros. Eram textos que abordavam o estruturalismo (Barthes), a indústria cultural (Adorno) e as questões relativas à Universidade. Este último referente à *La universidad necesaria*, de autoria de Darcy Ribeiro, que se encontrava exilado em Montevidéu. Isso sem contar na refinada coleção *Aves del Arca*, que reuniu títulos como o *Urfaust*, de Goethe, *Diarios íntimos*, de Baudelaire, *La fugitiva de Chujo*, de Murasaki Shikibu, e um volume de poesia quéchua.

As investidas empreendedoras de Ángel Rama tiveram um papel significativo para o crescimento da indústria editorial uruguaia ou o chamado *boom* editorial. Entre outros fatores, este feito resultou do comportamento peculiar do público leitor uruguaio. Público, esse, formado basicamente pelo semanário *Marcha*, no qual Rama vinha atuando desde 1959, e que até essa época, ou seja, até o final dos anos 50 e começo dos 60, manifestava sua inquietude frente às publicações periódicas como jornais ou revistas, buscando nos livros suas necessidades leitoras aquém do entretenimento. Momento em que Rama chamou de “apogeu da edição nacional de livros” e no qual a escritora Rosario Peyrou se ateve, em revisão daquele momento histórico uruguaio, e que destacamos a citação:

> Existía un público nuevo, fundamentalmente constituido por jóvenes que ambicionaban un cambio en la realidad nacional. Quería por lo tanto revisar el país, su historia, sus hombres, sus ideas; procuraba una modernización que en las disciplinas nuevas (sociología, economía, psicología, etc.) se abastecía; bajo el impulso de la revolución cubana se ponía a la búsqueda de la América Latina. Esa generación estaba presenciando (viviendo, padeciendo) la quiebra del “welfare state” que había sido el Uruguay en la larga época batllista: la crisis económica, las nuevas búsquedas políticas, el panorama internacional y en especial el latinoamericano, la incorporación del arte y la estética contemporánea, sobre todo norteamericana, el hondo e imaginativo deseo de hacer cosas, todo se combinaba para generar dentro de esa sociedad, numéricamente reducida, un ávido público lector. A su servicio nacieron las editoriales.[142]

Em se tratando de um intelectual que se manteve em face de uma atuação multifacetada como foi Ángel Rama, é possível ver nesta profícua atividade de editor outra das gêneses de uma de suas mais expressivas realizações editoriais: a criação da *Biblioteca Ayacucho*, que se consagrou como um dos projetos pioneiros e mais importantes de integração cultural realizado até hoje na América Latina.

---

[142] PEYROU, Rosario. **Ángel Rama, explorador de la cultura** [Exposição- Folheto de exposição]. Montevidéu: Centro Cultural da Espanha 2010.

Antes, porém, de nos referirmos a tal realização, faz-se necessária a alusão a outra coleção, a *Enciclopedia Uruguaya,* que foi criada em conjunto por Rama e Darcy Ribeiro. À dupla se juntaram outros profissionais da editora Arca, criou-se um Centro Editorial da América Latina para colocar em prática o lançamento dos 63 fascículos semanais entre 1968 e 1970. Segundo Peyrou, a *Enciclopedia* tinha como objetivo apresentar uma visão – de forma compactada – da história cultural do Uruguai, a partir de um enfoque interdisciplinar. O diferencial desta coleção estava no exemplar de um livro que acompanhava cada um dos fascículos, de autoria de um autor uruguaio, o que na visão de Rama formaria a biblioteca uruguaia fundamental, uma coleção básica para a formação cultural do leitor uruguaio.

Entre o grupo de colaboradores da *Enciclopedia Uruguaya* mesclavam-se sociólogos, historiadores, críticos literários e antropólogos. Um desses intelectuais era Carlos Real de Azúa, convidado por Rama para assumir a tarefa de redigir uma história literária apoiada na trajetória política dos 180 anos do Uruguai. No entender de Rama, o resultado foi bastante positivo. Conforme deixou claro no prólogo de *La novela latinoamericana 1920-1980,* a experiência se constituíra em:

> Un ejercicio ideal del arte panorámico, a saber, el diseño de una estructura de significación, en que lo central no son sucintas referencias a autores u obras, o los adjetivos calificativos, sino el tejido que se construye con las generaciones, las corrientes, las estéticas, las doctrinas, el diálogo con la historia que entablan las producciones artísticas.[143]

Diante de mais esta realização cultural o crítico uruguaio, como bem observou Peyrou, oferecia ao público uma ampla visão das relações entre as circunstâncias históricas e os produtos de arte. Mais que isso. A coleção nacional “cumplía a la vez una función social: dar sentido de pertenencia y aportar elementos para una mejor comprensión del presente.”[144]

Naquele mesmo ano, 1963, há que se destacar outra realização editorial que tinha entre seus objetivos uma iniciativa pioneira de integração dos autores latino-americanos, incluindo os brasileiros. Era a *Coleção Latinoamericana* criada pela instituição cubana Casa de Las Américas. O fato de essa coleção dedicar suas publicações a obras de autores

---

[143] Apud BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevidéu: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 37.

[144] PEYROU, Rosario. **Ángel Rama, explorador de la cultura** [Exposição- Folheto de exposição]. Montevidéu: Centro Cultural da Espanha 2010.

brasileiros em língua espanhola, e vice-versa, no entender de Jorge Schwartz, poderia ter sido uma referência para Ángel Rama, que uma década depois viera criar a *Biblioteca Ayacucho*. No ensaio "Abaixo Tordesilhas", publicado na revista *Estudos Avançados*, Schwartz aborda tal tema e detalha que dos 134 títulos até hoje publicados pela *Coleção*, 33 deles pertencem ao Brasil.[145]

A ideia de que os uruguaios pudessem ter uma compreensão mais abrangente de sua configuração social e política por meio da literatura, no sentido de compartilhar e entender o processo de "construção de uma literatura nacional", terminou por impulsionar a criação da *Enciclopedia Uruguaya.* Esta visão integradora que possibilitasse um reconhecimento da América Latina, sua sociedade e sua literatura, por meio de uma coleção de autores e obras expressivas, traduziu-se em um de seus mais grandiosos projetos culturais, a criação da *Biblioteca Ayacucho.*

Assim que Rama se instalou definitivamente em Caracas, e a cidade passou a ser seu lugar de residência mais estável até fins da década de 70, o crítico uruguaio recebeu do então presidente da Venezuela, Carlos Andrés Perez, a função de diretor literário da coleção que já reuniu mais de 300 volumes. Para o cargo de presidente da *Ayacucho* foi escolhido o poeta venezuelano José Ramón Medina. Ambos contaram com a participação de uma equipe interdisciplinar de intelectuais latino-americanos e europeus, dentre eles os brasileiros Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro. A *Ayacucho* iniciou suas publicações em junho de 1974, com o volume dedicado a Simon Bolívar e, em 1982, já contava com 100 títulos. A exemplo de Medina, Rama trabalhou no sentido de selecionar obras e autores, organizar volumes temáticos e assinar vários prólogos.

Há que se observar, como o fez Haydée Ribeiro Coelho[146], que na criação da *Biblioteca Ayacucho*, por ocasião das comemorações do sesquicentenário da batalha

---

[145] Diz o crítico Jorge Schwartz o seguinte: "os dez primeiros títulos brasileiros, publicados em espanhol, são os seguintes: Machado de Assis, *Memórias posts de Brás Cubas*, 1963 (tradução de A. Alatorre); Graciliano Ramos, *Vidas secas*, 1964 (prólogo de José Rodríguez Feo); Carolina Maria de Jesús, *La favela*, 1965 (prólogo de Mario Trejo); José Luis Lins do Regó, *Niño de ingenio*, 1969 (prólogo de José Triana); Carlos Drummond de Andrade, *Poemas*, 1970 (prólogo de Muñoz Unsain); Machado de Assis, *Varias historias*, 1972 (prólogo de Antonio Benítez Rojo); Euclides da Cunha, *Los sertones*, 1973 (prólogo de Glauber Rocha); Jorge Amado, *Gabriela, clavo y canela*, 1975 (prólogo de Adolfo Martí Fuentes); João Guimarães Rosa, *Gran sertón: veredas*, 1979 (prólogo de Trinidad Pérez Valdés); Clarice Lispector, *La pasión según G. H.*, 1982 (prólogo de Trinidad Pérez Valdés)." (SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas!. **Estud. av.**, São Paulo, v. 7, n. 17, abr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script= sci_arttext&pid=S0103-40141993000100008&lng =pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2011.)

[146] COELHO, Haydée Ribeiro. O Brasil na "Biblioteca Ayacucho": vertente literária e cultural. **O Eixo e a Roda,** v. 18, n. 2, p. 85-103, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 13 ago. 2010.

homônima que libertou a América Latina da hegemonia espanhola, dois fatores merecem realce: a situação geopolítica da América Latina dominada pelas ditaduras militares e o aspecto privilegiado da Venezuela tanto economicamente – que vivia a bonança dos efeitos das descobertas petroleiras – como politicamente – uma vez que contava com o apoio do governo venezuelano, na figura de Andrés Pérez. Fatores que se somaram ao envolvimento empenhado de Rama, que "tenía en su cabeza la cultura como conjunto"[147], e de Ramón Medina como editor. Ao trabalho dos dois resultou boa parte do êxito do projeto. Trabalho que nas palavras de Rama tentou dar continuidade à proposta principal da *Biblioteca Ayacucho*, que consistira em:

> (…) llevar a cabo una vista panorámica más amplia que los prestigiosos modelos anteriores, reuniendo múltiples disciplinas como ya se ha visto en los volúmenes publicados donde junto a la obra literaria de Rubén Darío o José Martí, se encuentran los escritos doctrinales de Simón Bolívar o el ideario político de Fray Servando Teresa de Mier, el pensamiento de la emancipación o el pensamiento conservador del siglo XIX. Las grandes obras de la antropología del siglo XX debidas a Gilberto Freyre o Fernando Ortiz, las ideas económicas de los ilustrados del siglo XVIII o a la filosofía de los positivistas.
>
> (…) Esta concepción no sólo responde a la importancia que las plurales disciplinas han tenido en la constitución de una cultura peculiar latinoamericana y a la necesidad de reintegrarlas en un solo corpus que muestra el proceso creativo desarrollado a lo largo de la historia por los hombres del continente, sino también a la particular situación en que se han mostrado los géneros literarios a lo largo de los siglos en América Latina, mezclándose de una manera imprevista y ricamente inventiva según las necesidades culturales de las sociedades donde se producían.[148]

Diante de uma visão que buscava vias de enlaces cultural para a América Latina, Rama propôs para a *Ayacucho*, além de obras de ficção, volumes coletivos voltados à literatura (*Poesía de la independencia),* antropologia, filosofia e pensamento político (*Pensamiento político de la emancipación, Pensamiento de la ilustración, Pensamiento positivista latinoamericano)*. Sendo que um terço dos primeiros cem volumes ficou reservado para títulos brasileiros. Para se chegar a este número, o crítico uruguaio contou com a colaboração solícita e dedicada de Antonio Candido. O autor de *Formação* referiu-

---

[147] ORTIZ, Oscar Rodríguez. Presentación. In: ______ (Org.). **30 años da Biblioteca Ayacucho**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004, p. 3.

[148] Ángel Rama: La Biblioteca Ayacucho como instrumento de integración cultural latinoamericana. In: ORTIZ, Oscar Rodríguez (Org.). **30 años de Biblioteca Ayacucho**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004, p. 63-93. Disponível em: <http://cartelescriticos.blogspot.com/2007/07/ngel-rama-la-biblioteca-ayacucho-como.html>. Acesso em: 27 jan. 2010.

se ao projeto Ayacucho como "uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto deste tipo em proporção adequada e representativa."[149]

Boa parte das discussões que permearam a escolha de títulos e autores para a *Ayacucho* ficou registrada na correspondência entre Rama e Candido[150]. É o que nos remete um dos trechos da carta datada de 8 de outubro de 1974, enviada por Candido em resposta à carta de Rama, esta com data de 17 de setembro de 1974:

> Quanto ao projeto Ayacucho, o Sergio [Buarque de Holanda] não me disse nada, e tenho apenas as linhas gerais da sua carta. Parece uma empresa grandiosa e de alcance; você pode contar comigo.
> Acho que como a série de 20 livros brasileiros deverá incluir eventualmente obras antigas e modernas, de ficção, poesia e pensamento, há que ter um grupo onde haja escritores, críticos, historiadores, sociólogos, etc
>
> Quanto à lista de livros, vou pensar um pouco; mas envio junto um primeiro palpite.
> Lista Inicial para Começar Pensar no Caso.
> A. Ficção
> 1. Machado de Assis, Quincas Borba, ou Dom Casmurro, ou Memórias Póstumas de Brás Cubas.
> 2. Machado e Assis, Seleção de contos.
> 3, Oswald de Andrade, memórias sentimentais de João Miramar e/ou Serafim Ponte Grande.
> 4. Mário de Andrade, Macunaíma.
> 5. Graciliano Ramos, São Bernardo ou Vidas Secas.
> 6. Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.
> 7. Antologia de Contos diversos autores.
> B. Poesia
> 8. Antologia de poetas barrocos, clássicos, românticos, parnasianos, simbolistas, modernos.
> 9. Antologia de Manuel Bandeira.
> 10. Idem de Mário de Andrade.
> 11. Idem de Murilo Mendes.
> 12. Idem de Jorge de Lima.
> 13. Idem de Carlos Drummond de Andrade.
> 15. Idem de João Cabral de Melo Neto.
> 16. Idem da poesia recente (concretismo, neo-concretismo, poesia-praxis, etc.).
>
> C. Estudos
> 16. Euclides da Cunha, Os Sertões.

---

[149] CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: AGUIAR, Flávio Wolf; CHIAPPINI, Ligia (Orgs.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 263.

[150] Parte dessa produção epistolar de Antonio Candido e Ángel Rama terá publicação no Uruguai prevista pela editora Trilce, em volume organizado por Pablo Rocca.

> 17. Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala.
> 18. Caio Prado Júnior, Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)
> 19. Sergio Buarque de Holanda (o livro a sair sobre o Império no conjunto).
> 20. Celso Furtado, Formação Econômica do Brasil.

A resposta de Antonio Candido atendeu a um dos tantos pedidos da carta de Rama, que solicitava colaboração e parceria do professor brasileiro, como podemos conferir no seguinte trecho que aqui reproduzimos da carta assinada por Ángel Rama:

> Y que consistirá en una biblioteca cerrada de aproximadamente unos trescientos volúmenes donde queremos seleccionar los más importante autores y obras, en literatura, el pensamiento y la historia, de Nuestra América (la española, portuguesa y francesa) desde sus orígenes hasta hoy, es decir, desde los poemas de Nezahualcoyotl hasta los grandes maestros da literatura actual (Guimaraes, Neruda, Carpentier, Borges, Drummond, etc.).
> Contigo cuento para toda la parte brasileña. En principio se acordó crear una Comisión asesora a nivel continental para la realización del proyecto, la cual comenzaría de facto su tarea con una reunión de expertos que celebraríamos en Caracas hacia mediados o fines de noviembre y para la cual es indispensable tu presencia. Esa Comisión inicial trataría de analizar el proyecto y sugerir títulos, obras, prologuistas, anotadores, etc. de modo de poder llevar adelante la publicación y disponer de los títulos iniciales a comienzos de año.
>
> Necesito que me sugieras nombres de posibles miembros de la Comisión asesora brasileña, donde deberían caber tanto escritores (pienso en Drummond o Jorge Amado, como historiadores de la cultura, Sergio Buarque y críticos literarios o historiadores de las letras). Necesito por último que me diseñes una primera selección, esa que se hace de memoria, recorriendo lo que se recuerda, de los veinte títulos brasileños que indispensablemente deben estar en una Biblioteca de este tipo. Si me adelanto en este punto es porque tendremos por delante una complicada tarea de traducción y conviene ir adelantando camino: obtener los libros, buscar los traductores adecuados que habrá que pesquisar por toda América Latina, etc, etc.[151]

O olhar incisivo de Rama para a literatura brasileira resultou, no caso da *Ayacucho,* na publicação de forma pioneira em língua espanhola de autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Lima Barreto, entre outros. Como observou Haydée Ribeiro[152], o

---

[151] O trecho reproduzido desta como as demais, foi apresentado pela primeira vez ao público brasileiro durante a realização do evento *Ángel Rama um transculturador do futuro*, no mês de novembro de 2009, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Estas cartas constam do acervo particular de Amparo Rama Vitale, filha de Ángel Rama e da poetisa Ida Vitale, que fica em sua residência, na cidade de Montevidéu.

[152] Entre os volumes publicados com autores brasileiros estão: *Memórias de un sargento de milícias*, de Manuel Antonio, de Almeida, 1977 (v. 25); *Cuentos*, de Joaquim M. Machado de Assis, 1978 (v. 33); *Arte y*

primeiro volume da *Biblioteca*, dedicado a um tema sobre a cultura brasileira data de 1977 e trata-se de *Casa-grande & senzala*, prefaciado por Darcy Ribeiro. Somaram-se a Freyre outros autores, cuja publicação seguiu a linha editorial criada por Rama e Ortiz, que privilegiava os prólogos, deixando outra das marcas inexoráveis de seus idealizadores.

A realização da *Ayacucho* no entender de Antonio Candido se constituiu em um feito sociocultural que consolidou a imagem de Ángel Rama enquanto um intelectual empenhado com a América Latina. Assim o crítico brasileiro reafirmou: " [é preciso não esquecer] dessa sua visão continental da literatura. É muito comovente, por exemplo, o interesse que ele tinha pela literatura brasileira, que esses hispano-americanos não têm."[153]

A preocupação de Rama junto a esse expressivo projeto cultural nos acentua, uma vez mais, a sua capacidade de atuar como um intelectual comprometido, que, junto a essa visão integradora americalatinista, colocava em prática sua visão particular de autonomia cultural. Aspecto que nos chama a atenção as reflexões de Antequera:

> Desde allí [Ayacucho] pudo poner en práctica algunos aspectos centrales de sus postulados teóricos, a saber, aquellos que indagaban sobre los distintos niveles de apreciación metodológica que permitían relacionar las series literarias y sus respectivos espesores y estratificaciones, con las múltiples series culturales y sociales reconstruidas bajo las distintas formas que adopta el discurso (la historia, la sociología, la antropología, la lingüística, la filosofía, la economía, la estética, la política, entre otros) en las variadas expresiones de la cultura.[154]

Com Antequera se conjugam outras vozes, como Peyrou, no sentido de ver na realização da grandiosa coleção uma das intenções do crítico em prática: a da luta contra a fragmentação e a falta de comunicação entre o continente, "uma constante na América Latina durante séculos."[155]

---

arquitectura del Modernismo Brasileño (1917-1930), 1978 (v. 47); *Dos novelas* (*Recuerdos del escribiente Isaías Caminha y El triste fin de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, 1978 (v. 49); *Quincas Borba*, de Machado de Assis, 1979 (v. 52); *Obra Escogida*, de Mario de Andrade, 1979 (v. 56); *Los sertones*, de Euclides da Cunha, 1980 (v. 79); *Obra Escogida*, de Oswald de Andrade, 1981 (v. 84) e *Ensayos Literarios*, de Sílvio Romero, 1982 (v. 93); O Prólogo da *Obra Escogida*, de Mário de Andrade, "El Tupi y el Laúd", de Gilda de Mello Souza. O volume, dedicado a Lima Barreto, compõe-se de dois romances.

[153] Depoimento do professor Antonio Candido à autora, durante entrevista no mês de julho de 2009, em sua residência, na cidade de São Paulo. (Apêndice A)

[154] ANTEQUERA, José. Ángel Rama y la Biblioteca Ayacucho: aporte fundamental a la autonomía y la integración. **Voz y Escritura**, n. 14, p. 83-91, jan./dez. 2004.

[155] PEYROU, Rosario. **Ángel Rama, explorador de la cultura** [Exposição- Folheto de exposição]. Montevidéu: Centro Cultural da Espanha 2010.

2.2.5 Filiação crítica

Embora tenha incursionado por outros gêneros literários, especialmente o teatro, e de maneira mais breve, a ficção,[156] Ángel Rama foi se amalgamando na crítica, passando a a partir de 1960, à dedicação exclusiva à crítica literária, ora nas páginas de jornais e revistas, ora nas páginas dos livros.

Uma mescla de vocação e militância encaminhou o uruguaio para a crítica. No que se refere à gênese crítica de Rama, a exemplo do colega brasileiro, o uruguaio, aos 12 anos de idade, fazia-se acompanhar de um pequeno caderno de notas em suas jornadas de leitura na Biblioteca Nacional, em Montevidéu. Durante horas dedicadas aos autores preferidos, principalmente os da literatura espanhola, o jovem Rama fazia anotações. Segundo seu próprio depoimento:

> Llevaba además una especie de cuadernito en el que anotaba lo que leía: el nombre del autor, el tema del libro y un comentario personal. Por ejemplo, según he leído mucho después... "Qué antigualla insoportable este Calderón de la Barca".[157]

Parodiando a García Márquez, esta bendita mania de criticar de Rama, encontra seus primórdios no meio cultural em que se formou como o escritor nos revela:

> Parodiando a Graham Greene, podría decir que *"Uruguay made me":* el espíritu crítico que allí se desarrolló en un determinado período histórico en que a mí me tocó vivir fue tan dominante que concluí titulando el libro que dediqué a las letras uruguayas de 1939 a 1968, *La generación crítica.*[158]

Encaminhar-se para a crítica ensaística, portanto como uma criação, foi em definitivo o que Rama se propôs ao decidir afastar-se por completo da ficção das narrativas e das peças teatrais. Opção que o levou a um texto reflexivo, "La crítica como creación", sobre este seu pendor crítico, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

---

[156] Obras de ficção de Rama: *Desde esta orilla* (1958), *Cacería Nocturna* (1960??) *¡Oh sombra puritana!* (1951) e *Tierra sin mapa* (1961).

[157] RAMA, Ángel. Ángel Rama y su felicidad íntima: leer, *El Universal*, 9 jul. 1978, apud BLIXEN, p.11.

[158] RAMA, Ángel. **La novela en América latina**. Panoramas 1920-1980. Santiago do Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008, p. 21.

> A mí me vino la tentación de saber cómo era eso, de saber cómo funcionaba, comprenderlo, y eso fue acentuando una especie de preocupación crítica y de ahí nace el crítico que me ha ido dominando cada vez más. Hasta que llegó a ser suficiente para mí el poder tomar una obra y desmontarla, por eso siempre digo que lo que me gusta más es agarrar una obra y escribir sobre ella muchas más páginas que la obra misma, para explicarla. Por otra parte creo que la crítica es una forma de creación.[159]

Seguindo esta linha da gênese ramiana, nos deparamos neste mesmo prólogo, com algumas de suas referências fundadoras, "os excelentes mestres da crítica", quando cita Sanín Cano, Sílvio Romero, Alfonso Reyes, Henrique Ureña e Antonio Candido. Seguramente, outros tantos nomes com quem Rama travou diálogos, e tratou-os como referenciais, poderiam ser acrescentados. Para citar alguns, Picón Salas, Zum Felde, Cornejo Polar, Carlos Real de Azúa. Porém havia que acrescentar autores – e muitos de outras linhas de estudos –, a partir de Sartre, Eliot, Edmund Wilson, incluindo a Lukács, Marx, e Anderson Imbert.

Embora não seja nossa intenção elencar neste momento, a tarefa ainda poderia seguir por outra extensão de nomes. Pois neste amálgama que o crítico uruguaio vai se formando de maneira inovadora, criativa e autoditada haveria de se agregar suas referências advindas das Ciências Sociais, filosóficas e historicistas. Referências à variedade de correntes do pensamento europeu, desde o marxismo da Escola de Frankfurt até o estruturalismo de Levi-Strauss, passando por Arnold Hauser, com sua *História Social da Literatura e da Arte*, obra que, segundo o crítico Pablo Rocca, teve seu lugar cativo na cabeceira de Rama desde o início dos anos 60.

Tratar deste pendor crítico de Rama é perpassar, em tempo integral, boa parte de sua atuação, pois nos fica evidente o grau de arraigamento do crítico com essa forma de pensar, refletir e agir diante da literatura. Assim se nos vai auxiliando compreender que este uruguaio nasceu para a crítica, e como tal, foi um dos integrantes de sua geração, igualmente "Crítica". E da mesma forma que seu colega brasileiro, Antonio Candido, começou esse seu contínuo exercício crítico nas páginas da imprensa. Justamente por entender que estava no jornal, uma forma alternativa, criativa e democrática de exercitar duas de suas grandes obsessões de construção, a de um público-leitor e de uma literatura. Para tanto, decide que a partir de 1960, deixará o caminho das histórias inventadas, para

---

[159] RAMA, Ángel apud BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 26.

dar lugar a outra missão “não menos criativa: a de articular a literatura com a sociedade”, como destacou Peyrou.[160]

2.2.6 Imprensa, um espaço fundamental

O percurso jornalístico de Ángel Rama prolongou-se por quase quatro décadas. A partir de suas experiências juvenis até sua morte em 1983, o uruguaio escreveu como crítico, editor e colaborador de ensaios e artigos para mais de cem veículos de comunicação, dentro e fora de seu país, incluindo jornais e revistas latino-americanos, europeus e norte-americanos. Mas foi no Uruguai que a trajetória do crítico na imprensa teve início com uma experiência amadora no jornalzinho da Associação de Arte e Cultura, em 1942. Nesta ocasião, Rama publicou o artigo “Arte”, em formato de versos, no qual analisava o quadro *Jujuy* do artista argentino Antonio Berni, figura representativa no cenário das artes plásticas rio-platense, que teve nas problemáticas social e política a maior parte de sua temática.

Três anos depois, Rama será colaborador do *El País*, um periódico fundado em 1918 – que circula até hoje – com origens ligadas ao Partido Nacional e ao pensamento liberal do Uruguai. Neste jornal, Rama respondia, aos 19 anos, pela seção *Novidades bibliográficas, os autores, os livros*, um espaço onde o leitor encontrava noticiário sobre prêmios, futuras edições, e vendagem de livros; comentários, ao estilo de resenha, de lançamentos de títulos dos mais variados assuntos: literatura, filosofia, ensaios, história, entre outros. Ali Rama ficaria por um ano, entre 1945 até 1946, e depois retornaria em 1958.

Das notas e resenhas no diário *El País*, o crítico uruguaio passou a integrar o grupo que produzia *Clinamen*. Nesta revista, além de fazer parte do conselho editorial, juntamente com o professor de filosofia Manuel Claps, a jovem poetisa Ida Vitale, com quem mais tarde viria a se casar, e o jornalista Victor Bacchetta, Rama assumiu o cargo de editor.

Talvez essa dupla função, de redator e editor, justificasse o uso do pseudônimo de Antonio Facal, outra combinação de seu nome de batismo, tal como, por exemplo, ocorreu

---

[160] PEYROU, Rosario. **Ángel Rama, explorador de la cultura** [Exposição- Folheto de exposição]. Montevidéu: Centro Cultural da Espanha 2010.

na edição de número 4. Fazer uso de pseudônimo foi um recurso que Rama também optou no artigo “Latitud Sur 34 º, longitud 58º Oeste”, publicado na edição de janeiro de 1948, que abordava a temporada do Teatro Nacional. Vale acrescentar que, em *Cronología y Bibliografía Ángel Rama*, Barros-Lemez e Blixen registram uma lista de outros pseudônimos adotados pelo crítico. São eles: Mercúrio, Martín Pérez, Alberto Ferrán, Xavier Sartorius e A. Anthony Bough (tradução para o inglês de Ángel Rama) e A. G. (iniciais de Antonio Gundin, outro dos pseudônimos).

A revista *Clinamen* trazia a frase de Lucrécio, *“Id facit exiguum clinamen principiorum”*, logo abaixo do título e era vinculada a um grupo de jovens estudantes da Faculdade de Humanidades da Universidade da República, embora não fosse uma publicação da instituição.

Além de seu criador Manuel Claps e de Ida Vitale, que formavam o conselho editorial da revista, participaram de *Clinamen* Idea Vilariño, Emir Rodríguez Monegal, Mario Arregui, Amanda Berenguer e José Pedro Díaz, figuras expressivas da Geração de 45 ou Geração Crítica, como Rama mais tarde a denominará.

A geração a que Ángel Rama se refere como Crítica, recebeu nomes distintos: Geração de 45, Geração de Marcha, Geração de 1939. No entanto, seria um equívoco afirmar efetivamente que se tratou de uma geração, mas, como o próprio Rama preferiu chamar, foram “levas” de intelectuais nascidos em diferentes momentos entre as décadas de 10 e 20 do século XX.

Uns nascidos no começo do século, como Juan Carlos Onetti (1909); outros nos anos 20, e nessa faixa etária se incluía Rama (1926), Mario Benedetti e Idea Vilariño (1920), Emir Rodríguez Monegal e Carlos Rama (1921), Carlos Maggi e Amanda Berenguer (1922), Sarandy Cabrera (1923), Ida Vitale (1924), entre outros.

Este grupo de escritores uruguaios passou, a partir do ano de 1945, a exercer atividades culturais bastante diversificadas. Da análise literária à crítica de cinema, de teatro, de música e de artes plásticas; da pesquisa historiográfica à poesia. Em comum, a maioria teve o ensaio como gênero literário por excelência. Sendo que a produção do grupo teve acolhida nas revistas literárias e no semanário *Marcha*, com a publicação das respectivas produções desses autores. Embora tivessem divergências em suas concepções estéticas, mantiveram traços em comum: a exigência de rigor documental e argumentativo, a ruptura com o provincianismo, a busca universalista de modelos de excelência, o combate à auto complacência e ao mau gosto e, sobretudo, o distanciamento crítico. O que

se constituiu como uma reação contrária ao que Ángel Rama chamou "humanismo adocicado" de uma sociedade "agradável, democrática, nacionalista, instruída, em que a classe média burguesa, parecia ser dona e senhora".

Assim, não demorou muito para que grande parte do grupo estivesse no centro efervescente da vida cultural do país, assumindo cargos na direção de revistas literárias, editando as páginas culturais do semanário *Marcha*, ministrando aulas no Instituto Alfredo Vásquez Acevedo (IPA), que era então o único instituto público de ensino pré-universitário, ou à frente de cátedras na Universidade da República.

Entre as contribuições importantes à cultura uruguaia que a Geração Crítica deixou estão: a elevação dos níveis de exigência estética, a abertura cultural às contribuições vindas da Europa e dos Estados Unidos, a valorização da consciência histórica, o ataque contra a ingenuidade e o diletantismo e a cultura de um pensamento crítico.[161]

De curta duração, pois se publicaram apenas cinco números, entre março de 1947 a junho de 1948, *Clinamen* deixou evidente algo pouco comum a uma revista de caráter estudantil, a seriedade de questionamentos filosóficos e um rigor crítico a respeito de temas literários. O que na visão de Rocca se justificava, pois a revista era "más académica que las anteriores, menos juvenil".[162] Traços, estes, facilmente reconhecíveis na publicação que escolhia entre obras da literatura francesa; em pauta autores como Sartre, Simmel, Malraux, Hesse, que traduzidos, chegavam ao leitor, acompanhados de esmeradas apresentações.

Quanto à classificação de ser uma revista acadêmica, justificava-se por conta do conselho editorial mais inclinado a temas filosóficos, especialmente em seus primeiros números. De acordo com os registros de Rocca, em *Historia de la literatura Uruguaya Contemporánea*, foi graças a essa nova dosagem literária que a revista conseguiu publicar textos inéditos de autores como Macedônio Fernandez, o discurso de André Gide ao receber o prêmio Nobel de Literatura, e um ensaio de Jules Romains.

Para Rama, no entanto, a revista *Clinamen* ganhou importância fundadora, já que ali se publicara, pela primeira vez, um texto seu de ficção, o conto "El preso" (n. 4, 1948), e também o seu primeiro ensaio intitulado "Sobre la composición del gaucho Martín

---

[161] Texto adaptado do original: Historia reciente. Intelectuales y política. De la generación del 45 a Generación del 68. *El País*, Montevideo, n. 21, set. 2007. Disponível em: <www.medios.elpais.com.uy>. Acesso em: 11 maio 2011.

[162] ROCCA, Pablo. **35 años de Marcha**. crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay, 1939-1974. Montevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 67.

Fierro”, que ganhou as páginas do segundo número da revista, no biênio maio-junho de 1947. Sobre o conto, muitos anos depois da publicação, Manuel Claps comentou ser uma espécie de reescritura do conto “Le Mur”, de Sartre.[163]

Já o ensaio de Rama, dedicado a Martín Fierro, teve de Emir Rodríguez Monegal, que naquele momento também respondia pela seção de Literatura de *Marcha* na condição de crítico, comentários nada positivos, como podemos conferir neste trecho:

> Una observación: parecería más justo citar a Carriego en vez de Borges, como cantor y eventual representación del compadrito, aunque no deja de tener una gracia melancólica eso de imaginarse al traductor de Sir Tomas Browne, de Kafka, de William Faulkner; a Georgie, como le llaman sus familiares, como un matón suburbano: pañuelo al cuello y taquito militar. Sería de desear que Rama ampliase su estudio.

É de Rocca a afirmação que foi este ácido comentário inicial de Monegal sobre o desempenho de Rama, o primeiro texto, portanto um marco histórico na trajetória de pugnas que se estendeu por muitas décadas entre os dois críticos.[164]

Passada a experiência em *Clinamen*, *Entregas de la Licorne* foi outra das publicações com que Rama passou a colaborar. Fato que ocorreu na segunda fase da revista, editada então no Uruguai. É preciso lembrar que a primeira etapa do periódico, de 1947 a 1948, com o título de *La Licorne*: *Cahiers trimestriels de litterature*, teve sua publicação em Paris, cidade em que sua criadora, a escritora Susana Soca, vivia alternadamente com Montevidéu.

Esta publicação, que na versão francesa teve entre os colaboradores, Jules Supervielle, Sherban Sidéry, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, T. S. Eliot, Felisberto Hernández, Jorge Guillén, Rafael Alberti, Alfonso Reyes, Bóris Pasternak, Onetti, contou em sua versão espanhola com a participação do crítico Zum Felde.

Nesta revista, que nas palavras de Rocca, apresentava-se como “refinada, cosmopolita e culta”,[165] traços, estes, que seguiam as marcas de sua fundadora, Susana Soca, o crítico uruguaio efetivara-se, com entusiasmo, uma dupla colaboração: além de

---

[163] CLAPS, Manuel. In: ROCCA, Pablo. **El 45**. Entrevistas /Testimonios. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004, p. 95.

[164] ROCCA, Pablo. **35 años de Marcha**. crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay, 1939-1974. Montevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 58.

[165] Cf. RAVIOLO, Heber; ROCCA, Pablo (Orgs.). **Historia de la literatura uruguaya contemporánea**. Tomo I [Narrativa del medio siglo]. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996.

articulista assumira o cargo de secretário de redação. Dedicação que se traduziu em "um prioritário interesse por temas latino-americanos"[166]. Interesse que o levou, por exemplo, a destinar o terceiro dos 13 números (1953-1959) da revista integralmente à escritora uruguaia Maria Eugenia Vaz Ferreira.

O trajeto de Ángel Rama na imprensa nesta época, colaborando não somente em jornais, mas também em revistas, coincide com uma década fértil, que talvez se configure como a mais promissora do Uruguai, no que diz respeito aos empreendimentos culturais. O período abarcou o final dos anos 40 e a primeira década dos 50 e foi marcado por uma ebulição cultural uruguaia, o que resultou no surgimento de muitas revistas literárias. Fato que recebeu de Rama, o seguinte comentário: "La primera eclosión de revistas […] todas ellas de nítida impronta literaria con muy escasa o nula inquietud por los temas sociales o políticos."[167]

A reivindicação do crítico não encontrou respostas, pois as publicações dedicavam-se basicamente às questões literárias, como foi A*sir*, editada de 1948 até 1959 por um grupo de intelectuais que reuniu entre outros nomes, Washington Lockhart, Pedruzzi Escuder e Domingo Bordoli, na cidade de Mercedes.

Se *Asir* foi marcadamente uma revista interiorana, *Número* consagrou-se montevideana. Diferentemente de *Asir*, Rama não participou de *Número*, justamente por conta das discordâncias com Rodríguez Monegal. Este integrou o conselho de redatores juntamente com Idea Vilariño e Mario Benedetti em duas etapas: a primeira de março de 1949, quando do seu lançamento, e a segunda, de 1963 a 1964.

A importância da *Número* no cenário literário uruguaio residiu no fato de ter sido uma das primeiras a publicar textos de autores como Benedetti e Onetti. Ambos tiveram os contos "El presupuesto" (Benedetti) e "El señor Albano" (Onetti) reproduzidos em suas páginas.[168]

Vale complementar que esta intensa atividade cultural da Geração de 45 se esparramou pela cidade de Montevidéu e por outras do interior do país. O resultado foi o

---

[166] BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 18.

[167] RAMA, Ángel. La generación crítica [1972]. In: BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 15.

[168] ROCCA, Pablo. **35 años de Marcha**. crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay, 1939-1974. Mnotevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 84-85.

aparecimento de diversos títulos de revistas, de igual importância no cenário cultural, em particular no campo literário. Entre estas publicações podemos acrescentar *Letras*, *Sin Zona*, *No*, *Removedor*, *Artes y Letras*, *Marginalia*, *Espectáculos de El País*, *Maldoror* e *Escritura*. Esta última, que circulou entre 1947 a 1950, contou com a participação de Carlos Maggi, em uma coluna de lançamentos de romances e contos; além da colaboração do escritor espanhol José Bergamín como um de seus padrinhos culturais, que mais tarde viria atuar como professor na capital uruguaia.

2.2.7 Um cenário propício

Este período de florescimento cultural, ao fim da Segunda Guerra Mundial, que viveu o Uruguai foi marcado por uma onda de prosperidade e estabilidade econômica que trouxe reflexos imediatos para outras instâncias da sociedade. Como observaram estudiosos, com os quais concorda Esther Ruiz, foi nesse período, entre 1945-1955, que ocorreu o desenvolvimento industrial mais importante do país.[169]

Nas palavras de Ángel Rama, a essa onda de prosperidade cultural, "corresponden al último empuje civilizador battlista que se traduce en un reforzamiento de las clases medias y en una ampliación del esquema cultural que las abastece y mediante el cual ascienden, ya menos vertigiosamente en la pirámide social."[170]

Como parte desse processo no qual "foi possível igualar democracia, progresso, justiça social e ordem, sob a direção do Estado", como afirma Ruiz,[171] foram criados a Faculdade de Humanidades e Ciências do Uruguai (em 1948), o Instituto Nacional de Investigações e Arquivos Literários (em 1947). Este último permitiu o resgate da obra de importantes escritores nacionais, além da inauguração do Instituto de Professores Artigas (IPA), em 1950, especializado na formação de docentes para o ensino secundário. Instituição, esta, que Rama será um assíduo frequentador; num primeiro momento, como aluno e, posteriormente, como docente.

---

[169] RUIZ, Esther, El "Uruguay próspero" y sus crisis. In: FREGA, Ana et al. **Historia del uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2008.

[170] RAMA, Ángel. La generación crítica [1972]. In: BARROS-LEMEZ, Álvaro; BLIXEN, Carina. **Cronología y bibliografia Ángel Rama**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p. 23.

[171] RUIZ, Esther, op. cit., p. 124.

Da mesma forma, a Biblioteca Nacional do Uruguai recebeu apoio estatal, e pôde entre outros avanços, adquirir títulos de autores uruguaios que não constavam em suas estantes. Os escritores nacionais se transformaram em protagonistas da coleção *Clássicos Uruguaios* da Biblioteca Artigas, a cargo do Ministério de Instrucción Pública (atual Ministério de Educação e Cultura). A coleção contou com a colaboração de Ángel Rama, que selecionou autores e títulos, além da redação dos prólogos. Em seu ensaio *La generación crítica*[172], Rama afirmou que o SODRE, a Faculdade de Humanidades e Ciências, o IPA e a companhia Comédia Nacional representavam, naquele momento, quatro pilares da cultura uruguaia.

2.2.8 O que foi *Marcha*

> *Marcha* había nacido a contraviento, y a contraviento vivía: publicaba información mentida o escondida, desataba polémicas y difundía sesudos artículos que interrogaban la memoria y el destino del Uruguay, de América Latina y del planeta Tierra. No había sido fundada para cazar consumidores, sino para cuestionar certezas, encender conciencias, joder paciencias y alborotar avisperos.
>
> Eduardo Galeano[173]

Em 23 de junho de 1939, os uruguaios ganharam uma opção a mais para a leitura. Nesse dia, chegava aos quiosques de Montevidéu e de algumas cidades pelo país afora o número um do semanário *Marcha,* estampando na primeira página a manchete “La infiltración Nazi en el Uruguay”. Também na primeira página, recortado em um quadro, o anúncio-manifesto da estreia do jornal: “Desde aquí: en la proximidad de estas figuras que condensan el momento del mundo, Marcha saluda a sus lectores y ratifica las claras y buenas palabras con que anunció su salida: “La verdad, pero toda la verdad”.”[174]

---

[172] RAMA, Ángel. **La generación crítica, 1939-1969**. Montevideo: Arca, 1972, p. 23.

[173] GALEANO, Eduardo. “El periodismo independiente”**.** In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). **Marcha y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 515.

[174] *Marcha*, Montevideo, ano 1, n. 1, 23 jun. 1939.

Com uma diagramação sem grandes preocupações estéticas, em que as fotos e as ilustrações se espremiam nas páginas, dando lugar aos enormes blocos de textos, “o leitor ficava no amparo daquelas páginas de tipografia apertada”,[175] como reiterou Jorge Rufinelli. O tabloide mais importante do Uruguai tinha no alto da página, ao seu lado direito, um pequeno quadro em que se lia “Toda la semana en un día”. O logotipo composto por um barco, mais a frase traduzida do latim “Navegar es necesario, vivir no”, começaria a fazer parte da primeira página do jornal, a partir do número 1.337, em 13 de janeiro de 1967.

Segundo Luisa Peirano, a diagramação de *Marcha,* da primeira à última edição, seguiu o modelo de jornalismo francês, especialmente do jornal *Le Monde*, de quem Carlos Quijano era assíduo leitor.[176] Sob o olhar de Pablo Rocca, o semanário apresentava em seus primeiros tempos (1939-41) “um desenho gráfico dinâmico”, (...) “que combinaba notas políticas y doctrinarias con alta cultura, notícias sociales con consejos gastronómicos”.

Coube a Quijano, um advogado que havia se especializado em Economia na Sorbonne, que integrava o corpo docente da Faculdade de Letras da Universidad de la República, e que havia fundado os semanários *El Nacional e Acción*, dividir a direção do periódico com Arturo Ardao, na época o diretor do Instituto de Filosofia da Faculdade de Ciência da Educação da Universidade da República e o educador Julio Castro (que posteriormente fora assassinado pelo regime ditatorial do Uruguai).

A opção do tabloide por uma edição semanal justificava-se na medida em que funcionava como uma leitura complementar e indispensável em relação ao jornalismo diário. Talvez ainda estivesse na periodicidade outra justificativa, a do número de páginas, que se manteve na média em 16, mas que chegou a ter 32 e até 64 páginas, quando de alguns números especiais, temáticos ou comemorativos. Quanto às edições, a partir da década de 60, *Marcha* chegou a ter duas a três no mesmo dia.

Assim, o novo periódico chegava sob um cenário mundial bastante complexo que ainda estava sob os efeitos das consequências do final da Guerra Civil Espanhola e às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Em se tratando do cenário nacional, o país se encontrava sob o governo do general Alfredo Baldomir, em um período pós-ditadura do

---

[175]RUFINELLI, Jorge. Ángel Rama, "Marcha", y la crítica literaria latinoamericana en los 60. Revista *Scriptura*, n. 8-9, 1992. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/>. Acesso: 23 fev. 2010.

[176] PEIRANO BASSO, Luisa. ***Marcha* de Montevideo**. Buenos Aires: Ediciones B Argentina Javier Vergara Editor, 2001, p. 41.

governo anterior de Gabriel Terra (1933-1938), em que, marcadamente, a população buscava um empenho em relação à recuperação do regime democrático.

Foi também um momento em que o país registrou grandes correntes imigratórias, vindas da Europa, em particular da Espanha, e dos países árabes, por conta dos horrores da Guerra. O que levou a configurar a capital do Uruguai em um contexto muito particular, como nos aponta Rocca:

> En verdad, alrededor de 1940 la relación entre modernidad cultural y modernización capitalista era asimétrica, ya que en Montevideo había pocas librerías y aun muchas menos en las pequeñas ciudades del interior; contadas casas editoriales publicaban libros fuera de los de uso estrictamente escolar; la educación media era – todavía – privilegio de un porcentaje estrecho de la población urbana del país; la concentración de las crecientes – bien que selectas– actividades culturales capitalinas, se focalizaba en pocas manzanas céntricas. La cultura para consumo de masas o que se avenía al gusto "popular" (el tango, el cine, la prensa de actualidades para las masas, las ediciones baratas) había cambiado este panorama, modificaciones que incluían un público sólo posible a partir del crecimiento de los efectos de la reforma educativa lograda en el último tramo del siglo XIX, y el replanteo y la expansión de la Educación Secundaria durante el primer batllismo, en firme alianza con el ascenso de otras capas sociales urbanas.[177]

Quanto ao seu posicionamento político, *Marcha*, desde a primeira edição, já se mostrava transparente. Segundo as palavras de Conteris: “El semanario se define como una trinchera antifascista, y advierte en ese primero número sobre el peligro que amenaza a Latinoamérica en vista de las pretensiones de hegemonía mundial y los planes de conquista del nazismo.”[178] Entre os outros pontos-chave do comportamento político do jornal constavam: “Tercera Posición, americanismo, socialismo nacional, flexibilidad ante las ideas y el pensamiento que no lesionara los supuestos arraigados de su programa”. Determinantes que se somaram a outra preocupação do jornal, o combate ao peronismo.[179]

---

[177] ROCCA, Pablo. **35 años de Marcha. Crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay, 1939-1974**. Mnotevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992. Sobre este momento uruguaio, Rama em *Ciudad Letrada* viria a afirmar anos depois: “No sólo una integración sólida y mejor enmarcada ideológicamente, sino también el ingreso de los sectores sociales emergentes, los grupos medios que empiezan entonces su gesta política” (1984, p. 159).

[178] CONTERIS, Hiber. *Marcha* y el despertar de la conciencia latinoamericana: análisis del ideario americanista del semanario en sus primeros veinte años de existencia. In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 186.

[179] ROCCA, Pablo. **35 años de *Marcha*. crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay, 1939-1974**. Mnotevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 31.

Ao lado de Quijano, naquele momento de estreia do jornal, figuravam, entre outros, Francisco Espínola, este à frente de uma coluna de teatro; sobre música escrevia Lauro Ayestarán; e Joaquín Torres García, tratava de assuntos de pintura. Juntamente com esta equipe estava Juan Carlos Onetti, que respondia pela secretaria de redação, função que anos mais tarde caberia a Eduardo Galeano (entre 1961 e 1964), Carlos Núñez e Gerardo Fernández. Onetti criou a página literária "Artes, Letras & Cia", e as seções "De aquí y de Allá" e "La piedra en el charco", sendo que, para as duas últimas, o escritor uruguaio lançou mão dos pseudônimos: Uno (*Marcha*, ano 1, n. 1, 23 jun. 1939), Periquito el Aguador, Grucho Marx e Pierre Regy. Foram estas as iniciativas fundadoras de Onettti no sentido de "ter lançado a pedra fundamental do que viria a ser as páginas literárias do jornal", segundo observação de María Angélica Petit.[180]

Dono de um estilo único, que se mantinha sob comentários no mínimo ácidos, Onetti nestas colunas dirigia seu olhar crítico para que o país produzia em termos de literatura. Exercício que levou o escritor, encarnado em Periquito el Aguador, a provocar os leitores. Veja-se o determinado trecho em questão: "(…) lo que necesita una literatura rioplatense (...) es una voz que diga simplemente quiénes y qué somos, capaz de volver la espalda a un pasado artístico irremediablemente inútil y aceptar despreocupada el título de bárbara."[181]

Quanto à produção jornalística de Onetti, durante esse período, destacam-se um artigo sobre Lênin e uma entrevista com o recém-eleito presidente do Chile Salvador Allende. Com o autor de *El Pozo* (1939) também trabalhava o poeta Juan Cunha, a quem caberia o duplo encargo de conseguir anúncios publicitários e a cobrança de assinaturas de leitores do semanário.

Aos dois uruguaios se juntariam uma extensa lista de escritores que tiveram seus textos, muitos inéditos, publicados no semanário ao longo dos 35 anos de sua existência. A destacar: Pablo Neruda, Roa Bastos, José María Arguedas, Octavio Paz, Miguel Ángel Asturias, Juan Goytisolo, Mario Benedetti, Juan Fló, Josué de Castro, Maria Esther Gilio, Carlos Maggi, Julio Cortázar, García Márquez, Carlos Fuentes, Antonio Skármeta, Bryce Echenique, Manuel Puig, César Fernandez Moreno, Ernesto Cardenal.

---

[180] PETIT, Maria Angélica. "De marcha a Cuadernos de Marcha. Un proceso ideológico inscripto en el tiempo histórico". In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 221.

[181] ONETTI, Juan Carlos. "Una voz que no ha cesado". *Marcha*, Montevideo, 30 jun. 1939.

A outros, que eram também jornalistas, como Vargas Llosa, competiria os encargos da profissão. Foi o que aconteceu com o escritor peruano, ao assumir o cargo de correspondente do jornal durante sua estada em Paris. Mario Benedetti engrossou esse grupo e, em 1945, assume a função de editor, função que será retomada pelo menos por umas três vezes, após uma ausência de 13 anos, justamente em janeiro de 1958, quando ficam sob sua responsabilidade as *Literarias*. Até março de 1959, esse mesmo escritor responde pela direção da seção de Literatura, que dali a alguns meses passará para as mãos de Ángel Rama.

Já nas páginas destinadas aos temas da política e da economia do periódico foram publicados textos de autoria de Salvador Allende, Dom Hélder Câmara, Celso Furtado, Darcy Ribeiro (cinco textos que formam a série "Universidad Latinoamericana y desarrollo social"), conforme levanta o estudo de Haydée Ribeiro Coelho, e Che Guevara, autor de um longo texto escrito durante sua passagem pela Argélia, intitulado "El socialismo y el hombre en Cuba",[182] publicado em 12 de março de 1965.

A galeria tão diversificada de colaboradores, composta por figuras expressivas da intelectualidade latino-americana, era resultado da linha editorial e política do jornal, que mantinha as páginas abertas às mais diferentes escolhas: de estilos literários a opções políticas. É o que nos confirma Miriam Pino, em seu alentado artigo sobre o jornal:

> (...) por las páginas literarias del semanario desfila toda nuestra América martiana: desde Miguel Angel Asturias en Guatemala a Gregório Selser de Argentina, pasando por René Zavaleta Mercado y Augusto Céspedes de Bolivia. Quijano se permitía polemizar hasta con Jean Paul Sartre. [el periódico] no dejará de lado a escritores como José María Arguedas u *outsiders* como Felisberto Hernández o Armonía Somers y abrirá también sus páginas a figuras del sindicalismo uruguayo y latinoamericano.[183]

Marcha, portanto, se configurou em um semanário que mantinha relevo nos assuntos de economia e política, ao ponto de alguns estudiosos do assunto citarem a

---

[182] GILMAN, Claudia. "Batallas de la pluma y la palabra". In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 278.

[183] PINO, Miriam. "El semanario *Marcha* de Uruguay. Una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina". **Revista de Critica Literaria Latinoamericana**, Lima-Hanover, ano 27, n. 56, Lima-Hanover, 2002, p. 153. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4531230>. Acesso em: 10 ago. 2010.

existência de “duas *Marchas*”, como salienta Carmen de Sierra[184]. Uma dedicada aos temas econômicos, políticos, sociais e internacionais, vinculando o Uruguai e a América Latina ao sistema mundial; outra dedicada ao campo literário e cultural em geral. Assim diz a estudiosa: “Con el mismo prestigio que la primera, pero con otro público lector, que sin duda a veces – como nos has expresado personalmente Arturo Ardao – ignoraba casi complemente los temas de la otra mitad del semanario.”[185]

Não que houvesse duas versões de *Marcha*. O periódico, na verdade, mantinha uma unidade em relação à abordagem de assuntos, calcada na qualidade da informação e, sobretudo, no pensamento crítico tanto para os assuntos econômicos, quanto para os políticos ou culturais. Tal pertinência levou Mario Benedetti a encontrar no semanário algo assim como uma bússola, que guiava a opinião dos seus leitores sempre ansiosos pela nova edição. Como nos elucidam as palavras do próprio escritor:

> Todo el país esperaba ansiosamente el viernes, porque Marcha era algo así como el termómetro social, el diagnóstico comunitario. Y siempre lo había sido. A pesar de la gastada tipografía, de la pobre cualidad del papel, de la escasez de avisadores, de su incorregible talento polémico, el semanario era una tribuna insoslayable y su repercusión excedía en mucho el ámbito nacional. Para varias promociones de periodistas y escritores fue una escuela insustituible.[186]

Entre os leitores ávidos à espera das sextas-feiras estava Ángel Rama, que em plena adolescência, se deleitava com a leitura na íntegra do jornal. Passagem registrada pelo próprio crítico, em um de seus artigos panorâmicos sobre a importância que o semanário teve em sua trajetória jornalística e cultural:

> Mi relación con el semanario *Marcha* uruguayo es tan larga como toda su existencia y ésta tan larga como una vida humana completa. Comenzó en 1939, cuando apareció su primer número, que la impenitente curiosidad de mis 13 años me llevó a comprar, y desde entonces no cesó, generándome es afición de los viernes que acabó contagiando a miles de

---

[184] SIERRA, Carmen. “Marcha en el contexto político económico internacional del siglo XX”. In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 74.

[185] Ibidem, p. 74.

[186] BENEDETTI, Mario. “Réquiem por Carlos Quijano 25 de junio de 1984”. In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 537.

> uruguayos y latinoamericanos en los años de esplendor de Marcha, en la década del 60.[187]

Embora tenha havido diferenças de opiniões e de pontos de vista em matéria de análises, *Marcha* teve uma configuração complexa e ímpar, justamente por se tratar de um projeto coletivo e, como tal, parece ser mais que um jornal. O periódico agregou um conjunto de fatores que permitiu uma nova forma de fazer jornalismo; forma novidadeira para o Uruguai e para a América Latina. Levando-se em conta o corpo redacional mais os colaboradores, tanto nas editorias de política, de economia, de literatura e nas outras seções, o semanário trazia uma proposta cultural igualmente pioneira: congregava conhecimento, informação e, sobretudo, crítica. Crítica que às vezes chegara à instância do contundente, e porque não dizer da polêmica.

Tal proposta vinha alinhavada pela determinação política da direção de Carlos Quijano. Esta permitia articular o local e o internacional, o individual e o coletivo, dando espaço para diversidades políticas e culturais, instaurando sob "uma ética política", um espaço crítico inusitado na imprensa da América Latina, como nos sinaliza Moraña[188]. *Marcha* tinha uma linha editorial que funcionava, por assim dizer, "sob o desenho de um socialismo latino-americano que proporcionou à editoria de cultura sustentar o objetivo maior, a difusão da literatura latino-americana", segundo as reflexões de Miriam Pino.

O aspecto da formação de um leitor crítico, a partir de um espaço também crítico, sem nós partidários nem radicalismos, demonstrava ser efetivamente um dos pontos-chave de *Marcha*, a partir de 1960. Cabe aqui destacar que, no ano de 1960, Marcha admitiu certas mudanças e ajustes em sua linha editorial.

Para tanto, o jornal contou com um público que respondia a seus anseios e questionamentos, propostos em textos "menos jornalísticos e mais analíticos". Por ser "exigente" consigo mesmo, o periódico nas palavras de Pablo Rocca, também se mostrara exigente frente aos leitores:

> Pues presuponía (al mismo tiempo que ayudaba a conseguir) una familiaridad con todas aquellas disciplinas en juego. Constituyó una tribuna intelectual para el Uruguay y para América Latina, con esa

[187] RAMA, Ángel. "La lección intelectual de *Marcha*". *Cuadernos de Marcha*, ano 5, n. 19, p. 19, jun. 1989.

[188] MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 11.

> libertad y heterogeneidad de preocupaciones y estilos que fundó tal vez el alto nivel de los artículos.[189]

A referência à familiaridade plural levava em conta o conhecimento sobre política, economia, filosofia e literatura, por parte do público leitor formado por, segundo Miriam Pino, “uma elite letrada, que era basicamente a classe média em ascensão, os jovens intelectuais universitários, desejosos de mudanças na área da cultura no país.”[190]

Diante da expressividade dos leitores, Rama chegou a referir-se a uma “Geração de Marcha”, ou seja, aquela formada a partir da leitura do jornal. Segundo Rama, o semanário, que dedicou desde o seu primeiro número atenção especial à cultura, “confirió una importáncia mayor a las secciones de literatura, artes, cine, teatro, ideas, historia, etc., las que fueron atendidas en su doble aspecto, informativo y crítico.”[191]

Também concorda com Rama, Mabel Moraña. Tal autora se dedicou a estudos bastante substanciosos do jornal e afirmou nas páginas introdutórias do volume *Marcha y América latina* (obra que é também uma das organizadoras) que o semanário dirigido por Quijano reuniu um amplo espectro de assuntos, sob uma linha editorial muito determinada.

> Desde los más sesudos estudios de economía hasta la atención a la educación, (…) las artes, desde la critica literaria a la teatral y cinematográfica, desde el humoral más estricto compromiso político, *Marcha* fue siempre, ate todo, una plataforma –y en muchas instancias, una barricada– desde la que se defendiera el interés colectivo, la justicia social, la democracia, los derechos humanos, sin claudicaciones, aun en las etapas más difíciles de la historia nacional.[192]

Porém não se pode questionar que as páginas dedicadas às questões de literatura sempre contaram com especial cuidado por parte da direção do jornal, no sentido de

---

[189] ROCCA, Pablo. **35 años de *Marcha*. crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay, 1939-1974**. Mnotevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 31.

[190] PINO, Miriam. “El semanario *Marcha* de Uruguay. Una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina”. **Revista de Critica Literaria Latinoamericana**, Lima-Hanover, ano 28, n. 56, 2002. [tradução minha]

[191] RAMA, Ángel. **La crítica de la cultura en América Latina**. Caracas: Ayacucho, 1985, p. 230.

[192] In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 10.

oferecer ao leitor um conjunto de fatores que justificassem o caráter da publicação, cuja tiragem alcançava entre 30 a 35 mil exemplares[193].

Ao proporcionar ao leitor esse teor de conteúdos, o semanário cumpria com uma contribuição pedagógica junto ao seu público. O que de certa forma, segundo Pino, conseguira preencher os vazios deixados pela cultura oficial do país, a partir dos anos 30. Para tanto, *Marcha* dedicou-se com afinco, numa segunda etapa de sua trajetória, a partir de 1960, imprimindo em seus textos, conforme Pino, "um sutil tecido de informação, questionamentos, teoria e propostas."[194]

No entanto, é preciso assinalar que embora o semanário se mantivesse coerente com sua proposta primeira, a de manter qualitativamente seus artigos e seu noticiário, a ponto de o próprio Rama afirmar ter o jornal se convertido numa espécie de "diário extra-oficial Universidade", na medida em que era material indispensável para as aulas, em particular a dos universitários, *Marcha* nunca teve um caráter acadêmico. Aspecto que o crítico Pablo Rocca nos chama atenção:

> Aunque los artículos y ensayos allí impresos fueran en muchas oportunidades de una extensión mayor a las que hoy registran publicaciones académicas, no puede olvidarse que la naturaleza de *Marcha* era, siempre lo fue, periodística. Así, aunque exigiera rigor y suma de saberes a sus responsables, aunque alcanzara en Latinoamérica, aunque fuese una experiencia sui generis en el contorno de lengua española (…) *Marcha* nunca fue una revista académica, ni tampoco pretendió serlo.[195]

Neste sentido, podemos nos juntar aos estudiosos que afirmam ter sido o periódico um exemplo de jornalismo militante. Constituiu-se como um espaço politicamente independente, marcado pelo caráter reflexivo e analítico de seus textos, cujas páginas se abriam, de forma pioneira na América Latina, para a tarefa intelectual de apresentar, discutir e refletir, entre outros aspectos, o papel da literatura.

Coincidências à parte, foi com um tema brasileiro que o jornal, após as 1.676 edições, circulou, em 22 de novembro de 1974, em sua edição derradeira que trazia na capa

---

[193] PETIT, María Angélica. **De *Marcha* a *Cuadernos de Marcha***. In: MACHÍN, Horacio; MORAÑA, Mabel (Orgs.). ***Marcha* y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidade de Pittsburg, 2003, p. 237.

[194] PINO, Miriam. "El semanario *Marcha* de Uruguay. Una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina". **Revista de Critica Literaria Latinoamericana**, Lima-Hanover, ano 28, n. 56, p. 152, 2002.

[195] ROCCA, Pablo. **35 años de *Marcha*. crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay, 1939-1974**. Montevideo: División de Cultura de la Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 52-53.

a manchete: “Brasil El plebiscito condenó al modelo”. A ditadura de Bordaberry impediu os uruguaios de seguirem esperando pela sexta-feira para a leitura de *Marcha* e se interagirem com uma plataforma cultural, política, econômica, literária e estética. Um fenômeno como nunca houve na imprensa daquele país.

Antes de o semanário ser fechado pela ditadura uruguaia, Carlos Quijano lança a primeira série de *Cuadernos de Marcha*, publicada mensalmente no período de maio de 1967 a junho de 1974, o que resultou em 78 edições. Tratava-se de edições temáticas, em que os colaboradores convidados dissertavam, sob vários pontos de vista. Assim mesclavam-se abordagens políticas, filosóficas, econômicas, culturais com textos literários. Como foi o caso de “La vuelta al día en ochenta mundos”, de Julio Cortázar, publicado juntamente com textos de Alejo Carpentier, Benedetti, Francisco Urondo, Régis Debray, Ernest Mandel e Che Guevara, conjunto que compunha a edição de número três de *Cuadernos*, monotemática sobre Cuba. Em novembro de 1967, Che Guevara também foi o responsável pela edição de *Cuadernos* (n. 7, nov. 1967) e assinou 14 dos 15 textos da edição intitulada “Che Guevara. El teórico y el combatiente”.

Com o exílio de Quijano, primeiro para Buenos Aires, e, posteriormente, para o México, os *Cuadernos* alcançam a segunda série a partir de 1977, com edições até 1984. Já a terceira edição teve início em 1985, novamente em Montevidéu. Com a morte de Carlos Quijano, *Cuaderno* ficou a cargo de Carlos Vargas, filho, e Mercedes, esposa, ambos responsáveis pela publicação até o ano de 2001. As três séries, em um espaço de 34 anos, somaram 299 exemplares, como detalhou Petit.

2.2.9 *Marcha* fora dos limites uruguaios

A circulação e a recepção de *Marcha* ainda merecem estudos, como observa Mateus Fávaro Reis,[196]em seu trabalho de mestrado. Fávaro engrossa as vozes no sentido da necessidade de estudos mais ampliados da publicação junto à Europa e, especialmente,

[196] REIS, Mateus Fávaro. **Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. p. 126. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>. Acesso em: 30 jun. 2011.

junto à América Latina, em particular o Brasil. Embora se tenham registros de alguns comentários dispersos de intelectuais brasileiros que tiveram acesso e mantiveram a leitura regular do semanário, como foi o caso de Antonio Candido, que a partir de sua amizade com Ángel Rama, no ano de 1960, passou a ser incluído entre o rol de leitores do jornal uruguaio. Ou Darcy Ribeiro, que evidentemente foi um leitor assíduo, conforme assinalou Haydée Ribeiro em seu estudo. Fica uma questão a ser investigada, considerando-se que, a partir do ano de 1960, sob os ecos da Revolução cubana, a circulação em eventos de escritores e intelectuais pelo mundo se intensifica, podemos supor que muitos dos intelectuais brasileiros que circularam entre os grupos latino-americanos puderam ter tido acesso ao tabloide.

Nesse sentido, o testemunho de Alfaro pode ser valioso para nos dar a dimensão da difusão do periódico. Para o crítico de cinema, *Marcha* circulou desde muito cedo em Buenos Aires e, em menor medida, em Santiago do Chile. Além disso, foi bem recebido em Madri e Paris, dentre outras cidades europeias, aonde chegava após uma semana de sua impressão.

A autora Luisa Basso, que se dedicou a um trabalho sobre os *Cuadernos de Marcha*, mostrou-se de acordo com Alfaro, assinalando a inexistência de um estudo mais minucioso do trânsito e da recepção de *Marcha* na América e na Europa, uma vez que a repercussão do semanário uruguaio transcendia as fronteiras nacionais. Fica o questionamento e a sugestão para futuros trabalhos sobre a circulação de *Marcha* no Brasil, na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos.

2.2.10 Outras páginas

Ainda na década de 50, sob esse contexto de prosperidade cultural uruguaia, Ángel Rama assumiu a direção da seção literária do jornal *El Nacional*, um substituto do antecessor *Acción* (1932-1939), que circulou por apenas 16 meses. É, precisamente, em março de 1954 que o crítico estreou no jornal, ao assinar um texto sobre a nova poesia brasileira. Em maio desse mesmo ano, Rama assumiu o espaço de crítica teatral no diário *Match*.

Dois anos depois, o crítico passou a escrever novamente para *El País*. Colaboração que se iniciou quando ele se encontrava em Paris, em 1955, por conta de uma bolsa de

estudos concedida pela embaixada francesa, o que lhe proporcionou cursos na Sorbonne e no Collège de France, da Universidade de Paris, junto a professores como Marcel Bataillon e Fernand Braudel, figuras intelectuais fundadoras dentro do seu percurso intelectual. Em 1956, o uruguaio ficou durante todo o ano na Ecole de Sèvres de Paris, por conta da realização de estágios na área de educação.

De volta ao semanário *Acción*, em julho de 1957, o crítico se encarregou de uma coluna dominical intitulada "Libros y autores" do jornal. Rama tinha o escritor Juan Carlos Onetti como seu diretor. Meses após assumir a coluna de livros, ainda acumularia a tarefa de crítico de teatro, jornada para qual se dedicaria até 1964.

A atuação de Rama na imprensa foi acontecendo de forma concomitantemente a uma série de outras atividades intelectuais. Nessa trajetória jornalística, o crítico, entre o final de 1958 e o início de 1959, voltava ao grupo de redação de *Marcha*. Após um ano, o crítico, que seguira produzindo no período seus artigos com alto teor de informação, questionamentos e reflexões teóricas, passava a redator-chefe de *Literárias*, as páginas destinadas aos assuntos de literatura, cargo que se manteve até 1968, quando mais uma vez retomou a condição de colaborador. Como colaborador, Rama prosseguiu até o fechamento do jornal em 1974, ano em que deixou o Uruguai devido às condições implacáveis que a ditadura de Bordaberry instaurara no país.

Escrever artigos e, em paralelo, integrar o Conselho de Redação, foi a forma que Rama optou para atuar junto à revista *Casa de las Américas*, de Cuba, no período de 1964 até 1971, ano, este, que o episódio envolvendo a prisão do poeta cubano Heberto Padilla obriga-o a se desligar de ambos os cargos.

O episódio se deflagra quando Padilla é preso e obrigado a fazer uma autocrítica sobre um livro de poemas que havia sido considerado contrarrevolucionário pelo regime cubano. O escritor Vargas Llosa, que integrava a equipe de redação da revista, e mais 61 intelectuais assinam uma declaração de repúdio ao fato. Em paralelo, um grupo de intelectuais uruguaios assina outro documento apoiando o governo cubano. Rama não assina nenhum dos dois documentos. Publica em *Marcha* o artigo "Una nueva política cultural en Cuba" e renuncia ao Conselho Editorial do periódico *Casa de las Américas*, deixando de colaborar com a revista.

Dois anos depois de passar por esta experiência editorial cubana, Rama pôde atuar como diretor de uma publicação de âmbito acadêmico que foi criada em 1959 e teve Alfonso Llambías de Azevedo na direção até 1962. Tratava-se da *Revista Iberoamericana*

de Literatura, publicação do Departamento de Literatura Hispanoamericana da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República, na qual o crítico permaneceu na direção no período de 1966 até 1969/70, quando se publicaram dois números. Nessa época, Rama acumulava os cargos de professor responsável pela cátedra de literatura e diretor do Departamento de Literatura da Faculdade.

A publicação, que contou, em duas ocasiões (n. 2 e n. 6, a última), com Antonio Candido entre os seus colaboradores, trazia na contracapa um texto em que expressava sua missão: "La publica el Departamento de Literatura Iberoamericana de la Facultad de Humanidades y Ciencias de Montevideo con el objeto de difundir investigaciones, estudios y documentos relacionados con la literatura de Iberoamérica."[197]

Ao tomar contato mais estreito junto aos movimentos políticos e culturais de Porto Rico, para onde se transfere como professor visitante da Universidade de Río Piedras, no começo da década de 70, Rama passou a ser o responsável pela página de literatura do jornal *Claridad*, publicação que ficava a cargo dos simpatizantes independentistas daquele país. A proximidade com a publicação e principalmente com o grupo – que se mantinha solidário à mudança de governo – acabou gerando problemas ao crítico uruguaio, que no ano seguinte, 1971, não conseguiu a renovação do visto de permanência no país.

A ligação de Rama com a imprensa o acompanhou mesmo fora da redação, e um ano após ter deixado seu país devido o golpe de Estado, em 1974, Rama anunciou na Venezuela, a criação do Comitê de Informação sobre a Repressão no Uruguai, encargo que compartilha com os venezuelanos, José Vicente Rangel, deputado, e Simon Gomez Malaret, advogado.

As precárias condições democráticas do Uruguai levam o crítico a se instalar na Venezuela, e eleger este país como sua nova pátria. Ali, entre inúmeras iniciativas e realizações culturais, Rama fundou, em 1976, juntamente com os professores da Universidade Central da Venezuela, María Fernanda Palácios e Rafael di Prisco, a revista *Escritura*. Segundo o crítico uruguaio, uma revista "destinada exclusivamente a estúdios de teoría y crítica literárias tanto sobre temas nacionales como sobre autores y obras internacionales."[198]

No final da década de 70, Rama já havia se consagrado como professor universitário com muitas passagens por universidades estrangeiras, a destacar Porto Rico,

---

[197] Credito ao professor Pablo Rocca estas informações relevantes.

[198] RAMA, Ángel. **La crítica de la cultura en America Latina**. Caracas: Ayacucho, 1985, p. 392.

São Paulo (USP e Unicamp), Buenos Aires, Colômbia, Chile. Nesta mesma época, ele se encontrava, precisamente, nos Estados Unidos, ministrando cursos sobre literatura latino-americana na Universidade de Maryland e no Milddlebury College, quando, em 1979, se torna um assíduo colaborador de *Cuadernos de Marcha*, publicação-irmã do semanário uruguaio *Marcha*, que devido ao fechamento deste pelo governo, obrigou o seu criador, o economista Carlos Quijano, em exílio no México, a criar e editar um novo veículo.

Da amizade com Candido veio o convite para que Rama participasse como colaborador da revista *Argumento*, publicação que nos detivemos mais detalhadamente ao tratarmos da trajetória jornalística de Antonio Candido. É com o texto "Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana", traduzido por Nestor Deola, que Rama integra a edição de número 3 da revista. Ao lado dele, estava um grupo de intelectuais bastante expressivo, dividido entre o conselho consultivo e a comissão de redação da publicação. Entre eles estavam: Erico Verissimo, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Octavio Paz, Paulo Emílio Salles Gomes, Alain Touraine, Anatol Rosenfeld e Antonio Candido, entre outros.

Neste artigo, Ángel Rama mais uma vez proporcionaria ao público-leitor um painel sobre o movimento – ainda tímido – de diálogo entre as duas literaturas, a brasileira e a latino-americana. Texto do qual reproduzimos aqui um trecho como ilustração, deste que foi um dos temas centrais dos questionamentos de Rama:

> A dependência dos modelos críticos europeus em que viveu a historiografia literária latino-americana, se por um lado favoreceu uma organicidade rápida e mecânica de seus produtos, por outro entravou o progresso de uma interpretação própria e original ao enfraquecer a adequação da crítica às peculiaridades literárias de um vastíssimo continente, que hoje conta com cerca de trezentos milhões de habitantes, e onde convivem uma multiplicidade de países, diversas românicas e indígenas, áreas lingüísticas e literárias suficientemente diferenciadas, fortes tendências regionalistas e múltiplas influências estrangeiras que carreiam as culturas mais díspares, submetidas a uma elaboração sincrética.[199]

A intensa participação do crítico uruguaio em empreitadas jornalísticas resultou, em 1980, entre tantos outros acontecimentos importantes, sua nomeação como membro executivo do Centro Internacional de Revistas de Crítica Literária Latino-Americana para

[199] RAMA, Ángel. "Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana". **Argumento**, Rio de Janeiro (RJ), ano 1, n. 3, p. 37.

o biênio de 1980-1982. Responsabilidade que não o impediu de seguir colaborando com os diários *El Universal* e *El Nacional* de Caracas, independente das diferenças significativas entre as linhas editorial e política de cada uma dessas publicações.

As conferências, a essa época, já haviam se tornado uma constante na agenda plural de Rama, assim como as palestras, as oficinas e a participação em eventos ligados ao universo literário. Eram compromissos que se ajustavam às suas tarefas de editor, a exemplo de sua jornada na direção de *Latinomericana XX*, revista que reuniu uma coleção de textos editados na Suécia a partir de 1981.

Foi no de 1982, após um longo período de ruptura, época em que Rama vivia nos Estados Unidos como professor titular de literatura latino-americana, na Universidade de Maryland, que ele retomou a colaboração com a revista cubana *Casa de las Américas*.

Desse ano até o seguinte, 1983, o de sua morte, a atividade publicista de Rama seguiu em ritmo muito similar ao que se dedicara nos quase 40 anos junto à imprensa, ora em artigos mais encorpados para publicações marcadamente mais acadêmicas, ora para aquelas com perfil mais literário, ora com suas críticas para jornais. Nessa trajetória de trabalho intelectual, entre 1946 e 1983, Rama escreveu 17 livros, 1.477 ensaios, figurou como colaborador em 102 revistas, redigindo 1.420 textos para jornais e revistas, participou como fundador de 5 outras, escreveu 57 prólogos, teve 23 participações em volumes coletivos, idealizou quatro grandes projetos editoriais, dos quais ficaram mais de 300 livros. Porém, como bem assinalou Carlos Lozano, [Rama] "no alcanzó a escribir el libro mallarmeano, sobre la literatura de América Latina con el que soñaba."[200]

2.2.11 Convivências plurais

Autora do exemplar do folheto da primeira grande exposição em homenagem a Ángel Rama no Uruguai após sua morte, *Explorador de la cultura*, em 2010, a escritora Rosario Peyrou, também a responsável pela curadoria da mostra, a partir de um intenso trabalho, selecionou, em meio a centenas de cartas, alguns exemplares assinados pelo crítico junto aos interlocutores espalhados pelos quatro cantos do mundo. Gabriel García

[200] LOZANO, Carlos. **Ángel Rama: critica literaria y utopía en América latina**. Selección y prólogo de Carlos Sánchez Lozano. Colombia: Editorial Universidad de Antioquia. Medellín, 2005, p. xix.

Márquez, Julio Cortázar, Rafael Alberti, Darcy Ribeiro e Antonio Candido foram alguns dos destinatários que constituíram a produção epistolar de Rama.

Tratava-se de produção volumosa, na medida em que o crítico se correspondia com um grupo igualmente volumoso de “homens de letras” da América Latina e do mundo. Eram assíduos correspondentes seus: críticos, escritores, professores, tradutores e editores.

Se, por um lado, o uruguaio se aproximava desses *literatos*, e com muitos deles, efetivara laços fraternos de amizade, por outro, como responsável de uma seção semanal em *Marcha*, precisava mantê-los próximos, pois muitos deles eram também suas fontes jornalísticas. Para o jornalista, a matéria-prima é a notícia, o dado novo. Um pequeno trecho de uma carta-depoimento do escritor Roa Bastos, de Toulouse, na França, nos ilustra o vínculo de Rama junto aos amigos:

> Hube de retroceder entonces a la memoria. Esos días, esos años, esas vidas. Fragmentos. Latidos. Delirios de la presunción. Como cuando venías, Ángel, a Buenos Aires, y te alojabas en mi cuchitril de la calle Vera, en Almagro, y comenzabas a trabajar desde la madrugada en tu pequeña máquina de escribir puesta sobre las almohadas atrapando al vuelo esos pensamientos de la noche. Deseo insondable. Como si hubieras trabajado toda la vida en ese último minuto para recomenzar en el siguiente.[201]

O fato é que dedicar-se à prática epistolar deixou um farto acervo – de posse da filha Amparo Rama Vitale[202]– com milhões de linhas escritas, datilografadas e manuscritas, que já estiveram acondicionadas em envelopes, marcados pelo tempo e tomados de carimbos de países distintos. Ao que tudo indica, tais cartas podem ilustrar e acrescentar, em muito, as etapas da história dos estudos literários da América Latina.

Também fez parte da rotina social-cultural de Ángel Rama a circulação por espaços em que se realizavam atividades culturais. Dividido entre o teatro e a literatura, até o início dos anos 60, ele mantinha um circuito de idas e vindas, ora na plateia, ora como orador, de

---

[201] ROA BASTOS, Augusto apud ELOY MARTÍNEZ, Tomás. Ángel Rama o el Placer de la Crítica. **Solo literatura**, 1985. Disponível em: <http://sololiteratura.com/ ramaeloymartinez.htm>. Acesso em: 3 abr. de 2010.

[202] Do acervo constam as cartas trocadas entre os dois críticos Rama e Candido. O professor uruguaio Pablo Rocca teve acesso à totalidade dessa correspondência e prepara um volume que reunirá parte das cartas enviadas de Ángel Rama para Antonio Candido. A respeito da correspondência entre Ángel Rama e Darcy Ribeiro, parcialmente inédita, a professora Haydée Ribeiro Coelho (UFMG) tem se dedicado ao tema, que é parte de seu trabalho de pesquisa.

tamanha intensidade, que a máxima cunhada por Carlos Real de Azúa, “Se sospecha que no duerme nunca”,[203] não tinha nada de hiperbólico.

Mesas-redondas, conferências, leituras comentadas, saraus, encontros, minicursos, congressos, debates em instituições, programas de rádio e de TV[204], recitais, entrevistas. Eventos com lugar permanente na agenda uruguaia ou estrangeira de Rama. Porém, vale ressaltar que a presença de Rama a partir da década de 60 passa a ser assídua em muitas destas realizações. Motivados pela efervescência cultural a partir da Revolução cubana e suas instâncias aglutinadoras, o que propiciou uma quebra do isolamento em que se encontravam esses intelectuais latino-americanos até o final dos anos 50, os intelectuais latino-americanos, em particular os escritores, passaram a participar com maior frequência de tais eventos. Eventos que igualmente alimentavam sua tarefa semanal de nutrir as páginas de *Marcha* com informação e crítica, tais como foram os congressos de literatura. Um desses lugares por onde circulou Rama, colocando-o em contato com muitos desses “homens de letras”, especialmente os escritores latino-americanos, foi *Casa de las Américas*, como enfatizou Pablo Rocca:

> (…) de su simultánea experiencia como asesor y miembro de tribunales y además de Casa de las Américas de La Habana, donde le había sido posible conocer a “tout le monde”, de Alejo Carpentier a Julio Cortázar que ya conocería en Río de La Plata, pasando por, David Viñas o Rulfo, etc. García Márquez de quien hablara que era muy amigo y tantos otros más.[205]

E nem mesmo a faceta de homem polêmico, que por tantas ocasiões extirpou e por outras acalentou os interlocutores, comprometia as relações de Rama e os amigos. Como podemos constatar, por exemplo, neste trecho de uma das cartas enviadas para o escritor Enrique Amorim; logo depois dos agradecimentos, ele retoma algumas falas de carta anterior:

> (…) será difícil romper el gracioso, grotesco y hasta ridículo escalafón de los marchistas” (…) hace bastantes años que uso la cabeza con

[203] REAL DE AZÚA, Carlos. **Antología del ensayo uruguayo contemporáneo**. Tomo II. Montevideo: Universidad de la República, 1964, p. 64.

[204] Entrevistas e conferências radiofônicas, como aquelas concedidas ao programa do professor Domingo Bordoli, quando da leitura de trechos dos livros *Cacería Nocturna* e *Tierra Sin Mapa*, no ano de 1965. Estas gravações constam do acervo do SODRE, em Montevidéu, disponíveis em: <http://www.uruguayeduca.edu.uy>.

[205] Pablo Rocca, em entrevista à autora no mês de maio de 2008, em Montevidéu.

> independencia, opinando – según mis propias luces me lo permiten -, bajo mi entera responsabilidad”.[206]

O relacionamento de Rama com escritores foi um dos pontos marcantes em sua trajetória intelectual. Não foram poucos os que mantinham com o crítico uma proximidade, fato que se pode verificar nas cartas. Em outros tantos depoimentos, encontramos registros dessa capacidade do uruguaio de dar espaço e atenção aos seus interlocutores. O argentino Tomás Eloy Martínez foi um deles:

> Lo conocí en el invierno austral de 1958, cuando yo era un crítico de cine en estado de aprendizaje y no he olvidado las primeras horas que pasé con él, el esplendor de su carcajada, el interés con que atendía mis comentarios seguramente triviales, como si su interlocutor fuera en ese momento la persona más importante del mundo. Bastaba que yo lanzara al aire una palabra para que él, con fruición, la cazase al vuelo y la devolviera envuelta en un ropaje de significados.[207]

A lista de nomes que se somaria a Tomás Eloy Martínez é longa e nos mostraria que era por meio das conversas na rotina de cafés de Montevidéu, como o *Sportman*, em frente à Biblioteca Nacional, ou nos arredores da Plaza Cagancha, como o lendário bar *Metro*, além de uma caudalosa correspondência, que o crítico se mantinha informado do mundo da literatura e dos homens que a praticam.

2.2.12 Alguns apontamentos

O trajeto percorrido até aqui acompanhando parte do percurso intelectual dos críticos Ángel Rama e Antonio Candido nos leva a algumas considerações relevantes para a compreensão das próximas etapas deste trabalho, assim como a um entendimento mais abrangente a respeito da atuação e produção jornalística de ambos.

É sob o signo da diferença que pontuamos tais considerações, pois, ao nos debruçarmos sobre a trajetória dos dois, em um período delimitado entre a infância até o ano de 1960, quando eles se conhecem, constatamos o quão distintas foram tais trajetórias.

---

[206] RAMA, Ángel. “Enrique Amorim: un creador infatigable” *Marcha,* 5 ago.1960, p. 21.

[207] MARTÍNEZ, Tomás Eloy. “Pequeño diario de un gran hombre” [28 jun. 2008]. *El Espectador*. Disponível em: <www.elsespectador.com>. Acesso em: 27 jan. 2010.

Antonio Candido, de filiação burguesa, contou com mestres franceses em sua maioria. Primeiro, com uma professora especial, em terras francesas, depois em uma universidade pública que recém ensaiava os primeiros passos para a excelência. Universidade que por sua vez situa-se em uma metrópole de destaque no cenário latino-americano. Rama, em contrapartida, de raízes menos nobres e mais pobres, muniu-se também de um ensino público povoado por mestres espanhóis, imigrantes como os seus pais, vítimas de um exílio compulsório por conta dos efeitos da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto Candido, garoto e adolescente, contou com o acalanto familiar dos pais, dos livros de bibliotecas em dose dupla e de uma passagem pela França, Rama acudia à Biblioteca Nacional para as sessões de leitura, e ao semanário *Marcha*. Já adulto, o crítico do jornal *Marcha*, retornou ao tema da biblioteca particular, que voltou à baila no seguinte comentário de Rama, em sua insuperável condição de cidadão crítico: "Nada sustiyue el aristocrático placer de la biblioteca propia y un Estado responsable y organizado debería regalarle una espaciosa casa a todo ciudadano que reúne una biblioteca importante."[208]

Na juventude universitária de Rama, o teatro, a necessidade de encontrar uma alternativa de um trabalho rentável, a proximidade às revistas literárias, não se parecem em tudo com um Candido estudante de duas graduações, atarefado com uma revista literária que ainda não estava no consenso da grande imprensa.

Professores, muito personalizados, os dois não percorreram o mesmo traçado por salas de aula, cabendo a Rama uma dedicação hercúlea ao setor educacional secundário e universitário, dentro e fora do Uruguai, resultado das incipiências do sistema de ensino de seu país e da urgência em manter com mais de uma fonte de trabalho, e, por consequência, de renda. Já para Candido, coube um percurso basicamente universitário mais substancioso, fruto de sua carreira acadêmica que lhe outorgou os títulos de doutor, um na Sociologia e o outro nas Letras, e lhe concedeu oportunidades para postos de trabalho.

Os dois, politicamente comprometidos com as ideias socialistas e marxistas, tiveram percursos distintos em seus países, Rama foi obrigado a deixar as pátrias, aquelas legítimas e adotadas, por pelo menos quatro vezes, devido às imposições de um exílio constante, por conta de governos opressores frente a muitas de suas ideias. Candido, não. O

[208] RAMA, Ángel. "La lección intelectual de Marcha". *Cuadernos de Marcha*, ano 5, n. 44, p. 44, jun. 1989.

crítico brasileiro militou entre uma juventude inquieta, mas acomodada nos perímetros de seu país.

Leitores onívoros, os dois mantiveram em muitos autores os seus pontos de contato, particularmente perpassando a crítica literária. Eliot, Sartre, Lukács, Althusser, Machado de Assis, Benjamin, poderiam ser alguns que, de forma comum, preencheram tais bases fundadoras. Também, a bibliografia de fundamentação política não escapou para ambos, como as leituras primeiras e sequentes de Marx, somente para citar um nome, entre um emaranhado de autores essenciais para a formação dos dois.

Neste compacto repasse podemos confirmar que o processo de formação pessoal, intelectual e profissional de ambos percorreu caminhos distintos. No entanto, ao nos distanciarmos dos riscos comparatistas, é possível apontar alguns pontos de contato entre os dois no tocante à esfera pessoal: a preferência por clássicos de língua espanhola, assim como tantos pensadores adeptos ao pensamento marxista e ao socialismo, o caderninho de anotações para as sessões de leitura, a proximidade e a identidade à base cultural francesa, o casamento na juventude com figuras femininas do círculo intelectual próximo, a convivência estreita com intelectuais da época, a docência como uma forma de manter-se à frente de seu tempo, recorrendo a autores e temas *up to date* para cursos “nunca dantes apresentados”, o envolvimento com as publicações de livros e revistas literárias, o gosto e a disposição em estar atentos ao novo, especialmente na literatura. E, por fim, a simpatia e o apreço dos dois, ao Modernismo, que diante das especificidades do movimento, cada um ficou com o seu.

Ao nos aproximarmos da trajetória jornalística dos dois críticos, ponto principal deste trabalho, confirmamos igualmente que foram distintas. Afinal Candido e Rama viveram em épocas e países diferentes, escrevendo para públicos igualmente diversos e em idiomas também diferentes. Candido teve uma experiência jornalística mais curta que Rama, e se manteve como crítico titular durante os quase cinco anos em que respondia por uma coluna de crítica semanal nos jornais *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo.* Já Ángel Rama esteve ligado a dezenas de jornais e revistas até sua morte, ora como crítico, e, às vezes, acumulando a função de editor e crítico, como ocorreu em *Marcha*, o que lhe creditou, ao final, cerca de quatro décadas dedicadas à imprensa.

Embora os dois tenham se iniciado bem jovens no jornalismo, é o uruguaio quem estreia nas páginas de jornais mais cedo, ao se encarregar de uma coluna sobre livros no diário *El País*, aos 19 anos. Candido, aos 21 anos, passava a assinar textos para a revista

Clima, publicação em que chegou a assumir, em paralelo à atividade de crítico, a secretaria de redação. Mas, próximo dos 25 anos de idade, Candido já estava vaticinando nomes que se tornariam canônicos na literatura brasileira e latino-americana. O fato de Candido ter criado o *Suplemento Literário*, para onde se tornou um colaborador eventual do importante caderno de literatura do jornal *O Estado de S. Paulo*, evidencia a diferença de atuação em relação a Ángel Rama, que manteve-se no semanário *Marcha* por dez anos.

Se Rama enveredou por empreitadas editoriais, participando de coleções importantes e criando editoras no afã de fazer livros para tornar as pessoas melhores, Candido criou o *Suplemento Literário*, um dos cadernos culturais mais importantes do país, e, da mesma forma, compôs a equipe que trouxe a revista *Argumento* à luz dos leitores. Infelizmente por apenas quatro números.

No entanto, voltando-nos a mais um recorte frente estas duas trajetórias, o de Rama, em *Marcha*, e o de Candido, na *Folha da Manhã*, chegamos a constatar que os dois críticos apresentam uma relação de consanguinidade jornalística, ponto-chave deste trabalho. Pois podemos entender o jornalismo como uma plataforma de formação do sujeito crítico. Uma vez que foi no jornalismo que tanto Candido como Rama estabeleceram o lugar de onde iriam promover avanços ou saltos, como evidenciou Pablo Rocca. Pelo jornalismo puderam rumar em sentido ao projeto maior de ambos: o de estudar, discutir e refletir a literatura.

CAPÍTULO 3 – ANTONIO CANDIDO, O CRÍTICO TITULAR DA *FOLHA DA MANHÃ*

3.1. Literatura e jornalismo: ligações estreitas

Sou, portanto, um crítico de jornal que passou mais tarde ao ensino da Literatura.
Antonio Candido

Hablar de Marcha es hablar de mí mismo.
Ángel Rama

A afirmação de Antonio Candido, que encontra eco em Ángel Rama, nos remete às relações que ambos mantiveram com o jornalismo, afinal uma parcela significativa da produção ensaística dos dois – posteriormente, reunida em livros – aparece primeiramente publicada nas páginas de jornal. É, portanto, a imprensa um espaço onde os dois, entre outros aspectos, exercitaram-se como sujeitos críticos.

Diante da importância deste espaço na trajetória intelectual de ambos, vemos a necessidade de rever aqui alguns pontos das relações entre jornalismo e literatura. Uma vez que a crítica literária mantém suas raízes no modelo jornalístico. Pois o jornalismo, como local privilegiado de discussão de ideias literárias, acabou criando um espaço e um estilo próprios de reflexão sobre a literatura.

A crítica literária, como observa Perrone-Moisés, teve manifestações precursoras na Idade Média, passando pelo século XVII, época em que teve "seu batismo",[209] e deve muito ao jornalismo, quando a partir do final do século XVIII, e mais intensamente no século XIX, o jornal passou a dar espaço para o comentário sobre obras literárias entre outros temas relativos ao universo da literatura, fossem na Europa, nos Estados Unidos ou no Brasil.

Se não mediante a este lugar, a imprensa, ou nas palavras de Eugênio Bucci, "a instituição constituída pelos veículos jornalísticos, seus profissionais e seus laços com o

[209] Perrone-Moisés, Leyla. "O lugar crítico". In: **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1979, p. 3.

público"[210], onde é que os críticos não filiados às universidades teriam espaço para produzir e publicar seu discurso crítico? Trata-se então de um espaço fundamental para tais relações, já que, entre outros fatores, o jornalismo privilegia a sociabilidade da literatura, como afirma Poblete.[211] Este privilégio que o jornalismo concede à literatura só é possível na medida em que jornais dedicam páginas à cultura, o que resulta em um espaço diferenciado do restante da produção jornalística convencional, e falamos aqui em jornalismo cultural. É justamente no jornalismo cultural, segundo nos aponta Faro, onde se dá a coexistência entre ensaios analíticos, textos especificamente literários e textos informativos, os autores destes e o público. É então nesse "espaço público de produção intelectual",[212] como entende Faro, em que se "singulariza e se legitima socialmente"[213] os textos voltados para a literatura, na medida em que estes textos produzem uma "plataforma interpretadora" sobre a cultura e o pensamento de uma época. Em outras palavras, o jornalismo cultural, entre suas características, "abriga a avaliação e análise da produção simbólica capaz de garantir aos periódicos a legitimidade interpretativa, a defesa do ideário de determinadas escolas e correntes de pensamento."[214]

Assim, Candido e Rama encontraram no jornalismo o espaço fundamental para a construção de uma plataforma, que será estendida e voltada para um projeto maior, a literatura. Pois é deste lugar que os dois, como sujeitos críticos, passaram a se articular com o mundo não só das Letras, mas também junto à História e à sociedade. Longe dos livros, em um espaço fora do âmbito acadêmico, ambos os críticos encontraram nos jornais o espaço propício para que suas críticas sobre literatura se mantivessem vivas, usando aqui termo tão caro a Candido.

Sobre a a crítica literária praticada nas páginas de periódicos, Jorge Rivera nos endossa ser esta "la gran fuente de aprovisionamiento de saberes y valorizaciones literarias

---

[210] BUCCI, E. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 129.

[211] POBLETE, Juan. Trayectoria crítica de Angel Rama: la dialéctica de la producción cultural entre autores y públicos. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ >. Acesso em: 11 abr. 2010.

[212] FARO, J. S., 2006 apud ALZAMORA, Geane; GOLIN, Cida; SEGURA, Aylton. O que é jornalismo cultural. In: Adriana Azzolino et al. (Org.). **Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 3. Disponível em: <www6.ufrgs.br/lead/producao_pesquisa/6.Segura_ golin_alzamora.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2011.

[213] ALZAMORA, Geane; GOLIN, Cida; SEGURA, Aylton. O que é jornalismo cultural. In: Adriana Azzolino et al. (Org.). **Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 3. Disponível em: <www6.ufrgs.br/lead/producao_pesquisa/6.Segura_ golin_alzamora.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2011.

[214] Ibidem, p. 3.

para un público ajeno a las disciplinas específicas de la formación académica."[215] A referência de Rivera remete a uma questão vivida tanto pelo crítico brasileiro como pelo uruguaio na condição de publicistas: a interação junto a um público heterogêneo.

A publicação da crítica de literatura na imprensa possibilitou que o leitor comum passasse então a tomar contato com o que os críticos escreviam, sem que dele fosse exigido um pré-requisito cultural, o de ser um especialista. Movimento, neste sentido, protagonizaram Candido e Rama, pois ao abrirem diálogo com os leitores, em suas colunas semanais, dando-lhes a palavra – e ouvido – estavam não só estreitando laços, como também, de certa forma, seduzindo-os para que recebessem os ensinamentos literários e as reflexões e discussões promovidas por ambos. No entanto, não é demasiado retomar a ideia de que o colunista ou o crítico de jornal não decide o que o público deve saber; como defendem Kovach e Rosenstiel, o crítico "ajuda a pôr em ordem. Daí a necessidade de ser um conhecedor, e de se aprofundar; ser autor de uma análise crítica e reflexiva."[216]

Formar um público leitor foi meta primordial de Rama e de Candido enquanto críticos de jornal. Elevar o leitor a um patamar de leitor crítico, dono de uma consciência crítica, foi uma das bandeiras sustentadas por ambos. Tanto que Rama, ao assumir a direção das páginas de *Literarias* em *Marcha*, passa a estruturar um "plano de ação" ou um "programa" junto ao leitor nesse sentido. Candido, por sua vez, em sua trajetória na *Folha da Manhã*, quando responde por *Notas de Crítica Literária*, dispõe de idêntica preocupação, o que o leva às seguintes ações: lançar mão de parágrafos cuidadosos e porque não dizer de um caráter mais didático; fazer, sempre que possível, a contextualização do autor que está sendo apresentado; constituir uma explicação de forma mais detalhada sobre questões relativas às correntes e escolas literárias e, seguindo algo que Machado de Assis trouxe como contribuição aos críticos, instituir a manutenção de uma conversa ao pé do ouvido com seu leitor. Dispositivos, estes, igualmente adotados nas colunas semanais assinadas por Rama em *Marcha*.

"Este espaço [o jornalismo] permite um tom que fica no meio do caminho entre a seriedade e o exclusivismo da linguagem da cultura ilustrada e as características populares", complementa Poblete[217]. Trata-se de uma condição que a imprensa trouxe ao

---

[215] RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 115.

[216] KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 39.

[217] POBLETE, Juan. Trayectoria crítica de Ángel Rama: la dialéctica de la producción cultural entre autores y públicos. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ >. Acesso em: 11 abr. 2010.

crítico literário, que facilitou a manutenção de um diálogo frutífero com o público letrado, “divulgando novas experiências estéticas, proporcionando o enriquecimento do debate de ideias e disseminando a avaliação cuidadosa das obras literárias dos tempos”[218], conforme aponta Silviano Santiago.

A referência ao público letrado aponta um aspecto comum, tanto do público leitor de *Folha da Manhã* como do leitor de *Marcha*, de uma porção da população, ora no Uruguai, em particular na capital Montevidéu, ora em São Paulo e algumas outras cidades brasileiras; tal fração da população compartilhava de dois requisitos básicos para serem considerados leitores: a condição socioeconômica e o letramento[219]. O que nos referimos é que os leitores de ambos os periódicos se encontravam em circunstâncias sociopolíticas (Uruguai, no ano de 1960, e o Brasil, nos anos de 1943 a 1945) que propiciaram a formação de uma classe média ilustrada, à sombra da cultura europeia, em particular calcada na França, fincada no comportamento burguês.

Trazer ao leitor novas experiências estéticas permitiu aos críticos, que na periodicidade semanal do jornal puderam se prestar a um exercício continuado da escritura no sentido que Todorov emprestou ao termo.[220] O que resultou numa operação de nutrição e polimento de seus textos. Assim, Candido e Rama puderam, com o fazer jornalístico, promover ajustes de ritmo, de tom e de estilo, portanto estéticos. Um exercício semanal referido por Carlos Drummond de Andrade assim: “[o jornalismo] além de ser a escola da clareza e da concisão, proporciona o treino diário, a aprendizagem continuamente verificada, não admitindo a ‘preguiça’ o que é o mal do literato entregue a si mesmo”.[221]

Neste sentido, o escritor argentino Tomás Eloy Martínez comentou a preocupação de Ángel Rama quanto ao acabamento de seus textos, levando-se em conta a forma peculiar do crítico uruguaio de se aplicar e de se envolver no processo contínuo de exercer a crítica:

---

[218] SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre,** “O lugar crítico”, Coleção: Humanitas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 162.

[219] Basta lembramos que o Brasil, em 1940, contava com uma população de 61,6% de analfabetos. Em 1950, 61,3%, segundo dados do IBGE. 57% da população brasileira era alfabetizada em 1940 apud ORTIZ, Renato, (1995:28).

[220] TODOROV, Tzvetan. **Crítica de la crítica**. Barcelona: Paidós, 2005, p. 55.

[221] ANDRADE, Carlos Drummond de apud WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 190.

> Casi no se detuvo a corregir lo que escribía, exaltado por la facilidad con que sus reflexiones llegaban siempre al blanco, sin advertir que en esa carrera voraz el lenguaje tropezaba con demasiados adverbios de modo, que no terminaba de abrirse paso en la red de oraciones subordinadas, que perdía —por el desaliño— parte de su enorme fuerza persuasiva.[222]

Da mesma forma, Candido, em seus primórdios na *Folha*, enfrentou tropeços com o texto, até o ajuste ao formato que as condições de um periódico lhe exigiam. Vem do professor uma passagem prosaica que nos mostra muito de perto este ajuste a que nos referimos. “Eu não leio seus artigos”, declarou Rubens do Amaral de forma abrupta ao jovem crítico titular da *Folha*, “um figurão da casa”, referência de Candido a um dos críticos do jornal. “O motivo para tal”, continua Candido: “Você não abre parágrafos. Ensinou-me, então, que é preciso arejar a matéria, dividindo-a segundo as unidades de pensamento, de maneira a deixá-la clara e facilitar a leitura.”[223]

Afora estes prosaicos detalhes, comum aos escritores e críticos que ainda não haviam compartilhado com a tarefa de “deixar o braço quente”, como disse uma vez Gabriel García Márquez, referindo-se ao ato da escrita com prazo e espaço delimitados, tanto Ángel Rama como Antonio Candido tiveram no jornalismo crítico de tradição francesa bases norteadoras para suas produções semanais. Candido, em uma de suas entrevistas para a imprensa, deixou registros sobre este dado:

> O jornalismo crítico é uma grande escola e, de certo modo, um teste importante, requerendo intuição certeira, rapidez de apreensão, capacidade de decidir e clareza de escrita. O jornalismo crítico de tipo francês foi a nossa grande escola, a de José Veríssimo, Alceu Amoroso Lima, Sérgio Milliet, Plínio Barreto, Álvaro Lins etc.[224]

Já quanto a Rama, vem de um de seus estudiosos, o professor e crítico Pablo Rocca, a afirmação de que o uruguaio teve na linha francesa da cultura, e do jornalismo francês, muitas das suas referências para sua forma de atuar nas páginas de periódicos, a começar por *Marcha*, que seguiu um modelo bastante próximo ao *Le Monde*. “Rama até 1960 respondia por um estilo de texto um pouco afrancesado”, reiterou Rocca.

---

[222] MARTÍNEZ, Tomás Eloy. “Ángel Rama o el Placer de la Crítica”. **Solo literatura**, University of Maryland, 1985. Disponível em: <http://sololiteratura.com/ramaeloymartinez.htm>. Acesso em: 11 mar. 2010.

[223] Antonio Candido, em discurso durante a entrega do Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE), em 2008.

[224] CANDIDO, Antonio. “A vocação crítica de Antonio Candido” [entrevistador: Manuel da Costa Pinto]. Revista **Cult**, n. 61.

Outras referências jornalísticas se juntaram às fontes francesas na trajetória destes dois críticos. Para citar uma, o *New Criticism* inglês ou *close reading*, a leitura fechada no texto, teve lugar privilegiado junto à produção crítica de ambos os críticos. E nos valemos aqui de um comentário de Roberto Schwarz, que muitos anos depois das *Notas de Crítica Literária*, ao analisar o trabalho teórico de Antonio Candido, assinalou a relevância do *close reading* na crítica do autor de *Formação*:

> Talvez se possa dizer que Antonio Candido foi buscar no *close reading* do *New Criticism* um instrumento para fazer frente ao sociologismo e ao marxismo vulgar correntes na esquerda brasileira dos anos 40. Só que ele reelaborou o procedimento e o abriu em direção da história, com vistas na historicização das estruturas, o que lhe permitiu uma sondagem de novo tipo da literatura e da sociedade brasileiras. Sem alarde de terminologia, e muito menos de *griffes* internacionais, os ensaios de Antonio Candido [...] são seguramente as peças mais originais de análise estrutural já feitas no Brasil.[225]

Ao *New Criticism*,[226] poderíamos agregar uma lista de linhas e pensamentos teóricos que sustentaram as leituras e os estudos literários de Candido e de Rama, trazendo para suas produções marcas evidentes. Entre os críticos que deixaram traços na trajetória de Candido, poderiam ser mencionados Saint-Beuve, Romain Polland, Thibaudet, Sartre, T. S. Eliot, I. A. Richards. Assim como os nomes de Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes, Cornejo Polar, Zum Felde, que se encontram mais arraigados à formação de Rama. Há porém muito de comum nos críticos que se mantiveram entre as fontes de ambos, a citar um nome, o de Cornejo Polar, marcante na trajetória do uruguaio e igualmente muito próximo a Antonio Candido.

Tendo o foco ajustado na leitura das críticas literárias publicadas nos jornais, é possível encontrar, entre os dois críticos, vários dos nomes acima referidos. Deixamos aqui mais uma sinalização para que trabalhos futuros possam deter-se nestas filiações críticas tanto do uruguaio como do brasileiro, aspecto fundamental para o melhor entendimento de

---

[225] SCHWARZ, Roberto. Um crítico na periferia do capitalismo [Entrevistadores: Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura]. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 98, p. 12-19, abr. 2004. Disponível em: < http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_59.html >. Acesso em: 30 maio 2010.

[226] Como nos esclarece Schwarz, em “Um verbete”, *NC* “é uma técnica formalista, desenvolvida nos States, na década de 30, com sentido conservador” (**Revista da USP**, São Paulo, n. 17, p. 176-179, mar./maio 1993. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_70.html>. Acesso em: 5 set. 2010.). Segundo Keith Cohen, o *New Criticism* é “uma abordagem intrínseca do objeto literário. Assim, sendo, eram abolidos nítida e deliberadamente os traços das abordagens “extrínsecas”, históricas, biográficas e sociológicas que proliferavam na época.” (O New Criticism nos Estados Unidos. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Literatura em suas fontes**. Lima, RJ: Livraria Brasileira, 2002, p. 553.)

ambos na função de críticos de jornal.

3.2 Leituras árduas

A tarefa de mediador-companheiro, a de levar reflexões sobre romance, poesia ou ensaio ao público, que cabe ao crítico literário de jornal, segundo Terry Eagleton,[227] não afastou Rama e Candido de algum ato preguiçoso, como citou o poeta brasileiro. Houve sim, por parte de ambos, o compromisso de uma incumbência árdua, mas fundamental e inerente a qualquer crítico de literatura. Tarefa sobre a qual Ángel Rama assim se manifestou:

> Creo que fue Cyril Connolly quien ha dicho que un crítico es un hombre que semanalmente recibe veinte libros de los cuales no hubiera querido leer dieciocho. […] Más grave aun, llegó un momento en que perdí eso que Cobo [Borda] llama “la alegría de leer” pues ella sólo nace del placer de ciertos y selectos textos.[228]

Submeter-se a tantas horas de leituras de obras e autores desconhecidos, na visão de Antonio Candido trazia outro fator muito presente na rotina de um crítico de jornal, o de arriscar-se. Mescla de conhecimento, informação atualizada e uma parcela de intuição, ou faro literário, por assim dizer, os críticos de jornal necessitaram (e necessitam) deste elemento extra em relação aos manuais acadêmicos, mas compatível ao talento e à bagagem que cada um sustentava. São as palavras de Candido que nos dão a dimensão de tal experiência:

> Eu me formei como crítico no jornal, não na universidade. [Hoje, os críticos de jornais] somos uma espécie extinta. E o que era o crítico de rodapé? Era o homem que toda a semana tinha que dar conta da produção. O que era uma coisa terrível. Eu recebo quatro livros: José de Oliveira, *À Sombra dos Maracujás*; *Meu Amor Meu Coração*, livro de poesias da Maria Luiza Gomes; *Reflexões Sobre a Crítica*, de José Maria; *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector; não conheço ninguém. Então eu tenho que pegar aquilo lá e dizer: “Qual é o que merece texto crítico?” Eu posso dizer Clarice Lispector e posso dizer à *Sombra dos Maracujás*. “Não, Clarice Lispector é um livro secundário, o importante é José de Oliveira, *À Sombra dos Maracujás*.” Quer dizer, o crítico titular arrisca todas as semanas a reputação. Porque ele não pode errar muito.

---

[227] EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.31.

[228] RAMA, Ángel. La lección intelectual de Marcha. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, año 5, n. 44, p. 23, jun. 1989.

> [...] Se eu for escrever sobre Dostoievski eu não tenho risco nenhum, garantidíssimo. Sobre Dante Alighieri então nem se diz. [...] De modo que o jornalismo crítico aguça de maneira extraordinária o discernimento. Porque ao contrário da crítica universitária ele está baseado essencialmente sobre o censo do valor.[229]

Ao colega uruguaio de Candido, que, em 1960, já havia somado experimentos por vários periódicos, o que resultara em pelo menos 15 anos de atividade como crítico, também não faltara faro, nem disposição ao achegar-se ao novo. Capacidade que uma de suas companheiras de equipe dos tempos de *Biblioteca Ayacucho*, Alicia Migdal, não deixou de enfatizar:

> De la multiplicidad de perfiles de Rama, el de su tarea de mediador desde la prensa cultural –tarea compartida por toda su generación– es uno de los más preponderantes. Generoso en su trabajo de observador y auscultador de lo nuevo, tanto podía enfrascarse en una erudita y fértil polémica con Vargas Llosa sobre las definiciones de la novela, como escribir sobre el valor poético de las canciones de Chico Buarque. Era un gran interlocutor para escuchar lo que decían los libros, las canciones, los estudiantes, para hacer hablar los libros en sí y a todos con el lector: no cualquiera podía hacerlo con tanta energía, elegancia, pasión y espíritu interdisciplinario. En Rama coincidían currículum y biografía. La actividad intelectual no era un trabajo a horario separado de otras funciones de su vida.[230]

Se houve um traço comum e marcante nas atuações dos dois críticos, o de revelar talentos literários, este traço eles mantiveram quando trouxeram os novíssimos escritores para o público. Tratava-se de escritores desconhecidos, mas fundamentalmente donos de um talento que rapidamente os consagraria em cânones. Por falar de Candido, o crítico titular da *Folha da Manhã* e do *Diário de S. Paulo*, falemos dos nomes que ele avalizou para a literatura, recorrendo às palavras de Roberto Schwarz, “[Antonio Candido] deu espaço para Oswald de Andrade, e José Geraldo de Almeida (*A quadragésima porta*) e para a literatura universal. Com discernimento seguro – a prova dos nove para qualquer crítico – saúdam as estreias de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa.”[231]

---

[229] Antonio Candido em entrevista à autora, em julho de 2009. (Apêndice A)

[230] MIGDAL, Alicia. Un uruguayo renacentista. **El País Cultural**, 31 dez. 1993. Disponível em: <http://letras-uruguay.espaciolatino.com/rama/angel_rama.htm>. Acesso em: 7 jul. 2010.

[231] SCHWARZ, Roberto. Um verbete. **Revista da USP**, São Paulo, n. 17, p. 176-179, mar./maio 1993. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_70.html>. Acesso em: 5 set. 2010.

Em se tratando de Ángel Rama, as descobertas em relação a nomes da literatura nacional e latino-americana se repetiram, e as avaliações se efetivaram como exitosas durante sua permanência em *Marcha*. É do próprio Rama uma reflexão sobre o tema, com direito a uma boa pitada de autocrítica. Recortamos um trecho (longo) que reproduzimos abaixo. Porém, mediante a intensidade da atuação do crítico uruguaio em "estar em tudo", "à frente de seu tempo", não poderia ter em outra medida:

> Si en el rubro nacional consiste en atender críticamente, no todo claro está, pero si los más importantes libros que se publican, lo que la mayoría de las veces no es lo que llamaríamos una grata tarea […] en el internacional consiste muchas veces en descubrir a los autores de obra artísticamente válida que aún no conquistaron al público. Dado que mi orientación fundamental se hizo hacia las letras latinoamericanas, debo declarar que los hallazgos de que puedo enorgullecerme (los errores y los olvidos los dejo a los enemigos) se debieron a los viajes por el continente: aunque parezca imposible Alejo Carpentier era prácticamente desconocido en el Sur en 1962, cuando ya estaba publicando *El siglo de las luces*; no era en cambio tan raro que, por esa misma fecha nadie supiera quien era Gabriel García Márquez, cuyo nombre me citó por primera vez Ricardo Latcham, el mejor *gourmet* literario que yo ya haya conocido, y cuyos cuentos di a conocer en MARCHA; y sí Mario Vargas Llosa era conocido, se debía fundamentalmente a que era corresponsal del semanario, pero de su país poco se sabía de José María Arguedas, como de Chile poco de la generación del 45 que capitaneó Lafourcade y que daría un novelista como José Donoso, como de Venezuela nada del movimiento de "Sardio" y "El techo de la ballena", en que surgiría la obra considerable de Salvador Garmendia. En cuanto a la ostra mexicana se abrió para nosotros cuando Tomás Segovia y Inés Arredondo vivieron en Montevideo.[…] poco hubiera adelantado si al visitar el país en 1962, Jaime García Terrés no le hubiera pedido que me guiara a un joven de 23 años que parecía salido de los primeros versos del soneto de Mallarmé, José Emilio Pacheco. De los argentinos nada que decir: pertenecían al mismo barrio, escribían en el semanario como si fuera propio de acuerdo a inveterada tradición. Los cubanos lo hicieron abundantemente desde que la revolución concentró los focos sobre ellos estuvieron representadas muy opuestas líneas su hasta hoy agitada evolución literaria.[232]

---

[232] RAMA, Ángel. La lección intelectual de Marcha. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, año 5, n. 44, p. 24-25, jun. 1989.

3.3 Interferências

Ao retomarmos o conceito de que o jornalismo é uma forma de interação social, e que, por isso, é um trabalho de mediação entre o público e o jornalista, ou entre o autor do texto, entendemos que esse movimento de mediação traz ressonâncias sociais e culturais. Daí compreendermos que Ángel Rama e Antonio Candido, elementos integrantes dessa interação, também responderam por algumas dessas ressonâncias.

Colaboradores de empresas jornalísticas bastante distintas, em seus perfis editoriais, os dois críticos, até onde se sabe, não deixaram registros sobre possíveis atritos no tocante às questões ideológicas presentes em seus textos semanais.

Cabe destacar que as duas empresas foram muito diferentes. Ao contrário da *Folha Manhã*, que se constituiu em uma grande empresa do ramo de comunicação, que acompanhava as mudanças na imprensa brasileira daquele momento dos anos 40, no sentido de dar aos jornais um perfil mais empresarial, profissional e menos amador, o periódico uruguaio assumiu um rumo que nada se pareceu com o jornal brasileiro. *Marcha* significou um empreendimento "pobre, mas de muito alto nível", como admitiu Eduardo Galeano[233].

No entanto, as duas empresas contaram com um traço comum, ao se mostrarem apoiadoras de seus críticos de literatura. No sentido que eles puderam exercer suas opiniões e exercitar seus pontos de vista sem muitas interferências advindas da direção.

Por parte do uruguaio, Rama encontrou respaldo na diretoria capitaneada por Carlos Quijano durante os dez anos em que esteve colaborando com *Marcha*. De maneira geral, ele não sofreu interferências em seus textos, mesmo nos momentos mais agudos frente às polêmicas acaloradas de teores ideológicos, políticos mais do que literários. Como ocorreu junto aos escritores Heberto Padilha, Mario Vargas Llosa, Léopold Sédar Senghor, entre tantos. Ponto, este, que nos deteremos mais adiante.

Nessas ocasiões, o crítico uruguaio não teve que atender às necessidades das pressões de uma empresa jornalística comum, em que escrever sobre uma pluralidade de temas, atender a um público pouco ilustrado e redigir, sob pressão, em prazos reduzidíssimos sobre "assuntos do momento" são mandamentos primeiros. Rama não precisou moldar-se ao que ele próprio assinalou em seus comentários sobre os altos e

[233] GALEANO, Eduardo apud PEIRANO BASSO, Luisa. ***Marcha* de Montevideo**. Buenos Aires: Ediciones B Argentina Javier Vergara Editor, 2001, p. 282.

baixos dos escritores nas funções de jornalistas. Tal comentário consta da obra que dedicou a Rubén Darío: "Lo que impone sustituir la seriedad del tratamiento por la amenidad, buscando captar al lector con juegos atractivos y fácilmente compreensibles."[234]

3.4 Críticos autônomos

Em seus depoimentos sobre o período em que respondia pelo cargo de crítico titular na *Folha da Manhã*, Antonio Candido não tem registro afirmando não ter gozado de liberdade na escolha para suas pautas semanais por parte da direção do jornal. No entanto, em épocas bicudas, com a acirrada atenção ao comunismo, especialmente por parte do governo ditatorial de Getúlio Vargas, que com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) intercedia arbitrariamente sobre a imprensa e os meios de comunicação, uma coluna em que Candido fazia a defesa do escritor gaúcho Erico Verissimo teve sua publicação proibida. Um dos raros nomes não permitidos a povoar o espaço de *Notas de Crítica Literária*. O episódio, um artigo que foi censurado pela ditadura de Vargas, no ano de 1943, teve muitos anos depois um relato de Candido, do qual reproduzimos este trecho:

> Quando atacaram Erico, resolvi fazer o mesmo, mas desta vez o jornal não quis publicar o artigo, porque dado o seu teor, poderia incorrer na ira da censura. De maneira que ele ficou inédito e Erico nunca soube da minha atitude. Tempos atrás eu o encontrei e mandei uma cópia a Luis Fernando Veríssimo.
>
> O chefe da censura em São Paulo era um oficial do Exército, Amilcar Dutra de Menezes, que fez o seguinte acordo com a imprensa: ela própria devia fiscalizar o teor das matérias; se avançasse demais, ele punia. Por isso, era grande a responsabilidade do secretário de redação da Folha, Hermínio Sachetta, que preferiu não publicar. Eu escrevi o artigo, não apenas admirava Erico como escritor, mas porque sempre o admirei como homem e cidadão.[235]

---

[234] RAMA, Ángel. **Rubén Darío y el modernismo**. Caracas: Alfadil Ediciones, 1985, p. 74.

[235] PESAVENTO, Sandra J. et al. **Erico Verissimo**: o romance da História. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 11. O texto "Agora é com a literatura", datado de 1943, teve sua publicação na íntegra neste volume. E dele recortamos o seguinte trecho, como uma amostra da defesa de Erico por Candido frente ao episódio que foi protagonista com o padre Leonardo Fritzer, que atacou o escritor gaúcho por conta do seu último livro: "E o resto é silêncio, "chamando-o de sujo, imoral e corruptor da mocidade". Para o sr. Erico Veríssimo, ela [a realidade] apresenta sobretudo um estado de coisas que lhe parece, com toda a razão, lamentável – fruto que é de uma sociedade mal organizada, porque já desorganizada, empestada pela ação de uma classe que se decompõe e, se decompondo, mais se agarra às rédeas de comando, com a última energia que precede o desespero irremediável. Olhando em torno, o Sr. Erico Veríssimo vê o que devia ver, e o que **quer** ver (e que o sr. Padre Fritzer, provavelmente, não quer): uma burguesia inconsciente e friamente

Ao retomarmos as considerações sobre o papel da imprensa na trajetória destes dois críticos literários, é possível pensar na legitimidade deste espaço, uma vez que o jornalismo é o lugar dos homens letrados; onde é possível a publicação de textos que são produtos resultantes da articulação do pensamento do crítico. Sendo assim, é no jornalismo que estes intelectuais passam a contar com prestígio, visibilidade e status, como assinala Eagleton, na medida em que se tornam conhecidos, dentro e fora do país, e passam a divulgar suas ideias e a legitimar o pensamento crítico.

Portanto é, igualmente, neste espaço em que estes críticos, consequentemente, acabam por definir as marcas estéticas de suas produções, porque entre outros aspectos, o jornalismo cultural é também "um campo de aprendizagem, uma atividade de experimentação de gostos, um espaço em que o estético também se faz presente", segundo nos remete Rivera.[236] Trata-se, de um ambiente, que, de forma consciente ou inconsciente, o escritor acaba carregando traços. Escritores, porque tanto Rama como Candido sempre o foram. É sob esta condição de escritores-críticos, segundo Perrone-Moisés,[237] que Candido e Rama puderam "estabelecer critérios para nortear sua própria escrita, no presente e no futuro", como nos aclara esta autora: "A crítica dos escritores não visa simplesmente auxiliar e orientar o leitor (finalidade da crítica institucional), mas visa principalmente estabelecer critérios para nortear uma ação: sua própria escrita, presente e imediatamente futura. Neste sentido, é uma crítica que confirma e cria valores." [238]

Esta reflexão sobre as relações entre o jornalismo e literatura, perpassada pela crítica literária, nos leva à compreensão e ao reconhecimento de que boa parte da obra dos críticos Ángel Rama e Antonio Candido, e a referência aqui são para os ensaios teóricos publicados posteriormente em livros por ambos, nasce com estes textos publicados nos

---

egoísta, dando umas lascas de concessões a um povo que mal tem forças para reivindicá-las; uns políticos saídos por encanto das caixas de surpresa das especulações de vária espécie; uns intelectuais esterilizados pelo mal-entendido fundamental que lhes propõe valores de arte sem o contrapeso dos valores da vida e, no meio de tudo, os homens sadios, que procuram desesperadamente abrir um caminho na confusão. Ferido na sua sensibilidade de homem bom e de artista justo, o Sr. Erico Veríssimo vive essa tragédia e a desabafa nos seus livros. Podia não vê-la, é claro; podia também vê-la e torcer o nariz. Em qualquer das hipóteses, o sr. Padre Fritzer estaria de bem com ele".

[236] RIVERA, Jorge. B. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 193.

[237] PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 11.

[238] Ibidem, p. 11.

jornais. Cada um, em suas peculiaridades e particularidades, nos apresenta vários exemplos destas ocorrências.

São textos que estarão em seus livros no formato de ensaio ou de capítulos; em muitos casos, aparecem quase que na íntegra do que foi publicado pela primeira vez nas páginas do jornal. Isto é o que se confirma no *corpus* de Ángel Rama, por exemplo, quando verificamos o substancioso artigo, de gênero ensaio, “La generación de la crisis”, publicado em *Marcha* em 19 de novembro de 1965, na edição de número 1.282. Para o caso de Antonio Candido, temos em *Brigada Ligeira* praticamente a totalidade dos textos produzidos neste período em que o crítico brasileiro respondia por uma coluna semanal, *Notas de Crítica Literária*.

3.5 Razões de um estreante

A escolha em analisar a produção de Antonio Candido para a *Folha da Manhã*, de janeiro de 1943 a janeiro de 1945, justifica-se porque este período marca o início de sua trajetória como profissional da crítica. É o momento em que se efetivava seu ingresso em um jornal da grande imprensa. Assim, o ano de 1943 passava a ser um momento decisivo para Antonio Candido, porque ele delineava melhor a definição de seu percurso profissional até então bifurcado entre a Sociologia e a Literatura. Ao iniciar o que Sergio Miceli chamou de “aventura intelectual”, o jovem crítico abandonou o último ano do curso de Direito e aceitou o convite que o jornal lhe fez, a partir de uma indicação do colega Lourival Gomes Machado. Assumia, assim, uma atividade profissional, — a de crítico titular —, função que era devidamente remunerada e que o responsabilizava, dentro do jornal, pelas questões de Literatura. “Esse crítico tinha muita autoridade. Ele era o representante do jornal, e não era brincadeira”, afirmou Candido, em um de seus pronunciamentos recentes para a imprensa, durante a edição de junho de 2011 da Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP.

Ao decidir-se pela crítica literária de jornal, Candido assume o compromisso com a atualidade, o que implicava na abordagem do que havia de novo nas literaturas brasileira e estrangeira. Esta necessidade do jornal, de trazer o que havia de novidade vinha atrelada a outros fatores: a de produzir um texto contemplando periodicidade e tamanho determinados. Fatores, estes, que demandavam ritmo e fluência na escrita. Portanto, é neste

período de estreia na grande imprensa, sob a exigência destes requisitos profissionais que Candido irá se afirmar como crítico. O que significou não somente um laboratório para a sua escrita, na medida em que sua produção textual recebia ajuste de ordem estilística, sobretudo o desenvolvimento de seu discurso crítico.

Para cumprir o exercício semanal de enviar um texto de cinco a seis laudas, Candido passava a contar com outros elementos, externos, podemos assim dizer. Um deles, a responsabilidade mediante a um público-leitor cativo e numeroso. Escrever para uma plateia imaginária, como se referiu Dantas em *Textos de Intervenção,* não retirava do colunista a dimensão do impacto de seu trabalho frente ao público. Portanto, Candido, ao assumir a coluna *NCL*, teve entre suas responsabilidades a de contar com uma multidão de leitores. Número maior do que aqueles quase mil seguidores que o acompanhavam na revista *Clima*[239]. Sob esta nova condição de colunista semanal, o crítico passara a contemplar as manifestações do público, que se manifestava sob certo frenesi, a partir de qualquer movimento de oscilação entre a literatura, a sociologia ou a filosofia que o jovem Candido apresentasse.

Afinal, era este contingente de leitores que o jornal visava atender quando se submeteu às mudanças modernizadoras naqueles anos 40, o que consistiu na ampliação do corpo de jornalistas e colaboradores e no incremento da capacidade de impressão. No entanto, não era somente no aumento do número de exemplares que o jornal investia. A publicação se voltava também às novas necessidades do público-leitor. Trata-se de uma população burguesa, vinda de uma classe média que ascendia socialmente por conta do surto de industrialização que começava a ganhar força, especialmente, em São Paulo, e recorria aos diários como fonte de informação e formação cultural.

Outro fator que justifica a opção por este *corpus* está no fato de que Antonio Candido teve neste período de *Folha da Manhã* um aspecto externo que em muito colaborou para o crescimento de sua *performance*. A referência é ao cenário literário brasileiro, marcado por traços bastante peculiares, diante de uma geração de escritores jovens que traziam novidades à literatura nacional. Sobre este tema, o próprio Candido, em *Literatura e Sociedade*, vai nos dizer:

> Até 1945, mais ou menos, vemos uma produção intensa, favorecida por grande surto editorial, em que brilham veteranos e novos, estes com

[239] CANDIDO, Antonio. **Teresina etc**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 141.

> tendência crescente para repudiar a literatura social e ideológica, o que veio finalmente a predominar sob a forma de uma queda da qualidade média do romance e uma grande voga de pesquisas formais e psicológicas na poesia.[240]

Frente a este cenário, que registrou uma fartura de talentos brasileiros, Candido terá, nas palavras de Roberto Schwarz, sua prova dos nove como crítico ao avalizar escritores estreantes do porte de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo. Também pôde o jovem crítico, ainda professor de Sociologia, realizar neste mesmo período, outro feito de fundamental importância para a crítica literária brasileira, como bem observou Schwarz:

> Os artigos [de jornal] acompanhavam o dia a dia da produção de principiantes como de autores consagrados, além de livros estrangeiros que pudessem interessar ao debate. A naturalidade e o equilíbrio na circulação entre as letras europeias e as locais configura um raro momento de desprovincianização na crítica brasileira.[241]

Agrega-se a estes, mais um fator, a atuação do crítico no papel de intelectual de seu tempo, conforme palavras de Edward Said: “Aquele que se expressa politicamente em textos que circulam por meios de comunicação de massa sem ser político.” [242] Pois foi neste período em que Antonio Candido pôde se manifestar de forma menos literária e mais sociológica para colocar em pauta, usando de um termo do universo jornalístico, fatos e situações centrados em assuntos relacionados à cultura, à educação, quando não, à política, e suas reverberações junto à sociedade.

Não podemos deixar de acrescentar a relevância deste conjunto de textos para os estudos literários, na medida em que guardam o registro e por isso nos dão um retrato em autorrelevo da literatura brasileira na época, revelando-nos entre outros aspectos, como os autores, consagrados ou estreantes foram recebidos pelo público e pela crítica; assim como a circulação e recepção de textos de literatura estrangeira.

A repercussão destes escritores junto ao público e à crítica nos anos 40 é, na opinião de Antonio Candido, motivo suficiente para revisitações ao conjunto de textos, ao

---

[240] CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e História Literária**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000, p. 126.

[241] SCHWARZ. Roberto. Antonio Candido (Um verbete). **Revista da USP**, São Paulo, n. 17, p. 176, mar./maio 1993. [Texto redigido para o *Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina* da Biblioteca Ayacucho].

[242] SAID, Edward W. **Representaciones del intelectual**. Barcelona: Paidós Studio, 1996. p.46.

que corrobora o crítico: "[a partir destes textos] eu teria um retrato de época, bom ou mau, não importa. Se o estudante quisesse saber em 1943 como é que o Jorge Amado foi recebido... Está ali; Clarice Lispector, está ali".[243]

Embora levemos em conta o caráter efêmero dos textos produzidos para a imprensa, aspecto comentado com constância nestas colunas, trata-se de textos de suma importância para a pesquisa voltada às outras áreas, como o Jornalismo, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, só para dizer algumas delas. Pensamos ser esta uma produção merecedora de publicação acadêmica. Tentativa para tanto não faltou e veio por parte do crítico e editor Luís Martins, que, em 1945, havia sinalizado com tal proposta junto ao crítico. O que teve a negativa de Candido na época. Refeito o questionamento em outras ocasiões o professor voltou com as negativas, e mediante o seu inquebrantável recato de homem "ilustrado", quando da retomada do assunto, respondeu: "Agora já passou. Porque a grande parte dos autores ninguém sabe mais quem é, acabaram completamente. Aquilo tinha interesse, agora já passou, mas foi uma bobagem minha em não fazê-lo."[244] Resposta que nos obriga a discordar do crítico. Ficam, no entanto, o registro e a expectativa.

3.6 O corpus de *Folha da Manhã*

O período de dois anos em que assinou a coluna *Notas de Crítica Literária* (*NCL*) na *Folha da Manhã*, entre janeiro de 1943 a janeiro de 1945, marca não somente a estreia de Antonio Candido na grande imprensa como crítico de jornal, mas também a consagração de seu tirocínio, o de ser um crítico de literatura. Endosso, este, vindo do próprio Candido:

> Foi nessa tarefa [de crítico titular], não na Universidade, que me formei como crítico, pois sou licenciado em Ciências Sociais, não em Letras, e naquele tempo dava aulas de Sociologia. O meu tirocínio foi, portanto, adquirido dentro da tradição franco-brasileira do jornalismo, o que me ensinou antes de mais nada a procurar clareza e simplicidade na escrita. Sou, portanto, um crítico de jornal que passou mais tarde ao ensino da literatura, o contrário do que é frequente em nossos dias.[245]

---

[243] Entrevista com o professor Antonio Candido, no mês de julho de 2009, em sua residência na cidade de São Paulo. (Apêndice A)

[244] Ibidem.

[245] Antonio Candido, em discurso durante a entrega do Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE). O evento foi realizado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São

Antes de sua passagem definitiva para o mundo das Letras, ora como professor de literatura em Assis, a partir de 1958, ora como autor dos livros (*O método crítico de Sílvio Romero*, 1945, e *Ficção e confissão*, 1956), Antonio Candido expunha-se ao público por meio das páginas da imprensa. A começar pela revista *Clima* e pouco tempo depois, concomitantemente, por meio de uma página da *Folha da Manhã*, um periódico que circulava em boa parte do Brasil, cuja tiragem chegava próxima dos 200 mil exemplares. Desta forma, pegando de empréstimo o que Célia Pedrosa apontou, foi, portanto, a crítica jornalística que o inscreveu no processo de construção de uma consciência cultural brasileira.

Durante a atuação como crítico titular da *Folha*, Candido não só acompanhou a produção literária da época, levando para o "pé de página" as novidades – de obras nacionais e estrangeiras – e de talentos que despontavam nesse período, mas também evidenciou uma de suas marcas ímpares, a "especialidade mais dramática do oficio crítico", como relata Dantas, que é o enfrentar-se ao contemporâneo, acatá-lo, entendê-lo, decifrá-lo, imprimir-lhe um censo de valor e apresentá-lo ao público. Mais. Candido tratou de escritores que compõem o cânone, também de pensadores; de assuntos políticos e ideológicos iminentes para a época, dentro e fora do país; de temas ligados às questões da educação, da tradução e da cultura.

Tal desempenho já evidenciava o "seu pendor de crítico nato", em linhas significativas de seu pensamento no tocante à sua determinação em busca de uma crítica nova, que conectasse em relações dialéticas, a sociedade e a obra, em um tempo histórico, mediante uma forma de análise singular. Ou melhor, um método que reconhecesse os aspectos internos e externos das obras. Estes elementos ainda não totalmente lapidados, Candido já os tinha, ali na primeira metade dos anos 40.

Ao lançar mão de um estilo em que o jargão acadêmico por vezes desaparece, o crítico faz uso de uma linguagem mais aparentada ao veículo em que se encontra, o jornal, do que às escrituras acadêmicas. Com rigor nas análises, centralizou suas reflexões nas obras literárias. Imbricado entre o analítico e o ensaístico, Candido irá se mostrar um crítico com um pé no didático, capacidade devedora da docência, que aliada à clareza de

---

Paulo, em 20 de agosto de 2008 e publicado com o título de "Preservo convicções socialistas". Disponível em http://terramagazine.terra.com.br/interna.

estilo, elegância e ao recato da linguagem, se juntaram a doses de descontração e bom humor. Conjunto que deixará por muitas oportunidades o seu leitor comodamente à vontade para algumas insistências mais inclinadas para a Sociologia. E, por outras, nem tão à vontade assim, quando insiste em consideráveis citações no original, em francês, inglês, italiano ou mesmo latim. Mas, em se tratando de um público-leitor da época predominantemente burguês, e letrado, como eram os mais de 100 mil brasileiros de classe média que liam a *Folha da Manhã*, e por isso portadores de uma cultura voltada para a Europa, em particular para a França, talvez as citações no original não incomodassem tanto assim.

Assentado em um de seus pilares de escrita, o crítico titular da *Folha*, ao preferir o ensaio, à sua maneira, ou ensaísmo livre como chamou Vinicius Dantas, promove a flexibilidade das ideias e dos argumentos, “explicando o complexo com requinte”, como assinalou Merquior[246], o que permite mais acessibilidade ao leitor. A preferência por este gênero que, lhe proporciona uma “argumentação inventiva e aventurosa”, também nas palavras de Dantas[247], dando-lhe total autonomia, tem a nosso ver um caráter que vai além do estético. Pensamos que, ao eleger o ensaio, Candido assume uma escolha também política, e corroboramos aqui com as palavras de Arrigucci Jr., quando afirma ser esta uma atitude com a dimensão de um ato político[248]: “Num meio em que poucos têm acesso à cultura e em que a retórica da complicação do discurso pode funcionar como instrumento de dominação política ou da mais solene mistificação.” Nesse meio, que era o Brasil da década de 40, mantenedor de índices de analfabetismo ultrapassando os 60% da população, esta escolha, nos parece, mais inclinada a uma decisão nem somente do âmbito estético.

Ao estrear no ofício da crítica jornalística em um momento que figuras consagradas da crítica literária já atuavam na imprensa brasileira, como Tristão de Athayde, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, Álvaro Lins, Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda, Otto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, entre uma galeria de nomes, Candido se arrisca, como um jovem “ainda verde” na crítica. Boa parte do risco, no entanto, vinha

---

[246] MERQUIOR, José Guilherme. “O texto como resultado (notas sobre a teoria da crítica de Antonio Candido”. In: LAFER, Celso (Org.). **Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p. 121.

[247] DANTAS, Vinicius. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 123.

[248] ARRIGUCCI JR., Davi. “Movimentos de um leitor (ensaios e imaginação crítica em Antonio Candido)”. In: ______. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 239.

escorado no convite que o jornal lhe havia feito, via o secretário de redação Hermínio Saccheta, um militante trotskista que igualmente acreditava em críticos de literatura, de artes plásticas, de cinema, alinhados à esquerda. Sachetta, que viria a se tornar uma figura emblemática na história do movimento da esquerda no Brasil, atendia em seu cargo aos ares de renovação que a empresa jornalística estava processando.

O convite a Candido, por sua vez, era o resultado imediato da visibilidade que a revista *Clima* havia lhe proporcionado.[249] No entanto, acima destes aspectos, circunstanciais, estava, sim, seu talento individual, como representante de uma geração "de críticos, críticos e mais críticos",[250] Cabe ainda a lembrança que a essa altura Candido deveria estar mergulhado em seu trabalho de livre-docência sobre o Sílvio Romero, um dos críticos referenciais e de bastante relevância neste seu percurso crítico[251]; um mestre, como chegou a declarar por vezes. O que nos indica que Candido já vinha se munindo desse universo da crítica.

A lista de críticos em atividade no jornalismo brasileiro tenderia a engrossar se a ela fosse agregada a relação dos críticos de rodapé, que justamente nesse período – entre os anos 40 e 50 – alcançaram êxito. Há, porém, a necessidade de uma ressalva, pois os chamados críticos de rodapé, não se dedicavam exclusivamente à análise de uma obra ou de um movimento literário. Em função de uma formação múltipla, o que lhes dava subsídios para atuação em vários contextos, esses intelectuais eram em sua maioria, jornalistas, escritores, advogados, estudiosos, críticos de arte que tinham em comum uma cultura calcada na leitura de obras e publicações especializadas, geralmente estrangeiras. Perfil que nos completa o jornalista Manuel da Costa Pinto:

> São os chamados homens letrados, que tiveram como base a leitura dos grandes romances da literatura ocidental e que por isso estavam aptos a discutir o momento literário com uma erudição que, todavia, não os

---

[249] Heloísa Pontes, em *Destinos Mistos* afirma: "[Antonio Candido e seus amigos mais próximos do Grupo Clima renovaram a tradição ensaística brasileira (...) construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação. (...) Como críticos, inseriram-se na grande imprensa, nos projetos editoriais, nos empreendimentos culturais mais amplos da cidade de São Paulo." (PONTES, Heloisa. **Destinos mistos. Os críticos do Grupo *Clima* em São Paulo 1940-1968**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 13-14).

[250] Resposta de Antonio Candido para definir sua geração quando atendeu ao questionamento de Mario Neme, primeiramente publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* e depois em "Depoimento" em *Plataforma da nova geração* (NEME, Mario (Org.). **Plataforma da nova geração**. Porto Alegre: Globo, 1945, p. 34.

[251] Sílvio Romero, observa Antonio Candido (1988), foi o primeiro grande crítico e fundador da crítica no Brasil. Ele permanece como marco, se quisermos compreender a formação do espírito crítico brasileiro. Cf. CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Edusp, 1988.

> tornava especialistas no sentido que a divisão dos departamentos universitários viria a dar.[252]

Eram críticos que reuniam um estofo cultural, baseado em vasta leitura de mundo, e lançavam mão de uma linguagem mais próxima do jargão, por isso se consideravam escritores, “mas não necessariamente poetas ou ficcionistas”, como nos esclarece Sanches Neto:

> A crítica era literária não por analisar a literatura (muitas vezes, o tema pertencia à política, à história, à cultura ou a assuntos da intimidade), mas por se assumir como literatura. Cada crítico tinha um estilo próprio, de tal modo que é fácil reconhecer um texto de Álvaro Lins ou de Sérgio Milliet.[253]

Herança da cultura jornalística francesa e germânica, os rodapés *feuilleton* (folhetim)[254] tiveram na imprensa brasileira êxito absoluto no século XIX, quando escritores de grande porte publicavam não críticas, mas capítulos de seus romances e crônicas sobre literatura nos finais de semana. O espaço no jornal permaneceu no final da página, mas o teor dos textos foi se alterando ao acompanhar as mudanças que a crítica literária brasileira foi tomando, especialmente a partir dos anos 40, com a proliferação dos suplementos literários na imprensa nacional e, consequentemente, o aumento de “profissionais da crítica”, nem todos distanciados da crítica impressionista. Assim, desde o período que Machado de Assis desponta como crítico de jornal, colaborador do *Diário do Rio de Janeiro* (1866), até Antonio Candido, vertentes distintas da crítica jornalística foram se manifestando na imprensa brasileira. Vertentes que nos dão conta da situação da crítica na década de 30, ainda distante das universidades, como o próprio Candido nos aclara:

> No meu tempo de moço dominava a tradição do jornalismo crítico, que vinha em caráter regular pelo menos desde José Veríssimo e teve cultores da qualidade de Alceu Amoroso Lima, Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Lins e outros. Com a fundação dos cursos superiores de Letras a

---

[252] COSTA PINTO, Manuel da. “Guerra e paz : a crítica literária na imprensa brasileira”. Via Atlântica, São Paulo, n. 4, p. 52, out. 2000.

[253] SANCHES NETO, Miguel. **A crítica e a função social**. Revista *Trama*, v. 1, n. 1, 2005.

[254] “O rodapé literário é uma herança do *feuilleton* (literalmente, folhetim), que na imprensa oitocentista europeia (francesa e germânica) funcionava como um segundo caderno correndo na parte inferior do primeiro. Daí o nome em português, rodapé. No *feuilleton* publicavam-se crônicas intimistas, poesias, pequenos ensaios e, evidentemente, resenhas.” DINES, Alberto. Mais uma vitória do *Globo*. Acabou a era do rodapé cultural [8 ago. 2005]. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Acesso em: 17 set. 2010.

> partir dos anos de 1930, foi sobressaindo aos poucos uma crítica universitária que tem altos e baixos, mas é geralmente válida, com alguns praticantes excepcionais que aparecem também nos jornais e nas revistas. São interessantes sobretudo quando sabem incorporar os lados positivos do ensaísmo.[255]

Neste conjunto de textos Candido nos mostra também um de seus traços marcantes: o do intelectual de seu tempo, no entender de Said. Além de se pronunciar em prol de causas sociais, o crítico na figura de um militante, impregnado de uma juventude atenta e forte, como diz os versos da canção *Divino Maravilhoso*[256], leva a paixão pela literatura avante, sob a forma de uma militância que não declina ao longo de toda a trajetória da escrita. Ao mostrar-se como um homem das letras, de esquerda, "socialista independente de tendência marxista", Candido não deixa de assumir publicamente temas de certa forma ousados para o cenário político da época. Atitude condizente com sua postura de um crítico de literatura acima de tudo empenhado junto ao seu leitor, quando promove no espaço jornalístico, o debate de ideias.

Este comportamento de Candido reflete uma manifestação que vai se despertando de maneira tímida naquele Brasil dos anos 40, que é o interesse da figura do intelectual em se tornar um homem crítico contra a ordem imposta. Nasce a ânsia de interpretar o Brasil, de questionar a produção intelectual e literária nacional.

3.7 As notas críticas

É para este recortado universo candidiano que nos reportamos. Trata-se de um conjunto de 96 textos, uma maioria de 71 deles aborda obras em prosa; uma minoria dos rodapés está dedicada a temas ligados à política, sociologia, educação, tradução e aspectos culturais, incluindo uma incursão ficcional ("Uma Estranha Ratoeira", 19 mar. 1944), diríamos. E 15 desses textos falam de poesia.

Muito de literatura tratou este conjunto de textos, falando de escritores, estrangeiros e brasileiros; de obras clássicas e contemporâneas. O que trouxe para as suas colunas deste período um elenco variado: Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Jorge Amado, Erico Verissimo, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Lêdo Ivo,

---

[255] CANDIDO, Antonio. Antonio Candido de volta à cena [Entrevistadora: Cláudia Nina]. Disponível em: <http://www.claudianina.com.br/entrevistas/>.Acesso em: 9 set. 2010.

[256] Composição de Caetano Veloso e Gilberto Gil composta entre 1968-69.

João Cabral de Melo Neto, José Tavares de Miranda, Fernando Sabino, João Alphonsus, Sthendal, Verlaine, Flaubert, Eliot, Antero de Quental, Leon Trotsky, Romain Polland, entre outros em boa lista de filósofos e pensadores.

Diante desta angulação diversificada nos deparamos com momentos em que o jovem crítico deixa os caminhos literários e passa para uma reflexão marcadamente de orientação sociológica. Esta observação vem apoiada nas assertivas de Vinicius Dantas. Disse este crítico: "Mesmo na hora funcionalista mais ardorosa (a fase da *Folha da Manhã*) em que fez julgamentos *francamente ideológicos*, a representação sempre significa para ele plasmar artisticamente a matéria social, inventar tanto quanto produzir."[257](grifo nosso). Sobre este aspecto, a declaração de Antonio Candido se junta a de Dantas e a nossa observação:

> Pessoalmente, como crítico, eu fui meio sectário entre 1942 e 1945, e preconizava uma teoria pragmática, segundo a qual o artista e o escritor deviam produzir obras adequadas às causas sociais. Mas depois mudei, como os meus companheiros, reconhecendo a liberdade de criação em toda a sua plenitude.[258]

Não faltavam a Candido, razões para imprimir em sua crítica de então, a jornalística, essa tonalidade, por assim dizer, mais política. É o que se evidenciou na sua fala quando indagado sobre este ponto específico:

> Aquele momento era de intensa politização dos intelectuais, segundo o espírito predominante no decênio que sucedeu ao movimento armado de 1930. Eu embarquei nesse rumo, politizando talvez um pouco demais a minha atividade crítica, mas correspondendo assim ao ânimo de militância que era o dos intelectuais contrários à ditadura do Estado Novo. Afinado com as tendências radicais do momento, assumi então posições socialistas que não abandonei mais e continuam a nortear as minhas convicções relativas à necessidade de transformar profundamente a nossa sociedade desigual e mutiladora.[259]

Parte dos textos publicados em *NCL* integra *Brigada Ligeira*, primeiro livro de Antonio Candido que contou com a organização do autor e saiu no final de 1945, mesmo

---

[257] CANDIDO, Antonio. Apresentação. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. Duas Cidades Editora 34, São Paulo, 2002, p. 17.

[258] CANDIDO, A. Memória: Antonio Candido – a militância por consciência [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988. Disponível em:< http://www2.fpa.org.br>. Acesso em: 09 de jan. 2010.

[259] Ibidem.

ano em que se publica *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Portanto, antes da publicação de *Brigada Ligeira,* serão os textos críticos de jornal as primeiras produções autorais de Candido que chegam ao leitor em geral. O que nos aponta, uma vez mais, para a importância deste conjunto inaugural de textos jornalísticos do crítico. Conjunto que ainda não conta com a publicação em livro na totalidade.[260] Também neste estudo foi possível uma aproximação maior do fazer crítico do autor, que nesse período, embora estreante, já emitia sinais de um método não esboçado, quase pronto. Marca que condiz com a visão ímpar de Candido.

Assim, após uma leitura transversal e detalhada dos textos, em que foram consideradas as questões da crítica literária, levando-se em conta a especificidade dos rodapés literários, os autores e as obras abordados nas colunas, sob um panorama literário, a escolha aportou em um recorte em que serão contempladas as seguintes temáticas:

1) Como o crítico tratou da crítica. A metacrítica de Antonio Candido;

2) Espaço para os nacionais, aos que estão chegando e aos já consagrados. Narrativa e poesia;

3) O olhar para os estrangeiros. Tradição e modernidade;

4) Um intelectual atuante

Como reiteramos, a variedade de angulação propicia uma análise múltipla e que está longe de se esgotar nestes itens apresentados, por isso mesmo nos levou aos aportes teóricos dos autores Edward Said, Pierre Bourdieu, Tzvetan Todorov e Theodor W. Adorno. E é à luz destes pensadores que encaminharemos nossas análises.

3.8 Como o crítico tratou da crítica. A metacrítica de Antonio Candido

Vinicius Dantas nos chama a atenção para a atividade rotineira, "quase mesmo obrigatória", que o crítico de jornal tinha quando de seu *début.* A apresentação do crítico, fornecendo ao leitor uma espécie de carta de intenções, era praxe nas décadas de 30 e 40. E é dessa forma que Candido se expressa em seu primeiro texto de *Notas de Crítica Literária*.

---

[260] Em entrevista, Antonio Candido confirmou à autora que o conjunto destes rodapés nunca foi publicado na totalidade e que talvez tivesse muito proveito se reunidos em um volume. O texto desta entrevista na íntegra encontra-se em Apêndice A.

Expressão totalmente distinta de outro crítico, o baiano Afrânio Coutinho, opositor de Candido, que saía em defesa da Nova Crítica[261], ao pregar a extinção dos rodapés diante da postulação que para o crítico de jornal era necessária uma formação específica, de preferência uma graduação em Letras. “Formação tão ampla e complicada só pode ser adquirida no lugar adequado, que são as universidades e faculdades de Letras”,[262] alardeava Coutinho, conforme ainda se pronunciou:

> Haverá porventura hábito mais grotesco do que este, tão comum entre nossos críticos, de inaugurarem os seus rodapés com uma introdução em que, pretendendo dar a sua posição, não vão além de uma série de considerações mais ou menos ocas e de algumas barretadas à platéia? Onde as tomadas de posição, as afirmações doutrinárias, as classificações dos problemas? Aliás, não é este o costume apenas que é preciso arguir, tratando-se do problema da crítica no Brasil. É a própria instituição do rodapé, que é condenável por todos os aspectos como um dos responsáveis pelo atraso ou, por que não dizer, pela inexistência da crítica literária entre nós.[263]

“Do crítico, geralmente espera-se muita coisa. Antes de mais nada, que defina o que é a crítica para ele”, anunciava-se Antonio Candido na coluna “Ouverture”, a que registra sua estreia no jornal, publicada em 7 de janeiro de 1943, no pé de uma página salpicada de anúncios de uma loção Leblon para cabelos brancos e de festas de formatura.

À prática de dizer ao que veio, Antonio Candido lançou mão do modelo de apresentação que já havia utilizado no número 1 da revista *Clima*, e que, posteriormente, retoma quando de sua chegada ao *Diário de S. Paulo*, periódico para o qual se transfere ao deixar a *Folha da Manhã*. É o que podemos acompanhar neste trecho de **“**Começando”, quando ele retoma as *Notas*, desta vez no *Diário de S. Paulo*, em setembro de 1945, em pleno período de pós-guerra. Tratava-se de um momento em que a crítica havia sido tomada por uma onda de justificações calcadas mais nas questões políticas do que literárias. Momento para o qual Vinicius Dantas assim se reportou: “quando ele [Antonio

---

[261] Nova Crítica foi um movimento ligado ao formalismo norte-americano do *New Criticism*, uma análise estético-literária que ganhou força entre os anos 40 e 60 e que privilegiava a ênfase apreciativa da obra. Vinha em reação contrária à crítica impressionista, e teve no Brasil o crítico baiano Afrânio Coutinho um de seus principais defensores. Cf. “A Nova Crítica de Afrânio Coutinho”, de Marcelo Januário. Edição 6 primeiro semestre de 2006. Revista **Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr. Acesso em: 8 agosto 2011.

[262] COUTINHO, Afrânio. *Jornal de Letras*, ago. 1957.

[263] COUTINHO, Afrânio. **A Crítica e os Rodapés.** Rio de Janeiro: Simões Editora, 1969, pp. 19-23.

Candido] foi levado a ressaltar o aspecto literário de seu ofício para se contrapor à politização que simplificava de modo avassalador o debate intelectual e que até chegava a usar a posição ideológica do escritor para fazer apreciações literárias."[264]

Sob um tom mais combativo do que o texto inicial da *Folha da Manhã*, Candido, segue neste artigo de estreia do *Diário*, arraigado em suas convicções de crítico que tem na obra literária a concentração de suas análises.

> É preciso liquidar o sectarismo em nome da liberdade do espírito e, ao iniciar os meus rodapés, declaro-lhe guerra sem trégua. As coisas chegaram a um tal ponto que, neste instante, o que mais me preocupa não é integrar a obra no momento, como até procurei fazer, mas, abordando o problema crítico por um ângulo oposto e de certo modo complementar, diferenciá-la do mesmo, acentuando a magnífica especificidade graças à qual toda obra de valor é literária antes de ser sociológica ou política ou interessada ou desinteressada. Este caráter literário que pretendo imprimir ao meu trabalho não se opõe ao anterior: é tão legítimo quanto ele e sucede-lhe naturalmente, como segunda etapa de um mesmo processo. Inspira-se, sobretudo, no mesmo desejo de servir aos leitores e à cultura do meu país.[265]

Na apresentação desta "carta de intenções", Candido vai alinhavando um elenco de quesitos fundamentais para o exercício da crítica em um constante refazer e repensar sobre seu ato crítico, "até transformar o ato do juízo crítico num processo assumidamente interessado e relativo", segundo palavras de Dantas.[266]

Também foi nessa linha que o jovem crítico seguiu para o primeiro texto da *Folha*, ao nos oferecer como entrada o título, "Ouverture" (7 jan. 1943), que, "enigmaticamente", no dizer do próprio Candido em relação às anotações de Mário de Andrade, é o único título em língua estrangeira deste conjunto de textos, afora aqueles que levam os nomes dos autores analisados. Candido levou em conta o que Mário havia declarado – "Nunca jamais ele (o homem) foi tão momentâneo como agora" –, em sua conferência de 1942 sobre o Modernismo e nesta se apoiou para assumir outra das tarefas do crítico, a de "explicar à luz do momento" a obra para o leitor.

Talvez essa necessidade de manter-se "momentaneamente" sintonizado com o presente justifique o diálogo que Candido vai manter com a revista *Clima* nesta coluna

---

[264] DANTAS, Vinicius. Apresentação. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 17.

[265] CANDIDO, Antonio. Começando. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 20 set. 1945. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 41.

[266] DANTAS, Vinicius, op. cit., p. 17.

primeira da *Folha*. Ao citar o que o colega Ruy Coelho escreveu na revista, Candido corrobora a contemporaneidade da publicação. Conversar com *Clima* pressupõe que os leitores do jornal a conheçam e se não, que o façam dentro de um código da atualidade. No período de janeiro de 1943 a novembro de 1944, Candido colabora concomitantemente com a *Folha da Manhã* e com a revista *Clima*. Portanto, ao citar a outra publicação onde ele também desempenha sua atividade crítica, endossa o seu status de crítico. E, por último, a hipótese de que a consagração e o êxito da revista *Clima*, àquela altura, a capacitavam como referência positiva no mundo da crítica literária de grande imprensa. Porém, é possível reconhecer neste rol de anúncios de Candido uma de suas preocupações maiores como crítico, a de dar espaço para o novo na literatura. Atitude condizente com sua ligação, compromisso e simpatia junto às questões modernistas. Tanto assim, que o crítico reitera a ideia de que sua missão (de crítico) estará cumprida se puder ter contribuído para orientar aos seus contemporâneos.

Ao lado da atualidade, condição fundamental para o texto que circula em jornal, há uma preocupação de Candido com a efemeridade da crítica, ponto também referido por Mário e recuperado por Candido nesta coluna. Está na "marca efêmera das coisas circunstanciais", um aspecto que o crítico deve ter em conta. Ao reproduzir as palavras de Mário de Andrade, Candido mostra sua consideração pela figura do modernista, que será reiterada em muitas ocasiões neste conjunto e, da mesma forma, surgirá em outras abordagens no *Diário de S. Paulo*. Além de explicitar adesão ao tema. "Não me esforço por inscrever a minha crítica numa ordem perene. Aceito com humildade a sua contingência e o seu imediatismo", assumia o crítico em "Um ano."[267] Afirmações que esclarece o seu ponto de vista ao compreender-se que se trata de uma crítica feita para jornal, portanto com características distintas daquelas assinadas por críticos acadêmicos ou ligados à universidade, que trabalham em outra dimensão cronológica, e, portanto, apegados às questões anacrônicas. O que, além disso, implica em uma visão moderna da crítica, que encontra um ponto de contato ou de referência em Allbert Thibaudet, crítico que fez parte das fontes teóricas de Candido, e mencionado com assiduidade por ele como

[267] CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária – "Um ano". *Folha da Manhã,* São Paulo, 9 jan. 1944. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 32.

uma figura-chave dentro da crítica moderna. "A crítica moderna é ininteligível sem a aliança com o jornal e o liberalismo", consentia Thibaudet.[268]

Daí ser de grande valia a recomendação de Mário de Andrade, ao entender que o leitor precisa de textos "ligeiros"; aqueles lidos entre um rol de tarefas. Tal preocupação rondava as falas de Ángel Rama, que da mesma forma via nessa condição efêmera da coluna semanal de literatura, o aspecto flexível do contemporâneo, dando a oportunidade ao crítico rever, repensar uma ideia ou um posicionamento sobre determinado autor.

Ao compromisso com o momentâneo junta-se a questão da ética, outra das necessidades da atuação do crítico, no entender de Candido. "Não basta que o leitor se sinta diante de um homem de boa compreensão; é preciso que ele sinta o homem de boa-fé". Na observação de Cesara Gil encontramos enfatizada esta outra qualidade do crítico, a mesma que Candido faz referência:

> A noção de ética que o crítico deve assumir pressupõe, assim, seu compromisso com o momentâneo, com o imediato, que do ponto de vista intelectual se traduz na necessidade de 'esclarecer os acontecimentos no presente'. Numa palavra, a leitura e a reflexão devem estar a serviço de sua época e de suas necessidades.[269]

Justamente porque a obra literária nunca pode *dizer* toda sua verdade, como nos aponta Todorov, é de fundamental importância a presença da crítica literária na vida do leitor. Sendo a crítica esse duplo necessário da literatura, como complementa Todorov,[270] o crítico passa a ter papel igualmente relevante no campo cultural, no sentido de propagar essas "traduções ou explicações" junto ao público-leitor.

Mas que não se iluda o crítico, nem tampouco tenha recaídas e pavoneios, alerta Candido neste rodapé de estreia, porque o crítico deve permanecer invisível, quando muito em um segundo plano, já que, ao primeiro, é destinado à obra analisada. Diz Candido: "Rejeito, portanto integralmente o conceito impressionista que faz da crítica uma aventura de personalidade, um passeio através das obras e dos autores com o intuito exclusivo de penetração e de enriquecimento pessoal."[271]

---

[268] CANDIDO, Antonio. "Um impressionismo válido". In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 47.

[269] GIL, C. F. "Sobre certo percurso do crítico". Revista *Letra*s, Curitiba, n. 74, p. 15-25, jan./abr. 2008.

[270] TODOROV, Tzvetan. **Crítica de la crítica**. Barcelona: Paidós, 2005, p. 9.

[271] CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária – *Ouverture*. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 24-25.

Se ao crítico cabe a discrição ou a invisibilidade, da mesma forma ele deve se munir também de aspectos mais próximos da subjetividade, como a intuição. "A intuição é o combustível do trabalho crítico", diz Candido, em alto e bom som. Fundamental para o crítico, este combustível necessário para os estudos literários, a intuição, aparece nas páginas de *Formação*. Lá, Candido nos endossa: "Por isso, a crítica viva usa largamente a intuição, aceitando e procurando exprimir as sugestões trazidas pela leitura. Delas sairá o juízo, que não é julgamento puro e simples, mas avaliação – reconhecimento e definição de valor."[272] Em outra ocasião, Candido retomou o tema e declarou, "Sempre tive mais intuição do que método."[273] Declaração que, sabemos, está carregada de discrição, humildade, elegância e resistência por parte do crítico. Porque se há algo que ele consolidou foi sua forma particular de analisar e refletir uma obra literária. Porém, se levarmos em consideração a importância deste elemento – a intuição –, na medida em que "acaba sendo uma defesa da liberdade de movimentos do leitor", segundo palavras de Arrigucci Jr., podemos dar razão a Candido.

No entanto, o crítico não pode incorrer na síndrome da superficialidade. Ao contrário, um bom crítico precisa profundidade, mergulho na obra. "Não há crítica sem penetração", alerta Candido. Mas para se aprofundar na crítica, é preciso que seu autor não deixe a sensibilidade de lado. Entender um autor ou uma obra pela via da sensibilidade é uma maneira plausível e bem-vinda, acrescenta o crítico titular da *Folha da Manhã*. Diz ainda: "[a compreensão das obras do pensamento e da sensibilidade] trazem em si essência dos sonhos, das aspirações, as mais variadas manifestações do coração dos homens."

Assim, ao anunciar as qualidades e as tarefas que um crítico de literatura tem pela frente em sua labuta semanal, Candido, sob a influência dos ecos machadianos, não se distancia do autor de *Dom Casmurro*, que nos idos do século XIX já sacramentava o seguinte: "Com tais princípios, eu compreendendo que é difícil viver; mas a crítica não é uma profissão de rosas, e se o é, é-o somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade."[274]

O que é ser um crítico de jornal? É escrever sob uma equação entre a pressão do tempo, do espaço e do acontecimento, do fato novo diante da necessidade de responderia

---

[272] CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. **Momentos Decisivos 1750-1880**. 10. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 13. p. 33.

[273] Antonio Candido, em entrevista a Manuel da Costa Pinto, na Revista *Cult*.

[274] MACHADO DE ASSIS. **O ideal do crítico** [Org. Miguel Sanches Neto]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 12.

um jornalista. Mas Candido embora não sendo um jornalista, ao assumir o seu lugar de homem de imprensa não pôde escapar destes aspectos determinantes ao jornalismo. Na condição de crítico titular do jornal lhe foram legitimadas prioridades de manifestar-se "criticamente" em seu exercício do ofício. É precisamente o que ele fez, em "Faces descobertas" (10 set. 1944), ao promover uma discussão sobre o assunto quando da análise do livro homônimo de autoria do crítico Carlos Burlamáqui Kopke[275]:

> Ora, nós que escrevemos sob medida, sabemos como frequentemente isto prejudica o que queremos dizer. Limitados pelo número fixo de laudas, obrigados a uma certa facilidade jornalística e, sobretudo, premidos pelo tempo sacrificamos ideias e temas, que estariam melhor num ensaio ou numa série de artigos. [...] O artigo de jornal raramente não revela um crítico. O que fazemos aqui não é crítica literária propriamente dita, mas resenha de livros e ideias.

Candido, a exemplo de outros nomes que atuavam no jornalismo crítico no campo da literatura, não estava sozinho nessa reflexão. O crítico pernambucano Álvaro Lins já havia tocado nesse mesmo assunto:

> Os artigos de crítica são escritos sob o pequeno prazo de uma semana, que separa um do outro. E nunca se poderá imaginar as dificuldades que esse sistema de crítica coloca diante de seus autores. Todo crítico deveria praticá-lo ao menos durante seis meses. Este exercício tornaria todos eles mais compreensivos e mais humildes, pois sei de alguns que escrevem uma página por semestre e se julgam com o direito de exigir sempre a perfeição de artigos feitos todas as semanas sob a inspiração dos assuntos mais diferentes. A verdade é que esta crítica semanal não pode ser exclusivamente artística, como aquela que se realiza pacientemente para os livros, mas deve apresentar um caráter jornalístico. Torna-se necessário ser jornalista para praticar a crítica de jornal.[276]

A autorreferência, no entanto, serve como via alternativa para que Candido se expresse sobre o trabalho de Kopke, reunido no volume que dá nome à coluna daquele dia: "como crítico de romance o Sr. Burlamaqui Kopke não me parece muito forte" - , poesia – "terreno no qual parece destinado à uma carreira brilhante" e ensaios.

Entre um vaivém de elogios e críticas mais contundentes, Candido admite ser Kopke um ensaísta por excelência, embora "grande parte de seus trabalhos aparecem como

---

[275] Foi crítico literário do jornal *Diário de S. Paulo*.

[276] LINS, Álvaro, 1944, p. 50, apud SANCHES NETO, Miguel. "Crítica e função social. A crítica e a função social". **Revista Trama**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <www.unioeste.br/saber>. Acesso em: ago. 2010.

ensaios de asas quebradas”, mas que não convence como estilista, pois segundo Candido, “escreve bastante arrevezado”.

Sob tons de uma escrita elegante, Candido assume então a crítica para com o crítico. A exemplo do que perpassa os artigos em quase sua totalidade deste *corpus*, há neste Candido crítico de jornal muitas referências machadianas. Em especial, aqueles quesitos que compõem o ideário do crítico. Sobre esse comportamento, marcado pela delicadeza, diz Machado, em outro tempo: “Moderação e urbanidade na expressão, eis o melhor meio de convencer; não há outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do crítico.”[277]

Entre os erros mais comuns que os críticos poderiam incorrer, a falta de objetividade é comentada por Candido, ao acentuar que Kopke apresenta este aspecto ao se valer de preocupações que poderiam ser chamadas de essencialistas, “ou a tendência em procurar, por assim dizer, o sentido metafísico das coisas.”

Sob o olhar de Candido, a preferência da crítica ao criticado é outro dos pontos negativos que Kopke apresenta. À referência, assim justificada, – “às vezes nos comprazemos mais em ler um estudo de Rod sobre Leopardi do que o próprio texto de Leopardi” –, Candido não economiza sinceridade ao chamar tal prática de “sintoma de puberdade da crítica literária”. A advertência, sem rodeios, vai para Kopke por conta de mais um de seus atropelos, ao afirmar em seu estudo sobre Stendhal que não há influência dos ideólogos sobre o romancista. “O Sr. Kopke se fiou mais nos comentários do que no texto”, reage Candido.

No contínuo exercício metacrítico, Antonio Candido em “Problema de jurisdição” (11 jul. 1943) lança a discussão: “Fazer crítica de literatura não se restringe apenas a analisar obras de ficção. A literatura com ou sem divisão de trabalho crítico, comporta, certamente ordem de idéias, que não se confundem necessariamente com a ficção e a poesia”. Aqui, o problema toma corpo via as reclamações de leitores que, incomodados, cobram do crítico o seu “desvio para outros canteiros”. “[...] Me acusam, sobretudo, de dar uma notória preferência a livros que não são romances nem contos”, defendeu-se Candido.

---

[277] MACHADO DE ASSIS. **O ideal do crítico** [Org. Miguel Sanches Neto]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 44.

Ao responder a estas manifestações de leitores, Candido, usando a expressão metafórica “invadir canteiros do próximo”, remete-se ao fato de sua coluna ter tratado da biografia de Trotsky, de um ensaio de Tristão de Athayde sobre os mitos e das teorias estéticas de Mário de Andrade. Temas que suscitaram descontentamento entre os leitores.

Desviar-se para outros canteiros e “invadir canteiros do próximo”, no entender de Candido, é, sim, uma atitude necessária em se tratando de produzir uma coluna semanal, quando nem sempre é possível contar com romances ou coletâneas de poemas de qualidade literária. E o inverso também é válido, já que nem sempre chegavam à redação livros de filosofia, de sociologia ou de crítica em geral, dignos de análise. E nesse caminho de mão dupla, Candido alerta o seu leitor que a um crítico de literatura, cabe da mesma forma, fazer incursões intelectuais obrigatórias por obras de pensadores, como *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* ou *História Geral das Bandeiras*. Embora sob uma condição, que o crítico tivesse “um princípio norteador”.

Hábil, em um tom “que a mão afina o jeito de traçar por escrito o que já vem exercitado pela tradição oral”, como atenta Arrigucci,[278] a escrita de Candido leva a explicação ao leitor, cujos limites no Brasil são outros. “Um Tristão de Athayde que hoje fala de Jorge Amado, amanhã sobre o professor Taunay, e depois sobre Bergson e Lowie”, teria outro caminho se estivesse fora do Brasil; se tivesse na França, por exemplo, a situação seria outra. [Lá] a cada crítico caberia um diferencial. O Brasil só contará com críticos especializados”, confirma Candido, “na razão direta da complexidade e consequente diferenciação do trabalho cultural de uma sociedade.”

Já, o que explicaria a escassez de livros de Filosofia, e de qualidade literária, como admite o crítico, ao consentir que: “Frequentemente é necessário um malabarismo formidável para se arranjar um livro de ficção que pague o trabalho de se falar dele”, é a condição da literatura nacional. “Porque a nossa literatura está longe de ser pujante”, admite Candido ao complementar que esta insipiência da cultura brasileira é a culpada da sua própria situação. Completa o crítico: “[A cultura brasileira] que não produzia condições bastante fortes para provocar uma atmosfera de alta tensão intelectual”.

O alvo é único, a falta de críticos especializados ou, sob outro ponto de vista, a proliferação e o sucesso de críticos-cronistas, os “especializados em tudo”, aqueles que se ausentam de um método e das relações intensas e intensivas entre a literatura e a sociedade,

---

[278] ARRIGUCCI JR., Davi. “Movimentos de um leitor (ensaios e imaginação crítica em Antonio Candido)”. In: ______. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 239.

temas sempre tão essenciais em Candido. A contenda é direta e assumida, pois Candido já caminha em direção explicitamente oposta a esses críticos que faziam uso impressionista da palavra e da análise. Para tanto, avisa os leitores que sua formação não lhe permite tais abruptudes.

Ao tratar do assunto, Candido de certa forma reiterava o que dali a quatro dias sairia publicado em "Plataforma da nova geração" (*O Estado de S. Paulo*): um alerta sobre o perigo das filosofias evolucionistas, da sociologia cultural e da literatura personalista. Esta última expressa como "o auto-exibicionismo e o esquecimento dos homens em benefício do homem, isto é, o autor em questão."[279] Aspectos que, segundo depoimento de Candido, colaboravam de forma efetiva para que os críticos piorassem seu desempenho no tocante à crítica literária.

Em tom didático, Candido expõe ao leitor que "no Brasil, crítico literário é o indivíduo que para não falar de tudo, tem que escolher alguns setores". E justifica-se dizendo que a sua escola de crítica foi a revista *Clima*, publicação em que os leitores jamais leram uma crítica sua que não fosse sobre literatura. Diz ele: "a minha escola de crítica foi essa revista [*Clima*] onde aprendi um pouco e guardei do princípio. Assim é que os meus leitores nunca me viram e provavelmente nunca me verão falar de livros de teatro, de cinema, de música, de pintura ou de economia. Quanto ao resto..."[280]

Nestes prós e contras, Candido, ao falar da tarefa arriscada de ser crítico de jornal, menciona o "mestre" Sérgio Milliet, que em seu rodapé inaugural no jornal *O Estado de S. Paulo*, já havia comentado tal questão. Com Candido se alinhava Milliet, aceitando portanto a opção "de levar para as coisas literárias certos princípios de ordem sociológica ou filosófica. Daí o interesse com quem, partindo de uma formação sociológica, é possível ao crítico embrenhar-se pela literatura, procurando interpretá-la funcionalmente, buscando nela a repercussão da época e a sublimação dos traços da cultura; selecionando não raro, voluntariamente, os livros que mais se prestam a este tipo de estudos."[281] A exposição de Candido neste trecho não deixa a menor dúvida sobre suas intenções frente à crítica

---

[279] CANDIDO, Antonio. Plataforma da nova geração. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 249.

[280] Em 22 de junho de 1943, Antonio Candido, em edição extra, pois foi num sábado, publica "Vantagens da ignorância uma crítica sobre a Exposição de Clóvis Graciano".

[281] CANDIDO, Antonio. "Notas de Crítica Literária". Problemas de jurisdição. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jul. 1943.

literária no sentido de reconhecer na obra literária a função social da literatura, e suas ligações com a cultura e a história.

O veterano Milliet, pois já vinha escrevendo como colunista desde 1938, tal qual Candido, se mostrara um dos entusiasmados leitores de Albert Thibaudet. Assim Candido evoca o crítico brasileiro para assim defini-lo: “Foi, de todos os de 22, aquele que mais agudamente representou a crítica e as tendências de sistematização intelectual. Por isso é como que uma ponte entre eles e nós.”[282]

Portanto com Milliet, Candido mantinha-se respeitoso em relação à tradição, e efetivamente ligado ao Modernismo. O homem-ponte entre aqueles de 22 e aqueles de *Clima* mereceu décadas depois o texto precioso de Antonio Candido, “O ato crítico”. Neste, tratou da atuação de um homem e de um crítico exemplar. Como afirmou Candido, a obra de Sérgio Milliet foi um grande ato crítico. Em outras palavras, “a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através da interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem. O ato crítico se beneficia com a sistematização teórica, mas não se confunde com ela, nem um substitui o outro.”[283]

A coluna se encerra, finalizando a conversa que Candido abriu com seus “amáveis contraditores”, lembrando-os de forma marota e estratégica que, depois de tanta discussão, “não farão a eles próprios a injúria de afirmar que na literatura só cabe o aspecto puramente estético das idéias e dos sentimentos”. Fator que nos aponta outra marca do colunista, o diálogo com o público-leitor. Público para o qual, a essa altura Candido, todavia, não tinha um retrato acabado. Como observou Vinicius Dantas, Candido, na sua estreia do rodapé *NCL*, a exemplo de todo crítico titular e ao apresentar seu programa de atuação, começava a tecer um fio de ligação junto a uma plateia imaginária.

Nesta mesma linha de discussão, Antonio Candido dá prosseguimento ao tema em “Um Crítico” (18 jul. 1943), desta vez falando do contraponto entre prosa e poesia, a partir das reflexões a respeito do segundo volume de *Jornal da Crítica* de Álvaro Lins. Este um crítico a quem Candido refere-se como “o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil”.

---

[282] CANDIDO, Antonio. Plataforma da nova geração. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 244.

[283]CANDIDO, Antonio. “O Ato Crítico”. In: ______. **A Educação pela Noite**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 156.

> A crítica de ficção é a pedra de toque para se reconhecer o verdadeiro crítico, aquele que funde sensibilidade com poder de analisar. É mais complexa e mais delicada. Na poesia, o crítico pode se deixar levar pela comunicação afetiva e, sugerindo apenas este movimento de participação, colocar-se fora da análise.

É o que se vê também em "Inteligência e Momento" (12 set. 1943), quando ao tratar do livro de Octavio de Freitas Júnior, *Ensaios* do *Nosso Tempo*, com prefácio de Mário de Andrade, o crítico elogia a atitude ousada do autor "moço" (22 anos, já havia publicado dois livros) e também sua preocupação com o papel da inteligência diante da "crise moderna". Candido prossegue:

> Muita gente respeitável acha que a crítica deve se revestir de um plácido equilíbrio, em que todas as qualidades do crítico fundissem numa ausência de afirmações marcadas, de movimentos, fortes, esbatendo-se na moderação dos meios tons. Primeiro que tudo é preciso fazer compreender a estes ponderáveis senhores que a crítica, é, sobre todas as outras coisas participação. Participação estética, participação intelectual; compenetração numa palavra. Portanto, movimento afetivo por excelência, no sentido largo. Sem este não há crítica; há o comentário, a dissertação.[284]

A militância de Antonio Candido perpassa o conjunto destes textos. E aqui está o crítico em ação, que não baixa a guarda e sempre que é possível – e sempre o é, para quem como ele se empenhou tanto nesta causa – está disposto em prosseguir a discussão. Tanto é assim que em "Literatura Brasileira I" (18 mar. 1943), coluna que em dose dupla, aborda os dois livros de Nelson Werneck Sodré, "respeitável marxista ortodoxo", como consente Alfredo Bosi.[285] E, ao ritmo de uma conversa pontuada pela maneira didática e clara de suas aulas, se achega aos leitores:

> Este processo, que é a nossa evolução literária, caminhou ao lado dos demais – político, econômico, social. Estudá-los à luz um dos outros é coisa que apenas começamos a fazer. Ainda hoje, entre nós persiste a confusão entre **história e crítica literária,** havendo alguns representantes de elevado valor no segundo campo, e nem um para amostra no primeiro. Pelo menos nem um que possa ser levado em boa conta. Esta inércia cultural provém, sem dúvida alguma, da falta de formação daqueles que

---

[284] CANDIDO, Antonio. "Notas de Crítica Literária" – Inteligência e Momento. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 7, 12 set. 1943.

[285] BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 29.

> lidam na matéria. Pouco desenvolvimento das ciências da erudição (coisa desvirtuada entre nós); falta de senso histórico (não cronológico); falta de formação sociológica e filosófica – são alguns dos fatores que tem obstado ao aparecimento da história literária entre nós.[286]

Retomando estes três trechos podemos alinhavá-los sob um eixo norteador, a disposição em seguir discutindo e, portanto, de continuar pleiteando em busca de uma outra crítica que não aquela que vinha seguindo. Ponto a ponto, Candido revisa o que havia, critica as sobras do equilíbrio, e reivindica uma obra ou um movimento que encarasse tal questão. Este que a nosso ver é um movimento que remete ao ensaio, em que Adorno

Assim, Candido colocava em xeque a crítica vigente no País, ausente de pressupostos mais teóricos, e que seguia patinando em seu caráter impressionista. Mais uma vez estaria Candido, ao pleitear tão claramente uma historiografia para nossa literatura e uma história para nossa crítica literária, colocando sua voz antecipadora e, adiantando o que 15 anos mais tarde desembocaria na linha-mestra de *Formação da literatura brasileira*, "uma obra crítica que perpassa a história da literatura brasileira". Ao que nos parece há aqui as primeiras fermentações nesse sentido.

3.9 Aos que estão chegando: a recepção dos novos autores brasileiros. Prosa e poesia

Acatar o novo. Tarefa difícil, talvez uma das mais dramáticas do ofício, alerta Vinicius Dantas. Pois é este um dos temas presentes neste conjunto de textos de Candido. Afinal, nas palavras do próprio crítico em "Ouverture", "o esforço para esclarecer os acontecimentos presentes é a obrigação primeira do intelectual que não sente a vocação da atividade direta e que, por outro lado, não quer encerra-se num marginalismo que tanto tem de cômodo quanto de pouco louvável."[287]

Talvez estivesse em seu arraigamento junto aos princípios modernistas, esta abertura para o moderno, o que o levara a dar espaço e ouvidos aos que estavam chegando

---

[286] CANDIDO, Antonio. "Notas de Crítica Literária" – Literatura brasileira (I). *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 5, 18 mar. 1943.

[287] CANDIDO, Antonio. "Notas de Crítica Literária" – *Ouverture*. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 28.

ao universo da literatura brasileira. No entanto, a tal traço de sua atuação não se pode deixar de agregar outro, o seu tino. Mais que tino, poderia se falar em ousadia e segurança de um crítico, e, sobretudo, em sua capacidade de ler nas obras novas a qualidade de seus autores, igualmente estreantes. Talvez esta capacidade de "descobrir" os novos talentos literários estivesse atrelada à sua capacidade de usar mais da intuição. Como se vê, à tarefa de exercer a crítica, sempre exigiu um conjunto de complexidades e singularidades que requeressem de seus críticos uma formação e uma base igualmente complexas, mas também multifacetária.

Maestria quase unanimemente reconhecida, muito cedo, Candido pode dar pioneiramente seu aval crítico a João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, quando estava na *Folha da Manhã*, e a Graciliano Ramos, quando ocupava uma das páginas do *Diário de S. Paulo*, no período de 1945 a 1947.

Para Lispector, o aval veio por conta de seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, título com o qual ele nomeia a coluna *NCL* de 16 de julho de 1944. Ele o fez ao lançar mão de um elemento de certa forma em desuso entre os críticos que o sucedem, e que causou polêmica nas gerações contemporâneas a ele, que é o risco em apostar e acreditar no talento do escritor que está debutando.

Não faz muito que Candido voltou a se pronunciar sobre esse aspecto, quando estendeu a discussão para o ambiente em que a crítica de jornal acabou se encaminhando, a universidade. Nas palavras de Candido: "Hoje, a crítica literária acadêmica é uma atividade extremamente segura. Os rapazes fazem tese sobre Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Clarice Lispector. Agora, a pessoa pegar o livro [de um autor contemporâneo] e dizer "este é bom, este é ruim", isso acabou."[288] Em outras ocasiões, ao retomar o assunto em entrevista, o professor reiterou ser a profissão de crítico literário de jornal uma profissão de alto risco.

O ato de arriscar-se e, sobretudo, o de colocar sua reputação de jovem crítico em prova, Candido o fez, não sem precauções, conforme atesta suas palavras em *NCL*:

> Quanto mais não valesse, o livro de Clarice Lispector valeria como tentativa, e é como tal que devemos julgá-lo, porque nele a realização é nitidamente inferior ao propósito. Original não sei até que ponto será. A

---

[288] CANDIDO, Antonio. "Antonio Candido, ou o pessimismo" [entrevistador: Paulo Werneck]. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 2011. Ilustríssima.

> crítica de influências me mete certo medo pelo que tem de difícil e, sobretudo, de relativa e pouco concludente.[289]

A atitude elogiosa de Candido para com a escritora ressaltou a atitude, também ousada e corajosa de Lispector, em lançar-se sob uma escrita personalíssima, com um tema também personalíssimo, num ambiente literário em que a predominância de escrituras era bem diferente daquilo que Lispector apresentava. Eram os romances de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado que se destacavam na ficção brasileira naquela primeira metade da década de 40. [290]

Para o crítico, *Perto do Coração Selvagem* se tornaria um marco, entre outros motivos, porque a autora – veio a contrariar um ambiente literário em que “apenas um ou outro se arrisca a tentativas mais ousadas”, uma vez que, prossegue o crítico, “os escritores brasileiros se contentam em processos já usados.”[291] Neste sentido, a obra que causou “verdadeiro choque” ao crítico recebeu endossos pra lá de positivos de Candido, como podemos conferir neste trecho:

> A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização.[292]

Embora a novata escritora já houvesse recebido de “outro crítico de valor”, um parecer um pouco diferenciado ao que recebeu de Candido, classificando-a como “ingenuamente naturalista”, ela não se deixou afetar. A alusão no caso vinha de Álvaro Lins, crítico que em artigo intitulado “A experiência incompleta: Clarice Lispector”,[293] publicado em fevereiro de 1944, considerava o livro como um romance original, porém ainda distante de uma obra que viria se destacar na literatura universal. Nesse artigo Lins também tratou de manifestar-se, justificando-se da seguinte maneira:

---

[289] CANDIDO, Antonio. “Uma tentativa de renovação”. In: ______. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 90.

[290] Cf. A.Candido em “Perto do Coragem Selvagem”.

[291] CANDIDO, Antonio. “Perto do Coração selvagem”. In: ______. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p.90

[292] CANDIDO, Antonio. “Uma tentativa de renovação”. In: ______. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 93.

[293] LINS, Álvaro. “A experiência incompleta: Clarisse Lispector”. In: ______. **Mortos de Sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963, p. 186-193.

> Não tenho receio no afirmar, todavia, que o livro da sra. Clarice Lispector é a primeira experiência definida que se faz no Brasil do moderno romance lírico, do romance que se acha dentro da tradição de um Joyce ou de uma Virginia Woolf. Apesar da epígrafe de Joyce que dá título ao seu livro, é de Virginia Woolf que mais se aproxima a Sra. Clarice Lispector, o que talvez se possa assim explicar: o denominador comum da técnica de Joyce quando aproveitada pelo temperamento feminino.[294]

Em "A quadragésima porta" (16 jan.1944), a acolhida e o reconhecimento à originalidade de um autor novato, tal como foi o caso de Lispector, tiveram prosseguimento neste período de *NCL*, porque Candido, da mesma maneira perspicaz, abriu espaço para outros prosadores. José Geraldo Vieira, autor de *A quadragésima porta*, foi um deles. Tanto assim que lhe dedicou rodada dupla de textos, nos dias 16 e 21 de janeiro de 1944[295].

Cabe a lembrança que o livro de Geraldo Vieira havia disputado justamente no ano de sua publicação, 1943, o concurso de melhor romance, promovido pelo jornal *Folha Carioca*, que era na época uma espécie de queridinho da elite burguesa, mas não gozava de representatividade junto ao grande público. Ao ser classificado em quarto lugar, o livro deixou na sua frente, *Terras do Sem Fim*, *Fogo Morto*, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, e *Perto do Coração Selvagem*, que arrebatou o primeiro lugar.

Na apresentação do novo romance de Vieira, o crítico, em exercício livre de sua cancha de professor, avisa que por se tratar de um romance complexo será preciso "abordá-lo por mais de um aspecto". Didaticamente, parte para o entrecruzamento de dados, que revelam os fatores externos, e compõem o cenário político social com as informações do ambiente, dos personagens e suas ações. Chamado de "livro sintoma" ou "livro símbolo", *A Quadragésima porta* nas palavras de Candido:

> [...] é o mais brilhante sintoma e, porventura, a suprema afirmação literária dessa classe sem consistência efetiva, em equilíbrio instável sobre uma economia semicolonial, marginalizada culturalmente por um desejo doentio de participar, custasse o que custasse, das radiações do Ocidente europeu.[296]

---

[294] Ibidem, p. 188.

[295] Os dois artigos ganham um novo título em **Brigada Ligeira**: "O romance da nostalgia burguesa" (CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004).

[296] CANDIDO, Antonio. "O romance da nostalgia burguesa". In: ______. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 30.

Frente a este trecho, nos fica clara a ideia que ao esmiuçar a obra e refletir sobre ela, Candido se ampara em aspectos de cunho sociológico. Desse modo, não é de se estranhar que em outros trechos das duas colunas Candido se ancore em outras fontes que não as literárias para a explicitação do seu ponto de vista:

> O fundamento ideológico deste livro grande burguês é um individualismo espiritualista, que se apresenta, ao menos metaforicamente, como católico. (...) esse clima ideológico, esse esteticismo catolicizante, dá-lhe uma direção pronunciada de aproximação das essências, de tal modo que é possível defini-lo, não mais à luz do seu condicionamento exterior, já estudado, mas segundo as suas tendências internas, como um romance axiológico.[297]

Por outro lado, há, por parte do crítico, recorrência a Proust e Charles Morgan, como alternativas para entender melhor a proposta inovadora de Vieira. Proposta que ganhou comentários positivos no jornal e a corroboração no ensaio "Literatura e Cultura de 1900 a 1945", publicado anos mais tarde. Veja-se o seguinte trecho: "Obra de cunho cosmopolita, às voltas com problemas intemporais do destino humano, não raro tendo a Europa por cenário, carregada de intenções simbólicas, de vistosa erudição e complicados arrojos vocabulares."[298]

O entusiasmo que acometeu Candido também foi bater à porta de outros críticos importantes na época. Erico Verissimo, Cassiano Ricardo, Wilson Martins, Jorge Amado e Sérgio Milliet. Todos se mostraram unânimes em relação ao romance de Vieira, autor que nas palavras de Candido, assinalara a presença de uma erudição literária e artística, "coisa rara entre nós. É também um romance de cultura, nos dois sentidos, o intelectual e o biológico."[299]

3.10 Poesia

Os poetas, assim como Lispector, que também estavam chegando, tiveram igual atenção nas críticas do jovem Candido**.** Um deles, o alagoano Lêdo Ivo, que recém

---

[297] Ibidem, p. 34.

[298] CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T.A.Queiroz Editor, 2000, p. 128. Vale a lembrança que este ensaio foi publicado primeiramente em alemão, em duas partes, com títulos independentes, no *Staden-Jahrbuch*, de números 1 e 3, nos anos de 1953 e 1955.

[299] CANDIDO, Antonio. "O romance da nostalgia burguesa". In: ______. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 37.

publicara *As imaginações*, ganhava a metade do rodapé[300] “Poetas menores de hoje (III)” (21 maio 1944), e tinha entre outras marcas, o distanciamento das influências, como destaque do crítico:

> É um prazer sentirmos que o seu livro não se prende diretamente à influência europeia, como *A Pedra do Sono*, de João Cabral ao surrealismo; nem a um poeta determinado, como *O anjo dos abismos* de Rui Guilherme Barata a Augusto Frederico Schmidt. [301]

A Lêdo Ivo coube o mesmo elogio destinado a Lispector, por conta de sua igualmente ousadia, ou “capacidade de se atirar”, e manter-se em sua independência literária. O fato de o novato pertencer a “uma tradição poética brasileira recente mais viva e ativa”, recebeu aplausos de Candido, que complementou com as seguintes palavras: “E nos vem o pensamento de que já é possível a um poeta moço conhecer apenas os poetas da sua terra, sem ser preciso ir buscar estímulo e apoio na poesia estrangeira”. Esta manifestação do crítico nos dá a liberdade de enxergar aí um Candido assíduo leitor de Eliot. Afinal, as referências de tradição e talento nos são reconhecíveis. Da mesma forma, é possível encontrar aí um crítico empenhado em valorizar o nacional. Ponto-chave de Candido que se ateve firme aos princípios modernistas.

Ao seguirmos tal recomendação, topamos, no parágrafo anterior com uma afirmação que atesta o seu diálogo com a tradição, ao se referir aos poetas clássicos de nossa literatura. É o trecho em que Candido afirma não esconder que a leitura dos versos de Lêdo Ivo lhe trouxe lembranças de Drummond, de Murilo Mendes, de Vinicius de Morais, “ora, mais raramente, de Augusto Frederico Schmidt”.

Além de nos apresentar esse movimento dialógico, estes pontos de contato a que se refere Candido, dos versos de Ivo junto à poesia de outros poetas, nos oferece também a oportunidade de conhecer outra faceta de Lêdo Ivo, a de um poeta muito próximo ao mundo feminino. Mas o que nos chama atenção para este ponto do texto é justamente a manifestação da escritura de Candido. A passagem que reproduzimos nos aponta um crítico literário dotado de alta sensibilidade, que traduzida para sua escrita, nos apresenta mais um registro de um crítico-escritor:

---

[300] A outra metade do espaço, ele dedicara à Henriqueta Lisboa, que estava lançando o seu segundo volume de poesia, *Prisioneira da noite*.

[301] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária” – Poetas menores de hoje (III). *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 7, 21 maio 1944.

> Lêdo Ivo entra com mais uma mulher para a galeria das inspiradoras modernas. A sua Adriana, motivo de poemas tão belos, é uma filha das Josefinas e Lucianas, de Augusto Frederico Schmidt, da Esmeralda, de Manuel Bandeira, da Adalgisa-Adaljosa de Carlos Drummond de Andrade e, sobretudo, de Berenice, de Murilo Mendes. É a mulher como linha de fuga da emoção para o mistério: mulher que, trazida ao poema como auxiliar nem sempre erótico, mas simbólico, já está criando na poesia moderna do Brasil uma atmosfera peculiar, indefinível, refundindo e retomando de certo modo o papel de *apoio* das Nizes, Amarílis, Glauras e Marfisas da Arcádia, é Adriana de Lêdo Ivo, é motivo para alguns dos mais realizados dentre os seus poemas. [302]

No entanto, sob o olhar do crítico, não está na temática feminina um dos melhores versos de Ivo nesse livro de *debut*. A poesia que beira uma espécie de obra-prima, *A Torre* (transcrita no texto), acaba por consolidar os elogios ao poeta nordestino. De acordo com Candido, Ivo estava muito próximo da consagração “em um dos mais fortes da literatura brasileira contemporânea”.

Porém, no momento em que Candido retoma em Ivo uma das qualidades atribuídas a Lispector, que é a capacidade de aventura, chamando o poeta de aventureiro da poesia, o crítico não deixa de apontar problemas na obra do jovem poeta. “Há muita pressa no livro e muito tranco nas palavras”, finaliza Candido.

João Cabral de Melo Neto foi apresentado aos leitores da *Folha da Manhã*, em 13 de junho de 1943. A exemplo do que havia ocorrido no mês anterior, o crítico titular do jornal teve que dividir a coluna e acomodar as novidades sobre dois jovens poetas em um mesmo espaço. Assim, para dar conta de uma dupla antagônica, — “são dois poetas radicalmente diversos e de méritos também desiguais” —, a crítica daquela edição de *NCL* veio sob o título “Poesia ao Norte”, não sinalizando de imediato para o leitor de quais poetas se tratava.

No entanto, a justificativa do título cabia a dois jovens, “apenas saídos da adolescência”, que na visão do crítico, eram “ambos nortistas”, denominação da época para aqueles que nasciam no Pará, como era o caso de Rui Guilherme Barata, e também para poetas como João Cabral, que tinham Pernambuco como terra natal.

[302] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária” – Poetas menores de hoje (III). *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 maio 1944, p. 7.

Mais uma vez, Candido, como havia feito no texto sobre Lispector e Lêdo Ivo, faz uso da ideia de "aventura arriscada", ao se referir ao livro de um dos estreantes, *Pedra do sono*. A recorrência nos leva à fonte da expressão: "a poesia é, antes de mais nada, uma aventura de descobrimento", esta presente nos primeiros trabalhos de Candido crítico da revista *Clima*, cujo texto é dedicado à obra de Mário de Andrade. Neste mesmo texto, diz o crítico:

> Em Mário de Andrade há uma qualidade mestra, que domina as outras e é responsável pela sua grandeza como poeta: a sua capacidade de descobridor.
> A poesia é, antes de mais nada, uma aventura de descobrimento. É poeta aquele homem que vai descobrindo significações novas nas coisas velhas e, principalmente, sentidos novos em coisas novas - antes dele inexploradas.[303]

Não se constituía um segredo o quanto de reverência, respeito e inspiração Mário de Andrade representava para Candido. Entre mestre e padrinho, Mário era um dos referenciais de Candido, tanto que é Mário quem assina o texto primeiro de um autor convidado no número um da revista *Clima*. Da mesma forma, será Mário o autor a merecer mais de uma coluna neste conjunto de textos, e é o próprio poeta que ganhará mais algumas na temporada de *Diário de S. Paulo*. Insistir na expressão cunhada para o mestre para os novos escritores poderia ser, sem exageros, uma forma de elogio e de comprometimento. O risco do jovem crítico tinha, portanto, um certo viés de Mário, que lhe assegurava ousadias e lhe respaldava no olhar crítico. Afinal, Mário era Mário.

A expressão "aventura arriscada" não poderia ser melhor para traduzir a investida do jovem poeta pernambucano, que havia custeado as 200 edições do livro. Também contou com o apoio dos amigos — alguns modernistas, outros da Geração de 45 — que integravam a boemia literária do Café Lafayette, em Recife, onde Cabral nasceu. Os versos do "livrinho de moço", ao chegar à leitura de Candido e, consequentemente, às páginas da *Folha da Manhã*, venceram não somente a timidez do poeta, mas o caminho alternativo. Pois o jovem pernambucano queria mesmo era ter enveredado pela crítica literária. E desde a juventude, não escondeu sua preferência pela teoria.

Com isso, Candido consente que o poeta "se atirou em busca da poesia pura", território em que, reconhece o crítico, está sujeito a instabilidade. Tanto é assim que

[303] CANDIDO, Antonio. Mario de Andrade: *Poesias*. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 36, p. 135-139, 1994. Este texto foi publicado em na seção "Livros", de *Clima*, n. 8, em jan. 1942.

prossegue, “não sei se o seu barco alcançará as estrelas ou se ficará pelos escolhos. Toda pureza implica um aspecto de desumanização. É o problema permanente da pureza ressecando a vida.”[304]

Mesmo atribuindo “um certo ar de raridade” ao livro primeiro de Cabral, poeta, que como Lispector, contrariava o que se mantinha no cenário literário do Brasil, o crítico confirma ser, por parte de João Cabral, a busca pela poesia pura, traduzida em poemas “realmente belos, [que] representam a riqueza de uma incontestável solução pessoal.”

A fonte de tamanha beleza vinha de algo bastante diferenciado para os anos 40, uma inter-relação de imagem e palavras. Afinal os versos de João Cabral resultavam de uma equação pessoal, que partiam de um princípio claro, sua poesia se realizava tal qual uma construção. “Como uma casa”, repetiu por vezes o poeta quando questionado sobre a escolha por tal caminho estético e formal.

Tal maneira de fazer poesia, deixando à vista versos calcados em dois aspectos principais, assim diagnosticados por Candido, hermetismo e valorização da plástica das palavras, causou alvoroço. Mas sob a leitura de Candido nada escapou:

> O seu cubismo de construção é sobrevoado por um senso realista da poesia. Nessas duas influências – a do cubismo e a do surrealismo – é que julgo encontrar as fontes de suas poesias. Que tem isso justamente de interessante: engloba em si duas correntes diversas e as funde numa solução bastante pessoal.[305]

A leitura que Candido faz de *Pedra do sono* contou com assertividade, a ponto de encorajar o poeta para sempre em sua investida poética, de acordo com as palavras do próprio Cabral: “[A] crítica de Antonio Candido foi para mim uma revelação. Foi ela que me deu coragem de continuar escrevendo no início da minha carreira.”[306]

O poeta também chegou a comentar que poderia fazer uso das palavras certeiras do crítico quanto a seu futuro poético “como prefácio em minhas poesias completas porque ele previu tudo o que eu ia escrever, a maneira como eu ia escrever e meu primeiro livro não é ainda muito característico de minha maneira posterior, mas ele pressentiu tudo.”[307]

---

[304] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária” – Poesia ao Norte. Folha da Manhã, São Paulo, p. 5, 13 jun. 1943.

[305] Idem, p. 5, 13 jun. 1943.

[306] MELO NETO, João Cabral. “Considerações de um poeta em vigília” [Entrevista]. **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 1, p. 24, mar. 1996.

[307] Ibidem.

Ao receber do crítico o parecer de se comportar como um cubista, João Cabral não teve mais senões:

> De fato, de todas as escolas, estilos de pintura, a coisa que mais me influenciou, mais me marcou, foi o Cubismo. Daí também essa grande influência de Le Corbusier. O Antonio Candido previu esse meu construtivismo, essa minha preocupação de compor o poema, de não deixar que o poema se fizesse sozinho, de falar das coisas e não de mim.[308]

Curiosamente, a recomendação que encerra a crítica, em tom de conversa rés-do-chão, vinha de um Candido do alto de seus 25 anos, que mais se parece a um veterano *scholar,* fiel aos princípios humanísticos e também às questões eliotianas de talento individual. Candido aconselhava o escritor pernambucano que cravava os 23 anos de idade. Coisas de principiantes?

> [poesia] Aparece como um acúmulo de individualismo, de personalismo narcisista que, no Sr. Cabral de Melo, tem um inegável encanto, uma vez que ele está na idade dessa espontaneidade na auto-contemplação. O Sr. Cabral de Melo, porém, há de aprender os caminhos da vida e perceber que lhe será preciso o trabalho de olhar um pouco à roda de si, para elevar a pureza da sua emoção a valor corrente entre os homens e, deste modo, justificar a sua qualidade de artista.[309]

3.11 Cânones nacionais

Na contrapartida daqueles escritores que estavam chegando, tínhamos no cenário nacional da década de 40 os que já haviam passado pela estreia e alcançado outro estágio, o de escritores consagrados. Aqueles que viriam a integrar o grupo do cânone brasileiro, por assim dizer. Autores como Jorge Amado, Erico Verissimo, Oswald de Andrade, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade tiveram espaço nas reflexões semanais do crítico titular da *Folha.*

---

[308] MELO NETO, João Cabral apud JUNQUEIRA, Ivan. Discurso de posse. Discurso do Sr. Ivan Junqueira [Academia Brasileira de Letras]. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe /sys/start.htm?infoid=656&sid=338>. Acesso em: 7 abr. 2011.

[309] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária” – Poesia ao Norte. Folha da Manhã, São Paulo, p. 5, 13 jun. 1943.

Trazer as obras destes autores para junto do público nos mostra, sobretudo, a preocupação do crítico em "atualizar e ampliar o quadro nacional e internacional de leituras do brasileiro comum", nas palavras de Silviano Santiago. No papel de mediador que cabe ao crítico, trazer referências clássicas no tocante às questões estéticas, históricas e sociais se constituía em tarefa primeira. Afinal, tais aportes, ao mesmo tempo, informavam e formavam o leitor, como o próprio Candido nos assegura.

Quando o crítico se encarrega de apresentar sua análise do agora prosador Drummond em *Confissões de Minas* (15 out.1944), à argumentação indagadora – "Por que nos interessa este livro de Drummond?" – a resposta vem no mesmo tom da obra do poeta mineiro: "Nem um estudo pretensioso, nem um longo ensaio neste livro. Simples traços de pena – mas tão densos, tão firmes e tão elegantes que nunca mais se apagarão". [310]

O que se nota de pronto é que Candido lança mão de uma escrita sensível para tratar de um livro marcado também pela sensibilidade. "Ora se detrás de cada página do Sr. Carlos Drummond de Andrade está o calor de uma palpitação humana, nem por outra razão o seu livro nos interessa imediatamente", argumenta o crítico. Completa afirmando que se trata de um Drummond dono de uma prosa "penetrante e elástica"; dono de um estilo que permite uma leitura "em que flutuamos indecisos": assim se refere às fortes marcas poéticas nas anotações, artigos, crônicas, cenas, reflexões e estudos que compõem as *Confissões.* Dessa forma, mergulhado no teor da sensibilidade do poeta-prosador que tem na solidão um tema pungente e central do livro, Candido revela ao leitor uma novidade em se tratando de um poeta que esbanjava sensibilidade, como o próprio crítico já havia apontado em seus versos de *A Rosa do Povo*.

Ao acompanhar a sensibilidade de seu criticado, Candido tece, ao longo do texto, frases e expressões impregnadas por esse espírito poético. "Homem que é levado a sentir o mundo porque sentiu demais a si mesmo", diz a respeito de Drummond.

É possível reconhecer em Candido uma expressão de escritor. Munido da sensibilidade que ele alerta ser necessária ao crítico, Candido vai igualmente cuidando de sua escrita, ou, como afirma a professora Leyla Perrone-Moisés, lapida-a, "norteando-a para o presente e para o futuro".

Pois é para a escritura que Candido se dirige ao abrir esta coluna. Em uma breve discussão, afirma serem os poetas os que se expressam melhor em prosa. "É chocante, com efeito, como os srs. José Lins do Rêgo e Jorge Amado, por exemplo – dois poderosos

---

[310] CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 199.

criadores de beleza – descem de nível quando se trata de organizar as ideias no papel”.[311] A afirmação dura toma um teor ainda mais forte quando o crítico, ao tentar encontrar um motivo para o fato, prossegue: “Ou quem sabe – explicação meio bruta – são menos cultos e amadurecidos do que os poetas?”.[312]

Sem rodeios, Candido credita à falta de maturidade, de inteligência e de cultura a tendência geral, razões para que os romancistas não escrevam bem fora de seu *métier*. Em compensação os poetas, quando migram para a prosa, o fazem muito bem, confirma o crítico. E, ao sair em defesa dos poetas, ele cita Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt como bons prosadores. Oswald de Andrade não foge aos comentários de Candido, “talvez seja mesmo melhor articulista que romancista”.

Tal discussão no mínimo geraria polêmicos pontos de vista. Ou não. Mas serviu para que o crítico situasse, em uma espécie de escala, os escritores já consagrados em relação a um deles, Carlos Drummond de Andrade, poeta que vai mostrar a partir desta nova obra que há em sua prosa muito de poesia. Elevar Drummond a um escritor duplamente consagrado – bom poeta e bom prosador – coloca os demais em outro plano. Talvez tenha sido esta a intenção do crítico, que tem em sua fala/escrita muito do recato. A frase com que encerra o ensaio de *NCL* nos passa o sentimento e o reconhecimento do crítico para com o poeta: “As *Confissões de Minas* constituem um belo exemplo do que possa ser a boa prosa formada na escola da boa poesia. E do que é a presença dominante de um espírito de raça”.[313]

Ademais do espírito elevado de que era dotado o poeta, como mineiro, Drummond estava ali como um dos mais representativos escritores brasileiros justamente em sua nova forma de expressão, a prosa. Fator que não se perdeu ao olhar atento do jovem crítico.

O escritor Jorge Amado acabara de publicar mais um romance, *Terras do sem Fim* (1943). Este era o fato novo que o crítico Antonio Candido tinha como pauta para uma de suas colunas de rodapé. A partir desta novidade editorial, não se limitou a uma coluna e enveredou por uma trilogia de artigos. Muito além da análise do novo livro do romancista

---

[311] CANDIDO, Antonio. “Confissões de Minas”. In: ______. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 198. Nota: Utilizamos a versão deste texto de *Confissões de Minas* publicada em **Textos de Intervenção**. Excepcionalmente este texto não está entre as cópias feitas do arquivo do jornal *Folha da Manhã*.
[312] Ibidem.
[313] Ibidem, p. 204.

baiano, Candido dedica-se a um exercício de extensão. Compunham este conjunto três textos – “Jorge Amado I e II” (10 e 17 out.1943) e “Romance e Jorge Amado” (3 out. 1943) [314] –, concretizando-se sua vocação para a crítica.

Intérprete privilegiado dos processos históricos e culturais, Candido, antes de partir para uma leitura da obra em si, traça um painel sobre a situação do romance brasileiro a partir da década de 30. E no estilo que a docência lhe concedeu, apresenta para o leitor como esses escritores concentrados no Nordeste passaram a tratar e retratar em suas obras temas que dizem respeito às diferenças de classes sociais e às manifestações populares. Observe-se o seguinte trecho:

> Os escritores aprenderam, no sentido pleno, com os trabalhadores de engenho, os estivadores, os plantadores de cacau, os operários de fábrica. Através dos livros, toda essa massa anônima *criou*, de certo modo, transfundindo o seu vigor e a sua poesia na literatura europeizada da burguesia.[315]

O crítico parte para o conjunto da obra de Jorge Amado – *Suor*, *Cacau*, *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães da Areia* – e então se aproxima da recém-lançada *Terras do SemFim*. Perpassa essa esmiuçada trajetória a questão da presença marcante da poesia na prosa de Jorge Amado. E não são poucas as idas e vindas de Candido sobre este ponto. Em “Jorge Amado I”, enfatiza: “O Sr. Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia. Se a sua obra é um movimento dialético entre o documento e a poesia, sua forma é uma confluência desta e da prosa”[316]. E prossegue: “Um pouco como os botequins de cais, motivo tão querido seu. Através da sua obra, eles aparecem, lugares que não são bem mar nem terra (...)”.

Candido faz neste exercício de extensão uma retomada da obra do escritor baiano, promovendo um diálogo entre cenários, personagens e situações de seus romances. Este, um dos traços inovadores que ele trazia para a crítica de jornal, concedia ao jovem crítico outra de suas provas dos nove, conforme havia referido Roberto Schwarz. Pois a leitura ou releitura do conjunto da obra para preparar um rodapé semanal exigia do crítico titular fôlego, dedicação, tempo e principalmente um estofo de leituras.

---

[314] Os três artigos sob o título de “Poesia, documento e história” foram publicados em **Brigada Ligeira**.
[315] CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 44.
[316] CANDIDO, Antonio. Idem, p. 7.

Nesse percurso, um dos focos recai na relação poesia-prosa, a qual valeu ao crítico várias manifestações ao longo dos textos. É o que se pode verificar nos seguintes trechos:

> Em *Mar morto* ele perde francamente o pé e se afunda na pura poesia. O documento esvaece diante do ímpeto lírico, e o romance se faz quase poema. [317]
>
> *Mar morto* – o quinhão da poesia na sua obra – é mais uno e mais puro, não porque represente um esforço real de composição, mas graças à unidade que vem da sua própria pureza poética. [318]
>
> Em *Capitães da areia*, volta o documentário a se impor. O autor tenta se equilibrar entre duas tendências, mas produz um livro sensivelmente inferior aos dois precedentes.[319]
>
> Em *Terras do sem fim*, chegamos como que à solução do movimento dialético assinalado: chegamos, por assim dizer, à fórmula da estética de Jorge Amado. Documento e poesia se fundem harmoniosamente através do romance histórico. Porque este livro é de certo modo um romance histórico, como procurarei indicar. Para o autor, diga-se desde agora, não poderia haver solução melhor.[320]

A insistência de Candido em ressaltar a verve poética nas narrativas de Jorge Amado nos fez retomar a coluna publicada justamente um ano depois dessas três, portanto em outubro de 1944. Em “Confissões de Minas”, o crítico deixa claro que Jorge Amado e também José Lins do Rêgo são escritores que apresentam entraves na relação com a poesia. Diz ele: “É chocante, com efeito, como os srs. José Lins do Rêgo e Jorge Amado, por exemplo – dois poderosos criadores de beleza – descem de nível quando se trata de organizar as ideias no papel”. A referência surgia no momento em que Candido comentava a capacidade que alguns poetas têm em lidar com a prosa. Mas que o contrário não era verdadeiro, portanto os prosadores não se davam tão bem com a lírica. Para além do âmbito subjetivo, por se tratar de uma questão de senso de valor, fator também fundamental ao crítico de jornal, esta passagem nos mostra a dinâmica do fazer jornalístico, assim como a efemeridade dos textos de jornal. Dinâmica que permite manter viva uma discussão como esta, frente aos diálogos que a obra literária propõe.

---

[317] CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 44.
[318] Idem. p. 44.
[319] Idem, p.50.
[320] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária”, *Folha da Manhã*, p. 7, apud **Brigada Ligeira**, p. 45.

3. 12 O olhar para os escritores estrangeiros. Tradição e modernidade

Diante da proposta que tiveram alguns críticos literários de jornal, estava a formação de seu leitor, determinação presente em Antonio Candido, a exemplo de seu colega uruguaio Ángel Rama. Formar um público constitui-se em tarefa árdua para o crítico na medida em que ao imaginar o perfil de seu leitor, lança opções. Portanto cabe ao crítico a decisão de escolha. É sobretudo a sua formação de crítico que irá pesar nessa hora, quando ao lançar mão de seu arcabouço cultural chegar à decisão. Optar por T. S. Eliot, Antero de Quental, Verlaine, Stendhal ou Romain Rolland, autores que tiveram lugar neste conjunto de críticas da *Folha*, é tarefa de risco por assim dizer. Neste caso, Antonio Candido optou também por T.S. Eliot e para o autor dedicou as suas cinco últimas “Notas de Crítica Literária” na *Folha da Manhã*.

A exemplo da valorização dos autores modernistas, Antonio Candido igualmente manteve no espírito da tradição e do talento individual um de seus referenciais críticos. E talvez estivesse nesta uma das razões que sim, poderia justificar o interesse de Candido ao dedicar a T.S.Eliot carga quíntupla encerrando sua temporada no jornal em dezembro de 1945.[321] Porém, o motivo maior poderia estar na frase que o professor leu por meados de 1942 e 1943 e guardou como uma espécie de âncora para sua trajetória de crítico: “A verdadeira crítica não se dirige ao autor, mas à obra.” O que segundo ele, deixou-o “siderado”, e decidido a trilhar os caminhos da crítica.

Pois devem se somar a estas, outras razões que justificassem tamanho prestígio ao escritor inglês. Uma das razões, expressas no primeiro dos cinco textos, credita ao amigo Sérgio Buarque de Holanda a descoberta. Pois foi Sérgio, quem nos anos 20 já era conhecedor dos versos do autor inglês, a ponto de assinar um pequeno artigo na revista *Estética* falando do escritor, e concedendo-lhe a avaliação de “poeta mais importante do século”.

A escolha por Eliot igualmente deixa evidente a relevância do inglês para Candido. Pois foi Candido um leitor contumaz do escritor e tirou dessa intensidade traços que se impregnaram em sua trajetória de crítico. Não são poucos os ecos de Eliot em

[321] Cabe aqui uma explicação, pois somente os quatro textos foram publicados. O último desta minissérie ficou por muitos anos inéditos até que foi publicado em 2000 na revista *Inimigo Rumor*, por iniciativa do crítico e professor Augusto Massi, editor da publicação. Os cinco textos vieram acompanhados de uma nota prévia de Candido, entre outros pontos, comenta lucidamente a questão da validade do conjunto de textos, que ao seu entender, nestes tempos de século XXI, só teria um interesse histórico. “De lá para cá Eliot ficou arquiconhecido no Brasil e parece até já passou de moda”,

Candido, especialmente na maneira de Candido tecer seus ensaios e na forma de entender a literatura em suas relações com a sociedade e a história. Portanto o diálogo com o autor de *The Waste Land* de maneira tão intensa como se tem registro desembocam e continuarão despertando muitos estudos. Porém, não está em nosso foco tal dimensão. O que observamos neste conjunto de quatro colunas de *NCL* é um Antonio Candido que não havia muito tempo, acabara de tomar contato com a obra de Eliot. Ou, em outras palavras, um crítico-escritor e leitor onívoro que se iniciava na aproximação do universo eliotiano. Talvez estivesse nessa recém aproximação o entusiasmo fresco de um autor de tamanha importância para a Literatura Ocidental. Quem sabe o jovem crítico titular quisesse colocar em prática sua capacidade de seleção, como ele próprio se refere como um elemento imprescindível ao crítico de jornal.

São questões muito intrigantes se pensadas a luz de um período em que o ambiente literário brasileiro, em particular a poesia, não trazia nada de tão inovador, como havia trazido os também jovens modernistas de 22, segundo palavras do próprio Antonio Candido em seus estudos posteriores.

Estendendo a questão para o plano universal, é possível notar que com este pequeno conjunto de textos sobre Eliot, Candido deixava nas páginas de um veículo de comunicação sua contribuição para que os leitores brasileiros se inteirassem do que o mundo afora os trópicos lia. E ao mesmo que conhecessem um dos autores fundamentais para a literatura ocidental. Um clássico.

Há de se notar ainda que esta iniciativa de Antonio Candido como um estreante na crítica jornalística trouxe contribuição positiva, no sentido de, como bem observou Roberto Schwarz, "configurar um raro momento de desprovicianização na crítica brasileira", mantendo "a naturalidade e o equilíbrio na circulação entre as letras européias e locais". [322]

Respeito com o leitor. Esta é a condição que salta ao primeiro e último movimento do texto que abre a minissérie dedicada a Eliot, "Poesia inglesa" (24 dez. 1944). Antes de entrar propriamente no tema que dá título à coluna, Candido prepara o leitor e a leitura. E de que forma o faz? Primeiro, pedindo licença aos donos da casa. E para chegar até Eliot, Candido vai abordar o "ponto de vista informativo", soltando dados biográficos, bibliográficos e da crítica inglesa e norte-americana "e insinuando, aqui e acolá, com

[322]SCHWARZ, Roberto. "Um verbete". **Revista da USP**, São Paulo, n. 17, p. 176-179, mar./maio 1993. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_70.html>. Acesso em: 5 jul. 2010.

devida vênia, a minha colher torta".[323] Entre as justificativas de sua atenção em tal escala para a poesia inglesa, e em particular o poeta em questão, Candido via a necessidade de se saber sobre os poetas modernos, que não constavam entre os escolhidos pelas editoras daqueles tempos. Razões que não se limitavam ao fato de estarem em sua língua mãe, uma vez que obras traduzidas, especialmente do inglês, chegavam sim a lotar prateleiras pelo menos das grandes capitais brasileiras como bem apontou Sérgio Miceli em estudo substancioso sobre o tema.[324]

O anúncio da primeira parte do artigo certificara ao leitor que seriam os "quatro ases", Auden, Day Lewis, Spender, MacNeice aqueles que precederiam a Eliot, o destacado. Mas até chegar ao preferido, o crítico veste o guarda-pó e nos leva a uma insursão didática a respeito das razões que levaria um leitor a se interessar por versos estrangeiros. Mais do que discorrer sobre o valor das palavras, da cadência sonora e da interpretação das imagens, Candido fala da importância de, em se conhecendo os versos dos outros, é possível voltar aos versos nacionais e desfrutá-los com mais intensidade. Habilmente após ter seduzido o leitor a encarar a leitura de poesia, ele traz o arremate preciso:

> Em seguida ao esforço desusado que fazemos para poder apreciar devidamente uma poesia estrangeira, voltamos por assim dizer enriquecidos à nossa poesia, mais capazes de senti-la bem, mais capazes do esforço permanente, requerido por quase toda poesia que se preza. Acrescentando a isto o mundo novo que se abre ao nosso espírito por meio do verso estrangeiro, sobretudo quando ele é de qualidade do inglês, julgo poder retomar o que disse, afirmando que poucas experiências são tão fecundas para o nosso espírito quanto o contato com poetas de outras línguas.[325]

Nesse processo sedutor, Candido foi buscar em um poeta brasileiro, Vinicius de Morais o mote que justificara tamanho esforço do crítico em convencer o leitor, e do leitor em aceitar tal empreitada. Tanto assim que reproduz o que Vinicius tinha escrito havia poucos meses para a revista argentina Sur, a respeito da poesia brasileira: "Considero, sem nenhum *parti-pris* nacional, que é um dos melhores senão o melhor conjunto de poesia

---

[323] CANDIDO, Antonio. P.64 Inimigo Rumor

[324] A referência é para **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

[325] Notas de Crítica Literária "Poesia Inglesa", *Folha da Manhã*, 24 dez. de 1944 apud *Inimigo Rumor*, p. 65

deste século". [326] No pé do texto, uma nota "de um livrinho precioso" sobre tal tema, datado de 1938. Tratava-se de *Gurrey, The Appreciation of Poetry*.

Em "T.S Eliot I" (31 dez. 1944), Candido alerta, "A poesia de Eliot é cheia de pensamentos e de implicações sutilíssimas. Quem gostar de poesia "bonita" e fácil deve procurar outra zona ou esforçar-se por educar o gosto"[327]. Em seguida, zarpa para análise esmiuçadíssima de *The Waste Land*.

3.13 Um intelectual atuante

Com o intuito de levar ao seu leitor aqueles que "irão contribuir e contribuem para os rumos da inteligência moderna", Antonio Candido tratou de discutir sobre a obra de autores que não eram propriamente romancistas, mas pensadores. O pernambucano Gilberto Freyre foi um deles, tanto que aparece como centro da discussão nos textos "Gilberto Freyre, sim Giberto não" (19 nov. 1944) e "Gilberto Freyre" (5 dez. 1943).

Nestas duas ocasiões o crítico não leva sua pena para refletir sobre as obras que Freyre havia publicado, obras que, segundo Candido, imprimiram ao sociólogo a responsabilidade "de responder por um movimento de renovação dos estudos sociais no Brasil". De forma acalorada, agora no papel de intelectual, a atuação de Candido, sob a marca indelével de um homem de esquerda, remete diretamente a um dos pontos nevrálgicos das discussões abordadas por Said em *Representaciones del Intelectual*, a necessidade e a obrigatoriedade da intervenção no espaço político.

Sem rodeios, Said sai em defesa da sociedade necessitada de intelectuais que mediante seus papéis públicos desempenhem funções independente de seu posicionamento político partidário. "Ser alguien cuya misión es plantear públicamente cuestiones embarazosas, contrastar ortodoxia y dogma (más bien que producirlos), actuar como alguien al que ni gobiernos ni otras instituciones pueden domesticar fácilmente."[328]

Pois lá estava o jovem intelectual de seu tempo reivindicando algo embaraçoso frente a um momento político igualmente delicado, uma vez que seu país vivia sob o governo ditatorial do presidente Vargas. Candido sai em defesa do escritor, que vinha

---

[326] Idem.
[327] CANDIDO, Antonio. "T.S. Eliot", *Inimigo Rumor* p. 66.
[328] SAID, Edward W. **Representaciones del intelectual**. Barcelona: Paidós Studio, 1996, p. 30.

sofrendo ataques e retaliações, em consequência da denúncia publicada em artigo no *Diário de Pernambuco* sobre atividades racistas e pró-nazistas praticadas no Brasil por um padre beneditino alemão. Seguiram-se os ataques, as calúnias, as ameaças à honra e à segurança, além da prisão do sociólogo.

Como tratou em um de seus artigos, "Nos rastros do rastreador", o professor Flávio Leal entende que Candido tem no conceito de crítica a acepção de c*risis*, conflito, descoberta, debate e ensaio. "Por isso, uma crítica coerente não se esquece do compromisso político de todo ato intelectual e de sua cidadania."[329] Pois, afinal, tão comprometido estava o crítico que se lançou em prol da liberdade de pensamento e da expressão, não por isso deixou de aclarar as diferenças junto ao colega pernambucano: "Pessoalmente, divirjo dele em alguns pontos e um e outro aspecto". A adesão de Freyre ao catolicismo constava como um dos motivos das divergências.

Nem mesmo as diferenças retiraram do crítico o intuito de enfatizar a necessidade de que as discussões envolvendo o autor de *Casa Grande & Senzala* avançassem no universo das relações sociais. No entender de Candido, Freyre, um homem de vanguarda, e contrariamente ao que vinha sendo taxado, não se constituía em um reacionário e, sim, em um tradicionalista. Para defesa do pensador nordestino, Candido escreveu:

> Ao que parece, quereria na posição original e digna que é a sua, usar um mínimo de tradição num máximo de transformação, afim de que esta não desprenda o progresso social da sua base moral e histórica.[330]

Ao se pronunciar solidário à obra e ao posicionamento de Freyre, Candido vai em busca de um elemento comum em suas argumentações, o de conciliar as articulações de sociedade e história, a partir da literatura. E o faz sob a forma de questionamentos:

> Quantos de nós não se orientaram na vida intelectual e nos estudos de acordo com as suas influências mais ou menos conscientes? Quantos de nós não projetaram as suas casinhas grandes e senzalinhas quando chegou o momento da identificação definitiva ou da divergência teórica?[331]

---

[329] LEAL, Flávio. "Nos rastros do rastreador: Antonio Candido. Sobre a crítica literária brasileira". Revista Espéculo, Madrid, n. 30, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero30/cribrasi.html>. Acesso em: 2 fev. 2011.

[330] CANDIDO, Antonio. "Notas de Crítica Literária" – Gilberto Freyre. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 5, 5 dez. 1943.

[331] Idem. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 5, 5 dez. 1943.

O envolvimento do crítico com a questão de ordem política e não literária, como se vê, resultou em um substancioso parágrafo, chamando a atenção do leitor para a importância do livro no tocante à formação cultural brasileira. Diga-se de passagem, talvez estivesse na marca dos dez anos da publicação *Casa Grande & Senzala*, justificativa para tal encaminhamento. Questão que se somava à repercussão da diversidade de leituras, sob distintas linhas de pensamento, dentro e fora do Brasil.

O posicionamento de Candido não pode ser desconectado do ambiente intelectual brasileiro que acomodava uma movimentação de certa forma fervilhante com a circulação de ideias, leituras e estudos voltados para o foco das Ciências Sociais. Era a Sociologia que justamente por essa época, entre as décadas de 40 e 50, consolidava-se como disciplina científica diferenciada, particularmente na Universidade de São Paulo. O que certamente provocava ecos no dia a dia do jovem professor.

Há que se acrescentar que é sob este ambiente cultural e por estes tempos que se dá a adesão de Candido à militância política, fruto, entre um conjunto de fatores, de sua aproximação afetiva, podemos dizer, de Paulo Emílio Sales Gomes. Pois foi por meio dele que Candido não somente se aproxima como adere à militância política. Muito mais próximo de uma mentalidade radical, que havia germinado quando conheceu a amiga anarquista Teresina Carini Rocchi, em Poços de Caldas, nos idos da adolescência, do que de um revolucionário, Antonio Candido tinha neste ano de 1943 uma convivência estreita com as questões políticas: as teóricas, por meio de dezenas de livros que circulavam clandestinamente entre os amigos de *Clima.* Segundo suas declarações: "A partir de 1942 e da convivência política com ele [Paulo Emílio Salles Gomes], intensifiquei leituras e li obras de Lênin, Stalin e Trótski, além de outros de Marx e Engels."[332] O que se somou às questões de ordem prática, resultado do contato e da convivência de tantos militantes espalhados pelo velho continente.

Portanto, diante desse quadro, não causaria estranheza a finalização do texto, em tom de comício: "Ao lado de Gilberto Freyre, pela expressão livre do Espírito e contra a violência desesperada e final da Reação, é o lugar de todo intelectual que compreende o seu papel dentro da sociedade".

No segundo artigo, "Gilberto Freyre, sim Giberto não" (19 nov. 1944), a defesa do sociólogo por parte do crítico persiste em um texto dividido em duas partes. Na abertura da

[332] CANDIDO, A. "Memória: Antonio Candido – a militância por consciência" [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988.

coluna *Casa Grande* é citada ao lado de *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *História da Literatura Brasileira,* de Sílvio Romero, como "os três acontecimentos fundamentais da história do nosso pensamento. O lugar geométrico das linhas de apoio do nosso desenvolvimento cultural".

Aqui a bússola do texto segue a inclinação para a sociologia e o crítico se alonga, em um mergulho no tema, numa exposição-discussão sobre os estudos sociológicos no Brasil e traz para a cena Oliveira Vianna como o responsável pela retomada "da tendência sociológica, esboçada por Sílvio Romero".

Antes de partirmos para a segunda parte do texto, recorremos a um trecho esclarecedor de Luiz Carlos Jackson, no que diz respeito à importância de Euclides da Cunha na trajetória dos estudos sociológicos de Candido:

> Euclides é um autor chave no esquema de Antonio Candido. Sua importância se explica pela originalidade da análise em *Os sertões*, voltada para a parte da sociedade brasileira esquecida pelas análises precedentes, e também pelas posteriores, que interpretaram o Brasil a partir das classes dominantes e/ou das relações sociais e políticas centralizadas no latifúndio. Na literatura, rompeu com a visão idealizada do homem rural brasileiro, que seria ainda por certo tempo a tônica de estudos folcloristas feitos por escritores como Valdomiro Silveira, Amadeu Amaral e outros. Como Sílvio Romero, Euclides baseou-se no determinismo geográfico e racial, mas as conclusões mais importantes do livro teriam sido retiradas do fato presenciado pelo autor em Canudos, onde esteve, como se sabe, como repórter de *O Estado de S. Paulo.*[333]

Sob o chamamento de "camaradas e companheiros", Candido convoca o leitor para o engajamento como protesto contra a falta de liberdade e parte para a análise do volume que Diogo de Melo Menezes acabara de lançar, obra, esta, dedicada a Gilberto Freyre na coleção de estudos brasileiros da Casa do Estudante do Brasil.

O tom acalorado do crítico em defesa de Freyre toma graus mais elevados, já que Candido reprova o livro de Melo Menezes. E motivos não lhe faltam, levando-o ao seguinte comentário sobre a obra: "ressalvado o interesse biográfico e documentário, fica deste livro uma impressão desagradável de ação entre amigos".

Tamanho desagrado por parte do crítico encontra as razões ancoradas no tema do livro: uma série de descrições, desde a casa de Freyre, com direito a quem presenteou o quê, passando por suas preferências literárias e prêmios recebidos. O caldeirão de

---

[333] JACKSON, Luiz Carlos. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciência e Sociologia**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 134, out. 2001.

bobagens arroladas no livro do autor, primo, discípulo e amigo de Freyre, em que se inclui a máxima “Morreu Lampião, mas ficou Gilberto Freyre”, segundo as palavras de Candido, “é uma provocação dolorosa”.

Nem por isso, o tom recatado da escrita de Candido deixa de voltar à cena e depositar na obra um fio de esperança reconciliadora ao aconselhar que talvez numa reescritura o volume tenha alguma utilidade no sentido de auxiliar a uma futura obra biográfica. Com intenções de deixar no ar algo de provocativo, mediante um trabalho tão desqualificado literariamente, Candido encerra o texto com uma frase, no limite, engenhosa: “Livra-me dos meus amigos que dos meus inimigos me livro eu”, alusão às relações de proximidade do autor do livro e do sociólogo. Não sem antes deixar outro pedido: que deixem de idolatrar o Giberto (sem o “l”), como o fazem os conterrâneos de Freyre, e retomem o Gilberto Freyre com nome e sobrenome.

É prosseguindo no papel de intelectual que Candido se dispõe a, como diz Said, “reivindicar em público problemas que trazem retrocessos na formação cultural, e que certamente causariam embaraços aos setores responsáveis quando anunciados”. Por isso, em “Um livro didático” (9 jul. 1944), o protagonista é o livro didático, mais especificamente uma edição sobre “Língua Portuguêsa” (grafia da época) - literatura, história da literatura, leitura e exercícios destinado às séries dos colégios do que é hoje o ensino médio (e, à época, os cursos Clássico e Científico).

Tocar na ferida (crônica) da questão do ensino de língua e literatura no país levou o crítico a não poupar o autor, Geraldo de Ulhôa Cintra. Candido afirmou ter encontrado na obra algo tão ruim, “não podendo conter um pensamento de desânimo em relação aos pobres rapazes cujos colégios adotarem o livro em questão.”[334] O tom ácido remetia à forma como o autor tratou a história da literatura brasileira e seus movimentos. Tamanha é a imprudência que o crítico diz:

> [...] na parte de história literária chegamos a pensar numa brincadeira. O seu conceito de literatura moderna é de uma incompreensão e uma deficiência fora do comum. Pobre Brasil... Nos outros países vemos filólogos como Amado Alonso escrever um livro sobre a língua e a poesia de Neruda; vemos professores ingleses e americanos a comentarem a “Waste Land” de Eliot.

[334] CANDIDO, Antonio. “Notas de Crítica Literária” - Um livro didático. *Folha da Manhã,* São Paulo, p. 5, 9 jul. 1944.

> (...) Servir aos colégios brasileiros o prato reacionário que eles na maioria esperam. Um livro que escamoteia a verdade histórica e literária para fazer o jogo do espiritualismo barato com que nos querem embalar”.

Esta *NCL* abre diálogo com “Livros e Panelas” (20 ago. 1944), cujo texto trata de maneira incisiva a invasão editorial americana, promovendo, à época, uma enxurrada de edições *pockets* mais baratas em detrimento das editoras nacionais, que, por outro lado, encontravam-se numa certa acomodação paquidérmica e lucrativa ao lado dos industriais da celulose.

Para tanto, Candido deixa a literatura de lado e dá voz a um assunto ligado à questão cultural, mais especificamente à questão que envolvera uma das causas tão caras ao jovem Candido, a política cultural.

> Num momento em que compramos livros ordinaríssimos, materialmente falando, de 2 a 50 e mais cruzeiros; em que se torna quase impossível às pessoas de recursos modestos adquirirem o livro que querem; num momento em que, não obstante as casas editoras se abrirem todo dia, e pulularem as livrarias, prosperando umas e outras com uma incrível rapidez – num momento como êste, dói-me vir a público ajudar os interessados no livro, que ganhando tanto fazem tão pouco pelo melhoramento do nível cultural do país.

Em seu papel de intelectual, o crítico mais uma vez cedeu o espaço da literatura para abordar um assunto que toca diretamente na questão da formação cultural. Afinal, em sua condição de mediador, opina ou intervém junto ao público, possibilitando a circulação de ideias que contribuam para a formação do leitor. E se pensarmos no quanto o livro era peça fundamental em uma sociedade deficitária e desigual, talvez repensaríamos no quão radical foi o comportamento do crítico.

Estas intervenções de Candido frente a temas mais voltados para as Ciências Sociais do que para a Literatura coloca em evidência sua atitude política. Como professor, militante, escritor e intelectual, sempre manteve suas posições sociais e democráticas. A atitude de Antonio Candido nos mostra um intelectual que faz política sem ser político, como conceitua Norberto Bobbio.[335]

---

[335] BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Trad. de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p.16

3.14 Alguns apontamentos

Antonio Candido sempre ressaltou a importância de sua passagem pelo jornalismo crítico. Nesta fase primeira como crítico profissional da *Folha da Manhã*, o jornalismo passou a ser uma plataforma que lhe permitiu ajustes ao seu discurso e ao pensamento crítico. Pois é na tarefa semanal do preparo de seus artigos com tamanho delimitado, em um curto espaço de tempo, que Candido irá praticar a escritura, dando voltas ao pensamento, com direito a muitas mudanças. A dinâmica das colunas semanais mantém o braço quente na feitura do texto e as ideias conectadas ao grau de informação e atualidade que a imprensa requisita. É justamente com essa dinâmica que a crítica literária de Candido provoca diálogos tanto com as transformações históricas como frente ao panorama cultural do país. Mantendo viva a ligação de interação entre a literatura, a história e a sociedade.

Muito de seu método crítico já aparece neste conjunto inicial de textos que primam por um gênero ensaístico, sem os jargões dos críticos universitários. As marcas ensaísticas deste crítico estreante nas páginas de jornal corroboram o que Adorno afirma sobre o gênero. “O ensaio é ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agradaria ao pensamento tradicional”.[336] Discorre Adorno:

> Mais aberto na medida em que, por sua disposição, ele nega qualquer sistemática, satisfazendo a si mesmo quanto mais rigorosamente sustenta essa negação. (...) Mas o ensaio é também mais fechado porque trabalha enfaticamente na forma da exposição. A consciência da não-identidade entre o modo de exposição e a coisa impõe à exposição um esforço sem limites. Apenas nisso o ensaio é semelhante à arte; no resto, ele necessariamente se aproxima da teoria, em razão dos conceitos que nele aparecem, trazendo de fora não só seus significados, mas também seus referenciais teóricos.[337]

Há, da mesma forma neste Candido, muito da visão sociológica em suas reflexões literárias, traço que se dilui quando o crítico passa para as páginas do jornal *Diário de S. Paulo*. É a partir desta fase, em meados do ano de 1945, quando se nota um crítico em perfeita sintonia com as necessidades do jornal, no tocante à linguagem, clareza e ritmo. Como colaborador de o *Diário*, Candido se mantém da mesma maneira envolvido com o

---

[336] ADORNO, Theodor, W. **Notas de Literatura I**. trad. e apresent. de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, p.37.
[337] Idem, p.37.

público, sem, no entanto, incorrer em algumas reticências de ordem sociológica do que propriamente literária.

Fase fundamental em sua trajetória intelectual, a atuação na *Folha da Manhã* foi marcada pelo movimento entre a tradição e da novidade, guiado pela Modernidade que os escritores modernistas trilharam, sustentado por "uma revisão crítica de nossa história para a ampliação do conhecimento da realidade presente", como ressalta Célia Pedrosa. [338]

Entre autores brasileiros e estrangeiros, Candido manteve seu princípio arraigado no novo como bússola orientadora. Tanto que arriscou em talentos como os de Clarice Lispector, Ledo Ivo e João Cabral de Melo Neto. Nas palavras de Pedrosa:

> Candido como crítico de jornal vem trazer para o público um movimento contrário ao que então a crítica propunha, levando semanalmente o leitor a conhecer e a reconhecer a importância dos escritores novos, que traziam novos estilos de escrita, novas temáticas que reconheciam sobretudo a contribuição o dos escritores modernistas.[339]

Mas Candido igualmente ousou em despejar linhas e linhas de texto original de escritores fundamentais para uma imersão na literatura. E crítica sem penetração Candido já alertava ser impossível. Mas que esse mergulho estivesse muito no texto, e não no autor, apregoa o crítico. Trata-se de heranças eliotianas que foram ganhando vida em suas colunas de rodapé.

O rigor do *close reading* se juntou a críticos estrangeiros e brasileiros fundadores da crítica que o alimentava desde suas leituras juvenis, a começar por Sainte-Beuve. Nomes de autores clássicos que foram se apresentando aos leitores com a incumbência de levar conceitos teóricos, portanto referências fundadoras, para os textos semanais, promovendo assim o desenvolvimento de uma massa crítica entre o público-leitor

Estar na juventude da docência, como ocorreu com o amigo uruguaio Ángel Rama, trouxe contribuições positivas aos leitores de Notas de Crítica Literárias, porque acompanharam um crítico preocupado e respeitoso de seu leitor. Informando-o e formando-o.

---

[338]PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 28.
[339] Idem, p.18

Em sua visão e disposição de valorizar a literatura brasileira, Candido concedeu a autores brasileiros espaço significativo em suas colunas, dos moços aos veteranos, dos estreantes aos cânones.

É nesta fala informal do professor Antonio Candido, durante uma conversa com os alunos da pós-graduação do curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) no ano de 2010 que se pode aferir o quão importante foi a sua atuação como crítico titular da *Folha da Manhã*:

> A minha ambição foi essa: queria fazer uma crítica integrativa, ou seja, uma crítica em que eu levasse em conta, sobretudo, a estrutura do texto, mas eu não estou dizendo o texto como uma coisa isolada. O texto vem de alguém e o texto funciona em algum lugar. Então, naquele momento em 1945, eu não sentia isso, de jeito nenhum. Mais tarde pensando é que eu fiz essa organização que eu estou dizendo agora. Mas lá [em 1945] eu não pensava. E vendo a minha vida pregressa, eu vejo essa formação prática muito ligada ao texto veio com esse exercício de escrever na *Folha.* [340]

Como intelectual empenhado, Antonio Candido deslocou a literatura para o espaço da imprensa, levando consigo a preocupação de democratizá-la. Pois afinal, “Considerada então como atividade simultaneamente individual e social, gratuita e engajada, a literatura passa a exigir o convívio e o confronto de diferentes saberes”, alertava Célia Pedrosa.[341]

Diante de um espaço fundamental, que é o jornalismo, Antonio Candido neste período de crítico titular da *Folha* coincide com o uruguaio Ángel Rama no sentido de pode exercitar e reajustar seu discurso crítico.

[340] Depoimento do professor Antonio Candido durante aula do professor Joaquim Alves de Aguiar, em 2010 na FFLCH. (Apêndice B)

[341] PEDROSA, Célia. **Antonio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Eduff. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 27

CAPÍTULO 4 – ÁNGEL RAMA, O CRÍTICO DE LITERATURA DE *MARCHA*

4.1 Por que o ano de 1960?

"Um ano grávido de futuro". Ángel Rama[342]

O percurso jornalístico de Ángel Rama se iniciou em 1945, quando ele, jovem, respondia por comentários breves e resenhas sobre livros no diário *El País*, ao assinar a coluna *Novedades Bibliográficas, los autores, los libros*; prosseguiu até 1983, o que resultou em farta produção para a imprensa. Uma vez que o crítico uruguaio se manteve por cerca de quarenta anos como efusivo colaborador de jornais e revistas, nossa escolha para compor este corpus recaiu sobre o ano de 1960. Isso significa a reunião dos 37 textos assinados por Ángel Rama e publicados nas páginas de *Marcha*. Os seguintes fatores, em conjunto, nos levaram a ratificar tal escolha.

4.2 Um crítico amadurecido

Foi em 1960 que o crítico uruguaio iniciou o que se poderia chamar de "Era Rama" no semanário, ao assumir a editoria de Literatura, passando a exercer a direção da seção *Literarias.* E sob a condição de editor-chefe, adotou uma nova linha editorial, divergente daquela mantida por seu antecessor, o ferrenho opositor Emir Rodríguez Monegal, que, desde 1949, vinha "haciendo de la seción una sucursal de la revista *Sur* y de su deslumbramiento respecto a las letras anglosajonas", como observou Rama.[343]

A respeito desta guinada de *Literarias* que, entre outras alterações, concedeu à literatura latino-americana mais espaço, Rama assim se pronunciou anos depois, em uma de suas obras fundamentais, *La Generación Crítica 1939-1969* [344]:

---

[342] RAMA, Ángel. In: "La construcción de una literatura", *Marcha*, n. 1041, 1960, pp 24-26.

[343] RAMA, Ángel. "La lección intelectual de Marcha". *Cuadernos de Marcha*. Tercera Epoca, año V, junio, 1989. Ed. 44. p. 21.

[344] RAMA, Ángel. "La generación crítica.", p. 89. RAMA, Ángel. "La lección intelectual de *Marcha*". *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, ano 5, n. 44, p. 24-25, jun. 1989.

> A mi me correspondió reinsertar la literatura dentro de la estructura general de la cultura, lo que fatalmente llevó a un asentamiento en lo histórico y a operar métodos sociológicos que permitieran elaborar la totalidad, reconvertir el crítico al proceso evolutivo de las letras comprometiéndolo en las demandas de una sociedad y situar el interés sobre los escritores de la comunidad latinoamericana, en sustitución de la preocupación por las letras europeas.

Nesta dupla função no periódico, o crítico se consolidou entre novas tarefas, referentes à edição, ao cuidado com as pautas e com seus colaboradores, e à sua própria escrita, que começou a apresentar mudanças. O que se pôde observar neste conjunto de textos publicados entre janeiro e dezembro de 1960 é que estes se apresentam sob um estilo mais jornalístico, com uma equação mais equilibrada entre a teoria, os dados factuais e suas inflexões críticas. Mais ambientado com as necessidades do fazer jornalístico, o crítico, na visão de Rocca se apresentava "menos afrancesado e mais maduro", e passou a deixar para trás sua primeira inclinação, "cosmopolita e afrancesada",[345] aproximando-se do universo do leitor de jornal.

Essa condição apontada por Rocca, a de amadurecimento do crítico, se mostrava condizente com aquele período, se atentarmos novamente para a trajetória de Rama, que a essa altura somava anos de prática jornalística em outros periódicos – *El País*, *El Nacional*, *Match* e *Acción*. Ainda na imprensa, Rama contava com a experiência de ter sido secretário de redação da revista *Entregas de La Licorne* em duas ocasiões distintas.

Agregavam-se a essas experiências profissionais outras empreitadas culturais, como sua investida editorial junto à criação de editoras. Isso sem contar que, nessa época, Rama se fazia chegar aos leitores também por intermédio de seus primeiros livros: *Un estudio del Lazarillo de Tormes* (1954, ensaios), *La aventura intelectual de Figari* (seleção de inéditos do pintor e escritor com um apêndice crítico de Rama, 1949), *¡Oh sombra puritana!* (1951, prosa) e as peças de *La inundación* (1958), *Lucrecia (1959) e Queridos amigos (1961),* para teatro.

O percurso intelectual com atividades múltiplas, que envolvia Ángel Rama em uma rede de tramas superpostas, atendia a uma necessidade econômica, no sentido de lhe garantir recursos financeiros. Este formato de se manter atrelado a tantas tarefas ganhava amparo no fato de que a maioria das atividades profissionais de Rama se desenrolava na capital uruguaia, uma cidade de pequeno porte, o que facilitava em muito o seu

[345] **Literatura, cultura e sociedade na América Latina / Ángel Rama**. ROCCA, Pablo (org.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2008, p. 16.

deslocamento entre os locais de trabalho. Tanto assim que o *modus vivendi* e o *modus operandi* do crítico praticamente não se apartavam. Também se somavam a esta forma de vida traços de uma personalidade peculiar, marcada por uma "independência cultural", como se referiu Mario Benedetti ao colega de jornal, a respeito deste comportamento ao estilo workaholic. Perfil que ganhou contorno com as palavras de Jorge Rufinelli, um de seus alunos e seguidores:

> Ángel Rama impuso en los medios de la nueva generación un estilo personal tejido por la multiplicidad de ambiciones creadoras, la laboriosidad casi inverosímil, el dinamismo torrencial, la curiosidad y la vastedad de las lecturas, la viva atención por los contactos sociales y humanos que la literatura establece.[346]

Ou, como o próprio Rama havia declarado: "no mais claro estilo do sistema de bonecas chinesas, umas dentro das outras, que cabia aos intelectuais do Terceiro Mundo naquele início da década de 60".[347]

A referência ao sistema de bonecas umas dentro das outras era uma imagem compatível com o retrato do crítico uruguaio em 1960: além dessas tarefas, ele acumulava as aulas de literatura e teatro para o ensino secundário e o trabalho junto à Biblioteca Nacional, nas chefias dos departamentos de Bibliografia e de Aquisições. Isso sem contar as inúmeras viagens pelo interior de seu país e para outros, vizinhos ou não, em virtude de mais uma de suas atividades, a de conferencista. Os convites dirigidos a Rama, como professor visitante e palestrante, que começam a despontar justamente nesse período, eram, em parte, resultado da mobilização dos intelectuais, em especial os latino-americanos. Sob o impacto da Revolução cubana, eles começavam a se organizar na realização de congressos, simpósios, encontros, seminários e toda a classe de eventos, com o objetivo de maior aproximação e reconhecimento em relação ao projeto mais amplo, o de conhecer a literatura latino-americana. Sobre este aspecto, afirma Subercaseaux:

> Los años sesenta, en que el contexto de la crisis del desarrollismo, se vislumbra un nuevo espacio cultural común, un espacio latinoamericano que tiene en la Revolución cubana (y en la *Casa de las Américas*) sus instancias aglutinadoras. Se trata de una apelación identitaria y utópica en

---

[346] RUFFINELLI, Jorge. "La carrera del crítico de fondo". **Texto Crítico**, enero-agosto 1985, n. 31-32, p.5-23, Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana. Disponível em http://cdigital.uv.mx >. Acesso em: 8 abr. 2011.

[347] BLIXEN, Carina; BARROS-LEMEZ, Alvaro. **Cronología y bibliografía Ángel Rama.** Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986, p.13.

> torno de la idea de cambio y revolución, un proceso de fuerte contenido latinoamericano y ‘tercermundista’, […] donde se revitalizan el integracionismo de cuño bolivariano y la apuesta por un específico latinoamericano.[348]

O volume de trabalho, assim como os compromissos que começavam a aumentar de forma expressiva, talvez tenha contribuído de certa maneira para a decisão do crítico nessa época, a de despedir-se em definitivo da escrita de ficção. Nem romances, nem contos, muito menos peças. Tal providência deve ter reservado algum sacrifício ao escritor Rama, mas deu passagem para o que, na visão dos estudiosos do crítico, viria a se constituir na mais envolvente e desbragada de suas tarefas: o jornalismo. Resultou em dedicação integral às páginas de *Literarias*, uma editoria de literatura em um dos semanários mais importantes da América Latina.

Foi sob este cenário intelectual que o crítico uruguaio passou a dialogar com o público, afinando as arestas de um projeto que já se delineara e começava a ser publicado nas páginas de *Marcha*. Eram os passos fundadores do que foi sua dedicação como crítico, a de construir a história crítica de uma literatura nacional e latino-americana e com isso promover um diálogo entre as literaturas da América Latina.

4.3 O contato com Antonio Candido

O encontro de Ángel Rama com Antonio Candido no verão de 1960 foi um dos pontos de maior relevância na trajetória de ambos: a partir desse contato, iniciou-se uma amizade fraterna e empenhada, um diálogo intelectual fervoroso, com a troca de ideias e conceitos, o que resultou em novos rumos para os estudos literários da América Latina.

A importância do texto publicado em *Marcha* no mês de fevereiro de 1960, “La nueva crítica brasileña”, consiste no registro do encontro e também na divulgação de uma nova crítica brasileira em território latino-americano, a partir das páginas de um periódico.

---

[348] SUBERCASEAUX, Bernardo. “Elite ilustrada, intelectuales y espacio cultural”, en América Latina: un espacio cultural en el mundo globalizado. Debates y perspectivas, Manuel A. Garretón (coord.), Convenio Andrés Bello, Bogotá, 1999, p. 174. apud FUSCHINI, Germán Albuquerque. La red de los escritores latinoamericanos en los años sesenta. Revista UNIVERSUM, nº15, 2000, Universidad de Talca. Disponível em: http://universum.utalca.cl/contenido/index-00/alburquerque.pdf
Acesso em: 10 set. 2011.

Cabe lembrar que o texto, uma pequena reportagem, destoa em estilo daqueles que Rama vinha publicando: é mais jornalístico e menos ensaístico. Era o momento de apresentação do professor mineiro, que causara impacto ao uruguaio ao revelar entre as linhas-mestras de seu trabalho, aquela que se anunciava como a nova crítica brasileira, da qual Rama tinha certo desconhecimento. De maneira enxuta, Rama traça um retrato de Candido bastante leal. Motivo que levou o crítico brasileiro a um agradecimento, meses mais tarde, em uma das primeiras cartas trocadas entre os dois.

Acertar nas medidas em um primeiro texto sobre Antonio Candido constituiu-se, a nosso ver, fator relevante para o desenvolvimento e fortalecimento da parceria entre os dois. Se levarmos em consideração o desconhecimento de Rama junto à figura do crítico brasileiro e a novidade que representava para o uruguaio esta “nova crítica brasileira”, corrente que destoava da crítica de autores como Sílvio Romero, Álvaro Lins, Afrânio Coutinho, dos quais Rama talvez já tivesse mais informação. Deve ter sido fator de admiração aos olhos do repórter-crítico a clareza da exposição do professor brasileiro.

4.4 O impacto da Revolução cubana

Ángel Rama não passou incólume à Revolução cubana, muito pelo contrário: o crítico, a exemplo do que aconteceu com muitos intelectuais latino-americanos, o próprio Antonio Candido e toda uma geração, impregnou-se da nova ideologia e estreitou vínculos com o modelo cubano. Daí, as pautas de *Marcha* orientaram-se por escolhas marcadamente alinhadas à ideologia de esquerda, dando apoio e destaque a autores e obras que da mesma forma se vinculassem ao novo modelo político cubano.

4.5 O corpus de *Marcha*

Sob um recorte cronológico para o ano de 1960, este corpus reúne os textos publicados semanalmente no jornal *Marcha*, assinados por Ángel Rama. São 37 textos no total que, somados reúnem 12 deles dedicados a autores estrangeiros, dois às questões da produção poética, e outros outros 23 destinados aos trabalhos em prosa, voltados a temas e autores nacionais.

Assim, após uma leitura transversal e detalhada dos textos, em que foram consideradas as questões da crítica literária, levando-se em conta a especificidade da produção de Ángel Rama, os autores e as obras abordados em *Literarias*, sob um panorama literário, serão contemplados, como procedemos em relação ao corpus de Antonio Candido, os seguintes eixos temáticos:

1) Como o crítico tratou da crítica, a metacrítica de Ángel Rama;

2) Espaço para os escritores nacionais: aos que estão chegando e aos já consagrados. Narrativa, poesia, e ensaio;

3) O olhar para os escritores estrangeiros. Tradição e modernidade;

4) Um intelectual atuante.

4.6 Como o crítico tratou da crítica. A metacrítica de Ángel Rama

Um dos aspectos da originalidade da crítica jornalística de Ángel Rama se ancora em seu olhar bifocal para a tradição e para a novidade. Pois o uruguaio dispunha de uma equilibrada atenção para os novos escritores e aqueles de gerações anteriores que tiveram a missão fundadora de contribuir com parte da história literária de seu país. Motivado por esse binômio, Rama, no ano de 1960, dedica o texto “Alberto Zum Felde juzga la literatura nacional” (12 fev.1960) a uma figura relevante na história dos estudos literários do Uruguai: o professor e crítico Zum Felde.

Um referencial para Rama e um dos pontos-chave para os estudos literários do Uruguai e da América Latina, Felde contou com a atenção do crítico ao publicar o segundo volume de *Índice Critico de la Literatura Hispanoamericana.* A obra, que traria contribuições positivas aos estudos da literatura uruguaia dali para a frente, desperta o entusiasmo de Rama diante da proposta do mestre, em lançar olhares para o novo, conforme nos aponta as palavras de Rama:

> Esa capacidad de atención a lo nuevo perdurable, esa mirada distante y atenta con que le observa, esa fidelidad a la creación del arte, esa cautelosa aproximación comprensiva, son las condiciones básicas por las cuales debemos ofrecer el primer saludo a esta enorme tarea.[349]

Crítico "cuya formación intelectual se hizo en las primeras décadas del siglo", Felde procedeu de forma diferente do que se via na crítica uruguaia, em uma atitude "nada comum, nem no Uruguai nem em outras partes do mundo", como se vê nas observações de Rama neste texto. Tal atitude, respaldada, segundo Rama, principalmente na sensibilidade estética e na capacidade de Felde de estar atento ao novo, fatores de forte identificação entre os dois críticos.

Afinal, havia tempos que Rama insistia nessa questão do incentivo aos novos talentos literários, usando o espaço na imprensa para divulgá-los, no papel de apoiador de ações culturais, como concursos literários, ou da publicação de obras desses estreantes por editoras igualmente novatas. Atitudes que acabaram por consagrá-lo não somente em um mediador e divulgador da literatura uruguaia, mas sobretudo em um produtor cultural.

Ao se referir à forma como Felde procedeu na montagem desse panorama das letras uruguaias, e o fez reunindo dados da história literária, de movimentos e escolas, Rama não se desvia dos elogios ao autor:

> Está aquí presente el mejor acento de Zum Felde y, con anterioridad a todo análisis pormenorizado, puede decirse que en su género – panorama narrativo latinoamericano – es el mejor estudio que conocemos, infinitamente superior al libro de Luiz Alberto Sánchez".[350]

O tom "rioplatense" que Felde confere a sua obra, no sentido de dar destaque aos autores da região, recebe de Rama comentário incisivo mas coerente com sua perspectiva e iminente tarefa de entender melhor essa literatura uruguaia, que, naquele momento histórico, estava em "processo de construção". É o que Rama nos deixa claro nas seguintes linhas:

> En su interpretación del fenómeno total americano pesa, visiblemente, su arraigo rioplatense, y es desde la perspectiva de este paralelo en que vivimos que establece su entendimiento del todo continental, con una mayor abundancia de escritores de esta región. Esto, que pudiera

[349] RAMA, Ángel. "Alberto Zum Felde juzga la literatura nacional", *Marcha*, n.997, 1960.
[350] Idem.

> enorgullecernos, también puede inquietarnos en cuanto a la comprensión cabal de una realidad particularmente lábil. Es así que aparecen en los últimos capítulos, escritores que son nuestra contemporaneidad o nuestra confusa nacionalidad.[351]

Felisberto Hernández, Juan Carlos Onetti, Clara Silva, Mario Benedetti, Armonía Sommers e Francisco Spíndola são alguns dos representantes dos novos, presentes no livro de Felde e que ganharam na edição da página de *Marcha* um quadro à parte. Entendido como um recorte ilustrativo, o quadro nos leva a reconhecer um critério de Rama: elencou, entre os citados por Felde, aqueles que faziam parte do "cânon contemporâneo", por assim dizer, da literatura nacional, sob sua preferência. Tal critério justificaria o nome de Hernández (1902-1964) no topo da lista. O escritor outsider, como chegou a ser denominado, teve de Felde uma consideração singular ao afirmar: "Felisberto Hernández comparte actualmente com J. L. Borges la primazía del cuento fantástico en el Plata".

Falar de Borges não era tema disponível na pauta de Rama, uma vez que já havia declarado seu distanciamento em relação ao escritor argentino e seguia firme na decisão. Talvez estivesse então, na comparação de Hernández com Borges, a intenção maior de Rama, dando a Hernández outro status que não o de um "escritor fora de lugar". Vale lembrar que a aproximação de Rama junto à obra de Hernández foi marcada por grande entusiasmo, o que se traduziu na inclusão de *La casa inundada* na coleção Letras de Hoy, da editora Alfa.

Em se tratando do tema *crítica literária*, é possível reconhecer pontos de contato, – ou de continuidade – entre "Alberto Zum Felde juzga la literatura nacional" e outro alentado texto que Rama publicou no mês seguinte (22 abril 1960), intitulado "La novela y la crítica en América". Se entendermos que o tema maior, a situação da literatura latino-americana, é recorrente na obra de Rama, e sendo os artigos de *Marcha* exercícios de reflexão sobre tais assuntos, podemos pensar nesse movimento de continuidade. Para manter-se com a discussão, Rama parte, neste texto sobre Zum Felde, do questionamento da situação do romance na América Latina, temática que permeará parte dos ensaios teóricos do crítico uruguaio, a exemplo do que ocorrerá na obra de Candido.

---

[351] Ibidem.

Dentro ainda deste eixo temático, agregamos outro dos textos publicados em *Marcha*, conforme o recorte realizado. Além de se tratar do texto-marco que registrou o encontro de Antonio Candido e o uruguaio, nos traz a atenção de Rama sobre a questão da nova crítica. Falemos aqui da visão de Rama, em enxergar no vizinho brasileiro um novo caminho que atendia ao compromisso de uma crítica conjugadora de aspectos sociais e inovadores ou "revolucionários". É o que se pode constatar no seguinte trecho de "La nueva crítica brasileña":

> Un repaso de la literatura vigente en su país, de la pluralidad de tendencias y del esfuerzo creador que muestra cada una, viene en apoyo de su optimismo en particular observando la revolución de la crítica de los últimos años, que ha deparado una enorme producción encuanto a sí mismo cree combinar diversas direcciones dentro de una formación humanista con su atemperado ingrediente marxista.[352]

Ao seguir tecendo um retrato de Candido, Rama, fiel ao aporte histórico, não foge à fonte, parte da trajetória crítica do professor brasileiro, a partir da revista *Clima.* E mais à frente, Rama passa ao ponto central do pensamento de Candido. Prossegue o crítico:

> (…) Los chato-boys vienen después de las negativistas del modernismo, comprueban sus excesos, la necesidad de una reintegración de la cultura incluyendo las oposiciones dialécticas, se aplican a una tarea más oscura de análisis atento de la realidad intelectual, a una compresión más que a una polémica beligerante. [353]
>
> (…) estudia la formación de un sistema literario propio en el Brasil, entendiendo por eso, más que el problema de la independencia de una literatura, la articulación dinámica de un conjunto de autores y de un público consumidor real que actúan dentro del funcionamiento eficaz de la vida nacional, con un repertorio de temas y de planteamiento que aseguran la continuidad regular, en una palabra, la tradición verdadera de una literatura.[354]

Se Ángel Rama se mantém firme em sua irrenunciável vocação latinoamericanista[355] ao compreender que o continente naquele momento apresentava novos caminhos para a literatura, em particular para a crítica literária, e justifica seu

[352] RAMA, Ángel. Marcha, n. 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.
[353] Idem.
[354] RAMA, Ángel. "La nueva crítica brasileña", *Marcha*, número 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.
[355] URBINA, Leandro. In: Introducción Ángel Rama y la Crítica Latinoamericana. **La novela en América Latina Panoramas 1920 -1980** Ediciones Universidad Alberto Hurtado. Santiago de Chile. 2008. p. 11.

propósito levando para as páginas do semanário o autor responsável por tal novidade, o crítico brasileiro, da mesma forma sua balança alça movimento para a tradição. E nesse movimento de oscilação equilibrada, Rama, que havia concedido espaço para o "mestre" Zum Felde, uma de suas fontes referenciais, mostra o trabalho do crítico brasileiro.

No entanto, Rama prossegue nesse continuado exercício dinâmico e centrado em seu eixo principal – as relações da obra literária com a sociedade como caminho único para entender a literatura –, e propõe a seu público-leitor outro texto, que entendemos como parte desse diálogo frente ao eixo temático "Como o crítico tratou da crítica". Trata-se de "La construcción de una literatura", texto de grandes proporções para um jornal, de teor bastante alentado, no qual nos deteremos por entender que há entre os três textos aqui mencionados uma relação de continuidade. Partimos para tal possibilidade.

Dentro da proposta de seriedade, idoneidade e ética que sustenta e sustentou publicações jornalísticas, entre aquelas que se mantêm preocupadas e respeitosas com o público que as acompanha, é comum matérias panorâmicas opinativas quando o ano se finda, sobre determinados assuntos de relevância. Em "La construcción de una literatura" (30 dez. 1960), esta escolha se formalizou a partir da dupla disposição, do jornal e do crítico, em realizar um balanço sobre a literartura uruguaia. O texto, que toma três páginas do semanário, deixa expressas as intenções daquele Rama que havia retornado ao jornal sob uma nova condição, pois era não apenas responsável pela editoria de *Literarias*, mas sobretudo um crítico disposto a colocar seu projeto em ação. Ou seja, abria-se para Rama, naquele espaço, o jornalismo, o lugar para exercitar seu pensamento crítico, a partir das exigências e da pressão do próprio público. E com isto, frente a um momento especial da publicação – o final do ano –, que permitia um texto maior e mais adensado à análise, publica "um longo e apaixonado programa-panorama sobre a literatura uruguaia"[356], nas palavras de Rocca, partindo, como Rama anuncia, de três pontos, ou "três pressupostos críticos". São eles: a crise em diversas esferas – política, econômica, moral e até institucional –, que aturdia a sociedade uruguaia; a discussão de questões culturais que de igual maneira estavam presentes em países desenvolvidos; e a necessidade de um olhar mais aprofundado – "crítico" – para a literatura nacional, por meio de seus novos autores e suas produções.

[356] **Literatura, cultura e sociedade na América Latina / Ángel Rama.** ROCCA, Pablo (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 15.

Ao partir para uma reflexão bastante alentada sobre a situação da literatura uruguaia, Rama conta com uma ferramenta novidadeira para ele, para o seu país e – por que não? – para a América Latina. A novidade está no fato do crítico lançar-se às reflexões sob a leitura de outro jovem crítico, Antonio Candido. Os estudos de Candido que ocupam as primeiras e fundamentais páginas de *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, a respeito de sistema literário, nacionalismo artístico, fatores externos e internos de uma obra literária, e as relações entre público, autor e obra, somados às relações intrínsecas entre literatura, sociedade e história, servem de base norteadora para a análise que Rama faz da situação da literatura no Uruguai.

Portanto, é sob o pensamento crítico-teórico de Candido que Rama tecerá um estudo crítico-panorâmico sobre a situação da literatura uruguaia naquele ano de 1960. A respeito desse texto, Pablo Rocca é categórico ao afirmar que:

> É outra peça exemplar desse entrecruzamento de lealdades simultâneas: ao plano cultural; à hora em que se vive; ao público do jornal que pressiona e exige, público esse que o crítico pretende reeducar; à literatura que é analisada e até mesmo se deseja dirigir.[357]

As ressonâncias do pensamento crítico de Antonio Candido são reconhecíveis neste artigo-ensaio ou “programa-panorama”, como prefere Rocca. Foi justamente Rocca quem as identificou mediante análise esmiuçada do texto, da qual destacamos o seguinte trecho:

> Não basta haver obras literárias, boas e bem-sucedidas, para que exista uma literatura. Para conquistar tal denominação, as distintas obras literárias, bem como os movimentos estéticos, devem responder a uma estrutura interior harmônica, dotada de uma continuidade criadora, de um desejo de futuro, de uma vida real que responda a uma necessidade da sociedade na qual funcionam. Evidentemente que não falamos de uma sociedade equiparando-a à pátria; o panorama americano revela várias modulações literárias que respondem a regiões que superam fronteiras, e todo o fenômeno literário americano se sustenta sobre o afã de uma intercomunicação e mesmo uma homogeneização criadora.[358]

---

[357] Idem, p. 15.
[358] **Literatura, cultura e sociedade na América Latina / Ángel Rama.** ROCCA, Pablo (org.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2008, p. 16.

Entre os encaminhamentos que o texto nos propõe, destacamos um que nos parece bastante significativo em se tratando do recorte cronológico que este trabalho aporta. Ao lançar mão dos estudos de Antonio Candido para a análise do ano de 1960, considerado por Rama como um ano de compromisso e de maturidade literária entre os escritores uruguaios, o crítico de *Marcha* se diz satisfeito porque, a exemplo do que ocorrera em países desenvolvidos e maiores, no Uruguai foi possível identificar um movimento de âmbito cultural positivo, em particular na literatura, graças à maturidade de alguns escritores integrantes da "geração crítica"[359]; geração que Rama preferia denominar de *Marcha* ou *de 45*, da qual ele era o integrante mais jovem.

Cabem aqui duas observações no tocante à "La construcción de una literatura", um dos textos que integram este corpus Rama-*Marcha*. A primeira delas diz respeito ao fato de o periódico abrigar em seu caderno de Literatura um texto deste gênero, um ensaio e, como tal, de proporções mais nutridas quanto ao conteúdo, dialogando com questões teóricas, diferentemente do que um artigo jornalístico faria. Há que se notar, ser o perfil editorial de *Marcha*, publicação disposta a manter um jornalismo muito personalizado no tocante às questões culturais e políticas. No entender de Mabel Moraña, tal linha editorial resultou em um jornal capaz de representar o Uruguai e a América Latina:

> Un escenario de análisis, polémicas y discusiones que hacían del espacio cultural transnacionalizado una arena de encuentro y exploración crítico-teórica, en la que se ensayaban ideas y se desplegaban las fuerzas que componían el pensamiento de vanguardia política.[360]

A gênese dessa marca ensaística de Rama se mostra arraigada à própria tradição humanística do Uruguai, que congregou também uma formação enciclopédica promovida pelo país no período em que Rama gozava de sua juventude.

---

[359] O conceito "generación crítica" cunhado por Ángel Rama diz respeito a um grupo de intelectuais, entre a maior parte de escritores , uruguaios nascidos entre 1906 e 1930, que atuavam de forma distinta em relação a gerações anteriores, justamente criticando e questionando a literatura produzida no Uruguai, sob princípios sociais, estéticos e ideológicos. A delimitação de tal geração, segundo o próprio Rama, não obedece a normas rígidas de data. "Los intelectuales no aparecen todos en un mismo año como le resultaría cómodo a una teoría generacional mecánica, ni aparecen armados con sus ideas definitivas. Son diversas oleadas que se van sucediendo, lingandóse entre sí algunos más afines y variando estas afinidades en la medida de la continuidad creadora, la respuesta lúcida al acaecer renovado y la decantación ideológica progresiva". RAMA, Ángel. **La Generación crítica 1939-1969**. Montevideo: Arca, 1972. p. 28

[360] MORAÑA, Mabel; MACHIN, Horacio. ***Marcha* y America Latina.** Instituto Internacional de Literatura Latinoamericana. Universidade de Pittsburg, 2003, p. 12.

Foi este um traço tão marcante em Ángel Rama, a ponto de Antonio Candido, quando questionado sobre o desempenho do colega uruguaio como crítico de jornal, salientar: "Rama é mais ensaísta. Eu sou mais analítico".[361] Entendemos que tal afirmação de Candido ressalta uma das marcas mais sobresalientes do conjunto destes textos de *Marcha*, e que será encontrada em boa parte dos textos jornalísticos produzidos por Rama, e que, da mesma forma, se encontra presente em grande escala junto à sua obra teórica, a começar por *La generación crítica*. Estamos nos referindo à opção do crítico uruguaio pelo ensaio. Esta forma de escrita que nas palavras de Adorno "procede, por assim dizer, metodicamente sem método". [362] O que permitia a Rama organizar o pensamento em recuos e avanços, sem contudo, mostrar suas ideias em uma única direção, e sim, em um "movimento contínuo de operações; em que os movimentos se entrelaçam como num tapete".[363]

Essa formação humanística do crítico uruguaio pode tê-lo auxiliado em sua maneira de atuar de forma interdisciplinar. No entanto, conforme nos aponta Mabel Moraña, Ángel Rama mantinha em seu discurso crítico o resultado de uma equação bastante personalizada:

> El trabajo interdisciplinario de Rama no es una aplicación mecánica de la relación cultura y sociedad sino que crea un método y una serie de categorías que, como dice Hugo [Achugar], se exportan de la crítica literaria hacia el discurso político, cultural, estudia la relación de lo urbano con el poder, la cultura con las instituciones, trabaja campos culturales. Es innovador y provocador. El suyo es un pensamiento muy intuitivo y polémico, cosa que le reconocen sus críticos más acerbos. [364]

A segunda observação se refere a mais uma destas qualidades que compunham o caráter multifacetário do crítico Ángel Rama: sua capacidade de pensar "panoramicamente" e, nesse sentido, de imprimir tal estilo a seu discurso**.** Capacidade que recebeu o endosso de Mabel Moraña ao reafirmar que: "Rama es, además, un virtuoso del subgénero de los panoramas. Tuvo esa capacidad para ver la totalidad y poder distinguir

---

[361] Professor Antonio Candido, durante entrevista com a autora, em julho de 2009.
[362] ADORNO, Theodor, W. **Notas de Literatura I**. trad. e apresent. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, p.30.
[363] Idem. p.30
[364] MORAÑA, Mabel. Durante debate promovido pelo jornal *Brecha*, quando de uma homenagem do jornal em razão dos 25 anos da morte de Rama, em 2008. Este debate foi publicado posteriormente sob o título "Ángel Rama: a 25 años de su muerte. Para pensarnos mejor", que leva a assinatura de Ana Inés Larre Borges (*Brecha*). Disponível em: http://piensamaquina.blogspot.com/ Acesso em: 28 fev. 2011.

temas, núcleos, direcciones, transgresiones. Él podía organizar el funcionamiento cultural de una manera muy orgánica”.[365]

4.7. Espaço para os escritores nacionais: aos que estão chegando e aos já consagrados. Narrativa, poesia, e ensaio.

Neste conjunto de textos, identificamos a dedicação do crítico uruguaio aos autores nacionais. Entre as razões que nos levaram a reconhecer tal incidência estava a determinação de Rama em constituir um panorama da literatura uruguaia, diante de uma perspectiva cultural latino-americanista. A partir desse período, Rama se voltou para o exercício contínuo de reinterpretar a cultura, o que se consagrou como um dos pilares de seu projeto crítico. “Rama nos ha permitido apreciar de modo diferente, original, nuevo, el continente que habitamos y la cultura de que formamos parte”, endossam as palavras de Jorge Ruffinelli.[366] Essa disposição de Rama contemplou autores já consagrados – os representantes do cânone nacional – e jovens estreantes.

Entre romancistas, poetas, críticos e ensaístas uruguaios, estiveram contemplados nas páginas de *Marcha* no período deste recorte: Felisberto Hernández, Enrique Amorim, Mario Benedetti, Alberto Zum Felde, Juan Carlos Onetti, Clara Silva, Francisco Espínola, Armonía Somers, Juan Cunha, Sarandy Cabrera, Susana Soca, Ricardo Paseyro, Orfila Bardesio, Carlos Brandy, Oswaldo Rodriguez Aído, Carlos Droguett, Jules Supervielle, Ofelia Machado Bonet, José Pedro Bellán, Puche, entre outros.

4.8 Narrativa

Ao optarmos por “Enrique Amorim: un creador infatigable” (5 ago.1960), entendemos que o escritor, uma das figuras exponenciais da literatura uruguaia, de pronto teria espaço garantido em *Literarias*. A abundante produção de Amorim, que reuniu cerca

---

[365] Mabel Moraña, durante debate promovido pelo jornal *Brecha*, quando de uma homenagem do jornal em razão dos 25 anos da morte de Rama, em 2008. Este debate foi publicado posteriormente sob o título “Ángel Rama: a 25 años de su muerte. Para pensarnos mejor”, que leva a assinatura de Ana Inés Larre Borges (*Brecha*). Disponível em: http://piensamaquina.blogspot.com/ Acesso em: 28 fev. 2011.

[366] RUFFINELLI, Jorge. “La Carrera del crítico de fondo”. **Texto Crítico**, enero-agosto 1985, n°s. 31-32, p. 6, Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana. Disponível em: < http://cdigital.uv.mx/>. Acesso em: 8 abr. de 2011.

[366] Idem.

de quarenta títulos, entre romances, versos, peças de teatro e roteiros de cinema, confirmaria tal propósito. Porém, é possível reconhecer, nas afirmações iniciais do artigo – de homenagem póstuma a Amorim (1900-1960), que falecera por aqueles dias –, marcas peculiares que justificavam tal declaração de Rama: “Quizás lo más que admiraba en Enrique Amorim fuera su nervioso, desorbitado fervor por la cultura viva de donde le venía la curiosidad inquieta, por todo, su vocación peleadora”.[367] As obras mais populares de Amorim, marcadamente centradas no universo rural, os romances *La carreta*, *El Caballo y su sombra*, *La desembocadura* e *Corral abierto*, constam como as mais representativas da literatura rioplatense do século XX.

Eduardo Galeano, em longo verbete do *Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya*[368], ao repassar o agitado percurso pessoal de Amorim, nos assegura a convivência dele com García Lorca, Horácio Quiroga, Borges e Candido Portinari em sua residência, batizada singularmente de Las Nubes, na cidade natal de Salto. Ali o poeta hospedou intelectuais envolvidos com as causas socialistas, em particular os ligados ao Partido Comunista.

Embora tenha sido um autor popular, Amorim, nesse começo da década de 60, dividia a atenção do público leitor com novos escritores e talvez tivesse perdido o lugar de protagonista de outros tempos. Na variedade de seu trabalho, consta que deixou algumas obras não muito apuradas, o que, somado às temáticas comuns, como a prostituição no meio rural, talvez tenha causado discrepância entre a crítica. E Rama não desviou dessas diferenças; ao contrário, encarou-as, como mostram algumas das cartas trocadas entre o crítico e Amorim.

No entanto, o momento era outro. E há que se considerar o contexto emocional em que se encontrava o crítico uruguaio. Tal fato deve ter endossado o resgate da figura do escritor junto ao público. Rama destaca a importância de Amorim no cenário nacional, insistindo em uma das características marcantes do escritor, a de literato comprometido: “Trabajador encarnizado (...), un creyente fervoroso en la literatura y el arte, un hombre afanoso por el mejor destino de su patria cultural”.

Ao enfatizar tal traço da personalidade de Amorim, Rama repassa ao leitor as tarefas nas quais o escritor estivera envolvido nos últimos tempos:

---

[367] RAMA, Ángel. *Marcha*, 1020, agosto, 1960, p. 23.

[368] **Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya**, Montevideo. Alberto Oreggioni. Ediciones de la Banda Oriental 2001, p. 38.

> Había terminado la corrección de los poemas de su libro **Mi patria**: ya había dado la orden de publicación para sus páginas en prosa **Los pájaros y los hombres**: codiciaba un ejemplar de la traducción francesa de **La Carreta** que acabara de aparecer en la colección de Gallimard dirigida por Caillois en traducción de Francis de Moimandre; preparaba una colección de cuentos para los "Cuadernos del Instituto Amigos del Libro Argentino" que los anunciaba bajo el título **Temas de Amor** [...] cuando yo irrumpí en ese más que nefelibata, ardiente laboratorio de "Las Nubes", pidiendole una novela corta para una colección de letras uruguayas que venía preparando. […] Pero, sin lugar a dudas, su ultimo quehacer fue la poesía: el poema a Fidel Castro, leído en el acto público programado para recibir al embajador de Cuba y que se llevó a cabo, igualmente sin la presencia del embajador, Las tres gracias.[369]

Afora esta recuperação da trajetória de Amorim, há no texto um elemento de relevo, que é a proximidade de Rama com o escritor, apresentada na passagem em que o crítico responde: "caso ninguém soubesse, o título do último romance de Amorim é *Eva Burgos*". A afirmação revela ser Rama quem soube em primeira mão o título do livro de Amorim. E aí encontramos dois motivos para a exclusividade: primeiro, Rama e Amorim eram muito próximos; segundo, Amorim, a exemplo de outras dezenas de escritores uruguaios, respondeu uma enquete promovida por Rama com o intuito de saber o que liam, como liam e o que estavam escrevendo. Ao relatar que "Amorim la escribió [a novela, o romance] respondiendo entusiastamente a mi premioso requerimiento", Rama nos evidencia esse grau de proximidade com o escritor.

Enrique Amorim, que, sob o olhar de Galeano, "soube colocar em tensão as cordas da realidade arrancando-lhes sons – suavemente poéticos ou em algumas ocasiões ásperos, e às vezes desesperados" [370], na visão de um Rama incisivo, mas igualmente tocado pela perda do escritor amigo, teve outras observações, de ordem menos teóricas, mais próximas ao universo da humanização:

> [...] Vaya dicho esto como testimonio, tan necesario, de que Amorim tuvo raíces profundas en su comarca y si le 'dolía su país' en el sentido de Unamuno –, también le dolía el pequeño mundo provinciano de su ciudad natal para la cual su vida diaria, sus ruedas de amigos, sus discusiones, han sido un fermento constante, un impulso siempre apasionado y sincero de progreso.
> […] No es posible, en medio del desorden de la emoción y del dolor, dar una imagen exacta del escritor y del hombre. […] Quede lo dicho como una convicción arraigada de que en ese entonces Enrique Amorim

[369] RAMA, Ángel. *Marcha*, n.1020, 5 de agosto de 1960, p. 23.
[370] **Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya**, Montevideo. Alberto Oreggioni. Ediciones de la Banda Oriental, 2001, p. 38.

> ocupará sin esfuerzo en lugar que le corresponde entre los grandes narradores de esta tierra … y claro está – junto a al hermano Quiroga, forjado como de la sustancia de este cielo de Salto que es anticipo de la Eternidad.[371]

Nesta homenagem a Amorim nos chama a atenção o emprego da palavra *comarca,* conceito que Rama viria a consolidar alguns anos depois, e que integraria seus estudos teóricos. Segundo a professora Sandra Vasconcelos, *comarca* é “um território que compreende vários povoados que guardam entre si certa identificação cultural”.[372]

Este conceito, presente nos estudos futuros do crítico, nos parece utilizado aqui em atendimento à ideia de que se tratava não somente de uma extensão territorial, mas de um conjunto de territórios – afetivos, culturais – que compunham esse universo de Amorim; um autor que se ateve a temáticas rurais, mas que convivia com intelectuais e pensamentos de seu tempo. Haja vista que boa parte de suas incursões culturais aconteceu entre Buenos Aires, a Europa e a América. Portanto, não soariam destoantes as palavras que Rama dedica a Amorim em *La generación crítica*: “En la línea de los escritores sociales. Mientras Amorim se extravía en una narrativa de agitación social”.[373]

4.9 Poesia

Ángel Rama deu prosseguimento a seu programa de ação, o que ia ao encontro dos propósitos editoriais de Carlos Quijano, diretor de *Marcha*, no sentido de contemplar uma seleção de escritores e de obras uruguaias. Dessa forma, ao ampliar a ideia de ser latino-americano, não somente divulgando mas sobretudo refletindo sobre suas obras literárias, o crítico uruguaio não deixou os poetas nacionais fora do semanário neste ano de 1960. Assim, em “Poesia uruguaya 1959” (19. dez. 1960*)*, sob a condição de recapitular o que de melhor havia sido publicado no ano anterior em matéria de lírica, o crítico reuniu no artigo seis poetas: Juan Cunha, Sarandy Cabrera, Susana Soca, Ricardo Paseyro, Orfila Bardesio e Carlos Brandy.

Quando avisa que estes seis escritores “no son las unicas voces, pero son de las que importan, incluso en la disparid que representan”, Rama, de certa maneira, lança mão de

---

[371] RAMA, Ángel. *Marcha*, 1020, agosto, 1960, p. 23.
[372] **Ángel Rama: Literatura e Cultura na América Latina**. AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.). São Paulo: EdUSP, 2001, p. 49.
[373] RAMA, Ángel**. La generación crítica**, Montevideo: Arca Editorial, 1972, p. 234.

seu critério de escolha para tal antologia, tanto que segue o texto com um endosso para a diversidade do grupo:

> Pertenecen a integrantes de distintas promociones, abren caminos alejados entre si, vuelven a testimoniar esta sorprendente y alarmante labilidad de nuestras letras donde se cruzan tantas influencias y donde no se distingue una efectiva continuidad creadora del país, una voz característica. Pero hay aquí una riqueza de invención y, sobre todo una búsqueda de la esencialidad lírica, sobre la cual deberá contarse siempre.[374]

Ao compor esta pequena antologia e reapresentar os escritores agora conjuntamente, Rama revitaliza a discussão sobre uma questão pontual: a leitura de poesia. Paradoxalmente, o público de seu país, que manteve laços tradicionais com a lírica de língua espanhola e que por isso mesmo foi leitor assíduo de poesia, apresentava-se, naquele momento, distanciado dos livros de versos. Rama nos revela tal constatação com uma frase, no mínimo, provocativa: "Si la poesía no tiene compradores, tiene lectores". A provocação se ancora em outra interrogativa, ¿Rebote de una crisis editorial que solo consiente *plaquettes*?, que nos ratifica a intenção do crítico em questionar as razões que andavam afastando o leitor uruguaio senão das obras poéticas, pelo menos de seus livros.

Imbuído de sua militância perene, Rama, nesta pequena apresentação dos poetas e suas similaridades, questiona um problema do qual é bastante conhecedor: leitura versus distribuição e vendas de livros. Aqui ele se pronuncia no papel de intelectual acima de tudo comprometido com a urgência de seu tempo, como aponta Edward Said[375], ao lançar questionamentos sobre um dos problemas culturais emergentes do país naquele momento, a ausência de ações democráticas na distribuição e venda de livros. E nos deixa a discussão sobre o tema com outras doses de provocações, como podemos acompanhar neste trecho:

> [la poesía] Distrae menos que una novela; compromete más y habla más hondo, por lo mismo que es más esquivo al engaño. En un mundo, apresurado y pasatista, conserva un afán de permanencia y de eso habla el hombre.Y en él todo lo que no es verdad, se envejece y muere vertiginosamente.[376]

---

[374] RAMA, Ángel. *Marcha*, n. 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.
[375] SAID, Edward W. **Representaciones del intelectual.** Trad. De Isidro Arias. Barcelona: Paidós, 1996, p.38.
[376] Idem, Ibidem.

Após promover tais questionamentos, Rama prossegue com outra questão, que viria a se constituir a partir deste momento em uma de suas preocupações primeiras: a formação de um público-leitor; questão recorrente na temática deste conjunto de textos de *Literarias*.

Passada a apresentação, o crítico retorna aos escritores e, num movimento de *close reading*, esmiúça cada uma de suas obras. É então que se mostra um fervoroso guardião da lírica, ao justificar que num mundo apressado e fugaz é premente a necessidade de preservação desse gênero literário.

Para Juan Cunha (1910-1985) – poeta responsável por conseguir novos anunciantes para o semanário *Marcha*, e dono de uma personalidade que, entre outros traços, permitia a edição artesanal de seus livros, presenteando os amigos mediante um processo de escolha, ao qual ele chamava de “exercícios de critério” –, Rama deixou o diagnóstico de poeta nacional, segundo as razões que nos detalha Carina Blixen:

> Ángel Rama pensó en Cunha como un ejemplo de ‘poeta nacional’ porque reconoció lo fundamental de su invención idiomática que integra la música, el ritmo, las expresiones del habla popular y las raíces castizas de la lengua a una estética del cambio. La expresión suena tan grandilocuente para alguien que lo fue tan poco, como justa para medir su proeza literaria.[377]

Ao se debruçar sobre *La sortija del olvido*, livro de Cunha publicado em 1959, Rama afirma que os treze sonetos – “distraídos e displicentes” – podem ser lidos como os melhores da literatura uruguaia. Entrecruzadas com essa observação, aparecem outras, agora fincadas em um caráter mais sociológico, como nos mostram os seguintes trechos:

> […] En ese aspecto podría agregarse que el tacto sutil de Cunha, su musicalidad, su modo atemperado de encarar los temas más dramáticos, y sonreír tiernamente ante los hombres y ante sí mismo, caracterizan más que una sociedad, una gran época espiritual de nuestro país que está siendo comida desde hace años por ardores y violencias que atestiguan otro tiempo. Pero se subraya bastante, una verdad ascendida a esa precisa, dura, intocable categoría de arte.[378]
>
> […] El hecho de que dejara de publicarse a sí mismo, coincidió con la dictadura militar y el arrasamiento cultural inmediato que ella provocó. Cunha siguió escribiendo, acumulando libros, negándose a hacer una

[377]BLIXEN, Carina. “Juan Cunha Destino: poeta.” Espacio Latino. Disponível em http://letras-uruguay.espaciolatino.com/cunha/destino.htm. Acesso em: 11 maio 2010.
[378] RAMA, Ángel. *Marcha*, n. 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.

> antología de su obra cuando editores amigos se lo ofrecieron, y quedó escondido.[379]

Estes dois trechos ilustram o que compõe esse exercício particular de Rama, ou, em outras palavras, o seu método de analisar a obra literária: ele estabelece um vínculo entre a história, a realidade presente e a expressão artística.

Para Susana Soca, poeta que viveu boa parte da vida entre Montevidéu e Paris, rodeada de escritores e artistas europeus, e criadora da revista *Entregas de La Licorne*, o crítico uruguaio, antes de partir para os comentários positivos e elogiosos ao livro *En un país de la memoria*, faz uma advertência. Ciente de que a crítica tem entre suas obrigações a mediação junto ao público no sentido de educá-lo, formá-lo e informá-lo, Rama não rodeia em alertar que a morte – em um acidente aéreo – de Soca não deveria interferir na leitura, na compra e tampouco na recepção deste que foi o primeiro livro da escritora. Esse livro, segundo a poetisa Ida Vitale, primeira esposa de Rama, reuniu uma antologia "arbitrariamente escolhida". Inferências que podem ser confirmadas neste trecho:

> […] Las altas calidades intelectuales de Susana Soca, su lamentada y trágica muerte, la devoción justísima de los amigos han rodeado la aparición de este libro de un estruendo admirativo, emocional, confuso y hasta oficial, donde la mera exegesis crítica parece fuera de sitio. Todo eso pertenece a una hojarasca que creo daña a un creador: parece ser lanzado al mercado como un producto de lujo de una manera que seguramente no había conformada a Susana Soca.[380]

A advertência de Rama sobre o equívoco de foco reivindica que o crítico deve distanciar-se dos assuntos pessoais do escritor. Mais do que tudo, a Rama interessava a obra e não os autores. É o que nos adverte Lozano no prólogo de *Crítica literaria y utopía en América Latina*[381], quando assegura que Rama sempre ia além, pois a leitura das obras em si mesmas não lhe era suficiente. "Le interesaba el corpus, el proceso de formación de un autor: las leía todas"[382], insiste Lozano ao tecer um perfil do crítico uruguaio ressaltando sua maneira ímpar de se ater às relações obra-autor. São palavras do próprio Rama as que expressam esse seu procedimento:

---

379 Idem.
380 RAMA, Ángel. *Marcha*, 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.
381 RAMA, Ángel. **La novela latino-americana 1920-1950**, p. 12, apud SANCHEZ LOZANO, p. xxii.
382 LOZANO, Carlos Sánchez, p.xxii. Idem.

> Si nunca he podido soportar la vanidad difundida entre quienes son meros aprendices, es porque nunca me han interesado los autores, sus pequeñas historias y sus gloriolas efímeras, que oscurecen su yo profundo, sino la belleza, la verdad, el placer de las obras de arte, como si no tuvieran autor, como si fueran escritas por la Historia, o la Sociedad, o Dios, por todas las mayúsculas ignotas, y quedaran para nuestro esplendoroso regocijo escritas en la eternidad.[383]

Ao seguir esmiuçando o livro de Soca, *En un país de la memoria* (1959), incluído na coletânea por apresentar, segundo o crítico, qualidades relevantes a toda obra poética, como a "essencialidade lírica", Rama destaca na autora um traço singular: "Pensamos que donde está el mejor don creador de Susana Soca es en el poema en prosa, donde ella reconvierte una herencia superrealista en una dimensión mágica de la experiencia inmediata, domina los ritmos con soltura". E nesta sequência de observações analíticas, o uruguaio se refere ao escritor francês Marcel Proust:

> Un poco a la manera de Marcel [Proust] luego de probar la magdalena embebida en té, pero retaceando con las connotaciones reales, aludiendo con un pudor que les cubre de niebla, dejándolas decididamente en la sombra privativa, para usar en cambio los símbolos más generales.[384]

Acrescentamos esta passagem mais este trecho, "La poesía opera aquí como una mancha de aceite que contamina lentamente, con capas sucesivas que acrecientan un centro único de fluencia".[385]

O destaque para esses dois recortes nos dá um pequeno exemplo da manifestação de Ángel Rama escritor. É em momentos como esses que reconhecemos a expressão da escritura do crítico, segundo o conceito de Todorov.[386] De certa forma, essa escritura se camufla no teor do tema aqui abordado, a questão poética, e traz à tona o fator norteador a que se refere Perrone-Moisés quando afirma que o escritor-crítico vai "lapidando sua própria escrita, norteando-a para o presente e para o futuro".[387]

---

[383] RAMA, Ángel. *Marcha*, 998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.
[384] Idem, p. 23.
[385] Idem. p. 23.
[386] TODOROV, Tzvetan. **Crítica de la crítica**. Barcelona: Paidós, 2005, p. 9. Cito integral: "Me interrogaré, esta vez, no sobre la crítica practicada por escritores sino aquella que se convierte en una forma de literatura o, como se dice hoy en día con una palabra que no tiene sentido de haber sido usada, de escritura; o en la cual, en todo caso, el aspecto literario adquiere una nueva pertinencia".
[387] PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.44.

Ao tratarmos aqui de uma destas marcas que perpassam a obra do crítico, sua escritura, nos detivemos em sua multifacetada formação. Pois Ángel Rama acumulava, entre outras atividades, a de escritor, e até o ano a que nos referimos para a compoisção deste corpus, 1960, ele prosseguia produzindo obras para teatro, afora as obras de ficção que a esta altura já havia publicado. Portanto, a partir deste pequeno segmento – entre outros tantos neste conjunto –, podemos entender uma interface com o que Todorov afirma ser pertinente ao crítico literário, "uma forma de escritura na qual o aspecto literário adquire uma nova pertinência"[388], e pensamos que sim, o crítico uruguaio converteu sua escritura em uma forma de literatura.

Quando se dirige a uma das menos conhecidas do grupo, a poetisa da *Geração de 45*, Orfila Bardesio (1922-2009), autora da trilogia *Uno*, Rama admite que o trabalho dela com as palavras não resultara positivamente, mesmo que em seus poemas se pudesse ler algo de Jules Superville, Baudelaire e Concepción Silva. Estaria na temática religiosa católica presente nos poemas de Orfila, no entender do crítico, outra colaboração negativa para o resultado de seus versos. O que nas palavras de Rama apontava "um caminho inverso daqueles poetas que buscavam poesia no cotidiano".

Como se nota, Rama prossegue seu diagnóstico literário, mediante um olhar observador colado na obra, lançando mão do recurso do *close reading*[389], e chega a um parecer final sem se desviar de imprimir o seu gosto: "Pero su funcionamiento simbólico, que el poeta decreta de modo personal y arbitrario, casi cabalístico, junto a su modo de retorcer las imágenes engranándolas dificultosamente, hacen que el poema quede dominado por un palabreo sin emoción".[390]

Para a antologia de Sarandy Cabrera, *Poso'60*, que reúne a produção dos últimos dez anos, Rama explicita a predileção por versos de outra época do escritor, quando era um jovem estreante na literatura. Rama recorre ao poeta chileno César Vallejo, para tratar de compreender a "certa concretude" da poesia de Cabrera. Diz o crítico:

---

[388] TODOROV, Tzvetan. **Crítica de la crítica**. Barcelona: Paidós, 2005, p. 55.
[389] *Close reading*: técnica criada nos Estados Unidos na década de 30 que se concentra em uma leitura colada no texto, utilizada pelo *New Criticism*.
[390] RAMA, Ángel. *Marcha*, n.998, 19 de fevereiro de 1960, p. 23.

> Hay en S. Cabrera una fijación lenta sobre lo concreto en que resuena el Vallejo más cargado de materia, y que lo lleva a demorarse en el laberinto que tienden esos objetos a los que se adhiere la vida común. [391]

Neste mesmo trecho, o uruguaio busca cotejamentos com a poesia do chileno Pablo Neruda. E encontra no desapego e distanciamento de Cabrera motivos para que seus versos se apresentem sob certa "leveza". Este comentário de Rama não poderia passar despercebido pois, a nosso ver, traz uma carga mais inclinada para uma questão pessoal do que propriamente de observação literária, já que as relações poéticas e pessoais entre Rama e Pablo Neruda não se mantiveram dentro de condições amistosas. Ponto no qual nos deteremos ao abordar a questão "Rama, um polemista".

4. 10 Ensaio

Juntamente com os escritores que integravam as novas gerações, os escritores nacionais que se constituíam em cânones ganharam do crítico a mesma atenção e espaço. Frente ao seu projeto intelectual de dar ênfase à questão latino-americanista, e, por conseguinte, analisar suas expressões artísticas, como as literaturas, Rama levou para as páginas de *Literarias* obras ensaísticas. Entre os autores deste gênero tão prezado por ele, estava Mario Benedetti. "El escritor y su país" (16 dez. 1960), referência ao recém lançado livro de ensaios, *El país de la cola de paja*, empresta título ao texto que ocupa uma página inteira. Ilustrado com um pequeno retrato de Benedetti, de traços mais próximos à caricatura, o texto mostra já no parágrafo inicial ser Rama reconhecedor que o colega escritor é um interessado convicto por assuntos do país. Justificativa de o tema central do livro, a inconformidade com a situação do Uruguai naquele momento, que, sob o olhar de Benedetti, enfrentava, sobretudo, uma crise de ordem moral e ética.

Também de saída, Rama alerta que o autor, seu colega de ofício e de redação – Benedetti integrou a equipe de *Marcha* como editor nos anos da gestão de Rodríguez Monegal –, estava ali no papel de escritor e não de especialista. Portanto, não lhe caberia o papel de crítico, postura que Benedetti assume e declara nas primeiras páginas do livro. Tal condição já antecipa o que é a obra: um conjunto de registros das impressões e reflexões do cidadão Benedetti frente ao complexo momento político-social por que passava o Uruguai.

---

[391] Idem. p. 23.

A primeira reação de Rama para com o Benedetti é de consentimento – e de aplauso –, já que o livro, na visão do crítico de *Literarias*, consolidou-se em um ato de coragem: “Una jugada muy criolla de las que en el estadio arrancaría una ovación”. Rama se entusiasma ao prosseguir:

> Hacer que esos lugares comunes salgan de la impunidad o del desafuero verbal, de algunas páginas editoriales, asuman un copyright y se ofrezcan a sus creyentes con el traje de vestir que prestan linotipia, plana y encuadernación, me parece un bueno ejemplo de coraje y picardía.[392]

A partir desse momento, até o final do texto, há, da parte do crítico, uma tomada de posição, e por isso expressa suas reflexões a partir de um olhar em que mantém toda a atenção “aos contatos sociais e humanos que a literatura estabelece”, como acentuou Jorge Ruffinelli.[393] Há, portanto, o pronunciamento do intelectual, que neste momento ganha relevo. Intelectual que alinha sua voz às denúncias dos desajustes de uma sociedade impregnada; doente de uma enfermidade baseada na corrupção, nas diferenças de classes e em uma linha política viciada, como se encontrava a sociedade uruguaia naquele período, conforme observa Benedetti.

Para tanto, Rama busca o viés da crítica não impressionista. Pois é como crítica impressionista que classifica o livro de Benedetti, ao afirmar que a obra “acumula anécdota e impresiones pero no las estructura”. Embora tenha momentos de defesa declarada à obra, ao avaliá-la como “fervoroso [e] escrito con íntimo dolor y rebeldía, con un afán sano, con ingenuidad y superficialidad”, o crítico uruguaio, da mesma forma, ataca o trabalho de Benedetti. O ataque de Rama é munido de argumentos que insistem em confirmar ser equivocado o caminho escolhido por Benedetti para justificar a crise uruguaia. Crise resultante do comportamento doentio do uruguaio, que se comporta com covardia, pois se vê vitimado pela síndrome de “*cola de paja*” / ‘rabo de palha’, alusão à expressão popular que reproduz a ideia de peso na consciência ou arrependimento por causa da omissão frente a determinadas situações emergentes. Reproduzimos a argumentação do crítico nos seguintes trechos:

---

[392] RAMA, Ángel. *Marcha*, n. 1039, 16 diciembre de 1960, p.21.
[393] RUFFINELLI, Jorge. “La carrera del crítico de fondo”. **Texto Crítico**. Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana. Agosto, 1985, n°s. 31-32, p. 5. Disponível em: < http://cdigital.uv.mx/handle/ >. Acesso em: 2 nov. 2010.

> Se queda en la cascarocrítica, no parece entender cuál es el fenómeno jurídico de la democracía, y sobre todo, desatiende la realidad social y económica de nuestro país, para centrarse en una visión de indivíduos y de temas morales, que no son sino consecuencias del agotamiento de una estructura del país.[394]
>
> […]Es decir, deriva por lo pintoresco y lo indignantes, apunta a los granos y a los llagos del rostro; no diagnostica la enfermedad de la cual son manifestación.[395]

Nesses trechos fica evidente a construção de um movimento de imbricamento da obra literária e de suas conexões com a sociedade, o que resulta em um exercício crítico centrado no papel do escritor como um intelectual de seu tempo. Escritor que, nas palavras de Said, é também um intelectual público e, como tal, “es un individuo dotado de la facultad de representar, encarnar y articular un mensaje, una visión, una actitud, filosofía u opinión para y en favor de un público”.[396]

Outra de nossas percepções está no questionamento de Rama junto ao escritor-crítico, como o é Benedetti nesse momento, insuflado por ventos emergentes da Revolução cubana. Na visão de Rama, expressa em outro texto deste corpus, tratava-se de um fato histórico, político e social: “sería miopia ignorar la repercusión de tales hechos en el mundo del espíritu [...] que ha puesto en América toda un ascua renovadora”.[397] A mesma constatação sobre a aderência à Revolução cubana Rama nos dá neste texto sobre o livro de Benedetti:

> Por un lado está aquí afirmada con decisión la revolución cubana y toda la lucha americana contra las dictaduras y la explotación: está denunciada la política de sujeción al capitalismo internacional; está desacreditada la política de prescindencia y de impasibilidad ante los problemas del país.[398]

É a partir desse “encantamento” com a Revolução cubana que Benedetti afirma ter ajustado suas lentes, e melhor se posicionado na identificação dos problemas de seu país para escrever a obra. Dados que Benedetti já deixa no prólogo de seu livro, *El país con la cola de paja*, o primeiro do autor neste gênero até aquele ano. Pois Benedetti já se havia

---

[394] RAMA, Ángel. *Marcha*, n.1039, 16 dic. de 1960, p. 23.
[395] Idem. p.23.
[396] SAID, Edward. **Representaciones del intelectual**. Madrid: Paidós, 2002, p.30
[397] RAMA, Ángel. “La construcción de una literatura”, *Marcha* n.1040. 26 dec. de 1960, pp.24-26.
[398] RAMA, Ángel. *Marcha* , n.1039, 16 dic. de 1960, p.23.

configurado como autor popular, consequência, entre outras, do êxito de *Poemas de la oficina* (poesia, 1956) e *Montevideanos* (contos, 1959), isso sem contar *Marcel Proust y otros ensayos* (ensaios, 1951).

Por se tratar de um tempo em que o clima político impactou diretamente sobre as letras, ideologizando o campo literário, como nos aponta Saúl Sosnowski,[399] Rama também se posiciona claramente e nos apresenta uma reflexão bem inclinada para as questões de ordem sociológica. Isso justifica suas intervenções, quase panfletárias, sobre o desempenho de Benedetti, como as que aparecem neste segmento:

> El ataque del libro va dirigido contra esa clase media que ha entrado en una parálisis creadora, luego del esplendor de los treinta largos primeros años del siglo, carece de concepciones nuevas y enérgicas para enfrentar la hora, ve en el Estado un mal padre, responsable de sus males y ansía quienes imponga un orden, administrativo, decente e higienizado, aun a coste de derechos y libertades.[400]

No entanto, as contundentes reivindicações de Rama, na função de intelectual comprometido, militante e envolvido, não param por aí, passam pelas esferas da política pública uruguaia junto à cultura e educação, e seguem pelas diferenças políticas de esquerda e de direita que antagonizaram crises políticas no Uruguai.

Declarada sua discordância frente à tese de *El país con la cola de paja*, o crítico não deixa de reconhecer algo de comprometido na atitude de denúncia de Benedetti, assim retomada por Rama neste trecho:

> Aquí se nos muestran las mejores condiciones del hombre y el escritor, cuyo libro consideramos su pasión central y viva, la que provee el tono ácido de sus relatos y el esguince irónico de sus humoradas, esa ascua escondida bajo cenizas que calienta su "cosmovisión" y que permite que este libro dé testimonio puntual, veraz, de Mario Benedetti, si no lo da enero del país.[401]

Vale assinalar que a via escolhida por Rama, para as reflexões sobre a obra de Benedetti, nos leva a pensar que o crítico uruguaio abstraiu de qualquer referência ou

---

[399] PIZARRO, Ana. (org.) **América Latina Palavra, Literatura e Cultura**. V. 3. Vanguarda e Modernidade. São Paulo: Memorial da América Latina. Editora da Unicamp. SOSNOWSKI, Saúl. "La 'nueva' novela hispanoamericana". p.395.

[400] RAMA, Ángel. *Marcha* n.1039, 16 dic. de 1960, p.23.

[401] Idem.

episódio no campo pessoal registrado entre ambos. Com isso, entendemos que não foram motivos de um passado comum na redação do semanário *Marcha*, e posteriormente nos episódios referentes às questões cubanas, como foram os desdobramentos do caso Padilla, que levaram Rama à escolha de tal caminho.

Nunca se fez alarido, tampouco omissão a respeito das diferenças entre Rama e Benedetti. Tais diferenças foram relembradas muitas décadas depois, quando tivemos oportunidade de perguntar a Mario Benedetti como havia sido sua relação com o crítico. O escritor prontamente nos respondeu:

> Con Ángel tenía una buena relación, que no siempre coincidían pero que las diferencias se trataban en un tono amistoso. Su actuación como periodista en Marcha abarcó sobre todo la crítica literaria y el análisis político. La crítica literaria en los periódicos es importante siempre que se realice con honestidad y buena información. Como lector de Rama dice que uno se encuentra con un crítico sagaz y agudo.[402]

Acrescentamos que Benedetti já havia se pronunciado, de modo carinhoso e elegante, quando assinara um dos textos em homenagem póstuma ao crítico recentemente falecido. “Hace más de 40 años que conozco y leo a Ángel Rama (...) ya que Ángel y yo nunca pertenecimos al mismo grupo literario; por el contrario, más de una vez estuvimos en arduas polémicas”.[403]

4.11 O olhar para os escritores estrangeiros. Tradição e modernidade

Um dos temas que ocupava as prioridades do crítico Ángel Rama neste período era a literatura estrangeira. Frente ao projeto cultural de formação do público leitor constava entre suas perenes preocupações a de que os leitores uruguaios pudessem ter acesso à literatura do mundo, deixando “cada vez mais estreita interligação da civilização contemporânea com o seu pequeno país”,[404] como menciona em “La construcción de la literatura”.

Portanto, não lhe faltavam razões para distribuir em suas colunas semanais obras e autores estrangeiros, e neste tópico se encaixam os clássicos, os contemporâneos e aqueles

---

[402] Mario Benedetti em entrevista concedida por email à autora no mês de maio de 2008 na cidade de Montevidéu.
[403] BENEDETTI, Mario. “Ángel Rama y la arriesgada navegación”. *El Pais*, 12 dec. de 1983, p.11.
[404] RAMA, Ángel. “La construcción de la literatura”, *Marcha*, n.1041, 30 dic. de 1960, p.24-26.

que estavam estreando na literatura. Nesse sentido, o uruguaio nunca deixou de ser um crítico voltado para o universal. “Nosotros tenemos que conocer a Quetzalcóatl y a Descartes. Los europeos creen que con Descartes es suficiente”[405] , palavras de Carlos Fuentes sempre repetidas e endossadas por Rama. [406]

Para contemplar este tema, nós nos centramos em dois aspectos. O primeiro, dos autores estrangeiros clássicos, aqueles em que Rama teve calcadas suas referências ficcionais ou teóricas. Neste caso recorremos a “Albert Camus: del absurdo al humanismo”, (15 nov. 1960), um dos autores centrais para se compreender a formação literária de Rama e que abre a série de textos deste corpus a partir de um fato cronológico, a morte de Camus. O segundo aspecto levou em conta a novidade. Ou seja, de que forma o crítico tratou do fato novo entre os escritores estrangeiros. Para tanto, optamos pelo texto sobre o ganhador do prêmio Nobel de literatura daquele ano, “Saint-John Perse: celebrante del mundo” (4 nov.1960).

Apoiado por um princípio eliotano da tradição, Rama levou a seus leitores das sextas-feiras autores clássicos, de importância fundadora para sua própria formação crítica. Sempre esteve em sua índole, de crítico determinado a colaborar com a formação de seu leitor, o desejo de tratar de grandes escritores como Camus, e este artigo veio a público no momento do falecimento do escritor francês. Por isso, é possível perceber nas palavras primeiras do texto o tom veemente e tocado pela emoção do crítico:

> Detrás de todo, más que un sistema filosófico o incluso una literatura, una ansia febril, una rebeldía, una sed: de vida, de entendimiento, de justicia y de belleza. Y, por qué no, una complacencia, muy pronto combatida como quien se flagela así mismo: la búsqueda – tenaz, confusa, contradictoria de un nuevo humanismo.[407]

A ligação de Rama com o escritor francês era intensa desde a mocidade. Em outra oportunidade, quando Camus esteve em visita ao Uruguai, o crítico, então com 23 anos de idade, escreveu, em seu artigo de outubro de 1949, “Yo hubiera querido escribir *La guerra*

---

[405] Apud RUFFINELLI, Jorge, “La carrera del crítico de fondo”. *Texto Crítico***,** p. 7.
[406] Cf. Jorge Rufinelli
[407] RAMA, Ángel. *Marcha***,** n. 993, 15 enero de 1960, p. 21.

y la paz”,[408] ao comentar que a literatura não deve refletir o mundo, como é, senão como deve ser.[409]

Neste intervalo de onze anos, Rama voltou a se dedicar a Camus em novo artigo.[410] E o escritor aparecerá em muitos outros de seus textos, uma vez que havia em Rama uma forma de entender a literatura como uma “profunda aventura humana”, “em uma linha que reconhecia a assumida influência de Albert Camus”, como assinala Pablo Rocca.[411]

Para falar da obra de Camus, Rama lança mão de uma de suas marcas mais personalizadas: tratar do todo do escritor. Em outras palavras, Rama, para escrever um artigo semanal sobre determinado escritor, lia (ou relia) previamente toda a obra do autor em questão. De maneira inovadora para a época, pelo menos no que diz respeito à crítica uruguaia, em particular àquela veiculada pela imprensa, esse recurso trouxe à sua crítica um valor inconfundível. Portanto, é desta forma, tecendo relações de comparação e diálogo entre as obras de Camus, que o crítico vai mostrando a seu leitor quem foi e como escreveu o francês, autor de, entre outros, *El exílio y el reino*, livro em que recupera o momento único de sua infância na África. A esse livro Rama dedica as palavras que encerram o texto: “Su mejor acento volvió a recobrarlo y parcialmente en los cuentos sobretodo en ‘Confusión de espíritu’”. Também na finalização do artigo, o crítico afirma ser Camus um escritor mediterrâneo, “mais intensamente que um Moravia, que um Kazantzakis”. E justamente a Nikos Kazantzakis o crítico dedicará duas colunas no mês de outubro desse ano.

Porém, como nos aponta o título, “Albert Camus: del absurdo al humanismo”, esta capacidade do humano será a linha mestra das reflexões do crítico, a partir da noção de mundo absurdo de Pascal, referenciada no título. Enveredar a discussão para o caminho da filosofia é uma das possibilidades que Rama oferece ao leitor quando aborda temas como a crítica moral, o humanismo laico do qual Camus se autodefendia como reação a ataques de cristãos e comunistas. Jean Paul Sartre, outro dos filósofos a quem Rama devota muitos de seus questionamentos, também perpassa as discussões desse texto sobre Camus. Nesse

---

[408] ROCCA, Pablo. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano**, Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental p. 340 (Notas).

[409] A tradução é minha. A citação no original de Pablo Rocca consta em suas notas de **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano**. Aqui reproduzo o texto de Rocca: “En su temprano artículo sobre Albert Camus, a quién conoció en Montevideo en 1949, comenta que la literatura no debe reflejar el mundo como es, sino como debe ser”.

[410] Regreso a la fuente / Camus primero y último (sobre *El revés y el derecho* y *Discurso de Suecia*), *Marcha* XX (953) abril 3, 1959.

[411] ROCCA, Pablo. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano**. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2006, p. 340.

artigo se entrecruzam Sartre, Nietzsche, Dostoievski e o crítico André Rousseaux, quando Rama comenta o modo como personagens centrais dos romances de Camus tratam de temas afins ao humanismo.

Cabe destacar, ainda, que Rama faz uso da palavra "máscaras", em um trecho que reproduzimos: "Se debatió entre dos *máscaras* opuestas a lo humano: una hecha de azar, de horror de absurdo, dirá él; otra creadora, heroica, nacional".[412] (grifo nosso). Tal termo é recorrente em sua obra e nomeia outro de seus alentados ensaios publicados postumamente e organizado pela Fundación Ángel Rama em 1985, "Las máscaras democráticas del modernismo".[413] Chama a atenção a recorrência do termo, que insistimos, não aparece apenas neste recorte e seguramente deve ter suas raízes e fundamentação no teatro, outro dos campos de atuação de Rama. O teatro intensifica o sentido de máscara, que dá ao rosto uma imagem que não a real. Sob outro ponto de vista, a máscara, como metáfora de esconderijo da verdadeira face, empresta rosto a outras faces e faces a outros rostos, poderia ser entendida como um deslocamneto do sujeito crítico, permitindo a este sujeito que se abra ao que é novo. Sendo assim, Rama que está neste momento em fase de construção desse seu discurso crítico poderia ser comprendido a partir de um sujeito detentor de um discurso de um eu sem atributos, aberto a receber e compreender o novo.

Embora tenha sido a prosa, em particular o romance, o gênero ao qual Ángel Rama se debruçou com mais fervor – seja para suas críticas nas páginas do jornal, para suas reflexões teóricas, seja para sua criação ficcional, pois ao que se sabe o crítico uruguaio não dedicou sua pena aos versos –, esta crítica, "Saint-John Perse: celebrante del mundo", é integralmente dedicada à poesia do escritor nascido em Guadalupe. "Es un autor tan parvo que a los 71 años sólo puede contar seis títulos de escasas dimensiones", anunciava Rama em um texto de duas páginas.

O crítico, ao afirmar ser Saint-John Perse "una de las más fascinantes cumbres de la poesía – lírica, épica – de este siglo", reconhece-lhe o talento e consequentemente a premiação, tanto que em outro trecho observa:

---

[412] RAMA, Ángel. *Marcha*, número 993, p. 21, 1960.

[413] **Las máscaras democráticas del modernismo**, que tem dedicatória "aos jovens amigos rioplatenses, críticos e editores de literatura", trata de um dos temas extremamente caros a Ángel Rama, o modernismo, para o qual ele dedicou muitos de seus estudos literários. Frente a sua maneira personalíssima, o crítico uruguaio assinaria o que os editores apontam que o livro traz: "La lucha por la emancipación fue también la de sus escritores por crear un lenguaje própio y autonómico. Si al comienzo de nuestro siglo se afirma conceptualmente la democracia, es el modernismo el primer discurso original y pleno en lo literario". In: RAMA, Ángel. **Las máscaras democráticas del modernismo**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1985.

> Incluso la visible aproximación entre *Pour féter une enfance* (de **Eloges**) y las *Grands Odes* de Paul Claudel, y la reminiscencia mallarmeana de ese mismo poema, sólo sirven para acentuar la originalidad de este creador que viene a las letras francesas desde otro mundo (la isla Saint-Léger-les-Feuilles, la pequeña isla propiedad de su familia, en las Guadalupe) y se inserta en un proceso transformador de la poesía.[414]

Porém, não resistimos à ideia de entender também que Rama, neste momento, divulgava enfaticamente um autor caribenho; mesmo vivendo em Paris há tantos anos, Perse retrata em sua obra um Caribe distante, porém presente. O autor poderia ser acomodado na literatura hispano-americana do continente, que Rama já começava a vislumbrar e entender com outras extensões que não as geográficas.

Saint-John Perse naquele momento representou a consagração de um autor de raiz caribenha. E era para o Caribe que Rama já começara a dedicar seus estudos, quando inicia suas reflexões sobre uma literatura hispano-americana e que, portanto, não estava somente na América Latina, mas na região Andina e no Caribe.

No entanto, nem mesmo estas intenções tão positivas retiraram o tom de perplexidade que marcou a premiação, no entender do crítico; logo, não seria gratuita a afirmação de Rama no início do texto:

> Esta vez la Academía sueca premió un libro, más que un hombre; tan secreto y esencial como para provocar el desconcierto de los periodistas y la perplejidad de los lectores en el mundo todo. Y si trata, sin embargo de un libro que ha conquistado jerarquizada y unánime admiración en el más elevado círculo de la cultura occidental.[415]

Sublinhe-se que o poeta, que circulara nos anos 50 entre intelectuais, como foi o caso da escritora Susana Soca, a criadora da revista *Entregas de la Licorne*, havia despertado na crítica francesa bons comentários, como Rama repassa no texto ao citar críticos como Gäetan Picon, Valery Larbaud (amigo de Perse) e Alain Bosquet.

Mais uma vez, Rama, em prol de seu leitor, a quem deve ter sempre como interlocutor, na sua função de mediador, traz informações sobre o escritor antilhano:

---

[414] RAMA, Ángel. *Marcha*, n. 1033, 4 nov. de 1960, pp. 22-23.
[415] RAMA, Ángel. *Marcha*, n.1033, 4 nov. de 1960, pp. 22-23.

> He querido meter, en la menor cantidad de líneas posibles no una valoración sino una explicación general de esta obra singular porque su escasa difusión así parecía exigirlo. Es la de un hombre que ha escrito casi contra su tiempo y cuya rigurosa calidad es motivo de asombro y de deleite a poco que se entre en ella y se desbroce su tensa arquitectura. Su supervivencia parece más segura que la de otros poetas, que la de Quasímodo, por ejemplo, ya que hablamos de un Nobel. Y hay en él, altos relampagueos que nos parecen permanentes como el largo canto de amor de **Amers** que puede resistir la comparación con el **Cantar** salomónico, y del que damos un fragmento.[416]

Depois de repassar de forma esmiuçada toda a obra do escritor, como complemento e sobretudo uma ilustração, Rama traz em canto da página, sob um recortado quadro, a tradução de um dos trechos de *Amers.* A tradução conta com a assinatura da poetisa Ida Vitale, na época esposa de Rama, que figurava como colaboradora eventual das páginas de *Literarias*.

Quando nos referimos a uma forma de complemento ou de ilustração – o fato de Rama ter traduzido um dos poemas de Perse –, ressaltamos mais uma das tantas facetas de Ángel Rama, "este uruguaio renascentista", conforme o chamou o crítico Saúl Sosnowski: a de tradutor. Muito embora a tradução dos versos tenha ficado a cargo de Ida Vitale, ele, em sua posição de editor de uma seção de Literatura, viu aí uma solução jornalística para o tema. Dar a tradução de um poeta para outro igualmente é fator relevante em se tratando de um texto para jornal; em particular, pensando-se na qualidade da edição de um texto de literatura. Nesta decisão, a nosso ver, pesou o fato de Rama ser e atuar como tradutor.

Porém, não podemos esquecer que estamos frente a um crítico rigoroso, provocativo, ou, melhor dizendo, polêmico, traços coerentes com sua forma muito personal de entender a literatura. Frente a isso, não causaria surpresa o registro-observação que Rama deixa, já lançando mão de senso de valor, para que os leitores façam suas próprias reflexões: "Sí se merecía o no un Nobel, es discusión vana, más propia de juegos de salón que de valorizaciones estéticas. Si de algo sirve, confesemos que ese crítico no se lo hubiera concedido".[417]

[416] Idem. pp. 22-23.
[417] Idem. pp.23-24

4.12 Um intelectual atuante

Duas marcas deste multifacetado intelectual uruguaio, a militância e a polêmica, são os pontos a que iremos nos deter neste tópico. Entre os muitos Ramas, aqui nos centramos no intelectual militante, no crítico alinhado à tradição da esquerda, envolvido com o seu tempo e o seu país, com a questão da cultura e sobretudo com a Literatura. Muito deste aspecto se pôde apreender em "La enseñanza de la literatura" (18 mar.1960**)** e "¿Qué leen los uruguayos?" (9 dez.1960).

À militância, agregamos a outra marca de Ángel Rama na qual nos deteremos: ser um crítico polêmico. Para tanto, enfocaremos a contenda literária entre o crítico uruguaio e o poeta chileno, a qual se desenrolou em alguns episódios e foi contemplada em "Respuesta en llana prosa" (1° abr.1960).

Portanto, é sob a luz do pensamento de Edward Said que localizamos o crítico uruguaio no campo de ação do intelectual. Justamente por ser uma figura representativa, o intelectual necessita atender a uma condição imprescindível: expressar-se diante do público sob variadas formas. De acordo com Said: "Lo que defiendo es que los intelectuales son individuos con vocación para el arte de representar, ya sea hablando, escribiendo, enseñando o apareciendo en televisión".[418]

4.13 A formação de um público-leitor

A determinação em formar um público-leitor foi outro dos projetos centrais de Rama que ganhou intensidade neste ano de 1960, justamente por contar com dois fatores circunstanciais a seu favor: o espaço no jornal *Marcha* e o seu trabalho como editor de livros. Na direção das editoras, Rama acumulou experiências positivas em sua passagem pela cooperativa de escritores da revista *Asir*, na direção de duas coleções, a de *Clásicos uruguayos*, da Biblioteca Artigas, e *Letras de Hoy* da editora Alfa. Tal fato, entre outros aspectos, lhe proporcionou o conhecimento dos meandros do mercado.

Esse conjunto de atividades editoriais trouxe para o crítico uma visão inovadora a respeito de seu entendimento sobre a literatura como mercadoria simbólica, conforme destacou Mabel Moraña. Nesse início da década de 60, Rama começou a dar muito mais

---

[418] SAID, E. W. *Op. cit.*, p. 31.

atenção às questões de mercado. "En Rama, el tema de la circulación de la literatura como mercancía simbólica es de una importancia fundamental. Y él lo percibe como parte del trabajo humanístico y lo integra y ve políticas culturales y se da cuenta de la función del Estado y de los distintos tipos de intelectual que puede haber"[419], complementa Moraña.

A experiência editorial, o contato com o mercado e a atuação de docente aproximaram Rama de uma espécie de radiografia em alto relevo não só dos sistemas de distribuição e comercialização de livros, mas também da situação do ensino de literatura no país, especialmente do ensino secundário, segmento em que se instalara uma das raízes centrais da inadequação na formação do leitor, segundo assegura Rama no artigo.

O crítico uruguaio passava a ter contato e dados sobre o comportamento desse público, que se desenhava sob um perfil diferenciado em relação ao de gerações anteriores, como nos relata:

> Existía un público nuevo, fundamentalmente constituido por jóvenes que ambicionaban un cambio en la realidad nacional. Quería por lo tanto revisar el país, su historia, sus hombres, sus ideas; procuraba una modernización que en las disciplinas nuevas (sociología, economía, psicología, etc.) se abastecía; bajo el impulso de la revolución cubana se ponía a la búsqueda de la América Latina. Esa generación estaba presenciando (viviendo, padeciendo) la quiebra del "welfare state" que había sido el Uruguay en la larga época batllista: la crisis económica, las nuevas búsquedas políticas, el panorama internacional y en especial el latinoamericano, la incorporación del arte y la estética contemporánea, sobre todo norteamericana, el hondo e imaginativo deseo de hacer cosas, todo se combinaba para generar dentro de esa sociedad, numéricamente reducida, un ávido público lector. A su servicio nacieron las editoriales.[420]

A partir do conhecimento desta nova realidade, Rama foca suas pautas no semanário para que, nas palavras de Jean Franco, "o seu leitor consiga atingir sua cidadania responsável"; ou em outros termos, "uma base formadora, um espírito aguçado e um grau de informação elevado", como prefere chamar Franco[421]. Levar mais informação de qualidade para o leitor exige do crítico ação. O que de pronto se traduziu em textos.

---

[419] BORGES. Ana Inés. "Ángel Rama a 25 años de su muerte. Para pensarnos mejor". *Brecha*. Disponível em: < http://sopadesvan.blogspot.com/2008/12/angel-rama-25-aos-de-su-muerte.html >. Acesso em: 24 set. de 2011.

[420] RAMA, Ángel. "Una catástrofe editorial (El caso de Uruguay)", México: *Unomasuno* Nº 178, 4 de abril de 1981.

[421] FRANCO, Jean. "Historia de los Intelectuales en América Latina". In: **Los avatares de "la ciudad letrada" en el siglo XX**, IX Tendencias y debates. ALTAMIRANO, Carlos (director). Buenos Aires: Katz Editores, Vol. 2. 2010, p. 686.

Frente a esse objetivo maior, o de proporcionar ao leitor a formação de um pensamento crítico, entendemos que a atuação de Rama se direciona para dois eixos: o ensino e o mercado editorial. Sua preocupação com as duas pontas da questão evidencia-se nos dois textos aqui escolhidos.

Em “La enseñanza de la literatura”, Rama parte de um ponto problemático, a estruturação dos programas de ensino de literatura para a escola secundária, que naquela época reuniam muito pouco dos autores uruguaios. Tal fator, no entender do crítico, acarretaria desconhecimento e distanciamento do jovem leitor em formação, pois dificultaria o contato público-autor.

Profundo conhecedor da realidade uruguaia deste setor, mais uma vez Rama assume o lugar de publicista militante e aborda o tema lançando mão de argumentações que, a nosso ver, trazem aproximações com conceitos de Candido. Falamos especificamente de como neste texto do crítico uruguaio ecoam seus recentes conhecimentos sobre o trinômio *autor-obra-público*, utilizado no conceito cunhado por Antonio Candido, *sistema literário*. Estas inferências podem ser reconhecidas nos trechos que reproduzimos:

> […] El mayor problema de las letras uruguayas es mantener vivo, y ampliarlo el contacto escritor-público: que funcione *un sistema orgánico* que parte de la existencia de un consumidor real quien crea las condiciones para el trabajo de los escritores, editores, revistas, etc.

> […] Pero ese sistema no puede existir sin la existencia de una continuidad creadora, de una tradición con tema, enfoques, invenciones, que se van escalonando y engranando unos con otros. Puede haber escritores y hasta podrá haber lectores sin una tradición nacional, lo que no podrá haber es una literatura en lo que esta tiene de fenómeno cultural, representativo y, sobre todo, animador, de un pueblo en un trance histórico.

> […] Para crear un público atento a la obra de los escritores del país, para crear sobre todo ese *sistema orgánico* de la literatura que entendemos imprescindible para el verdadero desarrollo de nuestras letras, y más arriba, de nuestra cultura, nos parece que la literatura del pasado uruguayo resultaría una contribución de primer orden.

> […] Si es obligación de todo escritor actual trabajar en la difusión de los escritores actuales: no sólo proporcionandoles un publico primario, sino obligandolos a situación de dialogo con el país que les iluminará numerosos aspectos de su propia obra creadora y quizás los reoriente en muchos casos. Porque el buen funcionamiento del *sistema* permitiría que

> la literatura dejara de ser una actividad irreal que se mueve en el vacío como una pelea loca, para ser un diálogo con hombres reales que también tiene problemas reales. [grifos nossos]

A preocupação e o envolvimento de Rama com a causa levaram-no à ação. Tal comportamento se ajusta a um intelectual compromissado com seu tempo, e por isso mesmo não se comporta como um intelectual de gabinete. Isto se soma ao fato de que, na condição de homem de imprensa, Rama age. Retira-se da redação para atuar como repórter quando sai em busca de depoimentos, dados, pesquisas, levantamentos, quando parte no intuito de realizar uma reportagem analítica, movido pela indagação: "¿Qué leen los uruguayos?".[422]

De pronto, o crítico nos fornece alguns dados sobre quem são os protagonistas: crianças e jovens a partir de quinze anos eram os leitores médios do Uruguai. As informações vão se agregando e, após ouvir livreiros, editores, donos de livrarias e pequenos postos de venda de livros, Rama chega a algumas conclusões e assegura que sim, o país tem um público leitor. Público que, nas palavras de Rama, "[tiene] y una inclinación para la lectura quizás superior al de otros países americanos, pero visiblemente insuficiente habido cuenta de la población y del porcentaje de analfabetos".

Somados a estas citações, outros dados do texto ajudam a responder a indagação central, como podemos acompanhar nos seguintes trechos:

> Hay una muralla que una vez franqueada, ofrece una clientela mucho más extensa – 50.000 libros que se abastece de policiales y novelas rosas. Multiplicando esa cifra por cuatro nos daría 200.000 lectores para subproductos, es decir, apenas 10 por ciento de la población alfabeta del país.
>
> Se si comparan los tirajes de diarios se comprobará que los lectores potenciales en el Uruguay han sido absorbidos por la prensa. El uruguayo es uno de los mayores consumidores de diarios del mundo entero. Por lo tanto es un escaso consumidor de libros. Mucho de la instabilidad cultural del país se explica por este desvío para el libro.

A reportagem, em tom de denúncia, dava transparência a uma grande inquietação por parte de Rama, que de certa forma não compreendia o comportamento do leitor médio uruguaio. Aquele momento, segundo o texto de Rama e o seu levantamento de dados, mantinha os livros sobre *Sissi a imperatriz* na liderança das vendas, chegando naquele ano

---

[422] RAMA, Ángel. "Qué leen los uruguayos?", *Marcha*, número 1038, 9 de dezembro de 1969, pp. 22-23.

ao recorde 50 mil exemplares. Em seguida vinham as obras de Corin Tellado, cuja tiragem se aproximava dos 30 mil. Enquanto isso, os livros de Juan Carlos Onetti e de Mario Benedetti, que apareciam entre os autores uruguaios vivos mais vendidos, ficavam muito longe de tais marcas. No entanto, a liderança absoluta cabia a *Corazón*, D'Amicis, que havia superado *Lolita*, *Benhur* (12 mil) com os seus 50 mil exemplares saídos das prateleiras para os olhos e a leitura dos uruguaios mais velhos, "uma vez que aos adultos era custoso sair de casa e se dirigir a uma livraria", justificava o texto.

4.14. Polêmica

É também sob o signo da polêmica que Ángel Rama promoveu nas páginas semanais de *Literarias* os escritores estrangeiros. Nunca foi segredo para o mundo intelectual que o crítico uruguaio se fascinava com seu jeito polêmico de ser. O reconhecimento deste que pode ser entendido não apenas como um traço do comportamento do crítico uruguaio, mas como uma atitude de preservação do exercício democrático, na medida em que a polêmica é vista como "um instrumento ideal para aferir o vigor de uma cultura", como entende Ana Pizarro,[423] nos levou a registrar neste conjunto de textos publicados em *Marcha* duas dessas passagens que se envolveram o crítico uruguaio e o poeta Pablo Neruda.

Porém, para nos situarmos na gênese da questão – Rama, um crítico polêmico –, guiados pelos estudos de Pablo Rocca, voltemos para as páginas de *Marcha* do ano de 1947[424] e lá encontraremos os primórdios de uma polêmica que se transformou em longeva pugna entre Rodríguez Monegal e Ángel Rama. "En esas líneas se encuentra la prehistoria de una disputa que no tendrá fín",[425] refere-se Rocca ao comentário de Monegal sobre o texto de autoria de Rama a respeito de Martín Fierro, publicado na revista *Clinamen*.[426] Ao fazer comentários sobre Martín Fierro, envolve a Borges, e Rama recebe de Monegal palavras nada animadoras:

---

[423] BORGES. Ana Inés. "Ángel Rama a 25 años de su muerte. Para pensarnos mejor". *Brecha*. Disponível em: < http://sopadesvan.blogspot.com/2008/12/angel-rama-25-aos-de-su-muerte.html> . Acesso em: 24 set. 2011.

[424] *Clinamen*, nº 2, p. 33, mayo-junio 1947.

[425] ROCCA, Pablo. **35 años en Marcha**. **Crítica y Literatura en *Marcha* y en Uruguay (1939-1974),** Montevideo: División Cultura de La IMM, 1992, p. 58.

[426] *Clinamen*, año I, mayo-junio 1947, n. 2, p.33, apud ROCCA, Pablo. **35 años en Marcha**. **Crítica y Literatura en *Marcha* y en Uruguay (1939-1974),** Montevideo: División Cultura de La IMM, 1992, p. 58.

> Examen valioso, aunque demasiado esquemático, por las proporciones del tema (o de los temas). (...) Sería de desear que Rama ampliase su estudio.[427]

Desde essa data até o ano de 1960, quando Rodríguez Monegal deixou definitivamente o semanário, foram muitas as polêmicas entre os dois, o que se resolvia – ou não – em várias edições do jornal, com direito a réplicas e tréplicas. Isso de certo modo trouxe ondas "de vigor" ao jornal, como nos assinala Pilar Roca:

> Esta iniciativa de incluir artigos polémicos sobre política y literatura, con derecho a réplica y contrarréplica, creó numerosas oportunidades para que los intelectuales, que en aquella época se encontraban en plena búsqueda de propuestas sobre la identidad de lo hispanoamericano, pudieran exponer y discutir nuevas teorías con las que pudieran definir el concepto de literatura en una nueva realidad social que se creía común en el continente hispánico, además de encontrar parámetros que dirigiesen la función del escritor en América Latina.[428]

Quando Rama se encarregou da direção das páginas literárias de *Marcha*, assumiu igualmente o papel de crítico "titular" do jornal, e isto significava então que, querendo ou não, os escritores deveriam enfrentá-lo. Frente à condescendência de uns, como o professor Rafael Gutierrez Giradot, que declarou: "Él sabía escuchar y sabía responder, sabía argüir y sabía dar razón, pero dominaba igualmente el arte de la justa polémica"[429], ou a intolerância de outros, como Vargas Llosa, que manteve com Rama outra acalorada polêmica, a passagem de Ángel Rama por *Marcha* não passou incólume nesse quesito.

Nesse mesmo ano, a contenda recaiu em Pablo Neruda e o embate não foi diferente nem mais ameno por se tratar de um poeta conhecido e respeitado. O crítico uruguaio lançou seus comentários ácidos para o chileno, que visitava Montevidéu a fim de mostrar ao povo uruguaio, de viva voz, seus últimos versos reunidos em *Navegaciones y regresos*, quarto volume de *Odas elementales.*

É no artigo "Respuesta en llana prosa" (1° abr. 1960) que podemos acompanhar as primeiras etapas desse entrevero:

---

[427] Pablo. **35 años en Marcha**. **Crítica y Literatura en *Marcha* y en Uruguay (1939-1974),** Montevideo: División Cultura de La IMM, 1992, p .58

[428] ESCALANTE, Pilar Roca. "El debate sobre literatura entre Ángel Rama y Mario Vargas Llosa en el periódico *Marcha*". Universidade Federal da Paraíba.

[429] GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. "Ángel Rama, nobleza y pasión", **Texto Crítico**, edición especial sobre Ángel Rama, enero-agosto 1985, n°s. 31-32. Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana. p. 98-99.

> [...] Hablo de su desenfrenada egolatría y de su demagogia barata. Neruda no poetiza el mundo, ni las cosas, como pretende y dice, sino que dictamina [...], apostrofa [...], es siempre ‘yo, yo, yo’ el que habla sin saber del ‘otro’ más que el reflejo admirativo que de él espera. [...] Y es desagradable también la demagogia populista de que abusa Neruda con facilidad que puede ser frivolidad [...]. No puede afirmar porque es literalmente falso: ‘mi poesía se hizo paso a paso/ trotando por el mundo/ devorando caminos pedregosos,/ comiendo con/ los miserables/ en el mesón glacial de la pobreza’. Pero no es menos falso el tono con que asume la pobreza, con que se finge uno más de los desheredados [...] tono que él mismo rompe para proclamar: ‘Sólo yo puedo sentarme/ tan elevadamente puro/ en este trono de la muerte [...]’. Viene a nosotros el recuerdo de otro tono para hablar de pobreza y de injusticia, otro tono que nos sigue sonando a verdad: el de César Vallejo, que no mentía [...] [este libro es] la triste comprobación de que el compromiso actual de Neruda no es con la poesía y la verdad sino con su biografía.[430]

Frente à tamanha sinceridade, Neruda reagiu, promovendo um recital em um dos teatros mais populares do centro de Montevidéu – o do Palácio Salvo – e com a ajuda de uma atriz que “declamava” o texto de Rama publicado em *Marcha*. O poeta chileno revidou com uma leitura carregada de dramaticidade em tom quase sonolento, segundo relatou Rama, a partir do depoimento dos amigos críticos, Ruben Cotelo, Gonzalo de Freitas e Omar Prego, presentes na plateia.

O resultado não foi outro que um texto impregnado de respostas afiadas no melhor estilo raminiano, pontuado de transparente acidez, por parte do crítico uruguaio:

> […] en qué consistió ese acto que entiendo indigno de su talento. En mi tierra, para una payada se meten dos payadores; en todas las tierras para un diálogo se meten dos hombres, y por demagógico que me pareciera el debate, por lo desproporcionado en la situación de las fuerzas, ocurre que por estos pagos hay valor y no hubiera rehusado una invitación a sostener oralmente lo que afirmé por escrito y que Ud. mutiló a su antojo. Neruda: usted es un grato poeta, su lugar en la poesía española de la primera mitad del siglo XX es de los más seguros [...]. Que usted haya reaccionado en la forma que lo hizo es para preocupar a todos los que estimamos su obra, porque pareciera que quiso certificar las palabras con que cerraba mi nota [...].[431]

A magnitude do incômodo deixado por tal episódio deve ter atingido grau elevado: muitos anos depois, precisamente em sua última entrevista, concedida em Lima a Jesús-

[430] RAMA, Ángel. “Pablo Neruda: Navegaciones y regresos”, *Marcha*, Montevideo, nº 1.001, 18 de marzo de 1960, recogido en **Neruda en Uruguay: pasaje y polémica**, de Pablo Rocca, Cervantes Virtual.
[431] RAMA, Ángel. “Respuesta en llana prosa”, *Marcha*, 1960, p. 23.

Díaz Caballero, no mês de julho de 1983, Ángel Rama parece não ter voltado atrás e sim ratificado um dos motivos que o levaram a agir daquela forma polêmica. "De Neruda sigo pensando que su poesía hay que antologizarla drásticamente. Escribió demasiado, fue un río, como decía Juan Ramón Jímenez, con mucho barro y unas cuantas pepitas de oro".[432]

Mais longe foi o crítico com relação a sua indisposição frente ao poeta chileno, quando remontou ao episódio para ilustrar suas tormentosas pugnas registradas nos anos de *Marcha*.

> Y entre las numerosas polémicas, más o menos ácidas, las sostenidas con los escritores comunistas, pues el 'realismo socialista' soviético ha sido siempre mi *bête y* la muy pintoresca con Pablo Neruda. Nunca he sido nerudiano pues siempre fui vallejiano, sin que esto me impida reconocer la magnificencia poética del chileno. Cuando apareció su libro *Navegaciones y regresos* un típico libro de recortes y de cumplidos en el estilo de la década rosada ('querido hermano Pablo') que siempre he detestado por su insufrible rectórica, me indigné y escribí quince centímetros de columna diciendo que no estaba a su altura y que un poeta de su calidad debería recordar del rigor de Vallejo y su esencial servicio de la poesía. [433]

Tais episódios se limitaram ao campo da crítica, pois Rama e Neruda se reconciliaram anos depois, graças a um evento não menos conturbado, "insólito", como diria Rama. Trata-se da carta dos cem intelectuais atacando o poeta, diante da qual Rama concedeu a Neruda direito de resposta nas páginas de *Marcha.* Afora esta, há outra versão tida como responsável pelo reatamento dos dois, de autoria de Pablo Rocca, em que cita Tiago de Mello como o agente que assegurou a ambos as boas relações.

Apenas para citarmos mais uma, dentre outras figuras do mundo das Letras, que se colocou em embate com Rama, está o escritor peruano Vargas Llosa, autor de *A história de um deicidio,* tese de doutorado sobre *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Márquez, que teve do crítico uruguaio a reprovação de seu trabalho. O embate que se estendeu de maio a setembro de 1972, teve lugar nas páginas do semanário *Marcha*, deu direito a réplicas e contrarréplicas.

Ao recusar os argumentos externados por Llosa frente à obra de García Márquez, Rama rebateu afirmando que "contrariando la idea del arte como trabajo humano y social,

---

[432] "Ángel Rama y la crítica de la transculturación (Esta foi a última entrevista concedida por Rama ao jornalista Jesús-Díaz Caballero, na cidade de Lima, Peru). In: **Ángel Rama y los estudios latinoamericanos**. Moraña, Mabel. Ed. Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, p. 339.
[433] RAMA, Ángel. "Respuesta en llana prosa", *Marcha*, 1960, p. 23.

que aporta el marxismo, Vargas Llosa reedifica la tesis, ideliasta del origen irracional – sino divina, al menos demoníaco – de la obra literária" [434]

Paradoxos à parte, é de autoria de Ángel Rama a alentada introdução ao romance *La guerra del fín del mundo* (1983), de Llosa, em que o crítico se reporta ao episódio. Da mesma forma, deixemos de lado as conturbações literárias e retomemos o prólogo de *La ciudad letrada*[435], que pode ser lido como um belo texto-homenagem a Ángel Rama, do qual reproduzimos um trecho. Pois foi justamente com Vargas Llosa uma das significativas batalhas verbais registradas nas páginas do jornal *Marcha*, que se tornaram conhecidas mundialmente.

> Los Congresos de Literatura serán más aburridos ahora que Ángel Rama no puede asistir a ellos. Verlo polemizar era un espectáculo de alto nivel, el despliegue de una inteligencia que, enfrentándose a otras, alcanzaba su máximo lucimiento y placer. Me tocó discutir con él algunas veces, y, cada vez, aun en lo más enérgico de los intercambios, aun mientras nos dabava golpes bajos y poníamos zancadillas, admiré su brillantez y su elocuencia, esa fragua de ideas en que se convertía en los debates, su pasión por los libros, y siempre que leí sus artículos sentí un respeto intelectual que prevalecía sobre cualquier discrepancia. Tal vez por eso, ni en los momentos en que nuestras convicciones se alejaron más, dejamos de ser amigos. Me alegro haberle dicho, la última vez que le escribí, que su ensayo sobre *Una guerra del fín del mundo* era la que más me había impresionado entre todas las críticas a mi obra.[436]

4. 15 Alguns apontamentos

Ao repassarmos por este recorte de textos jornalísticos de Ángel Rama em *Marcha* durante o ano de 1960, fica a evidência de seu protagonismo na tarefa de crítico, ou seja, a de mediador entre o autor e o público, perpassando pela obra literária. Mediar é acima de tudo um ato de escolha. E Rama sempre o fez tendo em vista seu projeto transformador junto ao público-leitor. Diante de sua perspectiva de futuro, ao entender que a América

---

[434] RAMA, Ángel. apud PERILLI, Carmen. "Un combate para armar. Mario Vargas Llosa y Ángel Rama". Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudos Latinoamericanos de la Universid del Tucumã, Argentina. Telar. N.5. Año IV, 2007. p. 69.

[435] O professor uruguaio Hugo Achugar assina o prólogo da edição de **La ciudad letrada**, publicada em 1998, pela editora Arca.

[436] Prólogo de Mario Vargas Llosa a **La ciudad letrada**, Hanover, New Hampshire: Ediciones del Norte, 1984; págs. III/VIII.

Latina esperava por um projeto intelectual vanguardista em que a Literatura ganhava o centro, o uruguaio já se mostrava identificado com o protagonsimo de um crítico de Literatura frente aos meios de comunicação.

Sendo assim, fica patente sua atuação no exercício moderno da crítica mediante a Literatura. E modernidade aqui entendemos como "un compromiso lúcido, del pensamiento y de la sensibilidad con la actualidad en la que se está inmerso, que supone además la decisión de modificarla", segundo aponta Carmen Perilli. [437]

Portanto, ao escolher aquilo que seu leitor deveria conhecer e se aproximar dentro do universo literário, Rama se preocupou, de forma idêntica ao seu colega brasileiro Antonio Candido, na difusão de obras de autores nacionais e estrangeiros, proporcionando ao leitor informação e atualidade, em um movimento entre o local e o universal. Da mesma forma, a preocupação de diálogo entre a tradição e a novidade fez com que o crítico de *Literarias* se ocupasse de autores clássicos, assim como daqueles estreantes. Movimentações estas que ressaltam a importância da crítica literária, no sentido que este gênero de escritura mantém em seu papel relevante na dinâmica interna de qualquer cultura, na medida em que permite a articulação do diálogo entre as propriedades das obras e as exigências literárias de um determinado período. E é justamente este aspecto de historicidade da crítica que a torna um instrumento vivo; um elemento fundamental na compreensão de tensões que atuam "num tempo político, num lugar social e numa tradição cultural". [438]

Tais ações nos confirmam a atuação de um crítico centrado em uma visão cultural vanguardista, que ao entender ser a Literatura como "un corpus orgánico, en que se expresa una cultura, una nación, el pueblo de un continente"[439], nas palavras do próprio Rama, pode ser compreendida a partir de dicusssões e reflexões que se desloquem de seus lugares consagrados, como as universidades, e se aportem às páginas de um periódico, ganhando com isso espaços mais informais de discussão. O que reitera a disposição de Rama, um intelectual de seu tempo, no tocante à circulação de ideias e de conhecimento mediante formas mais democráticas.

---

[437] PERILLI, Carmen. "Un combate para armar. Mario Vargas Llosa y Ángel Rama".
Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudos Latinoamericanos de la Universid del Tucumã, Argentina. Telar. N.5. Año IV, 2007. p. 170.

[438] Cf. verbete de E-dicionários de termos literários Carlos Ceia.Disponível em: http://www.edtl.com.pt. Acesso em: 21 set. 2011.

[439] RAMA, Ángel. **La novela en América Latina -** Panoramas 1920-1980. Santiago do Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008, p.24.

O deslocamento da crítica literária para o jornal, imprimiu em particular, ao semanário *Marcha,* assim como em boa parte das capitais latino-americanas, um grau de vitalidade ao jornalismo cultural. Em um movimento registrado a partir do final do século XIX, quando a imprensa ao se aproximar com as vanguardas artísticas e de suas articulações com o Modernismo, permitiu a muitos intelectuais, em particular escritores, um espaço a mais para atuarem como críticos de literatura, cronistas, editores, articulistas e repórteres.

Visilmente de tom mais ensaístico, o crítico uruguaio trazia para as páginas do semanário inquietações teóricas no mínimo inovadoras para sua época. Fator que imprimiu à sua visão de crítico olhares panorâmicos. Razão que justificara sua forma pecualiar de avançar e recuar sobre pontos teóricos, inflexões valorativas ou de julgamento, além das questões de ordem sociológicas. Assim, com este recorte, pode-se atentar para um dos princípios que moviam o atuar de Ángel Rama no campo da cultura, o de ser sobretudo um crítico de Literatura, atento a um de seus pensamentos centrais: “Ocurre que si la crítica no construye las obras, sí construye la literatura”.[440]

[440] Idem, p.16.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que e para quê dedicar-se à crítica literária nas páginas de um periódico? Por que a escolha por um jornalismo crítico? Por que não permanecer junto ao universo dos livros, dedicando-se aos estudos acadêmicos e à produção teórica? Estas foram questões-chave que nos impulsionaram a mergulhar na obra jornalística dos críticos Antonio Candido e Ángel Rama em busca de possíveis respostas.

Passado o tempo de análise, de observação, de pesquisa e de reflexão, uma das respostas nos aponta que os dois intelectuais tiveram na atividade crítica junto à imprensa um fator determinante para a formação de cada um. Na medida em que o exercício semanal de uma produção textual a respeito dos estudos literários passou a subsidiá-los na formação de um discurso crítico, contribuindo da mesma forma para a consolidação de um método crítico muito particular de cada um.

Sob o eixo permeado pelo contraponto, afinal há pluralidade nas diferenças entre os dois, este trabalho trouxe luz para uma das facetas significativas da trajetória de ambos, a de críticos de jornal. Tanto assim, que mediante de tais reflexões, é imprescindível a compreensão da produção textual de Antonio Candido e Ángel Rama em sua totalidade sem a inserção no campo específico do jornalismo, que se constitui a partir de uma tensão permanente com o campo da crítica literária.

Desta maneira, a voz da professora chilena Ana Pizarro ao afirmar que o semanário *Marcha* teve um papel primordial no percurso intelectual de Ángel Rama não ficou no singular. São muitos os ecos que se encontram para confirmar que "os anos de *Marcha* foram decisivos para a proposta do crítico".[441]

É, portanto, na imprensa que Rama desenvolveu sua tarefa intelectual e pos em prática seu projeto de "transculturador do futuro". No jornalismo, o crítico uruguaio construiu sua plataforma de sujeito crítico, como nos assegura Pablo Rocca, "Foi o lugar de onde saltou para prosseguir em direção ao seu projeto maior, o de estudar, entender e refletir a literatura latino-americana como algo absolutamente vivo e forte, com DNA e tudo".

---

[441] PIZARRO, Ana. In: "Transculturação na América Latina: Homenagem a Ángel Rama". **Literatura e História na América Latina**. CHIAPINNI, Ligia. AGUIAR, Flávio. W (orgs). Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.245

Ao nos reportamos às palavras de Antonio Candido, “Sou, portanto, um crítico de jornal que passou mais tarde ao ensino da literatura” [442], nos vemos diante da mesma constatação, a de que a imprensa se constituiu em um dos “momentos decisivos” para sua trajetória de crítico de Literatura, desde que iniciou sua produção jornalística nas páginas da revista *Clima*, em 1941.

Nesta relação de congenialidade jornalística, Antonio Candido e Ángel Rama tiveram pontos comuns. A preocupação com a formação de um público-leitor, imprimindo às suas produções elementos que abarcassem não somente a questão do factual e do novidadeiro, como também aportes teóricos, se apresenta como uma constante nos dois críticos.

Optar pelo jornal, sem abandonar os livros, nos aponta outro dos aspectos relevantes na atuação do crítico brasileiro e do uruguaio, na medida em que, ao se transferirem para uma dimensão distinta da esfera pública, a imprensa, passam a interagir junto a um público mais amplo. E já não mais limitados ao mundo acadêmico, “conseguem questionar certos lugares comuns do imaginário social e os poderes estabelecidos”, nas palavras de Gonzalo Aguiar[443]. Mais. Ao deixar de serem exclusivamente acadêmicos evitam que as reflexões sobre literatura permaneçam encerradas às páginas dos livros e às salas das universidades, mantendo-se encapsuladas. Tal atitude apresenta em ambos, outra marca histórico-cultural, a de acompanhar o movimento da cultura e dos bens simbólicos junto à sociedade, como nos afirma Bourdieu.

Tal preocupação comum nos mostra que ambos, seguidores de princípios de marxistas e socialistas, viam igualmente na literatura o que confirma Aguiar: “El discurso con el cual es posible construir narraciones de identidad, un espacio de formación ciudadana y una crítica de estado de cosas.”[444]

---

[442] CANDIDO, Antonio. Discurso durante a entrega do Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE). O evento foi realizado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 20 de agosto de 2008. Publicado com o título de "Preservo convicções socialistas". Disponível em http://terramagazine.terra.com.br/interna.
[443] GONZALO, Aguiar. “Los intelectuales de la literatura: cambio social y narrativas de identidad”, In: ALTAMIRANO, Carlos .**Historia de los intelectuales en América Latina**, Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. IX Tendencias y debates. Vol. 2, Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.685. Disponível em: http://books.google.com.br/books. Acesso em: 9 set. 2011.
[444] Idem. p. 685

A coincidência em terem sido professores de Literatura deixou contribuições efetivas nesse sentido, na medida em que seus textos para os periódicos se imbuíam de aspectos didáticos e educativos, deixando que a relação com o leitor se constituísse em um patamar de proximidade, frente a um diálogo constante e vivo.

Do mesmo modo, o exercício livre, de recuar e avançar no campo das ideias, dos pontos de vista estético, ideológico, e das opiniões pessoais, acabaram por marcar a atuação destes dois críticos. Justamente por se permitirem essa movimentação junto ao público-leitor, Candido e Rama tiveram com o ensaio muita proximidade. Cada um a sua maneira, os dois prosseguiram pautados por um das características principais deste gênero, segundo menciona Adorno, "o de abandonar sua próprias e orgulhosas esperanças, que tantas vezes o fizeram crer estar próximo de algo definitivo"[445]. Afinal, completa Adorno, "o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva". [446]

Espaço para os escritores nacionais. Este se constituiu em outro ponto que Ángel Rama e Antonio Candido se afinaram. Valorizar, sobretudo estimular a leitura de escritores nacionais, jovens ou já consagrados, acabou se evidenciando em uma constante nas críticas semanais dos dois. Se por um lado, Antonio Candido tivera no novo um eixo de escolha e atuação frente ao movimento da Literatura, o que se pode entender como um critério alicerçado em sua visão de modernidade, herança dos Modernistas brasileiros. Em Ángel Rama, a determinação em construir uma visão de literatura latino-americanista, respondia pela valorização dos escritores nacionais.

Sob este olhar de compreender a literatura como uma atividade que precisa manter-se viva entre o público e o autor, Antonio Candido e Ángel Rama igualmente levaram para suas críticas os autores estrangeiros. Dadas as delimitações de cada época, eles se dispuseram neste movimento de local e universal. Foram os dois os responsáveis em apresentar escritores estrangeiros a seus leitores, sob critérios que permeavam questões de tradição e modernidade. Traço presente entre os críticos empenhados com a formação do público-leitor, como aponta Gonzalo Aguiar, "A partir de su pericia en la interpretación textual, los intelectuales de la literatura podían encontrar claves de identidad social o nacional y ofrecer narrativas de conjunto del pasado y del presente".

[445] ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 1 ed. 2003. p. 25
[446] Idem, p. 25.

Pensando no movimento que traçaram ambos os críticos, entendemos que sob uma marca mais ensaística de um pensamento marcado pelo presente e pelo futuro da literatura nacional e latino-americana, o uruguaio manteve em seus textos deste corpus o traço de um ensaísta conectando o local com o universal em perspectivas de futuros caminhos. No entanto, Antonio Candido de forma mais individualizada tomou autores e obras em movimentos menos expansivos expandidos, porém não menos esmiuçados.

Dessa maneira, a crítica feita para o jornal, permitiu-lhes exercícios, funcionando com um laboratório de escrita em tempo real, mas também como um laboratório do pensar teórico e crítico sobre o campo que ambos optaram para atuar, a literatura. O que nos indica umas tantas possibilidades de futuros estudos sobre tema tão enriquecedor e pouco contemplado nos estudos literários. Pois foi no jornalismo que Antonio Candido e Ángel Rama encontraram um dos elementos essenciais para o percurso intelectual; a liberdade do exercício da crítica, em seu sentido mais radical, ou seja, o do conflito, do debate, da descoberta e do ensaio. Nesse sentido, o brasileiro e o uruguaio se configuraram naquilo que Gonzalo Aguiar denomina de intelectual da literatura, "(…) se proyectó como figura pública legitimado por su capacidad para interpretar con un método y un arsenal conceptual sofisticados los textos literarios, y darles significación social, cultural y eventualmente política".[447]

[447] GONZALO, Aguiar. "Los intelectuales de la literatura: cambio social y narrativas de identidad", In: ALTAMIRANO, Carlos .**Historia de los intelectuales en América Latina**, Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. IX Tendencias y debates. Vol. 2, Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.685. Disponível em: http://books.google.com.br/books. Acesso em: 9 set. 2011.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 Bibliografia dos autores

Antonio Candido

Livros

CANDIDO, Antonio**. Brigada ligeira.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

______. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

______. **Tese e antítese:** ensaios. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

______. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

______. **Vários escritos.** 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

______. **Teresina etc.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

______. **A educação pela noite e outros ensaios.** São Paulo: Ática, 1987.

______. **Recortes.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

______. **O discurso e a cidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1993.

______. **Ensayos y comentários.** Trad. María Teresa Celada, Rodolfo Mata Sandoval. Campinas: Editora da Unicamp; México: Fondo de Cultura de México, 1995.

______. **Iniciação à literatura brasileira.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

______. **O método crítico de Sílvio Romero.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

______. **Os parceiros do Rio Bonito.** 9. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

Artigos e entrevistas

CANDIDO, Antonio. Reminiscências sobre as origens da USP. Disponível em <www.iea.usp.br/observatorios/educacao>. Acesso em: jan. 2000.

______. A importância de não ser filósofo. **Discurso**. São Paulo, n.37, 2007.

______. Perfil Antonio Candido. Os vários mundos de um humanista [Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite]. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 91, jun. 1993. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br>. Acesso em: nov. 2009.

______. Entrevista com Antonio Candido. **Investigações**, Recife (PE), v. 7, p. 13, set. 1997.

______. Entrevista com Antonio Candido [Entrevistadora: Heloísa Pontes]. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, São Paulo (SP), v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 16 abr. 2009.

______. Discurso de entrega do Troféu Juca Pato [União Brasileira de Escritores (UBE)]. São Paulo: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 20 de agosto de 2008. [informação verbal].

______. Entrevista com Antonio Candido de Mello e Souza. **Trans/Form/Ação,** Marília (SP)**,** v.1, p.9-23, 1974.

______. Memória: Antonio Candido – a militância por consciência [Entrevistadores: Eder Sader e Eugênio Bucci]. **Teoria & Debate**, São Paulo (SP), n. 2, p. 1-18, mar. 1988.

______. As diferentes tarefas do crítico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 fev. 1998. Jornal de Resenhas**.**

Ángel Rama

RAMA, Ángel. **La generación crítica, 1939-1969**. Montevidéu: Arca, 1972

______. **La critica de la cultura en América Latina.** Seleção, prólogos de Saúl Sosnowski y Tomás Eloy Martínez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1972.

______. **Rubén Darío y el modernismo: circunstancia socio-económicas de un arte americano.** Caracas: Ediciones de la Universidad Central de Venezuela, 1970.

______. PEYROU, Rosario. **Diario 1974-1983.** Montevideo: Ediciones Trilce, 2003.

______. **La novela en América Latina. Panoramas 1920-1980**. Veracruz: Fundación Ángel Rama, Universidad Veracruzana, 1986.

______. **Las máscaras democráticas del modernismo.** Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1985a.

______. La narrativa de Gabriel García Márquez: edificación de un arte nacional y popular**. Texto Crítico**, México, v. 10, n. 31/32, p. 147-245, 1985b.

______. **La ciudad letrada.** Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1984.

______. **Transculturación narrativa en América Latina.** México: Siglo XXI, 1982.

______. **Los gauchipoliticos rioplatenses.** Buenos Aires: CEDAL, 1982.

______. Prólogo. In: CARRERAS, Roberto. de las. **Psalmo a Venus Cavalieri y otras prosas. Roberto de Las Carreras.** Montevideo: Arca, 1967.

______. **La novela en América Latina Panoramas 1920-1980**. Santiago do Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008.

______. **Novísimos narradores hispanoamericanos en *Marcha*, 1964-1980.** México: Marcha Editores, 1981.

______. (Org.) **Primeiros contos de dez mestres da narrativa latino-americana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

______. **Literatura, cultura, sociedad en América Latina.** Antología, prólogo y notas de (Org.) Pablo Rocca. Montevideo: Trilce, 2006.

______. **Más allá del boom: literatura y mercado.** México: Marcha Editores, 1981.

______**. Oh, sombra puritana.** Montevideo: Fábula, 1951

______. **Tierra sin mapa.** Montevideo: Ediciones Asir, 1961.

______**. Diez problemas para el narrador latinoamericano.** Caracas: Sintesis Dosmil, 1976.

______. **Salvador Gramendia y la narrativa informalista.** Caracas: EBUC, 1975.

______**. Rufino Blanco Fombona y el egotismo latinoamericano.** Valencia: Universidad Carabobo, 1975.

______**. Los dictadores latinoamericanos.** México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

______. **El universo simbólico de José Antonio Ramos Sucre.** Cumaná, Venezuela: Universidad de Oriente, 1978.

______. **La aventura intelectual de Figari.** Montevideo: Facultad de Humanidades, 1951.

______. **Los poetas modernistas en el mercado económico.** Montevidéu: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1968.

6.2 Sobre os autores

Antonio Candido

AGUIAR, Flávio. (Org.). **Antonio Candido: pensamento e militância.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

ANTELO, Raúl. (Org.). **Antonio Candido y los estúdios latinoamericanos.** Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana da Universidade de Pittsburgh, 2002.

ARANTES, Paulo Eduardo.Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. In: ______. **Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

DANTAS, Vinicius. **Textos de intervenção.** Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

______. **Bibliografia de Antonio Candido.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

DE LA SERNA, Jorge Ruedas. (Org.) **História e literatura**: homenagem a Antonio Candido**.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DINCAO, Maria Ângela; SCARABÔTOLO, Eloísa. (Orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992.

JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida**. Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

LAFER, Celso. (Org.) **Esboço de Figura:** homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

PEDROSA, Celia. **Antonio Candido:** a palavra empenhada**.** São Paulo: Edusp; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

SCHWARZ, Roberto **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Teses e dissertações

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)**. 2006. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Ángel Rama

AGUIAR, Flávio.; GUARDINI, Sandra T. Vasconcelos. (Orgs.). **Ángel Rama. Literatura e cultura na América Latina**. Trad. de Raquel la Corte dos Santos, Elza Maria Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

BLIXEN, Carina; BARROS-LEMEZ, Alvaro. **Cronología y bibliografía Ángel Rama.** Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1986.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. 2005. Tese de Doutorado. (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LOZANO, Carlos. **Ángel Rama: critica literaria y utopía en América latina**. Selección y prólogo de Carlos Sánchez Lozano. Colômbia: Editorial Universidad de Antioquia. Medellín, 2005.

MORAÑA, Mabel. **Ángel Rama y los estudios latinoamericanos.** 2. ed. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997.

TOMÁS MARTÍNEZ, Eloy. Ángel Rama o el placer de la crítica., in: **______. La crítica de la cultura en América Latina.** Caracas: Biblioteca Ayacucho, pp. XXV-XLI, 1985.

6.3 Bibliografia geral

Livros

AAVV. Alberto Oreggioni (ed.). **Nuevo diccionario de literatura uruguaya.** Montevideo: Banda Oriental, 2001. 2 v.

FREGA, Ana et al. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005).** Montevidéu: Ediciones de La Banda Oriental, 2008.

ALEGRÍA, Fernando et al. **Literatura y praxis en América Latina.** Caracas: Monte Ávila, 1974.

AAVV. **Homenaje a Emir Rodríguez Monegal, 1921-1985.** Montevidéu: Ministerio de Educación y Cultura, 1987.

ABDALA JR. Benjamin. (Org.) **Margens da cultura. Mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ADORNO, Theodor, W. **Notas de literatura I.** Trad. e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

______. El ensayo como forma. In: ______. **Notas de literatura I.** (1954), trad. de Manuel Sacristán. Barcelona: Ariel, 1962.

AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Ligia (Orgs.). **Literatura e história na América Latina.** São Paulo: Edusp, 2001.

ARANTES, Paulo. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. In: ______. **Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

______. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, Paulo Fiori; ARANTES, Otília Fiori. **Sentido da formação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARRIGUCCI JR., David. **Enigma e comentário:** ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AUERBACH, Eric. **Mimesis.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

BARBOSA, João Alexandre. **Alguma crítica.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão.** Trad. de Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

______. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

______. HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. Trad. José Lino Grünnewald …[et al]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BERNSTEIN, Ana. **A crítica cúmplice.** Decio de Almeida Prado e a formação do teatro brasileiro. São Paulo: IMS, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Trad. de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica.** Petrópolis, RJ: Vozes. 1979.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

______. **História concisa da literatura brasileira.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

______. **Las reglas del arte:** génesis y estructura del campo literario. Madrid: Anagrama, 1997.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história.** Cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.

CARVALHAL, Tânia Franco *(*Org.). **O discurso crítico na América Latina.** Porto Alegre: IEL; Ed. da Unisinos, 1996.

CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios reunidos 1942-1978.** v.1. Rio de Janeiro: UniverCidade; Topbooks, 1999.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura brasileira:** origens e unidade (1590-1960). v. 2. São Paulo: Edusp, 2004.

CEVASCO, Maria Helena. **Dez lições sobre Estudos Culturais.** 2.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Haydée Ribeiro (org.). **Las memorias de la memória.** El exílio de Darcy Ribeiro en Uruguay. Entrevistas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

______; FRANÇA, Júnia Lessa. **América Latina no suplemento literário do Minas Gerais:** 1967-1975 (Crítica Literária). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009

COHEN, Keith. O New Criticism nos Estados Unidos. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes.** v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura.** São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Tristão de Athayde, o crítico.** Rio de Janeiro: Agir Editora, 1980.

D'ALLEMAND, Patricia. **Hacia una critica cultural latinoamericana.** Lima: Latinoamericana Editores, 2001.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária.** Trad. de António Sousa Ribeiro. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

______. **A função da crítica.** Trad. de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

______. **Una introducción a la teoría literaria.** 3. ed. Trad. de José Esteban Calderón. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1994.

FARIA, João Roberto; AREAS, Vilma; AGUIAR, Flávio (Orgs.) **Décio de Almeida Prado: um homem de teatro.** São Paulo: Edusp; 1997.

FERNÁNDEZ MORENO, César (Coord). **América Latina em sua literatura.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica del poder.** 3. ed. Madrid: Ediciones La Piqueta, 1992.

FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade.** Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

______. **Anatomia da crítica.** Trad. de Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora:** A Guerra de Canudos nos jornais. 4ª Expedição. São Paulo: Ática, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Trad. de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. **A produção do real em gêneros do jornal impresso.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

HESSE, Hermann. **Narciso e Goldmund.** Trad. de Myriam Moraes Spiritus. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** O breve século XX 1914-1991. Trad. de Marco Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HOLANDA, Lourival; FRANÇA, Humberto (Org.). **Álvaro Lins:** ensaios de crítica literária e cultural. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2007.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político.** A narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. de Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

LAFETÁ, João Luiz. **1930:** a crítica e o modernismo**.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento literário. Que falta ele faz!** 1956-1974, do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 2. ed. Trad. de Cecilia P. de Souza-e-Silva, Decio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARGATO, Izabel; CORDEIRO GOMES, Renato (Orgs.). **O papel do intelectual hoje.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MARTINS, Maria Helena (Org.*)* **Rumos da crítica.** 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 2007.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil.** 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MORAÑA, Mabel; MACHÍN, Horacio. **Marcha y América Latina.** Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2003.

MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença:** a política dos estudos culturais latino-americanos. Trad. Eliana L. de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NOVAES, Adauto. **O silêncio dos intelectuais.** São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Falência da crítica, um caso limite – Lautréamont.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

______. A crítica literária hoje. In: CONGRESSO ABRALIC, 5, 1996, Rio de Janeiro. **Anais**... Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

______. **Texto, crítica, escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

PESAVENTO, Sandra J.; LEENHARDT, Jacques; CHIAPINNI, Ligia; AGUIAR, Flávio. **Erico Veríssimo:** o romance da história**.** São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina. Palavra, literatura e cultura.** 3 v. São Paulo: Memorial da América Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos:** os críticos do grupo Clima em São Paulo, 1940-1968. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

POUILLON, Jean. et al. **Problemas do estruturalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

RAVIOLO, Heber; ROCCA, Pablo. **História de la literatura uruguaya contemporánea.** 2 v. Montevidéu: Ediciones de La Banda Oriental, 1996.

ROCCA, Pablo. Ángel Rama y Antonio Cándido**:** un diálogo crítico. In: **La Jornada Semanal**, n. 352, 2001. Disponível em: http://www.jornada.unam.mx/2001/12/02/sem-rocca.html. Acesso em: jan. 2010.

______. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil:** Dos caras de un proyecto Latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

_____________ . **El 45:** entrevistas/testimonios**.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

SAID, Edward W. **Representaciones del intelectual.** Trad. De Isidro Arias. Barcelona: Paidós, 1996.

______. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

______. **El mundo, el texto y el crítico.** Trad. de Ricardo García Pérez. Buenos Aires: Debate, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

______. **Um mestre na periferia do capitalismo.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

______. **Sequências brasileiras.** São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

______. Originalidade da crítica de Antonio Candido. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 32, 1992.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas:** polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp; Iluminuras, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira.** 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUZA, Eneida Maria. **Crítica cult.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Humanitas, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no século XX.** Trad. de Wilma de Freitas, Ronald de Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Crítica de la crítica**. Trad. de José Sanchez Lecuna. Barcelona: Paidós, 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** Trad. de José Palla e Carmo. 3. ed. Sintra: Publicações Europa-América, 1976.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. Trad. de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

______. Literatura y marxismo. Trad. de Guillermo David. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009.

______. La larga revolución. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

ZEA, Leopoldo. **América Latina en sus ideas.** México: Siglo XXI, 1974.

ZUM FELDE, Alberto. **Crítica de la literatura uruguaya.** Montevideo: Maximino Garcia, 1941.

Artigos

PINTO, Manuel Costa. Guerra e paz na crítica literária na imprensa brasileira. **Via Atlântica**, São Paulo, 4 out. 2000. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_04.pdf>. Acesso em: jan. 2010.

PERUS, Françoise. ¿Qué nos dice hoy La Ciudad Letrada de Ángel Rama? **Signos Literarios,** Iztapalapa, v.1, n.1, 2005.

ROJO, Grínor**.** Ángel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. **Discursos/prácticas**, Valparaíso, Chile, n. 2 [Sem. 1], 2008.

Sobre jornalismo

BAHIA, Benedito J. **História, jornal e técnica:** História da imprensa brasileira. v.1. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. 2 v.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Orgs) **Jornalismo e literatura.** A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Nosotros decimos no:** crónicas (1963/1988). Buenos Aires: Siglo Veintiuno de España Editores, 1989.

JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo, clássicos do jornalismo brasileiro.** São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1992.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir**.** São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Edusp, 1990.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas.** São Paulo: Editora Manole, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo.** A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Periodismo y cultura.** Bogotá: Tercer Mundo, 1991.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo.** Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural.** Buenos Aires: Paidós, 2003.

RODRIGO ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia.** Barcelona: Paidós Comunicación, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** Por que as notícias são como são**?** v.1. Florianópolis: Insular, 2004.

WERNECEK, Humberto. **O desatino da rapaziada:** jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Casa de Cultura de Poços de Caldas; Cia das Letras, 1992.

WERNECEK SODRÉ, Nelson. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

Revistas e outros periódicos

REVISTA CLIMA. São Paulo, v. 1-12.

FOLHA DA MANHÃ [Notas de Crítica Literária]. São Paulo. Dezembro de 1943 a dezembro de 1945.

DIÁRIO DE S. PAULO [Notas de Crítica Literária]. São Paulo. Setembro de 1945 a Setembro de 1947. Arquivo do Estado de São Paulo.

MARCHA [Literarias]. Montevideo, enero a diciembre -1960.

INIMIGO RUMOR. n. 9. nov. 2000. Rio de Janeiro: 7 Letras; Viveiros de Castro Editora, 2000.

REVISTA LITERATURA E SOCIEDADE**.** São Paulo: USP, FFLCH, DTLCC, n. 5-6, 2000; 2001-2002.

ARGUMENTO. REVISTA MENSAL DE CULTURA**.** Rio de Janeiro: Ano 1, n. 3, 1974.

LA CRÍTICA literária como problema. **Papeles de Montevideo. Literatura y Cultura.** n. 1, jun., 1997. Montevideo: Ediciones Trilce.

7. 2 CORPUS – *FOLHA DA MANHÃ*

Notas de Crítica Literária publicadas no jornal *Folha da Manhã*, de autoria de Antonio Candido no período de janeiro de 1943 a janeiro de 1945.

ANO DE 1943

7/1 – Ouverture
18/3 – Literatura Brasileira (I)
29/3 – Literatura Brasileira (II)
13/6 – Poesia ao Norte
11/7 – Problemas de Jurisdição
18/7 – Um crítico
12/9 – Inteligência e Momento
3/10 – Romance e Jorge Amado
10/10 – Jorge Amado (I)
17/10 – Jorge Amado (II)
5/12 – Gilberto Freyre

ANO DE 1944

9/1 – Um ano
16/1 – A quadragésima porta
21/1 – A quadragésima porta II
9/7 – Um livro didático
16/7 – Perto do Coração Selvagem
20/8 – Livros e panelas
10/9 – Faces descobertas
15/10 – Confissões de Minas
19/11 – Gilberto Freyre, sim; Giberto, não
24/12 – Poesia inglesa
31/12 – T.S Eliot (I)

ANO DE 1945

7/1 – T.S Eliot (II)
14/1 – T.S Eliot (III)
21/1 – T.S Eliot (IV)

7. 3 CORPUS – *MARCHA*

Textos de autoria de Ángel Rama, publicados no semanário *Marcha* no período de janeiro a dezembro de 1960.

1. Albert Camus: del absurdo al humanismo, enero, 15.
2. Alberto Zum Felde juzga la literatura actual. Febrero, 12.
3. Narradores uruguayos (Felisberto Hernández, Juan Carlos Onetti, Clara Silva, Francisco Espínola, Mario Benedetti, Armonía Somers). Febrero, 12.

   Poesía uruguaya 1959 (Juan Cunha, Sarandy Cabrera, Susana Soca, Ricardo Paseyro, Orfila Bardesio, Carlos Brandy). Febrero, 19.
4. La nueva crítica brasileña. Febrero, 19.
5. Pablo Neruda: navegaciones y regresos. Marzo, 18.
6. En este país. La enseñanza de la literatura. Marzo, 18.
7. En este país: respuesta en llana prosa (polémica con Pablo Neruda). Abril, 1.
8. La novela y la crítica en América. Abril, 22.
9. Enrique Amorim: un creador infatigable. Agosto, 5.
10. Saint-John Perse: celebrante del mundo. Noviembre, 4.
11. Otra imagen del país (Felisberto Hernández). Noviembre, 11.
12. Una encuesta de Ángel Rama: Qué leen los uruguayos?, Diciembre, 9.
13. El escritor y su país, diciembre, 16.
14. La construcción de una literatura (literatura uruguaya), diciembre, 30.

8. APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A

Entrevista com Antonio Candido realizada no dia 13 de julho de 2009, em sua residência, no bairro dos Jardins, em São Paulo.

P – O sr. tem afirmado que três foram os seus centros de formação: a biblioteca da família, os mestres europeus que estiveram na FFLCH e com quem o sr. conviveu e se formou, e a revista *Clima*, ou melhor, o Grupo Clima. No período específico da *Folha da Manhã*, qual o papel e contribuição do jornalismo na sua formação?

AC – Representou o amadurecimento do meu tirocínio político. Eu não sou formado em Letras, não tenho nenhuma formação em Literatura e em Língua. Eu sou formado em Ciências Sociais e Políticas. De modo que a Literatura para mim era uma paixão. Aconteceu que eu nunca pretendi ser crítico literário, nunca. Mas quando os meus amigos Lourival Gomes Machado e Alfredo Mesquita tiveram a ideia de fazer a revista *Clima*, eu estava em Minas, na casa da minha família. Eles me comunicaram por carta que eu ia ser crítico literário. Eu respondi apavorado: “Eu nunca escrevi na minha vida.” E já tinha quase 23 anos. O brasileiro começa a escrever com 14, 15 anos. Eles me disseram: “Pelas suas cartas nós notamos que você tem capacidade de redação.” Eu aceitei e comecei a fazer, muito modestamente, a revista *Clima*. Foi em 1941, 1942, mas era uma aventura sem grandes consequências. Quem me pôs na *Folha da Manhã* foi o Lourival Gomes Machado, um amigo a quem devo muito. Foi o amigo que mais me amparou no começo da minha vida atuante como profissional. A *Folha*, como os jornais de antigamente, podiam ter ou não o seu crítico titular, uma herança francesa. O nosso jornalismo crítico entronca diretamente da experiência francesa. Então, a *Folha da Manhã* resolveu fazer uma transformação e, não sei bem se instaurar ou restaurar, se tinha tido antes, o rodapé crítico. Então, o secretário de redação era o Hermínio Sacchetta, que era um jornalista muito vivo, e o superintendente era o Jorge Martins Rodrigues, que estava planejando tudo, era amigo do Lourival: “Precisamos de uma pessoa.” Disse o Lourival: “Eu tenho.” O Lourival era muito ousado, era uma espécie de líder nosso. “Quem é?” “Antonio Candido.” “Mas quem é?” Então o Sacchetta me chamou e fez uma espécie de sabatina, umas duas horas conversando comigo.

P – Essa sabatina foi no próprio prédio da *Folha*?

AC – Foi, lá na Rua do Carmo. Ele era secretário de redação. Ele sentado na mesa dele e eu ao lado. Perguntou tudo: qual era o meu método, o que é que eu achava, coisa e tal. Ele aceitou, eu então comecei. Devo dizer que eu não teria aceitado essa tarefa, que eu achava muito acima das minhas possibilidades. Eu era um rapaz de Minas, eu era um estranho. E com 24 anos, como é que eu ia aceitar? Foi no começo de 1943. Quando eu conheci o meio intelectual de São Paulo, eu pensava que Sérgio Milliet era um escritor francês. Não sabia nada. E eu aceitei por motivo financeiro. O meu pai tinha morrido, meu pai era médico. Então, enquanto medicou, ganhou; morreu, acabou. Comecei a fazer crítica. E devo dizer

que para mim, pessoalmente, o jornalismo foi a escola de crítica. Eu não aprendi a fazer crítica na universidade, eu aprendi a fazer crítica no jornal. Isso eu faço sempre questão de dizer. Eu sou heterodoxo dentro da universidade, porque eu não tive formação nem de Linguística nem de Literatura. A minha formação o que é que foi? Era a coisa que o jornalista, o foca, que é jogado e fala: “Você tem que escrever sobre o escândalo no Senado.” E tem que escrever! Eu aceitei a tarefa de escrever sobre os livros da semana. Cinco laudas datilografadas com dois espaços, 30 linhas e 70 toques.

P – E o título, o tamanho, o nome da seção...

AC – Todos os rodapés tinham um título geral. Por exemplo, aqui em São Paulo, o crítico muito em voga era o Plínio Barreto d´*O Estado de S. Paulo*. Nesse tempo, *O Estado de S. Paulo* tinha sido confiscado, ele era do *Diário de São Paulo*. Então a rubrica dele era: Últimos Livros. Álvaro Lins, um crítico pelo qual eu tenho uma admiração, era do *Jornal do Brasil*. Dele era o título Jornal de Crítica. Outro lá no Rio Grande do Sul tinha Letras da Província. Eu escolhi Notas de Crítica Literária. Esse aparecia sempre, depois vinha o título do artigo.
Então, respondendo à sua pergunta inicial, considero que o jornalismo crítico foi a minha escola de crítica. Aí que eu aprendi. Quais são as vantagens e desvantagens? A grande vantagem é que a gente é obrigado a escrever de maneira relativamente acessível para o leitor do jornal. Outra vantagem é que a gente tem que desenvolver a intuição crítica. Porque se sai um livro seu, se eu recebo seu romance: Joana Rodrigues, *A Sombra dos Maracujás*. Eu não sei quem é Joana Rodrigues. Então, eu arrisco a minha reputação. Se eu digo que seu livro é bom e ele é ruim, eu fico mal. Se eu digo que ele é ruim e ele é bom, eu fico mal. Então, é uma tensão constante. A crítica de jornal é muito difícil. Eu costumo dizer que criei uma categoria, uma atividade de alto risco. Assim como na indústria existem as profissões de alto risco, com até suplementação de salário, eu acho que a crítica de jornal é também uma atividade de alto risco. Se a senhora está na universidade e lhe pedem para fazer um artigo sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, não haverá problema algum, pois a senhora sabe qual é a atitude que terá diante de um homem chamado Machado de Assis. Agora, se a senhora está num jornal e lhe dão um livro de ensaio do senhor Manoel de Oliveira, chamado *A Santa Cruz do teu Rosário*, a senhora não sabe quem é o senhor Manoel de Oliveira, não sabe nada dele. A senhora está arriscando. Então, esta condição é uma escola extraordinária, pois se aprende a desenvolver a sua acuidade, a sua intuição e a sua coragem.
Até por isso, fui ameaçado de agressão física muitas vezes. Houve até uma vez lá na *Folha*, eu me lembro perfeitamente, eu estava com o Sacchetta, chegou um rapaz muito simpático chamado Herculano Cruz, que trabalhava lá, falando: “Olha, Antonio Candido, eu quero te dar uma notícia desagradável. Fulano de Tal comprou uma bengala para te dar uma sova.” Eu fiquei apavorado. Felizmente, ele não me encontrou e essa sova até hoje eu não levei. Mas é, inclusive, é uma atividade de risco em mais de um sentido. Agora, a senhora pode perguntar: “Essa foi a sua escola de crítica? Mas, então, o que é que os sr. acha da crítica de jornal?” É a segunda parte da sua pergunta. Eu acho, que é preciso deixar bem claro, que o jornalismo crítico, como nós fazíamos no Brasil, era herança direta dos franceses. O jornalismo crítico nasceu na França nos anos de 1820, 1830... e gerou os cultores que nos serviram de modelo. Não sei como era em outros países, mas por aqui, desde o começo da crítica romântica brasileira no século passado, a gente pensava em Sainte-Beuve, Taine, Edmond Scherer, Paul Bourget. Aqueles críticos que escreviam o seu rodapé. Então, por aqui, foi a criação de um gênero literário inspirado na tradição francesa,

que é uma escola em que o tratamento da literatura se faz de uma maneira muito urbana, ao contrário da universidade. A universidade costuma complicar muito as coisas, enquanto que o jornalismo crítico simplifica. A literatura na França, como disse, era muito urbana, as senhoras recebiam os escritores no salão para discutir, para conversar. Então, tinha que haver urbanidade, tinha que haver civilização, tinha que haver tolerância. Isso tudo passou para o jornalismo crítico. Tinha que haver briga, também. Isso passou para o jornalismo crítico. Então, eu acho que a crítica de jornal, o jornalismo crítico, vamos dizer assim, é uma forma muito viva de crítica, porque coloca tanto o crítico quanto o leitor na literatura que está se fazendo. O crítico não é impedido de periodicamente escrever sobre o passado. Por exemplo, saiu a biografia de Aluísio Azevedo, ele aproveita e fala de Aluísio Azevedo, é claro. Mas o teste do crítico é a literatura do momento. E essa literatura é muito boa para o público, porque ela educa o público.

P – Uma curiosidade sobre a questão da *Folha da Manhã:* o jornal determinou em algum momento qual era o público deste rodapé? Isto chegou a ser citado?

AC – Nunca! Lá eu tive liberdade total, talvez por causa de afinidades ideológicas. O Sacchetta tinha sido secretário-geral do Partido Comunista, era da dissidência trotskista, e nós estávamos começando a militar politicamente numa coisa muito original: éramos esquerda e não éramos nem stalinistas nem trotskistas. E dizíamos: “Nós queremos um socialismo que não siga as palavras de ordem da União Soviética, porque elas foram feitas para a União Soviética e não para o Brasil.” Então, nisso nós discordávamos tanto dos trotskistas quanto dos stalinistas. Mas havia uma afinidade. Éramos de orientação marxista e socialista. Por isso o Sacchetta dizia: “Olha, tem carta branca.” Se ele percebesse que eu era um fascista, por exemplo, ele diria: “Não, aqui não serve.”

P – O sr. acredita que pelo fato de ter tido um professor universitário tenha influenciado sua escolha profissional?

AC – Ah, não. Para começar, eu era assistente de Sociologia. Agora, o que ocorria de novo naquele momento, em São Paulo, era a universidade soltando os seus primeiros rebentos. Isso despertava um certo interesse, uma certa curiosidade. E nós tínhamos fama de pessoas cultas, porque as aulas eram em francês. Os professores eram franceses, eram italianos. Então, nós tínhamos uma certa aura, tanto que a turma de *Clima* despertou um certo ressentimento, mas em geral ela foi bem recebida pelos meios culturais. Eles nos aceitaram. Eu dou o exemplo seguinte: em 1942, antes de eu ser crítico da *Folha*, eu era crítico de *Clima.* Ao ser fundada a Associação Brasileira dos Escritores para lutar contra o Estado Novo e para ostensivamente defender os direitos autorais, houve uma reunião, com o Sergio Milliet, como presidente. E quem foi o segundo secretário? Um menino, eu! Não tanto por minha causa, mas para colocar alguém de *Clima*. Na hora eu percebi. Então, logo no começo, fomos aceitos. Então, eu digo que o fato de sermos uma coisa nova, sermos universitários, isso contribuiu para criar uma certa aura de respeito e de estima. E, às vezes, também de birra, porque frequentemente eles diziam que minhas críticas eram muito pedantes, que eu parecia professor universitário, usava jargão.

P – Em relação à questão das críticas, em *Brigada Ligeira,* foi o sr. quem selecionou o conteúdo de 10 artigos?

AC – Foi. Nem eu pensava em publicar o livro. Mas acontece que abriu-se o concurso de Literatura Brasileira para a cadeira. E eu, menino ousado, pensei o seguinte: "Eu já vi que eu não quero Sociologia, eu quero Literatura." E pela legislação daquele tempo, como nós não tínhamos congregação, quando se punha uma cadeira em concurso qualquer portador de diploma superior podia concorrer. Veterinário, dentista, compreende? Então, abriu-se a cadeira para Literatura Brasileira. Eu pensei: "Eu não vou conseguir essa cadeira, é claro, pois tinha apenas 26 anos. Mas vou tentar." O primeiro colocado pegava a cadeira, os aprovados ficavam livres-docentes. "Ficando livre-docente, eu sou doutor em Letras, aí eu posso passar para Letras um belo dia." E foi o que aconteceu. Eu fiquei com esse título. Quando houve oportunidade, muito tempo depois, eu passei. Então o Martins, que era o meu amigo: "Por que é que você não junta uns artigos para fazer título?" Que eu não tinha título nenhum. Então eu peguei e tive a ideia de fazer um volume sobre romance. Então eu fiz aquilo e apresentei um livrinho. Aquilo me valeu de título, não tinha nada publicado, eu era um menino. Então eu fiz aquilo por interesse, vamos dizer, interesse de concurso. Eu, pessoalmente, fui sempre muito tímido em publicação. Naquele tempo, frequentemente os críticos pegavam os rodapés, reuniam e publicavam em volumes. Quando eu comecei a fazer crítica, eu fiz nome bastante depressa, sobretudo porque eu creio que os críticos eram quase todos católicos ou liberais e eu era de esquerda. Aí, eu fiz assim: "Puxa, afinal um crítico de esquerda. Está se vendo que o menino é socialista." Então, causou-se um certo barulho. Era a ditadura do Estado Novo, tinha duplo valor. Então o José Olympio, grande editor, mandou me oferecer para eu reunir um ano e eu não quis. Foi uma grande bobagem que eu fiz, grande bobagem. Eu: "Não, isso é artigo de jornal, é coisa transitória. No futuro eu vou escrever ensaios." Sabe qual é o erro? É que bons ou maus artigos, tem-se o retrato da época. Se eu tivesse publicado, se eu tivesse ouvido o José Olympio, eu teria publicado três volumes de Notas de Crítica Literária. Bons ou maus, para consulta seriam ótimos.

P – Aproveitando, mais um esclarecimento: a não ser a revista do Departamento de Teoria Literária, *Literatura e Sociedade*, que agora nas edições comemorativas reproduziram alguns desses artigos...

AC – As meninas dessa revista reproduziram muitos artigos meus, inclusive classificaram para mim, estava uma bagunça. Alguns estão perdidos, eu nunca mais...

P – Isso é o que eu queria perguntar: e os artigos desse período, de 1943 a 1945 da *Folha da Manhã*? Houve alguma publicação que reúna esse material?

AC – Não, nunca. Eu fiquei na *Folha* de janeiro de 1943 a janeiro de 1945, portanto, são quase 100 artigos, o que representam 500 páginas e dariam facilmente dois volumes, e o *Diário de São Paulo* daria outro. Vários desses artigos depois eu transformei em ensaios, eu ampliei e publiquei em outros lugares. Mas fiz essa bobagem de não publicá-los, porque aí eu teria um retrato de época bom ou mau, não importa.

P – E seria também um instrumento para estudantes tanto de Jornalismo quanto de Literatura, um outro olhar.

AC – Se o estudante quisesse saber: "Em 1943 como é que o Jorge Amado foi recebido? Estava ali. Clarice Lispector, estava ali.

P – E não existe a intenção de recuperar esse material?

AC – Não, agora já passou. Porque grande parte dos autores ninguém sabe mais quem é, acabou completamente. Aquilo tinha interesse, agora já passou, mas foi uma bobagem minha, foi uma bobagem minha ter recusado a proposta. A tese que eu fiz para a faculdade, Método Crítico de Sílvio Romero, o José Olympio me ofereceu para publicar imediatamente aos Documentos Brasileiros, e também não publiquei. Resultado: essa tese só foi publicada 20 anos depois como boletim da faculdade. Ninguém leu! Quer dizer, uma tese morta, perdida e poderia ter prestado serviço. São minhas neuroses.

P – O sr. cita bastante a questão da intuição, como elemento importante no crítico literário. É claro que uma intuição analítica ou intuição literária não vem do nada. O senhor credita isto à sua formação?

AC – Credito. Eu credito tudo que eu sou na vida a meu pai, minha mãe e a minha casa. Isso é um lugar-comum. Todo mundo fala: "Devo tudo a meus pais, tal." Isso faz parte, mesmo que não deva, a pessoa diz por uma questão de cortesia. Eu tive uma casa realmente excepcional. Olha que a turma do *Clima* era uma turma muito inteligente, muito capaz. Não tem um amigo meu que teve o *back off* que eu tive. Alguns deles tiveram pais muito inteligentes, muito cultos. Eu tive pai e mãe. Eu sou o único. Eu nasci no meio de livros. O meu pai, todas as noites, desde que eu tinha, mais ou menos, nove anos de idade, meu pai era médico, escrevia, ele ia para o escritório dele estudar. Mas nós morávamos numa pequena cidade de Minas, chamada Cássia. Ele tinha a biblioteca dele lá. Jantávamos às sete horas, acabava às sete e meia, então meu pai lia para nós. A primeira coisa que ele nos leu foi *História da Campanha do Paraguai*, de Emilio Jordão, para despertar o patriotismo. Depois, ele leu Rudyard Kipling, [*O livro da selva*]. E chegava a dar os dois volumes do dicionário Larousse para a gente brincar. Então, nós pegamos aquele dicionário precioso, recortávamos, pintávamos bigode em Luís XIV, pintava a cabeça de Napoleão de vermelho. É brincadeira, mas percebe qual era a intuição? Brincando dois anos com um dicionário enciclopédico, vendo as pranchas dos uniformes, dos coleópteros, dos mamíferos, os reis de França, alguma coisa fica. Só depois de meu pai morto (morreu muito moço), é que eu percebi o método educacional dele. Ele tinha mania de Dostoievski. Ele nos contava, para nós meninos, a vida de Dostoievski. Dostoievski lutando para ganhar dinheiro, passando necessidade; nós nos emocionávamos e essa era a atmosfera.
A minha mãe também lia muito. A minha mãe, depois que meu pai acabava de fazer a leitura, nos contava histórias de fadas. Quer dizer, meu pai cuidava da inteligência, da reflexão, enquanto minha mãe, da imaginação. Quando eu tinha dez anos de idade, nós fomos para a França. Isso para mim foi fundamental. Meu pai nos chamou, meu pai nos entregou a uma professora chamada *mademoiselle* Marie Rohlfs de Sussex. Foi uma mulher para mim extraordinária. Então, meu pai nos levava na Comédie-Française, nós não entendíamos nada. Peça de Corneille, Racine, mas ficávamos entusiasmados vendo romano tirar espada, bandeira. Era assim que era o meu pai. Vai soltando, isso vai ficando no subconsciente. Quando esse menino crescer e ler Racine, isso tudo volta. Então, assim que eu fui educado. Os grandes valores de meu pai eram valores de cultura. Meu pai dizia: "Não se casem com moça rica." Naquele tempo, os pais queriam que os filhos casassem com moça rica. Os médicos, advogados iam para cidade pequena e perguntavam: "Onde é que tem cidade com coronel rico para a gente casar com a filha?" Isso era o programa.
Meu pai se casou com minha mãe que era muito pobre e meu pai nos dizia: "Não casem com moça rica, porque aí o dinheiro desvia a atenção. E vocês ficam humilhados, porque vocês não são ricos." Para ele era a cultura, quer dizer, ele cuidou dos três filhos (Roberto,

Miguel e Antonio Candido). De modo que a intuição nasce, porque quando surge um problema vem de dentro. Quer dizer, a quantidade de noções que eu adquiri bem cedo, graças a meu pai, à minha mãe, ao ambiente cultural, à essa viagem à Europa, eu não sou nem capaz de avaliar. Meus irmãos, a mesma coisa. Eu tenho um irmão que é um excelente escritor, que não tem nome nenhum porque ele trabalhava na indústria e não era do meio. Mas ele tem um livro sobre a guerra na Itália. É uma beleza de livro. Ele foi pracinha. Chama-se *Mina R* (autor Roberto de Mello e Sousa). Escrever também sobre os pré-socráticos. Ninguém dá bola, porque ele não é do circuito intelectual. Mas nós fomos formados para isso.

P – Assisti a uma entrevista sua na *Rede Minas*, um programa sobre Literatura, onde o sr. afirmou que "a crítica literária, ao se aportar na universidade, ela se aprofundou", referindo-se a um embate entre a crítica jornalística e a crítica da universidade. Numa da suas falas, o sr. cita: "Eu sou a favor desse movimento, mesmo que não se tenha grandes obras nos trabalhos acadêmicos, mas esses estudos aprofundam." Essa questão da crítica da universidade e da crítica no jornalismo carrega algumas contradições, como a de que a crítica da universidade é uma crítica que ficou na universidade, encapsulada ali e que não tem leveza ou a proximidade com o leitor da crítica jornalística. Queria que o senhor comentasse sobre este aspecto.

AC – Isso é quase inevitável. Eu acho que o surgimento e o desenvolvimento da crítica universitária propriamente dita no Brasil foi uma grande conquista. Há uns 40 anos atrás, o Afrânio Coutinho disse uma coisa muito justa: "Mas o que importa no Brasil é a crítica que está se fazendo nas universidades." Eu hoje acho que a crítica brasileira é muito mais importante do que era no meu tempo. Hoje tem especialistas, no meu tempo não havia. Nós éramos autodidatas em matéria de literatura e ainda estávamos muito próximos de um certo diletantismo. Enquanto que agora os críticos são profissionais. É claro que toda a conquista que a gente tem importa em perda. Para eu ter uma certa inteligibilidade, eu tenho que ter uma certa superficialidade, não posso dar peso. Já para o crítico universitário descer ao fundo dos problemas, escarafunchar, averiguar, descobrir, ele tem que renunciar a certa amenidade. Aquilo pode ser pesado, pode interessar só a especialistas, mas isso é que faz o saber progredir, o progresso do saber. Eu admiro muito, por exemplo, na universidade, o trabalho do professor Castello [Prof. Dr. José Aderaldo Castello]. O Castello, eu me lembro, ele era moço, as pessoas ficavam revoltadas às vezes: "Professor Castello, eu quero fazer mestrado com o senhor." "Tá muito bem. Para fazer mestrado comigo, você tem que pegar uma revista e estudar." "Ah, eu não quero, eu quero fazer uma matéria sobre o bigode de Machado de Assis." "Então não faz comigo." O pessoal dizia: "O professor Castello é tirante." Ele não é, o professor Castello tem um projeto. Resultado: graças a isso, ele fez 10 ou 12 ou 5 teses sobre as revistas brasileiras que são extraordinários instrumentos de trabalho. Essa é a crítica científica. E eu acho de uma grande importância. O professor Castello publicou em 16 volumes o material das academias literárias. Nunca ninguém conhecia no Brasil. Isso é penoso, é pesado, compreende? Eu acho que esse, o trabalho universitário, foi um grande progresso no Brasil. Hoje nós não temos mais aquela crítica francesa, mas aquilo foi um momento que passou. Foi um momento em que, vamos dizer, a cultura universitária francesa estava se projetando junto ao público. Ela cumpriu essa tarefa, depois se retraiu e a universidade assumiu. Eu admiro muito as novas gerações dos estudiosos da Universidade de São Paulo, que eu conheço bem. Eu acho que são, em média, muito superiores ao meu tempo. Há monografias muito importantes, há pesquisas, e

a função da universidade é esta mesmo. A função da universidade não é fazer literatura agradável, a função da universidade é pesquisar para fazer a verdade aparecer. Fazer progredir o conhecimento. Isso eu acho que a universidade brasileira, em geral, e a Universidade de São Paulo, em particular, faz muito bem. Eu não sou daqueles que dizem: "Ah, que pena que acabou a crítica de rodapé." Não, ela cumpriu o seu papel. E eu digo isso, porque eu sou um crítico desse tipo. Eu sou um crítico de rodapé, eu sou um ensaísta, não sou um erudito.

P – O sr. disse em algumas entrevistas que a questão da militância não se ensina. A questão militante, do crítico militante? É importante levar isso adiante?

AC – Era no meu tempo. Eu não sei hoje. Como eu disse, hoje eu acho que a crítica está muito nas mãos da universidade. Aí não se pode falar em militância crítica. Militância significa quando o crítico atua em relação a um grupo social determinado. De modo que o crítico de jornal era um crítico militante na medida em que ele fornecia à classe média, que é a que lia jornais, uma iniciação à literatura. Eu quis ser um crítico militante e não me arrependo de ter sido um crítico militante. Eu tive prazer em ser um crítico militante. Acho que a minha geração, não eu, ajudou muito a consolidar a presença da literatura junto às pessoas instruídas no Brasil. Depois, a universidade pegou.

P – Sobre a sua atuação como professor, como crítico no espaço público do jornal e depois no espaço da universidade, o que o sr. tem a dizer sobre essa atuação?

AC – Bom, acho que eu já falei quanto à primeira parte. Quer dizer, eu fui um crítico militante, inclusive no começo eu era um crítico um pouco político. Como nós estávamos em tempo de ditadura, eu queria aproveitar a crítica para passar ideias e passei. Aquilo contribuía para o socialismo, para a democracia, depois, a grande mudança da minha vida intelectualmente foi a tese sobre Sílvio Romero. Quando eu estudei o Sílvio Romero mais ou menos a fundo, eu vi o perigo do crítico sectário. Porque o Sílvio Romero é um crítico sectário, um evolucionista sectário. Pensei: "Meu Deus, onde é que estou me metendo?" Eu tive nesse momento uma grande influência do New Criticism americano, e eu então vivi, porque não adianta a gente pensar, é preciso viver. Aí, eu vivi a ideia de que literatura é sobretudo forma. Forma. E que, portanto, se eu quiser, mesmo o aspecto social, se eu quiser estudar, tenho que estudar através da forma. Então, a tese sobre Sílvio Romero fez a minha mudança. Tanto que, ao comparar o meu artigo de abertura da *Folha* e os artigos de abertura do *Diário de São Paulo* vai se notar que são completamente diferentes. O primeiro é quase de um militante político, o segundo é de um indivíduo respeitoso aos valores estéticos. Aí, eu comecei a receber paulada da esquerda. Um militante político daquele tempo escreveu um artigo terrível num jornal chamado *O Moscardo* que havia aqui, um pequeno jornal violento. Ele escreveu que eu tinha me vendido ao Chateaubriand, que eu tinha abandonado a ideologia para fazer estética. Muito curioso é que quatro ou cinco anos depois esse jornalista tornou-se um dos pilares do Chateaubriand, trabalhou o resto da vida na casa do Chateaubriand. Bem, eu deixei de ser crítico político, mas continuando como militante político, que é outra coisa. Sei que sou muito mais ligado aos valores estéticos. De modo que, como crítico universitário, já tinha passado por essa experiência da tese do Sílvio Romero, que eu procurei então conciliar, vamos dizer, a atenção dada aos fatores externos, aos fatores sociais com a integridade estética da obra. Tentando, é difícil, mas tentei, tentei.

P – Como eu vou falar também sobre o Ángel Rama, um crítico do jornal, tenho algumas perguntas a serem respondidas. Por exemplo: como vocês se conheceram? Como o sr. avalia sua obra? Como o sr. lia o Ángel Rama e o *Marcha*?

AC – Ele sempre me mandou o *Marcha*. O que eu posso dizer é que sempre tive pelo Ángel Rama uma extraordinária admiração, eu sou muito contra esse negócio de dizer: "Fulano é o maior isso, beltrano é o maior aquilo." Não gosto disso. E eu não diria que ele é o maior crítico da América Latina, de todos nós, mas eu diria que eu não vejo nenhum maior que ele. Quer dizer, muita reverência pelo Ángel Rama, que é dez anos mais moço que eu. Inclusive, ele tem uma capacidade que eu admiro, porque eu não tenho: admirar as qualidades que não se tem. Um livro como *La ciudad letrada*, por exemplo, eu jamais seria capaz de escrever. É livro de um pensador. O Rama é mais do que crítico, ele é um pensador da cultura. Então, eu acho que a força do Rama nem seja talvez da capacidade de avaliação crítica, é a capacidade de reflexão sobre a literatura. Ele é um pensador da literatura. Eu acho brilhantíssimo isso. Isso se manifesta nas grandes visões de conjunto que ele tem. É preciso não esquecer, inclusive, que ele inventou a Biblioteca Ayacucho, lá na Venezuela. Uma visão continental da literatura, uma concepção... É muito comovente, por exemplo, o interesse que ele tinha pela literatura brasileira, que os hispano-americanos geralmente não têm. Ele sempre me disse que começou a se interessar por literatura brasileira por causa do contato comigo. Eu fui pra lá, ficamos amigos e daí começou. Pode ser. Quando vinha ao Brasil, ele comprava livros em quantidade. Logo ele avaliou a grandeza de Machado de Assis. Ele me dizia sempre: "o maior poeta do século XIX da América Latina é José Hernandez, o maior romancista é Machado de Assis". Isso ele nunca deixou de falar. De modo que eu diria que o Rama para mim é, sobretudo, um pensador da literatura mais do que um crítico jornalístico. Mesmo os artigos dele, como os publicado no *Marcha*, é tudo passando para o pensamento. Ele está sempre fazendo ensaio ideológico. Ele está sempre pensando sobre literatura em conjunto, sobre literatura e a sociedade. Essa é a tendência dele. Ele sabia explorar muito bem os conceitos. Ele pegou, por exemplo, o conceito de *transculturación* do Ortiz, do cubano, e desenvolveu de uma maneira extraordinária. Ele pegou o que eu disse sobre sistema literário e desenvolveu de uma maneira incrível. Ele disse como eu nunca fui capaz de dizer.
Num ensaio dele que eu comento, aliás, em um artigo que eu escrevi sobre ele, ele mostra essa contradição fantástica que está na base da literatura da América Latina: como é que as vanguardas europeias que são uma coisa que joga pra frente no Brasil foram feitas através do regionalismo que puxa para trás. Ele botou o dedo na originalidade da América Latina. Quer dizer, ele tinha essas discussões geniais. Além do mais, ele era uma personalidade humana absolutamente fascinante. Eu o convidei uma vez para vir dar um curso aqui em São Paulo. Eu nunca vi coisa igual. Era um anfiteatro lá nas colmeias, enorme, com 200 ou 250 pessoas. Nunca vi uma coisa igual. O público eletrizado. A impressão que eu tinha era que ele eletrizava o público, porque não havia um suspiro, não havia uma respiração. E ele, com toda naturalidade, aquela flama que ele tinha, aquela coisa e tal. Eu nunca vi uma comunicação de um intelectual com o público como eu vi com o Rama. Eu vi o Monegal, que é brilhantíssimo também, mas era histriônico, compreende? Enquanto que o Angel, não. O Ángel não caía do pedestal de intelectual. Ele era uma capacidade de comunicação realmente extraordinária. A capacidade que ele tinha de dar corpo às ideias, através da palavra, era uma coisa milagrosa. A escrita dele era uma beleza de escrita. De modo que eu acho, eu já não leio há algum tempo, mas tudo o que eu li dele eu acho extraordinário. Aquele livro de mocidade dele, *Geração Crítica (La generación crítica*, 1972*)*, é extraordinário. Ali está tudo o que ele foi na *Marcha*, está ali. Aquilo praticamente é uma

antologia da *Marcha*. Então se vê bem o que é o Rama; um homem preocupado. Visivelmente, ele sofreu muito a influência do Sartre na ***Qu'est-***ce que la ***littérature***. Então, como leitor de ***Qu'est-***ce que la ***littérature***, que era uma espécie de bíblia da rapaziada naquele tempo, ele montou a colaboração dele em *Marcha* com aquela visão participante do Sartre. E, como Sartre é um filósofo, um pensador, ele tirou aquela centelha filosófica do Sartre. Definiria o Ángel Rama não como um analista, mas como um pensador da literatura. O serviço que ele prestou à literatura do continente foi incalculável. E a morte dele foi uma catástrofe. Ele tinha vida pela frente. Ele tinha estado em Campinas por causa daquela obra que a Ana Pizarro coordenou. Eu e ele fomos encarregados de fazer a síntese dos debates e fazer um rascunho do plano. Ele veio para a nossa casa. Nós morávamos na Vila Olímpia. Ele passou cinco dias conosco. Dormindo lá em casa. A Gilda, ele e eu. Íamos para cá e para lá, mas em volta da mesa pá, pá, pá [gestos sobre os bater dos pontos]. Montamos tudo, ele disse: “Bom, não está terminado, agora precisamos dar a demão final. Nós estamos em – acho que era outubro –, você agora vai a Paris, assim como eu fui ser hóspede aqui, você e a Gilda vão ficar no nosso apartamento lá em Paris. E em março nos terminamos.” Em novembro de 1983 ele morreu. Ele esteve em casa em setembro de 1983. A morte dele foi uma grande perda para a literatura da América Latina. Ele tinha uma grande capacidade de liderança intelectual. Ele era talvez o crítico mais respeitado da América. Eu acho uma figura extraordinária. É como eu lhe digo, não digo que ele é o maior crítico latino-americano, porque eu não gosto disso, mas não conheço ninguém maior que ele.

APÊNDICE B

Depoimento de Antonio Candido durante curso de pós-graduação (Disciplina FLT5005-1**:** Seminários de Teoria Literária: Ensaios de Antonio Candido) **ministrado pelo prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar. Na ocasião, Candido discorreu sobre sua formação de crítico. 27 de outubro de 2009, prédio de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.**

“A gente só sabe como é que se formou depois que fica velho. Isso porque a gente sistematiza o passado, apontando foi isso, aquilo, aquilo outro. Eu, a partir de certa altura, cheguei à conclusão que a minha formação de crítico não dependeu de nenhuma influência muito importante, nenhuma leitura fundamental. Dependeu de certas práticas, de certos hábitos adquiridos na infância. Eu então vou conversar com vocês sobre esta fase, sobre o período de 1930 a 1945.

Eu acho que na base de minha atividade crítica três coisas foram favoráveis. Primeiro, eu apontaria o espírito de antologia. Uma coisa fundamental no estudioso da literatura é ele aprender a identificar quais são os textos válidos, aqueles que são importantes. Se tal autor é mais importante que outro; se dentro da obra desse autor aquele livro é mais significativo que o outro. É o espírito de antologia. Eu não sei por que eu tive esse espírito muito precocemente, por que eu comecei a fazer antologia. Até trouxe para mostrar para vocês, eu nunca mais tinha visto isso. São quase 50 anos. Minha mãe guardou.

Isso é a antologia que eu fiz, tinha 12 anos de idade. *Trechos Escolhidos de Alguns Autores Célebres Colecionados por ACMS*, volume primeiro, segunda edição, revista e piorada pelo autor (*risos*). Todos os exemplares devem ser rubricados pelo autor. Número 1.325, Antonio Candido de Mello e Souza. Isso é caderno de colégio, de 1930. Eu ficava com preguiça, às vezes, de copiar os textos, então as minhas antologias eram em grande parte em branco (*risos*) Eu fazia o seguinte: desenhava a guilhotina e ficava por isso mesmo, não copiava, mas tinha escolhido. O essencial é o espírito de escolha. É você ir treinando a escolher. Cheguei à conclusão que esse gosto pela seleção de trechos é o começo da discriminação, por que é que esse trecho é mais importante que aquele? Por que é que esse autor é mais importante que aquele? Então, a primeira coisa é esse espírito de antologia.

A segunda coisa importante é o espírito de resenha. Se eu tenho, eu escolhi esses trechos, agora, um belo dia, eu posso querer escrever. Então, eu tenho que – é muito difícil – é fazer a resenha. Quer dizer, o ensino da literatura liga-se em grande parte a fazer a resenha. E a gente descuida disso. Fazer resenha obriga a dizer, em quatro ou cinco páginas, o que é essencial de um livro de 200 páginas. Na minha vida foi importantíssima uma revista que ninguém mais conhece hoje em dia, que é o *Boletim de Ariel*. Eu tinha os mesmos 12 anos quando ela apareceu. Uma revista que merecia uma tese de doutorado

Esta revista durou de outubro de 1930 a 1939 ou 1940. Era eminentemente um boletim de resenhas, de Murilo da Silva Telles. Eu achava bonito aquilo. Ela tinha um artigo de fundo, notícias literárias, transcrição, mas o básico era composto de resenhas. É muito difícil fazer uma resenha. A meu ver, quem sabe fazer resenha mesmo, são os ingleses. Eles têm espírito de resenha. E grande parte dos escritores ingleses treina para fazer resenha. E muitos grandes escritores ingleses continuam fazendo resenhas pela vida afora. Um artigo muito interessante do George Orwell, que é o autor de *1984*, em que ele diz qual é arte da fazer resenhas. A resenha consiste de matéria despretensiosa respeitando o texto e não ir contra o autor do livro. Então, tem que fazer de maneira clara para que os outros, lendo aquilo compreendam o livro e tenham ou não vontade de comprá-lo.

O *Boletim de Ariel* era editado por umas pessoas que, hoje, até os estudiosos de literatura não conhecem mais: Agripino Grieco e Gastão Cruls. O Agripino Grieco era o crítico mais famoso dentro do grupo. Todo mundo no Brasil lia o Agripino Grieco. Não era um grande crítico – até nem chegava a ser crítico. Era um grande colunista literário, muito divertido, muito espirituoso. A gente lia porque ele metia o pau em todo mundo. Moço gosta de brutalidade. Ele tinha algumas crônicas geniais.

Quando Rui Barbosa morreu, em 1923, o Brasil inteiro ficou de luto. Rui Barbosa era o símbolo de inteligência, um homem de valor, grande jurista. Então, a Academia Brasileira de Letras disse: “Não vamos dar substituto para o Rui Barbosa, a cadeira dele tem que estar vazia.” Então, Agripino Grieco escreve um artigo chamado *A Cadeira Vazia*, falando dessa justa lição da Academia, mas, que afinal de contas isso não era possível, era contra o regulamento. Tinha que preencher os 40 lugares imortais. E ela conseguiu um milagre, elegeu uma pessoa e a cadeira continuou vazia, mesmo elegendo o senhor Laudelino Freire.

Depois do espírito de antologia, posso afirmar que me formei lendo resenhas. Mas eram resenhas que eu próprio não escrevia. Sabia que não queria ser poeta, não queria ser romancista, não queria ser escritor, jamais. Num jornalzinho no ginásio com muito esforço escrevi um artigo, quando tinha 16 anos. Foi com essa idade que ocorreu um fato ao qual atribuo muita importância para minha formação de crítico. Foi quando minha mãe me disse: “Por que você não anota sobre a leitura? Isso é um bom exercício. Você põe o nome

do autor, põe o nome do livro, põe o nome da editora, a data. E qualquer bobagem dizendo gostei, não gostei, é ruim, esse é melhor que aquele."

Então me habituei a fazer cadernos e cadernos. Nesse momento eu chegava à terceira coisa importante da minha formação, que foi a leitura dos compêndios de história da literatura. Tenho as antologias, as resenhas e as histórias da literatura. História da literatura eu comecei a ler no momento que comecei a fazer esses cadernos. A história da literatura dá a visão do conjunto. Não é mais o livro tal, não é mais o trecho tal, é o conjunto. E eu, então, me tornei um grande leitor de história da literatura. *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Rômulo de Carvalho, eu sabia de cor.

Eu estava no ginásio, em São João da Boa Vista, quando caiu para mim um ponto qualquer de literatura e eu simplesmente escrevi sobre o Ronald de Carvalho. Meu professor de Português, Francisco Pascoal, pegou minha prova e publicou no jornal dele, *Correio de São João*, eu não soube disso. Eu já era professor da faculdade quando um antigo professor meu, lá de São João, me deu um exemplar. Fiquei muito satisfeito. Ao mesmo tempo, eu lia a *História da Literatura Portuguesa*, do Mendes dos Remédios. E fiquei lendo essas histórias sempre, sobretudo literatura francesa. Um dos mais belos livros a respeito que li foi *História da Literatura Francesa*, de Albert Thibaudet.

De modo que essa é minha formação. Não tem nada de bonito, não tem nenhum autor importante. Não desceu nenhum espírito na minha cabeça, nada disso. São coisinhas de todo dia, de menino de ginásio, isso que me formou. Ligado, evidentemente, a uma coisa que é a paixão pelo livro. Era uma paixão quase patológica. Eu ia numa casa, eu via um livro, não via mais nada. Nunca roubei um livro, mas eu tinha paixão pelo corpo físico do livro. Meu pai e minha mãe tinham uma bela biblioteca. Eu passava a vida arrumando livro na estante. Esse amor pelo livro tem que ajudar, porque a pessoa que não gosta de livro não gosta de literatura.

Quem não gosta de literatura não faz resenha, nem lê antologia, nem lê história. E olha que muita gente se forma em Letras sem gostar de literatura. Aí eu comecei a me interessar mais e encher esses cadernos. E passei a vida enchendo esses cadernos. Daí eu tirei curso, artigo, ensaio. Tinha uma aluna minha, a professora Norma Seltzer Goldstein, uma vez conversando com ela, que com pressa preparava a aula dizia: "Veja caderno 32." E eu levava o caderno 32. Eu abria aqui e lia para os alunos. Eles viam que estava escrito: 32. Um dia a Norma me disse: "O senhor falou sobre isso, professor." "Não falei!" "Falou, sim, está no caderno 32." (*risos*). Esses cadernos me valeram muito, porque eram cadernos que dali tirei artigos, ensaios, aulas, cursos, tudo, a vida inteira.

Eu gostava muito de ler crítica. Meus colegas de ginásio geralmente liam romance. Naquele tempo era muito importante o que se chamava a sinonímia. O professor perguntava: "Sinonímia opulenta?" Eu tinha um colega que dizia assim: "Olha, eu li o autor "x", você sabe que ele fala 30 vezes no fantasma sem repetir uma vez só? Ele fala: o fantasma, o trasgo, o duende, a legião, assombração, o coisa. O Rui Barbosa tem o famoso "a rebenqueira". O ministro da guerra jogou o chicote e disse: "Tudo isso vai ser resolvido no rebenque." O Rui Barbosa, chega no Senado, fez um discurso admirável e fala em rebenqueira: "No Brasil, as coisas vão ser resolvidas no rebenque." O rebenque, o chicote, a tala, a tasca, o fim da linha e por aí vai. Eu nunca tive esse gosto de criar moda no meu tempo, não. Sou sempre contra a sinonímia, porque eu queria uma certa simplicidade. E com essa certa simplicidade nos meus cadernos eu treinei. E com essa modesta formação que eu estou lhes contando, eu queria apenas chamar a atenção sobre a importância da antologia.

A antologia nos ensina a desenvolver o espírito de seleção. Agora, formação específica eu não tive nenhuma. Eu tinha muita vergonha diante dos licenciados de Letras, porque eu

fui professor de Literatura sem ser. Eu tinha muito medo de ir a congresso, eu tinha medo que a minha ignorância aparecesse. Eu não sei nem gramática direito. Não consegui aprender linguística, nada. Fiz um grande esforço para aprender certas coisas. Tive um esforço grande para saber o que era isotopia, consegui aprender, esqueci (*risos*). Tudo que não é do meu tempo, eu esqueço. Eu tenho medo de exibir minha ignorância, porque eu sou formado em Ciências Sociais e Política.

Eu não tive professor de Literatura, a não ser um professor do Colégio Universitário, sobre o qual eu quero falar. Era um colégio extraordinário, anexo à Universidade de São Paulo. Após cinco anos de ginásio, fazia-se o curso complementar. Então, a Universidade de São Paulo resolveu ter o seu próprio colégio. Cinco seções. Eu fiz a primeira que dava acesso a Direito, Ciências Sociais e Política, Geografia e História. Lá tive um grande professor de Literatura, responsável pela única formação de Literatura que tive. Era um cearense brilhante, chamado Antonio Salles Campos. Ele dizia: "Vou dar para vocês literatura grega, vou usar o manual de Alfred e Maurice Croiset. Vou repetir capítulo por capítulo. Literatura latina, vou usar o *Manual de Literatura Latina*, de René Pichon". Eu comprava tudo e lia. De modo que aprendi muito com esses dois anos de literatura. Era uma visão conjunta. Foi ele que nos chamou a atenção, por exemplo, das antologias que o Manuel Bandeira publicou.

Era muito difícil obter livro de escritor brasileiro. Eu que morava no interior de Minas e queria ler os modernistas, não conseguia. *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, foi editado por ele, 500 exemplares. Mário de Andrade custeava os livros dele. Os próprios românticos, vinha a faixa: "Manuel Bandeira - Por encargo do Ministério da Educação." Em 1937, saiu a famosa *Antologia dos Poetas Brasileiros*, da fase romântica. Então, o professor Salles Campos entrava lá e dizia: "Aqui está uma antologia que vocês precisam comprar." "Aqui, tem um poeta restaurado que todo mundo tinha esquecido, Bernardo Guimarães." Esse professor foi muito importante para mim.

Quando eu vim para São Paulo, os professores franceses davam aula na Faculdade de Filosofia. Além das aulas, eles faziam conferências públicas. Eu segui durante um ano as conferências públicas do professor Pierre Hourcade, que era professor de Literatura Francesa. Esse foi o único curso de nível superior que eu segui. No primeiro semestre foi sobre Gustave Flaubert e o segundo semestre com os parnasianos franceses. As aulas eram no centro histórico, só havia dondocas e eu. Um dia apareceu um rapaz. Fiquei tão entusiasmado que eu gravei o nome dele: Itagiba Gilson Paraíba, nunca esqueci o nome dele (*risos*). O professor ia começar a dar a aula e dizia: "Madame, mademoiselles et monsieur". O único curso de nível superior em Literatura que eu segui.

A essa altura aconteceu uma dessas coisas inesperadas. Era aluno aqui da faculdade. Um amigo nosso mais velho, que já era escritor, o Alfredo Mesquita, disse: "Você é muito inteligente, vamos fundar uma revista?" Ele e um colega nosso que era jovem assistente de política, Lourival Gomes Machado, havia tido essa ideia. Eu estava em Poços de Caldas, na casa dos meus pais. Eles me escreveram propondo para fazer crítica de livros". E eu respondi apavorado: "Crítica de livros? Eu nunca escrevi na vida, não fiz nada disso!" "Não, você é capaz, pelas cartas que você escreve a gente percebe que você sabe escrever. Você vai fazer crítica de livros". Veio, então, a comunicação por escrito que eu ia ser crítico de livro; outro, de teatro; outro, de cinema; outro, de artes plásticas. E eu tive que escrever de repente para essa revista. Já não era mais o caderno, tive que escrever um artigo. Escrevi o primeiro artigo de crítica da minha vida. Eu já era taludo, tinha 23 anos. E essa revista nos projetou rapidamente.

Estava no terceiro da faculdade e os ilustres escritores dessa revista eram alunos da faculdade. Nenhum de Letras, todos de Filosofia e Ciências Sociais. A revista acabou

ficando famosa, chamava-se *Clima*. Quem deu o nome foi o Lourival Gomes Machado. Antes, nos reunimos para saber que nome dar para a revista. Veio de tudo: *Revista Paulista de Cultura, Letras e Artes, Letras Modernas*, até *Palavras Aladas*, inspirado nos versos de Homero. Um dia, o Lourival, saindo de uma confeitaria, junto com a que seria a minha mulher, Gilda, viu um anúncio com a frase: “Viagem, procure os bons climas.” Taí, ele disse: “Clima” (*risos*). Esse nome foi muito feliz. Era o clima de São Paulo que nos queríamos dar. E nós queríamos mostrar que éramos uma geração de jovens alunos de uma recente faculdade, queríamos levar para a comunidade o espírito dessa comunidade. E era o “clima” da época.

E eu, gostando ou não gostando, tive que fazer um artigo por mês. E nós nos projetamos rapidamente. Era uma meninada altamente inteligente. A prova foi a seguinte: em 1942, um ano depois de criada a revista, fundou-se a Seção Paulista da Associação Brasileira de Escritores, a famosa e gloriosa ABDE. Ela foi fundada com uma finalidade explícita e uma finalidade implícita. A finalidade explícita era lutar pelos direitos autorais, que eram massacrados no Brasil. E a implícita: lutar contra a ditadura do Estado Novo, arregimentar os intelectuais. Bom, a primeira reunião para fundação da entidade ocorreu num escritório de advocacia da Rua João Brícola e nós fomos convocados. Quem estava lá? Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Abguar Bastos e os meninos. Pediram que o Mário de Andrade fosse presidente, mas ele não quis. Acabou Sérgio Milliet presidente, Mário de Andrade, vice, e eu segundo secretário.

Era um menino. Para mostrar como nós nos projetamos rapidamente. Por que eu digo isso? Porque no fim desse ano o jornal *A Folha da Manhã* foi vendido e o grupo que comprou tinha como proposta fazer um jornal moderno. E, para isso, chamaram um senhor chamado Jorge Martins Rodrigues, que começou a escolher gente. Escolheu um secretário-geral muito inteligente, que era amigo do Lourival Gomes Machado, que queria restabelecer o rodapé crítico. Vários jornais antigamente tinham o que se chamava o rodapé, na parte de baixo do jornal. Quem escrevia esse rodapé tinha um título fixo, por exemplo, Plínio Barreto, no O Estado de S. Paulo, com *Último Crítico*; Álvaro Lins, no Correio da Manhã, com *Jornal de Crítica.* Depois vinha o nome do artigo. E o crítico era chamado crítico titular, ele era a opinião do jornal. Assim era Alceu Amoroso Lima, Olívio Montenegro, Oscar Mendes, Plínio Barreto.

O Lourival, que era um grande líder, com a petulância da juventude, pegou um moleque, que era eu, e botou lá para fazer o rodapé. Eu aceitei. Aí, então, tive que passar da revista para um jornal de grande circulação semanal e produzir toda semana um artigo de 5 a 6 laudas datilografadas, com 70 toques e 32 linhas. Dava um volume por ano. Eu entrei com a inconsciência da juventude, tornando-me crítico literário de um grande jornal com 24 anos. Eu ensinava Português em ginásio, eu era assistente na faculdade em tempo parcial, de Sociologia. Eu queria saber de literatura. E eu chego a isso para dizer, agora uma parte já mais teoricamente importante desta palestra, que me formei como crítico no jornal, não na universidade. Fui um crítico de rodapé, uma espécie extinta, não existe mais. Pegando a Folha de S. Paulo, você vê lá rodapé crítico.

E o que era o crítico de rodapé? Era o homem que toda a semana tinha que dar conta da produção, o que era uma coisa terrível. Recebia livros, como de José de Oliveira, *À Sombra dos Maracujás*; *Meu Amor Meu Coração,* livro de poesias da Maria Luiza Gomes; *Reflexões Sobre a Crítica*, de José Maria; *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Não conhecia ninguém. Então, tinha que pegar tudo aquilo e dizer: “Qual é o que merece texto crítico?” Eu posso dizer Clarice Lispector e posso dizer *À Sombra dos Maracujás*. “Não, Clarice Lispector é um livro secundário, o importante é José de Oliveira,

À Sombra dos Maracujás." Quer dizer, o crítico titular arrisca todas as semanas a reputação dele. E ele não pode errar muito.

Era uma tarefa muito difícil. Por isso é que acabou. Essa tradição é francesa. Não houve nenhum outro povo naquele tempo que tivesse a escola francesa dos grandes críticos de rodapé. O patriarca é Sainte-Beuve. Era realmente uma atividade de alto risco. Eu vou dar um exemplo: naquele tempo havia dois críticos que eu admirava muito. Um era o Álvaro Lins, do Correio da Manhã, e o outro era o Augusto Meyer. Eu tinha um grande entusiasmo pelo Augusto Meyer.

Vamos comparar o Augusto Meyer com o Álvaro Lins. São dois grandes críticos. Mas o Augusto Meyer não era crítico de rodapé. Ele escrevia quando queria sobre o que ele queria. Dante, Cervantes, Machado de Assis, Pirandello, Dostoievski, obras-primas, mas ninguém punha em dúvida. Era o crítico sem risco. Já o Álvaro Lins é aquele crítico que tinha que saber escolher entre José de Oliveira, Maria da Silva ou Clarice Lispector, que ele não sabe quem é. Era um risco. De modo que a crítica de rodapé aguça o jornalismo crítico, o discernimento. Por quê? Porque, ao contrário da crítica universitária, ele está baseado essencialmente sobre o senso do valor. Então, a pessoa tem que se educar para isso.

Fui crítico da Folha da Manhã de janeiro de 1943 a janeiro de 1945. Foram 96 artigos, de cinco a seis laudas datilografadas cada uma, o que dá um volume de 400 páginas. Agora, eu não vivia só para isso. Sustentar minha família, dar aula na faculdade, militar politicamente. Eu também estava lutando contra a ditadura do Estado Novo. Fazia jornalzinho clandestino. Só a mocidade, só a mocidade.... Quando eu penso hoje no que eu fiz nesses anos eu não acredito, sinceramente, não acredito. Aproveitem!

Aí nessa altura aconteceu a coisa mais importante da minha vida intelectual. Formado em Ciências Sociais, tentei dar uma escapada, mas o regimento mudou no ano de minha formatura. Não queria ser sociólogo, principalmente depois que tinha me tornado crítico literário. Foi quando, no início de 1944, surgiu uma vaga para a cadeira de Literatura Brasileira. Como a faculdade não tinha congregação e é nova, qualquer pessoa portadora de diploma superior poderia fazer o concurso. Podia ser advogado, veterinário, agrônomo, o que for. Um amigo da revista *Clima* me disse: "Se você fizer o concurso, é claro que você não vai tirar a cadeira, você é um menino. Mas se você for aprovado, fica livre-docente. E sendo livre-docente, o doutorado de Letras é embutido. Aí você pode passar para Letras um dia." Essa foi a jogada da minha vida. Eu resolvi: "Eu vou fazer tese de campo."

Nesse tempo li um dos maiores poetas do século, que é o T. S. Eliot, eu fiquei apaixonado pela literatura inglesa, me inscrevi na Cultura Britânica. Eu podia tirar o livro para ler. Aí eu li o ensaio de T. S. Eliot, chamado *Tradição e Talento Individual*, de 1917. E lá eu li uma frase sideral. Dizia assim: "A boa crítica não se dirige ao autor, dirige-se à obra". Estava lendo também muitas obras do Trotski, me fascinava. Nas memórias do Trotski, ele conta que estava em Bucareste, capital da Romênia, e lá havia um crítico comunista marxista, que era crítico literário. E que se aproveitava habilmente dos seus artigos semanais para botar política.

Dizem que eu sou um crítico sociológico, mas não sou. Eu fui um crítico ideológico, isso sim. Eu era um crítico muito ideológico. Então o que me interessava era a crítica funcional. Quer dizer, qual é a função da obra na sociedade. Então, organizar a burguesia, o proletariado. Eu estava com sentido nisso. Então, de repente, uma pessoa me diz: "O importante não é nem o autor nem o meio, o importante é a própria obra. O poema é um organismo". Que no fundo é uma ideia que está em Aristóteles.

Em meados de 1944 eu tinha que fazer uma tese até abril de 1945. “Tem que ser uma coisa que eu conheça eu conheça bem?”, pensei. Sílvio Romero? Vivo lendo história de Sílvio Romero, meu pai tem Sílvio Romero. Fiz uma tese sobre Sílvio Romero que se chamou: *O Método Crítico de Sílvio Romero.* Foi a virada da minha vida. Eu até li essa tese há uns anos atrás, e não contem para ninguém, que parece muito boa, sabe? (*risos*). Essa tese para mim foi a grande revelação, porque aí eu vi o erro do Sílvio Romero. Um grande historiador da literatura, um grande pensador da literatura e não sabia distinguir Zé Germano de gênero humano. Para ele o bom autor era aquele que reproduzia a sociedade. E a crítica que ele fazia era a mais primária possível. Ótima história da literatura, visão de conjunto, mas nem espírito de antologia, nem espírito de resenha.

Fiz uma tese muito respeitosa em relação ao Sílvio Romero, de qualquer forma eu continuo tendo uma enorme admiração por esse autor. É um dos homens fundamentais do pensamento brasileiro, porque foi o homem que proclamou que “todo brasileiro é mestiço.” E foi ele que proclamou que “o branco brasileiro pode ser chamado de branco brasileiro, mas não é branco feito o europeu.” Grande pensador o Sílvio Romero. Brigão, injusto, encrenqueiro, mas é uma grande figura. Maior respeito por ele, como historiador da literatura, sim, mas crítico, não. Ele tem o espírito de história da literatura, mas não tem o espírito nem da resenha, nem da antologia. Na tese, mostro a falha dele, que atrapalhou a crítica no Brasil, impedindo que a crítica no Brasil entrasse no caminho estético. E naquele tempo já havia críticos que iam caminhando por aí, como, por exemplo, o Araripe Junior. Mas ele desmoralizou a estética. Ele chamava o gosto estético de delírio polucional de maníacos. Quem falar mal dele briga comigo, mas ele não era bom crítico.

Quando docente, havia decidido que queria mesmo a crítica integrativa. Eu queria conservar a autonomia do texto com toda a estrutura sobre ele. A minha noção de estrutura não era a noção dos estruturalistas, porque a minha noção de estrutura vem da antropologia social dos ingleses. Eu transpus a antropologia para a crítica literária. O que é estrutura? A estrutura é o sistema de relações internas de uma obra que faz com que ela tenha uma determinada configuração, é a que dá a fisionomia dela. Ela, então se destaca do autor. Mas é claro que sem o autor ela não existiria. E é claro que ela tem uma função na sociedade. E é claro que ela se engrena numa sequência histórica. Porque o *new criticism* americanos chegou ao cúmulo de negar a validade da história literária. Isso é o cúmulo!

Já no livro de uma grande crítica inglesa, Helen Gardner, chamado *O Negócio da Crítica* (*Business of Criticism*), ela mostra como é que os críticos fazem os maiores erros na análise de um poeta, só considerando um poema. Isso que ela diz que é fruto da tensão interna do texto, não é, é a influência de fulano de tal, publicado em tal data sobre isso. Quer dizer, a informação geral é necessária. Então, a minha ambição foi essa: quero fazer uma crítica integrativa, ou seja, uma crítica em que eu leve em conta, sobretudo, a estrutura do texto, mas eu não dizendo o texto como uma coisa isolada. O texto vem de alguém e o texto funciona em algum lugar.

O Gilberto Vasconcelos falando sobre os críticos que só querem o texto, pergunta: “E a sociedade? E o autor? E esses que são tarados textuais.” Boa piada! Eu não digo isso. Mas o importante é que em 1945, eu não senti isso de jeito nenhum. Mais tarde pensando é que eu fiz essa organização que eu estou dizendo agora. Mas lá eu não pensava. E vendo a minha vida pregressa, eu vejo essa formação prática muito ligada ao texto, com esse exercício de escrever na Folha. E depois, através da poesia inglesa, a ideia da dignidade do próprio texto. Era uma coisa banal, só que eu já tinha lido isso várias vezes, mas nunca tinha entrado na cabeça. A gente pode ler 50 vezes uma coisa, não estando preparado, não percebe. Eu me lembro quando eu li *Tradição e Talento Individual*, do Eliot, em 1942,

1943. Começa um parágrafo que diz assim: “A verdadeira crítica não se dirige ao autor, mas à obra.”
Eu já tinha lido isso de outra maneira, mas naquele momento foi importante. A importância para mim dessa nova crítica é, inclusive, porque o fundador dela nos Estados Unidos, John Crowe Ransom, a chamava de crítica ontológica. Essa expressão é muito boa. O que é crítica ontológica? O que é *ontos*? *Ontos* é o ser. A crítica ontológica é a crítica que se preocupa com o ser da obra, como é que ela é. A crítica sociológica, por exemplo, se preocupa com o que está em volta da obra. A crítica psicológica se preocupa com quem fez a obra. Então, pode-se dizer que a crítica que eu preconizo é a crítica eclética. O que é um erro muito grave. Mas como eu sempre disse aos meus alunos, eu não tenho medo dessa palavra. Se for para ser eclético, serei com o maior prazer. A gente passou para a pluralidade.

No meu tempo de moço na militância política, o maior xingamento do marxista era dizer: “Fulano é um eclético.” Então, eu pensava: “E Marx? Como é que ele construiu o marxismo?” A partir da economia liberal inglesa, a partir do socialismo utópico francês, a partir de Malthus. Ele foi eclético. A pessoa sempre traz para a pluralidade, para chegar a uma forma coerente. Se a pessoa tem certa força, ela consegue dar um tom pessoal a isso. Se não consegue, pelo menos reúne materiais díspares que podem ajudar.

Em 1958 fui para Assis. Sem o concurso de Literatura, eu não estaria preparado para ser professor de Literatura. Porque eu tinha, vamos dizer, senso de discriminação, senso de antologia, capacidade de exposição, senso de resenha e a visão do conjunto. Mas eu não tinha nenhuma capacidade analítica. E o professor de Literatura, a meu ver, é sobretudo aquele que analisa o texto. Isso eu tive. Como é que eu aprendi a fazer isso na prática? Em Assis. O curso de Literatura me ensinou que o importante é o texto. Portanto, o que eu tinha a aprender a desmontar era o texto. Não tinha sentido fazer crítica literária com análise de texto. Isso é para jornal. Jornal é resenha, é apresentação geral. Análise de texto se faz em aula. Assis, onde eu fiquei dois anos e meio, eu me dediquei a fazer análise de texto. Todos os cursos que eu dei aqui, ali, na França, nos Estados Unidos em grande parte foi com material que eu preparei em Assis. Trinta e tantos textos de prosa e verso.

Então, agora não mais o crítico como crítico, mas o crítico como professor de Literatura, além desses modestos requisitos iniciais, ele tem que ter a capacidade de análise. E eu sou um professor muito fajuto, eu não tenho cabeça teórica. Eu sempre concebi a análise do texto. Para mim, a teoria serve, sobretudo, como encaminhamento para análise. Como professor de Literatura, analisei texto. Foi aí que eu me completei, graças ao concurso que prestei em 1945, e ao que aprendi com os textos ingleses e americanos, que têm grande respeito pelo texto enquanto texto.”

APÊNDICE C

Entrevista com o professor Pablo Rocca. Realizada em Montevidéu, na Universidad de la República em 19 de maio de 2008.

P – Podría cuentarnos un poco más sobre el encuentro y después las relaciones entre Antonio Candido y Ángel Rama.

PR – Hay una serie de informaciones, de índole histórica, o la crónica del viaje de Antonio Candido a Montevideo en 1960, para dictar su curso de verano en la Universidad. El encuentro de algún modo fortuito, de algún modo no fortuito con Ángel Rama y las repercusiones críticas, luego teóricas, y aún amigables, fraternas, en especial entre Antonio Candido y Ángel Rama, de la cuales no voy a hablar porque eso sería un poco inútil y aunque no creo que sea un acto de inmodestia decir que eso está de alguna manera reseñado dentro de otro tipo de consideraciones, claro, en lo que fue una tesis y luego se convirtió en un libro que se publicó al fin del año 2006. Así que de ese punto me parece, perfectamente, puedo dispensarme porque sería sobreabundar sobre algo que ya está ahí.
En cambio, sí se lo podría mirar desde otro lado. Por el lado, quizá, de la inexistencia de las casualidades. En el sentido que, si Antonio Candido no hubiera salido por primera vez de Brasil hacia un país hispanoamericano, visitando Montevideo en 1960, entonces no se hubiera desencadenado una fructífera relación con Ángel Rama que permitió un desarrollo muy considerable de las relaciones culturales, en especial en el campo de la crítica literaria entre Brasil e Hispanoamérica.
Ahora quizás, no haya existido esa casualidad, quizá haya sido inevitable que eso ocurriera, en el sentido que, es cierto que si Antonio Candido no hubiera venido no se hubiera desencadenado todo ese proceso, pero pudiera haberse llegado a unos años antes, y entonces la historia hubiera sido distinta. Podría haber, digamos, si hubiera llegado unos años antes, hubiera encontrado en la dirección de la página literaria del semanario *Marcha* a Emir Rodríguez Monegal. Quizá Emir Rodríguez Monegal no se hubiera interesado por el tipo de trabajo que hacía Antonio Candido, más adelante sí se interesó y mucho, pero tal vez en ese momento preciso no; si hubiera llegado antes, no se habría producido en ese entonces la Revolución cubana. No podemos pensar que hay un azar sino que hay determinados hechos históricos, para el caso, el triunfo de la Revolución cubana del 59, una metodología de trabajo y una visión del mundo que Antonio Candido tenía ya muy bien formada, una forma de trabajo que tenía consolidada a pesar de su relativa juventud en ese momento, cuarenta y dos años, y una visión del mundo que Ángel Rama estaba consolidando, estaba afirmando en ese momento. Es decir, esos son factores históricos, sociales, políticos y culturales, formativos, que no pueden no llevarse en cuenta. Hay un texto pequeño de un escritor guatemalteco-mexicano, Augusto Monterroso, que dice algo así como: “Los enanos tienen un no sé qué, que se identifican entre ellos”; bueno, es decir, estos dos enanos, que en realidad son gigantes, enanos para utilizar la imagen del texto de Monterroso, necesariamente tenían que identificarse entre ellos, no podían no identificarse. Por eso insisto en la inexistencia de las casualidades, sino más bien una causalidad de los problemas. De hecho Antonio Candido, y él lo ha manifestado por ejemplo en una entrevista que recogí en este libro *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano* y luego en un texto que él lo preparó, que por cierto está inédito, cuando le dimos el doctor *honoris causa* aquí en el año 2006, que sus contactos en Montevideo, en su visita de 1960 fueron muchos. Él conoció a Rama, en realidad, no directamente sino a través de José Pedro Díaz, que era nuestro profesor de Literatura francesa en la Facultad de Humanidades y Ciencias, como se llamaba en esa

época de la Universidad, y que era el responsable de conectar a los profesores, digamos del área de letras, para impartir ese curso de verano que era una práctica que tenía la Universidad nuestra, estupenda, que por desgracia se ha perdido, que estaba dirigido a un público general, no necesariamente un público universitario. José Pedro Díaz había sido profesor en la secundaria de Ángel Rama y eran íntimos amigos y los dos estaban por fundar en ese momento, otra causalidad, y no casualidad, la editorial Arca que iba a ser fundamental para el desarrollo de la cultura, sobre todo de la cultura literaria en Uruguay, y aun para América Latina más adelante. Sin embargo el grado de relación con José Pedro Díaz, a pesar de que siempre fue muy fraterno, al menos así lo recuerda Antonio Candido, nunca prosperó mayormente. Conoció en el Museo Histórico Nacional a su director y gran historiador, por cierto, Juan Pivel Devoto, sin embargo nada, por ese lado nada se incluyó y mucho otros más. Es decir, ¿por qué entonces hubo un encuentro con Ángel Rama? Y bueno, por eso, porque había propósitos comunes, había asimetrías muy grandes también, había asimetrías personales en ese momento muy grandes.

En este entonces, Rama era muchas cosas a la vez, en este país la cosa sigue más o menos siempre así, quizá haya mejorado un poco la situación en los últimos años, pero de algún modo continúa siendo así. Y él se desempeñaba en ese momento como crítico literario en el semanario *Marcha*, acababa de asumir la dirección de la página literaria de *Marcha*, que era algo muy, muy importante, muy prestigioso en Montevideo, en Uruguay y en el Río de la Plata, no mucho más allá de este ámbito. Por cierto su anterior director Emir Rodríguez Monegal, quien había asumido esa responsabilidad en 1945, había construido esa gran página con una orientación diferente a la de Rama, aunque en algunos puntos comunes, una dirección común. Por otra parte se desempeñaba como profesor de educación de literatura de Secundaria, Rama, y trabajaba en la Biblioteca Nacional, trabajaba en la dirección técnica de la colección de Clásicos Uruguayos del Ministerio de Instrucción Pública, como se llamaba en la época, o sea, hacía muchísimas cosas. Lo que no tenía, y que iba a esperar, sólo mucho más tarde y que se le va potenciar en realidad en especial cuando salga al exilio luego en 1973, luego en el golpe de Estado de los militares aquí, es una actividad universitaria. Hoy es un poco difícil entender eso, sobre todo entenderlo desde Brasil, cuando Brasil ha avanzado tanto en el territorio académico, en el territorio universitario, pero a veces habría que hacer un poco de esfuerzo de memoria y, digamos, volver a situarse en los contextos y tomar en cuenta que en 1960, en realidad la universidad brasileña también era muy débil y que, por tanto, destinos como el del Antonio Candido eran muy pocos, muy singulares. De hecho, cuando Candido viene aquí, sale para instalarse en Assis, para fundar en esa ciudad la primera cátedra de Teoría Literaria de la universidad brasileña, de la universidad paulista. Entonces, digamos, hay que ver que allí hay un proceso distinto y que aquí está todavía demasiado lejos.

Entonces, eso marca asimetrías, marca al mismo tiempo intereses comunes. Asimetrías profesionales, de hecho Candido había atravesado por eso ya de otra manera, pero había atravesado por un proceso semejante al de Rama, nunca había trabajado en la educación media o secundaria, que en Uruguay fue muy prestigiosa. De algún modo es un poco la temperatura de este país. Es un país básicamente de clase media que confió, que apostó mucho en la Educación secundaria y que además tenía como estamentos o categorías diferenciales. Es decir, ser profesor del Instituto Alfredo Vásquez Acevedo no era lo mismo que ser profesor de otro instituto de enseñanza secundaria, ahí estaban los mejor calificados, los mejores, entre otros estaba en ese momento Ángel Rama y era, además, una educación media relativamente selecta, no tan difundida, no tan extendida, masificada, como pasó a serlo más tarde.

Candido no había atravesado por ese proceso, pero sí por el ejercicio largo, quizá no tan tenso, de ser crítico titular, como dice Candido que se decía, en varios periódicos de San Pablo, si mal no recuerdo *O Estado de S. Paulo*, principalmente, donde escribió, por ejemplo, una serie de "rodapés" sobre Graciliano Ramos que luego recogió en su libro *Ficção e Confissão*. Esa era una etapa que Candido ya había abandonado, quizá a veces y hasta hoy, de vez en cuando siguió escribiendo algún texto para periódicos, no lo hizo profesional o consuetudinariamente como Rama lo hacía entonces.
Rama vivía en un país cuyas claves pasaban por ahí, es decir, pasaban por el debate, muy intenso, y con un inmenso marco de público dentro de las posibilidades que esta definición comprende, quiero decir, siempre sabemos que el problema del público es un gran problema, para empezar el propio Antonio Candido tiene ese maravilloso ensayo: "O escritor e o público" en *Literatura & Sociedade*, que tanto nos ha enseñado acerca de esta cuestión.
Sea como sea, había un público ávido, y en especial muy interesado en la Literatura, y por aquellos años empieza a preocupar muy especialmente en general, en todo el país, quizá entre otros procesos como consecuencia de una crisis económica y social, también política en cierta forma, que golpea el país por primera vez y que se va profundizando de manera brutal en el "decorrer" de los años siguientes, pero que ya está instalada, a pesar que sobrevive algo de la vieja prosperidad, y luego el impacto de la Revolución cubana, que va empezando a sentirse como un elemento diferente y que genera, en muchos, expectativa de una transformación, de un cambio de rumbo hasta ese momento desconocido. La gente está muy preocupada o empieza a preocuparse por la literatura nacional y por la literatura latinoamericana. Claro que, por una cuestión de afinidades, la lengua común, y por lo tanto de diferencias, la lengua distinta, no tanto, pero al mismo tiempo distinta del portugués, empieza por aproximarse más a la literatura, digamos, latinoamericana. Brasil no es un, un significante vacío, pero es un obstáculo, es algo que se conoce muy parcialmente, que sólo había sido transitado por pequeñísimas minorías. Y desde Hispanoamérica hay ciertos resquemores o incomprensiones o dificultades para entrar en Brasil o para conocerlo, y desde Brasil, sin duda alguna, también lo [hacían] con sus múltiples vecinos y hasta una cierta, me parece a mí, una cierta apatía. Hay una fuerte tradición en Brasil, empezando por el propio Euclides da Cunha, de antihispanoamericanismo, y eso hizo sus efectos. A pesar de que ese bloque no diría fracturado, pero sí fisurado, por varios intentos parciales. Entonces, la presencia de Antonio Candido aquí, para Rama, representa la posibilidad de entrar en contacto con alguien que piensa en términos muy semejantes a los de él, el pequeño contacto, breve contacto personal que tuvieron así debió habérselo mostrado. Resultado de eso es la entrevista, la breve entrevista que le hacen en el semanario *Marcha*, en la que justamente en brevísimo "acápite" habla de la sana envidia que le produce que él tenga que dedicarse solamente a enseñar teoría literaria seis horas a la semana, y el resto del tiempo a estudiar, en un régimen casi monacal, porque entonces Rama tiene que ganarse la vida de veinticinco mil maneras.
Así que la presencia de Candido, decía, de alguna manera representa la posibilidad de entrar en contacto con alguien que piensa de un modo semejante, pero que además sería capaz eventualmente de descubrirle un mundo que él no conoce o que conoce de manera absolutamente fragmentaria y hasta se diría muy precaria que podría eventualmente ponerlo en ese camino. Y la herramienta que él tiene es *Marcha*, Para quien no lo sepa, a veces es difícil explicarlo, pero no era un periódico corriente, era un periódico en el que se hacían múltiples equilibrios. Para empezar, no estaba adscripto a una línea política concreta no representaba el partido X o B, tenía principios muy firmes como el antiimperialismo, pero, a su vez, no estaba en absoluto ligado a la órbita soviética, sino que

más bien tenía muy serios reparos con ella, es decir, que políticamente ocupaba una especie de tierra de nadie. Una estela de la utopía, de la tercera posición, de la liberación latinoamericana, no soviética y no norteamericana y no capitalista; y fue un espacio, por lo tanto, en que pudieron conjugarse muchas opiniones, aún divergentes, que ahí podían intersectarse, ahí podían encontrarse. Además, desde el principio *Marcha* tuvo una tónica que fue creciendo, fortaleciéndose cada vez más, que fue su respaldo, su apuesta por la cultura, en el sentido de la cultura letrada, no tanto la cultura popular que más bien es un campo de trabajo de los últimos años, en el que tampoco le vamos a achacar o a reclamar cosas que no se podían hacer entonces. Y, naturalmente, como el discurso de la modernidad era más fuerte que el discurso literario dentro de las distintas posibilidades de la cultura letrada, la literatura ocupaba un lugar central. Eso generó un público, un respaldo que fue cada vez más creciente, en especial un público de clases medias urbanas, sobre todo montevideanas, que de a poco empezó a entrar en Buenos Aires, empezó a introducirse en debates, que estaban produciéndose en el otro lado del río, en momentos que fueron muy largos para desgracia de los argentinos, de censura de todo tipo. De modo que muchos argentinos también encontraron en *Marcha* el espacio que no tenían para discutir sus problemas; eso le dio a ese semanario un punto de debate muy singular, muy curioso, como no hubo ningún otro caso en América Latina en esa época ni después.

Así que Rama tenía eso, que le podía ofrecer a Candido, pero a su vez confiaba en esa herramienta como una herramienta, en *Marcha*, de transformación de la cultura latinoamericana y, a la larga, de la sociedad latinoamericana. O sea que la incorporación de Brasil no era solamente vía Candido, no era solamente un hecho de curiosidad intelectual o un intento de penetración, de mayor conocimiento de esa realidad por mero placer sino que además era una herramienta de tipo político, si se quiere. De cierta forma un resultado bastante natural de sus expectativas, las de Rama, también las de Candido, fue el modelo cubano. Expectativas de las cuales Candido, digamos de algún modo, lánguidamente se ha apartado, pero no de forma radical, y Rama pasó a desconfiar de esta alternativa en el correr de los años setenta, pero se podría decir que hasta 1972, el encuentro y la expectativa, la confianza y la esperanza, fue total. Esto produjo de manera muy marcada, eso que llamamos literatura latinoamericana que, por cierto, antes no se llamaba así, nadie la llamaba de esta manera. Hay que ver todos los proyectos que tienen que ver con su historización, desde los años 30 en adelante nada maneja este concepto. El primero que escribe una historia de la literatura latinoamericana, que es Pedro Henríquez Ureña, es decir, incorpora tanto el Caribe, como Hispanoamérica como Brasil, como producto de unas conferencias que dictó en Estados Unidos en 1945. Y ya publica su libro, con el título de *Las corrientes literarias en América Hispánica*, o sea, no habla de América Latina. Si bien el concepto es anterior, lo había matizado a Torres Caicedo al fin del siglo XIX y todo los demás, no había logrado cobrar fuerza, de hecho cobra fuerza básicamente a partir de la Revolución cubana, así que es un fenómeno cultural, literario y político que se da de la mano.

Claro está que Candido no podía responder las demandas de Rama porque, digamos, su opción profesional, si se quiere, iba para otro lado, era justamente en el fortalecimiento de la universidad brasileña que estaba aún comenzando digamos, que por cierto, tuvo muchísimo éxito en esa tarea. Y en el medio aparece la dictadura, una dictadura feroz que obligó, antes aun que la propia dictadura, a que Rama empezara a ver, a partir de su experiencia aquí en la Facultad de Humanidades como profesor de Literatura Latinoamericana y como director del departamento correspondiente, que hay un campo de trabajo posible. Un campo de subsistencia posible; de ahí las contrataciones en Puerto Rico en 1972. En eso lo agarra el golpe de Estado y esa dictadura feroz que le impide volver al

país. Tiene que arreglarse como puede, tiene que ganarse la vida en el exterior. Quien lea el *Diario* de Ángel Rama, que no me parece un texto demasiado extraordinario pero es en algunos puntos reveladores, por ejemplo, en lo que tiene que ver con su profesión, verá los tremendos sufrimientos que padeció. Porque, entre otras cosas, los títulos que empezaron imponerse en todo el mundo, en buena medida a causa del modelo universitario norteamericano, aquí no existían ni existen aún. Rama lo único que tenía era secundaria completa. Así que, defenderse con ese no- título en el mundo no era tan simple, a pesar de su inmensa acumulación de trabajo y su infinito saber.

Ahí empezaría una segunda etapa en la que Candido, que además de ser un extraordinario intelectual es una excelente persona, y que trata de acercarlo a Rama al Brasil, Campinas, Universidad de San Pablo, etc., para que, bueno para que pueda trabajar en estas instancias y, a su vez, para aprovechar su conocimiento para fortalecer los estudios hispanoamericanos en Brasil y la realidad literaria de los cuales se tenía una noticia digamos relativa. Entonces nada mejor que alguien que había logrado construir un gran mapa a partir de su experiencia en *Marcha* y de su simultánea experiencia como asesor y miembro de tribunales y además de Casa de las Américas de La Habana, donde le había sido posible conocer a "tout le monde", de Alejo Carpentier a Julio Cortázar que ya conocería en el Río de La Plata, pasando por David Viñas o Rulfo, García Márquez de quien era muy amigo, y tantos otros más. O sea, que esa es una segunda etapa que ya está más enmarcada en el proceso de los trabajos universitarios propiamente dichos.

De cualquier manera yo creo que hoy, en algunos ámbitos universitarios, desgraciadamente en Uruguay esto no era muy común hasta hace poco, ahora ya lo es, se mira con desdén la tarea del periodista. En buena medida, en mi opinión, se lleva razón en esta afirmación porque la actividad periodística se ha transformado en muchos casos, no todos claro, en algo demasiado dócil y misceláneo y diletante, pero no se la lleva en la medida en que la historia del periodismo en América Latina es la historia de la cultura de América Latina, ha sido el único espacio posible en países en que las cuotas y los niveles de cultura han sido de bajos a medianos, dependerá de la situación geográfica o geo-cultural en que la que nos encontremos. La industria cultural ha tenido un desarrollo, sobre todo la industria editorial, un desarrollo pequeño, y, ha sido el periodismo en sus múltiples formas que le ha ofrecido a los escritores, a los pintores, transformarlos en dibujantes, en ilustradores de publicaciones; a quien quiera que fuese, un espacio de comunicación con el público. Eso socializó muy fuertemente su tarea, es decir, hizo que además de escribir lo que cada cual quisiera escribir, de alguna forma escribiera en función de un público leal, o por lo menos alerta o realmente existente, porque cuando uno escribe las cosas que escribe, hoy, en el campo universitario, uno tiene la certeza de que eso, con muy buena suerte, va a ser leído por veinte o treinta personas, que en realidad forma parte de otro tipo de circuitos, de los cuales uno legítimamente se gana la vida. Yo le tengo que agradecer a la Universidad que me haya permitido precisamente esa posibilidad, pero está la convicción de que eso que se hace no va a tener una repercusión inmediata. En cambio, escribir para *Marcha*, por ejemplo en 1965-66, en medio de los tormentosos debates que tenían que ver con la Revolución cubana, con Vietnam, y los preámbulos del Mayo francés, con la aparición de determinados libros como *Cien Años de Soledad*, era un seguro de público y la posibilidad de encontrarse, con una recepción inmediata. Ese proceso empezó a crecer, a multiplicarse por distintos puntos de América Latina. Así que, tanto Candido como Rama, a pesar que Candido entró más disciplinadamente en el sentido literal y en el sentido también profesional en los estudios literarios de la mano también de la Sociología, en la que él tiene una formación muy fuerte como sabemos –, nunca perdieron de vista la aspiración de que ese saber tenía que socializarse. Y de hecho, a pesar de que Candido ha

escrito poco en los periódicos, ha seguido escribiendo, y sigue escribiendo de vez en cuando en los periódicos, y Rama nunca dejó de hacerlo, ni siquiera en su etapa venezolana. Escribió hasta el último momento, a pesar de tener otras posibilidades, en especial en los ultimísimos años, quizá del 81 en adelante, tal vez no tanto antes. Nunca dejó de escribir reseñas, de participar en los debates públicos, en *El Nacional* de Caracas, por ejemplo, o en revistas culturales de distintas partes de América Latina. En Montevideo, Rama escribía sólo para *Marcha*. Antes había escrito para un diario que se llamaba *Acción*, escribía notas sobre teatro y alguna reseña sobre libros, formas de ganarse la vida, pero también de participar en el debate cultural, que era muy activo. De ahí a la formación editorial es un paso natural, eso forma parte de un proyecto intelectual que tiene mucho que ver con la idea redentora, de algún modo, de la cultura de fabricar libros, hacer libros, para que la gente sea mejor. La idea moderna que hoy sabemos que, por un lado, es un poco disparatada, pero que en una de esas no estaría mal recuperarla. Así que fueron dos tareas simultáneas. Si uno observa la obra de Rama, muchos de los prólogos que escribió, dicho de otra manera, hasta el 70 lo único que escribió fue artículos y prólogos. El problema es que esos prólogos, muchos de ellos antes fueron artículos o son artículos reciclados, reescritos, adaptados para tal función o si no, son lo que son, pero en un sentido, digamos, sinóptico, pedagógico, un lenguaje que, sin descartar cierta ambición por lo menos teórica, sin olvidar que esa función la tuvo que hacer solo o casi, en un medio en el que la Universidad, repito, no era poderosa, buscaba socializar ese discurso. Y eso fue muy beneficioso y además fue muy inteligente. Uno lee todavía sus textos en *Marcha* y sigue encontrando ideas; no necesariamente por estar dentro del formato universitario tiene que haber ideas, a veces sucede más bien lo contrario. Así que, creo que respondo a tu pregunta sobre que la función que *Marcha* cumplió, fue excesiva, fue afortunada también. Porque otros tuvieron que dispersarse en muchas publicaciones periódicas, si bien escribió para algunos otros lugares, claro incluso hay una nota de Rama en *El País*, por ejemplo, en determinada altura cortó con el diario *Acción*, para dedicarse plenamente a la sección literaria, a construir la sección literaria de *Marcha*.
Lo cierto es que seguramente el salario que recibiría por trabajar en *Marcha* sería muy bajo. No creo que con eso pudiera siquiera mantenerse, eso es un detalle, para mí, no menor, ya que a mí me interesa, por lo menos, saber cómo se gana la vida la gente para poder dar mi opinión a propósito de ella. Y además tomando en cuenta de que se trataba de una persona que, al igual que su predecesor Rodríguez Monegal no tenía fortuna personal, ni familiar, ese es otro dato muy importante porque Rama pertenece a una familia de inmigrantes pobres, sus padres eran gallegos. Su padre era chofer, su madre era "faxineira", como se dice en portugués, era limpiadora. Eso habla bien, si se quiere del Uruguay de aquellos años, de los años 30-40, que permitieron un elevador social muy rápido. Quiero decir, tenía que ganarse la vida y tenía que conquistar la vida al mismo tiempo, y nada mejor que ese tipo de periodismo, que era un periodismo especializado. Además, estaba cubriendo un espacio que no estaba ocupado por las publicaciones académicas. Publicaciones académicas había, por supuesto, no ha sido tan miserable este país como para no tenerlas y, de hecho, creo que las tenía mucho más que en este momento, pero había un problema de lenguaje, de inmediatez, de rapidez, para comunicarse con el público que estaba ávido por saber cosas. Aunque nunca se sabe aquello que se aprovecha bien, o qué plantea eso, si es el público que demanda o si es uno el que hace, el que escribe, el que genera la demanda, quizás sean las dos cosas, a veces separadas, a veces alternas o simultáneas. Pero el hecho de aparecer, supongamos, un escritor llamado Julio Cortázar y que él escribiera – él u otro, no estaba solo, también eso es muy importante a tomar en cuenta, que todo eso funcionaba en un circuito muy

enriquecedor. Eso le daba un dinamismo. Y, de algún modo, cuando Rama, en su breve pasaje por la Universidad uruguaya como profesor de Literatura Iberoamericana, como se le llamaba en la época, lo que trató de hacer fue también renovar la agenda, es decir, en lugar de trabajar tanto, por ejemplo, dictó un curso, un seminario sobre *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez en el año 69, o sea, un año y tres meses después la publicación de la primera edición. Me parece una cosa bastante sorprendente. Y eso, sin el periodismo, es imposible.

P– Sólo para complementar. En ese momento crees que, es lo que dice Edward Said, que Rama era un intelectual de su tiempo, con una actuación pluri?

PR –Sí, totalmente así. Pero eso no se entiende sin las claves uruguayas. Eso no es posible pensarlo sin esas claves. Porque, por ejemplo, Said que podría ser un ejemplo relativamente semejante al de Rama, sin embargo, él está fuera de su lugar. Él no está en Palestina, trabajando, está desde el punto de vista del concepto, un poco obligado por las condiciones de su país, que él potencialmente, pues que tal vez exista una cosa que se llama talento. Rama lo desarrolla de un modo muy notable fuera del Uruguay. Otros no, pero otros sí, digamos, Rama no está solo. Otros no tienen tal vez las posibilidades, los contactos, los vínculos que él había logrado establecer en *Marcha*.

De algún modo, *Marcha* fue una especie de carta blanca, de llave de plata para abrir muchísimas puertas que, evidentemente, otros no consiguieron. Otros buscaron, caso Rodríguez Monegal, especializarse demasiado, o especializarse en un territorio, en el caso de la literatura. Rama estuvo sobrenadando distintas disciplinas, pero que claramente es una hechura de este país y de un tiempo en el que circulan muchas cosas que después dejaron de circular y que, además, sin ese medio que es *Marcha* no hubiera sido posible que se desarrollaran, sin la menor duda.

Y sin ciertos magisterios, por ejemplo, en especial el de Carlos Quijano, el director del semanario *Marcha*, que era abogado, pero a su vez era periodista, un intelectual, un hombre muy atento y muy afín a la literatura, en una posición política distante de los dos grandes centros de poder de la época, La Unión Soviética y Estados Unidos y, al mismo tiempo, del autoritarismo, por ejemplo del populismo peronista o del “varguismo” en Brasil. Quijano tenía una prosa muy precisa y al mismo tiempo muy elegante. Sin un magisterio como ese, probablemente, no hubiera podido ser lo que fue, Rama dice en un texto sobre *Marcha*, escrito y publicado en los *Cuadernos de Marcha*, en su etapa mexicana, dice que Quijano le manifestó cuando, tiempos después de haberle ofrecido la dirección de la página literaria, que se sentía ahora sí a gusto, porque coincidían. Esa era una forma de atacar a Rodríguez Monegal, claro, que estaba antes que él, pero que según dice Rama que le dijo Quijano, coincidía la perspectiva política del semanario con la perspectiva cultural. Entonces, yo pienso que habla claramente de esa idea de Said sobre un intelectual plural. No sólo porque a consecuencia de opiniones, no solamente de sus convicciones sino también de ese medio. Porque, el primer Rama es muy afrancesado, no tiene nada que ver con todo esto, escribe sobre literatura francesa y española, a mí me parece percibir que él buscaba más bien ese tipo, ese “coté”. Esa especialización en su primera etapa casi no hay textos sobre hispanoamericanos, alguna cosa sobre Vallejo, sobre Darío, pero muy, muy suelta, muy desflecada; entonces era secretario de redacción, junto con Guido Castillo de *Entregas de La Licorne*. Su solo título algo indica de su filiación, dirigida por una finísima poeta, uruguayo-francesa, Susana Soca Blanco Acevedo, que creó esa revista, la financió con su fortuna personal que era mucha; en la línea tradicional de la cultura latinoamericana, de la alta cultura latinoamericana como un

puente entre Francia y Uruguay, en el caso entre Francia e Hispanoamérica, quizá un poco más ambiciosamente.
Está claro que su inserción profunda en *Marcha* y la coincidencia de la Revolución Cubana, las fechas coinciden. Rama entra en *Marcha* cuando llega la Revolución cubana y llega Candido cuando empiezan a llegar las noticias más claras, sobre en qué se había transformado el proceso, qué era.

P – ¿Hubo en algún momento un marco para este segundo Rama así muy claro, o no?
PR –¿A qué te referís?

P – En este Rama periodista, crítico literario, a partir de una cierta época ya no era, ya traía las páginas de *Marcha* otros autores hispanos o uruguayos, o no es tan claro, no es así un marco, a partir del día o del mes…

PR – Ah, con todo eso ha sido beneficiado. De algún modo contribuye a facilitar un movimiento cultural, sobre todo editorial o literario, que se manifiesta en América Latina, pero también lo recoge. El factor es Cuba, es decir, a partir de 1962, cuando Rama empieza a ir a Cuba todos los años, a colaborar y a participar activamente Rama sobre todo en los concursos de Casa de las Américas y en la redacción de la revista *Casa*. Ahí establece muchísimos contactos. Ahí sí pasa a conocer a algunos brasileños más allá de Antonio Candido, como Thiago de Mello, por ejemplo, para dar un ejemplo suelto cualquiera. Sí, en Cuba consigue colaboraciones. La diferencia es que, por ejemplo, un argentino no podía hacer eso. Supongamos, en Argentina, Adolfo Prieto o David Viñas o Noé Jitrik, quienes también iban a Cuba y también eran afines a la revolución, no tenían medio donde hacer eso, y si lo tenían, eventualmente, circunstancialmente lo tenían, venía una dictadura en el 1966, Onganía, por ejemplo, arrasaba con todo. Hubo libertad de prensa absoluta, algunos recortes, pero insignificantes, en algún momento pudo haber habido, pero en casi todo el siglo veinte, salvo en un pequeño interregno en la década del treinta hasta que en 1972 empiezan algunos problemas y en 73 ya se corta todo. Entonces, evidentemente, eso es así.
Claro que hay que ser justo. Porque a algunos le imputan injustamente a Rodríguez Monegal que era un anglosajonizado – el propio Rama lo dice, que miraba solamente para al mundo norteamericano, anglosajón. En alguna medida, eso es verdad. Pero era un hispanoamericanismo débil por la sencilla razón de que no circulaban los libros hispanoamericanos por aquí, ni por aquí ni por ningún lado, situación bastante semejante a la que vivimos hoy, a pesar de todas las innumerables formas de contacto que tenemos a través de Interne. La aparición de Cuba y su propósito evidentemente político, de estimular una idea de América Latina que Cuba hegemonizara cambia todo. Sus ediciones de libros muy baratos, en una serie de colecciones que eran latinoamericanas, y por otro lado el renacimiento a mediados de los años sesenta del mercado editorial español, después de casi treinta años de asfixia y de censura, la aparición de la editorial Seix Barral, de sus concursos que empiezan a ganar escritores latinoamericanos, y la edición de algunos autores por ese lado y el acercamiento tímido, pero acercamiento al fin, del mercado argentino y el mexicano.
Ese es un proceso que se inicia, a principios de los años sesenta, que se consolida a mediados de los años sesenta. Incluso los problemas o las discusiones sobre la literatura latinoamericana en los Congresos de escritores, eso no existía hasta entonces. Hay un congreso fundamental que se produce en Génova – siempre en un lugar excéntrico –. En el 65 en el que se reencuentran personalmente Candido con Rama, también va Guimarães

Rosa, va Rodríguez Monegal, van tantos otros, Carpentier, entre ellos. Hubo algún Congreso en Santiago de Chile que también fueron, antes de Allende, con Allende también hubo, eso es posterior, pero hubo más movimiento; hay alguna cosa en Argentina, no mucha. Hubo una circulación, si quiere periférica, dada la posición austral que tiene Montevideo. Todo eso en al ámbito de los escritores, digamos, no del mundo universitario, que no tiene nada que ver con lo anterior. Nadie de la Universidad, de ninguna parte de América Latina, manifiesta el menor interés o la menor capacidad como para poder observar o analizar este proceso en su movimiento, solo alguien entonces que venía de esa práctica, como Rama, fue capaz de revertirlo y eso, supongo, que fue lo que le interesó también a Candido.
Yo creo que la clave está en una carta de él, que la cito en ese libro, luego de la lectura que Candido hace del libro de Rama, *La generación crítica*, de 1972. Candido ve en ese libro, porque lo dice en la carta al menos, que es un libro en el que es posible analizar las contradicciones, los desafíos, los alcances y los límites de un intelectual en una sociedad en que las clases medias están en un estado de insurrección y, al mismo tiempo, de comunidad entre intelectuales y trabajadores. De ese sentido la idea de la función intelectual, que es una idea que maneja Rama, le atrae mucho a Candido, quizá pensando que en la sociedad brasileña, entonces, eso estaba tan lejos. Otra vez la recuperación de la función social del intelectual y qué mejor herramienta que el periodismo. Creo que siempre Rama, nunca quiso salir del todo de ese mundo, a pesar de que es una profesión que paga muy mal y que es muy absorbente y que además fue perdiendo pie, fue debilitándose también, así como la noción de literatura, el poder de la literatura se fue debilitando progresivamente en los años setenta, en los años ochenta. Cambiaron los paradigmas, la idea que era posible cambiar el mundo rápidamente se desvaneció. Con las dictaduras, ese cataclismo se verificó. A pesar de todo eso Rama nunca dejó, nunca quiso abandonar ese ejercicio. Hay un texto que él publicó en Caracas, un texto en *El Nacional*, menor, si se quiere, que me imagino que nunca se pueda haber soñado que se iba a recoger en libro, que se llama *El servicio público del crítico*, que es más bien una cosa escrita contra la forma de hacer periodismo cultural, como se le llama ahora, en Venezuela de ese momento. Ese texto que salió en *El Nacional* en el 75, lo recopilé en un libro que se llama *Literatura, cultura y sociedad en América Latina*, y ahí está como su síntesis referente a, las funciones de la literatura, del crítico de cualquier campo humanístico, en la prensa periódica. Lo hace de un modo descontracturado y liviano. Pobre Rama. Hay que tener cuidado con lo que se escribe, porque el precepto romano "*scripta manent, verba volant*" es verdad.

P – ¿De qué manera Rama escribía?
PR – Tormentosamente.

P – Tenía una máquina de escribir, escribía a mano, apuntaba en papelitos. Ese proceso de la escritura, ¿cómo era?
PR – Yo no lo conocí personalmente. Jamás en mi vida lo vi. En noviembre de 1983, cuando cayó el avión en España que le quitó la vida, fue el mismo día en que se produjo una inmensa manifestación contra la dictadura aquí, en torno al Obelisco, en la Avenida principal en el centro de Montevideo, la 18 de julio. Yo estaba ahí, me acuerdo, y me acuerdo que se transmitió la noticia por los parlantes. Tenía en ese momento veinte años, cuando él se fue del país yo tenía nueve, o algo así. De forma directa, no puedo dar un testimonio, pero sí, como me he dedicado a trabajar un poco en él y además tuve la suerte de trabajar en la editorial Arca, que fue la editorial que él fundó, y trabajé con quienes se habían formado con él, y lo querían mucho, por ejemplo, con mi inolvidable amigo Alberto

[Beto] Oreggioni, a quien tanto debo y, entre otras cosas, por ejemplo, relatos o cosas que él hacia, con el sentido de humor e inteligencia sobre Ángel Rama, pero si uno no lo hubiera conocido ni nada, alcanza ver su producción para advertir el proceso.
Hay un testimonio de Milton Schinca, quien cuenta que un día estaban trabajando en el diario *Acción* y Ángel tenía que hacer una nota, un artículo sobre una obra de teatro que se había estrenado el día anterior, claro, y mientras le hablaba, escribía a máquina. Eso se nota. Porque eso es una virtud y un demérito de su escritura. A veces tiene párrafos interminables, por momentos confusos, no estoy haciendo la apología del bello estilo ni de la velocidad al escribir. Pero no había más remedio que hacerlo así, porque tenía que saltar de un lado al otro y eso le permitió entrar, digamos, en una ciudad como Montevideo, que estaba muy al tanto de lo que pasaba en el mundo en el medio siglo pasado. Y le permitió conocer muchísimas cosas y, al mismo tiempo, le hizo perder otras, en el sentido de que no pudo decantar ciertas cosas que debió hacer o que debió haber estudiado, como creo que es la gran diferencia con Candido. Quien abarcaba muchas cosas, no tantas como Rama, pero ha profundizado muy intensamente algunas, y eso Rama intentó hacerlo solo al final de su vida. Y aun si uno lee los libros últimos de Rama *La ciudad letrada, Transculturación Narrat*iva *en América Latina*, se nota el ritmo de escritura periodística, la imposibilidad de ir al grano, de ser objetivo o, mejor, de concentrase en el objeto. Eso no es para mí un demérito, sino más bien todo lo contrario, pero quiero decir es la herencia de aquella práctica. Era inevitable.
Esto produjo una tradición si se quiere, involuntaria tal vez, en Uruguay. Puedo observar lo que ha pasado en otros, que han estado antes, por lo menos creo que hasta mi generación, sería hasta los que tenemos hoy 40 y pocos años, esa idea de escribir para intervenir. O sea, participar en la medida de las posibilidades en la prensa, en los suplementos culturales, hacer reseñas de libros y demás; la opción por la enseñanza, que es además de un medio de vida una opción por intervenir en la vida cultural y eso tiene mucho que ver con el régimen de trabajo, que tampoco lo inventó Rama, que eso venía de atrás. El Uruguay tenía ya una tradición importante, una figura fundamental en ese punto es Alberto Zum Felde, fundamental, con el que él no tuvo mucho contacto, pero que había hecho ya un proceso muy semejante, cambiando su tiempo. Yo creo que eso es parte de las debilidades y de las fortalezas de trabajar en un país como este.

ANEXO A

Notas de Crítica Literária publicadas no jornal *Folha da Manhã*, de autoria de Antonio Candido no período de janeiro de 1943 a janeiro de 1945.

ANO DE 1943

Janeiro
1) 7/1 – Ouverture
2) 14/1 Feijó
3) 21/1 – Santo Antero (I)
4) 28/1 – Santo Antero (II)
Fevereiro
1) 4/2 – Ficção I
2) 11/2 – Ficção II
3) 18/2 – Ficção III
4) 25/2 – À margem
Março
1) 4/3 – Vinte anos e ...
2) 11/3 – Um poeta e a poesia
3) 18/3 – Literatura Brasileira (I)
4) 29/3 – Literatura Brasileira (II)
Abril
1) 4/4 – Stendhal (I)
2) 11/4 – Stendhal (II)
Maio
1) 2/5 – Estratégia
2) 9/5 – Classificações
3) 23/5 – Vitaminose
4) 30/5 – Jornada heróica
Junho
1) 6/6 – Artista e sociedade
2) 13/6 – Poesia ao Norte
3) 22/6 – Vantagens da ignorância
4) 27/6 – Os mitos e a reação
Julho
1) 4/7 – Uma vida exemplar.
2) 11/7 – Problemas de Jurisdição
3) 18/7 – Um crítico
4) 25/7 – Não vale a intenção
Agosto
1) 1/8 – Sobre Flaubert
2) 8/8 – Romance e expectativa
3) 15/8 – Artes de “Marco Zero”
4) 22/8 – Mestiçagem e literatura
5) 29/8 – Gonçalves Dias
Setembro

1) 5/9 – Gonçalves Dias II
2) 7/9 – O poeta Américo Eliseo
3) 12/9 – Inteligência e Momento
4) 19/9 – Um contista
5) 26/9 – Carta Para Pernambuco
Outubro
1) 3/10 – Romance e Jorge Amado
2) 10/10 – Jorge Amado (I)
3) 17/10 – Jorge Amado (II)
4) 24/10 – “Marco Zero”
5) 30/10 – O ‘grilo’ frança-eternista
6) 31/10 – O caminho de Romain Rolland
Novembro
1) 7/11 Crise nas ciências do homem
2) 14/11 – Apontamentos a lápis azul
3) 21/11 – Reflexões a lápis rosa
Dezembro
1) 5/12 – Gilberto Freyre
2) 12/12 – Cultura brasileira (I)

ANO DE 1944
Janeiro
1) 1/1 – Cultura brasileira (II)
2) 9/1 – Um ano
3) 16/1 – A quadragésima porta
4) 21/1 - A quadragésima porta II
5) 30/1 – Fogo morto
Fevereiro
1) 13/2 – A paixão dos valores
2) 20/2 – Oeste paulista
Março
1) 5/3 – O agressor
2) 19/3 – Uma estranha ratoeira
3) 26/3 – Antologias
Abril
1) 2/4 – O romance e o Don Juan
2) 9/4 – Esclarecendo
3) 16/4 – Uma conferência
4) 30/4 – Sobre poesia
Maio
1) 7/5 Poetas menores de hoje (I)
2) 14/5 Poetas menores de hoje (II)
3) 21/5 Poetas menores de hoje (III)
4) 28/5 – Última nota
Junho
1) 4/6 – Contos
2) 9/6 – Esclarecendo
3) 11/6 – Desconversa
4) 15/6 – Alemanha=Nazismo?

5) 18/6 – A roda do peru
6) 25/6 – Língua, pensamento, literatura
Julho
1) 9/7 – Um livro didático
2) 16/7 – Perto do Coração Selvagem
3) 23/7 – Longitude
Agosto 1) 6/8 – De leitor para leitor
2) 13/8 – Carlos Magno
3) 20/8 – Livros e panelas
4) 27/8 – As infelicidades do Almirante
Setembro
1) 3/9 – Um poeta "impuro"
2) 10/9 – Faces descobertas
3) 17/9 – Carta a Luís Martins
Outubro
1) 8/10 – Apostilas ao amanuense
2) 15/10 – Confissões de Minas
3) 22/10 – Uma lufada de gênio
4) 29/10 – Pedro Malasarte
Novembro
1) 5/ 11 – Entre o campo e a cidade
2) 12/11 – Entre o campo e a cidade II
3) 19/11 – Gilberto Freyre, sim; Giberto, não
4) 23/11 – Verlaine
5) 26/11 – Armadilhas, para quê vos quero?
Dezembro
1) 10/12 – Monteiro Lobato
2) 24/12 – Poesia inglesa
3) 31/12 – T.S Eliot (I)
ANO DE 1945
Janeiro
1) 7/1 – T.S Eliot (II)
2) 14/1 – T.S Eliot (III)
3) 21/1 – T.S Eliot (IV)

ANEXO B

Textos de autoria de Ángel Rama, publicados no semanário *Marcha* no período de janeiro a dezembro de 1960.

Semanário Marcha. Literarias. XXI – 1960

1. Albert Camus: del absurdo al humanismo, enero, 15.
2. Amnistía para presos y exiliados políticos españoles", enero 22.
3. El arte de los años cincuenta, febrero 12.
4. Alberto Zum Felde juzga la literatura actual. Febrero, 12.
5. Narradores uruguayos (Felisberto Hernández, Juan Carlos Onetti, Clara Silva, Francisco Espínola, Mario Benedetti, Armonía Somers). Febrero, 12.
6. Poesía uruguaya 1959 (Juan Cunha, Sarandy Cabrera, Susana Soca, Ricardo Paseyro, Orfila Bardesio, Carlos Brandy). Febrero, 19.
7. La nueva crítica brasileña. Febrero, 19.
8. Testemonio judío. A. Schwartz-Bart. Marzo, 11.
9. Pablo Neruda: navegaciones y regresos. Marzo, 18.
10. En este país. La enseñanza de la literatura. Marzo, 18.
11. Página de diario, por Oswaldo Rodriguez Aído. Abril, 1.
12. En este país: respuesta en llana prosa (polémica con Pablo Neruda). Abril, 1.
13. Carlos Droguett: "Eloy". Abril 22.
14. La novela y la crítica en América. Abril, 22.
15. Un pequeño maestro: Jules Supervielle. Mayo, 20.
16. Un hijo de la revolución: Boris Pasternak. Junio, 3.
17. Alberto Girri: propiedades de la magia. Junio, 3.
18. Sigue la cacería (anticomunismo en Buenos Aires). Junio, 10.
19. Sesquicentenario de la literatura argentina. Julio, 1.
20. Un paraguayo mira al hombre; una mujer mira al Uruguay. Dos novelas premiadas (Hijo de hombre de Augusto Roa Bastos; Ideas de Ofelia Machado Bonet). Julio, 8.
21. José Pedro Bellán: el primer montevideano. Julio, 15.
22. Víctor Saiz: El banquete. Julio, 22
23. Massimo Bontempelli: de la magia al mito. Julio, 29.
24. Enrique Amorim: un creador infatigable. Agosto, 5.
25. Un requeté nos juzga. Agosto, 19.

26. José Luis Castillo. Puche. Agosto, 19.
27.Todo el amor del siglo XX – I y II (Lawrence Durrell). Setiembre, 2 y setiembre, 9.
28. Concurso de Life: el cono sur literario. Setiembre, 23.
29. Nikos Kazantzakis: el mediterráneo en llamas – I y II . Octubre, 7 y octubre, 14.
30. Aldous Huxley: profecía envejecida. Octubre, 21.
31. Saint-John Perse: celebrante del mundo. Noviembre, 4.
32. Otra imagen del país (Felisberto Hernández). Noviembre, 11.
33. Friedrich Dürrenmatt: malabarista del caos afanosos de justicia. Diciembre, 2.
34. Una encuesta de Ángel Rama: Qué leen los uruguayos?, Diciembre, 9.
35. El escritor y su país, diciembre, 16.
36. En este país. La púdica dama literatura, diciembre, 23.
37. La construcción de una literatura (literatura uruguaya), diciembre, 30.

[illegible]



O consul Vinicio da Veiga, [illegible] e o sr. Humberto de [illegible]

Em visita à "Folha da Manhã", esteve ontem nesta redação, em companhia do sr. Humberto de [illegible], secretário geral da Federação das Indústrias do Estado, o sr. Vinicio da Veiga, consul do Brasil posto à disposição da Confederação Nacional da Indústria pelo Ministério das Relações Exteriores, afim de estudar a implantação em nosso País de indústrias autárquicas.

O consul Vinicio da Veiga, que exerceu ultimamente suas funções em Milão, de onde chegou recentemente em virtude do estado de guerra entre o Brasil e a Itália, manteve longa palestra com os diretores desta empresa, durante a qual prestou interessantes informações acerca da produção do carburante liquido "Potelgás", destinado a suprir as deficiências de gasolina no mercado.

O PROGRAMA DA S. A. "POTELGÁS"

Falando da Sociedade Anônima "Potelgás", disse o consul Vinicio da Veiga:

"Organizada com quarenta milhões de Cruzeiros, a S. A. "Potelgás" terá por finalidade a produção e venda do carburante liquido, "Potelgás", 100 0|0 nacional, em substituição da gasolina em todos os seus empregos.

Será dividida em três organizações: Agricola, Industrial e Comercial.

A organização agricola incrementará a produção de mandioca, batata doce, milho, arroz, algodão e mamona, necessários como matéria prima.

Alem de montar, em várias localidades do Brasil, suas propriedades para servirem de demonstração dos métodos modernos de cultura e exploração dos seis produtos citados, promoverá entre os agricultores, que assim o desejarem, auxilio técnico e financeiro. Terá, em vários núcleos, aparelhagem mecânica e pessoal habilitado para o preparo dos terrenos, por preços acessiveis até aos pequenos sitiantes, como estimulo e cooperação.

O seu corpo de agrônomos manterá contacto constante com os interessados no fornecimento dos seis produtos que serão adquiridos por preços remuneradores pela S. A. Potelgás.

Os agricultores que possam plantar maior área e que o queiram, receberão assistência técnica e financeira para poderem produzir alcool de grau baixo em aparelhos de custo reduzido recomendados de acordo, não só com a capacidade produtiva das terras desse lavrador como com as possibilidades de aquisição dos produtos plantados por outros lavradores dentro de uma área razoavel da visinhança da distilaria.

Esse alcool será comprado pela S. A. Potelgás, por preço remunerador e levado para usinas retificadoras montadas de acordo com as possibilidades de produção agrícola e alcoólica, como as especificadas acima.

Como para a fabricação do "Potelgás" se empregará alcool potavel a 96 0|0, as instalações de distilarias retificadoras poderão ser de grandes capacidades produtivas e a baixo preço.

Os lavradores recebendo constante assistência técnica e estimulo, e, constatando as possibilidades de venda de seus produtos por preços remuneradores a dinheiro e em qualquer quantidade produzida, ano após ano, cooperarão eficientemente para o fornecimento ao Brasil de um carburante liquido econômico, capaz de substituir a gasolina em todos os seus empregos, permitindo, não só às classes armadas como tambem às necessidades de transporte de passageiros e carga, pouco a pouco retomar seu ritmo normal de abastecimento.

Com a instalação de núcleos produtores em vários pontos do Brasil, será evitado o dispêndio com o transporte do carburante e de todos os pontos do interior do Brasil virão para os grandes centros litorâneos todos os seus produtos agricolas e minerais, não só para serem empregados e consumidos no País como exportados para os povos amigos, contribuindo assim para uma mais rápida conclusão da guerra atual.

O plano de produção de alcool, (principal matéria prima componente do "Potelgás") em aparelhos pequenos do tipo usado na produção de aguardente de cana, tendo tão somente, ao invés do engenho para moagem, uma instalação para a transformação do amido em açucar, de produção de 200 a 5 000 litros por dia de 24 horas, permitirá uma grande disseminação por todo o Brasil dessas instalações, por ser de custo pequeno e acessivel a todos.

A S. A. Potelgás irá montar várias instalações como as referidas acima, onde, devido a tratamentos especiais de madeira inventados por um dos seus incorporadores e técnicos, o custo será reduzido, pois serão quasi que totalmente montadas com material nacional, com exceção das tubulações e caldeiras, pois até as autoclaves para o cosimento dos tubérculos serão feitos de madeira que, alem de suportar perfeitamente a pressão de 3 atmosferas necessárias economizará vapor por ser grande isolante do calor.

As dornas de fermentação, tambem feitas com madeira impermeabilizada por esse novo processo de tratamento, substituem com vantagem os vasilhames de metal.

As colunas de distilação, tambem de madeira, terão aquecimento por serpentinas. O poder isolante da madeira trará grande economia de vapor.

Com o tempo a S. A. Potelgás espera obter a cooperação das grandes usinas de alcool de cana.

É sabido que essas usinas só utilizam os seus aparelhos cem dias por ano, fazendo uma instalação auxiliar de autoclaves para o cozimento dos tubérculos e desenvolvendo o plantio destes assim como do milho ou arroz, para a produção da "invertose", ácido obtido durante o brotamento dos cereais e que, triturados e adicionados ao amido cozido e a temperatura certa, produz a sua conversão em açucar.

Dessa decisão, resultará o completo aproveitamento das usinas distiladoras durante todo o ano, com grandes lucros extras para os usineiros.

Não se deve preocupar com a super produção de alcool de qualquer procedência pois as necessidades de carburante liquido no Brasil ultrapassam três milhões de litros diários com possibilidades de aumento, e no "Potelgás" o alcool potavel é utilizado como matéria prima na proporção de 90 0|0.

A cooperação que a S. A. Potelgás trará ao governo será consideravel, pois, não só melhorará os transportes fonte principal de desenvolvimento do País, como incrementará o desenvolvimento da agricultura mesmo nos pontos mais remotos".

VIDA CIENTIFICA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CIRURGIÕES DENTISTAS — Realiza-se hoje, às 20 h 30, na sede da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, uma conferência a cargo do sr. Mário Graziani e subordinada ao seguinte titulo: "Odontologia da Guerra. Papel do Odontologista Militar".

[illegible] ... Amilcar C. G. Bonini, José Bonini, Miguel L. Bonini, Alberto L. de Botelho, Virgilio M. Boyes, Octaviano Brancato, Carlos E. Brech, Attilio Brunelli, José L. de F. Brito, Nicolau Bumming, Arnaldo de Camargo Filho, José de A. Camargo, Mario A. Cappelli, João Cardamuto, José B. Carvalho, Annibal A. Carvalho, Julio E. Carvalho, Mario de Carvalho, Mario Cascelli, Arethusa F. de Castro, Octavio de L. e Castro, Benedicto Castrucci, Domingos Catalão, Abrahão F. F. Cavalheiro, Oswaldo Caviglia, Antonio Cecconi, Antonio Cesar Netto, Dimas M. Cesar, Sergio A. Cesconi, Giuseppe Cinotti, Victorio Cimino, Brasilio Chade, Chafik J. Chéde, José Aziz Chemmer, Paschoal Coda, Joaquim dos S. Coelho, José Coppola, Arthur Corazza, Nelson Corazza, Salvador Cordaro Netto, Milton Corrêa, Eduardo F. Cotrim, Gabriel P. da Cruz, João C. da Cruz, Manoel G. Cruz, Fery Cruz Filho, Octavio Dalusio, Aldo Dedrá, Florent Delen, Romeu Devisatti, Manoel C G. Duren, Carlos Edifora, Israel A. Ekerman, Armando Endres, Henrique J. Erwenne, Waldimir Fakri, Mauro F. Falcão, Luciano Falsoni, João Fantini Netto, Werter, A. Farinello, Felicio Ferrari, Adelberto L. Ferraz, Ivar C. Ferreira Netto, José D. Ferreira, Manoel B. Ferreira Netto, Gunther H. A. Fischer, José W. Fleury, Oswaldo Folegatti, Marina de V. Forjaz, Manoel dos S. R. Fraga, Emilio Franquini, Licinio C. Franco, Raul Freire, Horacio Furgoli, José G. Gallego, Antonio Dias Garcia, Eugenio Gentil Sob., Henrique Gesler, Mario P. Ghisi, Francisco H. Giangrande, Armando Gilibertt, Tadeusz Ginsberg, João Girotti, Lourenço Girotto, Francisco G. S. Gomes, Henrique Gomes, Pedro M. Gomes, Gabriel Gonçalves, Leonidas Gorenstein, Antonio V. Goukart, Horacio Goulart, Albino H. Gouvêa, Aldrovando de M. Graça, Antonio Grassi, Bert. Greenwood, Alfredo de A. Guerra, Demas del Guerra, Dino G. Rechid S. Haddad, Seicho Hanashiro, Wajih Hannud, Heria A. M. E. B. Hauer, Hermann A. Heine, Alice Martha Hellhammer, Carl R. Hrunammer, Dieter F. A. Hoch, Michel Issa, Elias Jahra, Salim M. Jacob, Frans Jenay, Moysés Kauffmann, Salim Kheriokian, Oscar Knoll, José Lascala, Amado H. Lattanzi, Luiz Laurindo, Eduardo O. Leite, José C. Leite, José B. M. Leme, Aimé Leyssieux, Juventino R. Liberato, Jader A. Lima, Mario de F. Lima, Raphael de Lima, Biase Limonci, Olympio Lisboa, Domenico Lissanti, Pierre Isidoro Loeb, Armando J. Lopes, Hermes C. Lopes, Manoel P. Lopes, Nagib Lotaif, Mario Lotufo, José Iukosevicius, Bernardo Luongo e Antonio Monteiro Machado.

Organização Feminina Auxiliar de Guerra da 2.a R. M.

Com o fim especial de visitar a Organização Feminina Auxiliar de Guerra no Campo de Marte para receber avião da F. A. B. o sr. diretor militar da D. P. do Rio de Janeiro, major Neiva, acompanhado de quatro voluntários desse serviço na Capital.

Essa visita que é um resultado daquela que o coronel Orozimbo fez à mesma organização, prova quão bem impressionado s. s. ficou com o que lhe foi dado observar.

As 16 horas do dia 19 futuro, estará no Campo de Marte para receber esses ilustres visitantes uma comissão de componentes do 1.o e 2.o Batalhão da O. F. A. G. acompanhado de seu diretor militar, o capitão Gerardo Lemos do Amaral.

Exposição de Trabalhos de Fotógrafos da Imprensa

TRANSFERIDA A SUA INSTALAÇÃO PARA 15 DE MAIO PROXIMO

A exposição de Trabalhos de Fotografias da Imprensa do Estado de S. Paulo vem despertando grande interesse nos circulos dos profissionais do jornalismo especializado.

No ano passado, com assinalado êxito, realizou-se a Primeira Exposição, na qual foram exibidos interessantes trabalhos que demonstraram a pericia dos fotógrafos de imprensa.

A 2.a Exposição, ora em organização, que deveria instalar-se no próximo 20 deste mês, vem recebendo valiosas contribuições, motivo por que os seus dirigentes resolveram adiar para o dia 15 de maio a sua inauguração. Essa medida foi tomada afim de que os fotógrafos do interior do Estado possam concorrer ao sugestivo certame.

Qualquer informações a respeito da Exposição devem ser endereçadas ao sr. Manoel Ginjo, na Associação Paulista de Imprensa.

Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo

Realizou-se, ontem, a primeira reunião da Comissão Executiva da A. A. A. da Faculdade de Medicina de São Paulo, à qual compareceram os drs. Felicio Cintra do Prado, presidente; Polyguar Medeiros, vice-presidente; Renato da Costa Bomfim, secretário geral; Paulo de Toledo Artigas, 1.o secretário; Roberto Brandi, 2.o secretário; Pedro Badra, 1.o tesoureiro e Raul Alberto Martinez, 2.o tesoureiro.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior passou-se ao expediente tendo o dr. Paulo Artigas apresentado o relatório geral dos trabalhos para a reorganização da sociedade.

Em seguida, a diretoria votou a primeira mandato referente a abertura de um mandato referente a abertura de um crédito para pagamento, neste ano, de seis matriculas de estudantes pobres na Faculdade de Medicina de S. Paulo, sendo uma em cada série do curso médico. Como complemento a essa resolução, foram assentadas medidas que asseguram o sigilo sobre a identidade dos estudantes favorecidos.

A seguir foi encerrada a sessão.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

LITERATURA BRASILEIRA

I

ANTONIO CANDIDO

O sr. Nelson Werneck Sodré acaba de publicar um ensaio sobre o nosso desenvolvimento literário. Antes de falar dele, será talvez conveniente lembrar um pouco o estado deste tipo de estudos no Brasil. Creio que eles podem ser divididos em duas fases: antes de Silvio Romero e depois de Silvio Romero. Na primeira, encontram-se trabalhos de erudição — muitos dos quais de utilidade indispensavel — e trabalhos de retórica, felizmente mortos e enterrados, sem a possibilidade de, como Monsieur Malbrough, ressuscitarem algum dia.

O velho Silvio foi para a nossa história literária um acontecimento. Até hoje continua a ocupar o primeiro lugar nessa ordem de estudos, uma vez que, para vergonha nossa, não se conseguiu depois dele fazer no Brasil uma obra das proporções da sua, que valesse para o nosso tempo como a dele para o fim do século passado. O velho Silvio, temperamento de poligrafo, cheio de vitalidade e de rabujice, levantou uma história que ainda é a fonte de quantos cuidem do assunto. Sua preocupação foi, sem dúvida, a de adotar um critério explicativo que permitisse dar às obras e aos autores uma moldura filosófica e social. Quanto às incoerências em que é abundante, levava-o fatalmente a elas a inquietação permanente do seu espirito mobilissimo de autodidata. Não de menos a sua maneira de encarar o fenômeno literário pode ser aceita ainda hoje. Com efeito, concebeu uma historia da literatura em que fosse mostrada a ligação das produções do espirito com as condições mesológicas, os fatores étnicos, o desenvolvimento histórico e o ambiente social. No tempo em que um Oliveira Martins escrevia coisas como: "Habita esta região (o Minho) uma população abundante, ativa, mas sem distinção de carater nem elevação de espirito: **consequência necessária da humidade e da fertilidade**". ("História de Portugal" 6.a edição, vol. I, pag. 35: — o grifo é meu) — levantou-se contra o fatalismo mesológico de Buckle e chegou a uma concepção, muito razoavel para a época, dos fatores que determinam o carater de um povo, refletindo-se na sua literatura. Num tempo de cientifismo desenvolto e tranchant, escreveu coisas como estas: "A critica literária deve jogar hoje pelo menos com seis elementos... O elemento mesológico em que insistiram de modo especial Herder, Gervinus e Buckle; os elementos fisiológico e étnico em que insistiram Taine e Renan; os fatores psicológicos em que primou Sainte-Beuve; os fatores históricos em que se expandiam Villemain e Macaulay, constituem a charpante (sic) da critica. Mas tudo isto ainda é pouco.

Pode-se bem conhecer o meio fisico em que se desenvolveu um poeta ou um pensador, sua raça e seu temperamento fisiológico, seu carater e suas inclinações, conhecer bem as influências sociais e históricas que o cercaram e nele influiram, e, todavia, não saber o que fez esse homem, o que ele tirou de si, o que produziu, como combinou os agentes que nele atuaram, e, para tudo dizer numa palavra, em que e como adiantou a evolução nacional ou humana, literária ou cientifica.

O que fica, como produto vivo e adjunto ao patrimônio comum por este homem, eis a palavra final da critica". ("História da Literatura Brasileira", 2.a edição, vol. I, pag. 259).

Mostrou a influência do sincretismo racial sobre a caraterologia dos nossos homens de letras; mostrou o sentido dos estudos folclóricos para a compreensão do nosso povo; em resumo, sacudiu problemas e riscou diretrizes cuja importância o futuro veiu demonstrar. A aplicação que fez das suas idéias filosóficas e cientificas ao estudo da nossa literatura, se peca frequentemente pelo extremismo, tão comum no seu tempo de afirmadores desbragados, representa esta coisa simples e espantosa: — aplicação, de fato; interpretação, de fato, à luz dos principios. Porque o que vemos ainda hoje, com frequência, são os estudiosos que expõem a sua teoria do condicionamento das literaturas, para, em seguida, esquecendo-a, procederem ao estudo delas segundo um critério impressionista e circunstancial. Com o velho Silvio não era assim, porque o velho Silvio era, de fato, um pensador. Incoerente, mutavel, apaixonado, novidadeiro — mas pensador.

Do seu peco e seco inimigo, José Verissimo, não se poderia dizer a mesma coisa. Mais critico do que historiador da literatura, faltou-lhe sempre capacidade para ver em conjunto, para sentir as ligações dos fenômenos literários com os demais fenômenos culturais. Sua obra critica, de valor incontestavel, prevalece sobre o seu trabalho de história literária.

O esforçado Artur Mota foi um bom Bedecker, com a utilidade inerente ao gênero. E passemos.

A mais usada e espalhada das histórias da literatura brasileira, a de Ronald de Carvalho, já é tempo de se dar o brado de — basta! Não se explica mais, com efeito, que tal livro continue a ter a voga que tem. Só a justificava a ausência absoluta de outro, moderno, que o substituisse nos Ginásios e nos Cursos Complementares. A obra de Ronald de Carvalho envelheceu tão rapidamente: as suas fraquezas de fundo e de forma se patenteiam com tanta veemência à nossa época em que já se vai difundindo um pouco de espirito critico, que continuar a aceitá-la ou opor-lhe tão somente o dar de ombros cômodo da indiferença não é mais possivel.

Feita segundo um plano retalhado no do velho Silvio, ao qual o esteta aristocratizante do "Epigramas Irônicos e Sentimentais" juntou a incrivel piada da lenda da Atlântida, essa obra só se recomenda como exemplo de defeitos a serem evitados. Totalmente desprovido de senso histórico, o que o seu autor fez foi aproveitar o enquadramento dos seus predecessores para aplicar uma das criticas mais ocas que já se fizeram nestas terras. Contornando sempre o problema critico, procura salvar-se pela metáfora e pela mais descabelada preocupação paralelistica, desentocando em cada escritor indigena um simile europeu — numa prova sempre renovada de incapacidade critica e histórica. A literatura existe para ele como que por acaso — sem razão de ser no meio e no tempo. E o que há de aproveitavel no livro é este ou aquele pedaço em que ele interpreta bem um poeta ou outro, dentro da sua maneira rebuscada e salon de beauté.

A "Pequena História da Literatura Brasileira", de Ronald de Carvalho, é uma espécie de emasculação das obras anteriores de Silvio Romero e de José Verissimo e precisa, como tal, ser tida entre o que não se deve dar à mocidade, para que ela não aprenda a encarar a literatura brasileira como assunto de conferencista elegante das cinco horas. Antes dar-lhe os dois volumes que o piadista Agripino Grieco escreveu sobre a evolução da nossa prosa e da nossa poesia — porque lá, ao menos, há saude mental e muita anedota.

*

E assim é que chegamos até hoje sem uma obra que substitua a de Silvio, avelhantada e inatual. Ninguem se aventurou ainda — provido do necessário senso histórico, com espirito critico e uma compreensão nitida da literatura como fenômeno de cultura numa sociedade.

O escritor que nos levou a essas considerações, o sr. Nelson Werneck Sodré, é autor de um livro singular, intitulado: "História da Literatura Brasileira — seus fundamentos econômicos". Digo apenas — singular — porque no próximo artigo ele terá ocasião de vir mais à baila, a propósito desta de agora "Sintese do Desenvolvimento Literário do Brasil".

De qualquer maneira, permanece o fato da inexistência de uma história moderna da literatura brasileira merecedora de tal nome. E, no entanto, senhores e senhoras, o que ainda temos de mais digno de nota aqui por casa é a nossa literatura. Só nela conseguimos alcançar certo nivel, de onde olhar os paises mais cultos. Praticamente inexistentes em tantos outros campos da cultura — como a filosofia, para dar um exemplo pouco contundente... — já podemos neste pensar no futuro com alguma confiança. De muito pouco tempo para cá, estou de acordo; mas é preciso considerar que é indispensavel estudar o processo que veiu culminar neste resultado — na magnifica expansão post-modernista. Este processo, que é a nossa evolução literária, caminhou ao lado dos demais — politico, econômico, social. Estudá-los à luz um dos outros é coisa que apenas começamos a fazer. Ainda hoje, entre nós, persiste a confusão entre história e critica literária, havendo alguns representantes de elevado valor no segundo campo, e nem um para amostra no primeiro. Pelo menos, nem um que possa ser levado em boa conta. Esta inércia cultural provem, sem dúvida alguma, da falta de formação daqueles que lidam na matéria. Pouco desenvolvimento das ciências de erudição (coisa desvirtuada entre nós); falta de senso histórico (não cronológico); falta de formação filosófica e sociológica — são alguns dos fatores que teem obstado ao aparecimento da história literária entre nós. Estudos isolados, é certo, aparecem aqui e acolá. Na realidade, porem, o velho Silvio, com todos os seus defeitos, continua sem sucessor. Posto o que, passaremos, no próximo artigo, ao comentário do único escritor que talvez venha a se candidatar com algum fundamento à vaga tentadora — o sr. Nelson Werneck Sodré.

PELAS ESCOLAS

ESCOLA "CAETANO DE CAMPOS" — Curso Normal — Para as vagas no 1.o e 2.o anos da normal, os candidatos à transferência poderão requerê-la até 31 do corrente.

Está aberta na secretaria da Escola, das 13 às 16 horas, a inscrição de candidatos ao curso de aperfeiçoamento do curso normal. Os candidatos deverão juntar ao requerimento de inscrição, pública forma do diploma de normalista nos termos do decreto 11 075, de 7 de maio de 1940 e um atestado de identidade.

GINÁSIO DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS — Acham-se abertas à rua Santo Antônio, 201, as inscrições para o curso de admissão à 1.a série do 1.o Ciclo do Ginásio da Associação Cristã de Moços.

O referido curso acha-se confiado a competente professora e funciona das 13 às 16 horas, diariamente.

Os interessados poderão solicitar os prospectos pelo aparelho 3-4587. O diretor atende diariamente das 12 às 17 h 30.

ESCOLA "CAETANO DE CAMPOS" — Curso Normal — Para as vagas no 1.o e 2.o ano normal, os candidatos a transferência poderão requerê-la até 31 do corrente.

Está aberta na secretaria da Escola das 13 às 16 horas, a inscrição de candidatos ao curso de aperfeiçoamento do curso normal. Os candidatos deverão juntar ao requerimento de inscrição, pública forma de diploma de normalista nos termos do artigo 11 075 de 7 de maio de 1940 e um atestado de identidade.

Deve comparecer à secretaria da Escola, para tratar de assunto de seu interesse, das 11 h 30 às 16 horas, d. Cecilia Paes Fernandes da Silva.

ESCOLA DE BELAS ARTES DE S. PAULO — Continuam abertas as matriculas para os cursos livres diurnos — Pintura, Escultura e Gravura, e curso noturno de desenho do modelo vivo e desenho do gesso, na Escola de Belas Artes de S. Paulo, à rua Quinze de Agosto n. 169.

A secretaria atende todos os dias úteis das 9 às 11, das 13 às 17 e das 19 às 23 horas, aos sábados, das 8 às 12 horas.

TAQUIGRAFIA NA SOCIEDADE "LUIZ PEREIRA BARRETO" — A Sociedade "Luiz Pereira Barreto" prossegue com matricula aberta para os diversos cursos de comércio, em seus desdobramentos naturais, como a formação de peritos contadores, secretários, ajudantes de escritas, etc.

Já estão funcionando, à tarde e à noite, duas turmas de curso de taquigrafia, ensino gratuito, onde, em noventa dias, o aluno fica apto para o desempenho cabal da sua função como estenógrafo em qualquer escritório comercial.

Informações pelo telefone 3-3524, ou pessoalmente no Prédio Martinelli, 21.o andar, sala 2 123, de meio dia às 3 h 30.

NA POLÍCIA E NAS RUAS

Caso a esclarecer

Num terreno baldio situado à avenida Água Branca, o zelador de um clube de futebol, João Archangelo encontrou, ontem, pela manhã, o cadaver de um homem já em estado de putrefação.

Comunicado o fato à autoridade de plantão na Polícia Central, a mesma se transportou imediatamente ao local, acompanhada do legista Curado Fleury. Examinando o cadaver, que se encontrava encostado a um muro, verificou o legista que o mesmo apresentava diversos ferimentos, produzidos por mordidas de ratos.

Julgando tratar-se de um crime misterioso, foi chamado a intervir o delegado de Segurança Pessoal, dr. Alfredo de Assis. Efetuado o levantamento do cadaver, foi estabelecida a sua identidade, por meio de documentos encontrados em seu poder. Trata-se de Manoel Gilaberti, de 38 anos de idade, português, vendedor ambulante de livros, domiciliado em Presidente Venceslau. Em seu poder foi encontrada, tambem, uma ficha do Serviço de Higiene do Trabalho, pela qual se verificou que Manoel Gilaberti sofria doença infecciosa, que o impossibilitava definitivamente para o trabalho.

Acredita o delegado Alfredo de Assis que não se trata de um crime de morte. E' possivel que Manoel, que se encontrava bastante enfermo, tivesse entrado no referido terreno para descansar, vindo a falecer.

Ao lado do cadaver a policia apreendeu uma pasta contendo diversos livros de propriedade de Gilaberti.

Sobre o fato foi instaurado inquérito que proseguirá pela Delegacia de Segurança Pessoal.

Empregada ladra

Raphael Caraciolo apresentou queixa ao delegado de Furtos de que de sua residência haviam desaparecido diversos objetos no valor de mil cruzeiros.

Depois de várias diligências foi presa a ex-empregada do queixoso, Emilia Lourenço de Lima, residente à rua Dario Luz, 229, a qual, interrogada, confessou a autoria do delito.

Contra a indiciada foi instaurado o competente inquérito.

Atropelamentos de ontem

As 9 horas, na rua dr. [illegible], o menor [illegible], de 7 anos, residente à rua [illegible] número 44, foi atropelado e levemente ferido pelo auto-caminhão de chapa n. 29 728, dirigido pelo motorista [illegible].

— Na rua das Palmeiras, defronte ao prédio [illegible], às 11 h 30, [illegible] do Amaral, de 17 anos presumiveis, de residência ignorada, foi atropelada e gravemente ferida pelo auto-ônibus de chapa n.o 80 068, dirigido pelo motorista Luiz de Freitas.

— Na rua dos Carmelitas, às 15 h 30, os menores Shidiko e Fnomo, de 8 e 7 anos, respectivamente, filhos de Funeiche Watanabe, residente no prédio n.o 24 da mesma rua, foram atropelados pelo auto caminhão n.o .... 86 220, dirigido por Antonio de Loca. Os menores apresentavam ferimentos leves.

— As 18 horas, na estrada São Paulo-Rio, próximo ao quilômetro 22, a menor Maria Arruda Pavão, de 10 anos, filha de Alvaro Jacyntho Pavão, residente na Vila Operária Nitro, em São Miguel, foi atropelada pelo auto-caminhão de chapa n.o 82 252, sofrendo graves ferimentos.

— Na av. Celso Garcia, em frente ao prédio 3.726, Jayme Ferreira da Silva, de 23 anos, residente à rua Felipe Camarão, 300, foi atropelado por um auto, cujo motorista se evadiu, sofrendo ferimentos graves.

A Policia tomou conhecimento de todos os fatos, tendo a Assistência socorrido os feridos.

Prisões efetuadas pela Delegacia de Costumes

Proseguiram, na semana finda, os trabalhos relativos à campanha de profilaxia social movida pela Delegacia de Costumes, por determinação do dr. Accacio Nogueira, secretário de Segurança Pública.

Sob a orientação do delegado dr. Hernani Ferreira Braga, agentes daquela seção policial desenvolvem grande atividade, empenhados em retirar das ruas da cidade os elementos nocivos.

Uma classe de elementos nocivos à sociedade, a dos exploradores da credulidade pública, foi alvo, nos últimos dias, de especial atenção dos investigadores. Efetuando numerosas diligências, em diferentes pontos da Capital puderam surpreender, entregues à prática criminosa, oito macumbeiros. Foram presas tambem, alem desses especialistas, cartomantes.

No mesmo periodo, foram presas trinta e uma mulheres sem ocupação, que promoviam escândalos na via pública; outros vadios, ou sejam, oito individuos sem profissão definida, que vinham vivendo à custa de infelizes decaídas, foram tambem recolhidos aos xadrezes do Gabinete de Investigações, onde aguardarão destino conveniente.

Numerosos casais de namorados que se conduziam de maneira inconveniente, foram surpreendidos pelos encarregados da ronda noturna, sendo levados à presença da autoridade, recebendo, então, a devida reprimenda.

No "triângulo", nos pontos mais movimentados de outras ruas principais, assim como nos cinemas, continua, rigorosa, a fiscalização por parte dos auxiliares da policia de costumes para coibir os abusos de individuos que costumam molestar as familias. Por terem sido apanhados nessa falta, foram detidos Mario Siquêira, Pio Vieira, José Maria Reglios, Sylvio Ortari, Manoel Silva, Olivio Firmino Oliveira e André Sicilo, que passaram pelo merecido corretivo.

A DIRETORIA DO CIRCULO ISRAELITA DE SÃO PAULO COMUNICA A TODOS OS SÓCIOS E EXMAS. FAMILIAS QUE O BATISMO DO AVIÃO "TENENTE FRANÇA", FOI ADIADO PARA OUTRA DATA QUE SERÁ OPORTUNAMENTE ANUNCIADA.

Praticou dois furtos e foi preso

Inspetores da Delegacia de Furtos detiveram, há dias, o individuo Edison Alves, que registra numerosas passagens pelo Gabinete de Investigações. Interrogado pelo delegado Paulo Silveira da Motta, Edison confessou a autoria dos seguintes furtos: de um prédio em construção à rua Oriente, cujas obras estavam confiadas ao construtor Jayme Rodrigues Bandeira, residente à rua Pedroso Machado, 77, furtou diversos materiais no valor de 500 cruzeiros. O produto do furto foi vendido pelo malandro a Marino [illegible] Grosso, residente à rua Aviador Gil Guilherme, 217 e a Pedro Malaquias, residente à rua Alfredo Guedes, 38. De uma casa de aluguel de bicicletas à rua Nova Cantareira, 62, Edison Alves furtou um desses veículos, no valor de mil cruzeiros.

Os objetos furtados foram apreendidos e devolvidos aos legitimos donos, sendo instaurado contra o indiciado o competente inquérito.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

LITERATURA BRASILEIRA

II

ANTONIO CANDIDO

"Le plus grande défaut de la pénétration n'est pas de n'aller point jusqu'au but, c'est de le passer".

As reflexões que fazia comigo mesmo a propósito do sr. Nelson Werneck Sodré me levaram a esta frase de La Rochefoucauld. A respeito dos seus dois livros sobre a literatura brasileira, direi melhor.

No primeiro deles, o autor, ficou nitidamente aquem do alvo visado. Com efeito, o que o caracteriza é uma perfeita justeza nos princípios e uma completa ausência de aplicação dos mesmos. De tal modo que o sr. Werneck Sodré devia separar o seu livro em duas partes: — uma que fosse a história do nosso desenvolvimento literário e outra que fosse um estudo da nossa evolução economico-social. O que não se sente no livro, por isso mesmo sinal de justificação do seu subtítulo "História da Literatura Brasileira: seus fundamentos económicos". (O grifo é meu). Não [illegible] o condicionamento, as in[illegible]ções; por todo ele persiste [illegible] característico, como dois tri[illegible] que o autor, bem intencionado, tentasse unir num só e que [illegible] impavidamente lado [illegible] zombando das suas boas [illegible].

A questão é que não basta ver [illegible] bom caminho: é preciso entrar por ele a dentro. Sem isso, ficaremos nos mornidões do "vale o [illegible]" e nos escritores, muito [illegible] no Brasil, que veem admiravelmente o problema e vivem, não menos admiravelmente, a inócuo-lo, certos de que a afirmação supre a realização.

Já nesta recente "Sintese do desenvolvimento literário no Brasil" (1), o sr. Werneck Sodré foi alem do objeto. Apertou o desenvolvimento literário com o económico-social, num abraço tão robusto, que o primeiro quasi passa para o segundo plano. E' o que nos levam a pensar certas partes em que o estado social de um dado periodo toma um desenvolvimento quasi descabido, perdendo contacto com o livro. Questão de equilibrio, que o autor há de resolver, penso eu, e deixar de ilustrar a frase do moralista francês.

*

Tenho a impressão de que neste ensaio há uma espécie de resposta do sr. Werneck Sodré a quantos lhe censuraram o querer fundamentar o estudo da literatura na estrutura económica. E' um libelo contra o critério que ele chama nominalista, e que consiste em centralizar a história da literatura pelas figuras eminentes que a ilustram. Por isso, parece-me que a chave do livro se encontra na página 8, onde está escrito: "Porque seria mais facil e mais real, escrever a história sem nomes próprios do que fazê-lo com eles, tão somente". E foi o que ele esboçou, traçando um quadro rápido da nossa evolução literária à luz da evolução social e económica. E ainda aí vai uma resposta às criticas, como a que fiz e que muitos fizeram à "História da Literatura Brasileira".

Entendamo-nos, porem. O que eu censuro nesse livro não é o seu critério, que me parece perfeitamente viavel e aceitavel, — mas o fato de, na realidade, ele não ter sido aplicado. No de agora apressado e esquemático, censuro o autor por ter deixado aberta a porta para um malentendido, que logo indicarei.

Antes de mais nada, confesso que só entendo o seu parti-pris de não mencionar um nome sequer como uma espécie de técnica de guerra. Parecendo-lhe necessário combater um certo exagero, ele passou ao exagero oposto, — o que, não deixa de ter as suas vantagens táticas, mas que representa uma tendência tão má quanto a outra. Porque, embora toda gente de bom senso saiba e aceite, como o sr. Werneck Sodré, que o enquadramento histórico e as infra-estruturas económico-sociais dão em grande parte o sentido de uma evolução literária, — é preciso acentuar que nisso não reside a importância capital de uma literatura. O maior interesse não está no condicionamento externo — se me permitem — de uma obra, mas no seu aspecto propriamente humano que é a atitude especifica assumida pelo escritor diante das diferentes pressões e solicitações do seu meio. Num estudo feito do ângulo da economia ou da geografia humana, explicar-se-ia a importância maior atribuida a este; em história literária, tal atitude é uma traição ao homem.

Ora, esta traição, o sr. Nelson Werneck Sodré a comete, do fundo da sua evidente honestidade e do seu esforço louvavel em dar um fundamento real aos estudos literários. E' interessante, aliás, como ele não consegue seguir à risca o seu programa. Porque há certos momentos na nossa literatura em que as personalidades encarnam tão fortemente as tendências da cultura, que o nosso autor é obrigado a situá-las... em estilo indireto, para não dar o braço a torcer. Assim é que adivinhamos as pessoas debaixo das perifrases: "Um pobre diabo suburbano da capital e um engenheiro egresso da farda compõem o primeiro um conjunto heterogêneo de obras de ficção, contos e romances, em que reflete a realidade de um ambiente pleno de dissolução, manifestando-se com as ânsias de um inconformado; o segundo aplica pela primeira vez, a um acontecimento político, um processo interpretativo, em que desmonta, peça a peça, o descalabro social de agrupamentos perdidos e isolados, — filhos pródigos da comunhão brasileira." (82) "Não importa mesmo que algum romancista tente espelhar, na sua ficção atribulada de que a vida anda ausente, como de um cemitério, panoramas do interior, e dê nome de sertão a um livro seu." (81) "De um desses criticos chegou a repulsa da mediania a afirmar que era uma fera acuada na rua do Ouvidor" etc. (76). E assim por diante, mais alguns casos demonstram a revolta do individuo, que o autor procurou relegar a segundo plano, e que irrompe, sob a elocução indireta, a reclamar os seus direitos.

Por outro lado, parece-me, como já disse, que o autor não fez propriamente uma "Sintese do desenvolvimento literário no Brasil" — na medida em que exorbita ao expor a evolução dos outros setores da cultura, como o económico e o social, em volume de pequeno formato e pouco mais de cem páginas. Não obstante, considero este trabalho muito mais perto das suas verdadeiras intenções do que a falhada "História da Literatura Brasileira — seus fundamentos económicos". Há nele qualidades muito apreciaveis, ao lado de defeitos gerais, de concepção, já apontados, e outros de detalhe. Por exemplo: a pressa evidente da redação. Nas 5 páginas finais, a palavra sibaritismo está desagradavelmente repetida 6 vezes. Acho muito fecunda a divisão que estabelece na nossa literatura (creio, mesmo, que a primeira com base na realidade), — fazendo corresponder as suas diferentes etapas aos graus do contacto e da intimidade com a terra e os seus problemas. Assim é que temos o periodo correspondente ao "Conhecimento da Terra" ("E' o momento do pau brasil. E', antes, uma fase prehistórica do que protohistórica. Não possuimos vida literária, por rudimentar que fosse." — pág. 10); ao "Sentimento da Terra", ("São os primeiros documentos, as primeiras tentativas de criação e narração" — pág. 11), que "deriva da posse e da progressiva possibilidade de enriquecimento." (pág. 19) à "Consciência da Terra", que compreende o fim do periodo chamado clássico; ao "Sentimento de Autonomia", nascido como Romantismo, com o qual se desenvolve o "Sentimento da Nacionalidade" que só vem se firmar no primeiro terço do século atual, com o "Sentimento Literário", oriundo do Movimento Modernista, e que asseguram a "Emancipação Literária", em que apenas ensaiamos os primeiros passos.

Abundam neste ensaio os pontos de vista justos, ou julgamentos rápidos mas cheios de verdade. Sobretudo, há nele um largo ritmo, devido à representação inteligente que possue o autor da articulação dos fenómenos literarios com os demais da evolução histórica e cultural.

De outra parte, a tal ou qual esquematização com que ele trata o assunto, e o ar de abstração produzido às vezes pelo seu afastamento voluntário de todo e qualquer nome, de toda e qualquer data, — levam a uma impressão desagradavel de fluxo oratório, para o que contribue, aliás, o estilo amplo e meio grandiloquente.

Tudo isso (esquematismo, generalidade, eloquência) torna a obra do sr. Nelson Werneck Sodré mais indicativa do que interpretativa. Arrastado pela pressa do seu vol d'oiseau, ele apenas assinala a existência ou a não existência de tais ou tais tendências, sem analisá-las nem especificá-las. A exposição, feita sob o critério correlativo, abafa a interpretação. Defeito, aliás, que talvez venha das proporções do ensaio. Deus queira que o sr. Werneck Sodré — o primeiro historiador da literatura brasileira depois de Silvio Romero a encará-la à luz de principios determinados de pensamento, — produza, no futuro a obra que todos esperamos da sua boa orientação intelectual. Até agora, a simples intenção do seu primeiro livro e o exagero esquemático do atual revelam apenas possibilidades.

*

Desse modo, se não temos no sr. Nelson Werneck Sodré um substituto de Silvio Romero, temos nele, sem dúvida, a única esperança de um provavel historiador da nossa literatura. Seu grande mérito, nunca assaz louvado, consiste no esforço de adotar um critério objetivo e real, que substitua a supervalorização dos fatores individuais na evolução da cultura, — um dos produtos do idealismo subjetivo que a moral burguesa foi buscar para fundamentá-la, como assinala Emmanuel Berl.

Contra essa atitude intelectual nefasta, que é uma atitude de classe, tudo que aparecer vem a propósito. E' necessário que a consideração do nosso destino social e a visão clara da relação do homem com as coisas venha trazer a sua contribuição para um novo humanismo, — que não parta da desconversa espiritualista, mas do estabelecimento definitivo da posição do individuo dentro da sociedade e em face das coisas, trabalhadas pela sua técnica e postas ao seu serviço. Ora, para tal, toda filosofia que se basear num ontologismo qualquer, — com suas fórmulas despistadoras, como "dignidade da pessoa humana", ou "destino próprio do homem", ou "irredutibilidade do destino do individuo", — é inutil ou perniciosa. E todo pensamento que encarar a dialética do homem e da coisa sob o seu ângulo verdadeiro, vendo nela a finalidade da evolução social, estará contribuindo para que se faça justiça na terra e clareza no pensamento.

Razão pela qual só se pode encarar com simpatia os esforços mais ou menos felizes do sr. Nelson Werneck Sodré.

(1) — Nelson Werneck Sodré — Sintese do desenvolvimento literário no Brasil — Coleção Mosaico, n. 1 — Livraria Martins — São Paulo, 1943.

NA POLICIA E NAS RUAS

Caso a esclarecer

Comunicado o fato à autoridade de plantão na Polícia Central, a mesma se transportou imediatamente ao local, acompanhada do legista Curado Fleury. Examinando o cadaver, que se encontrava encostado a um muro, verificou o legista que o mesmo apresentava diversos ferimentos, produzidos por mordidas de ratos.

Julgando tratar-se de um crime

...

Contra a indiciada foi instaurado o competente inquérito.

...

recebendo, então, a devida reprimenda.

No "triângulo", nos pontos mais movimentados de outras ruas principais, assim como nos cinemas, continua, rigorosa, a fiscalização por parte dos auxiliares da polícia de costumes para coibir os abusos de indivíduos que costumam molestar as famílias. Por terem sido apanhados nessa falta, foram detidos Mario Siqueira, Pio Vieira, José Maria [illegible], Sylvio Ocieri, Manoel Silva, Olivio Firmino Oliveira e André Sicilo, que passaram pelo merecido corretivo.

A DIRETORIA DO CIRCULO ISRAELITA DE SÃO PAULO COMUNICA A TODOS OS SÓCIOS E EXMAS. FAMILIAS QUE O BATISMO DO AVIÃO "TENENTE FRANÇA", FOI ADIADO PARA OUTRA DATA QUE SERÁ OPORTUNAMENTE ANUNCIADA.

Praticou dois furtos e foi preso

Inspetores da Delegacia de Furtos detiveram, há dias, o individuo Edison Alves, que registra numerosas passagens pelo Gabinete de Investigações. Interrogado pelo delegado Paulo Silveira da Motta, Edison confessou a autoria dos seguintes furtos: de um prédio em construção à rua Oriente, cujas obras estavam confiadas ao construtor Jayme Rodrigues Bandeira, residente à rua Pedroso Machado, 77, furtou diversos materiais no valor de 500 cruzeiros. O produto do furto foi vendido pelo malandro a Marino [illegible], residente à rua Aviador [illegible] Guilherme, 217 e a Pedro [illegible], residente à rua Alfredo Guedes, [illegible]. De uma casa de aluguel de bicicletas à rua Nova Cantareira, 62, Edison Alves furtou um desses veículos, no valor de mil cruzeiros.

Os objetos furtados foram apreendidos e devolvidos aos legítimos donos, sendo instaurado contra o indiciado o competente inquérito.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

LITERATURA BRASILEIRA

II

ANTONIO CANDIDO

"Le plus grande défaut de la pénétration n'est pas de n'aller point jusqu'au but, c'est de le passer".

As reflexões que fazia comigo mesmo a propósito do sr. Nelson Werneck Sodré me levaram a essa frase de La Rochefoucauld. A propósito dos seus dois livros sobre a literatura brasileira, direi melhor.

No primeiro deles, o autor, ficou nitidamente aquem do alvo visado. Com efeito, o que o caraterisa é uma perfeita justeza nos preceitos e uma completa ausência de aplicação dos mesmos. De tal modo que o sr. Werneck Sodré poderia separar o seu livro em duas partes: — uma que fosse a exposição do nosso desenvolvimento literário e outra que fosse um esquema da nossa evolução económico-social. O que não se sente, nesse livro, por isso mesmo sinalar, é a justificação do seu subtítulo: "História da Literatura Brasileira: seus **fundamentos económicos**". (O grifo é meu). Não se sente o condicionamento, as interrelações; por todo ele persiste o tom paralelistico, como dois trilhos que o autor, bem intencionado, tentasse unir num só e que continuassem impavidamente lado a lado, zombando das suas boas intenções.

A questão é que não basta ver qual o bom caminho: é preciso entrar por ele a dentro. Sem isso, ficaremos nos moralistas do "vale o intuito" e nos escritores, muito abundantes no Brasil, que veem admiravelmente o problema e vivem, não menos admiravelmente, a ladeá-lo, certos de que a afirmação supre a realização.

Já nesta recente "Síntese do desenvolvimento literário no Brasil" (1), o sr. Werneck Sodré foi alem do objeto. Apertou o desenvolvimento literário com o económico-social, num abraço tão robusto, que o primeiro quasi passa para o segundo plano. E' o que nos levam a pensar certas partes em que o estado social de um dado periodo toma um desenvolvimento quasi descabido, perdendo contacto com o livro. Questão de equilíbrio, que o autor há de resolver, penso eu, e deixar de ilustrar a frase do moralista francês.

*

Tenho a impressão de que neste ensaio há uma espécie de resposta do sr. Werneck Sodré a quantos lhe censuraram o querer fundamentar o estudo da literatura na estrutura económica. E' um libelo contra o critério que ele chama **nominalista**, e que consiste em centralizar a história da literatura pelas figuras eminentes que a ilustram. Por isso, parece-me que a chave do livro se encontra na página 8, onde está escrito: "Porque seria mais facil e mais real, escrever a história sem nomes próprios do que fazê-lo com eles, tão somente". E foi o que ele esboçou, traçando um quadro rápido da nossa evolução literária à luz da evolução social e económica. E ainda aí vai uma resposta às críticas, como a que fiz e que muitos fizeram à "História da Literatura Brasileira".

Entendamo-nos, porem. O que eu censuro nesse livro não é o seu critério, que me parece perfeitamente viavel e aceitavel, — mas o fato de, na realidade, ele não ter sido aplicado. No de agora apresentado é esquemático, censuro o autor por ter deixado aberta a porta para um malentendido, que logo indicarei.

Antes de mais nada, confesso que só entendo o seu parti-pris de não mencionar um nome sequer como uma espécie de técnica de guerra. Parecendo-lhe necessário combater um certo exagero, ele passou ao exagero oposto, — o que, não deixa de ter as suas vantagens táticas, mas que representa uma tendência tão má quanto a outra. Porque, embora toda gente de bom senso saiba e aceite, como o sr. Werneck Sodré, que o enquadramento histórico e as infra-estruturas económico-sociais dão em grande parte o sentido de uma evolução literária, — é preciso acentuar que nisso não reside a importância capital de uma literatura. O maior interesse não está no condicionamento externo — se me permitem — de uma obra, mas no seu aspecto propriamente humano que é a atitude especifica assumida pelo escritor diante das diferentes pressões e solicitações do seu meio. Num estudo feito do ângulo da economia ou da geografia humana, explicar-se-ia a importância maior atribuida a este; em história literária, tal atitude é uma traição ao homem.

Ora, esta traição, o sr. Nelson Werneck Sodré a comete, do fundo da sua evidente honestidade e do seu esforço louvavel em dar um fundamento real aos estudos literários. E' interessante, aliás, como ele não consegue seguir à risca o seu programa. Porque há certos momentos na nossa literatura em que as personalidades encarnam tão fortemente as tendências da cultura, que o nosso autor é obrigado a situá-las... um estilo indireto, para não dar o braço a torcer. Assim é que adivinhamos as pessoas debaixo das perifrases: "Um pobre diabo suburbano da capital e um engenheiro egresso da farda compõem, o primeiro um conjunto heterogêneo de obras de ficção, contos e romances, em que reflete a realidade de um ambiente pleno de dissolução, manifestando-se com as ânsias de um inconformado; o segundo aplica pela primeira vez, a um acontecimento político, um processo interpretativo, em que desmonta, peça a peça, o descalabro social de agrupamentos perdidos e isolados, — filhos pródigos da comunhão brasileira." (82) "Não importa mesmo que algum romancista tente espelhar, na sua ficção atribulada de que a vida anda ausente, como de um cemitério, panoramas do interior, e dê nome de sertão a um livro seu." (81) "De um desses críticos chegou a repulsa da mediania a afirmar que era uma fera acuada na rua do Ouvidor" etc. (76). E assim por diante, mais alguns casos demonstraram a revolta do indivíduo, que o autor procurou relegar a segundo plano, e que irrompe, sob a elocução indireta, a reclamar os seus direitos.

Por outro lado, parece-me, como já disse, que o autor não fez propriamente uma "Síntese do desenvolvimento literário no Brasil", — na medida em que escorbilo ao expor a evolução dos outros setores da cultura, como o económico e o social, ... de páginas. Não obstante, considero este trabalho muito mais perto das suas verdadeiras intenções do que a falhada "História da Literatura Brasileira — seus fundamentos económicos". Há nele qualidades muito apreciaveis, ao lado de defeitos gerais, de concepção, já apontados, e outros de detalhe. Por exemplo: a pressa evidente da redação. Nas 5 páginas finais, a palavra **sibaritismo** está desagradavelmente repetida 5 vezes. Acho muito fecunda a divisão que estabelece na nossa literatura (creio, mesmo, que a primeira com base na realidade), — fazendo corresponder as suas diferentes etapas aos graus do contacto e da intimidade com a terra e os seus problemas. Assim é que temos o período correspondente ao "Conhecimento da Terra" ("E' o momento do pau brasil. E', antes, uma fase prehistórica do que protohistórica. Não possuimos vida literária, por rudimentar que fosse." — pág. 10); ao "Sentimento da Terra", ("São os primeiros documentos, as primeiras tentativas de criação e narração" — pág. 14), que "deriva da posse e da progressiva possibilidade de enriquecimento." (pág. 19) à "Consciência da Terra", que compreende o fim do período chamado clássico; ao "Sentimento de Autonomia", nascido como Romantismo, com o qual se desenvolve o "Sentimento da Nacionalidade" que só vem se firmar no primeiro terço do século atual, com o "Sentimento Literário", oriundo do Movimento Modernista, e que asseguram a "Emancipação Literária", em que apenas ensaiamos os primeiros passos.

Abundam neste ensaio os pontos de vista justos, ou julgamentos rápidos mas cheios de verdade. Sobretudo, há nele um largo ritmo, devido à representação inteligente que possue o autor da articulação dos fenómenos literários com os demais da evolução histórica e cultural.

De outra parte, a tal ou qual esquematização com que ele trata o assunto, e o ar de abstração produzido às vezes pelo seu afastamento voluntário de todo e qualquer nome, de toda e qualquer data, — levam a uma impressão desagradavel de fluxo oratório, para o que contribue, aliás, o estilo amplo e meio grandiloquente.

Tudo isso (esquematismo, generalidade, eloquência) torna a obra do sr. Nelson Werneck Sodré mais **indicativa** do que **interpretativa**. Arrastado pela pressa do seu vol d'oiseau, ele apenas assinala a existência ou a não existência de tais ou tais tendências, sem analisá-las nem especificá-las. A exposição, feita sob o critério correlativo, abafa a interpretação. Defeito, aliás, que talvez venha das proporções do ensaio. Deus queira que o sr. Werneck Sodré — o primeiro historiador da literatura brasileira depois de Silvio Romero a encará-la à luz de princípios determinados de pensamento, — produza, no futuro a obra que todos esperamos de sua boa orientação intelectual. Até agora, a simples intenção do seu primeiro livro e o exagero esquemático do atual revelam apenas possibilidades.

*

Desse modo, se não temos no sr. Nelson Werneck Sodré um substituto de Silvio Romero, temos nele, sem dúvida, a única esperança de um provavel historiador da nossa literatura. Seu grande mérito, nunca assaz louvado, consiste no esforço de adotar um critério objetivo e real, que substitua a supervalorização dos fatores individuais na evolução da cultura, — um dos produtos do idealismo subjetivo que a moral burguesa foi buscar para fundamentá-la, como assinala Emmanuel Berl.

Contra essa atitude intelectual nefasta, que é uma atitude de classe, tudo que aparecer vem a propósito. E' necessário que a consideração do nosso destino social e a visão clara da relação do homem com as coisas venha trazer a sua contribuição para um novo humanismo, — que não parta da desconversa espiritualista, mas do estabelecimento definitivo da posição do individuo dentro da sociedade e em face das coisas, trabalhadas pela sua técnica e postas ao seu serviço. Ora, para tal, toda filosofia que se basear num ontologismo qualquer, — com suas fórmulas despistadoras, como "dignidade da pessoa humana", ou "destino próprio do homem", ou "irredutibilidade do destino do individuo", — é inutil ou perniciosa. E todo pensamento que encarar a dialética do homem e da coisa sob o seu ângulo verdadeiro, vendo nela a finalidade da evolução social, estará contribuindo para que se faça justiça na terra e clareza no pensamento.

Razão pela qual só se pode encarar com simpatia os esforços mais ou menos felizes do sr. Nelson Werneck Sodré.

---

(1) — Nelson Werneck Sodré — Síntese do desenvolvimento literário no Brasil — Coleção Mosaico, n. 1 — Livraria Martins — São Paulo, 1943.

Noticias de São Paulo

O movimento editorial no Brasil visto por uma editora norte-americana

Há vários meses esteve em nosso país, em visita às casas editoras, a vice-presidente da empresa editora norte-americana "Alfredo A. Knopf", sra. Blanche Knopf, que percorreu várias localidades brasileiras, entrando em contacto com editores, escritores e críticos.

Chega-nos agora um número de abril de 1942 da revista "The Saturday Review of Literature", publicada em Nova York, em que aparece longo artigo da sra. Blanche Knopf, com impressões de sua viagem a toda a América do Sul. São as melhores as impressões publicadas pela referida revista sobre o movimento editorial no Brasil, assim como com referência à atividade dos seus intelectuais. Cita os sucessos de Vila-Lobos, Camargo Guarnieri, Portinari, Santa Rosa, Paulo C. Rosal Ceir, Ciro Berlinck, Sergio Milliet, Caio Prado Junior, Mario de Andrade, J. Barros Martins, Octales Marcondes Ferreira, Monteiro Lobato, Fernando Oliveira, José Olympio, Coogam Vera Pereira Olympio, Paulo Bittencourt, Lourenço Filho, Luis Heitor Corrêa de Azevedo, Herbert Moraes, Erico Verissimo, José Lins do Rego, Pedro Calmon, Gilberto Freire, Afranio Peixoto, Raquel Queiroz, Graciliano Ramos, Oswaldo de Andrade, Delgado de Carvalho, Carolina Nabuco, os falecidos Machado de Assis, Euclydes da Cunha e Capistrano de Abreu.

Referindo-se ao desenvolvimento da cultura brasileira, que encontra a sua expressão mais alta em várias manifestações, na música, na arte, literatura e campos afins, salienta que, o que mais distingue o Brasil, é a formação de vários centros culturais de grande importância no país, tais como: Rio de Janeiro, Porto Alegre, Baía, Belo Horizonte, Recife e São Paulo.

Sobre São Paulo diz que, em muitos aspectos, é o mais importante centro do país — continua — a União Cultural Brasil-Estados Unidos congrega um grupo genuinamente brasileiro, destinado a incrementar as relações, exclusivamente, entre intelectuais de ambos os países.

Súditos do "eixo" autorizados a mudar de residência

Foram autorizados a mudar de residência, pela autoridade competente, os seguintes súditos de nações do "eixo": Alvice Pasotto e Angela Pasotto; Battista Martinelli, Domingos Melara, Egon Jenekel e Guilhermina Jenckel; Ernesto Acugeline, Filomena Lecelmia, Gertrudes Berneu Huffmann, Giogio Rossi, Guido Brunelli, Ichitaro Shitara, Tokuie Kumura, Some Shitara e Navgi Shitara; Irma Liebermann Isidoro Strumpf e Gertud Sada Strumpf, Italia Libera Mangini, Hohannes Karl Friedrich Schultz, Julio Martin, Koichi Iasunaka, Masumo Tasunaka, Yoshiko Yasunaka e Tasko Yasunaka; Leonardo Antonio e Giuditte Juliani; Luis Zanati, Mariano Turossi, Theresa e Rosa Mangiotti; Maria Augusta Schmidt, Mathilde Gick, Miguel Kosso e Elizabeta Muller; Reisada Amano, Sadahei Hanada, Haru Hanada e Tamano Hanada; Sanosuke Takatsu, Salvador Castanja, Silvio Trojan, Tadao Mitani, Umetaro Mitani e Yai Mitani; Theodoro Steizer, Tokuemon Kumai, Tame, Tokuji e Taka; Toshio Mishizawa, Tauruto Hirata e Tauru Hirato; Yogoro Hamasaki e Hetão Hamasaki; Yoshizaku Shiky, Hanako Maeda e Fumiko Moeda, Zanata Guilherme e Theresa Paresotto.

Curso de Pecuário na S. R. B.

Em prosseguimento ao curso de pecuária, realizar-se-á na próxima terça-feira, na sede da Sociedade Rural Brasileira, mais uma reunião semanal dedicada à pecuária, devendo falar na ocasião o professor Benjamin Hunnicut, expondo "Noções práticas na criação de suínos".

No próximo dia 20, o sr. Renato Lopes Leão, do Departamento da Produção Animal, deverá fazer uma palestra sobre a "Cana lucheada".

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

PROBLEMA DE JURISDIÇÃO

Antonio CANDIDO

Tive o prazer de receber umas duas admoestações escritas e umas três ou quatro orais a propósito da minha atividade neste rodapé. Como todas elas, a modo que de combinação, feriam a mesma tecla, uso êsta via para respondê-las, imaginando que talvez sejam uma amostra significativa da opinião de pelo menos uma parte das pessoas que me dão a honra de ler o que escrevo.

De um modo geral, os meus amaveis contraditores me acusam de deslisar frequentemente para fora da crítica literária e invadir canteiros do próximo. Me acusam, sobretudo, de dar uma notória preferência a livros que não são romances nem contos. De evitar a ficção, numa palavra. Antes de passar à minha amistosa e justa defesa, deixe-me lembrar desde já aos meus amaveis contraditores que, nesse último caso, o problema não consiste em gostar ou não gostar de ficção. Mas, tão somente, em haver ou não haver livros de ficção de que valha a pena falar. Tenho como princípio, à maneira de toda gente, que um livro interessa na medida em que tem alguma coisa de significativo. Alguma coisa que o torne digno de atenção ou que revele nele um significado qualquer passivel de comentário. A não ser isso, o que justificará o trabalho de analisá-lo e expôr ao público o resultado da análise? A menos que ele se mostre tão perniciosamente mau ou tão indevidamente insensato, que a intervenção do crítico se imponha como uma expedição de bom senso ou de bons costumes literários.

Posto o que, passemos a um esclarecimento fundamental.

*

E' facil constatar que no Brasil a crítica quasi não sofreu ainda as necessidades de divisão do trabalho. Nas mãos do crítico, ainda permanecem englobados quasi todos os ramos da atividade crítica. O mesmo indivíduo analisa hoje um romance, amanhã um livro de história, depois um de sociologia, depois outro de filosofia, depois outro de politica etc. Num país de pouca diversificação cultural, em que não é raro os indivíduos serem ao mesmo tempo poetas, romancistas, críticos, escritores políticos, sociologizantes, filosofantes, é difícil dizer quais os limites precisos entre o crítico de literatura e o de ciências morais ou filosofia. A distinção entre os limites da crítica é uma questão, portanto, mais cultural do que específica, isto é: depende mais da solicitação que lhe faz o ambiente que da própria natureza do trabalho crítico. À medida que se vai enriquecendo uma cultura, as suas produções se vão diferenciando; e a atividade crítica, paralelamente, se diferencia também.

No Brasil, o sr. Tristão de Athayde, fala hoje sobre Jorge Amado, amanhã sobre o professor Taunnay, depois sobre Bergson, depois sobre Lowie. Na França, o sr. Jorge Amado ficaria, digamos para o sr. Marcel Arland, na "Nouvelle Revue Française"; o professor Taunnay para o professor Braudel, na "Revue de Synthèse Historique"; Bergson, para o sr. Jean Wahl, na "Revue de Métaphysique et de Morale"; Lowie, para o professor Mauss, em "L'Année Sociologique".

Creio que a questão está clara.

A especificação das funções do crítico varia na razão direta da complexidade e consequente diferenciação do trabalho cultural de uma sociedade. Imaginem os meus prezados leitores que amanhã se abrisse aqui na "Folha" um rodapé sob a rubrica: "Novidades filosóficas". O pobre encarregado de tal seção seria levado irremediavelmente à aposentadoria compulsória por falta de assunto. Porque, felizmente, não é todo mês que aparecem novidades filosóficas no Brasil.

Os meus amaveis contraditores teem aí a base das minhas razões. Por enquanto, no Brasil, crítico literário é o indivíduo que, para não ter de falar um pouco de tudo, tem que escolher alguns setores. O que, diga-se de passagem, é muito facilitado pela caraterística da maioria dos trabalhos brasileiros, que, salvo raras exceções, são literatura, nem sempre boa, quer se trate de sociologia, filosofia, politica, história.

Porisso, é uma tradição nas nossas letras incluir sob a competência do crítico e do historiador literário as mais disparatadas especialidades. A "História", de Sylvio — que acaba de ser reeditada para ricos pela Livraria José Olympio — traz menção de botânicos, mineralogistas, jurisconsultos, sociólogos etc.. E nos recentes "jornais de crítica" do sr. Alvaro Lins, ainda podemos ler ensaios sobre poesia, romance, filosofia, teatro, sociologia, história, politica. E assim tem que ser.

Na revista "Clima", fundada em 1941, procurou-se fazer uma seleção nítida entre certos gêneros de crítica. E os livros desses gêneros caberiam às seções especializadas: livros de música para a de Música, de artes plásticas para a de Artes Plásticas, de teatro para a de Teatro, de economia para a de Economia, de cinema para a de Cinema e, para a de Livros... o resto.

A minha escola de crítica foi essa revista, onde aprendi e guardei um pouco do princípio. Assim é que os meus leitores nunca me viram, e provavelmente nunca me verão falar de livros de teatro, de cinema, de música, de pintura ou de economia. Quanto ao resto...

*

No meio dessa indiferenciação funcional, no entanto, pode-se colocar uma atitude que valha para obras mais ou menos díspares; que as encare de um ângulo mais ou menos constante e que, deste modo, consiga apanhar nelas o que há de mais fundamente cultural, isto é, o que nelas significa o carater comum de todas as obras de uma cultura. Assim, o crítico pode ser *literário* e analisar uma obra como "Casa Grande e Senzala", ou "Raizes do Brasil", ou "História Geral das Bandeiras". Contanto, porem, que considere neles, como em "Eramos Seis" ou no "Moleque Ricardo", o denominador comum que aparenta umas às outras as diferentes manifestações de uma fase da cultura. Para isso, é necessário um ponto de vista, um princípio norteador. E creio que não pode haver ofício mais interessante e, com desculpa vossa, mais util, do que levar para as coisas literárias certos princípios de ordem sociológica ou filosófica. Daí o interesse com que, partido de uma formação filosófica ou sociológica, é possivel ao crítico embrenhar-se pela literatura, procurando interpretá-la funcionalmente, buscando nela a repercussão da época e a sublimação dos traços da cultura; selecionando, não raro, voluntariamente, os livros que mais se prestam para este tipo de estudos.

Não garanto a superioridade do método, que procuro por em prática. Mas confesso que o acho bom. E, sobretudo, util. Porisso me alegrei ao ver um mestre, como Sergio Milliet, defender concepção parecida no seu rodapé inaugural do "Estado de São Paulo". Sinal de que ela é menos uma escolha pessoal do que, talvez, uma certa imposição do tempo. E é preciso muitas vezes, ao escritor e ao crítico, saber ouvir o seu tempo e as suas razões.

Voltemos, para liquidá-lo, ao problema da ficção. Acontece que, frequentemente, é necessário um malabarismo formidavel para se arranjar um livro de ficção que pague o trabalho de se falar dele. Um livro que seja significativo e que represente alguma coisa como arte literária. Lembro-me que, quando tomei o compromisso de fazer este rodapé semanal, um amigo meu de geração passada, espírito dos mais completos que há em S. Paulo, me declarou, com o bocado de cepticismo com que mascara o seu profundo conhecimento dos homens e das obras, que abandonara certo rodapé literário em jornal desta cidade... por não haver livros de que falar.

Descontada a parte de *blague*, o meu amigo não andava muito sem razão. Há momentos em que a nossa literatura passa por tal marasmo que não é possivel oferecer aos leitores um livro dela por semana. Porque a nossa literatura está longe de ser pujante, como diria o sr. Sousa Netto n'"Os Maias". Boa, ela é. Em certa porção, até de primeira qualidade. Mas sem volume suficiente. A nossa cultura incipiente ainda não produziu os padrões bastante fortes para criarem uma atmosfera de alta tensão intelectual dentro da qual seja possivel, não digo o aparecimento de gênios, mas a manifestação continua de talento.

Acresce o fato da última geração da literatura brasileira, e paulista em particular, não ser uma geração de criadores, na sua generalidade. A grande arrancada de ficcionistas, começada pouco antes de Trinta, não passou adiante o seu impeto. Como se, cansados de criar, os brasileiros parassem para entender um pouco esse decênio extraordinário em todos os setores da nossa cultura.

*

Tudo isso me leva a discordar dos meus amaveis contraditores, quando me acusam de desvio indevido da crítica literária ao analisar a vida de Trotzki, o ensaio do sr. Tristão de Athayde sobre os mitos ou as teorias estéticas do sr. Mario de Andrade.

A literatura, com ou sem divisão de trabalho crítico, comporta certa ordem de idéias que não se confundem necessariamente com a ficção e a poesia. Que não são necessariamente *artísticas*. Exemplifiquemos. Se houvesse críticos no começo do século XVIII, e esses críticos comentassem as "Memórias" do Cardeal de Retz, publicadas então, provavelmente os antepassados dos meus amaveis contraditores os acusariam de estar saindo fora da literatura. E requereriam Boileau redivivo a altos brados. Teriam razão pela metade, porque uma obra como a do célebre *frondeur* só entrou de vez para a literatura quando desapareceu o seu valor estritamente de atualidade. O mesmo se dará, estou certo, com as admiraveis memórias de Trotzki. No momento, porem, é verdade que ainda se prendem muito a idéias não literárias, a fatos que ainda influem no mundo de maneira direta. O que não impede que pertençam desde já ao domínio não só da história política como tambem da literatura, pois que, não falando do seu grande valor de escrita, são um exemplo da ação de certas idéias no decurso da evolução de um povo, e do papel desempenhado pelo espírito teórico na plasmação das coisas. A menos que os meus amaveis contraditores prefiram a reflexão sobre idéias sem ação no mundo e espírito sem dinamismo.

*

Posto isso, finalizo essas notas um tanto esparsas com a convicção de que os meus amaveis e honrados contraditores não farão a eles próprios a injúria de afirmar que na literatura só cabe o aspecto puramente estético das idéias e dos sentimentos. Depois do que estaremos bem mais próximos de um entendimento maior.

Mercado do Café [illegible]

[illegible]

Mercado de Títulos do Rio

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O movimento de negócios verificados hoje na Bolsa de Valores foi o seguinte:

APOLICES E OBRIGAÇÕES [illegible]

Passou por Corumbá o general Morinigo

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — [illegible] fe do governo paraguaio tomou um avião especial da "Panair do Brasil" que para esse fim fôra enviado desta capital, a cujo bordo seguiu para Assunção, onde chegou, hoje, às 17 horas.

O general Morinigo viaja acompanhado do sr. Luiz Argaña, ministro das relações Exteriores do Paraguai e de outros membros da sua comitiva.

A venda de obrigações de guerra pelas Caixas Econômicas

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, considerando uma consulta do presidente da Caixa Econômica Federal da Baía, expediu a seguinte circular:

"As caixas econômicas federais podem sempre fazer empréstimos sob caução das obrigações de guerra do Tesouro Federal, decreto n.o 4 789, de 5 de outubro de 1942, de juros de 6 % até 90 % de sua cotação na Bolsa. Tambem descontar os respectivos "coupons" de juros das obrigações de guerra até cinco anos de prazo à taxa máxima de 7 % ao ano e levando em conta o imposto de renda que os ditos "coupons" descontam cada semestre.

Outrossim, poderão vender nos seus guichê obrigações de guerra de juros de 6 %, descontando ao mesmo tempo os respectivos "coupons" pelo prazo até cinco anos, nas mesmas condições do parágrafo anterior.

Exemplificando para esta segunda parte da circular:

Se alguem desejar cobrar 10 mil cruzeiros de obrigações de guerra, nos guichê da Caixa Econômica, pode fazê-lo, pagando o valor nominal do título já deduzidos os juros de cinco anos e o imposto de renda respectivo e mediante as condições acima previstas de juros e taxas, devendo as caixas econômicas confeccionar as tabelas respectivas para facilitar as operações e terem-nas expostas em seus guichê de venda".

[illegible]

Delegado do Serviço de Racionamento em S. Paulo

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O ministro João Alberto, coordenador da Mobilização Econômica, resolveu designar o capitão Geraldo Ramos do Amaral para delegado do Serviço de Racionamento da Coordenação da Mobilização Econômica, no Estado de S. Paulo.

Plano especial de aparelhamento da defesa nacional

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O presidente Getulio Vargas aprovou uma exposição de motivos do ministro Apollonio Salles, autorizando a aplicação de 3 milhões de cruzeiros, destacados da quota destinada ao Ministério da Agricultura, pelo plano especial de obras públicas e aparelhamento da defesa nacional, no prosseguimento das pesquisas de carvão mineral no Maranhão, Piauí e Paraná e para pagamento de empreitadas já iniciadas e outras a serem contratadas. Estes últimos trabalhos abrangem estudos para a avaliação das jazidas de pirita, em Ouro Preto, grafita, no Estado do Rio, tugstênio, em Marian, cassiterita, volfanita e calcopirita no R. G. do Sul e outras que forem julgadas convenientes.

A relação das importantes obras compreende, alem da pesquisa de carvão mineral, no norte do Paraná, a continuação de sondagens num total de 50 a 100 poços no Maranhão e Piauí, com o fim de ficar inteiramente revelada a bacia carbonifera do "meio norte" que vem desde longa data sendo objeto de prospecção por parte dos técnicos do Departamento Nacional de Produção Mineral.

No Piauí, já se encontram em pleno funcionamento a Comissão de Pesquisas do Carvão de Pedra do aludido Departamento, chefiada pelo engenheiro Egeu Marino de Almeida Gomes.

Departamento Nacional de Educação Física

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O diretor geral do Departamento Nacional de Educação Física, para o fim especial de verificar as condições das instalações e material para a prática de exercícios físicos em estabelecimentos de ensino desse Estado, fez as seguintes nomeações: no Colégio Stafford e no Ginásio Santa Cecília, da capital, o inspetor Romeu de Castro Jobim, e no Ginásio do Estado, em Baurú, o assistente de educação Horacio Verne.

Podem exercer cumulativamente os dois cargos

RIO, 17 (Da nossa sucursal) — O presidente da República assinou decreto-lei, acrescentando o seguinte parágrafo ao artigo 5.o do decreto-lei n. 2 557, que trata da nomeação de diretor-geral para os Departamentos Estaduais de Imprensa e propaganda:

"Parág. único — Quando a nomeação a que se refere a primeira parte deste artigo recair em membro do magistério superior, este poderá, mediante autorização do presidente da República, em requerimento devidamente justificado, exercer cumulativamente os dois cargos, optando por um dos vencimentos".

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

UM CRÍTICO

Antonio CANDIDO

A crítica literária está hoje no [illegible] para a literatura mais ou menos como o magistério secundário [illegible] as diferentes profissões. [illegible] até há pouco os médicos, advogados, engenheiros e [illegible] não sabiam o que fazer [illegible] am ao ensino nos ginásios [illegible] ratura atual quem não [illegible] em si mesmo nenhuma [illegible] específica se põe a fazer [illegible] livros. E mesmo quem [illegible] determinada não deixa [illegible] dar o seu palpite. De [illegible] embora extraordinariamente [illegible] sificada em número, a [illegible] ica continua mais ou [illegible] relevo especial. Ra- [illegible] bons críticos. Raríssi- [illegible] primeira ordem. E mais [illegible] aqueles que se dedi- [illegible] crítica.

[illegible] do, um nome como o [illegible] ro Lins avulta imensamente [illegible] dentre os seus confrades [illegible] a ser um verdadeiro [illegible] dedicação exclusiva à [illegible] ria, à qual ele se entrega [illegible] a uma missão. Os [illegible] claro, não se fazem [illegible] dia que passa o cri- [illegible] cresce em autoridade [illegible] em firmeza, e não sei [illegible] falar dele como [illegible] toridade que possui [illegible] a literária hoje em [illegible]

*

[illegible] coisa que se nota [illegible] desta 2.a série do [illegible] Crítica" (1) é um pro- [illegible] decisivo sobre [illegible] a há coisa de [illegible] O que vem provar [illegible] Alvaro Lins está longe [illegible] prodigioso prodígio de [illegible] precoce de que o quê [illegible] os seus críticos ma- [illegible] Este progresso real, [illegible] extremamente fecundo, [illegible] mocidade, a frescura [illegible] do seu espírito

[illegible] modo de ver, tal progresso [illegible] devido sobretudo a um [illegible] mais filosófico da crítica e da obra criticada. À sua já conhecida intuição e perspicácia, o sr. Alvaro Lins junta nestes ensaios uma capacidade maior de relacionar, de estabelecer ligações em profundidade entre autor, obra, tempo, vida — que é justamente uma das caraterísticas do espírito filosófico.

Talvez se pudesse dizer que o sr. Alvaro Lins, na primeira série do seu Jornal, se desenvolvia em julgador certeiro das obras, enquanto que hoje se apresenta como um descobridor do sentido das mesmas.

*

A faculdade mestra do sr. Alvaro Lins parece ser a de intuir e localizar... a faculdade mestra de uma obra e de um escritor. Num sentido, porem, ao mesmo tempo mais denso e mais vasto que o de um crítico taineano.

No sr. José Lins do Rego, por exemplo, o sr. Alvaro Lins apanha as duas molas do seu processo criador: memória e imaginação. Imediatamente, nos mostra como estas caraterísticas se desdobram e dão origem ao mundo dos personagens do sr. José Lins do Rego, num movimento como que dialético de enriquecimento que se desdobra. Imaginação e memória se unem através da sua oposição; o autor que elas caraterizam se opõe ao mundo exterior e com ele se unifica através delas. O resultado é uma obra de extraordinária vitalidade e trepidação humana.

Este sentido de *jogo* da psicologia do autor com a sua estética, e delas com o meio, resultando de tudo o carater significativo da obra, me parece a marca da crítica de ficção do sr. Alvaro Lins.

Aliás, creio poder dizer que ele é o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil. A crítica de ficção é a pedra de toque para se reconhecer o verdadeiro crítico, aquele que funde sensibilidade com poder de analisar. E' a mais complexa e a mais delicada.

Na poesia, o crítico pode se deixar levar pela comunicação afetiva e, sugerindo apenas este movimento de participação, colocar-se fora da análise. Na crítica de idéias, pode ser que demonstre apenas esta. Na de ficção, é preciso que se combinem ambas, pela própria natureza do gênero criticado. De acordo com a maneira por que penetra num romance, sentindo-o, analisando-o, revelando-o, situando-o, conhece-se a universalidade e a profundidade de um espírito crítico. Grande crítico de ficção, o sr. Alvaro Lins me parece menos feliz na de poesia, onde a intervenção da sua inteligência se dá um pouco de mais, onde ele como que abafa as forças de participação que se sente existirem nele. Na de idéias, onde caminha com menos segurança, creio que chegará a uma grande firmeza, quando estiver de posse do seu método.

*

Porque o sr. Alvaro Lins ainda não possue um método. Apenas se encaminha para ele.

A caraterística mais geral do crítico do "Correio da Manhã" é o seu individualismo. A sua consciência que, como a do artista, não quer se comprometer para não se limitar. Tal atitude, que me parece condenavel, e que leva os críticos menores ao desbragamento personalista e a um infra-relativismo em que se dissolve de todo a inteligência ordenadora — aparece, no entanto, em críticos da sua estatura, como propícia a inúmeras vantagens.

Antes de mais nada, porque há na sua isenção uma virtude superior da imparcialidade; depois, porque vem de ambas um carater fecundo de universalidade; finalmente, porque, de posse destas duas qualidades que podiam ser defeitos e descair na falta de carater intelectual, o sr. Alvaro Lins as articula e organiza segundo uma solidíssima linha ética de pensamento e de conduta.

Ora, o resultado é que tal crítico, fazendo embora da sua atividade uma aventura sempre renovada em face das obras, mantem o rigor de uma diretriz, graças à firmeza de um principio de moral intelectual toda voltada para o conhecimento literário, e só para ele.

Não há dúvida que o sr. Alvaro Lins é, quimicamente falando, o crítico mais puro que existe hoje em dia no Brasil. Há certos momentos em que quasi nos comovemos ante algumas das suas páginas, ao sentirmos a nobre tensão em que vive o seu espírito, defendendo ciosamente o justo equilíbrio e a imparcialidade, entre o impressionismo estético que ameaça os grandes individualistas e a solicitação da atividade no mundo, que arrasta o intelectual para o turbilhão dos acontecimentos e das paixões políticas.

Tanto mais quanto não é difícil notar no sr. Alvaro Lins um interesse apaixonado pelo seu tempo e pelo seu semelhante — interesse que ele não permite, mais ainda neste segundo "Jornal" que no primeiro, ameace seriamente a sua equanimidade. Sob a serenidade contida deste crítico sente-se um drama; sente-se um homem que vive compondo a cada momento a sua posição em face do mundo, num esforço permanente de compreensão. Esta luta interior, esta *agonia* como diria o velho Unamuno, dá às páginas de crítica do sr. Alvaro Lins um valor humano e espiritual que lhe assegura a prioridade sobre quantas se publicam entre nós.

Para os moços que escrevem e que, talvez por menos fortaleza de ânimo, ou uma crença menos total na literatura, não conseguem desligar o seu trabalho de um tempo que os solicita vertiginosamente, e onde eles se inscrevem com a fatalidade da queda dos graves, para os moços de agora, dizia, o sr. Alvaro Lins constitue motivo de inspiração e de conforto.

E' que eles o sentem, de um modo ou de outro, como alguem que há de manter sempre puro o trabalho crítico; que há de se dirigir sempre à literatura com a intenção de cuidar dela, e só dela, sem deixá-la, pobre ancila, se desfigurar no tumulto violento para o qual nos encaminhamos cada vez mais. Sentem, por outro lado, que no meio da horda dos impressionistas deshumanos e anti-sociais, há um individualista conciente que, em que pese as solicitações do meio, prestará à literatura brasileira o serviço de lhe indicar o caminho certo, preservando-a do partidarismo e da utilização indevida.

*

Vejamos as razões que me levaram a dizer que o sr. Alvaro Lins está se encaminhando para o seu método.

Para ele, o objeto da crítica — declarado no ensaio que abre o livro e reafirmado mais de uma vez nos outros — é a determinação, na obra literária, daquilo que é eterno, que transcende às contingências. O sr. Alvaro Lins está certo ao pensar deste modo. A literatura, como a arte, tem razão de ser na medida em que significa uma fixação de certos elementos que vençam o tempo e se coloquem acima da sua relatividade. Pensando assim o seu método é consequentemente o de uma penetração de essências, o trabalho crítico se perfazendo com a revelação do núcleo absolutamente significativo de uma obra, a crítica se tornando uma aventura da personalidade, um esforço para inserir na mesma *ordem* de que participa a essência da obra literária.

No entanto, por mais completa que possa ser a participação de um crítico no núcleo essencial de uma obra, é fora de dúvida que só há um meio para se chegar a ele: os seus sinais exteriores; toda aquela parte que significa neles ligação com o tempo, contingência, relatividade. E' o próprio sr. Alvaro que o reconhece a um dado momento.

Ora, se supusermos que há de fato alguma coisa de eterno no homem, que empresta duração à obra de arte, refletindo-se nela, é fora de dúvida que essa alguma coisa se apresenta de um modo ou de outro conforme o tempo e o lugar. Fosse de fato possivel a existência por si de uma realidade humana extra-temporal, poder-se-ia dizer, caricaturando, que a primeira obra prima da literatura a teria esgotado. E não haveria lugar para nenhuma outra mais. Pelo fato daquilo que o sr. Alvaro Lins chama de efêmero, de temporal, de contingente, constituir de fato o aspecto significativo das obras, é que é possivel haver uma cadeia ininterrupta de grandes obras através da história da cultura.

Assim, não se justifica uma das afirmações-chaves do sr. Alvaro Lins: "... tenho a coragem de ser indiferente ao que é moderno e ao que é antigo, procurando somente a verdade — o que me parece a verdade, pelo menos — sem ligação com as circunstâncias de espaço e de tempo". (op. cit. pág. 22).

Ora, as circunstâncias de espaço e de tempo são grandemente responsaveis pelo fato de Dostoievski não tratar o eterno humano da mesma maneira por que o fizeram Cervantes ou Villon. Através delas, portanto, é que podemos chegar ao núcleo de significação de uma obra, pois que são elas que definem a verdade que o sr. Alvaro Lins quer colocar fora e acima delas. De maneira alguma será possivel ao crítico deixar de começar por elas o seu trabalho. Nem quando imagina estar entrando em comunhão mística com as essências, pois ainda neste caso nada mais fará do que intuir diretamente uma realidade que não passa da hipostase das circunstâncias de tempo e de espaço.

O método do sr. Alvaro Lins, na sua primeira fase, parecia mais radicalmente individualista e essencialista. Ou, antes, a sua falta de método. Nesta segunda fase, em que lhe pese, ele se aproxima muito mais da consideração do aspecto cultural da criação literária. E' o que me leva a crer que, num futuro não remoto, o seu método surgirá, tendo como caraterística uma síntese feliz do seu essencialismo personalista e da valorização justa do condicionamento cultural das obras.

Como se vê, a sua carreira vem se desenvolvendo num progresso contínuo para o aprofundamento e, através do processo que mencionei no princípio da correlação em profundidade, para um largo e definitivo universalismo crítico.

(1) — Alvaro Lins — Jornal de Crítica — 2.a série — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1943.

Biblioteca Ambulante do Soldado

Realizou-se ante-ontem, às 16 horas, no Instituto Sedes Sapientiae, a inauguração da campanha "Biblioteca Ambulante do Soldado".

Esteve presente o capitão Gerardo Lemos do Amaral, diretor-militar da Cfag e inúmeros convidados, inclusive o corpo docente do estabelecimento.

Afim de dar por iniciada a campanha dentro do Instituto Sedes Sapientiae, usou da palavra o prof. Plinio Corrêa de Oliveira, que falou do valor precioso dos livros sobre a psicologia dos combatentes.

E. I. M. — 198

A Escola de Instrução Militar 198, anexa ao Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo, comunica aos interessados que estão abertas as inscrições para a nova turma de atiradores. Informações na sede da Escola à rua Sargento Osvaldo, 171, ou na Secretaria do Sindicato sita à rua Libero Badaró, 386.

Transferência de residência dos naturais dos paises do "eixo"

Comunicam-nos da Superintendência da Segurança Politica e Social:

Afim de evitar explorações por parte de intermediários inescrupulosos, esta Superintendência faz público que os requerimentos dos súditos do "eixo" e dos paises a ele aliados, solicitando autorização para transferência de residência, são gratuitos, acarretando somente as despesas de selos (Cr. $ 3,20) e de reconhecimento de firma.

Para facilitar os interessados, na Seção de Mudança de Residências, desta Superintendência, serão distribuidas, gratuitamente, fórmulas para tais requerimentos.

Para quaisquer esclarecimentos ou reclamações, os interessados deverão dirigir-se ao sr. João Amoroso Netto, delegado adjunto desta Superintendência, no largo General Osório, 2.o andar, das 10 às 12 e das 14 às 18 horas, nos dias uteis, e das 9 às 12, aos sábados.

São Paulo, em 8 de outubro de 1943 — Major Hildebrando Vieira de Mello, superintendente de Segurança Politica e Social".

Autorizados a mudar de residência

Relação dos súditos dos paises do "eixo" autorizados a mudar de residência: Atsuski Kamakura e Inayo Kamakura, Domenico Tajana e Antonia Rosei Tajana, Elisaveta Zayba, Emiliano Belpiede e Angelina Zaccagnini Belpiede, Ernesto Sorrentino e Vicente Sguotto, Ferdinando De Cres-
Franz Ludwigser-stie-S.d..Q
censo, Franz Ludwig Bastian e Ernestine Maurer Bastian, Francisco Tabuso, Gemma Schiavo, Georg Boraks, Georá Helm, Georg Ziers e Ruth Hagedorn, Giuseppe Spezia e Margherita Cappspezia, Hercules Calonelli, Irma Paola Vespucci, Johannes Karl Heiderich, José Scuracchio, Maria Scarpacchi e Fausto Scuracchio, Jorge Varasseta, Koei Ireijo, Laura Henriqueta Filepo, Luiz Del Sola, Margarida Toffoleto Valsani, Margarida Messaros, Maria Contiero, Maria Navata Caporrino e Michele Caporrino, Max Geiger, Napoleone Catalone, Olimpio Ferreira, Petre Madjarof, Stefan Kress, Juliana Kress e Estefan Kress Filho, Tomutsu Tanabe e Aiko Tanabe, Toshi Olyama e Seiban Oyama e Verona Matiosko.

MOVIMENTO SINDICAL

SINDICATO DOS ODONTOLOGISTAS — O Sindicato dos Odontologistas de São Paulo, comunica a seus filiados que até o dia 16 ainda receberá inscrições dos que desejarem fazer o curso de acrilicos que está sendo realizado. Já estão completas as turmas "D" e "E". Continuam as aulas do curso de dentaduras do sr. Andersen Cavalcanti, para os componentes do Departamento Universitário da referida entidade.

Comemorações do "Dia da América" na Escola "Caetano de Campos"

Afim de comemorar o 451.o aniversário da descoberta da América, a Escola Normal "Caetano de Campos" e a União Cultural Brasil-Estados Unidos farão realizar depois de amanhã, às 17 horas, no auditório daquele estabelecimento de ensino, à praça da República, uma sessão cujo programa será o seguinte:

1) — "Música dos Homens Livres"; 2) — "A Juventude e as Americas", palestra pelo prof. Orestes Rosolia; 3) — "Saudação ao Mundo", um dos mais belos poemas do "Canto das Americas" de Walt Whitman, tradução de Pompêo de Souza e declamação por Lulu Jatubá.

Encerrar-se-á a comemoração com o canto da marcha de Irving Berlin "Deus salve a América".

São convidados os sócios da União Cultural Brasil-Estados Unidos, alunos da Escola "Caetano de Campos" e demais estabelecimentos.

APROXIMA-SE A DATA DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MARTINHO PRADO JUNIOR

DIVERSAS COMEMORAÇÕES SERÃO REALIZADAS NESTA CAPITAL EM HOMENAGEM À SUA MEMORIA

No dia 17 de novembro próximo, transcorrerá o primeiro centenário do nascimento de Martinho Prado Junior, figura proeminente de propagandista da República e do movimento abolicionista e um dos principais advogados da introdução de correntes imigratórias em nosso país.

Companheiro e lutas dos grandes republicanos históricos, como Prudente de Morais, Campos Sales, Glicério e o senador Morais Barros, Martinho Prado teve o seu nome intimamente ligado aos movimentos politicos que agitaram a vida do país durante a segunda metade do século passado.

Jornalista, promotor público, fundador da "Sociedade Promotora de Emigração", deputado à Assembléia Legislativa da Provincia de S. Paulo, tenente de voluntários na guerra do Paraguai, Martinho Prado foi sempre um batalhador que se destacou pela sinceridade e honestidade de seus propósitos, pela paixão que punha nas obras a que se entregava e pela critica impiedosa e corajosa que mantinha contra aqueles que se opuseram aos movimentos reivindicadores da República e da Abolição.

A passagem do primeiro centenário de seu nascimento será, agora, com inteira justiça e oportunidade, devidamente comemorada, sob a égide de uma Comissão composta e personalidades as mais representativas dos meios sociais e intelectuais de São Paulo.

Entre outras cerimônias, o programa de comemoração compreenderá a celebração de uma missa solene por sua intenção, realização de uma romaria ao seu túmulo, no cemitério da Consolação, e uma conferência do sr. Aureliano Leite, que examinará a vida e a obra de Martinho Prado Junior.

Instituto dos Advogados de S. Paulo

Realizou-se no Instituto dos Advogados de São Paulo, mais uma reunião do seu Conselho, presidida pelo sr. Alcides da Costa Vidigal e secretariada pelo sr. Dimas de Oliveira Cesar, 1.o secretário.

Depois da leitura do expediente e de rápidas referências a assuntos de ordem interna, o Conselho aprovou a proposta de que se cuidasse do estudo da possibilidade da reforma dos Estatutos do Instituto dos Advogados, na parte referente à quota e pagamento de mensalidades. Foi designado o sr. Rubens Gomes de Sousa para redigir o ante-projeto da pretendida reforma dos Estatutos, tendo o sr. presidente pedido aos srs. conselheiros, bem como aos demais sócios do Instituto, acaso interessados nesse assunto, que enviassem sugestões relativas à matéria.

Em seguida, o Conselho deliberou que se enviasse ao sr. presidente do Instituto, no Rio de Janeiro, um voto de congratulações pelo brilho alcançado pelo Congresso Juridico Nacional, promovido por aquela entidade em agosto último.

Por último, entrou em votação a proposta do sr. Noé Cesar para sócio efetivo do Instituto, sendo a mesma aprovada.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

JORGE AMADO

I

Antonio CANDIDO

Olhada em conjunto, desta posição favoravel que são as "Terras do Sem Fim", a obra do sr. Jorge Amado, com todas as irregularidades, os altos e baixos os defeitos que possa ter, nos aparece bastante una, caraterizada por um grande entrosamento das suas partes. Os livros deste autor nascem uns dos outros, germinam de sementes lançadas anteriormente, sementes que às vezes permanecem muito tempo em latência.

O número dos temas do sr. Jorge Amado é pequeno; daí a condensação dos seus livros. E daí, tambem, a sua superioridade, uma vez que eles podem assim se apresentar num sistema vigoroso.

A conciência artistica do sr. Jorge Amado faz poucas constatações, mas profundas e definitivas. Elas se impõem dentro do espirito do autor, que, insensivelmente, as vai amadurecendo, elaborando, enriquecendo. A não ser deste modo, um espirito apaixonado e movel como o seu se perderia em eternos esboços. A limitação em numero dos seus temas é a condição da sua força e do seu desenvolvimento [illegible]. [illegible] que se faz [illegible], num retomar [illegible] de temas [illegible], [illegible] livro, como disse, saindo do outro.

Dos meninos vadios de "Jubiabá", do bando de Antonio Balduino, nascem e crescem os "Capitães da Areia", e dos seus saveiros, do oceano, nasce "Mar Morto". Os meninos vadios, por sua vez, são certamente uma necessidade imposta por "Suor", pelo desejo de mostrar a gênese daquelas vidas esmagadas de cortiço. O cacau, lançado no romance deste nome, fica latente muitos anos. Perpassa nas histórias do negro velho de Ilhéus, em "Jubiabá". Aparece de modo fugaz em "Capitães da Areia", já sob o aspecto pioneiro e *far-west* que constitue a trama das "Terras do Sem Fim", onde expande e se realiza, definitivo. O "Diário de um negro em fuga", de "Jubiabá", lança os personagens de "Mar Morto" e a vida dos trabalhadores do fumo, irmãos dos de cacau.

E assim os livros vão se dando a mão, alargando os primeiros choques emocionais que feriram o autor, se desdobrando, como indivíduel, segundo a dialética do documento e da poesia.

*

Documento e poesia são representados, na obra do sr. Jorge Amado, por um certo número de preocupações e de temas. Encaradas do ângulo documentário, os seus romances constituem sempre uma asserção e uma informação. Informação de niveis de vida, de oficios, de gêneros de ocupação, de miséria, de luta econômica, de produtos; asserção de certos pontos de vista de onde se descortinam atitudes sociais, reivindicações proletárias, desajustamentos de classe.

Do ângulo poético, são temas formadores da ambiência em que o documento é exposto e vivificado; em que adquire realce e ganha força sugestiva. São certos ambientes, certas constantes cênicas e sentimentais — como o mar, a noite, a floresta, o vento, o amor. Constantes que obcecam o sr. Jorge Amado.

O mar penetra com "Jubiabá", e daí por diante não lhe é mais possivel livrar-se da sua obcessão. Antonio Balduino a sente, e ela volta na sua vida, de modo periódico, como um motivo de fuga e de mistério. Em "Mar Morto" ele invade o livro todo, pois que ele é o livro. Como Baldo, os meninos de "Capitães de Areia" se agitam pelas praias, onde moram, onde amam, escutando o apelo da água. "Terras do Sem Fim" começa por um episódio maritimo. O mar é o preâmbulo do drama do cacau.

A mata, apagado elemento decorativo em "Cacau", onde mal aparece, começa a se fixar emocionalmente em "Jubiabá". E' a mata misteriosa e evocadora, cheia de terror, por onde foge Antonio Balduino. Em "Terras do Sem Fim" ela irrompe com fúria, numa noite de tempestade. E a floresta do Sequeiro Grande é, por assim dizer, o personagem real do livro. E' ela que joga os homens uns contra os outros; é ela que, adubada do seu sangue, se abre na florada do cacau.

Agua, mato, noite, vento. Temas que são a poesia mesma dos livros do sr. Jorge Amado, tratados, não com a larga melancolia schmidteana, mas com a eloquência profunda que os arrasta para a épica, para a veemência às vezes quasi retórica, amplificadora e persuasiva, neste baiano, da terra dos oradores e de Castro Alves.

*

Graças a esses temas, o sr. Jorge Amado inscreve a sua obra no mundo, dando um sentido telúrico. Mas, dominando-os, se instala o tema humano do amor, que paira sobre eles.

O amor carrega de uma surda tensão as páginas dos seus romances, avultando por cima do rumor das outras paixões. Na nossa literatura moderna, o sr. Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico. Amor dos ritos e dos pobres, amor dos pretos, dos operários, que antes não tinha estado de literatura senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas.

E' certo que os sentimentos descritos e poetisados pelo sr. Jorge Amado devem ser tomados como deformações — no sentido artistico. Os pretos e os trabalhadores dos seus livros são descritos por um homem de outra cor, de outra classe, cuja obra importa numa estilização inevitavel e necessária, talhada no rico conteudo emocional do povo. Na maneira de amar e de pensar dos seus pretos, haverá uma deformação que a mais intensa simpatia e o mais minucioso conhecimento não conseguem atenuar. E nem há necessidade disto. O sr. Jorge Amado trouxe os negros da Baia para a arte e deu existência estética, isto é, permanente, à sua humanidade. Arte é estilo, e estilo é convenção.

"Vinde ouvir estas histórias e estas canções, vinde ouvir a história de Guma e de Lívia, que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela, a culpa não é dos homens rudes que a narram. E' que a ouviste da boca de um homem da terra, e dificilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros". (Introito de "Mar Morto").

Não importa que assim seja. O que ele faz é arte, não reportagem. E, trazendo a lufada de amor e de aventuras de miséria e de luta que vem do povo, o sr. Jorge Amado, enriquecendo a nossa literatura, nos enriquece. Lawrence já dizia que "from the middle classes one got ideas, and from the common people — life itself, warmth".

*

A este propósito, uma observação. O conhecimento que o sr. Jorge Amado revela do homem, é tudo ele, por assim dizer, uma obra de graça da poesia. A sua maneira de tratar os personagens é poética. Ela é que supre o que lhe falta em penetração psicológica.

Uma evidência de que os criticos se esquecem frequentemente é que a análise psicológica não é a única via de conhecimento do homem.

Nutridos pela tendência analitica do romance personalista, somos levados a desconhecer os outros processos de revelação de uma personalidade. Uma linha comprida e sinuosa, que vem de Madame de La Fayette a Joyce, a Virginia Woolf, como que deforma a nossa atitude em face do problema psicológico.

O sr. Jorge Amado não tem, evidentemente, as qualidades da análise. Nem paciência, nem minúcia, nem engenhosidade, nem senso da aventura interior, nem capacidade de isolamento. Não de menos, os seus personagens são tão ricos e tão vivos quanto os dos mestres analistas. Mais vivos, talvez, porque vivem a vida sadia de relação e não perdem em vitalidade o que ganham em profundidade. Como o seu autor, que os faz existir graças à sua faculdade surpreendente de intuição.

A maneira dos primitivos, o sr. Jorge Amado é concreto. Os dramas dos seus personagens nunca se resolvem numa teia abstrata de considerações, mas se definem sempre por um sistema de relações concretas com o mundo exterior, com os elementos. Se apoiam sempre no dado externo, e fazem um coro só com as coisas. Psicologia telúrica, nos parece às vezes a sua tendência de transfundir os elementos nos homens, animando-os de todos os lados com o seu sopro criador.

No entanto, esta poesia de que lhe vem força é tambem, não raro, motivo de fraqueza. Porque ela é, muitas vezes, simples *recurso*. Sobretudo porque, no sr. Jorge Amado, ela é eloquente, amplificadora — isto é, aquela que mais facilmente atende ao chamado do escritor para suprir as suas insuficiências, fazendo o texto com um rumorinho de imagens. No sr. Jorge Amado, há do bom e há do mau. Em muitos trechos, sobretudo nos "Capitães da Areia", há um apelo [illegible] fácil para a sentimentalidade, o narrador de segunda ordem. O que nos leva a perguntar se, no sr. Jorge Amado, há poesia de fato ou há poesia de [illegible], poesia que parece tal por uma simples [illegible] do ritmo e das imagens da prosa. Mas não. A sua poesia é autêntica, embora nem sempre obtenha com pureza, embora haja [illegible] em que é um expediente.

O sr. Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia. Se a sua obra é um movimento dialético entre o documento e a poesia, sua forma é uma confluência desta e da prosa. E' um lugar em que se coloca, a igual distância de ambas, armado com a realidade de uma e o mistério da outra. Um pouco como os botequins de cais motivo tão querido seu. Através da sua obra, eles aparecem, lugares que não são bem mar nem terra, ponto morto em que se encontram os habitantes dos dois mundos — os homens da terra que descem dos morros e os homens do mar que saem dos saveiros. E' a "Lanterna dos Afogados", de "Jubiabá" e de "Mar Morto"; é a "Porta do Mar" em "Capitães da Areia"; é a venda sem nome, de Ilhéus, nas "Terras do Sem Fim". As gentes da água e da terra ali cruzam os seus destinos e ouvem os seus mistérios. Como o sr. Jorge, nessa encruzilhada entre a prosa e a poesia que é o próprio ritmo interno da posição original que é a sua escrita admiravel.

Congresso dos Hoteleiros das Estâncias Climáticas de São Paulo

SERRA NEGRA, 15 (Do correspondente) — Instalou-se hoje em Serra Negra o Primeiro Congresso dos Hoteleiros das Estâncias Climáticas de São Paulo sob a presidência de honra do sr. Fernando Costa, representado pelo prof. Francisco D'Auria, secretário da Fazenda.

O objetivo deste congresso é o de tratar de assuntos de interesse geral da classe.

Almoço oferecido aos srs. Carvalho Franco e Braulio de Mendonça Filho

Realizou-se ontem, às 13 h 30, no "roof" de "A Carreta", o almoço que os redatores policiais ofereceram em homenagem aos srs. Carvalho Franco, chefe do Gabinete de Investigações, e Braulio de Mendonça Filho, delegado auxiliar da 1.a Divisão Policial.

Ao ágape, que decorreu num ambiente de franca camaradagem, estiveram presentes o cap. Nogueira Sampaio, representante do sr. secretário da Segurança Pública, e diversos jornalistas acreditados junto à Polícia Civil.

Oferecendo o almoço, falou, saudando os homenageados, o prof. José Maria de Barros, e, a seguir, o sr. Braulio de Mendonça Filho proferiu ligeiro improviso de agradecimento, em seu nome e no do sr. Carvalho Franco.

Nessa ocasião, o sr. Sergio Lima, nosso companheiro de trabalho, laureado no Salão Paulista de Belas Artes, ofereceu à Polícia dois quadros a óleo, um do sr. Acacio Nogueira, outro do sr. Durval de Villalva.

A homenagem foi encerrada com um desafio de versos entre os srs. Gumercindo Fleury e Francisco Sá.

SATISFEITA A LAVOURA COM O REGULAMENTO DE EMBARQUES DE CAFÉ

O presidente da Sociedade Rural Brasileira, sr. Joaquim Sampaio Vidal, dá sua impressão à "Folha da Manhã"

Foi publicado ante-ontem o Regulamento de Embarques dos cafés da presente safra. Essa providência, muito naturalmente, teve grande repercussão entre os lavradores e demais interessados no café. Porisso mesmo, a reportagem da "Folha da Manhã" procurou o sr. Joaquim Sampaio Vidal, presidente da Sociedade Rural Brasileira, afim de conhecer seu pensamento sobre o Regulamento. S. s. focalizou o assunto amplamente dizendo:

— "Fomos autores da proposta aprovada pelo Convênio dos Estados Cafeeiros no sentido de ser o Regulamento expedido dia 30 de junho para os embarques começarem dia 15 de julho, proporcionando, dessa forma, normalidade dos negócios de café realizados no interior, assim como facilitando aos produtores o financiamento que se faz por meio dos conhecimentos ferroviários.

O retardamento, no entanto, que foi contra o nosso ponto de vista e contra o que reclamamos inúmeras vezes, veiu a ser a favor dos lavradores, porquanto, se tivesse sido expedido na data aprovada pelo Convênio, estariam os produtores com os cafés embarcados e a quota de sacrifício tambem entregue ao Departamento. Portanto, diante de um fato consumado, de difícil senão impossível solução, para a abolição da referida quota. Porisso, dissemos que o retardamento veiu em benefício dos lavradores. Nesse lapso de tempo, a seca e a geada criaram um ambiente para o epílogo final da campanha e que foi a extinção daquele onus que pesava sobre a lavoura. Hoje, que a lavoura paulista tem o decreto-lei 5 874 e o Regulamento de Embarques, pode tranquilamente voltar ao ritmo normal de seus negócios despachando sua mercadoria, fazendo os financiamentos necessários por intermédio dos conhecimentos ferroviários e liquidando os compromissos assumidos durante o ano agrícola que findou a 30 de setembro. Por outro lado, os negócios de café serão realizados em bases conhecidas e sólidas, uma vez que temos dia certo para o embarque e obtenção do documento que representa mercadoria".



Sr. JOAQUIM SAMPAIO VIDAL

APRECIANDO O REGULAMENTO

Continuando suas declarações, o sr. Joaquim Sampaio Vidal apreciou o Regulamento dizendo:

— "O Regulamento de Embarques em si não traz novidades. Criou duas séries: a preferencial e a comum e esta por sua vez subdividida em direta e retida. A comum, como seu próprio nome indica, acha-se dividida em partes iguais e compreende todas as qualidades do café. A preferencial, criada para os cafés superiores, teve este ano maiores exigências quanto à qualidade, aspecto e bebida, assim como quanto aos defeitos. Exigia tipo 2 e 3 e bebida boa para melhor. Compreende-se a rigidez da exigência porque o ano agrícola correu excepcionalmente bom para produzir cafés de qualidade superior. O que perdemos em quantidade pela quebra da safra na colheita em alqueires e no beneficio, em rendimento por quilo, ganhamos na qualidade. Poderíamos adiantar que as peneiras superiores preenchem os requisitos para a preferencial, independente de catação. Não encontramos ardidos, verdes nem pretos, aqueles prejudicando a bebida e estes o aspecto.

As condições gerais do Regulamento não trazem novidade. São normas conhecidas anteriormente.

O início dos embarques para o dia 25 do corrente, tambem é o elemento que merece destaque. Vamos desse dia em diante entrar num período de segurança para todos os negócios de café. Pensamos que será o fim da confusão criada pelos intermediários compradores, que tentaram aviltar os preços para criar um ambiente contrário ao decreto que extinguiu a quota de sacrifício e principalmente o seu artigo 4.o que manda devolver aquela quota ao seu legítimo dono. Esse ato, que apenas significa a devolução do seu a seu dono, e que tanta celeuma provocou, terá seu objetivo atingido pelo início dos embarques de café".

Exames de Oficial de Farmácia

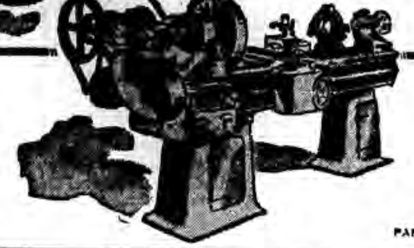
Comunicam-nos do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional:

Devem comparecer às 7 horas de amanhã, os seguintes candidatos: Francisco Silveira Mendes, Manoel M. Fernandes, Manoel Carvalho Continentino, Maria Apparecida Escobar, Zoraide O. Almeida, Henriqueta Inzzi, Orlando Dias, Adelio do Prado, Santina Ferraz Fratecchi, Avelina Muner, Norma Mainardi, Ermenia Pini, Carmella de Thomas, Thereza Jacob.

ULTIMO DIA — Às 17 horas, de terça-feira, devem comparecer os candidatos seguintes: Ferdinando Marchi, Cosetta Gianesa, Jurema Balmaceda Mangueira, Oswaldo Bressani, Aracy Carmelita Gurgoni, Nesia Bromberg, Justina Beltrami da Cunha, Elza Possanzini, Carmen Iman, Candida de Almeida.

SERÁ CONSIDERADO DESISTENTE — O candidato que deixar de comparecer à chamada no dia e hora acima, será considerado desistente.





NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

JORGE AMADO

II

Antonio CANDIDO

Lendo "Terras do Sem Fim" (1) compreendi a afirmação do sr. Prudente de Moraes Neto a propósito do seu autor: "(...) será, quando quiser um grande romancista".

O sr. Jorge Amado tem o estofo de um inspirado. Uma vez sob a influência de um choque emocional, o seu impulso lírico solta o vôo e arrasta a realidade concreta do detalhe documentário, sobre o qual pretende se basear para um clima de exaltação poética em que se perfaz uma das obras mais ricas da nossa literatura.

Ora, este movimento criador é de natureza a levar de roldão, a fazer o artista transpor os limites necessários, os quadros e as exigências do romance. Há uma série de requisitos de ordem técnica que se satisfazem mais plenamente com intervenção pronunciada da inteligência ordenadora do romancista. São problemas de medida e de construção a que está preso o próprio alcance da obra enquanto romance. Assim, por exemplo, a composição, — este capítulo discutido, esmiuçado, mal compreendido da criação literária — que reside sobretudo na capacidade ordenadora do escritor; no seu senso de proporção, de equilíbrio, de distribuição dos valores de expressão.

Os romances do sr. Jorge Amado se ressentiram sempre da falta de composição. Da ausência — pode-se dizer dos primeiros livros [illegible] e mal [illegible] nos independentes; onde não se sentia a necessidade interna, o ritmo das diversas partes.

Em "Jubiabá", por exemplo parece que a composição acompanha a aventura mesma do herói. O romancista se irmana com o negro Antonio Balduino e vai com ele, de aventura em aventura. Os capítulos seguem a coerência destas e se ligam como que circunstancialmente, ao sabor do raconto. A inspiração e a extraordinária capacidade de simpatia humana do autor fazem de "Jubiabá" uma obra prima cheia de imperfeições, tanto é verdade que a força do talento supre, em casos excepcionais, a arquitetura devida à inteligência analítica e construtora.

"Mar Morto", que é o quinhão da poesia na obra do autor, é mais uno e mais puro, — não porque represente um esforço real de composição, mas graças à unidade que vem da sua própria pureza poética.

De qualquer maneira, somente com "Terras do Sem Fim" se pode falar de um romance construído segundo as exigências da composição literária, o romancista se sobrepondo ao seu material e ordenando as partes da obra.

*

O sr. Jorge Amado venceu a etapa da impaciência e apurou as suas qualidades de escritor, combinando, neste grande romance histórico que são as "Terras do Sem Fim", a sua dupla tendência para o documento e a poesia.

O romance histórico, gênero pouco e mal cultivado entre nós, se não ultrapassa o pitoresco nos seus representantes menores, pode, nos escritores de boa qualidade, adquirir um admiravel sentido poético. Este livro do sr. Jorge Amado, que já tem como os anteriores uma dimensão infinita, — a da poesia — ganha a dimensão concreta da história [illegible] do documento bruto. E as dimensões, — a poética e a histórica, — se conjugam para dar ao livro aquela que faltava nos outros do autor: a psicológica, em profundidade.

O significado humano dos personagens do sr. Jorge Amado, como vimos, vem menos da sua capacidade de analisar, — fraca e sumária, — que do sopro criador e animador da poesia. E a perspectiva histórica, o ritmo cíclico dos acontecimentos, tomando o personagem entre vários planos, como que lhe assegura a verdade e o relevo que a análise não póde dar.

Tornado-se histórico, o romance do sr. Jorge Amado deixou de ser romance proletário para adquirir um significado mais extenso. A história tem essa faculdade e remontando a corrente do tempo, alarga o nosso panorama, ampliando a nossa compreensão. Diante dela as reivindicações de classe, a espoliação, não se colocam com sentido atual, porque ela é a própria trama, já tecida, de umas e de outras. E' o seu lugar histórico, os antagonismos se cristalizando em estruturas e em sistemas de relações observaveis à distância.

Através do documento, o autor percebera a espoliação de uma classe; através da poesia, sentira o seu valor e o seu significado; através da história, que reune espoliados e espoliadores numa relação de perspectiva, alargou a todos os homens a sua simpatia artística. O que resulta, porventura, num enfraquecimento doutrinário, se considerarmos o carater de luta da obra do autor [illegible] num enriquecimento da sua arte e da sua compreensão humana.

Em "Terras do Sem Fim", pela primeira vez, o sr. Jorge Amado simpatia no sentido psicológico, não moral, está visto, com os coronelões, — os espoliadores. Penetra na sua humanidade e deixa de ver neles espantalhos sem alma, como eram o esquemático Misael de Sousa Telles, de "Cacau", e sua esquemática família. De tal modo que este livro, como assinalei, não é mais feito do ponto de vista do proletário. O é simplesmente, do ponto de vista histórico (mais amplo) do pioneiro das terras do cacau no sul da Bahia, — espoliado ou espoliador, cabra ou patrão, — entrado para a categoria da história.

E o resultado é que o livro ganha em humanidade e em universalidade. Ganha mais alcance social através dessa isenção artística, — que viveu o ponto de vista dos dois lados e, portanto, deixou muito mais claramente patenteado, pelo contraste não mais convencional, a injustiça das relações de ambos, — que do demagogismo acentuado das primeiras obras do autor. Muito mais que de "Cacau", — seu distante prelúdio, — o leitor sai deste livro vivendo o drama do trabalhador, porque o viu integrado num panorama humano mais amplo, e não segregado, quimicamente isolado por um ponto de vista unilateral. Em arte, a compreensão, — nos dois sentidos, logico e psicologico — é sempre mais ativa e mais afetiva do que a parcialidade.

*

O nome deste romance aparece em "Mar Morto", dando título a um dos seus capítulos. E' o lugar misterioso, as terras para onde Iemanjá leva os marítimos naufragados, e contam que essa viagem "(...) vale bem essa vida porca que eles levam no cais".

Tambem aqui as "Terras do Sem Fim" são uma espécie de outro mundo, para onde a febre do cacau, a sede do ouro, arrastam os homens numa aventura desbragada, cheia de perigo e de morte, de sangue e de brutalidade. Um inferno para o operário, uma parada de vida ou de morte para o fazendeiro, uns e outros atirados na aventura capitalista da concorrência e da vitória do mais forte.

"(...) o cacau, que requer um clima quente e umido, encontra em grande parte do Brasil um habitat apropriado (...) no Sul da Bahia, desde a bacia do Nazaré até à bacia do Rio Mucuri, o cacau tem uma das suas zonas mais produtivas do mundo(...) a indústria do cacau, pela facilidade da cultura e pela duração da produtividade da árvore é uma das mais rendosas do Brasil".

Assim falavam as geografias no tempo em que se desenrolam os acontecimentos contados nas "Terras do Sem Fim". Tempo bravo, de morte e de luta, quando os coronéis armavam os seus jagunços para disputar os alqueires de mata virgem, de terra escura, para o plantio. Na época em que os Badaró lutaram com Horacio da Silveira pela posse da mata do Sequeiro Grande e a perderam, após havê-la quasi ganho.

"Foi a última grande luta da conquista da terra, a mais feroz de todas, tambem. Porisso ficou vivendo através dos anos, as suas histórias passando de boca em boca, relatadas pelos pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais jovens. E nas feiras dos povoados e das cidades, os cegos violeiros cantavam a história daqueles barulhos, daqueles tiroteios que encheram de sangue a terra negra do cacau".

Esta luta, que é o drama nuclear do livro, o sr. Jorge Amado a arma com boa técnica. Para nos levar a ela, usa um processo de aproximação progressiva, em que vão se definindo os caracteres e as posições, focalizando (às vezes no sentido de uma camera) aspectos, lugares, circunstâncias cada vez mais ligados à luta.

A primeira parte se passa no mar, num navio que traz gente para Ilhéus — fazendeiros, trabalhadores, aventureiros. Depois é a mata, são as fazendas, os primeiros sucessos, ligados por uma técnica quasi cinematográfica, dispondo-se em partes contrapunticamente equilibradas. São em seguida os pequenos povoados, foco da política mandonista, feudos dos senhores em cujas terras se encravam. Adiante deles, Ilhéus, o centro de toda a história do cacau, o lugar do jogo de influências e das querelas de prestigio. Finalmente a luta, o desfecho.

O plano é simples, sobrio, pensado. Sente-se na sua realização a presença, pouco sentida antes, de um Jorge Amado construtor, que se detem para pensar e ordena com força e harmonia. As passagens das cenas, os fins e os inícios de capítulo, as articulações, as *coupures*, tudo revela no autor um artista conciente e senhor da sua matéria. Talvez se pudesse objetar contra certas inclusões demasiado poéticas e cinematográficas, que alteram o carater literário do livro. E', por exemplo, o começo do segundo capítulo, em que a mata aparece numa visão plástica de cinema, ou o do terceiro, a admiravel história das três irmãs em prosa metrificada: "Era uma vez três irmãs; Maria, Lucia, Violeta, unidas nas correrias, unidas nas gargalhadas". Trechos e cenas tão belos que o protesto morre nos lábios e o leitor os aceita sem relutar. São, no entanto menos tecnicamente cabiveis do que outros, mais especificamente romanescos. Como o introito do capítulo quarto, "O Mar", com deixar como está: causa a cena do botequim e a causa do homem do colete azul — certamente um dos maiores momentos do livro.

Em geral, nota-se uma um valor maior das primeiras partes sobre as últimas, o livro atingindo o seu ponto culminante no capítulo segundo, verdadeira obra prima de construção, de poesia e de intensidade.

O fato é que os problemas de construção, em largo ou em detalhe, são cuidadosamente pesados neste livro. O trabalho do autor aparece a cada passo a um exame mais detido — desbastando a exuberância da inspiração, disciplinando-a com rigor.

A lingua, por sua vez, rica e seivosa como sempre, se organiza com mais ritmo, com mais senso da frase do que na irregularidade um tanto improvisada de muitas das páginas anteriores do autor. A força das imagens, a sugestão do verbo, fazem da sua escrita algo de definitivo, a propósito da qual já se pode falar em estilo. O estilo do sr. Jorge Amado, chegado a um grau elevado de amadurecimento, reflexo do pensamento mais coordenado e profundo.

E' este, sem dúvida alguma, o seu maior livro. Muito maior do que os outros, mesmo "Jubiabá". E' um grande romance, o primeiro grande romance de que me é dado falar desde que faço critica nesse rodapé. Um romance cujo significado na nossa literatura não pode no momento ser bem aquilatado. Com a perspectiva aberta pelo tempo, se verá sem dúvida o que ele representa como culminância de toda uma linha de ficção brasileira, que procurei definir dois artigos atrás. O que tem de clássico a seu modo, como expressão definitiva de todo um pensamento e toda uma atitude literária que teem fecundado nossas letras há mais de dez anos. E [illegible] este privilégio ao mais [illegible] dos seus representantes [illegible] Jorge Amado descuidado e [illegible] dos livros anteriores é um [illegible] não sem beleza de força que tem a inteligência ordenadora do artista sobre o material bruto da evidência documentária e o impulso irresistivel da inspiração. Graças a essa força, "Terras do Sem Fim" é um dos grandes romances contemporâneos.

(1) — Jorge Amado — Terras do Sem Fim — Livraria Martins Editora — S. Paulo — 1943.

SATISFEITA A LAVOURA COM O REGULAMENTO DE EMBARQUES DE CAFÉ

O presidente da Sociedade Rural Brasileira, sr. Joaquim Sampaio Vidal, dá sua impressão à "Folha da Manhã"

Foi publicado ante-ontem o Regulamento de Embarques dos cafés da presente safra. [illegible] grande repercussão entre os lavradores e demais interessados no café. Por isso mesmo, a reportagem da "Folha da Manhã" procurou o sr. Joaquim Sampaio Vidal, presidente da Sociedade Rural Brasileira [illegible]

[illegible]



Sr. JOAQUIM SAMPAIO VIDAL

[illegible] rante o ano agricola que findou a 30 de setembro. Por outro lado, os negócios de café serão realizados em bases conhecidas e sólidas, uma vez que temos dia certo para o embarque e obtenção do documento que representa mercadoria".

APRECIANDO O REGULAMENTO

Continuando suas declarações, o sr. Joaquim Sampaio Vidal apreciou o Regulamento dizendo:

— "O Regulamento de Embarques em si não traz novidades. Criou duas séries: a preferencial e a comum e esta por sua vez subdividida em direta e retida. A comum, como seu próprio nome [illegible]

[illegible] a quota de sacrificio e principalmente o seu artigo 4.o que manda devolver aquela quota ao seu legitimo dono. Esse ato, que apenas significa a devolução de seu a seu dono, e que tanta celeuma provocou, terá seu objetivo atingido pelo inicio dos embarques de café".

Exames de Oficial de Farmácia

Comunicam-nos do Serviço de Fiscalização do Exercicio Profissional:

Devem comparecer às 7 horas de amanhã, os seguintes candidatos: Francisco Silveira Mendes, Manoel M. Fernandes, Manoel Carvalho Contincentino, Maria Apparecida Escobar, Zoraide O. Almeida, Henriqueta Inzal, Orlando Dias, Adelio do Prado, Santina Ferraz Frateschi, Avelina Muner, Norma Mainardi, Ermenia Pini, Carmella de Thomas, Theresa Jacob.

ULTIMO DIA — Às 17 horas, de terça-feira, devem comparecer os candidatos seguintes: Ferdinando Marchi, Cossia Gianese, Jurema Balmaceda Mangueira, Oswaldo Bressani, Aracy Carmellia Gorgoni, Neala Bromberg, Justina Beltrami da Cunha, Elza Possanzini, Carmen Iowan, Candida de Almeida.

SERÁ CONSIDERADO DESISTENTE — O candidato que deixar de comparecer à chamada no dia e hora acima, será considerado desistente.



NOTAS DE CRITICA LITERARIA

JORGE AMADO

II

Antonio CANDIDO

Lendo "Terras do Sem Fim" (1) compreendi a afirmação do sr. Prudente de Moraes Neto a propósito do seu autor: "(...) será, quando quiser um grande romancista".

O sr. Jorge Amado tem o estofo de um inspirado. Uma vez sob a influência de um choque emocional, o seu impulso lírico solta o vôo e arrasta a realidade concreta do detalhe documentário, sobre o qual pretende se basear para um clima de exaltação poética em que se perfaz uma das obras mais ricas da nossa literatura.

Ora, este movimento criador é de natureza a levar de roldão, a fazer o artista transpor os limites necessários, os quadros e as exigências do romance. Há uma série de requisitos de ordem técnica que se satisfazem mais plenamente com intervenção pronunciada da inteligência ordenadora do romancista. São problemas de medida e de construção a que está preso o próprio alcance da obra enquanto romance. Assim, por exemplo, a composição, — este capítulo discutido, esmiuçado, mal compreendido da criação literária — que reside sobretudo na capacidade ordenadora do escritor; no seu senso de proporção, de equilibrio, de distribuição dos valores de expressão.

Os romances do sr. Jorge Amado se ressentiram sempre da falta de composição. D[illegible] — pode-se dizer [illegible] vros onde [illegible] e mal [illegible] nos in[illegible] sentia a necessidade interna, o ritmo das diversas partes.

Em "Jubiabá", por exemplo parece que a composição acompanha a aventura mesma do herói. O romancista se irmana com o negro Antonio Balduino e vai, com ele, de aventura em aventura. Os capítulos seguem a ocorrência destas e se ligam como que circunstancialmente, ao sabor do raconto. A inspiração e a extraordinária capacidade de simpatia humana do autor fazem de "Jubiabá" uma obra prima cheia de imperfeições, tanto é verdade que a força do talento supre, em casos excepcionais, a arquitetura devida à inteligência analítica e construtora.

"Mar Morto", que é o quinhão da poesia na obra do autor, é mais uno e mais puro, — não porque represente um esforço real de composição, mas graças à unidade que vem da sua própria pureza poética.

De qualquer maneira, somente com "Terras do Sem Fim" se pode falar de um romance construido segundo as exigências da composição literária, o romancista se sobrepondo ao seu material e ordenando as partes da obra.

*

O sr. Jorge Amado venceu a etapa da impaciência e apurou as suas qualidades de escritor, combinando, neste grande romance histórico que são as "Terras do Sem Fim", a sua dupla tendência para o documento e a poesia.

O romance histórico, gênero pouco e mal cultivado entre nós, se não ultrapassa o pitoresco nos seus representantes menores, pode, nos escritores de boa qualidade, adquirir um admiravel sentido poético. Este livro do sr. Jorge Amado, que já tem como os anteriores uma dimensão [illegible] se conjugam para dar ao livro aquele que faltava nos outros do autor: a psicológica, em profundidade.

O significado humano dos personagens do sr. Jorge Amado, como vimos, vem menos da sua capacidade de analisar, — fraca e sumária, — que do sopro criador e animador da poesia. E a perspectiva histórica, o ritmo ciclico dos acontecimentos, tomando o personagem entre vários planos, como que lhe assegura a verdade e o relevo que a analise não póde dar.

Tornado-se histórico, o romance do sr. Jorge Amado deixou de ser romance proletário para adquirir um significado mais extenso. A história tem essa faculdade e remontando a corrente do tempo, alarga o nosso panorama, ampliando a nossa compreensão. Diante dela as reivindicações de classe, a espoliação, não se colocam com sentido atual, porque ela é a própria trama, já tecida, de umas e de outras. E' o seu lugar histórico, os antagonismos se cristalizando em estruturas e em sistemas de relações observaveis à distância.

Através do documento, o autor percebera a espoliação de uma classe; através da poesia, sentira o seu valor e o seu significado; através da história, que reune espoliados e espoliadores numa relação de perspectiva, alargou a todos os homens a sua simpatia artistica. O que resulta, porventura [illegible] enfraquecimento dou[illegible] considerarmos o ca[illegible] da obra do autor [illegible] um enriqueci[illegible] arte e da sua com[illegible] humana.

[illegible] "Terras do Sem Fim", pela primeira vez, o sr. Jorge Amado simpatia no sentido psicológico, não moral, está visto, com os coronelões, — os espoliadores. Penetra na sua humanidade e deixa de ver neles espantalhos sem alma, como eram o esquemático Missael de Sousa Telles, de "Cacau", e sua esquemática familia. De tal modo que este livro, como assinalei, não é mais feito do ponto de vista do proletário. O é simplesmente, do ponto de vista histórico (mais amplo) do pioneiro das terras do cacau no sul da Bahia, — espoliado ou espoliador, cabra ou patrão, — entrado para a categoria da história.

E o resultado é que o livro ganha em humanidade e em universalidade. Ganha mais alcance social através dessa isenção artistica, — que viveu o ponto de vista dos dois lados e, portanto, deixou muito mais claramente patenteado, pelo contraste não mais convencional, a injustiça das relações de ambos, — que do demagogismo acentuado das primeiras obras do autor. Muito mais que de "Cacau", — seu distante prelúdio, — o leitor sai deste livro vivendo o drama do trabalhador, porque o viu integrado num panorama humano mais amplo, e não segregado, quimicamente isolado por um ponto de vista unilateral. Em arte, a compreensão, — nos dois sentidos, logico e psicologico — é sempre mais ativa e mais afetiva do que a parcialidade.

*

O nome deste romance aparece em "Mar Morto", dando titulo a um dos seus capitulos. E' o lugar misterioso, as terras para onde Iemanjá leva os maritimos naufragados, e contam que essa viagem "(...) vale bem essa vida porca que eles levam no cais".

Tambem aqui as "Terras do Sem Fim" são uma espécie de outro mundo, para onde a febre do cacau, a sede do ouro, arrastam os homens numa aventura desbragada, cheia de perigo e de morte, de sangue e de brutalidade. Um inferno para o operário, uma parada de vida ou de morte para o fazendeiro, uns e outros atirados na aventura capitalista da concorrência e da vitória do mais forte.

"(...) o cacau, que requer um clima quente e umido, encontra em grande parte do Brasil um habitat apropriado (...) no Sul da Bahia, desde a bacia do Nazaré até à bacia do Rio Mucuri, o cacau tem uma das suas zonas mais produtivas do mundo(...) a indústria do cacau, pela facilidade da cultura e pela duração da produtividade da árvore é uma das mais rendosas do Brasil".

Assim falavam as geografias no tempo em que se desenrolam os acontecimentos contados nas "Terras do Sem Fim". Tempo bravo, de morte e de luta, quando os coronéis armavam os seus jagunços para disputar os alqueires de mato virgem, de terra escura, para o plantio. Na época em que os Badaró lutaram com Horacio da Silveira pela posse da mata do Sequeiro Grande e a perderam, após havê-la quasi ganho.

"Foi a última grande luta da conquista da terra, a mais feroz de todas, tambem. Porisso ficou vivendo através dos anos, as suas histórias passando de boca em boca, relatadas pelos pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais jovens. E nas feiras dos povoados e das cidades, os cegos violeiros cantavam a história daqueles barulhos, daqueles tiroteios que encheram de sangue a terra negra do cacau".

Esta luta, que é o drama nuclear do livro, o sr. Jorge Amado a arma com boa técnica. Para nos levar a ela, usa um processo de aproximação progressiva, em que vão se definindo os caracteres e as posições, focalizando (às vezes no sentido de uma camera) aspectos, lugares, circunstâncias cada vez mais ligados à luta.

A primeira parte se passa no mar, num navio que traz gente para Ilhéus — fazendeiros, trabalhadores, aventureiros. Depois é a mata, são as fazendas, os primeiros sucessos, ligados por uma técnica quasi cinematográfica, dispondo-se em partes contrapunticamente equilibradas. São em seguida os pequenos povoados, foco da politica mandonista, feudos dos senhores em cujas terras se encravam. Adiante deles, Ilhéus, o centro de toda a história do cacau, o lugar do jogo de influências e das querelas de prestigio. Finalmente a luta, o desfecho.

O plano é simples, sobrio, pensado. Sente-se na sua realização a presença, pouco sentida antes, de um Jorge Amado construtor, que se detem para pensar e ordena com força e harmonia. As passagens das cenas, os fins e os inicios de capitulo, as articulações, as coupures, tudo revela no autor um artista conciente e senhor da sua matéria. Talvez se pudesse objetar contra certas inclusões demasiado poéticas e cinematográficas, que alteram o carater literário do livro. E', por exemplo, o começo do segundo capitulo, em que a mata aparece numa visão plástica de cinema, ou o do terceiro, a admiravel história das três irmãs em prosa metrificada: "Era uma vez três irmãs; Maria, Lucia, Violeta, unidas nas correrias, unidas nas gargalhadas". Trechos e cenas tão belos que o protesto morre nos lábios e o leitor os aceita sem relutar. São, no entanto, menos tecnicamente cabiveis do que outros, mais especificamente romanescos. Como o introito do capitulo quarto, "O Mar", com deixar como está: causa a cena do botequim e a causa do homem do colete azul — certamente um dos maiores momentos do livro.

Em geral, nota-se uma um valor maior das primeiras partes sobre as últimas, o livro atingindo o seu ponto culminante no capitulo segundo, verdadeira obra prima de construção, de poesia e de intensidade.

O fato é que os problemas de construção, em largo ou em detalhe, são cuidadosamente pesados neste livro. O trabalho do autor aparece a cada passo a um exame mais detido — desbastando a exuberância da inspiração, disciplinando-a com rigor.

A lingua, por sua vez, rica e seivosa como sempre, se organiza com mais ritmo, com mais senso da frase do que na irregularidade um tanto improvisada de muitas das páginas anteriores do autor. A força das imagens, a sugestão do verbo, fazem da sua escrita algo de definitivo, a propósito da qual já se pode falar em estilo. O estilo do sr. Jorge Amado, chegado a um grau elevado de amadurecimento, reflexo do pensamento mais coordenado e profundo.

E' este, sem dúvida alguma, o seu maior livro. Muito maior do que os outros, mesmo "Jubiabá". E' um grande romance, o primeiro grande romance de que me é dado falar desde que faço critica nesse rodapé. Um romance cujo significado na nossa literatura não pode no momento ser bem aquilatado. Com a perspectiva aberta pelo tempo, se verá sem dúvida o que ele representa como culminância de toda uma linha de ficção brasileira, que procurei definir dois artigos atrás. O que tem de clássico a seu modo, como expressão definitiva de todo um pensamento e toda uma atitude literária que teem fecundado nossas letras há mais de dez anos. E ter cabido este privilégio ao mais indisciplinado dos seus representantes, ao Jorge Amado descuidado e impaciente dos livros anteriores é um símbolo não sem beleza da força que tem a inteligência ordenadora do artista sobre o material bruto da evidência documentária e o impulso irresistivel da inspiração. Graças a essa força, "Terras do Sem Fim" é um dos grandes romances contemporâneos.

---

(1) — Jorge Amado — Terras do Sem Fim — Livraria Martins Editora — S. Paulo — 1943.

SRTA. HORTENCIA JAFET — Faleceu ontem, nesta capital, ás 23 h 30, a srta. Hortencia Jafet, aos 27 anos de idade, filha do prof. Nami Jafet, já falecido, e da d. Afife Nassif Jafet. Deixa os seguintes irmãos: d. Emma Jafet Coury, casada com o sr. Rachid Coury; Chedid Jafet, casado com d. Violeta Jafet; Nagib Jafet, casado com d. Leonor Jafet; Nadiha Jafet Name:, casada com o sr. Fares Name:; Wadiha Jafet Assad, casada com o sr. Elias Assad; Malaque Jafet Abs, casada com o sr. José Abs; Mathilde Jafet, casada com o sr. Raphael Jafet; Frederico Jafet, casado com d. Alexandra Haddad Jafet; Gladstan Jafet, casado com d. Ivette Jacob Jafet e Ricardo, Carlos e Roberto, solteiros. Era sobrinha do sr. Basilio Jafet, João Jafet e Benjamin Jafet, já falecido; Miguel, já falecido e Hala Jafet Abs, j falecida.

O enterro realiza-se hoje, ás 17 horas, saindo o féretro da rua Bom Pastor, 829, para o cemitério da Consolação.

Nova diretoria do Instituto de Serviço Social

Acaba de ser eleita e empossada a nova diretoria do Instituto de Serviço Social, que ficou assim constituida:

DIRETORIA — Assistente eclesiástico, cônego Antonio Leme Machado; presidente do Instituto e diretor dos cursos, sr. José de Azeredo Santos; secretário, Francisco de Paula Ferreira; tesoureiro, Ugo O. Malheiros e bibliotecário, J. C. Castilho de Andrade.

CONSELHO — Srs. Plinio Corrêa de Oliveira, André Franco Montoro, J. B. Pacheco Salles, L. Toledo Oliveira e Costa Filho e José Fernandes Camargo.

ALGUNS PROBLEMAS DE MAXIMA IMPORTANCIA AFLIGEM O ESTADO DE MATO GROSSO

FALA À REPORTAGEM DA "FOLHA DA MANHÃ" O SR. WILSON MARTINS, EDUCADOR EM CAMPO GRANDE

Esteve em visita á redação da "Folha da Manhã" o sr. Wilson Martins, educador em Mato Grosso, ora nesta capital. Aproveitamos o ensejo para ouvir s. s. sobre diversos assuntos relacionados com seu Estado, mormente no setor educacional.

O NIVEL DO ENSINO EM MATO GROSSO

— "Não afirmarei — iniciou o sr. Wilson Martins — que o nivel do ensino no meu Estado é ótimo. Mas, a despeito das várias dificuldades com que lutamos, principalmente no que diz respeito á organização dos quadros de professores, na sua maioria contratados em S. Paulo, posso dizer-lhe que já possuimos um ensino bom em Mato Grosso. Todos os nossos estabelecimentos, ou são primários ou secundários, e afora algumas escolas de comércio, não temos cursos superiores. Mas, o nosso problema, creio, não é mesmo o de fundar academias e universidades, e sim ampliar o ensino existente. Minha cidade, que é, sob o ponto de vista cultural, uma das mais importantes do Estado, possue, alem das particulares, apenas 36 escolas públicas... O resultado disso é que cerca de 80 o o das crianças não teem possibilidade de alfabetização".

O ENSINO RURAL

— "O ensino rural, que tanto deveria preocupar a administração do Estado, cuja população campesina é numerosa, constitue um dos casos dolorosos de Mato Grosso. Os fazendeiros, os lavradores e demais habitantes da campanha, para ministrarem qualquer espécie de ensino a seus filhos recorrem ao antiquado e cheio de inconvenientes processo do "conchavo" de professores, nem sempre eficientes".

O POLICIAMENTO E O TRANSPORTE

— "Alem da questão do ensino rural e da criação de escolas primárias, Mato Grosso tem dois problemas que estão a clamar por, já não digo solução, mas ao menos melhoras. São eles: o policiamento e o transporte. Não me recordo do número efetivo da Força Policial do Estado; sei, entretanto, que é simplesmente irrisório. Daí as consequências tão funestas do banditismo e do cangaço. O criminoso, as mais das vezes, fica impune. Tem a seu lado, favorecendo-lhe a liberdade — mau policiamento e mau sistema de organização judiciária. Sim, ás vezes não há um oficial de Justiça que nos possa cumprir um mandado, seja de citação, seja de prisão etc.. O sistema rodoviário é dos piores imagináveis. Sobre o caso, aliás, é interessante observar o seguinte: pagam-se impostos rodoviários pesados, sem que o poder público construa estradas, ou ao menos conserve as construidas pelos particulares...

Note-se, tambem, que, de acordo com decreto federal, cada municipio deve receber, para a conservação de suas rodovias, quotas proporcionais aos combustiveis consumidos em seu perimetro. Pois bem, Campo Grande, que é justamente o municipio maior consumidor por excelência, jamais pôde aplicar em suas estradas tais parcelas, de vez que não as recebe"...

A CRIAÇÃO DOS TERRITORIOS

— Como foi recebido pelo povo o ato do governo federal criando os territórios de Ponta-Porã e Guaporé?

"Sei que a população de Ponta-Porã exultou com esse desmembramento, que, de certo modo, vem atender o velho ideal daquela região sulina. Em 1932, toda a zona sul de Mato Grosso, compreendida pelos municipios de Porto Murtinho, Ponta-Porã, Bela Vista, Dourados, Maracajú, Nioac, Entre Rios, Miranda, Aquidauana, Campo Grande, Três Lagoas, Santana, Coxim e Corumbá, procurou, sob a liderança do então senador Vespasiano Martins, desmembrar-se do Norte, formando, ou o Estado independente de Maracajú, ou simplesmente um território federal. Por motivos vários, o estado antevisto com tanto carinho por nós do Sul, não nasceu. E uma lista composta de 16 000 assinaturas continua em poder do chefe da Nação, a quem, naquele tempo, já faziamos sentir a nossa vontade. Realmente, a idéia da criação do estado de Maracajú, ou de um território, constitue a maior aspiração de todos quantos habitamos os supra citados municipios. Assim se explica o contentamento dos pontaporenses com a realização parcial do acalentado intento e assim se explica a nossa esperança de que os limites estabelecidos sejam modificados, de modo a compreenderem todo o bloco do Sul com sua incidência pelo lendário Taquari" — concluiu o sr. Wilson Martins.

AS CORRIDAS DE ONTEM NA CIDADE JARDIM

Foram os seguintes os resultados das corridas ontem disputadas na Cidade Jardim:

1.o Páreo — Prêmio "Ariégo" — Cr.$ 8 000,00 e Cr.$ 1 600,00 — Produtos nacionais de 4 anos sem mais de 2 vitórias no país — Distância 1 609 metros.

1.o — DELIOS, alazão, 4 anos, São Paulo, por Trinidad e Xairyrem, de propriedade do sr. Raphael Meyer; cuidador, A. Mariano; joquei, L. Gonzalez, 56 quilos.

2.o — Francis, Theodorico, 54 quilos.

Correram mais: Antino e Astria.

Venc., Cr.$ 28,10; dupla, Cr.$ 98,50. Tempo: 104 1/5".

2.o Páreo — Prêmio "Atica" — Cr.$ 8 000,00 e Cr.$ 1 600,00 — Produtos de 4 anos nascidos no Estado sem mais de uma vitória no país — Distância 1 400 metros.

1.o — VICTORY, zaino, 4 anos, São Paulo, por Economico e Trodena, de propriedade do sr. Eduardo P. Jordão; cuidador, J. Godoy; joquei, J. Nascimento, 54 quilos.

2.o — Fedra, A. Nappo, 54 quilos.

Correram mais: Ciranda, Picardia, D. Juan II e Bouarela.

Venc., Cr.$ 21,50; dupla, Cr.$ 25,10; "placês", Cr.$ 17,60 e Cr.$ 24,10. Tempo: 92".

3.o Páreo — Prêmio "Quixadá" — Cr.$ 6 000,00 — Cr.$ 1 200,00 e Cr.$ 600,00 — Produtos nacionais (Handicap) — Distância 1 350 metros.

1.o — PASTORINHA, alazão, 5 anos, São Paulo, por Rob Roy ou Ina, e Garda II, de propriedade do sr. Americo F. de Camargo; cuidador, P. Burone; joquei, L. Gonzalez, 55 quilos.

2.o — Babassú, A. Altran, 52 quilos.

3.o — Afrasado, G. Greme, 58 quilos.

Correram mais: Gigante, Guairacá, Dario, Gerivá, Opalino, Bourlette e Pereira.

Venc., Cr.$ 14,50; dupla, Cr.$ 29,40; "placês", Cr.$ 11,00, $ 60,00, $ 13,00, $ 10,00 e $ 13,50. Tempo: 85".

... dutos de qualquer país (Handicap) — Distância 1 609 metros.

1.o — BABALÚ, zaino, 7 anos, Argentina, por Lorde Wembley e F. Flap, de propriedade dos srs. P. Gonçalves e A. Bittencourt; cuidador, J. ...

4.o Páreo — Prêmio "Opétalo" — Cr.$ 6 000,00 — Cr.$ 1 200,00 e Cr.$ 600,00 — Produtos nacionais (Handicap) — Distância 1 400 metros.

1.o — XAIREL, castanho, 5 anos, São Paulo, por Thermogêne e Xal, de propriedade do sr. J. C. Fosenini; cuidador, J. N. Cardoso; joquei, A. Nappo, 55 quilos.

2.o — Opétalo, R. Olguin, 54 quilos.

3.o — Quixadá, Olavo Rosa, 53 quilos.

Correram mais: Criolita, Silver, Unistau, Caliban, Tabu e Opânic.

Venc., Cr.$ 98,90; dupla, Cr.$ 116,00; "placês", Cr. $ 15,00, $ 30,00, $ 24,00, $ 60,00 e 12,00. Tempo: 91".

5.o Páreo — Prêmio "Sinsonte" — Cr.$ 12 000,00 e Cr.$ 2 400,00 — Pro- ... Godoy; joquei, G. Greme, 50 quilos.

2.o — Amoroso, A. Altran, 54 quilos.

Correram mais: Sibéria, Castilana e Médio Evo.

Venc., Cr.$ 21,10; dupla, Cr.$ 41,00. Tempo: 102 2/3".

6.o Páreo — Prêmio "Colombo" — Cr.$ 7 000,00 e Cr.$ 1 400,00 — Produtos nacionais (Handicap) — Distância 1 600 metros.

1.o — DABULA, castanho, 5 anos, São Paulo, por Visteador e Hera, de propriedade do sr. Labib Rasuk; cuidador, R. Rojas; joquei, P. Vaz, 53 quilos.

2.o — Uvaia, L. Gonzalez, 53 quilos.

Correram mais: Xacoco, Airuoca, Lamarr, Mênfis, Iucas, Guajirú e Brazador.

Venc., Cr.$ 39,60; dupla, Cr.$ 40,60; "placês", Cr.$ 15,30 e Cr.$ 14,30. Tempo: 104 2/5".

Movimento de apostas:

Concursos	Cr.$ 13 710,00
Portões	Cr.$ 2 064,00
tas	Cr.$ 344 810,00

O PROBLEMA DA CARNE NOS SEUS MAIS IMPORTANTES ASPÉCTOS

Entrevista concedida à imprensa pelo sr. Durval Garcia de Menezes, assistente do Setor Carnes, da Coordenação

A propósito da questão da carne, antes de regressar ao Rio, o sr. Durval Garcia de Menezes concedeu á imprensa a seguinte entrevista:

— "A responsabilidade — iniciou s. s. — que pesa sobre o Controle de Carnes da M. E., no que tange ao abastecimento de carne bovina ao Brasil, e, com especialidade, ás cidades do Rio de Janeiro e S. Paulo, é de tal importancia, que poderá ser avaliada pelo primeiro ato da Coordenação, recaindo precisamente sobre o problema da carne, que por sua vez foi consubstanciado nos termos da portaria n. 1, do sr. coordenador.

Em via de regra os problemas insoluveis, ou de dificil solução, ou, ainda, aqueles cujas determinantes são desagradaveis ás populações ou as classes numerosas, são encaminhados á Coordenação para ordená-los e decifrá-los, como se o ministro João Alberto possuisse a varinha de condão para proporcionar remédios a tudo que se lhe apresente.

Não resta dúvida que, por vezes, o ministro João Alberto pratica verdadeiros milagres, agradando gregos e troianos, mercê da sua boa vontade e competência.

O problema das carnes é um destes. A sua solução contrariou interesses de várias classes numerosas, e um sem número de descontentes trouxe á Coordenação um ambiente de antipatia nos respectivos meios dos criadores, invernistas, dos industriais e do povo, porquanto a portaria n. 1, contrariando os interesses individuais, estabeleceu, com tabelamento e disciplina, seu comércio e sua indústria, em beneficio dos interesses gerais e da coletividade.

Apesar das medidas de restrição á matança de gado e outras ordenadas pela Coordenação, que suscitaram reclamações de várias entidades de classe e interessados, devemos frisar que, assim mesmo, ainda foram brandas as providências sabiamente tomadas pelo coordenador, em face do depauperado estado de baixa produção pecuária em que se encontra o nosso rebanho bovino, cujo desfrute, hoje, é deficitário ás necessidades do consumidor brasileiro".

Interrogado sobre as causas de precariedade do nosso rebanho, continuou, na qualidade de técnico sobre o assunto, dando a sua impressão pessoal:

— "A carência de carnes bovinas frescas, conservadas e xarque, que se verifica na quasi totalidade das cidades do Brasil, resultante do nosso esforço de guerra ás nações unidas, tem as seguintes causas:

a) Falta de um organismo governamental, de ordem económica, que regulasse, controlasse e disciplinasse a produção, indústria e comércio de carnes, seus produtos e sub-produtos de modo a permitir a industrialização somente da safra disponivel do ano, proporcionando uma distribuição a todos os mercados do Brasil e determinando o excedente exportavel, maneira esta que julgo única de garantir o bem estar das populações brasileiras e o maior fomento da produção pecuaria.

b) Excessiva matança para exportação, nos anos de 1940, 1941 e 1942, chegando a se industrializar antecipadamente para mais da metade da safra seguinte, tudo isso num desejo incontido dos invernistas, de facilitar maior colaboração no esforço de guerra.

c) Excessiva matança de vacas e vitelas de mais de 5 anos a esta data, o que fez reduzir a fonte de produção e "ipso fato" o seu desfrute, e concomitantemente, o encarecimento de fêmeas bovinas e do novilho industrial.

d) Aumento de consumo de carne bovina verde e xarque, trazido pela falta ou escassez dos seus sucedâneos, o bacalhau, a galinha, o peixe, o porco, carneiro etc..

e) Modificação da politica da indústria animal gaucha, que passou de produtor a abastecedor de xarque, ao país, para exportador internacional de carne. Basta citar que, em 1937, o Rio Grande do Sul abateu para o fabrico de xarque, 700 000 bovinos, contra cerca de 200 000 para o comércio exportador, sendo, nos anos subsequentes, invertida a sua industrialização, para este ano levar á matança cerca de 200 000 bovinos para o xarque e perto de 500 000 á frigorificação.

O retraimento em alto grau do comércio de xarque riograndense nos mercados do país, originou malefícios incalculaveis á pecuária brasileira, principalmente nos rebanhos da Bahia e demais Estados do norte, tendo em vista o sacrificio, desordenado que se vem cometendo nos gados dessa vasta região brasileira, levando ao abate animais em estado de crescimento e periodo de engorda, para satisfazer as exigências alimentares do povo nortista.

f) Obrigatoriedade de maior matança no Brasil central, para o fabrico de xarque, afim de cobrir as necessidades das praças do norte, por motivo da ausência de xarque gaucho.

g) Encaminhamento de grandes levas de gado de corte, de Minas Gerais e Goiaz para o norte, produção esta que se destina normalmente aos mercados do Rio e São Paulo.

h) Falta de sal, que atrasa a engorda e reduz a arrobação e predispõe o gado a enfermidades.

i) Falta de farelo de algodão desde a entrada da seca até a brotação das águas, pois a sua abstinência ou a sua suspensão, prejudicou muito, principalmente esta.

j) Afastamento de criadores produtores do novilho industrial, que venderam as suas vacadas para o abate e se dedicaram á seleção do gado zebú.

k) A falta de gasolina para as compras de gado magro e gordo por parte dos invernistas e abatedores.

l) — O tabelamento do gado gordo apresentado pelos invernistas e aceito pelos abatedores e constantes da portaria n. 130. Este tabelamento teve restrições do controle por não ser praticavel, em face do baixo valor da arroba do gado no periodo critico da seca em relação ao da safra gorda.

Este tabelamento deu em resultado esta crise que só póde ser contida com o novo reajustamento proposto, e aceito pelos invernistas em Barretos, com a aquiescência dos abatedores.

Quais as medidas mais aconselhaveis para debelar outra crise futura? Para sanar esta deficiência da produção bovina brasileira, penso, ter o governo que estabelecer um programa de trabalho visando principalmente a industrialização.

Dentre as medidas mais urgentes para minorar os malefícios causados por essa descontrolada exploração, lembro as seguintes:

1) Criação de um organismo de caráter nacional, competindo cuidar da industrialização, do abastecimento de carnes e dos produtos e sub-produtos da indústria animal em todo o país, instalando armazens e frigoríficos reguladores e distribuidores pelo território brasileiro, afim de garantir a subsistência das populações e proporcionar melhor remuneração á produção brasileira.

2) Suspender a matança total de vacas nos estabelecimentos, sob inspeção federal, nas Estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, e limitando ao minimo nos Estados de Goiaz e Mato Grosso, permitindo apenas o livre abate aos matadouros que abastecem os mercados locais.

3) Suspender a matança destinada á exportação e limitar a industrialização para a exportação, até que se proceda o equilibrio da produção.

4) — Limitação á matança para o fabrico de xarque, pelas xarqueadas do Brasil Central, afim de evitar a industrialização de novilhos que não atingiram o seu desenvolvimento completo.

5) — Racionamento, se necessário, de um dia na semana, no decorrer de 1944.

6) — Estocamento de carne congelada nos meses de maio e junho, para o consumo de setembro, outubro e novembro.

7) — Entendimentos com o Rio Grande do Sul, no sentido de fornecer carne congelada aos Estados do Norte e talvez ao Rio de Janeiro e voltar a abastecer o Norte com xarque, num volume, se for possivel, de 400 000 bovinos para o fabrico de xarque, ou seja, cerca de 40 000 toneladas. Estas providências viriam desafogar sobremodo a sobrecarga que pesa ao Brasil Central e evitaria o desgaste forçado dos rebanhos do Norte do país.

8) — Fornecimento do sal na quantidade suficiente, afim de propiciar a engorda rapida e evitar o mercado negro do sal vendido até a .... Cr.$ 2,00 o quilo, na fazenda.

9) — Fornecimento de quotas de gasolina para a compra de gado.

10) — Tabelar e entregar em abril, do farelo de algodão aos invernistas, para a manutenção das boiadas em bom estado de engorda. Este elemento benéfico ao invernista, é o mais importante depois do sal, e o seu transporte de abril a setembro deveria ter prioridade.

11) — Incentivar pela Carteira Agricola e Pecuária do Banco do Brasil, maior produção, facultando condição á aquisição de vacas de produção do novilho de corte.

Estou certo que se essas medidas forem postas em execução, poderemos evitar para o futuro que se industrializem novilhos em fase ainda de crescimento, como se processará este ano, pois, as invernadas de engorda do Brasil Central estão com a lotação incompleta, talvez com 70 0|0 somente de sua capacidade. Barretos, que tive oportunidade de visitar, se acha transformada em centro recriador. Em suas pastarias soberbas não mais se veem as afamadas novilhas magras, que produziam 18 a 20 arrobas.

A minha impressão é a de que avançamos em mais de meia safra.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

O CAMINHO DE ROMAIN ROLLAND

Antonio CANDIDO

Por um momento ficamos crispados pela dor da noticia que anunciava a morte de Romain Rolland. Agora, sabemos que não morreu, mas que está preso num campo de concentração. Como tantos outros, esse grande espirito padece por ter falado sempre a verdade. Os donos da vida não admitem a verdade, porque ela é tão forte como a própria conciência. Forte como a conciência de Romain Rolland, cuja obra é um exemplo incomparavel do alcance ético e humano que pode ter a obra de arte, quando orientada no sentido de servir a causa do homem. Setenta e cinco anos de lutas por ela recebem agora a paga costumeira. Não é, porem, a primeira vez que se persegue o autor de "Jean Christophe".

*

Ao escolher a sua seção na Escola Normal Superior — onde aliás foi reprovado a primeira vez que se apresentou — Romain Rolland optou pela de História. Ao defender sua tese para o doutoramento em Letras tomou um tema de História da Música, e como musicólogo é que vai ficar conhecido. Os problemas de estética e história musical o seduziam. Viveu-os com fervor, porque se sentia moralmente maior diante do mundo da criação, no convivio dos grandes mestres. Buscou sempre o exemplo destes, porque a grandeza o alucinava. Pela vida afora, Rolland foi um homem irremediavelmente voltado para o que é grande. A vida só tinha significação para ele como um movimento constante de ultrapassamento. "Toute grandeur est bonne, et le comble de la joie atteint à la délivrance". Foi essa vocação para a grandeza, na qual se deve procurar o sentido da sua obra, que o fez tentar o teatro do povo e vida dos homens ilustres. Através dos grandes exemplos procurou encaminhar a arte e o comportamento na direção da altitude moral. São Luiz, Aert, Saint-Just, Tolstoi, Miguel-Angelo, Beethoven.

Mas a música era o seu mundo. Graças a ela, á sua universalidade, á intimidade do contacto que ela motiva entre o individuo e a grandeza, Rolland se sentia transportado para o ideal. Sentia na sua linguagem ecumênica um elemento de comunhão, um fator de união entre os homens. No século dezoito, por sobre as guerras, os desmoronamentos, os antagonismos nacionais, há uma pátria suprema, que ele aprende com a música: a de Rameau, de Bach, de Gluck, de Scarlatti — paralela á dos enciclopedistas, porem, mais isenta que a deles. Aprende a encarar a música como uma possibilidade de ligar os povos e é levado a encarar o problema da fraternidade entre os homens. Entre todos os homens — "tous également nos frères". O patrimônio do espirito, pelo qual vivem os seus "homens ilustres", é coletivo e deve ser um instrumento de unidade. O espirito é a arca de aliança — "l'Arche Sainte l'Esprit libre, un et multiple, éternel".

A passagem da estética para a ética se faz imediatamente no seu espirito, se é que, mesmo nos seus primeiros escritos, se pode falar numa dissociação de ambos. E Rolland vai lançar uma mensagem á Europa assim que se firma nele a certeza de que a inteligência deve servir. De 1904 a 1912 se sucedem os dez volumes do seu "Jean Christophe", o primeiro dos "romans-fleuve" — extraordinária tomada de conciência de uma civilização ameaçada, convite para a unificação dos povos através da comunhão coletiva na grandeza da arte.

Jean Christophe é alemão e é músico. Como artista está acima das pátrias e se recusa a servir os ódios nacionais. Traz a todos uma mensagem, descoberta na profundidade da música e aprendida á custa da sua carne e do seu sangue.

A civilização do ocidente dá ao seu autor o prêmio Nobel no mesmo ano em que se atira na guerra de catorze.

Diante do panorama trágico, Rolland não hesita. Ergue-se contra a guerra e passa a sustentar uma das campanhas mais duras que um intelectual já sustentou. Procura, ao menos, preservar acima da refrega as forças do espirito, criando uma atmosfera de imparcialidade e de clarividência em que pudesse ser julgado aquele delirio coletivo. Os seus apelos não encontram eco. Sofre no seu país perseguições por derrotismo. Sua vida corre perigo. Retira-se então á Suiça e, durante quatro anos, é a única voz de fraternidade e de paz no seio do tumulto.

A guerra de catorze lhe pareceu odiosa, injustificavel, indefensavel. Não tanto porque fosse uma luta de nações contra nações, mas porque era uma luta de povos contra povos, isto é, do povo contra si mesmo, num suicidio sem precedentes. Era a injustiça das classes dirigentes, que criavam mitos da guerra para a disputa dos seus interesses, arrastando a massa com o engodo dos antagonismos históricos.

Neste momento, no mesmo país que Rolland, um grupo de homens, em Zimmerwald, concitava, não só os intelectuais, mas o povo tambem, a não aceitar o suicidio. Rolland falava do ponto de vista da inteligência como esclarecedora do povo. Não conheceu aqueles lutadores que se apertavam na sala abafada de uma pequena casa de campo. A sua causa, porem, era a mesma. Dez anos depois se encontrará com o espirito deles.

"Au dessus de la mêlée" — chamou á sua atitude. Acima, não da dor humana, do alto do retiro estético, mas da exploração do povo pelos egoismos nacionais, isto é, de classe. A esta altura Rolland já não admite mais, definitivamente, os povos, mas o Povo. — como declara na sua comovente "Declaração da Independência do Espirito", de 1919.

E' quando o seu espirito, cansado pelos quatro anos de lutas, de calúnias, de ódio sofrido; mortificado pelo espetáculo da carnificina, se volta para a India. A resistência passiva de Gandhi, sem violência, sem sangue, lhe parece forma ideal para as reivindicações populares. Mergulha na politica e, em seguida, na mistica indú. Encontra lenitivo na ilusão do misticismo e escreve as vidas de Vivekananda e de Ramakrishna.

"Na floresta dos sonhos, dia a dia
Se interna o meu dorido pensamento;
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia".

Pobre Antero: pobre Rolland.

Mas a Europa já estava, sangrenta, cheia de ódios. Dos escombros se prepara uma nova guerra e os povos se insulam na incompreensão. Rolland inspira a revista que traz o nome querido. "Europe" é o ponto de encontro dos intelectuais de todo o mundo. Publica Panait Istrati, Leonov, Maiakovski, Glaeser, Thomas Mann, Keyserling, Huxley, Lawrence, Lussú, Ferrero, Silone, Baroja, Lorca, Tagore, Gandhi, Ozaki Seu, Katayama, Murilo Mendes, Pilniak.

"Les moutons de M. Romain Rolland" — chama Benda ao grupo da revista, que tem a nobreza e a humildade de reconhecer um guia que não se retirou nunca na isenção da tal moral do "clerc". De toda a Europa veem discipulos a Romain Rolland. Seu nome é um padrão para os que creem na união dos homens, para os que repelem a guerra, a exploração das classes trabalhadoras, e aceitam a literatura como uma lição efetiva de humanidade, em lugar de ver nela um jogo de sensibilidades engenhosas á força de cansaço, como as que Rolland denunciara em "La Foire sur la Place".

Já aí ele aceitara o comunismo, consequência necessária da sua evolução, ponto final da sua busca de justiça e de grandeza. Reconhecida a grandeza do povo, só lhe restava aderir ao movimento que se faz no sentido dele.

*

Partido da universidade do espirito, através da generalidade da emoção estética, Rolland foi levado ao culto da grandeza ética, que se desprende das grandes realizações da arte. Grandeza que está no cabo de toda arte, e que se manifesta como afirmação na existência dos grandes homens — dos santos, dos heróis, dos reformadores: São Luiz, Aert, Saint-Just, Christophe. A grandeza não tem pátria e não tolera a injustiça. E' eterna e universal. Como o povo, ao qual Rolland bem cedo chegou. O povo que merece toda a dedicação do homem de inteligência, porque a sua dimensão é a maior na categoria da grandeza. E' fonte de tudo e deve ser o alvo de tudo. Seduzido pela beleza moral da politica de Gandhi, não tardou a reconhecer o seu carater utópico, vagamente misturado com os sonhos vagos dos Ramakrishnas. A necessidade de justiça a qualquer preço se impôs, imperiosa, ao biógrafo de Beethoven, e ele aderiu á luta por ela, através da redenção das massas.

E agora, telegramas de Berna nos dizem que ele está preso num campo de concentração. Nesta guerra, Rolland não póde ficar acima da refrega, porque sentiu que, alem dos interesses nacionais em choque, alem do duelo das burguesias, se colocava a luta ideológica que vai decidir muita coisa essencial para o destino do homem. E se pôs contra o "eixo". Calu com o seu país; não aderiu a Vichi. Agora, foi preso. E' um milagre que o seu corpo fragil, deixado, tenha suportado uma vida tão tempestuosa quanto foi a sua — mergulhada sempre, sem hesitação e sem egoismo, na luta franca. E' um milagre que se deve buscar no vigor que o espirito empresta aos seus defensores.

A sua obra terá defeitos do ponto de vista puramente estético. O seu entusiasmo, as suas indignações, o terão muitas vezes levado a uma certa hipertrofia verbal nem sempre aceitavel. Nada disso importa. O seu exemplo vem de que a sua obra é um todo coeso, posto a serviço do espirito e da causa do homem, em que é impossivel separar a beleza da moral; a afirmação integral de uma grande conciência, a mensagem porventura mais nobre do espirito francês neste século.

A nova geração, que parece meio esquecida dele, faria bem em voltar á sua lição, porque ela é grande como o grande espirito de que nasceu.

SERÁ TRANSFERIDA DO CAMPO DOS AFONSOS PARA S. PAULO A ESCOLA DE AERONÁUTICA

APROVADO O PROJETO PARA INSTALAÇÃO DO ESTABELECIMENTO NA CIDADE DE PIRASSUNUNGA

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — A Escola de Aeronáutica vai deixar o Campo dos Afonsos, onde se originou a aviação no Brasil, transferindo-se para Pirassununga. O projeto já está pronto e aprovado e o orçamento já foi calculado. Dentro em breve terá inicio a construção da futura Escola, numa região das mais saudaveis do país e mais adequada ao fim a que se destina, segundo parecer da comissão de oficiais aviadores, encarregados de estudar o assunto, na incumbência do ministro Salgado Filho. Não se fizeram estudos somente relativos à parte técnica mas tambem quanto à salubridade do local, inclusive o de ordem social, pois a Escola de Aeronáutica se situa como um dos núcleos mais importantes da arma aérea, compreendendo-se que dali devem sair não apenas eximios pilotos mas homens fortes pela educação esportiva e de espirito alevantado pelos ensinamentos morais.

A mudança se impõe, principalmente porque as instalações do Campo dos Afonsos não satisfazem às necessidades atuais, resultantes do afluxo de candidatos ao oficialato da aviação militar. Procurou-se atender a essa situação, erguendo-se novos edifícios, fazendo-se adaptações, ampliando-se o campo de pouso e aumentando-se uma das pistas para o dobro do seu comprimento.

Transferida a Escola para São Paulo, será instalada nos Afonsos uma Base Aérea. Sem a construção dos novos edifícios, o elevado número de alunos, que passou de 90, quando foi criado o Ministério da Aeronáutica, para 300, não poderia ser alojado. A Escola não poderia ficar limitada na sua expansão, e daí a presteza da execução de tais melhoramentos, considerados inadiaveis.

As obras do campo foram determinadas pelo interesse do vôo, cujas horas aumentaram muito, assim tambem como é hoje muito maior o número de aviões empregados na instrução dos cadetes. Procurou-se ainda atender à natureza dos terrenos adjacentes e problemas de ordem atmosférica e climatérica.

A Escola de Pirassununga, pelas suas proporções, será uma das mais grandiosas realizações do governo do presidente Getulio Vargas no setor da Aeronáutica. Compreenderá uma série de edificios nos quais serão instalados o Comando, o Casino dos Cadetes do Ar, o Serviço de Saude, quarteis para os cadetes e para as praças, ginásio de sargentos e soldados, uma central elétrica, cinema e outras diversões. Vários hangares para o 1.o, 2.o e 3.o estágios completam o conjunto. Terá ainda, quatro piscinas, um parque, um estádio e um "tuch" de tiro.

Instalação de estaleiros em Porto Alegre

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Informa de Porto Alegre a Agência Nacional:

"Capitalistas de São Paulo cogitam de instalar, nesta capital, estaleiros capazes de construir navios de madeira até mil toneladas. Alguns técnicos estão incumbidos de estudar a localização da nova indústria, devendo, dentro de poucos dias, chegar a esta capital um engenheiro especializado em construção naval, que assumirá a direção técnica dos estaleiros.

Corrida de automoveis a gasogênio

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — O Automovel Clube do Brasil oficiou ao prefeito do Distrito Federal, no sentido de obter do mesmo a permissão para realizar a última corrida a gasogênio da temporada de 1943, que será realizada nas avenidas Geraldo Cruz e Rui Barbosa, como tambem pleiteou verba para maior brilhantismo do mesmo, pois será contribuição do A. C. B. às festividades do Estado Nacional.

A renda liquida apurada será entregue à Legião Brasileira de Assistência, que lhe dará conveniente aplicação.

A Comissão Esportiva do A. C. B. estudará na reunião de hoje, alem da questão da escolha da data e quilometragem e regulamento da prova, os prêmios a serem distribuidos aos vencedores como outras questões atinentes à temporada de 1944.

Situação de extranumerários

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — A Divisão de Orientação e Fiscalização do Pessoal do DASP dirigiu às divisões de pessoal de todos os Ministérios, a seguinte circular:

"Solicito de v. s. determinar as necessárias providências no sentido de ser sempre feita diretamente a esta D.O.F.P. comunicação da data em que os extranumerários contratados entrarem em exercicio ou em que os mesmos forem dispensados, por terminação ou rescisão dos respectivos contratos".

Campanha contra os vendedores de bilhetes

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — [illegible]

Oportunidades de negócios

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — O Serviço de Intercambio da Associação Comercial do Rio de Janeiro leva ao conhecimento dos interessados, por nosso intermédio, as seguintes oportunidades de negócios:

José Garcia Ruiz, do Uruguai, deseja importar fios de metal, para fabricação de cordões fantasia.

— Pablo Calvi & Company, dos Estados Unidos, deseja importar utensilios esmaltados para cozinha.

— Salomon Assef e Hijos, da Argentina, desejam importar tecidos de algodão próprio para embalagem de mercadorias.

— Companhia Argentina Mineira e Industrial, da Argentina, explorando mina de vanádio, deseja contacto com firmas interessadas na importação.

Viajantes ilustres

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Pelo "clipper" da "Pan American Airways", seguiu hoje para Miami o sr. Benjamin H. Namm, representante no Brasil do "Office of Economic Warfare", importante orgão do governo dos Estados Unidos encarregado da mobilização dos recursos econômicos para o desenvolvimento do esforço de guerra. Profundo observador dos fenômenos econômicos e sociais, o sr. Benjamin Namm visitou a paulicéia e num artigo intitulado "S. Paulo, a cidade que mais rapidamente cresce", reuniu as suas interessantes observações sobre a capital desse Estado.

Procedente de Buenos Aires e a caminho de Londres, via Estados Unidos, transitou pelo Rio, a bordo do "clipper" da "Pan American Airways" o sr. Thomas W. Pears, representante na República Argentina do Ministério Britanico das Informações e primeiro secretário da embaixada da Grã Bretanha em Buenos Aires.

O sr. Thomas W. Pears deve regressar brevemente da Inglaterra.

Conselho Federal do Comércio Exterior

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Esteve reunido o Conselho Federal de Comércio Exterior. Na hora do expediente fez uso da palavra o sr. Torres Filho que fez comentários em torno de auspiciosos dados extraidos do relatório apresentado ao presidente da República pelo interventor Fernando Costa.

Foram objeto de deliberação os processos referentes à "Distribuição da produção de sacaria pelos diversos setores econômicos do país", relatado pelo sr. Alves de Sousa, e "Produção do óleo de mamona", relatado pelo sr. Torres Filho. Quanto ao primeiro acompanhou o plenário a recomendação da Câmara de Produção, que opinara pelo arquivamento dadas as conclusões a que havia chegado o relator, e no que concerne ao segundo, adotou uma resolução a ser encaminhada à decisão do chefe do governo.

O sr. Guilherme Vidal declarou ao plenário durante a discussão de um processo, que importadores argentinos do nosso caroá frequentemente se queixam de que as fibras que recebem nem sempre correspondem às amostras previamente apresentadas. Esta declaração foi corroborada pela afirmação de que o Conselho tambem tem recebido reclamações análogas, tanto que já havia determinado a formação de processo, a ser relatado por aquele conselheiro na qual deve ser apurada a procedência dessas reclamações e apontadas medidas capazes de sanar essas irregularidades.

Ministério da Guerra

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Por ter vindo a serviço da 7.a Região Militar apresentou-se ao ministro da Guerra, com quem manteve prolongada conferência, o general Boanerges Lopes de Sousa.

*

Por ter vindo a serviço do 1.o Grupamento de Artilharia de Costa de S. Paulo, apresentou-se à Diretoria das Armas o coronel Oswaldo Nunes dos Santos.

Instituto Inter-Aliado de Alta Cultura

RIO, 6 (A. N.) — O Instituto Inter-Aliado de Alta Cultura, dentre os seus presidentes de honra conta com o ministro das Relações Exteriores do Brasil, sr. Oswaldo Aranha. Este, em resposta ao convite que lhe fôra feito, manifestou o seu aplauso à feliz e realista iniciativa e a ela aderiu com entusiasmo, convencido de que os intelectuais das nações aliadas terão um grande papel a desempenhar no mundo de após-guerra. Igualmente os srs. Jefferson Caffery e "sir" Noel Charles, embaixadores dos Estados Unidos da América e de S. M. Britanica junto ao governo brasileiro, aceitaram o convite em termos calorosos, prometendo inteiro apoio à nova instituição que sem dúvida deverá contribuir para a realidade da paz universal.

Merenda gratuita aos escolares filhos de estivadores

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — O Serviço de Alimentação da Previdencia Social, no propósito de melhor atender às suas finalidades, instituiu tambem para os filhos dos estivadores, a merenda escolar, gratuita, à semelhança do que já vem fazendo, pela manhã, com o "desjejum", primeira refeição do dia, fornecida gratuitamente às crianças de 7 a 14 anos, em seu restaurante central à praça da Bandeira.

Conforme já foi anunciado, a distribuição da merenda agora instituida, será feita às 14 horas, na sede do próprio restaurante dos estivadores.

Regalias concedidas aos penitenciários

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Em virtude do novo Código Penal, os penitenciários do Rio de Janeiro foram notificados de que podem fumar, usar bigode e cabeleira; falar alto e discutir com companheiros. Ainda em virtude do novo Código a alimentação dos penitenciários será cientifica. Os penitenciários com bom comportamento deixarão de usar uniformes exibindo apenas uma estrela verde na lapela para distinguí-los.

O desabamento das arquibancadas do campo do S. Cristovão

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — A promotora Amelia Duarte, da 14.a Vara Civel, requereu ao Juiz Maria Passos que lhe novamente à Delegacia do 10.o Distrito Policial o processo relativo ao desabamento das arquibancadas do C. R. São Cristovão, fato amplamente noticiado, ocorrido a 18 do mês passado, do qual resultaram sair 220 pessoas feridas.

Dos autos, ficou devidamente apurado que a lotação daquela praça de esportes era de seis mil pessoas, sendo que no dia do desabamento ali se encontravam 11 518 assistentes, o que constitue um excesso de lotação de quasi o dobro.

No seu depoimento, o presidente do São Cristovão declarou que houve uma invasão do campo. A promotora requerente deseja que o sr. Rudolpho Magioli seja novamente ouvido para que fique completamente esclarecido a quem realmente cabe a responsabilidade pelo excesso de lotação.

Justiça Militar

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Perante o Conselho Especial de Justiça da 2.a Auditoria da 1.a Região Militar, será sumariado segunda-feira o 1.o tenente I. E. Celso Pires de Albuquerque, acusado de haver praticado irregularidades administrativas.

*

O Supremo Tribunal Militar, em sua última sessão, confirmou a sentença na instancia inferior que absolveu o capitão Homero Florenzano e o subtenente Waldemar Martins, ambos do 6.o R. I., dos crimes previstos nos artigos 147 e 96 do Código Penal, mandando remeter cópias do processo ao ministro da Guerra, contra o voto do ministro Vaz de Mello, que condenava o sub-tenente; e reformou a sentença da instancia inferior que absolveu Gerson Monteiro dos Santos, do artigo 16, do decreto-lei de 1|10|1942 (deserção). Esses processos foram relatados pelos ministros Vaz de Mello e Pacheco de Oliveira, o primeiro e pelos ministros Amilcar Pederneiras e Manoel Rabello, o último.

*

O Supremo Tribunal Militar acaba de deferir o requerimento em que foi solicitado que os embargos opostos em favor do 2.o tenente Vicente Guarino, da Marinha de Guerra, sejam processados sem interrupção até o final do julgamento, visto não ser possivel, até a presente data, serem intimados os demais réus condenados nesse processo.

E' relator do feito o ministro Vaz de Mello.

*

Deram entrada no Supremo Tribunal Militar, sendo imediatamente distribuidos aos ministros que os deverão relatar aos seus pares, cerca de cinquenta pedidos de "habeas-corpus" provenientes de vários pontos do país.

Elevado o número de alienados no Rio

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — Diariamente, as delegacias de policia encaminham ao Hospital de Alienados um número impressionante de pessoas atacadas de molestias mentais.

As estatisticas apresentadas nesse sentido atingem cifras alarmantes, demonstrando que enlouquecem no Rio de 200 a 300 pessoas por mês. Sobre esse fato, o neurologista, professor Mario de Medeiros, uma das maiores autoridades na matéria, falou da seguinte maneira à imprensa:

"Não possuo de momento elementos estatisticos que confirmem essa alarmante cifra. Tenho, no entanto, verificado uma crescente e muito acentuada exacerbação do nervosismo nos clientes da minha clinica de consultório. Atribuo ao efeito da situação geral do mundo. Afluência sensivel de estrangeiros refugiados, em condições de angustia fisica, perfeitamente compreensivel, já pelo exilio, já pela falta de noticias dos parentes que deixaram nos seus paises de origem. Por outro lado, há tambem para os residentes no Rio as novas e próprias dificuldades, consequentes das modificações encarecedoras da vida".

Convocação dos reservistas motoristas e mecânicos

RIO, 6 (Da nossa sucursal) — A chefia da 2.a C. R. comunica aos interessados que foi prorrogado até o dia 10 do corrente o prazo para a apresentação de reservistas convocados (motoristas e mecanicos de automoveis), prazo esse que deveria terminar hoje.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

CRISE NAS CIÊNCIAS DO HOMEM

Antonio CANDIDO

A Casa do Estudante do Brasil acaba de publicar uma conferência feita em junho pelo prof. Pierre Monbeig, da Universidade de São Paulo: "La crise des sciences de l'Homme" (1).

Raramente um trabalho se coloca com tanta oportunidade. O momento é de muita discussão e muita incerteza acerca das ciências do homem, e não é pequeno o número de pessoas, bem e mal intencionadas, (em geral, mal), que metem a boca na sociologia, na antropologia, na geografia humana. E' de notar que essas pessoas, quasi sem exceção, não teem conhecimento especializado de nenhuma delas, e chego mesmo a pensar que as conhecem através somente de vias perigosas para a justeza do raciocinio: os manuais e folhetos de propaganda politica, onde elas são torcidas e esquematizadas de acordo com conveniências circunstanciais, e as conversas de bar. A segunda via é, incontestavelmente, mais saudavel e tranquilizadora. Sobretudo, apresenta a grande vantagem de tornar hilariantes os argumentadores a ela filiados.

A conferência de Pierre Monbeig é uma meditação salutar para quem se interessa pelo assunto. Alguns pontos vitais para as ciências do homem são abordados com aquela clareza e aquela ordenação que emprestam ao seu curso a eficiência e o atrativo que todos lhe conhecem. E ganham uma autoridade maior quando nos lembramos de que o autor não teoriza sobre, mas pratica a sua especialidade.

Eu que fui um dos seus mais assiduos e piores alunos, não deixei de sentir saudades do meu tempo de Faculdade de Filosofia, quando ele nos esclarecia o Brasil e o homem com o seu cigarro caboclo de palha e fumo de rolo, a sua bela e contagiante vitalidade.

*

As considerações do prof. Monbeig, pode-se dizer que assentam em dois pontos fundamentais, por ele postos em relevo.

Primeiro, que as ciências do homem, menos aparelhadas do que as exatas, não puderam e não podem, como essas, paliar necessidades urgentes. Não podem render, como elas. Isso porque, como diz Friedman, citado pelo autor, o dominio que possuimos sobre a natureza fisica é muito mais antigo e completo do que o esboçante, que tentamos, sobre a natureza humana.

Segundo, que as ciências do homem não resistiram bem aos seus choques com o ambiente e não adquiriram uma conciência plena do seu objeto.

Como consequência do primeiro ponto, tivemos o descrédito por que elas passaram e passam, como se fosse possivel aos seus especialistas consertarem milagrosamente este mundo torto. Tivemos a campanha movida pelos palpiteiros incompetentes, como o dr. Carrel e outros que extravazam indevidamente dos seus setores.

Como consecuência da segunda, tivemos uma tendência para a hiper-especialização. Poder-se-ia dizer, pitorescamente, que, tomadas de um complexo juvenil de inferioridade, as ciências do homem procuraram se amparar nas outras, forcejando por lhes adquirir o rigor e lhes mimetizar as consequências. Foi assim que, no dominio das ciências sociais, por exemplo, tivemos, e ainda temos, sociologias mecanicistas, biológicas, matemáticas. Tivemos os sociólogos que, humilhados, procuravam dar à sua ciência o rigor impossivel dos números como se a complexidade do humano neles se acomodasse. E sobretudo, tivemos os fisicos, os biologistas que, exorbitando a sua atribuição e olhando com condescendência para as ciências não exatas ou experimentais, doutrinaram e doutrinam sobre elas com a suficiência da ignorância. Me lembro de uma "Biologia Geral", dos meus tempos de ginásio, em que o autor, um senhor denominado qualquer coisa de Mello Leitão, parece que professor de Zoologia do Museu Nacional, dava um hilariante quadro das ciências biológicas incluindo entre elas... a sociologia e a psicologia!

Ora, não é em vão que o prof. Pierre Monbeig acentua o perigo dos cientistas estenderem às ciências humanas a sua garra onisciente. De fato, um biologista solto na sociologia, por exemplo, é um perigo coletivo. Uma das grandes vitórias da sociologia foi ter-se libertado do analogismo biológico com que a abafavam o organicismo e o evolucionismo. Uma grande vitória, preparada pelo "sociologismo" de Karl Marx, que tendia a explicar a evolução social de um ângulo social, qual seja o económico, da luta de classes. Nunca se acentuará bastante a divida imensa, fundamental, que as ciências sociais teem para com esse grande pensador. Já nas mãos de um biologista, a sociologia tende a se construir em torno de conceitos de luta, competição, herança, seleção, depuramento, que levam a um certo fatalismo social, onde não adquire o devido realce a mola verdadeira da evolução dos grupos, que são os fatores humanos, sociais.

O prof. Pierre Monbeig mostrou, por exemplo, como o fenómeno de esgotamento dos solos está preso a causas sociais, relativas aos problemas de divisão da propriedade e técnica de exploração. Exemplo grave que deve fazer pensar, de um lado, os cientistas autoritários, do outro, os adversários das ciências do homem.

*

Talvez a parte mais interessante do pensamento do prof. Monbeig seja a referente às relações das ciências do homem com a crise contemporânea.

O mundo em crise encontrou as outras ciências já firmadas. Nas ciências do homem, contudo — as mais jovens — os tacteios ainda eram grandes. Natural que a desorganização se estabelecesse, e, com ela, a acusação de desorganizadoras.

A circunstância inicial da sociologia, a psicologia, a antropogeografia, a etnografia não estarem ainda aparelhadas para satisfazerem às necessidades imediatas, juntou-se a falta de confiança de uma sociedade em crise, que não via as suas necessidades satisfeitas por elas. Crise no homem, crise nas suas ciências. Condenação a elas e, o que é pior, "puisque ces sciences de l'homme sont inutiles, nuisibles, ou tout au plus acceptables pour des fins impures, il n'est pas nécessaire dêtre grand clerc pour les pratiquer; n'importe quel homme ayant un minimum de culture doit pouvoir s'improviser historien ou sociologue" (op. cit., pág. 28).

Um dos motivos da crise dessas ciências, vem do espirito imediatista com que o homem moderno se dirige a tudo, inclusive à ciência. E' o que sugere o autor quando diz que "... les sciences exactes paient, et pour cela il leur sera beaucoup pardonné. Mais étudier le folklore des noirs de Baia ou les sauvages des Iles Andamans, cela ne paie pas. Cette déficience économique est un gros handicap pour les sciences de l'home". (pág. 32).

Outro motivo é aquele a que o autor chama "(...) um dos aspectos mais tipicos de nossa época: o medo e a recusa de ver com clareza". (pág. 32). Não há dúvida. O prof. Roger Bastide não há muito tempo, chamava a atenção, num dos seus artigos, para esse temor que o mundo contemporaneo tem de enxergar claro nas coisas, como se previsse o quanto há de abismal e de perigoso no seu caos. E' o que se poderia chamar o sentimento de culpa das classes burguesas — que não querem tomar contacto com as desharmonias, as contradições agudas sem as quais não podem subsistir. Daí a fuga sob todos os seus aspectos. A fuga até para o maquinismo e a isenção das ciências exatas. Dentro das ciências humanas, e sociais em particular, fuga para o requinte da técnica e o delirio da especialização, que acaba por criar o culto do detalhe e, assim, escamotear a visão dramática do conjunto, tornando-se a ciência um instrumento de despistamento capitalista.

Sobre a defasagem entre o progresso acelerado do nosso dominio sobre a natureza fisica e o ritmo lento da nossa penetração no conhecimento da natureza humana e social; sobre o sufocamento pela hiper-especialização — o prof. Monbeig faz as mais oportunas considerações. Reclama, nas concepções cientificas, um reajustamento que dê às técnicas especializadas o valor que teem, sem ver nelas o alvo final. Reclama, sobretudo, a cooperação estreita entre os especialistas das diversas ciências do homem, afim de que os insulamentos não criem os antagonismos e os antagonismos não gerem as trágicas incompreensões.

Sobretudo afirma a sua fé nas ciências do homem, cujo progresso, apesar de tudo, é de natureza a nos fazer confiar no seu futuro.

*

Me parece que se faria bem em pensar mais seriamente sobre as ciências do homem. Os seus detratores, para compreender que não é possivel tratá-las com leviandade, nem amarrá-las como disciplinas ao carro de outras ciências. Os seus especialistas afim de tomarem conciência da tarefa que lhes incumbe. Sobretudo, uns e outros, para não lançarem a ciências como a sociologia a pecha de reacionárias e corruptoras.

A sociologia, como a geografia humana, a psicologia, a história e outras parentas, representa um esforço extraordinário de clarificar, de analisar, de compreender. Ora, a clareza é anti-reacionária por excelência. A Reação de todos os paises se esconde sempre nas dobras penumbrosas das misticas, das religiões. Clarificar é progredir, é derrubar os tabús. Não é atoa que a filosofia progressista do século dezoito se chamou das luzes — aufklarung. O desejo de não querer ver com lucidez, que o prof. Pierre Monbeig colocou na base da crise das ciências do homem, é, como indiquei, um fenómeno de sentimento coletivo de culpa. De mauvaise conscience, como dizem os franceses. O apelo para as forças obscuras abre caminho para as soluções não humanas, desvia o espirito do problema cruciante. A análise de uma estrutura social é uma atividade que pode não ser favoravel aos que o poeta chama "donos da vida". E, sobretudo, não é de natureza a gerar a aceitação sem discutir. Não é dificil encontrar uma série de exemplos de represões contra o ensino da sociologia nos paises totalitários e nos candidatos mais ou menos felizes a tal.

A fuga à clareza, que por um momento empolgou o mundo ocidental, que chegou a ser um dos traços mais significativos do homem em crise, não se casa bem com as ciências do homem. Elas são disciplinas que querem, justamente, analisar o que estava comodamente relegado à penumbra ou confiado às generalizações bem altas da filosofia. A fuga à clareza é dos fatos que o prof. Monbeig indica como inimigos das ciências em geral. Mas eu diria que a coisa se torna muito pior quando atinge apenas as do homem, porque o seu ar de coerência assume aí uma impecavel autoridade. Razão em tudo o que for ciência exata; confusão em tudo o que for ciência humana onde deve reinar a intuição, o arbitrio, o bom-senso. E' esta, de certo modo, a atitude de muitos articulistas mais ou menos levianos da nossa imprensa. Articulistas bem ou mal intencionados que não compreendem o quanto trabalham pela Reação ao desacreditarem a sociologia, por exemplo. Ao desacreditarem a ciência que pretende não deixar lugar para os vagos misticismos e as capitulações ante o chamado inevitavel.

E' certo que as ciências do homem nem sempre dão um exemplo bonito. Os seus especialistas se depreciam mutuamente, e tendem às vezes ao alexandrinismo das ramificações extremas. Não raro, como assinalei, se põem ao serviço reprovavel de forças anti-progressistas. O que interessa, porem, como fica bem evidente numa obra como a conferência do prof. Monbeig, não é rejeitar, mas corrigir. As ciências do homem não são fatores de confusão nem despistam da realidade. O seu emprego indevido — servidão às paixões do momento ou isenção tecnicista — é que constitue desvio. No dia em que penetrarmos mais seguramente no mundo das causalidades humanas, que apenas arranhamos, teremos feito o maior progresso da história do homem. E para isso é necessária e digna a modéstia, a obscuridade dos inicios sem brilho.

---

(1) — Pierre Monbeig — "La crise des sciences de l'homme" — C. E. B. — Rio — 1943.

P. S. — Já estava escrito este rodapé quando li, no número de 29 de outubro deste jornal, o artigo do sr. Alberto da Rocha Barros: "Sociologia de Minúcias". Pela segurança com que expõe o seu ponto de vista contrário à "sociologia americana" e à "sociologia universitária", é claro que não o posso incluir entre os articulistas a que me referi. O sr. Rocha Barros fere certos pontos vitais para a sociologia. E como comete algumas injustiças contra ela, tenciono examinar suas idéias num artigo próximo, em que assinalarei tambem o que há nelas de justo e definitivo.

A PEDIDOS

O ALMIRANTE GAGO COUTINHO e as LINHAS AÉREAS PAULISTAS S/A

Em entrevista concedida à "Voz de Portugal", o almirante Gago Coutinho teve ensejo de traçar com a segurança que lhe dá a convicção nos brilhantes destinos da aviação, de que é, ao lado de Sacadura Cabral, um dos grandes pioneiros do vôo transoceânico, o panorama atual e o desenvolvimento vertiginoso da navegação aérea brasileira, como fator de aproximação dos povos e de incremento ao intercâmbio de riquezas entre os países jovens da America e os mercados internacionais dos outros continentes.

Respondendo a uma pergunta do reporter que o entrevistou, o ilustre aeronauta luso declarou:

"Acredito na vitória da aviação do Brasil". E põe mais uma nota de certeza, na sua afirmação, acrescentando que "muito em breve ela tomará um impulso extraordinário, tanto no sentido comercial, como do lado social".

Posteriormente, evocando os lances emocionantes do seu vitorioso "raide" com o malogrado e bravo Sacadura Cabral, o velho almirante a quem os anos não lhe apagaram a flama do heroísmo e de um sadio e moço entusiasmo, externou a sua opinião insuspeita e, sobretudo, precisa, sobre o futuro promissor da nossa navegação aérea e a de Portugal, dizendo:

"Quando alçamos vôo no Tejo com destino ao Brasil, trazíamos no pensamento a idéia fixa de que aquela aventura transformar-se-ia em linha futura, numa linha aérea ligando a nossa pátria à pátria irmã, num dia apenas de vôo".

O nome de Sacadura Cabral, como é do conhecimento público, vai ser dado ao primeiro avião da "Linhas Aéreas Paulistas", e que fará a rota comercial entre o Brasil e Portugal. Essa homenagem bem expressiva à memória de um dos maiores vultos da aeronáutica, cujo nome ficará para sempre ligado à história da navegação do século XX, é o alvo central da entrevista. O reporter comenta esse gesto da diretoria da "LAP" e o eminente navegador português responde:

— "Sim, tomei conhecimento do programa das "Linhas Aéreas Paulistas", principalmente no que diz respeito ao seu término em Lisboa, para que possa tornar mais próximos os corações brasileiros os nossos corações de portugueses".

A nota sentimental, porem, cede lugar à palavra experimentada do técnico consumado, sugerindo, orientando e apontando normas:

— "O campo de aviação internacional de Lisboa, onde o nosso governo empregou mais de 50 000 000.44 (cinquenta milhões de escudos) pode ser considerado modelar, com todos os aperfeiçoamentos modernos. Sou de parecer que as "Linhas Aéreas Paulistas" devem se utilizar de três tipos de avião para completo êxito do seu extraordinário programa. Um deles para o vôo de São Paulo a Natal, outro de Natal a Dacar e outro de Dacar a Lisboa".

E, comovido, acentua:

— "A maior homenagem que me poderiam prestar ao inaugurarem essas linhas que aproximarão a minha pátria do Brasil, seria o de darem o nome de Sacadura Cabral a um desses aviões".

Faz uma pausa e prossegue, tecendo considerações cheias de oportunidade e senso com relação aos correios aéreos brasileiros, sobre a campanha aviatória para a formação dos nossos pilotos civis, e conclue num apelo que é uma fremente exortação aos organizadores das "Linhas Aéreas Paulistas" e ao espírito de cooperação dos portugueses, concitando:

— "Não sòmente aplaudo — termina o almirante Gago Coutinho — como faço mesmo um apelo para que as "Linhas Aéreas Paulistas" realizem pròximamente seu programa de aproximação entre o Brasil e Portugal, concitando a todos os portugueses a cooperarem para a concretização do estabelecimento dos serviços aéreos, ligando São Paulo - Rio de Janeiro à minha saudosa Lisboa".

Festival do Dep. de Assistência Social da Força Policial do Estado

O Departamento da Assistência Social da Capelânia Militar, da Força Policial do Estado, entre as suas meritórias obras de benemerência, mantem uma organização de amparo aos filhos dos soldados necessitados da milícia de São Paulo.

Com o objetivo de angariar fundos de que necessita para prosseguir no seu trabalho de auxílio às referidas crianças, um grupo de senhoras da nossa sociedade, sob o patrocínio da sra. Gaudie Ley, esposa do comandante geral e auspícios do Departamento da Assistência Social de Capelânia daquela corporação militar, organizaram um grande festival artístico, cuja renda reverterá integralmente em favor da assistência aos filhos dos soldados necessitados. Para essa festa, que será realizada no dia 18, às 20 h 30, no Teatro Municipal, será organizado interessante programa que contará com o concurso de conjuntos e figuras de relevo em nosso meio artístico.

O dr. Francisco Patti, diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade, proferirá uma alocução alusiva ao ato.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

APONTAMENTOS A LAPIS AZUL

Antonio CANDIDO

Reli Alain esta semana. Reli os dois volumes da "Suite à Mars", em que o velho pensador analisa, através a sua poeira de propos, primeiro as convulsões e, depois, a falência da força (1).

Já que hoje estou com ânimo apenas de conversar com o leitor, vou contar como foi a história da leitura. Eu estava sentado no meu escritório, há uns quatro ou cinco dias, pensando na violência que anda solta pelo mundo, na guerra, com o seu cortejo de bombardeios, de massacres, de afundamentos. Em como o animal homem tem uma afinidade eletiva em relação às soluções chamadas fortes. Mormente sendo ele fraco, ou percebendo que está em vias de se tornar fraco. E de repente me passa pela cabeça a frase famosa de Napoleão, que seria paradoxal se não fosse profunda e se ele não fosse um gênio: "Savez-vous ce que j'admire le plus dans le monde? C'est l'impuissance de la force pour organiser quelque chose (...) A la longue, le sabre est toujours battu par l'esprit".

Respeito muito o juízo dos conhecedores. Na matéria, não há dúvida que Napoleão o é.

Mas o meu espírito não parou na frase. Como estava em veia raciocinante, nem especulativa, deixei apenas que o seu som me varejasse a cabeça, batendo-lhe pelos quatro cantos "Savez-vous ce que...", enquanto via em imaginação o túmulo do grande homem na igreja dos Inválidos ("... l'impuissance de la force..."), lá em baixo, no fundo — gongorismo arquitetonico ("...organiser quelque chose"). Lembrei-me em seguida de Sorel, "Réflexions sur la violence". Pensei comigo mesmo que a força pode ter uma fecundidade — mas transitória. O oportunismo da força. Sim, a força como oportunismo. Mas cai. E o que fica?

Como tudo neste mundo, ela pode ser fecunda ou esteril, bendita ou maldita. Em todo o caso... Será bendita, (coerente?), quando, por exemplo, empregada para precipitar a resolução das contradições históricas dentro de um grupo. Será maldita sempre que servir para prolongá-las. Sempre que partir dos interessados em manter um estado de coisas que não se justifica mais historicamente. Que, portanto, se tornou injusto. "E' preciso empurrar e não reter o que quer cair". Bom; mas não vamos pelo caminho de Nietzsche. E no entanto... Que crime é ter com todas as forças o que historicamente quer cair. Neste caso que crime a força! A força da Reação, a tremenda força da Reação.

Me lembrei do meu gordo professor de história da Civilização, no Colégio Universitário a dizer manobrando energicamente as mãozinhas gorduchas, com a sua exaltação irritada: "Imaginem os senhores o homem mais reacionário do mundo: pois eu sou ainda mais reacionário do que ele!" Já lá vão seis anos e mais: como corre o tempo! O meu gordo professor com certeza é pela força que retem que breca, que não quer deixar cair o fruto podre. Trabalho inutil. Mas odioso e, às vezes, sinistro.

A sua figura não me saía da cabeça. Imaginei que haveria de ser um homem pacífico e bondoso, desses idolatrados pelos sobrinhos. Porque será que tal espécie é tão veemente e tão "vontade de poder?" E recordei outro professor, que nos chamava a atenção para o fato de que, em geral, os teóricos da vitalidade e da força são deficientes físicos. Falava de Bergson, pregado na sua cadeira de sexagenário por um reumatismo velho; de Nietzsche louco, tranquilo, sempre com um sorriso bom nos lábios. Lembrei-me do jovem nazista de fala fina e do super-herói exoftálmico. Irritação de glândulas levando ao heroismo. Glândulas, ó glândulas!

Mas o fato permanece, com ou sem explicação: o fraco prega a força pela força; o deficiente é pela solução violenta; o desesperado pula na goela do próximo. A alma divina desta madona Força é um enigma. E foi exatamente neste ponto que me lembrei do velho Alain. "Mars, ou la guerre jugée". "Suite à Mars". Abri. Li onde os olhos caíram: "Ce sang est un fait historique, qui a éclaboussé selon des lois physiques. Qui est au pouvoir doit porter les charges du pouvoir. Et si c'est par faiblesse et irrésolution que les choses ont tourné au massacre autour de lui, cela ne change point la couleur du régne, qui fut sanglant assez pour qu'on le remarque".

Esse Alain é um grande pensador. E' o pensador mais sem pretensão que Deus pôs na terra. Tudo o que escreve é justo, é fino, é forte. Da filosofia e da literatura, tira um pensamento penetrante e ativo. E' doce e equilibrado, sem ser meio-termo nem abstencionista (exemplo: o "chartierisme"). E' o que os franceses chamam um sage — que não pode ser traduzido por sábio, muito e pouco ao mesmo tempo.

Alain escreve longamente sobre a guerra, a força, a coragem, o medo. Escreve com equanimidade e nobreza. Não faz propriamente uma teoria da força, porque é difícil fazê-lo sem levar em conta o elemento medo. O medo, denominador mais comum do que se pensa, é um previlégio do homo sapiens ("Toute peur est de raison"), e anda sutilmente misturado à trama da sua vida. O homem que incita ao combate e que teoriza sobre a guerra, em geral nunca viu o perigo de perto. Não conhece, portanto, o grande medo da morte violenta. O que é muito grave. O homem que não o viu se lhe põem uma arma na mão, tende a dispará-la, porque tem medo. E o medo gera a tragédia. E' absolutamente impossível, deixa ver Alain, abandonar a decisão da guerra nas mãos de homens que não viram ou esqueceram o perigo. Diante do perigo é que se coloca o problema real do medo, e o medo é um dos geradores da bravura. A bravura não consiste numa representação definitiva e permanente mas, antes, numa decisão sempre renovada de transpor o medo. "Treme, carcassa, que mais tremerias se soubesses onde te vou levar" disse Turenne, numa frase que Alain muito ama e muito repete. Coragem é, por exemplo, Guynemer deixando um aviador alemão metralhá-lo e não replicar, para poder sentir o grau da própria resistência. Porque agir dá coragem e afasta de pronto o medo. O Fabricio de Stendhal, citado por Alain, diz: "Qu'importe si j'ai peur maintenant, pourvu que je n'adie pas peur dans l'action? "Dentro da refrega o sangue esquenta e a coragem aparece. Uma máxima verdadeira seria: "Tens medo? Dá um tiro" Conseguir porem como Guynemer, ficar senhor de si, sem agredir e sem agir, enquanto se é atirado, aí está a vitória.

Mas os senhores da guerra em geral não sabem disso. A dialética do medo e da bravura quando não é um mistério é um teorema para eles. Daí a facilidade com que criam condições de guerra.

A resistência, portanto, pensei eu fechando o meu Alain, é a forma mais requintada do medo. O brusco susto que sacode o indivíduo leva-o a desferir um soco. Como? Não se sabe.

O fato de uma classe ter consciência de estar escorregando a leva a adotar as soluções chamadas fortes, que são, por isso mesmo, o mais claro sintoma da sua fraqueza e do seu medo. E quanto maior este, mais violentas as soluções. E', por exemplo, a atitude do Conde Witte, mandando metralhar a população de São Petersburgo em 1905 enquanto a burguesia russa se desmilingue. E o afloramento, a cogumelação dos fascismos nos nossos dias, dias em que os Thyssen arinam os Hitler para se segurarem o quanto possível.

Velho Alain! A tua sabedoria, feita de penetração e de humanidade, não encontra agora entre nós, homens da segunda guerra mundial, o ouvido atento que haverias de querer para ela. Mas não importa. Aquilo que se chama de conciência moral dos homens é mais um tecido de protestos e de inconformismos que de acomodações, sucessos constantes e imediatos. E como é a ela que te diriges, não há mal que clames tambem um pouco no deserto. Na minha frente vejo um livrinho gorducho. Pego-o e verifico que é um volume das "Légendes des Siècles", de Victor Hugo. Bela edição, como não se vê mais nestes tempos de papel raro. Edição de Alphonse Lemerre, o parnasiano editor dos parnasianos, naquela pequena e encantadora coleção que tem um tambore tão sugestivo — o lavrador nu que cava a terra com a sua pá enquanto o sol nasce ao fundo, sob a divisa: "Fac et spera". Belas edições, essas do velho Lemerre. Que belo elzevirianon, que perfeição de acabamento!

(1) — Alain — Suite à Mars — I — Les convulsions de la force — Paris — Gallimard; e: Idem — II — Echec de la force — ibidem.

Segunda Delegacia do Ensino da Capital

O 2.o Delegado do Ensino convoca para uma reunião amanhã, às 14 horas, no Externato Santa Cecília, todas as professoras nomeadas pelo governo, junto a Instituições particulares.

— E' convidada a comparecer à 2.a Delegacia do Ensino, à r. Marconi, 71, 6.o andar, das 16 às 18 horas, a prof. Antonietta Maria da Conceição, afim de tratar de assuntos de seu interesse.

Conselho de Orientação Artística de São Paulo

O Conselho de Orientação Artística de S. Paulo realizará uma reunião, às 9 h 30, à rua Onze de Agosto, 169/177.

A essa reunião, deverão comparecer os seguintes membros: srs. Carlos A. Gomes Cardim Filho, secretário e membro, Francisco Pati, Theodoro Braga, José Maria da Silva Neves, Dacio A. de Moraes, maestro Armando Belardi, Mozart Tavares de Lima, profs. João da Cunha Caldeira Filho e Alipio Dutra.

"Festa de Natal dos doentes mentais"

A Instituição de Assistência Social ao Psicopata, como tem feito nos anos anteriores, promoverá este ano a Festa de Natal para os doentes mentais indigentes.

Para atingir o seu desideratum, recorre a todos aqueles que usufruindo de mente sadia, possam cooperar incentivando a solidariedade humana em prol dos alienados.

Já concorreram com donativos em dinheiro e mercadorias as seguintes pessoas e firmas:

srs. Tercio Ferreira do Amaral e Nicolau Gutierrez Portillo, Cr. $ 1 000,00; Anderson, Clayton & Cia e Cia. Quimica Rhodia Brasileira, Cr. $ 500,00; Kijoshi Kaway, Cr. $ 300,00; Um anónimo, Cr. $ 200,00; Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, Cr. $ 100,00; Cia. Ferroviária S. Paulo-Paraná, Cr. $ 100,00; Prudência Capitalização, Cr. $ 100,00; E. Darbellay, Cr. $ 50,00; Casa Kosmos, em espécie, cintas, gravatas, suspensórios e ligas.

Os donativos em dinheiro ou mercadoria poderão ser enviados à Avenida Brigadeiro Luis Antônio, 651. Para maiores esclarecimentos, os interessados são atendidos pelos telefones — 2-4820, 3-3642 e 5-2613.

Irradiações da B. B. C. para o Brasil

A "B. B. C." de Londres comunica as seguintes alterações em suas irradiações:

12 h 30, 13 hs. — GRQ 18 025 Mcls., 16,64 metros; 19 e [illegible] hs. — GSV 12,04 Mcls., 24,92 metros; 19 hs. e 22 h 15 — GRB 6,01, Mcls., 49,92 metros; GBU, Mcls., 31,75 metros.

As horas correspondem às do Rio de Janeiro.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

REFLEXÕES A LAPIS ROSA

Antonio CANDIDO

Escreve-me um professor de História, fazendo uma pequena censura de que destaco o seguinte trecho: "Como critico, um dos seus deveres é se preocupar com o problema da formação da mocidade através das leituras que lhe são dadas. E' seu dever, portanto, ocupar-se tambem da literatura didatica, através da qual ela se forma nos ginásios e nos colégios. Há por aí uma série intérmina de livrecos absolutamente inconspícuos, de cujas páginas emana deletério veneno para as jovens conciências. Seja-me permitido, como professor de História, citar-lhe os seguintes compêndios desta matéria etc. etc. (uma longa enumeração e, finalmente)... a "História Universal para uso dos Ginásios, por F. T. D. — Curso Superior".

Que há por aí os tais livrecos de que fala o meu honrado correspondente, não há a minima dúvida. Que deles emana veneno deletério para as jovens conciências, não há tambem a menor dúvida. Que se inclua nessa série, porem, o último compêndio enumerado, de autoria dos beneméritos Irmãos Maristas (Congregação dos Padres da Sociedade de Maria) não me parece justo. Se há um livro construtivo é esse, e não são poucos os serviços que vem prestando à causa da Educação.

Todavia, é preciso confessar que eu tambem já me levantei contra ele, em tempos da minha adolescência e do meu ginásio. Abrindo o meu exemplar, vejo nele, entre assinaturas floreadas e motes da mais vária espécie, a data: 8 de março de 1933. 1933: 3.o ano do ginásio. Era meu professor de História um jovem padre, que durou na cátedra apenas o tempo de nos fazer comprar o livro. De F. T. D. em punho a classe passou [illegible] pedir satisfações tão [illegible] manifestadas com tal veem[illegible] que o bom senhor ficou doente e pediu demissão dentro de quinze dias. Hoje, é comigo. Relembro agora o livro no entanto não entendo porque fizemos tal cavalo de batalha com os seus dizeres. E' uma obra exemplar, cheia de virtuosos ensinamentos. Se não me engano, o nosso barulho vinha de uma afirmação depreciativa contra Diderot ou de uma exegese de mestre, da qual se depreendia que a origem do protestantismo foi o fato de Lutero querer casar-se com uma freira. Mas não garanto. De qualquer modo, o de que não há dúvida é que a nossa oposição vinha, em última análise, da inquietação da idade. 14 anos: 15 anos — tempo bravo!

O fato é que o manual de F. T. D., como os demais feitos pelos beneméritos Irmãos Maristas (Congregação dos Padres da [illegible] de Maria), é uma leitura salutar, não só para os jovens, como para todos, nestes tempos que correm. Gostaria, sobretudo, que o lessem os intelectuais, cuja responsabilidade é sempre tão grande na preparação dos movimentos de mudança através da história. O livro faz, aqui e ali, as mais justas e ponderadas considerações a propósito do papel dos intelectuais, da posição do pensamento na sociedade, dos regimes de liberdade, da filosofia da história.

Confesso que leio com mais prazer o volume II, que traz a parte referente à Idade Média e aos Tempos Modernos. Me perco um pouco na história antiga. Depois, há os nomes orientais, muito arrevezados. Teglatphalesharra, ou Teglatphalazar, ou Tiglaphalazar. Assur-Nazir-Hapal, ou Assurbanipal. Acabo me lembrando da poesia de Mario de Andrade e esquecendo a história. Nos tempos modernos há outra civilização, e há processos seguros de evitar a concepção. Há sobretudo, no livro em apreço, os julgamentos que nos dizem de perto, que se referem a acontecimentos ligados de um modo ou de outro ao nosso destino. Para o intelectual, há toda uma ética a ser extraída, para lhe servir de guia nas suas relações com o grupo.

Um tema que me preocupa, [illegible] já deve ser [illegible]

[illegible] da oração social.

Ora, num momento como o nosso, impõe-se ao homem de espírito a determinação rigorosa da sua tarefa, o selecionamento do seu objeto de trabalho. O trabalho do intelectual se justificando apenas segundo o seu carater de necessidade e de autenticidade, não é qualquer alvo que lhe serve. Falar de temas que perturbem o equilíbrio social, por exemplo, ou que levantem perigo de discussão esteril, de esmiuçamento, de clarificação, pode ser uma tarefa inaceitavel num momento em que, como o nosso já tem sido acentuado, se impõe a aceitação em bloco e a posposição da análise. O espírito de análise, é bom que os intelectuais o aprendam, pode ser altamente pernicioso. Analisar é compreender. é apanhar os mecanismos do processo; é, portanto, abrir caminho para a dúvida, o cepticismo, e, mesmo, para o desejo absurdo de mudança. Para que mudar quando manda o bom senso deixar sempre que às coisas sigam o seu livre curso? Está presente no espírito de todos, — e pensadores da estatura dos srs. Padre Leonel Franca (S. J.), Gustavo Barroso, Miguel Reale, não se cansam ou não se cansavam de lembrá-lo, — o efeito deletério que teve para a civilização o movimento revolucionário de 1789, conhecido pelo nome de Revolução Francesa. Ora, atrás deste movimento do mal estavam os Enciclopedistas.

Os intelectuais assim chamados, com efeito, retomando certas posições metodológicas do século anterior ao seu, procederam a uma análise (sempre a análise!) bastante aprofundada e porisso mesmo absolutamente reprovavel, do seu tempo. Estabeleceram certos princípios científicos e filosóficos e [illegible], de certo modo, [illegible] o comportamento e o destino do homem na sociedade. Mal [illegible]. Passando do terreno [illegible] das ciências ou do abstrato da metafísica para os domínios da filosofia social e da política, o espírito do homem é levado ao desejo de reformar absolutamente incompatível com os sãos princípios e as necessidades imperiosas da ordem estabelecida. Os Enciclopedistas chegaram ao cúmulo de condenar a situação política e social da França de Luis XV e a propugnar a sua reforma. Parece que sem razão, porque Luis XV, conta a história, foi apelidado o Bem-Amado pelos seus súditos. O pavoroso resultado foi a Revolução, em que os antigos e sólidos privilégios da nobreza, os direitos velhos e seculares, cairam às mãos iconoclastas do populacho.

Por esses motivos, me parece que seria util tomar o manual dos beneméritos Irmãos Maristas (Congregação dos Padres da Sociedade de Maria) na parte em que fala da Revolução Francesa, esse movimento para que tanto contribuiram os escritores, e acompanhar algumas das suas considerações até o presente, findo o que se tornará talvez evidente uma norma de conduta.

Das 5 causas remotas da Revolução, destaquemos: "A Renascença. — E' a propagação da cultura pagã no fim da idade média. Seu resultado lento, porem, seguro, foi a indiferença religiosa, a licença dos costumes, o enfraquecimento da fé; os demagogos que derrubaram o trono tinham a cabeça cheia das idéias republicanas dos gregos e dos romanos, como se pode ver nos discursos desses utopistas". "E tambem a Reforma, maléfica porque (...) as teorias do livre exame em religião deviam fatalmente conduzir à anarquia no domínio político e enfraquecer o princípio da autoridade onde quer que se encontrasse, na realeza como na familia". A causa 5.a, finalmente, nos interessa mais de perto: "As doutrinas dos filósofos e dos literatos — Voltaire, Rousseau e as sociedades secretas manejavam todas as armas para a destruição da sociedade e da familia". (op. cit. pág. 253).

Não passemos adiante sem mencionar as três causas imediatas: a guerra da América, as intrigas do duque de Orleans e (afinal) a desigualdade nas condições e no imposto. (pgs. 253 e 254)

Como se vê, entre os males que levaram a esse grande mal, a Revolução Francesa teem lugar de primeira plana os ligados à atividade do homem de inteligência: as idéias libertárias (utopias); a liberdade de pensamento (enfraquecedoras das instituições) e a expressão das idéias (arma destruidora). E' facil reconstituir o caminho a partir do Renascimento, segundo F. T. D., a utopia levando ao desejo efetivo de liberdade e ambos à ruina social. E estão julgados o Humanismo e a Filosofia das Luzes.

O background revolucionário, formado pelos escritores, é algo de realmente tenebroso: "Na 2.a metade do século XVIII, as idéias de reforma politica agitavam a Europa, mormente a França: mal conduzida, a reforma deu uma destruição, a mais sanguinolenta das destruições.

Os homens que então pretenderam reformar a sociedade tomaram, de preferência, o nome de *filósofos*, amigos da sabedoria. Na realidade, foram amigos apenas de si mesmos e das suas paixões: na maior parte eram impios, sem fé, sem moral, sem patriotismo. Os mais conhecidos foram Voltaire, Diderot e Rousseau" (pg. 246)

Dado isso tudo, não é de espantar a significação pavorosa que tem o movimento de 89 na história, como mostra o manual à página 266: "A renovação social introduzida pela Revolução baseia-se, infelizmente, nas utopias erradas de Rousseau, cuja falsidade a experiência demonstrou de sobejo. Já faz tempo que não se admitem mais as idéias de perfeição original do homem, de igualdade absoluta e de contrato social, as quais cederam o lugar aos sãos princípios de corrupção original, de hierarquia necessária e de tradição".

Sob o ponto de vista anti-católico, que "perdura até hoje", ela alguns efeitos: (...) reduzir o homem individual ao puro racionalismo; descristianizar a familia, tirando-lhe todo carater religioso, o vinculo sacramental, a indissolubilidade, a unidade e até a própria existência, pois vários adeptos da Revolução propõem a concubinagem e o amor livre etc.". (ibid.)

Aí chegados, não nos é dificil aprender a lição final de tudo isso e tirar dela uma sadia humildade de pensamento: "Como é facil notar, a Revolução de 1789 recorre logicamente da revolta religiosa do século XVI, a qual atingiu quasi sempre a ordem política e social. O bolchevismo da Rússia soviética de hoje, é a continuação dos mesmos princípios da Revolução, levados ainda mais longe do que na França, porque o povo russo se deixa mais facilmente dominar do que o povo francês. Se a sociedade humana quizer evitar as catástrofes da Revolução de 1789 e do sovietismo atual, tem apenas um meio: o estudo do catolicismo e das suas leis." (ibid.).

Eis a que nos levou a imoderada liberdade de pensamento e o desejo tolo de querer à força compreender e explicar as coisas deste mundo. O século XX é um século infeliz; um duro impasse, a que uma soma de erros ancestrais conduziu o Carro do Progresso, puxado pelos cavalos da Anarquia. Nesta corrida tenebrosa, não há negar, os intelectuais tiveram larga culpa. Lutaram sempre, — e até na Idade Média! — pela liberdade do pensamento, pela reforma da sociedade, pelo livre exame.

Ora, a leitura salutar do compêndio dos beneméritos Irmãos Maristas nos mostra bem, como essas coisas são desnecessárias e perigosas. E' mister que o homem de pensamento seja cônscio dos seus deveres e compreenda a sua missão, que é a de propugnar, pelo equilibrio-em-si, como diria um metafísico, e policiar, em benefício da Ordem, as demasias da sua inspiração. Caso contrário, se tornará — como tantos exemplos tristes o confirmam — um fator de curiosidade malsã e, portanto, um fator de desequilíbrio dentro do grupo.

Se porem, os homens de inteligência passarem a colaborar com orientações como as que esposa o manual de F. T. D., poderão contribuir para a solução de dois magnos problemas: o pessoal e o social. O primeiro, porque o não se afastar do caminho traçado pela tradição e pela ordem leva à estrada larga e suave que o conduz, com honra e proveito, como diria o inefável Cassiano, à justa recompensa por parte dos seus concidadãos. O segundo, porque o nosso é um momento crucial para resolvê-lo. Um momento incomparável, em que das posições assumidas pode depender muita coisa — pois a guerra, segundo os beneméritos Irmãos Maristas e um [illegible] que [illegible]. Veja-se o que [illegible]: "A mais desenfreada anarquia ia dissolver as sociedades divorciadas de Jesus, quando chegou o benéfico e reparador castigo da Conflagração européia, refletiram os povos humilhados, humilharam-se, pararam no caminho errado, volveram os olhos para o divino Salvador e recuperaram paz e ventura na exata medida e no tempo em que lhe seguiram os ensinamentos. Na Rússia cismática e perseguidora, a anarquia não podia encontrar resistências, dominou livremente desde 1917 e praticou as piores atrocidades, tão nefandas que a pena até sente pejo de as narrar". (op. cit. pág. 410)

Como se vê, houve apenas um ligeiro engano: as nações, não sei bem quais, que seguiram os mencionados e respeitaveis ensinamentos não recuperaram completamente a paz e a ventura (muitas delas devem, mesmo, estar entre os povos esmagados e escravizados), enquanto a Rússia progrediu mais ou menos, ao que parece. Mas a Providência escreve direito por linhas tortas, e talvez porisso mesmo tenha enviado mais esta conflagração. Esperemos saia dela sem precisar de terceira, porque um remédio tão paternal pode acabar por enfraquecer demais os felizes beneficiários.

*

Enfim, o livro acusado pelo meu amavel correspondente, longe de deletério, me parece, ao contrário, cheio de conceitos uteis à mocidade e aos homens chamados intelectuais, progênie perigosa de muitos revéis do passado. Não sei, pois, porque proscrevê-lo dos nossos colégios, uma vez que ele se casa tão bem com a índole dos nossos programas, preocupados com a manutenção das tradições e dos velhos hábitos da cultura.

COM DESTINO AO RIO, PASSOU ONTEM POR SÃO PAULO O GENERAL ARTURO RAWSON

O NOVO EMBAIXADOR DA ARGENTINA JUNTO AO GOVERNO BRASILEIRO FEZ DECLARAÇÕES À IMPRENSA

Procedente de Buenos Aires, em trânsito por S. Paulo, com destino à Capital da República, chegou, ontem, viajando pelo trem internacional que entrou na estação da Sorocabana exatamente, às 18 h 35, o general Arturo Rawson, recentemente nomeado pelo governo argentino para exercer as altas funções de embaixador do nobre país irmão junto ao governo brasileiro.

O ilustre diplomata portenho, que viaja em companhia de sua exma. familia e do secretário de embaixada, sr. Manuel Rawson Paz, teve carinhosa recepção por parte do governo de S. Paulo e da colônia argentina aqui radicada.

Logo após ser o ilustre diplomata cumprimentado pelo major Hyppolito Trigueirinho, chefe da Casa Militar da Interventoria, que o recebeu em nome do sr. Fernando Costa, interventor federal, o reporter da "Agência Nacional" abordou-o, obtendo as seguintes palavras do ilustre diplomata itinerante:

— "O conceito formado de S. Paulo já tenho de há muito. Sei que é uma grande cidade industrial, orgulho da América.

Oportunamente farei uma visita mais demorada a este importante centro manufatureiro".

Respondendo a uma pergunta da reportagem, assim se expressou o general Rawson:

— "Trago a incumbência de intensificar, dentro do vosso país, um maior conhecimento da Argentina. Para tanto, vamos trabalhar, intensamente, esperando que os resultados desse intercâmbio sejam bem compreendidos e perfeitamente aceitos pelo povo brasileiro".

Sobre a longa viagem feita, s. exa. declarou:

— "Viemos absolutamente bem acomodados. Nada nos faltou e tivemos o grande prazer de admirar a belissima paisagem brasileira que, a cada instante se modifica, dando-nos perfeitamente bem a impressão de sua magestosidade".

Após um ligeiro passeio pela cidade, durante o qual teve s. exa. oportunidade de conhecê-la rapidamente, rumou, o general Rawson, para a estação do Norte afim de embarcar no primeiro noturno, da Central, que o conduziria ao Rio de Janeiro.

EMBARQUE PARA O RIO

As 20 h 20, em carro especial, o general Arturo Rawson, acompanhado de sua exma. familia, embarcou para a capital do país.

S. exa., na Estação do Norte, recebeu cumprimentos dos representantes oficiais do nosso governo.



"DIA DA PROPAGANDA" — *Transcorrendo ontem o "Dia da Propaganda", os profissionais da publicidade desta capital reuniram-se num jantar de confraternização, que se realizou nos salões do "Hotel Terminus" e transcorreu em ambiente de intensa alegria.*

E' dessa reunião o flagrante que acima apresentamos.

OS CONSTRUTORES PLEITEARÃO O REAJUSTAMENTO DOS CONTRATOS DE EMPREITADA

Sob a presidência do sr. A. Rangel Cristoffel, na ausência justificada do presidente, realizou-se, dia 25 de novembro último uma assembléia geral extraordinária do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Grandes Estruturas.

Aberta a sessão, o sr. presidente da mesa convidou o eng. Augusto Lindenberg para secretariar os trabalhos e deu início à ordem do dia, a qual constou do seguinte: estudo das consequências do aumento de salários dos operários na indústria da construção civil.

Com a palavra o eng. Caio Luiz Pereira de Sousa propôs que fossem delegados poderes à diretoria para estudar o assunto. O eng. Augusto Lindenberg opinou que, a par com a diretoria deveria ser nomeada uma comissão composta de três membros para a elaboração de um memorial, pleiteando um reajustamento dos contratos de empreitada. Essa comissão ficou assim constituida: engs. Francisco T. da Silva Telles, Francisco Azevedo e Gastão Motta.

O sr. presidente, a seguir, deu conhecimento à Casa dos estudos que a diretoria vem procedendo junto à Federação das Indústrias, por intermédio dos seus representantes srs. Heitor Portugal e Eurico Guimarães.

Com a palavra, o eng. Romeu Mindlin perguntou se não seria interessante entrar o Sindicato em entendimentos com seu congênere do Rio de Janeiro, para procederem ao estudo em comum.

O presidente esclarece que lá se encontra o sr. Heitor Portugal e, desde os primeiros meses do corrente ano, o reajustamento dos contratos de empreitada vem sendo pleiteado, ainda sem solução. Ficou, pois, deliberado que se expedisse uma circular aos sócios, solicitando sugestões.

Antes de encerrar os trabalhos, o presidente deu conhecimento das sugestões que deverão ser enviadas, sobre um entendimento com o SAPS para instalação de restaurantes populares e bem assim, de ofícios que deverão ser dirigidos aos poderes públicos e à Federação das Industrias, para o incremento de construção de casas operárias, o que foi aprovado.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

GILBERTO FREYRE

Antonio CANDIDO

Nunca se me apresentou oportunidade tão imediata de aplicar conceitos emitidos ou transcritos como no meu último artigo para [illegible]

Em "Reflexões a lapis rosa" procurei mostrar a atitude odiosa e anti-histórica que o compêndio de uma corporação religiosa tomava diante da atividade do intelectual. Com nuanças róseas, que são as da ironia, procurei levar o leitor, através da citação de trechos significativos, à conclusão edificante que se extrai da obra: o intelectual deve ser um seguidor obediente dos principios secularmente estabelecidos de Ordem, e todo aquele que procura abrir caminho ou protestar contra sobrevivências injustificaveis — sob certos aspectos verdadeiros fenómenos de inércia cultural — recebe a sua classificação: réprobo, invejoso decepcionado, imoral, corruptor. A história é velha e se reproduz cada dia.

Agora, chegou a vez de um dos representantes mais altos da nossa cultura, do homem que encarna por excelência o movimento de renovação dos estudos sociais no Brasil — e o leitor já percebeu que me refiro ao nosso mestre Gilberto Freyre.

De tempos para cá, Gilberto Freyre vem sofrendo, no seu Estado natal, a perseguição mais injusta, mais degradante e mais significativamente raivosa por parte de elementos reacionários, reunidos em corporação ou detentores do je-[illegible].

Não tenho a minima dúvida de que, se as coisas forem entre nós como vão indo, os nossos filhos aprenderão, numa futura "História do Brasil para uso dos Ginásios, por F. T. D.", que um certo Gilberto Freyre, em meados do século XX, mostrou-se subvertor da Ordem e dos Principios Estabelecidos, recebendo porisso a justa repulsa dos elementos sadios da sociedade, a sua obra, portanto, não devendo ser lida pelos moços.

Ora, é preciso, de uma vez por todas, que os nossos filhos não leiam histórias deste jaez, e que a cor dos nossos lapis possa ganhar um colorido mais especifico. E' nosso dever, portanto, protestar publicamente contra este incrivel atentado à liberdade de pensamento, que, no caso Gilberto Freyre, ultrapassa tudo o que se poderia supor possivel entre nós.

Gilberto Freyre já é um homem para ser julgado acima das divergências doutrinárias e cientificas. Pessoalmente, divirjo dele em alguns pontos de um e outro aspecto, o que já expús em público. Não se trata, porem, no momento, tanto de fazer uma [illegible] meu porta-voz, que é este rodapé, afim de protestar altamente contra a campanha que lhe vem sendo movida em Pernambuco, na qual, como diria um cavalheiro propenso à retórica, se unem e se congraçam a púrpura proconsular, a roupeta trentina e a pretexta estudantil.

Na base da campanha está uma coisa simples e elementar: a luta pela liberdade do pensamento e da expressão. Gilberto Freyre é um homem que vota um culto quasi supersticioso à liberdade, e que considera um atentado as restrições feitas ao intelectual. Este, para ele, tem, através da palavra e da pena, um dever de esclarecer e orientar que se eleva a missão, a compromisso inevitavel para com o público. Ora, um dever de tal monta tem a sua expressão sagrada como um direito, e a faculdade de cerceá-lo é um crime cuja prática o verdadeiro amigo da liberdade, como Gilberto Freyre, não reconhece a poder algum deste mundo. E foi justamente ao denunciar as tendências anti-nacionais e anti-democráticas de algumas das forças que ora o perseguem que Gilberto Freyre incorreu nas iras da Reação.

[illegible] ocular me relatou a virulência abjeta que a campanha vai tomando, as baixezas a que não se envergonham em chegar os seus inimigos, as calúnias de ordem pessoal com que pretendem inutilmente desacreditá-lo e que veem dar a medida da indignidade de que se revestem para atacar. Toda vez que uma critica ou uma campanha chega à vida intima de um atacado, o que ressalta mais não é a sua violência, mas a sua torpeza em profundidade. E' um caso verdadeiramente inacreditavel, e só mesmo a fúria da Reação ameaçada poderia engendrá-la e pô-la em prática.

Até este momento, Gilberto Freyre já sofreu ameaça de processo, já foi agredido, já foi preso, já viu a sua honra atassalhada, a sua tranquilidade perdida, a sua segurança correndo perigo a todo instante. Como um personagem de Ibsen, porem, permanece inteiriço na sua coragem e na sua dignidade, num exemplo de superioridade que mais o eleva. E repita-se que tudo isso lhe está acontecendo pelo crime de ter querido, como um personagem de Ibsen, se opor ao desmando dos donos da vida. Francamente, é demais.

Gilberto Freyre, pelo que transparece nos seus últimos escritos e conferências, é de certo modo um tradicionalista, que, como tal, tende a aceitar a evolução chamada normal das instituições sociais. Um tradicionalista, porem, no melhor dos sentidos, e nunca um reacionário. O reacionário é o individuo que procura conciliar um máximo de tradição como um minimo de mudança, enquanto Gilberto Freyre ao que parece, quereria, na posição original e digna que é a sua, usar um minimo de tradição num máximo de transformação, afim de que esta não desprenda o progresso social da sua base moral e histórica. E' o ponto de vista do homem que sentiu o estilo de uma cultura, o seu sentido histórico, e não quereria vê-la romper com esta matriz fecundante — memória identificadora que garante a continuidade e a personalidade.

Daí, por exemplo, a sua inegavel simpatia pelo cristianismo, ou melhor, pelo catolicismo, no que este realmente teve e tem de denominador comum na nossa evolução, de argamassa espiritual e vinculo efetivo.

Embora pensando sobre tudo isso de maneira bastante diversa do mestre de "Casa Grande e Senzala", compreendo a direção das suas idéias e reconheço o que há nelas de justo e, sobretudo, de sociologicamente viavel. Reconheço, mais que tudo, a sua intenção indiscutivel e já posta em prática de caminhar com o mundo para um progresso efetivo e real no sentido do reajustamento das relações sociais. Tenho a certeza de que Gilberto Freyre é um homem de vanguarda, conquanto nela ocupe uma posição pessoal e, até certo ponto, própria. Esta circunstância, que é de natureza a fazer levantar a orelha aos que só aceitam para o intelectual a posição arregimentada, em nada diminue o carater da sua atitude, e a prova mais evidente do que há de progressista e radical no seu último pensamento é justamente esse bote da Reação, que sabe sempre muito bem onde e quando atirá-lo.

Para as novas gerações brasileiras, Gilberto Freyre tem um significado impar. Quando nos abrimos para a vida do espirito, encontramos aquele acontecimento surpreendente que foi "Casa Grande e Senzala". A nossa curiosidade pelo passado brasileiro encontrou nesta obra o seu maior e melhor estimulante: a nossa concepção de história nacional organizou a sua primeira e nunca esquecida direção segundo as suas conclusões e as suas premissas. Quantos de nós não se orientaram na vida intelectual e nos estudos de acordo com as suas influências mais ou menos concientes? Quantos de nós não projetaram as suas casinhas grandes e senzalinhas quando chegou o momento da identificação definitiva ou da divergência teórica? A nossa vida intelectual está cheia de Gilberto Freyre, e Gilberto Freyre foi, por excelência, a nossa leitura brasileira.

Agora, que dez anos de atividade histórica e sociológica, estimulada em grande parte pelo seu exemplo, vieram modificar a nossa primeira impressão de descoberta, se impõe, mais do que nunca em relação à sua obra — dum lado, precisar a nossa posição ante ela; do outro, afirmar duma vez por todas, qualquer que seja o resultado deste reajustamento, a nossa divida de gratidão e a nossa crença firme na solidez e na sua elevação, porque ela permanece ainda a interpretação mais realizada da nossa história.

Se nos impõe, sobretudo, mais do que nunca, o movimento de cerrar fileiras em torno do seu nome, num protesto veemente contra a campanha e a perseguição de que vem sendo vitima. A inteligência é uma arma de combate e de adaptação ao meio — através da modificação deste pela energia criadora do espirito, e não pela acomodação às suas injunções, que por mais sérias que sejam, não são eternas nem justas. Os seus titulares, portanto, teem a obrigação de lutar quando for necessário, se opondo aos atentados que a querem diminuir. E' o que está fazendo Gilberto Freyre; é o que devemos fazer todos nós.

Ao lado de Gilberto Freyre, pela expressão livre do Espirito e contra a violência desesperada e final da Reação, é o lugar de todo intelectual que compreende o seu papel dentro da sociedade.

"O ROMANCE BRASILEIRO CONQUISTOU UM LUGAR DE DESTAQUE NO MUNDO"

Sobre a evolução da novela no Brasil fala à reportagem da "Folha da Manhã" o escritor José Lins do Rego

Encontra-se nesta capital, desde ontem, o conhecido novelista José Lins do Rego. Afim de ouvi-lo sobre a evolução da novela brasileira, suas tendências atuais e principais representantes, o reporter da "Folha da Manhã" procurou, no Hotel Esplanada, onde está hospedado, o escritor nordestino, que disse, de inicio:

— "A literatura brasileira, sobretudo a novela, há um século que começou a ter existência real. Iniciou-se com Teixeira e Sousa, em 1843. Um século, portanto. E é lamentavel que não tenha havido nenhuma comemoração dessa efeméride.

Foi um fluminense, contudo, Joaquim Manuel de Macedo, com o "Sargento de Milicias", que criou a novela na sua verdadeira tendência brasileira que é a procura de caracteres, fundando-se na realidade. Contemporâneo de Balzac, foi um "balzaqueano" sem ter conhecido, talvez, Balzac. Tem penetração, sem nenhuma espécie de deformação. Foi o primeiro romancista de análise da América, na sua verdadeira tendência que é a realidade brasileira. Saindo daí a novela é mais um cosmorama que uma pintura da realidade, como, por exemplo, com José de Alencar".

A EXPRESSÃO UNIVERSAL NO ROMANCE BRASILEIRO

— "Foi Machado de Assis que, sendo um artista, deu ao romance no Brasil expressão universal. Não é só um analista, mas um artista. E' um caso idêntico ao de Edgard Poe. No momento, se antecipa em requinte de arte e de sensibilidade ao seu meio e ao seu povo. Mas não quer dizer que não seja a expressão do seu povo. Refletiu a realidade brasileira da segunda metade do 2.o Império".

O ROMANCE MODERNO

— Sobre o que o romance novo adquiriu da expressão novelistica de um século — disse:

— "Tenho para mim que o romance brasileiro nos nossos dias conquistou para a América Latina um lugar de relevo no mundo. Isto decorreu, sobretudo, da força com que os novelistas brasileiros se deram ao trabalho de arrancar da terra e do seu povo as verdadeiras originalidades. O que a sociologia brasileira realizou, tomando os dados da nossa formação, desde origens remotas, até nossos dias, o romance fixou com o poder que tem a arte para adivinhar as essências das coisas".

A OBRA DE LINS DO REGO

— "Após dez anos de romance, eu posso dizer que, com o meu último livro, "Fogo Morto", eu imagino ter dado tudo que era possivel das minhas medidas de novelista. Eu sempre fui um escritor que nada mais quis ser que um instrumento oral de minha terra. Todos os meus romances foram como experiências que eu tentasse para conseguir isolar um tipo que pudesse viver independente de mim mesmo, de minha vida, de minhas preocupações, de minhas dores, de minhas alegrias. E parece que, por felicidade, ou por sorte, eu consegui atingir esta ambição. O Vitorino, o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o heróico Papa Rabo do "Fogo Morto", vive acima de mim, sobre os meus interesses e as minhas preocupações.

Hoje, eu posso dizer, com orgulho, que sinto que existe uma criatura que é muito mais que o escritor provinciano José Lins do Rego. O José Lins do Rego que morre de paixão pelo Flamengo e que parece a tanta gente figura superficial de literato, mas que, contando com a grandeza do Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, pretenderá um modesto lugar na galeria dos homens de letras do seu país.

Diga ao seu jornal que poderão destruir o literato mas que contra Vitorino Carneiro da Cunha eles não poderão. Meu amigo, de hoje por diante, eu conto com Vitorino para muita coisa. Com Vitorino Carneiro da Cunha ninguem pode".

A NOVELA CONTEMPORANEA

— "A novelistica brasileira dos nossos dias é vigorosa — acrescentou. E' uma literatura que tem existência real. Não precisa de proteção para ser conhecida em qualquer parte do mundo.

Vi, no Uruguai e na Argentina, a admiração que existe pelos novelistas brasileiros.

Uma literatura que conta com nomes como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Erico Verissimo, Marques Rebello, Rachel de Queiroz, Lucia Miguel Pereira, Oswald de Andrade, Gastão Cruz, Cyro dos Anjos, João Alphonsus, não precisa de maiores credenciais para se impor.

Literatura mais vigorosa na América só a possuem os Estados Unidos. Theodore Dreisser, Sherwood Anderson e John dos Passos, por exemplo, eu os considero como grandezas, em qualquer época do mundo" — concluiu José Lins do Rego.

Preços de ferro para concreto armado

Comunicam do Setor da Produção Industrial da Coordenação da Mobilização Econômica:

O sr. Coordenador da Mobilização Econômica designou os srs. engenheiros Plinio Branco, Oscar Costa e Miguel Siegel, para, em comissão, e no prazo de 20 dias, elaborarem parecer sobre o pedido, feito pelas firmas J. A. Aliparti & Irmãos, Usina Santa Olimpia e Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia para aumento da tabela de preços máximos de ferro da Resolução n. 34 do Setor de Preços da Coordenação.

A referida Comissão para desempenho de sua missão e de acordo com o art. 2 itens VI e VII, do Decreto Lei n. 4 750 de 28 de setembro de 1942 que mobiliza os recursos econômicos do Brasil, investigará o custo de produção das mencionadas industrias, afim de ser assegurada a justa compensação do capital invertido.

Só depois decidirá o sr. Coordenador sobre qualquer alteração da tabela da Resolução citada, que continua em vigor. Sobre a distribuição será posto imediatamente em execução um plano que garante o seu completo controle.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

CULTURA BRASILEIRA

I

Antonio CANDIDO

As publicações do Recenseamento Nacional de 1940 teem como introdução "A Cultura Brasileira", do professor Fernando de Azevedo, da Universidade de São Paulo.

Este livro ocupa uma posição simétrica à "Evolução do Povo Brasileiro", com que o sr. Oliveira Vianna introduziu às publicações do recenseamento de 1920, e esta simetria nos faz pensar no significado de ambos, e atentar para o espirito diferente que os anima — reflexo da própria personalidade e das tendências dos seus autores.

O livro do sr. Oliveira Vianna é uma obra em que a imaginação ocupa larga parte, fecundando o documento com o impeto das interpretações não raro arriscadas, procurando conformar a realidade a certos quadros teóricos, resultando uma coerência sedutora, quasi estética, dos pontos de vista do autor com os aspectos da realidade por ele selecionados. Foi, porisso, um livro que abriu caminho, levantando problemas e penetrando largamente no público leitor, alguns dos pendores do qual se sentiam agradavelmente afagados pelo arianismo, pelo senso de grandeza e pela tendência ordeiro-autoritarista, com que o sr. Oliveira Vianna tingiu um tanto irrefletidamente os seus estudos. A sua influência, não obstante, foi capital para os estudos brasileiros, permanecendo intacto o seu mérito de desbravador de muitos aspectos destes.

Vindo após vinte anos de estudos históricos e sociais no Brasil, o livro do sr. Fernando de Azevedo é completamente diverso. Embora escrito com a presença constante da sensibilidade e da simpatia criadora, reveste-se de uma objetividade bem mais acentuada e de uma fidelidade cientificamente escrupulósa ao documento. As suas conclusões — este, felizmente é um livro que conclue — brotam do rigoroso trabalho de pesquisa documentária e bibliográfica, à qual o autor nos dá a impressão, na grande maioria das vezes, de se ter dirigido com espirito desprevenido de pre-noções deformantes.

Vinte anos após a "Evolução do Povo Brasileiro" e quasi dez após "Casa Grande e Senzala", tem menos, como estes a caraterística da interpretação fundada num dado fator, necessariamente hipertrofiado, do que um significado de balanço, de fechamento das linhas de força da nossa atividade sócio-histórica.

O livro do sr. Fernando de Azevedo não é uma interpretação total da nossa evolução. Limita-se, no seu intuito, ao desenvolvimento da cultura no sentido tradicional do termo, assim definido pelo autor: "Entendemos por cultura, com Humboldt, esse estado moral, intelectual e artistico, "em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes".

Põe de lado, portanto, o conceito antropológico e mais moderno, que, aliás, expõe na sua discussão do conceito do termo.

Na definição de Humboldt, por ele esposada, não me agrada um adjetivo que teria razão mais plena de ser no tempo do sábio alemão, mas que, hoje em dia, não deixando embora de exprimir um estado de espirito corrente e até certo ponto util, me parece perigoso por muitas das suas consequências: *desinteressado*. Desinteresse, com efeito, significa uma concentração absoluta na ideologia — sentido marxista — de uma determinada época, podendo tal concentração perder de vista a finalidade social do pensamento. Se é desinteressado na medida em que se aceita a fundamentação infra-estrutural de uma ideologia.

Sob a pena do sr. Fernando de Azevedo, no entanto, a palavra tem uma nuança inconfundivel e uma certa tradição de combate, para quem conhece a sua obra e a sua ação de educador. Significa, num país como o Brasil, em que até há pouco tempo o estudo era um instrumento profissional imediatista e estritamente pragmático, o combate por tantos anos levado a cabo pelo autor, em prol do estabelecimento do espirito cientifico e da cultura despida da pele do circunstancialismo.

De acordo com a definição, portanto, o livro se ocupa da evolução das ideologias — instituições e crenças religiosas, vida intelectual, literária, cultura cientifica, cultura artistica — e a sua transmissão, ou seja o estudo dos processos educacionais e das instituições que lhes correspondem.

O autor, todavia, compreendeu que: "Era preciso, em todo caso, fazer entrar a cultura brasileira não só nos quadros sociais, econômicos e politicos do país, estudando-lhe os fatores e as condições especiais do meio, como no movimento geral da civilização do Ocidente, de que a cultura nacional não é senão uma das formas particulares". Porisso, fez preceder as duas partes do estudo da cultura (2.a) e da sua transmissão (3.a) por uma primeira, em que analisou o que chama "Fatores da Cultura" — país e raça, trabalho humano, formações urbanas, evolução social e politica, psicologia do povo.

Uma noção muito importante, que encontramos na introdução à obra, é a de defasagem (que o autor chama pela palavra francesa, mais precisa, de *décalage*) entre a cultura e a civilização. Enquanto a segunda, para ele, existe plena entre nós, no dominio da primeira há fenómenos de demora ou inércia cultural, manifestando-se pela falta de sincronia nas suas manifestações e pelo ritmo irregular do seu ajustamento. Como diz o autor, lacunas sensiveis se manifestam sobretudo nos campos filosófico e cientifico, que não acompanharam a marcha de outros, de maior tradição, como o literário e o artistico.

A explicação não é impossivel, e o autor a dá indiretamente na parte segunda, quando fala da ligação entre a escolha e a prática das profissões liberais e as exigências do meio social. Numa sociedade em formação, são sobre-estimadas as atividades que integram diretamente os quadros da vida social, e postas de lado as outras. O sr. Fernando de Azevedo assinala com razão que a nossa formação se carateriza por uma anterioridade do arcabouço juridico-politico, uma espécie de hipertrofia da forma sobre o conteudo se me permitem, devida em parte à trasladação dos quadros metropolitanos à colônia em formação. Para o direito e a politica, portanto, se dirigia a maior dose de valorização social, assim como para as atividades que as ornavam e realçavam, como a literatura. A ciência incipiente só se expande graças à tomada do poder pelas classes médias e o advento da República, com a *mise en valeur* das nossas possibilidades técnicas e industriais.

Parece-me plenamente aceitavel a interpretação do autor, que apenas menciono, sem descer à sua análise, e que precisa ser procurada pelos vários capitulos.

Quanto à debilidade do nosso pensamento filosófico, parece-me devido sobretudo à inexistência entre nós de uma classe dirigente suficientemente consciente e sobretudo, suficientemente sólida sobre o seu fundamento economico para criar uma atmosfera ideologica em que pudesse medrar a florzinha delicada da filosofia burguesa. Quem sabe na futura sociedade de cunho popular, que antevemos, surgirá a manifestação ideológica forte da nossa cultura robustecida?

No meio dos processos gerais que traçam a linha de orientação da nossa cultura, o sr. Fernando de Azevedo assinala, com justeza, os processos e os fatores de urbanização, dando-lhes uma importância que revela a sua compreensão do fenómeno.

Na urbanização, com efeito, vai buscar muitos dos fatores da nossa evolução politica e intelectual, ligados que são esses ao processo de estratificação social urbana e à definição de uma ideologia mais propriamente burguesa, que se afirma como antagônica ao feudalismo dos senhores rurais. E é essa urbanização vitoriosa no século XIX, que prepara a europeização das nossas idéias, o advento dos ideais democráticos — ligados às necessidades econômicas das classes urbanas — e o sentido litorâneo da nossa civilização.

Graças à bela análise do sr. Fernando de Azevedo, compreendemos o sentido da defasagem que indica na introdução, e que, como vemos, nasce da oposição litoral-interior, contradição histórica que forma a base da nossa história contemporânea e de cuja solução depende o nosso destino como povo.

Todos esses processos e diretrizes se refletem e se espelham nos processos e nas técnicas de transmissão de cultura, em que se vê a sua luta, o seu progresso ou o seu regresso. Na terceira e última parte do livro, portanto, é que se depreende o sentido da evolução cultural brasileira, o jogo dos fatores e das consequências, dos condicionantes e dos condicionados — resultando um corte vivo e orientador. Até aqui, o estudo da nossa história educacional não tinha sido feita com esse espirito, e ninguem tinha ainda tirado dela as consequências sociológicas e históricas presentes nas exposições do autor. Porisso mesmo, ela é, sem dúvida, sobre ser a mais original, a parte mais importante do livro. Sendo a educação um processo de integração do individuo no seu grupo, o seu estudo sociológico pode levar-nos, como nos leva com o sr. Fernando de Azevedo, a visões e interpretações altamente esclarecedoras do significado da evolução e do carater do grupo em apreço.

Deste livro, que se situa dentro da obra do autor como um coroamento e como uma retomada de quasi todos os seus temas, se desprende uma sugestão e um rumo. Sendo impossivel mencionar num só artigo os aspectos de uma e de outro, nos ocuparemos no próximo com um exame mais detalhado de alguns dos seus pontos.

---

(1) — *Fernando de Azevedo — "A Cultura Brasileira" — Introdução ao estudo da Cultura no Brasil — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica* — **Rio de Janeiro — 1943.**

... pneumáticos e câmaras de ar destinado [illegible] para os veículos registrados no país só será permitida mediante devolução de igual quantidade e pneumáticos e câmaras de ar usados, da mesma rodagem, de fabricação nacional. As câmaras de ar e pneumáticos adquiridos não serão objeto de comércio, cessão, transferência, venda ou empréstimo só podendo ser usados pelo próprio adquirente. Será, tambem, promovida a utilização racional de todos os artefatos de borracha no país.

As infrações ao presente decreto-lei e à sua regulamentação, que será feita dentro de 30 dias (contados de 18 do corrente), serão consideradas crimes contra a economia ou a segurança nacional, conforme se relacionarem com a produção normal ou bélica, ficando os infratores sujeitos às penas previstas nas leis vigentes, independentemente da apreensão da mercadoria.

*

Gasolina comum ou alcool motor — granel-tambores: — Belem (gasolina pura), 1,61; Manaus (gasolina pura), 1,65; São Luiz (gasolina pura), 2,27; Paraíba (gasolina pura), 2,24; Recife (90% de alcool), 1,99; Recife — interior (90% alcool), 2,04; Fortaleza (90% alcool), 2,60; Natal (90% alcool), 2,48; João Pessoa (90% alcool), 2,14; Maceió (90% alcool), 2,48; Aracaju (90% alcool), 2,57; Distrito Federal (gasolina pura), 1,60; Distrito Federal — interior (gasolina pura), 1,68; Vitória (gasolina pura), 2,12; Belo Horizonte (gasolina pura), 1,77; Paranaguá (gasolina pura), 2,05; Coritiba (gasolina pura), 2,13; Joinvile (gasolina pura), 2,12; Florianópolis (gasolina pura), 2,11; Bahia (55% alcool), 2,11; Santos — cidade (gasolina pura), 1,61; Santos — interior (gasolina pura), 1,66; São Paulo — capital (20% alcool), 1,72; São Paulo — interior (gasolina pura), 1,70; Porto Alegre (gasolina pura), 1,89; Pelotas (gasolina pura), 1,89; Rio Grande (gasolina pura), 1,89. Nas localidades supridas pelas cidades mencionadas, os preços serão acrescidos apenas pelas despesas de transporte. Nas localidades que possam ser supridas por mais de um dos centros de distribuição mencionados, prevalecerão sempre os preços que resultarem mais baixos.

Querosene — Granel — Tambores — Preços em cruzeiros por litro, de venda — Belem, 1,60; Manaus, 1,51; São Luiz, 1,60; Paraíba, 1,89; Fortaleza, 1,73; Recife, 1,38; Natal, [illegible]; João Pessoa, 1,37; Maceió, 1,37; Aracajú, 1,75; Distrito Federal, 1,33; Bahia, 1,61; Vitória, 1,40; Belo Horizonte, 1,32; Coritiba, 1,42; Santos, 1,19; São Paulo, 1,35; Porto Alegre, 1,40; Pelotas, 1,40; Rio Grande, 1,40. Nas localidades supridas pelas cidades mencionadas, os preços serão acrescidos da comissão de Cr. $ 0,10 e despesas de transporte, exceto nas supridas por Pelotas, Rio Grande, Aracajú e Paraíba, cujos preços serão acrescidos apenas das despesas com transporte.

Gasolina comum ou alcool-motor e querosene — Preços em cruzeiros de caixas de 37,85 litros — Belem, gasolina, 81,00; querosene, 66,00; Fortaleza, 111,10 e 80,80; Natal, 108,00 e 75,50; João Pessoa, 9,50 e 83,20; Maceió, 106,70 e 75,10; Salvador, 95,50 e 80,10; Coritiba, 95,80 e 83,10; Porto Alegre, 88,80 e 74,20; Florianópolis, 96,00 e 80,40; Recife, 98,00 e 86,00; Distrito Federal, 84,20 e 70,20; Belo Horizonte, 99,00 e 81,40; Vitória, 90,00 e 78,70; Santos, 88,40 e 71,00; São Paulo, 87,80 e 70,90; Manaus, 94,00 e 72,10; São Luiz, 97,80 e 84,00; Paraíba, 94,80 e 80,80; Aracajú, 109,30 e 73,90; Paranaguá, 96,80 e 81,20; Joinvile, 97,80 e 82,00; Pelotas e Rio Grande, 88,80 e 74,20.

Nas localidades supridas por Belem, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Salvador, Coritiba, Porto Alegre e Florianópolis, os preços serão acrescidos da comissão de Cr. $ 1,20 por caixa e despesas de transportes.

Nas localidades supridas pelas cidades de Recife, Distrito Federal, Belo Horizonte, Vitória, Santos e São Paulo, os preços serão acrescidos da comissão de Cr. $ 1,50 por caixa e despesas de transportes.

Nas localidades que possam ser supridas por mais de uma das cidades de Manaus, São Luiz, Paraíba, Aracajú, Paranaguá, Joinvile, Pelotas e Rio Grande, prevalecerão sempre os preços mais baixos. Quando a venda for feita só em latas, far-se-á o desconto de Cr. $ 6,50, Cr. $ 5,80, Cr. $ 4,70 e Cr. $ 2,30, respectivamente nas cidades supridas por Belem, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

*

Transmissões de imoveis

As transmissões de imoveis nesta capital, durante os dias 27, 28, 29, 30 e 31 do corrente, atingiram a importância de Cr. $ 29 930 830,77.



CONSTRUÇÃO, AQUISIÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PRÉDIOS PARA ESCOLAS E GRUPOS

TEXTO DO DECRETO-LEI REFERENTE AO ASSUNTO — CRÉDITO DE 60 MILHÕES DE CRUZEIROS

O sr. interventor federal assinou ontem o seguinte decreto-lei n.o ... 13 787, dispondo sobre construção, aquisição e adaptação de prédios destinados a escolas e grupos escolares no interior do Estado:

"Artigo 1.o — Fica autorizada a construção, aquisição e adaptação de prédios destinados a escolas primárias e a grupos escolares, no interior do Estado, mediante concorrência pública ou administrativa, ou por administração direta da Diretoria de Obras Públicas, da Secretaria da Viação e Obras Públicas, até a importância de Cr. $ 60 000 000,00 (sessenta milhões de cruzeiros).

Artigo 2.o — Para atender à despesa com a execução do disposto no art. 1.o fica aberto, na Secretaria da Fazenda, à Secretaria da Viação e Obras Públicas, um crédito especial de Cr. $ 60 000 000,00 (sessenta milhões de cruzeiros), com vigência por cinco exercícios, limitada a aplicação em cada ano à importância de Cr. .... $ 12 000 000,00 (doze milhões de cruzeiros).

Artigo 3.o — Fica a Secretaria da Fazenda autorizada a contratar as operações de crédito por igual valor ao declarado no art. 2.o, incluindo-se na receita orçamentária o produto dessas operações.

Artigo 4.o — Todo município beneficiado com a edificação escolar se obriga a recolher ao Tesouro do Estado 30 (trinta) quotas semestrais equivalentes a 1 0/0 (um por cento) do custo do imovel.

Artigo 5.o — Os municípios do interior consignarão em seus orçamentos verba para construção, adaptação, restauração, conservação e aluguel de prédios escolares.

Paragrafo único — Essa verba, nunca inferior a 10 0/0 (dez por cento) da porcentagem mínima destinada por convênio ao serviço do ensino primário, poderá ser aplicada, no todo ou em parte, no pagamento das quotas previstas no art. 4.o.

Artigo 6.o — Será considerado motivo de relativa preferência para a localização de escolas primárias e grupos escolares, a juizo da Comissão instituida pelo art. 13, a doação de terrenos de prédios ao Estado, para os fins deste decreto-lei, pelos municípios ou particulares, bem como a cooperação financeira que uns e outros se disponham a fazer para esses fins.

Artigo 7.o — Nenhum prédio poderá ser adquirido ou recebido em doação, para os fins do presente decreto-lei sem prévia audiência do Departamento de Educação e vistoria procedida pela Diretoria de Obras Públicas da Secretaria da Viação e Obras Públicas.

Artigo 8.o — As construções ou aquisições de prédios escolares se processarão de acordo com o plano rigorosamente organizado pela Secretaria da Educação e Saude Pública e aprovado pelo interventor federal.

Paragrafo único — Esse plano basear-se-á em informações de autoridades escolares, comprovadas por dados estatísticos submetidos à apreciação da Comissão instituida pelo art. 13.

Artigo 9.o — Da importância referida no art. 2.o "in fine", pelo menos Cr. $ 4 000 000,00, serão invertidos em construções de escolas isoladas comuns e escolas simples ou duplas, tipicamente rurais.

Artigo 10.o — A construção de prédios escolares, objeto deste decreto-lei deverá obedecer às disposições do decreto n.o 8 053, de 26 de dezembro de 1936, bem como aos projetos, plantas, detalhes etc. organizados e fornecidos pela Diretoria de Obras Públicas da Secretaria da Viação e Obras Públicas.

Artigo 11 — Os prédios destinados a grupos escolares em localidades de clima privilegiado deverão ser localizados e construidos de maneira que possam ser usados como colônia de férias para escolares.

Parágrafo único — Para os fins deste artigo, serão construidos no exercício de 1944, três prédios, localizados, respectivamente, em zona de clima de planície, marítimo e de montanha.

Artigo 12 — Para os efeitos do art. 1.o do presente decreto-lei, o Tesouro do Estado porá, mensalmente, no Banco do Estado de S. Paulo, à disposição da Diretoria de Obras Públicas da Secretaria de Viação e Obras Públicas, a importância correspondente ao doudécimo da verba prevista para cada ano.

Artigo 13 — Para orientar a integral observância deste decreto-lei, concernente ao serviço de construção, aquisição e adaptação de prédios escolares, fica constituida uma Comissão composta de quatro membros: o Diretor do Departamento das Municipalidades, o Diretor Geral do Departamento de Educação, um representante da Diretoria de Obras Públicas e mais um membro de livre escolha da Interventoria Federal.

Paragrafo único — O mandato da Comissão será de 3 anos, sem qualquer remuneração.

Artigo 14 — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

O MITO DA FORTALEZA EUROPA

Pelo Major Alexander P. de SEVERSKY

(Autor de "A Vitória pela Força Aérea")

(Copyright do "S.G.D.L." — Exclusividade da "Folha da Manhã" no Estado de São Paulo).

NOVA YORK, desembro.

Certos escritores militares ortodoxos acreditam que o Reich nazista, tendo perdido a iniciativa na guerra, pode decidir lutar defensivamente. A Alemanha encurtaria as suas linhas o quanto pudesse e se prepararia para um cerco prolongado. E a propaganda alemã aceitou esta suposição. A expressão "Festung Europe", que agora merece tanta atenção nas ameaças e nos álibis do dr. Goebbels, implica num cerco por detrás de muralhas inexpugnaveis. De acordo com a versão nazista, os sucessos do inimigo no Mediterrâneo e na frente russa ainda não abriram uma brecha verdadeira na Fortaleza, dentro da qual os alemães poderão lutar contra o mundo inteiro.

Esta idéia, contudo, nada mais é do que um remanescente do passado. Se o dr. Goebbels expressa séria opinião militar alemã em sua conversa sobre a "Festung Europe", tal opinião é tão estreita como a que afirma que os bombardeios estratégicos não são de valor militar. Mas tambem não é improvavel que a propaganda alemã difunda tal idéia para levantar o moral do povo germânico e abater o de seus inimigos.

Porque a verdade é que a força aérea pôs fim definitivamente ao conceito de fortificações inexpugnaveis. No tempo da guerra de superfície um paredão forte era o suficiente para deter o inimigo. A Linha Maginot é o último grande monumento daquela época. Desde o advento da força aérea, a muralha deixou de ser uma defesa suficiente. Tambem é preciso um teto, pois do contrário a destruição choverá sobre a área cercada.

A questão, portanto, consiste em saber se os alemães poderão prover a sua Fortaleza Européia com um teto aéreo defensivo. E' preciso saber se eles poderão estabelecer uma frente vertical. E a resposta é que não o podem. Os bombardeiros sempre furarão o teto, e dado que o atacante esteja senhor da força aérea adequada dos tipos exatos, um teto eficiente sobre a "fortaleza" é coisa impossivel.

Sempre foi sensato princípio militar o de que a defesa mais eficiente é uma ofensiva vigorosa. Na guerra aérea este princípio chega a ser uma lei na qual há muito poucas exceções. Para poderem ter a esperança de tornar a sua fortaleza verdadeira "Fortaleza", os alemães deverão destruir a presente superioridade aérea dos Aliados. Mas isto só poderá ser feito destruindo a ofensiva aérea em sua fonte, o que significa uma "ofensiva" contra os aeródromos, as fábricas, os reservatórios de combustivel e outras fontes de força aérea.

Há os que citam a Batalha da Inglaterra como exemplo da luta defensiva bem sucedida. A RAF derrotou a "Luftwaffe". Por que não poderiam fazer o mesmo os alemães?

Teoricamente, isto é admissivel. Praticamente, sabemos que a Batalha da Inglaterra foi única. A aviação atacante era tão deficiente que hoje nos admiramos da imbecilidade do marechal Goering. As ondas de bombardeiros alemães estavam virtualmente desarmadas; os caças ingleses estavam armados até os dentes. Era como que uma multidão de selvagens armados com arco e flexa contra um grupinho de civilizados armados de fuzis. Mais ainda: as idéias estratégicas alemãs na Batalha da Inglaterra foram falsas. Ao invés de atacar os pontos onde era forte o poder aéreo inglês, Goering martelou sobre populações sem teto aéreo.

Hoje não acontecerá o mesmo. Ambos os lados aprenderam muito da Batalha da Inglaterra. Nenhum dos dois lados poderá contar com erros decisivos de seus adversários. Tecnicamente, as forças são hoje mais ou menos equilibradas. Nestas condições não podem existir defesas inexpugnaveis.

A lógica da guerra aérea moderna compele-nos a uma conclusão especifica: se os alemães se entregarem a uma estratégia puramente defensiva, o seu destino estará selado. Os que ainda predicam a eficiência da luta defensiva, são tão anacrônicos como Cesar ou Napoleão.

Devemos ignorar esta fortaleza. Devemos continuar a bombardear as suas muralhas e destruir a base da força do "eixo", as suas fábricas, linhas de comunicação, etc. Quanto mais intenso e concentrado forem estes bombardeios, menores os sacrifícios que a vitória exigirá.

Mas devemos ainda lembrar que, do ponto de vista da velha estratégia da guerra de superfície, a Europa ainda é uma "Fortaleza". Se aceitarmos a ficção do dr. Goebbels, como o aceitam muitos comandantes aliados, então a ficção se tornará realidade. Então não lutaremos em termos aliados, mas em termos alemães.

Talvez existam fundamentadas razões politicas para a invasão da Europa ocidental. Mais de uma vez, nesta guerra, razões politicas teem vencido o bom senso militar. Por exemplo: a defesa da Bélgica e da Holanda era para os aliados uma obrigação politica, embora fosse inutil, como o provaram os fatos. O mesmo com referência à defesa da Grécia pelos ingleses.

Alem disso, os chefes militares supremos dos Aliados são hoje todos homens pertencentes à velha escola. E uma de suas obrigações é dar saida às quantidades imensas de produção bélica acumulada pelo governo. Tais homens lamentam que a força aérea não seja empregada como estratégia total, mas apenas como método de luta "extraordinário" que se acha em fase experimental. Estas e outras razões os impelem a vencer o inimigo à velha maneira, num ataque frontal e em avanço de milha por milha.

O ataque frontal já foi decidido na Conferência de Teerá. Exigirá um alto preço em vidas e material bélico. Os alemães retirarão e contrairão a sua fortaleza. A campanha da Tunisia, onde quasi tudo nos era favoravel, mostrou como é dispendiosa a luta de superfície.

Se a Alemanha repelir a grande invasão na costa ocidental da Europa, a causa aliada sofrerá rude golpe moral. Mas a Fortaleza Européia é tão acessivel como sempre à estratégia tri-dimensional. E então teremos que efetuar, depois de um dispêndio de vidas inutil, o tipo de guerra que agora está à nossa mão por uma simples decisão.

Se à custa de vidas sem conta, a Fortaleza for vencida, o mito da estratégia de superfície se perpetuará. Então os escritores militares e os generais afirmarão que esta guerra como a passada, foi vencida pela infantaria e pelos tanques. As nações vitoriosas continuarão a acumular armas de superfície, a despeito de elas se terem tornado em sua maior parte supérfluas, exceto em serviços auxiliares. Aí a história se repetirá tragicamente. Como a guerra passada terminou nas trincheiras, a França, nesta guerra, enterrou a sua vida numa super-trincheira.

Para os especialistas do ar, que veem a coisa somente do ponto de vista militar, sem considerações politicas, parece inteiramente desnecessário aceitar o conceito de fortaleza. Eles acreditam que a Alemanha pode ser vencida pelo ar, pelo bombardeio incessante e concentrado de suas fábricas, suas linhas de comunicação, suas reservas de combustivel, suas fontes de matérias primas, sua população civil. As forças de superfície poderão então entrar na "Festung Europe", mais como forças de ocupação do que como forças de invasão.

O preço da mistura gasolina-alcool e querosene

O Conselho Nacional do Petróleo aprovou e pôs em vigor a seguinte tabela de preços da mistura gasolina-alcool e de querosene, por litro, em cruzeiros:

Leiam a "Folha da Noite"

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

CULTURA BRASILEIRA

II

Antonio CANDIDO

Uma circunstância que desperta imediatamente a atenção é o que se poderia chamar de perfil genealógico do livro do sr. Fernando de Azevedo: à maneira pela qual ele se entrosa numa tradição brasileira de discursividade larga. — À tendência para o ritmo oratório enfunando os períodos e dispensando igual carinho à precisão do pensamento e à elegância da forma e das imagens. E' a tradição, vinda da literatura colonial, que assume os seus contornos mais nítidos e mais fecundos com "Os Sertões", de Euclydes da Cunha, e à qual não são estranhas as obras dos nossos sociólogos modernos — Oliveira Viana, com a sua propensão ao ritmo grandioso, um Gilberto Freyre, no qual ela se sublima, transformando-se e recebendo a contribuição da linguagem liberta.

Ainda quanto à composição e ao plano, o livro do sr. Fernando de Azevedo permanece dentro do quadro clássico dos estudos brasileiros. Como Euclydes da Cunha, como Sylvio Romero, ele começa por um bosquejo dos suportes físicos da cultura, fundamentando solidamente as conclusões — que se organizam no domínio da sociologia — por um estudo prévio seus fundamentos. Considerando-se, com efeito, nos fenómenos sociais uma parte que se poderia chamar de *adquirida* ou *cultural*, impõe-se a consideração prévia de outra, que a condiciona e fundamenta, que de certo modo é *natural*, no sentido de *dada* e, portanto, *estrutural* — a vida social se formando justamente das interações da estrutura e da cultura. São dados o elemento físico — meio geográfico — o biológico, e psicológico. Deles parte o sr. Fernando de Azevedo, tal critério fazendo com que a obra apresente uma grande coerência com o seu subtitulo: "Introdução ao estudo da cultura no Brasil". Um livro que introduz, deve com efeito ser um livro que inicia. Que passa necessariamente, portanto, pelos dados pobres os quais se elevam à cúpula da cultura. E' o que o autor analisa em alguns capitulos da primeira parte — "Os fatores da cultura" — passando das noções de ordem antropológica e geográfica a um ensaio de caraterologia do nosso povo e à sua evolução social.

Quando, no meu primeiro artigo, falei que o sr. Fernando de Azevedo se apresentava com o espírito quasi que totalmente desprovido de pré-noções, lembrava-me sobretudo, ao escrever o quasi, do seu capitulo sobre a psicologia do povo brasileiro, onde me parece que nem sempre conseguiu se afastar do convencional.

Os ensaios de caraterização psicológica são sobremaneira difíceis, sobretudo em países como o nosso, onde não foram feitos ainda trabalhos suficientes de psico-sociologia diferencial e onde, como lembra o autor, o sincretismo das origens é o cunho mais relevante. Daí o esquematismo em que geralmente temos de cair, generalizando certas convenções solidamente enraizadas, às quais o autor nem sempre soube ou quis fugir, como as relativas à nossa *bondade*, a nossa *generosidade* — conceitos vazios quando aplicados, do ponto de vista sociológico, a uma coletividade valvarizada em ilhotas dispares de cultura e niveis económicos.

Não obstante, a não ser a tentativa, que julgo mais feliz por mais prudentemente generalizadora, do sr. Sergio Buarque de Holanda, não me parece que se tenha feito, antes do sr. Fernando de Azevedo, uma tentativa de vulto nesse sentido.

No capitulo relativo à evolução politica, o autor historia as vicissitudes da nossa formação e o movimento pendular que nos leva do federalismo à centralização, concluindo que "a sociedade, agora (depois de 1937) centralizada, pois todas as sociedades centralizadas são igualitárias — evolue para o igualitarismo, impelida por grandes reformas sociais e económicas" (pg. 104) — e acrescenta em nota: "As sociedades evoluem para a igualdade, e depois da igualdade civil e politica, é reclamada sempre a igualdade económica; mas como já se constatou, todas as sociedades centralizadas são igualitárias e as mais igualitárias são as mais centralizadas (...) Legisladores ou revolucionários que prometem a um tempo a igualdade e a liberdade, de duas uma, lembrava Goethe: "ou são visionários ou são charlatães".

A minha única discordância com o autor está neste ponto. Quanto à primeira parte da afirmação, não me parece que se possa reduzir o problema à generalidade de que se reveste a afirmativa do sr. Fernando de Azevedo. Se temos observado em geral que, nas sociedades ocidentais, os períodos de igualitarização são precedidos por períodos de centralização autoritária, é preciso considerar que nem sempre estes preparam aqueles. E' preciso distinguir cuidadosamente, para diagnosticar o caso brasileiro — uma vez que nos fenómenos sociais formas semelhantes nem sempre definem conteudos semelhantes — a centralização autoritária que é uma necessidade de organização, de racionalização administrativa, ou de imperativo de justiça social, daquela que representa simplesmente um esforço de tomada de poder — as medidas centralizadoras nem sempre se distinguindo do desejo de perpetuação de uma classe, de um grupo, ou de um individuo.

Quanto à segunda parte, não creio que se possa, com o sr. Fernando de Azevedo, aceitar para o Brasil a frase goetheana, de que é necessário escolher entre igualdade e liberdade. A tendência brasileira, que se observa no decurso da nossa história, e que fica ressaltada pela própria análise que o autor faz no seu capitulo sobre a nossa psicologia, é justamente de admitir um máximo de igualdade dentro dum máximo de liberdade. E' notório o horizontalismo das relações do homem cordial brasileiro avesso à hierarquia e estratificações. E' notória a sua incapacidade de trabalhar num regime de opressão de classes, e a nossa grande chance histórica — ainda mais não tendo que ultrapassar, como não temos, o handicap colonial das castas — é de, à maneira de um México de Cárdenas, tentar uma democracia sem classes, baseada na economia planificada num sentido comunitário.

*

Estudados os fatores da cultura, o autor empreende o seu estudo na segunda parte, analizando a evolução das instituições e crenças religiosas (cap. I), da vida intelectual (cap. II), literária (cap. III), da cultura científica (cap. IV) e artística (cap. V).

Estes cinco capitulos são modelos de síntese, em que a massa enorme de informação é organizada num sentido de compreensão e de interpretação, notavel sobretudo no domínio pouco trabalhado da nossa história científica, de que traça um quadro seguro e sugestivo. E' notória a dificuldade de sínteses semelhantes, nas quais a concisão não deve prejudicar a necessidade de tudo expor, nem este descambar para o arrolamento. O autor vence da melhor maneira possivel essas limitações, condensando em juizos certeiros a sua experiência cultural, com aguda penetração histórica e sociológica.

Na terceira e última parte estuda a transmissão da cultura, e é nela sem dúvida que vamos encontrar a parte mais interessante do livro.

Como deixei assinalado no artigo anterior, é a primeira vez que a nossa história educacional é estudada como deve ser, isto é, sob o seu aspeto sociológico, compreendida como um feixe de processos sociais em interdependência com os outros e trazendo em si alguns dos aspectos mais caracteristicos da cultura.

O forte estudo do sr. Fernando de Azevedo gira, se assim me posso exprimir, em torno de um mecanismo de passagem: a do ensino de tendências aristocráticas, para o ensino de tendências democráticas. A análise desta passagem longamente preparada por capitulos anteriores, cujo sentido e cujo alcance descobrimos então, o autor mostra como se liga à desagregação do patriarcalismo, — ao qual se prendia o ensino jesuítico de humanidades clássicas, — e à solidificação das burguesias urbanas. Mostra como as "profissões liberais", concebidas a princípio sobretudo no sentido jurídico, acompanham o desenvolvimento da sociedade, diferenciando-se lentamente no seio da sua evolução o ensino científico, ligado a necessidades técnicas e industriais da burguesia imperial e republicana. Assinala o nascimento e a evolução do ensino técnico e profissional, sintomas da adaptação às condições sociais, e a decadência progressiva do espirito jesuítico de letras clássicas.

Através deste estudo, se desprende a concepção de ensino do autor, amadurecida longamente em anos de estudo e de incessante atividade, no desempenho de funções que sempre soube realçar pela sua infatigavel preocupação de tornar o ensino uma realidade viva e ligada às necessidades da sua época. Aliás, a fase contemporânea da nossa história educacional é em grande parte a história do autor que lhe tem dado o melhor da sua [illegible] de intelectual e de homem [illegible].

Para o sr. Fernando de Azevedo, o ensino [illegible], com a sociedade, para um novo humanismo, diferente daquele que constituiu por tanto tempo a base da cultura nacional produtora de juristas e "beaux-esprits". O processo de democratização do ensino importa numa revisão de valores, e numa aceitação do sentido novo da vida, todo ele concebido à luz das necessidades coletivas. Importa na cristalização de um novo "estilo" educacional que, respeitando as tendências e as peculiaridades da nação — em cujo carater próprio mergulha fundamente as raizes, — se alarga não obstante até o sentido ecuménico da vida moderna, dirigindo-se não mais às elites visadas pelo ensino clássico, mas aos homens tomados em todo, e aos seus problemas mais vivos e palpitantes.

A filosofia de educação do sr. Fernando de Azevedo, nascida evidentemente do desejo profundo de fazer a inteligência servir, no mais alto sentido do termo, se afirma neste livro com renovada segurança, fundamentada que é pela análise rigorosa e científica de toda uma evolução social e histórica.



Dois frutos colhidos de macieira em primeira floração, dotados de todos os caracteristicos do produto de primeira qualidade, devidos aos campos experimentais da Soc. Agricola Frutal Ltda.

SOCIEDADE AGRICOLA FRUTAL LTDA., Acedendo, declarou:

— "O sr. Luciano Poletti está realizando um trabalho notável para o país. A sua obra merece todo o amparo pelo govêrno e por todos. A SOCIEDADE AGRICOLA FRUTAL LTDA. é uma verdadeira escola de fruticultura, onde se observam trabalhos esplêndidos de fruticultura e fitotecnia. E' um campo experimental onde se notam profunda capacidade, senso prático e conhecimento das nossas necessidades. Tendo-se a muda preparada e selecionada não haverá dificuldade em dissemina-la por todo êste vasto Brasil. O trabalho realizado pelo sr. Poletti, é uma verdadeira obra de brasilidade" — concluiu.

"EM SE PLANTANDO NELA TUDO DÁ..."

Quando o automóvel iniciava a sua marcha de regresso a São Paulo, um dos presentes lembrou aquela frase célebre de Pero Vaz de Caminha: "a terra é dadivosa e boa. Em se plantando nela tudo dá..."

VIDA CIENTIFICA

SOCIEDADE DO SERVIÇO DO PROF. CELESTINO BOURROUL — Realizar-se-á no dia 24, às 16 horas, uma sessão ordinária com a seguinte ordem do dia:

Dr. Hortencio Medeiros Jr. — "Radiologia do duodeno".

Homenageado o sr. Nelson Fernandes

O sr. Nelson Fernandes, presidente da I.A.P.C., presentemente em S. Paulo, onde veio presidir a 5.a Convenção de Gerentes, foi ontem, no restaurante da Casa Anglo-Brasileira, homenageado com um almôço oferecido pela diretoria da Associação dos Empregados no Comércio.

Durante o ágape, que transcorreu num ambiente de cordialidade falaram, saudando o homenageado, os srs. Orval Cunha, vice-presidente daquela agremiação, e Nelson Fernandes, que respondeu agradecendo.

Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa — S. Paulo

As 2.000 vagas nos Cursos de Lingua e Literatura Inglêsa mantidos pela Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa — São Paulo, já estão quase preenchidas. Mais de 1.750 alunos se inscreveram. A maioria das vagas existentes são encontradas nas classes da manhã e da tarde. Quase tôdas as classes da noite estão completas. Tornou-se possivel entretanto abrir uma nova classe para principiantes das 19 às 20 horas não se podendo organizar outra a essa hora, devido à falta de acomodação. Os interessados em obter lugar nessa classe devem apressar-se em se apresentar na secretaria da Sociedade até 24 de fevereiro, de preferência durante a manhã. Horário do expediente, começando na quinta-feira, dia 24: — Todos os dias (exceto aos sábados de 9 às 11 horas e das 14 — 17 horas.

As informações poderão ser obtidas na secretaria da Sociedade, à rua José Bonifácio, 110 — 1.o andar.

Aliança Francesa

A Aliança Francêsa de S. Paulo prosseguirá em 1944 a realização do seu conjunto de cursos gratuitos e de manifestações destinadas a disseminar o conhecimento da lingua e da literatura francesa. As matriculas continuam abertas com franco êxito. Esses cursos capacitam os estudantes a obter um bom conhecimento do francês, tanto escrito como falado. Para os candidatos já possuidores de alguma noção do francês, há um exame de admissão antes de sua inscrição no ano correspondente aos seus conhecimentos. Este exame é gratuito e terá lugar no dia 4 de março às 14 horas.

O método adotado pela Aliança Francesa é o método direto. Os cursos são dados unicamente em lingua francêsa. Os livros da biblioteca são sempre ao dispor dos alunos e das pessoas interessadas na leitura de livros franceses.

Junto à Aliança Francêsa foi criado um Grêmio denominado "14 de Julho", composto unicamente de alunos dos cursos, que tem por fim, quanto à parte cultural, aproximar os professores dos alunos e desenvolver o gôsto pela lingua e civilização dos homens; quanto à parte recreativa, proporcionar festivais dansantes, excursões, etc...

A taxa de matricula pára quaisquer das séries da Aliança Francêsa é de Cr$ 60,00 (sessenta cruzeiros) por ano, sendo as aulas absolutamente gratuitas. A secretaria estará fechada segunda, terça e quarta-feira, devendo ser reaberta no dia 24 de fevereiro às 14 horas.

Todas as informações necessárias poderão ser obtidas a partir de quinta-feira, na sede da Aliança Francêsa, 56, rua Boa Vista, 3.o andar, das 14 às 17 horas.

PUBLICAÇÕES

MUSICAS DO CARNAVAL DE 1944 — Da Editora Litero-Musical Tupi Ltda., recebemos uma coleção de sambas e marchas que são as que melhor acolhida têm recebido de parte dos foliões. São êles: "O pato estrilou", "Haja pão", "Maria... de nada", "Vira, vira Maria", "Vem Maria", marchas; e, "Laura", "Maestro toque aquela", "Ela não quiz", "Chega" "Quero o meu pandeiro" e "Atire a primeira pedra", sambas.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

OESTE PAULISTA

Antonio CANDIDO

Em artigo sôbre a conferência do prof. Monbeig, tive oportunidade de dizer o que pensava dos detratores da sociologia — quase todos representantes notórios das fileiras da Reação. Esta corrente reacionária, que tem conseguido as mais ruidosas vitórias no terreno educacional, é responsável pela supressão dos cursos de Sociologia e Economia dos Colégios e pela campanha contra as seções de Ciências Sociais, nas Faculdades de Filosofia, das quais gostaria de vê-las, senão banidas — que para tanto lhes falta desplante — pelo menos apoucadas e dissolvidas nas seções de Filosofia. Contra esta Reação semi-triunfante entre nós, é que devemos lutar, numa época em que não se concebe mais que a juventude permaneça ignorante das realidades a que se dirigem as ciências sociais. No Brasil, é enorme a tarefa, não digo dos sociólogos, mas de todos aquêles que, responsáveis pelos destinos do país, estarão condenados às decepções do empirismo se não tiverem uma atitude conveniente para abordar os grandes problemas técnicos, politicos e sociais.

Estas reflexões são feitas a respeito do livro do sr. A. Tavares de Almeida, que, vindo da literatura juridica, estréia na sociológica com uma obra de primeira ordem pelo rigor do método e pelo espírito que a anima — obra que gostaria de ver nas mãos dos moços das nossas Universidades e dos nossos Colégios, êstes, parece, mais dirigidos agora para a maior glória do latim que para o conhecimento das questões fundamentais da sociedade em geral e da sua em particular.

"Oeste Paulista" (1) causa estranheza quando vemos que o seu autor é um advogado militante, com obras de direito publicadas. E' que no Brasil, embora devamos aos juristas contribuições das mais sérias para as ciências do homem (baste o exemplo do sr. Oliveira Vianna), o comum entre os cultores do direito e os seus profissionais é uma atitude totalmente falsa ante a sociologia. Fundados no seu titulo, os bacharéis em ciências juridicas e sociais pretendem conhecimento da matéria, de que não têm em geral mais do que algumas noções teóricas, quase sempre obsoletas e irremediàvelmente comprometidas por um conceito abstrato e teórico. Nada disso se vê neste livro, que repousa sôbre pesquisas cientificamente concebidas e dirigidas. Ao contrário do que ocorre com freqüência entre nós, o sr. Tavares de Almeida observa muito e apresenta muito trabalho prático antes de emitir conclusões modestas — atitude acessivel apenas aos estudiosos de boa qualidade.

*

"Oeste Paulista" é um estudo ântropo-social das populações da Alta Araraquarense, tomando Rio Preto como padrão. Devemos distinguir nele dois aspectos diversos: primeiro, um estudo demográfico; segundo, considerações de ordem cultural.

O estudo demográfico consiste na aplicação do método quantitativo de Mary Bloom Wessell, conhecido pelo autor através da divulgação feita em "Raça e Assimilação", pelo sr. Oliveira Vianna, para o estudo dos movimentos verticais de população. Esta parte é resultado da obtenção de indices demográficos por meio de médias aritméticas simples.

O autor não se ilude a respeito da precariedade das estatisticas de que dispõe o estudioso em Rio Preto como no resto do Brasil. Os dados de que lançou mão são os mais seguros de que poderia ter conseguido, pois que os levantou êle próprio, valendo-se do Registro Civil.

Notemos desde já a infelicidade de alguns dos seus critérios, no geral bons. Assim, como quando inclui nas tabelas aquêles agrupamentos que, por sua insignificância, não justificam generalização alguma e nem mesmo servem de ilustração, como quis o autor, que reconhece êsses fatos mais de uma vez. Deveria, êle, nesta hipótese quando muito ter organizado duas tabelas, uma relativa às amostras significativas e outra às não significativas, distinção que lhe seria fácil estabelecer pelo cálculo estatistico competente. Numa tabela como a da pág. 35, temos uma anomalia, a leitura sendo viável nos sentidos horizontal e vertical apenas até o primeiro quarto e, daí por diante, apenas no horizontal, desligando-se bruscamente da parte de cima. A lacuna é tanto mais grave quanto, a cada passo, o autor assinala que certos números que figuram nos quadros não permitem conclusões. São neles um pêso morto, com um valor estatistico puramente anedótico, no sentido próprio.

Entretanto, o sr. Tavares de Almeida, com uma compreensão justa do método que emprega, não se deixa levar pela aparência dos números, e os interpreta, comenta e esclarece à luz da realidade observada, afastando assim o perigo das generalizações errôneas e da perplexidade ante as contradições. Mas, uma vez que aplicou rigorosamente o método quantitativo me parece que poderia, em mais de um passo, em vez de vir a socorro dos números com o raciocinio discursivo ou a experiência, ter demonstrado a contradição e a lacuna por processos também quantitativos, viáveis em muitos casos do livro. E' relativamente simples, em estatistica, o cálculo dos erros pelo estudo dos afastamentos. Por outro lado, há casos em que seria aconselhável uma importância menor ao método quantitativo e um maior apêlo à observação qualitativa — em que pese a certos sociólogos que pretendem ver a sua ciência reduzida ao rigor impossivel e esterilizante no caso, das ciências exatas. Esta critica se aplica de maneira geral a todos os casos em que o autor estuda os indices de fusibilidade. Nesta questão, aliás, mesmo estatisticamente o autor foi sumário, porque há uma série de critérios mais amplos e mais expressivos que poderiam ter enunciados rigorosamente estatisticos, como todos aquêles que mencionaremos adiante, relativos ao estudo da aculturação, relegada pelo autor ao plano da simples observação empirica atual. E isso nos leva à critica mais geral que fazemos ao livro: o método Bloom Wessell, decalcado pelo autor no caso rio-pretano, é insuficiente para o estudo ântropo-social, valendo como introdução demográfica. Ora, o intuito do sr. Tavares de Almeida não foi apenas demográfico e de modo algum ântropo-fisico (ver pág. 34), mas, como diz o sub-titulo, o estudo da "experiência etnográfica e cultural".

A parte mais importante do trabalho do sr. Tavares de Almeida, no meu modo de ver, é a que compreende os capitulos sôbre o "Melting-Pot Rio Pretano" e "Os problemas da adaptação por etnias". Através do estudo dos diferentes indices e coeficientes, extraidos do recenseamento feito pelo autor de 1819 casais, vê-se que "O melting-pot" em Rio Preto, é, pois, representado por 52,05 % de 1 819 familias recenseadas. Ultrapassa metade do grupo colhido pelo censo, o que revela um rápido processo de fusão das etnias. A maior contribuição é a nosso que alcança 19,06 %. Segue-se a italiana, 16,55 %, acompanhada pela espanhola e pela portuguêsa. Os sirios oferecem baixo coeficientes, sendo o menor dentre os grupos de densidade apreciável na população". (pag. 57).

Este, portanto, é o quadro geral do problema e o próprio núcleo das considerações do sociólogo rio-pretano. Em seguida, é analisado o indice de fusibilidade, concluindo o autor que "o mais alto... é o da etnia portuguêsa" e que "o melting-pot" de Rio Preto oferece aspecto positivo, isto é, de tendência à fusão das várias nacionalidades que compõem a sua população" (pag. 59). Vêm depois o coeficiente de homogeneidade e o indice de fusão por geração. Comparando os seus resultados com os encontrados por Mary Bloom Wessell para New London, pondera que "a obra de hibridização, entre nós, se processa mais ràpidamente... Rio Preto dissolve, sem lentidão, os grupos alienigenas e os absorve com presteza" (pag. 93).

Quanto à adaptação por etnias, entendendo por tal maneira pela qual se adaptam os diferentes grupos étnicos ao seu novo habitat o autor a encara sobretudo no sentido bio-social, observando o comportamento demográfico pelo levantamento dos indices de fecundidade, esterilidade, longevidade, morbosidade. Conclui que a adaptação é boa, o ádvena encontrando no sertão paulista condições ótimas de existência, mesmo quando permanece estreme a pureza do seu sangue.

No tocante ao capitulo sôbre a adaptação por cores, sou ainda mais pessimista do que o autor quanto à possibilidade de dividir a população por cores, com base nos censos e no Registro Civil. Diz êle que "é preciso não esquecer que só o pardo escuro não se diz branco. Investigamos minuciosamente o caso e constatamos inúmeras declarações falsas. Meio-sangues e quadrarões, de nós conhecidos, todos fizeram, de seus filhos, brancos no Registro de Nascimentos" (pa. 127). De fato, a coisa é de tal modo que é quase impossivel trabalhar, como faz o autor, sôbre grupos denominados brancos, pardos, pretos e amarelos. A cor branca, no Brasil, tem um significado vastissimo, sendo um conceito puramente social, que não pode ser levado a sério nos quadros estatisticos. A discriminação da cor só se pode dar um valor de aparência — todo subordinado que é ao capricho fantasista para a analise quantitativa. Por isso, não posso deixar de aplaudir às reticências e ao cuidado com o sr. Tavares de Almeida aborda êste material "flou". Das suas pesquisas, conclui êle que a fusão das cores se opera amplamente, não havendo grupo refratário, e que a tendência do processo é para a fixação dum tipo de mestiço claro, à maneira do branco convencional a que chamamos *moreno brasileiro*, finalizando: "A tendência para o embranquecimento geral é irrecusável". (Pag. 154).

O fato do livro do Sr. Tavares de Almeida girar em tôrno do problema do "melting-pot". — peço-lhe licença para esta observação — como que o desequilibrou, por que numa obra de tal natureza, tudo encaminhava para o problema essencial da aculturação, processo de importância definitiva numa zona de intensa mistura racial e adaptação social como a do oeste de São Paulo. O autor lhe dedica, todavia, um capitulo escasso e meio arbitrário, no qual, afirmando a existência de uma variação cultural rio-pretana, não cuida de delimitar nem caracterizá-la como zona.

O estudo do *tempo* de fusão — a maior ou menor velocidade com que se dá o processo — tem interesse, em sociologia, sobretudo para o estudo da aculturação, que deve segui-lo. Considerados dois grupos em presença, há dois estádios extremos: aquêle em que o ádvena apresenta um maximo de ligação com a cultura de origem e aquêle em que se mostra totalmente assimilado. A aculturação é o conjunto de processos intermediário. O seu ritmo e a sua eficiência depende de certos fatores que o Sr. Tavares de Almeida não considerou devidamente. Varia conforme o "background" cultural do ádvena, a sua relação com o grau da cultura recipiente, o tipo de agrupamento segundo o qual se organiza, a natureza da residência (rural ou urbana), a proporção dos sexos nas levas, o seu grau de segregamento, etc. — fatores cuja consideração conduz a um conhecimento bastante satisfatório dos processos aculturativos, como mostrou Romanzo Adams no seu estudo sôbre o mestiço havaiano. Tenho a impressão de que o Sr. Tavares de Almeida teria tirado dêles um partido enorme, assim como do que se poderia chamar a "teoria do tempo de desagregação grupal", de Park. Para o caso brasileiro, é de suma importância determinar qual a aceleração dêste *tempo*, que deve ser suficientemente rápido para evitar o enquistamento e suficientemente lento para evitar os processos de desorganização da personalidade do imigrante. A êste respeito, Stuart e Merril têm páginas de grande interesse no seu livro sôbre desorganização social.

*

O Sr. Tavares de Almeida manifestou o seu desejo de ouvir "a lição dos entendidos". Creio que não lhe desagradarão as observações que, não como entendido, que não sou, mas como simples estudante e curioso de questões sociais, faço à margem do seu livro. Quero que veja nelas prova de admiração por uma obra que reputo de grande valor, já pela natureza do realizado, já, sobretudo, pela qualidade da orientação. Penetrando nos problemas sociais da sua zona, o Sr. Tavares de Almeida procura esclarecê-los segundo um critério profundamente humano, de quem quer fazer a ciência servir e ser um instrumento efetivo de construção da sociedade futura na qual todos esperamos. Diante dêste primeiro volume, é com impaciência que o leitor espera os dois anunciados, sôbre "a experiência camponesa" e "a organização de uma sociedade agrária" no oeste paulista. Tenho a certeza de que êste ciclo de obras, tão solidamente iniciado, será uma das contribuições mais importantes da jovem sociologia brasileira para o estudo da nossa sociedade rural e dos problemas politico-sociais que a caraterizam. Ao Sr. Tavares de Almeida caberá, talvez, a honra insigne de deslocar para o povo o acento, algo senhoril, com que os nossos sociólogos têm limitado às classes altas os seus ensaios de interpretação.

(1) — A. Tavares de [illegible] Oeste Paulista [illegible] ...ográfica e cultural — Alba Editora — Rio — 1942.

...stituto de Educação do Distrito Federal, que apresentou ao secretário daquêle órgão, dr. Guilherme de Almeida, suas sugestões relativamente à criação do Museu "Euclides da Cunha" na cidade de São José do Rio Pardo.

*

Empossado o novo diretor do Departamento de Serviço Social

Realizou-se ontem, às 10 horas, no gabinete do secretário da Justiça, a cerimônia da posse do sr. José Antonio de Paula Santos Filho no cargo de diretor-geral do Departamento de Serviço Social do Estado.

O ato foi presidido pelo sr. Marrey Junior, secretário da Justiça, tendo contado com a presença de numerosas pessoas. Ao dar posse ao novo diretor do referido Departamento, aquêle titular proferiu um discurso durante o qual abordou importantes questões relativas ao serviço social no Estado.

Falou a seguir o sr. José Antonio de Paula Santos Filho, que teceu oportunos comentários em tôrno das principais diretrizes que orientarão a sua gestão à frente do Departamento de Serviço Social.

*

A guerra em 2 de março de 1943

Avançam as tropas norte-americanas ao sul da Tunísia, ocupando a localidade de Sidi-Bouzid, nas proximidades do Passo e Faid. Depois de encarniçada luta nas ruas, as fôrças ítalo-germânicas são expulsas de uma aldeia ao norte do território tunisiano.

— Avançam sôbre Viasma e Briansk as fôrças soviéticas. Antes de iniciar o ataque a Smolensk, as tropas russas realizam amplo movimento envolvente na frente central. Do sul do lago Ilmen ao noroeste do Cáucaso, prossegue ininterruptamente a ofensiva moscovita. Os germânicos recuam na zona de Kharkov.

Necrologia

D. FRANCISCA IUSI TACITANO — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 60 anos de idade, a sra. d. Francisca Iusi Tacitano, viúva do sr. Miguel Iusi. Deixa os seguintes filhos: José, casado com d. Margarida Iusi; Luiz, casado com d. Clarinda Iusi; Maria, casada com o sr. Salvador Loiato; Rosa, já falecida, que foi casada com o sr. Antimo Biazi, e Pedro, solteiro. Deixa ainda vários netos.

O sepultamento realizou-se ontem no cemitério Chora Menino.

D. ANGELINA MEZZANOTTE — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 43 anos de idade, a sra. d. Angelina Mezzanotte, casada com o sr. Guerino Mezzanotte. Deixa um filho, Milton. A extinta era filha do sr. Francisco Muzaro, já falecido, e de d. Maria Muzaro. Era irmã do sr. João, casado com d. Cecilia Muzaro, e Rosa, casada com o sr. Antonio. Deixa ainda vários sobrinhos.

O entêrro realiza-se hoje, às 9 horas, saindo o féretro da rua São Vicente, 52, para o cemitério do Araçá.

D. MARIA BARBARA DE OLIVEIRA ENGELBERG — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 75 anos de idade, d. Maria Barbara de Oliveira Engelberg, viúva do sr. Evaristo Engelberg. Deixa os seguintes filhos: Maria Amalia, casada com o sr. Otto Frauendorf; Octavio, casado com d. Maria Conceição Engelberg e Boanerges, casado com d. Cyrene Engelberg. Deixa ainda vários netos e bisnetos.

O entêrro realiza-se hoje, às 9 horas, saindo o féretro do Hospital de Vila Pompéia (rua Desembargador do Vale, 900), para o cemitério da Consolação.

A familia pede não sejam enviadas flores ou coroas.

JOSÉ PASCARELLI — Faleceu ontem, nesta Capital, o sr. José Pascarelli, antigo comerciante, nesta praça. O extinto, que era filho do sr. Antonio Pascarelli, já falecido e da d. Angelina Labecca, deixa viúva d. Mathilde Lauletta e os seguintes filhos: Angelina, Vera e Newton. Deixa os seguintes irmãos: sr. Vicente Pascarelli, casado com d. Sarah Mammana; Miguel, casado com d. Edwiges Bontempo; Mariana, casada com o sr. Alcides Bartholometi; Herminia, casada com o sr. Alberto Fassnaro, e Francisco, solteiro.

Eram seus cunhados: Nicola Lauletta, casado com d. Rosa Nacarato; Desdemona José Lauletta, Rosa, casada com o sr. Amadeu Lancelotti; Mimi, casada com o sr. Henrique Fonseca.

O sepultamento realizou-se ontem mesmo no cemitério do Araçá.

D. GENEROSA JESUS SOARES DE OLIVEIRA — Faleceu ante-ontem, nesta Capital, aos 63 anos de idade, d. Generosa de Jesus Soares de Oliveira, viúva do sr. Antonio Soares de Oliveira. Deixa os seguintes filhos: Antonio, casado com d. Veronica de Oliveira; Manuel, casado com d. Alice de Oliveira; Olivia, casada com o sr. Belarmino de Castro; Isaura, casada com o sr. Pedro Baratella, e José, já falecido. Deixa ainda vários netos.

O sepultamento realizou-se ontem no cemitério da Quarta Parada.

SR. MASE BAMBERG — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 52 anos de idade, o sr. Mase Bamberg, casado com d. Irma Bamberg. Deixa os seguintes filhos: João, Oscar e Lothar.

O sepultamento realizou-se ontem mesmo.

ANDRÉ NOCERA — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 62 anos de idade, o sr. André Nocera, casado com d. Annita B. Nocera. Deixa um enteado: Themistocle Vicente Menghi, casado com d. Luiza Menghi. Era irmão do sr. Domenico Nocera. Deixa ainda vários sobrinhos.

O entêrro realiza-se hoje, às 15 horas, saindo o féretro da rua Costa Aguiar, 1.116, para o cemitério de Vila Mariana.

A familia pede não sejam enviadas flores nem coroas.

MENINO JOSÉ — Faleceu ontem, nesta Capital, aos doze anos de idade, o menino José, filho do senhor Augusto Rodrigues Soeiro e de d. Maria Corrêa Soeiro. Deixa os seguintes irmãos: Alfredo, Elizabeth e Maria Thereza.

O entêrro realiza-se hoje, às 15 horas, saindo o féretro da rua Capote Valente, 127, para o cemitério São Paulo.

D. TACLA ABDALLA — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 76 anos d. Tacla Abdalla, viúva do sr. Jorge Abdalla Trabulse. Deixa os seguintes filhos: Francisco, solteiro; d. Francisca, casada com o sr. José Pinto Alves; Camillo, casado com d. Rosa Hoesne; Adelia, casada com o sr. Pedro Barbosa de Moura e Felipe, solteiro. Era irmã de Assad Abdalla, casado com d. Curgie Haddad Abdalla; Assma, viúva do sr. Merched Miguel Ackel. Deixa ainda vários netos.

O entêrro realiza-se hoje, às 15 horas, saindo o féretro da rua Voluntários da Pátria, 2.105, para o cemitério do Araçá.

D. AVELINA DE OLIVEIRA SOUSA — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 47 anos de idade, d. Avelina de Oliveira Sousa, casada com o sr. João Rodrigues de Sousa. Deixa os seguintes filhos: Geraldo, casado com d. Lydia Santos de Sousa e Vicentina de Sousa.

O entêrro realiza-se hoje, às 15 horas, saindo o féretro da avenida Ipiranga, 952, para o cemitério do Araçá.

MANUEL MARIN PORTELLA — Faleceu na madrugada de ontem, nesta Capital, o sr. Manuel Marin Portella. O falecido, filho do sr. Manuel Portella Salgueiro, já falecido, e de d. Lydia Marin Portella, era casado com d. Gloria Portella e deixa cinco filhos menores. Era irmão de d. Esther Portella Pontes, casada com o sr. professor Deocleciano de Toledo Pontes; d. Aurora Portella Pires, casada com o sr. Armando Pires de Almeida; d. Alzira Portella Camargo, viúva do sr. Benedicto Martins Camargo; Waldemar Portella, casado com d. Almerinda Tambellini Portella; Euclydes Portella, casado com d. Braulia Camargo; Alcides Portella, casado com d. Diva Simi Portella; Lydia Portella Castro, casada com o sr. Mario Ferraz de Castro; Benedicto Carlos, Henedina e Oswaldo Marin Portella.

O sepultamento realizou-se ontem, às 17 horas, saindo o féretro da rua Frei Gaspar, 733, casa 1.

PROF. ANSELMO DE PAULA MONTEIRO — Faleceu ante-ontem, nesta Capital, aos 45 anos, o professor Anselmo de Paula Monteiro, casado com d. Isabel de Paula Monteiro e filho de Francisco de Paula Monteiro Junior e de d. Lydia de Paula Monteiro. O extinto era natural de Silveira e deixa os seguintes irmãos: José Francisco, José Patrocinio, José Geraldo e José Victor da Silva.

O entêrro realizou-se ontem à tarde, saindo da rua João de Moura, 1.238, para o cemitério do Araçá.

MENINA MARIA LUCIA — Faleceu ante-ontem, nesta Capital, a menina Maria Lucia, filha do dr. Vicente Di Bella e de d. Maria Bonacorso Di Bella.

O entêrro realizou-se ante-ontem, saindo da rua Mauá, 1.196, para o cemitério do Araçá.

MISSAS

DIA 7:

Na igreja do Carmo, à rua Martiniano de Carvalho, às 9 horas, missa de 7.o dia por intenção de Thereza Gomes Rosas.

DIA 10:

Mandada celebrar pela familia realizar-se-á dia 10 do corrente, nesta Capital, às 8 horas, na igreja de Nossa Senhora da Acheropita, à rua 13 de Maio, missa de seis meses, em sufrágio da alma da inesquecivel sra. d. Leticia Sonia De Simone.

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

O AGRESSOR

Antonio CANDIDO

A psicologia deu um largo avanço e ganhou extraordinário vigor no dia em que, deixando de limitar-se à análise introspectiva do indivíduo adulto, branco e civilizado, estendeu, o seu objeto à psicologia do animal, da criança, do primitivo e, sobretudo, do anormal. A psicopatologia permitiu construir teorias e determinar técnicas de pesquisas que levaram os estudos da vida mental a uma profundidade insuspeitada. Ora, neste terreno, como em muitos outros, a literatura teve uma espécie de premonição, compreendendo, antes dos filósofos e dos cientistas, que um estado mental fica singularmente aclarado se o pesquisarmos através de um caso anormal. Creio que o ponto de partida para o tratamento em ficção do comportamento anormal — não incluindo os esboços ocorridos na literatura francesa, no fim de setecentos — é o "Double", de Dostoievski. Ainda está por ser devidamente estudada a importância dêste livro e do estudo profético do desdobramento da personalidade de Goliadkine — sob o ponto de vista não só psicológico como social.

Ao lado da psicopatologia, veio também enriquecer o mundo da ficção —, acrescentando-lhe uma dimensão quase infinita — a entrada em cena do super-realismo, compreendendo por êste têrmo, não só a variação francesa do surrealismo, como todos aquêles processos literários consistentes em violentar a contingência física e romper o nexo lógico. Esboçados no populário de todos os países, cujas raizes mergulham no elemento mítico primitivo tais processos se exprimiram pela primeira vez plenamente com Lewis Carroll, nas suas obras primas: "Alice's adventures in Winderland" e "Through the looking glass".

O super-realismo é uma tendência irracionalista constante do espirito ocidental desde os fins do século XVIII, do movimento rosacrucista ao surrealismo, passando por Swendeborg, Blake, o espiritismo a teosofia, o simbolismo, as diferentes filosofias anti-intelectualistas. Corre paralelo com a crise dêsse espirito, desintegrado pelo individualismo burguês e, em seguida, pela crise do capitalismo.

Não sei qual o valor em si dêste movimento, nem o que trouxe de permanente para as artes, nas quais repercutiu tão fundamente. Não sei se a sua contribuição será rejeitada como deletéria por uma futura idade clássica. Sei que, com todos os percalços concomitantes, serviu, em literatura, para dar uma amplidão nunca sonhada aos meios de expressão e, portanto, para aprofundar muito o conhecimento de ordem literária. Serviu, sobretudo, como meio insubstituivel de expressão de alguns dos aspectos fundamentais de uma época de instabilidade e confusão dos padrões intelectuais e de conduta. Ao humanismo renascentista e, sobretudo, ao classicismo barroco, se opôs como manifestação antitética radical, em prolongamento à atitude romântica.

*

O sr. Rosario Fusco, cuja carreira literária se distingue pela variedade das suas produções, e que tem um lugar de monta na história do modernismo, acaba de publicar o seu primeiro romance (1), que pode ser classificado de surrealista.

Ora, como procurei indicar, o surrealismo, como os outros movimentos super-realistas, é índice de uma crise de evolução na história intelectual do ocidente. Como a cultura não consiste apenas num movimento de amadurecimento, mas também de contágio, o Brasil participou de certo modo da crise aludida. E, sobretudo, fêz gôsto em importar os sintomas tal e qual os encontramos pela Europa. Daí a atitude surrealista ser, entre nós, nas suas raras e imperfeitas manifestações ortodoxas, apenas uma atitude. O que há de fecundo e de permanente nas pesquisas do surrealismo francês encontramo-lo nos nossos grandes poetas, diluido na realidade mais autônoma da sua poesia. Realidade que não se nutriu apenas de uma dada atitude de espirito, mas de muitas — surrealismo e dadaismo franceses, expressionismo alemão, imagismo anglo-americano — filtradas e incorporadas à nossa própria realidade espiritual. No livro do sr. Rosario Fusco não encontro êsse processo de assimilação, mas sim um mecanismo mais simples de adoção de valores literários, uma tentativa de transplantar a planta estrangeira para terra pátria. Daí o caráter de exercício de composição literária que o livro assume. Exercício feito com inteligência e com engenho, que nos prende pela sua qualidade superior, mas exercicio, variação que não se apresenta integrada na nossa experiência brasileira, superfetação, numa palavra. Isso, me parece claro, porque a atitude intelectual do sr. Rosario Fusco, neste livro, é das tais que não levam à criação verdadeira, porque não representam uma problemática vital para a inteligência brasileira. No Brasil, o surrealismo, além de ginástica mental, só pode ser compreendido como uma contribuição técnica, nunca como uma concepção geral do pensamento e da literatura, à maneira por que é cabível na Europa.

Se tomarmos um livro de Kafka, "O Processo", por exemplo, classificado nos compêndios como expressionista, mas que é da mesma natureza do "O Agressor" — que, seja dito de passagem muito e muito lhe deve — reconhecemos imediatamente a sua legitimidade e a sua verdade. E' o livro de um pobre judeu checo filho de uma civilização milenar que se vê prêsa aos mais cruciantes problemas; cujos valores passam por uma revisão que Kafka, como os seus patrícios, sente no sangue, porque ela lhes arruina a vida e desequilibra de todo o meio social em que vivem. Sob o seu livro — e sobretudo sob "O Castelo" — serpeia uma metafísica do Inatingivel que é a própria razão de ser do seu surrealismo, ou expressionismo que seja, de europeu, dilacerado pela crise dos valores. No livro de um brasileiro, não poderá subjazer necessidade vital alguma de tal ordem, a não ser a titulo de abstração intelectual. Por isso, "O Agressor" dá a cada passo o sentimento de algum livro europeu traduzido pelo sr. Rosario Fusco, e não há negar que, assim visto, êle nos parece de muito boa qualidade.

*

O que há de extraordinário em certas obras surrealistas, assim como em certos poemas simbolistas ("Hyperbole de ma memoire..."), é a penetração da inteligência criadora no meio do caos da associação livre ou de alusão, a fim de organizar a experiência intelectual e afetiva, comunicada pela obra, num todo significativo, que se impõe. Assim são alguns contos de Antonio Pedro, é muito de Breton, são os chamados expressionistas alemães. Assim não é "O Agressor". O romance do sr. Rosario Fusco fica no estádio do mistério pelo mistério, uma vez que dêle não se depreende mais do que a evidência geral da ironia da sorte e da falta de significação da vida.

"O Agressor" se baseia, como livro surrealista que é, numa espécie de inversão dos valores, a ênfase passando para aquelas circunstâncias da vida colocadas normalmente em segundo plano. Se eu tomar na vida de um individuo as ações que tendem para um certo fim — como pagar o bonde assinar um papel, negar um cumprimento, comprar caramelos, dar esmola, hipotecar solidariedade etc, — e suprimir o seu alvo, ou seja, tirar às ações o seu conteúdo, eu as reduzo a formas vazias. Tomando-as, em seguida, e as associando conforme um nexo qualquer, elas se organizam segundo uma certa lógica do absurdo e acabam por erigir-se em arremêdo da existência real. Na sua caricatura. Às vêzes, indicando o seu sentido real, porque êste desvio da norma importa num esclarecimento maior da vida, que nos aparece então como podendo ser compreendida apenas por meio daqueles detalhes aparentemente de segundo plano. O mundo d'"O Agressor" é um mundo em que os móveis da ação são conhecidos por alguns, não por todos os seus sinais, que aparecem hipertrofiados, numa aposta com a vida cotidiana, uma tentativa de salientar aquilo que, visto de um ângulo normal, não passa de acidente fragmentário. Numa visão de tal categoria, que é de certo modo como a dos sonhos, toma grande importância o que se poderia chamar de teoria dos indícios. Ouvir um ruido semelhante ao miado dos gatos se transforma no romance em um acontecimento capital, que condiciona tôda uma parte da ação, porque para cada um dos três personagens envolvidos — David, Frans e Dona Frederica — a vida toma um sentido de acôrdo com a valor que atribuem ao miado. Tudo é indicio; se eu aceitar todos os indicios e os interpretar segundo a lógica das probabilidades, terei um mundo como o do "O Agressor", no qual tudo depende do que o individuo pensa ser. E dêste modo, num mundo em que o principio de causalidade tende a se dissolver na liberdade das associações, chegamos ao ponto crucial do livro, como de todo o surrealismo, que é o triunfo do relativismo, o homem se erigindo efetivamente em medida de tôdas as coisas e as coisas sendo aquilo que poderiam ser num mundo livre da contingência. Ao cabo do perfeito relativismo está o sumo individualismo, e nas raias dêste a ruptura da razão e da necessidade lógica. Como tôda atitude anti-intelectualista, o surrealismo, quando tenta organizar o mundo segundo o seu esquema, traz em si a sua própria negação.

Como disse acima, o super-realismo representa um dos momentos agudos da crise da consciência burguesa, desvairada ante o divórcio cada vez mais pronunciado entre as suas ideologias e a sua significação social. O romance do sr. Rosario Fusco, que se recomenda pela habilidade com que é arquitetado e conduzido, interessa na medida em que se coloca como uma ilustração desta crise, e como exemplo do que seja uma obra desligada do seu meio próximo, um jôgo desinteressado da inteligência.

---

(1) Rosario Fusco — O Agressor — Romance — Livraria José Olympio — Rio, 1943.

Restrição à circulação dos automóveis de aluguel

De acôrdo com a Portaria n. 15 do sr. secretário da Segurança Pública, baixada em 3 do corrente e publicada no "Diário Oficial" de 5, estão proibidas, "dentro do território do Estado, as viagens intermunicipais de transporte de passageiros, em automóveis de aluguel, quando houver possibilidade de serem elas feitas por meio de estradas de ferro ou por meio de linha regular de auto-ônibus.

Em casos excepcionais, porém, poderão ser obtidas licenças especiais, mediante comprovação na Diretoria do Serviço de Trânsito, em São Paulo, e na Delegacia de Policia, no Interior, quando serão expedidos "memoranduns", com a justificação da concessão.

Os municípios de Santo André, Guarulhos e Itapecerica são considerados como compreendidos dentro do de São Paulo e os de Guarujá e São Vicente como compreendidos no de Santos.

Os carros que usam gasogênio têm livre trânsito dentro do território do Estado.

Mais duas reuniões da jornada "O Brasil no Após-Guerra"

No dia 30 do corrente, no salão da Biblioteca Municipal, será realizada pelo Idort mais uma reunião da jornada "O Brasil do após-guerra". Pertence ainda esta ao ciclo de problemas econômicos, estando a conferência a cargo do sr. Theotnio Monteiro de Barros, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, que tratará do tema "Capital e trabalho". No dia 4 de abril, no mesmo local, o sr. Oswaldo Costa Miranda, diretor de Estatística do Ministério do Trabalho, fará uma conferência sôbre "Padrão de vida no mundo de após-guerra".

A Diretoria Regional do Idort em Recife ficou assim constituida: diretor, eng. Lauro Borba; vice-diretor, Milton Pontes, diretor-regional do Senai; tesoureiro, José Paulo Alimenda, industrial; secretário, eng. Lael Sampaio; diretor de estudos, eng. Caminha Franco. Desde o dia 1.o de março está ela instalada à Avenida Rio Branco, 193 — 2.o andar.

— Em Fortaleza, foi também organizada a Diretoria Regional do Idort no Ceará, da qual fazem parte as seguintes pessoas: diretor, José Pimenta Lyra, diretor do serviço de imigração; vice-diretor, eng. Antonio Urbano de Almeida, delegado regional do Senai; secretário, Antonio Fernando de Barros, funcionário da Viação Férea Cearense; tesoureiro, Paulo Avelar professor de contabilidade. O diretor de estudos será indicado pela Associação Comercial de Fortaleza.

— Iniciam-se no dia 23 do corrente, as aulas do Curso de Organização Regional do Trabalho. À rua da Liberdade, 470 continuam abertas as inscrições.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

UMA ESTRANHA RATOEIRA

Antonio CANDIDO

Estando eu à mesa, alta noite, olhando o céu preto pela janela aberta, a tentar escrever o meu rodapé, sucedeu-me uma aventura estranha e singular. Pela janela aberta da Torre entrou, não o Corvo, nem Lenora, mas um personagem de meio palmo, que pulou para a mesa, debaixo da lâmpada, como aquele Cadmo do "Jardim de Epicuro". O meu Cadmo, ou quem fosse, era barbudo e alegre, tal um anão de conto de fada, porem nada dizia, como o Pai do Poeta. Apenas sorria e me mostrava o fundo do capuz, que sustinha cortezmente com a mão direita, numa reverência graciosa e natural. Atentando para o lugar indicado, percebi qualquer coisa como um livro, mas tão pequeno, tão pequeno que caberia no côncavo de uma noz. Afirmei-me, mais e mais, com uma insistência de tal modo aporfiada que o livrinho foi crescendo, crescendo, até se tornar um grosso tomo, que avolumou sobre a mesa.

Encadernado em couro negro e lustroso, flexivel, apelando para o orvalho das unhas, nada trazia, no rosto ou na lombada, que pudesse servir de identificação. Voltei-me cada vez mais intrigado, para intimar o homenzinho a se explicar, e vi então que desaparecera. Olhei para todos os cantos e para a janela aberta, por onde entra o destino, fantasiado de corvo. Sumira. Pousei de novo o olhar no livro e lá as vi, claras, nitidas, douradas e permanentes. Sobressaltei-me e perguntei-lhes onde estavam antes, mas elas se limitaram a sorrir. Como as letras são teimosas, desconversei, preferindo obedecê-las. "Me leia". Li.

Li e aqui venho contar a ti, leitor, as coisas pasmosas, embora simples, que lá aprendi. Ou vislumbrei, — porque, à medida que lia, parecia-me que não era uma leitura, mas um sonho, uma fantasmagoria, uma atmosfera de encanto, como o sonho de Teodorico ou "A chinela turca" — em que as coisas são ao mesmo tempo claras e paradoxais. Escuta, leitor, o que dizia o livro.

*

O mundo é uma vasta ratoeira, fabricada em seis dias e mais um de quebra. Como a ratoeira é muito grande, daquelas de arame gradeado, que deixam ver mais coisa para alem, os ratos não conseguem perceber-lhe os limites e, não tendo ainda elaborado nenhuma ratoeirologia coerente, têm a ilusão confortadora da liberdade (sentimento râtocêntrico), que é o bem supremo e se chama, mais propriamente, ratidade. As relações entre os ratos eram muito confusas e tinham um sabor de acaso, de providencialismo, como eles diziam, por não gostarem de termos deprimentes, até que um grande rato cinzento descobriu que elas se explicavam por motivos queijais. "A maneira de comer o queijo e de dá-lo ou tomá-lo aos outros determina a côr do pelo, o comprimento do rabo e as relações ratais", — sentenciou o rato sábio. Isso foi uma bomba na Grande Ratoeira. Tudo virou de pernas para o ar e os camondongos começaram a se meter a sebo. Horrorizadas, as ratazanas aristocráticas diziam, enrolando magestosamente o rabo: "Baixam os muros e erguem-se os monturos". Parecia o fim do fim.

*

Para compreendermos o alcance desta bomba, é mister atentar para os problemas da ratoeira. Eram mais ou menos as seguintes as relações inter-ratais. Havia três tipos de ratos: camondongos, ou ratinhos; ratos médios, ou ratos e ratazanas, ou ratões, ou ratos de esgoto. Estes últimos, na linguagem dos eruditos, — pagos parcamente por eles, mas estraordinariamente subservientes, — se chamavam mus magnificus, havendo muitas especializações mus politicus, mus eclesiasticus, mus oeconomicus, etc.. O povo os conhecia por Dom Joões Ratoes, por causa de um deles, Adão dos mais, como diria o visconde de Castilho, morto afogado na terrina de feijão, ao arriscar a vida por um pouco mais de toicinho, no dia do seu casamento, atrás do dote de Dona Baratinha. E os grandes bardos cantavam: "Improbe pecunia; quid non ratalia pectora cogis!" Mas voltemos ao caso.

A ascenção na escala ratal se fazia do seguinte modo: um camondongo ou um rato que queria progredir, armava ratoeiras de mola, com um bom pedaço de queijo. Vinha um camondonguinho morder o queijo e... pá! O esperto saia da tocaia, escorchava-o, vendia-lhe a pele, armava de novo a ratoeira e fazia um discurso sobre o progresso que as ratoeiras de mola traziam para o país. Pele por pele, ia acumulando queijo. Quando possuia um enorme Prata, cheiroso e massiço, já tinha uma série de ratoeiras luzentes, era conhecido por capitão de ratoeira e virava comendador ou conde, por um fenomeno de mutação. Aí, podia aspirar às grandes aventuras ratoeirais, possuir belos camembert, roquefort saborosos, gorgonzolas. Nessas alturas fazia e desfazia os governos, proclamava independência de países, declarava guerras. Era um legitimo mus magnificus, de bigodeira basta e uma grande bagagem de serviços prestados à ratotividade.

A processo geral determinante desses fenômenos, os ratos-sábios denominavam "A mais queijia". Quando algum camondongo levantava dúvidas quanto à justiça do processo, os sábios, muito mal pagos pelos ratões, mas não de menos infinitamente sabujos, davam gritos agudos e invocavam a lei de bronze das ratoeiras, assim enunciada: "Uma ratoeira é ratoeira e não pode deixar de ser ratoeira per omnia saecula saeculorum amen porque si ratos não morrerem ratos não engordarem". Feito o que, e aprovados pelos congressos de colegas seus, cruzavam as patas sobre as panças e mexiam satisfeitos os rabos, acenando com as cabeças uns para os outros.

Os principios filosóficos que sustentavam esta lei inexoravel, assim como todo o sistema ratoal, eram dois: "livre ratoência" e "propriedade privada dos meios de queijoação". Segundo o primeiro, uma ratazana podia sapecar dez ratos e cem camondongos graças à posse dos segundos, isto é, as ratoeiras de mola. Estes principios, diziam os solicitos ratos-sábios, rufiando os rabos e sacudindo os pelos, eram "as pedras angulares da Grande Ratoeira e de todas as relações ratais", pois eram "conquistas imortais do liber-ratismo".

Os espiritos inquietos, porem, questionavam sempre quanto, senão a justiça, pelo menos a utilidade ratoal desse sistema e destas doutrinas. Não lhes parecia que devesse haver três graus entre a gente rata e que a pirâmide ratal, como diziam os socio-ratistas, devesse comportar um ápice de ratazanas com os bigodes gotejando o sangue dos camondongos da base. Porque não serem todos ratos? — diziam eles. Rato = rato = rato!

Os doutores retorquiam, com muitas finuras e desmesurada argúcia, que tal não podia ser. Um deles chegou, mesmo, sob o aplauso unânime dos seus confrades e as palmadinhas de amizade dos ratões, a formular uma lei da "circulação das ratites", para provar que havia necessidade natural da jerarquia. Dizia o seguinte a lei deste notavel rato-sábio: "Se ratazanas não comerem ratos e ratos não comerem ratinhos, ratinhos não serão comidos por ratos nem ratos por ratazanas, quia est absurdum, porque neste caso os avestruzes não poriam mais ovos". Foi um delirio. Fizeram festas em toda a Grande Ratoeira e o eminente rato-sábio foi condecorado com a ordem do Feixe de Varas, no grau de Grã-Cruz.

Muitas outras leis se fizeram, todas bem recebidas pelos ratões, que pouco se incomodavam com o que elas diziam ou deixavam de dizer, contanto que justificassem as ratoeiras. Foi o caso de um famoso rato-sábio, situado a noroeste do primeiro, que descobriu a "lei da divisão do trabalho ratoal", assim rezante: "Os camondongos devem ficar onde estão, porque senão onde ficarão os ratões?"

Estas leis todas eram guardadas na Arca de Aliança, precioso receptáculo existente no Templo da Jurisratência. Os guardas da Arca eram os mais gordos e mais bem pagos dentre os ratos-sábios, e se chamavam os jurisratões. Viviam com o pêlo luzente, ocupados em aparar as unhas, ver os rabos no espelho e pintar os bigodes, todos acompanhando com interesse conspicuo e sôfrega atenção as experiências do professor Voronof.

Eis senão quando, um outro rato-sábio, muito mais velho que os dois citados, colocado ao norte do primeiro e a leste do segundo, ranzinza, malcriado, desrespeitoso, havia ameaçado toda essa festa, feito tremer a pirâmide e desconjuntado a Arca ao descobrir a verdadeira lei da mais queijia, que segundo ele assim se enunciava, com uma eloquência aterradora, cortante como uma lamina de gilete: "A mais queijia é igual à menos camondonguia e os avestruzes que vão botar ovos no raio que os parta". Para que todos entendessem bem (porque ratos e ratões são duros de entendimento e só à bruta percebem as coisas), fez com esta lei uma bomba e jogou-a na Grande Ratoeira. Donde o estouro mencionado acima. Houve pânico, porque os camondongos começaram a dizer: "Mais queijia à custa do meu pêlo e que não, violão". Fizeram-se preces públicas, pois os druidas-ratões diziam que isso era o fim do mundo, por causa dos pecados. Debalde os ratões disseram aos ratinhos: "Ordem! O-r-d-e-m! que é a base da ratoeira. Vocês não passam de mus musculus, enquanto nós somos mus decumanus, mus norvegicus. Ordem!". Como ninguem escutasse, mudaram de tom e começaram a falar macio, mencionando o "justo queijario", segundo o qual se devia dar aos camondongos o direito de espernearem um pouco antes de morrer. Falaram de "cooperação estreita entre a ratoeira de mola e o respectivo ratinho", o que era esquesito. O Grande Druida Ratão chegou a escrever uma carta, "De ratus novatus atque de sacus de gatus", em que dizia mais ou menos o seguinte: "Ratões: só mesmo dando um pouco mais de queijo, senão vamos todos à garra. Aliás, o justo ratário é uma velha teoria nossa". Apareceu tambem a doutrina do néo-liber-ratismo, e se fundaram muitas creches e muitas gotas de leite.

Quem sofreu muito com isso foram as artes e as letras. Os ratos artistas deliquesceram, começaram a ter vômitos e foram todos, como protesto, para a Torre de Ratim, que era no outro mundo. De lá começaram a cantar cantares mui doces, dizendo que não valia mais a pena viver numa ratoeira em que não se podia mais matar camondongo, e que tinha acabado o ratismo, condição de toda arte verdadeira. Os druidas-ratos pregavam paciência aos ratões, dizendo que mais sofrera Judas, tio de ambos. As ratas explicavam que não era por nada, mas nem dava gosto respirar o mesmo ar que a camondongada. Porque não é que não precise melhorar um pouco as coisas que há mesmo muita injustiça, mas a sra. vê, antigamente eram só familias conhecidas, e se podia ir numa casa de chá. Deus manda a cada um na medida em que pode suportar, e todos nós sofremos tanto...

E o trovão ia aumentando pelas cidades alem, e os ratões, pálidos, bradavam: são os ratinhos que vêem!...

*

... "London bridge is falling down, falling down, falling down..."

*

... que vem de onde? Sacudi a cabeça, assustado eu tambem com o trovão. A minha frente (eterna história), nem livro nem anão. Apenas papel branco e lâmpada. Abacaxi ao jantar? Outra história como a da Chinela Turca? Não sei. Só faço contar-te o caso, leitor, lavando as mãos ante as suas incoerências e obscuridades. Se é que o são.

EXPRESSIVA HOMENAGEM PRESTADA AO SR. CARLOS DE SOUSA NAZARETH

Como decorreu o almôço oferecido ao superintendente da Comissão de Abastecimento de S. Paulo — Os oradores

Centenas de pessoas se reuniram ontem nos salões do Clube Germânia para participar do grande almôço oferecido ao sr. Carlos de Sousa Nazareth, presidente da Bôlsa de Mercadorias de S. Paulo, pela sua atuação como superintendente da Comissão de Abastecimento de São Paulo. Aquela manifestação de aprêço compareceram figuras da mais alta expressão nas classes produtoras paulistas, notando-se a presença na mesa principal, ladeando o homenageado, os srs. Francisco D'Auria, secretário da Fazenda; major Silveira do Prado representante do general comandante da 2.a Região Militar; Brasilio Machado Netto, presidente da Associação Comercial de São Paulo; Flavio Rodrigues, presidente da União dos Lavradores de Algodão; Cecil Cross, cônsul geral dos Estados Unidos; R. T. Smallbones, cônsul geral da Grã-Bretanha; J. J. Cardoso de Mello Netto, professor da Faculdade de Direito; Ary Frederico Torres, da Coordenação da Mobilização Econômica; João Milliet Filho, representante da Comissão de Abastecimento do Rio de Janeiro; Arthur Loureiro, presidente da Bôlsa de Cereais; Pedro Candia, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários; João Gonçalves Netto, presidente do Sindicato dos Condutores de Veiculos Rodoviários; Decio Ferraz Novais, vice-presidente da Associação Comercial; José Garibaldi Dantas, chefe do Serviço de Economia Rural em São Paulo. Ocupando as dez mesas perpendiculares à principal, reunindo um total de mais de quinhentas pessoas, viam-se diretores de quase tôdas as entidades de classe de São Paulo e do interior, notadamente das associações comerciais das principais cidades paulistas, registrando-se a presença de numerosas delegações.

DISCURSOS DE SAUDAÇÃO

Saudando o sr. Carlos de Sousa Nazareth, falou inicialmente o sr. Pedro Candia, da Comissão Organizadora, que enalteceu a ação do homenageado à frente do Serviço de Abastecimento em São Paulo.

Fez-se ouvir, em seguida, o sr. Milton Lamprota, que em nome da Comissão Organizadora, justificou a homenagem que no momento se prestava, concluindo por afirmar que o sr. Carlos de Sousa Nazareth, pelos seus serviços em prol da coletividade, se tornou credor do reconhecimento geral.

OUTROS ORADORES

Fizeram ainda uso da palavra os srs. Francisco Malta Cardoso, em nome dos lavradores; João Gonçalves Netto, em nome do Sindicato Condutores de Veiculos Rodoviários; Francisco Ximenez, em nome da Bolsa de Cereais de São Paulo; Gustavo Doria, representante da Associação Comercial de Campinas e major Silveira do Prado.

AGRADECIMENTO DO SR. CARLOS DE SOUSA NAZARETH

A seguir, o sr. Carlos de Sousa Nazareth pronunciou o seguinte discurso de agradecimento:

"Meus senhores.

Sem necessidade de restabelecer confrontos, posso afirmar, de coração aberto que nenhuma das homenagens até hoje por mim recebidas, graças à generosidade e ao alto espírito de fraternidade de meus patrícios, tanto me penhorou e tanto me comoveu quanto esta que de vós recebo neste instante.

Sinto perfeitamente que desejais demonstrar, de público, e por intermédio de minha modestíssima pessoa, a vossa exata e clara compreensão dêstes dias atormentados, que vivemos, e o vosso espírito de cooperação, a tolerância em face da terrível empresa que tentei realizar. Não posso por isso deixar de declarar, também de público e ao apêlo das necessidades públicas e ao apêlo principalmente dos humildes, que são "tantos a dar tanto a tão poucos", não assiste a ninguém com alguma representação social, o direito de negar-se a servi-los e muito menos, a assistir de longe, confortavelmente, a tragédia dos que só tem para comer hoje o produto do suor que lhes caiu ontem da face. Ao assumir a direção da C. A. E. S. P., sabia perfeitissimamente que só obstáculos encontraria, e que contra as medidas que tomasse em prol do povo, se ergueriam, na sombra e nos bastidores, já se vê, as investidas venenosas dos que sempre acham pouco o que muito ganham. Disposto a cumprir meu dever, sinceramente disposto a servir aos que sempre me serviram e que são quase sempre os desvalidos fiz o que pude e com imensa boa vontade, embora na complexidade da emprêsa, muito pouco pudesse. De que essa capacidade e essa boa vontade foram percebidas pela gente desta nossa terra aqui está a prova mais eloquente e insofismável, nessa homenagem que se presta ao homem que apenas procurou manter o equilíbrio entre as

LIBERDADE E RESTRIÇÃO

As restrições impostas durante as grandes guerras, como a atual, às liberdades cardiais não são criação do espírito, nem desejo deliberado dos governos democráticos destruirem, por suas próprias mãos, o edifício tão pacientemente levantado por gerações inteiras. São imposições da própria luta. Não se estabelecem medidas de racionamento, de tabelamento de preços, nem se limitam direitos antigos no campo dos negócios e da produção, só pelo prazer de criar dificuldades. Essas providências decorrem da guerra e objetivam, além do seu escopo fundamental de contribuir para a vitória final, outro não menos importante que é de amparar as necessidades das classes mais numerosas, as grandes massas, geralmente menos protegidas em períodos dessa ordem do que as menos numerosas, porém, mais fortes econômica e financeiramente.

Assim se explica como os países mais tradicionalmente democráticos, como a Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos, depois de experimentarem, na guerra atual, como funcionaria o regime da liberdade de distribuição e de preços, de tal maneira se alarmaram com os perigos da inflação decorrentes dessa liberdade, que não hesitaram em abrir um parêntesis em suas convicções e princípios, estabelecendo regulamentação rígida no mundo dos negócios e da produção. Em notável artigo divulgado há pouco tempo por uma das mais prestigiosas revistas norte-americanas, o senhor Chester Bowles, chefe do "OPA", repartição incumbida nos Estados Unidos de controlar os preços e a distribuição dos produtos básicos da vida interna do país, explicou com a clareza e a objetividade particulares aos homens da administração norte-americana a absoluta impossibilidade de deixar a vida econômica do país, a "frente interna", sujeita, como nos períodos de normalidade, às retrações e dilatações da lei da oferta e da procura. País extraordinàriamente dotado de fôrças de produção, o americano médio, o homem da rua, pela confiança irrestrita em sua terra não levavam a sério a possibilidade de um dia ter de se racionar a sua alimentação e vestuário. Ninguém, antes do ataque japonês a Pearl Harbor, acreditaria na necessidade de se estabelecerem cupões de racionamento, de se limitar a venda de pneumáticos e eliminar a carne totalmente da mesa das famílias norte-americanas durante alguns dias da semana. Quando, porém, os preços começaram a subir e quando a verdadeira extensão da guerra começou a ser sentida e compreendida pela nação, não se hesitou um só instante, e, o contrôle das atividades internas, o racionamento e o tabelamento, medidas antipáticas ao povo norte-americano, como a qualquer nação verdadeiramente democrática, passaram do terreno das hipóteses para o campo frio da realidade.

Manter o equilíbrio dos preços, limitar-lhe a alta exagerada, a fim de impedir, por outro lado, as constantes e necessárias reivindicações de salários das classes trabalhistas; garantir o suprimento de massa gigantesca de alimentos e outros bens essenciais não sòmente aos milhões de homens que ingressavam nas fôrças armadas norte-americanas, atender às enormes necessidades das populações das regiões ocupadas e à procura não menor das nações aliadas em luta, tudo isso foi uma tarefa que os homens de govêrno dos Estados Unidos se impuseram, abrindo mão, por algum tempo, do livre jôgo das fôrças econômicas. O racionamento e tabelamento dos preços foi, portanto, em tôda a parte, uma imposição inevitável da guerra. Não é uma providência, nem uma política para destruir as classes conservadoras, nem para asfixiar as leis do mundo de negócios. E' uma medida, para manter o equilíbrio dos preços, para impedir a luta desenfreada pelas mercadorias cada vez mais escassas, luta de que inevitàvelmente resultaria a inflação tremenda dos preços, mais ruinosa às classes numerosas, por serem as de menor poder aquisitivo, do que às classes mais ricas e menos importantes numèricamente.

Não agem, pois, contra as grandes liberdades humanas, aquelas liberdades básicas mencionadas na Carta do Atlântico, quantos, nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Canadá e no Brasil, empregam seus esforços, dedicam suas energias e inteligência à tarefa que sem dúvida é ingrata, mas necessária, de distribuir, com a parcimônia imposta pela guerra, os bens tornados escassos. Não agem contra o povo, quando racionam e tabelam os preços, mas sim a valor dêle, porque se de outra maneira não o fizessem, mais prejudicado seria a gente humilde, os milhões de consumidores que teriam de sacrificar até os alimentos essenciais, por não poderem acompanhar, na luta desenfreada decorrente da falta de contrôle, a alta ascencional dos preços. Em última análise quem lucra com tudo isso é o próprio país, seja economicamente, seja socialmente. Os economistas norte-americanos calcularam que, devido ao contrôle dos preços nos Estados Unidos, só economizou o govêrno, com as cotações equilibradas dos produtos adquiridos para a guerra, cêrca de 67.000.000.000 de dólares, soma verdadeiramente fantástica, que teria sido solicitada de outra forma da bôlsa dos contribuintes. O custo da vida subia na Inglaterra antes dessa providência a uma proporção tão alarmante que algum tempo após a declaração da guerra, já os índices gerais acusavam aumento de 28 por cento, a mesma coisa acontecendo no Canadá, onde houve uma alta de 15; os norte-americanos, depois de ano e meio de tateamentos, em que o custo da vida começava a demonstrar sinais inquietadores de alta, adotaram o princípio do tabelamento e racionamento a que se deve a manutenção razoável do custo da vida, e em certos casos até a redução de preços médios de muitos setores de interêsse da massa consumidora.

A POLÍTICA DO EQUILÍBRIO ECONÔMICO ENTRE O CAMPO E A CIDADE

A muita gente poderá parecer que tudo quanto se relaciona com o contrôle dos preços dos artigos mais necessários à subsistência, visa beneficiar o consumidor das cidades, em detrimento do produtor agrícola. O tabelamento dos preços seria assim uma arma das cidades contra os campos. Não há êrro mais palmar do que essa afirmativa. Não é possível que os dois grandes grupos econômicos de sua nação — a cidade, como símbolo da vida industrial e o campo, como símbolo da vida rural possam se beneficiar, por largo tempo, de medidas que só pudessem interessam a um dêsses setores. Se os preços obtidos para o consumidor forem mais baixos do que o nível justo, a lavoura reagirá inevitàvelmente, deixando de produzir aquilo que não lhe oferece margem razoável de lucro, capaz de garantir-lhe um padrão decente de vida. De outro lado, quando os meios rurais conseguem, por pressão política ou por outras formas, elevar exageradamente os preços dos seus artigos básicos, as cidades reagem, como é natural, com o aumento dos salários, e em consequência sobem os preços das utilidades e dos artigos manufaturados consumidos pela própria lavoura. O lucro dêste ou daquele grupo, em tais casos apenas aparente e transitório, nenhum grupo econômico pode atravessar as dificuldades dimanantes da guerra à custa de outro. O fardo da luta é um encargo pesadíssimo que só a coletividade poderá suportar.

Da mesma maneira como nos dias atuais não é mais possível admitir-se a florescência pródiga do individualismo, também não se admitiria, por inócua, nenhuma política baseada em privilégios de grupos econômicos. Estamos numa época de justiça social, em que os direitos de vida decente e da meios de remuneração adequada ao trabalho não podem mais ficar limitados a êste ou aquêle campo de atividade, mas deverão estender-se uniformemente, criando o equilíbrio econômico, que é sinal de vida e fôrça, de estruturação nacional, de tranquilidade social, de segurança material, de saúde nacional. O tabelamento dos preços não é uma arma das cidades contra os campos quando o nível ajustado permite aos lavradores auferir compensadoramente, isto é, produzir com lucro. Uma das grandes falhas que espero seja remediada quanto antes pelos poderes públicos é estabelecer-se por inquéritos e pesquisas minuciosas o custo da produção dos gêneros de primeira necessidade e dos produtos que interessam às cidades e à coletividade, para se poder tabelar os preços, em emergências como a que atravessamos, sem os riscos de [illegible] produtividades ou os perigos de patrimônios injustos. O preço dos produtos agrícolas deverá ser o que, além de cobrir o verdadeiro custo da produção, permitir margem justa e razoável de lucros, sem a qual não haverá expansão da produção.

A DISTRIBUIÇÃO INEFICIENTE E ENCARECIMENTO DA VIDA

O nosso sistema de transportes é ainda deficiente, mesmo em Estados como São Paulo, onde a rêde ferroviária e rodoviária já atingiram certo grau de desenvolvimento. Nos demais Estados, onde alguns produtos são básicos para a subsistência das populações nacionais, como o sal no Rio Grande do Norte e o açúcar em Pernambuco, em alguns dêsses Estados a cabotagem foi sempre o grande e mais barato meio de transporte. E' fácil compreender-se a dificuldade de transportar êsses produtos, numa época agitada, como a atual, quando em alguns meses, os portos estiveram virtualmente bloqueados e quando grande número de vapores foram desviados dêsse intercâmbio para necessidades urgentes da guerra. Mesmo dentro de São Paulo, a distribuição ineficiente gera escassez local, ainda que pouco mais adiante haja abundância de determinados produtos. E' o que ocorreu no ano passado, quando os gêneros de primeira necessidade se deterioraram em alguns pontos do Paraná, em nossas fronteiras, enquanto escasseavam na Capital bandeirante. Dessa distribuição falha gerou-se o desequilíbrio desmoralizador dos preços. Onde havia abundância e falta de transportes, as cotações caíram a limites tais que não pagavam aos lavradores as despesas de exploração e onde rareiavam, pela mesma causa, os preços subiram verticalmente, rompendo algumas vezes os "tectos" estabelecidos pela Comissão de Abastecimento, e determinando essa corrida para as mercadorias escassas, através do "mercado negro", de que só se beneficiam as classes mais ricas, as que são e representam numèricamente a minoria da população. A falta de transportes adequados foi, portanto, em certa parte de nossos trabalhos, uma das causas reais do encarecimento da vida. Não faço, porém, nisso críticas às nossas ferrovias. Sabemos de suas dificuldades, como falta de material rodante, combustível, locomotivas, trilhos e material elétrico para complemento de grandes obras já iniciadas. Quem analiza o volume de transportes realizado por elas há de convencer-se de que não estão aquém dos anos mais satisfatórios de épocas normais. Nenhum sistema ferroviário ou rodoviário poderá resistir à pressão dos embarques precipitados, em prazos relativamente curtos, como os exigidos pelos gêneros de primeira necessidade, quase sempre produtos deterioráveis. E' necessário modificar essa situação, pela criação de armazens reguladores, nos pontos estratégicos e adequados do Interior do Estado, armazens que sejam a um tempo os reguladores da distribuição da produção, por prazos mais dilatados, e por outro os imunizadores dessa mesma produção. Não é possível guardar-se por muito tempo aquilo que se estraga com facilidade, a não ser dotando os pontos onde as mercadorias se concentram, de elementos suficientemente adequados para sua imunização, em bases econômicas, isto é, em condições de preços e tempo razoáveis, a fim de não onerarem pesadamente os gêneros de primeira necessidade, quase sempre de baixo valor unitário. Esses armazens poderiam ser construídos pelas próprias estradas de ferro, nos pontos previamente aprovados pelo govêrno, a fim de permitir maior celeridade nas obras e melhor adaptação às necessidades do Estado. Assim fazem as estradas de ferro norte-americanas, com a reprensagem do algodão, em grandes usinas por elas mantidas, localizadas nas principais cidades ou centros de concentração algodoeira. Quando os produtos da terra puderem ser guardados com essa segurança, não haverá mais a disparidade de preços de regimes anteriores, porque a própria concorrência dos comerciantes será a grande arma de estabilização e melhoria de cotações. Com a melhor distribuição dos transportes, com a imunização em larga escala, no Interior, desaparecerá a necessidade de vendas precipitadas. Os lavradores serão fôrças de estabilidade e equilíbrio, porque sabendo de que vão necessitar, apressam-se, levando ao mesmo tempo aos mercados do Interior o resultado de suas colheitas. A distribuição ineficiente não decorre apenas da falta de transportes do Interior para os grandes centros, mas em muitos casos, de outros embaraços dentro das próprias cidades. As feiras-livres foram, sem contestação, um grande passo para pôr em contacto mais direto o produtor e o consumidor, reduzindo os preços dos gêneros de primeira necessidade, sem baixá-los a limite prejudicial à produção. Essas feiras-livres podem ainda ser melhoradas, com a distribuição dos produtos das grandes cooperativas agrícolas como há pouco tempo foi iniciado em São Paulo. Nem sempre o lavrador individualmente pode comparecer ao mercado de consumo. A teoria da especialização também se aplica à lavoura. Ou bem se produz, cuidando da terra, ou bem se vende nos mercados de consumo o que se colheu. Quando o lavrador não pode colocar diretamente a sua produção, por falta de oportunidade, tem nas cooperativas a grande válvula, a excelente oportunidade de vendas diretas aos centros de consumo.

A POLÍTICA DOS PREÇOS MÍNIMOS DOS PRODUTOS DA TERRA

Não há mais quem negue a vantagem e a necessidade de se garantir à lavoura um "plafond" um preço mínimo para suas principais formas de exploração agrícola. Essa política tem dado extraordinários resultados nos Estados Unidos e em nosso meio. Cabe incontestavelmente ao govêrno atual o mérito de ter dispensado, pela primeira vez em nossa história, com o financiamento do algodão, nas bases já conhecidas, êsse preço-mínimo dentro do qual a produção se desenvolve, com segurança, sem tempo de que o plantado hoje, em condições tentadoras de cotações, possa ser vendido amanhã a preços de miséria.

Para atender realmente às necessidades do meio econômico a política dos preços-mínimos não poderá e nem deverá aplicar-se a alguns produtos, mas estender-se a todos. Com critério, teríamos em nosso meio dois grupos de atividades agrícolas — lavouras protegidas, ou pelo menos garantidas por financiamento amplo, e lavouras abandonadas à lei da oferta e da procura sujeitas aos azares das flutuações de preços. E' claro que a maioria dos lavradores se desviaria inevitàvelmente para o grupo dos produtos chamados protegidos, reduzindo ou até abandonando o outro setor, cujas mercadorias são também essenciais à subsistência das populações e ao equilíbrio econômico nacional. Não é da hipertrofia dêste ou daquele setor da economia agrícola que se necessita, mas da boa contribuição das lavouras, de maneira a obter-se o abastecimento das necessidades básicas do país em condições de preços remuneradoras para os lavradores. A segurança dos preços-mínimos extensiva pelo menos aos principais produtos da terra aliada à construção dos armazéns reguladores e imunizadores serão as duas grandes armas capazes de garantir não só o equilíbrio da economia agrícola, como sobretudo das massas consumidoras das cidades.

SUBSÍDIOS A EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

As atividades industriais são defendidas em nosso meio, de longa data, pelas tarifas aduaneiras, à cuja sombra prosperaram tornando-se assim fatores extraordinários de nossa riqueza. A lavoura nem sempre tem recebido essa assistência. E' chegado o momento de dar-lhe o que necessita, isto é a garantia de preços, como as indústrias possuem a garantia dos mercados e do trabalho, pelas tarifas aduaneiras. Muitas são as sugestões que nesse respeito se fazem, algumas impraticáveis em nosso meio, por falta da necessária documentação estatística, outras cópias de países mais evoluídos que certamente aqui só se poderiam aplicar com dificuldades.

Há casos em que a elevação dos preços agrícolas seria desastrosa à vida das cidades, ainda que justificada pelo aumento do custo da produção rural. Não seria prudente elevar-se êsse nível, encarecendo perigosamente o custo da vida dos consumidores. A teoria do subsídio aparece nesses casos como a única solução plausível. Se ficar provado de que é necessário pagar-se preço elevado para determinados produtos da terra e dos campos, sem agravar-se a vida das cidades, não há outra saída, senão conceder-se à lavoura subsídio razoável, capaz de permitir-lhe interessar-se pela exploração dos artigos julgados indispensáveis à subsistência das cidades ou das fôrças armadas do país. Não é outra coisa o que se vem aplicando nos Estados Unidos, no Canadá e na Inglaterra, após ter-se tentado tudo quanto se poderia imaginar. O subsídio foi o único meio de reconciliar os interêsses básicos do campo e da cidade.

A COOPERAÇÃO INDIVIDUAL E OS PROBLEMAS DE ABASTECIMENTO

Êsses são alguns dos problemas comumente ligados ao abastecimento das populações. Acima de tudo é indispensável aceitar-se como princípio a estreita harmonia entre os interêsses das classes produtoras e consu-



Aspecto do almoço em homenagem [illegible]

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

ANTOLOGIAS

Antonio CANDIDO

Falando das antologias alexandrinas, os historiadores da literatura se referem à sua ocorrência como a um fenômeno de esgotamento literário, os seus autores procurando reunir em florilégios, diluindo-as, aquelas grandes obras do passado que não podiam produzir mais e que um público enervado não conseguia mais acolher na sua forte integridade. Os amantes do raciocínio analógico podem partir daí a fim de apreciarem a cogumelação de seletas, característica do nosso tempo, que, pelo seu amor à especialização e pela perda de contacto entre os vários setores da sua cultura, já foi taxado de alexandrino. Não nos aventuremos por essas questões perigosas.

A antologia pode ser um instrumento de extraordinário valor cultural se o seu autor estiver capacitado do caráter de iniciação que ela deve assumir. A antologia pode ser um instrumento de abaixamento do nível mental e de corrupção do gôsto se fôr apresentada como leitura suficiente por si só. Do ponto de vista da cultura popular e escolar, não há dúvida que a antologia se justifica e, mesmo, se impõe uma vez que, através dela, é possível travar os primeiros contactos com os autores e com a literatura.

Para ser realmente eficiente, é preciso, antes de mais nada, que as peças ou trechos selecionados sejam amostras significativas da obra ou do autor. Daí, a incontestável superioridade das antologias de poesia sôbre as antologias de prosa, porque nelas é possível fazer com que o leitor entre em contacto com vários poemas de um mesmo autor, publicados na íntegra. O critério de determinação do que seja uma amostra literária significativa depende de uma série de qualidades de gôsto e de compreensão, nem sempre encontráveis nos antologistas. Acontece, não sei por que mistério sutil que os antologistas são sempre, literariamente falando, reacionários. Talvez no intuito muito louvável de dar ao povo aquilo que êle já consagrou. Me parece, todavia, que o verdadeiro antologista é aquêle que procura colocar o seu leitor numa atitude ativa de quem vai recrear o trecho apresentado, e não de quem o aceita passivamente, com o automatismo com que aceitamos quase sem pensar o "Alma minha gentil que te partiste" ou "Ora direis ouvir estrêlas".

E, assim, somos levados a distinguir dois tipos de antologia: as ativas e as passivas. Em relação às primeiras, pode-se quase falar de método antológico em literatura, consistente em usar as coletâneas literárias como estímulo para a capacidade de penetração. Para isto, é necessário em geral uma contribuição inteligente em notas e observações, assim como uma disposição mais sugestiva do que a cronológica. A antologia cronológica visa o contacto de leitor com autor, quando é de se desejar, sobretudo, o seu contacto do leitor com o próprio assunto da antologia; poesia, história, ficção. No campo da poesia, onde as seletas são mais legítimas e mais eficientes, não é difícil exemplificar o que venho afirmando.

Como exemplos de boas antologias passivas, basta citar as que o sr. Manuel Bandeira fêz para o Ministério de Educação e Saúde. Nelas, o poeta procurou dar o maior número possível de poemas de cada poeta, evitando assim o maior perigo das antologias, que é, devido ao número reduzido de peças, apresentar apenas alguns dos aspectos de um poeta. O mesmo não observamos na sua recente "Obras primas da lírica brasileira", (1), em que a multiplicidade dos autores apresentados forçou o antologista a uma restrição dos poemas, com evidente prejuízo do significado da obra dos seus autores. Dentro do critério clássico, cronológico, é preciso um tacto bem grande para não mutilar a apresentação de um poeta. Ha poetas de que basta citar uns dois ou três poemas para dar uma idéia mais ou menos certa da sua poesia. Exemplos: Casimiro de Abreu, Augusto Frederico Schmidt. Outros, em compensação, pela sua versatilidade ou pelo constante evoluir da sua poesia, só podem ser compreendidos através de um número de produções, bastante grande para sugerir os seus múltiplos aspectos. Exemplos: Gonçalves Dias, Mario de Andrade e o próprio sr. Manuel Bandeira. Antologias passivas de primeira ordem, são também as da série "Oxford", para poesia inglêsa. Ainda em poesia da língua inglêsa, as de Louis Untermeyer.

Dentre as antologias que chamei ativas, bem mais raras e, em português, inexistentes, notem-se a de Max Eastman, parte integrante do seu "Enjoyment of poetry", e, sobretudo a admirável "Reading Poems — An Introduction to critical study" (2), de Wright Thomas e Stuart Gerry Brown. Esta antologia, para a qual chamo vivamente a atenção dos leitores interessados em poesia inglêsa e norte-americana, merece uma apresentação detalhada, porque a propósito dela pode-se realmente falar em método antológico.

*

Os seus poemas são dados na íntegra, sem cortes de espécie alguma (inclusive poemas da extensão do "Hyperion", de Keats, com cêrca de 900 versos, e a "Vision of Judgement", de Byron, com mais ou menos 850). Não são agrupados em ordem cronológica, mas, conforme os gêneros, em partes, que se subdividem em grupos, segundo o critério de afinidade de forma ou conteúdo. E, finalmente (nisso consiste o maior interêsse da seleta), os poemas vêm sem o nome do autor, que o leitor só encontrará nas notas finais do livro.

Dizem os autores que se dirigem àqueles que "desejam desenvolver as aptidões necessárias à leitura inteligente dos poemas", e como acham, com tôda a razão, que não existe a *poesia*, mas os *poemas*, preferem que os leitores se concentrem num poema sem nenhum *parti pris* ou pré noção, inevitáveis quando se conhecem o autor e a época. Dêste modo, o leitor se colocará em estado de virgindade intelectual — se me permitem — ante os versos, sem saber se são de Shakespeare, ou Spenser, ou Ben Jonson, ou Marlowe. Receberá do poema sugestões num estado tanto quanto possível desligadas de deformações e poderá se iniciar, realmente, na verdadeira leitura poética. Cada parte e cada grupo é precedido por um comentário tendente a guiar a leitura, e cada poema, pelo nome do autor e pela data com ou sem comentários, conforme a necessidade. Tudo isso é claro, em notas finais, às quais o leitor só se deve dirigir depois de prolongado contacto com os poemas.

Estes, em número considerável (301) se ordenam dos mais facilmente compreensíveis aos mais difíceis, que requerem um grau considerável de atenção, de participação afetiva e intelectual, para serem plenamente apreciados. O último é o famoso "Waste Land" de Eliot, que os autores consideram como um teste definitivo de compreensão da poesia. São as seguintes as partes que compõem a antologia: 1.a Poemas líricos; 2.a Sonetos; 3.a Poesia dramática e narrativa; 4.a Poemas satíricos; 5.a Poemas pastorais; 6.a Poemas de *serious wit* e simbolismo; 7.a Poemas de experiência religiosa (no sentido largo). Há ainda uma oitava parte em que se estuda, pela comparação dos textos, a criação dos poemas; uma nona, formada pelas notas, e mais uma décima, que é um ensaio sôbre a leitura dos poemas, tudo finalizado por um apêndice sôbre versificação inglêsa. A primeira parte se subdivide em vários grupos, compreendendo poemas que tenham entre si afinidades e analogias. Há o primeiro grupo de poemas sôbre a morte, o quinto, de poemas de amor, o terceiro, compreendendo poemas construídos em tôrno de certas imagens nucleares, o nono, de poemas referentes ao sentimento do mundo moderno etc.. Uma parte larga é consagrada aos poetas contemporâneos, coisa rara nas antologias, sempre conservadoras. Assim é que podemos ler poemas do grupo de poetas esquerdistas inglêses, que começaram a publicar por voltas de 1930 e que se encontram em plena atividade: Cecil Day Lewis, Wystam Hugh Auden, Louis Mac Neice e Stephen Spender.

*

Destinadas ao público de uma determinada época e feitas segundo um determinado critério de seleção, as antologias, de um modo ou de outro, refletem o gôsto literário da época ou da corrente a que pertencem. Do ponto de vista da história literária, são admiráveis pontos de reparo para o estudo da evolução do gôsto. Nas antologias de língua inglêsa é interessante acompanhar o destino de poetas como Blake, Keats, Shelley, Byron. Em relação ao primeiro, só o vamos encontrar nas antologias dêste século, da mesma maneira que o velho poeta metafísico Donne, esquecido por quase trezentos anos para alcançar, nos nossos dias, um prestígio e uma voga absolutamente de primeira ordem. Houve tempo em que Byron era o pivot dos poetas românticos nas antologias. Lembro-me agora de uma delas, curiosíssima sob êste ponto de vista. Desgraçadamente esquece-me o nome do autor; é do último têrço do século passado e o leitor pode se orientar a respeito dela com a informação de que foi cuidadosamente decalcada pelo sr. Smith de Vasconcellos na sua "English Anthology with biographical sketches". Pois bem, lá o leitor procurará debalde um único poema de Shelley ou de Keats. Muito Wordsworth, muitíssimo Byron, Southey, Moore, Cowper, por todo o lado. No entanto, se tomarmos uma antologia moderna, seja uma para o grande público como o "Pocket Book of Verse", editada por M. E. Spears, ou "The Book of Living Verse", de Louis Untermeyer, destinada a um número mais restrito de leitores, veremos a situação inteiramente modificada. No primeiro, há dois poemas de Byron, e bem pequenos, para sete de Shelley e nove de Keats. No segundo, encontramos *sete* poemas de Byron, para desalento de Shelley, dezesseis de Keats, vinte e dois de Wordsworth — contemporâneos por muito tempo dominados de uma altura indiscutida pelo barão poeta. Quanto a Southey, o seu nome sumiu das antologias. Os outros, Hood, Moore, Cowper, ou desapareceram também de todo, ou de quando em quando mostram timidamente a ponta do nariz.

Na sua "Petite Anthologie Poétique du Surréalisme", Georges Huguenet só admite os poetas permitidos como surrealistas pelo grão-padre Breton, após o terceiro expurgo por êle realizado. Se os modernistas de Vinte-e-Dois publicassem uma seleta de poesia brasileira, nem sei quais os dois ou três que teriam ingresso nela.

Ainda há uns dez anos atrás, qualquer pessoa que se prezasse de bom gôsto poético teria náuseas à simples menção do nome de algum dos odiados parnasianos. Mas os tempos mudam. Hoje, o poeta Manuel Bandeira metrifica preciosamente, e o poeta Vinicius de Moraes faz o elogio de Olavo Bilac, cuja obra é objeto de seu mais carinhoso estudo. Vivam as antologias!

---

(1) — Obras primas da lírica brasileira — Seleção de Manuel Bandeira, notas de Edgard Cavalheiro — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1943.

(2) — Reading Poems — An introduction to critical study, by Wright Thomas and Stuart Gerry Brown — Oxford University Press — New York, 1941.

INSTALADA A ASSOCIAÇÃO AGRO-PECUÁRIA DO VALE DE PIRACICABA

Discussão e aprovação do ante-projeto dos Estatutos — Municípios abrangidos — Eleição da primeira diretoria

PIRACICABA, 1 (De Abrahem Jagle — nosso enviado especial) — Perante grande número de lavradores e criadores da zona, realizou-se ontem nesta cidade, no Teatro Santo Estevam, com início às 14 horas, a cerimônia da instalação da Associação Agro-Pecuária do Vale de Piracicaba.

Sentaram-se à mesa que dirigiu os trabalhos da reunião os srs. prefeitos municipais das cidades circunvizinhas além das autoridades locais, tendo assinado a lista de presença 123 lavradores da região.

Aberta a sessão pelo sr. Jorge Pacheco Chaves, prefeito municipal local, foi dada a palavra, a seguir, ao sr. Iris Meimberg, ora nesta cidade como representante da Federação das Associações Pecuaristas do Brasil Central, a quem coube a direção dos trabalhos preliminares da importante reunião.

Inicialmente, o orador referiu-se às tradições piracicabanas, afirmando que a reunião que se instalava naquele momento era o marco preliminar dos conhecimentos técnicos agro-pecuários que por certo iriam ali frutificar, dadas as condições da região e as necessidades de uma organização nos moldes das demais existentes em outros centros da nossa interlândia. Passou, depois, a discorrer sôbre a situação de desamparo em que se encontravam lavradores e criadores do Estado, antes do movimento de arregimentação da classe pela Federação das Associações Pecuaristas do Brasil Central. Por esta razão, a região compreendida pela extensa zona de Piracicaba não podia ficar alheia ao movimento e a atitude que ora tomavam os criadores e lavradores constituía, sem dúvida, uma prova da vitalidade da classe.

A seguir, o sr. Iris Meimberg aludiu aos fins da Associação Agro-Pecuária de Piracicaba consubstanciados nos estatutos que vão orientar doravante as suas atividades, tecendo oportunos e judiciosos comentários em tôrno de cada um dos seus dispositivos. Passou, depois, a descrever o vasto campo de ação abrangido presentemente pelas associações da classe da natureza da que ora se inaugura nesta cidade, as quais exercem um verdadeiro papel de interpenetração, entrosando num só tudo as necessidades dos produtores e as atribuições do govêrno, obtendo cada produtor, dêste modo, o que, individualmente, jamais seria capaz de conseguir.

Prosseguindo em suas considerações, o orador, depois de dizer do apoio que o sr. interventor federal vem prestando às entidades dessa natureza, finalizou seu discurso congratulando-se com os presentes e desejando vida longa e florescente desenvolvimento à Associação Agro-Pecuária de Piracicaba.

DISCUSSÃO DO ANTE-PROJETO DOS ESTATUTOS

Após as considerações expendidas pelo sr. Iris Meimberg, procedeu-se à leitura do ante-projeto dos estatutos da nóvel entidade, cujos itens foram amplamente discutidos pelos presentes e, depois de acalorados debates, finalmente aprovado com ligeiras modificações na redação de certos artigos.

MUNICÍPIOS ABRANGIDOS PELA ASSOCIAÇÃO

A Associação Agro-Pecuária do Vale de Piracicaba compreende a área territorial que abrange os seguintes municípios: Piracicaba (sede), Rio das Pedras, Santa Bárbara, São Pedro, Rio Claro, Anápolis, Itirapina, Torrinha, Prata, Brotas, Dois Córregos, Tietê, Laranjal, Conchas e Limeira.

A DIRETORIA

No decorrer dos trabalhos foi eleita e a seguir empossada pelo sr. Luis Meimberg a seguinte diretoria que deverá dirigir nesta primeira fase as atividades da nova associação: presidente, Jorge Pacheco Chaves; vice-presidente, Samuel de Castro Neves; 1.o secretário, Henrique Nerning; 2.o secretário, Olavo Leitão; 1.o tesoureiro, Pedro Luis Gonzaga; 2.o tesoureiro, Atilio Renzi; conselho consultivo: Acacio Gomes e Celso Alves de Lima, de Laranjal; Lingard Muller Paiva e Antonio Amaual, de Torrinha; José Rubin de Moraes, de Tietê; e Antonio Ferraz Pinto, de Piracicaba. Conselho fiscal: Homero Arruda, José Ribeiro e Jorge Cury. Suplentes: Decio Sousa Campos, Ignacio Leite Negreiros e Benedicto E. Campos. Comissão de sindicância: Sebastião Ignacio Caldas, Domingos Xavier de Moraes, Nelson Meirelles, João Alfredo Corrêa, Ernesto C. Piedade e Benedicto F. de Moraes.

Algumas palavras do presidente eleito sôbre o programa de ação da novel entidade

Finda a reunião, o nosso enviado entrevistou o sr. Jorge Pacheco Chaves, presidente eleito da diretoria da Associação Agro-Pecuária do Vale de Piracicaba que nos declarou o seguinte:

— "Assentadas as preliminares para a fundação da nóvel entidade, o nosso primeiro trabalho será o da sua legalização. E' nosso propósito, dentro da letra dos estatutos que a deverão orientar, estabelecer para cada associado uma quota, a fim de constituirmos o fundo de reserva.

Sôbre as vantagens que ela trará aos criadores e lavradores, não é preciso insistir, pois aí estão para atestar as demais congêneres existentes no Estado. Associados, criadores e lavradores terão maiores facilidades para a aquisição dos produtos necessários à pecuária e à agricultura, produtos êsses indispensáveis aos animais e à lavoura, além de maquinários agrícolas para a mecanização da terra.

Além disso, procuraremos obter das grandes firmas fornecedoras descontos especiais dêsses produtos, que forneceremos depois aos sócios pelo preço do custo".

Continuando em suas declarações, o nosso entrevistado disse depois que um dos objetivos imediatos da Associação Agro-Pecuária do Vale do Piracicaba será o de ajudar os pequenos lavradores, de maneira eficiente, prestando-lhes assistência técnica necessária, ao mesmo tempo que lhes servirá de intermediário junto aos estabelecimentos de crédito, a fim de que sua produção não venha a ser prejudicada por falta de meios para levá-la avante.

Finalizando, o sr. Jorge Pacheco Chaves acrescentou que a entidade recém-fundada procurará por todos os meios possíveis incrementar o intercâmbio entre os municípios da região piracicabana e promover a realização de um congresso dos lavradores da zona bem como a realização permanente de exposições agro-pecuárias.

31.° aniversário da fundação da Faculdade de Medicina

Revestiu-se de invulgar brilho a festa de confraternização que a Associação dos Antigos Alunos realizou, ontem, para comemorar a passagem do 31.o aniversário da fundação da nossa Escola Médica.

Ao ato compareceu seleta assistência, entre a qual se viam professôres das Faculdades afins, componentes da Universidade, representantes de associações científicas, da imprensa, de sociedades congêneres e grande número de sócios da Associação.

A cerimônia foi presidida pelo dr. Potyguar Medeiros, vice-presidente, que expôs os motivos da ausência do prof. Felicio Cintra do Prado, presidente, falando, a seguir sôbre os motivos da reunião: — a comemoração da passagem do 31.o aniversário da Faculdade de Medicina, patrocinada pela pioneira das Associações de classe e a inauguração, em sua sede, do retrato do saudoso prof. Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador e primeiro diretor daquêle estabelecimento de ensino superior.

Passa, a seguir, a direção dos trabalhos ao prof. Celestino Bourroul, vice-diretor da Faculdade de Medicina, que, com a palavra, fêz uma exposição da atuação do prof. Arnaldo desde os primórdios da Faculdade, enaltecendo a sua notável obra de perfeito educador e emérito cientista patrício.

Com a palavra, o prof. Cantidio de Moura Campos, orador oficial da solenidade, proferiu brilhante oração na qual frisou a feliz idéia da formação da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, que, há quase duas décadas, vem fortalecendo o amor pela "alma mater", congregando professôres e antigos discípulos em tôrno da Casa amiga onde uns exercem o magistério e outros colheram os ensinamentos que os armaram para enfrentar a vida profissional e científica.

Realçou, em palavras de gratidão e amizade a obra fecunda de Arnaldo Vieira de Carvalho, organizador e primeiro diretor da Faculdade de Medicina.

Termina o seu discurso, que foi muito aplaudido, convidando o prof. Celestino Bourroul a descerrar a cortina que vedava o retrato do dr. Arnaldo, apresentando à admiração dos presentes uma produção artística do pintor patrício Portinari.

Antes de encerrar a sessão foi oferecido aos presentes um "cocktail".

A LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES EM CAMPINAS

O gal. Horta Barbosa afirma que colaborará entusiàsticamente para a efetivação do empreendimento naquela cidade

Está em dia a questão da localização definitiva da Escola Preparatória de Cadetes em nosso Estado. Por essa razão, a reportagem da "Folha da Manhã" julgou oportuno, após ter ouvido a respeito o chefe do executivo paulista, conhecer também a opinião do general J. C. Horta Barbosa, atual comandante da 2.a Região Militar.

Recebido cordialmente, o representante dêste jornal propôs ao general Horta Barbosa uma série de perguntas, que s. exa. respondeu nos seguintes têrmos:

— "Penso que o sr. Ministro da Guerra, general Gaspar Dutra, e o general Mascarenhas de Moraes, que me antecedeu no comando desta Região, bem como o ilustre interventor Fernando Costa e o coronel R. Hescket Hall, comandante da Escola, não poderiam ter sido mais felizes na escolha quando se dispuseram a erigir a Escola de Cadetes em Campinas, uma vez que é esta uma das mais prósperas cidades do Estado, tradicional pelo seu civismo, admirada pela sua cultura e pelo elemento social da mais alta estirpe de que é berço, tanto no passado como no presente.

Não compartilhei — prosseguiu o entrevistado — das primeiras iniciativas que resultarão, assim o creio, na instalação da Escola em Campinas. Mas posso afirmar-lhes que colaborarei entusiàsticamente, e dentro dos limites de minha autoridade, para que se erga naquela cidade, símbolo de civismo, a Escola em questão".

Encerrando suas declarações à reportagem o general Horta Barbosa deixou claro que, na sua opinião, Campinas é o centro mais indicado para a efetivação da notável obra que será a Escola em aprêço, e para cuja realização — acentuou — o interventor Fernando Costa vem contribuindo com dedicação e acendrado patriotismo.



GAL. HORTA BARBOSA

INCREMENTO NA INDÚSTRIA HOTELEIRA NACIONAL

Constituída a Companhia de Hotéis Turistas do Brasil

Considerando o extraordinário surto das correntes turísticas que se verificará de todos os países americanos para o Brasil à medida que se forem restabelecendo e intensificando os serviços de transporte marítimo e aéreo, um grupo de figuras de nossos meios bancários e comerciais acaba de constituir por escritura pública lavrada no Tabelião Queiroz, no Rio, a Companhia de Hotéis Turistas do Brasil, cuja finalidade é a construção e exploração de uma série de hotéis de luxo, nas principais cidades do país. Para melhor apreciar a conveniência de tal empreendimento, faz-se mister lembrar que a construção dêstes grandes hotéis muito virá a cooperar na intensificação do movimento turístico para o Brasil, assim colaborando para a entrada, no país, de grandes somas de moeda estrangeira, com real vantagem para a economia pública.

A primeira obra da Companhia de Hotéis Turistas do Brasil será a edificação do luxuoso Hotel Pan-America, com cêrca de 500 apartamentos, junto ao aeroporto Santos Dumont. A diretoria acha-se constituída pelos srs.: dr. Paulo Rodrigues Alves, Arthur A. Dubeux e Edgard de B. Pereira e o conselho fiscal e suplentes pelos srs. Camilo Altilio Filho, Vicente Noronha, Cylio Gama Cruz, Mirillio Gasparri, João Ceciliano de Andrade, Eugenio Nabuco Santos, Ronan Rodrigues Borges, José Pereira Teixeira, João Ursulo Filho, Rivadavia Corrêa Meyer, José de Castro Dolabella, Silvio Sarmento Granville Costa. Estes nomes, bastante conhecidos em nossos meios bancários e comerciais, representam uma sólida garantia da eficiência desta iniciativa.

TECIDOS SAID BUSSAB S. A.

CONVOCAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convidados os srs. acionistas de "Tecidos Said Bussab S|A" a reunirem-se em assembléia Geral Ordinária, no dia 28 de abril p. f., às 14 horas, na sede social à rua 25 de Março n. 816, para o fim de:

a) Examinarem, discutirem e deliberarem sôbre o Relatório, Balanço, Demonstração de Contas e Parecer do Conselho Fiscal, do exercício de 1943.

b) Elegerem os membros do Conselho Fiscal efetivos e suplentes, para o presente exercício financeiro.

São Paulo, 29 de março de 1944.

TECIDOS SAID BUSSAB S|A

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

O ROMANCE E O "DON JUAN"

Antonio CANDIDO

Num ensaio que já tenho quase pronto, procuro mostrar como o romance é, por excelência, um gênero burguês, que acompanhou fielmente a classe burguesa na sua ascensão, tornando-se a sua arma de guerra e o repositório da sua ideologia; como só chegou ao apogeu com a vitória da burguesia, na Inglaterra e na França, nos séculos XVII e XVIII, respectivamente. O século XVIII é uma grande época para o romance inglês, que se constitui realmente então, com Defoe, Richardson, Fielding. Na França, o século seguinte vê o triunfo do gênero, que passa para o primeiro plano da literatura.

Esta vitória pode ser caracterizada como uma diferenciação, o gênero burguês (romance) se destacando dos gêneros aristocráticos, clássicos, (poesia dramática, narrativa, epistolar, comemorativa, didática) e carregando consigo grande parte daquilo que constituía privilégio dêstes. Até princípios do século XIX, a poesia foi a suprema expressão literária, fazendo não raro as vezes de romance e, portanto, satisfazendo as necessidades de ficção. Me pareceu, mesmo, que seria possível localizar o momento em que, ultrapassando-a, a novela passou a ser a expressão preferencial do homem moderno, isto é, burguês, — não mais simples raconto lírico ou alegórico, mas totalização da experiência literária.. Para tal, é lícito adotar o critério de investigar qual a última manifestação importante da ficção poética, propriamente dita, tomando-se uma obra que participe da tradição aristocrática de deixar ao verso o direito da ficção narrativa mas que represente a sua última investida diante do triunfante gênero burguês. Creio ver no "Don Juan", de Byron, a última grande obra em que a poesia faz as vezes de romance. Com efeito, este poema não passa de romance em verso, — do verso que se restringirá daí por diante a um campo cada vez mais limitado e mais profundo, abandonando ao triunfante gênero burguês o tratamento discursivo das aventuras, das paixões, dos pensamentos do homem. As tentativas posteriores que não dependem diretamente da sua imitação — e que, portanto, não tenham o mesmo significado que êle, — não passam de sinistras pachuchadas, se não me trai a memória. Basta lembrar a "Evangelina", de Longfellow, ou o "Dom Jaime", de Thomaz Ribeiro, não falando, — pois seria demais — na "Paquita"...

*

No último artigo ficou verificada a perda de popularidade que Byron vem sofrendo, depois de uma fase de reinado soberano na poesia romântica inglesa. O esquecimento é, em boa parte imerecido, mas compreensível e justificável, como veremos por uma análise rápida do "Don Juan", o seu poema mais famoso e o seu ideário poético.

O "Don Juan" é um código do byronismo, e o byronismo um fenômeno histórico limitado. A voga deste poema veio de que êle encarnou algumas das tendências mais fortes do início do século XIX e não do seu valor poético, que está longe de ser de primeira ordem. Em certas obras, mais do que em outras, as épocas se revêem e se comprazem. Daí a popularidade que obtêm enquanto dura a mentalidade que lhes corresponde e o esquecimento em que caem a partir de então. O "Don Juan" vive do byronismo, e o byronismo viveu da sua época. A atitude byroniana de revolta, de sarcasmo, de humorismo satânico é característica da idade romântica; é um dos aspectos da personalidade romântica, — personalidade solicitada pelas condições histórico-sociais. E' banal a noção de que a personalidade é uma estrutura de hábitos, ou, como querem Park e Burgess, "a soma e a organização daqueles traços que determinam o papel do indivíduo no grupo". Segue-se que os traços se desenvolvem de acôrdo com o caráter da sociedade a que pertence o indivíduo, — havendo os dois tipos do conformista e do não-conformista, segundo a maior ou menor integração no grupo. Os períodos de transição são propícios ao não-conformismo, dada a desorganização dos padrões, que acarreta a desorganização da própria personalidade. O não-conformista, por sua vez, contribui para a fixação de padrões novos, quer pela crítica dos velhos, quer pela tentativa de adotar outros.

O início do século XIX foi o momento da crise final da consciência aristocrática, em reação à nova ordem burguesa. Donde a proliferação de não-conformistas, de lucíferes em tôdas as escalas, que reagiam contra o mundo burguês triunfante, protestando em nome da consciência clássica da aristocracia. Esta reação — uma verdadeira Reação no sentido político — se processava de vários modos, conforme os fatores pessoais e sociais. Alguns se isolavam numa misantropia altiva e pessimista, como Vigny; outros se sublimavam na religião e no culto do passado, como Chateaubriand e Lamartine; outros assumiam uma atitude destruidora, iconoclasta, sobre tôdas virulenta e espetacular, como Byron. Ora, acontece que uns conseguem dar ao seu não conformismo um tom mais geral e menos circunstancial do que outros. Keats, se refugiando nas visões do passado, esquecia um pouco os seus traços estritamente pessoais e conseguia criar poesia mais permanente, porque menos presa a contingências estritas. Byron, porém, quase só cuidou de Byron. Esta a causa da influência ser mais da sua personalidade do que da sua obra. Enquanto perdurou a mentalidade byroniana, todos leram com paixão os seus poemas, onde encontravam o eco fiel da sua vida e dos seus excessos. Passados os tempos e atenuada a enorme ação de presença; desaparecidas as condições que solicitaram o aparecimento da personalidade byroniana; mortos os últimos byronianos — a sua obra, excessivamente prêsa a motivos momentâneos, deixou de fascinar. O fastio tomou o lugar do fervor, e pouca gente sai hoje dos seus cômodos para enfrentar os 15.696 versos do "Don Juan" ou, mesmo, os 4.473 do "Childe Harold", que faziam delirar os moços de há cem anos.

O "Don Juan", da mesma maneira que o seu autor e comparsas, representou uma transição estética. Ninguem mais tolera hoje um romance em versos, um livro de versos constituído exatamente por tudo aquilo que pertence ao domínio da ficção em prosa e o caracteriza. Além do mais, comporta em altíssimo grau os defeitos do autor. Em nenhum momento do poema, ou quase, Byron conseguiu universalizar os seus sentimentos, isto é, fazer poesia verdadeira. E' sempre, o porta-voz fiel do satanismo decadente da aristocracia que agonizava. Cada verso é a afirmação direta das diversas peculiaridades do poeta, Barão Byron of Rochdale e de outros muitos barões. São os seus amores, tratados num tom confidencial e cínico; as suas antipatias, as suas descrenças, o seu fastio do mundo. O poema é um vasto monólogo, cortado por digressões e a propósitos, e Don Juan não existe; não passa de uma pobre sombra, sem vida e sem calor, porque atrás dêle, sugando-lhe a seiva, está o verdadeiro Don Juan, nu e cru, que é o Barão. Êle, não passa de um pobre gravêto sacolejado para aqui e para ali, ao sabor das circunstâncias. Para se entender êste mau romance em bons versos é preciso compreendê-lo como uma expressão de classe, uma obra quase didática, porque não passa da exposição sarcástica de uma concepção da vida, do amor e da sociedade burguesa, como as entendia aquela parte não adaptada da consciência aristocrática, de que Byron se fêz o porta-voz. Uma exposição romanceada, que não poderia chegar a poema épico, por causa do próprio tom do autor e porque os poemas épicos não cabiam mais naquele tempo. Donde a sua tragédia. Esta espécie de "Telêmaco" às avessas não passou do último grande romance metrificado, pois que a classe nobre, decadente, não poderia enquadrar na época a sua visão senil de um mundo novo. No século XVI, por exemplo, temos "Os Lusíadas", narração em verso dum empreendimento marítimo-comercial, epopéia histórica e social que ilustrou o jovem mercantilismo ibérico do Renascimento, dando-lhe categoria heróica. Tal coisa não caberia no século XIX, visto que a história já era gênero suficientemente constituído para tomar a si a tarefa de exprimir um conhecimento contemporâneo, comentando-o segundo a ideologia reinante. Caberia, quando muito, a poetização de episódios bastante anteriores, pelo que tivessem de poético e de simbólico, mais do que histórico — como "La Légende des siècles".

Por outro lado, o instrumento de expressão por excelência da vida através dos personagens de ficção — o romance — ainda não ganhara importância suficiente para confiscar aos outros gêneros o que lhe competia de direito. Donde a possibilidade e o sucesso de "Don Juan", obra, ao seu tempo, extraordinàriamente moderna, pelo que continha de crítica social e de concepção de vida. Foi a última investida da poesia sôbre o domínio da prosa, como uma tentativa da consciência aristocrática, em crise, de fazer frente ao gênero burguês do romance. Os seus sucedâneos latinos, como "Namouna", "Diablo Mundo", "O Conde Lopo", não passam de prolongamentos, no último caso superfetação, da mesma atitude. Ponto extremo do romance em verso, do poema de ficção, exprimiu o seu momento com um vigor que a prosa de ficção ainda não adquirira, e assim se explica a sua popularidade. Hoje, lamentamos o hibridismo da poesia, do romance e do discursivismo que reduzem consideràvelmente o seu significado e fazem do seu autor um poeta pouco lido. Por isso, a poesia de Byron não deve ser procurada nas obras byronistas, mas naquelas composições líricas, como as "Hebrew Melodies", em que o satanismo reacionário se esbate e as suas virtudes poéticas se expandem com plenitude.

SERA CONSTRUIDO NA AVENIDA CELSO GARCIA UM GRANDIOSO JARDIM PUBLICO

AS OBRAS DEVERÃO SER INICIADAS BREVEMENTE — O QUE SERÁ O IMPORTANTE MELHORAMENTO

Encaminhados os planos para remodelação da cidade, principalmente na parte central, o prefeito Prestes Maia prossegue na sua orientação de beneficiar os bairros mais populosos com a criação de espaços livres, isto é, praças, jardins, parques, etc.

Assim se explica o ritmo acelerado que está imprimindo nos trabalhos da grande avenida Pires do Rio, paralela á avenida Celso Garcia destinada a ligar o centro da cidade á Penha, desafogando de muito o intensissimo tráfego que hoje atravanca o movimento entre os distritos de além Tumanduatei.

UM JARDIM PÚBLICO NA AVENIDA CELSO GARCIA

Ainda recentemente, o prefeito Prestes Maia baixou importante decreto, declarando de utilidade pública, para efeito de desapropriação amigável ou judicial, extensa área na avenida Celso Garcia, área essa destinada á criação de grandioso jardim e que mede cerca de vinte e cinco mil metros quadrados. O terreno onde surgirá o jardim em apreço já é dotado de abundante arborização pois nêle funcionava um parque comercial explorando o comércio de uvas, situado nas imediações do Parque São Jorge.

LINHAS GERAIS DO FUTURO PARQUE

Segundo informações colhidas pela reportagem das "Folhas", o projeto para a concretização dessa obra prevê a construção de formoso lago no centro do parque, com pequena fonte elétrica para projeção de esguichos luminosos. Algumas alamedas cortarão o jardim e nelas a prefeitura colocará pequenos monumentos e centenas de bancos.

O INICIO DA CONSTRUÇÃO

Será dado inicio brevemente á construção dêsse parque público devendo, porém, conforme já o determinou o Departamento Jurídico, iniciar-se imediata e amigávelmente a desapropriação da área referida, que inclui a antiga "chácara Marengo" e outros terrenos adjacentes.

Farmácias de Plantão

Estão de serviço hoje, as seguintes farmácias:

CENTRO: — Mascara, rua do Tesouro, 35; Águia de Ouro, rua São Bento, 219; Torrano, largo do Ouvidor, 13.

BRAZ: — Hipódromo, rua Hipódromo, 1.406; Seixas, rua Bresser, 1.693; Rederat, rua Hipódromo, 330; Farmasil Ltda., av. Rangel Pestana, 1.863; Rega, av. Rangel Pestana, 1.182; S. Vito, rua Benjamin de Oliveira, 122.

MOÓCA: — Almeida, rua da Moóca, 1.078; Divina, rua Piratininga, 619; Irmãos Ribas, 140; S. Pedro, rua Visconde de Parnaiba, 489.

ALTO DA MOÓCA: — Padre Anchieta, rua Moóca, 2.396; Popular Italiana, rua Moóca, 1.967; Salus, rua Moóca, 3.177; Aya, rua Guaimbé, 355; Bandeira, rua Araribóia, 288.

ORIENTE-CANINDE': — Portugal, rua Oriente, 100; Cruz Azul, rua M. Gonçalves, 43; Jorge, rua Rubino de Oliveira, 70; Santa Tereza, rua João Bohemer, 2.371; Cesar, avenida Vautier, 60; N. S. Aparecida, rua Joaquim Carlos, 132; N. S. Auxiliadora, rua João Teodoro, 4.181; Vaz de Melo, rua Chavantes, 78; Ladeira, rua Maria Marcolina, 236.

PARAISO-VILA MARIANA: — Santa Inês, rua do Paraiso, 914; Vila Mariana, rua Domingos de Morais, 1.081; Esperança Ltda., praça Rodrigues de Abreu, 34; Brasil, rua Rio Grande, 354; Valquiria, rua Sena Madureira, 74.

LUZ-SANTA IFIGENIA-MERCADO: — Mauá, rua Conceição, 882; Aurora, rua Santa Ifigênia, 229; Brasileira, avenida São João, 1.296; Mineira, rua dos Gusmões, 252; Anhangabaú, rua Anhangabaú, 974; D. Pedro, rua Itobi, 109.

AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTÔNIO-BELA VISTA: — Imaculada Conceição, av. Brig. Luiz Antônio, 1.198; Humanitária, av. Brig. Luiz Antônio, 943; Italo-Americana, rua Conselheiro Ramalho.

LUZ-S. CAETANO: — Iguassu, avenida do Estado, 1.615; Silveira, avenida Tiradentes, 270; Nova Minerva, rua São Caetano, 712.

SANTA CECILIA-CAMPOS ELISIOS-BARRA FUNDA E PERDIZES: — Andrade, praça Marechal Deodoro, 64; Airosa, rua Albuquerque Lins, 319; Universal, rua Barão Tatuí, 420; Olas, alameda Olga, 21; Santo Antônio, rua Conselheiro Brotero, 381; Perdizes, rua Cardoso de Almeida, 302; S. Vicente, rua Itapicurú, 87; Campos Eliseos, alameda Barão de Limeira, 815.

JARDIM AMÉRICA: — Paulistano, rua Augusta, 3.000; Do Povo, rua Consolação, 3.147; Augusta, rua Augusta, 1.080.

JARDIM PAULISTA: — Sta. Rita, av. Brigadeiro Luiz Antônio, 263; Trianon, rua Peixoto Gomide, 1.564; Patriarca, rua Pamplona, 1.884; Esplanada, av. Brig. Luiz Antônio, 3.568; Itu, alameda Itu, 1.

LIBERDADE-GLÓRIA: — Oliveira, rua Liberdade, 771; Tamandaré, rua Tamandaré, 864; Rosário, rua Tamandaré, 13; Das Américas, rua Conselheiro Furtado, 37.

CERQUEIRA CESAR: — Di Franco, rua Cônego Eugênio Leite, 941; Édison, rua Capote Valente, 70-A; Vila Madalena, rua Morato Coelho, 372; Galvão, rua Teodoro Sampaio, 972.

JARDIM PAULISTANO: — Jardim Paulistano, rua Joaquim Antunes, 233.

CAMBUCI-ACLIMAÇÃO: — São Luiz, praça do Cambuci, 116; Aclimação, rua Bueno de Andrade, 574; Santa Helena, rua Ana Neri, 982; Gama Cerqueira, rua Gama Cerqueira, 373; Lins de Vasconcelos, avenida Lins de Vasconcelos, 2.352.

BOM RETIRO: — José Paulino, rua José Paulino, 483; Anhaia, rua Anhaia, 500; Solon, rua Solon, 104; Romana, rua José Paulino, 616; Três Rios, rua Três Rios 375; Tibagi, rua Barra do Tibagi, 579.

VILA BUARQUE-CONSOLAÇÃO: — Suiça, rua Consolação, 300; Coração de Maria, largo do Arouche; Cintra, rua Consolação, 3.400.

SANT'ANA: — Sant'Ana, rua Voluntários da Pátria, 1.030; Santa Terezinha, rua Duarte Azevedo, 36.

IPIRANGA: — Silva Bueno, rua Silva Bueno, 1.403; N. S. Nazaré, rua Sorocabanos, 651; Miramar, rua Gentil de Moura, 2.

SAÚDE: — N. S. Saúde, rua Domingos de Morais, 3.108; Domingos de Morais, rua Domingos de Morais, 2.658.

VILA MONUMENTO: — Praça Jequitibá, 19; Olinda, rua Bar. Ibitirama, 2.

PENHA: — Popular, rua Penha, 88; Sampaio, rua Penha, 104; Sant'Ana, Est. S. Miguel, 45.

BELÉM-BELENZINHO: — N. S. da Penha, av. Celso Garcia, 1.457; Dalva, avenida Alvaro Ramos, 196; Ressurreição, rua Herval, 840; São Luiz, avenida Celso Garcia, 2.334.

VILA POMPEIA: — Gomes, avenida Pompéia, 533; Turiassu, rua Turiassu, 1.602; Econômica, rua Augusto de Miranda, 782; Santa Gertrudes, rua Apinagés, 591.

PINHEIROS: — N. S. Pinheiros, rua Teodoro Sampaio, 2.781; Dora, rua Teodoro Sampaio, 2.237; S. José de Pinheiros, rua Butantã, 21.

LAPA: — Anastácio, rua Trindade, 104; N. S. da Lapa, largo da Lapa, 65.

GARIMPEIROS A CAMINHO DO RIO

Encontram-se em São Paulo desde ontem seis garimpeiros da zona da Cristalina, no Estado de Goiaz, os quais vão ao Rio de Janeiro a fim de falar com o ministro da Agricultura e pleitear a solução de problemas que ora preocupam cerca de 10.000 garimpeiros goianos. São os srs. Amancio Soares da Silva, Ovidio Brandão, Manoel Antonio Xavier, Juvencio de Almeida, João Lourenço e Adalgiso Rocha e Silva.

Segundo declarações que fizeram á imprensa, solicitarão ao sr. Apollonio Salles liberdade de garimpagem, pois atualmente — frisaram — estão á mercê de duvidosos proprietários de terras, os quais, protegidos por cartas de pesquisas que os garimpeiros consideram ilegais, os expulsam de todos os pontos em que descobrem o cristal de rocha. Acompanha os reclamantes o advogado José Barreto Fonseca.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

UMA CONFERÊNCIA

Antonio CANDIDO

E' a segunda vez que venho para êste rodapé discutir uma conferência. Trata-se agora de "Una politica cultural para toda America" (1), palestra realizada em Santiago do Chile pelo sr. Luis Reissig, do Colegio Libre de Estudios Superiores, de Buenos Aires. A respeito desta instituição de cultura, pouco conhecida entre nós, embora já estejam entaboladas relações entre ela e intelectuais brasileiros, são necessárias algumas palavras.

O Colegio Libre de Estudios Superiores pode ser definido como uma Universidade democrática livre, cuja função consiste, primeiro, em proceder, por meio de cursos especializados de conferências, a uma análise constante e aprofundada dos vários problemas nacionais e dos grandes temas da cultura; segundo, em estender êste trabalho de esclarecimento e autocritica a todos os outros paises da América, com o intuito de propiciar entre êles uma união cultural em grande escala, feita de entendimento e compreensão sólidos, porque baseados no conhecimento dos respectivos problemas. O que há de grande no empreendimento é que êle tem sido o produto de um enorme esfôrço permanente de boa vontade e dedicação. Funciona sem subvenção oficial, não paga os seus professôres, que são o que há de mais elevado no mundo da inteligência argentina. Vive da contribuição dos alunos e da firmeza dos seus amigos. E' isto, já há catorze anos.

Uma das suas tarefas tem sido promover viagens de intelectuais argentinos aos outros paises americanos e dos dêstes á Argentina. Ainda no fim do ano passado os srs. Lourenço Filho e José Lins do Rego fizeram conferências na sede do Colegio. Uma vez que o contacto pessoal é a melhor das vias de compreensão, porque desfaz os preconceitos e corrige as pre-noções, não me parece que possa haver melhor instrumento de aproximação continental. E é um prazer e um consolo ver, no grande país vizinho, uma instituição rigorosamente democrática que não só funciona como aumenta em importância, prestigio e eficiência, baseada no ideal da cultura popular, no combate á universidade de e para elite social e no esfôrço de continentalização dêstes lemas.

*

A conferência do sr. Luis Reissig, que tem sido talvez o catalisador das atividades do Colegio Libre, apresenta para nós uma importância de primeira ordem, uma vez que os conceitos claros e bem ordenados culminam na discussão de um problema que tem sido bem debatido e bem mal entendido no Brasil: o problema universitário. Estamos num momento decisivo da vida das universidades brasileiras, á espera da reforma do ensino superior, que pode colocar os nossos órgãos de ensino ao serviço da cultura popular, integrando-os na vida da nação e no âmago dos seus problemas vitais, ou acentuar a tendência de escola de elite, destinada ao enrolamento sôbre si mesma e á desvitalização intelectual.

O sr. Luis Reissig afirma que a aspiração de todos os paises americanos é, do mesmo modo que os outros, "a oportunidade de organizar a nação sôbre melhores bases, dispondo de instrumento econômico qualificado; mas, para que esta obra não malogre, é indispensável que vá adquirindo um conteúdo social crescente. E como uma obra de tal natureza adquire êste conteúdo? A solução é única: subordiná-la a uma politica democrática". E acrescenta, pondo o dedo no núcleo da questão: "Não *basta que a Universidade abra as suas portas a todos os que quiserem vir a ela para ser uma universidade democrática; é preciso que abra os olhos e sirva a democracia nas suas realizações e nos seus principios*".

Para o conferencista, a Universidade tem o dever de exercer uma atividade critica e criadora em relação aos problemas econômicos, culturais, politicos — sociais, numa palavra — de uma nação. Daí a necessidade inelutável de entrosar os seus estudos com a realidade do país, nunca se limitando ao estudo da ciência ou da filosofia em si, mas procurando dirigí-los no sentido de uma compreensão melhor dos problemas nacionais, a fim de poder traçar as diretrizes da ação politica e social. Numa palavra feliz, o sr. Luis Reissig aponta como escopo da Universidade a formação de "cidadãos do saber", pois o que falta á América, tanto quanto as escolas de primeiras letras, são as escolas de cidadania".

Para transformar as escolas superiores em focos de progresso social, o conferencista assinala a necessidade de uma como que planificação das atividades culturais, planificação antes espontânea, consistente na articulação dos esforços entre os vários campos do conhecimento. Prega a criação de organismos livres, destinados a auscultar a pesquisar as questões nacionais e transmitir á Universidade, que os ordenaria e enfeixaria, os resultados do seu trabalho. "A senha cultural, diz o sr. Reissig, deve ser: articular, articular, articular. Articular numa América indivisivel".

A escola, prossegue êle, é sempre um reflexo do grupo dominante, e a amplidão ou profundidade dos seus intentos e realizações varia segundo os interêsses dêste último. Daí a escola variar com a mudança das classes no poder, de tal modo que se pode "afirmar, sem êrro, que a economia nova corresponde escola nova". Se quisermos, portanto, chegar a uma escola nova, temos que colocar a luta no campo social. "A escola é um resultado e a cultura o instrumento que o determina". Dêste modo, aprofundar no terreno das realidades culturais, estabelecer ligações com as mais imperiosas necessidades coletivas, é preparar a sua reforma num sentido de progresso social e, pois, assegurar o advento da verdadeira escola. Para realização de tal monta é que é necessária a cooperação, o trabalho em equipe, o ajustamento das tarefas e dos pontos de vista. Como resultado, teriamos a universidade realmente orgânica, solidamente enraizada na consciência nacional, trabalhando por um ideal de progresso, aberta a todos. A escola livre dentro da comunidade livre.

*

Parece-me que a análise do sr. Luis Reissig é correta. Tomemos os seus três pontos principais a fim de os discutir á luz das nossas realidades: o caráter de classe da escola, a questão do entrosamento com os problemas nacionais e a articulação das atividades culturais.

Que a universidade representa uma ideologia de grupo ou de classe social, não há quem possa negá-lo. A função das grandes escolas tem sido a de porta-vozes dos ideais da classe ou do grupo politico que as mantêm e que só lhes permite liberdade dentro de um minimo que não afete as suas conveniências. Não obstante, as universidades têm travado lutas contra esta mentalidade conservadora, não raro com vantagem. No Brasil, as escolas superiores, como acaba de mostrar o sr. Fernando de Azevedo na sua "Cultura Brasileira", formam um dos instrumentos da burguesia para a conquista e manutenção do poder. O bacharelismo e o doutorismo significaram a penetração do intelectual burguês, a serviço da ideologia do seu grupo, em todos os setores da vida politica e cultural do país. Os centros em que se graduavam, e sobretudo as faculdades de direito, erigiram-se em instituições de elite, em verdadeiros redutos de ideologia dominante, como ainda são até hoje, em grande parte. A politica universitária sadia consiste, antes de mais nada, em romper com estas tradições e fazer do ensino e da cultura armas de progresso e de pesquisa, num sentido moderno e avançado.

Para isto, urge o seu contacto com os diversos setores da vida nacional e a organização das suas tarefas visando o esclarecimento e a conseqüente diretriz. A maior responsabilidade compete, sem dúvida, ás ciências humanas, graças á sua maior proximidade com a vida coletiva e os seus problemas. O objetivo do ensino da economia, da sociologia, do direito, da geografia humana, da história, deve ter sempre em vista a análise de problemas do país. Só será eficiente o curso de economia que puser o estudante em contacto com as necessidades da sua terra e dirigí-lo para o seu estudo e o seu reajustamento. Das ciências humanas e da filosofia esperam-se diretrizes de ação mais do que discussão de problemas, pois que esta lhe serve apenas de base, indispensável mas insuficiente por si só. Traçados os rumos e tomadas as providências conseqüentes, o campo se esclarecerá para as outras ciências, naturais e fisicas, que saberão orientar a sua pesquisa no sentido do progresso coletivo, sem que por isso deixem de aprofundar, da mesma maneira que as ciências humanas, os seus próprios problemas de que depende o avanço da cultura.

Para a consecução dêste objetivo, a única via é o trabalho combinado das diferentes disciplinas, coisa tentada com tanta eficiência na Rumânia e ainda recentemente propugnada pelo professor Pierre Monbeig, numa conferência que analisamos neste rodapé.

Assim, a cultura universitária deixaria de ser algo desligado da vida social para se tornar um dos seus fatores. E' preciso que todos entendam, e sobretudo os moços, que não é mais possivel continuar com os ideais educacionais até aqui preponderantes, todos êles tendentes á separação da vida e da cultura e á segregação do profissional e do cientista no seu limitado setor. Somente graças a uma visão largamente democrática, decididamente radical, da função das universidades, será possivel tirar-lhes o caráter, ainda vigente, de instrumentos ideológicos dos grupos conservadores dominantes e lançá-las no caminho da reforma orgânica e da participação efetiva. A aventura universitária, a batalha da cultura, será uma luta decisiva, que ora se esboça, para o nosso destino de povo livre. E eu não saberia, num comentário como êste, em que falo das idéias de um intelectual argentino, representante de uma instituição livre, dar melhor fecho do que citando aos universitários do Brasil os versos de Spender:

> "It is too late to stay in great houses where the ghosts are prisoned
> — those ladies like flies perfect in amber
> those financiers like fossils of bones in coal.
> Oh comrades, step beautifully from the solid wall
> advance to rebuild and sleep with friend on hill
> advance to rebel and remember what you have
> no ghost ever had, immured in his hall".

(1) — Luis Reissig — Una politica cultural para toda America — Sep. de "Cursos y Conferencias" vol. XXIII, N.o 138, Setiembre de 1943 — Colegio Libre de Estudios Superiores — Buenos Aires, 1943.

A UNIÃO SOVIÉTICA E O PROBLEMA DAS NACIONALIDADES

(Copyright do "S. O. D. L." — Exclusividade da "Folha da Manhã" no Estado de São Paulo)

Pelo Rev. Hewlett JOHNSON

(Deão de Canterbury e autor dos famosos livros "O Poder Soviético" e "O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia")

O Tratado de Versalhes acrescentou sete estados e dois territórios livres aos vinte e um estados soberanos já existentes na Europa. Alguns dos estados que foram então criados, como a Iugoslávia, abarcavam nada menos de dez nacionalidades, na Polônia, os poloneses compreendiam 2/3 da população do país.

Há vinte e cinco anos, as minorias nacionais possuíam diferentes graus de consciência política e cultura, mas com o encorajamento que lhes deu o Tratado de Versalhes, desenvolveram-se rapidamente. Quanto mais ideal era um estado, mais exigentes se tornavam as minorias. A fim de preservar a sua integridade, as nações tentaram opor um dique a êstes movimentos, mas quanto mais centralizavam o poder político, mais intensa se tornava a agitação entre as minorias oprimidas.

Os princípios da auto-determinação e da independência nacional podem ser muito bem ideais que se procure atingir. Mas, desligados de quaisquer considerações morais, políticas e econômicas, resultaram mais em fôrças destrutivas do que construtivas e — pelo menos em parte — foram responsáveis pela presente guerra. Ressalta evidente, portanto, que o planejamento para o apos-guerra deverá desta vez encontrar uma solução diferente para o problema das minorias. Caberá aos líderes das Nações Unidas resolvê-lo. Mas não é mais provável que êles resolvam o problema, na Europa, de maneira mais satisfatória do que o resolveram em seus próprios países.

A política racial norte-americana e inglêsa nos é familiar. A experiência soviética, contudo, ainda é desconhecida para a maior parte do mundo. Precisa ser revelada.

Quaisquer que sejam os nossos credos e as nossas simpatias políticas, temos de admitir que o sistema ocidental não resistiu ao primeiro choque que sofreu, enquanto que o sistema soviético resistiu à invasão e devolveu golpe por golpe à agressão fascista. Este contraste sugere que certos elementos da experiência soviética na solução dos problemas das nacionalidades poderão, depois desta guerra, ser utilizados ou aplicados na Europa.

A União Soviética compõe-se hoje de dezesseis repúblicas, cada uma das quais tem, por sua vez, várias e não raro muito vastas minorias nacionais. Em 1927, a Academia Soviética de Ciências calculou em 127 o número de raças e nacionalidades existentes dentro da União Soviética. Mais tarde, corrigiram-se alguns dos erros daquele cálculo. O censo de 1939 reconheceu oficialmente a existência de 49 nacionalidades. Mas em novembro de 1942 os jornais de Moscou declararam que na lista dos homens e das mulheres condecorados por heroísmo durante os primeiros quinze meses de guerra, estavam representadas as "70 diferentes nacionalidades que compõem a União Soviética". Antes da guerra, 8.550 jornais, com uma tiragem total de 37.520.000 exemplares, eram publicados em 68 línguas e dialetos.

No tempo da revolução, o govêrno soviético teve que enfrentar uma situação semelhante à que o Tratado de Versalhes criou na Europa oriental e ocidental e nos Balcans. Quando rebentou a revolução, a Rússia se desintegrou em catorze estados independentes, cada qual lutando contra a autoridade central.

Como foi ressalvada e mantida a unidade? Ao contrário de tôdas as outras federações, sem violência. Principalmente, pela aplicação de princípios sensatos. E no entanto, nada há de essencialmente novo na estrutura nacional da União Soviética. Somente a estrutura política e economica é nova. A federação tem raízes em séculos da história russa. O presente sistema é uma síntese sadia de instintos nacionais e espírito extra-nacional.

A igualdade de nacionalidades existente na U. R. S. S. está muito bem representada no próprio govêrno soviético. O marechal Stalin não é russo, mas georgiano. O comissário do Interior, Lavrenti Beria, é também georgiano. O comissário do Comércio Exterior é armênio. O comissário das comunicações, Kaganovich, é judeu. O marechal Timoshenko é ucraniano. Mas é importante acentuar que êstes homens fazem parte do govêrno devido à sua competência, não como representantes oficiais de suas respectivas nações. Os postos da administração federal também não são, de nenhum modo, distribuídos por qualquer sistema de quotas nacionais.

Há 16 vice-presidentes no Conselho das Nacionalidades de Moscou (um para cada república da União) e qualquer um dêstes vice-presidentes pode ser eleito quantas vêzes quiser, presidente.

O anti-semitismo, que a velha Rússia herdara da Alemanha e da Polônia, nunca se difundiu entre as massas, mesmo no tempo dos tzares. Mas o que ainda restava de anti-semitismo na Rússia ocidental e na Ucrânia, o govêrno soviético erradicou drasticamente. Mais ainda: a fim de colocar os judeus na mesma situação política e moral das demais nacionalidades, a fim de que êles não se sentissem tão "sem-terra", o govêrno ofereceu-lhes um grande território na Sibéria e estabeleceu uma província judaica autônoma: Birobidjan. Os judeus não sofreram qualquer pressão no sentido de se radicarem naqueles territórios, mas muitos assim o desejavam e hoje, na referida província, numa área de 30.000 milhas quadradas, há seis grandes cidades e uma população total de 200.000 habitantes.

A União Soviética compreende hoje 16 estados soberanos iguais em direito e honra (esta soberania se tornou sólida depois da recente reforma anunciada por Molotov), a despeito do fato de que alguns de tais estados, como a República Russa, sejam duas vêzes maiores do que os Estados Unidos, enquanto que outros são tão pequenos como o estado norte-americano de Maryland. Os povos de cultura e consciência nacional menos desenvolvida, formam repúblicas e províncias autônomas dentro das fronteiras da União. A República Russa, por exemplo, compreende as repúblicas autônomas de Buriat-Mongol, Kalmyck, Yakut e outras. Antes de 1941, encerrava mesmo uma república alemã autônoma com uma população de 600.000 habitantes, dos quais 66,4 % eram colonos alemães. Esta gente dispunha de 1 501 escolas alemãs elementares e secundárias, 86 escolas alemãs superiores, 6 jornais em língua alemã e 6 revistas em língua alemã.

Cada uma destas nacionalidades fala a sua própria língua e tem uma considerável liberdade cultural — sujeita, contudo, à planificação federal. O idioma russo era a princípio apenas a linguagem oficial das autonomias das diversas repúblicas, mas de 1937 em diante, passou a ser estudado em tôdas as escolas da União, motivo pelo qual os soviéticos serão futuramente bilíngues.

78 % do povo da União Soviética são compostos de eslavos, grandes russos, russos brancos e pequenos russos ou ucranianos. Juntos, ocupam 2/3 de todo o território da União. Três das 16 repúblicas são 80 % eslavas.

As repúblicas e as províncias autônomas têm o seu govêrno próprio e ao mesmo tempo participam do govêrno da União, da qual fazem parte. Têm também uma representação direta em todos os Conselhos Soviéticos das Nacionalidades de Moscou. Este organismo, que é uma espécie de senado, compõe-se de 713 delegados: 25 de cada uma das 16 repúblicas da União, 11 para cada uma das 22 repúblicas autônomas e cinco para cada província autônoma. Dos 713 votos, somente 25 pertencem à República Russa.

Ao mesmo tempo, um Conselho da União, uma espécie de Câmara dos Deputados, é eleito diretamente pelos cidadãos de tôda a União, à base de um deputado por 300 000 pessoas.

Os dois organismos, de estrutura semelhante ao Congresso norte-americano, formam o Conselho Supremo. O govêrno federal é responsável ante o Conselho Supremo e tem que lhe prestar contas (artigo 65 da Constituição). Todos os cidadãos que alcançaram a idade de 18 anos, têm direito de voto. Além disso, o artigo 135 da Constituição estabelece que "qualquer que seja a raça ou nacionalidade, religião, grau de educação, domicílio, origem social ou atividade passada", todo o cidadão tem o direito de ocupar cargo oficial, se eleito. Em 1936 foi garantido aos sindicatos o direito de elegerem candidatos. O mesmo com respeito às cooperativas, às organizações da juventude e às sociedades culturais (artigo 141 da Constituição).

Cada república tem a sua própria constituição, elaborada em conformidade com a constituição da União. Segundo a constituição da União, os direitos de cada república só eram limitados até pouco tempo no tocante às questões de relações exteriores, defesa, comércio exterior, planificação econômica, educação e legislação trabalhista. Depois da reforma Molotov, de acôrdo com a qual cada república cuidará de sua defesa e de suas relações exteriores, a liberdade das mesmas aumentou mais ainda.

Este sistema funciona muito bem. A guerra o demonstrou friamente. A solução dada pela União Soviética ao problema das nacionalidades merece a atenção de todos os estadistas do mundo, seriamente, sem prevenções. A solução soviética é um fato, e os fatos devem servir como lições para todos os homens sensatos e bem intencionados.

Transcorre hoje o 60.o aniversário do Presidente Benes



Transcorre hoje o 60.o aniversário natalício do presidente Benes, uma das figuras de maior projeção entre os chefes de Estado ocupado pelos alemães.

Depois da guerra de 1914, Benes, em companhia do general Stefanik, foi um dos principais colaboradores do professor Masaryk na luta pela libertação do povo checoslovaco do jugo dos Habsburgos. Com 34 anos de idade foi escolhido para o cargo de chanceler da Checoslováquia, pôsto em que permaneceu até 1935, quando foi eleito presidente da República. Depois do acôrdo de Munich refugiou-se na Inglaterra e mais tarde nos Estados Unidos. Em agôsto de 1939 voltou à Inglaterra e organizou o Comité Nacional Checoslovaco, reconhecido como govêrno de seu país por tôdas as Nações Unidas, inclusive a Rússia, país com o qual assinou um tratado de amizade e assistência mútua entre a Checoslováquia e aquêle país.

Benes sempre se esforçou sinceramente pela pacificação da Europa, sendo tido oportunidade de se empenhar numerosas vêzes pela manutenção dos princípios democráticos no continente europeu. Durante a crise de 1938 Benes advertiu a França e a Grã Bretanha de que a paz mundial não poderia ser salva pelo sacrifício da Checoslováquia e que o seu sacrifício significaria a destruição do equilíbrio na Europa Central, facilitando aos nazistas promover uma nova guerra mundial. Depois da ocupação total de seu país, em março de 1939, Benes lançou uma proclamação em Chicago, condenando o ato da Alemanha como um novo crime internacional.

Durante a guerra atual Benes organizou a aviação e os corpos do exército checo ao lado das Nações Unidas e obteve muitos êxitos diplomáticos, entre os quais o do reconhecimento do seu govêrno com sede em Londres e o do tratado com a Rússia Soviética, que define a situação da Checoslováquia na Europa livre e garante a sua segurança no futuro.

MOVIMENTO ESPIRITA

"A GUERRA E A IMORTALIDADE"

Realiza-se hoje às 20 h 30, na sede da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, à rua Maria Paula 158, uma palestra sôbre o tema: "A guerra e a imortalidade", a cargo do acadêmico de direito Euripedes de Castro. Entrada franca.

11.o aniversário da Escola Livre de Sociologia e Política

Comemorando o 11.o aniversário de sua fundação, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo realizou, ontem, diversas cerimônias. As 8 h 30 foi celebrada missa solene no altar-mor da Basílica de São Bento. A seguir, foram feitas romarias aos túmulos de velhos educadores daquela Escola: Antonio de Alcântara Machado, primeiro presidente do seu Conselho Superior; Tacito de Almeida e srs. Bruno Rudolfer, ex-professôres; e de Maria Aparecida Paiva, bacharel em Ciências Sociais e Politicas da turma de 1941.

Ao depositar sôbre os túmulos, as flôres com que a Escola de Sociologia prestava aquêles tributos póstumos aos seus antigos educadores, o sr. Ciro Berlinck pronunciou breves palavras rememorando as insignes figuras daqueles mestres.

Campanha da Liga das Senhoras Católicas

Está marcada para hoje, das 8 h 30 às 10 horas da manhã, uma visita a mais um dos Departamentos de Assistência à Infância mantido pela Liga das Senhoras Católicas: O Dispensário de Pediatria São José, à rua Luis Gama, 487.

Essa visita é proporcionada às senhoras sócias, à imprensa e à sociedade de São Paulo, que têm prestado todo seu apoio à Campanha que a Liga vem realizando em benefício de suas obras de assistência à infância.

Para o dia 31, encerrando a Campanha, a diretoria da Liga promove um chá com números de arte, em sua sede social à avenida Brigadeiro Luis Antonio 358, às 16 h 30, oferecido aos benfeitores da Liga, às sócias e suas famílias, à imprensa e a tôdas as pessoas que têm colaborado na Campanha.

Cursos Gratuitos de Taquigrafia

A Associação Taquigráfica Paulista, mantem abertas as matrículas para o Curso Gratuito de Taquigrafia por Correspondência. Estão abertas também as matrículas para o Curso Oral, a ser iniciado no mês de junho próximo, com aulas tri-semanais de manhã, à tarde e à noite. A duração do Curso é de 3 a 4 meses.

Para informações e matrículas, os interessados poderão procurar ou escrever à sede da Associação em São Paulo, rua Santa Ifigênia, 613, das 15 às 22 horas, diariamente.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

ÚLTIMA NOTA

Antonio CANDIDO

Finalizando as notas sôbre poetas e poesia, quero chamar a atenção do leitor para um livro recente, onde encontrei meditações das mais bem orientadas sôbre a matéria. Quero referir-me a "Origens e Fins", do sr. Otto Maria Carpeaux (1). Pode-se dizer que um terço dos artigos nele enfeixados (9 sôbre 26) versam problemas de poesia. E eu prefiro apresentar-vos êste aspecto do pensamento do autor, já por ser o mais característico da sua maneira, já por entrar na linha das nossas últimas cogitações — minhas e, quero crer, vossas, leitor.

*

Fazendo um justo reparo ao sr. Alvaro Lins, o sr. Otto Maria Carpeaux afirma direção interpretativa da sua própria crítica em divergência com o critério judicativo daquele autor. Contudo — e aqui me ponho ao lado do sr. Otto Maria Carpeaux — a crítica interpretativa é mais legítima, mormente se precisarmos opor entre ela e a judicativa — porque o critério ideal seria um movimento que, partindo da análise interpretativa, chegasse ao diagnóstico funcional, passando pelo julgamento de valor. E o defeito de grande parte dos ensaios do autor que nos ocupa, não só neste como no seu primeiro livro, é o que se poderia chamar o excesso de interpretação. Com efeito o sr. Otto Maria Carpeaux adota, para interpretar, o processo comparativo. Ora, a comparação é uma espécie de presente de gregos. "Timeo comparatio et dona ferentes"... Pode nos esclarecer largamente o caminho crítico, tornando-se dêste modo um dos instrumentos mais fecundos de trabalho, como pode nos levar ao analogismo, fazendo sair do seu bojo uma série de traidores que nos envolvem e nos levam a escamotear o problema, trocando o juizo crítico pela muleta da comparação, como diria Ronald de Carvalho, o pior dos críticos comparativos malgré lui que o Brasil já teve. Em mais de um ensaio, sobretudo do seu primeiro livro, o sr. Carpeaux parece cair nesta armadilha, reduzindo o seu trabalho, no final das contas, a um passeio ameno e instrutivo pelos vários jardins das literaturas européias. Quando, porem, consegue se livrar do perigo, nos dá ensaios de primeira ordem, graças à extensão dos seus conhecimentos e das suas leituras.

Não sou um leitor muito assíduo da nossa imprensa nem dos nossos articulistas, mas me parece que o sr. Otto Maria Carpeaux foi o primeiro, no Brasil, a comentar a poesia de acôrdo com as modernas tendências da crítica inglêsa e americana dos nossos dias — isto é, a constatar, diante da realidade da produção dos poetas, que a poesia moderna era, em larga parte, uma espécie de retomada da poesia conceituosa do barroco: gongorismo, marinismo, poesia metafísica, como chamou Johnson à dos poetas da primeira metade do seiscentos inglês. E' sabido que os poetas inglêses modernos, influenciados por Eliot, que por sua vez se embebera em Donne, Marvel etc., a exemplo de Yeats em parte da sua obra e, sobretudo, de Manley Hopkins, o grande didata do verso inglês contemporâneo, empregam largamente os processos poéticos subordinados, mais ou menos, à lição cultista. Alguns críticos chegam a ver na poesia não cultista, como a romântica, por exemplo, uma quebra da verdadeira evolução da poesia inglêsa. Outros sustentam que o romantismo não rompe, mas retoma a tradição cultista, limpando-a, rompendo com a artificialidade do wit e recobrando a espontaneidade da imagem em oposição à sua intelectualização excessiva. Citamos, como exemplo do primeiro grupo, o americano Cleanth Brooks, (v. o seu livro: "Modern Poetry and the tradition") e, do segundo, o inglês Herbert Read (v. os seus "Collected Essays in Literary Criticism"). Por outro lado, como aprendi com o sr. Carpeaux, operava-se na Espanha uma idêntica busca em relação à obra dos culteranos, sobretudo do seu pontífice, o paulificante e grande Don Luiz de Gongora.

E' assim que vemos um poeta moderno, como Cecil Day Lewis, fazer poesia social empregando, ao lado e ao mesmo tempo que outros, os processos requintados e não raro obscuros do desenvolvimento antitético, da imagem-valor, do conceito, exatamente como se encontram nos "Holy Sonets" do velho e longamente esquecido John Donne. O leitor ficará facilmente inteirado da questão lendo, em nossa lingua, os admiráveis "Passos da Cruz", nas "Poesias" recém-publicadas de Fernando Pessoa, e comparando-os com os sonetos seiscentistas de Rodrigues Lobo ou os poemas de Dom Francisco Manoel. Verá, então, até que ponto o simbolismo e as sutilezas do poeta português moderno se entroncam nos seus velhos e sábios patrícios de trezentos e mais anos atrás.

O problema pode, grosseiramente, se resumir no seguinte. Há duas linhas de poesia: uma que faz da imagem um apoio ilustrativo do desenvolvimento do poema, devendo êste ser sobretudo a expressão de uma realidade perceptível através de uma identificação sentimental; outra, que faz da imagem uma unidade expressiva autônoma, que se exprime a si mesma e que deve ser percebida por um movimento tanto intelectual quanto afetivo. A segunda, evidentemente, requer uma acuidade maior e uma atenção contínua. A necessidade de um certo treinamento anterior e de um esfôrço permanente a tornam mais difícil e, portanto mais obscura. Esta questão é das mais debatidas da crítica anglo-americana dos nossos dias. Não há quem não meta nela a sua colher torta. A magnífica antologia "Reading Poems", comentada por mim neste rodapé há uns dois meses, pode-se dizer que é construida em tôrno dela.

Ora, na literatura brasileira, onde não constitui um problema vital, até aqui ninguem a tem abordado publicamente. No entanto, a sua importância é tão decisiva para as questões gerais de poética, o seu esclarecimento tão fecundo para a famosa discussão da poesia moderna, que não há como agradecer o sr. Otto Maria Carpeaux por tê-la divulgado entre nós. Aliás, um dos seus méritos mais fecundos tem sido justamente o de trazer para o Brasil uma inteligência afeita aos problemas do velho mundo e estudando os nossos à sua luz, esclarecer mais de um ponto de vista de ordem geral.

O sr. Otto Maria Carpeaux é dos que acham que a verdadeira linha da poesia é a do conceito e da chamada pureza. O seu gôsto coincide com o dominante na crítica inglêsa moderna. Segue uma curva segundo a qual a poesia, depois do segundo século XVI e do barroco, dá um pulo, passando alto sôbre o classicismo malherbano e drydeneano, o romantismo, o parnasianismo, para se encontrar novamente no simbolismo e nas correntes modernas. No entanto, a sua posição não é tão simples. Aprende muito bem o sentido da evolução poetica moderna, e poucas vezes tenho lido páginas tão lúcidas e tão decisivas quanto àquelas em que fala da passagem da poesia privada para a poesia pública como tendência e condição de grandeza da poesia moderna. Da mesma maneira, o seu estudo entre as relações da poesia e da ideologia demonstra uma segurança de quem já ultrapassou as brigas relativas à função da poesia, colocando-se num plano mais essencial, que permite a visão esclarecida do problema. Creio que o sr. Carpeaux tem um certo preconceito crítico, podendo-se aplicar-lhe o que êle próprio escreve, citando Richards: "sedimentos de teorias críticas que prescrevem à poesia um papel determinado e condenam um poema em que está desempenhado um outro papel da poesia". O Parnaso e o Romantismo brasileiros são para êle movimentos de terceira ordem. E mesmo, penso eu, os outros parnasos e romantismos, — a não ser o aspecto nervaliano ou hoelderlineano dêste. Não fará o sr. Carpeaux uma injustiça, oriunda do seu esfôrço de estar de acôrdo com a atitude recente em poesia? Mas se esta deve tanto, no Brasil pelo menos, a homens como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa! Tenho a impressão de que o nosso autor se perde um pouco na poesia mais marcadamente nacional, como é a solução indígena do Parnaso, num Vicente de Carvalho, por exemplo, ou o romantismo eloquente de um Castro Alves. E' patente esta relativa falta de sensibilidade — explicável, aliás, plenamente, num estrangeiro há poucos anos entre nós, e que já faz muito em nos compreender tão bem quanto compreende — na sua desconfiança diante da obra do sr. Mario de Andrade.

E' evidente que, para um europeu, e para os que têm a sensibilidade marcada sem remédio pela cultura européia, o sr. Mario de Andrade é pouco acessível, justamente por ser o mais brasileiro dos grandes poetas modernos e por apresentar uma riqueza de facetas própria a desconcertar quem não consiga entender a sua evolução. Só vi, até agora, dois estrangeiros entendê-lo plenamente: Roger Bastide, que o coloca na primeira plana da nossa poesia, e Giuseppe Ungaretti, que o considerava um dos maiores poetas modernos do Brasil.

Não é, porém, em relação ao que considero falhas justificáveis numa cultura de fresca data que reside o meu desacôrdo com o sr. Otto Maria Carpeaux. A sua crítica me parece pecar por um certo excesso de confiança. Há na maioria dos seus ensaios, um certo ar de infalibilidade que nem sempre agrada. Uma insuficiência que faz lembrar às vêzes o pavonismo do sr. Afonso Arinos de Melo Franco. Quando fala, por exemplo, de "resistência dos ignorantes e estúpidos suficientes que se revoltam contra a poesia moderna" (me parece que a função do crítico literário é, antes, procurar pacientemente esclarecer os que não entendem); ou quando escreve coisas assim, cortantes: "O que o sr. Alvaro Lins fêz pela poesia brasileira contemporânea constitui obra definitiva"; "o pobre Banville, definitivamente enterrado" etc., Não estou de acôrdo, sobretudo, com o uso imoderado que faz o sr. Carpeaux do vocábulo dialética. Isso porque a dialética, para êle, é um processo parcial, aplicável apenas a certo tipo de desenvolvimento, sobretudo mental. A sua concepção da evolução histórica e da função do espírito está longe do que se pode chamar dialética, como se pode ver sobretudo nos ensaios de "Cinza do Purgatório", sôbre Vico, Weber, Burckhardt. Ora, dialética tem um sentido tão perigoso hoje em dia, que não vejo como aplicar o vocábulo fora de uma concepção também dialética da história e do espírito.

*

O sr. Otto Maria Carpeaux é um dos mais seguros dentre os que agitam idéias literárias no Brasil. A sua atividade tem se revestido de um cunho de utilidade para os mais moços, porque representa, não é difícil ver, uma apaixonada luta pela supremacia do espírito e pela revalorização dos princípios segundo os quais vivemos. Veja-se o seu belo ensaio sôbre Lorca. Para a literatura brasileira, tem o inestimável valor de representar um ponto de vista europeu dentro dela, permitindo, dêste modo, visões novas, orientações diferentes daquelas que já nos calejaram. O nível da sua produção, a largueza dos seus conhecimentos e a sua compreensão certa da função da crítica fazem dêle uma aquisição de primeira ordem para a nossa vida intelectual.

(1) — Otto Maria Carpeaux — Origens e Fins — Ensaios — C. E. B. — Rio — 1943.

Conquistado por um médico paulista o prêmio "Carlos Chagas" da Academia Nacional de Medicina

O prêmio "Carlos Chagas", da Academia Nacional de Medicina, destinado ao melhor trabalho inédito, de um só autor, sôbre moléstias tropicais e infecciosas, coube êste ano ao dr. [illegible] de Mesquita, biologista do Instituto "Adolfo Lutz".

A monografia apresentada, "Estafilococcias" é o resultado de um estudo clínico e bacteriológico de [illegible]. Devido à [illegible] [illegible] [illegible] [illegible], os problemas bacteriológicos [illegible] [illegible] problemas de hospital [illegible] que poderiam ser [illegible] em tôda a sua significação prática.

Foram cuidadosamente estudadas as afecções estafilocócicas principais, nas várias especialidades. Ficou [illegible] o fato fundamental de que o achado bacteriológico de um estafilococo não indica necessàriamente a presença de uma estafilococcia, e que o laboratório deve indicar se o germe isolado é patogênico ou [illegible]. Foi realçada ainda a importância das condições endocrinológicas, alimentares e higiênicas que facilitam ou agravam as infecções por estafilococos.

De ponto de vista higiênico, foi apresentado com riqueza de detalhes o [illegible] de um surto de impetigo estafilocócico em recem-nascidos.

E' ainda um dos primeiros trabalhos brasileiros que apresenta dados sôbre o emprêgo local da penicilina em estafilococcias; o autor conseguiu resultados animadores com penicilina cedida pelo dr. [illegible] Ashcar.

A EXPANSÃO DE CAMPINAS PELO APARECIMENTO DE NOVOS BAIRROS

Fala a respeito à "Folha da Manhã" o chefe da Seção de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura daquela cidade

CAMPINAS, 24 (Da sucursal da "Folha da Manhã") — De certo tempo a esta parte vai se percebendo que a cidade se expande. Em todo o seu perimetro desenham-se os contornos dos bairros novos, ao mesmo tempo que no núcleo já construido se operam transformações cotidianas.

Há curiosos que indagam os rumos do desenvolvimento que a cidade definitivamente acertará. Industriais que perguntam do zoneamento mais propicio à instalação das indústrias novas. Há a atenção de elementos de fora, capitalistas e terrenistas, sobretudo, que examinam as possibilidades reservadas a Campinas, que prospera.

Em face do interêsse que a questão da edificação dos bairros novos naturalmente suscita, resolvemos ouvir a palavra de um técnico, o sr. Eduardo Edargê Badaró, chefe da Seção de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campinas.

O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE EM FACE DO PLANO DE URBANISMO

Inicialmente, indagamos do sr. Edargê Badaró se êsse desenvolvimento da cidade para o norte, para o oeste e para o sul não viria complicar os planos de urbanismo que a Prefeitura vem elaborando.

— "Ao contrário, uma vez que o plano se fêz com bastante elasticidade, já prevendo atender às modalidades que os problemas eventuais impõem. E' de se notar que se apresentam ao urbanista duas modalidades de tarefas: uma, em que o campo de sua atividade é constituido de uma zona já edificada e arruada. Velhas partes das cidades que reclamam o espaçamento das praças e das avenidas modernas, apresentando dificuldades nas aplicações de disposições inerentes às edificações pròpriamente ditas, em face da exiguidade de lotes definidos ou por ausência de legislação ou por legislações prescritas e abolidas pela técnica moderna. Já outro é o serviço no campo livre, não edificado e não caracterizado pelo caos das construções e arruamentos desordenados e crescidos sem o planeamento e sem ordem inteligente".

— Quer dizer que os bairros novos são uma oportunidade para a aplicação integral dos principios e conhecimentos urbanisticos? perguntou o repórter.

— "Não há dúvida. E nesse sentido a Prefeitura vem realizando já um trabalho que constitui um serviço de orientação a todos quantos idealizem lotear e arruar áreas vizinhas às perimetrais. Uma nova cidade surge sôbre os campos circunvizinhos de Campinas. O sr. mesmo já teve oportunidade de ver na Diretoria de Obras e Viação a confecção de anteprojetos orientadores do bairro que se formará ao pé da Escola Preparatória de Cadetes e da sede da Divisão Motomecanizada. Lindas e largas avenidas, ajardinamento rico, aproveitamento estético das rampas, dos niveis variados, formação de lagos, tudo o que ali se desenhou e planejou promete a formação de um bairro criado sob a mais acurada técnica".

A LIGAÇÃO DOS NOVOS BAIRROS COM A CIDADE

Perguntamos se a simples construção dessas duas instituições do exército, a Escola Preparatória de Cadetes e a Motomecanizada garantirão a solução do problema de ligação dêsses bairros novos com a cidade.

— "Certamente — respondeu o sr. Eduardo Edargê Badaró — a solução da ligação de tudo quanto lá está para além da linha de ferro — o Guanabara, o Bonfim, parte do Taquaral — virá com a abertura da avenida Andrade Neves e com a instalação de serviços de transportes, que, a principio terão uma função relacionada com essas realizações do exército, mas que, naturalmente, abrirão caminho para os transportes necessários a todos os interêsses da zona referida".

OS OBSTÁCULOS QUE TEM EMBARAÇADO O DESENVOLVIMENTO DE CAMPINAS PARA A PERIFERIA

— Quais os obstáculos que até aqui têm embaraçado o desenvolvimento de Campinas no sentido de sua expansão para a periferia?

— "Para as chamadas zonas residenciais se notam dois obstáculos: no Cambuí, o vale do Proença, que a Prefeitura saneará, permitindo o desenvolvimento da zona de Proença, serão também realizados trabalhos de retificação do córrego do mesmo nome, o que possibilitará a expansão para o planalto de além córrego. Na zona da avenida Itapura, a linha de ferro se tornou cinturão, travando a circulação e a expansão urbana, pela dificuldade que naturalmente a estrada impõe às vias públicas de penetração e de ligação. Esse problema também já está em vias de solução, uma vez que estão iniciados os trabalhos para a ligação já referida entre a cidade e o Chapadão, estabelecendo, em grande circular, o retôrno à cidade pela avenida Brasil.

Esses planos e arruamentos que envolvem e emolduram a cidade oferecem bases necessárias ao progresso e Campinas se expandirá conscientemente para essas linhas pre-determinadas pelo urbanismo porque essas predeterminações são orientadas dentro de formas gerais e tendo em vista tendências naturais de expansão e de crescimento da cidade", concluiu o nosso entrevistado.

HOMENAGEM DA ESC. PAULISTA DE MEDICINA À MEMÓRIA DO DR. NASCIMENTO BARRETO

ENTREGA DE UM PERGAMINHO CONTENDO O ÚLTIMO RELATÓRIO SÔBRE AS ATIVIDADES DA ESCOLA

— Transcorrendo amanhã, o 1.o aniversário de falecimento do dr. Antonio do Livramento Barreto, a Escola Paulista de Medicina, de que aquêle saudoso facultativo foi inspetor federal por intermédio de seu diretor, prof. dr. Alvaro Guimarães Filho, ofereceu à familia Livramento Barreto, um pergaminho com a transcrição de trechos do Parecer n. 57.44 da Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, que apreciou o último Relatório do dr. A. do Livramento Barreto acêrca das atividades da Escola Paulista de Medicina, durante o ano de 1942. E' o seguinte o texto do parecer referido:

"Conselho Nacional de Educação — Parecer n. 57.44 — Comissão do Ensino Superior. Assunto — Relatório do inspetor federal junto à Escola Paulista de Medicina referente a 1942.

Em dois volumes magnificamente encadernados e organizados tendo o primeiro 339 fls. e o segundo 254 o inspetor federal dr. A. Livramento Barreto relatou as atividades da Escola Paulista de Medicina em 1942.

A Comissão de Ensino Superior, mais uma vez rende homenagem a êsse dedicado servidor público pelo brilhante desempenho de suas funções e pela dedicação evidente pela leitura de seu relatório com que acompanhou os trabalhos dêsse estabelecimento de ensino superior. Essa homenagem é tanto mais justa e merecida [illegible] ao [illegible] [illegible] [illegible] da Divisão [illegible] Superior [illegible] [illegible] [illegible] falecimento de tão [illegible] [illegible] digno do aprêço e [illegible] da Comissão e, certamente, de todo o Conselho Nacional de Educação.

Os trabalhos da Escola Paulista de Medicina em 1942 prosseguiram com a mesma eficiência, brilho e [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] dedicação ao ensino dos seus [illegible] ficou evidenciada em sua [illegible] frequência, no alto nível de ensino perfeitamente confirmado pelos [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] mente realizados, e pelos [illegible] melhoramentos introduzidos [illegible] laboratórios [illegible] e demais dependências da Escola.

Em 18 de janeiro de 1942 foi a Escola privada do [illegible] professor Alvaro de Lemos Torres, vítima de infausto acidente, [illegible] por tôda classe médica brasileira e pelo Conselho Nacional de Educação, que lamentou o desaparecimento de tão notável mestre e [illegible] de diretor que são [illegible] [illegible] os destinos da Escola Paulista de Medicina.

Em 1942 a Escola foi dirigida pelo antigo vice-diretor, professor Alvaro Guimarães Filho, que prosseguiu na [illegible] tradição de seu [illegible] [illegible].

Durante o ano em estudo, a 1.a cadeira de Clínica Médica foi preenchida por transferência pelo [illegible] [illegible] professor de [illegible] [illegible] Corrêa, observadas as prescrições legais. Também em [illegible], foi nomeado [illegible] [illegible] o dr. [illegible] de [illegible] Mattos, que mereceu da [illegible] Examinadora os melhores [illegible] [illegible] que se houve nas provas.

Os diplomados pela Escola, em número de 48, apresentaram [illegible] [illegible] regulares.

Todos os programas foram [illegible].

Mediante um novo [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] de São Paulo [illegible] [illegible] [illegible] do Hospital [illegible] modelar estabelecimento, permitindo à Escola [illegible] [illegible] [illegible] encargos de seu [illegible].

Em relatórios [illegible] [illegible] [illegible] da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, no Curso de Enfermagem Obstétrica, no Curso de Auxiliares Técnicos de laboratórios. Os documentos [illegible] dos permitem à Comissão [illegible] [illegible] o Inspetor manifestar sua [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] la dedicação com que [illegible] foram conduzidos em 1942.

Em conclusão, a Comissão de Ensino Superior é de parecer [illegible] [illegible] relatório de 1942 do inspetor junto à Escola Paulista de Medicina seja [illegible] arquivado.

Sala das sessões, 29 de março de 1944 (aa.) Paulo Pereira [illegible] [illegible] Relator. Reynaldo Porchat, Cesario de Andrade".

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

LÍNGUA, PENSAMENTO, LITERATURA

Antonio CANDIDO

E' sabido que uma das tragédias de quem escreve em português é o fato da nossa ser uma lingua que, a bem dizer, ainda não foi suficientemente polida pelo pensamento. O português ainda não foi suficientemente pensado, como as outras linguas européias. Ora, os vocábulos são como os seixos dos rios. A principio, duros e ásperos calhaus cheios de pontas e arestas. A água, todavia, passa lenta e pacientemente sôbre êles. Os anos sucedem aos anos, e os seixos vão se arredondando, as suas anfractuosidades se atenuam, tôda a pedrinha como que amacia e se torna um pequeno bloco polido, doce ao contacto e à vista. Também as palavras sofrem esta erosão; no seu caso, da corrente do pensamento. Quando lemos um escritor como Gide, sentimos que atrás dêle houve outros há séculos e séculos, que vieram lentamente desbastando a expressão das suas durezas, afinando-a afincadamente a exprimir um pensamento sempre à busca de maior e maior clareza, maior e maior significação. Para expor o seu método, Descartes foi obrigado a disciplinar sua lingua, metendo-a em certas veredas pouco frequentadas antes; como Pascal, como Voltaire — no desejo de fazer da palavra um instrumento expressivo e adaptado às necessidades elocutivas.

Em português pràticamente não tivemos um só pensador que, dotado de originalidade, fôsse obrigado a dobrar o idioma às sutilezas de seu pensamento. Os grandes mestres do pensamento português e brasileiro pensam de segunda mão, e a sua linguagem [illegible] em gênero e modo... Não temos sobretudo, esta coisa [illegible] falta: o pensamento literário — caracteristicos dos escritores que, não sendo filósofos nem homens de ciência, possuem contudo um certo cabedal de idéias cuja expressão depende estritamente da beleza ou da justeza vocabular. Não há um Montaigne, um Carlyle, um Nietzsche, um Leopardi em lingua portuguêsa. Debalde buscariamos um Ganivet, um Unamuno, um Matthew Arnold, um Frederico Schlegel. Não encontrariamos um sistema literário de pensamento dotado de expressão própria. Tenhamos de um lado, o cientista ou o filósofo a fazer retórica; de outro o literato a se tornar sentencioso. Entende-se por espírito filosófico, em Portugal e no Brasil, o do individuo que faz literatura em tôrno de certos grandes chavões do pensamento. Ora, um literato nem sempre pode, no domínio das idéias apresentar a originalidade de um verdadeiro pensador. O que faz a sua grandeza especifica é, numa forma bela e conveniente, dar valor literário, dar um tom "sui generis", ao que nas mãos do filósofo seria expressão técnica do pensamento. Assim, em Anatole France não encontramos talvez uma só idéia original. O que encontramos é uma vitalização das idéias, uma apresentação estética de certos lugares comuns do pensamento francês e clássico, que os torna valores profundamente literários e lhes dá categoria mais humana e mais comunicativa. No Brasil temos fenômeno parecido em Machado de Assis. No sr. Ciro dos Anjos encontramos qualquer coisa de mais polido e mais interessado — o pensamento recebendo de fato um tratamento estético. No gênero ensaio e reflexão, é preciso confessar que somos pobres, paupérrimos, não passando além das banalidades dolorosas do malogrado Vicente Licinio Cardoso ou da sopa fria do sr. Gilberto Amado — para não falar dos remelexos do Professor Afranio Peixoto.

Esta falta de lingua pensada e de pensamento bem vestido, num país em que o pensamento se reduz ao ribombo da palavra, faz da nossa uma literatura de escritores sem inteligência real e sem criação estilistica. Um sr. José Lins do Rego é um grande romancista, não há dúvida, e o sr. Jorge Amado talvez ainda seja maior. Nada ficam devendo aos múltiplos Steinbecks de todos os hemisférios. Mas, justamente como todos os Steinbecks, lhes falta aquela funda densidade de pensamento, aquela capacidade de pensar com a sensibilidade e sentir com a inteligência que faz o romancista de primeira água, o romancista que não dissocia o pensamento da sensibilidade nem vê o mundo alternadamente com uma ou com outra, mas segundo um único movimento de compreensão, que é maturidade de pensamento e fôrça de criação, é profundidade psicológica e é espontaneidade afetiva. Lhes faltando esta posição rica e fecunda, lhes falta forçosamente a justeza de expressão, a capacidade de fazer da lingua um instrumento de pesquisa e de descoberta. A sua, como a dos demais romancistas brasileiros e de quase todos os outros modernos, pode ser muito plástica, muito bonita mas pouco ajuda o leitor a penetrar melhor e mais fundo na vida e nêle mesmo.

Esta fôrça admirável, que é pensamento afinado e sensibilidade penetrante, — um enriquecendo o outro sem cessar, — depende de uma tradição histórica, que compreenda elementos mais opulentos que os das magras literaturas portuguêsa e brasileira, na primeira das quais é preciso chegar ao século XIX para encontrar prosadores realmente à altura dos demais da Europa. Assim é que no panorama da literatura moderna, num momento em que começamos realmente a valer alguma coisa, não é no Brasil que devemos procurar os ensaistas e os romancistas que exprimam uma verdadeira riqueza intelectual, uma verdadeira conquista do mundo através do pensamento. Debalde procurariamos alguém para opor ao fenômeno extraordinário de um Silone, de um Kafka, de um André Malraux, — escritores que "acrescentam" alguma coisa de afetivo e de definitivo ao mundo da expressão e do pensamento literário, apenas arranhando exteriormente pelos Hemingway, Ehrenburg, Jorge Amado, Steinbeck, José Lins do Rego, Huxley.

Ora, parece certo que o inicio de uma verdadeira reforma do pensamento literário tem de começar por um forjamento da expressão adequada. Nem de outra maneira agiram Ronsard, Malherbe, Spenser, Goethe, Marcel Proust, James Joyce, Charles Morgan. No Brasil, notamos um certo conformismo estilístico. As tentativas modernas, que pareceram bravatas tão arrojadas aos timidos amantes do Serviço de Trânsito Literário, é forçoso convir que não passaram de uma limitada amplitude. Dentro dela, cada um se exprimiu mais ou menos saborosamente, segundo o seu talento, mas ninguém aprofundou a expressão literária. Isto é, ninguém disse mais e melhor do que Machado de Assis e Aluizio de Azevedo. A qualidade que mais impressionou foi o vigor: a certa desenvoltura com que, por exemplo, os romancistas de Trinta lidaram com os vocábulos e as construções, adaptando umas e outras ao seu temperamento literário mais expansivo. Quase ninguém, todavia, chegou a dar uma demonstração de verdadeira fôrça "mental", e não física ou emocional. (Talvez Antonio de Alcantara, se não morresse, — pensam os melancólicos) Possivelmente o sr. Mário de Andrade foi o único que fêz algo de certo valor, com "Macunaíma". O sr. Oswald de Andrade, em escala menor, produziu o "João Miramar". Noutro sentido, o sr. Ciro dos Anjos andou relando, assim como o sr. Graciliano Ramos. Os demais deram belos exemplos de vigor e de sensibilidade. Nada me agrada mais do que ler "Fogo Morto" ou "Terras do Sem Fim", — coisa que já fiz repetidas vêzes. Mas a contribuição do pensamento, que faz a verdadeira obra durável, que distingue a confissão de Stavroguine dos gritos pungentes de Helen Grace Carlisle, fazendo da primeira uma criação superior do espirito, em contraposição ao rumor de entranhas da segunda; que distingue o velório de Luigi Múrica da admirável prisão de Vitorino Papa-Rabo, porque aquêle se enquadra numa visão geral da sociedade e da existência, enquanto esta não é mais do que um retalho de humanidade transposto pela arte — esta contribuição do pensamento, eu a procuro em vão nos nossos mestres do romance, semelhante nisso aos seus colegas norte-americanos e à maioria dos europeus.

E talvez se pudesse concluir dizendo que enquanto, numa literatura, não se estabelecer um movimento de pensar efetivamente o material da ficção e de pensar ao mesmo tempo o material verbal; enquanto não se passar da afetividade e da observação para a síntese de ambos, que se processa na inteligência, segundo a cultura e a consciência do mundo, — não é possivel encará-la "sub-species" digo "aeternitatis", mas "quodam aeternitatis".

*

Volto à posição inicial. Enquanto não fôr pensada convenientemente, uma lingua não estará apta a coisa alguma de definitivo, nem dará azo a nada de mais sólido do que a literatura periférica, ou seja aquela que dá voltas em tôrno de um problema essencial sem conseguir pôr a mão sôbre êle. Para que a literatura brasileira se torne uma grande literatura, é necessário que o pensamento afine a lingua e a lingua sugira o pensamento por ela afinado. Uma dupla corrente, da qual saem as obras primas, e sem a qual dificilmente se chega a uma visão profunda e vasta da vida dentro da literatura.

Nos romances que se publicam todo o dia entre nós, podemos dizer, sem medo, que não encontramos a verdadeira exploração vocabular, a verdadeira aventura da expressão. Por maiores que sejam, os nossos romancistas se contentam com posições já adquiridas, pensando naturalmente que o impulso generoso que os anima supre a rudeza do material. Raramente nos é dado encontrar um escritor que, como o português Antonio Pedro, ou o Oswald de "João Miramar", ou o Mario de "Macunaíma", procura estender o domínio do vocabulo sôbre regiões mais complexas e mais inexprimiveis, ou fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das idéias. Porisso, tive verdadeiro choque ao ler recentemente um livro publicado já há alguns meses, mas que só agora me caiu sob os olhos. Quero referir-me ao romance diferente que é "Perto do coração selvagem", da sra. Clarice Lispector, escritora completamente desconhecida para mim, da qual não tenho a mais leve informação.

Com efeito, êste romance é uma tentativa impressionante de levar a nossa lingua canhestra para dominios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual, se sente, a ficção não é um exercicio ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espirito, apto a nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente. Até que ponto a escritora conseguiu o seu intento, procurarei investigar no próximo artigo.

O SR. ROBERT SHAW VISITOU ONTEM DEMORADAMENTE A PENITENCIÁRIA DO ESTADO

IMPRESSÕES EXPENDIDAS PELO AGENTE ESPECIAL DO "BUREAU OF INVESTIGATION", DOS E.U.A.

Atendendo a convite que lhe foi [illegible] Instituto de Biotipologia Criminal, o sr. Robert Shaw, agente especial do "Bureau of Investigation" dos Estados Unidos, que se encontra atualmente nesta Capital como adido policial norte-americano junto à Delegacia de Ordem Política e Social, por solicitação da Secretaria da Segurança Pública, esteve, na manhã de ontem, em visita à Penitenciária do Estado.

Recebido, à entrada, pelos srs. João Carlos da Silva Telles, João Rodrigues de Mereje e Cícero Carvalho Lage, respectivamente diretor, secretário e médico psicologista do Instituto de Biotipologia Criminal, o sr. Robert Shaw, que se fazia acompanhar do sr. John C. Laney, secretário do Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo, foi conduzido à sala de trabalho do prof. Flaminio Fávero, diretor geral do Departamento dos Presídios do Estado, onde era esperado por êste e por elementos da direção daquela casa de correção.

Iniciando a sua visita à Penitenciária, o policial norte-americano dirigiu-se às dependências onde funciona o Instituto de Biotipologia, conhecendo de perto tôdas as suas secções. Ai lhe foram apresentados vários documentos e dados estatísticos sôbre as atividades do Instituto, tendo o sr. João Carlos da Silva Telles feito pormenorizada exposição sôbre as várias modalidades de assistência aos presidiários, inclusive a recuperação moral e o preparo psicológico para o retôrno ao seio da sociedade, aplicação de comutação de penas, pedidos de livramento condicional, encaminhamento de processos e de requerimentos dos presos para a assistência médico-hospitalar e outras muitas providências.

Percorrendo as demais dependências daquela casa, o representante da polícia norte-americana esteve nos diversos pavilhões de celas, nas oficinas, na cozinha, na padaria, no [illegible] hospitalar, nas secções de farmácia e enfermaria, endocrinologia, psicologia e psiquiatria, oftalmologia, histologia, [illegible] e antropometria, onde assistiu a uma demonstração do aparelho "Micropolimorfismo" de invenção do diretor e de grande importância para a estatística médica em geral.

Antes de se retirar, o visitante esteve na diretoria geral, sob a direção do sr. José Abolafio, onde teve [illegible] de presenciar a despedida de um dos presidiários que completara naquele modelar estabelecimento a pena de nove meses por crime de [illegible]. Ai o sr. Robert Shaw teve oportunidade de trocar algumas palavras com o preso que se retirava para iniciar novamente sua vida livre e que se dirigia para Monte Novo.

Depois de cordial palestra mantida com os presentes, o visitante recebeu das mãos do sr. José Abolafio um [illegible] ali executado pelos condenados.

Ao se retirar, o sr. Robert Shaw foi abordado pela reportagem da "Agência Nacional", declarando o seguinte:

— "No Brasil, depois que aqui cheguei como adido à polícia de São Paulo, êste é o primeiro estabelecimento do sistema presidiário brasileiro que visito. Mas, pelo que tive oportunidade de conhecer, acho que nada mais resta visitar porquanto a Penitenciária de São Paulo, com certeza, já, por si só, representa o que de mais moderno possa ter sido criado em matéria de presídios. Fiquei bastante interessado quando me foi feito o convite para visitar a Penitenciária de São Paulo, e qual não foi minha surprêsa em ver superadas tôdas as minhas expectativas.

O que profundamente me impressionou foi o aspecto de satisfação que os presidiários apresentam. Outra coisa que muito me chamou a atenção foi a absoluta higiene que se nota em tôda a Penitenciária. A maneira como o indivíduo que entra nesse estabelecimento é preparado para as diferenças da vida no exterior deixam profundamente em todos os espíritos, por menos observadores que sejam. Esse programa de recuperação do condenado para o seguido convívio com a sociedade é penso o mais importante fator para a elevação da moral, sempre abatida com a condição de homem que deve um crime".

Interpelado sôbre a possível dife-[illegible]

Intercâmbio de correspondência infantil

[illegible] A Bandeira Paulista de Alfabetização [illegible] Outras informações serão dadas pelo telefone 2-3574.

[illegible]

CRIAÇÃO DE CURSOS NOTURNOS DE INSTRUÇÃO PARA MENORES OPERÁRIOS PAULISTAS

ENTREGA SIMBÓLICA DA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DAQUELE EMPREENDIMENTO

Deverá chegar a esta Capital, no próximo dia 12, pelo noturno vindo da "Paulista", o sr. Gustavo Armbrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação, que no dia 14 fará, em sessão solene a ser realizada na Escola "Caetano de Campos", a entrega simbólica, ao prof. [illegible] [illegible] da "Campanha do Tostão" [illegible] dos Bandeirantes paulistas.

A primeira quota de contribuição atingiu a importância de Cr$ 143.751,70 e procede dos mais diversos pontos do território nacional.

A importância arrecadada através de [illegible] do Ensino Primário, será aplicada pela própria entidade promotora da campanha nos referidos cursos. O resto da manutenção e funcionamento dos cursos noturnos ficará a cargo de entidades e particulares que se dispuserem a patrocinar o ensino da infância operária. Uma comissão regional superintenderá [illegible]

[illegible] horas.

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

UM LIVRO DIDÁTICO

Antonio CANDIDO

Todos nós, que passamos pelos ginásios, sabemos que o Brasil é o inferno dos livros didáticos. Poucos países do mundo, penso eu, poderão se orgulhar de uma literatura didática tão sem propósito. Até há alguns anos atrás, as gerações passavam umas às outras certos mastodontes didáticos nacionais e estrangeiros, como a "Física" de Nobre, a "Química" de Basin ou a de Lanessan, a "Geologia" de Lapparent, a "Geografia" de Novais, a "Historia" de Rogero, — quando não era a coleção completa de F. T. D. ou de F. I. C. Depois, veio a febre dos livros destinados às diferentes séries, e o Brasil saiu do letargo, em que a "aritmética" de Trajano dominava vetustamente, para a aventura dos livreco renováveis todos os quinze dias, segundo os interêsses ou pendores de um livreiro ou diretor de colégio. Hoje a balbúrdia e a desonestidade caracterizam a produção habitual do livro didático secundário, no qual encontramos de tudo [illegible] dignas exceções. [illegible] geral, é uma [illegible] de barateamento editorial.

*

Tenho em mão um exemplo edificante: "Língua Portuguesa — Literatura, História da Literatura, Leitura e Exercícios para as três séries dos Cursos Clássico e Científico". O autor é o sr. Geraldo de Ulhôa Cintra, doutor em Letras, professor de Filosofia Clássica, segundo reza a fôlha de rosto. Diante de títulos tão ex-[illegible] sari [illegible] [illegible] encontrar algo melhor do que se vê por Marques da Cruz [illegible] Não [illegible] o que encontrei foi algo de pior, de muito pior, não podendo [illegible] ânimo em relação aos pobres rapazes cujos colégios adotarem o livro em questão.

A primeira parte traz as definições [illegible] de teoria geral da literatura, sem melhores nem piores [illegible]

[illegible] ortodoxia [illegible]

No capítulo 30, por exemplo, diz o autor: [illegible]

[illegible]

servação é uma paixão culpável [illegible] constituem [illegible] um perigo sério para a virtude, mesmo quando sejam tratados com decência. [illegible] O romance [illegible] como a epopéia donde deriva, escola de heroísmo e idealização. Antes deprime muito mais do que eleva. Ninguém, portanto, deverá ler romance algum sem prévio informar-se, junto de pessoa autorizada, se essa leitura é aconselhável com as restrições indicadas da consciência" (pag. 84, 85). Sem comentários.

Na parte de história literária, [illegible]

[illegible]

Comecemos pela literatura portuguesa. No "Período Moderno", [illegible] Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida com mais detalhe e letra grande. Em letra pequena, aparecem "Alguns ou-

tros poetas", "Romance", "Teatro", "História", etc. Pois bem, nesta parte complementar, em que comparecem duas ou três dúzias de figuras [illegible] Antero de Quental ("poeta, filósofo, autor de Odes Modernas" [illegible] Escritor ótimo"), Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Gomes Leal e outros abandonou o campo, sectário e defendeu a fé católica"; é a única coisa que diz do grande escritor, incluindo no título "Romancistas"), Oliveira Martins, Teófilo Braga.

No título "O Modernismo e o Futurismo", distingue o principal [illegible]

[illegible] "Período Contemporâneo", ao qual dá [illegible] 6 páginas, [illegible] a Espiritualista ou Integral [illegible] Cecília Meireles [illegible] Fernando Pessoa [illegible] Castro Osorio, Mario de Sá Carneiro não são contemporâneos. [illegible] "escola espiritualista ou integral" "tende a um refinamento da realidade pela ação do espírito, pelo primado dos valores ideais", sendo algumas das suas características: a) ... colhe no romantismo e no realismo o que êles podem oferecer de útil à humanidade. é eclética; b) cultiva em ótima [illegible] o passado e promove o [illegible] cultura [illegible]

[illegible]

[illegible] "É o poeta do [illegible]" Recomeça com Gustavo Barroso, Jonathas Serrano, Alcebiades Delamare, Frei Pedro Sinzig, sendo de lamentar a ausência de Plínio Salgado. Na sociologia, tenham [illegible] padre Leonel Franca [illegible] "Emilio de Ruy Barbosa [illegible] intitulada "Infinita". Na filosofia [illegible] figuram dois nomes, o mesmo padre Franca, que [illegible]

[illegible] Rachel de Queiroz, [illegible] Graça Aranha, Gilberto Amado [illegible] Plínio Salgado [illegible] Alceu Amoroso Lima [illegible] Jackson de Figueiredo [illegible] Além de mais, [illegible] êste livro [illegible] reconheço, por [illegible]

(1) — 2a. edição — Editora [illegible]

ANTONIO GOMES NA BANDEIRANTES



Antonio Gomes — a voz dramatica do tango — é um artista cujo nome vem adquirindo aos poucos um belissimo cartaz. Dono de uma maneira tôda sua de interpretar o tango, Antonio Gomes se apresenta todos os domingos, ao meio-dia em ponto, ao microfone da Rádio Bandeirantes — das Emissoras Unidas — acompanhado pela Orquestra Típica Argentina Mancini. Hoje, o querido artista fará mais uma de suas notáveis exibições no auditório da emissora da Rua Libero.

PELAS ESCOLAS

ESCOLA DE BELAS ARTES DE S. PAULO

Terão inicio amanhã, dia 17, as aulas do 2.o periodo letivo do corrente ano, na Escola de Belas Artes de S. Paulo, com sede à rua Onze de Agôsto n. 162.

Continuam abertas as matriculas para os cursos livres de Pintura, Escultura e Gravura (diurnos) e cursos noturnos de desenho do modêlo vivo.

A Secretaria atende aos interessados diariamente das 8 às 11, das 13 às 17 e das 19 às 22 horas; aos sábados das 8 às 12 horas.

RADIO SÃO PAULO

PRA 5 — 1.260 KCL

HOJE

- 9,00 — Programa Brasileiro.
- 9,30 — Orquestra André Kostelanetz.
- 10,00 — PanAmericano.
- 10,30 — Valsas Vienenses.
- 11,00 — Voz do Brasil.
- 11,30 — Ritmos Estadunidenses.
- 12,00 — "Cocktail" do Dia.
- 12,30 — Programa da "Gordura Salada" — Comparações Musicais.
- 12,45 — Cantores Famosos.
- 13,00 — Teatro Fátima — "Era Uma Vez Três Garotas".
- 13,30 — Operetas em Revista.
- 14,00 — Orquestras da Broadway.
- 14,15 — Tango... Velho Tango.
- 14,30 — Música Brasileira.
- 14,45 — Fantasias Musicais.
- 15,00 — Futebol — São Paulo vs. Portuguêsa de Desportos — com Blota Junior.
- 17,00 — Sombra de Tranquilidade.
- 18,15 — Rumbas.
- 18,30 — Fronteira do México.
- 18,45 — Montmartre.
- 19,00 — Brasil Romântico.
- 19,30 — Frank Sinatra.
- 19,45 — Panorama Semanal da Guerra — Comentário de Fernão Pacs.
- 20,00 — Jóias do Jazz.
- 20,30 — Velhas Canções de França.
- 20,45 — Boa Iluminação.
- 21,00 — Programa Lírico.
- 21,30 — Programa Folclórico.
- 22,00 — Programa Sinfônico — "Sinfonia Novo Mundo" (Dvorák).
- 23,00 — Rádio-Jornal "FOLHA DA MANHÃ".
- 23,30 — Fantasia Azteca.
- 24,00 — Programa Brasileiro.
- 0,30 — Tangos.
- 1,00 — Rádio Jornal "FOLHA DA MANHÃ".
- 1,30 — Programa Variado.
- 2,00 — Encerramento das Irradiações.

Periodo de Transmissão: — 9,00 — 2,00 da manhã.

EMISSORAS UNIDAS

UNIVERSIDADE DE S. PAULO

FACULDADE DE MEDICINA VETERINARIA — Serão reiniciadas depois de amanhã, no horário habitual, as aulas em tôdas as séries do curso normal, desta Faculdade.

FACULDADE DE MEDICINA — Encerrou-se anteontem, o Curso de Aperfeiçoamento de Biomicroscopia Ocular, que esteve a cargo do docente-livre de Clínica Oftalmológica da Faculdade, dr. Benedito de Paula Santos Filho; aos drs. Renato Pucci, Carlos Neves, Nelson da Silva Carvalho, Franklin Campos Gurgel, Perry Alves Campos, Paulo Lemos da Silva e Ivo Bagnno, que obtiveram frequência regulamentar, vai ser expedido o respectivo título.

— Amanhã serão reiniciadas as aulas de tôdas as séries do curso Médico da Faculdade.

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Pela publicação de seu trabalho "Psiquiatria de Guerra", o prof. Antonio Carlos Pacheco e Silva, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo tem recebido vivos encômios da critica nacional e estrangeira, cumprindo destacar os firmados por Charles A. Thomson, do Departamento de Estado de Washington, prof. A. R. Radcliffe Brown e, precipuamente, do Comodoro do Ar "sir" R. D. Gillespie, que nele viu conceitos cuja aplicação acredita serem desejaveis e necessários para a eficiência das fôrças inglêsas combatentes.

MOVIMENTO SINDICAL

REUNIÃO DE PRESIDENTES DE SINDICATOS — Realizar-se-á no dia [illegible] às 20 e 30, na sede do Sindicato dos Empregados em Comercio Hoteleiro e Similares, à rua Quintino Bocaiúva, 110, uma reunião especial dos presidentes de Sindicatos desta Capital.

A reunião de amanhã será [illegible] pelo [illegible] do Ministério do Trabalho [illegible] no Estado e, pelo seu caráter, será de grande importancia para os sindicatos.

SINDICATO DO COMERCIO DE VENDEDORES AMBULANTES — [illegible]

[illegible]

SINDICATO DA INDUSTRIA DE [illegible] — [illegible]

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

"Perto Do Coração Selvagem"

Antonio CANDIDO

[illegible] os homens que estão [illegible] grande nome em ar[illegible] porque evitam o [illegible], porque se [illegible] [illegible] dixit [illegible] as suas veleidades [illegible] falsas [illegible] é tanto mais [illegible] quando não há [illegible]

[illegible] comum da arte [illegible] para o artista seria [illegible] seus impulsos [illegible] uma excelencia relativa [illegible] de uma certa rotina, [illegible] McCarthy talvez passe [illegible] como exemplo do que [illegible] da sua personagem. [illegible] mesmo, na [illegible] dos talentos, há quem [illegible] uma via mais acidentada [illegible], preferindo o risco [illegible] à comodidade do ra[illegible]. É o caso da sra. Clarice [illegible], que nos deu no fim [illegible] passado um romance de [illegible] raro na nossa [illegible] moderna, já qualificado [illegible] "[illegible]ista" [illegible] critico de valor, numa [illegible]

[illegible] se poderia dizer, com [illegible] justeza, é que os escritores brasileiros se contentam em [illegible] processos já usados, [illegible] tentativas mais ousadas.

Quando mais não valesse, o livro da sra. Clarice Lispector vale[illegible] tentativa, e é como tal que devemos julgá-lo, porque nele a realização é nitidamente inferior ao propósito. Original não sei até que ponto o será. A critica de influencias me mete certo medo, pelo que tem de dificil e, sobretudo de relativa e pouco concludente. Em relação a "Perto do coração selvagem", se deixarmos de lado as possiveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade.

A autora — ao que parece uma jovem estreante — colocou sèriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possivel exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas. A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possivel, e o seu milagre uma transfiguração que abre caminhos para mundos novos. As telefonistas de Proust — transformadas em divindades fatais — o corvo de Poe, os objetos de Hoffman, o sanduiche de Harpo Marx não outros tantos processos de protestar contra o ramerrão, o hábito, a deformação profissional causada pelos sentidos mecanizados. A [illegible] provocação das coisas à sua sensibilidade, e procura recriar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para os [illegible], a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem. Como os outros, ela nada consegue, a não ser êsse timbre que revela as obras de exceção e que é a melhor marca do espirito sobre a resistência das coisas.

Antigamente se chamavam de *análise* os romances mais ou menos psicológicos, que procuravam estudar as paixões — *as paixões* da literatura clássica — dissecando os estados de alma e procurando revelar o mecanismo do espirito. Hoje o nome convém a um número bem menor de obras. Os romances são mais universalistas, e as suas delimitações perderam muito em sentido e jurisdição. Aos livros que tentam esclarecer mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar, com um tempo mais acentuadamente psicológico, talvez seja melhor chamar *de aproximação*. O seu campo é ainda a *alma*, são ainda as *paixões*. Os seus processos e a sua indiscriminação repelem, todavia, a idéia de análise. São antes uma tentativa de esclarecimento através da identificação do escritor [illegible], mais do que uma relação bilateral de sujeito-objeto.

É desta maneira que a sra. Clarice Lispector procura colocar o seu romance. O ritmo do livro é um ritmo de procura, de penetração, que permite uma tensão psicológica poucas vêzes alcançada na nossa literatura moderna. Os vocábulos são obrigados a perderem o seu sentido corrente para se amoldarem às necessidades de uma expressão muito sutil e muito tensa, de tal modo que a lingua adquire o mesmo caráter dramático do que o entrecho. A narrativa se desenvolve a principio em dois planos, alternando a vida atual com a infância da heroina. A sua existência presente, aliás, possui uma atualidade bastante estranha, a ponto de não sabermos se a narrativa se refere a algo já passado ou em vias de acontecer. Todos êsses [illegible], que sentimos conscientes e escolhidos, correspondem à atmosfera do livro, que parece dar menos importância às condições de espaço e tempo do que a certos problemas intemporais, encarnados pelos personagens. O tempo cronológico perde a razão de ser ante a intemporalidade da ação, que foge dêle num ritmo caprichoso de duração interior.

Talvez devamos procurar no capitulo chamado "O Banho", o melhor ponto de apoio para a compreensão de Joana, a personagem da sra. Clarice Lispector. Descobrimos nela que a menina *é diferente*. A tia não sabe porque, nem ela própria. O que esta sabe é justamente o que disse àquela: "Eu posso tudo". Diante de Joana não há barreiras nem impecilhos que a façam desviar do seu destino — que, quase uma missão, é procurar acercar-se cada vez mais do "selvagem coração da vida". O coração selvagem pode ser um céu e pode ser um inferno. Como nunca o atingimos, é sempre um inferno especial, em que o suplicio maximo seja o de Tântalo. Com efeito, este romance é uma variação sobre o suplicio de Tântalo. Joana passeia pela vida e sofre, sempre obcecada por algo que não atinge. Move-se perenemente entre aquelas "formas vis e aparências" de que o poeta julgou se ter libertado e, como êle, apenas entrevê a zona mágica em que tudo se transmuda e a convenção dos sentidos cede lugar à visão essencial da vida. "Eu posso tudo". A pobre Joana nada pode, como todos nós. Mas possui uma virtude que nem a todos é dada: recusar violentamente a lição das aparências e lutar por um estado inefável em que a suprema felicidade é o supremo poder, porque no coração selvagem da vida pode-se tudo o que se quer, quando se sabe querer.

Em pequena Joana se recusava a admitir que as galinhas fôssem somente o que lhe diziam que elas eram, e que ela própria via que eram. Como todos os da sua estirpe — de insatisfeitos e obstinados aventureiros dentro do próprio eu — Joana reputava bem desprezíveis os argumentos dos sentidos, aos quais sobrepunha a visão mágica da existência. O seu drama é o de Tântalo: sempre pensando tocar o alvo e sentindo-o sempre fugitivo ante si. Com a diferença que para Tântalo isso era condição de desespero, enquanto que para ela, mal, estava a própria razão de ser da vida e, portanto, a sua glória, a sua esplêndida ubiquidade. Nisso Joana pode ser [illegible] no sentido em que segue a ética da ubiquidade: "Eu posso tudo". Tudo para ela é possível desde que signifique a realização do seu eu. Os outros [illegible] não importam. Importa o seu corpo que ela mira amorosamente na banheira, a sua alma, que ela sente latejar no escuro do mundo. Em tôrno dela, o silencio porque ela é única e, portanto, só. Acima dela, o coração selvagem da vida, ao qual só se aproximam os solitários, que encontram a suprema felicidade ou o supremo antagonismo com o mundo.

Mas, como a vida, o romance da sra. Clarice Lispector é um romance de relação. É impossivel a glória apenas entrevista no supremo isolamento, porque a ela só têm acesso os anormais, que são os supremos desadaptados. Portanto, Joana vive em contacto com os seus semelhantes. Antes de mais ninguém, com o seu marido. De certo ponto em diante, o livro deixa de ser caminho da heroina para entrar por outros destinos a dentro. O seu esplêndido isolamento, a sua fôrça de exceção, que aterrorizava a tia, se vê obrigada a medir fôrças com a vida e sofrer as limitações que esta impõe. Joana perde algo da supremacia que lhe vinha [illegible]

[illegible] perto do coração selvagem da vida.

•

Tal feitio são feitas as grandes obras. O livro da sra. Clarice Lispector não o é, certamente. [illegible] [illegible] [illegible] atmosfera que se aproxima da [illegible] porque a sua autora soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer. Soube transformar em valores as palavras, nas quais [illegible] não vêem mais do que sons ou [illegible]. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer [illegible] mais sólidas e, sobretudo, mais [illegible] da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização.

—

[illegible] "Perto do coração selvagem" — A Noite [illegible] — Rio

INSTALADA ONTEM A ASSOCIAÇÃO AGRO-PECUÁRIA DO VALE DO JAGUARI

Presidiu os trabalhos da nova entidade, cuja sede é Campinas, o sr. Iris Meinberg — Os problemas da região

CAMPINAS, 22 (Do Abraão Vagle — Enviado especial da "Folha da Manhã") — [illegible] o ato da instalação da Associação Agro-Pecuária do Vale do Jaguari, entidade destinada a desempenhar [illegible] papel na vida econômica [illegible] Campinas é [illegible] convidado, veio para [illegible] o sr. Iris Meinberg, presidente da Federação das Associações [illegible] do Brasil Central, [illegible] da fundação [illegible] entidade. S. exa. [illegible] efetuada no edifício do "Diário do Povo", [illegible] às 11 horas.

[illegible] que a idéia da fundação da A. A. P. V. J. [illegible] depois [illegible] entre os [illegible] criadores campineiros, [illegible] pois é [illegible] que essa entidade trará [illegible] um renascimento [illegible] desta zona [illegible] os seguintes municípios: Campinas, Limeira, Mogi-Mirim, [illegible] Americana, Itatiba, Santa Bárbara, [illegible] Pedreira, Itapira, Jundiaí, [illegible] Monte Mor, Cabreúva e Itu.

O sr. Iris Meinberg, que chegou em [illegible] foi recebido [illegible] por uma delegação composta [illegible] Quintino de Almeida Maudonnet, Adolpho Guimarães Barbosa, [illegible] de Castro Mendes, Christovam [illegible] José Ribeiro de Almeida [illegible] Plínio do Amaral. Após o desembarque dirigiu-se à sede do Rótari Club de Campinas, entidade que [illegible] o "Diário do Povo", presta [illegible] fundação da Associação, depois de demorar-se em palestra [illegible] do Rótari, com [illegible] os presidente da Federação compareceu ao salão nobre do [illegible] Campineiro, onde se realizou, ao meio dia, a reunião-almoço do Rótari dedicada ao visitante, que é também rotariano.

A reunião foi presidida pelo sr. Carlos Penteado Stevenson e secretariada pelo sr. Celso de Castro Mendes. Depois de o sr. Ruy de Almeida Barbosa, diretor do Protocolo, ter procedido à leitura do expediente e à apresentação dos rotarianos e dos fazendeiros dos diversos municípios convidados por estes, o sr. José Ribeiro de Almeida, a quem se deve a iniciativa da fundação da Associação, pronunciou breve discurso, no decorrer do qual enalteceu o significado da reunião, dirigindo por último uma saudação ao sr. Iris Meinberg, aos convidados especiais e aos representantes da imprensa.

Foi dada a palavra, depois, ao homenageado, que, após agradecer a manifestação que lhe era prestada, pronunciou uma palestra sôbre a atual situação da pecuária no mundo e em nosso país. Ressaltou que se renova o ciclo pecuário brasileiro e expôs o plano de trabalho que deve ser realizado. Disse que a pecuária atravessa hoje grande crise. Nos países diretamente envolvidos na guerra, o gado de alta linhagem teve que ser abatido para atender às necessidades mais urgentes. Informou que na Argentina, segundo as últimas estatísticas, houve sensível redução no rebanho bovino, assim como no Uruguai, onde se verificou uma diminuição de cêrca de 40 por cento na produção total. A Austrália não pode fornecer sequer a metade das cabeças de gado de corte que fornecia a países europeus. A Inglaterra mal se abastece a si mesma. Examinou depois as possibilidades da pecuária no Brasil, afirmando que o total do rebanho é muito menor do que se apregoa. Aludiu mais tarde ao grande aumento verificado no consumo de carne em São Paulo e Rio, apontando diversas medidas que devem ser postas em prática, como proibição de exportação, aperfeiçoamento das raças bovinas, melhoria das condições de vida do trabalhador rural e abastecimento mais rápido de tôdas as utilidades aos fazendeiros.

Usou ainda da palavra o sr. Quintino de Almeida Maudonnet, que agradeceu em nome dos visitantes, sendo finalmente a reunião encerrada pelo sr. Carlos P. Stevenson.

Elevado número de lavradores e criadores compareceu à solenidade de instalação da Associação, efetuada em dependências do "Diário do Povo", especialmente cedidas para êsse fim. A sessão foi aberta pelo sr. Plínio do Amaral, diretor do prestigioso matutino campineiro, que teceu nessa ocasião oportunas considerações sôbre a importância da nova entidade para a vida econômica da zona. Ressaltou ainda a cooperação [illegible] pelo Rotari e a oportunidade oferecida ao "Diário do Povo" para prestigiar a iniciativa. A seguir passou a presidência da mesa ao sr. Iris Meinberg, que orientou os trabalhos.

O presidente da mesa proferiu então breve discurso, em que enumerou as vantagens que advirão da união dos lavradores e criadores da região. Informou que 14 entidades congêneres já funcionam neste Estado e 8 em outros Estados do Brasil Central, tôdas filiadas à Federação, que as assiste como órgão superior, teceu depois comentários em tôrno da necessidade de a Associação ter recursos próprios, para que se mantenha independente, e aludiu às facilidades para os associados já obtidas pelas demais entidades das diversas regiões do Estado.

O sr. José Ribeiro de Almeida procedeu depois à leitura dos estatutos, que foram discutidos e aprovados, tendo-se procedido por último à escolha da primeira diretoria, cujo mandato terminará em janeiro de 1945. Foi aclamado presidente da Associação Agro-Pecuária do Vale do Jaguari o sr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo, que, por se achar enfermo, não pôde comparecer à reunião. Ocupou então a presidência da mesa, a fim de dirigir algumas palavras aos presentes, o vice-presidente, sr. Quintino de Almeida Maudonnet, que marcou nessa ocasião a primeira reunião da diretoria, a realizar-se 4.a feira próxima, às 20 horas, no edifício do "Diário do Povo".

Finda a reunião, o repórter ouviu o sr. Quintino de Almeida Maudonnet a propósito das principais diretrizes da Associação que acabava de ser fundada. O entrevistado apontou a data de 1929 como marco divisor na atividade agrícola da região de Campinas. Disse que até êsse ano a cultura cafeeira floresceu e alcançou seu auge, passando, desde então, a ser substituída pela do algodão. Atualmente — frisou — as terras estão completamente cansadas e se tornam cada vez mais infrutíferas. Assim — disse — a fundação da Associação veio num momento dos mais propícios e é uma iniciativa patriótica. As terras cansadas precisam hoje ser auxiliadas pela pecuária. Recordou que Campinas teve cafezais de 100 anos, o que comprova a exuberância das suas terras, que precisam hoje — ressaltou — ser fertilizadas novamente. Disse que já muito se vinha batendo pela fundação de um Sindicato Pecuário com sede em Campinas, idéia que afinal se concretiza, porque hoje — finalizou — existe uma consciência de classe entre os fazendeiros.

— O prof. Mello Moraes, secretário da Agricultura e superintendente da Comissão de Abastecimento do Estado, enviou ao sr. Iris Meinberg um telegrama solicitando-lhe que o representasse na instalação da Associação Agro-Pecuária do Vale do Jaguari.

A ESTADA, NESTA CAPITAL, DO SR. JAYME GUEDES, PRESIDENTE DO D. N. C.

Entrevista de s. exa. com os representantes das ferrovias paulistas na sede do Dep. Nacional de Estradas de Ferro

Segundo foi noticiado, o sr. Jayme Guedes, presidente do Departamento Nacional do Café, esteve ontem, novamente, às 15 h 30, no Departamento Nacional de Estradas de Ferro, onde conferenciou durante algumas horas com o sr. Mario Leite, chefe do Serviço de Transportes da Coordenação Econômica.

Especialmente convidados, para tomar parte nos trabalhos, estiveram [illegible] os srs. [illegible] do tráfego da Mogiana; [illegible] chefe do movimento [illegible] também [illegible] Arthur Campos [illegible] da Companhia [illegible] Octavio Prates, gerente nesta Capital da Agência de Despacho [illegible] Amaral e Francisco [illegible] Alves, do Departamento Nacional de Estradas de Ferro.

Além de [illegible] a portas fechadas, [illegible] da "Folha da Manhã" [illegible] a qual já negociar [illegible] partida de café para [illegible] norte-americano [illegible] Capital, partindo das zonas produtoras da nossa hinterlândia.



O sr. Jayme Guedes atendeu gentilmente ao representante da imprensa, mas, com atinência às perguntas que lhe foram formuladas, nada respondeu, declarando que a reunião fôra convocada pelo sr. Mario Leite, simplesmente para cuidar, com os delegados das ferrovias paulistas, dos meios de facilitar transportes em larga escala das zonas de produção de São Paulo. E encerrou aí as suas considerações.

Dado o caráter da reunião realizada na sede do Departamento Nacional de Estradas de Ferro e a presença dos representantes das ferrovias paulistas supra citados, é lícito supor-se, que foi discutido o problema do transporte do café necessário à entrega ao govêrno norte-americano da partida já negociada pelo presidente do D. N. C., na praça de Santos.

O nosso clichê focaliza um aspecto da sessão, vendo-se à esquerda o sr. Jayme Guedes e, de pé, o sr. Mario Leite, chefe do Serviço de Transporte da Coordenação Econômica.

Homenagem do Comércio e da Indústria de Bragança a s. exa. revdma. d. José Mauricio da Rocha, bispo da Diocese

A "Folha da Noite" publicará amanhã, em suas edições, duas páginas inteiramente dedicadas a s. exa. revma. d. José Mauricio da Rocha, expressiva homenagem do comércio e da indústria de Bragança ao bispo daquela diocese, que há dias completou vinte e cinco anos da sagração episcopal.

Essas páginas foram organizadas pela Publicidade Continental. X

O COMÉRCIO DE OVOS

Comunicam-nos da Inspetoria Regional da Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal, do Ministério da Agricultura:

"Entrando em vigor no próximo dia 1.o de agôsto o decreto-lei número 2.158, de 30-4-1940, que regula o comércio de ovos, a partir daquêle dia todos os ovos que derem entrada nesta Capital deverão ser encaminhados aos entrepostos classificadores, para a necessária inspeção sanitária e devida classificação comercial.

Os senhores comerciantes e interessados em geral, deverão procurar os entrepostos de sua preferência, solicitando do funcionário da Inspeção Federal deslocado em cada um dêles, a competente "Guia de Desembaraço", único documento capaz de facilitar a retirada de despachos de ovos nas estações de estradas de ferro ou emprêsas de transportes rodoviários.

No dia 1.o de agôsto estarão em funcionamento os seguintes entrepostos:

Cobal — Rua Vitor Airosa, 210 — Ponte Pequena; Aviário Paulista — Rua Rodrigues dos Santos, 168 — Canindé; Harckson do Brasil — R. Presidente Soares Brandão, 178 — Mooca; Cooperativa de Cotia — Rua Anhangabaú, 1.127 — Cidade.

Os entrepostos receberão ovos de quaisquer interessados, cobrando pelos serviços prestados até o máximo de Cr$ 0,30 (trinta centavos) por dúzia e indenizando os ovos bons para consumo que se quebrarem na manipulação.

De acôrdo com a legislação em vigor os ovos serão classificados em primeira, segunda e terceira qualidades e entregues ao consumo com as denominações, respectivamente, "Granja", "Especial" e "Mercado", identificados pelos carimbos da Inspeção Federal e data de inspeção.

Além do carimbo do modêlo oficial, nenhum outro poderá ser usado.

Os infratores do decreto em causa e das instruções das repartições competentes serão punidos de acôrdo com a lei.

Quaisquer informações referentes ao assunto serão prestadas pela Inspetoria Regional da Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura, à rua da Consolação, 368, em dias e horas normais de expediente".

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

LONGITUDE

Antonio CANDIDO

[illegible] Rossine Camargo Guarnieri [illegible] "Porto Inseguro" [illegible] Este poeta, [illegible] o melhor e [illegible] verdadeiro [illegible] "A voz do grande rio" [illegible]

[illegible] mo, maior ou menor, abrindo a sua sensibilidade ao mundo e ao semelhante e procurando uma expressão mais total do mundo. São poetas sintéticos, se me permitem a expressão, que, partindo do seu eu (etapa em que permanecem os da primeira categoria), tomam consciência do mundo e o opõem a si mesmos, resultando, como síntese, a poesia.

Se aplicarmos a classificação à nossa poesia, veremos que ela se encaixa, na maioria das suas produções, à direita do meridiano ideal que adotamos: Schmidt, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes — uns mais outros menos. Do outro lado encontramos apenas um grande poeta, Carlos Drummond de Andrade. E êste mesmo Carlos Drummond de Andrade é um dos melhores exemplos, em toda a literatura moderna, do que seja realmente uma poesia de ultrapassamento das condições individuais. O sr. Rossine Camargo Guarnieri também se coloca ao seu lado, embora muito lhe falte para atingir a posição verdadeiramente poética conseguida por êle e por mais alguns poucos na literatura moderna: Aragon, Spender, Day Lewis, Neruda.

Na sua maioria, o livro do sr. Rossine Camargo Guarnieri é de poesia, mais que social, política. O primeiro problema com que nos defrontamos ao encará-lo é, portanto, êste da poesia que visa um fim e se põe ao serviço de alguma causa. Há uma certa seguridade em afirmar que a poesia, sendo intemporal, deve não se dirigir aos problemas presentes da coletividade, pois assim se torna demasiado circunstancial. Seria o caso de perguntar em nome de que hierarquia se proíbe a um poeta cantar os temas de significado coletivo e se lhe permite uma complacente abundância ao tratar dos seus pequenos casos, dos seus resfriados, do leque da sua mulher, dos olhos da sua amante. O problema não é êste, mas sim de se saber até que ponto o tema, qualquer que êle seja, foi incorporado à sensibilidade do poeta, a ponto de se tornar poesia — isto é, estilização acentuadamente pessoal de qualquer impressão, emoção, ou idéia por meio do verso. As sátiras de Juvenal ainda são atuais, assim como os cantos comemorativos de Píndaro, o poema didático de Virgílio, o panfleto religioso de d'Aubigné, os encômios de Donne, a eloquência propagandista de Castro Alves, a invectiva política de Vitor Hugo. Não importa, portanto, em absoluto, que o assunto seja *interessado* para que a poesia se manifeste e dure, do mesmo modo por que não há razão alguma para se condenar o lirismo pessoal e intimista, contanto que seja autêntico.

As poesias de "A voz do grande rio" afundam as suas raízes nos acontecimentos do nosso tempo, se nutrem do fato de todo o dia, de ontem e de agora. Os países que sofreram primeiro de todos o bote do fascismo são como que os heróis que aparecem a cada poema. A Abissínia, a Espanha, a China enchem as páginas com a sua dor e a sua paixão. O poeta sofre e canta com os seus irmãos da terra inteira, num movimento intenso de fraternidade:

"O mundo todo é um soluçando que não cessa, — e ninguém mais entende a mão dos que perecem!... — Mas as crianças do mundo sofrem tanto — que eu já nem tenho esconder as minhas mãos".

Parece que é êste sentimento de compromisso moral, obrigação inelutável de bradar contra a iniquidade, que inflama o poeta e [illegible] na a base dêste livro. Por causa do horror que vai pelo mundo, onde

"As metralhadoras estão ladrando contra a Vida, — e os canhões comilam lava, miséria e morte",

é que êle insiste no seu canto de fraternidade.

"O Dia nascerá de novo sem tardança — para iluminar os nossos pobres irmãos — que permanecem no escuro — lutando como sombras desnorteadas! — O Dia nascerá de novo, meus irmãos".

E:

"Quando os navios atracarem sem bandeira — em todos os portos do mundo, — é chegado o momento do poeta cantar — para que os homens descansem".

O sr. Rossine Camargo Guarnieri usa o verso de inflexão bíblica, como convém aos toques de explicação e de profecia que marcam o livro. E é curioso notar o som diferente que epítetos comumente usados pelos poetas espiritualistas adquirem sob a pena dêste poeta do povo. Como êles, êle usa abundantemente da maiúscula. E' a maiúscula que revela a direção ideológica dos seus poemas. Enquanto os poetas católicos ou catolicizantes capitalizam o Espírito, o Tempo e a Eternidade, as Aguas Primeiras, o sr. Rossine Camargo Guarnieri o faz para com o Dia, o Grande Caminho, o Povo, a Liberdade, a Noite do Fascismo, o ódio, a Vida, a Grande Aurora, o Porvir etc..

*

Este livro, em que há muita beleza e sinceridade, um sentimento muito fundo de humanidade, é, contudo, um livro desequilibrado. O poeta nem consegue sempre encontrar a expressão — isto é, fazer poesia verdadeira. Talvez eu exprimisse mais ou menos o que desejo dizendo que não houve na sua sensibilidade um amadurecimento suficiente dos temas para que êles encontrassem a sua forma própria. [illegible] de um pensamento e impressão de pressa, [illegible] inesperada num poeta tão autêntico, [illegible] o dístico quase de propaganda ideológica [illegible] certos poemas, que, mal pensados e mal depurados, se tornam [illegible] idéias-feitas. Vejam-se os seguintes:

"Ensinarás ao mundo o culto da Liberdade — porque eu vejo na escuridão dos teus matos — os primeiros sinais da União das Repúblicas da América — da grande Confederação Republicana do Mundo!"

E êste:

"darás ao mundo todo pela Concórdia — o milagre da Consciência Humana Redimida!"

E mau, e muito mau, porque é [illegible] como estes se alteram em comícios, porque, afinal de contas, a literatura ainda é literatura. Poesia não é [illegible], mas algo de muito complicado, algo que se distingue da prosa, por certo, imponderável que não saberei definir porque não sou nada esperto, ou outros, mas que implica tôda via uma elaboração de metáforas [illegible] ao clichê extremamente banal de certos versos do sr. Rossine Camargo Guarnieri. Como exemplo, envio o leitor a várias outras passagens do mesmo poeta. Ao magnífico poema já citado: "Quando os navios atracarem sem bandeira". Este poema exprime sentimento análogo ao dos versos acima transcritos, e, no entanto, passou por uma elaboração interior bastante forte para que nada lhe ficasse de prosaico. Vamos, até à exemplificação detalhada. Quando o poeta diz:

"Quando os navios atracarem sem bandeira — em todos os portos do mundo, — é chegado o momento do poeta cantar — para que os homens descansem".

Percebemos o ridículo e o mesmo nos versos seguintes:

"As diferenças entre os Povos se exprimem pelas Bandeiras. Quando os navios não a trouxerem mais no topo do Mastro havera fraternidade entre os homens e o poeta poderá cantar a arte da Paz — mais bela e mais segura".

E' evidente que na primeira citação temos poesia, e da melhor, e na segunda, [illegible] para a circunstância, tema, prosa — pobre prosa banal e chata que, guindada a poema, se torna de um ridículo atroz e mais que isto, desagradável.

E' dêste equívoco que arma o sr. Rossine Camargo Guarnieri, com tanto mais veemência quanto não se trata de um qualquer, mas de um poeta de primeira qualidade, levado ao exagêro do discursivismo [illegible] nobre — de transformar o seu verso em arma de combate. Por uma estranha ironia, um dos melhores, senão o melhor poema do livro é "Desastre", escrito no ritmo curto em que o autor é mestre e sem a ínfima preocupação panfletária.

"Tombado, — tombado, — tombado, — sem força nenhuma — canções que foram formando [illegible] — os [illegible] no ofício segundo sem rumo".

E' preciso que o sr. Rossine Camargo Guarnieri se compenetre de que o tom do verso e a quantidade [illegible] devem acompanhar o tema. A ordem direta, a [illegible] de imagens, o [illegible] das elipses, a simplificação do ritmo se perderam, por exemplo, num poema narrativo, [illegible] quando se trata de tema [illegible]. Na sua última livro, "Overtures to [illegible]", Cecil Day Lewis, tem um longo e admirável poema narrativo, uma espécie de epopéia moderna, em que junta o romance de [illegible] regularmente [illegible] de [illegible] Não lemos [illegible] direto, simples [illegible] poeta [illegible] não me [illegible] Aragon [illegible].

O sr. Rossine Camargo Guarnieri tem uma [illegible]. A sua obra [illegible] lhe dá o direito de ser considerado o maior poeta [illegible] de São Paulo e um dos mais fortes do Brasil. "Porto Inseguro" permanece um livro. Sinto um [illegible] "A voz do grande rio" [illegible] epopéia irrealizada, a [illegible] de equívocos para um comprometê-la. De qualquer modo, é um livro que é necessário ler, não somente pelo que encontra apenas de vigorosa beleza, mas porque representa das nossas tentativas poéticas, pelo [illegible], no sentido de uma poesia menos personalista e mais humana.

(1) — Editora Brasiliense Ltda. — São Paulo — 1944.

A VIA ANCHIETA SERÁ ENTREGUE AO TRÁFEGO EM JUNHO DE 1945

O sr. Fernando Costa visitou ontem as obras daquela moderna rodovia — Plano a ser executado pelo D. E. R.

[illegible]

O SERVIÇO DE COMBATE A MALARIA [illegible]

EM JUNHO DE 1945, A INAUGURAÇÃO DA VIA ANCHIETA [illegible]

CHEGADA A SANTOS [illegible]

ALMOÇO NO GUARUJA [illegible]

O PROF. MELLO MORAES VISITOU O INSTITUTO DE PESCA [illegible]

O ESTUDO DE PROBLEMAS DE INTERÊSSE VETERINÁRIO E PROFISSIONAL

A realização, nesta Capital, a partir de setembro próximo, de "Reuniões Anuais" — Declarações do sr. Fidelis Alves Netto

A Sociedade Paulista de Medicina Veterinária [illegible]

[illegible]

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

CARLOS MAGNO

Antonio CANDIDO

[illegible]

[illegible] Estas justas eram cheias de graça e galanteria, tanto mais quanto isentas de dúvida [illegible] ganhando sempre.

[illegible] Oliveiro, Valdevinos, Orlando, Hugo, Alda, Floripes, Roldão — não omitindo os Carlos que [illegible] sempre são inspirados dela.

*

Carlos Magno teve tudo para transformar-se em personagem de lenda. Herdeiro de uma evolução histórica meio confusa, dentro de cuja treva o ocidente procurava retomar, às apalpadelas, o fio da tradição romana, o filho de Pepino, o Breve encarnou, por assim dizer, a primeira época orgânica do mundo medieval. A centralização política operada em França pelos seus avós, Prefeitos-do-Paço [illegible] imperial [illegible] acima da pulverização de estados e tribos do mundo germano-latino. Tão grande foi o deslumbramento da unidade carolíngia na Europa esquebrada pela barbárie — unidade nunca mais obtida — que o feliz beneficiário duma série de determinantes históricas se tornou como um Pai dos povos. Símbolo para mais de uma nação, foi, para os franceses, o primeiro grande rei conquistador a estabelecer a hegemonia do seu país sobre os vizinhos; para os alemães, foi o primeiro kaiser, que há de voltar [illegible] para construir a Grande Pátria; para os espanhóis, esmagador de mouros, como um pioneiro da Reconquista; foi o último Augusto para os italianos. Depois dêle, cada parcela do império começou a corrida que acabaria na formação dos estados nacionais, mas êle era a fonte de que quase todos promanavam. E êsse homem magro, melancólico, que os mosaicos do Latrão nos mostram aos pés de São Pedro, com os longos bigodes caindo sôbre o queixo fino, se viu alçado a semideus pelos cristãos.

Fêz milagres, foi santo. Teve doze pares, como os doze apóstolos, e um dêles traiu. Foi a lugares com os quais nunca sonhou, elevaram-lhe a estatura, engrossaram-lhe o corpo, deram-lhe as barbas [illegible] dos patriarcas antigos. [illegible]

"Escreve Turpim, homem santo e arcebispo de Roma, que andou muito tempo em companhia de Carlos Magno, e diz que era homem de grande corpo e bem fornido, forte e proporcionado de membros, muito ligeiro e feroz no olhar e tinha a cara larga e trazia continuamente a barba do comprimento de um palmo; [illegible]

*

Na "História", Carlos Magno aparece como um bom rei ibérico. Menos o roy Charle, que la barbe al floride, ou o Karl der Grosse do que um espanhol, lutador e vencedor de mouros, ocupado em alargar a fé, o império, e as terras vicosas de Africa e de Asia andar devastando. Não há nela saxões, e os lombardos apenas perpassam. Há mouros e turcos, Espanha e Turquia. E para isto não foi necessário que o escritor peninsular forçasse demasiado o material lendário que tinha à frente. Bastou compilar canções de gesta com pena cuidadosa. Com efeito, é interessante constatar que o ciclo carolíngio épico é um ciclo meridional e anti-sarraceno [illegible]

[illegible]

Primeiras

"O QUE ELES QUEREM...", NO BOA VISTA

A comédia em três atos, de Antonio Guimarães, que se encontra, agora, no cartaz do Teatro Boa Vista, onde a Cia. Dea-Casarré, com Alda Garrido, desenvolve a sua temporada dêste ano, intitula-se "O que êles querem...". Na verdade, porém, deveria intitular-se "O que êles NÃO querem...". Pela exposição sumária do tema, o leitor verá como é que isso se verifica.

Trata-se de dois casais bem postos na vida. Os dois maridos são desregrados frequentadores de clubes noturnos, de cassinos e de cabarés. As duas esposas são dois modelos de donas de casa, dedicando-se a festas de caridade e acreditando na angélica pureza dos respectivos consortes. Um dia, uma das espôsas desconfia do seu marido. Vai a um cassino, onde encontra — sem ser vista por êles — os dois citados maridos, em plena balbúrdia "daquele gênero". Em consequência, as duas esposas raciocinam que, se os seus maridos vão divertir-se com as mulheres que ficam do outro lado da moral, de que a família se afasta, isso deve dar-se porque é "aquilo" "o que êles querem". Logo, as duas espôsas resolvem transformar-se, mas apenas para reconquistar os respectivos consortes, em mulheres elegantes e divertidas. Por fim, os maridos arrependem-se, ao verem suas caras metades lançadas por aquêle caminho, e voltam a ser pais de família, de acôrdo com o preceito normal.

Ora, se as espôsas, de mulheres retraídas que eram, passam a ser elegantes e divertidas, e se, à vista disto, os maridos se arrependem do que vinham fazendo, está claro que era "aquilo" o que êles "não" queriam. De onde se conclui que a peça deveria ter título oposto.

O "Diário Oficial", da União, de 9 dêste mes, esclarece que o trabalho de Antonio Guimarães, ao passar pela censura teatral, foi "aprovado, com cortes". Quer isto dizer que já está, mais ou menos, expurgado de inconveniências, dessas que costumam aparecer, com demasiada frequência, em comédias brasileiras.

O primeiro ato é bem feito, e promete desenvolvimento interessante para os dois atos seguintes. Infelizmente, porém, a promessa é ilusória, pois o segundo ato descamba para a pantomima vulgar, e o terceiro, além de ser tedioso, é inconcludente. Se o autor sustentasse, nos dois últimos atos, o tom e a forma do primeiro, aí estaria uma peça realmente boa.

Do ponto de vista da representação, o que se tem a dizer é sempre a mesma coisa, ou melhor, não é coisa alguma. Os atores e as atrizes do nosso teatro, na atualidade, não estudam seus papéis, não se vestem bem, falam mal, não se preocupam com a "personificação" das personagens, e são meros repetidores daquilo que o "ponto" diz em voz nem sempre muito baixa. Consequentemente, uma representação se parece essencialmente com outra. Como os defeitos se repetem, e como as qualidades não aparecem, as críticas também se repetem e os louvores não se fazem ouvir. O que, na verdade, é cacete — até para o próprio crítico. — PO-LILLO.

O novo "Grande Hotel" em Campos do Jordão

A "BRASILTUR" comunica que ... de setembro ... na bela e salubre cidade de Campos do Jordão, o magnifico ... "GRANDE HOTEL", com ... cuja inauguração tomarão parte o mundo oficial paulista e a mais escolhida sociedade de São Paulo.

Este grande hotel, que o govêrno do Estado de São Paulo entregará ao público no dia acima mencionado, está situado a 1.800 metros de altura e conta nas suas dependências com o que existe de mais moderno na indústria brasileira.

O "GRANDE HOTEL" foi especialmente projetado e construido para dar o máximo de confôrto aos turistas que visitam a "JOIA DA MANTIQUEIRA".

A reserva de quartos pode ser feita desde agora nos escritórios da "BRASILTUR", à rua Libero Badaró, 36 — São Paulo — Avenida Rio Branco, 11 — Rio de Janeiro.

Documentário cinematográfico sôbre São Paulo

Conforme tem sido divulgado, continua em exibição na Galeria "Prestes Maia", das 15 às 22 horas, o documentário cinematográfico sôbre São Paulo, filmado pelo cameraman Gregg Toland, de Hollywood. Até esta data cêrca de 80.000 pessoas já assistiram a essa película.

Atendendo à necessidade de que êsse documentário deve ser exibido em outras cidades do Brasil, a sua apresentação na Galeria "Prestes Maia", encerrar-se-á, impreterivelmente, no próximo dia 25.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

LIVROS E PANELAS

Antonio CANDIDO

... Gordon, inundando o país de pequenos livros celofanados, em cujas capas vistosas se lêem, de preferência, três gêneros literários de importância: livros policiais, clássicos anglo-americanos e propaganda política, na proporção de um dos segundos para vinte dos primeiros e dez dos terceiros. "De Shakespeare a Lippman via Franklin", é o lema imortal da falange invicta...

Os editôres nacionais, que estavam merecendo um susto, estão tendo o susto merecido, e eu gostando. Gostando, porque não acho possível que a coisa passe de um alarma sem fundamento. Os nossos amigos do Norte são mestres da propaganda, e usam os meios mais exquisitos, inclusive êste de remexer o ambiente, provocar público e, em seguida, continuar a mandar edições... em inglês, para deleite dos seus colegas brasileiros, imensamente aliviados. Lembro-me do meu "Segundo Livro de Leitura: O 'Trabalho'", de Tomaz Galhardo, e do seu primeiro capítulo. Nêle, um homem desgrenhado vem pela rua abaixo bradando: "Incêndio, incêndio!" Pedrinho, o herói do livro, corre, com a respiração prêsa, para o local donde saíra o desgraçado, e chega a uma loja em queima isto é, em liquidação. O incêndio não passava disto: Um processo hábil de chamar a atenção do público como me parece que seja o caso dos "Pocket Books". Sim, porque há duas coisas que não são concebíveis: primeiro, que os nossos bons amigos americanos, com todos os seus *State Departments*, seus órgãos de sondagens de opinião, suas instituições de intercâmbio cultural etc., permitam que uma firma se meta de permeio na política da boa vizinhança, estragando com pilhas de livros policiais uma amizade tão útil para ambos os lados; segundo, que o nosso govêrno conceda as isenções pedidas pela firma em questão, o que o transformaria em amigo da onça, coisa humanamente inconcebível. Portanto, não nos assustemos muito e não demos à publicidade de propaganda mais do que o seu justo valor.

Mas porém... Mas porém se fôsse verdade? Se fôsse verdade, estaríamos diante dum atentado sério à nossa cultura, e todos os meios para combatê-lo seriam poucos. Os Estados Unidos são um grande país. A Convenção de Filadélfia, Lincoln, a estátua da Liberdade, o Grand Canyon do Colorado etc.. Ninguém o nega. Seria ridículo hoje em dia defender a tese de muitos brasileiros, e também europeus, segundo a qual o nosso amigo do Norte não passa de uma maravilha técnica, que compra tudo, até sábios estrangeiros; mas uma maravilha desprovida de cultura própria, original, humana. Bobagem. Os Estados Unidos têm um valor cultural que é dos mais sólidos desta civilização. O homem de inteligência só pode orgulhar-se diante do que se tem feito lá pela inteligência, pela civilização, pela humanização da cultura. Temos muito que aprender com eles, e é necessário que aprendamos. Nos ramos do conhecimento pelos quais eu me interesso, só têm sido fecundos os meus contatos com os livros americanos.

Não me é possível, portanto, pensar doutra forma de um povo que, nas ciências humanas, deu um passo agigantado, fazendo pelo conhecimento do homem mais do que seria de esperar dos seus trezentos anos de história. Isto, quanto aos Estados Unidos.

Quanto aos Pocket Books, considero um perigo para nós a sua introdução no Brasil, em lingua portuguêsa. Não sabemos o que eles trarão. Sabemos que, se vierem com as costas quentes e o Espírito Santo soprando na orelha, poderão reduzir a indústria nacional do livro ao Livro Vermelho dos Telefones ou ao Almanaque de Rosa. Poderão desvirtuar o sentido da nossa produção intelectual e até conseguir o impossível, isto é, piorar o gôsto dos nossos leitores. Na melhor das hipóteses, darão ao nosso povo 10 % de boa leitura brasileira para 90 % de boa leitura americana. Pode ser que, culturalmente falando, a proporção seja justa, como justo seja talvez a gente se entregar de corpo e alma a um patrão rico, que defenda melhor os interêsses da casa. Nenhuma das hipóteses, todavia, é aceitável para quem quer progresso efetivo, isto é, próprio. A entrada, no Brasil, de firmas especializadas em **best-sellers**, significa a inclusão de um corpo estranho, cujas consequências é difícil prever. Preferimos continuar como estamos, isto é, traduzindo com esfôrço próprio as coisas úteis que aparecerem por aí (e levando de cambulhada quanta coisa inútil vem junto). Estamos entendidos? Vamos, então, ao reverso da medalha.

*

Se há uma coisa que me desagrada é junto com os interêsses da cultura, ter de defender os interêsses dos industriais e comerciantes do livro brasileiro. Num momento em que compramos livros ordinaríssimos, materialmente falando, de 20 a 50 e mais cruzeiros; em que se torna quase impossível às pessoas de recursos modestos adquirirem o livro que querem; num momento em que, não obstante as casas editôras se abrirem todo dia, e pulularem as livrarias, prosperando umas e outras com uma incrivel rapidez — num momento como êste, dói-me vir a público ajudar os interessados no livro, que ganhando tanto, fazem tão pouco pelo melhoramento do nível cultural do país. Por isso, quero esclarecer o que me parece ser a atitude justa a respeito.

Uma vez admitido, como é lógico, ser inconcebível continuarmos a suportar êste estado de coisas na indústria e comércio do livro, tentemos apurar as responsabilidades. Não sou bem advogado nem estou muito minuciosamente a par dos nossos movimentos financeiros. Parece-me, no entanto, que se poderia fazer uma escala de culpa, dispondo em ordem os culpados pelo alto custo do livro.

Primeiro, e sôbre todos, estão os papeleiros. Não vou entrar em detalhes relativos ao protecionismo, à precariedade da nossa indústria de papel, à falta de celulose etc. Quero apenas lembrar que o papel produzido no Brasil é dos mais ordinários do mundo, e que os papeleiros estão, muito satisfeitões da vida, vendendo a peso de ouro os seus produtos reles, como esta fôlha sôbre a qual escrevo e que se desfaz a um repelão mais forte da pena. Graças a uma série de medidas econômicas, que não é possível analisar com minúcias neste momento, o papel está sendo trustificado em terras brasileiras, o que quer dizer que os **trustmen** produzirão o papel que quiserem, vendendo-o pelo preço que quiserem, porque não haverá concorrentes sérios em vista. O dever do intelectual, portanto, é denunciar o papeleiro como um inimigo da cultura, mesmo com a falta de celulose.

Segundo, os impressores, que fazem o preço que bem entendem e é se quiser, porque se não quiser é favor desocupar. A impossibilidade de importação de maquinário os tornou árbitros da situação. Dificilmente acessíveis, devem ser propiciados como deuses raros, para que, em troca, concedam o favor insigne de admitirem um livro nas suas máquinas cobrando-o, em seguida, a preços visíveis apenas a telescópio.

Terceiro, os livreiros, que carregam 40 e 50 % do preço do livro e que são os mais doces dos irresponsáveis. Recebem o livro em consignação, não o defendem se não fôr um **best-seller** e nos pagam nem o sêlo de devolução.

Quarto, os editores, que lutam com mais dificuldade e são os melhores, ou antes, os menos maus. Sabemos que a sua margem de lucro num livro é inferior à dos grupos precedentes, e que muitos dêles se esforçam realmente por melhorar o nível editorial. Outros são magnatas empedernidos, que pouco ligam aos interêsses de quem quer que seja e só se dirigem ao intelectual para lhe propor pactos escusos ou pagá-lo com 10 % do preço de capa. Os editores se queixam muito, mas é incontestável que não existe um só dentre êles que não faça negócios rápidos e prósperos, neste verdadeiro jogo de bolsa que é o livro.

Quinto, finalmente, os intelectuais, que nem sempre agem no sentido da cultura, ora aceitando combinações inconfessáveis, ora dando o seu nome para traduções de livros sem o mínimo valor, ora... etc. etc.

Assim, são todos um pouco muito culpados. A escala que fiz me parece justa, sobretudo porque lembra aquela situação da Algéria, contada por Daudet no "Tartarin de Tarascon": o governador **tape sur le commandant**, o comandante **tape sur le fonctionnaire**, o funcionário **tape sur le colon**, o colono **tape sur le natif** e o nativo, não tendo mais ninguém para dar cascudos, desanca o seu jumento, que levanta os olhos tristes para o amo e, meditando sôbre a injustiça da sorte, recolhe-se na paciência filosófica que é uma das características da sua raça.

*

Defender comerciantes contra comerciantes não compete ao intelectual. No entanto, pela fôrça das circunstâncias, estamos na contingência de fazê-lo. Todos os dias, intelectuais dos mais dignos e dos mais eminentes têm se manifestado contra os Pocket pela imprensa. E' com prazer que me alinho nesta companhia ilustre.

Ora, seria de desejar que, a troco disto, os comerciantes do livro, que estão sendo beneficiados por tal atitude, se dispusessem a fazer um pacto. Que os papeleiros prometessem solenemente se tornarem dignos da legislação que os protege e resolvessem dar ao Brasil um papel mais barato e mais decente; que os impressores jurassem por Gutenberg comprar máquinas modernas assim que acabasse a guerra, barateando o custo da produção; que os livreiros tomassem um interêsse maior pelos livros confiados à sua boa vontade e que os editores pensassem um pouco mais neste famoso interêsse da cultura, de que êles só se lembram para efeitos de propaganda ou de patético; que os intelectuais... (etc. etc.). Enquanto, porém, a guerra não acaba, seria possível um pouco mais de boa vontade, não seria? Seria. Nós, escritores, jornalistas, professôres, que neste momento nos puzemos, **quand même**, ao lado da indústria e do comércio do livro; que após lhes têrmos dado a substância da sua atividade lhes damos agora um apoio sólido junto à opinião pública, temos o direito de exigir, não benefícios pessoais, que nunca tivemos e que possivelmente não teremos, mas uma atenção mais séria e mais sincera pelos interêsses educacionais e culturais do povo brasileiro. Afinal de contas, êles são mais capazes disto do que a panela de ferro... perdoem-me, quero dizer, da boa vontade editorial dos nossos **amigos do Norte**.

CONSULADO DE PORTUGAL EM S. PAULO

[illegible] convocados a comparecer ao Consulado de Portugal em S. Paulo, a fim de regularizarem a sua situação militar, os seguintes cidadãos portugueses:

[illegible] Augusto Pinto de Magalhães, que reside ou residiu à rua Helvetia [illegible]; Julio Bento Gonçalves, que reside ou residiu à rua Alvarenga Peixoto [illegible]; Flaviano Gonçalves, filho de Antonio Gonçalves e de Anna Marques, natural do Albardo; Francisco Neves Bandeira, filho de Luiz [illegible] e de Francisca das Neves, natural de Oeiras; José da Costa, filho de João da Costa e de Felisbina Gomes, natural de Figueiras — Lousada.

Encontra-se naquele Consulado, correspondência dirigida às seguintes pessoas: Antonio Ferreira Gomes, [illegible] Santos Faria, Celeste Arruda Fernandes Carvalho, Dolorosa [illegible] Francisco Nunes Ferreira, [illegible] Antonio Silveira, Manoel Elysio [illegible] Araujo, Manoel Francisco [illegible] Castro da Silva.

[illegible] de tratar de assunto de [illegible] interêsse são convidados a comparecer àquele Consulado, os seguintes cidadãos portugueses: José Fernandes de Almeida Neves, filho de Manoel Fernandes de Almeida Neves e de Almerinda de Jesus das [illegible] Neves, que chegou ao Brasil em 1926 e residiu em São Paulo na rua Araracio; Antonio Rodrigues, filho de José Rodrigues e de Tharezinha [illegible], natural de Travassos, concelho de Oeiras, distrito da Guarda, [illegible] de Castelo; José Lopes Diniz, [illegible] de Curvelos, Carregal do Sal, [illegible] Antonio Gonçalves, natural de [illegible], concelho de Vila Nova [illegible], filho de Joaquina Gonçalves; Alberto Ferreira Baltar Monteiro, [illegible] de 70 anos de idade, filho de [illegible] Ferreira Monteiro e [illegible] Augusta Baltar Monteiro; [illegible] de Almeida Saraiva, natural [illegible] de Santa Marinha, concelho [illegible], distrito da Guarda.

SOFRERÃO NOVAS REDUÇÕES OS PREÇOS DAS UTILIDADES IMPORTADAS

Declarações do sr. Mariano Ferraz, diretor do Serviço de Licenciamento e Despachos da Coordenação à reportagem

Procurando obter informações a respeito da situação dos preços das utilidades que nos vêm do estrangeiro, a reportagem das "Fôlhas" ouviu o sr. Mariano J. M. Ferraz, diretor do Serviço de Licenciamento e Despachos de Produtos Importados, da Coordenação da Mobilização Econômica, que declarou:

CLASSIFICAÇÃO E PREÇO DAS MERCADORIAS

"Quando assumimos a direção do S. L. D. P. I. — iniciou a. sa. — havia certos produtos cujo preço era um verdadeiro absurdo. Os importadores recebiam sua mercadoria e a entregavam ao mercado consumidor pelo preço que lhes convinha, alegando, sempre, a falta da mesma no mercado, e o consumidor, premido pelas necessidades, recalcitrava, protestava, mas acabava pagando o que lhe era exigido, de vez que aquela era necessária a seu ramo de atividade.

Com as atribuições que nos foram dadas, antes das descargas dos navios nas alfândegas recebiamos a sexta via da fatura das mercadorias a confrontávamos com os elementos que nos eram fornecidos oficialmente pelos consulados, e depois, então, faziamos a classificação da mercadoria e tabelávamos o preço, englobando no mesmo, o preço cif e mais o lucro. Para o preço de venda no mercado interno sempre partimos do principio de que, quanto maior a venda, em seu total, menos deveria ser o preço por unidade. Assim, conseguimos a redução em certos artigos, de mais de 300%".

O SETOR — PRODUÇÃO INDUSTRIAL

— "Perfeitamente entrosado com o S. L. D. P. I. está o Setor de Produção Industrial, que tem como função a distribuição das mercadorias importadas. Na direção do S. P. I. está um representante da Associação Comercial, que, conhecendo suficientemente o mercado consumidor, e particularmente o mercado importador, tem elementos bastantes para solucionar, com a maior presteza possível, os problemas que, aparecidos, seriam levados ao conhecimento da Associação de Classe e demandando algum tempo para conclusão final, o que não se dá agora, pois o S. P. I. também tem âmbito nacional.

Feita a classificação do produto e estabelecido o preço para o consumidor, o S. L. D. P. I. disso dá ciência ao importador, ao mesmo tempo que comunica às firmas consumidoras, estabelecendo, assim, um verdadeiro contrôle quanto aos preços. Quando não há interessado imediato na aquisição do produto, os importadores são obrigados a comunicarem, mensalmente, ao S. L. D. P. I. qual o estoque existente".

ECONOMIA DE BILIÕES DE CRUZEIROS

— "O S. L. D. P. I., quinzenalmente, dá ao público uma divulgação da quantidade dos produtos importados. Nesta quinzena demos publicação da divulgação número 11, onde estão descriminados os totais de quilos de produtos que estão sob nosso contrôle e despachados por tôdas as alfândegas do país, desde primeiro de janeiro até 15 do corrente. A venda dêsses produtos está, sempre, sujeita aos "preços de teto" ao consumidor, e através dessas divulgações pode-se fazer um cálculo da economia, aproximada, que o consumidor fêz desde que os preços começaram a ser tabelados.

Vemos, por exemplo, que o país importou, até esta data, 17.000.000 de quilos de soda cáustica industrial, que, antes de maio, era vendida ao preço de Cr$ 20,00 o quilo, e, agora, vende-se a Cr$ 3,10 e 3,50, e aí temos uma economia de aproximadamente, um bilião e duzentos milhões de cruzeiros, isto é, adquirido o produto pelo preço estabelecido pelo S. L. D. P. I. O mesmo vemos na soda para uso doméstico, antes vendida ao preço de Cr$ 20,00 e hoje a 6,50, e, como recebemos 2.000.000 de quilos, o povo economizou mais ou menos trinta milhões de cruzeiros.

Em fôlhas de Flandres importamos 60.000.000 de quilos, antes vendida a Cr$ 22,00 e hoje a Cr$ 4,40. Economia, pois, de mais de um bilião de cruzeiros. Em chapas e fôlhas de ferro e aço, importamos 31.000.000, antes vendida a Cr$ 25,00 e mais, e, hoje, de Cr$ 4,10 a 6,20, resultando uma economia de seiscentos milhões de cruzeiros.

Em tubos galvanizados importamos 8.500.000 quilos antes vendido a Cr$ 27,00, hoje a Cr$ 7,00, dando uma economia pública de mais de cento e setenta milhões de cruzeiros. Em coque metalúrgico importamos 1.000.000 de quilos, antes vendido a Cr$ 6,00 e hoje a Cr$ 1,20 e 1,80, daí resultando uma economia de duzentos e cinco milhões de cruzeiros. Em arame farpado e grampo para cêrca, recebemos 2.300.000 quilos, que antes eram vendidos a Cr$ 15,00 e hoje a Cr$ 5,00; tivemos como resultado a economia de vinte e três milhões de cruzeiros.

Êsses são dados que se podem conseguir através de nossas divulgações, mas o total geral e certo, encontra-se em mãos do coordenador da Mobilização Econômica, coronel Anapio Gomes. Entretanto, com relação só aos produtos citados, vemos que o povo economizou mais de três biliões de cruzeiros!"

NOVAS BAIXAS DE PREÇO

— "O mercado interno, quanto às necessidades de consumo, e dado o sempre crescente aumento de cabotagem, tende a normalizar-se inteiramente.

Há, mesmo, certos produtos, como por exemplo, o chumbo, em que o "preço de teto" não mais é respeitado, pois o temos em quantidade suficiente para as nossas necessidades.

Outros produtos como por exemplo a soda cáustica, industrial e doméstica, a barrilha, bicarbonato de sódio, enxofre e breu existem no país, em quantidade suficiente para o consumo. Quase satisfazem inteiramente o mercado, a fôlha de Flandres, as chapas pretas acima de 18", as fôlhas de ferro, pretas, abaixo de 18", os vergalhões e vigas de ferro ou aço e os vergalhões de aço para concreto armado e, daí, posso adiantar, pela primeira vez, ao seu jornal, que todos êsses produtos irão sofrer novas reduções em seus preços.

De 1 de janeiro até 15 do corrente mês já importamos produtos controlados pelo S. L. D. P. I., 292.920.807 quilos, com uma média mensal de 39.058,106 quilos. E, na proporção que estamos seguindo — concluiu o sr. Mariano Ferraz — tudo nos diz que relativamente aos produtos sob nosso contrôle, em breve o país estará dentro da mais completa normalidade".



Foto apanhada no Cartório do 6.o Tabelião desta Capital, quando, por sua filha menor, Suely Ferreira Cunha, Walter Cunha, conhecido jóquei, assinava a escritura de compra do bangalô da Rua 23 de Maio n.o 87, vendo-se, ainda, os drs. Altino Castro Lima e Sebastião Ferraz Salles, Diretores da Cia. City, a quem pertencia o terreno. O preço da compra no valor de Cr$ 90.000,00 foi pago pela Emprêsa Construtora Universal, por seu diretor dr. Alfredo Aloe, em virtude de ter a compradora sido premiada em sorteio daquela organização. O dr. Arino Meireles, fiscal federal e o dr. [illegible] Moreira Salles, curador de menores, assistiram ao ato.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

AS INFELICIDADES DO ALMIRANTE

Antonio CANDIDO

[illegible] o outro dia um erudito [illegible] que, na sua infância [illegible] cidade podia maravilhar-se [illegible] com o livro [illegible] Moreira, de que falamos [illegible]. Com efeito, [illegible] "Vida do Gonçalo [illegible]" Miguel Pereira [illegible] não eram, então, só [illegible] que tentavam os [illegible]; também um livro [illegible] História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França [illegible] um caixeiro... [illegible] não possuir e a [illegible] ler para os amigos.

[illegible] imaginar o efeito que [illegible] sôbre a imaginação [illegible] essas gestas [illegible] que ampliavam [illegible] comunidade comum os [illegible] doutros tempos. [illegible] conjeturar a influência [illegible] ter tido mais [illegible] no subconsciente [illegible] dos feitos [illegible] e fora de dúvida, [illegible] a "Historia" vem [illegible]. Não [illegible] editor do [illegible] ao escrever [illegible]: "Na epocha [illegible] há negar, a [illegible] passado por uma [illegible] que lhe [illegible] face, [illegible] idéias que se [illegible] arrojado [illegible] empresa de uma [illegible] obra que [illegible] publico [illegible].

[illegible] a extracção [illegible] em todas as [illegible] obra, o que aliás não é [illegible] desta edição, animar-[illegible] novamente a [illegible] que tenho de que, quaesquer [illegible] sejam os modernos moldes [illegible], nenhuma das antigas [illegible] perde o seu merito em [illegible] à epocha em que foi elaborada.

[illegible] de uma linguagem [illegible] convincente, o bom editor [illegible] o senso da relatividade [illegible] literárias. E' também [illegible] que participa do hábito [illegible] de considerar a sua [illegible] como de transição, [illegible] com certo receio para "novas [illegible] letras, que ameaça [illegible] derrocar a face antiga, [illegible] termina por acomodar-se [illegible] lado, na piedosa [illegible] passadas.

*

A melhor parte do livro é, sem dúvida, a primeira, na qual se reconhecem, como assinalei, sementes da "Viagem de Carlos Magno ao Oriente", do "Ferrabraz", da "Canção de Rolando", da "Infância de Rolando". São, pelo menos, quatro episódios distintos, mas ligados entre si. No primeiro, o Imperador vai tomar aos infiéis o Santo Sepulcro, e aqui aparece o mar pela única vez nesta parte: "Chegados ao porto, embarcaram e tiveram tão feliz vento que em poucos dias chegaram à Turquia". O livro segundo constitui a única aventura coesa desta obra, e é sobretudo a história dos principes turcos Ferrabraz e Floripes (lembrar a hipótese de Fauriel). Aliás, em matéria de civilização e maneiras, os infiéis se parecem exatamente com os cristãos. Usam as mesmas armas, os mesmos truques, a mesma retórica. A única diferença sensível está na religião. Enquanto Carlos Magno e os seus pares professam a verdadeira fé, os turcos são politeistas... Maomé vira idolo, ao lado de outros e nem sempre superior a eles. Estes idolos são um problema. Uns, é claro, sairam do Olimpo clássico. Outros, tão deformados quanto os primeiros, da Biblia. Outros, enfim, não sei onde os foi buscar o autor. Da primeira espécie são Apollim, Apollo, Jupiter; da segunda, Magor; da terceira, Tavalgante. O gigante Ferrabraz, "homem agigantado, de grandissimas forças e magnanimo coração, muito destro em todas as armas, rei de Alexandria e senhor de toda a provincia de Babilonia até o Mar Vermelho e Jerusalem", filho do Almirante Balão, vem desafiar o exército de Carlos Magno. Sai-lhe Oliveiros ao encontro, e o turco assim se exprime: "Pela fé que devo a Apollim e Tavalgante, meus muito amados e veneraveis deuses..." Em seguida toma um escudo de aço "onde tinha esculpida a imagem do seu idolo Apollo". Não obstante, lança mão também dos deuses alheios. Quando vê o Par ferido, se compadece e quer restaurar-lhe as fôrças. Oferece-lhe alguma beberagem moura? Não: "... chegate ao meu cavalo e acharás no arção da sella dous vasos atados que estão com balsamo, que por força das armas ganhei em Jerusalem, e d'este balsamo foi o teu Deus ungido e embalsamado quando o desceram da cruz e foi posto no sepulchro; bebe dele e logo sararás de todas as tuas feridas e ficarás com as tuas forças dobradas". Os milagres de Cristo eram precisamente utilizados pelos mouros, uma vez de posse das reliquias. Como em certas tribos, que se esforçam por tomar o idolo da inimiga a fim de que o seu deus, prêso, se volte contra ela, obedecendo ao vencedor. Aqui, porém, o deus tribal dos cristãos se vinga, pois que Ferrabraz acaba convertido, ajudando Carlos Magno a vencer e matar o proprio pai.

A Princesa Floripes, irmã do gigante, e em cujo temperamento [illegible] Fauriel julgou vislumbrar uma transposição romanesca da primeira condessa de Portugal, Dona Tareja de Leão, usa ainda com maior liberalidade as reliquias e os seus milagres. Apaixonada por Gui de Borgonha (conde Dom Henrique o Borguinhão?), liberta os pares prisioneiros, traindo o pai, e lhes dá acesso às reliquias que tem guardadas e que o Almirante arrebatara ao tomar Roma. Eis o retrato da linda infiel, que teríamos julgado mais trigueira: "... era a mais formosa dama que naquella terra se achava, de idade de dezoito annos, muito perspicaz, advertida e sabia; branca como a neve, as faces côr de rosa fina, as sobrancelhas e pestanas negras, os olhos grandes, o nariz afilado, a bocca pequena, os beiços delgados e côr de rubim, os dentes brancos e miudos, a barba quasi redonda com uma cova ao meio, o rosto moderadamente largo, os cabellos como madeixas de ouro fino, os hombros direitos e muito eguais, os peitos sem senão, cintura estreita e larga de cadeiras, segundo a boa proporção do seu corpo".

Esta arguta donzela dá a Oliveiros uma colherinha do verdadeiro maná, que o cura imediatamente. Quando as coisas estão duras, vão todos ver as Santas Reliquias, que ela lhes deu "com todo o tesouro do almirante meu pae e outras joias de grande valor" e que são: "uma parte da corôa do nosso Salvador, um dos cravos com que foi encravado na Cruz, um panno em que foi envolto o Menino Jesus, um sapato de Nossa Senhora e uns poucos dos seus cabellos".

O mais estranho, todavia, é que as reliquias têm as mesmas propriedades organolépticas que os idolos turcos. A sala em que êstes ficavam, feitos de ouro e cravejados de pedras preciosas, "cheirava tão suavemente que ficaram os cavalleiros admirados". Ora, noutro passo ficamos sabendo que as Santas Reliquias desprendem um perfume tão doce que dispensa o comer. Já esta paridade não existia no tocante às obras. Enquanto o deus dos cristãos age decididamente em favor dos seus filhos, os "falsos deoses" deixam os seus ao desamparo. Este conflito supremo faz o drama do pobre Almirante, a cujo lado acabamos por nos colocar sem hesitação. Senão, vejamos.

Turcos e cristãos são igualmente corajosos e cavalheirescos, desfazendo-se em galanterias. Enquanto, porém, uns sempre vencem — os cristãos — porque quando a fôrça humana já não pode mais intervem o milagre, os outros praticam façanhas em vão. Ao cabo, uma reliquia, um santo, uma intervenção qualquer do deus dos cristãos dá a vitória a êstes. E nada mais pungente do que o pobre Almirante Balão, com o nome saído do livro dos "Números", e tão azarado quanto o pobre mágico. Ao contrário dêste, porém, não se prosterna ante o anjo de Deus. Permanece infiel, numa teimosia sublime, apesar da traição dos filhos e da incompetência dos seus "falsos deoses", que nada fazem contra os milagres escandalosos do deus cristão. Não, contudo, sem desfalecimentos. Como é triste o passo em que, fatigado de ver ondas de dez e vinte mil soldados seus se quebrarem contra os Doze Pares, clama aos ceus e, "arrenegando os seus Deoses, e amaldiçoando a hora do seu nascimento e a sua má fortuna, dizia: — O' desgraçado e malaventurado velho, esquecido dos seus Deoses e de toda a sua gente. Não posso crêr que os meus soldados não ousem nem se atrevam a pelejar com os christãos. Ou os christãos estão encantados, ou os meus soldados estão dos meus Deoses desfavorecidos: pois tanto destroço têm deixado ao meu exército, sendo este tão poderoso que passa de duzentos mil homens bem armados e os christãos tão poucos que não são mais que dez em numero". Não obstante recompõe-se e ainda espera ver as coisas mudadas, pois repreende em seguida um cavalheiro blasfemo: "Cala-te e não digas tais palavras que eu ainda creio que os meus Deoses ainda hão de fazer trazer os christãos e Floripes ao meu poder". De modo que é necessário as amarguras chegarem ao máximo para êle bradar: "... Oh maldito e traidor Mafoma, que pouco é o teu poder e o meu: pois a só dez cavalleiros não podemos com tão grande numero de gente resistir!"

Pobre e grande Almirante, que, precursor inconciente, antepunha o esfôrço puro e forte do homem à onipotência temivel dos poderes supremos. Mas, repreendido por el-rei Sortibão de Coimbres retrata-se mais uma vez e se prosterna ante uma estátua de ouro do seu deus. Aí acontece o único fato sobrenatural da parte dêstes idolos insensiveis. Mas que milagre!

"Logo lhe trouxeram uma imagem de ouro fino à semelhança do maldito Mafoma, a qual em sua cabeça tinha um demonio que falava três dias na semana...

O diabo..., lhe respondeu: — Almirante, teus erros serão perdoados... E assim... não faltarei no que pedes. E manda logo aparelhar a tua gente e dar outra vez combate à forra que sem duvida serás senhor dos teus inimigos."

Não é preciso falar do fim do bom soberano e de como a previsão do diabo falhou. Até o demônio ajudava os cavaleiros cristãos! Talvez porque, lembrando-se de vez em quando que, afinal de contas, já foi principe da Côrte Celeste, não lhe repugne, embora oposicionista, ajudar os antigos correligionários, contra terceiros.

Mas apesar de tudo: de traído pelo filho, pela filha (ah! as belas mouras da Reconquista!) e até pelos deuses; com milagres pela frente e estrago por todo lado, êle não cede. Derrotado, instado por Carlos Magno, prefere morrer a converter-se. Os filhos, "a formosa e virtuosa Floripes", casada com Guido, e Ferrabraz, ficam reis dos seus impérios, e "estavam todos com grande contentamento, dando graças a Deus Nosso Senhor por chegarem a ver toda a Turquia catholica, o que se fez em menos de dois mezes". Nós, ficamos tristes e, traindo a nossa propria fé cristã, nos pomos ao lado do velho emir, abandonado de Deus e dos homens. E talvez não traiamos, ao fazê-lo.

Dessas narrativas [illegible] avulta um grande chefe nórdico e cristão, que é Carlos Magno, e outro, árabe e maometano que é o Emir, ou Almirante. Como na Reconquista, um acaba por ceder diante do outro. Não de menos, contribuiu, tanto quanto o vencedor, para a formação da Peninsula. Deu as suas filhas pérfidas aos cavaleiros nórdicos, misturou-se com a população vencida. Carlos Magno e Balão aparecem, aqui, quase como simbolos dos dois principios antagônicos de que saiu, como sintese do Norte e do Sul, a Ibéria moçarabe de que provimos. Daí, talvez, o amor que tenhamos pelo Almirante e o fato de nos pormos ao seu lado. Fazemo-lo, todavia, provisoriamente. Mais adiante, voltamos aos nossos paladinos cristãos. A narrativa se humaniza e se justifica quando, chamados à Santa Glória, Dom Roldão e outros pares tombam à mãos dos mouros, no desfiladeiro de Roncesvalhes. Êste sacrificio é bem uma imolação à fé, um simbolo da cavalaria cristã, que foi instrumento de expansão da cultura medieval e salvaguarda do Ocidente. Equilibra a vantagem [illegible] do deus de Carlos Magno. Dom Roldão, o mais completo herói da cristandade, cresce por sobre a Peninsula, que regou com o seu sangue, se abraça à sua espada Durindana, sopra na buzina e morre. Vêm os anjos e, como está na Canção imortal:

"Tauerne del comte portent en [paredis".

*

A "História" é uma delicia. Os anacronismos, a geografia maluca, constroem um tempo e um espaço de fábula, em que tudo foge pelo declive suave do maravilhoso, e, no seio da fantasia, se opera a incorporação de Carlos Magno à tradição ibérica. E' um grande desabafo, doce aos nossos avos peninsulares, no qual se vêem os turcos destroçados ou convertidos à verdadeira fé. Porque para o Imperador não havia meias medidas. Tendo tomado uma cidade dos infiéis, "não achou... uma só pessoa que quizesse ser christã. E vendo a sua contumacia e [illegible] os mandou passar todos à espada, exceto os meninos innocentes". O [illegible] franco-ibérico guerreia em Cordova, Dom Lucena por [illegible] de Deus, institui o culto de Santiago na Galiza, da missa em Paris, e os reis de França já são enterrados em Saint-Denis. Há um rei mouro em Coimbra (Coimbres) e outro em Lisboa (Lisbões). As cidades têm nomes lindos: Mormionda, Mantible. Há gigantes, espadas mágicas, de nomes magnificos: Piorança, Espaton, Braba, que eram de Ferrabraz; Durindana, Selvagina, Cortante, a primeira de Roldão, as outras de Urgel de Danôa; Flamberga e Altaclara, de Oliveiros, e Joiosa, de Carlos Magno — as nove feitas por três irmãos misteriosos: Galius, Munificus e Auflax. O narrador ajuda a imaginação do leitor a configurar os reis e funcionários turcos: o capitão Burlantes, o camarista Barbaças, o principe Dinafre, el-rei Clarião. Uma revoada de heroismo e romance no qual se conjugam cinco ou seis tradições [illegible] um todo florido e [illegible] posto, em que o real é apenas uma base para o reino da fantasia. Isso quase convida a [illegible], com o devido respeito, porque muitas vêzes encontramos ainda [illegible] tão encantadora.

TELEGRAMA DE ALGODOEIROS DA ALTA NOROESTE DIRIGIDO AO MINISTRO SOUSA COSTA

CONSIDERADOS BAIXOS POR TODOS OS LAVRADORES E MAQUINISTAS DE ALGODÃO OS PREÇOS ATUAIS

Ao sr. Sousa Costa, ministro da Fazenda, foi enviado o seguinte telegrama:

"Os lavradores e maquinistas de algodão de Birigui, Coroados, Glicério e Buritama, neste Estado, protestam unânimemente contra os têrmos do telegrama passado a v. exa. pelo sr. Olavo Amaral Ferraz e publicado na "Folha da Manhã" de 22 de agôsto de 1944.

Pedimos licença a v. exa. e ao mesmo tempo a vossa atenção para os pontos em que o sr. Olavo Ferraz se acha equivocado:

PRIMEIRO — Não é apenas um pequeno grupo de algodoeiro que se interessa pelo aumento do preço do algodão e sim tôda a União dos Lavradores de Algodão, a Sociedade Rural Brasileira e o Sindicato dos Maquinistas de Algodão e todo o brasileiro compenetrado do valor e alta qualidade do nosso algodão.

SEGUNDO — O aumento de financiamento viria beneficiar lavradores e maquinistas nacionais, pois existem grandes quantidades de algodão depositadas nas máquinas à espera de melhores preços. Logo, a medida não viria apenas em benefício dos intermediários, negociantes e especuladores como pensa o sr. Olavo Ferraz.

TERCEIRO — Os preços atuais são considerados baixos por todos os verdadeiros lavradores e maquinistas e sòmente o sr. Olavo Ferraz se diz satisfeito. Poderá haver essa satisfação nas classes algodoeiras quando vêem a exploração, o contrôle, a desmoralização, o truste de nosso produto por parte de poderosas organizações estrangeiras como a firma oficiosa à frente? Poderá existir êste contentamento quando o nosso algodão considerado como o melhor do mundo em sua classe, deve ser vendido a cinqüenta cruzeiros quando o similar americano é cotado a 137 cruzeiros por arrôba? Qual seria a razão que leva o sr. Olavo Ferraz a se arvorar em baixista e defensor de interêsses estrangeiros quando tôdas as nossas Associações ligadas ao algodão, se interessam pelo aumento de financiamento?

QUARTO — O aumento do preço do algodão não traria como conseqüência a debandada dos colonos de café. O aumento no trato dos cafesais decorre de uma situação lógica de aumentos gerais. Quererá o sr. Olavo Ferraz pagar em 1944 aos seus escravos os mesmos salários que vigoravam em 1939?

QUINTO — Todos nós, lavradores e maquinistas de algodão admitimos que com a terminação da guerra os preços do algodão terão que se elevar mas admitimos também, e certos estamos de que os preços sòmente se elevarão se houver de fato o interêsse do govêrno em valorizar o que é nosso. Não bastará o fim da guerra sem o amparo governamental às firmas estrangeiras, sempre com a oficiosa à frente, desmoralizarão o nosso mercado como vêm fazendo até aqui, e não seria surprêsa se o nosso algodão caísse à base do financiamento, ou seja sessenta e seis cruzeiros por arrôba!

SEXTO — Quanto ao já debatido assunto da obrigatoriedade do lavrador plantar cinqüenta por cento de algodão e 50 de cereais, perguntamos ao sr. Olavo Ferraz se seria possível e aconselhável plantar arroz ou feijão em terras apropriadas ao cultivo do algodão? Em caso afirmativo tomamos a liberdade de sugerir ao sr. Olavo Ferraz que plante em sua fazenda 50 de algodão e 50 de batatas...

SÉTIMO — Pedimos licença para sugerirmos a v. exa. que os negócios de algodão somente se moralizariam se as firmas estrangeiras que promovem o açambarcamento e controlam o nosso mercado, fôssem liquidadas e as suas máquinas fôssem entregues a lavradores organizados em Cooperativas.

OITAVO — Comunicamos a v. exa. que vamos dar publicidade ao presente.

NONO — Solicitamos a v. exa. apôio e solidariedade para os interêsses algodoeiros, elevando as bases do financiamento, pois defendendo êstes interêsses, estamos defendendo os verdadeiros interêsses da própria nação.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a vossa preciosa atenção.

Saudações: (as) — Nuno Alvaro Pereira, Irmãos Abdalla Ltda., Carlos Moreira, P. P. Cafeeira da Noroeste, Manuel Vellais, P. P. José Pacitti, Gentil Pacitti, Paulo Nagayama, José Bonifácio da Cunha, Victorio Pili, P. P. José Victorino, Victorio Pili, José Sanches Irmãos, Abilio Rodrigues de Oliveira, Francisco Tomaino, Laerte Nogueira Corrêa, P. Cooperativa dos Lavradores de Birigui Coroados, Nuno Alvaro Pereira, P. Algodoeira Coroados Ltda., Cesar de Oliveira Chueire, Cyro Maia, Lauro Faria Cotrim."

Jubileu do Instituto "Dom Bosco"

O Instituto "Dom Bosco", estabelecimento de ensino profissional salesiano, que funciona junto ao santuário de N. S. Auxiliadora, do bairro da Luz, inicia hoje as comemorações do jubileu de prata de sua fundação ocorrida em 1919, com as seguintes solenidades: — Abertura da "Semana Jubilar" e concentração de ex-alunos e cooperadores salesianos; às 10 horas, missa solene oficiada por monsenhor José Maria Monteiro. Será cantada a "Missa Pontificalis Secunda" do M. Perosi, a 3 vozes desiguais: Coro D. Bosco, alunos do Instituto e orquestra (Regência: M. Isidoro Marnigaglia); às 11 h 30, almôço de confraternização dos ex-alunos, sob a presidência de D. Vicente Priante, bispo de Corumbá e ex-diretor do Instituto; à noite, no salão de atos: reunião dos ex-alunos e dos cooperadores salesianos. Falarão D. Vicente Priante, sr. Manuel Victor e outros oradores. Parte recreativa a cargo do Grêmio Dramático dos Ex-alunos do Instituto.

UNIVERSIDADE DE S. PAULO

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO — O reitor da Universidade de S. Paulo solicita o comparecimento dos diretores dos Institutos Complementares à reitoria da Universidade, rua Maria Antônia, 319, 1.o andar, amanhã, às 14 horas, a fim de eleger o representante daqueles Institutos junto ao Conselho Universitário. Esta é a segunda convocação.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

GARÔA — Em mãos, o número de agôsto da revista mensal "Garôa". Neste exemplar, encontramos variada matéria de rádio, cinema, futebol, modas, além de magnífica colaboração literária.

SÃO PAULO — Em mãos, o Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, "São Paulo", de agôsto de 44. Em seu sumário encontramos artigos concernentes à agricultura, pecuária, problemas atuais, finanças e política fiscal, guerra, cultura, notas e notícias.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

UM POETA "IMPURO"

Antonio CANDIDO

Lembro-me bem da primeira vez que vi o sr. José Tavares de Miranda. Foi numa daquelas sessões tumultuosas do Centro XI de Agôsto, sendo êle quinto — e eu segundanista de Direito, se não me engano. Os oradores se sucediam, sob os aplausos ou os apupos — porque o Centro, em tôdas as ocasiões, não conhece as meias medidas acomodatícias. Eis senão quando assoma um dêles à tribuna, diferente dos outros, desusado, fora de foco. Falava quase cantando e dava às palavras uma veemência de tribuno antigo. Modelava as frases na garganta com ênfase lenta e as acompanhava com a gesticulação abundante que costumamos imaginar nos clássicos retores da Bahia. Ante tão diferente discursador, a vaia desencadeou vigorosa, após ligeira indecisão. O orador todavia com um certo ar divertido, permaneceu insensível ao tumulto, falou mais um bocado sem alterar o estilo e sentou-se plàcidamente. Tive a impressão exata de um último condoreiro, de um líder da Abolição cheio de imagens e bêbado com o som da própria voz.

Nunca mais vi o moço de sotaque nortista. Não faz muito tempo que soube tratar-se do sr. José Tavares de Miranda. Agora, encontro-o de novo num livro de versos, e a lembrança daquela sessão agitada do XI de Agôsto ajuda-me a compreendê-lo melhor.

*

Estreando com "Alamboa" em 1942, o poeta pernambucano vem a agora a público com um novo livro: "Poemas" (1). E' necessário antes de mais nada assinalar o progresso que verificamos dum livro para outro. "Alamboa" era um rompante algo palavroso enquanto os "Poemas" nos mostram um poeta de posse do seu métier. Num e noutro, porém, a qualidade que mais chama a atenção é o verbalismo. Um condor mais polido e mais manso, como veremos.

O sr. Tavares de Miranda faz com a poesia a aposta que certos oradores fazem com as palavras. Sôlta a primeira, seguem as outras, mais ao sabor da associação e das suas harmonias que pròpriamente das diretrizes mentais. O sr. Tavares de Miranda é o contrário do poeta que pensa, porque é o poeta que explode. A sua é uma poesia de germinações rápidas e florações bruscas. Relega para segundo plano o elemento consciente, que em geral leva o poeta a construir o poema, organizando-o e podando-lhe os brotos excessivos. O nosso poeta aceita a sua fatalidade oratória e faz bem — porque se ela o torna não raro palavroso e superficial, lhe dá em troca, as mais das vêzes, a eloqüência que eleva o tema acima da banalidade. Para êle o verbo é mais augusto que os seus quadros, e refiná-lo demais, um trabalho imperdoável de jardineiro. Deixa-o brotar aos tufos, como em certos jardins antigos, cuja simetria se perde, abafada pela riqueza da vegetação livre e exuberante. Muitas vêzes temos a impressão de que os vocábulos são atirados como se fôssem coisas ponderáveis, cheias de realidade e de seiva. Contràriamente aos poetas da quintessência e da abstração, é um romântico embriagado pois que a palavra tem de fôrça afirmativa.

Raramente o sr. Miranda usa meios tons e nunca se faz o cantor da vida corriqueira ou pequenina. Os seus temas são simbólicos ou gravemente altissonos. Poesia para êle é exaltação antes de compreensão ou ponto de vista. Aborda o tema pelo exterior, acentuando as qualidades plásticas, as sensações que lhe pode dar, a côr, o som. E' um grande sensual, que passeia pelas coisas mais os seus sentidos do que a sua reflexão. E não é atraído pela volúpia implícita, pela sensação sublimada, igual à de tantos versos do seu conterrâneo antípoda, Manuel Bandeira. As suas emoções são diretas e ferem a observação mais superficial. Cada vocábulo, cada objeto, cada evocação lhe parece uma oportunidade muito vital de vibrar — em júbilo ou tristeza — para que se resigne a estilizá-la.

No entanto, pertencendo embora a uma linhagem de poetas verbais — como Castro Alves, o maior de todos — o sr. Miranda não pode ser chamado um condoreiro. Ao lado da embriaguez verbal, mais presente em "Alamboa" do que neste volume, existe nêle um recolhimento ante as coisas que sucede ao fervor das suas aventuras verbais:

"Irremediàvelmente só, desprezado
Estou na terra, no mar, no céu.
Nem um gemido, nem o pássaro canta
E' nem mesmo a árvore dá sombra
Deserto, deserto, só deserto".

Êle se distingue dos grandes verbalistas no fato de saber, como também Vitor Hugo, canalizar a sua fôrça vocabular para os temas menores. Aí, a mesma sonoridade, a mesma sabedoria plástica do verão — mas um recolhimento maior, um pudor que abate a violência de tantos dos seus versos. E os seus temas prediletos não são temas heróicos. Mais: o tema heróico fica miúdo e sem tônus nas suas mãos, como vemos na "Elegia para os tambores de Albuquerque".

Os melhores poemas do sr. Tavares de Miranda são, todavia, aquêles em que a fantasia vocabular pode expandir-se livremente, sendo possível ao poeta criar uma síntese de imagens visuais, táteis, olfativas e fundi-las num símbolo de preferência sexual. E' o caso da admirável "Ária para a desvirginada", de "Certa noite no mar" e, sobretudo, da "Canção de Rudá" — grande realização poética:

"Teodora se soubesses
Dançar a dança da enguia
Melhor do que Lutécia
A perigosa que sabia
Dançar e mais pudesse
Fazer o que queria
Teodora ó minha Teodora
Contigo sumiria
Para terras nunca vistas
Para a lua se quisesses
Veja já se não querias!"

Outras vêzes, cria uma atmosfera fantástica, graças ainda ao jôgo de imagens acentuadas e hàbilmente dispostas:

"Ictiossauro ígneo
Varando vai
Pelo oceano
A praia vem
Rouba as conchas
E às sereias dá
O amor eterno
E o ódio também".

Ou o "Epitalâmio num átimo de desejo":

"Plúmbea esganiçada
Hiperbórea serenada
Meu violão ao luar
Estará em seresta
Para modinhas cantar
Ao peitilho da janela.
Beijos hei cobrir desnudo
Ombro, fulva, ó glabra
Rescendes, sabes
Rosmaninho e resedá".

O sr. José Tavares de Miranda soube conservar-se fiel às tradições verbais da sua região, que nos deu no entanto um poeta tão comedido quanto o mencionado sr. Manuel Bandeira. Por isso, é o avêsso do poeta puro — daquele que descarrega o seu verso de tôda ganga sensorial para sublimá-lo numa perfeição que satisfaça o senso do mistério. Carregado de palavras, comprazendo-se nelas; falando muito e criando beleza não raro pelo acúmulo, o autor de "Alamboa" é um poeta impuro. De minha parte, confesso que o aprecio mais por esta circunstância. Estamos num tempo em que se exagera bastante, a meu ver, as virtudes de despojamento e pureza poética. A pureza está longe de ser um ideal artístico absoluto. E' mesmo de ideal humano. Nós todos sabemos o que vai de antivital, de antinatural, na concepção semítico-cristã de castidade, por exemplo — que não passa de um ideal, um correspondente moral da pureza poética. Para ser fecunda, para se realizar, tôda pureza deve começar por renunciar a si mesma, sob pena de ser um significado extremamente limitado e quase aberrante. E a poesia não escapa à regra. A poesia pura, despida, que se nutre das migalhas do silêncio e soluça por não poder atingi-lo, é a negação mesma do esfôrço artístico, se quisermos ver nela a poesia. Concebida como uma espécie de poesia, todos nós a aceitamos e apreciamos porque sabemos que ao seu lado existe um verso mais quente e mais comunicativo, embora menos perfeito. A poesia pura surgiu com os alexandrinos e veio erigir-se em dogma com os simbolistas franceses, depois de tentativas inglêsas. Não foram puros os grandes poetas clássicos, nem os românticos. Parece que os gongóricos o são. O que é fora de dúvida é que êste tipo de poesia aparece de preferência como expressão de casta — quer de letrados, quer de granfinos, uns e outros geralmente afastados das fontes mais espontâneas da vida e da arte, que é o povo. E a coisa chega a extremos dignos de nota. Como um amigo meu, professor universitário, defendesse certa vez a poesia pura — de que é partidário feroz — perguntei de que maneira encarava Dante, com a sua astronômica, a sua didática filosófica, científica, moral, ou Camões, com a sua epopéia histórico-comercial. Meu amigo respondeu, sem pestanejar, que a verdadeira poesia se encontra em pouquíssimos versos de ambos os poetas, e que só a êstes é devida a sua grandeza. Instado a dar exemplos, acabou por admitir que talvez não haja versos puros na "Divina Comédia" ou nos "Lusíadas", pois, infelizmente, todos têm um significado lógico ou simbólico, e ter significado é contrário à pureza...

O meu amigo é um símbolo. Os puristas, a serem coerentes, reduziriam a poesia a pouquíssimos momentos, sendo o resto floração impura de um limbo que é preciso aceitar em vista do que pode produzir de quando em vez. Não. Não é possível reduzir a arte, e portanto a poesia, à pureza que esteriliza de certo modo algumas das expressões mais vivas do homem. Como tôda gente, leio Mallarmé e gosto muitíssimo dêle. E' dos meus poetas prediletos. Mas não quero, como muita gente, que todos os seus poemas sejam a poesia — como se pretendeu afirmar durante certo tempo. Quero os elementos humanos que a tornam comunicativa e inteligível. Quero palavras que tenham coragem de ser palavras, e não que queiram virar som puro — porque neste caso vou ao concêrto. Quero poetas como o sr. José Tavares de Miranda, impuro, cheio de demasias, porque sinto nêle um calor de vida nem sempre discernível nas chinoiseries e no vocábulo puro — coisa aliás bem mal explicada.

(1) — José Tavares de Miranda — "Poemas" — Livraria José Olympio Editôra — Rio — 1944.

O COMBATE À LEPRA

Entre os donativos que hoje registramos queremos destacar dois, que não são dos mais avultados, mas valem pela sua significação.

Um é o do sr. Armando Delino, prefeito municipal de São Sebastião, que nos remeteu a quantia de Cr$ 428,00. Foi essa a espontânea contribuição da pequena cidade litorânea, que assim cumpriu o seu dever, tornando-se digna de ser apontada como exemplo a outras maiores e mais ricas.

O segundo é o donativo de Cr$ 50,00, dos alunos do 4.o ano B masculino do Grupo Escola "Brasil" de Limeira. As crianças limeirenses tomaram a si a Campanha, com um espírito de cooperação que lhes faz honra. Assim as imitassem as crianças das 14.000 classes primarias de São Paulo!

— Damos abaixo a lista dos donativos da semana:

	Cruzeiros
Lista da Bôlsa de Cereais	5.320,00
Companhia Cafeeira de São Paulo	2.000,00
Lista do patrono José de Barros Abreu:	
Cia. Fiação e Tecelagem São Pedro	1.000,00
Prefeitura de São Sebastião	428,00
Alunos do G. E. "Brasil", de Limeira, por intermédio do prof. Antonio Sordelli	53,00
Donativos anteriormente noticiados	1.655.803,10
Total dos donativos recebidos até hoje	1.662.636,10

A CAMPANHA EM CAMPINAS

CAMPINAS, 9 (Da sucursal da "Folha da Manhã") — Durante a semana que hoje finda, a Campanha Contra a Lepra, lançada em Campinas pelo "Diário do Povo" e a Sucursal das "Folhas", registrou mais as seguintes contribuições, arrecadadas pela Comissão das Farmácias, constituida pelas sras. dd. Luiza Mello Bueno, Alzira Mangeon Martins e Leonor Nogueira Pacheco:

Vicente Amato Sobrinho & Cia., Cr$ 100,00; Farmácia Favero e Alexandre de Britto, Cr$ 20,00, cada um; Cinaldo & Bryan Ltda., Ivo Picoli, José Galassi, J. G. M., Domiralde de Luca, G. Fernandes de Almeida e João Biasi, Cr$ 10,00 cada um. Total: Cr$ 210,00.

— À redação do "Diário do Povo", Um Anônimo levou o donativo de Cr$ 10,00.

Com êsses donativos, a lista total das contribuições de Campinas é a seguinte:

	Cruzeiros
Lista da Indústria e Comércio	27.436,00
" dos Médicos	12.850,00
" dos Engenheiros	3.692,50
" dos Advogados	3.450,00
" dos Agrônomos	3.325,00
" dos Cirurgiões-Dentistas	2.620,00
" do Professorado	2.190,30
" dos Bancários	2.141,70
" das Farmácias	2.125,00
" do "Diário do Povo"	840,00
" da Sucursal das "Folhas"	100,00
Renda do Torneio Relâmpago de Cestobol	2.420,00
Total, até 8-9-1944	63.190,50

EM PRINCIPIOS DE DEZEMBRO A 1.a EXPOSIÇÃO REGIONAL DE ANIMAIS, EM BARRETOS

JÁ SE ACHAM ABERTAS AS INSCRIÇÕES NO DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO ANIMAL, À AV. ÁGUA BRANCA

Realiza-se nos dias 2, 3 e 4 de dezembro do ano em curso a 1.a Exposição Regional de Animais de Barretos, e na qual poderão ser expostos espécimes de bovinos e equídeos das diversas raças, assim como bois gordos dos seguintes municípios: Barretos, Colina, Bebedouro, Cajobi, Guaira, Guariba, Jaboticabal, Monte Alto, Monte Azul, Olympia, Pirangi, Pitangueiras e Viradouro. Serão aceitas também as inscrições de aves, como sejam: galináceos, palmipedes, meleagrídeos (perus) etc.

A Exposição em aprêço, que é promovida pelo Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, far-se-á em estreita colaboração com a prefeitura municipal de Barretos, recebendo ainda a ajuda valiosa da Associação dos Pecuaristas do Vale do Rio Grande, da Federação das Associações de Pecuária do Brasil Central e das entidades interessadas no Registro Genealógico com sede em São Paulo.

A Secretaria da Viação, através da sua Divisão de Obras Públicas, dispensará ao certame colaboração também das mais eficientes, considerando que as obras de construção do recinto estão sendo supervisionadas pelos técnicos dessa Divisão. E ainda as verbas indispensáveis correm por conta da mesma.

Os serviços que estão sendo atacados por empreitada, diretamente contratados pela referida Divisão, acham-se bastante adiantados, esperando-se que estejam terminados antes do prazo fixado.

As inscrições para as diversas raças de bovinos e equídeos e bem assim de aves, já se encontram abertas no Departamento da Produção Animal, à Avenida Água Branca, 455, na Capital, onde os interessados poderão ser atendidos prontamente das 11 h 30 às 17 h 30.

Dentro de poucos dias deverão seguir para a zona de Barretos técnicos especializados que visitarão as propriedades no sentido de melhor aquilatar o valor dos reprodutores a inscrever, além de proporcionarem aos interessados conselhos sôbre a escolha e preparo dos animais.

Cinquentenário da instalação do Ginásio do Estado da Capital

Transcorrendo no próximo dia 16 o cinquentenário do Ginásio do Estado da Capital, a Associação dos Antigos Alunos dessa conceituada casa de ensino fará celebrar uma missa em ação de graças, às 10 horas, na Basílica Abacial de São Bento. Será celebrante D. Gastão Liberal Pinto, bispo de S. Carlos, pertencente a uma das primeiras turmas formadas por aquêle ginásio.

Às 15 horas do mesmo dia, os antigos alunos farão uma visita ao Ginásio, sito atualmente à rua Frederico Alvarenga, 121, inaugurando-se então uma placa de bronze, alusiva à data; posteriormente, haverá uma sessão solene, de que participarão autoridades, antigos e atuais alunos, professores e diretores daquele tradicional estabelecimento.

São convidados todos os ex-alunos a participarem dessas comemorações, que estão sendo aguardadas com o mais vivo entusiasmo. Estão encarregados de receber as contribuições destinadas a fazer face às despesas necessárias, na base de Cr$ 30,00 por pessoa, os seguintes antigos alunos: — José Ferreira da Rocha Filho (Palácio da Justiça — 13.o Ofício Civel); Paulo Queiroz (rua Direita, 38, 1.o andar); Fernando Euler Bueno e Paulo Penteado de Faria e Silva (rua Benjamin Constant, 122, 11.o andar, telefone 2-3044); Eduardo Navajas (rua Xavier de Toledo, 98 8.o andar); Henrique Málaga (rua 7 de Abril, 235, 4.o andar); Armando de Arruda Camargo (I.P.T.); Maury Freitas Julião (rua Conselheiro Crispiniano, 79, 10.o andar); José Cretella Junior (Ginásio do Estado); José Rubens Prestes Barra (Faculdade de Direito); Gilberto Bueno (Escola Politécnica); Tarsila Ferraz Napoles (Faculdade de Filosofia); e Wilson Brotto (Faculdade de Medicina).

Universidade de São Paulo

FACULDADE DE DIREITO

CURSO DE BACHARELADO — chamada para os exames de segunda chamada:

PRIMEIRO ANO — Introdução à Ciência do Direito, depois de amanhã, às 14 horas; Direito Romano, dia 14, às 10 e 11 horas.

QUARTO ANO — Direito Judiciário Civil, dia 15 do corrente, às 14 horas; Direito Internacional Privado, dia 13, às 14 horas; Medicina Legal, depois de amanhã, às 14 e 15 horas.

QUINTO ANO — Direito Administrativo, dia 14 do corrente, às 9 horas.

PAGAMENTO DE SEGUNDA PRESTAÇÃO DA TAXA — Expirando hoje, o prazo para pagamento da 2.a prestação da taxa de matrícula do corrente ano, a Tesouraria receberá amanhã, das 8 h 30 às 11 horas e das 14 h 30 às 16 horas.

Palestras de bons vizinhos

Em prosseguimento à série de conferências radiofônicas que a Rádio Gazeta vem promovendo num programa de aproximação cultural brasileiro-norte-americano, será entrevistado ao microfone daquela radioemissora amanhã, às 19 horas, o sr. James E. Blakeley, antigo diretor da "Embry Riddle School of Aviation", de Miami, e atual diretor da Escola Técnica de Aviação de São Paulo.

Conferências sôbre "O Mundo de Amanhã e seus Problemas"

A fim de contribuir para o esclarecimento dos grandes problemas que empolgam o espírito da humanidade a respeito de seus destinos, depois do tremendo conflito em que ainda se debate, a Sociedade Sul Riograndense de São Paulo, no cumprimento de seu programa cultural, acaba de tomar a iniciativa de promover uma série de conferências subordinadas ao tema geral de "O Mundo de Amanhã e seus Problemas".

Para a elaboração do plano dessas conferências, integrando a Comissão de Cultura da Sociedade foram convidados os srs. prof. Cesarino Junior, Osmar Pimentel, Ruy Bloem, Oliveira Ribeiro Netto e Plinio Gomes de Mello, êste na qualidade de diretor cultural daquela entidade. Iniciando seus trabalhos, a referida Comissão começou por subdividir o tema em cinco temas parciais, englobando problemas políticos, sociais, econômicos, sociais religiosos e culturais. Assim, cada uma dessas subséries de conferências abrangerá, no mínimo dez assuntos de atualidade, a serem tratados por especialistas na matéria, desde a famosa Carta do Atlântico, passando pelos problemas da Democracia, abolição da miséria, economia dirigida, latifúndio e pequena propriedade, até os que se referem à família e sua organização, relações entre a igreja e o Estado, universidades populares e outros problemas culturais.

Entre os conferencistas que estão sendo convidados para debater êsses problemas figuram os srs. Macedo Soares, Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, Castro Rebello, Cesarino Junior, Caio Prado Junior, Roberto Simonsen, Pedro Aleixo, Cardoso de Mello Netto, Almeida Junior, Raul Pila, Noé Azevedo, Pedro Calmon, Francisco D'Auria, Ary Torres, Josué de Castro Vasco de Andrade, Theotonio M. de Barros, Donald Pierson, Raul Briquet, Antonio Picarolo, Roger Bastide, Malta Cardoso, Sergio Milliet, Affonso Arinos de Mello Franco e vários outros.

Essas conferências deverão ser realizadas semanalmente, tendo inicio ainda no corrente mês.

Movimento Espírita

"CRISTO MAGNO SIGNO, EMBLEMA DA PERFEIÇÃO" — Realiza-se hoje, às 20 h 30, na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à rua Maria Paula 158, uma conferência do dr. Carlos Ingles de Souza, sôbre o tema: "Cristo Magno Signo, emblema da perfeição". Entrada franca.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

"FACES DESCOBERTAS"

Antonio CANDIDO

Nada mais belo que uma bela vocação. Acabo de ler, e em muitos pontos reler com o maior interêsse, o segundo livro de critica do sr. Carlos Burlamaqui Kopke. E' um critico que vive dentro da literatura como se fôra o seu ambiente vital. Sente-se nestas páginas o interêsse emocionado, a paixão pelos problemas literários. Paixão às vêzes demasiada, que nos faz pensar numa direção mental excessivamente livresca, mas não obstante respeitável e, sobretudo, fecunda para as nossas letras, pois é condicionada por uma seriedade que transforma a atividade critica num sentimento de missão intelectual.

"Faces Descobertas" apresenta trabalhos geralmente escritos sôbre poesia e romance, além de um sôbre o sr. Alvaro Lins, que comentarei adiante, quando tratar da concepção de critica do autor. Como critico de romance, o sr. Carlos Burlamaqui Kopke não me parece muito forte. O mesmo não digo em relação à poesia, terreno no qual parece destinado a uma carreira brilhante. Como estilista, é menos fácil aceitar o autor. O sr. Burlamaqui Kopke escreve bastante arrevezado. Não com pedantismo, pois as suas páginas estão impregnadas de uma modéstia digna do verdadeiro homem de estudo que demonstra ser; mas, sem dúvida alguma, com um mau gôsto algo precioso, que as pretensões evidentes de purismo agravam em vez de refinar. Não me sinto totalmente à vontade com um escritor que diz: "... a poesia de Manuel Bandeira, tôda ela, verdadeiramente, estremecida de paixões, não obstante se apresentar numa expressão serena, isto é: sem extasamentos intelectivos e aranzéis metafóricos". Ou, juridicamente, folheando um romance: "A páginas 276, de "Marco Zero"". Tanto mais quanto o seu pensamento não é retorcido nem obscuro. Pelo contrário, sentimo-lo senhor de si, claro, ordenado, apesar dos arrebiques verbais.

Pôsto de lado êste reparo meramente formal, menciono outra circunstância que prejudica o livro: o tamanho reduzido dos trabalhos. O sr. Carlos Burlamaqui Kopke tem capacidade de debater e expor as idéias. Por isso mesmo, aparece meio constrangido no pequeno espaço em que se confinou. Em alguns artigos, temos a impressão de meros esboços, a exposição se perdendo em notações que não progridem. Parece-me que a circunstância é devida ao próprio caráter dos estudos dêste livro, cuja forma primitiva foi o artigo de jornal. O autor teve a seu cargo a seção critica d'"A Noite". Ora, nós que escrevemos sob medida, sabemos como frequentemente isto prejudica o que queremos dizer. Limitados pelo número fixo de laudas, obrigados a uma certa facilidade jornalistica e, sobretudo, premidos pelo tempo, sacrificamos idéias e temas que estariam melhor num ensaio ou numa série de artigos. Compreendo, pois, as condições de trabalho do sr. Burlamaqui Kopke, e apenas lamento que ainda não tenha querido ou podido superá-las, escrevendo ensaios mais extensos. O artigo de jornal raramente revela um critico. O que fazemos aqui não é critica literária pròpriamente dita, mas resenha de livros e idéias. E eu tenho a impressão de que o autor de "Faces Descobertas" é por excelência um ensaísta. Grande parte dos seus trabalhos aparecem como ensaios de asas cortadas, desequilibrados portanto.

*

Quer como critico de ficção e de poesia, quer como critico de idéias, o sr. Carlos Burlamaqui Kopke manifesta preocupações que poderiam ser chamadas de essencialistas. Quero sugerir com êste vocábulo impreciso a sua tendência de procurar o sentido por assim dizer metafísico das obras. Parece-nos que êle se coloca sempre ante um livro como diante de um absoluto. Ou por outra: de algo que participa de um absoluto. Da *Beleza*, da *Poesia*, do *Sentido*. Quando fala da missão do intelectual, se refere a um certo padrão eterno de conduta. Quando estuda um livro de versos, tateia para encontrar a sua ligação com a Poesia, una, eterna. Tomado de vertigem em frente do abismo da Beleza, se exprime frequentemente com um certo hieratismo compenetrado, de quem não aceita o *granum salis* do relativismo. Daí a sua preocupação com o drama implicado numa obra. Um livro para êle é um sintoma agônico. E' produto de uma luta do autor em busca da "Idéia do mundo", como diria um idealista fichteano. E o seu trabalho critico se esforça por determinar certas realidades psicológicas. Na critica de poesia — o seu campo por excelência — mostra-se sobretudo psicólogo, interessado pelo drama mental do poeta, pelo significado pessoal do verso. Mas um psicólogo metafísico, que se compraz em pesquisar as ligações entre o verso e os absolutos metafísicos ou criticos, o processo tendendo, no seu conjunto, para uma aproximação das essências nucleares da obra e da aventura literária. Portanto, a critica de poesia é para êle menos uma *explicação* do que um esfôrço de comunhão na mesma realidade misteriosa em que se iniciou o poeta. O que, como tenho dito mais duma vez, me parece a negação mesma da critica concebida como disciplina intelectual. Com efeito, se ela é objetividade por definição, não poderá confundir-se com semelhante ponto de vista, que acaba por transformá-la em milagre de simpatia intuitiva. O ponto de vista do sr. Carlos Burlamaqui Kopke, penso eu, só deve ser aceito como processo de análise, antecedendo ou sucedendo a esta, mas nunca como método de compreensão.

A sua atitude tem muito daquela "critica pura... em que não se intrometam as mais modernas aquisições das Ciências antropológicas", de que êle mostra as limitações no seu estudo sôbre Stendhal. A critica *pura* representa um perigo de rompimento do caráter orgânico, funcional, que deve ter tôda disciplina dirigida para o estudo da cultura, como é o caso da nossa.

Leiamos a sua teoria, exposta no belo estudo sôbre Alvaro Lins: "O que importa é que aquêle (critico) [illegible] tista), através de um instinto de curiosidade interpretativa (*fase objetiva da Critica*); através, principalmente, de intuições (*fase poética da Critica*) todos os sintomas, valores e possibilidades de realização. Pois à medida que o critico seleciona para julgar; à proporção que se aprofunda nas complexidades da obra para interpretar, ou intui os sentimentos íntimos e os sentimentos sociais para eleger dentre êles o que melhor particulariza ou excepcionaliza o artista, há como que um desdobramento ou dois atos, um ativo e um passivo, isto é: o que prova a intervenção da inteligência, do bom gôsto (*fase catártica da Critica*) e o que prova subsistir no critico um estado de inocência, de pureza, de entrega (*fase receptiva da Critica*), pelo qual (estado) lhe é transmitido o ser natural ou primitivo do artista". A citação é longa e os dois primeiros parênteses são meus; mas ficamos de posse de um trecho que é dos mais característicos da maneira do autor.

Ora, o sr. Carlos Burlamaqui Kopke me parece proceder justamente ao contrário do verdadeiro espírito critico, ou seja, objetivo. Com efeito, o resultado da critica deve ser uma objetivação. Ela deve poder extrair da obra analisada um julgamento tão desligado quanto possível do seu critico, que o nosso autor pretende nunca esquecer, a fim de que êste julgamento se torne um bem comum. Portanto, longe de começar por uma fase objetiva e acabar por uma hipóstase inefável, seria preferivel que o critico começasse por esta (isto é, por uma identificação possoal tão simpática quanto possível) e acabasse pelo estabelecimento duma relação entre a obra e o julgamento, e não entre a obra e êle, critico. Assim, o trabalho resultaria na formação de um critério acessível à revalorização por parte dos leitores, porque acessível a êles. A objetividade deve referir-se aos produtos efetivos da atividade critica, e não a um vago movimento de afinidade espiritual.

Fazendo estas criticas, não quero dizer que o trabalho do sr. Carlos Burlamaqui Kopke tenha falhado. Parece-me apenas unilateral. Para a compreensão e o aproveitamento humano de uma obra, o critério cultural (sentido largo) me parece melhor e mais sólido do que o critério metafísico, porventura mais profundo e mais poético, porque é uma ilusão. O primeiro tende a incorporar o trabalho no patrimônio da história da cultura; o segundo, como que o limita aos prazeres de uma aventura pessoal.

Dentro do seu ponto de vista, o sr. Carlos Burlamaqui Kopke fêz obra de valor. Sinto-me tanto mais à vontade para comentá-lo e tanto mais livre para apreciá-lo quanto me acho em posição bastante diversa da sua. Não obstante, além das divergências de método, existe um terreno comum em que se encontram todos os criticos: é o da simpatia em face da obra. Sem ela, não há progresso em nosso ofício. Ela significa possibilidade de visão, aprofundamento, dignidade do juizo formado. O sr. Burlamaqui Kopke tem-na em alto grau. A sensibilidade e o fervor fazem dêle um dos nossos criticos mais promissores. Esperemos que prossiga, realizando-se através do ensaismo de maior fôlego, pelo qual, aliás, se tornou conhecido (v. o seu livro, "Os caminhos poéticos de Jamil Almansur Haddad"). Por ora, sinto nêle o pecado da leitura, que leva frequentemente os espíritos criticos a uma singular e deliciosa depravação intelectual: preferir a critica ao criticado.

Muitas vêzes, com efeito, nos comprazemos mais em ler um estudo de Rod sôbre Leopardi do que o próprio texto de Leopardi. Êste traço de alexandrinismo, que nos ataca a certa altura da evolução mental, e que é um sintoma de puberdade na critica literária, ainda o vislumbramos, aqui e acolá, neste jovem e brilhante escritor. O seu estudo sôbre Stendhal pode servir de exemplo. Nêle, submete-se demais à opinião dos comentadores, e chega a enxergar o que êstes lhe mostram. Assim, quando diz que não há influência marcada dos "ideólogos" sôbre o grande romancista, aderindo a um ponto de vista do velho idealista da Sorbonne, Henri Delacroix. Ora, todos sabemos que a "ideologia" foi uma doutrina, ou um conjunto de doutrinas, que implicava pontos de vista politicos em mesmo grau que os pròpriamente filosóficos. Um minuto de reflexão sôbre a Politica de Stendhal nos mostra a impregnação poderosa destas idéias, maior do que as que se refletem na sua Psicologia. Aqui, como em outros momentos, o sr. Carlos Burlamaqui Kopke se fiou mais no comentário que no texto. Texto que é quase sagrado para os seus devotos, de que eu pretendo ser humilde companheiro. E, nesta qualidade, não perdôo ao sr. Carlos Burlamaqui Kopke haver, no seu estudo, chamado de Fabiano o nosso Fabricio del Dongo. Em todo o livro, que guardarei entre aquêles que é preciso reler e consultar, é êste único lapso de lesa-stendhalismo que me fez ficar bravo com o autor. O que é mais uma prova da simpatia e da admiração com que acompanho a sua honesta e eficiente carreira de critico.

(1) — Carlos Burlamaqui Kopke — "Faces Descobertas" — Livraria Martins Editora — São Paulo — 1944.

As missões precisam de seu auxílio

Senhoras de nossa sociedade, auxiliando a iniciativa da "Obras dos Tabernáculos" da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, encarregaram-se da confecção de um magnífico enxoval para bebê, inclusive lindo berço que em benefício das missões será vendido completo, ou por peças.

A exposição será na residência da senhora Elisa Penteado Coelho, à av. Dr. Arnaldo, 1.493, onde, desde dia 12 do corrente, poderá ser visitada a qualquer hora. Qualquer informação poderá ser pedida pelo telefone 8-5507.

Palestras de Bons Vizinhos

Prosseguindo na série de Palestras de Bons Vizinhos que a Rádio Gazeta vem promovendo, num programa de intercâmbio cultural brasileiro-norte-americano, será entrevistado amanhã, às 19 horas, ao microfone daquela rádioemissora, o rev. pe. Saboya de Medeiros, presidente da Ação Social em São Paulo, e que acaba de regressar de uma viagem de seis meses pelos Estados Unidos.

Farmácias de Plantão

Estão de serviço, hoje, as seguintes farmácias:

CENTRO: — Santos, rua São Bento, 200.

BRAZ: — Rosal, rua Brasser, 231; Califórnia, rua Visconde de Parnaíba, 1.682; Gutila, rua Brasser, 1.390; Mota, avenida Celso Garcia, 320; Costa, avenida Rangel Pestana, 2.506; Franco, avenida Rangel Pestana, 1.137.

MOOCA: — Almeida, rua da Mooca, 1.076; Divina, rua Piratininga, 819; Irmãs Ribas, rua da Mooca, 140; S. Pedro, rua Visc. de Parnaíba, 469.

ALTO DA MOOCA: — Mooca, rua da Mooca, 3.314; Oratório, rua Oratório, 1.392; Madre de Deus, rua Madre de Deus, 2.261; Central da Mooca, rua da Mooca, 2.056; Elissa, avenida R. de Barros, 99; Tupi, rua Ezequiel Ramos, 104.

PARAISO-VILA MARIANA: — Paraiso, praça Oswaldo Cruz, 39; Santa Sofia, rua A. Freitas, 29; Fé, rua Dom. de Morais, 87; Moura, av. Cons. Rodrigues Alves, 203; Vota, rua Dom. de Morais, 1.550.

ORIENTE-CANINDÉ-PARI: — Galeno, rua Oriente, 164; Cruz Azul, praça Eduardo Rudge, 46; S. Jorge, rua Rubino de Oliveira, 364; Cesar, av. Vautier, 406; N. S. Auxiliadora, rua J. Teodoro, 1.628; São Caetano, rua Brasser, 105; Santa Clara, rua Santa Clara, 235.

VILA BUARQUE-CONSOLAÇÃO: — Arouche, rua Jaguaribe, 11; Baccilar, rua Consolação, 2.012; Fleuri, rua Arouche, 165; França, rua M. Sertorio, 534; Flavius, rua Augusta, 385.

AV. BRIG. LUIZ ANTONIO-BELA VISTA: — Nacional, av. Brig. Luiz Antônio, 1.664; Santo Antônio, rua São Francisco, 29; S. Nicolau, rua Cons. Ramalho, 430; Metrópole, rua Abolição, 3571; Salva-Vidas, rua Dr. Alvaro Carvalho, 272; Real, rua Manoel Dutra, 409; N. S. de Lourdes, rua Cons. Carrão, 321.

JARDIM PAULISTA: — Pamplona, rua Pamplona, 933; Paiva, rua José Maria Lisboa, 249; Columbus, av. Brig. Luiz Antônio, 3.319; Lorena, alameda Casa Branca, 890; Casa Branca, alameda Casa Branca, 627.

CERQUEIRA CESAR: — Sajog, rua Teodoro Sampaio, 474; Di Franco, filial, rua Teodoro Sampaio, 914; Santa Catarina, rua Con. Eug. Leite, 733; Helena, av. Rebouças, 69.

CAMPOS ELISIOS-BARRA FUNDA-SANTA CECILIA: — Campos Elisios, alameda B. Limeira, 813; Santa Cecilia, rua Palmeiras, 58; Airosa, rua Alb. Lins, 1.026; Santo Antônio, rua Cons. Brotero, 367; Matos, praça Marechal Deodoro, 250.

LUZ-S. CAETANO — Espéria, rua S. Caetano, 537; Oswaldo, rua João Teodoro, 30; A Medicinal, av. Tiradentes, 1.346.

LUZ-SANTA IFIGENIA-MERCADO: — Guaianazes, praça Princesa Izabel, 57; Guarani, rua Gusmões, 34; Santa Ifigênia, rua Santa Ifigênia, 581; Central da Luz, rua Consolação, 447; Lemos, alameda B. Limeira, 133; Teófilo, rua Vitória, 625; Esfinge, rua Anhangabaú, 327.

JARDIM AMERICA: — Jardim Europa, rua Augusta, 3.005; São Paulo, rua Augusta, 2.257.

JARDIM PAULISTANO: — Jardim Paulistano, rua Joaquim Antunes, 233.

PINHEIROS: — N. S. Monte Serrate, rua Butantã, 79; Paes Leme, rua Cardeal Arcoverde, 2.827; Nossa Farmácia, rua Pinheiros, 1.205; Imperial, rua Teodoro Sampaio, 2.463.

LIBERDADE-GLORIA: — Lange, rua Jaguaribe, 54; Santo Agostinho, rua José Getúlio, 431; Capitólio, rua da Glória, 790; Cons. Furtado, rua Cons. Furtado, 15.

CAMBUCI-ACLIMAÇÃO: — Lavapés, rua Lavapés, 805; Manzini, rua Muniz, 94; Veneza, rua Silv. da Mota, 448; Mesquita, av. Lins de Vasconcelos, 805; Asturias, rua Robertson, 570; Senhor do Bonfim, rua José Maria Asevedo, 361.

IPIRANGA: — D. Bosco, rua B. Pastor, 136; Império, rua Silva Bueno, 901; Santa Tereza, rua S. Bueno, 1.805; Rosa, rua S. Bueno, 1.764; Luiz Góes, rua Bom Pastor, 2.331.

SANTANA: — Santa Luzia, rua Vol. da Pátria, 3.041; Sauas, rua Alfredo Pujol, 1.246; Santana, rua Vol. da Pátria, 1.960; N. S. Salete, rua Carandiru, 1.463.

BOM RETIRO: — Boa Esperança, rua J. Paulino, 497; Passeio, rua B. Pinto, 362; Santo Eduardo, rua Solon, 304; Pacheco, avenida Rudge, 300.

BELEM-BELENZINHO: — Celso Garcia, av. Celso Garcia, 1.828; Piratininga, rua Redenção, 436; Pereira, largo S. José do Belém, 150; Das Nações, rua S. Jairo, 177; Iani, av. Celso Garcia, 309; Catumbi, rua Catumbi, 309.

SAUDE: — N. S. da Saúde, rua Dom. de Morais, 3.109; Dom. de Morais, rua Dom. de Morais, 2.435.

VILA POMPEIA: — Gomes, av. Pompéia, 333; Turiassu, rua Turiassu, 1.803; Econômica, rua Augusto de Miranda, 792; Santa Gertrudes, rua Apinages, 391.

VILA MONUMENTO: — Vilar Boas, rua Jequitai, 3; Amadeu, av. Zelina.

TATUAPÉ: — Topázio, av. Celso Garcia, 3.725; N. S. Conceição, rua Silvio Romeiro, 274; S. Sebastião, rua Vilela, 134; Ruiz, av. Celso Garcia, 4.989; S. José do Maranhão, rua Antonio de Barros, 18.

PENHA: — Sampaio, rua da Penha, 798; Popular, largo 8 de Setembro, 94; Stana, estrada S. Miguel, 74-C.

LAPA: Margarida, rua 12 de Outubro, 190-A; Ipojuca, rua Tranviários, 86.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

APOSTILAS AO AMANUENSE

Antonio CANDIDO

O sr. Ruy Veloso Versiani dos Anjos publicou um livro aparentemente sem interêsse: "História da Familia Versiani" (1). Ele próprio o define quando diz que "êste trabalho não aspira a sair do âmbito doméstico. Eventualmente algum especialista em pesquisas dêste gênero, ou que se relacionem com a história do desenvolvimento econômico do Norte de Minas, poderá encontrar, nêle, material aproveitável, mas o propósito que ditou a sua publicação foi apenas permitir a uma familia hoje numerosa, o melhor conhecimento dos seus antepassados". Convenhamos que a utilidade efetiva de um semelhante propósito é minima, e que o seu caráter de velho album não é de natureza a conferir-lhe um valor apreciável. Nas suas páginas algo convencionais não há um sôpro forte de vida. Esse Capitão João Maria Antonio Versiani, Caixa da Real Extração de Diamantes, êsse Capitão Pedro, Senhor da Fazenda de Santo Elói, Cavaleiro de Cristo e da Rosa, são certamente personagens talhados para o romance: rudes trabalhadores mineiros, senhores de uma vitalidade que não aparece na crônica primária e bem comportada do sr. Ruy dos Anjos. E, não obstante, nas onze páginas em que trata d'"O Tronco Versiani dos Anjos e o Coronel Antonio dos Anjos", a narrativa banal e sem interêsse avulta, cresce e irrompe graças a uma fôrça estranha, que releva para o lugar que lhes compete os honrados chefes de familia e as matronas invariàvelmente santas que se arrastam no convencionalismo do resto do livro. O Amanuense da Rua Erê, Belmiro Borba, seu criado, se expande, então, arrastando para o mundo maravilhoso da sua ficção o velho Coronel Antonio dos Anjos, sublimando e transpondo o "Dr. Cyro Versiani dos Anjos, bacharel em Direito, escritor e professor, residente em Belo Horizonte, onde já exerceu os seguintes cargos: Oficial de Gabinete do Secretário das Finanças, Oficial de Gabinete do Governador do Estado, Diretor da Imprensa Oficial e Membro do Conselho Administrativo do Estado. Atualmente, é Presidente do mesmo Conselho. E' autor de dois romances: "O Amanuense Belmiro" e "Abdias" (êste no prelo), etc. etc.".

Na honesta composição em que o jovem escritor mineiro vaza a sua piedade familiar, o Amanuense penetra com a costumeira sutileza e, ao seu toque mágico, o arrolamento encomiástico e banal se transforma em fonte de exegese literária.

A êste título, como subsidio para a compreensão do "Amanuense Belmiro", a "História da Familia Versiani" interessa profundamente. Menos ao critico, digase desde já, do que ao historiador da literatura. Ao primeiro, compete analisar o valor por assim dizer individual da obra literária. Destacando-a de um autor que não conhece, e que é seu contemporâneo, o critico encara a obra como uma unidade autônoma. O historiador, porém, visa situá-la no panorama literário para poder compreender o seu alcance dentro dêle. Atrás da obra, está o autor. Atrás do autor estão os seus contemporâneos, está todo o estilo de vida duma época. Um dos seus trabalhos primordiais é, portanto, a busca do homem que motivou a obra, o estudo das ligações, da proporção em que êle está presente nela, a medida em que esta presença exprime o modo de ser dos outros homens do seu tempo. Para semelhante trabalho é preciso perspectiva, isto é, afastamento suficiente. Daí a impossibilidade de uma exegese satisfatória em relação às obras contemporaneas, que são contemporâneas justamente porque ainda não têm história. Não obstante, é curioso podermos traçar algumas ligações entre o escritor vivo e a sua ficção criação. E' justamente êste prazer que nos proporciona o sr. Ruy Veloso Versiani dos Anjos. Graças a êle sabemos agora que no velho Belarmino Borba há muito do Coronel Antonio dos Anjos, a cuja memória o livro é dedicado (confronte-se a dedicatória do "Amanuense": "Aos Borbas, da linha tronco, desde Porfirio até Belarmino"). Consequentemente, haverá muito do "Dr. Cyro Versiani dos Anjos, bacharel em Direito, escritor e Professor", no magro amigo do exuberante Silviano. Êste admirável Coronel Antonio consegue perfurar a crosta de convencionalismo em que quase o sepulta a piedade do sr. Ruy dos Anjos ("Antonio dos Anjos tinha o feitio moral dêsses varões que, no século passado, sob as normas éticas do Império, consolidaram as bases da familia brasileira, dando forma e direção à sociedade heterogênea, amorfa e borbulhante que vinha dos tempos coloniais", e cresce como um batalhador. Estudou no Caraça, foi depois simultaneamente jornalista e comerciante em Montes Claros, passou a fazendeiro e, quando ia fazendo fortuna, aconteceu-lhe o que acontece a todo homem de valor nas pequenas cidades: a politica chamou-o a si e devolveu-o pobre ao seu trabalho. Antonio muda para Belo Horizonte aos setenta anos, para recomeçar a vida. Não aguenta as saudades da roça e volta para Montes Claros, onde ensina História no Ginásio, morrendo Inspetor Federal aos oitenta anos. Conta o biógrafo e descendente que a sua cultura era boa. Versava os clássicos latinos Ruy, Haeckel, Le Dantec, Boiadeiro, lia na rêde dos pousos, para escândalo dos colegas, e isto não impedia que tivesse uma bela organização de administrador. Não seria um requintado, e o biógrafo fala mais uma vez na sua rudeza sertaneja, a contrastar com a mulher, "filha do deputado dr. Carlos Versiani e descendente, por parte de mãe — a fina e distinta d. Gabriela — do ramo Oliveira Cata-Preta". E' um dêsses admiráveis tipos de mineiro velho, nutrido de boas letras, dedicado à coisa pública, estragando a saúde e a fortuna na politica ingrata das aldeias, recebendo o castigo de terem abandonado a terra, que amam não obstante quase mais do que o próprio prestigio. E' evidentemente o modêlo do velho Belarmino Borba, de Vila Caraibas, que exclamava de desprêso ante o filho burocrata e escrevia uma série de cinquenta artigos na "Gazeta Caraibense", "sob a epígrafe geral de Rumo à Gleba". O velho Belarmino todavia, já era um senhor rural em decomposição, atacado pelo demônio da cultura, exatamente como o Coronel Antonio. Êste, jornalista na mocidade, lia Le Dantec na sua rêde de pouso. O Borba, por qualquer pretexto, ia à vila, "para trocar dois dedos de prosa com o provisionado Loiola" e mandava ao mesmo um volume de Haeckel com a seguinte nota a lápis: "Veja, Loiola o mesmo ciclo biogenético". No § 43 do "Amanuense" vem o perfil do velho Borba, o "sistema Borba", rude e sem afetações. Quando lemos o desvanecimento do sr. Ruy dos Anjos ante a finura da avó Cata-Preta nos transportamos imediatamente para êsse parágrafo, onde se diz do velho fazendeiro: "Mas em matéria de modos, ficou-lhe intacta essa admirável rusticidade dos Borbas, apesar da influencia que nele exerceu a grande velha, que vinha dos Maias, gente da Vila. Os Maias eram finos e a avó Maia era um ser delicado e inteligente. Fôra de Ouro Prêto para a Vila quando casou com meu avô materno deputado geral". Com mestre Rizério, diz o sr. Ruy dos Anjos que d. Gabriela aprendeu música. No "Amanuense", mestre Rizério é o maestro de Vila Caraibas, que tocava trombone para seu uso.

Assim, uma corrente reversivel se estabelece entre as informações do sr. Ruy dos Anjos e o romance admirável do sr. Cyro dos Anjos. Entre o coronel Antonio Pereira dos Anjos e o coronel Belarmino Borba, entre Maias e Cata-Protas e Versianis. Figuras vivas, transpostas para o romance, formam-lhe o pano de fundo, sôbre o qual se destaca o amanuense melancólico e irônico, intelectualizado de mais para ser Borba da linha tronco e demasiadamente Borba para criar na ordem da inteligência, que lhe parece desvitalizada. A obra do sr. Cyro dos Anjos se aclara ao contacto das informações do sr. Ruy dos Anjos, porque estas nos obrigam a focalizar nos personagens secundários uma atenção que devotamos de preferência ao herói do livro. E nos lembramos de que talvez não haja heróis neste livro, pois Belmiro é de tal modo dependente das existências alheias, a sua vida se organiza de tal modo segundo as intercorrências da vida de relação, que o amanuense aparece como um ponto de encontro do seu meio, da sua fatalidade histórica. Belmiro se coloca entre dois planos, sem encontrar equilibrio em nenhum dêles. Atrás dêle está o latifundio e o patriciado rural, dissolvidos um e outro pelo desgaste da evolução social. A frente dêle esta a vida urbana com todos os seus venenos, mais dissolventes que a decadência do velho Borba. Belmiro não pode ser Borba da linha tronco. Ao seu lado, como um remorso vivo, um convite permanente ao sentimento de fracasso, está Emilia, o cordão umbelical com a fazenda. A sua roda, Silviano convida-o aos mergulhos na metafisica, Redelvim chama-lhe a atenção para os problemas sociais, Jandira coloca o problema da nova ética sexual. Êste vórtice de problemas urbanos assusta e faz tremer o seu pince-nez indeciso; mas Belmiro não pode resistir ao uso do tóxico. Daí o diário. Êle tem consciência do fenômeno, e procura muito bem simbolizá-lo por meio do luar de Vila Caraibas. Sente que a sua autonomia é precária, e precisa do diário para não perder pé. O velho Borba, Silviano, Redelvim, Florencio, Glicerio são outros tantos eus que poderiam ser êle próprio. A sua vida é uma trama dos fios alheios, e por isso tão grande é a sua paixão pela experimentação. Carmelia é um simples pretexto para as aventuras cavilosas do amanuense dentro de si mesmo. E' uma ilusão transitória, uma projeção do eterno feminino no seu esfôrço de equacionar o velho Borba, a velha Maia, os amigos de Belo Horizonte numa fórmula feliz, harmoniosa e inatingivel. Assim, a importância dos outros é fundamental no "Belmiro". E' preciso nos penetrarmos bem desta idéia para sentirmos a fôrça de presença de Belarmino, a sombra magnética das irmãs e até a possibilidade final de Jeronimo, o "Doutor Angélico".

Ora, a pequena "História da Familia Versiani" estabelece uma ponte entre Belmiro e os seus maiores, e servindo-nos dela, lançamos muitas outras entre êle e os problemas do seu tempo, o caráter social e intelectual da atmosfera em que vive. Podemos sentir o que há de *relacional* na gênese psicológica do herói do sr. Cyro dos Anjos, e o campo fecundo que o seu livro apresenta para o futuro historiador da literatura, que sem dúvida haverá de deter-se nesta obra, das mais sugestivas em nossa evolução intelectual. Tomada como crônica familiar, pouco interessará aos estranhos. Estabelecida a sua ligação com o amanuense da rua Erê, torna-se um auxiliar precioso de exegese literária.

---

(1) — História da Familia Versiani — Da Vida do Velho Caixa Versiani, da Real Extração dos Diamantes, e do Seu Filho Capitão Pedro, Bem Como da Grandeza & Decadência da Fazenda de Santo Elói — Os Descendentes dos Versianis — Notas que Ruy Velôso Versiani dos Anjos compilou, de acôrdo com documentos encontrados no Tijuco, na Vila do Principe & Arquivos Particulares — Em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Ano de 1944.

Homenagem póstuma ao Livreiro Saraiva

O Centro Acadêmico XI de Agôsto, juntamente com a Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, fará realizar, no próximo dia 24, às 21 horas, na sala das suas sessões, na Faculdade de Direito, uma sessão solene em homenagem ao livreiro Saraiva, recentemente falecido. Deverão comparecer à mesma, para o que foram especialmente convidados, os professores da Faculdade de Direito, alunos e os Diretores da Associação de Ex-Alunos.

Em nome do Centro Acadêmico XI de Agôsto falará o bacharelando Domingos Marmo e pela Associação dos Ex-Alunos, o sr. Eduardo Medeiros. Pela família do homenageado falará o sr. Albino Machado Sobrinho.

Entrada franca.

Distribuição, pelo Govêrno, de gasogênios a baixo prêço

Continuando a pôr em prática o plano aprovado pelo sr. interventor federal para a distribuição equitativa ao público, dos 300 gasogênios mantidos em reserva, para uma emergência como a atual, pela Comissão de Energia Térmica, foram, durante a semana, organizadas as listas de chamadas dos veiculos que vão ser beneficiados com a adatação dêsses gasogênios pelo preço extremamente reduzido de Cr$ 1.500,00, cada um.

Conforme foi noticiado, as chamadas serão publicadas progressivamente, devendo os veiculos chamados apresentarem-se nos prazos que lhes foram fixados. Em obediência aos critérios fixados, somente serão aceitos para essas adaptações de emergência os caminhões que se acharem em perfeito estado de funcionamento, perdendo igualmente o direito às mesmas os que não forem apresentados dentro dos prazos marcados, acompanhados dos correspondentes certificados de propriedade

Os veiculos chamados, que forem aceitos pela C.E.T., darão imediatamente entrada em suas oficinas, convindo por isso que dêles sejam removidas, com antecedência, tôdas as ferramentas, peças sobressalentes, e acessórios soltos ou de fácil remoção.

O pagamento do custo da adaptação e dos eventuais suplementos, desejados pelo interessado (ventoinha manual ou elétrica) deverá ser feito antecipadamente para todo veículo aceito. Uma vez concluida a adaptação e avisado, deverá o proprietário de cada caminhão pronto, providenciar a retirada do mesmo no menor prazo possivel

Achando-se praticamente concluidos os preparativos para a realização rápida e eficiente das 300 adaptações de emergência previstas, a Comissão de Energia Térmica a partir de amanhã, tornará a aceitar, em escala limitada e estritamente de acôrdo com as prioridades a que fizerem jus, outros serviços de sua competência, do interêsse de repartição e terceiros.

De acôrdo com a ordem de precedência decorrente do sorteio público realizado a 14 do corrente, os proprietários dos caminhões desta Capital, cujas chapas apresentam os respectivos números terminados por 7, desde 5-2207 até 5-2697, devem providenciar a sua apresentação à Comissão de Energia Térmica, à rua Guaicurus, 1.482, até quinta-feira próxima, dia 26, a fim de serem examinados e, se aceitos, adaptados ao funcionamento à gás pobre.

Homenagem póstuma a Diogenes de Lemos Azevedo e Casper Libero

Realizar-se-á no próximo dia 25, às 20 h. 30, na sede da Associação Paulista de Propaganda, à rua Xavier de Toledo n.º 84, 3.o andar, uma homenagem à memória dos srs. Diogenes de Lemos Azevedo e Casper Libero, antigos diretores, respectivamente, da "Folha da Manhã" e da "A Gazeta".

A cerimônia constará da inauguração dos retratos dos saudosos jornalistas, na sede daquela Associação.

ASSOCIAÇÕES

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CIRURGIÕES DENTISTAS — Em comemoração à data de fundação dos Cursos Odontológicos no Brasil, a Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas fará realizar em sua sede social no próximo dia 25, às 20 h. 30, uma sessão solene que constará da seguinte ordem do dia: 1.o) entrega das taças e medalhas aos competidores da poli-esportiva ME-DEN; 2.o) entrega dos certificados aos cirurgiões dentistas que concluiram o "Curso de Dentaduras", do prof. Andersen Cavalcanti (1.a turma); 3.o) entrega do prêmio "Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas" ao dr. Carlos Dias Filho, aluno que melhor se distinguiu no Curso de Odontologia da nossa Faculdade, durante o ano letivo de 1943

Será orador oficial da Associação prof. Schmidt Junior, e pela ... de 1943, o sr. Adib Kairalla; a ... rão exibidos filmes, por especial ... ferência da Coordenação Interamericana, na seguinte ordem: "Noticias do dia", "Por falar em dentes" "Por ... ras da América" (viagem de W... Disney).

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

LUFADA DE GÊNIO

Antonio CANDIDO

Creio que foi o Romantismo que adotou a teoria do gênio isolado, ou antes, que concebeu o gênio como um estado de solidão, antagônico ao estado de convivência. O clássico, na generalidade, é um homem sociável. As delicias da vida em comum servem mesmo de base a grande parte da literatura clássica, nutrida de sociabilidade, de influências salonnières. O homem de bem, o honnête homme, cultiva as suas maneiras e faz da inteligência um instrumento de comunicação e adaptação. Ser como os demais, cultivar-se dentro das medidas — eis possivelmente o sonho da literatura clássica. As maiores ousadias de pensamento esbatem-se ante as conveniências e o respeito humano. E' o paraiso do policiamento do espirito e das maneiras, sob a vista complacente da monarquia absoluta. Daí o culto da razão e da verdade — entenda-se, das convenções "Aimez donc la raison etc."; "Rien n'est beau que le vrai etc.". Ora grande parte do Romantismo consiste em separar o homem do seu meio, opondo-o a êste. O talento não depende da integração no grupo, mas na segregação. Tema constante já no século XVIII, que começa a revelar, sob a inquietação da Época das Luzes, um futuro próximo de tempestade e negação. O gênio romântico é solitário por excelência. E não aceita mais a convenção, isto é, a verdade. O ideal de poesia não se exprime mais por um apêlo à medida e um convite aos padrões mas pela afirmação desmesurada da autonomia e da solidão do poeta, ponto de vista de um relativismo que é a própria subversão do mundo clássico, feito de acôrdo comum e equilibrio entre artista e grupo. O artista é solitário isto é, genial. Eleva-se a ponto-de-repasse, a criador de absolutos. Segundo Vitor Hugo, Deus havia colocado a sua alma de cristal no centro do mundo, como um eco sonoro. Não vou repetir o "Moïsés", de Vigny, nem o fastio altanado de Childe Harold. Mesmo porque pretendo hoje ocupar-me de uma gente muito mais integralmente romântica, porque muito mais radicalmente solitária. Gente para quem a solidão era a única maneira de equilibrio, e para a qual a criação era um produto forçado do isolamento. Nada de atitude na sua incapacidade de convivio humano, mas uma tendência irredutivel e fatal, que nos leva a pensar num verdadeiro estado de solidão, como falamos em estado de graça ou de poesia. Refiro-me à estranha familia Bronte, de onde sairam duas das obras mais fortes e impressionantes da literatura moderna: "Jane Eyre", de Charlotte, e "Wuthering Heights", de Emily.

Algumas das maiores grandezas do homem provêm da solidão. Sem querermos, asceticamente, erigi-la em norma de conduta, em supremo bem, temos que reconhecer que fora delas as grandes obras não adquirem aquêle tônus misterioso que lhes assegura a permanência. O criador, o grande criador, deve muito do seu gênio a algum sentimento de segregação de não participação. No isolamento, é possivel ao homem apurar e em seguida afirmar as suas mais legitimas virtualidades. Para se conhecer, é preciso que o homem se isole. Isolando-se, lhe é possivel identificar aquêle núcleo irredutivel que faz com que êle seja êle próprio, e não um sistema de interferências coletivas. Isolando-se, portanto, deixa-se penetrar pela ilusão da sua iniquidade. Sente-se triunfante, acima de tudo que possa significar imposição do meio. E dêste sentimento de originalidade extremada desta deformação inconsciente das influências recebidas, nascem as criações da imaginação, o mecanismo reintegrador que o insere novamente na sua condição de animal politico. A imaginação solta as asas nesta solidão do homem que se encontrou no isolamento. Que descobriu, no meio do tédio e das tristezas, a sua magnifica essência, única, soberana. Todo criador revela um pouco dêste estado. Mesmo quando êle lhe serve em seguida, para voltar ao meio do seu semelhante, sentir-se mais fundamente parte do grupo. Como Dickens, cuja obra é um jôgo entre a solidão e a sociabilidade: entre um personagem geralmente pôsto à margem do mundo e que, firmado nesta segregação, volta a êle de novo, conquistando-o. O isolamento foi, ai uma etapa que antecedeu a integração. Nas Bronte, porém, o caso é diferente, porque estamos em presença de autênticas solitárias, de criaturas que só podem viver longe dos outros e que têm na solidão a via pela qual se acham a si mesmas.

Perdidas num pobre presbitério do Yorkshire, espécie de ilhota no meio de charnecas intermináveis, pontilhadas de urzes brancas (as urzes com que Heathcliff coroa Catharine Earnshaw), sua vocação trágica é para o isolamento. Nada mais doloroso do que acompanhar a narrativa dos seus contatos com o mundo. Cada vez que abandonavam a casa paterna, voltavam mais mortificadas e mais frágeis, para retemperar no meio da familia a alma esgotada pelos choques com a vida. Só Charlotte consegue, à custa de enormes sacrificios sôbre si mesma e obrigada pela necessidade, estabelecer ligações imperfeitas e mais ou menos continuas com o exterior. Todos os outros são literalmente derrotados cada vez que abandonam Haworth. Voltam para morrer. Emily chegava ao ponto de não conseguir falar em público, e Anne tinha da vida um mêdo que confinava com a loucura. Perfeitas heroinas românticas, viveram da solidão e para a solidão. As árvores, os animais, as flôres do campo, o vento que uivava na charneca eram os seus companheiros. Sublimavam o instinto social de todo homem pela mitomania, criando mundos imaginários, reinos misteriosos cujas histórias narraram por escrito, numa série de romances juvenis que são uma chave preciosa para a interpretação da sua obra. E se formaram altivos e solitários, com uma visão transfigurada da existência. O pai era um homem caprichoso e singular, de vontade forte e imaginação quente autor de romances falhados. Limitadas ao circulo de familia, as irmãs e o único rapaz, Patricio Branwell, se entregavam às mais exaltadas aventuras imaginárias, escrevendo sem cessar, esgotando o estoque de papel da aldeia. Dêste isolamento compensado pela fantasia, nascerão as grandes obras. Branwell, incapaz de adaptar-se a profissão alguma, acaba como um farrapo humano, bêbado, toxicômano, furioso, vitima duma aventura até hoje mal esclarecida e que parece ser sobretudo um fruto da sua mitomania. Anne escreve dois romances mediocres, mas Charlotte e Emily se alinham entre os grandes criadores literários.

"Jane Eyre" e "Wuthering Heights" me parecem produtos da solidão. Produtos de escritores que cultivaram o próprio isolamento com uma intensidade que, em Emily, toca ao anormal. São desabaladamente românticos, porque são afirmações violentas da imaginação. Afastadas da critica mundana, do equilibrio trazido pela fiscalização da sociedade, as filhas do Pastor Bronte puderam dar curso ao que de mais irredutivelmente pessoal há no homem. Não conhecem limites, porque vivem quase fora do mundo. Por isso elevam os seus personagens a alturas dramáticas incompatíveis num livro feito sob a férula das meias medidas. O que perdem em policiamento e arquitetura do romance, ganham em mistério e em energia. Largadas nas ásperas colinas do Yorkshire, batidas pela ventania e pelas rajadas de neve, transmitem aos sêres que criam o caráter único, excepcional, que teriam os homens sobrepostos às limitações sociais. A maioria dos homens tira a sua fôrça do contato humano, do convivio com o próximo. Muitos artistas penetram, periòdicamente, em esferas de solidão, dentro das quais procuram descer mais fundamente na própria alma, a fim de sentirem uma autenticidade pessoal que o mundo ameaça destruir. Como Lord Sparkenbroke, retirado na sua casa de madeira, no meio do bosque, onde é visitado pelo espirito da poesia. Mas voltam ao mundo enriquecidos, para que êste os enriqueça ainda mais. As Bronte, e sobretudo Emily, agem de maneira contrária. Vivem normalmente longe do contato humano, e só raramente penetram na sua zona de calor. Suportam-na por pouco tempo, como outros ao isolamento. O silêncio e a solidão atraem-nas e elas não lhes resistem. Assim, Heathcliff não resiste ao apêlo de Wuthering Heights, Catharine Earnshaw não resiste ao apêlo de Heathcliff, porque ambos são sêres bravios da charneca, e a sua aliança com a gente do mundo — com Thrushcross Grange, com os Linton — é um estado falso e insuportável. Fogem para as zonas de vertigem, e por isso Jane Eyre, ao lado do equilibrio, da vida de sociedade, com Saint-John Rivers e suas irmãs, larga tudo e volta para o mistério e o horror de Thornfield, para onde a chama uma voz telepática, misteriosa, que é a de Rochester. E' êsse o seu destino, e não há fugir-lhe.

*

Robert de Traz, escritor suíço-francês, contou a história fascinante dos Bronte no seu livro "Une famille hantée par le génie", que acaba de sair em tradução portuguêsa do sr. Adonias Filho (1). E' um livro bem feito e bem escrito, que serve de introdução ao conhecimento da familia genial. Falta-lhe porventura um calor mais acentuado, uma interpretação mais dramática daqueles espiritos torturados. Mas é animado por uma profunda simpatia e por um generoso esfôrço de compreender.

Não posso deixar sem reparo, todavia, o verdadeiro atentado literário constituido pela tradução. Tudo tem um limite, sobretudo a ousadia. Não compreendo que o sr. Adonias Filho, que em todo caso tem um nome literário a zelar publique ou deixe publicar o monstrengo a que reduziu o livro de Robert de Traz. Ou não terá sido êle o tradutor, e sim apenas o padrinho? Como quer que seja, esta tradução toca no cúmulo do permitido normalmente. Causa-nos um sentimento que parece às vêzes cômico, mas que a todo momento se transforma em reprovação. Traduzir é um ato de responsabilidade quase um compromisso moral. Vejamos alguns exemplos da maneira pela qual o sr. Adonias Filho correspondeu a êste imperativo.

Quanto ao francês: "...se se viaja de carruagem ou a cavalo, torna-se preciso colocar o pé na terra" (francês: mettre le pied à terre, = apear); "Gostaria de adquirir o hábito de me levantar em uma boa hora" (francês: se lever de bonne heure = acordar cedo); "Recitava de coração, com um forte acento irlandês etc." (francês: par coeur = de cor); "... os franceses... ignoram a doença do país ou, mais exatamente, da casa" (francês: mal du pays = nostalgia); "uma total ignorância dos costumes do mundo" etc. (francês: le monde, neste caso = a sociedade); "quando via um fornecedor chegar à cozinha salvava-se procurando o vestibulo" (francês: se sauver = fugir). E creio que basta. Não me refiro aos galicismos. Às transposições grosseiras da sintaxe francesa, violando a nossa. Restam-me alguns dêstes erros palmares de vocabulário.

Quanto ao português: "Disseralhes: Filhos, não vos deitais muito tarde"; "Eu lhe amo, Miss Bronte"; "... procurei lhe esquecer"; "Necessitou de horas para se reconciliar com a idéia de terem sido os seus poemas descobertos"; "— Meu Deus, teria você pensado nas despesas? Certamente você irá perder dinheiro. Como você poderá perdê-lo? Ninguém lhe conhece"; "Apaixona-se, a-pesar-da sua posição subalterna, de um homem"; "Ele a interessa, irrita-a, força-a ao rubor etc.". Chegam êstes poucos exemplos! Como o livro é pèssimamente revisto, cheio de pastéis tipográficos, é perigoso, nesto terreno, fazer-se alguma injustiça ao tradutor. Assim é que não dei exemplo algum do tipo atrapalhado das crases. A lingua em geral é frouxa e má. Não vence as dificuldades elementares da versão francesa, emaranha-se na repetição dos pronomes pessoais etc. Um presente de gregos para o pobre Robert de Traz...

(1) — Robert de Traz — A Familia Bronte — Tradução de Adonias Filho — Editora Panamericana — Rio.

...tiva que autorize a aplicação de um crédito de 100 milhões de cruzeiros na campanha do reflorestamento e da irrigação de nossas terras e de nossas culturas.

Um dos frutos dessa campanha de policultura, no campo agrícola, é esse que aparece no setor da sericicultura.

Quando iniciamos essa tarefa, há 3 anos, o valor da produção sericícola, no Estado, era apenas de 5 milhões de cruzeiros. Hoje, essa produção, transformada em fios de sêda, pode ser avaliada em cêrca de 300 milhões de cruzeiros.

Não obstante essas providências que vão estendendo no Estado a policultura, precisamos, senhor ministro, auxiliar técnica e economicamente a classe dos agricultores.

Precisamos auxiliar os lavradores para que os seus processos e métodos de trabalho se renovem e se aperfeiçoem, a fim de se apurar a produção, principalmente do ponto de vista qualitativo, garantindo-se, assim, uma compensação para as suas culturas.

Precisamos auxiliar os lavradores do ponto de vista econômico para facilitar as suas possibilidades de trabalho, de aperfeiçoamento técnico e de produção, que bem colocada, garanta os resultados da sua lavoura e compense o esfôrço do seu trabalho.

A lavoura precisa, senhor ministro, do amparo oficial e, no momento, principalmente a lavoura cafeeira está nessa contingência.

De nossa parte, senhor ministro, apraz-me declarar nesto momento, que o govêrno estadual, por intermédio do Banco do Estado, providenciará um melhor financiamento à lavoura, na base de Cr$ 200,00 a saca.

Dou conhecimento dêste fato, na presente reunião, como uma demonstração de apreço pelo muito que tem feito o govêrno federal em favor da lavoura paulista, e como uma homenagem especial a pessoa ilustre de v. exa., senhor ministro.

Há de ser também êste fato uma credencial a mais para o Estado de São Paulo, no momento em que, pela voz do seu govêrno, vai endereçar ao govêrno federal o seu pedido em favor dos lavradores e dos produtores rurais paulistas.

Esses pedidos, devidamente informados por v. exa., senhor ministro, hão de, por certo, merecer o apoio e o deferimento do senhor presidente da República.

Os cafeicultores paulistas, apelam para v. exa., senhor ministro, por meu intermédio, para que o resultado das vendas de café, em poder do Departamento Nacional do Café, seja depositado, em boa parte, no Banco do Brasil, numa carteira que poderia denominar-se "Carteira do Café", para empréstimo aos cafeicultores, com os juros de 3 %, isto é, com juros apenas suficientes para cobrir as despesas decorrentes das transações em aprêço.

Fazem ainda, os cafeicultores um apêlo a v. exa., a respeito do reajustamento econômico: Mais de mil e oitocentos (1.800) processos precisam ainda ser julgados e reajustados os respectivos interessados.

Estou certo, senhor ministro, que o apêlo dos lavradores paulistas feito a v. exa. e, por seu intermédio, ao senhor presidente da República, vai ser atendido.

O exemplo de outros países cafeicultores, há de favorecer a nossa situação.

O Govêrno da Colômbia, em face da situação que alcançou a cafeicultura no país, resolveu suprimir tôdas as taxas e todos os impostos que recaiam sôbre aquela produção, inclusive o confisco cambial.

Essa orientação do Governo Colombiano, foi tomada certamente em vista das dificuldades que, no momento atravessa a lavoura cafeeira de seu país.

Essas mesmas dificuldades, acrescidas de outras, assoberbam a nossa lavoura de café, e é nestas circunstâncias que o apêlo referido se dirige ao Govêrno da República.

O senhor Presidente da República, quando assumiu o Govêrno do país, em 1930, encontrou a lavoura cafeeira em condições difíceis em vista da produção excessiva de que dispunha. Não teve, s. exa., nenhuma dúvida em auxiliar a cafeicultura nacional, destacando-se entre as medidas adotadas o "reajustamento econômico", que amparou tantos agricultores, livrando-os da perda de suas propriedades respectivas.

De então para cá s. exa., tem sido sempre solícito no auxílio às classes produtoras e notadamente aos produtores de café.

V. exa., senhor ministro, nesta reunião está entre lavradores de café. V. exa. ouvirá diretamente dêsses lavradores os seus anseios, as suas necessidades e os motivos detalhados que justificam os apêlos que eu formulei.

Ficará, então, v. exa., que tem sido um devotado administrador dos negócios da Fazenda Nacional, bem ao par da situação que apresentamos a fim de resolvê-la, em conformidade com as determinações do senhor presidente da República, e de acôrdo com os melhores interêsses da nossa coletividade e de nossa economia.

Estou certo, senhor ministro, que com as providências que o Govêrno do Estado vem tomando, e com tôdas as demais assentadas pelo Govêrno Federal, havemos de defender uma das nossas principais fontes de riqueza: havemos de fazer ressurgir os cafezais na terra paulista, consolidando, assim, um dos mais fortes fatores da economia nacional".

O DISCURSO DO MINISTRO SOUSA COSTA

A seguir o sr. Sousa Costa pronunciou o seguinte discurso:

"Logo que o interventor Fernando Costa teve conhecimento de minha vinda a São Paulo para proferir a conferência que ontem pronunciei na Associação Comercial, falou-me no grande interêsse que haveria em eu ouvir diretamente dos lavradores a opinião que tinham a propósito da situação atual que a lavoura cafeeira atravessa.

O silêncio que se fêz após a palavra de s. exa. significa para mim que o interventor foi o intérprete fiel da impressão geral da lavoura (Muito bem) e se o sr. Fernando Costa não fôsse o interventor de São Paulo êle seria sempre um grande lavrador, (Muito bem), representante autêntico de uma classe de que é legítimo e justo orgulho. (Muito bem).

Senhores:

Não vos quero fazer um discurso, nem vim aqui com êsse propósito; porque o momento exige mais ação do que palavras. (Muito bem).

E' indispensável, porém, que vos narre alguns aspectos que se ligam à política do café, para que possais compreender as razões dos atos do govêrno.

Quando fui aos Estados Unidos para representar o nosso país na Conferência de Bretton Woods, logo à minha chegada a Washington, encontrei em aberto um problema de grave repercussão na vida econômica do Brasil: cogitava-se do aumento imediato das cotas devido à resistência dos exportadores brasileiros em vender o seu produto ao preço do "ceiling" americano. Não vos preciso falar sôbre as razões dessa resistência; todos vós as conhecels muito bem. O "ceiling" americano não foi fixado só para o café, mas também para todos os artigos, inclusive os produzidos na América. (Muito bem).

O presidente Roosevelt, considerando que o maior problema, neste momento, era o conter a inflação, vem resistindo sempre a êsses apelos de alteração dos "ceilings prices". Mas, por outro lado, a resistência dos exportadores brasileiros criava uma situação difícil, porque chegar-se-ia ao ponto de não haver café para o consumo americano. Consequentemente, o aumento das cotas ou o racionamento seriam medidas que se imporia. O racionamento do café, na opinião, já não digo minha, mas na do último Convênio Cafeeiro, que discutiu a matéria, foi muito justamente considerada o maior mal que nos poderia acontecer — primeiro, porque êsse racionamento do café vai aos poucos desabituando os consumidores de o tomarem; segundo, porque o café que se não tivesse deixado de beber seria consumo perdido.

Diante dessa situação, resolvi assumir com o govêrno dos Estados o compromisso de tornar disponíveis para o mercado americano, nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, um milhão de sacas por mês ao preço do "ceiling". Em face dessa obrigação não foram tomadas medidas de aumento das cotas nem do racionamento do produto.

Dir-se-á que êsse fato veio enfraquecer a resistência do exportador brasileiro. Contesto, porque a represália que seria o racionamento do café teria maior inconveniente com a desvantagem de que perderíamos o mercado para determinado número de milhões de sacas. (Muito bem).

A opinião firmada, definida, unânime do Convênio, era de ser absolutamente necessário manter o mercado americano; e, para tanto, autorizava-se o Departamento Nacional do Café a utilizar os cafés das cotas de sacrifício.

Tenho aqui o Convênio e posso ler as suas cláusulas que são de clareza absoluta:

"Para assegurar o cumprimento do disposto na cláusula primeira, fica o Departamento Nacional do Café autorizado a vender café do seu estoque, inclusive da cota de equilíbrio, de forma que a respectiva exportação se efetue na paridade dos "ceilings" americanos".

A cláusula primeira determina:

"Reconhecer a necessidade de que a política econômica do café se oriente no sentido de manter a exportação normal, colimando-se o preenchimento das cotas anuais atribuídas ao Brasil pelo Convênio Interamericano do Café, de vez que é reputada inconveniente a retenção de cafés que podem ser exportados".

Essa foi a lei do Convênio, que eu executei pela forma por que vos indiquei (Muito bem).

Nessa base, o Departamento já exportou algum café.

Dir-se-á que, por essa forma, criamos embargos à situação atual da lavoura.

Contesto. Pelo contrário, o Departamento Nacional do Café já dispõe de quatrocentos milhões de cruzeiros (Cr$ 400.000.000,00), produto dos cafés vendidos, e êsse dinheiro é da lavoura (Palmas).

O essencial, precisamente, é que êsse dinheiro, como êsse café que a lavoura deu, a título de cota de equilíbrio seja utilizado com o propósito de atender à situação da agricultura e não transformá-lo em lucros de especulação. (Muito bem). Esse dinheiro há de reverter à lavoura pela forma por que a lavoura achar mais justo e conveniente (Palmas).

Já temos, como disse, quatrocentos milhões de cruzeiros, produto do café vendido. Acredito que, se as coisas prosseguirem assim, seremos soma maior e se a não tivermos será devido à interferência de outras causas determinantes de melhora dos preços.

Pelo que vos acabo de informar, podeis ver que o apêlo que o interventor de S. Paulo acaba de me fazer, de facilitar crédito à lavoura ou outra qualquer medida já se apresenta mais fácil de atender do que seria se não tivéssemos êsses recursos (Palmas).

Creio que não vos preciso dizer mais nada, em matéria de café, mesmo porque entendo que lavoura de São Paulo e do Brasil tem o dever de acreditar no govêrno do Presidente Getúlio Vargas. (Palmas).

O Govêrno recebeu a lavoura do café na pior situação possível. Eu vos encheria uma tarde inteira, se viesse evocar, um por um, todos os atos praticados em defesa dos interêsses da lavoura, inclusive a emissão de um bilião de cruzeiros que o govêrno fêz com o objetivo exclusivo de auxiliá-la. (Muito bem). Assim fêz e está feliz de o ter feito, porque amparou um patrimônio básico do Brasil. (Muito bem).

Com estas credenciais é que vos falo.

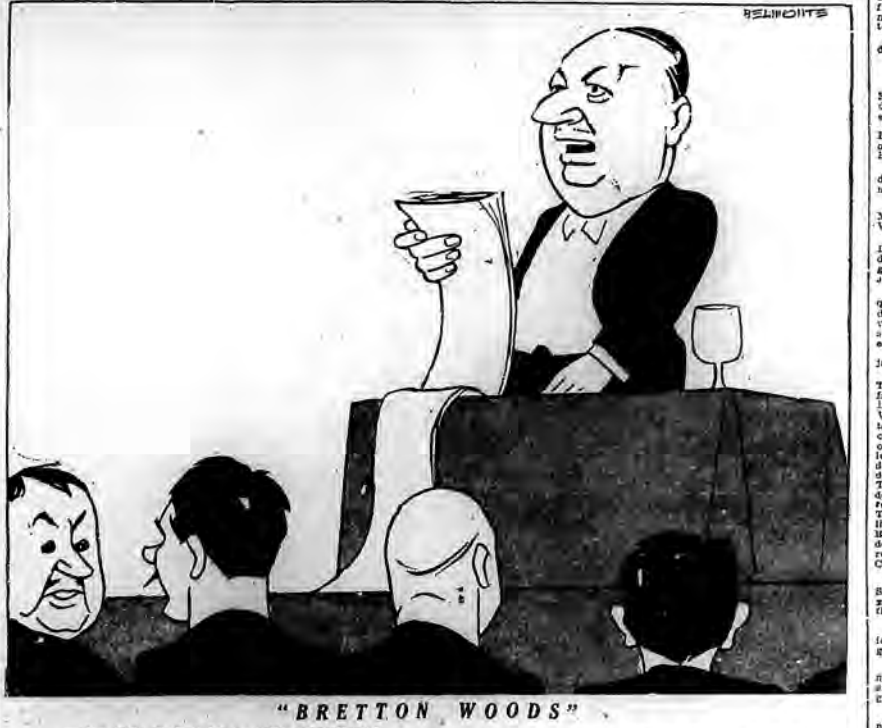
A política do café seguida pelo Govêrno, desde 1930, traz o endôsso de tôdas as classes interessadas, de São Paulo e dos demais Estados. A maior parte dos Convênios foi por mim presidida, pessoalmente, e vos declaro que estou absolutamente solidário com a política que os Estados acompanharam, porque a entendo certa, perfeita e a única que poderíamos seguir e se não se seguiu outra melhor foi por que ninguém a sugeriu na ocasião.

E' muito fácil, depois que as coisas passam, aparecer quem dissesse feito melhor, mas o difícil está em resolver o problema, na hora em que êle se apresenta. (Muito bem)

O sr. presidente Getúlio Vargas me autorizou a vir a São Paulo para ouvir os lavradores e lhes dizer, de sua parte, que o dinheiro resultante da venda dos cafés do Departamento estava como um fundo de reserva para ser utilizado, de imediato, nos interêsses da lavoura, a fim de enfrentarmos, por forma segura, a solução do problema atual que nos aflige. (Muito bem)

Com estas palavras, creio que não mais tenho a dizer à lavoura, senão que para mim será sempre um prazer ouvi-la, atendê-la e servi-la. (Palmas).

Finda a oração, que foi longamente aplaudida, os srs. ministro da Fazenda e interventor federal entabolaram longa conversação com os presentes, que foram unânimes em acentuar o agrado com que receberam as acertadas ponderações do seu ilustre intérprete, dr. Fernando Costa, e as garantias, que lhes dera o sr. Sousa Costa, de que o seu apêlo seria atendido pelo Govêrno federal.



"BRETTON WOODS"

— Que é isto, José? O homem está nos insultando?
— Não, Pafuncio, êle está contando a história de uma "fita" muito interessante, chamada "Bretton Woods", da firma "Hollywood & Etcetera Company Limited".
— Mas, será isso possível!... Meu Deus!... A estas horas!... falar-se em coisas estrangeiras?...
— Tem razão, Pafuncio. Eu também pensava que se tratava de negócios nossos, brasileiros.
— Em todo caso, não desanimemos. Vamos esperar. Pode ser que logo mais êle nos dê uma bela surprêsa. E' homem para isso, patriota e muito inteligente...

Necrologia

SRTA. IRENE AREIAS — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 14 anos de idade a srta. Irene Areias, filha do sr. Luciano Areias e de d. Carolina Areias. Deixa os seguintes irmãos: Eliza, casada com o sr. Armando Aguiar; João, Odette, Lourdes e Aristeu.

O entêrro realiza-se hoje, às 9 horas, saindo o féretro da rua Assumpção, 468, para o cemitério da Quarta Parada.

D. LUZIA MINGRONI ROSSI — Faleceu ontem nesta Capital, aos 40 anos de idade, a sra. d. Luzia Mingroni Rossi, viúva do sr. João Rossi. Deixa os seguintes irmãos: Armando casado com d. Leonor Mingroni; Margarida, casada com o sr. Germano André; Luiz, casado com d. Emilia Mingroni; Oswaldo, casado com d. Ida Mingroni e Achilles, casado com d. Conceição Mingroni. Deixa ainda vários sobrinhos.

O entêrro realiza-se hoje, às 9 horas, saindo o féretro do Hospital Humberto Primo, para o cemitério do Araçá.

PEDRO DURAN — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 74 anos de idade, o sr. Pedro Duran, casado com d. Maravilha Garcia. Deixa os seguintes filhos: Santos, casado com d. Amelia Duran; Bartholomeu, casado com d. Isabel Duran; Anna Maria, viúva do sr. Manoel de Souza e Dolores, casada com sr. Gino Segura.

O entêrro realiza-se hoje, às 9 horas, saindo o féretro da rua Tobias Barreto, 664, para o cemitério da Quarta Parada.

ALCINDO RAMOS — Faleceu ontem, nesta Capital, aos 58 anos de idade, o sr. Alcindo Ramos, casado com d. Maria Antonietta da Silva Ramos. Deixa os seguintes filhos: Arthur, casado com d. Maria de Lourdes Cahin Ramos; Humberto e Helena, solteiros.

O entêrro realiza-se hoje, às 12 horas, saindo o féretro da rua Guarara 183, para o cemitério S. Paulo.

BENEDICTO CONCEIÇÃO — Faleceu ontem nesta Capital, aos 36 anos de idade, o sr. Benedicto Conceição, casado com d. Anna Conceição. Deixa os filhos, Arnaldo e Apparecida.

O entêrro realiza-se hoje, às 11 horas, saindo o féretro da Travessa do Porto 28-A, para o cemitério do Araçá.

BLANCHE FLEURET ARRUDA — Faleceu no Rio de Janeiro, dia 21 do corrente, a sra. d. Blanche Fleuret Arruda, espôsa do sr. Paulo Ribeiro Arruda. A extinta deixa duas filhas, Thais e Lucia, professoras normalistas no Distrito Federal, solteiras.

O entêrro realizou-se no Cemitério de S. João Baptista.

FALECERAM NO INTERIOR

EM CAMPINAS — O jovem [illegible] Silveira, com 17 anos de idade, filho do sr. Euclydes Silveira, já falecido, e de d. Benedicta Polezel.

— A profa. d. Leonidia [illegible] Boas, aos 52 anos de idade, deixando o irmão, sr. João Fernando [illegible] Boas.

— Sr. Adão Dachoni, [illegible] de idade, viúvo de d. [illegible]ni, deixando 7 filhos.

EM PRESIDENTE PRUDENTE — Menina Darcy, filha do sr. [illegible] Vieira.

EM BARRETOS — D. [illegible] Dores Ramos Quadros, com [illegible] anos de idade, deixando viúvo o sr. [illegible]gelo de Quadros. Era filha do sr. José Francisco Ramos.

EM PIRASSUNUNGA — Sr. Joaquim Floriano Pereira, ex-secretário da Escola Normal, tendo deixado viúva d. Carola Pereira Bueno e os seguintes filhos: Apparecida Pereira e Rubens de Souza Bueno.

— Sr. Eugenio Toschi, antigo viajante comercial.

EM JAU' — D. Emilia de Barros Toledo, que pertencia a tradicional família paulista, filha do sr. Aureliano Pereira de Barros e de d. Anna Vitoria de Barros, já falecidos. Contava 72 anos de idade e era viúva do cel. José Izidro de Toledo, deixando os seguintes filhos: Ademar de Toledo, casado com d. Otilia Silveira de Toledo; Virgilio de Barros Toledo, casado com d. Iracema Ibanos de Toledo; José Izidro de Toledo, casado com d. Maria Apparecida Figueiredo de Toledo; Oswaldo de Barros Toledo, casado com d. Zilda Magalhães de Toledo, e Anna Christina Barros Toledo, já falecida. Era irmã dos srs. Sebastião de Toledo Barros, João Pereira de Barros e d. Carlota de Barros Arruda.

EM PALMARES — Sr. [illegible] Santin, aos 68 anos de idade, deixando viúva d. Amalia Vi[illegible] e 9 filhos.

— D. Eva Vagetti, aos 70 anos de idade, viúva do sr. Fiorinanto Vagetti, deixando 8 filhos.

EM SANTOS — Anteontem, menina Maria Apparecida Maia, filha do sr. Jorge Abrahão Maia e de d. Nagib Maia.

— D. Maria da Conceição Chiughini Marau, deixando viúvo o sr. João Antonio Marau.

MISSAS

Será celebrada amanhã, às 8 horas, no Convento de São Francisco, missa de 7.o dia, por intenção de Octavio Pucciarelli.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

PEDRO MALASARTE

Antonio CANDIDO

Num daqueles artigos veementes, em que ajuntava nuvens, trovejava e acabava por não atacar de frente o tema visado — levado à dispersão pelo seu temperamento instável — Tobias Barreto se exprimia desta maneira a respeito do romance: "E' um fato incontestável que o romance, em suas diversas espécies e variadas manifestações, forma hoje o campo de batalha principal de tôdas as fôrças poéticas. Já não basta lembrar a epopéia; a lírica e o drama mesmo se sentem prejudicados pela sua influência, parecendo que vão de dia a dia cedendo-lhe o terreno das conquistas gloriosas". ("Estudos Alemães", cap. XII).

Apesar da enorme produção acumulada de lá para cá, podemos ainda hoje fazer nossas as palavras de Tobias, velhas de setenta anos. O processo continua em pleno jôgo, e a tendência parece ser a dum acôrdo entre os gêneros, antes, mais ou menos estanques, hoje, frequentemente misturados. A medida que a literatura evolui, afastando-se das suas origens populares, a divisão do trabalho literário vai motivando o aparecimento, no seu corpo, de funções especializadas, que são os gêneros. Estes variam de sentido e importância conforme a época e segundo a sua função dentro dela — or brilhando a epopéia, ora o romance, ora o drama — e desaparecem, ou renascem sublimados, como queria Brunetière. De um modo geral, êste mecanismo de passagem é irreversível.

Nos nossos dias, a importância do romance parece às vêzes levá-lo a absorver no seu bôjo fecundo os elementos peculiares à poesia, ao drama, além da substância de disciplinas não literárias, como a filosofia e a sociologia. De certo modo, é uma perda — se encararmos os direitos do romance enquanto gênero — porque êle vai, graças a êste processo, perdendo a sua especificidade, se assim me posso exprimir. Por outro lado, contudo, é um enriquecimento, na medida em que êle tende a um universalismo inexistente no campo limitado dos gêneros eruditos, e observável nas primitivas formas populares, onde predomina o sincretismo. Por isso — por uma reminiscência de estados anteriores que deixaram vestígios no inconsciente — agradam-nos sobremaneira êsses todos sincréticos, em que a poesia, o mimo e o romance concorrem, de mãos dadas e no mesmo plano, para perfazerem uma bela obra. E' verdade que tais elementos — poéticos, dramáticos, narrativos — coexistem sempre ou quase sempre numa obra de ficção, cujo tom depende da predominância de um ou outro dentre êles. A perfeita fusão, todavia, implicando a presença efetiva de todos os elementos em jôgo, só existe plenamente, a bem dizer, nas criações do povo. O folclore, por esta razão, é a nebulosa primitiva donde saem os gêneros literários, em filiações indefinidas. Daí a fôrça de certas obras, que procuram reconstituir a riqueza simbólica, multifária e indisciplinada, das obras espontâneas — a intuição e a erudição do autor nos permitindo assistir ao milagroso recriar do lore primitivo, em obras geralmente ricas e poéticas. Entre nós, há o exemplo incomparável de "Macunaíma — o herói sem nenhum caráter".

Agora, num sentido bastante diverso e, sobretudo, mais romanesco, o sr. José Vieira acaba de realizar uma tentativa que se filia, de certo modo, a esta corrente de fecundação da literatura erudita pelo folclore: "Vida e Aventura de Pedro Malasarte" (1).

E' um romance rural, folclórico pela inspiração, ou melhor, pelo tema, e picaresco, no velho sentido espanhol, pela sua mais íntima essência. Sobretudo, é uma obra original, clássica ao seu modo, e de características invulgares nas nossas letras. Procurarei indicar êstes três aspectos, acentuando inicialmente tratar-se dum livro de significado excepcional, que pode despistar — pelo seu tom equilibrado e, literàriamente, honestíssimo — um leitor habituado à nossa literatura de grandes efeitos. Comparado com o muito de Meyerbeer e de bel canto existente em escritores como os srs. José Geraldo Vieira, Jorge Amado, Oswald de Andrade e, mesmo, José Lins do Rego, a sobriedade e a ausência de brilho instrumental do sr. José Vieira podem relegá-lo para uma certa penumbra. Será injustiça. Abstraindo da sua obra anterior, que confesso não conhecer, êste livro é de qualidade a garantir-lhe um lugar de primeira plana no romance moderno do Brasil.

*

Desgraçadamente, não conheço o ciclo de Pedro Malasarte. Seria necessária uma boa informação a respeito para compreender plenamente nos seus detalhes a tentativa do autor. Consigo identificar um ou outro caso, graças ao qual percebo o processo criador do sr. José Vieira e sou levado a crer que tôdas as histórias do seu herói são baseadas nas proezas do famoso ciclo. O autor como que procura explicá-las, propondo uma interpretação racionalista da sua possível gênese e articulando-as ao longo duma biografia de herói popular. Processo paralelo, mas não igual, àquele de que lançou mão o sr. Mario de Andrade para talhar no rico material colhido por êle, por Von Koch-Grunberg e Ehrenreich, o perfil brasileiro do herói sem nenhum caráter. Paralelo, ainda, ao de que serviu-se Thomas Mann para interpretar a história de José, partindo de três ou quatro capítulos da "Gênese". Creio, mesmo, que se assemelha mais a êste. O sr. Mario de Andrade, colocando Macunaíma no centro de irradiação de lendas e mitos, fê-lo reforçando o elemento maravilhoso e inscrevendo a sua obra dentro duma poesia também de lenda. Não aclarou; explicou fantàsticamente, à maneira dos primitivos, por associação e transfusão. O sr. José Vieira, pelo contrário, reduz a lenda à realidade, apresentando as histórias de Pedro como perfeitamente normais, embora a habilidade desusada do rapaz fôsse dando lugar à crença de que eram malas-artes, e êle o próprio capeta. Este elemento racionalista, ocorrente, aliás, como uma naturalidade encantadora, afasta o presente livro de "Macunaíma", que percorre caminho inverso.

Dêste modo, o sr. José Vieira arranja os diferentes casos num sentido biográfico e os humaniza, humanizando o seu herói, espécie de possível, ou de quase Pedro Malasarte. Por uma indicação ou outra, mas sobretudo pela fala das gentes, sabemos estar no nordeste do Brasil, ao tempo da Colônia. E no campo, porque o sr. José Vieira quis aproximar-se da fonte dos casos. Na sua origem, o folclore é essencialmente campestre. O folclore urbano, derivado, é a zona misteriosa, o ponto de encontro das mentalidades citadina e rural, e se renova graças às correntes periódicas que lhe vêm desta. E' produto derivado. Os negros que Antonio de Alcântara Machado via cantando pela Barra Funda são exemplos desta transmissão; são etapas rudimentares dum processo que irá aninhar-se na literatura de cordel para, mais tarde, ser explorado eruditamente. O romance, que nas suas formas já fixadas é por excelência um produto urbano, um fenômeno de centralização estética, se enriquece por esta via, rememorando graças a ela etapas anteriores, encarnações primitivas.

"Vida e Aventura de Pedro Malasarte", subindo a corrente, tem êste sabor rural das criações espontâneas. No entanto, embora profundamente embebido nas fontes do folclore, não é como obra popularesca que devemos encará-lo. O folclore lhe dá temas, lhe dá elementos de trabalho. Com êstes, êle realiza a sua afirmação efetiva, que é, de um lado, a caracterização psicológica — admirável — dum herói tipo, um herói popular, extraordinário pela humanidade, pelo valor genérico, pela graça menina; do outro, o seu significado literário, à luz do qual pode ser definido como um romance picaresco.

Um romance picaresco se apresenta, quase sempre, como suma sociológica, visão variada e extensa da sociedade. As peripécias servem para pôr os personagens em contato com tôda a espécie de gente, do rei ao mendigo, proporcionando dêste modo um estudo dos costumes e das condições várias dos homens. Pedro, autêntico pícaro, frequenta capitães-mores, estalajadeiros, saltimbancos, caçadores, tropeiros, militares, aventureiros, padres, fazendeiros — sempre com o pé na estrada, deixando a vida compor-se no léu caprichoso dos encontros, pernoites, mil vicissitudes duma existência errante e sôfrega de experimentar-se.

No entanto, escapa, por outro lado, a uma característica importante do romance picaresco, aquela que em parte o define: a sujeição aos quadros do tempo, que o transforma em livro de costumes e dá alcance histórico à sua moral. Refugiando-se no folclore — que tende ao intemporal — sem contudo nêle perder-se, o sr. José Vieira como que transcende o romance picaresco. Liberta-o da sua contingência, da sua minúcia histórica e geográfica, dando-lhe um enquadramento largo, e mesmo frouxo, como se não quisesse abrir mão do elemento poético, sacrificá-lo à limitação do romance de costumes. Fêz, dêste modo, um puro romance de aventuras, um "Gil Blas" sem a moral — isto é, o cinismo — mas também sem a pujança de vida.

Parece-me que esta é uma das poucas manifestações do gênero picaresco no Brasil. Não o tendo tido, por impossibilidade cronológica, não tivemos também a sua influência fecundante. Por isso talvez nos falte o grande romance de aventuras, que se sublima no romance de costumes: um "Roderick Random" ou um "Pickwick Papers" e, mesmo, um "Tom Jones". Ora, o que há de interessante em "Vida e Aventura de Pedro Malasarte" é que o sr. José Vieira foi postar-se cronològicamente numa época em que seria viável entre nós o gênero picaresco: o Brasil-Colônia, quando ainda havia capitão-mor e governador-geral; um século XVIII, talvez, vagamente delineado, e entrevisto indiretamente pelas indicações de costumes. O tempo, contudo, não nos deve preocupar neste livro mais do que como um elemento secundário, porque o sr. José Vieira foge dos seus limites, rumo à indeterminação do folclore. Como disse, neste livro não há fantástico nem maravilhoso. O seu Malasarte racionalizado nunca se afasta da contingência física, sem que êste rompimento com o fantástico importe em perda dos valores poéticos, porque trazendo Malasarte para a vida comum e dando-lhe uma existência histórica, o sr. José Viera está, dentro da vida, criando um personagem cheio de pitoresco e de seiva popular. O estilo acompanha semelhante tentativa. Operando uma combinação do tradicional com o moderno, chegou o autor a uma forma ajustada a um livro profundamente clássico, profundamente prêso às velhas normas, mas casado à nossa sensibilidade pela própria sugestão do seu equilíbrio. Paralelamente ao consórcio que operou entre o romance picaresco e o folclore, para criar o seu possível Malasarte, o sr. José Vieira construiu uma língua também possível, adaptada a êste romance sincrético. A serenidade e os valores expressivos do estilo; a pietas linguística e o senso moderno da expressão, dão-lhe uma harmonia e uma serena beleza nem sempre frequentes na terra do sabiá.

(1) — José Vieira — Vida e Aventura de Pedro Malasarte — romance — Livraria José Olympio Editôra — Rio — 1944.

A A. B. N. T. ESTÁ ORGANIZANDO UM DICIONÁRIO TÉCNICO BRASILEIRO

Comissões para estudar o assunto – Divergências de significado dos têrmos técnicos nas várias regiões do País

Com o crescente desenvolvimento industrial do Brasil, o problema de organização de uma terminologia técnica brasileira aparece constantemente. Adotar técnicas oriundas de outros países significa a necessidade de se criar ou adaptar novos têrmos, para serem usados pelos industriais, engenheiros e operários.

Um dicionário técnico viria satisfazer as necessidades de milhares de brasileiros que se dedicam em nosso país a misteres relacionados com a técnica e a indústria. Para a sua confecção, porém, surgem várias dificuldades, notadamente se tal emprêsa tiver de ser realizada por meio de esfôrço puramente individual. E' tarefa portanto, que se deve ser atribuida a uma associação de classes e de especialistas, razão por que várias comissões da Associação Brasileira de Normas Técnicas estão trabalhando no sentido de tratar não só do problema da terminologia de vocábulos técnicos.

Segundo elementos colhidos pela nossa reportagem, a quantidade de vocábulos já definidos nas numerosas especificações brasileiras organizadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas já daria para um pequeno volume. Surgem, a respeito, diversas coisas de interêsse; um dos aspectos mais curiosos da questão, por exemplo, que, aliás, está sendo objeto de estudo acurado das comissões, é o relativo à variação geográfica do significado das palavras. Dois exemplos por exemplo, esclarecem o assunto: [illegible] calçada em São Paulo tem uma significação, ao passo que no Norte, tem outra inteiramente diferente. No Paraná e em Santa Catarina o nosso sarrafo é denominado ripa, invertendo-se o caso para o que chamamos de ripa e que para os sulistas é sarrafo.

Este fato, já por si mostra a necessidade de se fazer um Dicionário Técnico Brasileiro e a oportunidade com que o problema está sendo atacado, através de suas várias comissões, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Dessas comissões, uma das mais importantes é a que iniciou há pouco o trabalho de nomenclaturar as "Ferramentas dos Ofícios Fundamentais". A história da formação dessa comissão é um exemplo de colaboração de entidades interessadas na solução do mesmo problema.

O SENAI, tendo que dar cursos básicos de aprendizagem industrial, sentiu desde logo a necessidade da fixação da nomenclatura das numerosas ferramentas com que seus alunos, no futuro, contribuirão para o progresso do país. Tinha possibilidades, ela mesma, de fazer êsse serviço. Contudo, preferiu dirigir-se à Associação Brasileira de Normas Técnicas para que a fixação dos nomes fôsse feita sob forma de uma convenção de caráter nacional. Este fato virá facilitar tanto os alunos, que ao deixarem os cursos do SENAI estão de posse de uma terminologia de antemão aceita, bem como os empregadores, que não terão os naturais embaraços e prejuízos criados por diferenças de definição de têrmos.

A Comissão de Nomenclatura das Ferramentas empregadas nos ofícios fundamentais é presidida pelo engenheiro Eduardo Rozsi, representante da Federação das Indústrias, compondo-se de representantes das Escolas Politécnica, de Engenharia do Mackenzie, do SENAI, do Instituto de Engenharia, da T. S. P. T. L. & Co. Ltda., do Centro Ferroviário do Ensino Profissional e de várias indústrias.

Sanatorinhos "Campos do Jordão"

CAMPANHA DE SOCIOS E DONATIVOS — Inscreveram-se no quadro social mais as seguintes pessoas: Como sócios Anuais os srs. Castanha e Filhos, Cr$ 100,00; Salvador Brunuá, Cr$ 30,00. Uberaba: Lamartine Mendes, Cr$ 200,00. Barra Mansa: Naby Arouda S. Castano; Irmãos Esville e Armindo Ribeiro & Irmãos Ltda., com Cr$ 120,00; Phco. Dionysio Machado, Cr$ 60,00; Nicolau e Antonio Perela Ltda., Cr$ 30,00; Orminda Ribeiro & Irmãos Ltda., José Rosa & Irmãos, Benedicto Campoi, Francisco Maser e Angelo Benedetti, Cr$ 10,00. Como sócio mensal Escritório Comercial João Reis, Cr$ 10,00. Santos: S/A. Marques Ferreira Comis. Export. Ltda., Lara Longo & Cia., Exportadora Junqueira Meirelles S/A., e Covas e Assumpção, Cr$ 500,00; Serra Camargo & Cia., Cia. Agricola e Comissária de S. Paulo S/A., S. Kannebls Assumpção & Cia. Ltda., Cr$ 500,00. Receberam-se também os seguintes donativos — Valparaiso: Prefeitura Municipal, Cr$ [illegible]; da Capital, Roque de Lourenan, Nicolau Panuche e S. M. F., Cr$ 30,00; Julia Andrade Pires com Cr$ 10,00. Salto de Itu: João Baptista Ferrari, Cr$ 30,00; José Rampazzo, Cr$ 10,00. Barra Mansa: Cap. Miguel Pereira Bruno, Cr$ 30,00; Sobel Fernandes, com Cr$ 20,00.

Escritório: Rua José Bonifácio, 115, 1.o, s/loja, fone 2-8454.

Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo

Realizar-se-á no próximo dia 8, às 20 h. 30, na sala João Mendes Jr. da Faculdade de Direito, a cerimônia de entrega àquele estabelecimento de ensino superior, de uma estátua de Cicero, doada pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo.

Durante a cerimônia que será presidida pelo embaixador José Carlos de Macedo Soares, falarão os srs. Altino Arantes, presidente da Academia Paulista de Letras, em nome da Associação dos Antigos Alunos; e prof. Honorio Monteiro, pela Faculdade de Direito e Domingos Vermo pelo Centro Acadêmico XI de Agôsto.

A entrada será franqueada aos interessados.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

ENTRE O CAMPO E A CIDADE

I

Antonio CANDIDO

Para compreender convenientemente o último livro do sr. Amadeu de Queiroz — "O Quarteirão do Meio" — é preciso reler o seu romance "Voz da Terra", de 1938.

"Voz da Terra" é um romance rural, enquanto "O Quarteirão do Meio" é rigorosamente urbano. Rigorosamente, porque o sr. Amadeu de Queiroz quis realizar com êle uma história construída sôbre elementos especificamente citadinos. Monotonia prosaísmo, observação minuciosa, realismo mediano. Refletindo sôbre um e outro livro, talvez entendamos a sua obra como um diálogo intermitente entre o campo e a cidade, e possamos concluir em qual dos dois setores se expandem melhor as suas capacidades de romancista.

Ler "Voz da Terra" é mergulhar bruscamente num tufo de frescura e de harmonia — recreio nem sempre concedido nos nossos tempos de literatura excitante, que procura sacolejar os nervos do leitor a qualquer preço, mesmo quando êste é o da honestidade literária. "Voz da Terra" nos deixa um sentimento curioso, qual seja o de encontrar, numa época cheia de revoluções e de ismos, uma obra cujo som recorda livros mais velhos, duma época anterior aos ismos. A língua, o pano de fundo, o assunto, o estilo — tudo nos leva para antes de Vinte-e-Dois. E o leitor pode não saber se tem por diante um escritor que permaneceu acima das inovações ou se ficou abaixo delas não se adaptando às lições do tempo. Não há dúvida alguma que o caso do sr. Amadeu de Queiroz é o primeiro. Começou a escrever no século passado, quando os mais turbulentos dentre os modernistas estavam berrando nos cueiros ou dormiam o sono prévio do calcanhar do avô. As convulsões literárias devem-lo ter deixado meio cético, mas não indiferente — pois "Feira Literária", de que êle foi um dos mentores, aceitava material dos novos, e chegou a publicar coisas como "Cobra Norato", de Raul Bopp, por sinal que no mesmo número em que saiu a sua novela "Sabina". Viu-se remexer céus e terras com a serenidade de quem já traz formado o seu espírito e adquirida a sua diretriz literária. Com efeito, o sr. Amadeu de Queiroz cultivou todos os gêneros em voga na atmosfera pré-modernista, e alguns dêles quase como um precursor: conto sertanejo, romance regional, romance histórico. E em todos êstes setores revelou-se de uma tranquila serenidade, indiferente à moda e coincidindo com ela por acaso.

"Voz da Terra" é um romance de valor, que merece ser conservado dentre a abundante produção moderna no seu gênero. Passa-se no campo, e a sua beleza vem do sôpro de poesia bucólica, do sentimento comovido, mas sereno, da natureza. Caracteriza-o a igualdade do tom. Não tem arrancos, não abre expectativas, não joga com o imprevisto senão na dose indispensável a tôda imagem da vida. A natureza invade-lhe as páginas, penetra na alma do narrador, ilumina o leitor e como que palpita na prosa admirável do sr. Amadeu de Queiroz. Êste escritor é um estilista da raça dos seus coestaduanos. Como êles — como o sr. Eduardo Frieiro, como o sr. Ciro dos Anjos, como o sr. Godofredo Rangel — procura o máximo de sugestão dentro do máximo de concisão. Para construir a linguagem apropriada, busca um equilíbrio entre a liberdade linguística e a conservação dos padrões clássicos. Daí o equilíbrio das suas páginas, quase audaciosas nesta tentativa de manter quanto possível a língua castiça dentro duma concepção liberta. O resultado conseguido pelo sr. Amadeu de Queiroz é completo. A limpidez do seu estilo terá poucos rivais na literatura moderna do Brasil. A simplicidade da sua língua, malgrado o processo laborioso a que a sentimos devida, coloca-o entre os mais puros escritores que possuímos atualmente.

Dispondo de tal instrumento, não é de estranhar que realizasse em "Voz da Terra" uma bela narrativa, recriando tôda a poesia das coisas com uma despretensiosa elegância. Compreendendo o partido que podia tirar do seu senso plástico da língua, fugiu aos diálogos, concentrando-se na narrativa e na descrição. O livro é escrito na primeira pessoa, solução que me pareceu acertadíssima. Com efeito o sr. Amadeu de Queiroz não resiste ao apêlo exigente da natureza. Pára, respira fundo os seus eflúvios e se atira frequentemente a digressões. Ora, esta circunstância, que poderia desequilibrar uma narrativa feita por terceiro, não só se enquadra naturalmente nos zig-zags duma confissão, como lhe dá mais graça dando-lhe uma encantadora espontaneidade. Antonio — o herói — é um bucólico e de certo modo subordina os seus sentimentos à natureza. Não é capaz de fechar dentro de si mesmo o sentimento. Todos os movimentos da sua alma precisam encontrar uma forma exterior. Em relação às outras pessoas, não é possível realizar-se. E' um tímido [illegible] pelo [illegible] da autocrítica. Só lhe resta a solução de expandir a alma no cosmos, e aquela concretização humana que não lhe é dada aos sentimentos êle a vai de certo modo sublimar na natureza vivendo-lhe as formas adquirindo-lhe os contornos. E' quase com fervor religioso que vê germinar a terra. Plantar, colhêr, são para êle atos de amor. "Tudo é amor na vida, por isso o amor tem tôdas as formas..." — diz êle numa declaração falhada indicando sem querer o sentido profundo da sua concepção idílica da vida e das relações naturais. Não se imagine, todavia, que Antonio seja um panteísta exaltado. O seu naturismo é singelo e se exprime por uma eloquência discreta, embora a sua projeção sôbre o livro seja decisiva e exigente. Como se não tivesse fôrças para avançar por si só, o entrecho pára a cada momento a fim de respirar, repousando nas breves tiradas, nas divagações emocionais sôbre a terra as plantas o tempo. E tendo tomado contato com êstes elementos, que formam a realidade viva do livro, prossegue até nova parada. Quase tôdas as divisões começam e terminam por uma referência à natureza.

Neste cenário movem os personagens, girando em tôrno do narrador Antonio — criação que merece alguns reparos. Antonio passa o livro amando uma prima sem coragem de confessar-lhe o amor. E ao contrário do que era de esperar num romance campestre, termina solitário como começara, incapaz de dar seguimento, de fazer realizarem-se as afeições que tem. Aliás, nem êle próprio encara o amor muito de frente. Na sua confissão, menciona-o discretamente, sempre pronto a dar-lhe outra interpretação ou deixá-lo esmorecer. "...Devem existir no mundo outros homens como eu. Indivíduos sem finalidade, que iniciam tudo e não realizam coisa nenhuma; almas amorosas incapazes de enfrentar o amor! Tenho-me detido diante de portas escancaradas e vou ficando de fora! Sou como as crianças tímidas que vão deixando as outras passar adiante, e quando chega a sua vez de entrar a porta já se fechou, e elas retrocederam desapontadas..." Estas palavras esclarecedoras bastam para traçar o perfil de Antonio. No entanto, estão longe de revelar-lhe a personalidade. Fazem prever um abúlico, um medroso ante a vida, quando Antonio, ao contrário, é cheio de seiva e capaz duma atividade tão meticulosa quanto apaixonada. Lavrador de corpo e alma, organiza, decide, vibra com o resultado do seu trabalho. E' um herói complexo. Respeitoso e enleado como um personagem de Macêdo diante das moças, não o é por romantismo nem por convenção, mas sim por uma questão visceral de auto-[illegible], estranhável num herói de romance [illegible]. Analisa-se pacientemente, rebusca a própria alma em meio aos trabalhos da lavoura — [illegible] a rusticidade da vida o predispõe [illegible] timidez, a inteligência [illegible] o que poderia transformar-se num simples acanhamento de maneiras transformando-o em elemento de combustões interiores. Antonio é um homem que reflete, e quanto mais reflete mais se inibe. O fato de escrever na primeira pessoa levou o sr. Amadeu de Queiroz a dar ao seu personagem a complexidade indispensável a todo monólogo interior. Não quis, todavia, criar um drama mental, um conflito psicológico alheio aos seus propósitos e talvez possibilidades. E atenuou essa complexidade com um tal senso de poesia rural, um amor tão sincero e tão real pelas coisas do mundo exterior, que ela apenas perpassa nas divagações de Antonio. Sob esta forma, dá ao livro uma densidade que o torna ímpar entre os seus congêneres, dando-lhe ao mesmo tempo uma deliciosa serenidade — algo que se poderia chamar de visão modesta e séria da existência. Fiel a êste jôgo de balança, graças ao qual equilibra o seu livro, impedindo que a introspecção lhe mate a poesia da natureza, e que esta simplifique demais os personagens — fiel a êste jôgo, pois, o sr. Amadeu de Queiroz alterna as cenas demasiado pessoais com a descrição minuciosa das coisas simples da fazenda. Depois da cena entre Antonio e a prima, na qual quase vem à tona o afeto mal contido que têm um pelo outro, e que êle desvia com fôrça da timidez, começa um parágrafo do seguinte modo, aliás encantador: "Todos os animais domésticos, criados pelo homem, têm outros destinos além de lhe servirem de alimento. São produzidos, e cuidados para viver, porque dão o trabalho, a lã, o leite, e o ôvo. O porco é o único que se cria para ser morto. O pobre animal não tem outra serventia, outro destino, fora o de ser comido. O criador contempla o seu porco pensando no toicinho, e só depois que o mata lhe dá valor". Um certo humor, como se vê, muito característico dos escritores mineiros, que parecem ter conservado mais que os outros o bafejo de Machado de Assis.

Graças às qualidades assinaladas, o sr. Amadeu de Queiroz escapou do simples pitoresco, ao qual se reduz a maioria dos romances regionais. O jogo existente em "Voz da Terra", entre a natureza e a alma, entre o mundo exterior e o mundo interior fazem dela um representante todo especial do gênero a que pertence. E talvez seja, além disso, responsável por algumas das fraquezas que lhe diminuem o alcance. Assim, na serenidade idílica do livro — em que todos os germens de drama são cuidadosamente abafados — o autor exprime uma concepção igualmente idílica, sem profundidade, da vida e do trabalhador rural. A existência dêste aparece, não embelezada, mas sem dúvida podada de algumas das suas mais sérias feiúras. Não há desajustamentos de classe, não há miséria. Os próprios casebres de pau-a-pique aparecem risonhos, como as choupanas das modinhas ou os quadros do pintor Campão. Aceitemos, porém, esta atitude algo simplista como o ângulo de Antonio, poeta que se encontrou junto à natureza, e que "pensava andar representando uma terna pastoral de amor e poesia..." Aceitemo-la porque graças a ela podemos ler um romance que é um verdadeiro refrigério, pela sua forma elevada e pelo sereno equilíbrio com que foi construído e realizado.

(1) — Amadeu de Queiroz — "Voz da Terra" — Romance — Edições Cultura Brasileira S. A. — São Paulo s/d (1938).

Não foram suspensas as requisições de gado

Comunicam-nos a Agência Nacional:

"Tendo surgido nos meios interessados, malentendidos relativamente às requisições de gado no território do Estado, para abastecimento das populações da Capital e do Distrito Federal, tornamos público que as requisições continuarão a ser feitas, como até aqui, até a data de 31 de dezembro último.

Procurando salvaguardar o interêsse público, o interventor federal, sr. Fernando Costa, com plena aprovação do sr. coronel Anapio Gomes, coordenador da Mobilização Econômica, resolveu não requisitar antes de concluído o período de engorda, o gado adquirido a partir desta data, nos Estados criadores, pelos invernistas de S. Paulo.

Os invernistas de S. Paulo poderão, pois, comprar francamente, nos Estados criadores, o gado magro de que necessitarem para a safra do próximo ano, com a segurança de que êsses animais não serão requisitados, no ano que vem, antes de concluído o período de engorda. Há informações de que, nos Estados criadores, há quantidade apreciável de gado magro pronto para ser vendido, e como já se normalizaram as condições do tempo, tudo indica que, no próximo ano, os invernistas terão compensação razoável para suas atividades.

E' preciso, contudo, que fique bem esclarecido que essa decisão do sr. interventor federal se refere ao gado adquirido a partir desta data.

As requisições de gado já existentes no Estado continuarão, portanto, a ser feitas normalmente até 31 de dezembro, conforme foi decidido pelas autoridades competentes".

Assistência Vicentina aos Mendigos

Movimento da coleta de papéis, livros, revistas, jornais, móveis, objetos usados, etc., durante o mês de outubro do corrente ano.

Foram vendidos 16.114 kg. e papéis, 1.771 kg de jornais e ainda livros, revistas, retalhos, latas, vidros, móveis e diversos, somando a importância de Cr$ 10.221,60.

Durante o referido mês, foram arrecadados, em papéis, jornais, e revistas, um total de 11.871 kg, além de vários móveis, roupas, vidros, livros, latas, objetos usados, etc., importando o serviço geral de arrecadação dos mesmos, em Cr$ 3.281,50.

MARIA KIEHL

(Para a "Folha da Manhã")

Francisco de PAULA FERREIRA
(Assistente Técnico do Departamento de Serviço Social)

O serviço social pátrio acaba de perder uma das figuras que melhor o representavam e que contribuiram para elevar-lhe o nome e o padrão. Em tão breve tempo, tão breve quanto é célere o transcorrer dos dias de uma semana, Maria Kiehl passou da plena atividade para o domínio da morte. Nem ela nem os seus, nem aquêles que a acompanhavam em sua intensa labuta profissional, seriam capazes de supor, quando deixara ela o gabinete de trabalho no primeiro sábado do mês, que não mais haveria de voltar às preocupações do serviço social, e que iria então enfrentar uma moléstia, numa luta improfícua, da qual cedo sairia derrotada.

Assim foi que mal pudemos compreender o inesperado, inesperado sim, porque o vocabulário cristão não pode ir além no lamentar das vidas preciosas, da notícia de que Maria Kiehl amanhecera morta na madrugada tão cheia de vida de 17 de outubro.

Mal refeitos do grande choque, podemos agora os que a conhecemos e a estimávamos, os que trabalhavam sob as ordens de tão excelente chefe e os que militavam ao lado de tão competente quão amiga pessoa, nos consolar com o pensamento de que com o vôo de sua alma para a Eternidade, nem com isso a terra tê-la-á perdido de todo. Não; ficou a sua obra. Ficou a sua obra de pioneira, e da pioneira quase singular, pois apenas outra assistente social no Brasil compartilha da glória de ter sido a primeira patrícia a conquistar além Atlântico o belo e nobre título de Assistente Social.

Como poderíamos supor uma ausência absoluta se aí prosseguem as iniciativas e as estupendas realizações a que Maria Kiehl se dedicara com o calor de seu entusiasmo, com o brilho de sua inteligência e o devotamento único de seu coração.

Desde a primeira estada na Europa até sua recente viagem aos Estados Unidos, Maria Kiehl jamais deixou de aprimorar sua cultura e de enriquecer seu invejável cabedal de preparo técnico a fim de melhor servir a causa que a empolgara e a que se devotara totalmente, o serviço social.

Era Maria Kiehl formada pela "Ecole Catholique de Service Social", de Bruxelas, sendo que seu diploma de Assistente Social foi expedido, segundo a lei belga, pelo Conselho das Escolas de Serviço Social do Ministério da Justiça. Cursou simultâneamente, na qualidade de ouvinte, a "Faculté de Philosophie de l'Institut St. Louis", também de Bruxelas.

Chamada pelo Govêrno de São Paulo para o quadro do Departamento Estadual do Trabalho, onde exerceu as funções de Inspetora do Trabalho, recebeu desde logo a missão de representar o seu Estado na 5.a Conferência Internacional de Serviço Social, em Bruxelas. Em 1935, ao voltar da Europa, teve oportunidade de colaborar na fundação e instalação da Escola de Serviço Social, do Centro de Estudos e Ação Social, de São Paulo. Pertenceu à diretoria dessa entidade em diversas gestões e professou a Cadeira de Serviço Social até bem pouco tempo. São realmente incontáveis os relevantes serviços prestados por Maria Kiehl à essa instituição. Não se limitou a participar da tarefa de traçar as linhas mestras de sua organização e de instalar o ensino de serviço social. Dir-se-ia ter sido êsse o aspecto de menor vulto de sua colaboração, tal a soma de benefícios que o Centro de Estudos, a sua Escola e os seus Centros Familiares dela recebeu. Não houve iniciativa no terreno do estudo que não a encontrasse na primeira linha, a trazer o contributo de suas reflexões ou de suas pesquisas, assim como não houve medida prática a ser tomada a que se alheasse. Ela o fazia modesta e dedicadamente, sacrificando ao bem do grêmio que ajudara a fundar as exíguas horas de lazer, geralmente de fim de semana, que seus pesados encargos profissionais lhe deixavam.

Em 1938, convidada pelo Departamento de Serviço Social, então chefiado pelo saudoso Carlos Magalhães Lebeis, para instalar os serviços técnicos da respectiva Diretoria Geral, Maria Kiehl ascendeu ao elevado cargo de Assistente Técnica de Serviço Social, posição em que se encontrava ao morrer.

O período em que Maria Kiehl estêve à testa da Divisão Técnica do Departamento foi dos mais produtivos. Com efeito, não apenas se deve a ela a organização interna que hoje ostenta a Divisão, como também a colaboração que prestou no preparo de diversos textos de lei pertinentes aos problemas que se põem sob a alçada do Departamento de Serviço Social. Em 1942, representou o referido Departamento na Exposição do Estado Nacional, realizada no Rio de Janeiro, tendo conseguido com seus trabalhos despertar grande interêsse da parte dos técnicos e estudiosos da Capital Federal para as atividades do Departamento de Serviço Social. Por essa ocasião, prestou precioso concurso à Comissão Central da Legião Brasileira de Assistência, então empenhada em dar organização técnica aos seus serviços. Pouco depois, caber-lhe-ia grande responsabilidade no curso de emergência para a formação de visitadoras sociais da Legião Brasileira de Assistência em S. Paulo.

Em São Paulo ainda, registra-se a participação que teve nos trabalhos preliminares da instalação da União Social Arquidiocesana, graças à merecida confiança que sempre merecera do pranteado arcebispo d. José Gaspar. E' de sua autoria o extenso e completo plano, segundo o qual se estruturou a organização central das obras sociais da Arquidiocese.

Entre os trabalhos prestados fora de seu Estado, releva notar a valiosa contribuição ao serviço social de Goiás, a convite de cujo govêrno visitou no último ano a cidade de Goiânia. Ao regressar a São Paulo deixava Maria Kiehl nas mãos do interventor daquele Estado o projeto de decreto-lei que criava o Conselho Estadual de Serviço Social.

Maria Kiehl era membro da "Union Catholique Internationale de Service Social" (Bélgica) e em sua terra tinha o nome ligado a várias organizações de serviço social. Além do Centro de Estudos e Ação Social, de cujo conselho técnico foi membro, pertenceu também ao conselho diretor da Escola de Serviço Social e dos conselhos técnicos do Centro Social Leão XIII e do Centro de Assistência Social Braz-Mooca.

Em 1940, quando da IV Semana das Semanas de Ação Social do Brasil, reunida em São Paulo, tomou parte ativa em seus estudos, tendo apresentado a êsse certame uma tese intitulada "O trabalho da mulher fora do lar". No ano seguinte, foi relatora da Seção de Serviço Social do I Congresso Brasileiro de Direito Social.

Tantos trabalhos e sua decidida especialização no serviço social do trabalho, valeu-lhe a escolha para membro efetivo do Instituto de Direito Social (São Paulo), onde foi recebida em uma de suas últimas sessões solenes. Valeu-lhe ainda o honroso convite para organizar os serviços sociais de uma das mais importantes indústrias reunidas do parque fabril da capital, missão a que se vinha entregando com rara competência.

Não é de se estranhar tenha o nome de Maria Kiehl transposto as fronteiras da pátria e atingido os abalizados ambientes norte-americanos, com os quais de há muito já mantinha abundante correspondência. Como consequência, visitou no ano passado a grande nação ianqui, em caráter de convidada especial do govêrno dos Estados Unidos. Seria longo mencionar o grande número de obras que visitou nas cidades por onde passou — Washington, Chicago, Baltimore, Cleveland, Columbus, Nova York, Winter Park e Miami. Sua permanência dinâmica na América assinala-se ainda pelo curso de verão que frequentou na "School of Social Service Administration", da Chicago University e por diversas conferências que lhe foi dado proferir sôbre os problemas do serviço social no Brasil, a convite de diversas entidades públicas e particulares de serviço social norte-americanas.

A simples referência à extraordinária produção de Maria Kiehl já foi bastante para que ultrapassassem estas linhas aos limites previamente assentados. Por êsse belo "curriculum", cujo conteúdo diz respeito a uma das mais belas carreiras sociais e é, por isso mesmo, o melhor elogio que se pode oferecer à memória da morta inesquecível. Em São Paulo, como em outros Estados; no Brasil como fora das fronteiras nacionais, Maria Kiehl era já uma autoridade de renome em matéria de serviço social. Em sua cultura técnica, soube aliar perfeitamente o pensamento europeu e o americano, assimilando com rara facilidade as lições das experiências realizadas nos dois continentes, no campo social. Aliara também, a serviço de seu talento privilegiado, a firmeza dos princípios com as técnicas mais modernas com que se familiarizara.

E não dissemos nada de suas virtudes pessoais. De seu trato afável e do seu espírito tão refinado e tão sensível às manifestações do Belo. De seu caráter e das raras qualidades para comandar e dirigir, para empreender e concluir. Mas, se fica incompleta esta resenha, não o fica a homenagem que lhe prestamos, buscando biografar ainda que a largos traços, de uma figura ímpar do serviço social brasileiro, que realizou em poucos anos obras que poucas existências ainda que mais dilatadas conseguem deixar como lembrança de sua passagem pelo Tempo e do seu amor à Religião, à Família, à Sociedade e à Pátria.

Congresso Brasileiro de Escritores

Tendo em vista a necessidade de apressar os trabalhos de organização do 1.o Congresso Brasileiro de Escritores, que se deverá reunir, em São Paulo, em janeiro próximo vindouro, resolveram alguns intelectuais paulistas promover uma reunião de interessados, a fim de estudar a formação da chapa a ser submetida às próximas eleições da Associação Brasileira de Escritores, visando a escolha da delegação que representará o Estado naquele certame. Essa reunião, para a qual são, por nosso intermédio, convidados todos os escritores interessados naquela iniciativa, será realizada às 10 horas, amanhã, e terá lugar nos escritórios da Editôra Globo, à rua Xavier de Toledo, 114, 4.o andar, sala 406.

Inauguração da nova casa matriz da Emprêsa SER

Inaugurar-se-á no próximo dia 19, às 17 horas, à rua Carneiro Leão, ns. 209-211, a nova casa matriz da SER, Serviços de Entregas Rápidas, organização técnica especializada em transportes em geral.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

ENTRE O CAMPO E A CIDADE

II

Antonio CANDIDO

Livro sólido, que resistirá galhardamente ao correr dos anos, "Voz da Terra", do sr. Amadeu de Queiroz, está porventura destinado a não chamar a atenção do público. Aliás, se o analisarmos com isenção, veremos que êle não traz em si elementos de acentuada originalidade. Na nossa época neo-romântica, não nos conformamos fàcilmente com os livros clássicos, com os livros que demonstrem rasgadamente as suas ligações com a tradição. Cuja atmosfera, como a dêste, seja a de um classicismo que há muito perdemos e que não sabemos quando havemos de encontrar. Para os amantes da harmonia em literatura, contudo, "Voz da Terra" permanecerá — com a sua equilibrada solução entre os valores poéticos e a análise psicológica, a sua comovente poesia da natureza.

"O Quarteirão do Meio", último romance do autor (1), tem uma fisionomia diversa. Deixando de lado as sugestões telúricas, o sr. Amadeu de Queiroz empreendeu uma narrativa da vida urbana, na sua chateza, no seu ramerrão cotidiano, na superficialidade da sua monotonia. Conta a história dos habitantes dum quarteirão qualquer de pequena burguesia, enquadrado num panorama mesquinho e surdamente impiedoso. As pequenas intrigas, as rivalidades secretas, as virtudes aparentes formam a trama destas vidas sem interêsse. Em meio à falta de humanidade desta gente, avultam duas famílias, a do Matos e a do repórter Juvenal, nem mais profundos nem mais complexos, mas melhores, mais humanos e compreensivos. O pivô do livro é justamente o drama da família Matos, constituída à margem do [illegible] e sofrendo devido a isto a repulsa da pequena burguesia bem pensante, embora seja mais bem constituída, em profundidade, que tôdas as outras do quarteirão. Em certos momentos, chegamos a pensar que o sr. Amadeu de Queiroz vai tomar êste drama com pulso forte e explorá-lo no sentido de dar ao livro uma intensidade moral que êle não tem. Fiel, todavia, ao seu critério de horizontalidade, êle prefere ficar numa visão em superfície. Matos passa para outro bairro, na sua peregrinação sem fim — porque a sua tranqüilidade só lhe permite permanecer numa rua enquanto os vizinhos não fiquem bem ao par da situação doméstica e não comecem a criar-lhe situações humilhantes — e o livro acaba numa comovente falta de solução.

Abandonando a terra, o sr. Amadeu de Queiroz perdeu o encanto maior dos seus livros. Não sendo um psicólogo nem tendo o senso do drama, salva-se pela poesia discreta da natureza. Num romance urbano, sem paisagem e sem ar, como que fica abafado e achata o seu livro numa atmosfera de mediania literária. Talvez se possa ver nisto um efeito artístico, um tom laboriosamente procurado e obtido com maestria invulgar. Quanto a mim, prefiro crer que faltam ao autor as qualidades necessárias para o gênero de livro que empreendeu.

"O Quarteirão do Meio" filia-se a uma tradição naturalista de observação social. O autor é aqui o observador, atento à vida exterior dos personagens, à ação exercida sôbre êles pelas convenções sociais, ao conformismo ou à rebeldia que manifestam em relação a estas. Afastando qualquer côr viva da sua paleta, ateve-se aos meios tons. [illegible] ra as suas páginas uma realidade banal, como a que vemos todos os dias, e evitou cuidadosamente todo o fermento dramático do livro. O seu neonaturalismo repudiou a tradição de violência dos velhos mestres — Aluizio, Zola — e, repudiando também a sua teoria dos temperamentos, ficou somente com a exatidão fotográfica, que é justamente o quinhão mais fraco da escola. Zola é grande porque mandou a fotografia às favas e, deformando poderosamente a realidade, criou uma vida diferente da vida, realçando-lhe os traços para torná-los significativos. O sr. Amadeu de Queiroz, pelo contrário, ficou-se no mais cuidadoso horizontalismo. Fêz uma transposição de tal modo igual da existência de todo o dia, que quase fêz o seu livro perder a razão de ser. Como já tive oportunidade de escrever mais de uma vez neste rodapé, vida por vida, é mais prático ficarmos com a vida. A preocupação de não deformar leva o romancista à banalidade. Não que êle só deva abordar os assuntos nobres, como queriam os teóricos clássicos. Todos os assuntos são literários. Zola, dentro duma lavanderia, conseguiu efeitos literários mais fortes e mais impressivos do que muito romancista que cultiva os ambientes raros e as sensações requintadas. O romance não se encontra no assunto, mas na [illegible] o romancista seleciona e combina os aspectos expressivos da realidade. No sr. Amadeu de Queiroz, parece-me existir muito pouco senso das situações para muito amor à reprodução.

Depois, a visão da vida que expõe é extremamente banal. O seu porta-voz — o repórter Juvenal — é dono duma filosofia barata, do mesmo nível que a das queixas contra a Light e o govêrno. Porque nem sempre o sr. Amadeu de Queiroz se contenta com o seu papel de máquina registradora e intervém na narrativa por meio de certas reflexões tão banais, tão pobres de significado, que ficamos a pensar se ainda aí êle não terá querido reproduzir a chateza irremediável que acompanha a vida dos personagens. Evidentemente, o sr. Amadeu de Queiroz não tem, ou se tem não quis demonstrar neste livro, nenhum senso de estilização da vida através das idéias. Ao romancista é proibido pensar como todo mundo, porque neste caso castam as banalidades que nós mesmos nos dizemos e pensamos. O romancista deve aparecer entre nós como o homem que consegue articular tudo aquilo que não somos capazes de exprimir; deve saber vestir com a sua palavra o sentimento que não podemos articular; mais ainda, deve nos fazer ver aquilo que, sem êle, seríamos incapazes de ver. Fazer re- [illegible] da sociedade, lamentar a falta de divórcio, chamar a atenção para a pobreza, e xingar a carestia da vida — isso são coisas que fazemos todos os dias no bonde ou na hora do jantar. O que interessa é criar situações de tal modo intensas, que nós vibremos ao ler um romance sôbre as injustiças, as convenções, o preço da vida. Interessa criar situações e personagens que nos forcem a viver o problema apenas aflorado pela nossa preguiça mental ou o nosso irremediável egoísmo. Neste livro, o sr. Amadeu de Queiroz preferiu alisar de leve as desarmonias do seu quarteirão, evitando cuidadosamente soltar as velas do drama pungente que tão bem esboçou: a situação doméstica do bom Matos. Caiu em cheio na armadilha do pitoresco, perdendo-se nas possibilidades de descrição e de observação dos costumes, sem se lembrar que isso é apenas uma etapa, ou uma face do problema. O que mais espanta, todavia, é que tal coisa tenha acontecido justamente com o escritor que se livrou inteiramente do pitoresco regional em "Voz da Terra", como vimos no artigo passado. A única conclusão a tirar é que o sr. Amadeu de Queiroz perde fôrças e originalidade quando abandona o romance campestre. Com efeito, dentro dos quadros estreitos da observação de costumes, não ca- [illegible] aquela poesia serena, aquêle enlêvo contemplativo que é uma das suas características mais fortes. E como não possui as virtudes do aprofundamento, como não sabe, à maneira do sr. Erico Veríssimo, incluir o drama individual dentro da visão horizontal da vida, não há negar que permanece escravo duma banalidade sem solução.

Todavia, há um elemento que redime "O Quarteirão do Meio": a língua e o estilo, já assinalados a propósito de "Voz da Terra". Neste livro, êles aparecem se possível ainda mais depurados. Menos plástica e menos sugestiva — devido ao próprio assunto — a linguagem do sr. Amadeu de Queiroz é aqui de uma simplicidade e uma elegância dignas de nota. Por vêzes descamba para a vulgaridade, pois lhe é necessário acompanhar os personagens até nas suas possibilidades de expressão, que são poucas e más, como é lógico. Na maioria das páginas, contudo, e sobretudo fora dos diálogos, ela se apresenta manejada por mão de mestre. Falei que o sr. Amadeu de Queiroz partilha com os seus coestaduanos o amor e o senso da língua. E' preciso acrescentar que, de todos êles, foi o que melhor conseguiu forjar uma linguagem ajustada ao romance moderno, porque foi o que melhor casou a pureza clássica à liberdade e à naturalidade da fala comum. Não me parece que o seu estilo e a sua língua sejam capazes de se prestar à verdadeira profundidade, nem de exprimir uma visão forte da vida. Nas esferas de equilíbrio e de modéstia em que situou as suas produções, todavia, não vejo outra mais límpida nem mais bem cortada. Sobretudo, sem o mínimo ranço e [illegible]. O sr. Amadeu de Queiroz tem um justo horror ao empolamento e ao preciosismo. Pelo preciosismo pecam muitos dos escritores mineiros, sobretudo o sr. Eduardo Frieiro, que no seu romance "Inquietude, Melancolia", fêz o herói "chupitar o aperiente" — o que imagino queira dizer "tomou o aperitivo"... O autor de "O Quarteirão do Meio" livrou-se da praga. E de tal modo que, mesmo afastado da bela poesia da terra, consegue nos fazer ler com agrado o seu romance monótono, ervado pelo pitoresco urbano e a horizontalidade psicológica.

(1) — Amadeu de Queiroz — "O Quarteirão do Meio" — romance — Livraria Martins Editôra — São Paulo — 1944.

— NOTA.

Apesar de ter a memória melhor que a do conde de Gouvarinho, embora não tenha como êle lido os vinte volumes de Cesar Cantu, nem sempre ela me acode com fidelidade. No artigo passado, mencionando a atividade do sr. Amadeu de Queiroz na "Feira Literária", falei da publicação de Raul Bopp no mesmo número em que saiu a novela "Sabina", do nosso autor. Fi-lo de memória, e enganei-me. Consultando a referida revista há dois ou três dias (volume III, de março de 1928), vejo que ao lado de fragmentos da "Cobra Norato" não foi publicada "Sabina", mas outra novela do sr. Amadeu de Queiroz: "Falência de P. Sardinha & Cia. Extratos do Diário". A observação permanece verdadeira. Basta trocar os [illegible]

OS PREÇOS DO CAFÉ ESTÃO MUITO ABAIXO DO CUSTO DA PRODUÇÃO

Sôbre a verdadeira situação do nosso principal produto, fala-nos o sr. Bento A. Sampaio Vidal

A propósito da momentosa questão dos preços do café nos Estados Unidos, tivemos ontem oportunidade de ouvir o sr. Bento A. Sampaio Vidal, que nos fêz as seguintes declarações:

"Nós, que mourejamos, dia e noite, nesta ingrata profissão de cultivar café, que é sem dúvida um trabalho de escravo, estamos sempre na doce ilusão, de que todo o mundo conhece, como nós, os detalhes dos nossos trabalhos e dos nossos sofrimentos. Daí a nossa indignação quando sofremos injustiças dos governos, do comércio e da indústria. E' verdade que muitos dêles sabem, porém não querem compreender.

Temos tratado muito com os governos sôbre o café e chegamos sempre à conclusão de que êles ignoram o que se passa e são mal informados por mil interessados em explorar o trabalho do produtor. Há coisas que um govêrno não faria se não fôsse enganado. Muitas vêzes será médo de projeção externa, da reação do comércio e indústria e, neste caso, o lado fraco são os lavradores espalhados pelo interior, sem união, e as próprias associações agrícolas perturbadas por elementos estranhos.

Neste momento, em que estamos numa encruzilhada para resolver o destino do nosso único patrimônio que são os nossos cafezais, estamos certos de que tanto dentro do país, como na América do Norte, ignoram a dura realidade do problema.

Os americanos declaram que não podem modificar os "ceilings prices" do convênio que nos obriga a vender o nosso café a 13 centavos ou Cr$ 46,00 os 10 quilos ou Cr$ 276,00 a saca, porque a alta do café iria encarecer a vida do seu povo que está "tão pobre". Assim exigem a continuação do convênio, ameaçando-nos de racionamento e, para evitar que se realize esta ameaça, o nosso govêrno paga um prêmio ao comprador do café dos Estados Unidos. O fim é nosso produtor ter um preço mais alto porém quem recebe os prêmios são os "pobrezinhos" dos magnatas.

Vamos distinguir para compreender.

São Paulo que produzia ..... 22.000.000 de sacas de café produziu 2.500.000 no corrente ano. O sr. Moura Andrade calculou em menos.

Conhecemos uma fazenda na noroeste com 1.300.000 cafeeiros que produziu 2.000 sacas. O custeio foi de Cr$ 1.820.000,00. Vendendo-se as 2.000 sacas de café a Cr$ 276,00 produzem Cr$ ... 552.000,00, realizando o fazendeiro um prejuízo de Cr$ .... 1.298.000,00. Cada saca custou-lhe Cr$ 910,00.

Eu próprio tenho uma fazenda na noroeste com 312.000 pés que produziram 782 sacas de café. Tendo sido o custeio de Cr$ 1,50 cada pé o custo da saca foi de Cr$ 600,00.

Pode-se afirmar, sem médo de errar, que o custo de uma saca de café em São Paulo foi na safra de 1944 de Cr$ 400,00 até Cr$ 900,00. Como vender esta saca de café a Cr$ 276,00?

Ora, isso de o Brasil vender, sob ameaça de racionamento, o seu único produto de exportação pela metade ou menos do custo de produção é coisa que brada aos céus.

A safra de 1945 é ainda menor que a de 1944. A de 1946 será pouco maior porque só vai dar café nos brotos que estão se desenvolvendo daqui até maio. São Paulo nunca mais dará safras maiores de 6.000.000 de sacas. O custeio em 1945 das fazendas será 50 ou 60 % mais caro e não há pessoal para tratar do café.

Não devemos morrer como carneiros, sem gritar. Devemos denunciar o convênio e resistir com a prata da casa. Não devemos morrer de médo.

Não há café e não se pode exigir que, para baratear a vida do consumidor riquíssimo, se aumente a miséria do produtor que está de tanga.

A América do Norte, nossa grande aliada, que é tradicionalmente a nossa amiga número um, e conta com o Brasil como seu amigo número um, sem dúvida alguma reconhecerá que temos razão" — terminou o sr. Joaquim Sampaio Vidal.

TELEGRAMA ÀS AUTORIDADES FEDERAIS

O sr. Bento A. Sampaio Vidal expediu ontem aos srs. Getulio Vargas e Arthur de Souza Costa o seguinte telegrama:

"Confiamos em que o govêrno de v. exa. conseguirá modificar a opinião errada dos meios americanos a respeito dos preços do café. A realidade é que uma saca de café custa atualmente ao produtor brasileiro de quatrocentos até novecentos cruzeiros e o preço do convênio americano é de duzentos e setenta e seis cruzeiros. São Paulo já produziu vinte e dois milhões de sacas e êste ano produzirá menos de dois e meio milhões. A safra de 1945 será menor e a de 1946 pouco maior. Os salários agrícolas subiram no novo ano mais de cinquenta por cento e não há trabalhadores para o café. Atenciosas saudações".

Será homenageada amanhã a cantora Olga Praguer Coelho

Os meios artísticos e sociais paulistanos vão homenagear amanhã, às 17 horas, com um chá a ser servido na Casa Anglo-Brasileira, à festejada folclorista brasileira, Olga Praguer Coelho, que dentro em breve regressará aos Estados Unidos, onde reside.

Numerosas adesões já se registraram e outras podem ser dadas a cada um dos membros da Comissão, ou à Caixa do Restaurante da Casa Anglo-Brasileira, onde são encontrados os cartões, encerrar-se-ão às treze horas de amanhã.

Congresso Brasileiro da Indústria

Prosseguem, ativamente, os trabalhos do Congresso Brasileiro da Indústria, que, promovido pela Confederação Nacional da Indústria e organizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, será instalado, solenemente, nesta Capital, a 9 de dezembro próximo.

Além da adesão dos Ministérios do Trabalho e Fazenda, conta o certame com o apoio do Ministério da Educação. Nesse sentido, o sr. Roberto Simonsen, presidente em exercício da Confederação Nacional da Indústria, recebeu o seguinte telegrama do titular da pasta, sr. Gustavo Capanema:

"Recebi seu gentileza telegrama em que me comunica a próxima realização do Congresso Brasileiro da Indústria. Tenho certeza de que a reunião se revestirá do maior êxito e, de bom grado, lhe asseguro, para ela, tôda a cooperação dêste Ministério. Saudações cordiais. (a) Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública".

Segundo comunicação recebida, por via aérea, de Porto Alegre, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul far-se-á representar no Congresso. O mesmo se dará com relação à Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, cuja delegação, composta de doze membros, será chefiada pelo seu presidente, sr. Arthur Tavares de Moura e secretariada pelo sr. Antonio Horacio Pereira. Dessa delegação, farão parte, como representantes do SENAI, o prof. João Luderitz e sr. Faria Góes, diretores, respectivamente, do Departamento Nacional e Departamento Regional do Distrito Federal.

A secretaria geral do Congresso já está recebendo as adesões dos Sindicatos Patronais da Indústria, que estão empenhados em colaborar no êxito do Congresso, cuja Comissão Técnica, sob a presidência do sr. Roberto Simonsen, tem realizado duas reuniões semanais.

Instituto "Arnaldo Vieira de Carvalho"

O Instituto "Arnaldo Vieira de Carvalho" — Instituto do Radium — recebeu do sr. Oscar Ribeiro da Silva Jordão, da Emprêsa de Diversões Oscar Jordão, um donativo de Cr$ 5.000,00.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

GILBERTO FREYRE, SIM; GIBERTO, NÃO

Antonio CANDIDO

No panorama da nossa cultura moderna, não há dúvida que Gilberto Freyre avulta de modo impressionante. Destino curioso o dêste homem. Há dez anos atrás era um desconhecido para a maioria do Brasil. Embora a sua atividade venha se fazendo sentir em Pernambuco desde 1925, só com o aparecimento de "Casa Grande & Senzala" o resto do Brasil tomou conhecimento do seu nome. Esse livro de estréia, que permanece ainda o bloco mais sólido da sua obra, teve um sucesso inesperado para estudo daquela natureza. Creio que precisamos remontar até 1902 para encontrarmos nos "Sertões" um fenômeno semelhante. Assim como o desconhecido Euclides da Cunha sacudiu o país com a revelação da sua obra, o desconhecido Gilberto Freyre tornou-se com a sua, do dia para a noite, celebridade não só brasileira como continental. Num caso e noutro, as razões do sucesso virão menos da perfeição em si das obras que da sua magnífica oportunidade. Os catálogos da Livraria José Olympio anunciam um trabalho do sr. Alvaro Lins: "Gilberto e Euclides: duas descobertas do Brasil". Pelo título, sou levado a crer que o ilustre crítico vai nos falar justamente da singular analogia entre as duas obras, do significado que uma e outra tiveram como tomadas de consciência e revelação do nosso processo cultural. Se juntássemos a ambas a "História da Literatura Brasileira", de Silvio Romero, teríamos porventura os três acontecimentos fundamentais na história do nosso pensamento.

Como o velho Silvio, como Euclides da Cunha, o sr. Gilberto Freyre veio trazer no seu momento a diretriz que êle precisava no terreno cultural. Os três representam um afloramento de certos instantes da nossa história, são como os pontos de encontro, o lugar geométrico das linhas de apoio do nosso desenvolvimento intelectual. Dos três, contudo, o mais fecundante e o mais completo foi, sem dúvida, o terceiro e mais recente. Quando apareceu "Casa Grande & Senzala", o traçado dos estudos sôbre o Brasil tendia lentamente à dispersão. A velha tradição histórica, de Varnhagen, Capistrano e outros, ameaçava cair num arrolamento esterilizante, num eruditismo que não é necessário acentuar. A tendência sociológica, esboçada por Silvio Romero e brilhantemente retomada pelo sr. Oliveira Viana, estava literalmente incapacitada de levar avante a tarefa que lhe competia. Com efeito, no campo da antropologia social, o mesmo sr. Oliveira Viana se deixava ir a exageros lamentáveis, a um quase racismo sociológico, aliado a preconceitos que lhe impediam a visão clara da nossa formação, que o levavam a deixar de lado os fatôres propriamente sociais para ater-se a velhas deformações lapougianas, quando não gobinistas. O materialismo dialético não encontrara no Brasil nenhum teórico de valor, como não encontrou até hoje. Os estudos mais modernos, de tendência culturalista, mal repercutiam entre os nossos entendidos. Todos sentiam, contudo, num momento de revisão de valores como era aquêle, a necessidade imperiosa de uma interpretação profunda da nossa história social, a fim de que os esforços dispersos — alguns do maior valor — viessem à tona e adquirissem uma diretriz fecundante. Coube a "Casa Grande & Senzala", sem dúvida alguma, êste papel de coordenação e quase revelação. Como os "Sertões", trinta anos antes. Daí a sofreguidão com que o livro foi recebido, a repercussão encontrada, as vocações que solicitou, os esforços que sistematizou, o exemplo altíssimo que foi. Embora o sr. Gilberto Freyre não tenha formado escola, o movimento sociológico dos últimos dez anos é em grande parte resultado do seu influxo. Mesmo os estudiosos mais contrários à sua orientação; mesmo os seus mais declarados adversários, encontraram na sua obra motivo de inspiração ou de não concordância. Num ou noutro caso, permanece indiscutível a sua incalculável ação estimulante. Ainda não chegou a hora de escrever a história da influência decisiva de "Casa Grande & Senzala" sôbre os rapazes que se abriam então para a cultura e o estudo. Foi um verdadeiro furor. Líamos o sr. Gilberto Freyre com emoção, com reconhecimento. Pode ser que fôssemos injustos; que antes dêle muita gente houvesse dito muitas das coisas que disse. Pode ser. O fato é que para nós, ignorantes, êle era um iniciador. E, ouso dizer, fomos felizes por ter semelhante mestre.

De modo que não é possível querer diminuir a função exercida pelo sr. Gilberto Freyre na nossa cultura moderna. Muitos sábios a posteriori, isto é, post-Casa Grande, manifestam agora um certo desdém por êle. Respeitemos as dores de cotovelo. Quem não as tem? Para os moços, a obra do sr. Gilberto Freyre continua sendo o maior acontecimento do Brasil intelectual contemporâneo. E' verdade que nem todos aceitamos integralmente a sua lição. Sentimos a necessidade de criticar e levantar dúvidas, relativamente a muitas das suas conclusões e pontos de vista. Mas confessamos que a sua penetração e o seu vigor intelectual são inatacáveis, e que ainda a crítica partiu das sugestões da sua obra. Quem se lembraria hoje por exemplo, como eu já tentei fazer por escrito, de opor reparos ao seu critério culturalista... se êle não o tivesse revelado ao Brasil? São pequenas coisas que é necessário não esquecer.

*

O sr. Diogo de Melo Menezes acaba de publicar sôbre Gilberto Freyre um livro de duas partes (1). E' uma contribuição preciosa para a sua biografia e para o estudo da sua evolução intelectual. Dispondo de documentação preciosa, dá ao público uma boa iconografia freyreana, inclusive as caricaturas devidas ao mestre sociólogo. Publica o rol das suas leituras, conta os seus contatos intelectuais, a sua vida universitária. Até aí, está tudo muito bem. Mas acontece que o livro, é além disso, uma apologia gilberteana, e o caráter desta apologia é dos menos tranquilizadores.

Compreendo que os amigos do sr. Gilberto Freyre se desvelem nas provas de carinho e amizade. A campanha que êle sofreu e ainda sofre é das coisas mais ignóbeis de que há notícia na nossa história intelectual. Os seus promotores ficarão apontados para sempre à reprovação e ao desprêzo enojado de todos. Os amigos que neste momento se retraíram ou (porque infelizmente há também disso) traíram, não demonstraram ser muito melhores. E' natural, portanto, que os verdadeiros camaradas façam questão de afirmar altamente a sua posição e tomar sem rebuços a defesa do companheiro agredido. Daí, porém, a resvalar na idolatria, vai um fôsso que é necessário não transpor. E o sr. Gilberto Freyre está sendo alvo dum movimento de idolatria. Não obstante a minha admiração profunda e reconhecida por êle e pela sua obra. Não obstante a solidariedade integral que lhe manifestei neste rodapé e continuo a lhe manifestar. Não obstante ver nêle a maior figura da nossa inteligência moderna; não obstante tudo isso — não posso concordar com semelhante movimento nem me furtar ao dever de denunciá-lo. O livro do sr. Diogo de Melo Menezes é um sintoma grave. Infelizmente; porque é também um bom documentário.

E' preciso, duma vez por tôdas, nos convencermos de que a adoração por um homem vivo é um perigo para a sua serenidade, a sua dignidade, e a nossa autonomia intelectual. Há um limite que convém não passar, e que os admiradores do sr. Gilberto Freyre estão passando. Não sei qual a reação que êle demonstra em face disto. Quero crer que não lhe agradem muito as formas mais agressivas de fervor, como certos trechos do prefácio do sr. José Lins do Rego à "Região e Tradição" ou destas notas biográficas de que tratamos. Quando o sr. Melo Menezes descreve as salas da casa de Gilberto Freyre e faz o relatório dos presentes recebidos, sinto um pudor de intimidade violada que, estou certo, há de ser muito mais agudo no interessado. Descrevendo a casa de Apipucos, residência do sociólogo, e depois de enumerar as fotografias e retratos de amigos, ali existentes, passa aos presentes: "...um vaso indígena do Amazonas (presente de um amigo querido: Gastão Cruls)... um consôlo grande, presente de Dona Maroquinha Tasso... o pegador de papel em forma de J que foi de Joaquim Nabuco (presente de D. Carolina Nabuco), o tinteiro predileto de Joaquim Murtinho (presente de D. Laurinda Santos Lobo)" etc., etc., culminando com esta pura delícia: "Um "abat-jour" de porcelana holandesa que se vê na sala principal foi oferecido ao casal Gilberto Freyre pelo casal José Nabuco". Não nos espantamos mais quando vemos o jovem biógrafo, após nos castigar as emoções com várias páginas de impávido arrolamento, como numa crônica social de presentes de noivado, chegar à conclusão necessária: "Mas ao lado disso é excitante imaginar que com essa casa de Apipucos pode-se estar começando a levantar uma futura instituição da cultura nacional, como já é hoje em dia a Casa de Ruy Barbosa. Como é, nos Estados Unidos a Casa de Washington e a Casa de Lincoln". A bom entendedor não basta meia palavra, pensou naturalmente o moço gilbertista...

Ressalvado o interesse biográfico e o documentário, fica dêste livro uma impressão desagradável de ação entre amigos. Parece-nos ver um grupo de gilbertistas reunidos em conciliábulo destacar o mais moço para empreender o rol da documentação canônica. Todos fornecem dados, dão palpites, sugerem epitetos, e o encarregado funde tudo numa peça de exemplar imprudência, não percebendo que, tirando com a mão esquerda o que constrói com a direita, vai com isto desservindo tanto quanto servindo a glória do amigo.

Pela cabeça generosamente entusiasta do sr. Melo Menezes — discípulo, primo e amigo — não passou certamente a hipótese do ridículo com que estava ameaçando o mestre, até aqui um dos homens mais imunes da terrível praga. E' de se ver a imperturbabilidade com que êle procede à distribuição de prêmios. Os poetas que Gilberto aprecia são tais; são tais os seus romancistas prediletos; admira muito o sr. Fulano; acha de grande importância a obra do sr. Beltrano; corresponde-se com os seguintes srs. Cicranos. (Lêia-se nas entrelinhas: não gosta dos que deixaram de ser indicados). Veja-se, por exemplo, o pedantismo protetor e inocente desta observação — magnífico traço psicológico: "A Oswald de Andrade há quem atribua reparo semelhante: "Morreu Lampião, mas ficou Gilberto Freyre". Aliás Gilberto Freyre acha muita graça em Oswald de Andrade e muito admira o seu talento. E' outro moderno romancista e poeta brasileiro, cujos livros lê sempre com interêsse". (grifo meu).

Bastem êstes retalhos de um livro que por outros aspectos é de grande interêsse e oportunidade. Não sei como será recebido pelo sr. Gilberto Freyre; para o senso de ridículo dos seus leitores e admiradores, entre os quais tenho o prazer de estar, é uma provação dolorosa.

*

"Livra-me dos meus amigos, que dos meus inimigos me livro eu". Nenhum outro brasileiro tem o direito de repetir, tanto quanto o sr. Gilberto Freyre, êste rifão de eterna verdade. Os seus amigos estão querendo erigi-lo em Giberto. Como Ruy, Nabuco, Sylvio, Euclydes. Um nome só, pequeno trissílabo encantado, que transporta e leva ao êxtase. Giberto, dizem os seus conterrâneos nordestinos, e a supressão do l — parece que corrente naquelas bandas — dá ainda mais um som de único, sem igual, neste norte sul cheio de efes e erres. Giberto. Casa de Giberto. Giberto idolatrado. Não, não nos é possível aceitar semelhante coisa. Queremos o sr. Gilberto Freyre com l e sobrenome, que para atrapalhar já basta o y. Queremo-lo livre da côrte dos amigos, que acabam envenenando tudo com a sua veneração indiscriminada e são capazes de transformar o mais modesto dos homens num ogre irritado, mais insaciável de incenso do que o caapora de carne humana. A admiração requer discreção para não descambar no ridículo e dar origens aos acaudilhamentos intelectuais. Aconselharia ao sr. Melo Menezes refazer o seu interessante livro para uma segunda edição mais objetiva e mais discreta, porque há nêle elementos de grande valor para nos auxiliar a traçar o perfil dêste grande homem que é Gilberto Freyre, a quem peço a Deus, fervorosamente, que livre dos seus amigos.

(1) Diogo de Melo Menezes — "Gilberto Freyre" — Prefácio de Monteiro Lobato — Coleção de Estudos Brasileiros da Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1944.

Feijão para atender às necessidades do comércio varejista

Por intermédio do Sindicato do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios, recebeu o prof. J. de Mello Moraes, superintendente da Comissão de Abastecimento do Estado de São Paulo, uma representação de semi-atacadistas redigida nos seguintes têrmos:

"Os abaixo assinados, comerciantes semi-atacadistas de cereais estabelecidos nesta Capital,

Considerando que não podem encontrar feijão chumbinho e mulatinho dentro dos preços tabelados, que são de Cr$ 78,00 e Cr$ 84,00, respectivamente.

Considerando que sua atividade comercial consiste em servir sua freguesia constituída de comerciantes varejistas.

Considerando que diversas firmas atacadistas têm recebido feijão chumbinho e mulatinho do Alto Paraná, em rações preferenciais, cujo custo lhes fica bem inferior aos dos demais atacadistas e que está armazenado à disposição da CAESP.

Considerando que essa faculdade de rações preferenciais foi-lhes concedida por v. exa., mediante o compromisso de venderem o feijão pela tabela para atendimento das necessidades da população da Capital.

Considerando que é de absoluta necessidade dos abaixo assinados atenderem sua freguesia varejista, que por sua vez precisa atender à população.

Considerando e que já foi concedido aos feirantes, pela sua Cooperativa, solicitam os abaixo assinados se digne v. exa. conceder-lhes a requisição para uma quantidade de 500 sacos para cada uma das firmas signatárias desta petição, sendo que os abaixo assinados se comprometem a vender êsse feijão dentro da tabela exclusivamente aos varejistas, de cujas quantidades enviarão lista à v. exa. para que se torne público quais os varejistas possuidores do feijão pelo preço da tabela para atender à população".

O sr. superintendente da CAESP deu a essa representação o seguinte despacho: "De acôrdo, respeitado o tabelamento".

Campanha da Meia de Lã para o Expedicionário

A Campanha da Meia de Lã lançada pela Liga de Defesa Nacional para reunir até dezembro próximo cem mil pares dêsse importante artigo, de necessidade tão imediata para os nossos irmãos combatentes que arrostam neste momento todo o rigor do frio na frente italiana onde se encontram na luta pela independência do Brasil e pelo progresso dos povos — esta simpática campanha vem encontrando a melhor acolhida por parte do povo de S. Paulo.

GRANDE FESTIVAL NO TEATRO BOA VISTA — Cia. Alda Garrido-Dêa Cararrá, que ora se encontra realizando uma temporada nesta capital, resolveu também colaborar na campanha. Dêsse modo, depois de um amplo entendimento com todos os artistas da companhia, o sr. Miguel Cioso, empresário da mesma, ofereceu à Liga de Defesa Nacional um espetáculo gratuito, a ser realizado no próximo dia 4 de dezembro. Essa data que cai numa segunda-feira, é consagrada ao descanso semanal dos atores, e êstes, movidos por um invejável desejo de ajudar a causa patriota em que está empenhado o Brasil, dispuseram-se a dispensar o descanso. Naquela ocasião será levada à cena a notável peça de Xisto Bondell, "Das cinco às sete".

OFERTA DE MEIAS — A Fábrica de Meias Ribel, num gesto de são patriotismo, ofereceu à Liga, cem meias de lã de sua fabricação. A oferta foi feita por um dos diretores daquela emprêsa, que procurou a referida organização no dia de ontem.

A CAMPANHA CONTRA A LEPRA

AS CONTRIBUIÇÕES DE SANTOS

A lista de hoje registra três contribuições do comércio cafeeiro de Santos, que se somam a outra, já incluída nas relações publicadas, da firma Lima, Nogueira & Cia.

Não há, na grande praça marítima, movimento organizado. Os donativos recebidos atestam, pois, a boa vontade existente e que de certo se manifestará em outras contribuições, numerosas e valiosas.

LISTA DOS ÚLTIMOS DONATIVOS

Contribuição do Comércio Cafeeiro de Santos:

American Coffee Corporation	Cr$	5.000,00
Leon Israel Agrícola e Exportadora S/A.	Cr$	5.000,00
Hard. Rand & Cia.	Cr$	5.000,00
Colégio "Horácio Berlinck", de Jaú	Cr$	504,60
Escola Normal e Colégio Estadual de Tatuí	Cr$	45,30
Total dos últimos donativos recebidos	Cr$	15.549,90
Total dos donativos até hoje publicados	Cr$	1.816.720,90
Total das contribuições até hoje recebidas	Cr$	1.832:280,80

A "Caixa da "Folha da Manhã" recebeu a seguinte carta: "Com a presente tomo a liberdade de remeter à Comissão Executiva da Campanha pró-"Instituto de Pesquisas Terapêuticas da Lepra" dois bônus de guerra, sob ns. 292.880 e 693.580, ofertas de "um funcionário público" e "um funcionário bancário", cujos nomes não desejam ver publicados".

Os bônus, já encaminhados à Comissão Executiva da Campanha pró-"I.P.T.L.", são do valor de Cr$ 100,00 cada um.

ENCONTRA-SE EM SÃO PAULO O FUNDADOR DA "ESQUADRILHA INTERAMERICANA"

INTERESSANTES DECLARAÇÕES DO SR. ALFREDO DE LOS RIOS SOBRE OS FINS DAQUELA ORGANIZAÇÃO

Encontra-se em São Paulo o sr. Alfredo De Los Rios, diretor-assistente de relações estrangeiras, em Washington, da "Fairchild Engine and Airplane Corporation", de Nova York. O sr. De Los Rios é o fundador da "Esquadrilha Inter-Americana", um movimento de grande repercussão continental.

Sabedores da sua presença nesta Capital, fomos procurá-lo no Hotel Esplanada, onde se acha hospedado, a fim de que nos dissesse alguma coisa sôbre o programa dessa organização.

— "A "Esquadrilha Inter-Americana", iniciou o sr. De Los Rios — foi fundada em 1934, em Nova York com o objetivo de unir a juventude das Américas através do interêsse comum na aviação. Um dos seus objetivos principais é promover a construção de um "skyway" que será uma cadeia de pistas construídas, digamos a cada oitenta quilômetros de intervalo, seguindo um roteiro pré-determinado, em todos os países americanos. Por essa forma tornaremos possível e seguro o vôo de pilotos particulares, de um país ao outro, estabelecendo-se assim a possibilidade de visitas contínuas de aviadores particulares, o que, sem dúvida, muito contribuirá para o estreitamento de relações entre todos os povos das Américas. Depois da presente guerra, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, e nos demais países americanos haverá, sem dúvida, milhões de pessoas direta ou indiretamente ligadas à aviação. É quase certo que se não tôdas elas, pelo menos uma grande maioria gostará de voar como aviadores particulares possuidores de aviões relativamente pequenos. Pelas próprias circunstâncias físicas que os rodeiam, procurarão naturalmente voar os do sul para o norte e os do norte para o sul. Inúmeros aviadores sul-americanos gostarão de viajar até os Estados Unidos e pelos Estados Unidos, de avião, e devido à grande publicidade que a América Latina tem tido naquele país, o Brasil principalmente, inúmeros aviadores americanos gostarão de viajar para a América do Sul e para o Brasil, em seu próprio avião. Ora, é óbvio que para pequenos aparelhos será necessário grande número de campos de pouso que, como já disse constituirão o "skyway" — a rota dos céus na boa vizinhança inter-americana".

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA ESQUADRILHA

A uma pergunta sôbre como se originou a Esquadrilha, disse-nos o sr. De Los Rios:

— "A Esquadrilha foi primeiro constituída por um pequeno grupo de aviadores latino-americanos residentes em Nova York e o nosso objetivo foi desde o início promover uma maior confraternização de todos os povos das Américas através dos seus aviadores civis e particulares. Foi fundada em 1934. Dêsse ano até 1938, as atividades da Esquadrilha consistiram, principalmente, em vôos durante cerimônias, em comemoração das datas nacionais dos vários países americanos. Para se dar um exemplo, posso citar o fato de que em 1938 conseguimos que o presidente da Venezuela oferecesse uma pequena reprodução da estátua de Bolivar existente em Caracas. Quando essa estátua chegou a Nova York, membros da Esquadrilha, acompanhados de senhoritas, representando todos os países americanos, voaram para Washington para entregá-la ao presidente Roosevelt. O ataque a Pearl Harbor veio interferir diretamente com os planos desde que num período de guerra não se poderia prosseguir desembaraçadamente na realização dos nossos esforços. Em 1940, uma vez que os nossos objetivos de promover uma união mais íntima entre os povos das Américas corriam paralelos ao programa do coordenador de Assuntos Inter-Americanos, êste acabou se interessando em nosso programa como veículo na promoção da amizade inter-americana. Como consequência, sob os auspícios do coordenador de Assuntos Inter-Americanos, uma missão civil de aviação da "Esquadrilha Inter-Americana" viajou por tôdas as repúblicas americanas. Um dos nossos intuitos foi fazer uma exposição dos nossos problemas às autoridades aeronáuticas e aos aviadores das Américas. Dessa viagem resultou a fundação, na Capital de cada país, de uma secção da "Esquadrilha Inter-Americana", que batizamos com o nome de "ASA" e cuja função é a mesma da Esquadrilha, isto é, promover o desenvolvimento da aviação inter-americana e criar facilidades para vôos entre os países, eliminando-se por tôda a maneira possível, qualquer dificuldade para vôos de civis e particulares entre um país e outro. Outro fim da Esquadrilha é interessar a juventude na aviação por cujo motivo estamos profundamente empenhados na disseminação do aeromodelismo sólido, de vôo em planadores comuns e com pequenos motores etc. Quando as autoridades americanas imaginaram a execução de aeromodelos sólidos para identificação de aviões inimigos, a "Esquadrilha Inter-Americana" imediatamente tomou a si parte da tarefa e hoje está interessada profundamente nesse assunto. Os que visitaram o "stand" na Feira das Indústrias" onde se acham expostos cêrca de 3.000 aeromodelos sólidos, construídos pelos alunos das Escolas Profissionais de São Paulo, compreenderão a importância do aeromodelismo pelo qual, no momento, a "Esquadrilha Inter-Americana tanto se interessa como o primeiro passo na execução do seu grande programa" — concluiu o sr. De Los Rios.

A manteiga foi excluída do tabelamento

O prof. Mello Moraes, superintendente da Comissão de Abastecimento do Estado de S. Paulo baixou, em data de ontem, a seguinte resolução, sob n. 137, excluindo a manteiga do tabelamento:

"O Superintendente da Comissão de Abastecimento do Estado de S. Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas pela Portaria n. 114 de 24 de julho de 1943, do sr. coordenador da Mobilização Econômica e, CONSIDERANDO o que lhe foi representado pelo Sindicato da Indústria do Leite e Derivados de S. Paulo, por entidades de classe do comércio varejista de S. Paulo e parecer do Centro Regulador de Preços; CONSIDERANDO a necessidade de manter em equilíbrio o comércio da manteiga nacional, nas praças de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde o produto foi retirado,

RESOLVE:

Excluir a manteiga nacional do tabelamento, enquanto idêntica medida vigorar no Rio de Janeiro.

Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

Transporte de cimento e irregularidades no seu comércio

Comunicam-nos do Serviço de Coordenação e Prioridade de Transportes Ferroviários de São Paulo:

"Tendo chegado ao conhecimento dêste Serviço que, sob a alegação de falta do produto, está havendo especulações em negócios de cimento, torna-se público, com respeito ao transporte desse produto, que existiam nesta capital, depois de estabelecido o racionamento, nos meses de setembro, outubro e novembro até o dia 20, respectivamente, 252.407, 381.850 e 201.712 sacos, com excesso, portanto, sôbre o consumo normal provável desta Capital, que vinha sendo de 300.000 sacos mensais.

Este Serviço, a cujo cargo está ùnicamente o contrôle dos serviços ferroviários, receberá, contudo, e para encaminhá-las a quem de direito, quaisquer notificações concretas e positivas de casos de venda de cimento por preços maiores que os normais, ou de recusa de venda.

De acôrdo com as recomendações em vigor não é permitido o despacho por estrada de ferro para fora da Capital de lotes de mais de 100 sacos de cimento, não podendo qualquer consumidor receber mais do que um lote nessas condições. Essa medida foi justamente tomada para evitar-se que esta Capital ficasse desfalcada do produto.

O que acontece com o cimento, no que concerne ao transporte do interior para a Capital, em quantidade maior do que o consumo normal, está se verificando com outros produtos como arroz, feijão, milho, batatas e alfafa.

O transporte de açúcar se fêz também em igualdade de condições até outubro último, tendo caído no corrente mês, por falta de entrada do produto em Santos.

Com referência ao trigo em grão e ao sal, são produtos de importação e o seu transporte para a capital tem sido mantido com regularidade. Esse transporte cai, às vêzes, em virtude da falta dos produtos em Santos".

MOVIMENTO SINDICAL

SINDICATO DOS OFICIAIS BARBEIROS DE S. PAULO — O Sindicato, realizará depois de amanhã, às 20 h 30, em sua sede social, à rua Quintino Bocaiuva, 262, uma reunião da classe em geral, para serem estudadas as sugestões a serem enviadas ao prefeito da Capital, sôbre o horário mais conveniente para o funcionamento das Barbearias e Institutos de Beleza. A esta reunião, podem tomar parte sócios e não sócios do Sindicato.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

ARMADILHAS, PARA QUÊ VOS QUERO ?

Antonio CANDIDO

Quem leu o "Lys Rouge" não se esquece mais do poeta Choulette, espécie de caricatura amena de Verlaine. Procurando a simplicidade dos puros, Choulette prega contra os requintes de tôda espécie, tanto os do corpo quanto os do espírito. Afeta uma ignorância total em relação aos últimos, e quer fazer crer que a sua poesia sutil e trabalhada, nutrida de tradições puríssimas da cultura, é um canto piedoso e espontâneo, como os de São Francisco ou os do mais ignaro dos bem-aventurados, tocado pela graça da inspiração poética. Na realidade, como nos conta o romancista, Choulette é um finíssimo letrado — "un fin lettré". Sob a aparência rude e as "gaffes" intencionais, havia uma procura de efeito, um rebuscamento tão sutil quanto o do mais "salonnier" dentre os literatos. Sem comparar absolutamente um ao outro, confesso que me lembro do poeta vagabundo do "Lys Rouge" sempre que leio o sr. Mario Neme. Não que êste seja um vagabundo místico, "cocktail" de farsante e iluminado, como o outro. Nem muito menos um fino letrado. Não há mais finos letrados entre nós, homens que vivemos do rádio para o jornal, lutando pelo trôco nos estribos dos bondes ou nos corredores apertados dos ônibus.

No entanto, há no sr. Mario Neme uma técnica muito interessante de despistamento. Afeta uma rudeza e um primitivismo que são, na realidade, tão trabalhados quanto os do velho Choulette, e atrás da atitude despretensiosa com que chasqueia os intelectuais e os eruditos, está escondido um homem com vocação indisfarçável para uma e outra coisa. A lista das suas obras é composta mais de estudos e pesquisas que de obras de ficção, e a sua própria atitude na vida é construída, com uma aplicação que já a fêz tornar-se segunda natureza.

Eu próprio deixei-me cair na armadilha do sr. Mario Neme por ocasião do aparecimento do seu primeiro livro — "Donana Sofrecora". Falei então em esboços decalcados tão diretamente sôbre a vida, que não chegavam a ser obras literárias realizadas. Enganei-me com a aparência e não compreendi bem o que havia de realização artística em profundidade naquelas historietas despretensiosas e traiçoeiras para o crítico. Senti, desde o primeiro momento, a estilização da língua, mas não percebi a estilização da vida, tão presente e tão importante quanto a outra. Faltou-me — como penso que faltará a muita gente — a malícia suficiente para identificar, por detrás do aparente ramerrão, a intenção artística profundamente aparelhada e consciente. Coisas que se percebem melhor, seja dito em minha defesa, neste último livro do autor — "Mulher que sabe latim..." (1). Amadurecimento e progresso, não há dúvida que há. Em "Donana Sofredora" o sr. Mario Neme deixava às vêzes levar-se por um senso de pitoresco, e mesmo de pilhéria, que comprometia os seus contos. Aqui, quase sempre o pitoresco é símbolo, e a pilhéria, alto humorismo. Para usar uma velha muleta crítica, direi que a densidade psicológica dos personagens do sr. Mario Neme ganhou uma consistência apenas visível no livro anterior, se excetuarmos a pequena obra prima que é "Marta Maria Enxovalhada". E' verdade que o conto dispensa a psicologia, porque é... um conto, isto é, um caso e não um estudo. Não obstante, quando o conto se transforma em instrumento de observação psicológica, vemos não raro a sua sugestão nos apanhar mais em cheio que a do romance, porque o choque emocional que recebemos é mais curto, mais concentrado, mais duradouro e, portanto, mais eficaz. Exemplo (é claro), Machado de Assis, com a "Singular Ocorrência" ou "O Enfermeiro" ou o "Capítulo dos Chapéus". Em "Mulher que sabe latim...", há certos contos nestas condições. Entre êles o que deu nome ao livro, e que se chama, por inteiro, "Mula que faz him, mulher que sabe latim...". Mas, sôbre todos, os admiráveis "Dona Adelaide, como o nome indica" e "Dona Marta e aquelas crianças com fome". Nêles, o sr. Mario Neme realiza o máximo de sugestão e de tensão com um mínimo de efeitos, ou seja, sem apelar para recurso algum além da sua prosa fiada e das coisinhas pequenas com que enche os contos. Não que apelar para grandes recursos seja defeito; muito pelo contrário. A característica dêste nosso autor, porém, é tocar na viola o que os outros usualmente vão tocar na harpa. E toca com uma arte que não sei quem sai levando vantagem... A singular aventura de Dona Adelaide, traída pelos instintos e pelos recalques numa caminhada pela cidade afora, revela no sr. Mario Neme capacidade criadora aparentemente incompatível com o realismo ingênuo que usa a fim de engodar os incautos. De modo que êste livro resulta num feixe de bons personagens: Dona Adelaide, Ernestina, Dona Marta... e o próprio autor.

Na carreira literária do sr. Mario Neme há uma tirania que ameaçou desequilibrá-la a certa altura: êle próprio. O sr. Mario Neme é personagem dos seus contos. Não transposto nem sublimado, na pele de Dona Fulana ou seu Beltrano, mas em carne e osso. Por isso dá o nome aos dois, ou antes, a êle próprio, e faz aparecer pelos contos adentro um "seu" Mario, como o nome indica. Em "Donana Sofredora" a presença do autor-personagem era menos evidente, porque andava mais disfarçada. Pensando bem, vê-se que era mais perniciosamente absorvente ali do que aqui, onde aparece sem máscara, com nome e tudo. Nas dez histórias dêste livro, há pelo menos três em que o autor é personagem central, com nome ou presença: "Cemedocéia e o poder da ficção", "No fundo eu era contra a tradição do "Flor de Maio", "Meu filho procer", não contando aquêles em que aparece como ponto de referência, "Aniceto, a vida desgraçada dêle", por exemplo.

Nesta originalidade vai, sem dúvida, uma das fôrças do sr. Mario Neme. Construindo dentro de si um personagem, êle pôde realmente dar-lhe uma realidade mais viva do que se fôsse buscá-lo fora. E como é também um humorista, pôde ressaltar-lhe as fraquezas e as falhas, com uma ternura e uma compreensão cheias de humanidade.

Realizando com mais desafôgo e mais franqueza do que em "Donana Sofredora" o seu personagem-sósia, (lá, êste anda meio diluído pelos contos), o sr. Mario Neme conseguiu livrar-se do perigo de ser devorado por êle, e pôde criar outros personagens com maior largueza e interêsse humano. Transcendeu inteiramente o traço pitoresco e o detalhe anedótico, fundindo o seu humorismo numa objetividade criadora mais sincera e mais generosa. Por isso, a tendência geral do presente livro é diversa do anterior. Lá, pareceu-me poder dizer que não havia propriamente personagens, mas um único personagem, se bem me lembro: a covardia. O sentimento da fraqueza humana, da irremediável fraqueza que leva às pequenas misérias como às grandes felonias, enchia as páginas do sr. Mario Neme, numa verdadeira obcessão. O cômico se tornava pungente, o trágico ficava revoltante, e emanava de tudo uma sensação de avacalhamento — com perdão da palavra — que importava numa concepção fundamentalmente pessimista do homem. Às vêzes divertida, mas cruelmente pessimista, sem apêlo nem agravo.

No ciclo de contos que formam "Mulher que sabe latim...", a impressão final é diferente. O sr. Mario Neme continua a ser, não há dúvida, o cronista tragicômico das pequenas misérias, das coisas mesquinhas de todo o dia. Mas envolve-as agora com uma simpatia mais compassiva. Parece insistir menos na pequenez moral, na mediocridade do caráter dum Aniceto que na complexidade da uma Dona Adelaide e no drama pungente de Dona Marta, a que queria vender a sepultura do marido para matar a fome dos filhos. Sem que renuncie, evidentemente, ao sal da pilhéria e da ironia, com que tempera usualmente as suas produções. Parece, pois, que não só o sr. Mario Neme avançou muito em senso de complexidade como, talvez consequentemente, passou a encarar os seus personagens não apenas do ângulo do aviltamento da vontade e do caráter, mas de uma posição mais arejada e humana.

*

Como pisamos um campo de armadilhas, mal saímos duma arriscamos cair noutra. Já sabemos que o aparente ramerrão, o aparente fotografismo mesquinho e sem interêsse dos contos do sr. Mario Neme esconde um trabalho psicológico em profundidade. Longe de serem instantâneos da vida, são elaborações intencionais, em que a seleção da inteligência intervém certamente mais que a máquina registradora da observação de todo o dia.

O mesmo se dá em relação à língua. Falando de "Donana Sofredora", há mais de três anos, lembro-me que aceitei integralmente a experiência lingüística do sr. Mario Neme — justamente o aspecto mais repelido pela crítica de então. Desta vez, o autor tomou o cuidado de fazer um pequeno prefácio, em que explica a sua orientação e os seus pontos de vista neste terreno. Sustenta a riqueza sintática da "língua brasileira", capaz de servir para a criação literária. Retoma, portanto, a posição do sr. Mario de Andrade, sem, todavia, carregar nos maneirismos com que êste exagerou necessàriamente a sua linguagem de combate e reforma. O nosso brasileirismo literário foi vítima dum equívoco curioso: o de pensar que a introdução de formações léxicas nacionais resolvia o problema. Assim, vimos os caboclos de Afonso Arinos construírem eruditamente uma frase em que o tom local era dado por um ou outro regionalismo e alguma alteração prosódica registrados cuidadosamente em grifo. Assim foi Coelho Netto, assim foi o próprio sr. Monteiro Lobato. O sr. Mario Neme insiste no aspecto sintático da questão: "Êste livro é, antes de tudo, uma tentativa de estilização da sintaxe popular do Brasil, estilização no sentido de aplicação da sintaxe popular a uma linguagem literária... A sintaxe empregada nestas histórias é uma que se pode dizer mais genericamente do Brasil do que regional de São Paulo; o léxico, sim, é de uma certa zona de povoamento, por que a psicologia da linguagem forçou o autor a empregar o vocabulário do seu "universo de discurso"... Porque é exatamente na formação sintática, na construção das frases, no jeito de dizer, e em alguns pormenores de valor mais psicológico do que propriamente gramatical, que assenta o principal característico da língua do Brasil de atualmente. Esse característico principal o leitor encontrará neste livro de um modo tão marcado — que sentirá logo de cara o sabor da língua brasileira, não obstante não encontre, por mais que procure, aquêles artifícios que por muito tempo foram considerados expressão do idioma nacional: aquêles "bamo simbora", "êles vai", "nóis quê" e outras mutilações prosódicas do mesmo tipo, e igualmente fáceis".

A longa transcrição livra-me do trabalho de expor ao leitor o sentido da língua forjada pelo sr. Mario Neme, que considero duma importância enorme para a nossa expressão literária. Própria para a ficção e a crônica, não será, sob a forma acentuadamente estilizada que apresenta, a língua geral da literatura. Mas significa, sem dúvida alguma, um trabalho de desbastamento e como que de fisiologia lingüística, que nos faz compreender melhor o instrumento que usamos. E quando caiba estar nas mãos de um escritor de pêso, nas mãos do melhor contista moço que possuímos, o resultado é uma obra tão sugestiva e forte qual "Mulher que sabe latim...".

(1) — Mario Neme — "Mulher que sabe latim..." — Editôra Flama Limitada — São Paulo — 1944.

Medicamentos isentos de impôsto

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — A Recebedoria do Distrito Federal, respondendo a uma consulta esclareceu que sómente escapam ao pagamento do impôsto de consumo medicamentos aviados em farmácia, mediante receitas médicas, gozando também de isenção do mencionado impôsto os medicamentos destinados exclusivamente a uso veterinário e os produtos oficiais quando destinados ao aviamento de receitas nas farmácias.

Alfândega de Santos

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — O ministro da Fazenda designou o oficial administrativo Pedro Cortez Camponar, para servir de substituto eventual do assistente do inspetor da Alfândega de Santos, sr. Augusto Drumond.

Decretos assinados pelo presidente da República

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — O presidente da República assinou decretos, exonerando o sr. Carlos de Lima Cavalcanti das funções de embaixador do Brasil no México e nomeando-o para embaixador em Cuba. Por outros decretos, foram removidos os srs. Luis Pereira da Fonseca de Faro Junior, da embaixada da Venezuela para a do Peru, Mario Savard de Saint Brisson Marques, da embaixada de Cuba para a da Venezuela e Pedro de Moraes Barros, da embaixada do Peru para a Itália.

— O presidente da República assinou decreto-lei, dispondo sôbre a administração fiscal nos territórios federais.

— O presidente da República assinou o decreto-lei dando nova redação ao artigo 7.o do decreto-lei n. 4.655, de 3 de setembro de 1942:

"Art. 7.o — As estampilhas serão emitidas por tempo indeterminado.

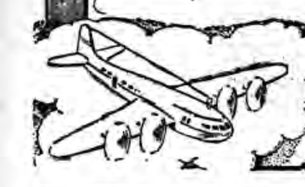
Parág. único — O diretor-geral da Fazenda Nacional poderá ordenar o recolhimento ou a substituição de estampilhas se houver justo motivo".

Este decreto entrou em vigor hoje.

— O presidente da República assinou decreto, abrindo ao Ministério da Fazenda o crédito especial de Cr$ 38.000.000,00 para aquisição de material destinado à cunhagem de moedas e ao aparelhamento das oficinas da Casa da Moeda.

Ministro Marcondes Filho

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Pela madrugada de hoje, seguiu para São Paulo, onde passará o Natal e as festas de Ano Novo, o ministro Alexandre Marcondes Filho, titular da pasta do Trabalho e interino da Justiça.



Faculdade de Direito de São Paulo

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Em novembro do corrente ano, aprovou o Conselho Nacional de Educação parecer da Comissão de Legislação que, tomando conhecimento da petição de alunos matriculados no curso jurídico da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, provenientes de outros institutos congêneres, resolveu que antes do julgamento a ser proferido fôsse ouvida a Congregação da referida Faculdade.

O seu diretor, atendendo ao ofício que nesse sentido lhe foi dirigido no mesmo mês, respondeu explicando que os requerentes são de fato alunos matriculados na Faculdade e que a Congregação, em 31 de agôsto do corrente ano, aprovou unânimemente a proposta do professor Waldemar Ferreira, segundo a qual "todo aluno de outra Faculdade que se transferir para a de S. Paulo fica obrigado a cursar e fazer exame das matérias dos anos anteriores de que não tenham feito exames nas de que se transferiram. A diretoria, de acôrdo com o Conselho Técnico Administrativo, aplicará o preceito aos casos concretos".

Acrescentou ainda o referido diretor que, nestas condições, o C. T. A. tomou diversas deliberações que têm sido cumpridas mesmo com relação aos requerentes, sem relutância alguma e que a referida proposta aprovada pela Congregação tem o seu fundamento no artigo 21 do decreto federal n. 20.179, de 6 de julho de 1931. A Comissão de Legislação, atendendo às explicações oferecidas pelo diretor da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo e considerando que a deliberação está de acôrdo com o citado decreto, é de parecer que seja indeferido o requerimento.

Aplicando a deliberação a todos os matriculados nas condições indicadas, o ato da Congregação, que é legal, não fere nenhum direito adquirido, como alegam, sem fundamento, os reclamantes.

Feira Internacional do Livro no México

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Segundo comunicação feita ao Departamento Nacional de Indústria e Comércio pelo sr. Licurgo Costa, chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil no México, o "stand" de nosso país na Feira Internacional do Livro realizada na Capital daquela República, obteve menção honrosa.

Distribuição de moedas divisionárias

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — A Caixa de Amortização, com o fim de atender ao público, no que se refere à circulação de moedas divisionárias, fêz até ontem, sómente no Rio, o trôco de 2.150.000 cruzeiros, sendo 600 mil cruzeiros em notas de um e dois cruzeiros e o restante em moedas divisionárias, desde 10 centavos até dois cruzeiros.

Tabelamento de óleos combustíveis

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — O Conselho Nacional do Petróleo, tendo examinado a estrutura dos preços do óleo "Diesel" e óleo combustível, resolveu aprovar a seguinte tabela de preços máximos que entrou em vigor hoje: preços a granel a vigorarem nas cidades: óleo "Diesel" — Cr$ 589,00 e óleo combustível — Cr$ 500,00 — para a cidade de Santos; para São Paulo — Cr$ 713,00 e Cr$ 523,00, respectivamente.

NOTA — Estes preços são para entregas a granel nos depósitos e não incluem a taxa do decreto n.o 3.827, no valor de Cr$ 10,00 por tonelada métrica.

A economia popular paulista

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Noticia-se que os depósitos das caixas econômicas do Estado de São Paulo sobem a mais de um bilião e seiscentos milhões de cruzeiros. Somada essa importância ao total de um bilião de cruzeiros, depositada na Caixa Econômica Federal, vê-se que a economia popular paulista é avaliada em dois biliões e seiscentos milhões de cruzeiros.

Embaixador Baptista Luzardo

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Procedente de Montevidéu, chegou hoje a Pôrto Alegre, pelo "clipper" da "Pan American Airways" o sr. João Baptista Luzardo, embaixador do Brasil no Uruguai.

Declarações do ministro da Suécia sôbre a Conferência de Aviação

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — De regresso da Conferência Internacional de Aviação, realizada ultimamente em Chicago, com a presença de representantes de várias nações interessadas, na tarefa de maior aproximação entre os povos pelas rotas aéreas, o sr. Ragnar Kimlin, ministro da Suécia nesta Capital, e que foi o delegado do seu país ao aludido conclave, falando aos jornalistas teve ocasião de focalizar alguns dos pontos ali debatidos, demorando-se particularmente no comentário daqueles concernentes às relações sueco-brasileiras. Disse o diplomata sueco:

"No caso especial da Suécia, ficou deliberada a criação de duas linhas, uma entre Estocolmo e Nova York e outra entre Estocolmo e o Rio de Janeiro. E' interessante observar que essas são as primeiras linhas que a Suécia inaugura para fora da Europa. As viagens para o Brasil serão feitas via França, Espanha, Portugal, Natal e Rio de Janeiro. Esse trajeto levará apenas 46 horas, o que representa um encurtamento admirável de distância entre o meu país e a América Latina. Para nós, suecos — continua o entrevistado — isso representa uma contribuição excelente e prática no sentido de ser obtido um intercâmbio mais intenso entre os dois países. Do ponto de vista cultural são apreciáveis os resultados que podemos colher, pois conseguiremos com facilidade a importação de livros, obras de arte etc., introduzindo no mercado literário do Rio de Janeiro e de todo o Brasil o espírito e a cultura suecos. Comercialmente, também, muitas são as vantagens que iremos obter com a iniciativa em aprêço, visto, dessa maneira, nos ser facilitada a remessa dos numerosos produtos e de vários espécimes da riqueza nacional sueca".

"Telegrama social" para o expedicionário

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Por iniciativa da Academia Brasileira Feminina de Letras, após entendimentos com o ministro da Guerra e o diretor-geral do Departamento dos Correios e Telégrafos, foi organizado um "telegrama social" para as festas de Natal e Ano Novo do expedicionário brasileiro em ação na Itália, para o que a direção geral dos Correios mandou fazer considerável quantidade de telegramas e cartazes alusivos para a propaganda dos mesmos, que estão sendo distribuídos a tôdas as agências de Correio do Brasil.

Esse movimento feminino tem por fim facilitar à mulher brasileira, de qualquer recanto de nossa pátria, o envio de um telegrama a um expedicionário amigo, parente ou mesmo desconhecido. Estes telegramas serão entregues pelo próprio correio ao Ministério da Guerra que os enviará a cada unidade militar no "front" e esta, por sua vez, os enviarão a cada soldado.

Transporte de passageiros pelo Lóide Brasileiro

RIO 23 (Da nossa sucursal) — Noticia-se que o Lóide Brasileiro, em virtude de se achar pràticamente extinta a campanha submarina em nossos mares, se está reaparelhando para realizar o transporte de passageiros em navios, que serão convenientemente preparados e que haviam sido convertidos em cargueiros pelas necessidades da guerra. Ao mesmo tempo se cogita de mais frequentes viagens das nossas unidades de cabotagem, sendo que o serviço para o norte do país será executado pelo Lóide Brasileiro e para o sul por outras emprêsas.

Tabelamento da água engarrafada

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — O coordenador da Mobilização Econômica, assinou hoje, portaria aprovando a tabela de preços máximos permissíveis para a venda ao consumidor de água engarrafada, comumente denominada "mineral", na área do Distrito Federal, que entrará em vigor imediatamente.

A remessa de livros para o interior

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — A Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil S. A. tornou público, para conhecimento dos interessados, que as remessas para o interior de livros de leitura estão isentas da exigência do "certificado de conferência", da Confederação Nacional da Indústria e da "licença de exportação", ficando porém as "guias de embarque" sujeitas ao visto da referida carteira, conforme resolveu o ministro da Fazenda, em portaria.

Declarações do sr. João Daudt de Oliveira sôbre a Conferência de Rye

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — O sr. João Daudt de Oliveira que chefiou a delegação brasileira à Conferência Econômica Internacional, realizada recentemente na cidade de Rye, nos Estados Unidos, falando hoje aos jornalistas assim se referiu à sessão de investimentos de capital de cuja exerceu a presidência:

"Uma das importantes conclusões da Conferência é que o capital deverá ser fundamentalmente uma função social. A inversão de capitais deverá ter como fim concreto a melhoria da situação econômica dos países que recebem êsses capitais. Os países credores só poderão justificar inversões no estrangeiro com a expectativa razoável de lucros, na forma de mercadorias e serviços em volume correspondente. Para se alcançar êsse fim, o país credor deve procurar reduzir os obstáculos que impeçam a importação de mercadorias e serviços. As nações credoras devem reconhecer que os países que lançam mão de empréstimos têm o direito de salvaguardar seus recursos naturais de uma exploração indevida, por princípios sãos de conservação. O ponto de vista do Brasil, apoiado vitoriosamente na Conferência, é que — ainda sôbre a questão do investimento e da função social do capital — o padrão de vida de todos os povos do continente e aliás do mundo — deve ser progressivamente melhorado. E' impossível a existência, como até agora, da divisão de países fortes e fracos, econômicamente. O destino de uns está ligado ao destino, aos interêsses, às aspirações — à própria defesa moral, política e social de todos".

A uma pergunta então feita, o sr. Daudt de Oliveira respondeu textualmente:

"Os norte-americanos são anti-fascistas como são louros. Não contribuirão, ou melhor, não concordarão com nenhuma forma de govêrno fascista no após-guerra. Afinal, é contra o fascismo que as Nações Unidas estão lutando".

Publicações no "Diário Oficial"

RIO, 23 (Da nossa sucursal) — Terminará em 16 de janeiro o prazo marcado pela portaria 402, do Departamento Nacional de Educação publicada no "Diário Oficial" de 16 do corrente para inscrição nos exames vestibulares dos cursos superiores.

— O "Diário Oficial" de hoje publica parecer da Comissão de Ensino Profissional do Conselho Nacional de Educação referente ao processo do curso superior de administração e finanças, da Faculdade de Ciências Econômicas de Ribeirão Prêto, no qual são feitas várias exigências àquele educandário.



NOTAS DE CRITICA LITERARIA

POESIA INGLÊSA

Antonio CANDIDO

"Considero, sem nenhum espírito de parti-pris nacional, que é um dos melhores senão o melhor conjunto de poesia dêste século", disse o sr. Vinicius de Moraes da poesia brasileira, no pequeno e magnífico resumo que dela fêz para o número 96 da revista argentina "Sur". Se não temos os grandes vultos, diz êle, como Ungaretti, Rilke, Stefan George, Yeats, Garcia Lorca, José Regio, temos em compensação uma equipe mais vasta e homogênea — um bloco mais sólido e mais extenso.

E' possível que o sr. Vinicius de Moraes tenha razão. Não há dúvida que a nossa poesia contemporânea iguala a norte-americana e a portuguêsa, supera a italiana e a ibero-americana. Mas restam a francesa, a espanhola e sobretudo a inglêsa. De qualquer modo, já não é pouco podermos falar da nossa de igual para igual em relação às outras. E o fato é tanto mais extraordinário quanto somos um povo de pouca imaginação e pouca capacidade poética. Só os ingênuos continuam a insistir na imaginação do brasileiro; confundindo com ela a relativa excitabilidade mental que costuma nos assaltar na puberdade, morrendo no fim da adolescência. Há muitos anos, não me lembro em qual dos seus ensaios, o sr. Gilberto Amado apontava com justiça o caráter imediatista e pragmático da inteligência brasileira, pouco afeita à abstração, à atividade desinteressada do espírito e tôda voltada para o culto das chamadas profissões liberais. Questão de necessidade, dizia o sr. Gilberto Amado; atitude necessária num povo que tem pela frente tarefas urgentes de construção. Não me aventurando a explicar, deixo a responsabilidade ao ensaísta e limito-me a verificar o fenômeno.

Sem imaginação e sem o sentido profundo do jôgo das idéias e das imagens, seria de esperar que o nosso acervo poético fôsse mesquinho ou irrelevante. Aí, porém, entra o milagre, pois todos nós sabemos que assim não é. A nossa poesia não só faz boa figura, como apresenta um progresso constante. A ponto do sr. Vinicius de Moraes poder hoje em dia fazer a observação citada. Temos, sem dúvida, uma boa meia dúzia de poetas de primeiríssima ordem e mais uma dúzia que lhes vem logo em seguida. Não se pode exigir mais de um momento literário.

Comparada não só com a nossa, como com muitas outras, a literatura inglêsa leva a vantagem inestimável de uma tradição poética — talvez a mais sólida do Ocidente — que mantém uma atmosfera densa de estímulo à floração do talento. O recente concurso entre os homens do Oitavo Exército é uma prova significativa do lugar que a poesia ocupa entre o povo inglês. Dá a impressão de ser uma necessidade vital, uma atividade de todos os momentos, um instrumento de equilíbrio e definição na vida. Em meio ao número incontável de poetas mínimos, se alteia um bloco de poetas menores, que serve de plataforma a alguns poetas maiores, dentre os quais se elevam periodicamente os poetas máximos. No século presente a Inglaterra já viu dois grandes — Yeats (1865-1939) e Eliot (1888) — e certamente uma vintena de talentos apreciáveis: George Russell, Walter de La Mare, Wilfrid Owen, John Masefield, os Sitwell, Herbert Read e os recentes W. H. Auden, Cecil Day Lewis, Louis Mac Neice, Stephen Spender, Dylan Thomas, Kenneth Allott etc. Justamente sôbre os últimos é que pretendo dizer alguma coisa ao leitor nos próximos artigos. Ao que me parece, são pouco conhecidos no Brasil fora dos grupos diretamente interessados em poesia inglêsa. As únicas referências que tenho lido sôbre alguns dêles são devidas ao sr. Eugenio Gomes ("D. H. Lawrence e outros", 1937), ao sr. José Eduardo Fernandes ("Clima", n. 4, 1941), e ao sr. Otto Maria Carpeaux ("Origens e Fins", 1944). E apenas o segundo se estendeu um pouco mais. Os outros limitaram-se a mencionar.

No entanto, poucos poetas merecerão tanto carinho quanto os modernos inglêses, a geração aparecida por voltas de 1930 e firmada com a publicação coletiva "New Signatures" (1932). Geração quase tôda com tendências esquerdistas, que movimentou a década passada e contribuiu com uma solução original e feliz para o famoso problema da poesia participante. Em seguida a êste grupo, mais ou menos liderado por Auden, aparecem os novíssimos, nascidos entre 1910 e 1920, que rejeitam em grande parte as sugestões anteriores e se metem mais fundo na poesia do inconsciente (Dylan Thomas, Nicholas Moore, Henry Treece etc.), ou buscam um novo equilíbrio intelectual (Geoffrey Grigson, Frederic Prokosch, Kenneth Allott), sem todavia terem ainda conseguido o nível do movimento anterior. Sem terem, sobretudo, conseguido esta coisa rara, que só de quando em vez acontece numa literatura, e que é a característica mais bela do grupo de Auden: a coesão, a participação de ideiais comuns, a organicidade dos pontos de vista. Para encontrarmos fenômeno semelhante na poesia inglêsa temos que subir até os grandes românticos e, mais ainda, aos metafísicos seiscentistas.

Acima, porém, dos novos; acima dos que os precederam (os Sitwell, Siegfried Sassoon, Edmund Blunden, Wilfrid Owen, Herbert Read, Richard Church etc.), continua a se elevar a figura impressionante de T. S. Eliot, mestre e inspirador. Este norte-americano que se tornou o poeta inglês mais importante do século, está a caminho dos sessenta, e a sua influência permanece tão viva, a sua obra continua tão rica como quando surgiu para a glória, há vinte e dois anos, com o famoso poema "Waste Land". Falar em poesia inglêsa moderna é em boa parte falar dêle, discutir os seus poemas e a sua crítica.

Propondo-me a consagrar ao assunto uns três ou quatro artigos, recomendo vivamente aos entendidos que se afastem, porque nada terão a aprender. Limitar-me-ei ao ponto de vista informativo, usando o material à mão. Darei as indicações bibliográficas e biográficas ao meu alcance, reproduzindo quanto ao mais a opinião da crítica inglêsa e norte-americana e insinuando, aqui e acolá, com a devida vênia, a minha colher torta. Creio fazer trabalho útil, porque, como se sabe, na aluvião de livros de língua inglêsa despejados sôbre nós ultimamente, os poetas modernos não comparecem. Quem quiser lê-los tem que lhes mandar buscar as obras e sair rastreando antologias.

Me estenderei mais sôbre os quatro azes — Auden, Day Lewis, Spender, Mac Neice — já por conhecê-los melhor, já por serem realmente os que mais interessam no movimento recente. Para finalizar, falarei um pouco de T. S. Eliot.

*

Antes, porém, umas reflexões preliminares. Há vantagem em nos metermos por uma poesia estrangeira adentro? Creio que sim.

Uma das maiores experiências intelectuais e afetivas que se pode ter é a leitura de uma poesia em língua estrangeira. E' certo que o sentimento completo da poesia só é dado àqueles que nasceram para a língua em que ela é escrita. Não obstante, o treino constante e o esfôrço genuino permitirão a qualquer estrangeiro de sensibilidade penetrar nas belezas de uma poesia.

Mas não esperemos que a nossa emoção seja sempre de natureza análoga à do nativo. Tomemos o exemplo básico do valor das palavras. As palavras são carregadas tanto de afetividade quanto de significado prático. Se êste é fàcilmente apreensível pelo estrangeiro, o primeiro tende a ser privilégio do nativo. Depende duma familiaridade de tôda a vida, baseia-se nas emoções da infância, na própria tradição cultural do povo. Razões pelas quais o leitor estrangeiro, por mais fino e sensível que seja, talvez permaneça para sempre fechado à significação mais intima de uma poesia. Ora, neste ponto entra em jôgo um mecanismo interessante, que é o da substituição. Raramente o estrangeiro versado numa língua tem consciência da sua incapacidade vamos dizer simpática em relação aos vocábulos. E, não há dúvida, reagirá a seu modo ao apêlo emocional das palavras, reputando justa e verdadeira a sua reação, uma vez que ela lhe permite sentir-se realmente em estado de poesia. E talvez tenhamos de concluir que a única maneira de um estrangeiro apreciar, por exemplo, a poesia inglêsa, é deformar o sentido profundo a fim de poder adaptá-lo aos seus moldes afetivos. E desta deformação podem resultar emoções estranhas e agudas, como o "raccourci d'abime" de Cousin... Na realidade, a distorção a que submetemos um texto poético estrangeiro difere apenas em intensidade da que aplicamos aos versos da nossa própria língua, nem sempre lidos e sentidos como deveriam ser.

Um poema é uma coisa delicadíssima. O valor das palavras, o equilíbrio dos sons, a cadência, as imagens requerem uma atenção bem maior do que a requerida normalmente pela prosa. Por isso é que se lêem mais os grandes prosadores do que os grandes poetas. E por isso é que estamos expostos a mal entendidos muito mais graves do que na prosa. Em poesia, o mal está em que um êrro de sensibilidade pode ter nascimento duma circunstância quase imponderável: um acento mal distribuído, uma cadência mal seguida, uma imagem mal interpretada. Assim, a tarefa principal e básica do leitor de poesia estrangeira é procurar a reação justa. Deve dispensar uma atenção ainda maior do que a requerida pela poesia da sua língua natal. Em compensação, adquirirá, graças a esta disciplina mental, uma acuidade nem sempre usual entre os leitores comuns de poesia. E o resultado remoto dêste exercício estimulante é um aumento da capacidade de sentir a poesia da sua própria língua. Com efeito, somos frequentemente levados a subestimar o nosso vocabulário, devido ao desgaste motivado pelo uso cotidiano e às implicações vulgares. Em seguida ao esfôrço desusado que fazemos para poder apreciar devidamente uma poesia estrangeira, voltamos por assim dizer enriquecidos à nossa poesia, mais capazes de senti-la bem, mais capazes do esfôrço permanente, requerido por quase tôda poesia que se preza. Acrescentando a isto o mundo novo que se abre ao nosso espírito por meio do verso estrangeiro, sobretudo quando êle é da qualidade do inglês, julgo poder retomar o que disse, afirmando que poucas experiências são tão fecundas para o nosso espírito quanto o contato com os poetas de outras línguas.

NOTA — O leitor interessado em poesia inglêsa lerá com proveito, à guisa de introdução, um livrinho precioso: Gurrey — "The Appreciation of Poetry" — Oxford University Press — 2.a edição — 1938.

AUMENTO DA IMPORTAÇÃO DE CAFÉ PELOS ESTADOS UNIDOS

O sr. Olavo A. Ferraz, adiantado lavrador paulista, enviou ao sr. Eurico Penteado, delegado do Brasil no Bureau do Café de Washington, o seguinte telegrama:

"Através de notícias recebidas daí, tomamos conhecimento do aumento da cota de exportação de café acrescida de duzentos por cento. Como produtor e bom amigo dos americanos, agradeço tanta prodigalidade pelo presente do Natal. Cr[illegible]a mais aconselhável que orassem ao Todo Poderoso rogando para conceder-nos, no presente e no futuro, melhores condições climatéricas e mais braços para a lavoura a fim de baratearmos o custo de produção, antes que os cinquenta por cento das árvores do café ainda remanescentes desapareçam totalmente. Enquanto fazem ginástica pouco simpática para comprar quantidades maiores ao preço do teto, muito abaixo do custo de produção, as lavouras vão desaparecendo, e, em desespero de causa, vamos aumentando rapidamente a produção do algodão que, de zero produção em mil novecentos e trinta, já atinge a três milhões de fardos somente em São Paulo, com duplo prejuízo para nós e nossos Amigos Americanos. Menos café e mais algodão. Tome nota: em menos de dois anos após a guerra, teremos que proibir parte da exportação de café para não faltar ao consumo interno. Um aumento apenas justo e razoável de cinco centavos por libra, concedido o quanto antes, virá evitar a necessidade do aumento, muito maior, em breves dias, sem os benefícios recíprocos de agora. As chuvas continuam escassas e não havendo armazenamento no solo agora, redundará em outra sêca pior que a passada. A safra de café do ano passado que não atingiu em São Paulo a três milhões de sacas, não será ultrapassada em quantidade à dêste ano. Transmita aos nossos Amigos Americanos que aceitem o meu conselho como um bom presente de Natal, cedendo aos nossos justos reclamos, concedendo-nos o aumento pleiteado pela totalidade dos países produtores. Enviando a você e senhora nossos melhores desejos de felicidade para o novo ano, rogamos a Deus que nos conceda a Paz mundial para mil novecentos e quarenta e cinco. (a.) Olavo A. Ferraz".

NO PRÓXIMO DIA 3 SERÁ ABERTO O IX CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM OFTALMOLOGIA

PRIMEIRA PARTE DO PROGRAMA A SER DESENVOLVIDO — SERÃO ENTREGUES CERTIFICADOS DO CURSO

Terá início, no próximo dia 3 de janeiro, o IX Curso de Aperfeiçoamento em Oftalmologia, organizado como os dos anos anteriores pelo prof. Moacyr E. Alvaro, catedrático de Clínica Oftalmológica da Escola Paulista de Medicina.

O programa para êste curso ficou assim organizado: dia 3 — quarta-feira — das 8 às 9 horas, Anatomia do aparelho da visão, pelo dr. Renato de Toledo; das 9 às 10 horas, Tracoma, pelo dr. Alcides Del Cielo; das 10 às 11, Patologia das Pálpebras, pelo dr. José Esteves; e das 11 às 12, Embriologia do aparelho da visão, pelo dr. Durval Prado.

Dia 4 — quinta-feira — das 8 às 9 horas, Anatomia do aparelho da visão; das 9 às 10, Tracoma; das 10 às 11, Patologia das pálpebras; e das 11 às 12 horas, Histologia do aparelho da visão, pelo dr. Durval Prado.

Dia 5 — sexta-feira — das 8 às 9 horas, Fisiologia do aparelho da visão, pelo dr. J. Mendonça de Barros; das 9 às 10 horas, Tracoma; das 10 às 11 horas, Patologia da Conjuntiva, pelo dr. Laertes Guimarães; e das 11 às 12 horas, Propedêutica ocular, pelo dr. Renato de Toledo.

Dia 6 — sábado — das 8 às 9 horas, Fisiologia do aparelho da visão; das 9 às 10 horas, Tracoma; das 10 às 11, Patologia da conjuntiva; e das 11 às 12 horas, Propedêutica ocular.

Dia 8 — segunda-feira — das 8 às 9 horas, Fisiologia do aparelho da visão; das 9 às 10 horas, Patologia do aparelho lacrimal, pelo dr. Laertes Guimarães; das 10 às 11, Patologia da íris, pelo dr. Arthur Amaral Filho; e das 11 às 12 horas, Propedêutica ocular.

Dia 9 — terça-feira — Fisiologia do aparelho da visão, pelo dr. João Carneiro, das 8 às 9 horas; Patologia do cristalino, pelo dr. Francisco Amendola, das 9 às 10 horas; Patologia do corpo ciliar, pelo dr. Arthur Amaral Filho, das 10 às 11 horas; e das 11 às 12 horas, Propedêutica ocular.

Dia 10 — quarta-feira — das 8 às 9 horas, Lâmpada de Fenda, pelo dr. J. Mendonça de Barros; das 9 às 10 horas, Patologia da Coróide, pelo dr. Arthur Amaral Filho; das 10 às 11 horas, Patologia do Tônus Ocular, pelo dr. Armando Gallo; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia, pelo dr. Renato de Toledo.

Dia 11 — quinta-feira — das 8 às 9 horas, Patologia do cristalino; das 9 às 10 horas, Patologia da Coróide; das 10 às 11, Patologia do Tônus Ocular; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 12 — sexta-feira — das 8 às 10 horas, Patologia da Retina, pelo dr. Manoel A. da Silva; das 10 às 11, Patologia do nervo ótico, pelo dr. Renato de Toledo; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 13 — sábado — das 8 às 9 horas, Patologia do Vítreo, pelo dr. Francisco Amendola; das 9 às 10 horas, Patologia da Retina; das 10 às 11 horas, Patologia das vias óticas, pelo dr. Renato de Toledo; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 15 — segunda-feira — das 8 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular, pelo dr. J. Pereira Gomes.

Dia 16 — terça-feira — das 8 às 9 horas, Patologia da Esclera, pelo dr. João Carneiro; das 9 às 11 horas, Demonstração teórico-prática do uso do Refractômetro de Green, pelo dr. Bohnard; das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 17 — quarta-feira — das 9 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular.

Dia 18 — quinta-feira — das 8 às 11 horas, Demonstrações práticas do uso do Refractômetro de Green, pelo dr. José Esteves; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 19 — sexta-feira — das 8 às 9 horas — Refração ocular, pelo dr. Durval Prado; das 9 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular.

Dia 20 — sábado — das 8 às 11 horas — Refração ocular; e das 11 às 12 horas, Oftalmoscopia.

Dia 22 — segunda-feira — das 8 às 9 horas — Refração ocular; das 9 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular.

Dia 23 — terça-feira — das 8 às 11 horas — Alterações da motilidade ocular, pelo prof. Moacyr E. Alvaro; e das 11 às 12 horas, Alterações da visão cromática, pelo dr. João Carneiro.

Dia 24 — quarta-feira — das 8 às 9 horas — Refração ocular; das 9 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular.

Dia 25 — quinta-feira — das 8 às 11 horas — Refração ocular; e das 11 às 12 horas, Ensaios no tratamento do tracoma pelo dr. Alcides Del Cielo.

Dia 26 — sexta-feira — das 8 às 9 horas, Refração ocular; das 9 às 10 horas, Lâmpada de Fenda; e das 10 às 11 horas, Cirurgia ocular.

Dia 27 — sábado — das 8 às 11 horas, Refração ocular, e a seguir encerramento.

Estas preleções e demonstrações realizar-se-ão na sala de aulas da Clínica Oftalmológica da Escola Paulista de Medicina, à rua da Liberdade, 883, sendo que apenas as aulas de Cirurgia marcadas para os dias 15, 17, 19, 22, 24 e 26, se realizarão na 1.a Enfermaria de Homens de Doenças dos Olhos da Santa Casa, Serviço do dr. J. Pereira Gomes.

O programa da segunda parte do Curso, que constará de conferências sôbre os temas de maior atualidade da oculística, será dado à publicidade no decorrer da primeira semana de janeiro.

O número de inscrições para o curso será limitado e a ordem cronológica da matrícula será rigorosamente respeitada. As inscrições poderão ser feitas pessoalmente à rua da Liberdade, 883. Aos que frequentarem proveitosamente o curso será fornecido um certificado. Pela firma Vicente Amato Sobrinho e Cia. foram estabelecidas três bôlsas, que entrarão em disputa entre os concorrentes ao curso.

Clínica Infantil do Ipiranga

Comemorando o 14.o aniversário de sua fundação, no próximo dia 2 de janeiro a Clínica Infantil do Ipiranga fará no seu Ambulatório, à av. Nazareth no. 1361, uma distribuição de gêneros alimentícios e objetos de uso aos seus assistidos, cujo número orça por várias centenas de crianças.

Essa entrega terá caráter festivo e se realizará naquêle dia às 9 horas da manhã.

Chamados ao consulado argentino

Estão convidados a comparecer ao Consulado da República Argentina, em S. Paulo, a fim de tratar de assunto de seus interêsses os cidadãos argentinos: [illegible] Maria Angelica [illegible] [illegible]rky David, Abrahan [illegible], Antonio Villega, Menendez Jorge, Mario Rodolfo Izzo, Alberto Menendez, Oscar Ciro Molinari, Alejandro Camertoni, V. C. Q. Alfieri e o cidadão norte-americano Roberto Harold Mac Cormac.

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

T. S. ELIOT

I

Antonio CANDIDO

Thomas Stearns Eliot nasceu na cidade do blue famoso, Saint Louis, em 1888, mas sua família era tôda de Nova Inglaterra. Até 1915, isto é, até os 27 anos, a vida de Eliot é um longo estudo. Formou-se em Harvard, estudou filosofia e literatura francêsa na Sorbonne, completou os estudos filosóficos em Harvard, onde estudou línguas orientais e foi nomeado assistente da Seção de Filosofia. Em 1914 ganhou uma bôlsa para a Alemanha, onde ficou até o início da 1.a Grande Guerra, continuando os estudos de filosofia em Oxford. Casado com uma inglêsa, fixou residência em Londres, onde mora até hoje. Foi professor durante algum tempo e depois empregado de banco. Fundou em 1923 a famosa revista "Criterion" e associou-se depois à casa editora Faber & Faber, que atualmente dirige. Em 1927 Eliot naturalizou-se cidadão inglês e converteu-se à Igreja Anglicana. Tem ensinado periodicamente em universidades inglêsas e norte-americanas. (Biografia baseada em Nelson e Sanders: "Chief Poets of England and America". Macmillan, 1943).

Embora conhecido por seus ensaios e pelos livros de versos "Prufrock and other observations" (1917) e "Poems" (1920), Eliot só ficou famoso em 1922, com a publicação, na América do Norte, de "The Waste Land", que já foi chamado o poema capital do século. Depois de "The Waste Land" escreveu mais quatro poemas de certa extensão: "Ash Wednesday" (1930), "Burnt Norton" (1935), "East Coker" (1940) e "The Dry Salvages" (1941), além dos coros da peça "The Rock" (1934) e de dois fragmentos: "Sweeney agonistes, Fragments of an Aristophanic Melodrama" (1932), "Coriolan" (1931). [illegible] o terceiro e o quarto, se [illegible] "Later [illegible]" (Faber & Faber, Londres, 1941). Ao todo a sua obra poética, excluindo a tragédia "Murder in the Cathedral" (1935), cabe [illegible] em 100 páginas de formato regular.

[illegible] pensamento e de implicações sutilíssimas. Quem gostar de poesia "bonita" e fácil deve procurar outra zona, ou esforçar-se por educar o gôsto.

Alguns temas, se não a condicionam, pelo menos serpeiam constantemente no seu subsolo e explodem de espaço a espaço: a falta de sentido da agitação moderna, desprovida de crenças diretoras; a inanidade do destino individual, em prêsa desta agitação; a vulgaridade do homem moderno; a angústia do tempo; a aproximação de Deus; a visão sarcástica da vida. São temas relativamente banais, como todos os temas, e a poesia começa menos na sua escolha do que no seu tratamento. Os poemas do grupo "Prufrock", sobretudo o magistral "Love Song of J. Alfred Prufrock" e "Portrait of a Lady", giram em tôrno da pessoa do poeta, da sua perplexidade, da consciência do seu ridículo, da sua dor ante a banalidade semelhante. "The Waste Land" ataca com todos os instrumentos o problema da esterilidade do mundo moderno. São quatrocentos e poucos versos extremamente nutridos de cultura e de significado simbólico. O próprio autor sentiu necessidade de juntar-lhes um apêndice explicativo, esclarecendo referências e alusões. John Strachey, que analisa o poema de um ponto de vista estreito, indicando apenas o seu caráter social de expressão duma época, diz espirituosamente que a ostentação de cultura demonstra bem que Eliot é norte-americano, espécie de parvenu intelectual. Mas acrescenta [illegible] que só a um norte-americano seria possível a constatação implacável da aridez moral e afetiva da Inglaterra moderna. (v. "The coming struggle for power" — Modern Library — 1935). O que é verdade, porém, é que sem o sistema de alusões, Eliot teria sido obrigado a escrever, não quatrocentos, mas quatro mil versos, e perderia o caráter magnificamente condensado que assegura o impacto emocional do poema. "[illegible]" [illegible] Eliot" [illegible]

"The Waste Land" equivale em conteúdo a um poema épico. Sem o processo empregado, teriam sido necessários doze livros." ("Principles of literary Criticism", Kegan Paul, 7.a edição, 1944).

Esta técnica das citações poderia ser chamada de expressão poética de segundo grau. Expressão poética de primeiro grau seria, num exemplo grosseiro, eu falar, num poema, das emoções despertadas em mim pela contemplação do morro do Jaraguá: sentimento de imortalidade, aspiração do infinito etc. Gastaria nisso uns bons cinquenta versos. Expressão de segundo grau seria encaixar no poema, para dizer a mesma coisa, quatro ou cinco versos, ou um só verso do "Hino à tarde" de Gonçalves Dias. Ao toque da citação, meu espírito receberia, dum só golpe, tôda a carga emocional dêste grande poema e me dispensaria de escrever os cinquenta versos, reduzindo-os a oito ou dez. E o maior efeito ainda não seria êste. O mais importante é que o verso de Gonçalves Dias não teria apenas uma tonalidade afetiva, mas traria implicadas em si tôdas as associações possíveis a propósito de romantismo, sentimento da natureza dos românticos, sehnsucht, weltanschauung etc. Funcionaria como uma pilha elétrica altamente carregada, um sistema que aumentaria a tensão do meu poema e me pouparia metade do tamanho, poupando ao leitor a metade do trabalho e aumentando-lhe a [illegible]. Êste sistema, que propus chamar expressão poética de segundo grau, foi levado em larga escala por Eliot. O seu grande defeito está em que nem tôdas as citações despertam no leitor [illegible] [illegible]

será grande alcance. Daí a necessidade do leitor "preparar" sèriamente o terreno para a compreensão. O resultado é o mais fecundo possível, abrindo-nos as portas para o sentimento da emoção intelectual, geralmente preterida nos poetas pela simples emoção afetiva.

Veja-se o trecho seguinte, vertido prosaicamente. O poeta faz entrar em cena pela primeira vez a cidade de Londres:

"Cidade irreal, — Sob a névoa baça da madrugada de inverno, — A multidão escorria pela Ponte de Londres, tantos, — Nunca pensei que a morte destruísse a tantos. — Suspiros, curtos e espaçados, se elevavam, — E cada um fixava os olhos na ponta dos pés".

Os dois primeiros versos aludem, segundo nota do autor, a "Les Sept Vieillards", de Baudelaire. Transportamo-nos imediatamente para a atmosfera fantasmal e brumosa da "fourmillante cité", por cujos tentáculos o grande poeta, precursor de Verhaeren, fazia escorrer os cortejos do vício e de miséria, de desespêro e de sarcasmo que constituem os "Tableaux Parisiens". Sabemos, então, que os homens vistos por Eliot na Ponte de Londres lhe parecem fantasmas grotescos. Iguais uns aos outros, reproduzindo-se sem cessar em [illegible], todos iguais, monótonos na sua miséria ("Son pareil le suivait: barbe, oeil, bâton, loques. — Nul trait [illegible] [illegible] ... — De [illegible] centenaire, et ces spectres baroques — Marchaient [illegible] vers un but inconnu"). Sabemos que a névoa, o "brown fog of a winter dawn", é igual ao "brouillard sale et jaune" de Baudelaire, e que o poeta [illegible] [illegible]

hêros — Et discutant avec mon âme déjà lasse". A referência, portanto, criou a atmosfera, definiu os homens e o estado d'alma do poeta. O quarto verso — "I had not thought death had undone so many" — precisa a concepção a respeito dos homens que se agitam na cidade tentacular. — "Dans les canaux étroits du colosse puissant". A nota lacônica do autor, "Dante's Inferno, III, 55-7", nos leva à "Divina Comédia", quando Dante se espanta da quantidade de condenados: "E após, tão vasta multidão seguia, — Que destruído houvesse tanta gente — A morte, acreditado eu não teria." (trad. de Xavier Pinheiro). Assim, o autor nunca imaginara que a multidão dos modernos condenados, vulgares, padronisados, com os olhos fixos nas pontas dos pés, fôsse tão enorme na sua danação. Para êle, pois, são como almas penadas, mortos para a vida genuína, atirados na "terra estéril" de Londres. E o quinto verso amplia o drama, assimilando a sua agitação vã e triste aos suspiros dos condenados do círculo primeiro. "Sighs, short and infrequent, were exhaled" é o verso inglês cuja fonte o autor indica: Inferno, IV, 25-7. "Espetei; não mais pranto lastimoso — [illegible] [illegible]

esta gente tôda vai como um rebanho, olhando a ponta dos sapatos. "Unreal City, — Under the brown fog of a winter dawn, — A crowd flowed over London Bridge, so many, — I had not thought death had undone so many. — Sighs, short and infrequent, were exhaled, — And each man fixed his eyes before his feet."

Dêste modo, as alusões concorrem para o efeito do verso. Não ilustram, mas são o próprio material com que Eliot cria a atmosfera. Os homens que êle vê na Ponte de Londres não são os velhos de Baudelaire nem os condenados de Dante; Londres não é igual à Paris das "Les Sept Vieillards" nem ao círculo primeiro do "Inferno". São homens em cuja substância entra algo de uns e de outros; é uma cidade que participa de certo modo do tentacularismo de Paris e da estagnação moral do Limbo. Mas o resultado é uma síntese original, em cujo fundo passam as associações motivadas pela alusão a Dante e a Baudelaire.

Uma vez integrados nesta técnica de composição estamos ainda longe, todavia, do verdadeiro sentido do poema. Tôdas as suas partes, tôdas as suas alusões são formas diversas que toma a idéia fundamental, isto é, a equiparação da vida moderna à lenda da terra estéril, do Rei impotente, base das lendas do Santo Graal, por sua vez uma expressão posterior de certos ritos de fertilização. A vida e a cultura são, dêste modo, interpretadas à luz de equivalências mitológicas, o poeta dando a cada coisa, a cada situação, [illegible] [illegible]

Em meio do esplendor dos velhos mitos e das grandes cenas do passado, o contraste da mulher elegante, sem princípios, entediada, escrava de práticas desprovidas de conteúdo humano ponderável.

Todo o poema deve ser lido como que em quatro planos: a consciência das referências, a fim de aproveitar a riqueza das associações; o simbolismo psico-social; o esfôrço de interpretação do mesmo em têrmos de mitologia; a unidade emocional que resulta desta convergência. Geralmente os leitores, e mesmo os críticos, se atêm apenas aos dois primeiros planos, o que é reduzir "The Waste Land" justamente à sua parte por assim dizer básica; ao seu andaime e ao seu alicerce técnico. O essencial é o mito moderno tentado por Eliot, num esfôrço de criação que assume a sua esplêndida importância se nos lembrarmos que Mallarmé, por exemplo, deixou as suas tentativas neste sentido limitadas a peças mais puras, é verdade, mas de envergadura menor, como "Herodiade" e o soneto cuja primeira linha é "Le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui". No mesmo sentido trabalharam Stefan George e Yeats; nenhum dêles, todavia, embora possam ser considerados maiores que Eliot, produziu um corpus mítico tão coeso e tão rico.

"The Waste Land" requer, para ser compreendida, a leitura [illegible] da obra anterior de Eliot, onde estão os elementos com que foi construída, sobretudo a técnica do conceito, a ironia, o [illegible]. Disso falaremos oportunamente. [illegible] leitor que quiser conhecê-lo [illegible] a liberdade de [illegible] seguinte volume [illegible] "The Waste Land" [illegible] "Poems: 1909-1935" [illegible] notas [illegible] [illegible]

OS SERVIÇOS DO PRONTO SOCORRO NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS

Declarações feitas à imprensa pelo sr. Eneas de Carvalho Aguiar, superintendente da importante casa de saúde

A propósito do desenvolvimento dos serviços do Pronto Socorro instalado no Hospital das Clínicas, falou à imprensa o sr. Eneas de Carvalho Aguiar, superintendente do referido estabelecimento médico. Disse:

— "No projeto de construção do Hospital não estava prevista a instalação do Pronto Socorro, com amplitude suficiente para atender a todos os casos de emergência da Capital. A adjudicação de mais essa complexa função ao Hospital veio acarretar alguns problemas sérios que, felizmente, foram resolvidos, graças à dedicação do corpo médico e do pessoal de enfermagem. Isso não impediu que, desde o início do seu funcionamento, o Pronto Socorro desse vazão a todos os casos que se apresentaram ao serviço. De comêço, com certa dificuldade, mas, atualmente, de maneira absolutamente normal, fornece uma assistência perfeita e de padrão elevado.

Deve-se notar que o tipo de trabalho no Pronto Socorro é de grande complexidade e envolve todos os setores da assistência médica. O seu equipamento, tanto de pessoal quanto de material, é bastante diferente do de uma outra clínica qualquer. Apesar de tudo, os socorros de emergência do Hospital das Clínicas vêm funcionando satisfatoriamente.

Desde a data de sua inauguração, em 19 de abril do ano passado, até o dia 15 de dezembro, o Pronto Socorro atendeu a 3.388 pacientes, sendo internados 1.966 casos. Esse movimento é bastante expressivo. Nesse período não foi negada assistência em nenhum único caso, exceção feita àqueles pacientes que, não sendo casos de emergência, lançaram mão de processos artificiosos para ingressar no Hospital, simulando quadros agudos, a fim de ludibriar a administração. Apesar de se tratar de um grupo de pacientes com acidentes agudos, o obituário do Pronto Socorro não foi além de 62 casos. Dêsse total, 32 faleceram antes de decorridas 48 horas de internação, o que indica a gravidade das lesões iniciais, eliminando a possibilidade de uma assistência oportuna e eficiente.

Ao regulamentar o Hospital das Clínicas, o decreto n. 13.855 estabeleceu as seguintes finalidades: prestar assistência às pessoas portadoras de moléstias, às acidentadas ou portadoras de perturbações tais que possam ser remediadas por serviços e tratamento hospitalares; servir de campo de instrução aos estudantes da Faculdade de Medicina de São Paulo, a médicos, enfermeiros e técnicos; proporcionar meios de desenvolvimento da pesquisa científica; e contribuir para a educação sanitária do povo. Definindo as finalidades do Hospital, a lei foi omissa com referência à indenização dos serviços prestados. Por outro lado, o mesmo decreto, assim como o decreto 13.192 que criou o Hospital, o primeiro em seu artigo 3.o e o segundo em seu artigo 4.o, mencionam "renda própria por êle diretamente recolhida" como uma das constituintes do patrimônio do Hospital das Clínicas.

Daí a conclusão de que o Hospital deverá arrecadar diretamente uma determinada renda. Mas o que parece lógico é que o poder público não iria criar uma instituição com as finalidades educacionais acima citadas, dando-lhes um cunho comercial, em concorrência com as instituições particulares. Aliás, tôdas as circunstâncias e fatos ligados à história da criação do Hospital, comentários da imprensa, justificação de motivos, discursos inaugurais etc., definiram, claramente, o seu caráter de hospital gratuito, destinado a dar assistência aos menos favorecidos da fortuna. Assim vem sendo considerada a instituição, sob êsse aspecto, e preenchendo parte apreciável de uma enorme lacuna que é a nossa deficiência de hospitais destinados a pobres.

Para o rendimento dessa função social, necessário se faz que o Hospital não derive seus serviços em favor dos que dispõem de recursos financeiros ou dos que (segurados, filiados a associações de classe servidos de assistência médico-hospitalar etc.) têm o amparo de organizações coletivas. Êsses não devem ocupar, no Hospital das Clínicas, um lugar que, legitimamente, deve pertencer aos realmente necessitados (indigentes, desempregados, desajustados por dificuldades agudas fortuitas etc., os quais, além de não terem amparo em qualquer outras organizações sociais, constituem magnífico material de estudo e aplicação dos trabalhos do Serviço Médico Social do Hospital, no seu útil papel de auxiliar o médico na recuperação mais rápida do paciente, que a doença e suas consequências sociais puseram à margem do trabalho coletivo.

Entretanto, entre os indigentes, desempregados e desajustados e os que dispõem de recursos há uma série de pacientes cuja situação econômica lhes permite meios apenas para uma parca alimentação e um teto paupérrimo. São os que classificamos de indigentes hospitalares, isto é, que não dispõem, absolutamente, de meios para pagar um hospital na ocorrência de uma operação ou de longa internação.

Assim posta a questão, resulta que deve existir, como existe, um trabalho de triagem na Secção de Registro do Hospital. Esse serviço é feito em duas fases: ao ser o paciente matriculado é feito um rápido inquérito sôbre a sua situação, pelo pessoal do Registro.

Verificado que o paciente dispõe de recursos é eliminado imediatamente. Se houver qualquer dúvida, pesquisadores destacados pelo Serviço Médico Social farão uma investigação mais profunda, com o fim de evitar a exploração do serviço hospitalar por pacientes que não estão em condições de receber serviço gratuito. Há, entretanto, duas hipóteses em que o paciente, apesar da triagem rigorosa, ingressará no hospital, mesmo não sendo indigente, desajustado etc. A primeira hipótese é a de pacientes que conseguem ludibriar a triagem inicial, falseando os informes fornecidos. Para êstes casos e deante do mais leve indício, o Serviço Social prosseguirá nas suas investigações, destacando pesquisadoras que farão inquérito minucioso no ambiente de convívio social do paciente.

Verificado o ludíbrio, o paciente terá alta se esta não acarretar prejuízos ao seu estado de saúde, ou, contrariamente, continuará internado, devendo indenizar, sempre, o Hospital pelo tratamento recebido.

A segunda hipótese é a de pacientes do Pronto Socorro. Neste caso a triagem é feita "a posteriori", logo que o estado do paciente o permita ou que haja contato com sua família. E' trabalho do Serviço Médico Social. Se o caso não se enquadrar no tipo de pacientes gratuitos, o hospital deverá ser indenizado. E' êsse, aliás, o critério adotado no Pronto Socorro do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades.

Para atender a todos êsses casos, com certa equidade, em relação à capacidade de pagamento, organizamos uma classificação de pacientes que está vigorando, atualmente, a título de ensaio: pacientes tipo A — indigentes, vítimas de desajustamento grave, comprovado: têm direito à assistência inteiramente gratuita; pacientes tipo B — indigentes hospitalares, pessoas que percebem rendas baixas, (menos de Cr$ 400,00 "per capita" dependente da mesma economia doméstica): pagarão apenas taxas de matrículas; pacientes tipo C — pessoas que contam com renda superior a Cr$ 400,00 e até Cr$ 700,00 "per capita" dependente da mesma economia doméstica: pagarão parte das despesas hospitalares, conforme as tabelas organizadas; pacientes tipo D — pacientes que contam "per capita" da mesma economia doméstica com renda superior a Cr$ 700,00: pagarão tôdas as despesas. Estão incluídas nesta categoria os pacientes segurados, filiados a associações de classe servidas de assistência médico-hospitalar etc.

Convem repetir que os pacientes dos tipos C e D, sempre que identificados pelo serviço de triagem, serão recusados "a priori" salvo nos casos de Pronto Socorro. Nestes casos, fornecida a assistência urgente indicada, é facultada ao paciente sua remoção para hospital particular, se assim o desejar", finalizou.

GRANDE FESTIVAL NO PACAEMBU EM BENEFÍCIO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

ESCOLHIDAS A COMISSÃO EXECUTIVA E SUBCOMISSÕES DE PROPAGANDA E ORGANIZAÇÃO DOS FESTIVAIS

A Liga da Defesa Nacional, Organização dos Previdenciários pró-F. E. B., Comissão de Assistência ao Bancário Convocado, Grêmio dos Funcionários do Ministério da Fazenda, Colônia Sírio-Libanesa, Associação Atlética Banco do Brasil, Centro Cultural Progresso, Comitê Mister Churchill, Centro do Professorado Paulista, Sociedade Sul Rio Grandense, Clube Municipal, Grêmio dos Comerciários, E. C. Corintians Paulista, A. D. Floresta, Círculo Israelita, satélite F. C., Associação dos Empregados no Comércio, Marconi Clube, funcionários de várias repartições federais, estaduais e municipais, após várias reuniões preliminares, resolveram constituir uma comissão central para a realização de uma grande campanha de cooperação com nossa Fôrça Expedicionária, cuja primeira realização consistirá num grande festival dançante a ser efetuado no Pacaembu, no dia 3 de fevereiro próximo.

A referida comissão foi integrada por um representante de cada entidade participante, podendo ainda ser ampliada por outras organizações que venham a se fazer representar.

Em reunião realizada no dia 3 do corrente, foi escolhida uma comissão executiva que ficou assim constituída: presidente, coronel J. B. Maciel Monteiro, da Liga de Defesa Nacional; 1.o secretário, sr. Narciso Alvaro Lopes, da Sociedade Sul Rio Grandense; 2.o secretário, sr. Adolpho Boljman, da Organização dos Previdenciários pró-F. E. B.; tesoureiro, sr. José Ribeiro, da Comissão de Assistência ao Bancário Convocado.

Em seguida foram constituídas duas subcomissões, sendo uma de propaganda e outra de organização dos festivais, com os elementos especializados das entidades participantes que iniciaram suas atividades discutindo as primeiras medidas para o êxito dessa iniciativa.



NATAL DOS POBRES NA SOCIEDADE MARONITA DE BENEFICENCIA — A Sociedade Maronita de Beneficência procedeu, anteontem, como o faz todos os anos, à distribuição de gêneros alimentícios e donativos em dinheiro aos pobres portadores de cartões distribuídos por jornais e emissoras da Capital.

A distribuição foi iniciada por monsenhor José Maria Monteiro, vigário geral da Arquidiocese, representando, no ato, d. Carlos Carmelo, arcebispo metropolitano, tendo s. exa. dirigido aos pobres ali presentes palavras de animação e conforto, congratulando-se com a diretoria da Sociedade pelo seu gesto altruístico. Respondendo, falou pela Sociedade Maronita o sr. Miguel Helou.

Dessa festa de caridade que contou com a presença de grande número de pessoas, o nosso clichê fixa um aspecto.

DIVERSOS PROBLEMAS MÉDICOS SERÃO OBJETO DE ACURADOS ESTUDOS EM S. PAULO

PROSSEGUEM OS PREPARATIVOS DOS DOIS CONGRESSOS A SEREM REALIZADOS EM MARÇO PRÓXIMO

Continuam chegando adesões ao Congresso Comemorativo do Cinquentenário da Fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo ao 1.o Congresso Médico-Social Brasileiro, que se realizará, respectivamente, de 1 a 7 e de 8 a 15 de março.

O 1.o Congresso Médico-Social Brasileiro debaterá as seguintes teses oficiais: seguro-doença, assistência aos menores abandonados e aos menores delinquentes, exame pré-nupcial, assistência médica às populações rurais, fornecimento de medicamentos padrões às populações necessitadas, regulamentação legal do trabalho médico nas organizações hospitalares, nas entidades médico-sociais, nas organizações industriais, nas zonas rurais, no Instituto de Previdência para os médicos etc.

O Congresso Comemorativo do Cinquentenário da Fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo focalizará: o problema hospitalar em São Paulo, pelos profs. Benedicto Montenegro e Godoy Moreira; o problema da tuberculose em S. Paulo, pelo dr. Raphael de Paula Souza; a hipotensão arterial, pelo prof. Aloysio de Castro (Rio) e dr. J. Mesquita Sampaio; Cirurgia do Baço, pelo prof. Arsenio Tavares (Recife); o Glaucoma, pelo prof. Moacyr Alvaro.

Para a realização dos dois importantes certames contam os promotores com o apoio, já prometido, do ministro do Trabalho, que é também presidente efetivo do 1.o Congresso Médico-Social Brasileiro, e ainda com o de outras entidades estatais.

A Companhia Rhodia Brasileira contribuiu com Cr$ 30.000,00; S. A. Instituto Medicamenta, Cr$ 20.000,00, pondo à disposição dos Congressos a sua estação emissora, Rádio Cultura; Laboratório Andromaco, Laboratório Torres, Laboratório Laboterápico, ... Cr$ 20.000,00.

O aspecto social está também sendo cuidadosamente estudado, mediante a elaboração de um programa de diversões e visitas.

10.o aniversário do Sindicato dos Economistas do Estado de S. Paulo

Transcorrendo no próximo dia 11 o 1.o decênio do Sindicato, a entidade promoverá uma semana de festejos em comemoração à efeméride. O programa aprovado é o seguinte: dia 8, às 20 h 30 — Sessão solene na Biblioteca Municipal, ocasião em que pronunciará uma conferência o prof. Frederico Hermann Jr.; dia 9, às 20 h 30, participação das solenidades de colação de grau dos novos Economistas da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, no Teatro Municipal; em nome do Sindicato saudará o prof. Milton Improta; dia 10, às 20 h 30, Recepção aos novos Economistas de São Paulo. Saudará os novos colegas, em nome do Sindicato, o sr. Ubirajara D. Zogaib; dia 11, às 9 horas, Missa "in memória" dos colegas falecidos, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus; às 20 h 30, Sessão solene na sede do Sindicato. Falará em nome dos fundadores da Ordem o sr. Francisco De Benedictis; fará um retrospecto histórico o sr. Joaquim Racy Netto. Finda a sessão a diretoria oferecerá uma taça de champanha aos associados; dia 12, às 13 horas, Grande almôço comemorativo, no Palácio Trocadero, à Praça Ramos de Azevedo; discursará o presidente do Sindicato, sr. Francisco Garcia Bastos.

Espetáculo aos soldados aquartelados em São Paulo

A Liga de Defesa Nacional oferecerá hoje um espetáculo aos soldados aquartelados em São Paulo. Êsse ato, que se realizará às 9 h 30, na Sala Vermelha do Odeon, constará da exibição do filme "Gung-Ho", programa radiofônico a cargo de artistas das Emissoras Unidas e distribuição de chocolates e doces aos presentes.

Deverão comparecer a essa reunião o comandante da II Região Militar, a oficialidade e praças das unidades do Exército sediadas em São Paulo e oficiais da Aeronáutica e da Escola Técnica de Aviação.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

T. S. ELIOT

II

Antonio CANDIDO

"The Waste Land", publicado em 1922, é o platô central de tôda a primeira fase poética de Eliot, que vem mais ou menos contida em "Poems: 1909-1925" (Faber and Faber, Londres). Os seus temas, as suas maneiras, se encontram nas peças que antecedem e sucedem o grande poema. A variação sôbre o tema do destino individual em jôgo dialético com o mundo, abordado sob as espécies da ironia e do sarcasmo, são a substância dos dois principais poemas do grupo "Prufrock": "The love song of J. Alfred Prufrock" e "Portrait of a lady" (1917). Aqui talvez fôsse necessário abrir um parêntese para falar da incorporação do vocabulário cotidiano, da piada, do trocadilho na corrente da poesia moderna séria. Até o nosso século — para sermos justos, até os simbolistas franceses do século passado — êstes elementos eram tidos por incompatíveis com a grande poesia, e admitidos apenas, alguns dêles, no gênero satírico. Coube ao nosso tempo assimilar todo o material prosaico e, dando um golpe final na teoria da nobreza em literatura (gêneros nobres, palavras nobres etc.), ampliar infinitamente o alcance do vocabulário poético. Entre nós, porém, o Modernismo já tornou o assunto de tal modo corrente que não há necessidade de desenvolvê-lo. Na Inglaterra, todavia, êste movimento só triunfou depois de 1930. Antes, confinava-se aos iniciadores: Ezra Pound, um ou outro imagista, Eliot.

A grande vantagem da poesia inglêsa, porém — vantagem que a tornou mais coesa e mais resistente que outra qualquer poesia contemporânea — foi a seguinte: quando sentiram necessidade de renová-la, os poetas inglêses puderam encontrar elementos para isso na própria corrente da sua tradição poética. De tal modo que o renovamento pôde ser mais frutífero na Inglaterra do que em outros países, onde o trabalho de destruição e preparo do terreno esgotou muitas energias e deu às obras de arte um caráter demasiado momentâneo e transitório. Do brilhante conjunto modernista francês (cubismo poético, dadaísmo, surrealismo), pouca coisa permanece. Os poetas mais duráveis são os que ficaram à margem das correntes ou que as transcenderam: St. John Perse, Eluard, Aragon. Do nosso modernismo pode-se dizer o mesmo. Grande parte da obra dos nossos poetas, apesar de não ter mais de quinze ou vinte anos, já está morta e enterrada. E' que a derrubada absorveu muita energia, e que para fazer alguma coisa era preciso arrasar, começar de novo.

Na Inglaterra, um homem como Eliot pôde encontrar alguns dos elementos mais eficientes do seu estilo voltando trezentos anos atrás e indo buscá-los na obra de John Donne e da sua escola, os chamados metafísicos do século XVII. Dêste modo, o modernismo inglês (se é que se pode usar a palavra no caso), iniciado pelo movimento imagista anglo-americano (Pound, Lowell, Fletcher, Aldington etc.), se processou paralelamente ao "Donne revival" (cujo grão padre foi Eliot), nutrindo-se do seu conceitismo fecundo, da sua orientação acentuadamente intelectualista. Donne foi o homem que cantou a pulga que mordia a sua amada e, mordendo-o após, misturava irremissivelmente os dois sangues que ela, amada, não queria misturar doutro modo. Juntamente com o fulgor dos conceitos e das argúcias, uma indiferença pelos temas nobres, que explica a sua atualidade.

A poesia inglêsa contemporânea, portanto, deve mais a um restabelecimento de velhas tendências do que a uma renovação integral. E pôde por isso — por ter-se entroncado na tradição — adquirir uma estabilidade e uma permanência nem sempre concedidas aos modernistas dos outros países, que não encontraram grande coisa a retomar nas suas respectivas tradições e consumiram tempo e fôrça na pura destruição, no preparo duma duvidosa e difícil tábula-rasa.

Nos dois citados poemas do grupo Prufrock e na maioria dos que compõem o primeiro volume de poemas, é evidente o que indiquei. O conceito, a argúcia, os simbolismos, a piada, a vulgaridade, o sarcasmo, a grosseria mesmo, concorrem juntos, em pé de igualdade, para criar uma peça de alto e magnífico lirismo pessoal. Um lirismo novo, em que o elemento intelectual não se distingue do afetivo nem o perturba, mas, pelo contrário, adquire, junto com êle, um alcance que a êle só não seria dado. O "Love Song" é admirável poema de ironia transcendente, que assume todos os matizes e, voltada com uma clarividência iluminadora para dentro do eu, é, não raro, motivo da mais profunda emoção. O poema começa por uma imagem arrojada, que deve ter caído como bomba no calmo seio da poesia georgiana:

"Vamo-nos pois, tu e eu, — Enquanto a tarde se espicha contra o céu — Como um doente cloroformizado sôbre a mesa".

São muitos, portanto, os elementos que dão unidade à primeira fase de Eliot. E' uma fase de observação irônica, de crítica social e impiedosa auto-análise. Os temas mais frequentes são o contraste entre o esplendor da vida genuína — simbolizada nas tradições clássicas — e a vulgaridade da existência cotidiana, mergulhada na busca do prazer imediato e desprezando os valores; a pusilanimidade do homem-rebanho, encolhido no conformismo e na aceitação; o sentimento de desperdício do nosso mais precioso quinhão, o tempo. E por sôbre tudo isso, uma nota permanente que se assemelha bastante ao cinismo, e não raro ao desdém. Em "Sweeney among the nightingales" (1920), o personagem que tem êste nome e que aparece em mais quatro poemas, inclusive "The Waste Land", sempre personificando a mediocridade chata — Sweeney, pois, está metido numa cela alegre. O poeta satura trinta e seis versos com uma dose tremenda de vulgaridade para, nos quatro versos finais, associando-o a um rouxinol cujo canto se ouve perto, invocar o assassinato de Agamemnon, que esmaga a cena de orgia desapaixonada com uma rajada de tragédia e fôrça. Em "The hollow men" (1925), o debate sôbre a mesquinharia e o vazio do homem contemporâneo chega ao máximo. Para muita gente aborrecida com o exibicionismo intelectual dos poemas mais longos, esta é parte duradoura da sua obra. Pensa dêste modo o meu amigo Giuseppe Occhialini, profundo em poesia inglêsa. "The hollow men" tem cinco pequenas partes em metro curto e Vinicius de Moraes verteu-o admiràvelmente para o português ("Os homens ocos", in "Lanterna Verde", n. 7, agôsto de 1943). Eis a primeira parte:

"Nós somos os homens ocos — Os homens empalhados — Juntos curvados — O crânio cheio de palha. Ai de nós! — As vozes ressequidas — Ao côro que fazemos — São quietas, são alvares — Como vento em grama sêca — Ou rato correndo em vidro moído — Na nossa adega sêca. — Vulto sem forma, sombra sem côr — Fôrça paralítica, gesto sem moção;

Aquêles que cruzaram — De olhos fixos o outro lado do reino da morte — Lembram-nos, talvez, não como — Terríveis almas perdidas — Mas como os homens ocos — Os homens empalhados".

No seu caráter condensado e uno, é certamente o mais sombrio dos poemas de Eliot, aquêle cujo impacto (para usar uma expressão cara a Occhialini) é mais direto e eficiente. Os homens que vimos fluir pela ponte de Londres, sombras do Limbo, rebanho estereotipado, voltam com uma intensidade terrível. O mundo é apenas um "lado do reino da morte", e a "terra estéril" é ainda mais sombria e sinistra, se possível:

"E' esta a terra do cacto — E' esta a terra defunta — Aqui imagens de pedra — Se levantam e aqui se junta — A súplica da mão de um homem morto — À luz de uma estrêla morta".

Em meio à desolação, à confusão e à treva, aparece em "Os homens ocos" o vislumbre de um apêlo à religião. Cinco anos antes, em "The Hippopotamus" — um dos seus mais belos poemas — Eliot não só já contrastava a permanência da Igrêja com a vacuidade do efêmero, como indicava a sua eficácia redentora. Só ela lhe parecia capaz de fundir os contrários, tema que vai se espraiar em "Ash Wednesday". Em "The Hippopotamus", o efêmero recebe a glória da exaltação final, eternizado pela fôrça da Igreja. Depois de um jôgo magnífico de imagens irônicas e sérias, o hipopótamo sobe aos céus e toca harpa, lavado pelo sangue do cordeiro, beijado pelas virgens mártires, enquanto a Igreja permanece em baixo, plantada entre os vícios da terra. Se êste tratamento irônico e sarcástico do problema ainda não revela um crente, revela pelo menos a preocupação dirigida neste sentido. Em meio à terra árida do seu tempo, o poeta procura algo de permanente e duradouro, que solva as contradições e, não obstante o seu caráter terreno, permita a redenção do pecador-hipopótamo.

Para têrmos uma idéia dos problemas que alimentam a poesia de Eliot neste período, basta-nos lembrar do "Contraponto", de Huxley. Êste romance, de 1928, é uma espécie de retomada, no plano da ficção, do mesmo sentimento que inspira "The Waste Land". O hedonismo epidérmico, o desvario ideológico, o esnobismo intelectual se agravaram na Europa com o desequilíbrio trazido pela Grande Guerra. Êstes sintomas de crise da consciência burguesa, acompanhando a própria crise estrutural da burguesia, se refletiram fundamente na literatura e na arte, como é sabido. Tanto Eliot quanto Huxley empreenderam a análise do fenômeno — um por meio do simbolismo poético, outro do romance. Lucy Tantamount é parente da granfina da 2.a parte de "The Waste Land", cultivando ambas uma certa ferocidade, exasperada pelo refinamento e pela falta de apoio moral. O interlocutor, cínico e irônico, bem pode ser um outro Spandrell.

A primeira parte da obra de Eliot, pois, é construída em tôrno desta idéia de crise de valores, à qual êle procura dar uma solidez maior que a de simples constatação, por meio dum verdadeiro estaqueamento intelectual. Procura drenar o pântano com a revalorização dos grandes temas. Brevemente, procurará revalorizar os grandes princípios. Êste senso tradicionalista, ligado porventura à sua origem puritana da Nova Inglaterra, fortificou-se com o convívio dos clássicos. Dante foi dos poetas que mais estudou. Dryden e Donne forneceram, ao lado do simbolismo francês, as principais sugestões da sua forma. Não seria de estranhar que êle se abrigasse de todo à sombra da tradição. Foi o que fêz em 1927, convertendo-se à Igreja Anglicana, ou, como prefere dizer, à Igreja Católica Inglêsa. Mais precisamente, converteu-se ao partido da Igreja Alta. Na Igreja de Inglaterra, o "High-Church Party" se opõe ao "Low-Church Party". Enquanto êste aceita a doutrina calvinista da predestinação, afirma a salvação pela fé e dá menor importância à tradição evangélica, às formas e ao rito (ao caráter institucional da religião, numa palavra), aquêle se apega ao formalismo como a elemento essencial. Permanece, pois, mais próximo à Igreja Romana, quando o "Low-Church Party" é mais chegado ao protestantismo. Eliot escolheu justamente o setor mais formal e tradicionalista do Anglicanismo. Em 1928 declarou-se anglo-católico em religião, monarquista em política e clássico em literatura. Manobra triplicemente reacionária, mas admiràvelmente consequente. Digna de admiração pela sua coerência. Mais normal, porventura, que a dos católicos-esquerdistas ou dos monarco-futuristas...

Da desolada "terra estéril" do após-guerra, muitos intelectuais saíram para soluções de reação ou de fuga. Eliot para o catolicismo inglês, Ezra Pound para o fascismo, Huxley para o transcendentalismo. No caso citado, os três fugiram, também, ao seu meio natal. Eliot, norte-americano, remontou a corrente e acomodou-se no regaço de S. M. Britânica; Pound, também norte-americano, fêz-se partidário e propagandista de Mussolini, morando na Itália desde 1924; Huxley, inglês, passou para a América do Norte, onde está aprendendo a combinar o seu vago misticismo pacifista, de afinidades hindus, com um alto senso de exploração comercial das próprias obras.

*

(Como diria o grande Fernandel, "Moi je dirais jamais rien — Mais je trouve que c'est pas bien"...)



EMPOSSADA A NOVA DIRETORIA DA SOCIEDADE PAULISTA DE LEPROLOGIA — Realizou-se ontem, no salão de conferências do Instituto "Conde Lara", da Fundação Paulista Contra a Lepra, a cerimônia da posse da nova diretoria da Sociedade Paulista de Leprologia, para o exercício de 1945. Tomaram assento à mesa os srs. Renato Braga, Moraes Junior, Oswaldo Freitas Julião, Humberto Cerruti e Paulo Rath. A sessão foi aberta pelo sr. Renato Pacheco Braga, presidente da diretoria cujo mandato findou, o qual, após pronunciar breves palavras alusivas ao ato, convidou o sr. Humberto Cerruti para proceder à entrega do prêmio "Raul Margarido da Silva", conferido ao sr. Freitas Julião. Esse prêmio foi instituído pelo sr. Salles Gomes Junior e destina-se ao melhor trabalho apresentado em sessão da Sociedade e publicado na "Revista Brasileira de Leprologia". Em seguida foi dada a palavra ao sr. Moraes Junior, que procedeu à leitura do relatório da diretoria anterior. Finda a leitura do relatório, falou o sr. Renato Pacheco Braga, que historiou os fatos principais de sua gestão, focalizando o êxito obtido pela Campanha "Pró-Fundação do Instituto de Pesquisas Terapêuticas da Lepra", que já arrecadou quantia superior a dois milhões de cruzeiros. Dada a grande repercussão que encontrou a referida campanha, por parte do povo de São Paulo, prevê-se, fàcilmente, o seu sucesso. A seguir foi dada posse à nova diretoria, composta dos srs. Demetrio Alves de Toledo, presidente; Paulo Rath de Souza, vice-presidente; Argemiro Rodrigues de Sousa, secretário; João Baptista Zocchio, secretário geral, e Nestor Solano Pereira, presidente. Por último falou o presidente da mesa que, depois de agradecer a presença da assistência, encerrou a sessão. No clichê, um aspecto da reunião.

II Curso de Aperfeiçoamento em Oftalmologia

E' a seguinte a programa para a próxima semana do II Curso de Aperfeiçoamento em Oftalmologia: amanhã e dias 16, 17 e 18 das 8 às 10 horas: Lâmpada de fenda pelo dr. J. Mendonça de Barros e das 10 às 11 horas, Cirurgia, pelo dr. [illegible] Paula Santos. Essas preleções e exercícios cirúrgicos serão realizados na 1.a Clínica de Olhos da Santa Casa. Serviço do dr. J. [illegible] — das 8 às [illegible] horas: Patologia da Esclera, pelo dr. João Carneiro; das 9 às 11 horas: Demonstração [illegible] prática do uso do Refratômetro de Green, pelo sr. F. [illegible] da firma Bausch & Lomb do Brasil; das 11 às 12 horas: Oftalmoscopia, pelo dr. Renato de Toledo; quinta-feira — das 8 às 11 horas: Demonstração do uso prático do Refratômetro de Green, pelo dr. José Esteves; das 11 às 12 horas: Oftalmoscopia pelo d. Renato de Toledo; sábado — das 8 às 11 horas: Extração, pelo dr. Durval Prado e das 11 às 12 horas: Oftalmoscopia, pelo dr. Renato de Toledo. As aulas marcadas para os dias 16, 18 e 20 serão realizadas na sala de aulas da Clínica Oftalmológica da Escola Paulista de Medicina à rua da Liberdade [illegible].

Em continuação às séries de conferências noturnas estão marcadas para depois de amanhã, às 20 horas, na sede do Centro de Estudo de Oftalmologia à rua da Liberdade, [illegible], as seguintes: Anestesia em Oftalmologia, pelo dr. Renato de Toledo e Relações entre a Oftalmologia e a Otorrinolaringologia.

Tiro de Guerra 35

O Tiro de Guerra 35 acaba de eleger e empossar a sua nova diretoria para 1945 e que está assim constituída:

CONSELHO DELIBERATIVO: — Presidente, sr. Miguel [illegible]; vice-presidente, sr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro; secretário, Jorge de Oliveira e tesoureiro, sr. Dedo Franchini.

CONSELHO FISCAL: — srs. [illegible] e José Reynaldo de Lima.

Suplentes do Conselho Fiscal: — srs. Washington Lopes, Benedicto Rosa Neto e Luiz Mendes Prates.

Concursos do D.A.S.P.

Encontra-se afixado na Delegacia do I.A.P.I. o resultado final da prova de habilitação de Inspetor XV (Ensino Secundário) PH 453. Os candidatos habilitados devem comparecer no horário e no local abaixo indicados, munidos de duas fotografias 3x4, para exame de saúde.

INSCRIÇÕES ABERTAS: — Inspetor do Trabalho do M. T. I. C. até 25, Arquivista do S. P. F., até 15 do corrente.

No pôsto de inscrições do DASP, rua José Bonifácio, 237 — 1.o andar, diàriamente, das 8 às 10 horas, exceto aos sábados, os interessados encontrarão programas, fichas para inscrição e informações.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

T. S. ELIOT

III

Antonio CANDIDO

De 1925 a 1930 Eliot escreveu apenas três pequenos poemas: "Journey of the Magi" (1927), "A Song of Simeon" (1928) e "Animula" (1929). Cantos dum convertido à espera da grande inspiração religiosa, que veio em 1930 com "Ash Wednesday", o segundo grande poema. "A Jornada dos Magos", escrita no ano da conversão, exprime o sentimento de morte em vida que deve misturar-se a êste novo nascimento, que é a conversão. Numa linguagem extremamente simples, humana e quase familiar, um dos magos conta a sua jornada e a sua perplexidade final:

"... fomos levados por tôda esta distância para — Nascimento ou Morte? Havia certamente um Nascimento, — Isso era sem dúvida evidente. Eu já vira mortes e nascimentos. — Mas pensara fôssem diferentes: êste Nascimento — Fôra-nos agonia amarga e dura, como Morte, a nossa morte. — Voltamos às nossas casas, nossos Reinos, — Mas sem nos sentirmos à vontade, sem o antigo bem-estar, — Vendo um povo estranho agarrado aos seus deuses. — Preferiria uma outra morte".

Esta marginalidade do convertido, do homem que foi guiado por uma Estrêla (qualquer Estrêla) e se desprendeu por isso do antigo eu, ficando na inadaptação do novo estado, separado dos antigos lares — o poeta vai lentamente perdê-la. "Ash Wednesday" é um grande poema religioso, que nos fala da sua conversão e da sua serenidade. Após a agitação vã, a dúvida e a loucura, uma redentora "quarta-feira de cinzas".

Bem menor do que "The Waste Land" (433 versos), "Ash Wednesday" (218 versos) é concebido e feito de modo diverso. Renunciando a técnica das alusões específicas, ou usando-a apenas incidentalmente, Eliot forja aqui um sistema de símbolos diretos, quase sempre verdadeiras alegorias. Apresenta ao leitor um encadeamento de imagens que bastam a si mesmas como fatôres de emoção, mas que, tomadas de um modo geral, no contexto do poema, funcionam como elos de um roteiro poético, no caso, a conversão. A Senhora, os Leopardos, o unicórnio, a gazela, as côres, a escada, têm um valor encantatório próprio, e despertam em nós emoções e ritmos independentes de qualquer outro valor. Não obstante, a sua influência só nos é integralmente transmitida se lhe atribuirmos certos valores alegóricos, aliás fàcilmente apreensíveis quando lemos o poema com atenção, alertas ao jôgo das associações e tendo em mira o seu caráter de experiência religiosa.

Depois da grande discussão que o Simbolismo acendeu em tôrno das imagens poéticas, houve uma espécie de divórcio do símbolo e da alegoria. Esta passou a significar mais ou menos chapa, imagem convencional, sem a surprêsa permanente que borbulha na indeterminação do símbolo. Lendo o "Apocalypse", de D. H. Lawrence, tem-se um quadro interessante da contenda. No entanto, não há esta divisão estanque entre um e outro. Tôda alegoria é justa e aceitável na medida em que tem a frescura e o encantamento do símbolo, e todo símbolo eficiente tende a equilibrar-se como alegoria. Exemplo: o cisne de Mallarmé — que não esperava ver-se metido nesta canoa.

Na Idade Média a grande poesia é alegórica, assim como o pensamento e a arte. O maior poema criado pelo espírito humano, a "Divina Comédia", é um sistema de alegorias. O nó do problema reside alhures. Trata-se, não de dizer que a alegoria é vazia de conteúdo poético, nem que se torna fàcilmente chapa, mas explorar as suas possibilidades. A grande alegoria é aquela: 1.o) que tem um valor poético, independente da sua função; que existe, enquanto valor poético, independente da sua função; quando leio o sonêto de Mallarmé, antes de me ocorrer que o cisne é o símbolo da pureza poética, sinto uma emoção ligada à própria beleza da imagem e das circunstâncias em que ela atua; 2.o) que, uma vez dada a chave, permanece capaz de despertar emoções e resiste ao clichê.

O próprio Eliot nos diz coisa parecida no seu ensaio sôbre Dante, estabelecendo a validez e a autenticidade das alegorias. Neste ensaio, escreve muito bem que a alegoria funciona na obra de Dante porque o processo normal do pensamento da Idade Média era o alegórico. Hoje, diz êle, temos apenas sonhos, e não mais visões, daí a defasagem entre a alegoria e a nossa sensibilidade. A tentativa da sua poesia, especialmente em "Ash Wednesday", é criar uma atmosfera em que seja possível a visão, a aceitação do significado do mito e das imagens, a submissão de tôdas as faculdades ao poder da poesia.

O ensaio sôbre Dante (que vem nos "Selected Essays") é de 1929; coincide quase com "Ash Wednesday" e é um elemento precioso para compreendê-lo — o mundo da alegoria dantesca, em que o poeta estava mergulhado, esclarecendo as imagens e a natureza do poema. Entenderemos melhor a êste se encararmos a sua imagería de um ângulo por assim dizer medieval, dantesco; e é nisto justamente que reside a ousadia da tentativa de Eliot. Se num mundo em que a visão era forma de conhecimento o pensamento do homem tendia naturalmente a se organizar sob forma alegórica, no nosso a alegoria tende a adquirir um caráter disfuncional. "Para os que gostam apenas da pompa séria da realeza, da igreja e dos funerais militares, a pompa que encontramos aqui (no "Purgatório") e no "Paraíso" parecerá aborrecida... Ela pertence ao mundo do que chamei alto sonho, e o mundo moderno parece capaz sòmente de baixo-sonho". Ora, o milagre da poesia — o humaníssimo milagre da poesia — reside precisamente no fato dela ser capaz de criar um mundo em que, temos a impressão, o sonho vem do alto, e não de baixo. Um mundo onde o rumor das vísceras se sublima em harmonia de esferas. Em que pese a Eliot — porque Eliot, a fim de restabelecer o valor da alegoria, apela para o elemento transcendente, o sentimento religioso. Ora, parece-me que o grande, o magnífico poder da poesia não reside no fato de ela ser um intermediário entre o homem e o mistério, mas no fato de ela criar o mistério, que nos parece depois envolvê-la e condicioná-la. A fôrça de um poeta como Eliot — um altíssimo poeta — é devida à sua capacidade de criar aquela atmosfera encantada, onde o sonho parece descer do alto e comunicar-nos com algo de supremo, como as visões de Dante na "Vita Nuova".

No seu ensaio, Eliot escreve que "o método alegórico de Dante traz grandes vantagens quando se escreve poesia: simplifica a dicção e torna as imagens claras e precisas. Na boa alegoria, como a de Dante, não é necessário compreender primeiro o sentido para apreciar a poesia, mas a nossa apreciação da poesia é que nos dá vontade de compreender o sentido". E' o caso de "Ash Wednesday". Nunca, como nêle, conseguiu Eliot afastar tão completamente o elemento discursivo, para confiar o seu canto ao puro valor das imagens. De tal modo que antes de serem alegorias elas já são imagens puras e magníficas.

A segunda das seis partes do poema, por exemplo, fala de três leopardos brancos que devoraram o poeta, mas por intercessão duma dama de branco os ossos espalhados cantam a Deus, e êste lhes dá a terra como quinhão a dividir.

E' um admirável poema, construído em tôrno dêste jôgo de brancura — o pêlo dos leopardos, a veste da Senhora, os ossos — numa paisagem pré-rafaelista de zimbros, donde brota o cântico. No bestiário medieval o leopardo ("La lonza" do 1.o Canto da "Divina Comédia") é o símbolo da luxúria; não é difícil ver, no caso, que o embate das paixões destroçaram o poeta, e êste procura redimir-se por intermédio da Dama de branco. Esta pode ser uma espécie de Beatriz, uma Virtude corporificada, alegoria do Amor Sagrado; mas os versos do cântico nos esclarecem que deve ser a própria Igreja. Com efeito, em "The Hippopotamus", dez anos antes, Eliot dizia que

"The church can sleep and feed at once", o poema sendo construído sôbre a idéia de que enquanto o efêmero é vítima das contradições e precisa ser redimido, a Igreja as supera e redime, contendo-as no seu caráter onímodo. E' a idéia do cântico:

"Senhora dos silêncios — Calma e aflita — Dilacerada e intata — Rosa da memória — Rosa do esquecimento — Exausta e partejante" etc.

Através da Dama o poeta recebe o toque da fé (cuja côr é o branco) e passa a buscar a salvação.

E' o assunto da terceira parte, consistente numa série de imagens de ascenção duma escada. Aqui é flagrante o paralelismo com o "Purgatório", onde o pecador progride por círculos cada vez mais altos:

"Na primeira volta da segunda escada — Voltei-me e olhei em baixo — A mesma forma enroscada no balaustre — Sob o vapor fétido do ar — Lutando com o demônio das escadas..."

"Na segunda volta da terceira escada — Uma janela bamba inchada como um figo — E além do espinheiro em flor e do panorama campestre — A silhueta espôsa vestida de azul e verde — Deleitava a primavera com uma fruta antiga".

A quarta parte é o eixo do poema. Uma série de imagens e côres (verde, violeta, azul e branco), de bichos raros (unicórnios recamados, corças douradas), águas e freixos, enquadram a figura feminina que era a Dama de branco da segunda parte, a musicista de azul e verde da terceira, e que nesta vai com as côres de Maria, branco e azul, revigorando as fontes, humidecendo afinal a "waste land". O poeta é aqui dotado do "alto sonho", porque os milagres se sucedem; o tempo está para ser redimido e êle se recomenda à "silenciosa irmã" com a súplica de Arnault: "Sovegna vos".

"Quem ia por entre a violeta e a violeta... — Quem então revigorou as fontes e refrescou as nascentes — Esfriou a rocha sêca e deu firmeza à areia — Vestida de azul-pervinca, azul da côr de Maria — Sovegna vos."

"Aqui estão os anos que desfilam levando flautins e flautas, restaurando — A quem passa pelo tempo entre o sono e o despertar... — ... Redimi — O tempo. Redimi — A visão confusa do mais alto sono — Com recamados unicórnios levando douradas corças."

Na quinta parte o poeta está em contato com o verbo e a sua encarnação, cujo mistério é aqui simbolizado num jôgo de palavras (word, world), sempre com a presença da "velada irmã". A rendenção se aproxima, porque a parte acaba com uma imagem em tôrno do paraíso. O paraíso que se transformou em deserto, (a "waste land"), reviceja. Os pecadores, cujo destino em face da Dama se discute nesta parte, não são abandonados por ela, pois cospem a semente da maçã. Está redimido o tempo:

"A velada irmã, por entre os finos teixos — Rezará por aquêles que a ofenderam — E estão aterrorizados e não podem render-se — E afirmam ante o mundo e negam por entre as rochas — No último deserto entre as últimas rochas azues — O deserto no jardim e o jardim no deserto — Da sêca, cuspindo da bôca a semente murcha da maçã. — O meu povo."

A sexta parte termina o poema como uma prece,

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

A QUADRAGÉSIMA PORTA

Antonio CANDIDO

"A Quadragésima Porta" (1) se situa numa linha do romance brasileiro que passou incólume pelo movimento renovador de Trinta, tendo se originado em certa atmosfera carioca da década de Vinte, na qual se situam escritores como o autor, o sr. Barreto Filho etc..

Para compreendermos bem este romance complexo e podermos situá-lo na nossa história literária, é preciso abordá-lo por mais de um aspecto — tomar umas três cu quatro portas para chegar às quarenta; pequenas portas que não teem prefixos musicais ou poéticos nem conduzem ao Mistério, mas que abrem asseadamente para um pátio de clareza e de análise.

Antes de mais, esse é um livro sintoma e um livro símbolo, se o encararmos do ponto de vista da sua situação do seu significado social.

A primeira carateristica que nele chama a atenção é o seu alheamento absoluto a tudo que seja gosto do momento, preferência do público, correntes literárias. Esse alheamento, alem de indicar uma vocação real e superior é a marca de um evidente aristocratismo, cujas raizes nos ajudarão sem dúvida a penetrar no sentido da obra.

"A Quadragésima Porta" é o romance que exprime por excelência alguns dos estados de espirito e das atitudes de uma certa burguesia litorânea que pesou decisivamente na orientação social artística e literária do Brasil no periodo que vai do Encilhamento ao *crack* de [illegible] Que se nutria de valores europeus e considerava o seu país — onde se sentia despaisada — como uma linha pontilhada ao longo da costa, apoiando-se na enorme massa de terra de uma região exótica de que lhe falavam os contos de Affonso Arinos Que tinha a vocação do cosmopolitismo e o culto da viagem à Europa, de onde importava tudo desde o leite condensado e a manteiga suiça. Dessa burguesia extremamente brilhante e sem consistencia real, marginalizada culturalmente por um desejo doentio de participar, custasse o que custasse, das radiações do ocidente europeu, o livro do sr. José Geraldo Vieira é o mais brilhante sintoma e porventura a suprema afirmação literária. A geração do sr. José Geraldo Vieira é a última, ou penúltima, que viveu da paixão pela Europa — conhecida a palmo e cantada em prosa e verso — e o seu livro é a libertação de um imenso recalque: o do complexo cosmopolita fixado na conciencia da burguesia litorânea do Brasil. Porisso, passa-se no mundo ideal, na Pasárgada do burguês brasileiro que bebia os ares do velho mundo e de que Eduardo Prado é o paradigma ilustre.

O lugar da ação é Portugal e, sobretudo, Paris. O mundo em que vivem os seus personagens centrais — portugueses — é aquele com que sonhavam os brasileiros de boa familia e alevantados propósitos, que pudessem ter na carteira gordas letras de câmbio sobre as praças de Londres, Paris, Berlim, Roma Lisboa Mundo em que há titulares da nobreza, embaixadores estetas, magnatas de alma sensivel, intelectuais da moda grandes músicos, boêmios famosos. Gente para o forasteiro, estranha e, "*chic a valer*", como diria o Damaso Candido de Salcede Em que o amor pelo requinte se casa com o fervor pela arte (a Arte) e a admiração pelas instituições democráticas, em que caiba a aristocracia do espirito e das maneiras.

O sr José Geraldo Vieira reconstitue a atmosfera de entre as duas guerras, ao aspecto cosmopolita, sob que a amavam os turistas, sul e norte-americanos, sob o qual a amavam os brasileiros ricos que nela iam residir e os pobres que daqui ficavam suspirando por ela. Sonho de verão de um burguês recalcado, o seu romance é intrínseca e intimamente, do ponto de vista ideológico um fruto do idealismo burguês que caraterizou o nosso século até a presente guerra. Nem podia deixar de ser assim.

Os personagens centrais — a familia do velho Albano — são uns felizardos, donos de grandes quintas em Portugal, onde possuem tambem uma companhia hidro-elétrica; co-proprietários de companhias internacionais de petróleo e de uma monumental agência telegráfica. Teem palacetes no campo português; casas em Lisboa e Paris; vasta propriedade em Arcachon, no sul da França, na qual há nada menos que uma pista de aviação um campo de polo, *links* de golf etc., alem do mar que Deus dá graça até para os ricos.

Ora, gente de tal modo bem dotada pela Divina Providência (representada na familia pelo erudito prelado Dom Maxencio irmão do velho Albano) tem forçosamente o necessário complemento psicológico: uma bela alma. E' um despotismo de belas almas. Belas almas por todo o lado: no velho Albano: no bispo: na irmã dona Mariana: nos dois filhos Bruno e Gonçalo na nora. Brígida; no neto e personagem central, o moço Albano Como convem, todos eles amam o Belo, o Justo, o Bom, São, mesmo, Belos, Justos, Bons. Teem Fé, Esperança e Caridade e a sua vida é um tecido sutil das três virtudes teologais, amansadas, refinadas, passadas pelo crivo tênue da mais requintada formação artística. Todos eles teem uma queda invencivel pelos aspectos nobres da vida e conteem uma quantidade máxima de energia moral, infinita compreensão, espirito de sacrificio dedicação ao Ideal. E' claro que os demais problemas da vida estão para eles sanados graças ao número de ações que teem nas grandes companhias internacionais. O sr. José Geraldo Vieira como que quis colocar os seus personagens centrais acima e alem da contingência económica afim de temperar ao máximo, apurar nos minimos e refinados detalhes a bela alma deles.

Ora, o culto frenético da bela alma, sublimação desta série de esplêndidas condições materiais de vida, só pode levar ao hiper-personalismo que carateriza o livro e que é a *tarte à la crême* do pensamento burguês. Porque é claro que Companhia de Petróleo + Casa em Paris + Agência Telegráfica = Umbigo maior que o Mundo, a menos que o paciente seja o Príncipe Kropotkine o que não é o caso. E como na ordem da especulação lógica as noções mais gerais teem precedência hierárquica, os heróis do sr José Geraldo Vieira hão forçosamente de contemplar mais o próprio umbigo do que o mundo. Tudo se transforma em matéria de experiência pessoal, de aventura da personalidade e da sua bela alma. O homem se torna de fato, a medida de todas as coisas. O importante é a *busca* rimbaudiana e gideana que norteia esses nobres Nathanaëls, num esforço infrutífero de encher o vácuo perpétuo da própria disponibilidade que lhes rói a bela alma como o abutre ao fígado de Prometeu.

O drama do livro e a sua força veem dessa precedência fatal e terrivel do umbigo sobre o mundo. Porque, bem formados como são, esses portadores de belas almas, que são os personagens, queriam dar prioridade ao mundo com as suas dores. Isso porem está acima das suas forças; da fatalidade das suas ações de Companhia; da falta de vitalidade social; do tóxico insinuante do diletantismo; do culto inevitavel ao raro e ao que só acontece uma vez. Mesmo quando pensam dar-se totalmente — na criação artistica, no altruismo, na ação social — o que estão é dando pasto ao nobre e bem formado Nathanael que trazem na alma. Estão equacionando o mundo em função do próprio eu — o autor a colocar acima de tudo o problema da auto-realização num aristocratismo, mais que individualista, egocêntrico que tudo reduz à categoria de combustivel para as reações interiores E' que as ações do homem não se definem apenas segundo sua vontade ou na criação literária, da dos seus demiurgos, mas, tambem, segundo uma série de condições de ordem externa, que formam o seu próprio engrandecimento e a escala por que se lhes define o valor Não é impunemente que um homem descende de outro que, "Sempre muito ligado a ingleses" entabola "as bases e os planos para a concessão de petróleo em que a metade do território persa". A sua posição material no [illegible] sempre contas e lhe traçará diretrizes, como certo misterioso personagem ao Estudante de Praga, que perdeu a sombra — aquilo que o projeta sobre o semelhante — para guardar apenas a própria aridez.

E' interessante buscarmos o sintoma desse drama de precedência na atitude do autor diante da Rússia, que encarna por assim dizer, no livro, os problemas sociais. Como belas almas que são, os heróis do sr. José Geraldo Vieira não podem deixar de se preocupar com eles, canterburianamente. Assim é que Gonçalo vai parar na Rússia em 1917; assiste à Revolução e lá fica até 23, participando do esforço soviético de construção, com o qual está de acordo. Quando volta, põe-se a militar? Não: a *melhorar* a condição dos camponeses... da sua quinta — o que leva uma tia piedosa a dizer (alguem poderia se enganar...) que "isso não é comunismo, é cristianismo". O resultado final da coisa é o enriquecimento da personalidade de Gonçalo, o alargamento da sua experiência pessoal o refinamento da sua bela alma

Foi à Rússia: lá sofreu, mas aguentou bem, como compete a um *gentleman*, e voltou acreditando em muito do que lá se faz'a.

Ficou apto para tomar um ar de devaneio compreensivo quando se falar à mesa dos problemas sociais. E, sobretudo, comprou um direito inestimavel: o de justificadamente e sem remorsos, continuar voando nos seus aviões de motores poderosos e jogando golf em Arcachon Educado pelos jesuitas, na França e na Inglaterra, quando tem que educar o filho é aos jesuitas ingleses que o confia. A Rússia... isso é outro problema Serviu para enriquecer a bela alma sensivel, que participou do *drama* russo como de um romance de Dostoievski e, na volta, canterburianamente, melhorou a sorte de uns tantos camponeses da sua quinta. E' a atitude individual e platônica diante do problema social, fruto inconciente das artimanhas da conciencia reacionária.

É evidente que não estou acusando o sr. José Geraldo Vieira, mas procurando definir o clima de seu livro e situar os seus personagens principais, procurando enquadrar, a um e a outros, no exterior. Um romance não vale propriamente pelas suas diretrizes ideológicas nem pelo seu significado social, mas pela sua realização artística efetiva, que procurarei analisar no próximo artigo. No caso, esta tentativa de situação, que é sempre o meu ponto de partida em crítica, se impõe, porque o autor afirma ter querido fazer um romance ecumênico.

Nascido do cosmopolitismo refinado da burguesia litorânea esse romance não é, como pretende o autor, ecumênico. Nem no sentido horizontal, de se sobrepor às fronteiras dos povos, nem no vertical, de se sobrepor as fronteiras das classes. E' o romance de uma classe, da alta burguesia internacional, que os recursos materiais dotaram de grande mobilidade horizontal, e dos clientes que lhe são satelites: [illegible] intelectuais, servidores. [illegible] significativamente ausente deste livro que ambiciona alcançar as coordenadas do ecúmeno, e nele só aparece nas pessoas dos apaniguados: funcionários empregados, domésticos. A unica figura semi-popular pela origem e pela conduta que alcança alguma independência e recebe bilhete de ingresso para uma das quarentas portas, abertas somente à *crême*, é o pequeno proprietário Cesário, mostrado sob os aspectos de usurário, falsário, grosseirão, a contrastar com a bela alma sensivel e as virtudes teologais dos donos do Mogadouro.

---

(1) — *José Geraldo Vieira* — *"A Quadragésima Porta"* — ***Livraria do Globo — Porto Alegre*** — [illegible]

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

A QUADRAGÉSIMA PORTA

II

Antonio CANDIDO

Por motivos que ficaram expostos, o fundamento ideológico deste livro grande burguês é um essencialismo personalista. Um essencialismo personalista que pelo menos metaforicamente, se apresenta como católico. Não sendo um romance católico, é um romance em que os problemas são propostos e, sobretudo, abordados segundo um sistema de metáforas e conceitos buscados em parte na terminologia dos escritos católicos. Esse clima ideológico, esse esteticismo catolicizante lhe dá um, cunho pronunciado de aproximação das essências, de tal modo que creio poder defini-lo, não mais à luz do seu condicionamento externo, que considero matéria exposta, mas segundo as suas tendências interiores, como um romance axiológico — querendo com isso dizer que é um livro cujo esforço principal é propor e desenvolver certos valores, mais do que estudar certo tipo de gente. Os personagens, e não só os centrais, de que cuidei no primeiro artigo, como os outros, vivem e agem segundo a obsessão com certos valores-núcleos, irredutiveis, que, mais que as circunstâncias comuns da vida, lhes condicionam o modo de ser.. Quando agem, é sempre em virtude de alguma coisa imponderavel que deve ser sobreposta aos interesses correntes. E' como se cada personagem andasse à busca de uma posição axiológica pela qual anseiam, de onde pudessem encarar a vida sem as limitações da contingência terrena.

Quando é fundada a agência "D.-U." não quer transmitir notícias nem ganhar dinheiro mas fazer algo de essencial para o século que, naturalmente, os seus donos não podem saber bem o que seja. Quando escreve ao marido ausente, Brígida não lhe fala com a linguagem da carne e do sangue, mas, procurando sublimar a uma e a outra, evoca motivos de ordem espiritual, dando à atitude de Gonçalo e à própria um sentido transcendente. ("Nosso convivio foi curto demais para que eu tivesse tempo de te dar provas da minha intensa organização espiritual, maior talvez que a amorosa", "...e Ohanian ... um ser em rotação constante, libertando-se da placenta da sua tragédia". "...certas almas procuram em outras o interregno dos paroxismos".)

Rejeitados para dentro deles mesmos e antepondo o Umbigo ao Mundo, os personagens do sr José Geraldo Vieira teem de se lançar, como de fato se lançam, à busca da transcendência, desse quid de que se aproximam às vezes, mas que nunca atingem, o livro ganhando força e vigor dessa procura ansiosa e permanente.

Da direção axiológica, decorrem naturalmente os temas e as preocupações do autor e dos personagens — que se apegam às atividades e às idéias que lhes facilitem a aproximação dos valores, a escalada da quadragésima porta. Os núcleos axiológicos do livro (com todos os perdões pela expressão rebarbativa) são poucos e decisivos, podendo talvez reduzir-se a um só: o drama da escolha na conduta do homem. Em torno dele dois outros, que lhe dão sentido, segundo o autor e seus personagens: o da [illegible] e o da arte, esta encarada finalmente como uma espécie de caminho para a outra.

Se tomarmos todo o grupo de personagens da "D.-U." veremos que eles se dividem em duas fases: a primeira, do tempo de Gonçalo, compreendendo Michael Bodington, Kravchenco a Ohanian, Gilberto e Marcelo; a segunda, do tempo de Albano neto compreendendo dois grupos que são herdeiros de Gilberto e de Marcelo. De um lado, Morange e os seus; de outro, os de Thoreno, Torremusa, Klopenberg etc. Esses grupos antagônicos, simbolizados no par Esaú e Jacob que são os irmãos Helló, representam, duma parte a solução reacionária (alegoricamente, o ingresso de Gilberto nos dominicanos), de outra, a revolucionária (alegoricamente, a atividade de Marcelo na Internacional comunista). Os personagens todos são alegorias desse problema capital de escolha salvo os que permanecem no centro, alheios ao drama: De Merlin Norris, Lady Karakheia, Mlle. Huby.

A preocupação axiológica leva o autor a transformar os seus personagens em alegorias, não lhes respeitando a autonomia e o destino. Usa-os como ilustração, como instrumento dele ou dos personagens centrais para a busca dos valores. Quando não precisa mais deles liquida-os sumariamente. Exatamente da maneira por que a grande burguesia imagina as suas relações com os seus semelhantes de outras classes.

Como se vê, é um romance essencialmente intelectualista. Um romance de cultura nos dois sentidos: o intelectual e o biológico. Um romance em que o drama é maior do que os personagens: em que o drama não nasce deles como no admiravel e humanissimo "Fogo Morto" do sr. José Lins do Rego, mas paira acima deles e lhes condiciona a existência.

Sendo um romance intelectualista, "A Quadragésima Porta" é tambem um livro de erudição literária e artística (coisa rara entre nós), em que os caminhos se abrem entre tufos densos de citações, de sutilezas mergulhos em profundidade, de jogos verbais de toda a espécie. Os personagens se dizem coisas tremendas ("... te vi... metarmofoseada em nova Jerusalem, da fronte ao ombro toda incrustada de pedras preciosas"); se chamam a três por dois de Savroguine, falam da Bíblia sabem Homero de cor, pilham Dostoievski, sabem de requintes do Oriente. Lembro-me de certo personagem de "Pane e Vino" de que Silone diz que tinha "il genio di creare la belleza conveniente" — e me ocorre que o sr José Geraldo Vieira é exatamente o contrário. Sua ascendência dá muita volta, mas não há dúvida que passa por Gongora e acaba em Alexandria, com escalas por Bizâncio. Nunca o vemos chegar diretamente à vida, que vem para o seu livro através de um laboratório em que há as retortas mais labirinticas e mais sinuosas.

O tratamento que dispensa aos temas é ainda uma consequência do axiologismo que vimos reger a vida dos seus personagens. Em cada coisa ele procura realçar uma qualidade que a eleve a valor estético, entrando em cena a sua qualidade verdadeiramente proustiana de anastomosar as essências unificando domínios aparentemente estanques, simplificando as disparidades, pondo em relevo as afinidades secretas através da metáfora criadora.

No entanto neste trabalho de anastomose profunda, de ligação subterrânea, que é um dos alvos da filosofia e da arte, em busca da ilusão da unidade o sr. José Geraldo Vieira não atinge o seu intuito, porque não consegue inserir as suas imagens e as suas redes no plano por assim dizer essencial em que as sabe colocar um Proust, por exemplo. E' que em Proust, as coisas se tornam significativas, necessárias, ganhando a sua justificação graças à atmosfera *essencial* em que mergulham. A atmosfera do sr. Geraldo Vieira não é essencial (o esnobismo, por exemplo, continuando as mais das vezes a não passar de esnobismo), embora autor e personagens se esforcem sempre por atingir aquele estado de graça estético, dostoievskiano, proustiano ou kafkiano, em que os valores se desprendem da valorização que teem na vida cotidiana para atingirem um outro, como que transcendente e definitivo.

Em Proust as coisas menos importantes em si — o armorial, a etiqueta, a suma do esnobismo — parecem valores reais e essenciais misteriosamente ligadas à arte e concorrendo com ela para aquela impressão monista da "Divina idéia do mundo, que jaz no âmago das aparências", de que fala o velho Carlyle, citando Fichte. No sr. Geraldo Vieira apesar da sua capacidade de ligação, temos frequentemente a impressão de *étalage*.

Mas, nessa busca de processos de expressão que lhe permitam uma aproximação mais efetiva com os valores, o sr. Geraldo Vieira realiza uma das tarefas mais importantes da literatura que vem a ser a abertura de *possibilidades*, de vias de expressão que, se afastando de uma dada rotina violentamente de certo medo e afirmam mais decididamente alguns aspectos do espírito, da sensibilidade ou do mundo, antes aprisionado pela estreiteza da convenção literária. Na moderna literatura brasileira (ao que eu saiba ou me lembre, e descontando o jogo infeliz do sr. Jorge de Lima), o sr. Geraldo Vieira guardará o mérito de ter rompido com o nexo lógico e aberto uma nesga para explorações mais ousadas da alma humana. Assim é que no seu livro há um anjo. Um anjo de verdade, e mesmo mais de um, que não são alucinações nem metáforas. E o anjo Azael, significa exatamente o pivô em torno do qual gira a parte principal do livro — a paixão e a criação de Albano — a saber o problema da conduta do homem tomada entre a graça e a danação. Entramos por aí num clima de "Sparkenbroke" — guardadas as devidas proporções — em que o amor se eleva a meio de conhecimento e via por excelência para algo de transcendente e inefavel que seria o supremo conhecimento: a criação artística e a morte para Charles Morgan; a criação artística e a graça, a redenção para o sr. José Geraldo Vieira.

O livro adquire uma grande largueza com a intervenção do anjo, que passa a ser uma espécie de padrão hipostático do comportamento e da criação de Albano. E graças a ele ganhamos uma das paginas incontestavelmente mais belas da literatura, que é a 351 do romance, na qual os anjos, simbolizando a presença da censura moral, cristãmente encarada como o pecado, dão um ritmo de grandeza à posse dos amantes. E é sintomática, confirmando a minha hipótese, a presença da noção metafísica do pecado nesse livro representativo de uma velha civilização — em contraste com a maioria da nossa ficção moderna, cheia de vitalidade nova e sadia.

Outro aspecto raro entre nós, observavel na "Quadragésima Porta", é a participação da música, que aparece, não como glosada ou servindo para digressões, como no sr. Erico Verissimo, mas sendo como que criada em prosa de ficção. Como, Proust *compõe* a sonata e, depois, o septuor de Vinteuil, o sr. José Geraldo Vieira *compõe* um septuor e, sobretudo, uma sinfonia, que, sem serem aquele prodígio da composição proustiana — por mais ilustrativa e, às vezes, quasi figurativas — são sem dúvida alguma uma tentativa interessante e, entre nós, inédita.

Quanto à via de expressão, o livro é formado sobretudo pela fala e pelas cartas dos personagens, que se exprimem longamente, em diálogos e monólogos intermináveis com largo consumo de metáforas, citações, comparações, enumerações.

O que mais impressiona neste livro é seu desligamento total do Brasil, dos nossos problemas, da nossa maneira de ver os problemas — como desligada do Brasil era e ainda é a classe de que ele é a expressão e o símbolo.

A sua escala — nisso cai ao mesmo tempo um elogio e uma reprovação — é muito mais ampla do que a habitual na nossa literatura. A sua categoria, mais universal, condicionada por problemas de ordem mais permanente e de âmbito mais geral do que a dos nossos escritores. O estilo é corretíssimo e rebuscadamente trabalhado. De brasileiro nada tem. Qualquer Camilo transviado não se negaria a perfilhá-lo. Quanto ao capitulo das influências, o próprio autor já tomou o cuidado de esclarecê-lo citando Proust, Gide, Joyce, Morgan, Huxley etc..

Em resumo, "A Quadragésima Porta" é um livro de valor considerável que prende o leitor desde o começo até o fim ridículo e inglês dramático, em que o jovem herói alista a sua bela alma a serviço da RAF. A sua forte intelectualização, a força dos problemas que aborda e levanta, a volúpia paciente com que o autor se alonga através dos períodos castigados, fazem dele um bloco que se impõe e que permanecerá. Que provoca não só a admiração, e nos faz tambem desejar ardentemente que nunca mais sejam possiveis no Brasil obras semelhantes e classes que tornem possiveis e significativas

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

"CONFISSÕES DE MINAS"

Antonio CANDIDO

Para quem observa com certo cuidado a literatura brasileira moderna, um dos seus fenômenos mais interessantes é a posição dos romancistas e dos poetas em face da Prosa. Fora da ficção, os romancistas brasileiros geralmente são maus prosadores. Contrariamente a um preconceito muito vulgarizado, são os poetas que têm entre nós maior capacidade de organizar o seu pensamento e disciplinar a sua língua. Não estarei descobrindo uma lei, é claro; mas estou sem dúvida nenhuma afirmando uma verdade de ordem bastante geral. E' chocante, com efeito, como os srs. José Lins do Rêgo e Jorge Amado, por exemplo, — dois poderosos criadores de beleza — descem de nível quando se trata de organizar idéias no papel. Há, não resta dúvida, as exceções. O sr. Oswald de Andrade é um mestre do artigo e da polêmica, e talvez seja mesmo melhor articulista que romancista.

Os poetas, ao contrário, geralmente manejam a prosa com uma elegancia e uma beleza iguais às dos seus versos. Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira, Vinicius de Morais são grandes prosadores. Escrevem com um senso da língua, uma maturidade intelectual ausente nos nossos grandes ficcionistas. Talvez porque, entre nós, a poesia, intelectualmente falando esteja mais depurada, mais trabalhada do que a prosa, esta, porventura mais entregue ainda ao impulso da criação do que propriamente submetida ao crivo da inteligência. Quem sabe os romancistas brasileiros preferem cuidar da vida dos seus livros e de preferência ao seu equilíbrio estilístico? Ou quem sabe — explicação meio bruta — são menos cultos e amadurecidos do que os poetas? Provavelmente há os dois fatôres.

O que é fato — e isso para voltarmos ao terreno prudente das simples verificações — é que, fora do romance, poucas vêzes suportamos a prosa dos nossos romancistas, enquanto a dos poetas, na grande maioria dos casos, nos é fonte inesgotável de prazer intelectual. Não quero outro exemplo que o das "Crônicas da Provincia do Brasil", em que o sr. Manuel Bandeira enfeixou os seus escritos de circunstância, e que é um companheiro inseparável de todo homem de bom gôsto. Ou êste, bem recente, das "Confissões de Minas", coleção de artigos, notas, crônicas, cenas, descrições, reflexões, estudos do sr. Carlos Drummond de Andrade (1), fadado ao mesmo destino.

No entanto, nem um estudo pretensioso, nem um longo ensaio neste livro. Simples traço de pena — mas tão densos, tão firmes e tão elegantes que nunca mais se apagarão. Tratando-se do autor do "Sentimento do Mundo", somos levados a procurar na sua poesia o segrêdo da sua prosa, e nos convencemos de que ambas são devidas à mesma linha interna de severa autocrítica e infinita capacidade de emoção. Emoção algo vasta, que, longe de contrariá-la, é devida em boa parte à autocrítica. Conhecendo-se com uma clareza algo implacável, o homem destas páginas não procura suprimir-se, como o asceta. Antes, tira do sentimento da própria fragilidade e do conhecimento de que ela é o maior traço de união entre êle e os outros homens, uma visão calidamente humana, uma ternura mal contida por tudo e por todos. Como nas suas poesias, está presente aqui, em tôdas as linhas, o vasto complexo de Itabira, fulcro da sua personalidade literária e humana. O escritor se sente itabirano e por isto escreve. E é justamente êste sentimento que o torna tão apto e mesmo tão inclinado a falar de si mesmo. O homem derramado, que flui pela vida afora e não para, aterrorizado e trêmulo ante pedra alguma no meio do seu caminho — o homem derramado não sabe e não pode saber falar de si. Se dá demasiadamente, não tem fôrças para catar os cacos que andou espalhando por todo canto. Impõe-se demais ao próximo, e porisso não pode, como o poeta de Itabira, ter concentração bastante para se conhecer, isto é, ver-se refletido nos outros. Um dos traços mais explicativos do sr. Carlos Drummond de Andrade — traço bastante claro neste livro — é a intensidade com que absorve e assimila a existência do seu semelhante. Quer quando fala dos seus amigos — e êste é em grande parte um livro de amizade — quer quando registra as cenas da rua, quer quando faz reflexões de ordem literária, sentimos sempre a sua vocação fatal para transfundir em si a substância dos demais homens. Como o milagre é reversivel, consegue transfundir nêles a sua própria e equilibrar-se, plenamente humano, pelo sentimento do mundo.

Ora, se atrás de cada página do sr. Carlos Drummond de Andrade está o calor de uma palpitação humana, nem por outra razão o seu livro nos interessa imediatamente. A primeira coisa que nos prende a êle é a presença do autor. Dentro da medida que se impõe, o sr. Carlos Drummond está não obstante se revelando a cada passo. E se revelando conscientemente, pois não é à toa que chamou confissão ao seu livro. Por isso, fala de si a propósito de tudo. Coloca-se no centro da obra como que num desejo enorme de comunicar-se mais e mais com o leitor. Explica a sua tristeza, fala da sua infância, narra o seu conceito de solidão. Sente-se meio perdido no meio da aglomeração urbana, dentro dos grandes cubos de cimento que soube tão bem cantar. Talvez ("Che dubbitar: scometto!") porque os grandes centros importam na asfixia de tantos homens e são uma pirâmide social tão odiosa. No vértice desta pirâmide, o poeta escorrega e procura isolar-se; concentra-se para poder ouvir e falar à base. Daí a sua necessidade de solidão. Dentro dêle há um homem só, que tem a faculdade de distilar solidão. Distila tão bem que consegue feixar-se num casulo de poesia, a cuja vista os outros homens pressentem um aviso e têm vontade de unir-se mais. Para êle, não é necessário o silêncio dos desertos. Havia, é verdade, o silêncio de Itabira, mas êste perdeu-se. Por isso, o seu filho passará a vida procurando recriá-lo. Não procura o ermo. Varela procurou-o e foi um solitário imperfeito. Êle, "nesta cidade do Rio, de dois milhões de habitantes", é capaz de atingir a perfeita solidão, consistente em isolar-se de tudo aquilo que não fôr essencial e vital, para o poeta e para os homens; em opor um — "não!" — violento, em si e fora de si, a tudo que fôr compromisso e ameaça desta vontade magnifica de seleção. Com os seus irmãos o poeta comunica, embora suspirando: "só Deus sabe como me difícil dirigir a palavra a um desconhecido, de qualquer idade e em qualquer situação". "Quando encontrarás, Carlos, a chave de outra criatura?" (Nisto vai um certo dengue, uma certa exploração desta famosa *gaucherie*, cantando em prosa e verso, e na poesia famosa). A solidão o atrai na medidda em que é segregação das impurezas da sociedade, mas o horroriza não de menos, fascinando-o: "A solidão é niilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiaz ou às cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os roncos dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor. Um desligamento absoluto de todo compromisso liberta e ao mesmo tempo oprime a personalidade".

Se insisto no problema da solidão, é porque êle me parece não só a mola dêste livro como de tôda a poesia e mesmo da personalidade literária do sr. Carlos Drummond de Andrade — homem que é levado a sentir o mundo porque sentiu demais a si mesmo. No "Lucien Leuwen" há uma frase admirável, daquelas de que Stendhal possui a fórmula, e que, ocorrendo-me sempre que leio o sr. Carlos Drummond, ocorreu-me uma vez mais ao ler estas "Confissões de Minas": "...et croyant avoir entièrement rompu avec lui, madame de Chasteller *se trouva de mauvaise compagnie pour elle meme*". Como o sr. Carlos Drummond, que tendo esgotado a investigação do itabirano pelo itabirano, sentiu que não poderia mais viver de si mesmo, e aprendeu a extrair da sua solidão êsse sentimento de fraternidade-por-via-da-fragilidade-comum, tão nítida nas suas prosas.

Ao lado dêste problema de psicologia literária, temos ainda, a prender-nos, as próprias realizações do autor no domínio do estilo. O seu espírito crítico é firme e sútil, assim como o seu gôsto literário. Sabe lidar com os temas, envolvê-los na sua prosa penetrante e elástica. A qualidade rara, a eloquência desataviada desta prosa do sr. Carlos Drummond provém, de certo modo, duma espécie de entendimento sutil que êle estabelece com o leitor. Acôrdo misterioso, graças ao qual é possível a ambos navegar pelo país das coisas implicitas. E' como se o leitor aceitasse o convite de adivinhar a riqueza das entrelinhas, suprir a elipse intencional, não da frase, mas da exposição e sobretudo da intenção. O sr. Carlos Drummond consegue ser conciso devido à precisão da sua escrita. E, reduzindo-se ao essencial, a sua prosa como que assimila os valores próprios da poesia. Numa e noutra sentimos o mesmo fluido interior, o mesmo despojamento. Há certos trechos que custamos a classificar; que nos parecem, antes, domínio comum, indeterminado. Na parte intitulada "Caderno de Notas", principalmente, flutuamos indecisos, pensando às vêzes que estamos lendo belo poema:

> "E quando as águas pareciam calmas,
> um peixe voou
> que se escondia em camadas mais fundas que o mais fundo suspiro.
> Logo se formaram circulos, elipses, triângulos
> e mais desenhos alheios à vã geometria".

Ou:

> "A vida anterior sutililizara-se.
> A cidade, entretanto,
> continuava o mesmo aglomerado de casas desiguais,
> nas ruas tortas grimpando ladeiras".

Podemos repetir infinitamente êstes exercícios mais pitorescos que realmente significativos, porque a poesia consiste menos no bamboleio da frase, na constância ou na alternância de certos ritmos, do que no espírito de seleção com que encara o mundo e os vocábulos. A poesia é a grande selecionadora, como o isolamento do poeta dentro do cubo de pedra, na cidade tentacular. Porque está alerta na prosa do sr. Carlos Drummond é que ela lhe comunica as suas virtudes raras e excelentes. As "Confissões do Minas" constituem um belo exemplo do que possa ser a boa prosa formada na escola da boa poesia. E do que é a presença dominante de um espírito de raça.

---

(1) — Carlos Drummond de Andrade — Confissões de Minas — Coleção "Joaquim Nabuco" — Americ-Edit. — Rio — 1944.

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

OUVERTURE

Do crítico, espera-se geralmente muita coisa. Antes de mais nada, que defina o que é a crítica para ele. Acho isto muito justo, uma vez que ele é um indivíduo que vai emitir opiniões tendentes, em suma, a explicar uma obra ou um autor. Este aspecto metacrítico do ofício — que é porventura o seu fundamento e o seu mais firme esteio — é, no entanto, às vezes, uma questão de tal modo pessoal, revestindo-se de uma tão necessária modéstia no seu enunciar-se, que inútil seria pedir ao crítico literário qual a sua ética — quais as imposições que se faz e quais os princípios de trabalho com os quais não transige. O aspecto ético do seu ofício é, sem dúvida alguma, tão importante quanto o primeiro. Não basta que o leitor se sinta diante de um homem de boa compreensão; é preciso que ele sinta o homem de boa fé. Uma e outra coisa, os meus leitores só poderão afirmar ou negar de mim com o correr do tempo e dos artigos.

No entanto, sinto-me levado a dizer alguma coisa a respeito da crítica e do crítico. Não exporei uma teoria — que não tenho — nem uma ética — à qual não se faz jus num artigo inicial. Apresentarei tão somente uma ou outra sugestão, um ou outro ponto de vista que será como que uma nota promissória que vai por mim assinada sobre os selos da lei, e munido da qual o leitor poderá me chamar à fala quando não me vir cumprí-la.

Há, evidentemente, uma coisa básica no trabalho crítico, que não pertence à metafísica nem à moral do nosso ofício, pois que é uma qualidade pessoal. Quero referir-me à penetração. Sem ela, sem esta capacidade, elementar para o crítico, de mergulhar na obra e intuir os seus valores próprios, não há explicação possivel — isto é, não há crítica. No princípio, portanto, coloca-se um dado psicológico, o que vem mostrar que a crítica parte e se alimenta de condições personalíssimas, às quais será excusado querer fugir.

Não há, portanto, coisa alguma que se possa chamar de "crítica científica" — a menos que não se entenda por tal coisa a crítica dos trabalhos da ciência. Entendida como transformação da crítica em ciência, não passa de um dos muitos pedantismos criados pela pretensão dos homens de letras. Querer, portanto, descobrir fórmulas aplicaveis "objetivamente", que dispensem os fatores estritamente individuais da personalidade do crítico — querer criar uma técnica de crítica, é uma monstruosidade que só não é perigosa porque não é possivel.

O fato, porem, da pessoa do crítico ser a base do processo crítico não quer dizer que ela seja a sua razão de ser, nem que deva ser o seu aspecto principal. Muito pelo contrário. Creio mesmo, firmemente, que o trabalho do crítico só começa quando ele ultrapassa a sua pessoa, num esforço de colocar em primeiro plano aquilo que lhe parece a realidade da obra estudada. Rejeito, portanto, integralmente — como por mais de uma vez já o tenho feito em artigo — o conceito impressionista que faz da crítica uma aventura da personalidade, um passeio através das obras e dos autores com o intuito exclusivo de penetração e de enriquecimento pessoal. Não nego os encantos deste processo, e reconheço a sua necessidade como prolegómeno a toda atividade crítica. Transformá-lo, porem, de fase em finalidade, é desvirtuar o seu sentido e abusar um pouco do direito de se expor ao próximo. E', sobretudo, arriscar-se a cair na crítica de pretextos — que já não é mais crítica, senão conversa fiada, com todos os seus deleites, não há dúvida, com toda a sua possivel fecundidade, não há dúvida, mas que só pode ser tudo isto graças a uma pequena operação com a qual não se pode concordar: escamotear a obra e exibir em seu lugar a personalidade do crítico. Ora, menos talvez por uma questão de teoria do que de modéstia, creio que não pode ser este o alvo da crítica. Sobretudo porque acredito que as atitudes intelectuais teem valor em função da época em que se manifestam e à qual se dirigem. Sendo assim, a tarefa do crítico será porventura mais de integrar a significação de uma obra no seu momento cultural do que, tomando-a como um pretexto, procurar tirar dela uma série de variações pessoais. Há momentos históricos em que isto é possivel — momentos de hipertrofia da personalidade e de hedonismo literário, nos quais o eu se enfeita e se pavoneia para gozo do próximo e de si mesmo. Neles, os laços que prendem a obra ao seu tempo se esbatem, são voluntariamente esbatidos, para que possam luzir "as mil cintilações do êxito intacto", com que se embriagam os indivíduos... São épocas em que é possivel, tanto ao crítico como ao leitor, embeber-se unicamente naquilo que a obra lhe oferece de sugestivo, sem nela procurar mais do que esta espécie de contribuição para o auto-enriquecimento. E' o paraiso da crítica impressionista e dos "a propósitos" críticos. Há outras épocas, porem, em que nos curvamos mais ansiosamente sobre as obras, presos de uma necessidade de visão mais ampla, mais total. O leitor transpõe (deve transpor...) a zona de influência das sugestões de ordem pessoal para entrar, decididamente, na significação geral da obra — entendendo por tal coisa o sistema de relações que a prendem ao seu momento e a posição dele, leitor, ante ambos. E' quasi um esforço para não tomar a obra como resultado último da investigação crítica, mas, num novo esforço de transcender, que se vem juntar ao que já pôs em segundo plano a própria pessoa, procurar tirar da obra, graças à compreensão dos seus liames com o tempo, a inteligência deste e uma orientação para a conduta. Interpretar a obra, numa palavra, em

ANTONIO CANDIDO

vista do que ela pode ter de explicativo do seu momento. Aliás, no nosso tempo, esta atitude se impõe. Não depende da boa ou má vontade do leitor, da maior ou menor habilidade do autor; é uma imposição, como muitas outras a que não podemos nos esquivar.

Por estas e por outras é que eu prefiro o crítico partidário, que tem um credo — político, religioso, filosófico ou literário — ao eterno disponivel, que o é sob o pretexto de não cair no sectarismo e permanecer aberto a todas as sugestões das obras. A disponibilidade emocional é uma das condições **sine qua** para a interpretação das obras literárias; mas a disponibilidade intelectual é positivamente uma falta de carater (não no sentido moral, está visto, **encore que**...). O crítico muito se aproxima do pensador na sua atividade. "Ambos como lembrava ainda há pouco o sr. Ruy Coelho no número 10 de "Clima", tendem para uma revelação de essências. Num caso, trata-se da vida humana concreta, com os seus problemas, suas ciências, suas angústias, seus desapontamentos e crises. Noutro, o objeto é a vida de fantasia, emanação da primeira. Eis porque Ramon Fernandez queria que se definisse a crítica como uma ontologia imaginativa. Entre uma e outra não existe oposição, antes, ligamentos íntimos e orgânicos porque a imaginação, no ensinamento precioso de Charles Morgan, é o sonho de Adão; ele acordou e o achou verdadeiro".

Isto posto, eu deixo ao leitor a liberdade e o cuidado de julgar o que seja um crítico sem doutrina.

*

Um último reparo sobre o assunto: é evidente que a atitude do crítico varia conforme o gênero de obras que tem de criticar. Numas lhe será mais possivel do que noutras por em evidência as suas preocupações básicas, demonstrar melhor aquilo que se propôs. No estudo das obras do passado, por exemplo, muito mais facil se torna aquela busca do seu entrosamento com as condições culturais do seu momento, em virtude do panorama mais ou menos amplo que a distância no tempo permite descortinar. Nas obras contemporâneas este trabalho já se torna mais difícil, variando a dificuldade conforme o gênero. De um modo ou de outro, porem, compete ao crítico assumir com clareza o papel que lhe impõe o seu tempo. Repitamos: em vez de tirar da obra uma série de modulações puras (**"Le visible et serein souffle artificiel De l'inspiration, qui regagne le ciel"**...), a sua função é relacionar, por em contacto, explicar à luz do momento. "Nunca jamais ele (o homem) foi tão **momentâneo** como agora", disse Mário de Andrade, com precisão e justeza, na sua recente conferência sobre o movimento modernista. E o somos em ambos os sentidos: momentâneos porque amarrados estreitamente às menores injunções da hora, e momentâneos porque a nossa obra, como a obra de toda fase de transição, traz em si a marca efêmera das coisas circunstanciais. Assim, portanto, o esforço para esclarecer os acontecimentos presentes é a obrigação primeira do intelectual que não sente a vocação da atividade direta e que, por outro lado, não quer encerrar-se num marginalismo que tanto tem de cômodo quanto de pouco louvavel. Entre as inúmeras vias para se chegar aos acontecimentos, entre as várias maneiras de abordá-los, porque não colocarmos o da compreensão das obras do pensamento e da sensibilidade? Nascidas de exigências imperiosas do espírito humano, trazem em si a essência dos sonhos, das aspirações e das tentativas de uma época. E' nelas que se aninham as vagas possibilidades do futuro e que são julgadas as tentativas do passado. Tácita ou explicita, conciente ou inconcientemente, nelas se encontram as mais variadas manifestações da inteligência e do coração dos homens. Sem elas, é impossivel compreendê-los, pois que nelas se condensam os seus mais diversos anseios, as suas vitórias, as suas derrotas, as suas fraquezas e a sua força. Ao entrar neste mundo ao lado do mundo, crítico e leitor se sentem como que suspensos ante o peso da sua tradição e a riqueza das suas possibilidades. Penetrá-las, clarificá-las, relacioná-las, torna-se então uma tarefa cuja importância só é ultrapassada pela daqueles que as vão realizar. Assim compreendida, pois que a ela incumbe uma parte desse trabalho, a crítica — literária, artística, filosófica, científica — nos aparece como um instrumento de conhecimento e um guia de caminhos difíceis, e a sua utilidade não pode ser negada.

*

Para tudo isto, o crítico não dispõe de nenhuma faculdade extra-ordinária — como levantar as tampas dos crânios ou farejar o princípio dos princípios. Não se esperem dele, portanto, artigos iluminados, em que se esclareçam coisas misteriosas. O de que ele dispõe, como toda gente, são cinco sentidos e mais um pobre cérebro. Por eles tem de passar tudo o que vem do mundo — das coisas, dos homens e dos livros. Não lhe é dado realizar o milagre da perfeita objetividade e da pura compreensão, uma vez que não lhe é possivel escapar a esta humaníssima condição. O seu trabalho aparece, necessariamente, como um contacto pessoal com as obras, e o seu esforço deve ser o de transcender esta circunstância afim de não cair no impressionismo. Daí a necessidade que acima se indicou da sua posição de quem procura afastar o carater estritamente pessoal da leitura e da reflexão, para colocá-las ao serviço da sua época e das suas necessidades. A interpretação de uma obra devendo se basear na busca daquilo que, nela, representa a parte mais significativamente ligada ao espírito da sua época. Se tambem este esforço for excessivamente momentâneo, paciência. O crítico é, por excelência, o escritor que passa, que mais rapidamente envelhece; e a sua missão estará cumprida se puder ter contribuido para orientar os seus contemporâneos.

*

Contaram-me que Vuillermoz, crítico musical francês, nega-se terminantemente a conhecer as pessoas dos seus criticados ou criticandos. Com efeito, o contacto pessoal dá, às vezes, uma direção nova às nossas idéias sobre um autor, e, sobretudo, torna-se difícil a isenção de ânimo que deve ser a qualidade básica da nossa ética profissional. Por isto, o caso extremo de Vuillermoz tem uma significação muito grande, muito larga, para quem se ocupa do ofício de criticar. Ele ilustra o que se poderia chamar a ascese do crítico, a sua atitude antes rígida que diz um — "não" — terminante a qualquer veleidade de se derramar em simpatias pessoais e compadrismos literários; de quem prefere o isolamento e a perda de muita comodidade ao que lhe poderia parecer uma traição ao seu dever de dizer as coisas retamente. E de quem, por outro lado, sofreia a antipatia e, mesmo, a inimizade, em proveito desta retidão de espírito. Só assim lhe será possivel ter forças para exercer a sua missão — que é o dever de nada enunciar que não seja única e exclusivamente aquilo que lhe parece a verdade. Nesta seção, que hoje assumo, não será outra a norma de conduta. Se nem sempre é possivel dizer tudo aquilo que se pensa, é sempre possivel dizer apenas aquilo que se pensa. E é o que farei.

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

POESIA AO NORTE

ANTONIO CANDIDO

[illegible] em mãos dois livros de [illegible], ambos de rapazes apenas [saí]dos da adolescência e ambos [int]eressantes: "Pedra do Sono", do sr. [Jo]ão Cabral de Melo Neto (1), de [Re]cife, e "Anjo dos Abismos", do [s]r. Rui Guilherme Barata (2), de [Be]lém, Pará.

[S]ão dois poetas radicalmente di[ve]rsos e de méritos também de[sig]uais. Enquanto o pernambuca[no] já se diferencia de posse dos [se]us meios pessoais de expressão, [o pa]raense ainda se encontra pre[so de]mais à imitação. De qual[quer] modo, representam bem a [poesi]a da geração novíssima, e não [conh]eço livro de moço algum do Sul [que t]enha estreado tão bem quan[to ele]s, nos dois últimos anos.

[É in]teressante como o Norte se [expri]me pela poesia. O grupo das ["Edi]ções Norte", de Recife, [illegible] através dela ou da sua [illegible]. No Ceará, um Congresso [de P]oesia nos mandava notícias [illegible] do ano passado — por si[nal] num manifesto cheio de [illegible] intelectual.

[De] modo geral, me parece [que a l]iteratura, mais no Norte [que n]o Sul, é ainda a grande [via de ex]pressão. Entre nós, cer[illegible], manifesta-se na mocidade [um]a certa tendência para a [illegible] pesquisa histórica e so[cial illegible] a crítica sob todos os [seus a]spectos. Tendência que pre[dom]ina sobretudo em São Paulo, [illegible] o número de poetas e ficcio[nistas] desaparece ante o acúmulo [de c]ríticos e pesquisadores. E' com [illegible] que constato essa inclina[ção], muito mais pragmática, de uti[lizar] a inteligência e a sensibili[dade] na análise do nosso tempo e [do]s seus problemas — porque me [pare]ce que dessa auscultação an[sio]sa pode resultar uma linha de [pe]nsamento e de conduta que se[rá o] nosso roteiro.

*

O sr. João Cabral de Melo Neto pôs como epígrafe do seu livro o [illegible] heróico de Mallarmé: "Solitude, récif, étoile..." Com razão, porque "Pedra do Sono" é uma aventura arriscada. O seu ponto de partida são as imagens livremente associadas ou pescadas no sonho, sobre as quais o autor age como ordenador. E' esta disposição poética que caracteriza o livro do sr. João Cabral de Melo Neto.

"Pedra do Sono" é a obra de um poeta extremamente consciente, que procura construir um mundo fechado para a sua emoção, a partir da escuridão das visões oníricas. Os poemas que o compõem são, é o termo, construídos com rigor, dispondo-se os seus elementos segundo um critério seletivo, em que se nota a ordenação vigorosa que o poeta imprime ao material que lhe fornece a sensibilidade. Disso já se depreendem as duas características principais desses poemas, tomados em si: hermetismo e valorização por assim dizer plástica das palavras.

Trabalhando um material caprichoso, como é o do sonho e o da associação livre, o sr. Cabral de Melo tem necessidade de um certo rigor por assim dizer construtivista. Daí se fechar dentro dos seus poemas, onde há um mínimo de matéria discursiva e um máximo de libertação do vocábulo — entendendo-se por tal a tendência para deixá-lo valer por si, manifestando o poder de sugestão que possui. As palavras, que teem um poder sugestivo maior ou menor conforme as relações que as ligam umas com as outras, se dispõem nos seus poemas quasi como valores plásticos, nesse sistema fechado que assume às vezes o caráter de composição pictórica, e a beleza nasce da sua inter-relação.

Não se conclua porem que esta poesia seja um edifício racionalizado. Muito pelo contrário, o trabalho ordenador a que é devida se exerce sobre os dados mais espontâneos da sensibilidade. Daí a riqueza do livro, que alia a ordenação da inteligência ao que há de mais essencialmente espontâneo no homem.

*

A tendência vamos dizer construtivista do sr. Cabral de Melo se mostra na sua incapacidade quasi completa de fazer poemas em que não haja um número maior ou menor de imagens materiais. As suas emoções se organizam em torno de objetos precisos que servem de sinais significativos do poema — cada imagem material tendo de fato, em si, um valor que a torna fonte de poesia, esqueleto que é do poema. O verso vive exclusivamente dela.

Numa poesia em que há, por mínima e escondida que seja, uma intenção ou uma possibilidade de interpretação discursiva, as palavras se abatem diante da realidade maior da frase e da imagem, elas próprias ultrapassadas pelo valor simbólico do que querem exprimir. Quando leio: "Eu sou a Moça-Fantasma — que espera na Rua do Chumbo — o carro da madrugada. — Eu branca e longa e fria — a minha carne é um suspiro — frio, na madrugada da Serra" (Carlos Drummond de Andrade) — percebo logo um elemento narrativo, uma sequência verbal que se sobrepõe, evidentemente, como música e como significado, aos substantivos: moça, rua, carro, serra etc..

Agora, porem, se passo a uma poesia em que não há sequência verbal — no sentido de ligação discursiva — mas tão somente esforço de sugestão emotiva pela simples força dos vocábulos, sentirei de repente a desmedida importância que estes adquirem. Tornam-se salientes no poema, se impõem a mim como partes de um estereograma. E os poemas do sr. Cabral de Melo são, em certo sentido, estereogramas poéticos. Veja-se, por exemplo: "Dentro da perda da memória — Uma mulher azul estava deitada — Que escondia entre os braços — desses pássaros friíssimos — Que a lua azula alta noite — Nos ombros nus do retrato.

"E do retrato nasciam duas flores — (Dois olhos, dois seios, dois clarinetes) — Que em certas horas do dia — Cresciam prodigiosamente — Para que as bicicletas do meu desespero — Corressem sobre os seus cabelos;

"E nas bicicletas que eram poemas — Chegavam meus amigos alucinados; — Sentados em desordem aparente — Ei-los a engolir regularmente os seus relógios — Enquanto o hierofante armado cavaleiro — Movia inutilmente o seu único braço." ("Pedra do Sono").

Este poema é dos mais belos do autor, e nele encontramos todas as características da sua poesia. Percebemos imediatamente que o vago fio discursivo é apenas o zig-zag associativo através do qual o poeta vai construindo solidamente as imagens que são, ao mesmo tempo, os elementos significativos e o arcabouço do poema. Nota-se, então, o valor dominante que os substantivos exprimindo coisas passam a adquirir, ao lado das imagens por eles formadas. O poema todo parte da imagem — mulher azul — que condiciona quatro pontos principais de cristalização: pássaros, lua, retrato, cabelos. Em torno deles se veem dispor as outras imagens materiais: flores, olhos, seios, clarinetes, bicicletas, amigos, hierofante, braço. Estas palavras comandam os versos, estruturam o poema e dependem de uma vontade ordenadora que, após havê-las selecionado, as dispõe, dentro da composição, como valores por assim dizer plásticos.

E assim são quasi todos os poemas do sr. Cabral de Melo. Não o chamo porem de cubista, porque ele não é só isso. O seu cubismo de construção é sobrevoado por um senso surrealista da poesia. Nessas duas influências — a do cubismo e a do surrealismo — é que julgo encontrar as fontes da sua poesia. Que tem isso justamente de interessante: engloba em si duas correntes diversas e as funde numa solução bastante pessoal.

Não obstante, há certos momentos em que temos a impressão de que o sr. Cabral de Melo está despoetizando demais as suas poesias, e fazendo uma natureza morta, ou qualquer outra composição pictórica. Veja-se a "Homenagem a Picasso":

"O esquadro disfarça o eclipse — Que os homens não querem ver. — Não há música aparentemente — Nos violinos fechados. — Apenas os recortes de jornais diários — Acenam para mim com o juizo final". Para não se dizer que o poeta se submete aí à exigência da homenagem, leia-se a "Composição" que começa assim: "Frutas decapitadas, mapas, — Aves que prendi sob o chapéu, — Não sei que vitrolas errantes, —" etc..

Essa tendência do sr. Cabral de Melo leva-o frequentemente ao exagero de um certo compositorismo verbal a que ele não sabe fugir. Daí o ar experimental que corre por certas partes do livro, não sei se devido apenas a isso ou tambem ao caráter de primeira expedição literária desse livrinho de moço.

Como quer que seja, há nele qualidades fortes de poesia, e eu não sei de ninguem nos últimos tempos que tenha estreado com tantas promessas. Seus poemas são realmente belos, e representam a riqueza de uma incontestável solução pessoal.

*

Mas essa riqueza não vai sem um certo empobrecimento humano. "Solitude, récif, étoile..." Como Mallarmé, o poeta pernambucano se atirou em busca da poesia pura. Não discuto a sua recusa pessoal, que é das boas. Quanto à poesia pura é que não sei se o seu barco alcançará as estrelas ou se ficará pelos escolhos. Toda pureza implica um aspecto de desumanização. E' o problema permanente da pureza rasgando a vida.

Nos nossos tempos de poesia mais comunicativa, já transcendida a fase hermética pura, quasi sempre vítima da sua autofagia, soa com certo ar de radidade o livro do sr. Cabral de Melo. E nos leva a crer que a voz (?) do cisne mallarmeano está sempre viva, a ponto de vir ressoar na última geração da nossa literatura. Pureza poética, surrealismo, cubismo, — coisas que estão soando agora como requinte, mesmo quando tão talentosamente representadas por alguem como o nosso poeta.

O erro da sua poesia é que, construindo o mundo fechado de que falei, ela tende a se bastar a si mesma. Ganha uma beleza meio geométrica e se isola, por isso mesmo, do sentido de comunicação que justifica neste momento a obra de arte. Poesia assim tão autonomamente construída se isola no seu hermetismo. Aparece como um cúmulo de individualismo, de personalismo narcisista que, no sr. Cabral de Melo, tem um inegavel encanto, uma vez que ele está na idade dessa espontaneidade na auto-contemplação. O sr. Cabral de Melo, porem, há de aprender os caminhos da vida e perceber que lhe será preciso o trabalho de olhar um pouco à roda de si, para elevar a pureza da sua emoção a valor corrente entre os homens e, deste modo, justificar a sua qualidade de artista.

*

De tendência oposta é o sr. Rui Guilherme Barata. Dele, aliás, não se pode dizer o que eu disse do poeta pernambucano. Não se encontra no seu livro o que se poderia considerar uma solução mais ou menos pessoal. "Anjo dos Abismos" revela, da primeira à última linha, uma identificação profunda com a poesia do sr. Augusto Frederico Schmidt. Vento, mar, noite, morta amada, janelas abertas: — não falta nada. Identidade no arsenal das imagens, na busca dos termos, nos cacoetes poéticos — como a repetição constante de um dado vocábulo (o mar entra vinte e nove vezes nos quarenta versos da poesia "Ode ao Mar") ou as imagens que se formam sempre acompanhadas por um adjetivo amplificador: "estranhas mulheres coroadas"; "escuridão da noite encarcerada"; "árvores loucas que procurassem o céu" etc. A impressão que fica é que o moço poeta nada mais quis do que escrever exatamente como o grande cantor da "Estrela solitária".

E no entanto, o sr. Rui Guilherme Barata é um bom poeta. A sua identificação é um fenômeno que se apresenta com tal intensidade, que nos leva a pensar nele como na Lucy Gray Ferreira do sr. Augusto Frederico Schmidt. E aí está o maior elogio que se lhe pode fazer.

A bela fluidez, o halo majestoso, a nobre melancolia e o ritmo largo do sr. Augusto Frederico Schmidt, o sr. Rui Guilherme Barata os possui em certo grau. Seus poemas se leem com prazer, e nunca se tem a sensação deprimente do pastiche. Revelam, como foi dito, mais identificação do que propriamente imitação. Pena é que este processo seja de natureza a cortar as asas do jovem poeta paraense. Porque não creio que alguem se mostre de tal modo tomado pela maneira de outrem consiga um dia se livrar dela.

(1) — João Cabral de Melo Neto — "Pedra do Sono" — Pernambuco — 1942.

(2) — Rui Guilherme Barata — "Anjo dos Abismos" — Prefacio — Livraria José Olímpio Editora — Rio — 1943.

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

POETAS MENORES DE HOJE

I

Antonio CANDIDO

Confesso que relutei um pouco antes de aceitar o sr. Sergio Milliet como poeta e me deixar penetrar pela sua poesia. Apesar de certa vez êle se ter declarado sobretudo um lírico, a imágem que se formou a seu respeito, devida a sua atividade ensaística, nos mostra, antes, um analista algo sêco, inimigo até o extremo dos abandonos pessoais. Quantas e quantas vêzes temos lido nos seus artigos uma profissão de fé na necessidade permanente de *self-control*, na pureza de linhas, no horror à abundância, às imagens. Atitude, como se vê, pouco propícia ao lirismo e condizendo melhor com os reinos mais objetivos da prosa.

Ora, eis que a impressão é errônea e que, no sr. Sergio Milliet, o anti-moderno e anti-romântico "je ne livrerai pas mon coeur à tes huées" recobre uma necessidade invencível de comunicação, de contacto humano, de confidência. A própria existência do policiamento racional é de natureza a nos fazer desconfiar das rebeliões e dos tumultos interiores, da afectividade transbordante que procura se disciplinar pela via da isenção afetiva e do rigor objectivista. Ora, esta disciplina requer auto-crítica e auto-penetração analítica, o que leva o espírito à irremediável curiosidade sôbre êle mesmo, e, dêste modo, o homem hiper-consciente, enxuto, inimigo de comunicar-se e de se exibir, será arrastado, no decurso dos processos de instrospecção, a tomar-se como assunto, a debater-se, a se dar aos outros. Assim, quem queria elevar entre o seu íntimo e o mundo uma barreira sábia de restrições à expansão do "eu" acaba erigindo a êste, em tema constante de uma parte da sua atividade.

Ao Sergio Milliet ensaísta, que arvora, enquanto crítico, a bandeira da discreção, se opõe, completando-o, um Sergio Milliet poeta e auto-analista. Com efeito, a parte criadora da obra do sr. Sergio Milliet gira em tôrno da sua psicologia, dos seus recalques — da sua vida afetiva, em suma, transposta em poesia e em ficção. "Roberto", "Duas cartas no meu destino", os poemas. Agora, "Oh valsa latejante..." (1), que é livro de um verdadeiro poeta, dentro das suas qualidades quase prosaicas de limpeza de expressão, de concisão, de fiscalização intelectual. A fiscalização intelectual, esta não abandona quase o poeta, que, mais ainda que o sr. Carlos Drummond de Andrade da 1.a fase, breca entre parênteses as demasias da emoção, corrigindo com uma nota irônica ou um comentário direto o que poderia parecer abandono, suspensão da auto-crítica ou complacência em relação às imagens mais *poéticas*. O tom desta poesia, aliás, a sua característica mais íntima, talvez seja mesmo a luta de pega-e-larga entre a emoção e a inteligência. Nos melhores instantes, ela é um tratado de paz entre ambas, a primeira ganhando em pureza e expressividade graças à ordenação sábia e à medida da segunda.

✣

Os poemas do sr. Sergio Milliet, neste livro, se dividem em dois grupos bem fàcilmente delimitáveis. Basta acompanhar as datas dos poemas. No primeiro grupo estão os anteriores a 1930, cheios de modismos modernistas, enquanto que no segundo se reunem os menos brilhantes, os menos recheados de imagens expressivas e de instantâneos, e mais sóbrios na expressão. Aliás, é quase por convenção que se fala na maior ou menor sobriedade de "Oh valsa latejante...", tôda ela construída como um desafio ao demasiado.

Os poemas do primeiro grupo dão um som de coisa passada. Lembram um tempo em que a poesia se embriagou com o que poderemos chamar de visão pitoresca das coisas, a descoberta lírica, as notações curiosas. E' o tempo do "Losango Caqui" e de muito da "Paulicéia Desvairada" e do "Clã do Jaboti". Os poetas descobriram, de repente, uma imensidade de coisas que lhes era permitido dizer, e que antes eram proibidas. O seu espírito se comprouve em imagens até então tabus e encontrou poesia em vocábulos nunca dantes sonhados: foot-ball, bonde, banana, reco-reco. As novas metáforas, atiradas com ousadia, na embriaguez da descoberta, provocaram um renovamento vocabular de grande importância, uma recomposição do material de expressão, oposto decididamente à política de têrmos nobres e próprios.

Boa parte dos poemas dêste livro se prende a êste momento, mas nenhum dêles, me parece, tão eivado de maneirismos da hora a ponto de não ter mais ressonância emocional nos nossos dias. E' inegável, todavia, que o mecanismo das imagens e as piadas poéticas do primeiro grupo o tornam menos permanente que o lirismo muito mais desataviado do segundo. Para o sr. Sergio Milliet, parece que o aparato modernista, desumanista, de máquinas e mecanismos, não representa para a sua poesia o que representava para a de um Marinetti ("ebbro d'armi belletti musiche e ucelli meccanici"), ou mesmo para o de um Oswald de Andrade e um Mario de Andrade dos primeiros tempos, mas é antes um álibi poético, uma escapatória, uma camuflagem de homem que tem certa vergonha de se por para a frente:

> "eu me rio
> e para que me acreditem poe-
> [ta modernista
> falo de trilhos
> de automóveis".

Não obstante, a convenção modernista é bastante forte para se meter pela sua poesia a dentro e, com recursos estudados, dar repentinamente um clima de prosa a êste ou aquêle poema:

> "necessidade de simplificação
> de reintegração, como diria o
> [Graça".

e:

> "... porque somos os clássicos
> [do futuro
> ou no mínimo o futuro dos
> [clássicos
> (Boa piada!)"

ainda:

> "Os colares dos cafezais no
> [peito das colinas
> (oh que imagem vulgar)"

Citei bem de propósito os versos acima, para se ver como, no sr. Sergio Milliet, o convencionalismo do poeta que dá de ombros ante as convenções poéticas coincide com a necessidade psicológica de intervenção prosaica, destinada a mostrar aos leitores que o poeta cheio de auto-crítica e medida não é *dupe* das suas imagens ou de seu possível abandono.

Na primeira fase, porém, encontramos alguns dos melhores versos do sr. Sergio Milliet. "Siriema" é dessas grandes sugestões de movimento, de luta contra a visão estática que obcecou o verso moderno. "Saudade" é dos poemas mais sérios e mais expressivos, na sua contenção, que nos deu a moderna literatura brasileira.

Na segunda fase o poeta parece acrescentar à nota pitoresca, ao comentário lírico e à notação intimista um desejo de compenetração afetiva, de participação maior na vida dos autores e, ao mesmo tempo, um contacto mais sério e mais pungente consigo mesmo. O tema da fraqueza interior amadurece e se reveste da necessidade de compensar-se, que vai ser encontrada na auto-acusação (os cinco Poemas da Rua, um dos quais, o IV, belíssimo) ou na violência dos tons. Em dados poemas chegamos a sentir certa perversidade, provàvelmente devida a um mecanismo de compensação. Veja-se, na "Cantata Patética", cujo título é um jôgo de palavras ao mesmo tempo irônico e amargo:

> "Terás por horizonte a "Stan
> [dard Oil"
> por destino um bife a cavalo.
> por distração as cuecas do
> [marido
> e afinal o remorso da vida
> [invivida..."

E' preciso notar que a série de qualidades e de peculiaridades que fazem, muitas vêzes o equilíbrio e a harmonia dos poemas do sr. Sergio Milliet, são outros tantos perigos prosaicos que, muitas vêzes, resultam em insuficiência do seu verso, descarnado e comedido. Quando desequilibra, a sua poesia se aproxima muito, de um lado, de certos produtos circunstanciais do modernismo, demasiado circunscritos ao problema de *dar dentro*, se o leitor me permite a expressão; do outro, de uma solução demasiado intelectual, que conduz ao tom sentencioso, de que o poeta tem um justo horror, mas que nem sempre pode ou sabe evitar. Na sua grande maioria, porém, os poemas do sr. Sergio Milliet são vitorias, tanto mais difíceis quanto dependem daquela tensão que já mencionei.

✣

Se os encararmos do ponto de vista da arte poética, veremos que os poemas de "Oh valsa latejante..." correspondem perfeitamente ao que o seu autor quer exprimir; correspondem ao seu desejo de medida e de não se abandonar à embriaguez das palavras, incompatíveis com a sua necessidade da notação precisa e de despojamento. Com efeito, nenhuma sensualidade rítmica no sr. Sergio Milliet. Raríssimos momentos o nosso ouvido se embala nalguma melodia fugaz. A êste poeta probo, os recursos de som parecerão talvez apenas um recurso. As suas palavras são palavras magras, e os seus ritmos, [illegible]. Há um mínimo de sonoridade para um máximo de fluência, porque êle rejeita quase sempre, também, as asperezas e os choques vocabulares. Assim, se por vêzes temos a impressão de [illegible] bem arrumada demais, o tom geral do livro é antes o de uma expansão policiada, um tom que o coloca ao lado do sr. Carlos Drummond de Andrade de "Alguma Poesia" e o torna representante típico de certo tipo de lirismo contido, atribuido sobretudo aos mineiros, mas que é também um dos elementos da boa poesia moderna de São Paulo. "Minas Gerais, fruta paulista"...

---

(1) — Sergio Milliet — Poemas — "Oh Valsa Latejante..." — (1922-1943) — Ilustrações de Walter Lewy — Edições Gaveta — São Paulo — 1943.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

POETAS MENORES DE HOJE

II

Antonio CANDIDO

O livro do sr. Jamil Almansur Haddad (1) se compõe de várias coletâneas, cujo valor é muito desigual. Para a sua glória, teria sido melhor que as duzentas páginas de poemas tivessem se limitado à quarta parte.

O sr. Jamil Almansur Haddad é um poeta fácil, isto é, escreve poemas mais ou menos tradicionais, com um vocabulário mais ou menos tradicional, num tom mais ou menos tradicional. Para êle, as soluções poéticas já estão feitas e, como é abundante — à maneira de todos os poetas fáceis — nada mais lhe resta a fazer do que dar corda à pena e vasar a sua inspiração nos regos já traçados e já afundados por centenares de predecessores.

Como não conheço poesia oriental, não sei até que ponto estão certos os que saúdam neste poeta um êmulo dos cantores sutis das terras e da raça dos seus avós. Sei que, na parte em que posso distinguir alguma influência, é marcada a que recebeu dos nossos românticos e dos nossos chamados simbolistas. Pelo menos na melhor parte do seu lirismo, em que vamos encontrar os temas e as atitudes queridas de ambos. E' impressionante a sua fixação com a morte associada ao amor. O aparelho fúnebre e religioso (amadas sempre mortas, ataúdes, crucifixos círios, monjas etc.) serve de revestimento constante e sutil ao erotismo — exatamente como em Alphonsus de Guimaraens. O seu caminho é o de um romântico que passou pela seleção vocabular dos chamados simbolistas, usando e abusando dos modismos de um e outro grupo.

Assim sendo, é muito difícil para um poeta, manter-se original, porque não há armadilha mais perigosa do que o visgo da fraseologia dos nossos poetas românticos e simbolistas: ritmo cantante, imagens convencionais, aliterações fáceis, patético de cordel. Milagre é que no meio disto se tenham mantido na altura em que quase sempre se mantiveram um Alvares de Azevedo, um Casimiro de Abreu um Alphonsus de Guimaraens e, nos nossos dias, o seu herdeiro Augusto Frederico Schmidt. Com o sr. Jamil Almansur Haddad não se deu o milagre.

✻

Os "Poemas" se dividem em três partes: "Orações Roxas", "Novas Orações Negras" e "Orações vermelhas". A primeira, que ocupa mais de dois terços do livro, é o clima que se poderia chamar do erotismo litúrgico e letal; a segunda aborda temas mais vários, com tom igualmente soturno; a terceira é clara e cantante, cheia de movimento, de côr e de expansão.

As "Orações Roxas" compreendem três grupos de poemas: "Iremos pelos jardins floridos", "Estas monjas que rezam aos crepúsculos..." e "Entre os pinheiros em Abernéssia...". A primeira e a terceira são de qualidade mais do que inferior. Não se compreende bem que um poeta como o sr. Jamil Almansur Haddad, embriagado sobretudo com o som, mais que com o conteúdo da palavra, se deixe ir a deselegâncias e dissonâncias tão pronunciadas como as que encontramos no primeiro grupo. A vulgaridade das imagens é mais explicável, pois que sendo um poeta fácil e convencional, é naturalmente predisposto a uma banalidade que só pode ser redimida pela fôrça da inspiração ou pelo policiamento da inteligência. Parece que nem um nem outro elemento pesam na maioria dos seus poemas. Vejam-se os seguintes versos, como exemplo do que tenho dito:

"Amada viva: Põe um silêncio no
[piano! Era esta mesma a
[barcarola
que a meiga morta preferia
para tocar na hora em que a tarde
[morria".

e;

"Se lhe olho os cílios, é lua nova,
se lhe olho os seios é lua cheia..."

e;

"................... Soror acorda!
Vai ver morrer a criancinha!
Tôda de grandes calmas coroada!"

ou;

"Eu só pude pensar, doce morta,
[diante do teu corpo lindo e
[frio:
"Felicidades para o ano que co-
[meça".

As vêzes, o verso é belo apesar da vulgaridade das associações: apesar mesmo das *corolas claras*, das *limpidas açucenas*, da *dionisíaca alegria* e de outras banalidades de que se nutre. Nas "Orações Vermelhas" há, inegàvelmente, um certo vigor, uma certa embriaguês plástica que ultrapassam êstes *handicaps*. No entanto, se quisermos buscar a boa poesia dêste livro, precisamos ir às vinte e cinco páginas de "Estas monjas que rezam aos crepúsculos...".

Fenômeno interessante é a poesia. Nesta coletânea, justamente, aparecem, mais do que em nenhuma das outras, os modismos temáticos e vocabulares que levam o nosso poeta à banalidade; no entanto, é nela que o vamos ver em melhor forma, conseguindo versos e efeitos de verdadeira beleza, dentro do seu ramerrão romântico-simbolista. Quem lê certos versos desta parte, tem a impressão de estar numa atmosfera de "Kyriale" ou de "Dona Mística", e o seu último poema é, com efeito, uma invocação ao poeta de Marianna. Escute-se:

"Amada mística,
rosa eucarística,
ebúrnea torre
.. ..
Bruma odorosa,
flama castíssima,
virginalíssima..."

e;

"O' monjas crepusculares!
Despontastes nas montanhas,
vindes vindo, ó suaves monjas,
azuladas sonolentas,
melancólicas, nevoentas..."

ou;

"E que tudo seja branco, mas de
[um brancor lunar..."

ou;

Estes olhos são de monjas... olhos
[vagos que pararam diante
[do alvo crucifixo lactescen-
[te...
Donde vieram êstes olhos roxos
[que são como lírios roxos
[fenecendo no silêncio?

Em quase todos os poemas dêsse ciclo sentimos o poeta verdadeiro, o homem que sabe manejar os ritmos e as palavras. Algumas vêzes, assim como nas "Orações Vermelhas", o sr. Almansur Haddad consegue momentos bastante altos. O seu verso é flexível e melodioso, quando não quebrado pelas inabilidades que abundam em "Iremos pelos jardins floridos". Tem grande poder de melos tons e de sugestão. Pena que seja assim apenas em parte do livro

Mas, mesmo nos melhores momentos, quando o lemos com emoção, sentimos que o sr Jamil Almansur Haddad nada *acrescenta* — o que é grave para um poeta como êle, cuja aspiração é respirar mais alto. A função da poesia é seguir sempre mais adiante, aprofundar cada vez mais as suas possibilidades de expressão. Ficar em posições adquiridas é condenar-se à poesia secundária, mesmo quando bela e bem realizada Rilke disse, certa vez, uma coisa grave e definitiva, que nos deve fazer meditar: "O que há de terrível na arte é que, quanto mais se avança nela mais a obrigação do artista se torna extrema, quase impossível" Podemos reconhecer a fibra e a qualidade de um poeta, como de qualquer outro artista, pelo aceite ou pela recusa dêste desafio tremendo. Encarado segundo tal critério, o sr Jamil Almansur Haddad me parece, nos seus bons instantes, ocupar posições já ultrapassadas Varia largamente em tôrno de problemas e temas que pertencem ao passado, e o seu tom não é de quem, como Schmidt, voltou para ir mais adiante, mas de quem voltou e permaneceu.

✻

Passando a dois poetas estreantes, vamos encontrar neles a mesma falta de uma nota pessoal acentuada, de uma contribuição efetiva para o enriquecimento da expressão poética. Não encontramos, também, as qualidades que distinguem um poeta de nível bem mais alto, como é o sr. Jamil Almansur Haddad.

O sr. Almir Rodrigues Bento é o que se pode chamar um poeta bem comportado. No seu livro (2) nem um verso que se faça notar por um desejo de solução própria; nem um dêstes exageros que, mesmo sendo defeitos, nos fazem às vêzes pressagiar favoràvelmente quanto ao destino de um poeta. A falta de surpresa, a extrema naturalidade de expressão são a água morna que banaliza êste jovem poeta, cujo livrinho se não é mau, não passa de mediano Não há quase uma imagem ou um adjetivo que não consigamos prever e que não estejam há muito tempo do domínio da frase feita. Eis uma amostra dêste conformismo poético, dêste acomodamento dentro do que já foi adquirido e, mesmo bastante gasto:

"E não tens saudades dos cajuei-
[ros floridos,
das moitas de gravatás,
das sobras dos joazeiros?

E não tens saudades das canções
[dos regatos,
das aves poetisas,
dos aboios que morriam pelas dis-
[tâncias?

E não tens saudades das jandaias
[meigas
que vinham cantar sôbre o ar-
[voredo?

Nem do vôo altivo dos gaviões
recortados na imensidão azul?

Nem do pranto etéreo das violas
coroando a doce voz dos canta-
[dores?"

Um poeta para o qual a última palavra sôbre o céu ainda seja a *imensidão azul;* para o qual os regatos continuam a cantar, e nada mais; para o qual as jandaias são meigas, os aboios morrem nas distâncias, os cajueiros são apenas floridos, e tudo isso num poema só, e segundo inalteráveis chavões — um tal poeta não deixa muita margem para um prognóstico brilhante. Aos moços, além das cartas de Rilke, seria de recomendar que pensassem, antes de mais nada, no significado que podem ter os vocábulos além daquele consagrado por um uso tão antigo que já lhes tirou quase o poder de encantamento.

O sr Eliézer Dêmenezes nos manda do extremo sul um livro em que corre um outro sôpro de inspiração (3). O interêsse dêste livro vem de que os seus vinte e nove poemas pertencem solidamente a um mesmo todo Por todos êles circula um desejo forte de redenção humana e de fraternidade. A sua língua é pobre, mas não revela a banalidade do sr Rodrigues Bento A sua vantagem vem de que êle pertence a um tipo mais forte de poetas e que possui uma orientação certa inexistente em "Sol". Não de menos, o seu livro é apenas uma variação já bem usada e conhecida, à qual êle nada traz de novo. O "Poema do meu esfôrço" e o "Poema do homem árvore" seriam boa poesia se o autor tivesse realizado melhor o seu intento Todavia, pode-se, creio eu, antever um progresso real para o sr Dêmenezes, pois sente-se nele uma energia à espera de melhor expressão.

---

(1) — Jamil Almansur Haddad — Poemas — Orações Roxas; Novas Orações Negras; Orações Vermelhas — Edições Cultura — Série "Últimas Gerações", n.o 3 — São Paulo — 1943.

(2) — Almir Rodrigues Bento — Sol — Poemas — Sociedade Editora "Panorama" — São Paulo s|d.

(3) — Eliézer Dêmenezes — Poemas da Hora Amarga — Distribuidora: Livraria do Globo — Porto Alegre — 1943.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

POETAS MENORES DE HOJE

III

Antonio CANDIDO

Em 1941 a sra. Henriqueta Lis-
ôa, de Belo Horizonte, nos dera
m livro de versos — "Prisioneira
a Noite" — em que se revelava
ma poesia forte, com acentos de
rama e um verso firme, bem tra-
alhado e expressivo. Agora, nos
á um outro de tom bastante di-
erso, e que apenas poderíamos ter
renunciado lendo êste ou aquêle
oema de "Prisioneira da Noite".
O menino poeta" (1) é, sobretu-
o, uma coletânea de soluções ar-
ísticas, ou antes, interessa prin-
ipalmente sob êste aspecto. É
stes livros de uma tal pureza de
rso, uma tal leveza, que tudo
ais se esbate para que guardemos
enas um sentimento de encanto
nico, de perfeição. Neste, con-
áo, nenhum exibicionismo, ne-
uma intenção de brilhar. Uma
mplicidade que se sobrepõe às
tras qualidades e compensa,
smo, o tom frequentemente
ocicado e banal dos temas.

No primeiro artigo sôbre poesia,
ei que às mulheres o são
essíveis os gêneros e o tom me-
or. Seria preciso ajuntar que no
nite, no tom mínimo, as
ulheres são superiores aos
omens. Há Verlaine, mas Ver-
ine é um poeta feminino
tre todos; o poeta do balbu-
e da leveza, que faz o encanto
s delicados. Na sra. Henriqueta
sbôa, há muito do poeta francês
respeito dêste, escreveu certa vez
baudet que o seu verso "tem a
lexão das coisas que emudece-
n ou que ainda não falaram...
alquer outro parecerá duro ao
lo desta medula de sabugueiro".
reflexão, válida sobretudo para
"Romances sans paroles", se
ica de algum modo à poetisa
neira, em cujo último livro está
sente a mesma inconsistência
terial, a mesma graça impondе-
rável que desmaterializa a palavra
e, limitando-a aos tons menores,
quase a faz entrar no domínio da
música:

"Pela várzea
verde-moita
sob a cortina
da noite,

pulam sapos
de contentes
grilos mostram
finos dentes".

A não ser em alguns versos do sr. Manuel Bandeira e da sra. Cecília Meirelles, não sei de outra poesia brasileira moderna que seja mais fluida e mais etérea do que a da sra. Henriqueta Lisbôa. E' uma delícia a perfeição com que sugere e descreve:

"OS PATOS"

"Chegam de manso, de manso,
finos pescoços esticam,
deslizando, deslizando,
ferem o espaço com o bico,
deslizando
na superfície de vidro.

O espêlho da água que ondula
reflete frocos de arminho
('minho, paina, algodão).
E as nódoas brancas no azul
são delicadas carícias,
recordam jardins de inverno
quando há lá, cristais e neve.

Na lagoa muito fria,
sob o ouro do sol que brilha,
mora um céu:
navegam nuvens, navegam...
Doçura da hora que escôa
vagarosa, deslizando,
como um pato na lagoa..."

Dos poetas que revistamos neste rápido passeio pela poesia menor a sra. Henriqueta Lisbôa é o mais perfeito, o mais senhor dos seus meios técnicos e das possibilidades de expressão. As conquistas do simbolismo, no seu ramo verlaineano, — de despojamento verbal, de musicalidade, de pureza, de essencialidade, — nutrem êste verso, não obstante moderno, que é uma solução ideal para os tons intimistas e leves do lirismo menor. Como estudo, não saberia indicar melhor leitura a quem se esforça por tornar significativa e simples a sua expressão.

No entanto, é preciso não limitar o contacto com a poetisa mineira à leitura dêste último livro, que revela apenas um dos seus aspectos. Em "Prisioneira da Noite" teremos uma revelação diferente do seu temperamento poético, — um vigor e uma densidade inexistentes na *medula de sabugueiro* do "Menino poeta".

*

Integrando a equipe do Nordeste, que nos deu há cêrca de dois anos "Pedra de Sono" do sr. João Cabral de Melo Neto, a mais promissora das estréias poéticas dos últimos tempos, apesar do preconceito surrealista — o sr. Ledo Ivo sai a campo com o seu primeiro livro de versos, "As Imaginações".

Não encontramos neste poeta a personalidade marcada do sr. João Cabral; no entanto os seus poemas revelam uma vocação mais livre e mais promissora. Sobretudo, "Imaginações" tem um sentido que, para o crítico, é dos mais interessantes constatar: é que a poesia do sr. Ledo Ivo já dá a impressão de ter sido um produto da poesia brasileira, de representar uma manifestação autêntica de independência literária. Se procurarmos as fontes do proteu que é o sr. Mario de Andrade, encontraremos uma porção de gente, brasileira e estrangeira, de Gonçalves Dias a Blaise Cendrars, — mas sobretudo estrangeira. Como estrangeira é a égide sob a qual se desenvolveu grande parte da obra do sr. Manuel Bandeira. Os srs. Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt se apresentam mais brasileiros nas suas origens, o primeiro influenciado já pelos dois anteriores, o segundo retomando a linha casimiriana. Linha, porém, fortemente marcada por influências francesas pré-modernistas. O sr. Vinicius de Morais é um herdeiro e, possivelmente, o primeiro poeta moderno que representa uma síntese original da evolução poética anterior Agora, êste jovem alagoano vem provar que já se pode falar de uma tradição poética brasileira, recente mas viva e ativa.

E' um prazer sentirmos que o seu livro não se prende diretamente à influência européia, como a "Pedra de Sono", do sr. João Cabral, ao surrealismo; nem a um poeta determinado, como "O Anjo dos Abismos", do sr. Ruy Guilherme Barata, ao sr. Augusto Frederico Schmidt. "As Imaginações" é um produto verdadeiro da atmosfera poética moderna, do Brasil das influências dos seus poetas principais. Lendo-o, lembramo-nos ora do sr. Carlos Drummond, ora do sr. Murillo Mendes, ora do sr. Vinicius de Morais, ora, mais raramente, do sr. Augusto Frederico Schmidt. Lembramos, apenas; porque acima de tudo ressalta a autonomia que o jovem poeta conseguiu, ultrapassando a impregnação poderosa dêstes mais velhos ilustres. E nos vem o pensamento de que já é possível a um poeta moço conhecer apenas os poetas da sua terra, sem ser preciso ir buscar estímulo e apoio na poesia estrangeira, como foi o caso até aqui.

No livro do sr. Ledo Ivo, a qualidade que mais seduz é a sua capacidade de aventura. O sr. Ledo Ivo é um aventureiro da poesia, às vezes, mesmo no mau sentido (certo cabotinismo, certo farol aqui e acolá). Ora, uma das promessas maiores que um poeta pode dar é o seu ímpeto para a experiência, para as soluções desconhecidas, para o aumento das possibilidades do vocábulo e da expressão. Lançando mão de todo um arsenal já conquistado e usado, o sr. Ledo Ivo se atira não de menos à poesia com uma confiança e um embalo que, se não o levarem à glória fácil do exibicionismo e do pseudo-hermetismo, farão certamente dêle um dos poetas mais altos da sua geração. Nenhuma timidez neste principiante. Se dirige à poesia com a impavidez do seu coestaduano Guimarães Passos, com ousadia fecunda, mandando às favas a modéstia e o bom tom.

O vocábulo se dobra, as frases se amaciam e cantam diante dêste moço que afirma:

"Sou macho e brasileiro, coração:
em teu olhar eu nu e forte estava
e foi assim, morena, que eu te
amei".

Domina a sua matéria com bastante desenvoltura, embora frèquentemente ela nem sempre obedeça da maneira mais harmoniosa. Há no livro muita pressa e muito tranco nas palavras. Mas há, sobretudo, além do *panache* e da aventura, um sentimento muito poético dos têrmos e uma grande capacidade de dar valor de mistério à experiência de cada dia, sobretudo a amorosa. O sr. Ledo Ivo entra com mais uma mulher para a galeria das inspiradoras modernas. A sua Adriana, motivo de poemas tão belos, é uma filha das Josefinas e Lucianas, do sr. Augusto Frederico Schmidt, da Esmeralda, do sr. Manuel Bandeira, da Adalgisa-Adaljosa, do sr. Carlos Drummond de Andrade, e sobretudo de Berenice, do sr. Murillo Mendes. É a mulher como linha de fuga da emoção para o mistério: mulher que, trazida ao poema como auxiliar nem sempre erótico, mas simbólico, já está criando na poesia moderna do Brasil uma atmosfera peculiar, indefinível, refundindo e retomando de certo modo o papel de *apoio* das Nizes, Amarilis, Glauras e Marfisas da Arcádia, é Adriana do sr. Ledo Ivo é motivo para alguns dos mais realizados dentre os seus poemas.

O motivo feminino — diretamente erótico ou transposto para um nível essencial, — não é todavia o único dêste livro cheio de mulher e de mulheres. O tema do encontro consigo mesmo, terra de busca da própria realidade, dá lugar a poemas tão belos quanto "A Torre", porventura a obra prima do autor:

"Torre diplomática
que me policia
e não dá de mim
senão o essencial.

Nesta torre escrevo
a minha biografia.

....

E já que não canto
— a torre é silêncio! —
tocarei por vós
os destorreados
tristes desterrados.

....

Torre ou disciplina
sem quaisquer visões
onde o verso simples
é tua conquista
que irrompe na torre
— maior que a torre —
se liberta e vôa". etc

Ora, voltando para tais rumos, o seu embalo de Mickey Rooney, que síntese original de fôrça e de penetração não nos poderá dar a poesia do sr. Ledo Ivo, que já se mostra de nível tão elevado neste primeiro ensaio. Façamos votos para que êste poeta moço e arroubado não desvie rumo ao brilho fácil as belas qualidades de inspiração que possui e para que as discipline, a fim de que possamos saudá-lo futuramente como um dos mais fortes da literatura brasileira contemporânea.

(1) Henriqueta Lisbôa - O menino poeta - Rio de Janeiro, — [illegible].

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA

ROMANCE E JORGE AMADO

Antonio CANDIDO

Há cerca de dois meses, eu dizia num destes rodapés que os romancistas da geração de Trinta tinham de certo modo inaugurado o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que carateriza a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior — entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente indicados por estas designações.

Essa dualidade cultural, de que temos vivido, tende, naturalmente, a ser resolvida, e enquanto não o for não poderemos falar em civilização brasileira. Tende a ser resolvida económica e socialmente, no sentido da integração de grandes massas da nossa população à vida moderna. Ora, precedendo à obra dos políticos, dos economistas, dos educadores, a literatura, a seu modo, colocou primeiro e se encaminhou em seguida para a solução do problema. A princípio, muito tímida e inconcientemente, fazendo lembrada a existência do homem rural, explorando-o como motivo de arte — motivo, porque não dizê-lo, de sabor quasi exótico para o leitor das capitais. Foram as diferentes fases do regionalismo na literatura, que, oriundo, provavelmente, do indianismo e suas tendências racionalistas e campesinas, entrou a ponderar no romance com Bernardo Guimarães e Franklin Távora e invadiu a ficção no primeiro quarto deste século, tornando-se quasi um movimento social com Monteiro Lobato.

Mas essa visão lírica e de certo modo pitoresca do homem do campo, tema sobre o qual variou largamente uma das mais abundantes e tenazes sub-literaturas da nossa história literária, não podia persistir com a marcha do problema social. Com o trabalhador rural se integrando em massas dominadas pela usina e pela tulha, símbolos da poderosa engrenagem latifundiária, com o proletariado urbano se ampliando segundo o processo de industrialização. A medida que esta se dava, o equilíbrio do mundo burguês do escritor com o mundo do homem rural, objeto da sua literatura, ia se colocando em novos termos, as contradições sociais se evidenciando e se agudizando nas perspectivas de conflito e nas necessidades de reajustamento.

O movimento de reivindicação e a onda surda da tomada de conciência de uma classe ecoaram de certo modo no domínio estético, e a massa começou a ser tomada como fator de arte, os escritores procurando opor à literatura e à mentalidade litorâneas a verdade e a poesia, o sentido humano da massa rural e proletária, esta um prolongamento urbano do pária sertanejo. Dentro da sua linha própria de desenvolvimento interno, o romance correu paralelo, interagindo com a evolução social, recebendo as suas repercussões.

Neste momento, um pouco antes de Trinta, e se integrando na mesma corrente popular que acentuou por um momento o rosa burguês da sua revolução, surgiu o chamado romance do Norte. Surgiu e se colocou, pela primeira vez na literatura nacional, como um movimento de reunião ao patrimônio da nossa cultura, da sensibilidade e da existência do povo, não mais tomado como objeto de contemplação estética, mas de realidade rica e viva, criadora de poesia e de ação, a reclamar o seu lugar na nacionalidade e na arte, que, neste momento, tocava o ponto vivo da sua missão no Brasil. Há sempre para ela um papel a desempenhar, e feliz quando consegue fazê-lo. Estava procedendo à descoberta e consequente valorização do povo; ligando-o, portanto, ao nosso patrimônio estético e ético, num magnífico trabalho de preparo ao aspecto político da questão, por que ainda esperamos. E estava, ao mesmo tempo, garantindo à literatura brasileira a sua sobrevivência como fenómeno cultural, porque lhe mostrava o caminho e o trabalho a ser realizado.

Até aí o romance fôra feito em vista da satisfação da burguesia litorânea, mais ou menos europeizada. E por escritores burgueses, na sua maioria. Ou que se aburguesavam. A partir daí, vamos ver um fenómeno diferente: em grande parte os escritores procuram se desburguesar. Se desburguesando, vão tentar por de lado uma série de valores culturais próprios à burguesia litorânea. Vão viver menos obsecadamente voltados para a Europa; vão aceitar o brado de autonomia linguística: vão procurar sentir o povo, realizando e dando sentido humano ao programa estético dos rapazes de vinte e dois. O romance começa, pois, a não ser mais romance *para* classe. E' ainda *de* classe, porque os seus autores não podem se desprender da sua burguesa. Mas porfiam em atenuar esta circunstância por uma reação ao que até então fôra a literatura burguesa, tentando menos fornecer à burguesia o tipo de romance que lhe convinha, e que ela queria, do que criar livremente no sentido muito mais amplo do povo.

A seleção dos temas e o espírito que animava a sua escolha falam bem claramente deste espírito. Uns escritores se colocavam no ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo, como o sr. José Lins do Rego. Outros procediam à análise impiedosa da própria classe, como o sr. Graciliano Ramos para a pequena e o sr. Octavio de Faria, vindo de outra corrente, para a grande burguesia. Escritores como a sra. Rachel de Queiroz procuravam mostrar o que há de sofrimento e de virtualidade na existência do povo e nos seus movimentos. O sr. Ciro dos Anjos, em Minas, fazia o processo do intelectualismo pequeno burguês, mostrando as perspectivas desoladoras e paralisantes do seu requinte sem seiva.

De uns e de outros, de todos os lados, um vento de renovação, de revisão de valores, de reajustamento do sistema de equilíbrio social e literário.

Esta função do romance, que acaba de ser reconhecida recentemente por um intelectual da estatura do sr. Mario Schenberg, na sua resposta à "Plataforma da Nova Geração", assegura-lhe um papel de rara qualidade civilizadora na nossa cultura. O romance procedeu a uma espécie de preparo do terreno à integração das massas na vida do país. Na fase regionalista, sertaneja, o caboclo era considerado sobretudo como um *motivo*, um objeto pitoresco. Mesmo em escritores tão compreensivos quanto Affonso Arinos. Entre ele e os escritores ia a distância que vai do empregado ao patrão bondoso e interessado pela sua vida. A força do romance moderno foi ter entrevisto na massa, não *assunto*, mas realidade criadora. Os escritores aprenderam, no sentido pleno, com os trabalhadores de engenho, os estivadores, os plantadores de cacau, os operários de fábrica. Através dos livros, toda essa massa anônima *criou*, de certo modo, transfundindo o seu vigor e a sua poesia na literatura europeizada da burguesia. Foi uma espécie de tomada de conciência da massa através da simpatia criadora dos artistas que se dirigiram a ela. Foi, portanto, o despertar de um sentido novo do Brasil. Como diz o sr. Mario Schenberg, no referido ensaio, a elevação do nível económico das massas lhes permitirá uma participação efetiva na cultura nacional. O prelúdio desta participação, pode se dizer que foram os romances de Trinta, reveladores do povo como fonte, não mais motivo de arte. O resto virá depois.

*

Os romancistas do norte ainda estão, todos ou quasi todos, em atividade. Ainda agora acaba de sair, editado em São Paulo, mais um romance do sr. Jorge Amado — belo livro que representa na produção do seu autor um momento de excepcional importância, pois é como que o primeiro índice de uma maturidade que se anuncia cheia de força. (1)

No trabalho de revelação do povo como criador, que assinalei atrás, nenhum escritor se apresenta de maneira mais caraterística do que o sr. Jorge Amado. Os seus livros penetram na poesia do povo, a estilizam, a transformam em criação própria, trazendo o proletário e o trabalhador rural, o negro e o branco, para a sua experiência artística e humana pois que ele quis e soube viver a deles.

Se encararmos em conjunto a obra do sr. Jorge Amado, veremos que ela se desdobra segundo uma dialética da poesia e do documento, este tentando levar o autor para o romance social, o romance proletário que ele quis fazer entre nós, a primeira arrastando-o para um tratamento por assim dizer intemporal dos homens e das coisas.

"Cacau" queria ser um documentário impessoal: "Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade a vida do trabalhador das fazendas de cacau do sul da Baía.

Será um romance proletário?"

A intenção de "Suor" é da mesma natureza. Mas a poesia esperava do sr. Jorge Amado atrás da esquina dos seus cortiços. "Jubiabá" vive dela, e adquire graças a ela uma amplitude até então desconhecida na nossa literatura. Como a sombra no poema de Vitor Hugo, a poesia do sr. Jorge Amado alarga até as estrelas o gesto do trabalhador brasileiro. Já aí ele se havia convencido de que a literatura não é vergonha para ninguem, sobretudo para o escritor. Devido a uma penetração mais profunda nos seus meios de expressão é que pôde fazer de "Jubiabá" um grande romance e lhe dar um alcance social efetivo muito maior do que o obtido com os rudes ensaios precedentes.

Em "Mar Morto" o sr. Jorge Amado perde francamente o pé e se afunda na pura poesia. O documento esvaece diante do ímpeto lírico, e o romance se faz quasi poema. Nos "Capitães da Areia", volta o documentário a se impor. O autor tenta se equilibrar entre as suas duas tendências, mas produz um livro sensivelmente inferior aos dois precedentes.

Em "Terras do Sem Fim", chegamos como que à solução do movimento dialético assinalado; chegamos, por assim dizer, à fórmula da estética do sr. Jorge Amado. Documento e poesia se fundem harmoniosamente através do romance histórico. Porque este livro é de certo modo um romance histórico, como veremos no próximo artigo. Para o autor, não poderia haver solução melhor.

(1) — Jorge Amado — Terras do Sem Fim — Capa de Clovis Graciano — "Coleção Contemporânea", vol. 5 — Livraria Martins Editora — São Paulo — 1943.

FORUM DE GARÇA

FORUM DE ITARARÉ

SOBRE AS GORGETAS



"COCKTAIL" NOS CAMPOS ELISIOS — Constituiu acontecimento de invulgar brilho social o "cocktail" que d. Anita Costa ofereceu ontem, no Palácio dos Campos Elisios, em nome da Legião Brasileira de Assistência, ao gal. Zenobio da Costa e demais oficiais que integram o Corpo Expedicionário. Durante a festiva reunião, a senhora Anita Costa comunicou ao gal. Zenobio da Costa que já havia [illegible] ... No clichê vemos o gal. Zenobio da Costa [illegible] o presidente da Legião Brasileira de Assistência em S. Paulo.

NOTAS DE CRITICA LITERÁRIA

UM ANO

Antonio CANDIDO

Relendo hoje o artigo com que, há um ano, iniciei a minha atividade neste rodapé, vejo com satisfação que subscreveria integralmente as suas afirmações de ordem ética e doutrinária. Em mais de um ponto as minhas idéias mudaram, alterando orientações de detalhe, avançando ou recuando. Não obstante, a minha diretriz dentro da crítica permanece integral nas suas linhas mestras. Sou o primeiro a reconhecer quão pouco tenho avançado nela, mas reivindico para este avanço as honras da coerência e da persistência com que vem sendo seguido.

Conforme prometi no meu primeiro artigo, tenho procurado manter a atividade crítica diretamente ligada à vida do meu tempo, destacando nos múltiplos aspectos das obras aquelas que, direta ou indiretamente, as tornam sinais e índices das idéias e dos rumos da inteligência moderna. Atuando dessa maneira, tenho feito atividade eminentemente circunstancial, eminentemente transitória, porventura, mas, sem dúvida alguma, viva e participante. Reafirmo agora, como há um ano atrás, a minha convicção de que a crítica de jornal é uma atividade momentânea e que o crítico literário não visa a duração mas o seu momento. E' um trabalhador junto aos seus contemporâneos, das idéias e das obras de arte que elas sim pertencem à posteridade.

Contrariamente ao meu amigo Álvaro Lins, não me esforço por inscrever a minha crítica numa ordem perene, equiparando-a à criação. Aceito com humildade a sua contingência e o seu imediatismo, reconhecendo que a sua duração é obra de um instante e que, certamente, a da minha própria vida será maior que a dela. Em compensação tenho certo orgulho em acreditar que, no momento que passa, ela é útil e é esclarecedora. Tenho, sobretudo, a alegria de achar que vou mais ou menos cumprindo o meu intento de chamar a atenção do leitor para aspectos pouco lembrados pela nossa crítica literária, quais sejam o sentido e o condicionamento histórico-social da criação e da obra de arte. E nisso se contém a confiança que ainda na minha atividade — porque, procurando menos lançar-me no Tesouro do que trabalhar num sentido de interesse coletivo, a minha parcela de tempo estará transformando a minha crítica em vida de todo o dia.

Mais de um leitor e mais de um amigo teem chamado a minha atenção para a recorrência das minhas afirmações e para a insistência com que as faço. Acham, mesmo, que sacrifico o alcance da minha análise ao dirigi-la mais para o condicionamento da obra do que para o que se convencionou erroneamente chamar a sua essência. Ora, numa obra não há essência, porque uma obra é um fusar- (sentido geométrico) de influências e de ressonâncias — da época, das condições sociais e da psicologia do autor. Como já tive oportunidade de escrever, combatendo o essencialismo do meu amigo Álvaro Lins, o que se chama de essência de uma obra não passa de hipostase das suas condições. Arriscando amarrotar os vincos em que se comprazem os cérebros espiritualistas, direi que dizer aquilo que é condicionado; descobrir aquilo que condiciona é explicar a razão e a natureza do fenômeno da duração artística — embora seja mais estético e mais profundo aceitar o incondicionado, o que levaria, na hipótese, para mim inadmissível, da transcendência dentro da criação.

Mas o mundo não é só doutrina, há a passagem, sempre grave e decisiva, da teoria à prática. Numa como noutra, mas sobretudo na segunda, são graves e decisivos alguns dos inconvenientes apresentados pela orientação em que procuro me encaixar. Tomemos dois deles para exemplo.

Primeiro. Um dos perigos de se procurar a explicação social de uma obra literária é o da se chegar a uma visão orgânica do período estudado e concluir pela noção do estilo de uma cultura e de uma época, noção largamente divulgada por Spengler, após Nietzsche e Frobenius, e que só pode ser aceita com as maiores reservas. Através dela, com efeito, podemos ser levados à idéia de que estilo de época significa sincronia das manifestações culturais (cultura no sentido largo), um período de esplendor político, por exemplo, significando um impulso de vitalidade que repercute paralelamente nas artes, nas ciências, nas técnicas. Ora, nada mais errado. Essa concepção unitária representa uma visão de superfície ou uma arbitrariedade de idéias. Na história dos povos, o que se observa com freqüência é um [illegible] no movimento da cultura. São raros os períodos como o século dezessete francês. A grandeza política pode ser fruto do ímpeto para expandir largamente condições econômicas em plena vitalidade, mas também o arranco derradeiro que procura evitar o desmoronamento definitivo de um equilíbrio econômico instável. E a literatura pode permanecer à sua margem — como os fenômenos de reação lenta permanecem à margem dos ímpetos fugazes — para florescer numa fase posterior que pode ser de depressão política.

O estilo, portanto — se é que se pode sem grave risco usar este conceito perigoso — se faz de contrastes, de evoluções que acobertam involuções, de pseudo-condicionamentos, de interrelações fictícias. O crítico ou o historiador literário que se puser a discerni-lo, arrisca ser embalado pela facilidade das aparências e chegar às mais falsas, embora aparentemente lógicas e brilhantes das conclusões.

O segundo perigo, intimamente ligado ao primeiro, é o de dar mais importância aos fenômenos de condicionamento do que à própria obra condicionada. E' um pecado por excesso, que resulta no desvirtuamento da crítica em benefício da sociologia ou da história.

Ainda recentemente, um crítico norte-americano, historiando o romance inglês, mencionava o seu desejo de não considerar a literatura como o que ele chama um "organismo", dizendo interessarem-lhe menos as funções e o condicionamento da obra do que a sua realidade acabada e autônoma — pelo mesmo motivo, acrescenta pitorescamente, por que, num quadro, a moldura lhe interessa menos do que a tela. Esta parece ser a tendência de boa parte da crítica universitária norte-americana, tendo encontrado um teórico recente e brilhante no professor René Wellek, em seu estudo sobre períodos literários.

A verdade é que o condicionamento social e histórico da literatura não é apenas a sua moldura, mas — sem que isso implique num atentado à sua autonomia — a própria substância da sua realidade artística e a condição de existência dos elementos que, nela, podem ser chamados de eternos, graças, não a uma misteriosa participação com algo incondicionado, mas a uma forte virtude de eloqüência e generalidade. Além do mais, se nos países de cultura mais antiga ou mais adiantada a explicação social da literatura já chegou a um ponto de quasi saturação e de exagero, o fato é que, no Brasil e em relação à nossa literatura, ela é praticamente inexistente, descontadas a tentativa ampla demais de Silvio Romero e os raros trabalhos do sr. Astrojildo Pereira. Porisso, para nós ela é uma etapa necessária, podendo tornar-se de uma fecundidade remarcada se conseguirmos evitar os tropeços que a comprometeram noutras terras. O necessário é nunca perder de vista os exageros da doutrina na aplicação da crítica que chamei de funcionalista, entrevendo com isto evidenciar não só a sua tendência de mostrar as relações de variabilidade do fenômeno literário com os outros fenômenos culturais, como também o seu desejo de desencadear uma função efetiva no complexo das outras atividades sociais.

*

Bem ou mal, atingindo ou [illegible] os meus propósitos, atrás de [illegible] se estendem doze meses de [illegible] dades neste rodapé e do con[tacto] com o público. Este artigo [deve]ria em grande parte ser um artigo de agradecimento: àqueles que teem me dado, neste jornal, a liberdade de expressão, àqueles que me lêem e que me escrevem, àqueles que criticam e aplaudem o meu trabalho. Se de um lado, por exemplo, recebi uma carta cujo autor, tomando ao pé da letra o estilo indireto e irônico das "Reflexões a lapis roxo", me chama de clerical (sic) e de integralista (sic!), do outro tenho encontrado compreensão e simpatia da maior parte dos leitores interessados na liberdade do pensamento e na luta contra forças reacionárias — tão vivas dentro da literatura. Esse apoio me faz confiar no trabalho que vou levando adiante, querendo que a crítica, como a literatura, sejam para o leitor desses tempos tormentosos o que Spender quer que os seus versos sejam:

"I say, stamping the words with
(emphasis,
Drink from here energy and only energy,
As from the electric charge of
a battery,
TO WILL THIS TIME'S CHANGE."

mio Nobel a los cuarenta y cuatro, la muerte a los cuarenta y seis, una quincena de obras para sostener su gloria, y pelear su proceso abierto.

Detrás de todo, más que un sistema filosófico o incluso que una literatura, un ansia febril, una rebeldía, una sed: de vida, de entendimiento, de justicia, de belleza. Y, ¿por qué no?, una complacencia, muy pronto combatida como quien se flagela a sí mismo: la búsqueda —tenaz, confusa, contradictoria— de un nuevo humanismo.

Se debatió entre dos máscaras opuestas de lo humano: una hecha de azar, de horror, de absurdo dirá él; otra creadora, heroica, racional, y no quiso renunciar a ninguna, sino abarcar el todo. Así lo intuyó, muy joven, en **El ravés y el derecho**, así lo vio consumarse hasta sus mayores extremos, en la guerra, así lo expresó en una serie de libros alternos. Buscó salidas y no las encontró, al menos nuevas, originales; pero su búsqueda dibujó un camino con obras de la plenitud de **El extranjero.**

1. El hombre absurdo

Su punto de partida es la incredulidad, que afecta tanto a lo divino como a lo humano, recogiendo lo que Nietzsche oponía a Dostoievski descubriéndolo en sus novelas. De ese agnosticismo definitivo, universal, enfrentado al espectáculo de la vida, nacerá la noción del "mundo absurdo", con un acento que evocará muchas páginas de Pascal. Así lo define Sartre: "La muerte, el pluralismo irreductible de las verdades y de los seres, la ininteligibilidad de lo real, el azar, ésos son los polos del absurdo". Dicho mejor, por el propio Camus, el absurdo nace del enfrentamiento del hombre y del mundo. "Yo decía que el mundo es absurdo y me apresuraba: el mundo en sí no es racional, y es todo lo que de él puede decirse. Lo que es absurdo es la confrontación de ese irracional con el tenaz deseo de claridad cuyo llamado resuena en lo más hondo del hombre. El absurdo depende tanto del hombre como del mundo".

Para el hombre absurdo se ha roto la ley casual que encadena el acaecer del mundo y no existe finalismo de ninguna especie que reordene la naturaleza. La vida no son más que desarticulados momentos de presente que agotan en sí mismos todos los posibles significados, y ante ella el hombre es un ajeno, un extranjero. Ese es Meursault, protagonista de **El extranjero.**

Forzoso es reconocer la lucidez tenaz de Camus y de sus héroes literarios: ellos no quieren engañarse, y se aferran a lo que es para ellos una certidumbre. "Lo que yo toco, lo que se me resiste, eso es lo que comprendo". Y si a Meursault le preguntáramos qué toca y qué comprende, dirá sin sorprendernos pues ya lo habíamos sospechado en un libro anterior de Camus, **Bodas**: "algunos momentos de felicidad". No se equivoca André Rousseaux, cuando incluye a Camus entre los "filósofos de la felicidad", aunque la definición no lo abarca totalmente: hay en él un ansia de vida plena, demasiado desasosegada para llamarla vitalismo, de la cual nace el esplendoroso paisaje ardiente de sus relatos.

acto heroico. Rieux, el médico de **La peste** opone su acción tesonera, sin esperanzas, porque el mundo absurdo en estado puro es aquél representado por una ciudad sitiada por la peste. Y es en esta novela de su madurez literaria que Camus comienza a desentrañar los caminos posibles que lo conduzcan a un humanismo.

Incluso antes, en su libro **Cartas a un amigo alemán**, Camus se decide a enfrentarse con el peligro de sus propias ideas, porque es cierto, y leyendo **El hombre rebelde** se lo percibe dramáticamente, que ese mundo absurdo es en sí una doble tentación que, por una parte, puede legitimar un nihilismo estéril y hasta el caos nazista en lo que éste tuvo de irracionalidad consentida. Al supuesto amigo alemán Camus le dice:

"Vosotros habéis elegido la injusticia, os habéis puesto de parte de los dioses. Yo he elegido la justicia por el contrario, para seguir siendo fiel a la tierra. Sigo creyendo que este mundo carece de un sentido superior. Pero sé que hay algo en él que tiene sentido, y es el hombre, ya que es el único que exige tenerlo. Este mundo tiene al menos la verdad del hombre y nuestra tarea es proporcionarle razones contra el propio destino". Sin el rigor y la dramática profundidad de la acción, resuena aquí un eco de la cosmovisión de Malraux a la que Camus no podrá agregar mucho nuevo.

Lo que propondrá Camus en **La peste** es la comunidad del esfuerzo humano, y es ése, como él ha señalado, su libro más anticristiano, porque a la irracionalidad constitutiva del mundo él opondrá la capacidad exclusivamente humana de luchar en conjunto contra ese caos para someterlo a la razón. No es sin embargo el libro del amor, como ha observado Pierre Henri Simon, sino más bien el libro que con mayor aguzamiento plantea la necesidad de la felicidad concreta.

Es la misma situación en que se instalaba la creación de un André Gide, con tantos puntos de contacto con Camus, aunque más acentuada por el esteticismo y por la moral esteticista, mientras el segundo se dramatizaba ante un afán gnoseológico. Pero estas inclinaciones ideológicas no ocultan lo que ambos son primordialmente y la categoría en que deben ser juzgados: literatos.

El literato Camus, obsedido por la intensidad deslumbrante de una naturaleza tan feliz como destructora —en una palabra, bárbara— acongojado por el caos de una sociedad en ebullición y por el fracaso de un orden ideal, encontró la más tensa, ardorosa y austera expresión escribiendo **El extranjero**, que es su mejor libro. Porque aquí la explicación viene a posteriori, en **El mito de Sisifo**, forzando muchas veces lo que en su relato es la expresión lírica, seca, precisa, de una sensación de la vida, irreductible a toda explicación racional, y eso es el arte.

Incluso **La peste**, como muy recientemente **La caída**, están a pesar de su armonía expresiva, de su lenguaje diestro, de su sensibilidad estética, demasiado aprisionados por los cuadros explicativos que previamente fueron trazados en las **Anotaciones sobre la rebelión.**

Su mejor acento Camus volvió a recobrarlo, y parcialmente, en los cuentos de **El exilio y el reino**, sobre todo en "Confusión de espíritu"; significativamente los mejores momentos narrativos los alcanza cuando recupera en las letras un mundo que es único, el de su infancia africana. Porque Albert Camus fue en la literatura europea un escritor mediterráneo, más intensamente que un Moravia o que un Kazantzakis, y, francés por adopción de cultura y de pensamiento, conservó un sabor agreste, áspero, una sensibilidad original y exótica, un ardor y una luminosidad violentos, que encuadran y justifican sus mejores relatos.

ANGEL RAMA

Albert Camus
DEL ABSURDO AL HUMANISMO



Una carrera, más que rápida, apresurada hasta el vértigo: la fama a los treinta años, el premio Nobel a los cuarenta y cuatro, la muerte a los cuarenta y seis, una quincena de obras para sostener su gloria, y pelear su proceso abierto.

Detrás de todo, más que un sistema filosófico o incluso que una literatura, un ansia febril, una rebeldía, una sed: de vida, de entendimiento, de justicia, de belleza. Y, ¿por qué no?, una complacencia, muy pronto combatida como quien se flagela a sí mismo: la búsqueda —tenaz, confusa, contradictoria— de un nuevo humanismo.

Se debatió entre dos máscaras opuestas de lo humano: una hecha de azar, de horror, de absurdo dirá él; otra creadora, heroica, racional,

Ocurre que este hombre "ajenado" desea fervientemente religarse a un cosmos misterioso y armonioso donde ser un elemento viviente y feliz, y eso no le será posible entre los hombres ni por el camino del amor, sino por un contacto mágico con la naturaleza. Una verdadera posesión como se verá ilustrada en ese libro de título significativo, **El exilio y el reino.** ..

El extranjero y **El malentendido**, secretamente unidos y no sólo por la enunciación del tema del segundo dentro del primero, mostrarán el mundo absurdo para seres ajenados que sólo alcanzan plenitud en cortos presentes de felicidad corporal —Meursault nadando—; otra expresión del mismo universo y otra respuesta al absurdo se nos dará en **Calígula.**

Aquí está aún más claro el afán ejemplificador y la mecánica explicativa que merodeaba a **El extranjero** y que tenía su correspondiente discurso racional en **El mito de Sisifo.** Calígula es el hombre que, ante la muerte de su mujer, descubre el absurdo: en vez de limitarse a contemplarlo y vivir ajenado como Meursault, quiebra en apariencia la razón que se oponía al caos, y se identifica con el absurdo. Allí no hay ley, y el azar reina de tal modo que él es la libertad misma. Calígula repite al mundo, se pierde en él, pero lo irreductible de su razón última le hace confesar la imposibilidad de su aventura y buscar la propia destrucción. Pero ya aquí aparece Quereas, que quiere la felicidad de algunos momentos y además un orden.

II. El humanista laico

Malraux opuso a la fatalidad, a la nada, el acto heroico. Rieux, el médico de **La peste** opone su acción tesonera, sin esperanzas, porque el mundo absurdo en estado puro es aquél representado por una ciudad sitiada por la peste. Y es en esta novela de su madurez literaria que Camus comienza a desentrañar los caminos posibles que lo conduzcan a un humanismo.

Incluso antes, en su libro **Cartas a un amigo alemán**, Camus se decide a enfrentarse con el peligro de sus propias ideas, porque es cierto, y leyendo **El hombre rebelde** se lo percibe dramáticamente, que ese mundo absurdo es en sí una doble tentación que, por una parte, puede legitimar un nihilismo estéril y hasta el caos na- ... tuvo de irracionalidad con-

El humanismo laico de Camus no ha pasado de ésta por cierto bien simple y bien antigua afirmación de una acción positiva contra el absurdo del mundo, y ha oscilado defendiéndose de las atracciones y ataques que le venían del cristianismo y del comunismo, sin llegar a establecer un campo propio de su afirmación. Incluso su alejamiento del existencialismo, al que se le vinculó exteriormente, no ha hecho sino reducir sus posibilidades filosóficas, dejándole un territorio vago e indeciso, el de la crítica moral.

III. El Literato

Cuando en su magistral análisis de **El extranjero**, Sartre lo aproximaba en mérito a sus rasgos estilísticos, a los relatos de Voltaire, dejaba establecido sin decirlo un parentesco que podía resultar sorprendente pero que se ha revelado veraz. Lo que se ha llamado la literatura de ideas, un modo peculiarísimo del talento francés que con esos rasgos no se ha dado originariamente en ninguna parte del mundo. La novela, el cuento, el teatro, funcionan como la "hermosa cobertura" de las ideas, y son los conductores sensibles de un entendimiento ideológico de lo real, y bajo esta especie ve Camus la gran literatura en su exégesis de **El mito de Sisifo**: "La elección de los grandes novelistas, de escribir con imágenes más que con razonamientos es reveladora de un pensamiento que les es común, persuadido de la inutilidad de todo principio de explicación y convencido del mensaje educativo de la apariencia sensible".

Es la misma situación en que se instalaba la creación de un André Gide, con tantos puntos de contacto con Camus, aunque más acentuada por el esteticismo y por la moral esteticista, mientras el segundo se dramatizaba ante un afán gnoseológico. Pero estas inclinaciones ideológicas no ocultan lo que ambos son primordialmente y la categoría en que deben ser juzgados: literatos.

El literato Camus, obsedido por la intensidad deslumbrante de una naturaleza tan feliz como destructora —en una palabra, bárbara— acongojado por el caos de una sociedad en ebullición y por el fracaso de un orden ideal, encontró la más tensa, ardorosa y austera expresión escribiendo **El extranjero**, que es su mejor

En Este País:

RESPUESTA EN LLANA PROSA

Neruda:

☆ El azar quiso que el viernes 18 en que aparecía MARCHA con mi crítica a su último libro, Navegaciones y regresos, Ud. llegara al país.

Supe en esos días que varios lectores suyos, tan admiradores de su poesía como yo, consideraban atinados varios de los reproches que yo le formulaba; supe que Sarandy Cabrera se había interesado en nuestro semanario para que se le reporteara pero, como para eso había que viajar a Punta del Este donde Ud. residía, debí desechar la sugerencia; supe además que daría un recital, anunciado en estas páginas, y, con posterioridad, supe cuánto secreto y cautela se puso entre el reducido número de enterados para que no trascendiera el motivo central del acto: responder a la crítica de un tal A. R. Permítame que revele una identidad que Ud. pareció desconocer: ese tal soy yo, Angel Rama, lo que Cotelo ha llamado "la sombra", el crítico que sigue paso a paso al creador.

No pude el viernes 25 concurrir a su recital. Lo lamento, ahora que sé, por los amigos presentes, por las crónicas coincidentes de Ruben Cotelo, Gonzalo de Freitas y Omar Prego, en qué consistió ese acto que entiendo indigno de su talento.

En mi tierra, para una payada se meten dos payadores; en todas las tierras para un diálogo se meten dos hombres, y por demagógico que me pareciera el debate, por desproporcionado en la situación de las fuerzas, ocurre que por estos pagos hay valor y no hubiera rehusado una invitación a sostener oralmente lo que afirmé por escrito y que Ud. mutiló a su antojo.

Eso hubiera permitido asentar sobre verdad la discrepancia, sin arrebatos narcisistas. Mi crítica versó sobre su último libro. Usted apeló a sus **Obras completas.** Pero ocurre que pensando en ellas, en los volúmenes que llegan al **Canto general**, al primer libro de **Odas** y a algunos poemas de los restantes libros, yo afirmaba que era usted **"el mayor poeta actual, vivo, de la lengua española"**.

Neruda: ¿conoce Ud. más alto elogio? ¿O acaso era que un crítico nuestro ha definido como su "psicología de **enfant gaté**" exige ya el planeta todo y hasta el cosmos como término comparativo? Agregue que en esta página se ha informado seguidamente de sus actividades; aquí se han publicado sus poemas últimos, quizás algunos de los que Ud. leyó en su recital. El **azar quiere, ese azar que tan burlonamente ha jugado en este asunto, que en estos días se edite un coloquio entre C. Real de Azúa, E. Rodríguez Monegal y yo (Evasión y arraigo de Borges y Neruda)** donde soy yo, **A.R. sí, quien hace la** defensa de su lírica. Claro que eso fue en 1957; hoy haría mías varias de las objeciones de Real.

Respecto a su libro **Navegaciones y regresos,** le reconocí "buenos poemas", "versos de plena maravilla", pero lo censuré ásperamente por lo inauténtico de su actitud creadora que se traduce en tres rubros: retórica o palabreo insustancial; demagogia populista, y egolatría.

Sigo creyendo que son ciertos. Le diré más: su respuesta, las condiciones en que se realizó, los textos a que recurrió, son inquerida confirmación de mi crítica. Claro está que no voy a convencerlo: si le reprocho retórica y usted lee para contestarme la **Oda a Lenin**, no hace sino confirmar con una larga prueba mi crítica, y es desconsolador que Ud. no se dé cuenta; si le reprocho demagogia populista — porque Ud. no hizo su poesía "comiendo con los miserables en el mesón glacial de la pobreza" como así la hizo César Vallejo muriéndose literalmente de hambre — y Ud. lee su hermoso poema a Vallejo, no me responde, se escabulle, pero con esa actitud me da la razón; si le reprocho egolatría y me contesta con su poema **Tres niñas bolivianas** es que usted no entiende lo que es la egolatría porque la ha asumido como personalidad.

Neruda: usted es un gran poeta, su lugar en la poesía española de la primera mitad del siglo XX es de los más seguros; su competición ya no es sólo con los contemporáneos, sino con las sombras de los grandes poetas de la lengua, y ese compromiso no se salva con inautenticidad. Que usted haya reaccionado en la forma que lo hizo es para preocupar a todos los que estimamos su obra, porque pareciera que quiso certificar las palabras con que cerraba mi nota, apuntando como triste comprobación que el compromiso actual suyo no era con la poesía y la verdad, sino con la exaltación biográfica. Y eso se paga duramente en los textos que algún día, ausente su voz, serán los únicos que puedan revivirla.

¿Me permite agregar, ahora, que aún confío en ese alto don poético con que Ud. ha sido marcado?

ANGEL RAMA

ENCUESTA LITERARIA DE "MARCHA"

★ Con el fin de ofrecer a sus lectores un panorama fiel y amplio de los problemas de la cultura uruguaya y de los esfuerzos creadores cumplidos por los intelectuales del país, MARCHA iniciará próximamente la publicación de las respuestas recibidas a una encuesta que ha remitido a los intelectuales uruguayos, poetas, novelistas, críticos, con los diez puntos que publicamos hoy.

Se cumplen en 1960 los treinta años de la llamada generación del centenario, a la que pertenecen la mayoría de los escritores encuestados, y ha parecido útil que desde esta perspectiva, ellos analizaran con entera libertad de opinión, los problemas particulares a que debieron enfrentarse a lo largo de su actividad y los generales del país, ayer y hoy. Pensamos que esta encuesta puede contribuir al desarrollo orgánico de nuestras letras y a una mejor discusión de una coordinada acción cultural.

Texto de la encuesta

1º — ¿Qué obras y qué autores han contribuido más a su formación intelectual? ¿Se considera inscripto en una tradición nacional o más vinculado a movimientos estéticos extranjeros?

2º — ¿Hay en su vida algún suceso que haya tenido honda influencia sobre su creación intelectual?

3º — ¿Ha podido cumplir con sus propósitos artísticos o algo ha impedido su plena realización? ¿Cuál de las obras que ha escrito le interesa más y por qué?

4º — ¿Cuál es su régimen de trabajo? ¿Tiene obra inédita? ¿Ha tenido dificultades para publicar? ¿En qué obra trabaja y cuáles son sus proyectos?

5º — ¿Qué opina Ud. de la repercusión que ha tenido su obra, en el país y fuera de él? ¿Cuál es el mejor crítico que ha tenido?

6º — ¿Qué papel entiende Ud. que ha desempeñado la promoción intelectual a la que Ud. pertenece en el desarrollo cultural del país?

7º — ¿Qué función desempeña el intelectual en nuestra sociedad y cuáles son las actividades que según Ud. le corresponden?

8º — ¿Qué medidas concretas estima necesarias para mantener viva la comunicación escritor-público?

9º — ¿Qué piensa de la literatura actual del país, narrativa, poesía y crítica?

10º — ¿Qué corrientes artísticas o qué autores entiende Ud. que apuntan hacia el porvenir inmediato de las letras?

Páginas de Diario

(Viene de pág. anterior)

con el formalismo? La forma debe referirse a la actitud, como ésta, de antemano, está plasmándose en una forma aún no expresada. Lo que importa es esa correspondencia leal entre actitud, contenido y forma.

Lo que primero se da es la actitud y el hombre, en cierta medida, es su actitud. El arte del hombre no puede divorciarse de la actitud del hombre, aunque quepa el dualismo en la actitud misma. (Quien en la vida fue un cobarde, en el arte propuso la valentía; la actitud esencial puede haber sido uno, aunque se testimonió ambiguamente.)

Nos corresponde entonces ubicarnos ante la actitud (esto para el caso en que la palabra se ajuste a la actitud, en que ésta, por ende, se hubiera plasmado cabalmente en la expresión, teniendo además la expresión valor de creación) y es ahí, ante la actitud, que nuestra severidad se ejercita en tercera instancia. No toda actitud es artísticamente valedera, porque no toda actitud es sabia, aunque, cierto es, esa falta de sabiduría en la actitud se denuncia antes en la expresión formal.

★ *Lunes 15 de octubre*

Querría ser perfecto, pero la perfección es lo absoluto y lo absoluto es lo que no tiene historia y, sin historia, ¿puede uno pensar en el arte?

Por todos lados se encuentra la señal del pecado (se podría hablar de otra manera) pero, si se encuentra el pecado, ¿por qué no encontrar también la señal del Paraíso?

Releo mis viejos poemas, mis breves cantares: ellos son mi verdad; una verdad que no quiere renovarse, letárgica casi.

★ *Sábado 20 de octubre*

Se puede sustituir a Dios por el Espíritu; se puede sustituir el Deber por la Necesidad; lo difícil es hacer algo perdurable y universalmente válido de esas sustituciones. Inevitable es así volver al problema fundamental: el de las fundamentaciones.

La belleza en la naturaleza adolece de un vicio: refleja un poder ilimitado. El arte, al contrario, denuncia una dramática impotencia.

Si el arte es, en un sentido, acatamiento ineludible —a las leyes del color por ej.— es en otro práctica de la libertad. Como podrían, pienso, los que creen ingenuamente que el arte es imitación, imitar esa libertad?

Las ficciones —los mundos imaginarios— son —si así puede decirse— inmanentes por naturaleza. Sólo indirectamente se remiten y nos remiten al autor. Verbigracia: **El Quijote, La Comedia humana**, etc. La literatura de valor documental o testimonial, inversamente, —esto es claro— nos desplaza hacia el escritor. Sucede de igual manera con la poesía; la que consideramos lírica se integra en relación con el poeta mismo, incluso cuando se da en un ideal estético definido, en que el lirismo se devela por una inevitable vibración (caso de Keats, el Keats de las **Odas**). La otra sin embargo (recuerdo aquí a Herrera y Reissig y los Parnasianos) nos demora en sí misma como si poco importara el cuadro y su vida. Sí, porque su vida es lo de menos, es su obra. La problemática no supera el plano de lo estético (lo estilístico, lo técnico) porque en cuanto al resto la decisión fue tomada de antemano.

★ *Lunes 22 de octubre*

Leo en el GENESIS 19-5: "Con sencillez de mi corazón, y con limpieza de mis manos he hecho esto". Son palabras de Abimelech. Sencillez de corazón limpieza de manos: este episodio es, de hecho, la promulgación de la "buena fe". Si Abraham está en el origen de la fe, Abimelech está en el de la "buena fe". ¿Puede siempre Abraham alegar inocencia? Extraño personaje es éste que a la vez que la fe, propone la mentira...

Faulkner es lector cotidiano del Antiguo Testamento: lo recuerdo hoy leyendo yo mismo el Antiguo Testamento. ¡Qué evidente se me vuelven ahora esas resonancias bíblicas de Faulkner que tantas veces he creído advertir!

★ *Sábado 27 de octubre*

Ahí está Neruda, renegando públicamente de **Residencia en la tierra**: quisiera saber si en ese rechazo compromete sinceramente su entendimiento y su pasión. Y quisiera también saber si en su pregonado "populismo" se han comprometido aquellos. Hay demasiado de farsa, mentira y vanidad en todo esto. Es lamentable comprobarlo en un poeta como Neruda. ¡Qué difícil encontrar un gran escritor que sea un gran hombre a la vez!

★ *Domingo 18 de noviembre*

Leo en el BAUDELAIRE de Sartre (pág. 58): "Nous verrons plus tard que Baudelaire a écrit ses poèmes pour retrouver en eux son image". Toda la poesía lírica (¿puede decirse toda?) es el esfuerzo del creador por no desvanecerse. Pero hay una complicidad en este esfuerzo: la de un "pathos" que también quiere sobrevivir y como justificarse. Sartre, con esa peculiar sagacidad suya, lo ha denunciado.

★ *Martes 12 de febrero* (1957)

(Ultima anotación)

Es necesario coincidir en la fe para sentirse próximo a alguien en el arte como en la vida...

Alberto Zum Felde Juzga la Literatura Actual



LAS renuncias de Alberto Zum Felde han beneficiado nuestra cultura de imprevista manera. A mediados de la tercera década, abandona la crítica literaria periodística que, en "El Día", "El Ideal", había significado un ejercicio crítico inteligente y sensible. Lo que pierden sus lectores de entonces lo ganan lectores de muchas promociones, porque a la nota volandera del periódico, Zum Felde sustituye las obras mayores, orgánicas y sistemáticas, comenzando por el **Proceso intelectual del Uruguay** (1930), libro este que treinta años después sigue siendo la mejor ordenación de nuestra historia literaria y su mejor enjuiciamiento crítico.

Hace veinte años Zum Felde vuelve a renunciar, ahora la Dirección de la Biblioteca Nacional, para consagrarse en un austero retraimiento a su creación más ambiciosa, el **Indice crítico de la literatura hispanoamericana**, del que se publicó en 1954 el primer volumen sobre la ensayística, y del que acaba de aparecer el segundo referido a la narrativa. Obra de cumplida ambición, demostrativa de esa espontánea fineza de análisis que, por encima de imprecisiones e interpretaciones discutibles, ha hecho la calidad creadora de quien es maestro de la crítica literaria uruguaya.

Más visible en este segundo volumen, que rehuye la exposición taxativa, la historia literaria, los movimientos y escuelas, esforzándose por interpretar con amplia mirada panorámica el fenómeno de la novela en América. Está aquí presente el mejor acento de Zum Felde, y con anterioridad a todo análisis pormenorizado puede decirse que en su género —panorama narrativo americano— es el mejor estudio que conocemos, infinitamente superior al libro de Luis Alberto Sánchez.

Ya era conocida la tesis enunciativa del volumen, por la publicación del primer capítulo en forma fragmentaria en una revista uruguaya (Azul) y ya era supuestamente polemizable. Zum Felde ve la narrativa americana bajo la línea dominante del realismo, como imposición de la **circunstancia telúrica en que vive el continente, con tres hitos de excepción en este decurso que son el romanticismo, el modernismo, y lo que llama el superrealismo de mediados del siglo XX, equidistantes intentos subjetivos, artísticos y minoritarios, especialmente los últimos.**

En su interpretación del fenómeno total americano pesa, visiblemente, su arraigo rioplatense, y es desde la perspectiva de este paralelo en que vivimos que establece su entendimiento del todo continental, con una mayor abundancia de escritores de esta región. Esto, que pudiera enorgullecernos, también puede inquietarnos en cuanto a la comprensión cabal de una realidad particularmente lábil. Es así que aparecen en los últimos capítulos, escritores que son nuestra contemporaneidad o nuestra confusa nacionalidad.

Es este otro interés secundario del volumen: conocer la opinión de Zum **Felde sobre la narrativa uruguaya posterior a 1930, dado que en esa fecha, con el análisis de Francisco Espínola —que rehace ahora con aguzada percepción— se cerraron sus juicios sobre la actualidad literaria nacional. Este libro cita nombres cercanos, Felisberto Hernández, Juan Carlos Onetti Dionisio Trillo Pays, Julio C. Da Rosa, Dante Gravina, Clara Silva, Mario Benedetti, Armonía Sommers, y de alguno de ellos, los que considera representativos del superrealismo de mediados del siglo, efectúa una análisis pormenorizado.** Es una experiencia —psicológicamente, estéticamente— reconfortante porque revela una sensibilidad y una comprensión por las creaciones más recientes que no es nada habitual —ni aquí ni en el vasto mundo— por parte de un crítico cuya formación intelectual se hizo en las primeras décadas del siglo y que ha pasado ya los setenta años. Esa capacidad de atención a lo nuevo perdurable, esa mirada distante y atenta con que lo observa, esa fidelidad a la creación del arte, esa cautelosa aproximación comprensiva, son las condiciones básicas por las cuales debemos ofrecer el primer saludo agradecido a esta enorme tarea.

A. R.

NARRADORES URUGUAYOS

HERNANDEZ Y BORGES

FELISBERTO HERNANDEZ comparte actualmente con J. L. Borges la primacía del cuento fantástico en el Plata, que iniciara Quiroga en el primer cuarto del siglo... Aunque en la ficción de ambos escritores se dan algunos rasgos comunes —por ejemplo, la presencia del ambiente vernáculo y la intervención de circunstancias biográficas (o supuestamente tales) mezclándose al clima fantástico del relato—, en lo esencial son distintos. En Hernández, la sustancia es más directa, intuitiva y humana ,—y aparentemente, menos elaborada— que en Borges, en quien esa ardua elaboración literaria y hasta erudita, es inmediatamente perceptible. También el elemento biográfico parece en Hernández más auténtico, menos supuesto, y algunos de sus relatos —casi siempre en primera persona— dan realmente la sensación de que provienen de sus propias experiencias, más o menos transfiguradas. En cuanto al estilo, a la prosa, la de éste parece, asimismo, más espontánea que la de aquél en quien se percibe la voluntad de estilo, como en la composición misma. Pero es, sobre todo, el humorismo —carácter predominante en Hernández— lo que más radicalmente les distingue. En Borges no existe humorismo, aunque sí ironía, que es otra especie. Estos puntos comparativos, tratándose de autores coetáneos que cultivan género semejante, son muy aclaratorios y legítimamente críticos.

APARICION DE J. C. ONETTI

La aparición de "El Pozo" de J. C. Onetti, en 1939, significa la revelación de un joven talento original, ya que todo es nuevo en él, dentro de la narrativa uruguaya, la de su país y aun la platense: espíritu, técnica, estilo. Por primera vez se da un relato en varios planos, alternando el orden tempoespacial de la realidad objetiva común, para transuntar el mundo complejo y confuso de la vivencia interna, mezclando sensaciones, recuerdos, ideas, deseos, circunstancias presentes, sueños, en una simultaneidad de conciencia personal. Aun cuando ese pequeño libro no sea obra acabadamente lograda, de madurez, sino un primer fruto de su talento, quizá algo en agraz todavía, muestra ya, íntegramente, las cualidades de su personalidad, que ha de ir completándose en su producción posterior. El librito tiene la pujanza atrevida y segura de la juventud; y si bien sus cualidades se han ido luego puliendo, equilibrándose en una mayor estilización literaria, tal vez hayan perdido, en parte, aquella energía espontánea, casi virgen, terriblemente semibárbara que tiene en ese primer corto relato. Podría decirse que el Onetti de "El Pozo" es, no sólo el más original, el más recio, el más prieto, el más auténtico, el más terriblemente él mismo, sino también —y por ello— que en él están virtualmente sus libros sucesivos. Si algo ha ganado, algo ha perdido. Por lo demás es siempre el mismo Onetti a través de todo, sólo que un poco más civilizado, más culto, más literario; y, también, a medida que avanza y que sus libros son más extensos, algo más difuso en el desarrollo y en el estilo.

CLARA SILVA Y LA NOVELA EXISTENCIAL

Laura Medina, el personaje único de este libro ("La sobreviviente"), de índole subjetiva —pues todas las otras figuras que aparecen y desaparecen ocasionalmente en sus episodios son apenas sombras o imágenes del mundo—, es una de las encarnaciones más desnudamente patéticas de esa angustia existencial, que en este tiempo ha adquirido la gravedad de un "mal del siglo", como se verifica, además, a través de la literatura, probablemente determinado por la profunda crisis de los valores espirituales (que, pese a cierta sociología, son los sostenes ideales necesarios de la vida y de la Historia) y agravado por el monstruoso desarrollo del mecanismo de la civilización (absorbiendo, devorando en su torbellino al individuo, al ser); fenómeno que, como ya anotamos, tiene su campo de cultivo mayor en el seno de las grandes ciudades. Es lo que ocurre precisamente en esta novela, así en lo que respecta al ambiente como al personaje (personaje cuyo ambiente propio es el centro de su urbe platense) pasional, torturado, agónico, llevado por su crisis a ese límite peligroso entre la normalidad y la neurosis, pisando a menudo lo delirante, pero reaccionando y volviendo a la realidad, movido por su voluntad de salvación, en un esfuerzo heroico sobre sí mismo y sobre el mundo.

EL DOSTOIEVSKIANO FRANCISCO ESPINOLA

La proeza literaria de Espínola (en "Sombras sobre la tierra") ha sido ir manejando con difícil y delicadísima justeza el contrapunto paradojal de los dos planos, el objetivo y el subjetivo, en un terreno que le ofrecía el máximo de riesgo y de triunfo. Pues, mientras exteriormente se ve a las pobres mujeres moverse como autómatas, en el bajo y triste ajetreo de su menester y de su oficio —sin que se ahorre ningún detalle brutal o repugnante, antes bien, con lujo de ellos, pues ese lujo está dentro del procedimiento necesario para el contraste—, interiormente nos las muestra, nos las transparenta, en un sueño, casi en un sonambulismo de cosas ingenuamente románticas, como si sus pequeñas almas, milagrosamente defendidas —y compensadas— por la caridad entrañable del novelista, vivieran en un plano ajeno a las realidades de su comercio. Aun cuando su estructura general, de conjunto, sea algo indefinida, "Sombras sobre la tierra" es una de las producciones más valiosas de la novelística uruguaya.

BENEDETTI, CRITICO Y NARRADOR

El narrador —novelista y cuentista al par, que no es lo mismo— no es menos destacable en estos géneros de creación que en el otro, de estudios acusando así la diversa —aunque en este caso complementaria— lucidez de sus facultades vocacionales Su característica consiste en ahincar, en el material de experiencia cotidiana, de superficie gris, de circunstancia externamente trivial, para encontrar debajo de ello agudas vivencias psicológicas, peripecias íntimas singulares, procesos conciencia con profundidad sentido; la vida, exterior lugar común, en el ambiente de la ciud (que es el del escritor) sentida revelada en sus adentros, en dimensión subjetiva.

ARMONIA SOMERS

Armonía Somers, en la novela "La mujer desnuda", y en el conjunto de relatos "El derrumbamiento" (1953), se manifiesta en doble plano literario de realismo y de fantasmagoría, difícil y logrado desdoblamiento estético, de atrevida crudeza psicológica y de ficción simbólica; opera desde un plano apasionado de rebeldía contra convencionalismos morales inhibitorios de la verdad vital. La tendencia filosófica, fundamentalmente naturalista, de su obra, de fuerte contextura de estilo, se da, empero, a través de transfiguraciones subjetivas, que asumen, por sí mismas, categoría de creación literaria, lo que la sitúa en la promoción suprarrealista.

confusa nacionalidad.

Es este otro interés secundario del volumen: conocer la opinión de Zum

te de un crítico cuya formación intelectual se hizo en las primeras décadas del siglo y que ha pasado ya los setenta años. Esa capacidad de

prensiva, son las condiciones básicas por las cuales debemos ofrecer el primer saludo agradecido a esta enorme tarea.

A. R.

NARRADORES URUGUAYOS

HERNANDEZ Y BORGES

FELISBERTO HERNANDEZ comparte actualmente con J. L. Borges la primacía del cuento fantástico en el Plata, que iniciara Quiroga en el primer cuarto del siglo... Aunque en la ficción de ambos escritores se dan algunos rasgos comunes —por ejemplo, la presencia del ambiente vernáculo y la intervención de circunstancias biográficas (o supuestamente tales) mezclándose al clima fantástico del relato—, en lo esencial son distintos. En Hernández, la sustancia es más directa, intuitiva y humana —y aparentemente, menos elaborada— que en Borges, en quien esa ardua elaboración literaria y hasta erudita, es inmediatamente perceptible. También el elemento biográfico parece en Hernández más auténtico, menos supuesto, y algunos de sus relatos —casi siempre en primera persona— dan realmente la sensación de que provienen de sus propias experiencias, más o menos transfiguradas. En cuanto al estilo, a la prosa, la de éste parece, asimismo, más espontánea que la de aquél en quien se percibe la voluntad de estilo, como en la composición misma. Pero es, sobre todo, el humorismo —carácter predominante en Hernández— lo que más radicalmente les distingue. En Borges no existe humorismo, aunque sí ironía, que es otra especie. Estos puntos comparativos, tratándose de autores coetáneos que cultivan género semejante, son muy aclaratorios y legítimamente críticos.

APARICION DE J. C. ONETTI

La aparición de "El Pozo" de J. C. Onetti, en 1939, significa la revelación de un joven talento original, ya que todo es nuevo en él, dentro de la narrativa uruguaya, la de su país y aun la platense: espíritu, técnica, estilo. Por primera vez se da un relato en varios planos, alternando el orden tempoespacial de la realidad objetiva común, para transuntar el mundo complejo y confuso de la vivencia interna, mezclando sensaciones, recuerdos, ideas, deseos, circunstancias presentes, surfios, en una simultaneidad de conciencia personal. Aun cuando ese pequeño libro no sea obra acabadamente lograda, de madurez, sino un primer fruto de su talento, quizá algo en agraz todavía, muestra ya, íntegramente, las cualidades de su personalidad, que ha de ir completándose en su producción posterior. El librito tiene la pujanza atrevida y segura de la juventud; y si bien sus cualidades se han ido luego puliendo, equilibrándose en una mayor estilización literaria, tal vez hayan perdido, en parte, aquella energía espontánea, casi virgen, terriblemente semibárbara que tiene en ese primer corto relato. Podría decirse que el Onetti de "El Pozo" es, no sólo el más original, el más recio, el más prieto, el más auténtico, el más terriblemente él mismo, sino también —y por ello— que en él están virtualmente sus libros sucesivos. Si algo ha ganado, algo ha perdido. Por lo demás es siempre el mismo Onetti a través de todo, sólo que un poco más civilizado, más culto, más literario; y, también, a medida que avanza y que sus libros son más extensos, algo más difuso en el desarrollo y en el estilo.

CLARA SILVA Y LA NOVELA EXISTENCIAL

Laura Medina, el personaje único de este libro ("La sobreviviente"), de índole subjetiva —pues todas las otras figuras que aparecen y desaparecen ocasionalmente en sus episodios son apenas sombras o imágenes del mundo—, es una de las encarnaciones más desnudamente patéticas de esa angustia existencial, que en este tiempo ha adquirido la gravedad de un "mal del siglo", como se verifica, además, a través de la literatura, probablemente determinado por la profunda crisis de los valores espirituales (que, pese a cierta sociología, son los sostenes ideales necesarios de la vida y de la Historia) y agravado por el monstruoso desarrollo del mecanismo de la civilización (absorbiendo, devorando en su torbellino al individuo, al ser); fenómeno que, como ya anotamos, tiene su campo de cultivo mayor en el seno de las grandes ciudades. Es lo que ocurre precisamente en esta novela, así en lo que respecta al ambiente como al personaje (personaje cuyo ambiente propio es el centro de su urbe platense) pasional, torturado, agónico, llevado por su crisis a ese límite peligroso entre la normalidad y la neurosis, pisando a menudo lo delirante, pero reaccionando y volviendo a la realidad, movida por su voluntad de salvación, en un esfuerzo heroico sobre sí mismo y sobre el mundo.

EL DOSTOIEVSKIANO FRANCISCO ESPINOLA

La proeza literaria de Espínola (en "Sombras sobre la tierra") ha sido ir manejando con difícil y delicadísima justeza el contrapunto paradojal de los dos planos, el objetivo y el subjetivo, en un terreno que le ofrecía el máximo de riesgo y de triunfo. Pues, mientras exteriormente se ve a las pobres mujeres moverse como autómatas, en el bajo y triste ajetreo de su menester y de su oficio —sin que se ahorre ningún detalle brutal o repugnante, antes bien, con lujo de ellos, pues ese lujo está dentro del procedimiento necesario para el contraste—, interiormente nos las muestra, nos las transparenta, en un sueño, casi en un sonambulismo de cosas ingenuamente románticas, como si sus pequeñas almas, milagrosamente defendidas —y compensadas— por la caridad entrañable del novelista, vivieran en un plano ajeno a las realidades de su comercio. Aun cuando su estructura general, de conjunto, sea algo indefinida, "Sombras sobre la tierra" es una de las producciones más valiosas de la novelística uruguaya.

BENEDETTI, CRITICO Y NARRADOR

El narrador —novelista y cuentista al par, qué no es lo mismo— no es menos destacable en estos géneros de creación que en el otro, de estudios acusando así la diversa —aunque en este caso complementaria— lucidez de sus facultades vocacionales. Su característica consiste en ahincar, en el material de experiencia cotidiana, de superficie gris, de circunstancia externamente trivial, para encontrar debajo de ello agudas vivencias psicológicas, peripecias íntimas singulares, procesos conciencia con profundidad sentido; la vida, exterior lugar común, en el ambiente de la ciud (que es el del escritor) sentida revelada en sus adentros, en dimensión subjetiva.

ARMONIA SOMERS

Armonía Somers, en la novela "La mujer desnuda", y en el conjunto de relatos "El derrumbamiento" (1953), se manifiesta en doble plano literario de realismo y de fantasmagoría, difícil y logrado desdoblamiento estético, de atrevida crudeza psicológica y de ficción simbólica; opera desde un plano apasionado de rebeldía contra convencionalismos morales inhibitorios de la verdad vital. La tendencia filosófica, fundamentalmente naturalista, de su obra, de fuerte contextura de estilo, se da, empero, a través de transfiguraciones subjetivas, que asumen, por sí mismas, categoría de creación literaria, lo que la sitúa en la promoción suprarrealista.

El escritor y su país

por Angel Rama

Si hay un escritor para quien el país haya sido materia de ocupación permanente y hasta obsesiva, ese es Mario Benedetti. Sus cuentos, sus campañas literarias, los escritos de su Mr. Hyde-Damocles, sus poemas, sus obras teatrales, muestran esa incidencia que se ha hecho progresivamente totalizadora y que simbolizan sus insignias: "hoy por hoy" "aquí y ahora". Era un cabo previsible que nos diera al fin este libro, fervoroso, escrito con íntimo dolor y rebeldía, con un afán sano, con ingenuidad y superficialidad también: **El país de la cola de paja.** (1)

Ante todo: es el libro de un escritor, no el de un especialista. Ese plano lo asume expresamente Benedetti y en él debe seguirlo una primera penetración crítica. (**"este trabajo pretende ser esa tentativa de reconocimiento, el mero aporte de algunos datos para el bienvenido — por ahora bienesperado — especialista que aportará el método"**).

Un escritor, alarmado por "**la presente crisis moral, sin duda la más grave de nuestra breve historia como nación**" señala sus más visibles llagas. No es actitud nueva: otros escritores en otras crisis igualmente graves, se vieron compelidos a una beligerancia que no era de especialistas, usando del derecho —que es también deber — del escritor para juzgar los valores espirituales de la sociedad en que vive. Este libro ingresa a esa tradición donde hay textos de escritores como Florencio Sánchez (**Cartas de un flojo**) y Julio Herrera y Reissig (**Epílogo wagneriano a "La política de fusión"**).

Ninguno dio una radiografía minuciosa del país, sino un testimonio de escritor, válido en la medida en que era válido y auténtico el compromiso del intelectual con el país.

Pero el presente libro no sólo nos importa porque dé testimonio de Mario Benedetti, sino porque compromete a una amplia zona de sentidores y razonadores de nuestros problemas, quienes jalonarán su lectura con "justo, lo que yo siempre dije", alegrándose de reencontrar estructuradas con precisión sus propias ideas. Son esos lectores con los cuales Benedetti, a partir de sus **Poemas de la oficina**, ha establecido el "sutil pacto" que une escritor y público.

Salinas, estudiando a Manrique, ha reivindicado los lugares comunes en la elaboración de una obra de arte. Esta, aunque no pretende ser una obra de arte, es en cambio, como aquellas **Coplas**, una verdadera constelación de lugares comunes, no los grandes del poeta sino los pequeños del trajín diario, los que, tal como corresponde a su naturaleza, viven más en el habla común — "**en las oficinas, en el ómnibus, en los cafés**" donde tipifica Benedetti la reacción de la opinión pública — que en el reino más protocolar de la letra impresa. Hacer que esos lugares comunes salgan de la impunidad o del desafuero verbal, de algunas páginas editoriales, asuman un copyright y se ofrezcan a sus creyentes con el traje de vestir que prestan linotipia, plana y encuadernación, me parece un buen ejemplo de coraje y picardía. Una jugada muy criolla de las que en el estadio arrancaría una ovación.

Ya Salinas encomiaba la veracidad de los lugares comunes. Aun los negadores de este libro destinado a nutrir polémicas deberán reconocer las muchas observaciones exactas que él recoge como si acabaran de ser pronunciadas y a las que imprime un acento febril, propio, escéptico y desesperanzado. Capítulos como "Ya sabemos leer" —el mejor del libro—, "Rebelión de los amanuenses" y "De espaldas a América" están integrados con justas comprobaciones sobre la prensa, los oficinistas, la coima, etc. Benedetti acumula nerviosamente datos extraídos de un mundillo pintoresco, muchos de los cuales han resbalado por la prensa, y los vincula muy débilmente a una teoría del uruguayo visto como hombre potencialmente cobarde por su complejo de la "cola de paja".

Podría haber agregado cincuenta observaciones más, o cien. El libro puede definirse literariamente como "crítica impresionista"; acumula anécdotas e impresiones pero no las estructura, siguiendo sus raíces soterradas, para encontrar sus motivaciones más profundas y engranarlas en una explicación coherente de una sociedad. Es decir, deriva por lo pintoresco y lo indignante, apunta a los granos y a las llagas del rostro; no diagnostica la enfermedad de la cual son manifestación. Similar en esto a la actitud de la prensa opositora — de cualquier período— que denuncia escandalizada un negociado, una malversación, y no toca la estructura misma en que eso se hace posible.

Agréguese que Benedetti traslada al plano relativo de la vida política y del mundo humano del quehacer, una exigencia de absoluto que le hace detenerse tercamente en las insuficiencias y los defectos, sin registrar las contiguas realizaciones. El capítulo "La cultura es pocos votos" hace caudal de la desatención de museos y bibliotecas como actitud del Estado, opositora a la cultura; no registra que el porcentaje presupuestal dedicado a educación es, desde hace decenios comparable al de los países europeos desarrollados, y, aunque lo consideremos todavía insuficiente, ello debe contar en un panorama.

Por último, a pesar de titularse **El país de la cola de paja**, el libro se refiere a un sector del país. Deja de lado la sociedad rural, la clase proletaria y la clase alta, para consagrarse a esa clase media metropolitana y funcionarial que es la que integra eso que entre nosotros se llama "la opinión pública" y que se decreta a sí misma el centro de la vida nacional. El ataque del libro va dirigido contra esa clase media que ha entrado en una parálisis creadora, luego del esplendor de los treinta largos primeros años del siglo, carece de concepciones nuevas y enérgicas para enfrentar la hora, ve en el Estado un mal padre responsable de sus males y ansía quien imponga un orden, administrativo, decente e higienizado, aun a costa de derechos y libertades. También podría incluirse aquí, dada la peculiar conformación de nuestra estructura social, un buen sector de las llamadas clases proletarias.

En ellos la crisis se ha cebado y ellos se lamentan de la inmoralidad reinante, de las ganancias desmedidas del obrero, de los desmanes estudiantiles y las pretensiones sindicales, de la corrupción de las costumbres; añoran un tiempo pasado en que imperaba el orden y las buenas ganancias, había escritores serios como Rodó y Vaz Ferreira y se vivía con una moral cuya hipocresía se ignoraba. (También faltaban los padrones electorales, los obreros trabajaban 12 horas con sueldos miserables, la instrucción no se había democratizado, la cancillería británica auspiciaba victorianamente al país). Ellos son la presa que hoy codicia el fascismo.

Benedetti maneja los argumentos de ese resentimiento agónico, que le hace perder tiempo con el cotejo de los pitucos de antes (más machos) y los de



ahora (más maricas) y con las opiniones inconexas y gimoteantes de las tías y los oficinistas asustados. Pero no se puede decir que su libro sea la expresión de esa clase media desorientada, como ha señalado algún crítico, sino que su situación es más compleja y apunta a un sector rebelado dentro de ella — su equivalente inglés sería Osborne — que comienza a comprender su inviabilidad pero que aún carece de una educación social y una visión amplia que le permita superar las contradicciones internas. Por un lado está aquí afirmada con decisión la revolución cubana y toda la lucha americana contra las dictaduras y la explotación; está denunciada la política de sujeción al capitalismo internacional; está desacreditada la política de prescindencia y de impasibilidad ante los problemas del país.

Pero conjuntamente Benedetti se queda en la cascarocrítica, no parece entender cuál es el fenómeno jurídico de la democracia, y, sobre todo, desatiende la realidad social y económica de nuestro país, para centrarse en una visión de individuos y de temas morales, que no son sino consecuencias del agotamiento de una estructura del país. La crisis, cierta, que estamos viviendo, deberá acarrear la muerte de muchas falsas concepciones para que nazcan otras más verdaderas y creadoras; o sea que se la deberá orientar con ayuda de las ideas hacia el futuro, desechando con decisión toda rémora pasatista.

El libro de Benedetti se resume en su último capítulo, "El corazón de oro" donde es más visible la falta de soluciones y aun la tónica regresiva que sigue entorpeciendo el mejor desarrollo de este escritor que confiesa sentirse "más cómodo políticamente en la izquierda que en la derecha". Allí Benedetti recala nuevamente en las concepciones burguesas tradicionales, basadas en el principio de la acción derivada de "**individuos espléndidos, capaces, generosos**" y concreta su pensamiento, afirmando: "**creo que la crisis actual se basa primordialmente en una malversación de los fondos morales de nuestro pueblo**", "**creo firmemente que lo que nos ha llevado a esta apatía casi desesperada, a esta situación de colapso social, tiene más que ver con las claudicaciones y cobardías individuales que con los planteos teóricos o las plataformas ideológicas**".

Creemos exactamente lo contrario, que lo que necesita el país son poderosas, originales, vivas organizaciones ideológicas, grandes impulsos ideales capaces de arrastrar y poner en funcionamiento dinámico a la nacionalidad; que en torno a ellos podrá establecerse, como su consecuencia, una moral que, —por suerte—, no será la de hace treinta años, sino que enfrentará una realidad con mayor amplitud, hondura y sobre todo, justicia.

Reclamar como finalidad de una lucha "**probidad, honradez, veracidad, entereza**" y hablar del "**corazón de oro**" como insignia de una nueva edad, es algo que no supera la vaguedad bienintencionada. En el mejor de los casos significaría repetir algo que existió en un Montevideo provinciano cuya burguesía asentaba su "comodidad moral" sobre la injusticia y la ignorancia. En materia gubernativa significaría hoy aspirar a gobernantes conservadores, todo lo austeros que pueda imaginarse, y firmantes de la política económica del F.M.I. Toda la honestidad personal del Dr. Fidel Castro nos importaría bastante poco si no estuviera acompañada de un efectivo ideario revolucionario.

El país pasa por una dura época de descreimiento, en particular y justificadamente, aquellos sectores que contemplan el fracaso de sus sistemas al aplicarse a los nuevos tiempos, y que todavía se aferran a ellos. La actitud moral que corresponde a esos sistemas ya de poco sirve, y la moral no ha sido nunca una de las virtudes teologales. Contra ese descreimiento nuevas creencias, nuevas ideas. Dice Benedetti: "**no caeré en la tendenciosa simplificación de afirmar que la grave crisis que atraviesa la nación sea un problema exclusivo de diestros o de zurdos**". Quizás no, pero sí de derechas y de izquierdas. Durante muchos años hemos ejercitado, bajo ropaje liberal, la primera, que ahora vemos agravada. ¿No hemos comprobado su reiterado fracaso?

Pero aun discrepando así con la tesis del libro, hay en él numerosas proposiciones que no por comunes dejan de ser verdaderas: la necesidad del compromiso íntegro del ciudadano, el coraje para enfrentar nuestra realidad, la obligación de la militancia abandonando tonos prescindentes y prefiriendo la pasión de la verdad, (que, entendemos, es lo que hace MARCHA semana a semana, aunque sobre este tema las generales de la ley nos veden hablar), etc., etc. Además recorre este libro un ansia de limpieza, de decoro y de sinceridad; la búsqueda casi desesperada de una sociedad regida por una ley cordial y no por la codicia y el engaño. Si bien esto puede aplicarse a toda la sociedad contemporánea, no sólo al pequeño país en que vivimos, aquí se nos muestran las mejores condiciones del hombre y el escritor, cuyo libro consideramos, su pasión central y viva, la que provee el tono ácido de sus relatos y el esguince irónico de sus humoradas, esa ascua escondida bajo cenizas que calienta su "cosmovisión" y que permite que este libro dé testimonio puntual, veraz, de Mario Benedetti, si no lo da entero del país.

(1) Mario Benedetti: **El país de la cola de paja.** Montevideo, Asir, 1960, 123 pp.

Poemas

Por FERNANDO PEREDA

ARTE POETICA

ESTAN las palabras que me [quieren,
su familia en silencio.
Y las palabras toman
el lugar que les muestro;
el que yo creo.
Y en un sótano hondo,
sinceramente oscuro,
si el corazón fermenta,
de su flor responsable
él mismo es el maestro.
Si el corazón se arriesga,
en lo que diga sea
honor de aquel silencio.

ULTIMOS CONVIDADOS

LOS veo,
de lejos me desvelan.
Están allá despiertos,
con sinuoso apetito,
deshaciendo sentidos figurados.

Por una vez, y ahora,
no hablemos mal de ellos:
nos acompañarán
en nuestra soledad
durante un tiempo.
Los veo,
sin nombrarlos.
Que están allá, sabemos:
últimos convidados.

GUITARRA

VUELVES a donde estoy:
vengo de ver la muerte.
Por eso más te siento,
defensa del consuelo,
guitarra de invenciones,
nocturno de la siesta,
canción solar, anoche.
Y entre los brazos nacen
nostalgias naturales,
presiones transparentes,
espinas concertadas,
frutos de la guitarra,
que en ti ya no hay banderas:
son pañuelos del dúo,
trémolo testimonio,
resistencia del ansia,
valentía del sueño,
agravación del canto,
refugio del amor.

Por eso más te escucho,
guitarra encandilante,
guitarra de recuerdos,
con tu carta llamándome,
baraja que deslumbra,
donde lo juego todo,
entre el baile y su viuda,
mientras tú me acompañas,
calandria por dos mundos,
en donde te aventuras,
guitarra perseguida,
intimidad radiante
y libertad que salva,
defensa del amor.

Tal vez la muerte oye
tu inclinación humana,
tu labrado quejido,
su parpadeante oro
abrasando en el aire.
Y aunque no lo escuche
tu auxilio me acaricia:
sibila de sirenas,
amparo de la ausencia
alivio del crepúsculo,
asedio confidente,
guitarra bienvenida,
ayuda del amor.

Pero entretanto es triste
saber las diferencias:
maestría en las entrañas
que transforma la suma,
y dar con el poema:
licor clarividente,
abrazo deleitoso.
Y tener que morir.

EN ESTE PAIS:

LA ENSEÑANZA DE LA LITERATURA

★ EMPIEZAN LAS CLASES: parece que se ordenara el funcionamiento de la sociedad y comenzara de verdad el año. Las aulas se inauguran con la repetida cuota de problemas sin solución que arrastra la docencia año tras año, algunos de los cuales han debatido recientemente los profesores de la enseñanza media.

Desde esta página literaria habría otro problema que plantear, referido a nuestras específicas tareas, porque desde el lunes, Homero y el Mio Cid, Goethe y Esquilo, son nombres que comienzan a rodar entre los jóvenes estudiantes. Se reiterará una situación enojosa que probablemente pueda plantearse en otras disciplinas, pero que consideraremos en esta conocida que es la literatura: el sistemático desvío por la creación literaria del país, por las formas, —por desvaídas que sean— de una tradición nacional.

Nuestro plan de estudios secundarios sigue un plan harto simple: dos años de estudio de la lengua española, desde los orígenes (Mio Cid) hasta el siglo XX, con una incursión por las letras hispanoamericanas y algún autor uruguayo; cuarto año, la literatura universal de Homero a Tolstoi (treinta siglos de civilización en ocho autores obligatorios) con alguna incursión en el Uruguay (Rodó). Los dos años de Preparatorios rehacen en forma ordenada esta totalidad: primero, de Homero a los barrocos; segundo, de los iluministas a la contemporaneidad. La literatura uruguaya salpica esporádicamente esa masa de obras maestras y nunca se la ve como un desarrollo progresivo, como una búsqueda de formas y expresiones, como una interpretación del fenómeno histórico de un pueblo en determinadas circunstancias; es decir que no se la ve nunca como una literatura.

Si fuéramos lógicos con los principios animadores de ese plan, deberíamos aceptar dos correcciones ya impostergables: 1º, que no se desglosara el estudio de la lengua del de la literatura, lo que llevaría al examen en los dos primeros años, de algunos autores elegidos con libertad y, siempre, de nuestro idioma; 2º, que el cuarto año se consagrara con exclusividad al estudio de la literatura uruguaya. Decenas de profesores han insistido en la necesidad de que la integración espiritual del país no esté fundamentada exclusivamente en la labor de la escuela y que abarque asimismo el proceso educativo del segundo ciclo docente. No se lo logrará nunca si la realilidad del país, su historia, su cultura, su arte, no ingresan como centros de la enseñanza, y, al margen de la importancia jerárquica universal de sus temas, se los considere con toda la atención y el rigor convenientes.

En literatura son otros aspectos de nuestra vida los que resultarían implicados por una medida de esta índole. El mayor problema actual de las letras uruguayas es mantener vivo, y ampliarlo, el contacto escritor-público: que funcione un sistema orgánico que parte de la existencia de un consumidor real quien crea las condiciones para el trabajo de los escritores, editores, revistas, etc. Pero ese sistema no puede existir sin la existencia de una continuidad creadora, de una tradición con temas, enfoques, invenciones, que se van escalonando y engranando unos con otros. Puede haber escritores y hasta podrá haber lectores sin una tradición nacional; lo que no podrá haber es una literatura en lo que esta tiene de fenómeno cultural, representativo, y, sobre todo, animador, de un pueblo en un trance histórico.

Alguna vez señalamos que el "sálvese quien pueda" es la insignia de nuestras letras, sobre todo en los últimos decenios; podríamos haber dicho que eso afecta o representa la actitud toda del país, esterilizando los esfuerzos de integración creadora. Para crear un público atento a la obra de los escritores del país, para crear sobre todo ese sistema orgánico de la literatura que entendemos imprescindible para el verdadero desarrollo de nuestras letras, y, más arriba, de nuestra cultura, nos parece que la enseñanza continuada y sistemática de la literatura del pasado uruguayo resultaría una contribución de primer orden. Que los millares de jóvenes que pasan por el cuarto año liceal descubran la existencia del país —que para ellos se presenta como una alfombra mágica recién inventada para sus pies— en lo que tiene de continuidad del esfuerzo, de obra de muchas generaciones, de problemas aún insolubles pero que muchos hombres han ido desbrozando con fervor, de búsqueda permanente de la más alta calidad civilizadora.

Si es obligación de todo escritor actual trabajar en la difusión de los escritores del pasado, resultará que la difusión, el mejor conocimiento de éstos, redundará en beneficio de los escritores actuales: no sólo proporcionándoles un público primario, sino obligándolos a la situación de diálogo con el país que les iluminará numerosos aspectos de su propia obra creadora y quizás los reoriente en muchos casos. Porque el buen funcionamiento del sistema permitiría que la literatura dejara de ser una actividad irreal que se mueve en el vacío como una polea loca, para ser un diálogo con hombres reales que también tienen problemas reales.

Otros aspectos, no por menores menos significativos, pueden agregarse: el obligado crecimiento en las ediciones de autores nacionales, el aumento de los estudios dedicados a ellos, la obligacióa de ahondar en el conocimiento de nuestras letras por parte de profesores y estudiosos. Son también parte de lo que llamamos "el sistema orgánico de una literatura".

ANGEL RAMA.

Los Trabajos y los Días

* **Sociología rural.** La editorial Salvat ha publicado en su colección agrícola, una obra de largo aliento debida a un estudioso uruguayo, el profesor Daniel D. Vidart. Se trata de una **Sociología rural**, obra de carácter general en que se estudian los problemas sociológicos de las zonas rurales con una perspectiva universal, y que abarca dos grandes volúmenes de 1.380 páginas en total, con numerosísimas ilustraciones y esquemas pedagógicos.

* **Premio académico.** Ha sido fallado el concurso llamado por la Academia del Uruguay sobre el tema "El modernismo en el Río de la Plata". El jurado, integrado por José G. Antuña, José Pereira Rodríguez, Ildefonso Pereda Valdés, Sarah Bollo y Arturo S. Visca, consideró los tres trabajos presentados, decidiendo declarar desierto el primer premio (de dos mil pesos) y conceder el accésit (de setecientos cincuenta pesos) al trabajo presentado por el Sr. Antonio Celuja.

El magro resultado del Concurso es la consecuencia de la pretenciosa actitud de nuestra Academia, que, cuando no existe en el país ninguna historia del modernismo uruguayo, llama a un concurso de tema vastísimo —todo el fenómeno modernista en el Plata — y lo dota escasamente, amén de no comprometerse a la edición de la obra premiada.

* **América en discusión.** Se anuncia en Buenos Aires la aparición de una publicación quincenal, "La Siringa", destinada a una serie de ensayos acerca de la política argentina y latinoamericana, su economía y su arte. Se iniciará con un volumen de Jorge Abelardo Ramos, **"Historia política del ejército argentino: de la Logia Lautaro a la industria pesada"**. Entre las primeras entregas anunciadas se incluye un trabajo sobre el Uruguay: **"La crisis del Uruguay y el Imperio Británico"** que firma Alberto Methol Ferré.

Poesía Uruguaya 1959



Por ANGEL RAMA

AMINOS en el bosque tituló Heidegger una colección de varia ensayística, y esa designación parece oportuna para englobar un conjunto de libros de poesía publicados en el año pasado: cada uno intenta su camino, por lo común divergente, en ese bosque o selva oscura —"selvaggia e aspra e forte"— que es en definitiva nuestra lírica.

No hay género más frecuentado entre nosotros: ¿don anejo a la tradición de una España superabundante en poetas? ¿refugio del corto aliento creador, brusco y perezoso a la par, del uruguayo? ¿rebote de una crisis editorial que sólo consiente las "plaquettes"? Todo ello junto, claro; también un respeto conservador y legítimo, por la alta posición que ocupa la lírica en la creación artística. Si la poesía no tiene compradores, tiene lectores. Un libro de poemas es literalmente una botella al mar con un mensaje para un náufrago, también literal, que ha de encontrar en él salvación.

Distrae menos que una novela; compromete más y habla más hondo, por lo mismo que es más esquivo al engaño. En un mundo, apresurado y pasatista, conserva un afán de permanencia y de eso habla al hombre. Y en él todo lo que no es verdad, se envejece y muere vertiginosamente.

Revistamos aquí varios libros a los cuales no habíamos dedicado comentario particular en el año. No son las únicas voces, pero son de las que importan, incluso en la disparidad que representan. Pertenecen a integrantes de distintas promociones, abren caminos alejados entre sí, vuelven a testimoniar esta sorprendente y alarmante labilidad de nuestras letras donde se cruzan tantas influencias y donde no se distingue una efectiva continuidad creadora del país, una voz característica. Pero hay aquí una riqueza de invención, y, sobre todo, una búsqueda de la esencialidad lírica, sobre la cual deberá contarse siempre.

Poeta Nacional



★ **Juan Cunha: Carpeta de mi gestión terrestre. Pliego sexto, Tierra perdida. y pliego séptimo y último. La sortija del olvido. Montevideo. 1959.**

Si tuviéramos que aplicar a alguien entre nosotros el criterio romántico acerca del poeta nacional, elegiríamos como su más exacto representante, a Juan Cunha. Lo hemos sentido, sobre todo, en la lectura de estos dos pliegos, donde Cunha es más él, y, juntamente, más el país en que vive. Sin ninguna concesión de pintoresquismo descriptivo —folklore campesino o ciudadano—; sin abandonar el nivel de mayor calidad estética en que se ha formado, Cunha establece ese pacto tan sutil y esquivo entre el individuo particular que se expresa y el espíritu de la sociedad en que se mueve.

Con una emoción grande y pudorosa, Cunha vuelve en **Tierra perdida** a la evocación de esa circunstancia vital, —tan fuerte en él y su poesía—, de la tierra de donde surgió. Resuena aquí el aliento de **Sueño y retorno de un campesino**, pero más interiorizado si cabe, jugando la realidad recobrada en la urdimbre movible del tiempo: un pausado escalonamiento rítmico; una fusión armónica de paisaje, de vida perdida, de vida que se está viviendo con seres y con cielos que ya no están; un ascenso levemente apuntado a una visión mítica de nuestro mundo en que la vaca, la tarde, el suceder del día componen una borrosa unidad.

En **La sortija del olvido**, amor, paisaje, meditación, presentimiento mortal, pasan a través de trece sonetos en que se recoge la vida auténtica de un hombre: ese caminante que deambula "por alargar la música el camino por prolongar mi cuota de destino; por sonsonar nomás por eso digo".

Estos sonetos que diríamos como distraídos y displicentes están entre los mejores sonetos de nuestra literatura: grandes cosas y sentimientos están dichos aquí sin levantar la voz, casi jugando, "burla burlando" como dijo un lejano poeta español cuya actitud poética nos parece reencontrar entremezclada en las líneas de este poeta tan uruguayo.

Porque cuando respecto a Cunha hablamos de poeta nacional, no nos estamos refiriendo ni a una temática ni a una tradición, porque ambos criterios son engañadores, sino a un espíritu creador que se ve, y sobre todo se oye, en la invención idiomática. El apagado coloquialismo en que Cunha se dirige a su lector tornándolo su compañero de confidencia sin presionarlo ni absorberlo, muestra la asunción de un habla viva a lengua poética, con una prodigiosa captación rítmica y una fecundidad envidiable para ganar para la poesía la dicción peculiar de una sociedad viviente. Si buscáramos una equivalencia en el país, sólo la encontraríamos, y en prosa, en Morosoli, con cuya visión del mundo muestra tantos puntos de contacto Cunha.

En ese aspecto podría agregarse que el tacto sutil de Cunha, su musicalidad discreta, su modo atemperado de encarar los temas más dramáticos, y sonreir tiernamente ante los hombres y ante sí mismo, caracterizan, más que una sociedad, una gran época espiritual de nuestro país que está siendo comida desde hace años por ardores y violencias que atestiguan otro tiempo. Pero él nos da, con una humildad que nunca se subraya bastante, una verdad ascendida a esa precisa, dura, intocable categoría del arte.

Disociación Poética

★ **Sarandy Cabrera: Poso'60. Montevideo, 1959. 146 ps.**

Recoge aquí S. Cabrera poemas de los últimos diez años, agregándole "algunos poemas ya publicados en libros anteriores por los cuales siento todavía predilección y creo que muestran viva coherencia interior y de forma". Una antología en que, como anota en su prólogo el autor, se descubre la permanencia de una voz y, simultáneamente, un desarrollo que la transforma llevándola de ese sordo y regustado adentramiento inicial a una proyección de canto más manifiesto, con una suerte de "entrada al mundo" como él, creo, alguna vez anotara.

Leyéndolo, siguiendo con él ese camino que se inicia en la mesa familiar y se cierra cantando desde países lejanos, no se puede evitar la impresión de que hay una disociación entre la naturaleza misma del creador, —su don específico— y su voluntad poética, y que asimismo ella se manifiesta en una sujeción de influencias que dificultan su expresión más plena.

Hay en S. Cabrera una fijación lenta sobre lo concreto, en que resuena el Vallejo más cargado de materia, y que lo lleva a demorarse en el laberinto que tienden esos objetos a los que se adhiere la vida común. La poesía opera aquí como una mancha de aceite que contamina lentamente, con capas sucesivas que acrecientan un centro único de fluencia. De ahí el uso del verso acumulativo que agrega un matiz más y permite seguir en lo anterior, de ahí una imaginaria de impronta ultraista que utiliza la virtualidad del objeto mismo, de ahí la dicción asordinada. La mejor expresión, donde las estructuras poéticas resultan más firmes y el entronque temático más ajustado, está en el ciclo titulado "Memoria".

La irrupción de Neruda, con ese absolutismo temible de todo gran poeta, ha permitido una levedad expresiva mas musical —a veces incluso más que en el modelo de **Los uvas y el viento**— en el titulado "Ciclo de Colombo"; pero ha disfrazado el crecimiento autónomo del poeta uruguayo. Curiosamente es en una salida marginal reciente, la que corresponde a su "Sonetario" donde se lo encuentra más libre, creador de un delicioso ritmo —más de tango que de son— en "Un triste son".

Intrcspección Reflexiva



★ **Susana Soca: En un país de la memoria. Montevideo, ediciones "La Licorne". 1959. 121 ps.**

Las altas cualidades intelectuales de Susana Soca, su lamentada y trágica muerte, la devoción justísima de los amigos, han rodeado la aparición de este libro de un estruendo admirativo, emocional, confuso y hasta oficial, donde la mera exégesis crítica parece fuera de sitio. Todo eso pertenece a una hojarasca que creo que daña a un creador: parece ser lanzado al mercado como un producto de lujo de una manera que seguramente no habría conformado a Susana Soca.

Y si esto debe decirse en primer término, es porque al margen de la exégesis de un texto poético, hay que empezar por desvanecer la expectativa creada con generoso incensario: no es un acontecimiento en la literatura hispanoamericana como se ha dicho, aunque se trate de un libro con interés, que dota a nuestra poesía de una tonalidad y una inquietud que, aunque conocida en la lírica culta argentina del 40, no se había dado tan caracterizadamente entre nosotros.

Esta poesía comienza en el París ocupado, donde, según anota en su prólogo el autor, "desde el punto de vista de la lengua me encontraba en un aislamiento absoluto". Ese aislamiento es visible en los poemas, aunque pienso que no sólo debe atribuirse a la circunstancia anotada, sino también a la manera que tuvo Susana Soca de vivir en otras lenguas, sobre todo en el francés y en algunos de sus procedimientos discursivos. Trabaja ella un verso blanco que linda frecuentemente con la prosa, y donde las organizaciones rítmicas se supeditan pasivamente a los períodos conceptuales. Cuando accede al verso medido que trabaja contrastado y paralelamente, los tonos duros y la pobreza musical son perceptibles: "Era acosada por las cosas / súbitas, auras, vaporosas. / Se defendía con los ritos / de la palabra con sus gritos / y sus rupturas. Por el ansia / y la efusión de la constancia / el crepitar de la vehemencia / y el agua de la complacencia". Su mayor captación eufónica está en "Otoño mi jardín", pero en la generalidad de los poemas hay un aura incómoda de poesía traducida.

Domina este libro una inclinación reflexiva. Se percibe un ser atento a las repercusiones y desenvolvimientos que en la conciencia producen algunos hechos distantes. Un escrudiñamiento que opera por caminos oscuros, laberintos de la memoria, valorando y calificando este proceso a medida que se desarrolla dentro de estimaciones generales. Un poco a la manera de Marcel luego de probar la magdalena embebida en té, pero retaceando las connotaciones reales, aludiéndolas con un pudor que las cubre de niebla, dejándolas decididamente en la sombra privativa, para usar en cambio los símbolos más generales. "En un país de la memoria / por años y años yo erraba sin salir / en un país de la memoria / escondido país, con rigor yo viví" dice el poeta, dando la pauta de ese encierro memorioso por el que discurre apoyándose en algunos elementos, flor, árbol, mar, cosas, con los cuales referir —en una comunicación exterior— lo que ocurre en su laberinto. Mínimos elementos, ya que de sí dice el poeta con certeza: "Soy el que duerme lejos sin figuras" y su despojamiento sensorial resuelve su poesía en lo que hubiera llamado Leonardo "una cosa mental".

Este conjunto de poemas son en definitiva descriptivos, con un medio tono pudoroso y esquivo que tiende sucesivas veladuras sobre sus puntos de apoyo. Descriptivos de estados de conciencia, dentro de los cuales, y he aquí los mejores valores del conjunto, alcanza de pronto Susana Soca una superación del tono psicológico para que se le revele una intuición de la realidad ("Y oculta en la embriaguez de la sustancia / graciosamente subirá la muerte", "Ya lo incesante sale de las cosas", "En algún tiempo que los sueños miden / con más rigor que el tiempo de la rosa").

Cuando en cambio sale de lo memorioso íntimo y se dispone a describir la realidad circundante ("En estos reinos del agua" o "Vino para los ojos"), la trivialidad y las acuñaciones expresivas antiguas y polvorientas, destierran la posibilidad de poesía: "órficos tapices", "faz beata", "las vías seguras por los siglos ya cruzados", "la caballera vegetal y antigua". Juntamente se hace más notoria una "gaucherie" gramatical que en otras ocasiones pone un encanto desvaído al mostrar al poeta en un forcejeo con el idioma del que salen curiosos sesgos expresivos.

Pensamos que donde está el mejor don creador de Susana Soca es en el poema en prosa, donde ella reconvierte una herencia superrealista en una dimensión mágica de la experiencia inmediata; domina los ritmos con soltura; crea un clima de sugerencia; instaura un marco escenográfico para una revelación que no llega a pronunciarse. Su espléndida página titulada "Caballos", así como "Estatuas" y "Salmo de la noche", confirman la excelencia de otras páginas en prosa publicadas en su vida. Sin esa sensación trabajosa y reelaborada de sus poemas, se reencuentra aquí, decidida y segura, la mejor calidad personal de Susana Soca.

Espectáculo Lírico

★ **Ricardo Paseyro: Música para buhos. Barcelona. Pareja y Borrás editores, 1959. 55 ps.**

Con decisión Ricardo Paseyro ha elegido sus padres en la poesía, tomando por esa vía lírica que va de Juan Ramón a Jorge Guillén y en la cual el poema aparece como un breve, pulcramente acabado espectáculo, una deleitosa maravilla del mundo en que el paisaje pintado a la acuarela se hace repentinamente humano y el hombre se comprende a sí mismo y comprende al mundo. "Fe de vida" dice, claramente, de ese deslumbrarse efímero en el filo del desaparecer, pero también lo dice, en la zona más sombría y ansiosa, su "Música para buhos".

Ha adquirido Paseyro en este libro una tensión poética que faltaba a su anterior producción, una capacidad de arquitecturación sabia y una sutilísima limpidez creadora: conoce su oficio de poeta y lo ejerce con destreza. Incluso su actitud epigonal respecto a los poetas citados, no ha afectado seriamente su disponibilidad inventiva y él se integra en una escuela sin perder su propia naturaleza. Este conjunto de hermosos poemas así lo prueba.

Pero esa maduración estilística de Paseyro es merodeada —y conviene apuntarlo desde ya como llamado de



alerta— por un preciosismo cuya artificialidad, por decorada y seductora que sea, no deja de restar vida interior, vida auténtica, al juego de las formas. Aún en los más débiles poemas del primer Paseyro había una voz que hablaba con emoción, y es esa voz la que tememos que se pierda porque en este volumen se la oye como desde muy lejos.

Hay apuntada en estos poemas, algunos breves como "haiku" japoneses, una contemplación que se satisface en sí misma y cuyos elementos son los de una belleza que responde al buen gusto, a la elegancia, a lo discreto; elementos, en fin, en que es peligrosa la complacencia, y que no parecían anunciados por la vena más honda de la poesía de Paseyro. Quizás más visibles ahora en que se ha producido en su lírica una despersonalización progresiva, en beneficio de la contemplación pura; como si el poeta, al perfeccionar su arte, se entregara a la admiración del mundo.

Imaginería del Celebrante

★ **Orfila Bardesio: Uno. Libro segundo. Montevideo, 1959. 60 ps.**

Bardesio ocupa un lugar aparte entre los poetas de su promoción. Mientras la mayoría de ellos se ha aproximado a la realidad cotidiana trasuntándola en distintos niveles de verdad y lirismo, ella ha continuado habitando en un paisaje exótico y mirífico que se le revela cargado de símbolos muchas veces inapresables para el lector. Su poesía se emparenta con la obra de un creador de la anterior generación, Concepción Silva Belinzon, y ambas deben mucho a la imaginación feérica de Jules Supervielle.

El actual volumen de versos sigue sin apreciable diferencia la línea del anterior —**Uno**, 1955— y el mantenimiento del mismo título lo subraya. Para éste vale también el epígrafe de Baudelaire tomado de **Correspondances** en que se exalta como tema la naturaleza, la floresta de símbolos de donde emanan confusas palabras. La diferencia radica en que las confusas palabras de la naturaleza se transforman en exactas palabras del poeta en Baudelaire, cuya precisión verbal y conceptual es categórica; aquí la confusión se instaura en el poema mismo y el poeta se complace, acumulativamente, en una maraña cuyas referencias son crípticas.

Ciertamente la imaginería de O. Bardesio, —donde hay elefantes, ciervos, cabras y peces, donde se derraman los vegetales— tiene una cualidad inocente e intensa a la vez, que la rescata de la vacuidad insulsa que ha adquirido en muchos otros poetas. Pero su funcionamiento simbólico, que el poeta decreta de modo personal y arbitrario, casi cabalístico, junto a su modo de retorcer las imágenes engranándolas dificultosamente, hacen que el poema quede dominado por un palabreo sin emoción.

Hay una voluntaria operación que complica gestos o sentimientos por una incidencia mental nada feliz: "Mi cuerpo tiene forma de paciencia de caracol que espera ante una puerta" "Sus pasos desprendidos del tobillo"; a esa misma operación responde el exceso de versos definitorios: "El miedo recuerda su follaje", "El cielo no reclina jazmines sobre el muro". De tal modo que este universo tan lleno de objetos prestigiosos en aparente actividad, termina por resultar estático e incoherente, y es el poeta quien lo somete a un juego de refracciones que lo complican artificialmente sin develarlo. Cuando se distrae de esta operación el poeta cae en la convención más trillada —"pudor de flores", "libar estrellas"— o, y esto es lo positivo, accede a una expresión verdadera de sí donde la emoción calienta el verso más despojado: "El día es una carta para mí".

O. Bardesio ha encontrado en la calidad de celebrante de la obra de Dios la justificación de su poesía. Esa actitud, que respaldó la lírica de Rilke, se dio en éste con alta capacidad para desentrañar el simbolismo de la naturaleza. En el poeta uruguayo da lugar más bien a un juego de escondite como en los niños, y así parece definirse en su último poema: "Niño que siempre juega porque no es culpable de nada".

La Irrupción Sentimental

★ **Carlos Brandy: Alguien entre los sueños. Montevideo, 1959. 48 ps.**

En **Los viejos muros** Brandy era una voz asordinada que certificaba, solitariamente, la decrepitud del mundo. Este nuevo libro, que recoge un conjunto de poemas antiguos y que no dan por lo tanto la tónica de su empeño actual, muestra un cambio que luego ha ido acrecentándose, como un progresivo salirse de sí. Una mayor libertad elocutiva, un asomarse a la otredad del mundo, una levedad expresiva que crea un diseño más calado, con mayor respiración.

Lo que ha ganado Brandy en este libro es una capacidad melódica —de melodía larga y matizada— más nítida. Canta más, con decisión que no desmerece su melancólica mirada ni su desconfianza que viene anunciada en los versos de Cernuda que abren el volumen: "No es el amor quien muere,/ somos nosotros mismos".

Alguien entre los sueños es el amor que ronda, innominado aún, la adolescencia, y se hace fugitiva verdad por un corto lapso. Es un libro de poemas de amor, y esta conocida irrupción no ha conseguido en Brandy la necesaria suspicacia del poeta para defenderse de su ardiente voracidad. El libro respira lo sentido plenamente y no dudamos de la autenticidad de la experiencia, pero ésta se nos da recortada de la totalidad viva y endulzada, porque se reposa muchas veces en la convención del género que está muy por debajo de lo habitual en Brandy. ("Tu cabello en la almohada / semeja un águila sombría", "y era la lluvia entre los árboles, / cuando el tiempo promete rosas / y nos da su otoño, / como dulcísimos ojos / mojados por las lágrimas"). El poeta se abandona al sentimiento, más que a la poesía, y deja que ese sentimiento se nura de sistemas establecidos. Estos, sobre todo, actúan para reducir la veracidad íntegra de la experiencia concreta.



Otro peligro, del que Brandy va liberándose, pero que aún afecta su creación lírica, es la reiteración laxa, la acumulación de imágenes para trasuntar una emoción. Eso provoca el debilitamiento de los hallazgos expresivos cuando son, independientemente, de una puntual verdad artística, y desciñe la tensión del poema. Véase el poema que comienza certeramente "La soledad ardía como una llama" y que en seguida se afloja con "soledad de pájaros heridos".

Si esto se entendiera bien, habría que decir que Brandy es demasiado honesto, realista, demasiado puntualmente fiel a lo sentido: las estructuras poéticas, los sempiternos "como", los ordenamientos descriptivos, así lo testimonian. Desdeñoso de esa máscara mediante la cual el poeta llega a la verdad por desviado camino.

Donde se le encuentra más propiamente original es en aquellos poemas que operan la conversión del sentimiento a una reflexión que le descubre un signifcado de la vida; y es entonces que se cuela un paisaje donde está la traza de su vivir. ("Si supiera hasta donde llega / esta ternura de animal desposeído", "Lo amado, lo perdido", "En el aire, en las aguas"). Son, desde luego, poemas de la ausencia, donde el poeta se recupera a sí mismo, y atiende, más elaboradamente, a la signifcación de sí y de las cosas.

ANTONIO CANDIDO

La Nueva Crítica Brasileña

"Yo pertenezco a la generación de los "chato-boys" como los llamó Osvalde Andrade, el modernista que fue nuestro mejor enemigo-amigo" confiesa el profesor brasileño Antonio Candido, esforzándose por encontrar la equivalencia española más eufemística del término, que podría ser "tedioso" o "cargoso", en fin, los intelectuales que se adhieren a los temas y los problemas como algunos molestos parásitos al hombre.

Siendo estudiante de filosofía en San Pablo, integra el grupo de la revista "Clima" —catorce números entre 1941 y 1944— con otros tres amigos hoy muy conocidos. "Sí, críticos, todos críticos, —certifica— y para mejor amistad nos repartimos equitativamente las disciplinas de la crítica: Dorival Gomes Machado las artes plásticas; Decio de Almeida Prado el teatro; Paulo Emilio Salas Gomes el cine; a mí me quedó la literatura".

Tuvieron una formación intelectual europeísta, con influencia predominante de Francia e Italia, en primer término, y en segundo Inglaterra y España. "En la Facultad de Letras sólo se dictaba en portugués el curso de literatura brasileña: todos los demás eran profesores extranjeros contratados, franceses, italianos, alemanes". Esto es ya una tradición de la enseñanza superior brasileña; sus institutos distribuyen actualmente su personal por mitades iguales entre profesores brasileños y extranjeros. A eso no debe ser ajeno el alto nivel que ha alcanzado la docencia superior y la crítica literaria: testimonio, piensa Candido, el último libro de Sergio Buaque de Holanda —recuérdese su excelente **Raíces del Brasil** que publicara Fondo de Cultura— minucioso análisis de los motivos edénicos en la colonización del Brasil bajo el título **Visión del paraíso**.

Los "chato-boys" vienen después de las negativistas del modernismo, comprueban sus excesos, la necesidad de una reintegración de la cultura incluyendo las oposiciones dialécticas, se aplican a una tarea más oscura de análisis atento de la realidad intelectual, a una comprensión más que a una polémica beligerante. Ejemplo su gran libro **Formaçao da literatura brasileira** (Momentos decisivos) que a lo largo de dos tomos (uno sobre el período neoclásico y otro sobre el período romántico) estudia la formación de un sistema literario propio en el Brasil, entendiendo por eso, más que el problema de la independencia de una literatura, que considera un problema superado, la articulación dinámica de un conjunto de autores y de un público consumidor real que actúan dentro del funcionamiento eficaz de la vida nacional, con un repertorio de temas y de planteamientos que aseguran la continuidad regular, en una palabra, la tradición verdadera de una literatura.

"Estudiando a los románticos, y viendo cómo se desprenden, aunque oponiéndose, de los neoclásicos, recogiendo de ellos los grandes temas fecundos de entonces —el indio, la religión, la descripción de la naturaleza— comprendí la importancia de la creación de un sistema literario, que es el que ha permitido la continuidad creadora de una literatura y su gran auge en este siglo" afirma Cándido, quien cree, con toda imparcialidad, agrega, que el movimiento poético del Brasil de hoy es único en el mundo occidental.

Un repaso de la literatura vigente en su país, de la pluralidad de tendencias, y del esfuerzo creador que muestra cada una, vienen en apoyo de su optimismo, en particular observando la revolución de la crítica en los últimos años, que ha deparado una enorme producción. "Yo creo que hay dos líneas nítidas: una que viene del "new criticism" norteamericano, y cuyo mejor ejemplo son los cuatro volúmenes de **La literatura del Brasil** que promovió Afranio Coitiño; otra, de inclinación estilística, filiada en la corriente alemana —Spitze, Vossler— y en la subsidiaria española de Dámaso Alonso y C. Bousoño, y que alcanza su expresión más exacta en un discípulo de los españoles, Eduardo Portela".

En cuanto a sí mismo cree combinar diversas direcciones, dentro de una formación humanista con su atemperado ingrediente marxista, y después de su semana montevideana donde ha dictado cuatro conferencias en los cursos de verano de la Universidad, se vuelve a Assis, un lugar de 25.000 habitantes donde se ha creado hace un año una Facultad de Letras y que es "el lugar ideal para estudiar". "Imagínese —dice, previendo la envidia— tengo que dar tres horas de clase por semana, nada más; de ocho a doce estudiamos en absoluto silencio, como en un convento benedictino, y de tarde auxiliamos a los estudiantes que no pasan de tres o cuatro". De ese recoleto clima de estudio espera extraer una antología comentada de las letras brasileñas y encarar una obra mayor sobre el primer narrador de su país. Machado de Assis.

La Novela y la Crítica en América

Por ANGEL RAMA

★ Si a cualquier crítico literario se le exigiera sintetizar en una palabra como ve a América, muy probablemente diría: "confusa". A pesar de sus pocos siglos de vida cultural, a pesar de la debilidad de muchas de sus creaciones más prestigiadas —y quizás a causa de ello—, a pesar de la indigencia bibliográfica comparada con países europeos desarrollados o con Estados Unidos, la literatura de América no ha superado el plano de la confusión. Esto se nos hace muy visible encarando algunos libros recientes sobre la narrativa hispanoamericana, tema particularmente concentrado si aceptamos que la novela se inicia en el continente en 1816, cuando Lizardi publica *El Periquillo Sarniento*, y más concentrado por el hecho de que la novela en América es un género numéricamente muy inferior al poético y apenas equiparable con el ensayístico o el cuentístico.

Hace algunos años Sánchez, opinaba que en Hispanoamérica salían anualmente 200 novelas de la imprenta, cifra que, aun considerándola escasa, no alcanza la producción normal, en el mismo género, de países como Estados Unidos o Francia. Por lo tanto: un género no demasiado abundante, un período de funcionamiento reducido que no supera los ciento cincuenta años, su vinculación a países con similares problemas históricos; todo parece concurrir a facilitar la tarea de ordenación, jerarquización y análisis que compete a la crítica.

Sin embargo estamos aún muy lejos de contar con un material crítico orgánico, inteligente y adulto, sobre la narrativa americana, a pesar de los recientes volúmenes aparecidos: el más subjetivo y más penetrante de Alberto Zum Felde **Indice crítico de la literatura hispanoamericana: La narrativa, México, 1959,** y otro que nos llega ahora: Fernando Alegría: **Breve historia de la novela hispanoamericana, México, 1959,** Manuales Studium. Ambos libros intentan reemplazar los materiales específicos que hasta ahora se habían manejado, a saber: Torres-Rioseco· **La novela en la América Hispana** (Berkeley, 1939), **Novelistas contemporáneos de América** (Santiago, 1939); Luis Alberto Sánchez: **América, novela sin novelistas** (2ª ed. Santiago, 1940), **Proceso y contenido de la novela hispano-americana** (Madrid, 1953), sin contar el volumen colectivo **La novela iberoamericana** (New York,1951), el trabajo de Uslar-Pietri **Breve historia de la novela hispanoamericana,** ni los volúmenes sobre literaturas narrativas regionales o de períodos históricos más restrictos (o el benemérito esfuerzo de Hugo Barbagelata, **La novela y el cuento en Hispanoamérica,** Montevideo, 1947).

★ *Ordenación metódica*

Muy consciente de los materiales que lo han precedido, F. Alegría se atreve a afirmar en el prólogo que **"la mía es, acaso, la primera tentativa de resumir en forma metódica y en proporciones manuables toda la literatura del género".** Si se atiende con cuidado a esta definición podrá dársele razón de su orgullo: su libro es manuable —no llega a 300 páginas—, resumido, y sobre todo metódico, siendo este rasgo de crítica "scholar" lo que hace su mayor mérito, si además, se lo vincula a una consideración moderna y despierta de los temas literarios. En cierto sentido podría emparentársele con el más ambicioso y vapuleado volumen de Enrique Anderson Imbert **Historia de la literatura hispanoamericana** (México, 1954), en lo que ambos tienen de sutil pacto entre el planteamiento académico - histórico de un tema y una sensibilidad estética moderna, aunque atemperada por el frecuentamiento de las bibliotecas y las aulas ceremoniosas. No intentan ser libros interpretativos de amplios períodos de la literatura, ni aportan criterios estéticos, sociales o espirituales nuevos que subviertan el pasado literario: se limitan a ordenar con inteligencia, con una capacidad del gusto estético que sin duda es moderna —pero en la que se recoge simplemente el aire común de una época— aunque no original ni revolucionaria, todo el desarrollo de una literatura. Atienden a los tópicos consagrados que tratan de rever con lucidez, corrigen detalles del cuadro incorporando olvidados y dejando caer alguna ruidosa figura, tratan de descubrir los centros animadores que mueven amplios períodos históricos.

Un tercer libro recientemente publicado podría agregarse a este tipo de volúmenes: la **Nueva historia de la gran literatura hispanoamericana** de Arturo Torres - Rioseco (Buenos Aires, Emecé, 1960) que se distingue del anterior libro de Rioseco en la incorporación de dos breves capítulos —"El ensayo" y "La hora actual"— que tratan de poner al día un libro que ya en su primera edición resultaba antiguo y que en ésta sigue siéndolo. Así lo prueba el capítulo dedicado al Uruguay donde se limita a incorporar el movimiento nativista del 20 y algunos nombres sueltos sin orden.

Todos ellos son libros del tipo escolar, del que se publican varios por año en los países europeos, pero que en América no sólo son inusuales y merecen una atención privilegiada (nos referimos en particular al de F. Alegría), sino que además significan un evidente progreso sobre la crítica literaria anterior de estos temas generales.

El libro de Zum Felde, casi simultáneo a la aparición del de F. Alegría —un poco anterior ya que éste lo cita— coincide en algunos de los rasgos anotados aunque, paradójicamente, su visión resulte mucho más personal, mucho más confusa y menos "scholar", y, sobre todo, más moderna y reciente, a pesar de tener su autor el doble de años de algunos de los citados.

★ *Celui-qui-ne-comprend-pas*

El antecedente inmediato de estos ensayos debe verse en los volúmenes de Luis Alberto Sánchez, en especial su fabulosamente farragoso, acrítico y confuso libro **Proceso y contenido.**

En 1896 Rubén Darío, echando una mirada descarbada sobre la intelectualidad de América decía que en ella imperaba el universal personaje clasificado por Remy de Gourmont como "celui-qui-ne-comprend-pas", al que definía como "profesor, académico, correspondiente de la Real Academia Española, periodista, abogado, poeta, rastoquer". En 1960 ese personaje está tipificado por Luis Alberto Sánchez, y sus libros son la expresión fiel de la falta de inteligencia crítica, de sensibilidad artística, y la demostración de cuánto camino parece obligada a recorrer América para salir del provincianismo más basto y entrar a la modernidad.

Nadie negará infinita lectura a L. A. Sánchez, ni un fichero ordenado, él, tampoco, impermeabilidad estética. Su gran libro (664 páginas) es un catálogo apenas razonado de nombres y títulos, dentro de una organización temática que ha equiparado la narrativa americana a la descripción geo-económica de América, como si la novela no fuera otra cosa que un capítulo de la sociología.

Más aún: en un libro que provocara larga polémica, **América, novela sin novelistas,** sentó una de esas tesis que quedan enquistadas en la historia de la cultura, no por su fermento creador, sino por las muchas cintas de máquina gastadas lamentablemente en su crítica y demolición. Pero esa tesis, corregida por él, no ha muerto, y en las conclusiones de su **Proceso y contenido** reaparece bajo las especies más funestas. Allí se lee. "He aquí algo en que se debe insistir. América ofrece a la novela un conjunto de seres, escenarios y problemas jamás tratados o, al menos, muy lejos de estar agotados. El creador no necesita esforzarse en inventar. Le basta ser rapsoda, heraldo, eco. Su mérito dependerá de que capte bien el mensaje de un mundo pletórico, inédito, inaudito. Nuestra novela, por eso, abunda en hechos, y ahí donde las otras utilizan digresiones, la nuestra trata de evitarlas para seguir el acezante ritmo de los sucesos".

Difícil es mostrar mayor inepcia, mayor ignorancia de lo que es el fenómeno del arte, y después de esta confusión entre novela y crónica de la vida circundante, después de esta torpísima fijación sobre la aparente originalidad temática, no es raro que clasifique a los narradores según hablen del campo, de la sierra, de la costa, de la ciudad, o del barrio Aires Puros.

Hay que reconocer que no fue el único y tuvo antecedentes. Un libro, de mayor concisión y agudeza por lo demás, donde el tono académico salva de estas farragosas improvisaciones, el de Arturo Torres-Rioseco, organizaba a doce narradores de América en novelistas de la tierra, de la ciudad y modernistas.

Son estas clasificaciones simplistas las que pueden alarmarnos, porque de ellas sólo pueden extraerse dos conclusiones válidas: o que todavía no existe una novela americana, lo que muchos grandes ejemplos nos impiden aceptar, o que todavía no existe una crítica literaria mínimamente sensata y esclarecida de la confusión americana.

★ *Una reacción académica*

El libro de Fernando Alegría es una reacción que apela a las categorías ordenadoras de la crítica académica, ya ejercidas en el panorama universal, para rever con visión panorámica un género literario. Hablará así de la novela romántica, de la sentimental, de la histórica, del realismo y del naturalismo, haciendo sitio para algunos sectores parcializados, como "la novela política argentina", "la novela de idealización del indio" —donde sigue el exhaustivo libro de Concha Meléndez, **La novela indianista en Hispanoamérica** (Madrid, 1934)—, "la novela de la revolución mexicana" y "el regionalismo". Estos criterios deben mucho a la tarea esforzada del más fino y moderno de los críticos de las letras americanas, Pedro Henríquez Ureña, y a los aportes analíticos de Alfonso Reyes, que, por más que pertenezcan a criterios estéticos que hoy nos suenan envejecidos, respiran una precisa inteligencia y una jerarquización madura de la materia artística.

Dentro de estas coordenadas, el libro de F. Alegría debe ser considerado, en la primera instancia del examen, como un libro ejemplar. Tiene, conjuntamente, una concisión explicativa, derivada de su vocación pedagógica, que le confiere alta utilidad. Pueden citarse como ejemplos su análisis de Gallegos, de Manuel Rojas, su ordenación de Echeverría (por **El matadero**), Sarmiento y Mármol, en la novela política argentina.

También se permite una beligerancia dentro de esa dirección antisentimental que bajo la influencia de las letras norteamericanas ha marcado a muchos hispanoparlantes: así su liquidación de la sensiblería de Isaacs (cotéjese con lo que del mismo tema dice Zum Felde en su libro), o su acentuación realista en la narrativa de Federico Gamboa, rechazando la acre crítica de Mariano Azuela.

Pero si Fernando Alegría se mueve con comodidad, elige bien, en el siglo XIX y en los comienzos del XX, los últimos años comienzan a ser para él un sitio más resbaladizo donde los materiales no se organizan con rigor y la discusión es inevitable. La situación de Mallea en el panorama presente de la narrativa es manifiestamente exagerada —sobre todo cuando se coloca en un plano inferior a Borges— y estas palabras lo muestran: "Nadie ha llegado en la literatura actual argentina a la intensidad creativa de Mallea, nadie ha conseguido expresar con mayor fervor y autenticidad que él el sufrimiento moral de un pueblo en medio de una crisis que supera las circunstancias sociales y políticas y toca las bases mismas del conflicto de valores que divide a la humanidad de hoy".

Otra cosa es el problema del conocimiento total de la realidad literaria americana, y ello puede ser ilustrado con un análisis de las referencias a escritores uruguayos.

★ *¿Qué sabemos de América?*

Cuando reseñábamos —y más bien saludábamos simplemente— la aparición del libro de Zum Felde, ya hacíamos mención a esa al parecer fatal perspectiva de la cultura americana que impone el lugar desde donde un creador elabora su obra.

Desde aquí es muy visible y alto el fenómeno transformador del arte narrativo del XX, que ha dado a Mallea, Marechal, Borges, Onetti, Hernández, en buena parte porque ellos han marcado direcciones que están siendo ahora objeto de investigación creadora por las nuevas promociones. Pero la altura y el relieve de los creadores rioplatenses nuevos —que tanto peso adquieren en el libro de Zum Felde— sirve para desmerecer a aquellos que están más lejos, camino de Río Bravo, y, sobre todo, para achicarlas como si se los viera con una perspectiva engañadora. Así artistas como Carpentier, Uslar Pietri, Juan Rulfo, parecen perder su importancia. (Ha sido Ricardo Latcham quien más se ha empeñado en evitar estas difracciones del enfoque crítico que desfiguran la realidad cultural americana, como lo prueba su **Perspectiva de la literatura hispanoamericana contemporánea, la novela,** (Concepción, 1959), y ésa fue una de las preocupaciones constantes del libro de Anderson Imbert.)

Escribiendo desde más allá de Río Bravo, y a pesar de una nacionalidad chilena cabal que probó en su excelente libro sobre la poesía de su país, Fernando Alegría ve desdibujarse las letras del sur del continente, de tal modo que escritores como Roa Bastos o como Leopoldo Marechal ni siquiera son mencionados de paso.

Pero si ello puede ser censurado, dado que se trata de libros que cir-

(Pasa a la Pág. siguiente)

Contesta: LEANDRO IPUCHE



1º) **SON tantos los autores y las obras que he conocido, que estaría por decirle, con mi arrogancia matrera, que, al final de cuentas, he sido yo el creador de mi destino intelectual.**

Lo he dicho y lo repetiré: soy un árbol que anda. Desde las raíces de mi Uruguay, no me siento vinculado a ningún movimiento estético forastero.

2º) LEALMENTE, mi obra se ha venido haciendo sola desde mi intimidad rioplatense, alerta.

No he sufrido, pues, ningún choque ni tentación trascendentes que hayan podido influenciar mi producción literaria.

3º) En algunos libros creo haber realizado mis propósitos artísticos. Para la prosa, **Isla Patrulla.** En el verso, **La llave de la Sombra.**

Usando cierta mística criolla, podría decirle que en ellos es donde estoy metido "con cuajo y alma".

4º) Escribo de mañana, leo de tardecita y "preparo" el asunto por la noche.

Tengo algunas obras inéditas. En primer término, cinco o seis de teatro que me han costado bastantes desvelos. TANICHO, una tragedia gaucha, debió haber sido estrenada en Buenos Aires por Alippi. Fallecido este gran señor del justiprecio escénico, se desvaneció la esperanza.

Acabo de escribir el último episodio de la vida y muerte de un petiso de una Escuela Granja de Treinta y Tres. ¡Criatura maravillosa!

Espero publicar el año que viene mi ensayo sobre la Defensa de Paysandú.

Y, como el verso me acecha y no me perdona que lo descuide, se ha ido armando un librito "medido" que, sin apuros, ha de salir algún día a visitar nuestra tierra ingrata.

5º) Esta pregunta es muy importante para mí. Y me va a permitir quejarme un poquito.

Cuando hacía en forma predominante Nativismo (1921 - 1930), mi obra tuvo festejo nacional y repercusión continental.

Pero, conforme se fue profundizando y tomó dimensión metafísica y universal, sufrió la indiferencia, el disimulo y hasta la hostilidad.

Por suerte, altos maestros de América y Europa se interpusieron en este drama de crecimiento interior. Y lograron tener a raya la irresponsabilidad de los atrevidos.

Crítico, en un sentido trascendente, no ha tenido todavía mi obra.

Alguien me consuela diciéndome que voy a ser autor para despues del año 2.000...

6º) Empiezo por declararle que siento el orgullo literario, histórico y humano de mi generación.

Mis compañeros de época fueron exclusivamente creadores.

Nuestra misión era (y es, porque todavía algunos escribimos) la de planear o soñar una obra y meternos en ella con alma y vida.

Fuimos herederos dichosos de dos grandes generaciones. Y la obra que realizamos dejó cierto fermento de seducción, entusiasmo y liberación ultramarina. Porque laboramos con la entraña, en un aire libre, con expresión despejada.

En mi promoción hubo un crítico solamente. Pero venía mal aconsejado por su intimidad.

Fue conocido en seguida.

7º) Desgraciadamente, el intelectual en nuestro país no está considerado ni, mucho menos, tratado, como el maravilloso signo de su destino se lo merece.

Al ser esto debido al lamentable concepto que los jerarcas de la política manifiestan hacia los intelectuales, éstos vegetan como desocupados, vagabundos o cigarrones, sin ninguna utiidad para la sociedad ni la administración pública.

No ha ilegado nuestro pueblo todavía a la percepción o discernimiento de que el intelectual es un obrero interior, un ser abnegado de actividad invisible. ¡Lo más valioso y útil de la república! (En serio).

Sobre el lugar de trabajo que les correspondería a nuestros intelectuales, tendría tanto que decir, que temo llegar a la violencia acusadora. Y no estoy para eso, ahora.

8º) Hacer llegar al pueblo los libros nacionales, haciéndole ver y saber que nuestra producción intelectual es la primera que debe atender y entender

Destruir hasta donde sea posible esos imponderables de inferioridad que han establecido un clima cerrado y excluyente de desdén por nuestra obra.

Aunque lo nuestro sea infinitamente superior a lo europeo, de allá ha de venir lo mejor...

Esto es conservar alma tributaria de colonos. No nos hemos emancipado mentalmente del Coloniaje.

9º) Nuestra literatura actual en narrativa, poesía y crítica, está justificada y hasta cierto límite condicionada por las generaciones anteriores que han impuesto nuestra PRESENCIA diferencial e inconfundible en el arte.

10.) En mis exploraciones sobre los orígenes de nuestra fisonomía literaria, he conseguido distinguir (entre otras menores) tres corrientes: la que desató Hidalgo y culminó en el Nativismo y las de Lautrèamont y Laforgue que se corporizaron en valores perdurables de nuestra Literatura.

Ahora, en lo que últimamente me pregunta, no sé, lealmente, qué contestarle.

Hay un desorden universal de tal magnitud, que ha alcanzado a las letras y ha llegado hasta nosotros en forma confusa y aturdidora.

Esto hace imposible (al menos, para mí) discernir una corriente artística ACTUAL con autores que puedan sostener una posición tan responsable, como sería la de llevar, en su desarrollo y vigencia, el porvenir inmediato de nuestras letras.

PEDRO LEANDRO IPUCHE

Libros

★ **Carlos Droguet: Eloy. Barcelona, Editorial Seix Barral, 1960. 190 ps.**

Si hubiéramos integrado el Jurado del Premio Biblioteca Breve de esta casa editorial, no hubiéramos tenido vacilación para elegir entre la novela de Juan García Hortelano, Nuevas amistades, que obtuvo el primer premio, — y que comentáramos oportunamente — y ésta del chileno Droguet que salió finalista con dos de los cinco votos, y hubiéramos votado por Droguett.

Porque si bien la obra de Hortelano tiene una organización más amplia, una comunicación más fácil con el lector y una hábil estructuración narrativa, al mismo tiempo no supera un tipo de personajes ya caracterizados, esos jóvenes de la alta burguesía que parecen fantansmas o suicidas potenciales, y su planteamiento argumental es débil e ingenuo. En cambio con esta breve novela de Droguett estamos en presencia de una auténtica elaboración artística, original, poderosa, estamos frente a un hombre que es un escritor con la sensibilidad diestra del oficio y la eficacia del decir narrativo.

Droguett tiene ahora 45 años, y es autor de una novela anterior, Sesenta muertos en la escalera, que no conocemos, y que publicó hace siete años. En esta parte de un hecho real: la captura de un salteador de caminos, el ñato Eloy, autor de 20 asesinatos, por parte de un destacamento de carabineros. Toda la obra es un monólogo interior, el de este Eloy cercado por la policía y que ya ve próxima su muerte aunque de ella descrea, mientras en su memoria se superponen, entrecruzan y desfibran fragmentos de su pasado que van recomponiendo confusamente un destino humano.

Aunque esté muy bien hecho, no es esto original, e incluso el sistema del "racconto" en estas circunstancias ha sido explotado y agotado por el cinematógrafo. Tampoco es demasiado nueva la forma protoplasmática de la evocación y su injerto dentro de la realidad en que el personaje padece miedo y coraje; aquí Droguett se aprovecha de las migajas del gran banquete monologuista de Joyce, acondicionando sus aportaciones a una preocupación expresiva racional y lógina El monólogo, que parte ardiente y confusamente al principio, rehusando el punto y apenas el condescendiendo a veces con la coma, muy pronto se organiza en frases normales, en períodos explicativos, y juega realidad y evocación al isócrona alternancia pensada más que sentida y recreada desde la entraña del personaje.

Curiosamente no aparece ante nosotros un ser humano distinto, extraño y singular. A pesar de la perspectiva interior monologuista, no hay aquí una revelación de la intimidad original, como en aquel deslumbrante fragmento de El sonido y la furia de Faulkner, en que se superponía a una confusa visión de lo real la naturaleza única del idiota que contaba. No apresamos aquí a un ser que desde fuera nos sorprende — un criminal reiterado, un ejercitante de la crueldad, un antisocial — y nos provoca intensa curiosidad por saber cómo está hecho por dentro. El Eloy que nos ofrece Droguett, y quizás sea ésta aunque no nos conforme la comunicación que nos dirige, es simplemente un hombre que vive en lo concreto, dominado por la sensualidad, ansioso de un retazo de alegría, un buen padre de familia, con miedos y alardes de valor, pero también con timideces, sensibilidades delicadas y violencias, un hombre en fin.

Pero para esto parece tan poco Droguett ha movido una admirable escritura literaria, una precisión rítmica de creador que tiene el idioma entre las manos y lo plasma a la expresión más cabal; una siempre sorprendente capacidad para aprehender el paisaje, la realidad más trillada, y estructurarla en una forma que es ardorosa y exacta, imagen del arte. Parece pasar por estas páginas el recuerdo de una prosa rusa que nuestro público ha intuido a través de las páginas de Pasternak, aunque pertenezca a toda una modalidad creadora nacional, en lo que tiene de potenciación y de intensidad dicente, en lo que tiene de capacidad para reestructurar la realidad combinándola con enorme libertad artística

Es esta prosa de alta calidad, y tan poco habitual en tierras americanas, es esta precisión narrativa, tensa y sabrosa a la vez, es este moderno sentido rítmico del arte novelístico, los que hacen la excelencia parcial de la obra de Carlos Droguett, y los que le hubieran debido acarrear el premio Seix Barral, si éste, como indican sus bases, se discierne a las expresiones formales más recientes y creadoras del género.

A. R.

LITERARIAS

La construcción de una literatura

Por ANGEL RAMA

AL hacer las cuentas del año nada más fácil que la enumeración —de libros, de muertos, de homenajes, de premios—; nada más vano también. Es un modo de apresar el suceder menudo del año y dejar que se avente el espíritu que le animó. Además un año no es un compartimiento estanco: acarrea con él los anteriores y actúa en función de los que vienen. Es feliz si en él hay gérmenes que comienzan a crecer, porque de esos ínfimos nacimientos podrá salir el futuro; es feliz si decanta y perfecciona lo que ha recibido de los anteriores.

Por eso la tarea de penetrar en la significación más profunda que el año cultural ha tenido es difícil y se inclina a un dulce engaño: identificar nuestros impulsos con los de la sociedad y pensar que ella responde armoniosamente a nuestro querer. Para no deslizarnos sobre la pendiente subjetiva hemos pedido a varios escritores, procedentes de muy distintas corrientes, que den una breve opinión sobre este año redondo ya transcurrido. Lo que aquí intentaremos, en cambio, es una elucidación de los problemas que entendemos centrales de nuestro presente literario, sin eludir por lo tanto lo personal ni lo polémico.

★ Los presupuestos críticos

PARTIMOS de varios presupuestos, como hipótesis de trabajo. En primer término que este año marcó un momento decisivo de nuestro desarrollo. Siendo un año de grave crisis en distintos órdenes —político, económico, moral y hasta institucional—, no entendemos esa crisis como índice de decrepitud, sino como un intenso combate en el seno social dentro del que encontramos fuertes y [illegible] valores positivos que tratan de crear nuevos y mejores sistemas. En cierto sentido el agravamiento de las condiciones en que se mueve la sociedad uruguaya ha servido para despertar de su letargo a muchas fuerzas, hacerles adquirir una óptica más aproximada de nuestra realidad histórica, y convencerlas de una beligerancia fervorosa. En este sentido vivimos un año de compromiso y decisión.

El segundo presupuesto registra la cada vez más estrecha interacción de la civilización contemporánea, reconociendo que muchos sucesos importantes de la vida de este pequeño país responden originariamente a los problemas que se debaten a escala mundial, no sólo en los conflictos políticos de las grandes potencias, en la dinámica económica y social de los pueblos coloniales y subdesarrollados, sino específicamente en los planteos culturales que esas situaciones han deparado.

En tercer término, dentro de un plano más reducido al tema, conviene realizar que si escudriñamos con cuidado la mecánica generacional de nuestro país, registraremos que, a una preparación de varios años motivada por obras literarias y más frecuentemente por una tarea polémica y crítica, sigue un período de plenitud creadora en que los integrantes de la generación dan a conocer sus obras maduras marcando el cenit de su tarea positiva. Para la generación actuante hoy, que viene desarrollándose desde hace años, éste es uno de esos años de maduración. Es, por lo tanto, un momento crucial donde juega su aportación original ante el país y las nuevas promociones que se encuentran en su período formativo y que han de jungar en la realidad de sus vidas esa contribución artística e ideológica.

★ Contrucción de una literatura.

SI tuviera que decir con toda precisión cuál entiendo la tarea más importante del momento actual y nuestra responsabilidad cultural, diría que es **la construcción de una literatura.** Estoy hablando aquí en el ámbito restricto de lo literario, y como la afirmación se puede prestar a interpretaciones equívocas es obligado fundamentar qué se entiende por "una literatura" y por su "construcción".

El espíritu sopla donde quiere, y si quiere en Nicaragua, sale Rubén Darío. Ese es el milagro de la más alta creación artística. Pero como nuestra capacidad de acción humana sobre él es prácticamente nula, salvo en la sensibilidad para registrar su aparición y celebrarla, no es a esa posibilidad de alto nivel creador que debemos referirnos, sino a un proceso en el cual podemos incidir con eficacia, que se encabalga sobre el arte y sobre la sociología, y que llamamos "literatura": una creación estética que promueve el desarrollo histórico de una sociedad merced a un conjunto de escritores que en ella actúan y a ella se dirigen. Es obvio que este planteo depende sumamente de nuestra capacidad humana de hacer y en él nos instalamos porque lo que nos importa es hacer.

No basta que haya obras literarias, buenas y exitosas, para que exista una literatura. Para alcanzar tal denominación, las distintas obras literarias y los movimientos estéticos deben responder a una estructura interior armónica, con continuidad creadora, con afán de futuro, con vida real que responda a una necesidad de la sociedad en que funcionan. Desde luego no hablamos de una sociedad equiparándola a patria; el panorama americano muestra varias modulaciones literarias que responden a regiones que superan fronteras, y todo el fenómeno de la literatura americana se sostiene sobre el afán de la intercomunicación y hasta de la homogenización creadora.

Una buena definición de lo que entendemos por "literatura", la ha utilizado el crítico brasileño Antonio Cándido, como base para su libro **Formación de la literatura brasileña** y el cotejo es útil ya que se trata de una literatura marginal, fruto de coloniaje, como la uruguaya. En su prólogo la define así:

"un sistema de obras ligadas por denominadores comunes que permiten reconocer las notas dominantes de una determinada fase. Estos denominadores son, aparte de las características internas (lengua, temas, imágenes), ciertos elementos de naturaleza social y psíquica, literariamente organizados, que se manifiestan históricamente y hacen de la literatura un aspecto orgánico de la civilización. Entre ellos distinguense: la existencia de un conjunto de productores literarios más o menos conscientes de su papel; un conjunto de receptores formando los diferentes tipos de público sin los cuales la obra no vive; un mecanismo trasmisor (en forma general una lengua, traducida a estilos) que liga unos con otros. El conjunto de los tres elementos da lugar a un tipo de comunicación inter-humana, la literatura, que bajo este ángulo se nos presenta como un sistema simbólico por medio del cual las aspiraciones más profundas del individuo se transforman en elementos de contacto entre los hombres y en interpretaciones de las distintas esferas de la realidad".

Mientras que a las grandes creaciones sólo podemos esperarlas y desearlas, y responden a los dones íntimos de los individuos, en cambio podemos crear esto: una literatura. Desde luego, tal como aquí la encaramos, tiene poco que ver con ese criterio suntuoso del Arte con mayúscula que entre nosotros ha sido inoperante por cuanto ha estado más cerca de la retórica que del arte, y en cambio podría aproximársela a un servicio público muy sui generis donde el escritor cumple una tarea social. Distinguir aquí lo que nos separa de los criterios dogmáticos del marxismo contemporáneo, sería tarea larga; Sartre se ha encargado de una parte de ello en su **Qué es la literatura.**

★ Sistema literario en el Uruguay

SI aplicamos la definición transcripta a nuestra historia literaria, encontraremos que si el sistema ha funcionado ha sido de modo fragmentario y con extremada precariedad. Tenemos obras importantes, excelentes creadores; tenemos un pequeño público; no tenemos un **"sistema literario".** No es para reprochárselo a nadie, dado que es tarea de largo alcance; pero es cuestión que nos debe preocupar activamente porque estamos visiblemente retrasados con respecto a otros países donde ya funciona —Argentina, México, Chile— y porque en los últimos decenios comprobamos un abandono de esta que entendemos labor primera. Bastaría vincular la intensa producción editorial chilena y mexicana, absorbida casi exclusivamente por los propios países, con el desconocimiento generalizado que de las letras nacionales tienen los jóvenes y aun los escritores del Uruguay.

Estrictamente, en nuestra historia literaria hay un único sector donde el sistema ha funcionado con rigor y felicidad, un sector que es el más viviente aunque no sea siempre el más artístico: la literatura de tema campesino y gauchesco. Hay aquí continuidad, tradición eficaz, creadores conscientes de su tarea, un público atento, hay incluso un lenguaje artísticamente elaborado con su correspondiente pléyade de imágenes, articulaciones temáticas y modos tonales.

Puede afirmarse que el sistema funciona regularmente desde hace ciento cincuenta años con un desarrollo y progreso interior manifiestos, habiendo tenido importantes creadores. Se le puede considerar como una literatura orgánica, se pueden distinguir períodos, acondicionamiento a los distintos momentos históricos de la realidad del país. Con desdén cultista a veces se ha tratado de menospreciar el género en bloque aunque en verdad hay aquí legítimos creadores en ocasiones superiores a sus congéneres urbanos: una "media caña" de Ascasubi (en **Paulino Lucero**) bien vale un poema de Adolfo Berro.

No ocurre lo mismo en lo que podríamos llamar letras urbanas, a pesar de que entre ellas se encuentra mayor, más rico, más variado número de creadores. No intentamos una falsa oposición, ya que las letras camperas tienen buena parte de su público en la ciudad, donde también viven sus autores. Por lo demás la distinción no se establece por los temas, sino por la incidencia intelectual del autor en él: Acevedo Díaz, que escribió largamente sobre temas camperos no pertenece a esa literatura, ni Reyles, autor de **El Terruño.**

En las letras urbanas ha habido escritores de amplio público, ha habido incluso encadenamientos de épocas y promociones en materia estética, pero no ha llegado a existir una literatura. ¿Por qué esta diferencia? Habría que descartar previamente el criterio autoctonista o nacionalista que se ha manejado para la gauchesca: lo mejor y lo peor poesía española están detrás de la lírica gauchesca, y en su desarrollo histórico es perceptible, aunque con mayor debilidad por lo mismo que se mueve dentro de una tradición cerrada y resistente, la influencia de las estéticas extranjeras.

Su éxito se explica por la más pronta y feliz creación de "arquetipos literarios" —tuvo más tiempo para hacerlo— que ya aparecen establecidos hace un siglo, usando de la invención de un lenguaje y de una tonalidad expresiva. Pero aún por encima de esta admirable operación literaria hay una explicación más convincente: si los gauchescos pudieron crear una literatura lo debieron a que fueron casi los únicos que eligieron decididamente un público para proyectar en él sus creaciones. **"Al elegir su lector, el escritor decide su tema"** (y aun su estilo), decía Sartre. En nuestras letras son ellos los "situados" —en el sentido que da Sartre a la palabra— los que han hablado resueltamente a un público y en ese "otro" que no era un espejo sino hombres reales, se encontraron a ellos mismos.

La literatura urbana en cambio, no sólo no logró constituir el "sistema", sino que se ha ido desprendiendo de su escaso público —los últimos decenios han sido trágicos—; así el escritor trabajó para la élite de escritores, con el ojo puesto en el "hombre universal" y en el "hombre del futuro". No obtuvo ni uno ni otro, y débese apuntar que entre los que así erraron sus caminos hay creadores de real talento y de aguzada capacidad artística. Un examen sociológico de este último período podría razonar la desorientación general, pero nos reduciremos ahora a un par de puntualizaciones literarias respecto a las exigencias de la definición de Cándido.

★ La tradición

LA primera tiene que ver con la tradición. El tema lo ha considerado —miméticamente— la crítica, pretendiendo aplicar los criterios peculiares de literaturas centrales y cerradas a un medio marginal subdesarrollado y discontinuo como es el nuestro y que sobre todo carece de una lengua propia. Ni es imaginable un sistema de autoabastecimiento tradicional en nuestro país —a no ser que se pretenda el suicidio de las letras— ni el mundo actual lo permite en ningún país. Nuestra tradición artística es la de la cultura occidental en distintos planos paralelos y escalonados: el de las letras universales, el de las letras de habla española, el de las letras americanas, por último el de las letras nacionales, en este caso con particular referencia a los modos ya establecidos para la incidencia en un contorno, para el establecimiento de formas expresivas y el aprovechamiento de un lenguaje circunstancial. De ahí que la tradición nacional enseñe más una "actitud", un "modo" de resolver problemas, que un canon estético. Con todo, hilando con cuidado podrían revelarse algunas constantes: la tenacidad realista —perceptible hasta en Julio Herrera y Reissig— la improvisación repentinista, que ha estudiado Visca, etc. Pero estas notas pueden referirse por un lado a una tradición mayor —la de la literatura española cuyos rasgos ya tipificaba del mismo modo Menéndez Pelayo— y por otra parte nuestra historia literaria demuestra tal labilidad y falta de decantación orgánica que cualquier nueva obra de arte que en ella aparece no sólo abre un camino hacia el futuro sino que al mismo tiempo nos permite desbrozar otro hacia el pasado al imantar una serie de creaciones que se le emparentan y que antes de aparecer el nuevo elemento catalizador estaban como perdidas en un confuso bosque. Así el surgimiento de una cuentística fantástica en nuestro vanguardismo ha permitido revalorizar la veta popular del cuento fantástico, las aportaciones similares del modernismo y los confusos intentos románticos.

Aunque parezca paradoja: es la literatura viva del futuro la que determina la tradición viva del pasado. La comunicación efectiva del escritor con su público a través de las diversas situaciones históricas, quizás pueda ir dejándonos, por debajo de la variabilidad de sus fases, las constantes que plasmen la esencialidad de una sociedad humana, recobrando también entonces las notas concurrentes del pasado.

★ Los públicos y el escritor

LA segunda puntualización tiene que ver con la relación escritor-público. Las dificultades de esa vinculación, conocidas entre nosotros, han tendido a dos explicaciones contradictorias, más formuladas en diálogos que en textos críticos: la culpa la tiene el público que no lee (opinión habitual del escritor convencido de su talento y buena ubicación literaria); la culpa es de los escritores que no dan obras de calidad (opinión más perceptible en la crítica y en las nuevas promociones). Ambas posiciones llevaron a la sorprendente situación de dispensar de todo esfuerzo a quienes las sustentaban: ellos se decretaban inocentes por lo mismo que consideraban culpable al otro. Lo acusaban y aguardaban impasibles a que se enmendara. Sea cual fuere la ideología que los movía, en definitiva no salían del turrieburnismo especulativo que por lo demás los llevaba a una gruesa simplificación del problema.

Del mismo modo que existe una pluralidad de autores (estéticas, temas, estilos diferentes) existe una pluralidad de públicos reales y potenciales. No es, obviamente, el reino de la calidad y el arte más consumado el único que determina la demanda. En los distintos estamentos hay acondicionamientos a distintos géneros de obras y existen familias culturales que cortan transversalmente la sociedad. Tanto vale decir que no es el "arte" el que resuelve el problema de la comunicación escritor-público.

Pero al mismo tiempo, sea cual fuere el plano en que se mueve, el público responde a un criterio que llamaríamos de eficiencia literaria y que ha establecido como paradigma merced al libro extranjero que lee (novela policial, folletín rosa, literatura de vanguardia). Con ese modelo establecido debe competir el escritor nacional. Generalmente se desprecia el género policial —incluso los mismos que lo leen— considerándolo una literatura bastarda. Aunque estamos muy lejos de pretender hacer de él un arte superior, debemos apuntar que no conocemos en nuestro país muchos escritores capaces de la eficiencia, del oficio riguroso, de un Patrick Quentin, por ejemplo, para no citar ninguno de los mayores maestros. Eso es lo que debe poner el escritor si aspira a la comunicación.

En otros términos, abandonar el "amateurismo orgulloso" que le lleva a descontar que toda expresión espontánea suya tiene interés en sí —narcisismo estético— y proyectar esa expresión en un hecho objetivo de validez general como recomendaba, y nada menos que hablando de poesía, Luis Cernuda. Establecer el difícil pacto por el cual las "vivencias originales personales, de un escritor, alimentan la vida espiritual de una comunidad dentro de las formas más precisas.

★ La respuesta del público

AL problema, como a todos los problemas, se responde acometiéndolo, instaurando un quehacer dinámico por el cual el escritor se proyecta en el público. Las respuestas a nuestra encuesta anotan como hecho positivo el esfuerzo editorial del año. Conviene decir que, además de ser aún muy inestable, sólo vale como un paso experimental, diríase una cortesía del público que abre una nueva instancia a los escritores para que estos tomen consciencia de la realidad en que se mueven, es decir, de productores de objetos muy particulares —libros— que exigen sus consumidores.

Los esfuerzos de **Alfa** y **Asír** no son los primeros que se producen en nuestro país, y Bertani, **la Sociedad de Amigos del Libro Rioplatense, la Biblioteca Rodó**, fueron intentos semejantes que no crearon la continuidad capaz de dar base al **"sistema literario"** que reclamamos. Pienso que el reiterado fracaso admite, por encima de otras causas particulares, la general de que el escritor continuó moviéndose en la tesitura liberal que ya denunció Francisco Ayala (**El escritor en la sociedad de masas**) sin atender a las nuevas situaciones que le planteaba la sociedad en que vivía. Ir al encuentro del público, convencerse de que en él se realiza plenamente la obra, en ese movimiento de libertad del que ha hablado Sartre, es automáticamente tomar consciencia de que no es un segmento pasivo y amorfo de la estructura social, sino un complejo dinámico que reclama una orientación espiritual, una cosmovisión artística, una ubicación clara en un mundo confuso.

Nos sigue pareciendo el libro la piedra de toque de este proceso, pero no nos parece legítimo que esta consideración superior postule el desdén para los plurales sistemas de comunicación que ha desarrollado nuestra civilización: el diario, la radio, la televisión, el cine, los cuales el escritor debe tratar de usar y orientar. Toda actividad en este sentido resultará legítima si va justificada por un esfuerzo tenaz para aproximarse al público que ha elegido y al que tiene algo que decir.

Con precisión decía Ayala: "**¿Quién sino él (el escritor), propondrá a las multitudes una interpretación congruente de las realidades en torno —realidades que, en nuestro tiempo, cambian vertiginosamente—; quién practicará los ajustes indispensables para mantener en pie una idea del mundo que les proporcione un común marco de referencias y les procure así algún asidero contra el caos mental y moral? La actividad del escritor consiste en la incesante referencia de las realidades prácticas y cotidianas —sobre todo, las realidades que presentan un cariz nuevo— a principios y conceptos generales: consiste en la compulsa infatigable entre lo que es y lo que debiera ser, y, por consiguiente, en una revisión continua del sentido de la existencia para la comunidad entera**".

El año 1960 nos importará retrospectivamente en la medida en que el escritor nacional haya sabido orientar los tímidos renaceres de la comunicación con el público para dirigirse a él, porque descontamos que la inmersión en las vivas aguas de nuestra historia espiritual, que es una dinámica de ideas y realidades concretas, modifique hondamente su captación del fenómeno literario. No pensamos exclusivamente en las ventajas que la comunicación deparará a un público; pensamos también en las que deparará al escritor que sea capaz de comprender esta nueva coyuntura. Es esta la verdadera felicidad a que aspiramos cuando reclamamos la creación de un "sistema literario".

Que el escritor pierda esa deletérea sensación de la "gratuidad" de su trabajo. Que se sienta en cambio condicionado y exigido, lo que sin duda planteará nuevos problemas a su actividad, pero problemas reales y no vanas sombras retóricas.

★ La crítica arraigada

PALABRAS, palabras, palabras... En un país donde los temas más serios y graves han sido manoseados hasta la fatiga, donde es costumbre hablar y hablar de ellos en una euforia palabrera como la de aquellos arbitristas de la decadencia española para compensar la pasividad con que se los considera, como cosa ajena que no importa en definitiva, en un país así es indispensable que toda teorización vaya acompañada de una actividad positiva de igual sentido, la que, como dicen los escribanos, dé fe. Por eso el crítico debe empezar por su propio compromiso.

Una de las admoniciones más reiteradas de nuestra crítica ha sido reclamar el arraigo de novelas, cuentos y hasta poesía. Simultáneamente se instituía ella como la desarraigada por definición para poder cumplir de ese modo una tarea que debía ser fatalmente la del puro enjuiciamiento. Tal desarraigo era indispensable a su aspiración de devenir el juez universal, perfecto, y por lo mismo el tono prescindente, la mirada desde las alturas que recientemente ha atacado Benedetti. Mientras la literatura ingresaba a la circunstancia, la crítica se rehusaba a su imperativo. Quizás debido a su exclusiva naturaleza estética y su falta de formación histórica.

La crítica planearía así desde otro hemisferio, desde otro juego de coordenadas intelectuales, sobre una materia que, por un deslizamiento implícito, se transforma simplemente en eso, en la materia del juicio literario —¿no celebramos acaso la vana gloria de una generación crítica?—. No puede actuar de otra manera ya que no quiere o no puede ser servidora y orientadora. Incluso es bien significativo que el arraigo de las letras uruguayas se reclamara para y con "la realidad" —a veces descendida a mera escenografía folklórica—, que así enunciada, devenía otra abstracción más, maldisimulada por su disfraz concreto.

Oponiéndonos a tal actitud pensamos que el arraigo no es en la realidad —en el barrio, en el pueblo—, ni siquiera en la vida, sino en la historia. Es decir, en la instancia espiritual que un determinado tiempo y circunstancia —humanos, vecinales— opone al hombre creador, y en la que él se sumerge no ciega ni pasivamente, sino para elaborarla artística, intelectualmente. Para recrearla.

La crítica desarraigada funciona, limpia y pulcra, en el campo de los universales, —esos ojos del año 2000 o esos ojos de Dios, cuya quebradiza pretensión motivara la cruel burla de Sartre en "La nacionalización de la literatura"— y de ahí extrae su aparente precisión, su impecable distancia que no le permite embarrarse y le hace operar siempre con guantes previamente esterilizados, esa eficiencia de previsible teorema matemático. Creo que es posible admirar esto como un armonioso espectáculo e incluso agradecer su higiénica tarea; creo también que debe reconocerse su inutilidad última.

La crítica, como la creación literaria misma, junto a ella, está fatalmente arraigada en la historia, y es mejor reconocerlo y entenderlo bien para no malgastar energías y para aceptar humildemente la situación. No aspirar a una pretendida objetividad, que en el mejor de los casos podrá abrir la puerta de una crítica estilística cuyo rigor seudo-científico sólo prueba que se está trabajando sobre un cadáver y no sobre un cuerpo vivo; no dejarse estar tampoco en la crítica impresionista que apela a la simple subjetividad del gusto, ni satisfacerse en el inteligente uso de una tradición puramente estética que en Eliot o en Valéry alcanza su mayor y más feliz precisión. El planteo de Edmund Wilson en **La interpretación histórica de la literatura** y el ejercicio de aplicación a "Las ideas políticas de Flaubert" en **Literatura y sociedad** puede servir de precedente para el actual desarrollo de la crítica existencial tan interesada en la aportación de un marxismo menos dogmático a través de los libros de Lukacs. Una crítica que se decreta histórica también, a pesar de saber que maneja el acceso a algunos hallazgos espirituales que establecen la esencialidad del hombre, y que entra en su tiempo dinámicamente, aportando ideas, sensibilidad, convicciones, como entra en su tiempo la creación artística. Debe saber que puede devenir lírica. En todo caso se mueve como literatura ella al encuentro del público, de sus necesidades y de sus interrogaciones, y no quiere confundir ese público con el sector de creadores literarios, sino con los consumidores de las letras.

★ La Revolución y los escritores

EL acontecimiento cultural del año en nuestro país ha sido, como tantas veces, un suceso externo: la Revolución Cubana. Es, obviamente, un hecho político-social, pero sería miopía ignorar la repercusión de tales hechos en el mundo del espíritu —en la realidad civilizadora— y sería desconsideración y error creer a nuestros intelectuales tan desprendidos de la realidad histórica, para que un fenómeno que ha puesto en América toda un acento renovador, no los afectara hondamente.

La Revolución no ha venido a traer paz, sino guerra, y ha servido de imprevista montaña que separó las aguas en sentidos distintos y opuestos. La elección de los intelectuales ha sido clara y mayoritaria en favor del movimiento; más fervorosa y mimética en los jóvenes, más reflexiva y problemática en los de mediana edad, más cauta y serena en los mayores. Pocos, muy pocos escritores han elegido el otro campo y se han alineado entre los enemigos de la actual Cuba. Incluso los no partidarios de la Revolución han preferido un cauto silencio.

Este acontecimiento ha venido al encuentro de un deterioro progresivo de la situación político-social interna del país. Más difícil, porque aquí juega la malla de los intereses creados, la vanidad y las formas laxas del tradicionalismo, los intelectuales han debido asumir posición ante un gobierno que al tiempo que desatiende los criterios básicos de la instrucción mayoritaria se esfuerza por desarrollar una cultura de élites a cuyo esplendor consiente en la misma medida en que la castra previamente de su espíritu crítico, alerta, contemporáneo, de su sustrato social, político. El proyecto de una Universidad Católica tipifica esta dirección.

Los peligros siempre denunciados de un oficialismo esterilizador, se han agravado. Es significativo que la mayoría de los intelectuales que han caído en esta órbita y contribuido a esa super-cultura aparatosa e inocua, pertenezcan a una corriente de pensamiento fuertemente afincado en un nacionalismo cultural, a veces en un mero tradicionalismo temático. Pero es también significativo que el sector que más pronto se independizó de ese oficialismo, rehusándole su colaboración cultural en cuanto comprobó el espíritu regresivo que lo animaba, sea aquel que sigue de modo alerta el proceso social e ideológico contemporáneo más avanzado, intentando la difícil operación de injertarlo en un movimiento nacional.

Decir que aquellos que están contribuyendo a la cultura oficialista y a la lucha contra la Revolución Cubana —y hablo de los mayores espíritus posibles— están entrando en un engranaje triturador que los aparta del contacto vivo con las necesidades de nuestra época y del país, es simplemente comprobar el efecto deletéreo que las formas del macartismo han asumido ya, porque ellas son negadoras de todo libre pensamiento. Es necesario y es duro pensar desde ya en las consecuencias —similares aunque de signo opuesto— a que son conducidas las izquierdas en este proceso de violenta ruptura.

Se han radicalizado las posiciones y al mismo tiempo se ha producido un deslizamiento hacia la izquierda: bastaría cotejar los partidarios de la República Española y opositores al gobierno nacional en 1936 y los partidarios de la Revolución Cubana y opositores al gobierno en 1960. La radicalización ha derivado en una beligerancia violenta y eficaz —por los recursos de que dispone— de lo que llamaremos, usando el esquema tradicional, las derechas. Simultáneamente ha generado un reagrupamiento de izquierdas llevadas a la dispersión por la parálisis que introdujo en el país el anterior gobierno. No nos engañemos con las semejanzas exteriores: no repetimos pasivamente la lucha contra el fascismo, ni el Frente Popular de hace veinte años.

Radicalización, reagrupamiento de izquierdas, postulan desde luego un compromiso beligerante al que cada vez ven más difícil rehusarse los escritores entregados a la pura creación estética.

El año 1960 quedará marcado por esta exigencia de compromiso y los escritores por la respuesta que a él dieron.

★ De Cuba al Uruguay

PODRIA argumentarse que la Revolución Cubana, el gobierno nacional, han provocado [illegible] de posición en la que no cambia tanto [illegible] y no en su equilibrio, [illegible] lidad de intelectual y artista. No es [illegible]

SAINT-JOHN PERSE

Celebrante del Mundo

por Angel Rama



ESTA vez la Academia sueca premió un libro, más que un hombre; tan secreto y esencial como para provocar el desconcierto de los periodistas y la perplejidad de los lectores en el mundo todo. Y se trata, sin embargo, de un libro que ha conquistado jerarquizada y unánime admiración en el más elevado círculo de la cultura occidental.

Un libro. Porque St-J. Perse, que no escribió nada fuera de la poesía y casi nada sobre ella, es autor tan parvo que a los 71 años sólo puede contar seis títulos de escasas dimensiones: **Eloges** et **La gloire de rois** y **Anabase** que representan su obra de 1911 a 1925; y, después del silencio que se impuso desde ese año hasta la caída de Francia en que abandona la carrera diplomática y es condenado por el gobierno de Vichy, **Exil** (1942), con edición definitiva, ampliada en 1945, **Vents** (1946), **Amers** (1957) y **Chronique** (1960) que es una plaquette de 21 páginas. (1)

Un libro. Porque en un siglo donde la obra de arte revierte con excesiva simplicidad a un autor y donde la crítica misma se ha acostumbrado a explicar, mediante la literatura, un ser humano y sus problemas, es éste el único caso de voluntario "effacement" del autor, quien tercamente ha querido ser nada más que su obra, y que ha levantado una obra ajenándola de toda circunstancia biográfica, de toda dependencia de la subjetividad y la problematicidad de un hombre, en un esfuerzo de objetividad y realidad casi cósmica. **"Ningún rostro, ninguna fecha, ningún lugar: esta obra ideal podría ser anónima"** precisa Alain Bosquet. (2)

Un libro. Porque de **Eloges** (1911) a **Amers** (1957), a pesar de los enriquecimientos que testimonian una progresiva capacidad creadora, no hay ningún corte tonal, y el sistema verbal que constituye la base de la estética de St-J. Perse no ha tenido variación apreciable. En sus escritos juveniles está, entera, una actitud, un lenguaje y una estructura poemática que no tendrán cambio.

★ *Celebración del mundo*

El surgimiento de una voz tan formada y tan peculiar asombró a críticos y poetas. ¿De dónde procede? ¿En qué fuentes se ha nutrido? Se sabía su origen exótico, su inclinación por las ciencias naturales, sus abundantes lecturas de clásicos y su amistad juvenil por los poetas que rodeaban la nueva revista, llamada así **Nouvelle Revue Française**, es decir, Francis Jammes, Paul Claudel, André Gide, Leon Paul Fargue. Cuando uno de sus mayores amigos, Valéry Larbaud, debe analizar su primer libro, escribe: **"Todo lector... habrá asociado de inmediato Leger con la escuela de Arthur Rimbaud y lo habrá emparentado con sus sucesores directos: Paul Valéry, L. P. Fargue y Paul Claudel"** (3) y aunque luego se esfuerza por destruir esta afirmación categórica, un hecho está adoptado: la filiación de St-J. Perse en la gran ola trasformadora del simbolismo, heredera del rigor semántico de la escuela, de su expresión refinada, de su plasticidad para la imagen, de su poderosa invención rítmica y musical. Muchos años después un crítico tan agudo como Gäetan Picon verá lo que no llegó a ver C. M. Bowra (en **La herencia del simbolismo**) definiendo así su creación: **"obra silenciosa, altanera, que parece no desear nada más que el olvido contemporáneo y que, por otra parte, se presenta como la herencia última y exasperada del simbolismo"**. (4)

Pero la verdad es que tal ubicación no nos satisface enteramente. Incluso la visible aproximación entre **Pour fêter une enfance** (de **Eloges**) y las **Grands Odes** de Paul Claudel, y la reminiscencia mallarmeana de ese mismo poema, sólo sirven para acentuar la originalidad de este creador que viene a las letras francesas desde otro mundo (la isla Saint-Léger-les-Feuilles, la pequeña isla propiedad de su familia, en las Guadalupe) y se inserta en un proceso transformador de la poesía. Resulta paradojal e ilustrativo que Etiemble haya anotado sobre este punto: **"Dos influencias veo converger en estos textos: la retórica china y el diccionario de Littré"**. (5)

Irrumpe como el "celebrante" que se regocija ante la maravilla del mundo externo y lo contempla y lo ensalza con un júbilo sostenido alto, merced a un permanente "staccato". Su primera serie de poemas —**Pour fêter une enfance**— es una exaltación radiante de su tierra y su vida infantil en el trópico, donde el poeta ya habla de sí como de un ser ajeno a quien contempla inmerso en una naturaleza pulcra y brillante, dentro de vivas claridades, y su regocijo depende de que ese mundo es real y es maravilloso, por lo tanto digno de una celebración casi litúrgica. Así empieza: **"Palmas...! Entonces se te bañaba en agua-de-hojas-verdes; y aun el agua era sol verde; y las siervas de tu madre, grandes jóvenes resplandecientes, movían sus piernas cálidas cerca de ti que temblabas... (Hablo de una alta condición, entonces, entre las ropas, en el reino de las cambiantes claridades"**.

A Gide, exaltado por este tono que debía recordarle algunos momentos de éxtasis de sus **Nourritures terrestres**, le escribe el poeta al publicar su libro **Eloges**: **"Este título es tan hermoso, que no quisiera nunca más otro, tanto si publicara un volumen como si publicara muchos"**. En verdad, toda su obra será de elogio y exaltación, generalmente de una realidad concreta y viviente que enciende su admiración. **"Cosas vivientes, oh cosas excelentes"** escribe en **Exil**; y en **Anabase** **"y la maravilla se anuncia por este grito: oh maravilla"**.

★ *Impersonalidad y eternidad*

Al mismo Gide le sorprende ya la distancia entre poeta y poesía: **"parece preocupado por mantener constantemente, por excesiva cortesía, una distancia que hace de él el más exótico de los magos. La propia claridad de su elocución nos permite sentir mejor su alejamiento"** (6). Esta distancia, que en un tono más familiar, Claudel atribuía al tono vital del joven Alexis Leger, y que (en carta a Gabriel Frizeau) definía como **"una falta de simplicidad que daña el encantador jovencito de buena y vieja familia que es"** (7), será otra constante de su obra. El poeta es un ojo que mira, ensalza, describe, a cosas y hechos reales; pero él no existe. Y cuando, con timidez en **Anabase**, y con decisión en **Exil** y las obras posteriores, incluya al poeta dentro de su canto, la enajenación será absoluta, el creador habrá devenido un objeto más dentro de un mundo real y viviente.

Es esta actitud lo que ha confundido a la crítica haciéndola hablar de una "poesía épica" —lo ha dicho Claudel— con lo cual no se ha hecho sino falsear la perspectiva en que se sitúa St-J. Perse que es más la de la celebración litúrgica, enamorada de un mundo que le parece casi sagrado, que la de la acción creadora. Así, en **Amers** afirma: **"También amar es acción"**. Y Albert Béguin ha observado que esa aparente impersonalidad nada resta a la originalidad insobornable de esta poesía en que está omnipresente la marca de una persona creadora, que él encuentra, con exactitud, en el ritmo de su respiración que no se parece al de nadie: **"se le identifica infaliblemente por este modo de escandir que sostiene todo su discurso"**. (8)

Pero no es impersonal, sólo la actitud; lo será, cada vez más acentuadamente, el mundo que describe y canta. Aunque St-J. Perse es de una precisión irrebatible, aunque alude claramente al objeto y lo designa, sus referencias irán tomando un aire abstracto y cada vez se moverá con más soltura en lo general y en lo prototípico. Esto ha originado que se hablara —creo que erróneamente— de hermetismo, cuando más bien hay que reconocer una ambigüedad originada en un entremezclarse de planos, en un pasaje de la incitación concreta, históricamente enraizada en lo particular y real, a una iluminación generalizadora. Se ha pretendido explicar ordenadamente el poema **Anabase**, hablándose de las conquistas de Alejandro, de las expediciones de Gengis Khan, y el propio T. S. Eliot ha trazado un cuadro del proceso interno, argumental, del poema. (9) Toda conquista tesonera sobre el desierto, todo movimiento de un pueblo y de un jefe, toda fundación de una ciudad arrancada a la naturaleza, puede entrar en la obra, porque ella planea sobre lo individual, y partiendo de allí —quizás del sacudimiento que en St-J. Perse produjo su expedición al desierto de Gobi— alcanza una dimensión suprahistórica. Algo así como esa mirada que proyecta Toynbee sobre la historia.

Más allá viene **Exil**, donde las posibles vinculaciones a hechos concretos y biográficos —la guerra, su partida a los Estados Unidos— son anegados por una visión madura de la soledad del hombre. Más allá viene **Vents** o **Amers** donde ya entramos en el reino de la naturaleza vista con una perspectiva milenaria que enceguece y asombra; porque este poeta en el cual no es perceptible una sola nota de religión, parece mirar desde el sitial de Dios y abarcar con una sola mirada que superpone sus distintos momentos, un universo que comenzó con una nebulosa de gas y transcurrió con grandes civilizaciones, y lo mira sin ninguna referencia temporal, como la pura imagen de algo que existe realmente en la eternidad.

Con un matiz crítico bien discernible, lo señala Gaetan Picon, usando estas palabras: **"Las imágenes de nuestra vida yacen en su sudario con aquellas otras que testimonian el pasado más lejano del hombre, embalsamadas entre las joyas y los vestidos suntuosos de los grandes muertos. Momificación solemne de las formas de la vida, arqueología poética, museo de lo preciso y de lo duradero, ceremonia majestuosa, cada uno de cuyos ritos fija un perfil que merece sobrevivir al viento que persigue las arenas: la poesía de Perse se ha asegurado su propia sobrevivencia"** (Op. cit.)

★ *50 páginas famosas*

Desde 1924 a 1942 la fama de St-J. Perse se sostuvo en el mundo sobre las escasas cincuenta páginas de su poema Anabase. En esos 18 años en que no publicó una línea tampoco se republicó su libro, pero se abrió camino en traducciones: al inglés por T. S. Eliot; al alemán por Bernard Groethuysen y Walter Benjamin con prólogo de H. von Hoffmansthal; al ruso por Adamowitch e Ivanoff; al italiano por Giuseppe Ungaretti; al español por Octavio Barreda y Jorge Zalamea (aunque a quien le hubiera correspondido traducirlo era a Jorge Guillén, autor de un hermoso poema titulado "San Juan Persio").

Del efecto de ese libro son testimonio estas líneas de Archibald Mac Leisch: **"Fue Adrienne Monnier quien puso Anabase entre mis manos y así permitió no sólo mi primer contacto con la poesía de Perse, sino la primera percepción de esta clave que Perse debía ofrecer a todo el problema de la poesía de nuestra época. Anabase me pareció entonces como el poema cima de la generación. Todavía sostiene, mejor que cualquier otra obra de arte, los declinantes rayos de nuestro sol"** (10)

En ese libro está expresado con una tensión madura y una mayor libertad, el sistema poético de St-J. Perse. Y ahí es visible lo que Roger Caillois (11) ha caracterizado como una poesía enciclopédica, entendiendo por tal el esfuerzo para recoger la totalidad de la historia cultural y de la realidad del mundo, dentro de una expresión que al mismo tiempo no elude sino que se enriquece con lo particular. Nada de exotismo literario, que el autor aborrece; una vaga expedición conquistadora en la cual se exalta el esfuerzo, moviliza, por el juego asociativo y sobre todo por la intensidad de la descripción y de la enumeración, un mundo muy vasto, **"una red de isotermas secretas que, a través del caos de climas y de costumbres, unen con trazo seguro las preocupaciones de un mismo nivel o de una misma inspiración, de las mismas consecuencias o de la misma calidad"**. El sistema se ampliará aún más en los libros posteriores, donde es todavía más perceptible la inmensidad de una realidad dura y categórica que es el mundo todo situado en lo eterno.

Una admiración similar a la de Mac Leish testimonió en su momento Ungaretti: **"Sobre todo nos sorprendía percibir que en esta obra, "lo indefinido", —que era para Leopardi una de las prerrogativas principales de la palabra lírica, de la palabra dilatada por la inspiración más allá de todo concepto de límite—, provenía de una precisión verbal sugerida y alcanzada por los objetos, y del aislamiento que los eleva así a su función de arquetipos"**. Y con esa inclinación, —¡tan italiana!— a la crítica semántica, observa con precisión ese funcionamiento de desligamiento y aproximación de los objetos que es uno de los rasgos de mayor sorpresa en la poesía de St-J. Perse: **"Lo indefinido en poesía es esa atracción de las raíces que conduce involuntariamente las palabras a unirse más allá de su significación; es también el alejamiento en el tiempo y el espacio que se otorga a los objetos y los sitúa en la inmensidad del olvido, que los desviste incluso de su nombre para comprometerlos sin cesar en las solicitaciones del sueño. Pero no sería lo indefinido, música, misterio, poesía, si cada uno de esos objetos, del fondo de los espacios o de la noche de los tiempos, no fueran capaces de recobrar de improviso sus propios nombres, y aterrarnos con la belleza de su presencia que se abate sobre nosotros precisa pero llena de toda mesura, quitándonos el aliento y toda posibilidad de subsistir"**. (12)

★ *Un suntuoso lenguaje poético*

Todo lo anterior no alcanza a abarcar a St-J. Perse, si no se lo engrana en el más patente e insólito de los aspectos de su poesía: su dicción y su lenguaje.

En apariencia recurre a las formas del verso libre o del versículo que puede evocar confusamente el ritmo bíblico o el whitmaniano. En una apariencia, que diríamos tipográfica, ya que en verdad estamos aquí en el más riguroso y sabio funcionamiento de la versificación francesa, partiendo del uso clave del alejandrino —pero después de Hugo, de Verlaine, de Rimbaud— y sometiéndolo a un trabajo de reelaboración constante. Es en el uso de los metros y períodos rítmicos donde es más perceptible un progreso a lo largo de su obra, y es en sus últimos libros, en **Vents** y en **Amers**, donde alcanza deslumbrante virtuosismo. Juego constante de ritmos que se van plasmando armónicamente al discurso, insistente recurso de las rimas, juego envolvente de las aliteraciones, en todo una variabilidad tonal de sorprendente riqueza que sin embargo nunca quiere romper lo fundamental en este poeta: la continuidad arrolladora del discurso poemático que es una unidad de significación musical compacta y homogénea.

En una carta privada a Mac Leish, St-J. Perse confiesa: **"Aunque yo no fuera un animal esencialmente francés, una arcilla esencialmente francesa y mi último aliento como el primero, será quimicamente francés), la lengua francesa igual sería para mí el único refugio imaginable, el asilo y el antro por excelencia"** y recuerda una curiosísima experiencia en una isla de la Polinesia, donde oyó recitar una escena de **Esther** por jóvenes tongas que no conocían una sola palabra de esa lengua y que habían aprendido de memoria el ininteligible texto de labios de una muy vieja religiosa francesa. **"Nunca Racine fue menos traicionado, nunca comprendí tan bien el milagro de esa lengua francesa, cuyo poder mágico es muy a menudo despreciado en beneficio de su exclusivo genio analítico"**. El milagro de esta poesía es un milagro francés, y es explicable la admiración que, de Valéry a Breton, de Claudel a Supervielle, le han manifestado los poetas franceses.

Su lenguaje, en cambio, es tan insólito en el léxico moderno de la poesía, que Etiemble pudo hablar del "diccionario Littré". Impresiona como **un depósito geológico donde se han acumulado las más extrañas especies: hay aquí palabras y giros prestigiosos, fórmulas de una suntuosidad monárquica, junto a usos casi coloquiales e imágenes tomadas de la lengua de la calle; hay neologismos y declinaciones inusitadas, adjetivos que pasan a categoría sustantival, junto a arcaísmos, términos extraídos de los oficios populares con escasísima difusión; hay palabras que provienen de libros científicos y las hay que designan objetos exóticos.**

Esta lengua concisa e insólita está elevada, arrastrada por un ritmo a veces oratorio, a veces jadeante, a una majestuosidad y a una intensidad dicente que pueden abrumar fácilmente al lector. Caillois señalaba el uso constante de la palabra "grande" junto a la inexistencia del término "pequeño". Todo es aquí grande, todo está aquí potenciado hasta alcanzar su esplendor mayor, revelador de la más alta belleza: **"Mi corazón ha piado de alegría bajo las magnificencias de la cal, el pájaro canta "¡oh vejez!", los ríos sobre sus lechos son como gritos de mujeres y este mundo es más hermoso que una piel de carnero pintada al rojo"**. (**Anabase**) Pero en buena parte esa belleza segura se alcanza por el uso del vocabulario preciso y raro donde los términos más disímiles, al aproximarse sorpresivamente, instauran, no una realidad, sino la realidad misma.

★ *Un mundo autosuficiente*

En el viejo texto de Valery Larbaud sobre **Eloges** se dice algo que me parece revelador. Hablando de la expresión y la forma del poeta indica que **"son simplemente exactas y, si nos sorprenden, es al modo como deberían sorprendernos los objetos y las cosas que traducen. Son esas cosas en sí mismas"**.

Si el mundo que construyen esos poemas puede pasarse sin el poeta, es porque tiene una dimensión real bien marcada —más alta que la realidad hombre— donde las cosas son enunciadas en su magnificencia y se mantienen erguidas, soberanas, bastándose a sí mismas. La operación poética es aquí la de rescatar en su integridad lo real poniéndolo en su funcionamiento energético. Esto, y el tono levantado de la dicción, son los que permiten la aproximación —por muchas otras cosas injustificada— a la poética whitmaniana.

El hombre es aquí un elemento, nada más, pero hay en él una capacidad de equiparación con el torrente vital que le permite funcionar como una parte importante del amplio panorama. Pierre Guerre (13) ha seguido la pista de esta inclusión progresiva del hombre, señalando cómo se va adecuando a las reglas de la "grandeza", especialmente en el más férvido y rico de los libros de St-J, Perse, en **Amers**. No es raro que aparezca allí el hombre, más exactamente la pareja humana, entregada al placer inagotable, enriquecedor, del amor.

Porque este mundo vive en una exaltación que es placer, entendido en un rango de excelsitud creadora. En ocasión del Homenaje a Valéry Larbaud, St-J. P. en una contribución agradecida señalaba en su amigo y maestro estos rasgos que podrían aplicarse al discípulo: **"El principio del "placer", la noción inicial del "placer" como elemento secreto, sacramentando todo, permanecía para él en la base de toda incitación humana, fuera del orden intelectual o espiritual"** (14) Y si este mundo creado por el poeta se basta a sí mismo es porque vive en el placer de su existencia. Picon observaba que **"toda ceremonia humana se dirige a una presencia que sobrepasa al hombre para implorarla, conjurarla, desafiarla"** y se preguntaba si aquí no era la de la muerte. Sí, en cuanto la muerte, el no ser, es el único testigo posible de esta totalidad del mundo, pero ante ella lo que hace es complacerse en su existir; más aún, sugerir que es una eternidad viviente a la que nada puede dañar si desaparece su autor, si desaparece el mundo mismo que le dio nacimiento, porque entonces lo sustituiría como realidad de verdad.

He querido meter, en la menor cantidad de líneas posibles, no una valoración sino una explicación general de esta obra singular, porque su escasa difusión así parecía exigirlo. Es la de un hombre que ha escrito casi contra su tiempo y cuya rigurosa calidad es motivo de asombro y de deleite a poco que se entre en ella y se desbroce su tensa arquitectura. Su supervivencia parece más segura que la de otros poetas, que la de Quasimodo, por ejemplo, ya que hablamos de un Nobel. Y hay en él altos relampagueos que nos parecen permanentes, como el largo canto de amor de **Amers** que puede resistir la comparación con el **Cantar** salomónico, y del que damos un fragmento.

Si se merecía o no un Nobel, es discusión vana, más propia de juegos de salón que de valoraciones estéticas. Si de algo sirve confesemos que este crítico no se lo hubiera concedido. Y por último permítasele que ponga aquí el nombre de un amigo, —Mario C. Fernández— a cuya incitación van estas páginas, a modo de respuesta.

ESTRECHAS SON LAS NAVES

Estrechas son las naves, estrecho nuestro lecho,
Inmensa la extensión de las aguas, más vasto nuestro imperio
En los cerrados cuartos del deseo.

Entra el verano, desde el mar. Tan solo al mar diremos
Qué ajenos estuvimos de la Ciudad en fiesta, y qué estrella ascendiendo de submarinas fiestas

Vino a rastrear de noche en nuestro lecho, la parición de lo divino.
Cerca la tierra en vano nos traza su frontera. Una única ola por el mundo, una única ola de Troya.
Gira sobre su grupa hasta nosotros. En alta mar muy lejos fue impreso en otros tiempos ese soplo . . .
Y el rumor una tarde fue grande en las estancias: ni siquiera la muerte a través de bocinas habría impuesto su voz!
Amad, amantes, los navíos; y la mar alta en las estancias!
Una noche llora la tierra por sus dioses y el hombre caza bestias taheñas; las ciudades se sumen, las mujeres se sueñan... Que siempre haya a nuestra a puerta
Esta alba inmensa dicha mar — gala de alas, leva de armas; amor y mar también un lecho, amor y mar en igual lecho—

y este diálogo aún por las estancias.

(De Amers. Traducción de Ida Vitale)

(1) En 1953 Gallimard recogió toda la obra de Saint-John Perse en un volumen de 477 páginas bajo el título Oeuvres poétiques I, incluyendo Eloges, La gloire des rois, Anabase, Exil, Vents. En 1957 la misma editorial publicó Amers, 187 pp. También Gallimard publicó hace un mes Chroniques que todavía no he podido ver.
(2) Saint-John Perse. Presentación de Alain Bosquet. Selección de textos, bibliografía, dibujos, retratos, facsimiles. París, Pierre Seghers, 1953, 207 pp.
(3) Valery Larbaud: Eloges. Cahiers de la Pleiade Nº 10, París, 1950. Homenaje a Saint-John Perse.
(4) Gaetan Picon: Panorama de la literatura francesa actual. Madrid, Guadarrama, 1958, 518 pp.
(5) Lettres Françaises, Buenos Aires, junio 1947.
(6) André Gide: Don d'un arbre. Cahiers de la Pleiade Nº 10.
(7) Paul Claudel-Francis Jammes-Gabriel Frizeau: Correspondance. 1897-1938. París, Gallimard, 1952, 405 pp.
(8) Albert Béguin: Une poesie scandée. Cahiers de la Pleiade Nº 10.
(9) Prefacio a Anabasis, a poem by Saint-John Perse. London, Faber and Faber, 1930.
(10) A. Mac Leish: Le tempe de la louange. Cahiers de la Pleiade Nº 10.
(11) Roger Caillois: Art poétique. París, Gallimard, 1958, 202 pp.
(12) G. Ungaretti: Histoire d'une traduction. Cahiers de la Pleiade Nº 10.
(13) Pierre Guerre: S.-J. Perse et l'homme. París, Gallimard, 1955, 93 pp.

Un Creador Infatigable

Por Angel Rama

Quizás lo que más admirara en Enrique Amorim fuera su nervioso, desorbitado fervor por la cultura viva, de donde le venía la curiosidad inquieta por todo, su vocación peleadora. Y, justamente, su devoción por la creación literaria que le hizo vivir aferrado a su telar: "la primera ley del creador, crear. Bufe el eunuco" pudo decir también él. Siempre, incluso en sus más duros años de enfermedad, en que arrojaba de sí libros, uno tras otro, casi sin corregirlos, sospechando en su fuero íntimo que eran los últimos.

En una crónica de **El Popular**, Ariel Badano se refiere a sus últimos escritos —poemas disparados como balas— y agrega: **"Ha dejado también una novela terminada aunque nadie sabe decirnos su título definitivo. Amigos abnegados procedían a pasar su texto en limpio, cuando sobrevino su fallecimiento"**. Por su parte Silva Delgado dice en el artículo que publicamos: **"Quedan para ediciones póstumas algunos cuentos, de tono muy particular y cuya publicación lo hacía vacilar y, casi seguramente, una nueva novela"**.

En este momento, que no es todavía el de la revisión crítica, sino el del homenaje a sus mejores condiciones, cábeme ser testigo de sus últimos entusiasmos creadores y pienso que es un deber documentarlo aquí a modo de agradecimiento a esa ejemplar conducta de escritor.

Porque esa novela de la que "nadie sabe decirnos su título definitivo", se llama **Eva Burgos** y Amorim la escribió respondiendo entusiastamente a mi premioso requerimiento. Había terminado la corrección de los poemas de su libro **Mi patria**: ya había dado la orden de publicación para sus páginas en prosa **Los pájaros y los hombres**; codiciaba un ejemplar de la traducción francesa de **La carreta** que acababa de aparecer en la colección de Gallimard dirigida por Caillois en traducción de Francis de Miomandre; preparaba una breve colección de cuentos para los "Cuadernos del Instituto Amigos del Libro Argentino" que los anunciaba bajo el título **Temas de amor** —"**diez cuentos míos,** me escribía, **muy salidos de tono y muy agudos y muy de mi gusto**"—, cuando yo irrumpí en ese más que [illegible]ro nefelibata, ardiente laboratorio de "Las Nubes", pidiéndole una novela corta para una colección de letras uruguayas que venía preparando.

Estoy seguro de que si su respuesta fue tan rápida y entusiasta se debió, más que a mi personal requerimiento, a que en ese momento necesitaba un motivo nuevo para trabajar. Así, sin cesar, atando una obra con otra, reproche vivo a la pasividad haragana del uruguayo que él llegó a atribuir al "mate colonizador" y que exasperara siempre su naturaleza de "activista".

El 3 de junio pasado, en una carta, recordaba cuántas veces había abogado él **"por la idea urgente y patriótica de tener una editorial"**, problema que él había encarado —bien—, **"como algo que las generaciones futuras nos reprocharían"**. Encaramos la publicación de un libro que me interesaba sobremanera. Se llamaba **El ladero** y él lo definía como **"una rara novela a pesar de su nombre pues es un largo monólogo que despista al comienzo con dos personajes que son uno solo"**. No llegó a escribirla.

Ya al día siguiente —¡qué amigo de Amorim no conoce estas cartas sucesivas y explosivas con las cuales él estaba presente, contradictoriamente, en todos los ambientes montevideanos!— se reconocía menos capaz del duro esfuerzo a que su ambición lo llevaba: **"Si no termino "El ladero", le daré cuentos. La novela requiere más salud..."** y los puntos suspensivos recién ahora cobran su entera, pudorosa verdad.

En junio 29 ya estaba trabajando con todas sus lámparas encendidas en otra novela, —yo insistía en reclamarle ese género que él había celebrado en una recordable página perogrullesca— retomando un viejo tema: "**De una heroína moderna trata "El sexto sentido", que es el título (aún tímido) de mi novela en el telar... Haciéndome el Moravia de "La romana", me gusta escribir o proseguir con "El sexto sentido". Es una novela que hace años me anda en la cabeza... Novela nutrida, nada larga y bastante diferente a todo lo que he hecho... Es nivola como diría Unamuno. Intencionada pero poética**".

Jubiloso, también furioso, me anunciaba a 7 de julio: **"Ayer terminé la nouvelle ó nivola para complacer al finau Unamuno... "Eva Burgos" es el título que puede caberle a la nivola. No sé qué me parecerá al verla copiada en otros caracteres. Cuestión de días. No bien la tenga se la envío"**.

Con ese sentido profesional de la literatura, tan poco usual en estas tierras de "amateurismo orgulloso", esa preocupación sana por el lector a quien se dirige, se esforzaba por demostrar a este improvisado editor la conveniencia publicitaria de su tema: "**...quiénes leen en América Latina y qué se lee?... A mi modo de ver ha leído casi siempre, más la mujer que el hombre. Y, por cierto que esta peregrina (?) conclusión surge de que interesan más las heroínas que los héroes. Menos aún los ambientes. Sí los conflictos**", y pasaba a historiar los grandes éxitos de librería desde **María** de Jorge Isaacs hasta **Nacha Regules** de Gálvez y **Lauracha** de Cione **"y conste que no hablaré de calidades"**. Posteriormente volvía sobre el tema en esa sucesión epistolar en la que uno siempre quedaba retrasado para su mayor furia: **"Ya tendrá mi carta sobre lo que se ha vendido realmente en América Latina. Mala o buena literatura, no es casual lo que señalo. Doña Bárbara o Adriana Zumarán o Nacha Regules, todas favorecidas por la prensa grande"**.

Estas condiciones de trabajador encarnizado, de creyente fervoroso en la literatura y el arte, de hombre afanoso por el mejor destino de su patria cultural, —condiciones por las que debe admirársele por encima de cualquier discrepancia— son las que testimonian estos párrafos transcriptos de sus últimas cartas. Creo que Amorim me perdonaría esta infidencia. Porque hoy él y sus escritos no pertenecen ya a sus amigos o admiradores, sino al país, por el cual, con la mano en el corazón, podía decir que había hecho mucho y bueno. Este país donde nació y creó, este Uruguay que él quiso desvelar, y que tiene una larga deuda que comenzar a saldar.

Vida y Literatura

(Viene de la Pág. anterior)

rrera con la muerte que venía disputando desde hace cinco años, si la muerte le hubiera dado alguna ventaja, se habría concretado seguramente esto que, en cierto modo, ya lo tenía en su propia casa.

Desde su fundación apoyó a la Asociación Cultural Horacio Quiroga y al Taller de Artes Plásticas "Pedro Figari" y fue su palabra y su acción lo que mantuvo a esas instituciones en los inevitables instantes críticos. Instituyó el premio "Ciudad de Salto" que se otorgó una vez y quiso que el concurso literario se realizara nuevamente en el corriente año, para lo cual ya había dispuesto todo lo necesario. Distribuyó entre jóvenes y artistas y escritores una ayuda material tan eficaz como silenciosa. Y los diarios, como es notorio, lo contaron como un colaborador incansable, ya sea con artículos o poemas o, con frecuencia, a través de cartas, en las cuales nada le era ajeno y todo le apasionaba en un afán constructivo inagotable.

Vaya dicho esto como testimonio, tan necesario, de que Amorim tuvo raíces porfundas en su comarca y si le "dolía" su país —en el sentido de Unamuno—, también le dolía el pequeño mundo provinciano de su ciudad natal para la cual su vida diaria, sus ruedas de amigos, sus discusiones, han sido un fermento constante, un impulso siempre apasionado y sincero de progreso.

Se ha deslizado la palabra "testimonio". Y allí debe quedar, ahora que Amorim ha muerto. El gran escritor ya no pertenece al círculo de sus amigos, sino a la historia de la cultura. Lo que podríamos decir los amigos, ya fue dicho por Jesualdo y por César Fernández Moreno, desde dos puntos de vista, en dos tonos aparentemente distintos, pero con el mismo desgarramiento que se nos hizo tangible esa tarde invernal en el viejo cementerio de Salto.

Y Amorim no quiso, sin duda, que a su muerte sólo quedara el testimonio de los amigos. Desde que la enfermedad lo redujera al forzado exilio de "Las Nubes", preparó en cierto modo su encuentro con la historia. **"Hoy subí a la biblioteca, no te imaginas lo que hay allí"; "hoy estuve revolviendo papeles, fijate en esta carta de Gálvez..."; "hoy encontré las cartas de Quiroga, voy a escribir la verdad para que se dejen de tonterías"; "esta carta de la madre de Borges te explica el poema que salió en "Atlántida" y que me dejó tan mal"**: cada día, una de esas frases revelaba que había vuelto al mundo de los papeles viejos y desde ellos revisaba su propia vida. Estaba en esa actitud desde 1954, desde que escribió "Crepúsculo en el río" y dijo: **"Todo está dicho, sí... Vuelve a tu casa, ordena tu descanso..."**

Por eso creemos que el orden impera en su archivo, en su biblioteca, en sus manuscritos, en su correspondencia. Alguna vez pensó en escribir sus memorias, insistentemente. Fue por la época en que escribió **La desembocadura**, cuyos aspectos fantásticos no dejan de encubrir claros indicios autobiográficos. No sé si la intención primera, como era frecuente en él, se deslizó hacia una nueva novela o si, en realidad, han quedado páginas inéditas de las memorias que, de todos modos y de acuerdo a sus manifestaciones, hubiera sido, forzosamente, una obra póstuma. Pero, sin lugar a dudas, su último quehacer fue la poesía: el poema a Fidel Castro, leído en el acto público programado para recibir en Salto al embajador de Cuba y que se llevó a cabo igualmente sin la presencia del embajador y "Las tres gracias" que según nos dice Ariel Badano enviara para ser publicada en "El Popular". Quedan para ediciones póstumas algunos cuentos, de tono muy particular y cuya publicación lo hacía vacilar y, casi seguramente, una nueva novela. No es este, sin duda, el momento adecuado para confirmar lo que el tiempo necesariamente revelará.

No es posible, en medio del desorden de la emoción y del dolor, dar una imagen exacta del escritor y del hombre. Por eso estas páginas que quisieran resumir un capítulo de las letras nacionales, se han hecho interminables y erráticas. Ya vendrá la investigación depuradora, el análisis crítico, la valoración ineludible. Quede lo dicho como una convicción arraigada de que, en ese entonces, Enrique Amorim ocupará, sin esfuerzo, el lugar que le corresponde entre los grandes narradores de esta tierra, junto a Acevedo Díaz, junto a Reyles y —claro está— junto al hermano Quiroga, forjado, como él, de la sustancia de este cielo de Salto, que es un anticipo de la Eternidad.

Vidriera Montevideana

JEAN PAUL SARTRE. — MARTIN HEIDEGGER. — SOBRE EL HUMANISMO. — Buenos Aires, Sur, 1960. 121 ps.

Oportunamente colecciona Sur en un libro el ensayo de Sartre, ya agotado, **El existencialismo es un humanismo**, y la carta de Heidegger a Jean Beaufret en que revisa su filosofía desde el mismo ángulo humanista, analizando la significación de su obra mayor **Ser y tiempo**. Las traducciones son de Victoria Prati de Fernández y Alberto Wagner de Reyna, respectivamente.

LEON DE PALLEJA. — DIARIO DE LA CAMPAÑA DE LAS FUERZAS ALIADAS CONTRA EL PARAGUAY. — Montevideo, Biblioteca Artigas, 1960. 2 tomos, 380 y 390 ps.

La Biblioteca Artigas ha publicado los tomos 29 y 30, con la colección de artículos que el coronel Palleja escribiera historiando día a día las actividades de la fuerza expedicionaria uruguaya que combatiera en el Paraguay hasta la batalla de Boquerón en que muere el autor. La obra ha sido prologada por Eduardo de Salterain y Herrera.

MAX SCHELER. — AMOR Y CONOCIMIENTO. — Buenos Aires, Sur, 1960. 186 ps.

Incluye cinco ensayos de distintas fechas, en traducción de Angskar Klein. Al que da título al libro, siguen: **El sentido del sufrimiento; La traición a la alegría; Cristianismo oriental y occidental; Trabajo y ética.**

ALBERTO GIRRI. — LA CONDICION NECESARIA. — Buenos Aires, Sur, 1960. 72 ps.

Un nuevo libro de poesías de Girri en que el poeta reflexiona religiosamente sobre la vida a partir de un versículo de San Pablo. Incluye al final traducciones de Hopkins, Eliot y Williams.

JUAN GOYTISOLO. — PARA VIVIR AQUI. — Buenos Aires, Sur, 1960. 198 ps.

Ocho relatos sobre España que Goytisolo ha escrito en París y que sólo pueden publicarse fuera de España.

ERCOLE PATTI. — UN AMOR EN ROMA. — Buenos Aires, Compañía General Fabril Editora, 1960. 167 ps.

La obra del novelista italiano, publicada originariamente en 1956, intenta trazar una historia de "educación sentimental" en un sórdido ambiente romano.

RAUL LARRA. — PAYRO, EL NOVELISTA DE LA DEMOCRACIA. — Buenos Aires, La Mandrágora, 1960. 283 ps.

Es la tercera edición de un estudio panorámico, de un ejercicio de atención profunda hacia el autor de **Pago chico**, que no ha tenido competencia de la crítica y sigue siendo libro de consulta obligada por los lectores y admiradores de Payró.

● En un próximo número publicaremos un artículo del crítico Ricardo Latcham sobre Enrique Amorim, de quien fuera amigo y crítico más de treinta años.

UNA ENCUESTA DE ANGEL RAMA

¿Qué Leen los Uruguayos?

LOS educadores, los críticos, y hasta los políticos, se preguntan periódicamente: ¿leen los uruguayos? ¿qué leen? ¿cuánto leen? Es un buen tema para una investigación sociológica exhaustiva, que incluya distribuidores, editores y libreros, pero también bibliotecas públicas y privadas, institutos docentes, comisiones, librerías de lance e incluso particulares. Como contribución a las retrospectivas habituales del año que se cierra —esos vanos exámenes de conciencia para cumplir con el afán recapitulador— hemos recorrido algunos editores, distribuidores y libreros de distinto carácter para ofrecer un panorama que no quiere ser completo ni definitivo sino simplemente alarmista acerca de la capacidad de lectura de los uruguayos. Es bastante difícil conseguir cifras concretas de las ventas de un título extranjero determinado —ya que la mayoría de los libreros los importan directamente— y sobre las cifras de autores nacionales hay que desconfiar de la tendencia inflacionista del editor que sabe que Vicente va al ruido de la gente. Muchas de las que ofrecemos aquí están redondeadas "grosso modo" pero en general fiscalizadas con bastante seriedad.

No deben ser traducidas a lectores. En el Uruguay se reúnen doce y compran un libro, decía una vez López Llausás, pero, agregaríamos nosotros, ¿cuántos lo leen después? El libro es el instrumento más prestable y apropiable por el prójimo que se conoce, y nadie se considera ladrón por quedarse con la biblioteca de un amigo. Multiplicar por cuatro el número de ejemplares vendidos es un modo tímido de calcular lectores si se trata de novelas y optimista si se trata de libros de estudio.

Las conclusiones que ofrecemos al final son provisorias y sólo atienden a estas informaciones incompletas.

★ *Mis best sellers son los autores nacionales*

ESO dice Benito Milla —librero, editor, director de Deslinde, crítico— para explicar su atención por los autores nacionales: En 1954, Ismael, del que vendí 2.500; en 1959 Montevideanos, del que acabo de agotar la edición de 1.000; ahora Onetti, La cara de la desgracia, del que vendí 1.000 en dos meses; La casa inundada, de Felisberto Hernández, 700, y Eva Burgos de Amorim que se está vendiendo como pancitos".

"Los uruguayos leen todavía poco, y nadie puede prever sus gustos. Incluso algunos éxitos como Lolita o el Zivago, son obra de los lectores que leen para donde sopla el viento, pero que luego se decepcionan y no forman un público constante".

Los éxitos extranjeros del año fueron para Milla: El Gatopardo de Tomassi di Lampedusa del que ha vendido ya 1500 ejemplares y Schwarz-Bart El último justo con 750. Además cita ejemplos de lo que Milla llama "literatura para intelectuales", como los volúmenes de la colección de Seix Barral; 150 ejemplares vendidos de Carson MacCullers La balada del café triste, y otros tantos del Pavese La playa.

En otros géneros señala un interés sostenido por las obras de Erich Fromm, en particular por su Psicoanálisis de la sociedad contemporánea, a pesar de que cuesta más de 20 pesos, y el descrédito en que han caído las colecciones de teatro, algunas ya desaparecidas.

★ *Los corredores venden diez veces más que los libreros*

BELLOROU, de Losada, es un librero optimista: cree que en proporción a la población del país, Uruguay lee más que otros países americanos, —que Colombia, por ejemplo, que conoce bien— aunque menos que Chile desde luego ("el país más lector de América donde también lee el obrero").

En cambio confía poco en el funcionamiento de las librerías, ya que su experiencia le demuestra que los corredores, y el régimen de crédito para la venta de colecciones, llegan a cifras diez veces mayores que las de libreros. (Hay que apuntar lo dicho, que muchos libreros importan directamente los libros desde Buenos Aires).

"¿Cuál es el libro más vendido en el año? Sin vacilar: Platero y yo. No se asuste: con 1.000 ejemplares. Habiéramos vendido más pero se nos agotó la edición. Esa es la cifra media de ventas anuales de Platero y yo. Le sigue, con una media de mil ejemplares por año, Horacio Quiroga, con los Cuentos de la selva. Sí, claro, es un consumo determinado por las escuelas y los liceos: quizás al mismo tipo de consumidor pertenezcan títulos como La Vorágine, Don Segundo Sombra y La Vida de Beethoven de Rolland, de los cuales vendemos en nuestras ediciones quinientos por año".

En cuanto a géneros es la novela lo que sale más, pero incluso poesía se vende bien, en particular los libros de Juan Ramón Jiménez, Rabindranath Tagore y Pablo Neruda, quien vende 500 ejemplares anuales de sus Veinte poemas. Por corredores lo que sale más son las colecciones de teatro y novela, y sobre todo la serie de 23 tomos para niños de Monteiro Lobato. Alguna sorpresa agradable ha sido vender 200 colecciones de la Historia del Teatro de Silvio D'Amico, que vale 855 pesos.

Entre los libros para intelectuales el mayor éxito del año fue Christianne Rochefort del que salieron 800 ejemplares ("la mitad en Punta del Este, durante el verano, y no olvide que estaba prohibido en Buenos Aires"); Roa Bastos vendió 200 Hijo de ladrón, Ofelia Machado 150 de Un ángel de bolsillo, Moravia 100 de La campesina y Kerouac 120 de En el camino. "Son libros que tienen pocos meses de aparecidos: hay que esperar".

Primera comprobación que habrá de repetirse: quien consume más es el público infantil. Segunda: al público grande le cuesta ir a las librerías.

★ *Las librerías terminarán siendo bazares*

JORGE Delgado tiene una decena de años en el oficio de distribuidor, primero con Aguilar, ahora con Emecé y Sur, y suficiente experiencia para ser muy cauto en sus opiniones: "Yo no sé si el uruguayo lee, pero sí que absorbe una enorme cantidad de libros en relación a la población y a los pocos centros cultos que tenemos". Reconoce que se vende poco en librerías, cosa atribuible a la carestía de los libros y al agotamiento de los créditos, pero tampoco cree que los que compran a crédito sean todos lectores. "Muchos compran con la esperanza de leer cuando tengan tiempo, o de prepararle una biblioteca a los hijos o sobrinos. Algunas veces, al producirse las devoluciones por falta de pagos, hemos recobrado libros intactos. Pero las librerías terminarán siendo como en el interior, bazares, jugueterías y "además" librerías. Las que se mantienen mejor son las que cuentan con rubros de papelería e imprenta".

En cuanto a las ventas, Lolita se lleva la palma. Lo que ha vendido Delgado, más lo que han importado directamente otras librerías (Maestro, Mocíyes, Sela) permite calcular entre cuatro y cinco mil ejemplares, una buena parte de los cuales los absorbieron los turistas.

En cuanto a las colecciones, marchan bien las nuevas largadas por Sur, se mantiene sin aumentos la clientela de El séptimo círculo, (también ha aumentado el precio) y Nuevo Extremo ha logrado introducir sus colecciones en el mercado, especialmente El abogado del diablo de Morris West (150).

Comprueba Delgado la existencia de un público católico que explica "que los éxitos en libros católicos sean superiores a los éxitos generales", de donde sale la venta continuada de Fulton Sheen, de Bruce Marshall, de Exámenes de conciencia.

Hay libros, por fin, de venta lenta y segura, como El principito de Saint Exupery y desde luego Hans Ruech El país de las sombras largas que va en once ediciones y del cual puede calcularse que Montevideo absorbe mil ejemplares anuales. Toynbee mantiene un público fiel de unos doscientos lectores.

★ *Sissi, reina de Hungría, 30.000 ejemplares en seis meses*

ADOLFO Domínguez, de la firma Domínguez-Espert e hijos, es el librero que desconocen los intelectuales y hasta los Institutos de Opinión Pública, pero es quien determina las más altas ventas en el Uruguay. En un local de 30 metros cuadrados, cinco empleadas de uniforme se afanan abriendo paquetes y haciendo nuevos paquetes. Todas las ventas son al contado y en los quince minutos de la entrevista la caja hizo 900 pesos. La casa no tiene depósito y el propietario sólo individualiza los libros por colecciones. Aquí nadie descansa y mientras converso, sobre mi hombro izquierdo atienden a un sacerdote comprando libros de vaqueros, y sobre mi hombro derecho a un mudo que trata de cambiar en mudo unas revistas. Otro mundo, una realidad de lectores "apasionados" y juveniles.

"El uruguayo lee mucho, más que en la Argentina y yo le diría, mire, que hasta más que en España" dice Domínguez precisando que "ahora me especializo en las colecciones que pide el público". Ellas son las de la Editorial Bruguera, 16 títulos semanales de 2.80 y 1.50 en los renglones "romántico, policial y de vaqueros" de los cuales se venden mensualmente 40.000 ejemplares globales; los cuatro títulos mensuales de Editorial Dólar (corresponden a las historietas de "Cuéntame" y de "El Plata") que se venden a 8.000 por mes. De la misma editorial Bruguera, las colecciones para niños y jóvenes "Historias", "Iris", y "Dalia" que incluyen sobre todo obras famosas adaptadas, desde La Ilíada hasta Huckleberry Fynn se venden a un promedio de 8.000 ejemplares mensuales. Y las colecciones de la Acme Agency, en especial la de "Robin Hood" "Bomba" y los títulos de Louise May Alcott (Hombrecitos, Mujercitas, Ocho primos, Señoritas) se venden a 10.000 ejemplares mensuales. Se trata de libros de 5.50 y 4.50, encuadernados en cartoné, e ilustrados. Todo padre con hijos en edad escolar habrá comprado para regalo o habrá visto regalar a sus hijos estos libros económicos.

"Son libros muy buenos —dice Domínguez—, los de Bruguera traen hasta la clasificación moral, y los colegios religiosos como la Sagrada Familia, Santo Domingo, Sagrado Corazón, me compran mucho". Para dar una idea de este material basta con reproducir algunos títulos: Huellas de muerte, Caminos hacia la muerte, Ruta de oro, ruta de muerte, La llama de los Colts, Aullidos en la colina, Asesinos en acción, Matar en silencio, Uno para la horca, en fin Idioma de plomo.

El mayor éxito del año han sido los libros de Sissi, Sissi emperatriz, La alegría de Sissi y sobre todo Sissi reina de Hungría del que se vendieron 30.000 ejemplares en seis meses. Lo sigue en orden decreciente Ben Hur del cual Domínguez vendió en sus ediciones populares 12.000 ejemplares. Contando lo vendido por otras librerías en ediciones Sopena, no sería excesivo hablar de 18.000 ejemplares en un año. Aunque aquí, quien vende, más que el librero, es el cine.

Es difícil determinar los autores más solicitados, ya que lo que "sale" es la colección. Una excepción hay que hacer para Corin Tellado que ha desbancado en el Uruguay a Delly, Elinor Glynn y demás especialistas del corazón femenino. Ya habíamos comprobado en la feria que los libros de Corin Tellado se vendían aparte y a mayor precio que los demás ejemplares usados de la colección Madreperla, y Domínguez confirma esa demanda hablando de decenas de miles de sus varios títulos: Surgió el amor, Te quiero de esta manera, Un marido por apuesta, Deseo un millonario, etc., etc.

Pero el título que en doce años de oficio más ha vendido Domínguez es Corazón de D'Amicis. "Mire, no bajan de 50.000 ejemplares, no bajen. Ese sí que es un buen libro". En otra zona de material este año se han vendido bien dos libros de precio: Exodus de León Uris, $ 35 con 1.000 ejemplares cobrados; La guerra y la paz de Tolstoi, $ 32.20 con 600 ejemplares.

Domínguez trabaja un tipo de material que se distribuye de preferencia en kioscos y es consumido vorazmente por los jóvenes y las mujeres, pero quien se ha tomado el trabajo de refistolear una hora la Feria de Libros de los domingos, habrá visto muchos hombres maduros y pobremente trajeados que venían a canjear sus paquetitos de novelas —policiales o vaqueros— por otros nuevos, agregando una módica suma. Es el público más verdadero, atento y popular que tiene la literatura en el país y toda consideración de la realidad cultural de nuestro pueblo debe partir de esta comprobación.

★ *Serafín J. García es el escritor más popular*

"A la gente le gusta leer, ¿pero sabe cómo? robando o de prestado" nos dice Francisco Blundi, actualmente el único editor de literatura gauchesca (Cisplatina). "Si yo vendiera sólo libros me habría muerto de hambre, pero yo tengo un emporio, como ve: quiniela, artículos escolares, revistas". Efectivamente, en su negocito de la calle Cerro Largo hay más cosas que en pulpería de campaña, desde lápices "birome" hasta peines y rollos de papel higiénico, todo coronado por un retrato de Gardel que pende del techo. Es el tradicional, con una variante que yo desconocía: en vez de la guitarra, entre las manos tiene un libro abierto.

En diez años ha publicado veinte títulos, empezando por una selección titulada Versos de la patria gaucha obra de quince autores del que ha dado seis ediciones, la última de 1958 con 5.000 ejemplares. "Nosotros fuimos los primeros en darle auge a los payadores cuando le publicamos a Molina y Arellano, pero después ellos se pelearon y echaron a perder la causa". A parte de los citados Blundi publicó Hachando los alambrados de Martín Castro y Carlos Molina del que ha vendido 2.500 ejemplares en un año; Grillo nochero de Osiris Rodríguez Castillo, del que salen 1.000 ejemplares anuales regularmente, Vinchas de Wenceslao Varela "que se vendió bien", y sobre todo las obras de Serafín J. García.

De la décima edición de Tacuruses —fines de 1958— ya ha vendido 3.000 ejemplares, y Blundi me calcula que de esa obra el país ha absorbido más de cuarenta mil. "Es el gauchesco más vendido, ha desbancado a Paja Brava y a Elías Regules, que era el magnate de la poesía". Así, de Los partes de don Menchaca se agotó la edición de 2.000 ejemplares en dos meses, y de la segunda se han vendido otros dos mil; de Raíz y ala se han vendido ya mil ejemplares, y ahora se anuncia la recopilación de autores gauchescos que Serafín J. García publicó en "El País".

Estos libros se venden preferentemente en campaña "pero en la ciudad marcha muy bien lo campero". Blundi ha trabajado algún otro material: de José Monegal publicó ahora la Historia del partido nacional del que ha vendido 3.000 ejemplares —por si acaso en la vidriera del negocio tiene un ejemplar de Giúdice Batlle y el batllismo— y junto con su socio ha editado un Calendario de los sueños y los destinos, Donato Raciatti embajador del tango, dos volúmenes, y una antología titulada La escuela gardeleana, con dos tomitos ya salidos.

★ *3.000 ejemplares anuales del Manifiesto del partido comunista*

ELADIO Díaz, de la editorial Pueblos Unidos, mide cada palabra antes de depositarla ante su interlocutor: "La gente no se interesa tanto por las historias como por los libros doctrinales: quiere conocer los motivos y las causas de los fenómenos. Más importante que el aumento del precio de la leche es saber por qué se produce".

Es así que las ediciones de EPU se han concentrado sobre libros doctrinales dejando de lado la literatura de imaginación, aunque de Tinieblas y amanecer de Rusia de Tolstoi vendieron 2.000 en tres años, y de las novelas de Fedin Primeras alegrías y Un verano extraordinario, 500 de cada una. Dice haber comprobado la buena acogida en los casos de La ideología alemana, el libro de Carlos Marx que por primera vez se publica íntegro en español, y Pensamiento y lenguaje (del Instituto de Filosofía de la Academia de Ciencias de la URSS) del que han vendido 1.000 ejemplares a $ 24. Entre los títulos más vendidos cita el Manual de Economía Política, la Miseria de la filosofía de Marx y las Obras escogidas de Marx y Engels.

Pero el título más rendidor, que desbanca a todos, es el Manifiesto del partido comunista del que salen anualmente, en sus ediciones chilena y soviética, unos 3.000 ejemplares. ¿Explicación? Bueno, es un texto sencillo, corto, y se recomienda para todo primer contacto con los temas marxistas. Amén de pertenecer a los programas de algunas asignaturas (historia, sociología) y ser muy barato.

Eladio Díaz afirma que vende mejor en librerías y kioscos que por corredores, lo que atribuye a la cantidad de revistas que distribuyen y a que no conceden créditos largos. Asimismo está satisfecho de las crecientes ventas en el interior del país, donde trabajan especialmente con profesionales, maestros, profesores, encontrando "una ansiedad constante por nuestro material".

En el catálogo general ese material abarca, incluyendo libros en distribución y editados aquí, unos mil títulos, de los cuales los más vendibles son los de Ilin, por lo mismo que tienen un consumo escolar: Las montañas y los hombres, La historia del libro, Paseo por la casa, La historia del reloj, Historia del alumbrado y el [illegible]. La venta de cada uno de ellos está establecida en unos mil ejemplares anuales.

★ *Se vendieron menos libros en 1960*

DOMINGO Maestro (hijo), al frente de una de las librerías tradicionales de 18 de Julio, comprueba la visible reducción de compradores en este año —"El cliente de 10 libros mensuales ahora sólo compra tres", "los libros caros, de estudio, se han restringido a una pequeña minoría"— que atribuye a la crisis económica del país: "el libro es un artículo del que se prescinde", a pesar de que proporcionalmente ha quedado en mejor situación que los demás artículos importados, al pasar éstos al libre financiero donde se encontraba desde siempre el libro.

Es el primero en señalarnos que uno de los temas más vendidos en este año ha sido la Revolución Cubana. Si a los 250 ejemplares que vendió Maestro de los discursos de Fidel Castro agregamos los datos obtenidos en otras librerías es fácil calcular un millar y medio de ejemplares vendidos. Con el curioso agregado de que ese éxito ha arrastrado la venta de otros títulos sobre temas latinoamericanos, en particular los de Arévalo y en general la colección de Gregorio Selser.

Otro tema del año: arqueología, viajes, cacerías, antigüedades. Los libros de Ceram, Marcel Brion, Márquez Miranda y otros muchos que reconstruyen narrativamente los descubrimientos arqueológicos, así como los evocativos de Mika Waltari, el viejo Sinuhé el egipcio y el actual Marco el romano. Dentro del mismo género habría entrado Ben Hur pero su éxito se explica por el film, otro modo de vender libros en Montevideo.

Los libros más vendidos: Lolita, Ben Hur (500), Por qué no soy cristiano de Bertrand Russell (400), Celda 2455 de Caryl Chessman (300) y, si computáramos en bloque las policiales de Agatha Christie que son unos 55 títulos, ocuparía el primer lugar con 3.000 ejemplares en el año.

Es significativa la existencia de una clientela fiel para algunas colecciones: ciencia ficción (en Minotauro y Nebulae) o Séptimo Círculo, que alcanzan un centenar; los clientes de los "pocket books" de las Ediciones Plaza de Barcelona (obras de Bromfield, Maugham, Woolf, Greene, Huxley) son unos 70; los suscriptores del Club del Libro, unos dos mil, reciben dos libros mensuales, preferentemente novelas.

En cuanto a las librerías, Maestro piensa que el aumento vertiginoso de los alquileres (diez mil pesos un local con capacidad para depósito) las echará de 18 de Julio, sustituídas por "pizzerías".

★ *Las maestras no compran porque no tienen plata*

EDUARDO Sanseverino, de librería Oliveras, afirma por su parte que "sólo sobre 18 de Julio puede marchar una librería" aunque agrega que Montevideo carece de verdaderas librerías y verdaderos libreros, conocedores del material y orientadores del cliente. Sus datos sobre ventas confirman, con ligeras variants, los de otras casas: Lolita 1.500, Ben Hur 400, No 150, Vailland La Ley 200; las colecciones de ciencia ficción, policiales y las nuevas de Sur salen bien con un promedio de cuarenta ejemplares. Cronin sigue manteniendo su público que adquiere unos 200 ejemplares de sus novelas por año; Historia de una monja de Katryn Hulme vendió 100 y La Revolución cubana de Fidel Castro unos 250.

Se han especializado en algunos temas como psicología merced a un buen fichero de médicos; primero, como siempre, Erich Fromm (El arte de amar 150). En literatura nacional primero, y lejos, Serafín J. García; de los clásicos Quiroga y Julio Herrera y Reissig. Nada de Rodó, salvo los estudiantes obligados a leerlo. Nada de Juana de Ibarbourou. Sin embargo, a esas maestras que según él no compran por falta de dinero, le han vendido 300 ejemplares de una vieja edición de Queguay de Montiel Ballesteros.

★ *Los grandes éxitos son de piratería*

CONVERSAMOS con el Sr. X, especialista en ediciones clandestinas. Nos señala que los dos mayores éxitos de librería de los últimos diez años son las obras de Françoise Sagan (en especial Bonjour tristesse) y Doctor Jivago, ambas ediciones piratas y ambas superiores en venta, según calcula, a los 10.000 ejemplares.

"¿Qué quiere? Todo el Uruguay es la tercera parte del Gran Buenos Aires. Con público tan reducido, ¿cómo pensar en grandes tiradas? Y si no hay grandes tiradas tampoco es posible abaratar un libro ni pensar en encarar seriamente un negocio. La única solución para el Uruguay es lanzarse al mercado internacional".

En cuanto a otro tipo de libros clandestinos, como la literatura erótica, tiene la impresión de que el Uruguay es un país de gente "recatada" y "pudorosa" donde calcula que clásicos como Ananga Ranga, Kama Sutra, Los razonamientos del Aretino, no venden más de 300 ejemplares. "Eso no impide que sean muchos más los que los leen".

★ *Primera edición de Quiroga a 35 dólares*

"LOS bibliófilos uruguayos se cuentan con los dedos de la mano. En el Uruguay los ricos no han descubierto que una buena biblioteca es también una buena inversión económica" dice Linardi, que dirige nuestra única librería de antiguariado.

El 50 por ciento de sus ventas se hacen al exterior, preferentemente a los Estados Unidos, y los autores más estimados son Javier de Viana y Horacio Quiroga. De este último ha vendido en este año tres ejemplares de la primera edición de Los arrecifes de coral, a 35 dólares cada uno.

Los temas de mayor interés son: en historia, las revoluciones (en especial las del 97 y del 4); en literatura, el costumbrismo y los temas gauchescos. Interesan sin embargo mucho más los autores modernistas que los del XIX, con la excepción de Acevedo Díaz.

★ *Algunas conclusiones*

EL país tiene un público lector, y una inclinación por la lectura [illegible] superior al de otros países americanos, pero visiblemente insuficiente habida cuenta de la población y del porcentaje de alfabetos.

Quienes leen más son los niños y los adolescentes. Después de los quince años se produce un creciente abandono del hábito de la lectura hasta desaparecer en los más.

Las librerías atienden a una "élite" intelectual que, en el mejor de los casos y cuando la prensa publicita por distintas razones un volumen, puede llegar a los cinco mil lectores. Esa misma "élite" puede ampliarse en casos excepcionales hasta duplicarse, pero no crea un público lector permanente.

Los autores nacionales que siguen interesando son Horacio Quiroga, Acevedo Díaz, Javier de Viana. Entre los vivos es Serafín J. García el que ha creado el público más fiel y amplio y junto con él quienes siguen ocupando la preferencia popular son los poetas gauchescos en general. Entre los más modernos y ciudadanos Onetti y sobre todo Mario Benedetti. De cualquier modo, ninguno en las cifras que corresponderían al país. Piénsese que hace cinco años el Perú absorbió 10.000 ejemplares de los Cuentos de la selva de Quiroga en un año. ¿Cuántos años tardaría el Uruguay en consumir tal número de libros de uno de sus mayores narradores?

Hay una muralla que una vez franqueada, ofrece una clientela mucho más extensa —50.000 lectores— que se abastece de policiales y novelas rosas. Multiplicando esa cifra por cuatro nos daría 200.000 lectores para subproductos; es decir, apenas 10 por ciento de la población alfabeta del país. Si se compara con los tirajes de diarios se comprobará que los lectores potenciales en el Uruguay han sido absorbidos por la prensa. El uruguayo es uno de los mayores consumidores de diarios del mundo entero. Por lo tanto es un escaso consumidor de libros. Mucho de la inestabilidad cultural del país se explica por este desvío para el libro.